



Número: **0017604-70.2009.4.03.6100**

Classe: **AÇÃO CIVIL PÚBLICA CÍVEL**

Órgão julgador: **24ª Vara Cível Federal de São Paulo**

Última distribuição : **31/07/2009**

Valor da causa: **R\$ 1.000,00**

Assuntos: **Inquérito / Processo / Recurso Administrativo**

Nível de Sigilo: **0 (Público)**

Justiça gratuita? **NÃO**

Pedido de liminar ou antecipação de tutela? **NÃO**

Partes	Advogados
MINISTERIO PUBLICO FEDERAL - PR/SP (AUTOR)	
UNIÃO FEDERAL (REU)	

Outros participantes	
ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA (ASSISTENTE)	
	THIAGO BALAT BARBOSA (ADVOGADO)

Documentos			
Id.	Data da Assinatura	Documento	Tipo
256298907	08/07/2022 18:51	0017604-70.2009.4.03.6100_VOL_001-1.pdf	Petição inicial
256304945	08/07/2022 18:56	Certidão	Certidão
256305323	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-1-VOL-08072022184602070	Documento Digitalizado
256305324	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-2-VOL-08072022184607175	Documento Digitalizado
256305325	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-3-VOL-08072022184608028	Documento Digitalizado
256305326	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-4-VOL-08072022184608858	Documento Digitalizado
256305327	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-5-VOL-08072022184606242	Documento Digitalizado
256305328	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-6-VOL-08072022184559372	Documento Digitalizado
256305329	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-7-VOL-08072022184605107	Documento Digitalizado
256305330	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-8-CERT-08072022184600451	Documento Digitalizado
256305331	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-9-CERT-08072022184602194	Documento Digitalizado
256305333	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-10-DESPACHO-08072022184608188	Documento Digitalizado
256305338	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-11-COMUNICA-08072022184559571	Documento Digitalizado
256305339	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-12-MANIFESTACAOPGR-08072022184609019	Documento Digitalizado
256305340	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-13-AMICUS-08072022184603059	Documento Digitalizado
256305341	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-14-PROCSUBST-08072022184602692	Documento Digitalizado

256305342	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-15-DOCSDEIDENTIF-08072022184604089	Documento Digitalizado
256305343	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-16-RECPETELE-08072022184603588	Documento Digitalizado
256305344	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-17-AMICUS-08072022184602854	Documento Digitalizado
256305345	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-18-PROCSUBST-08072022184602422	Documento Digitalizado
256305346	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-19-DOCSDEIDENTIF-08072022184603826	Documento Digitalizado
256305347	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-20-DOCSDEIDENTIF-08072022184603514	Documento Digitalizado
256305348	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-21-DOCSDEIDENTIF-08072022184604385	Documento Digitalizado
256305349	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-22-RECPETELE-08072022184604190	Documento Digitalizado
256305350	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-23-AMICUS-08072022184606833	Documento Digitalizado
256305501	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-24-RECPETELE-08072022184606515	Documento Digitalizado
256305512	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-25-AMICUS-08072022184609229	Documento Digitalizado
256305513	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-26-PROCSUBST-08072022184600242	Documento Digitalizado
256305514	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-27-DOCSDEIDENTIF-08072022184600663	Documento Digitalizado
256305515	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-28-DOCSDEIDENTIF-08072022184600812	Documento Digitalizado
256305516	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-29-DOCSDEIDENTIF-08072022184601017	Documento Digitalizado
256305517	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-30-RECPETELE-08072022184558607	Documento Digitalizado
256305518	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-31-INTEIROTEORACORDAO-08072022184601321	Documento Digitalizado
256305519	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-32-INTIMAÇÃO-08072022184601450	Documento Digitalizado
256305520	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-33-PET-08072022184604300	Documento Digitalizado
256305521	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-34-RECPETELE-08072022184603311	Documento Digitalizado
256305522	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-35-INTIMAÇÃO-08072022184606672	Documento Digitalizado
256305523	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-36-DECISAOMONOCRATICA-08072022184606750	Documento Digitalizado
256305524	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-37-DECISAOMONOCRATICA-08072022184606379	Documento Digitalizado
256305525	08/07/2022 18:56	ARE-1249095-38-INTIMAÇÃO-08072022184604522	Documento Digitalizado
359849820	07/04/2025 10:17	Documento Digitalizado	Documento Digitalizado
359849827	07/04/2025 10:17	decisão STF - RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 - 24a VF SP 00176047020094036100	Decisão
366345027	30/05/2025 19:49	Certidão de Inspeção	Certidão de Inspeção
413910927	18/08/2025 12:16	Despacho	Despacho
414483166	21/08/2025 15:34	Manifestação	Manifestação
426424879	12/09/2025 15:50	Termo de remessa	Termo de remessa



Poder Judiciário
JUSTIÇA FEDERAL DE PRIMEIRO GRAU

Movimentos anteriores do processo

08/07/2022 18:49:58 - BAIXA DEFINITIVA Virtualiz. TRF3 ao STJ (Res.PRES-390/20) (Autos Digitalizados)

08/07/2022 18:49:48 - REATIVACAO DA MOVIMENTACAO PROCESSUAL

11/03/2020 17:13:47 - SUSPENSAO/SOBRESTAMENTO AGUARDA DECISAO INST.SUPERIOR RES CJF 237/2013 onf. Guia n.2/2020 (24a. Vara) (em Seretaria)

03/03/2020 14:31:08 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: CERTIDAO DE REMESSA DE AUTOS Complemento Livre: ARQUIVO - SOBRESTADO - RESOLUCAO CJF N 237

03/03/2020 14:24:14 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

15/09/2014 08:37:07 - REMESSA EXTERNA TRF - 3a. REGIAO PROCESSAR E JULGAR RECURSO Guia n: 52/2013 (3a. Vara)

15/09/2014 08:36:48 - REDISTRIBUICAO ORDINARIA INSTANTANEA

15/09/2014 08:36:47 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

05/06/2013 16:34:41 - REMESSA EXTERNA TRF - 3a. REGIAO PROCESSAR E JULGAR RECURSO Guia n: 52/2013 (3a. Vara)

03/06/2013 11:52:00 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: UNIAO Complemento Livre: 201361000097542

27/05/2013 15:36:58 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

10/05/2013 09:09:01 - REMESSA EXTERNA ADVOCACIA DA UNIAO VISTA

17/04/2013 19:00:45 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

17/04/2013 19:00:45 - REMESSA INTERNA À SECRETARIA DA VARA

17/04/2013 19:00:45 - RECEBIMENTO

16/04/2013 17:41:05 - REMESSA INTERNA SETOR DE COPIAS VISTA

21/03/2013 11:04:25 - DISPONIBILIZACAO D. ELETRONICO DE DESPACHO/DECISAO ,PAG. 12/20

07/03/2013 15:40:46 - REMESSA PARA PUBLICACAO DE DESPACHO/DECISAO

07/03/2013 15:32:08 - RECEBIMENTO DO JUIZ C/ DESPACHO/DECISAO

07/02/2013 15:09:44 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

07/02/2013 15:09:21 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

07/02/2013 15:09:00 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: 201361110002604 Complemento Livre: RECURSO DE APELACAO

11/01/2013 19:05:05 - REMESSA EXTERNA MINISTERIO PUBLICO VISTA

26/11/2012 14:04:02 - DISPONIBILIZACAO D. ELETRONICO DE SENTENCA ,PAG. 43/56

23/11/2012 12:29:48 - REMESSA PARA PUBLICACAO DE SENTENCA

19/11/2012 18:41:00 - SENTENCA COM RESOLUCAO DE MERITO PEDIDO IMPROCEDENTE Nome da Parte: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL Complemento Livre:

27/04/2012 14:58:15 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA SENTENCA

30/03/2012 11:33:00 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: 201261000505541 Complemento Livre:

22/07/2011 16:57:00 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: MEMORIAIS Complemento Livre: ABLIRC

01/07/2011 11:28:56 - DISPONIBILIZACAO D. ELETRONICO ,PAG. 11/15

28/06/2011 15:51:00 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: MEMORIAIS Complemento Livre: UNIAO

22/06/2011 16:18:13 - REMESSA PARA PUBLICACAO

22/06/2011 16:08:51 - ATO ORDINATORIO

22/06/2011 12:48:59 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

27/05/2011 12:00:43 - REMESSA EXTERNA ADVOCACIA DA UNIAO VISTA



19/05/2011 14:35:00 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: JUNTADA DE PETICAO Complemento Livre: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL

17/05/2011 17:00:05 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

02/05/2011 10:52:31 - REMESSA EXTERNA MINISTERIO PUBLICO VISTA

15/04/2011 11:00:00 - AUDIENCIA REALIZADA (SEM ATRIBUTO) Complemento Livre: OITIVA DE TESTEMUNHA

13/04/2011 13:42:00 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: 2011.00402 Complemento Livre:

25/03/2011 16:43:28 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

25/03/2011 16:43:28 - REMESSA INTERNA À SECRETARIA DA VARA

25/03/2011 16:43:28 - RECEBIMENTO

18/03/2011 12:24:55 - REMESSA INTERNA SETOR DE COPIAS DILIGENCIAS

14/03/2011 16:27:00 - EXPEDIDO/EXTRAIDO/LAVRADO MANDADO Tipo de Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: ALCIONEI MIRANDA FELICIANO

03/03/2011 19:00:00 - AUDIENCIA PRORROGADA Complemento Livre: DESIGNADA AUDIENCIA EM CONTINUACAO PARA 14/04/2011

03/03/2011 14:58:00 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER Complemento Livre:

01/03/2011 13:03:00 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: ALCIONEI MIRANDA FELICIANO

01/03/2011 13:00:00 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: RUBEN STERNSCHEIN

01/03/2011 12:59:00 - JUNTADO(A) MANDADO NAO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER

01/03/2011 12:57:00 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: ALCIONEI MIRANDA FELICIANO

01/03/2011 12:57:00 - JUNTADO(A) MANDADO NAO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: RUBEN STERNSCHEIN

25/02/2011 11:52:51 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

18/02/2011 11:35:01 - REMESSA EXTERNA ADVOCACIA DA UNIAO VISTA

18/02/2011 10:21:48 - DISPONIBILIZACAO D. ELETRONICO DE DESPACHO/DECISAO ,PAG. 47

17/02/2011 11:36:17 - REMESSA PARA PUBLICACAO DE DESPACHO/DECISAO

17/02/2011 11:35:57 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

08/02/2011 20:04:29 - REMESSA EXTERNA MINISTERIO PUBLICO VISTA

07/02/2011 14:36:00 - EXPEDIDO/EXTRAIDO/LAVRADO MANDADO Tipo de Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: RUBEN STERNSCHEIN,ALCIONEI, CARDEAL DOM ODILO

07/02/2011 11:11:26 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

31/01/2011 13:53:00 - EXPEDIDO/EXTRAIDO/LAVRADO MANDADO Tipo de Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: CARDEAL DOM ODILO PEDRO,ALCIONEI MIRANDA,RUBEN STE

31/01/2011 10:31:08 - RECEBIMENTO DO JUIZ C/ DESPACHO/DECISAO

31/01/2011 10:30:24 - ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)

26/01/2011 12:56:24 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

24/01/2011 15:00:00 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: JUNTADA DE PETICAO Complemento Livre: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL

07/12/2010 16:39:12 - INTIMACAO EM SECRETARIA

07/12/2010 16:36:46 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

07/12/2010 16:35:00 - AUDIENCIA REALIZADA (SEM ATRIBUTO) Complemento Livre: DESIGNADA AUDIENCIA EM CONTINUACAO PARA 24.02.2011

03/12/2010 15:07:40 - ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)

03/12/2010 15:07:39 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

03/12/2010 15:04:00 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: MANIFESTACAO Complemento Livre: DOM ODILO SCHERER (TESTEMUNHA)



01/12/2010 13:19:00 - JUNTADO(A) MANDADO NAO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: HENRY SOBEL

01/12/2010 13:17:00 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: CARDEAL ODILIO PEDRO SCHERER

01/12/2010 13:16:00 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA

01/12/2010 12:34:00 - JUNTADO(A) CARTA ORDEM/PRECATORIA/ROGATORIA CUMPRIDA Complemento Livre: INTIMACAO: SAMUEL GOMES DE LIMA

30/11/2010 12:56:00 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: DANIEL CHECCIO

03/11/2010 14:43:00 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: SHEIKH TALEB HUSSEIN AL-KHAZRAJI

11/10/2010 11:07:00 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: JAMIL RACHID

17/09/2010 14:17:00 - EXPEDIDO/EXTRAIDO/LAVRADO CARTA ORDEM/PRECATORIA/ROGATORIA Tipo de Diligência: INTIMACAO Loal de Cumprimento: SAO BERNARDO DO CAMPO/SP Complemento Livre: SAMUEL GOMES DE LIMA

17/09/2010 13:38:00 - EXPEDIDO/EXTRAIDO/LAVRADO MANDADO Tipo de Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: JAMIL RACHID, CARDEAL ODILIO, DANIEL SOTTOMAIOR

17/09/2010 13:37:00 - EXPEDIDO/EXTRAIDO/LAVRADO MANDADO Tipo de Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: HENRY SOBEL, DANIEL CHECCIO, SHEIKH TALEB

16/09/2010 12:36:00 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: JUNTADA COPIA DECISAO AGRAVO 00273309820104030000 Complemento Livre: INDEF EF SUSPENSIVO

14/09/2010 16:40:00 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: RECEBIDO DA AGU Complemento Livre:

14/09/2010 16:36:00 - RECEBIMENTO DA FAZENDA NACIONAL

14/09/2010 16:35:58 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

20/08/2010 12:15:50 - REMESSA EXTERNA ADVOCACIA DA UNIAO VISTA

20/08/2010 12:14:00 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: CARGA AGU Complemento Livre:

13/08/2010 16:08:04 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

09/08/2010 18:58:08 - REMESSA EXTERNA MINISTERIO PUBLICO VISTA

09/08/2010 18:57:00 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: PARA DAR VISTA AO MPF Complemento Livre:

05/08/2010 16:46:59 - ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)

05/08/2010 16:46:58 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

29/06/2010 15:07:13 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

15/06/2010 09:18:17 - REMESSA EXTERNA MINISTERIO PUBLICO VISTA

15/06/2010 09:17:00 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: CARGA AO MPF Complemento Livre:

10/06/2010 15:50:05 - ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)

10/06/2010 15:50:04 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

20/05/2010 11:17:18 - DISPONIBILIZACAO D. ELETRONICO DE DESPACHO/DECISAO ,PAG. 3/7

12/05/2010 12:09:06 - REMESSA PARA PUBLICACAO DE DESPACHO/DECISAO

12/05/2010 12:09:05 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

12/05/2010 11:15:03 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

12/05/2010 11:15:00 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: RECEBIDO DA AGU Complemento Livre:

23/04/2010 12:16:51 - REMESSA EXTERNA ADVOCACIA DA UNIAO VISTA

23/04/2010 12:08:00 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: CARGA AGU Complemento Livre:

17/03/2010 10:51:31 - DISPONIBILIZACAO D. ELETRONICO DE DESPACHO/DECISAO ,PAG. 10/24

27/01/2010 16:51:43 - REMESSA PARA PUBLICACAO DE DESPACHO/DECISAO

27/01/2010 16:51:42 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

21/01/2010 16:54:09 - RECEBIMENTO DO SETOR DE DISTRIBUICAO

19/01/2010 13:06:02 - REGISTRO RETIFICADA A AUTUACAO

18/01/2010 16:49:16 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: REMETIDO AO SEDI Complemento Livre:

11/01/2010 17:30:04 - ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)



11/01/2010 17:30:03 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

16/12/2009 13:10:25 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

16/12/2009 13:10:13 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: RECEBIDO DA AGU Complemento Livre:

23/11/2009 11:25:15 - REMESSA EXTERNA ADVOCACIA DA UNIAO VISTA

23/11/2009 11:24:11 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: CARGA AGU Complemento Livre:

17/11/2009 12:04:04 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

29/10/2009 19:06:34 - REMESSA EXTERNA MINISTERIO PUBLICO VISTA

29/10/2009 19:04:19 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: REMETIDO AO MPF Complemento Livre: PARA VISTA

28/10/2009 13:02:37 - ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)

28/10/2009 13:02:36 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

23/10/2009 14:17:14 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: COSTESTACAO Complemento Livre:

23/10/2009 11:30:00 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: PEDIDO DE ASSISTENCIA Complemento Livre: ASS BRAS DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA

13/10/2009 17:08:50 - ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)

13/10/2009 17:08:49 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

22/09/2009 14:55:14 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: CITACAO Complemento Livre: UNIAO FEDERAL

28/08/2009 17:06:17 - EXPEDIDO/EXTRAIDO/LAVRADO MANDADO Tipo de Mandado: CITACAO Complemento Livre: UNIAO

24/08/2009 12:42:06 - ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)

24/08/2009 12:42:05 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

24/08/2009 12:41:56 - RECEBIMENTO NA SECRETARIA

20/08/2009 11:55:26 - REMESSA EXTERNA MINISTERIO PUBLICO VISTA

20/08/2009 11:54:11 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: REMETIDO AO MPF Complemento Livre: PARA VISTA

20/08/2009 11:34:37 - DISPONIBILIZACAO D. ELETRONICO DE DESPACHO/DECISAO ,PAG. 1646/1651

18/08/2009 17:03:35 - REMESSA PARA PUBLICACAO DE DESPACHO/DECISAO

18/08/2009 16:55:28 - DESPACHO/DECISAO LIMINAR/ANTECIPACAO DE TUTELA INDEFERIDA Complemento Livre: Número do Livro : 2

Número do registro : 185 Folha iniial : 68

18/08/2009 14:01:10 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

18/08/2009 14:00:14 - JUNTADO(A) PETICAO Desrição do Doumento: MANIFESTACAO PREVIA Complemento Livre: UNIAO

12/08/2009 12:41:12 - JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO AGU Complemento Livre:

05/08/2009 14:47:14 - EXPEDIDO/EXTRAIDO/LAVRADO MANDADO Tipo de Mandado: INTIMACAO Complemento Livre: UNIAO

31/07/2009 16:22:04 - ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)

31/07/2009 16:22:03 - AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO

31/07/2009 15:21:15 - ATO ORDINATORIO Desrição do Ato: RECEBIDO DO SEDI Complemento Livre:

31/07/2009 13:29:39 - DISTRIBUICAO/ATRIBUICAO ORDINARIA INSTANTANEA





Poder Judiciário
JUSTIÇA FEDERAL DE PRIMEIRO GRAU

24ª Vara Cível Federal de São Paulo

AÇÃO CIVIL PÚBLICA CÍVEL (65) Nº 0017604-70.2009.4.03.6100

AUTOR: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL - PR/SP

REU: UNIÃO FEDERAL

CERTIDÃO DE JUNTADA

Certifico e dou fé que procedi à juntada do(s) documento(s) em anexo.

São Paulo, 8 de julho de 2022



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:17

Número do documento: 22070818562529400000248538376

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562529400000248538376>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:25



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL DA 3ª F



ADI 1249095 - VOL 1

Supremo Tribunal FederalSTFDigital
ARE 1249095 - 05/12/2019 12:02
0017604-70.2009.4.03.6100



0017604-70.2009.4.03.6100

SEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO

PROCESSO: 2009.61.00.017604-0 PROTOCOLADO EM 31/07/2009
CLASSE : 1 - ACAO CIVIL PUBLICA VOLUMES : 1
ASSUNTO : INQUERITO/PROCESSO/RECURSO ADMINISTRATIVO -
CLASSE : REVOGACAO E ANULACAO DE ATO ADMINISTRATIVO - ATOS
ASSUNTO : ADMINISTRATIVOS - ADMINISTRATIVO
AUTOR.....: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL
Advog: Proc. JEFFERSON APARECIDO DIAS
REU.....: UNIAO FEDERAL
Advog: Proc. SEM PROCURADOR
DISTR. AUTOMATICA EM 31/07/2009 3a CIVEL
RETIFICADO EM : 19/01/2010 FLS. : 249
DISTR. AUTOMATICA EM 31/07/2009

TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL

0017604-70.2009.4.03.6100 SP VOL 1 AUT 25.06.2013
Nº antigo: 2009.61.00.017604-0 Classe: AC 1868675
APELAÇÃO CÍVEL
APTE : Ministerio Publico Federal
PROC : JEFFERSON APARECIDO DIAS
APDO : Uniao Federal
ADV : TERCIO ISSAMI TOKANO
PARTE A: ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA
- ABLIRC
ADV : THIAGO BALAT BARBOSA
INQUÉRITO/PROCESSO/RECURSO ADMINISTRATIVO/ATOS ADMINIST/ ADMINIST
DISTR. POR DEPENDÊNCIA/PREVENÇÃO EM 25.06.2013
RELATOR: DES.FED. ALDA BASTO - QUARTA TURMA

0017604-70.2009.4.03.6100

1.285/1



(LNS)

VARA 3 TERMO DE RETIFICACAO DE AUTUACAO

Em cumprimento do R. despacho de fls. 249, em
Sao Paulo, 19 de Janeiro de 2010, e' lavrado o presente termo,
na forma abaixo:

PROCESSO 2009.61.00.017604-0
CLASSE 00001 ACAO CIVIL PUBLICA
ASSUNTO :
01.03.01.05-INQUERITO/PROCESSO/RECURSO ADMINISTRATIVO -
REVOGACAO E ANULACAO DE ATO ADMINISTRATIVO - ATOS
ADMINISTRATIVOS - ADMINISTRATIVO

RETIRADA SIMBOLOS RELIGIOSOS LOCAIS AMPLA VISAO
PA100000001411/2007-41-A TUTE

DISTR. AUTOMATICA EM 31/07/2009

AUTOR :

MINISTERIO PUBLICO FEDERAL

REU :

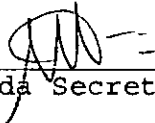
UNIAO FEDERAL

ASSISTENTE SIMPLES :

ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA -
ABLIRC

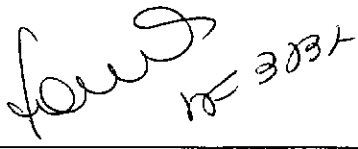
Volume(s) : 1

Para constar, lavro e assino o presente.



Diretor da Secretaria

ARMANDO DOS ANJOS ALVES
Técnico Judiciário
RF 752



Setor Distribuicao-SEDI

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

TERMO DE AUTUACAO

Em Sao Paulo, 31 de Julho de 2009 , nesta Secretaria da 3.A Vara, autuo os documentos adiante, em 63 folhas, com _____ apensos, na seguinte conformidade:

PROCESSO 2009.61.00.017604-0
CLASSE 00001 ACAO CIVIL PUBLICA
DISTR. AUTOMATICA EM 31/07/2009

AUTOR

PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL
SITUACAO: NORMAL

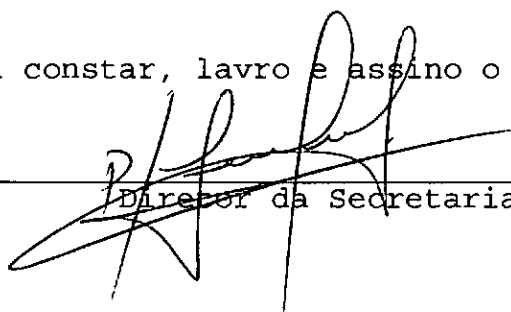
REU

PARTES: UNIAO FEDERAL
SITUACAO: NORMAL

Volume(s): 1
ASSUNTO :
01.03.01.05-INQUERITO/PROCESSO/RECURSO ADMINISTRATIVO -
REVOGACAO E ANULACAO DE ATO ADMINISTRATIVO - ATOS
ADMINISTRATIVOS - ADMINISTRATIVO

RETIRADA SIMBOLOS RELIGIOSOS LOCAIS AMPLA VISAO
PA100000001411/2007-41-A TUTE

Para constar, lavro e assino o presente.



Diretor da Secretaria





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado de São Paulo

Protocolo Inicial
C/Contratado

EXCELENTÍSSIMO SENHOR JUIZ FEDERAL DA ____ª VARA FEDERAL DA SEÇÃO
JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO

Supremo Tribunal Federal STF Digital

ARE 1249095 - 05/12/2019 12:02

0017604-70 2009.4 03.6100



JFSP - FORUM CIVEL
SETOR DE PROTOCOLO INICIAL

31/07/2009 12:52 h



2009.61.00.017604-0

O Ministério Público Federal, com fundamento no artigo 129, III, da Constituição Federal de 1988, artigo 6º, VII, *b*, da Lei Complementar nº 75/93, e artigo 1º, V, da Lei nº 7.347/85, propõe a presente

AÇÃO CIVIL PÚBLICA
com pedido de tutela antecipada,

em face da

UNIÃO, pessoa jurídica de direito público, na Rua da Consolação nº 1875, 3.º ao 5.º andar, Cerqueira César, São Paulo (SP);

pelas seguintes razões fáticas e jurídicas:

Handwritten signature



1. DO OBJETO DA AÇÃO

A presente ação tem por escopo a promoção da liberdade religiosa de todos os cidadãos que ingressam diariamente nas repartições públicas federais no Estado de São Paulo, por meio da obtenção de decisão judicial que obrigue a UNIÃO a retirar dos locais de ampla visibilidade, e de atendimento ao público, os símbolos de qualquer religião, tudo sob o amparo do princípio da laicidade estatal, da liberdade de crença e da isonomia¹.

2. DOS FATOS APURADOS

Foi instaurado na Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão o procedimento administrativo n.º 1.00.000.001411/2007-41 para apurar a notícia de ostentação de símbolo religioso afixado em local proeminente e de ampla visibilidade dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, a partir de representação protocolizada pelo cidadão Daniel Sottomaior Pereira, que teria se sentido ofendido com a presença de um “crucifixo” na sede do referido órgão público (fls. 06/07).

Visando instruir o procedimento administrativo em questão, foi oficiado ao Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo solicitando informações (fl. 15), que foi atendido (fl. 18).

Analisando a foto acostada à fl. 06, verifica-se que, de fato, a conduta de afixar símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade nas repartições públicas não respeita o princípio da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, bem como o princípio da impessoalidade da Administração Pública e do princípio processual da imparcialidade do Poder Judiciário.

Foram juntados documentos relativos aos dados estatísticos do Censo Demográfico de 2000, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), fls. 20 a 33, segundo os quais a população brasileira está dividida da seguinte forma, no que diz respeito à religião:

RELIGIÃO	CONTINGENTE	PERCENTUAL
católicos	125.518.774	73,8%
evangélicos	26.184.941	15,41%
sem religião	12.492.403	7,4%
demais religiões ²	5.676.739	3,4%

Ocorre que todos os cidadãos brasileiros diariamente adentram nas repartições públicas federais em busca de atendimento e se deparam com símbolos religiosos

¹ É fundamental reiterar o registro no sentido de que, apesar de ser utilizado como paradigma o caso prático retratado, se pretende um provimento jurisdicional que venha a proibir a utilização de qualquer símbolo religioso.

² Resultado do somatório das minorias religiosas (4.935.138), com “não determinadas” (357.648) e “sem declaração” (383.953), conforme tabela 1.3.1 - População residente, por sexo e situação do domicílio, segundo a religião - Brasil. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf>. Acesso em: 21/05/2009.

Handwritten signature



03

(v.g. crucifixo) que, muitas vezes, não pertencem a suas religiões, fato este que atenta contra a liberdade de crença dos cidadãos que procuram o serviço público, bem como demonstra que o Estado estabelece preferências entre credos e crenças, privilegiando uns e ignorando os demais.

Diante deste fato, não existe alternativa senão socorrer-se ao Poder Judiciário a fim de alcançar a devida proteção legal à liberdade de crença religiosa de todos os cidadãos que ingressam diariamente nas repartições públicas federais para que tenham garantidos seus direitos de liberdade de crença e isonomia, com atendimento em local que não ostente qualquer símbolo religioso, a fim de garantir a laicidade estatal, a isonomia e a liberdade de crença.

3. DO DIREITO

Embora a maioria populacional professe religiões de origem cristã (católicos e evangélicos), o Brasil optou por ser um Estado laico, em que não existe vinculação entre o Poder Público e uma determinada igreja ou religião, sendo a todos assegurada a liberdade de consciência e crença religiosa, nos termos do artigo 5º, inciso VI, da Constituição Federal a seguir transcrito:

Artigo 5º. Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

(...)

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

A liberdade de religião, entendendo-se como tal o direito de manifestar as próprias crenças, seja de forma individual ou coletiva, pública ou privada, também é garantida no artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos artigos 2º, 3º e 4º da Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções³:

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Artigo XVIII.

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular.

Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções

Artigo 2º

³ Proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas a 25 de novembro de 1981 - Resolução 36/55.

Handwritten signature



§1. Ninguém será objeto de discriminação por motivos de religião ou convicções por parte de nenhum Estado, instituição, grupo de pessoas ou particulares.

§2. Aos efeitos da presente declaração, entende-se por "intolerância e discriminação baseadas na religião ou nas convicções" toda a distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na religião ou nas convicções e cujo fim ou efeito seja a abolição ou o fim do reconhecimento, o gozo e o exercício em igualdade dos direitos humanos e das liberdades fundamentais.

Artigo 3º

A discriminação entre os seres humanos por motivos de religião ou de convicções constitui uma ofensa à dignidade humana e uma negação dos princípios da Carta das Nações Unidas, e deve ser condenada como uma violação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais proclamados na Declaração Universal de Direitos Humanos e enunciados detalhadamente nos Pactos internacionais de direitos humanos, e como um obstáculo para as relações amistosas e pacíficas entre as nações.

Artigo 4º

§1. Todos os Estados adotarão medidas eficazes para prevenir e eliminar toda discriminação por motivos de religião ou convicções, no reconhecimento, do exercício e do gozo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais em todas as esferas da vida civil, econômica, política, social e cultural.

§2. Todos os Estados farão todos os esforços necessários para promulgar ou derogar leis, segundo seja o caso, a fim de proibir toda discriminação deste tipo e por tomar as medidas adequadas para combater a intolerância por motivos ou convicções na matéria.

Também deve ser destacado o Pacto de São José da Costa Rica (Convenção Americana de Direitos Humanos), que estabelece:

Artigo 12 – Liberdade de consciência e de religião

1. Toda pessoa tem direito à liberdade de consciência e de religião. Esse direito implica a liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças, bem como a liberdade de professar e divulgar sua religião ou suas crenças, individual ou coletivamente, tanto em público como em privado.

2. Ninguém pode ser submetido a medidas restritivas que possam limitar sua liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças.

3. A liberdade de manifestar a própria religião e as próprias crenças está sujeita apenas às limitações previstas em lei e que se façam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral públicas ou os direitos e as liberdades das demais pessoas.

Observa-se, pois, que o direito à livre manifestação de pensamento, no qual está incluída a liberdade de credo, como direito fundamental da pessoa humana, tem respaldo tanto no ordenamento jurídico interno, como ainda nos principais diplomas normativos internacionais.



04

Nesse aspecto, o doutrinador Alexandre de Moraes⁴ destaca o que representa o desrespeito à fé e às idéias de índole espiritual:

A conquista constitucional da liberdade religiosa é verdadeira consagração de maturidade de um povo, pois como salientado por Themístocles Cavalcanti, é ela verdadeiro desdobramento da liberdade de pensamento e manifestação. A abrangência do preceito constitucional é ampla, pois sendo a religião o complexo de princípios que dirigem os pensamentos, ações e adoração do homem para com Deus, acaba por compreender a crença, o dogma, a moral, a liturgia e o culto. O constrangimento à pessoa humana, de forma a constrangê-lo a renunciar sua fé, representa o desrespeito à diversidade democrática de idéias, filosóficas e a própria diversidade espiritual.

Tanto é assim que a prática, o induzimento ou a incitação a discriminação ou preconceito de religião caracteriza-se como ilícito penal, nos termos do artigo 20 da Lei 7.716/89.

Há de se lembrar que a liberdade de crença individual dos servidores das repartições públicas federais não pode ser ostentada quando estejam a serviço do Estado, no caso União, sob pena de ofensa ao princípio do Estado laico.

Conclui-se, destarte, que os direitos e garantias fundamentais não são absolutos, ilimitados, uma vez que encontram seus limites nos demais direitos igualmente consagrados pela Carta Constitucional. Ou seja, a todos os indivíduos é constitucionalmente garantida a livre manifestação de suas convicções religiosas, desde que esta não interfira no direito à liberdade de religião de outrem.

E ao Estado cabe o dever de proteger todas as manifestações religiosas, sem tomar partido de nenhuma delas.

Contudo, o que se tem notado é que o Estado, ao prestar seus serviços públicos, tem adotado postura tendente a privilegiar uma religião em detrimento das demais ao ostentar símbolos, imagens e sinais religiosos (v.g. crucifixo). E ainda, quando o Estado ostenta um símbolo religioso declara sua predileção pela religião que o símbolo representa, o que resulta na discriminação das demais religiões professadas no Brasil, afrontando as disposições previstas na Constituição Federal, em especial o disposto no artigo 5.º, "caput".

Não se pode falar em tradições e costumes a ostentação desses símbolos religiosos visto que a laicidade do Estado foi alçada a condição de princípio constitucional já na Constituição de 1891, rompendo com o antigo Estado Confessional no período do Brasil-Colônia (1500 a 1824) e no Brasil-Império (1824 a 1891).

A manutenção de símbolos religiosos configura um total desrespeito ao princípio da laicidade do Estado. Atualmente, a laicidade estatal decorre do artigo 19, inciso I, da Constituição Federal, que dispõe:

Artigo 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

⁴ MORAES, Alexandre de. Direitos Humanos Fundamentais. São Paulo: Atlas, 2004, p. 75.

04



I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Não há dúvida, pois, que a Constituição Federal determina que a União se mantenha neutra em relação às diferentes concepções religiosas presentes na sociedade, sendo-lhe vedado tomar partido em questões de fé, estabelecer preferências, privilegiar uns ou ignorar outros, bem como buscar o favorecimento ou o embaraço de qualquer crença.

A respeito do tema, Daniel Antonio de Moraes Sarmiento⁵ leciona que

(...) a laicidade impõe que o Estado se mantenha neutro em relação às diferentes concepções religiosas presentes na sociedade, sendo-lhe vedado tomar partido em questões de fé, bem como buscar o favorecimento ou o embaraço de qualquer crença.

O princípio do Estado laico pode ser diretamente relacionado a dois direitos fundamentais que gozam de máxima importância na escala de valores constitucionais: liberdade de religião e igualdade. Em relação ao primeiro, a laicidade caracteriza-se como uma verdadeira garantia institucional da liberdade religiosa individual. Isto porque, a promiscuidade entre os poderes públicos e qualquer credo religioso, por ela interdita, ao sinalizar o endosso estatal de doutrinas de fé, pode representar uma coerção, ainda que de caráter psicológico, sobre os que não professam aquela religião.

(...)

Por outro lado, a existência de uma relação direta entre o mandamento de laicidade do Estado e o princípio da igualdade é também inequívoca. Em uma sociedade pluralista como a brasileira, em que convivem pessoas das mais variadas crenças e afiliações religiosas, bem como indivíduos que não professam nenhum credo, a laicidade converte-se em instrumento indispensável para possibilitar o tratamento de todos com o mesmo respeito e consideração. Neste contexto de pluralismo religioso, o endosso pelo Estado de qualquer posicionamento religioso implica, necessariamente, em injustificado tratamento desfavorecido em relação àqueles que não abraçam o credo privilegiado, que são levados a considerar-se como "cidadãos de segunda classe". Tais pessoas, como membros da comunidade política, são forçadas a se submeterem ao poder heterônomo do Estado, e este, sempre que é exercido com base em valores e dogmas religiosos, representa uma inaceitável violência contra os que não professam.

(...)

Nesta linha, observa-se que a laicidade estatal não promove, portanto, uma convicção entre outras, mas sim a condição primeira da coexistência entre todas as convicções no espaço público. Não se pode conceber a proeminência de uma, representada por símbolos apostos em prédios públicos, em prejuízo das demais.

É importante observar que a própria Igreja Católica, representada no símbolo religioso adotado como paradigma desta ação, defende a laicidade estatal. No item 571 do Compêndio da Doutrina Social da Igreja⁶, a laicidade é entendida como a distinção entre a esfera política e a religiosa. A Igreja Católica considera a referida distinção como "um

⁵ SARMENTO, Daniel. O Crucifixo nos Tribunais e a Laicidade do Estado. Revista Eletrônica PRPE. Disponível em: <http://www.prpe.mpf.gov.br/internet/content/download/1631/14570/file/RE_%20Daniel+Sarmiento2.pdf>. Acesso em: 28/05/2009.



valor adquirido e reconhecido pela Igreja e [que] faz parte do patrimônio de civilização já conseguido".

Como referido no item 572 do mesmo Compêndio, o princípio de laicidade comporta, portanto, em primeiro lugar, o respeito de todas as confissões religiosas por parte do Estado, o qual deve *"assegurar o livre exercício das atividades culturais, espirituais, culturais e caritativas das comunidades dos crentes. Numa sociedade pluralista, a laicidade é um lugar de comunicação entre as diferentes tradições espirituais e a nação"*.

Nesta linha de idéias, poder-se-ia concluir que nem mesmo a Igreja Católica defende a utilização de símbolos religiosos de forma a caracterizar um privilégio sobre as demais.

Além disso, é oportuno reiterar a obrigatoriedade no atendimento aos princípios da impessoalidade, da moralidade na Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário.

O símbolo religioso ostentado em local de ampla visibilidade ou em local de atendimento ao público não é mero objeto de decoração mas, sim, predisposição para a religião que o símbolo representa. E o Estado laico deve se fazer presente na vida dos cidadãos pela atividade da Administração Pública ou do Poder Judiciário.

Os princípios da impessoalidade e da moralidade administrativa (artigo 37, da Constituição Federal), que estão intimamente ligadas ao princípio da isonomia, determinam que a Administração Pública trate todos os cidadãos de forma igual, sem distinção de qualquer natureza.

Também devemos lembrar que o Poder Judiciário, nos últimos anos, assumiu papel decisivo no cenário político e social do país, com decisões determinantes nos conflitos políticos, morais e religiosos. Desta forma, a laicidade e imparcialidade do Judiciário devem ser seguidas à risca com postura neutra diante do povo. Postura esta que deve ser apresentada nos locais públicos e nas salas de audiência, sem a ostentação de qualquer sinal tendente a determinada religião.

Como se vê, sobram preceitos no ordenamento jurídico a tutelar os direitos religiosos de todos os cidadãos que diariamente são atendidos pelo Poder Público. Mas, se existem os preceitos, porque continuam a ser violados os direitos e princípios constitucionais? Porque essas pessoas ao adentrarem nas repartições públicas logo encaram símbolos religiosos (crucifixos e imagens) dos quais não guardam afinidade?

É, portanto, dever do Estado garantir o direito à liberdade de crenças e a laicidade estatal, como ora demonstrado, mediante a retirada de todos os símbolos religiosos dos locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios da União no Estado de São Paulo.

⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compêndio da Doutrina Social da Igreja. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - São Paulo: Paulinas, 2005. Também disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html>. Acesso em: 18/07/2009.

4. DA ANTECIPAÇÃO DOS EFEITOS DA TUTELA JURISDICIONAL

O objeto da presente ação é a proteção da liberdade religiosa de todos os cidadãos (em especial as minorias religiosas) que ingressam diariamente nas repartições públicas federais no Estado de São Paulo, por meio da obtenção de decisão judicial que obrigue a União a retirar dos locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público os símbolos religiosos, tudo sob o amparo do princípio da laicidade estatal, da liberdade de crença e da isonomia.

Porém, para que o provimento jurisdicional possua utilidade e efetividade, presentes o *fumus boni iuris* e o *periculum in mora*, além da verossimilhança da alegação e o fundado receio de dano irreparável ou de difícil reparação, necessária a concessão de tutela antecipada, nos termos do que dispõe o art. 273 do Código de Processo Civil.

O instituto da tutela antecipada trata-se da realização imediata do direito, já que dá ao autor o bem por ele pleiteado. Dessa forma, desde que presentes a prova inequívoca e a verossimilhança da alegação, a prestação jurisdicional será adiantada sempre que haja fundado receio de dano irreparável ou de difícil reparação.

No caso em tela, os requisitos exigidos pelo diploma processual para o deferimento da tutela antecipada encontram-se devidamente preenchidos.

Além disto, a existência do *fumus boni iuris* mostra-se clara, patenteado na fundamentação supra, em que se demonstra o descumprimento de normas constitucionais e legais.

A urgência, ou *periculum in mora* salta aos olhos. Primeiro porque verificamos que o preceito constitucional insculpido no art. 19, inciso I, da Constituição Federal, vem sendo diariamente descumprindo.

Além do mais, é sabido que inúmeras pessoas se dirigem aos prédios da União, em suas mais variadas atividades, seja administrativa seja judiciária, e tem sua liberdade de crença ofendida diante da ostentação pública de símbolos religiosos não relacionados com a fé que professam.

Assim, presentes os requisitos necessários à concessão da tutela antecipada, requer o Ministério Público Federal, com espeque no art. 12 da Lei n.º 7.347, de 24 de julho de 1985, o seu deferimento, *inaudita altera parte*, para o fim de determinar que a União, promova, no prazo máximo de 120 (cento e vinte) dias, a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens de santos, etc.) dos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público que estão ostentados em seus prédios públicos no Estado de São Paulo.

Por fim, para o caso da ré não cumprir o determinado na tutela antecipada, o Ministério Público Federal requer, com supedâneo no art. 461, § 4.º do Código de Processo Civil, que seja fixada uma multa diária de R\$ 1,00 (um real), apenas para servir como uma espécie de contador do desrespeito que poderá ser demonstrado pela ré, não só pela decisão judicial, mas também pelas pessoas por ela beneficiadas.



Afinal, a imposição de multas que não sejam em valor simbólico, no presente caso, poderá sancionar duplamente a sociedade que, além de ter ofendido seu direito constitucional de liberdade de crença e do princípio da laicidade estatal, ainda teria que arcar com o ônus de pagar uma multa, sem que isso elimine os símbolos religiosos que continuarão a ser ostentados.

5. O PEDIDO

Depois de apreciada e se espera concedida a tutela antecipada requerida, ao final, requer o Ministério Público Federal seja julgado procedente o pedido da presente ação, para o fim de condenar a ré à obrigação de fazer consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao públicos nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo.

Requer ainda:

a) seja citada a ré e intimada da inicial e da concessão da tutela antecipada, no endereço constante desta petição para, querendo, oferecer resposta, sob pena de revelia;

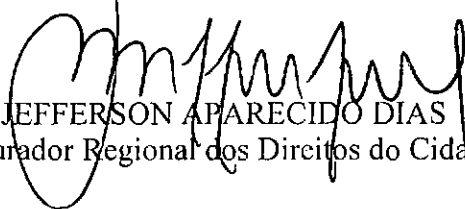
b) seja fixada multa para o caso de descumprimento da sentença proferida, no valor de R\$ 1,00 (um real), nos termos acima argumentados; e

c) seja deferida a produção de provas por quaisquer meios juridicamente admitidos.

Dá-se à causa o valor de R\$ 1.000,00 (mil reais), para fins fiscais.

Termos em que,
pede deferimento.

São Paulo, 31 de julho de 2009.


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA
NO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria dos Offícios
da Tutela Coletiva
SOTC - PR / SP

Procuradoria da República em São Paulo

Data da Autuação: 02/02/2009

TUTELA COLETIVA - PEÇAS INFORMATIVAS

1.00.000.001411/2007-41

Volume I

Requerente:

Daniel Sottomaior Pereira

Requerido(a):

Resumo:

RELIGIÃO. Notícia de ostentação de símbolo religioso dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, atribuído a ex-Presidente do Tribunal.

4º OFÍCIO/PRDC - DITC

02/02/2009 - Banca II - 4º Ofício / PRDC



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Divisão de Tutela Coletiva



Ref.: SPEJ-000800/2009

Excelentíssima Coordenadora da Tutela Coletiva,

Sugiro autuação e distribuição ao 4º Ofício, como Peças Informativas, constando:

Representante: Daniel Sottomaior Pereira

Resumo: RELIGIÃO. Notícia de ostentação de símbolo religioso dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, atribuído a ex-Presidente do Tribunal.

Certifico que elaborei pesquisa no sistema ARP (anexo) com o seguinte resultado:

☒ não existência de nenhum procedimento semelhante;

() existência de procedimento semelhante, que aparentemente indica conexão;

() existência de procedimento semelhante, que aparentemente não importa em conexão;

Dessa forma, proponho:

☒ livre distribuição;

() distribuição por conexão à Banca _____.

São Paulo, 29/01/2009

Eduardo Caldora Costa

Analista Processual - Chefe da DITC

DESPACHO

☒ Autue-se como Peças Informativas e distribua-se como proposto. Dê-se ciência ao representante.

() Deixo de acolher a sugestão do analista processual. Distribua-se ao _____º Ofício, em razão da matéria, observada a livre distribuição entre as respectivas Bancas. Dê-se ciência ao representante.

São Paulo, 30/01/2009

Rafael Siqueira De Pretto
Procurador da República
Coordenador da Tutela Coletiva em Exercício

CERTIDÃO

Certifico que, pela livre distribuição, as presentes Peças Informativas foram distribuídas à Banca II. (12011)

São Paulo, 30/01/2009

Hermebert Hermes Siqueira de Souza
Técnico Administrativo



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL



09

PESQUISA NO SISTEMA ARP

C E R T I D ã O

CERTIFICO que em pesquisa elaborada no sistema ARP de computação com as palavras-chave:

Daniel Sotomaior;
Religião / Tribunal Regional Eleitoral;

não foi apontado nenhum procedimento que trate de matéria referente a este procedimento.

São Paulo, 29 / 01 / 2009

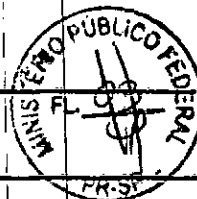
Eduardo Caldora Costa
Analista Processual



2007

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA

09/02/07 13:12

COORDENADORIA DE COMUNICAÇÕES
ADMINISTRATIVASDIVISÃO DE AUTUAÇÃO E
PROCESSAMENTO ADMINISTRATIVOMINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA
1.00.000.001411/2007-41INTERESSADO:
DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRAASSUNTO:
OF/Nº 338/07/GPC/PRR 3ª - REPRESENTAÇÃO

OUTROS DADOS:

Ostentação de símbolo religioso dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo,
atribuído ao Presidente do referido Tribunal.

DISTRIBUIÇÃO		APENSOS/VOLUMES
UNIDADE	DATA	
GAB/PGR	09/02/07	

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA DA 3ª REGIÃO

Protocolo GAB/PGR nº 936
Data 9 / 2 / 2007



Ofício PRR/3ª Região
GPC-0338/2007

São Paulo, 06 de fevereiro de 2007

PRR3-GABPCR-
000080/2007

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA

1.00.000.001411/2007-41

Senhor Procurador-Geral

Encaminho a Vossa Excelência, para as providências que julgar pertinentes, o Ofício nº 00899/2007 – GPGJ – SP, acompanhado de representação apresentada à Procuradoria Geral de Justiça do Estado de São Paulo, tendo como representado o Juiz Presidente do Tribunal Regional Eleitoral deste Estado, haja vista que, nos termos do artigo 105, I, “a” da Constituição Federal, a competência para apreciação dos fatos seria do Superior Tribunal de Justiça.

Ao ensejo, renovo a Vossa Excelência protestos de elevada estima e distinta consideração.

Sérgio Monteiro Medeiros
Procurador-Chefe em exercício
Procuradoria Regional da República
da 3ª Região

Excelentíssimo Senhor
Doutor ANTONIO FERNANDO BARROS E SILVA DE SOUZA
Digníssimo Procurador-Geral da República
PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA
Brasília - DF

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

**MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA GERAL DA REPÚBLICA**

09/02/07 13:13

**COORDENADORIA DE COMUNICAÇÕES
ADMINISTRATIVAS**

**DIVISÃO DE AUTUAÇÃO E
PROCESSAMENTO ADMINISTRATIVO**

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA

PER. CCA
Fls. 02
Rubrica

PRR3-DIAPA-
000364/2007

São Paulo, 30 de janeiro de 2007.



Ofício nº. **00899** /2007 - GPGJ-SP
Protocolo nº. 08.982/2007 - MPESP
(Pede-se o uso destas referências)

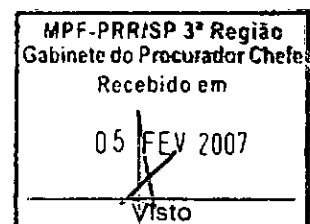
Senhor Procurador Regional da República,

Encaminho a Vossa Excelência, para conhecimento e providências entendidas cabíveis, os autos do protocolado em epígrafe, contendo correspondência anexa, subscrita pelo Senhor DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA.

Atenciosamente,

FERNANDO JOSÉ MARQUES
Procurador-Geral de Justiça - em exercício

Ao Excelentíssimo Senhor
Doutor JOSÉ LEONIDAS BELLEM DE LIMA,
DD. Procurador Regional da República - 3ª Região
São Paulo - SP



Vasc.

Rua do Riachuelo, 115 - 8º andar - sala 829 - São Paulo - SP - CEP 01007-904
Fone: (11) 3119-9667 Fax: (11) - 3119-9665 / e-mail: exppgj@mp.sp.gov.br

Imprensa Oficial

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA, brasileiro, solteiro, residente e domiciliado na R. S. Wenceslau, 43, Jabaquara, São Paulo (SP), vem, respeitosamente, perante Vossa Senhoria, amparado no artigo 5º, inciso XXXIV, da Constituição Federal, c/c art. 27 da Lei n. 8.625/1993 e art. 27 do Código de Processo Penal, apresentar **REPRESENTAÇÃO** contra ato do **PRESIDENTE DO TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DE SÃO PAULO**, pelos fatos que passa a expor:

O representante teve notícia da presença de um crucifixo afixado na sala do TRE-SP (conforme foto), forma de manifestação religiosa que ofende o princípio da laicidade estatal, materializado no artigo 19, inciso I, da Constituição Federal. Nota-se que o símbolo está afixado em local proeminente, de ampla visibilidade, mais alto que as próprias bandeiras, como se fosse um ícone representativo da própria instituição. Desta maneira, não compõe decoração acidental mas sugere enfaticamente que ele literalmente paira acima dos símbolos e valores locais, aos quais é intrínseco, situação contrária ao que estabelece a CF.



Introduzido no Brasil pelo Decreto n. 119-A, de 07 de janeiro de 1890, ou seja, no resplandecer da alvorada republicana, o laicismo estatal relegou à esfera privada a organização jurídica das religiões que desejam atuar em território brasileiro, consolidando o racionalismo científico como fio condutor das políticas estatais, assegurando a igualdade entre os cultos e instituindo uma ética própria, dissociada dos ritos, dogmas e mitos religiosos, para disciplinar o exercício das funções públicas.

A par disso, ainda hoje flagramos agentes políticos e servidores públicos utilizando o patrimônio estatal para divulgar crenças religiosas, mediante a exibição de símbolos, textos e imagens que as identificam, fechando pois os olhos a este baluarte da liberdade nacional que é a separação entre igreja e Estado.

Com efeito, a ostentação do aludido crucifixo nada mais faz senão sugerir que seus servidores estão submetidos a outros princípios que não aqueles que regem a administração pública no Brasil, sem falar no constrangimento que desperta nos cidadãos que professam diferentes filosofias de vida, aos quais a sombra do preconceito religioso fará companhia quando lá forem atendidos, numa evidente infração ao disposto no artigo 5º, incisos VI e VIII, da Constituição Federal.

Se é objetivo fundamental da República promover o bem de *todos*, sem *quaisquer* formas de preconceito ou discriminação (art. 3º, inciso IV), então não cabe a presença de nenhum símbolo religioso, ainda que atenda a crenças majoritárias. Do contrário, nem todos são iguais perante os serviços públicos, que efetivam a presença do Estado na vida dos cidadãos.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

PROTOCOLO: 0008982/07

Data: 17/01/2007

Hora: 16:07:27

Local de Entrada:

14050502

SUB-ÁREA DE APOIO ADMIN. - PROTOCOLO GERAL

Assunto:

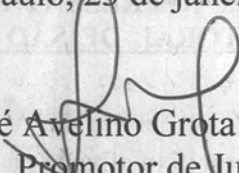
REPRESENTAÇÃO CONTRA AUTORIDADES

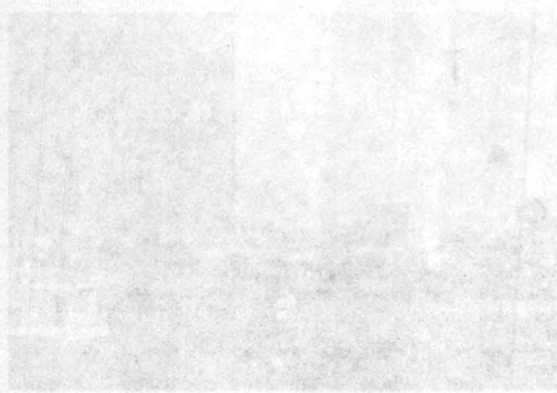
INTERESSADO: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

De ordem do Senhor Procurador-
Geral de Justiça, encaminhe-se ao
Procurador-Chefe da Procuradoria
Regional da República.

São Paulo, 23 de janeiro de 2007.


José Avelino Grota de Souza
Promotor de Justiça
Assessor Especial



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



PGR, GCA
Fis. 15
Rubrica

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Referência: Ofício PRR/3ª Região GPC-0338/2007, de 6 de fevereiro de 2007
Procedência: Procuradoria Regional da República da 3ª Região
Assunto: Representação contra Paulo Henrique Barbosa Pereira, Desembargador Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.

DESPACHO

De ordem, à CCA para autuar, retornando, após, à Secretaria de Expediente do Gabinete do Procurador-Geral da República.

Brasília, 9 de fevereiro de 2007


MARLEIDE RIBEIRO QUEIROZ
Secretaria de Expediente GAB/PGR
Matrícula nº 6298-7

SECEXP/MRG

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



PGR-CCA
Fls. 06
Rubrica



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÕES ADMINISTRATIVAS
DIVISÃO DE AUTUAÇÃO E PROCESSAMENTO ADMINISTRATIVO

Processo PGR/MPF nº 1.00.000.001411/2007-41

Autuado com 06 (seis) folhas, incluindo esta, encaminhe-se ao Gabinete do Excelentíssimo Senhor Procurador-Geral da República, conforme o despacho de folhas retro.

DIAPA/CCA, em 29/12/2006.

Susana Vanessa Oliveira
Chefe da Divisão de Autuação e Processamento Administrativo
Substituta

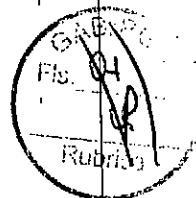
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL



Processo nº MPF/PGR 1.00.000.001411/2007-41

Interessado: Daniel Sottomaior Pereira

PR/SP-SEPJ-
000800/2009

29 JAN 2009

1. Por meio do Ofício nº 0338/2007, a Procuradoria Regional da República da 3ª Região encaminha representação em desfavor do então Juiz Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de São Paulo, PAULO HENRIQUE BARBOSA PEREIRA.
2. Consoante a notícia que ora faço juntar aos autos, o referido Desembargador se aposentou em julho de 2008, perdendo, portanto, a prerrogativa de foro que lhe conferia o art. 105, I, *a*, da Constituição. Em consequência, não cabe à Procuradoria Geral da República apurar eventual delito a ele imputado.
3. Ante o exposto, determino a remessa dos autos à Procuradoria da República no Estado de São Paulo para adoção das providências que entender cabíveis.

Brasília, 23 de janeiro de 2009.

ANTONIO FERNANDO BARROS E SILVA DE SOUZA
PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PROCURADORIA DA REPÚBLICA
NO ESTADO DE SÃO PAULO
Certifico que o anexo mencionado não
foi entregue junto com o documento.
São Paulo,
SEÇÃO DE PROTOCOLO JURÍDICO

PROCURADORIA DA REPÚBLICA
NO ESTADO DE SÃO PAULO

- Após análise inicial, certifico que o presente
documento foi encaminhado para:

☐ DIPEJ ☒ DITC

- Com extração de fotocópia:

☒ Não houve extração de fotocópia

☐ Sim ☐ para: DIPEJ ☐ para: DITC

São Paulo/SP.

SEÇÃO DE PROTOCOLO JURÍDICO

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

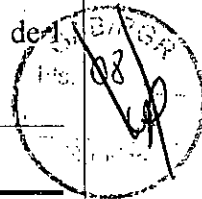
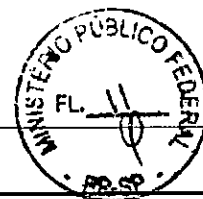
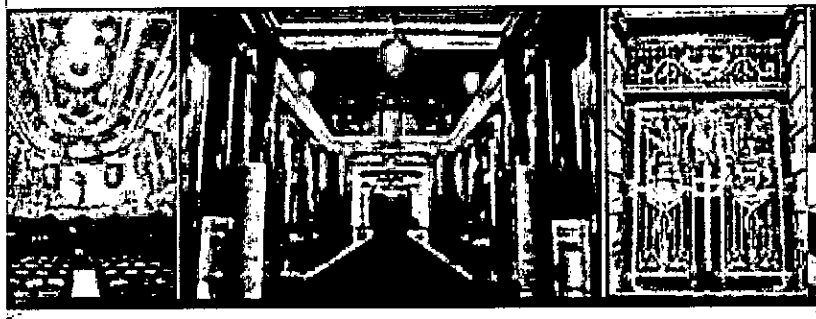


Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

☒ Portal TJSP

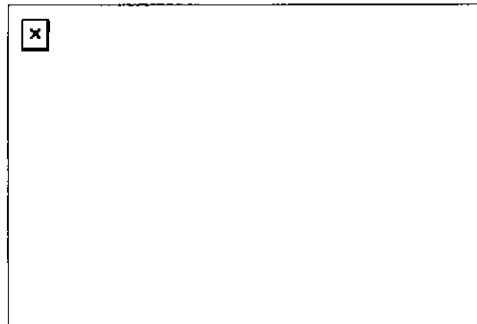
3 DE FEVEREIRO DE 18

São Paulo, 23 de janeiro de 2009

[» Conheça o TJSP](#)[« Notícia Anterior](#)[Lista de Notícias](#)[Próxima Notí](#)[» Corregedoria](#)[» Eventos](#)[» Consulta](#)[» Formulários](#)[» Processo Digital](#)[» Plantão Judiciário](#)[» Conciliação](#)[» Diário da Justiça](#)[» Notícias](#)[» Contas Públicas](#)[» Concursos](#)[» Tabelas](#)[» Ouvidoria](#)[» Informações Gerais](#)

- quarta-feira, 30 de julho de 2008 -

Desembargadores são homenageados em sess Especial



A sessão judiciária do Órgão Especial do Tribunal de Justiça de São Paulo desta marcada por homenagens a três de seus integrantes.

No início da reunião, os magistrados deram as boas-vindas ao novo comp desembargador Eros Piceli, que participou de sua primeira sessão.

Ao fazer uso da palavra, Piceli agradeceu as manifestações dos colegas e afirmou tentar fazer minha parte para engrandecer o máximo possível a magistratura e o Trib

Em seguida, outros dois componentes do Órgão foram lembrados por estarem se em virtude da aposentadoria: o desembargador Paulo Henrique Barbosa Pereira e o p do TJSP, desembargador Jarbas João Coimbra Mazzoni.

Para o desembargador José Roberto Bedran, ambos são figuras expoentes da ma serviços prestaram à Justiça. "Tenho muito orgulho de ter convivido e judicado c Jarbas Mazzoni e Barbosa Pereira", disse Bedran.

Após os agradecimentos do desembargador Paulo Henrique Barbosa Pereira às p dirigidas, o decano do Tribunal de Justiça, desembargador Luiz Elias Tâmbar aposentadoria compulsória aos setenta anos para professores universitários e ma Constituição Federal. "Essa idade burocrática imposta pela Constituição perdeu o sen a respeitamos", ressaltou. Ao falar de Jarbas Mazzoni, Tâmbara comentou: "Quant Vossa Excelência é um jovem ainda, um 'jovem velho', e ainda teria muito magistratura".

Ao encerrar a sessão judiciária do Órgão Especial, o presidente em exercício Jarbas João Coimbra Mazzoni, também agradeceu as manifestações dos colegas de despedida e citou o dramaturgo e poeta inglês William Shakespeare: "Partir é tal qual

Finalizando seu breve discurso, Jarbas Mazzoni afirmou: "Deixo em poucos dias o São Paulo com o sentimento de dever cumprido e a consciência tranquila. Digo, ness para não dizer adeus".

[« Notícia Anterior](#)[Lista de Notícias](#)[Próxima Notí](#)

Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo

© 2007 - STI - Secretaria de Tecnologia da Informação - Todos os direitos reservados.



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Divisão de Tutela Coletiva

Fls.



19

JUNTADA

Nesta data junto a estes autos ofício
ao interessado nº PR/SP/DITC nº 209 /2009.

São Paulo, 03 / 02 / 2009.

Estelina Maria Fernandes de Carvalho
Técnico Administrativo
DITColetiva

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Divisão de Tutela Coletiva

Rua Peixoto Gomide, nº768, 1º andar, CEP.: 01409-904 – São Paulo/SP - Tel.: 3269-5051



Ofício PR/SP-DITC-000209/2009

São Paulo, 02 de fevereiro de 2009

Referência: Protocolo nº 1.00.000.001411/2007-41

Prezado Senhor,

De ordem do Excelentíssimo Coordenador da Tutela Coletiva, Dr. Rafael Siqueira de Pretto, comunico que a denúncia encaminhada por Vossa Senhoria a esta Procuradoria da República em São Paulo (SPEJ-000800/2009 de 23/01/2009) foi autuada como Peças Informativas nesta Divisão de Tutela Coletiva, sob o número acima indicado, as quais foram distribuídas ao 4º Ofício - Banca II, em que atua a Dra. ADRIANA DA SILVA FERNANDES.

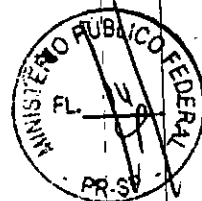
Solicito a gentileza de nas próximas correspondências mencionar o número em referência, a fim de facilitar a localização do procedimento respectivo.

Atenciosamente,

Eduardo Caldora Costa
Analista Processual - Chefe da DITC

Ao Prezado Senhor
Daniel Sottomaior Pereira
R. S. Wenceslau, 43, Jabaquara
São Paulo – SP
CEP: 03977-085





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

CONCLUSÃO

Na presente data faço conclusos estes autos ao(à)

Dre. Adriano da Silva Fernandes

São Paulo, 03 / 02 / 2009.

Edmundo Maria Fernandes da Costa

Técnico Administrativo- D.I.T.C.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

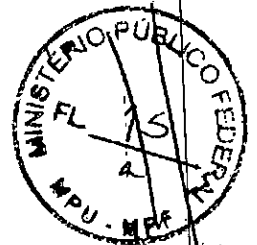


Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



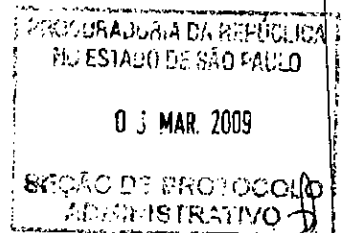
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

São Paulo, 02 de março de 2009.

OFÍCIO - nº 4481/2009 MPF-PR/SP
PR/SP-GABPR1-ASF- 000169/2009
Of. 159 – PRDC

Referência: Peças Informativas nº1.00.000.001411/2007-41
(Favor utilizar esta referência na resposta e em outras correspondências)

Excelentíssimo Senhor,



As peças informativas em epígrafe foram instauradas a partir de notícia, cuja cópia segue anexa, dando conta da ostentação de um crucifixo afixado em “local proeminente, de ampla visibilidade (...)” nesse Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.

Diante do exposto, com a finalidade de instruir o referido procedimento, o Ministério Público Federal solicita, com fulcro no artigo 8º, inciso II, da Lei Complementar 75/93, que Vossa Excelência preste informações sobre os fatos noticiados.

ADRIANA DA SILVA FERNANDES

Procuradora Regional dos Direitos do Cidadão

Excelentíssimo Senhor
MARCO CÉSAR MÜLLER VALENTE
DD. Desembargador Presidente do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo
Rua Francisca Miquelina, nº 123 - Bela Vista
São Paulo - SP
CEP: 01316 - 900

Rua Peixoto Gomide, n.º 768 – 9.º andar – salas 7/8 – Cerqueira César – CEP 01409-904 – São Paulo/SP
Telefone (11) 3269-5095 – FAX (11) 3269-5395 – afernandes@prsp.mpf.gov.br

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procedimento Administrativo

Autos nº 1.00.000.001411/2007-41.

DESPACHO

Considerando o término do meu mandato de Procuradora Regional dos Direitos do Cidadão (Portaria PGR nº 89, de 13 de março de 2007), encaminhem-se estes autos à Divisão de Tutela Coletiva, para remessa ao novo titular do cargo.

São Paulo, 16 de março de 2009.

ADRIANA DA SILVA FERNANDES
Procuradora Regional dos Direitos do Cidadão

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001, de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4.



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Divisão de Tutela Coletiva

Fls.

[Assinatura]

24

CONCLUSÃO

Na presente data, conforme determinação da Exma. Dra. Adriana da Silva Fernandes, bem como orientação passada pelo servidor da PRDC, Marcos Antônio Mancuso, encaminho os presentes autos à Secretaria da PRDC.

São Paulo, 17 de março de 2009

Eduardo Caldora Costa
Chefe da DITC

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



28
25
/

PODER JUDICIÁRIO

Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo

São Paulo, 06 ABR 2009

Ofício TRE/SP n.º 2132/2009.

Senhora Procuradora,

Por ordem do Excelentíssimo Senhor Desembargador Presidente deste Tribunal, em atendimento ao teor da solicitação contida no Ofício n.º 4481/2009 MPF-PR/SP, datado de 02/03/2009, por meio do qual Vossa Excelência solicita informações sobre fatos noticiados em representação instaurada no Ministério Público Estadual pelo Senhor Daniel Sottomaior Pereira dando conta da ostentação de um crucifixo afixado em “local proeminente, de ampla visibilidade” neste Tribunal, informo que, não obstante exista crucifixo na Sala do Plenário no Prédio Sede deste Regional, há entendimento consubstanciado no julgamento do Pedido de Providências n.º 1344 do Conselho Nacional de Justiça no sentido de que a ostentação de tal símbolo não interfere na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário, nem implica em desobediência ao princípio do Estado laico.

De tal forma, o E. Conselho julgou improcedente pedido de retirar símbolos religiosos das dependências do Judiciário, pois a presença deles não viola ou agride direitos, concluindo que, face à autonomia administrativa que os Tribunais possuem, a matéria deve ser discutida autonomamente por cada órgão, haja vista que o Poder Legislativo não expediu nenhuma norma sobre a matéria, e que a questão não se comporta no controle exercido pelo Conselho Nacional de Justiça.

No ensejo, apresento a Vossa Excelência protestos de elevada estima e distinta consideração.

José Joaquim dos Santos
Juiz Assessor da Presidência

A Sua Excelência, a Senhora
Adriana da Silva Fernandes

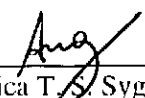
DD. Procuradora Regional dos Direitos do Cidadão do Ministério Público Federal
Procuradoria da República no Estado de São Paulo

26

Conclusão

Pecas Informativas - Tutela Coletiva n.º 1.00.000.001411/2007-41

Em 01 de junho de 2009, faço conclusos estes autos ao Dr. Jefferson
Aparecido Dias.


Angélica T. S. Syguedomi
Técnica Administrativa
matrícula n.º 5472-1

Pecas Informativas Tutela Coletiva n.º 1.00.000.001411/2007-41

Junte-se:

- 1) dados estatísticos do IBGE;
- 2) Animus Curiae em Ação Direta de Inconstitucionalidade de autoria da Conectas Direitos Humanos;
- 3) artigo "O Crucifixo nos Tribunais e a Laicidade do Estado" de autoria Daniel Sarmiento

Após, tornem os autos conclusos para manifestação.

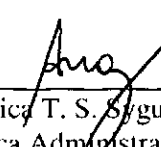
Marília, 01 de junho de 2009.


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador da República

Juntada

Pecas Informativas - Tutela Coletiva n.º 1.00.000.001411/2007-41

Em 01 de junho de 2009, junto a estes autos documentos conforme despacho retro.


Angélica T. S. Syguedomi
Técnica Administrativa
matrícula n.º 5472-1

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO
F. no 2
Ass. 27

Tabela 1.3.1 - População residente, por sexo e situação do domicílio, segundo a religião - Brasil

(continua)

Religião	População residente, por sexo								
	Total	Homens	Mulheres	Situação do domicílio					
				Urbana			Rural		
				Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	169 872 856	83 602 317	86 270 539	137 925 238	66 864 196	71 061 042	31 947 618	16 738 120	15 209 498
Católica apostólica romana	124 980 132	61 901 888	63 078 244	98 475 959	47 971 222	50 504 736	26 504 174	13 930 666	12 573 508
Católica apostólica brasileira	500 582	250 201	250 380	430 245	213 184	217 061	70 337	37 017	33 319
Católica ortodoxa	38 060	19 495	18 565	33 668	17 147	16 520	4 392	2 348	2 045
Evangélicas	26 184 941	11 444 063	14 740 878	22 736 910	9 815 123	12 921 787	3 448 031	1 628 940	1 819 091
Evangélicas de missão	6 939 765	3 062 194	3 877 571	6 008 100	2 605 913	3 402 187	931 665	456 281	475 384
Igreja evangélica luterana	1 062 145	523 994	538 152	681 345	327 456	353 889	380 800	196 538	184 262
Igreja evangélica presbiteriana	981 064	427 458	553 606	904 552	391 082	513 470	76 512	36 376	40 135
Igreja evangélica metodista	340 963	146 236	194 727	325 342	138 630	186 712	15 620	7 605	8 015
Igreja evangélica batista	3 162 691	1 344 946	1 817 745	2 912 163	1 229 440	1 682 723	250 528	115 506	135 022
Igreja evangélica congregacional	148 836	64 937	83 899	125 117	53 404	71 713	23 719	11 533	12 186
Igreja evangélica adventista	1 209 842	538 981	670 860	1 029 949	452 492	577 457	179 893	86 490	93 403
Outras igrejas evangélicas de missão	34 224	15 642	18 582	29 630	13 408	16 222	4 593	2 234	2 360
Evangélicas de origem pentecostal	17 617 307	7 677 125	9 940 182	15 256 085	6 578 931	8 677 154	2 361 222	1 098 194	1 263 028
Igreja assembleia de Deus	8 418 140	3 804 658	4 613 482	6 857 429	3 070 906	3 786 523	1 560 711	733 752	826 959
Igreja congregacional cristã do Brasil	2 489 113	1 130 329	1 358 785	2 148 941	970 593	1 178 349	340 172	159 736	180 436
Igreja Brasil para Cristo	175 618	76 132	99 485	159 713	68 756	90 957	15 904	7 376	8 528
Igreja evangelho quadrangular	1 318 805	545 016	773 789	1 253 276	515 274	738 001	65 529	29 741	35 788
Igreja universal do reino de Deus	2 101 887	800 227	1 301 660	1 993 488	755 230	1 238 258	108 399	44 997	63 402
Igreja casa da benção	128 676	51 557	77 119	120 891	48 163	72 728	7 785	3 394	4 391
Igreja Deus é amor	774 830	331 707	443 123	649 252	274 959	374 293	125 577	56 747	68 830
Igreja maranata	277 342	117 789	159 553	266 539	113 186	153 353	10 803	4 603	6 201
Igreja nova vida	92 315	35 352	56 964	91 008	34 812	56 196	1 307	540	767
Outras igrejas de origem pentecostal	1 840 581	784 359	1 056 222	1 715 548	727 052	988 496	125 033	57 307	67 726



Censo Demográfico 2000

Características gerais da população Resultados da amostra Tabelas de resultados

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





Tabela 1.3.1 - População residente, por sexo e situação do domicílio, segundo a religião - Brasil

(conclusão)

28

Religião	População residente, por sexo								
	Total	Homens	Mulheres	Situação do domicílio					
				Urbana			Rural		
				Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Sem vínculo institucional	1 046 487	454 087	592 400	945 874	405 724	540 151	100 612	48 363	52 249
Evangélicos	710 227	309 380	400 847	640 140	275 400	364 740	70 087	33 980	36 107
Evangélicos de origem pentecostal	336 259	144 707	191 552	305 734	130 324	175 410	30 525	14 383	16 142
Outros evangélicos	581 383	250 657	330 725	526 850	224 555	302 296	54 532	26 102	28 430
Outras cristãs	235 532	103 483	132 049	201 090	86 947	114 143	34 442	16 537	17 906
Cristãs	230 325	101 090	129 235	196 171	84 683	111 488	34 154	16 407	17 747
Outras religiosidades cristãs	5 208	2 394	2 814	4 919	2 264	2 655	289	130	159
Igreja de Jesus Cristo dos santos dos últimos dias	199 645	92 197	107 448	195 198	90 070	105 128	4 446	2 127	2 319
Testemunhas de Jeová	1 104 886	450 583	654 303	1 045 600	423 859	621 742	59 286	26 725	32 561
Espírita	2 262 401	928 967	1 333 434	2 206 418	901 478	1 304 940	55 983	27 490	28 494
Espiritualista	25 889	10 901	14 987	24 507	10 148	14 358	1 382	753	629
Umbanda	397 431	172 393	225 038	385 148	166 218	218 929	12 283	6 175	6 108
Candomblé	127 582	57 200	70 382	123 214	54 943	68 271	4 368	2 257	2 111
Judaísmo	86 825	43 597	43 228	86 316	43 316	43 000	509	281	228
Hinduísmo	2 905	1 521	1 383	2 861	1 513	1 348	43	9	35
Islamismo	27 239	16 232	11 007	27 055	16 093	10 962	183	139	45
Budismo	214 873	96 722	118 152	203 772	91 098	112 675	11 101	5 624	5 477
Outras religiões orientais	7 832	3 764	4 068	7 244	3 422	3 822	588	342	246
Novas religiões orientais	151 080	58 784	92 295	145 914	56 622	89 292	5 166	2 162	3 004
Igreja messiânica mundial	109 310	41 478	67 831	106 467	40 341	66 126	2 843	1 138	1 705
Outras novas religiões orientais	41 770	17 306	24 464	39 447	16 282	23 166	2 323	1 024	1 298
Tradições esotéricas	58 445	27 637	30 808	55 693	26 186	29 507	2 752	1 451	1 301
Tradições indígenas	17 088	9 175	7 913	6 463	3 563	2 901	10 625	5 612	5 012
Outras religiosidades	15 484	7 393	8 091	13 243	6 137	7 106	2 241	1 256	985
Sem religião	12 492 403	7 540 682	4 951 721	10 895 989	6 561 133	4 334 856	1 596 414	979 549	616 865
Não determinadas	357 648	159 191	198 458	310 720	136 180	174 540	46 929	23 011	23 918
Sem declaração	383 953	206 245	177 708	312 011	168 595	143 416	71 943	37 650	34 292

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Censo Demográfico 2000

IBGE

Características gerais da população Resultados da amostra Tabelas de resultados

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



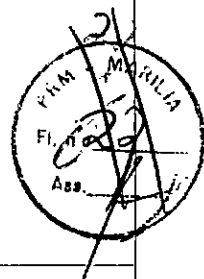


Tabela 1.3.2 - População residente, por religião, segundo a situação do domicílio e os grupos de idade - Brasil

Situação do domicílio e grupos de idade	População residente								
	Total (1)	Religião							Sem religião
		Católica apostólica romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiões	
De missão	De origem pentecostal		Outras evangélicas						
Total	169 872 856	124 980 132	6 939 765	17 617 307	1 627 869	2 262 401	525 012	3 044 013	12 492 403
0 a 4 anos	16 386 239	11 592 888	582 129	1 835 703	163 972	106 023	28 260	250 220	1 724 045
5 a 9 anos	16 576 259	11 987 883	683 988	2 032 321	179 384	129 900	28 133	289 481	1 179 391
10 a 14 anos	17 353 683	12 848 465	727 271	1 934 946	173 482	146 717	28 563	319 963	1 136 979
15 a 19 anos	17 949 289	13 305 461	695 649	1 659 146	154 831	174 533	40 747	296 285	1 591 183
15 a 17 anos	10 727 038	7 979 227	416 464	1 008 417	93 581	98 385	21 934	178 203	911 517
18 e 19 anos	7 222 250	5 326 235	279 185	650 729	61 250	76 147	18 813	118 081	679 666
20 a 24 anos	16 142 935	11 807 106	626 394	1 517 087	142 667	186 037	47 620	270 629	1 514 925
25 a 29 anos	13 847 499	10 018 439	577 629	1 420 669	139 514	185 318	49 724	246 159	1 186 158
30 a 39 anos	25 289 921	18 450 773	1 086 973	2 635 321	254 582	426 721	101 167	479 049	1 819 627
40 a 49 anos	19 273 412	14 342 681	793 981	1 920 617	184 315	396 510	90 630	362 139	1 159 089
50 a 59 anos	12 514 631	9 421 380	522 511	1 278 799	113 560	250 697	57 239	233 405	622 852
60 a 69 anos	8 191 598	6 248 829	357 279	826 627	71 674	148 174	33 178	162 980	333 030
70 a 79 anos	4 559 783	3 545 809	205 418	411 062	36 563	81 760	15 163	95 851	162 300
80 anos ou mais	1 787 607	1 410 418	80 543	145 012	13 325	30 011	4 588	37 852	62 823
Urbana	137 925 238	98 475 959	6 008 100	15 256 085	1 472 725	2 206 418	508 361	2 789 591	10 895 989
0 a 4 anos	12 749 346	8 653 323	497 032	1 549 531	144 547	102 586	26 832	220 835	1 473 600
5 a 9 anos	12 787 933	8 884 236	585 062	1 710 677	158 723	126 026	26 966	258 053	987 557
10 a 14 anos	13 509 943	9 638 435	627 133	1 636 011	154 933	142 480	27 424	288 965	965 705
15 a 19 anos	14 401 006	10 320 259	604 486	1 434 167	140 207	170 289	39 550	270 417	1 396 392
15 a 17 anos	8 511 442	6 112 719	360 177	864 628	84 196	95 853	21 159	162 240	795 205
18 e 19 anos	5 889 565	4 207 540	244 309	569 539	56 012	74 437	18 391	108 177	601 188
20 a 24 anos	13 358 020	9 487 638	553 173	1 338 447	130 919	182 173	46 276	249 774	1 343 635
25 a 29 anos	11 572 612	8 139 892	510 596	1 260 164	128 165	181 349	48 280	228 240	1 055 047
30 a 39 anos	21 228 259	15 088 558	957 983	2 331 682	233 739	416 720	98 334	446 060	1 623 963
40 a 49 anos	16 218 059	11 797 505	691 220	1 689 721	169 403	388 063	88 390	337 840	1 035 503
50 a 59 anos	10 230 085	7 511 606	441 090	1 105 479	102 569	244 045	55 303	216 006	542 057
60 a 69 anos	6 649 808	4 953 847	299 076	714 978	64 442	143 623	32 042	149 745	283 828
70 a 79 anos	3 756 432	2 865 861	172 644	359 790	33 046	79 711	14 551	88 648	137 211
80 anos ou mais	1 463 735	1 134 799	68 604	125 437	12 032	29 353	4 413	35 009	51 489
Rural	31 947 618	26 504 174	931 665	2 361 222	155 144	55 983	16 651	254 422	1 596 414
0 a 4 anos	3 636 893	2 939 565	85 097	286 172	19 425	3 437	1 428	29 385	250 445
5 a 9 anos	3 788 326	3 103 648	98 926	321 644	20 661	3 874	1 167	31 428	191 834
10 a 14 anos	3 843 740	3 210 030	100 137	298 935	18 549	4 237	1 139	30 998	171 274
15 a 19 anos	3 548 282	2 985 203	91 163	224 979	14 624	4 244	1 196	25 868	194 791
15 a 17 anos	2 215 597	1 866 508	56 287	143 789	9 385	2 533	775	15 963	116 313
18 e 19 anos	1 332 686	1 118 695	34 876	81 190	5 238	1 711	421	9 905	78 478
20 a 24 anos	2 784 915	2 319 468	73 221	178 639	11 748	3 863	1 345	20 856	171 290
25 a 29 anos	2 274 887	1 878 546	67 033	160 504	11 349	3 970	1 444	17 919	131 110
30 a 39 anos	4 061 663	3 362 215	128 990	303 639	20 844	10 001	2 833	32 989	195 664
40 a 49 anos	3 055 353	2 545 176	102 761	230 895	14 912	8 447	2 240	24 299	123 586
50 a 59 anos	2 284 546	1 909 774	81 421	173 320	10 990	6 651	1 936	17 400	80 795
60 a 69 anos	1 541 790	1 294 982	58 202	111 648	7 233	4 552	1 137	13 235	49 202
70 a 79 anos	803 351	679 948	32 774	51 272	3 517	2 050	612	7 202	25 089
80 anos ou mais	323 872	275 619	11 939	19 575	1 293	658	174	2 843	11 334

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião.



Censo Demográfico 2000
Características gerais da população Resultados da amostra Tabelas de resultados

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

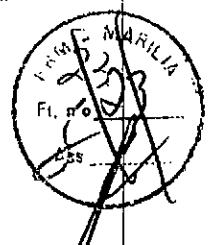


Tabela 1.3.3 - População residente, por religião, segundo o sexo e os grupos de idade - Brasil

Sexo e grupos de idade		População residente								
		Total (1)	Religião							
			Católica apostólica romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiões	Sem religião
De missão	De origem pentecostal	Outras evangélicas								
Total		169 872 856	124 980 132	6 939 765	17 617 307	1 627 869	2 262 401	525 012	3 044 013	12 492 403
0 a 4 anos		16 386 239	11 592 888	582 129	1 835 703	163 972	106 023	28 260	250 220	1 724 045
5 a 9 anos		16 576 259	11 987 883	683 988	2 032 321	179 384	129 900	28 133	289 481	1 179 391
10 a 14 anos		17 353 683	12 848 465	727 271	1 934 946	173 482	146 717	28 563	319 963	1 136 979
15 a 19 anos		17 949 289	13 305 461	695 649	1 659 146	154 831	174 533	40 747	296 285	1 591 183
15 a 17 anos		10 727 038	7 979 227	416 464	1 008 417	93 581	98 385	21 934	178 203	911 517
18 e 19 anos		7 222 250	5 326 235	279 185	650 729	61 250	76 147	18 813	118 081	679 666
20 a 24 anos		16 142 935	11 807 106	626 394	1 517 087	142 667	186 037	47 620	270 629	1 514 925
25 a 29 anos		13 847 499	10 018 439	577 629	1 420 669	139 514	185 318	49 724	246 159	1 186 158
30 a 39 anos		25 289 921	18 450 773	1 086 973	2 635 321	254 582	426 721	101 167	479 049	1 819 627
40 a 49 anos		19 273 412	14 342 681	793 981	1 920 617	184 315	396 510	90 630	362 139	1 159 089
50 a 59 anos		12 514 631	9 421 380	522 511	1 278 799	113 560	250 697	57 239	233 405	622 852
60 a 69 anos		8 191 598	6 248 829	357 279	826 627	71 674	148 174	33 178	162 980	333 030
70 a 79 anos		4 559 783	3 545 809	205 418	411 062	36 563	81 760	15 163	95 851	162 300
80 anos ou mais		1 787 607	1 410 418	80 543	145 012	13 325	30 011	4 588	37 852	62 823
Homens		83 602 317	61 901 888	3 062 194	7 677 125	704 744	928 967	229 593	1 350 878	7 540 682
0 a 4 anos		8 331 082	5 886 679	295 896	932 469	81 870	53 900	14 805	126 790	886 058
5 a 9 anos		8 419 650	6 093 003	341 478	1 009 030	89 274	65 635	14 749	145 661	626 795
10 a 14 anos		8 783 839	6 499 990	355 766	928 322	83 984	72 944	14 359	158 072	649 868
15 a 19 anos		9 027 994	6 710 785	318 388	734 800	69 076	78 198	19 354	137 207	942 461
15 a 17 anos		5 397 072	4 022 079	194 005	450 780	42 512	45 129	10 640	82 856	538 438
18 e 19 anos		3 630 922	2 688 705	124 382	284 020	26 564	33 069	8 714	54 352	404 023
20 a 24 anos		8 048 459	5 902 676	276 329	662 561	61 218	74 760	22 911	121 464	907 793
25 a 29 anos		6 814 307	4 952 502	246 297	605 068	58 640	71 986	23 514	105 269	736 340
30 a 39 anos		12 320 626	9 080 855	453 222	1 076 631	103 107	161 801	45 032	200 372	1 179 585
40 a 49 anos		9 328 845	7 072 507	319 980	739 704	70 838	148 155	34 729	145 898	784 562
50 a 59 anos		5 999 884	4 621 732	206 388	468 618	42 134	97 695	21 304	92 129	443 005
60 a 69 anos		3 787 425	2 937 970	139 104	306 332	25 675	60 445	12 171	64 651	236 665
70 a 79 anos		2 032 940	1 588 161	80 460	160 005	13 850	32 121	5 447	39 177	110 892
80 anos ou mais		707 265	555 027	28 887	53 587	5 079	11 328	1 218	14 186	36 658
Mulheres		86 270 539	63 078 244	3 877 571	9 940 182	923 125	1 333 434	295 420	1 693 135	4 951 721
0 a 4 anos		8 055 157	5 706 209	286 233	903 234	82 102	52 123	13 455	123 430	837 987
5 a 9 anos		8 156 609	5 894 881	342 510	1 023 291	90 110	64 265	13 383	143 820	552 596
10 a 14 anos		8 569 844	6 348 475	371 505	1 006 624	89 498	73 774	14 204	161 890	487 110
15 a 19 anos		8 921 295	6 594 677	377 261	924 346	85 756	96 335	21 393	159 078	648 723
15 a 17 anos		5 329 967	3 957 147	222 458	557 637	51 069	53 256	11 294	95 348	373 080
18 e 19 anos		3 591 328	2 637 529	154 803	366 709	34 686	43 079	10 099	63 730	275 643
20 a 24 anos		8 094 476	5 904 429	350 065	854 526	81 449	111 277	24 710	149 165	607 132
25 a 29 anos		7 033 192	5 065 937	331 332	815 601	80 874	113 333	26 210	140 890	449 818
30 a 39 anos		12 969 295	9 369 918	633 751	1 558 690	151 476	264 920	56 134	278 677	640 042
40 a 49 anos		9 944 567	7 270 174	474 002	1 180 913	113 477	248 355	55 901	216 241	374 528
50 a 59 anos		6 514 747	4 799 648	316 123	810 181	71 426	153 001	35 935	141 277	179 847
60 a 69 anos		4 404 173	3 310 858	218 175	520 295	45 999	87 729	21 008	98 329	96 365
70 a 79 anos		2 526 843	1 957 647	124 959	251 057	22 713	49 639	9 716	56 674	51 408
80 anos ou mais		1 080 342	855 391	51 656	91 425	8 246	18 683	3 370	23 665	26 166

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião.

Censo Demográfico 2000

IBGE

Características gerais da população Resultados da amostra Tabelas de resultados

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

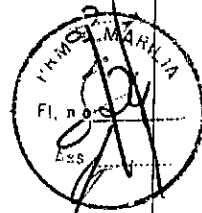


Tabela 1.3.4 - População residente, por religião, segundo a situação do domicílio, o sexo e os grupos de idade - Brasil

Situação do domicílio, sexo e grupos de idade	População residente								
	Total (1)	Religião							Sem religião
		Católica apostólica romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religio- sidades	
			De missão	De origem pentecostal	Outras evangélicas				
Total	169 872 856	124 980 132	6 939 765	17 617 307	1 627 869	2 262 401	525 012	3 044 013	12 492 403
0 a 14 anos	50 316 181	36 429 237	1 993 388	5 802 970	516 838	382 641	84 956	859 664	4 040 415
15 a 64 anos	109 629 648	80 856 403	4 502 936	10 902 726	1 030 958	1 702 821	405 965	1 977 655	8 085 471
65 anos ou mais	9 927 027	7 694 493	443 441	911 612	80 073	176 939	34 091	206 694	366 517
Homens	83 602 317	61 901 888	3 062 194	7 677 125	704 744	928 967	229 593	1 350 878	7 540 682
0 a 14 anos	25 534 572	18 479 672	993 140	2 869 821	255 128	192 479	43 913	430 524	2 162 721
15 a 64 anos	53 696 083	40 014 273	1 898 365	4 461 669	419 944	666 430	173 976	838 438	5 129 943
65 anos ou mais	4 371 662	3 407 944	170 690	345 636	29 672	70 059	11 703	81 916	248 018
Mulheres	86 270 539	63 078 244	3 877 571	9 940 182	923 125	1 333 434	295 420	1 693 135	4 951 721
0 a 14 anos	24 781 609	17 949 565	1 000 249	2 933 149	261 710	190 162	41 043	429 140	1 877 694
15 a 64 anos	55 933 565	40 842 130	2 604 571	6 441 057	611 014	1 036 391	231 989	1 139 217	2 955 528
65 anos ou mais	5 555 365	4 286 549	272 751	565 976	50 402	106 880	22 388	124 778	118 500
Urbana	137 925 238	98 475 959	6 008 100	15 256 085	1 472 725	2 206 418	508 361	2 789 591	10 895 989
0 a 14 anos	39 047 222	27 175 994	1 709 227	4 896 219	458 203	371 092	81 222	767 853	3 426 862
15 a 64 anos	90 733 748	65 110 667	3 926 005	9 565 664	942 315	1 663 037	394 448	1 831 082	7 160 183
65 anos ou mais	8 144 267	6 189 297	372 868	794 202	72 207	172 289	32 691	190 656	308 944
Homens	66 864 196	47 971 222	2 605 913	6 578 931	630 279	901 478	221 161	1 225 485	6 561 133
0 a 14 anos	19 758 753	13 734 440	849 018	2 420 471	225 651	186 699	41 894	383 736	1 833 649
15 a 64 anos	43 671 025	31 620 260	1 619 740	3 868 750	378 926	647 337	168 314	767 908	4 519 392
65 anos ou mais	3 434 419	2 616 523	137 156	289 710	25 702	67 442	10 952	73 841	208 092
Mulheres	71 061 042	50 504 736	3 402 187	8 677 154	842 446	1 304 940	287 201	1 564 106	4 334 856
0 a 14 anos	19 288 470	13 441 554	860 210	2 475 748	232 552	184 393	39 328	384 117	1 593 213
15 a 64 anos	47 062 723	33 490 408	2 306 265	5 696 914	563 389	1 015 700	226 134	1 063 173	2 640 791
65 anos ou mais	4 709 849	3 572 774	235 712	504 492	46 505	104 847	21 739	116 815	100 852
Rural	31 947 618	26 504 174	931 665	2 361 222	155 144	55 983	16 651	254 422	1 596 414
0 a 14 anos	11 268 959	9 253 242	284 161	906 750	58 635	11 549	3 734	91 811	613 553
15 a 64 anos	18 895 900	15 745 735	576 931	1 337 062	88 643	39 784	11 518	146 573	925 288
65 anos ou mais	1 782 760	1 505 196	70 573	117 410	7 866	4 650	1 399	16 038	57 574
Homens	16 738 120	13 930 666	456 281	1 098 194	74 465	27 490	8 432	125 393	979 549
0 a 14 anos	5 775 819	4 745 232	144 122	449 350	29 477	5 780	2 019	46 788	329 072
15 a 64 anos	10 025 058	8 394 013	278 625	592 919	41 018	19 093	5 662	70 530	610 551
65 anos ou mais	937 244	791 421	33 534	55 925	3 970	2 617	751	8 075	39 926
Mulheres	15 209 498	12 573 508	475 384	1 263 028	80 679	28 494	8 219	129 029	616 865
0 a 14 anos	5 493 140	4 508 010	140 039	457 400	29 158	5 769	1 715	45 023	284 481
15 a 64 anos	8 870 842	7 351 722	298 306	744 143	47 625	20 691	5 855	76 043	314 737
65 anos ou mais	845 516	713 775	37 039	61 484	3 897	2 034	649	7 963	17 648

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião.



Censo Demográfico 2000

Características gerais da população Resultados da amostra Tabelas de resultados

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

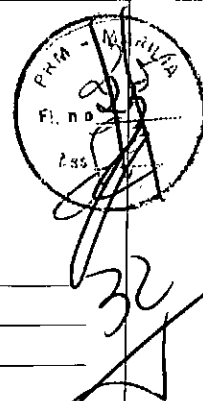


Tabela 1.3.5 - Pessoas de 5 anos ou mais de idade, por religião, segundo a alfabetização e os grupos de idade - Brasil

Alfabetização e grupos de idade	Pessoas de 5 anos ou mais de idade								
	Total (1)	Religião						Outras religio- sidades	Sem religião
		Católica apostólica romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé		
			De missão	De origem pentecostal	Outras evangélicas				
Total	153 486 617	113 387 244	6 357 636	15 781 604	1 463 897	2 156 378	496 752	2 793 793	10 708 358
5 a 9 anos	16 576 259	11 987 883	683 988	2 032 321	179 384	129 900	28 133	289 481	1 179 391
5 e 6 anos	6 739 018	4 846 340	268 707	816 505	73 340	49 328	11 776	112 809	532 865
7 a 9 anos	9 837 241	7 141 544	415 281	1 215 816	106 044	80 572	16 356	176 672	646 526
10 a 14 anos	17 353 683	12 848 465	727 271	1 934 946	173 482	146 717	28 563	319 963	1 136 979
15 a 19 anos	17 949 289	13 305 461	695 649	1 659 146	154 831	174 533	40 747	296 285	1 591 183
20 a 24 anos	16 142 935	11 807 106	626 394	1 517 087	142 667	186 037	47 620	270 629	1 514 925
25 a 29 anos	13 847 499	10 018 439	577 629	1 420 669	139 514	185 318	49 724	246 159	1 186 158
30 a 39 anos	25 289 921	18 450 773	1 086 973	2 635 321	254 582	426 721	101 167	479 049	1 819 627
40 a 49 anos	19 273 412	14 342 681	793 981	1 920 617	184 315	396 510	90 630	362 139	1 159 089
50 anos ou mais	27 053 619	20 626 435	1 165 751	2 661 499	235 122	510 642	110 168	530 087	1 181 005
Alfabetizadas	129 392 841	94 813 850	5 805 983	13 364 675	1 291 803	2 085 422	454 483	2 530 664	8 825 934
5 a 9 anos	8 974 562	6 428 124	444 018	1 130 791	106 289	96 941	16 297	179 765	538 270
5 e 6 anos	1 478 108	1 048 596	82 247	171 035	18 310	20 425	2 937	30 692	97 660
7 a 9 anos	7 496 454	5 379 528	361 771	959 756	87 979	76 516	13 360	149 073	440 610
10 a 14 anos	16 328 866	12 041 729	711 564	1 858 834	168 766	145 298	27 640	310 530	1 030 505
15 a 19 anos	17 183 983	12 707 044	686 567	1 617 625	151 892	173 671	39 806	290 793	1 487 087
20 a 24 anos	15 145 909	11 022 419	615 225	1 462 533	139 216	184 681	46 441	263 692	1 383 608
25 a 29 anos	12 806 853	9 196 920	564 826	1 356 417	134 912	183 896	48 353	238 598	1 061 538
30 a 39 anos	22 839 963	16 508 804	1 053 315	2 452 464	242 735	423 195	96 665	459 115	1 572 759
40 a 49 anos	16 743 390	12 337 148	751 836	1 689 446	168 602	391 420	85 250	341 858	958 222
50 anos ou mais	19 369 316	14 571 662	978 632	1 796 565	179 390	486 320	94 031	446 313	793 946
Não alfabetizadas	24 093 776	18 573 394	551 652	2 416 929	172 094	70 956	42 269	263 129	1 942 424
5 a 9 anos	7 601 697	5 559 760	239 970	901 529	73 095	32 959	11 836	109 716	641 121
5 e 6 anos	5 260 910	3 797 744	186 459	645 470	55 030	28 903	8 839	82 117	435 205
7 a 9 anos	2 340 787	1 762 016	53 511	256 059	18 066	4 056	2 997	27 599	205 916
10 a 14 anos	1 024 817	806 736	15 707	76 111	4 716	1 419	923	9 433	106 474
15 a 19 anos	765 306	598 418	9 082	41 521	2 939	861	941	5 492	104 097
20 a 24 anos	997 026	784 686	11 169	54 554	3 451	1 355	1 179	6 938	131 318
25 a 29 anos	1 040 647	821 519	12 802	64 252	4 602	1 423	1 372	7 561	124 619
30 a 39 anos	2 449 959	1 941 969	33 658	182 857	11 847	3 526	4 501	19 934	246 868
40 a 49 anos	2 530 022	2 005 534	42 145	231 170	15 713	5 090	5 380	20 281	200 867
50 anos ou mais	7 684 302	6 054 773	187 118	864 934	55 732	24 322	16 137	83 775	387 059

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião.

Censo Demográfico 2000



Características gerais da população Resultados da amostra Tabelas de resultados

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



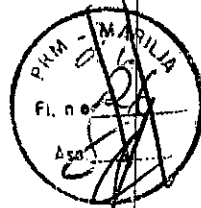


Tabela 1.3.6 - População residente, por religião, segundo a frequência à creche ou escola e os grupos de idade - Brasil

Frequência à creche ou escola e grupos de idade	População residente								
	Total (1)	Católica apostólica romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiões	Sem religião
			De missão	De origem pentecostal	Outras evangélicas				
Total	169 872 856	124 980 132	6 939 765	17 617 307	1 627 869	2 262 401	525 012	3 044 013	12 492 403
0 a 4 anos	16 386 239	11 592 888	582 129	1 835 703	163 972	106 023	28 260	250 220	1 724 045
5 a 9 anos	16 576 259	11 987 883	683 988	2 032 321	179 384	129 900	28 133	289 481	1 179 391
5 e 6 anos	6 739 018	4 846 340	268 707	816 505	73 340	49 328	11 776	112 809	532 865
7 a 9 anos	9 837 241	7 141 544	415 281	1 215 816	106 044	80 572	16 356	176 672	646 526
10 a 14 anos	17 353 683	12 848 465	727 271	1 934 946	173 482	146 717	28 563	319 963	1 136 979
15 a 19 anos	17 949 289	13 305 461	695 649	1 659 146	154 831	174 533	40 747	296 285	1 591 183
15 a 17 anos	10 727 038	7 979 227	416 464	1 008 417	93 581	98 385	21 934	178 203	911 517
18 e 19 anos	7 222 250	5 326 235	279 185	650 729	61 250	76 147	18 813	118 081	679 666
20 a 24 anos	16 142 935	11 807 106	626 394	1 517 087	142 667	186 037	47 620	270 629	1 514 925
25 a 29 anos	13 847 499	10 018 439	577 629	1 420 669	139 514	185 318	49 724	246 159	1 186 158
30 a 39 anos	25 289 921	18 450 773	1 086 973	2 635 321	254 582	426 721	101 167	479 049	1 819 627
40 a 49 anos	19 273 412	14 342 681	793 981	1 920 617	184 315	396 510	90 630	362 139	1 159 089
50 anos ou mais	27 053 619	20 626 435	1 165 751	2 661 499	235 122	510 642	110 168	530 087	1 181 005
Frequêntavam creche ou escola	53 406 320	39 272 550	2 384 155	5 669 697	535 175	640 206	109 098	989 012	3 699 874
0 a 4 anos	2 604 282	1 856 949	122 857	263 510	26 934	36 540	4 965	46 643	236 761
5 a 9 anos	14 091 914	10 230 905	612 835	1 729 152	153 359	123 316	23 176	254 951	926 486
5 e 6 anos	4 816 385	3 485 064	211 085	571 644	52 259	43 800	7 937	85 645	345 889
7 a 9 anos	9 275 529	6 745 841	401 750	1 157 508	101 100	79 516	15 239	169 306	580 597
10 a 14 anos	16 419 755	12 177 951	704 464	1 840 257	165 839	144 611	27 105	308 169	1 020 443
15 a 19 anos	11 896 398	8 897 961	513 147	1 077 207	104 542	143 554	24 831	213 045	904 339
15 a 17 anos	8 335 926	6 241 186	356 894	777 566	74 359	91 183	16 157	150 077	615 806
18 e 19 anos	3 560 472	2 656 775	156 253	299 641	30 183	52 371	8 674	62 968	288 533
20 a 24 anos	4 075 418	3 038 034	189 250	312 283	35 500	85 195	10 938	72 011	326 672
25 a 29 anos	1 598 596	1 144 752	85 689	148 230	17 359	36 814	6 157	31 379	126 174
30 a 39 anos	1 690 086	1 194 492	98 149	179 628	19 111	42 543	7 056	37 572	109 545
40 a 49 anos	673 850	479 863	38 024	73 056	7 992	19 544	3 211	16 146	35 198
50 anos ou mais	356 021	251 642	19 741	46 374	4 539	8 089	1 658	9 096	14 256
Não frequêntavam creche ou escola	116 466 535	85 707 582	4 555 610	11 947 610	1 092 694	1 622 195	415 915	2 055 000	8 792 528
0 a 4 anos	13 781 957	9 735 939	459 273	1 572 193	137 038	69 483	23 295	203 577	1 487 284
5 a 9 anos	2 484 345	1 756 978	71 153	303 169	26 025	6 584	4 957	34 530	252 905
5 e 6 anos	1 922 633	1 361 275	57 622	244 861	21 081	5 528	3 839	27 164	186 976
7 a 9 anos	561 712	395 703	13 532	58 308	4 944	1 056	1 118	7 366	65 929
10 a 14 anos	933 928	670 515	22 807	94 689	7 643	2 106	1 458	11 794	116 536
15 a 19 anos	6 052 891	4 407 500	182 502	581 939	50 289	30 979	15 916	83 240	686 844
15 a 17 anos	2 391 112	1 738 040	59 570	230 851	19 222	7 203	5 777	28 126	295 711
18 e 19 anos	3 661 779	2 669 460	122 932	351 088	31 067	23 776	10 139	55 113	391 133
20 a 24 anos	12 067 517	8 769 071	437 144	1 204 803	107 167	100 841	36 682	198 618	1 188 254
25 a 29 anos	12 248 904	8 873 686	491 940	1 272 439	122 155	148 504	43 567	214 780	1 059 983
30 a 39 anos	23 599 835	17 256 282	988 824	2 455 694	235 472	384 178	94 111	441 477	1 710 082
40 a 49 anos	18 599 562	13 862 818	755 957	1 847 561	176 323	376 966	87 419	345 993	1 123 891
50 anos ou mais	26 697 598	20 374 793	1 146 010	2 615 125	230 582	502 553	108 510	520 992	1 166 749

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião.



Censo Demográfico 2000

Características gerais da população Resultados da amostra Tabelas de resultados

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



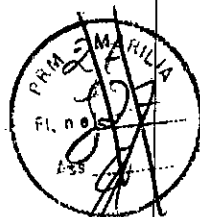


Tabela 1.3.7 - Pessoas de 15 anos ou mais de idade, por religião, segundo o sexo e os grupos de anos de estudo - Brasil

Sexo e grupos de anos de estudo	Pessoas de 15 anos ou mais de idade								
	Total (1)	Católica apostólica romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiões	Sem religião
			De missão	De origem pentecostal	Outras evangélicas				
Total	119 556 675	88 550 895	4 946 377	11 814 338	1 111 031	1 879 760	440 056	2 184 349	8 451 988
Sem instrução e menos de 1 ano	13 904 626	10 766 013	309 090	1 402 150	95 599	43 239	28 011	159 464	1 055 293
1 a 3 anos	19 316 634	14 738 116	560 869	2 097 875	155 550	88 524	46 521	256 673	1 348 337
4 a 7 anos	37 570 144	27 594 867	1 448 088	4 209 761	356 892	291 814	132 269	632 434	2 851 799
8 a 10 anos	20 789 737	14 926 732	1 039 555	2 196 180	222 577	337 959	92 606	461 342	1 486 891
11 a 14 anos	20 957 396	15 297 925	1 233 315	1 615 403	221 255	713 403	106 319	501 253	1 246 066
15 anos ou mais	5 911 119	4 374 438	317 652	183 020	50 670	396 835	31 493	157 134	393 743
Não determinados	1 107 018	852 804	37 808	109 947	8 488	7 987	2 838	16 048	69 859
Homens	58 067 745	43 422 216	2 069 054	4 807 304	449 616	736 489	185 680	920 354	5 377 960
Sem instrução e menos de 1 ano	6 729 611	5 303 624	109 451	490 770	33 256	15 416	9 360	59 795	682 101
1 a 3 anos	9 856 019	7 655 439	221 225	839 605	61 492	34 625	18 254	103 249	908 636
4 a 7 anos	18 782 963	13 903 017	631 658	1 776 417	149 682	114 397	55 711	267 049	1 853 445
8 a 10 anos	10 038 450	7 254 744	455 068	936 607	93 744	136 494	40 289	198 829	908 803
11 a 14 anos	9 303 990	6 806 812	492 799	639 664	86 052	272 551	47 008	208 953	739 600
15 anos ou mais	2 793 094	2 059 144	142 598	75 797	21 769	159 630	13 889	75 610	241 615
Não determinados	563 617	439 436	16 256	48 444	3 621	3 377	1 168	6 870	43 761
Mulheres	61 488 930	45 128 679	2 877 322	7 007 034	661 415	1 143 272	254 377	1 263 995	3 074 028
Sem instrução e menos de 1 ano	7 175 015	5 462 389	199 639	911 381	62 343	27 823	18 651	99 669	373 192
1 a 3 anos	9 460 615	7 082 677	339 644	1 258 270	94 058	53 899	28 267	153 424	439 701
4 a 7 anos	18 787 181	13 691 850	816 430	2 433 344	207 210	177 417	76 558	365 385	998 354
8 a 10 anos	10 751 287	7 671 988	584 487	1 259 573	128 834	201 465	52 316	262 513	578 088
11 a 14 anos	11 653 406	8 491 113	740 515	975 739	135 203	440 851	59 311	292 300	506 466
15 anos ou mais	3 118 025	2 315 294	175 054	107 224	28 901	237 205	17 603	81 525	152 128
Não determinados	543 401	413 367	21 552	61 503	4 867	4 610	1 670	9 179	26 098

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião.

Censo Demográfico 2000

IBGE

Características gerais da população Resultados da amostra Tabelas de resultados

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

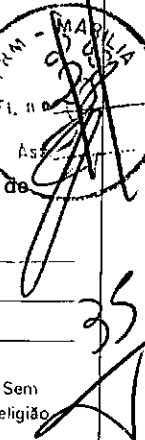
PRM - MARILIA
Fl. nº
Ass. 

Tabela 1.3.8 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, por religião, segundo a condição de atividade na semana de referência e os grupos de idade - Brasil

Condição de atividade na semana de referência e grupos de idade	Pessoas de 10 anos ou mais de idade								
	Total (1)	Religião							
		Católica apostólica romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiões	Sem religião
			De missão	De origem pentecostal	Outras evangélicas				
Total	136 910 358	101 399 361	5 673 648	13 749 284	1 284 513	2 026 478	468 619	2 504 311	9 588 967
10 a 14 anos	17 353 683	12 848 465	727 271	1 934 946	173 482	146 717	28 563	319 963	1 136 979
15 a 19 anos	17 949 289	13 305 461	695 649	1 659 146	154 831	174 533	40 747	296 285	1 591 183
15 a 17 anos	10 727 038	7 979 227	416 464	1 008 417	93 581	98 385	21 934	178 203	911 517
18 e 19 anos	7 222 250	5 326 235	279 185	650 729	61 250	76 147	18 813	118 081	679 666
20 a 24 anos	16 142 935	11 807 106	626 394	1 517 087	142 667	186 037	47 620	270 629	1 514 925
25 a 29 anos	13 847 499	10 018 439	577 629	1 420 669	139 514	185 318	49 724	246 159	1 186 158
30 a 39 anos	25 289 921	18 450 773	1 086 973	2 635 321	254 582	426 721	101 167	479 049	1 819 627
40 a 49 anos	19 273 412	14 342 681	793 981	1 920 617	184 315	396 510	90 630	362 139	1 159 089
50 a 59 anos	12 514 631	9 421 380	522 511	1 278 799	113 560	250 697	57 239	233 405	622 852
60 a 69 anos	8 191 598	6 248 829	357 279	826 627	71 674	148 174	33 178	162 980	333 030
70 a 79 anos	4 559 783	3 545 809	205 418	411 062	36 563	81 760	15 163	95 851	162 300
80 anos ou mais	1 787 607	1 410 418	80 543	145 012	13 325	30 011	4 588	37 852	62 823
Economicamente ativos	77 467 473	57 333 750	3 226 172	7 219 858	702 010	1 253 614	294 936	1 396 987	5 954 580
10 a 14 anos	1 624 539	1 242 012	59 547	165 192	13 545	6 135	1 896	23 309	109 995
15 a 19 anos	8 892 002	6 557 220	345 380	849 023	78 205	73 853	21 478	146 281	807 319
15 a 17 anos	4 326 442	3 204 487	163 118	428 955	38 200	29 456	9 054	69 624	376 725
18 e 19 anos	4 565 559	3 352 732	182 262	420 068	40 004	44 396	12 423	76 657	430 594
20 a 24 anos	11 920 167	8 710 720	482 355	1 088 007	105 162	143 473	37 462	204 988	1 131 646
25 a 29 anos	10 682 551	7 747 439	457 689	1 026 031	104 846	159 055	40 663	191 601	942 765
30 a 39 anos	19 710 560	14 421 899	861 949	1 911 741	190 627	364 393	82 290	371 157	1 486 726
40 a 49 anos	14 199 921	10 626 174	588 101	1 286 213	128 505	313 002	68 213	266 017	911 602
50 a 59 anos	7 147 405	5 452 500	291 602	630 338	58 192	142 006	31 492	130 277	405 404
60 a 69 anos	2 572 170	2 001 421	108 585	214 068	18 013	41 098	9 580	49 436	127 808
70 a 79 anos	618 312	494 270	26 989	42 801	4 101	9 362	1 571	12 020	26 508
80 anos ou mais	99 847	80 097	3 975	6 444	814	1 239	291	1 901	4 809
Não economicamente ativos	59 442 884	44 065 610	2 447 475	6 529 426	582 503	772 863	173 683	1 107 324	3 634 386
10 a 14 anos	15 729 144	11 606 454	667 723	1 769 753	159 937	140 583	26 667	296 654	1 026 984
15 a 19 anos	9 057 287	6 748 242	350 269	810 123	76 626	100 680	19 269	150 004	783 864
15 a 17 anos	6 400 596	4 774 739	253 346	579 462	55 381	68 929	12 880	108 579	534 793
18 e 19 anos	2 656 691	1 973 503	96 923	230 661	21 245	31 751	6 390	41 425	249 071
20 a 24 anos	4 222 768	3 096 385	144 039	429 080	37 505	42 564	10 158	65 642	383 280
25 a 29 anos	3 164 949	2 271 000	119 940	394 638	34 669	26 263	9 061	54 558	243 392
30 a 39 anos	5 579 361	4 028 874	225 024	723 580	63 955	62 328	18 877	107 892	332 901
40 a 49 anos	5 073 491	3 716 507	205 880	634 404	55 809	83 508	22 417	96 122	247 488
50 a 59 anos	5 367 226	3 968 880	230 908	648 461	55 367	108 690	25 748	103 128	217 448
60 a 69 anos	5 619 428	4 247 408	248 693	612 559	53 661	107 076	23 598	113 544	205 223
70 a 79 anos	3 941 470	3 051 539	178 430	368 261	32 462	72 399	13 592	83 830	135 792
80 anos ou mais	1 687 760	1 330 321	76 568	138 568	12 512	28 772	4 296	35 951	58 014

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião.



Censo Demográfico 2000
Características gerais da população Resultados da amostra Tabelas de resultados

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Tabela 1.3.9 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por religião, segundo o sexo e a posição na ocupação no trabalho principal - Brasil

Sexo e posição na ocupação no trabalho principal	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência								
	Total (1)	Religião							Sem religião
		Católica apostólica romana	Evangélicas			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiões	
De missão	De origem pentecostal	Outras evangélicas							
Total	65 629 892	49 081 064	2 763 417	5 854 990	574 114	1 093 019	234 531	1 159 614	4 805 990
Empregados (2)	43 694 129	32 284 518	1 813 009	4 062 593	400 507	756 466	165 169	779 857	3 387 565
Empregadores	1 897 842	1 443 563	97 460	99 626	16 526	71 434	6 415	49 922	111 558
Conta-própria	15 396 247	11 423 304	679 759	1 411 400	135 798	251 159	60 111	289 617	1 132 133
Não remunerados em ajuda a membro do domicílio	2 608 533	2 157 383	133 114	171 109	14 168	11 666	1 995	26 616	89 861
Trabalhadores na produção para o próprio consumo	2 033 141	1 772 297	40 076	110 261	7 116	2 294	840	13 602	84 874
Homens	40 860 097	30 842 188	1 483 798	3 335 765	311 144	509 559	122 985	630 573	3 586 179
Empregados (2)	25 484 477	18 931 197	904 798	2 189 906	204 452	325 602	82 568	397 564	2 422 901
Empregadores	1 409 936	1 084 791	67 772	69 746	11 089	43 452	4 115	35 542	92 509
Conta-própria	11 312 146	8 543 375	444 591	935 794	86 204	135 559	35 015	177 932	944 689
Não remunerados em ajuda a membro do domicílio	1 247 028	1 049 668	44 747	72 259	5 250	3 590	735	11 046	58 415
Trabalhadores na produção para o próprio consumo	1 406 509	1 233 157	21 889	68 060	4 148	1 355	552	8 489	67 665
Mulheres	24 769 796	18 238 876	1 279 619	2 519 225	262 970	583 460	111 547	529 041	1 219 811
Empregados (2)	18 209 652	13 353 321	908 211	1 872 687	196 055	430 864	82 601	382 292	964 664
Empregadores	487 906	358 772	29 688	29 880	5 436	27 982	2 301	14 380	19 048
Conta-própria	4 084 100	2 879 928	235 168	475 606	49 593	115 600	25 096	111 685	187 444
Não remunerados em ajuda a membro do domicílio	1 361 505	1 107 715	88 366	98 850	8 918	8 076	1 260	15 570	31 446
Trabalhadores na produção para o próprio consumo	626 632	539 140	18 186	42 201	2 968	939	288	5 113	17 209

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.
(1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião. (2) Inclusive os trabalhadores domésticos e os aprendizes ou estagiários sem remuneração.



Tabela 1.3.10 - Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, por religião, segundo o sexo e as classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos - Brasil

30
 30
 37

Sexo e classes de rendimento nominal mensal de todos os trabalhos (salário mínimo) (1)	Pessoas de 10 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência								
	Total (2)	Católica apostólica romana	Religião			Espírita	Umbanda e Candomblé	Outras religiões	Sem religião
			Evangélicas						
			De missão	De origem pentecostal	Outras evangélicas				
Total	65 629 892	49 081 064	2 763 417	5 854 990	574 114	1 093 019	234 531	1 159 614	4 805 990
Até 1/2	3 593 552	2 854 893	105 743	312 283	22 485	12 467	6 172	43 931	231 661
Mais de 1/2 a 1	11 730 982	8 952 843	398 937	1 111 558	88 147	71 612	32 526	167 980	894 674
Mais de 1 a 2	16 708 266	12 263 132	677 872	1 732 769	154 880	164 610	61 408	283 403	1 353 363
Mais de 2 a 3	8 267 885	6 001 839	359 882	857 398	83 675	118 205	33 080	157 170	648 885
Mais de 3 a 5	8 377 537	6 063 724	408 060	789 163	84 450	182 328	38 861	171 888	631 831
Mais de 5 a 10	7 274 064	5 300 654	387 317	543 259	73 800	266 043	36 116	163 495	497 102
Mais de 10 a 15	1 841 603	1 348 324	98 812	97 149	17 234	95 735	9 922	44 384	128 636
Mais de 15 a 20	1 195 322	881 727	59 874	50 378	10 708	67 313	5 851	31 691	86 985
Mais de 20 a 30	686 490	507 695	32 483	22 165	5 797	41 978	3 185	17 630	55 079
Mais de 30	942 649	706 867	41 764	27 653	7 756	48 239	3 207	29 982	76 438
Sem rendimento (3)	5 011 543	4 199 366	192 672	311 215	25 183	24 489	4 203	48 061	201 335
Homens	40 860 097	30 842 188	1 483 798	3 335 765	311 144	509 559	122 985	630 573	3 586 179
Até 1/2	1 843 805	1 501 685	41 098	118 446	8 357	4 173	2 176	16 476	149 216
Mais de 1/2 a 1	6 416 730	5 019 883	166 531	477 884	35 830	24 281	12 933	67 000	605 584
Mais de 1 a 2	9 982 362	7 432 359	324 350	920 652	76 061	60 818	28 566	134 905	994 880
Mais de 2 a 3	5 398 555	3 936 079	200 066	546 182	48 422	48 147	17 685	87 555	509 401
Mais de 3 a 5	5 883 810	4 274 785	254 155	567 876	54 078	79 854	22 723	109 143	516 335
Mais de 5 a 10	5 049 386	3 690 458	253 268	400 453	47 975	128 577	22 377	105 893	396 297
Mais de 10 a 15	1 279 394	945 210	67 788	71 567	10 991	51 052	6 147	28 747	96 954
Mais de 15 a 20	870 959	647 865	43 448	37 694	7 594	41 021	3 985	21 395	67 467
Mais de 20 a 30	513 928	383 612	24 201	17 327	4 271	27 001	2 139	12 372	42 633
Mais de 30	768 418	580 674	33 482	21 551	6 220	35 763	2 416	23 925	63 869
Sem rendimento (3)	2 852 750	2 429 578	75 411	156 133	11 344	8 872	1 838	23 163	143 542
Mulheres	24 769 796	18 238 876	1 279 619	2 519 225	262 970	583 460	111 547	529 041	1 219 811
Até 1/2	1 749 747	1 353 208	64 645	193 838	14 127	8 295	3 996	27 455	82 445
Mais de 1/2 a 1	5 314 251	3 932 960	232 406	633 674	52 317	47 330	19 593	100 980	289 090
Mais de 1 a 2	6 725 904	4 830 773	353 522	812 117	78 818	103 792	32 842	148 498	358 484
Mais de 2 a 3	2 869 330	2 065 760	159 816	311 216	35 253	70 058	15 395	69 615	139 484
Mais de 3 a 5	2 493 727	1 788 939	153 905	221 287	30 372	102 474	16 138	62 745	115 496
Mais de 5 a 10	2 224 678	1 610 196	134 049	142 806	25 825	137 466	13 739	57 602	100 805
Mais de 10 a 15	562 210	403 114	31 024	25 583	6 243	44 683	3 775	15 637	31 681
Mais de 15 a 20	324 363	233 863	16 426	12 683	3 114	26 292	1 866	10 296	19 518
Mais de 20 a 30	172 563	124 083	8 282	4 838	1 526	14 977	1 046	5 258	12 446
Mais de 30	174 230	126 192	8 282	6 102	1 535	12 476	792	6 058	12 569
Sem rendimento (3)	2 158 793	1 769 788	117 261	155 082	13 838	15 617	2 365	24 897	57 793

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

(1) Salário mínimo utilizado: R\$ 151,00. (2) Inclusive as pessoas sem declaração de religião. (3) Inclusive as pessoas que receberam somente em benefícios.



Censo Demográfico 2000

Características gerais da população Resultados da amostra Tabelas de resultados

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
 Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
 Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Tabela 9 - População residente, por religião, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 2000

Grandes Regiões e Unidades da Federação	População residente, por religião					
	Total	Católica apostólica romana	Evangélicos	Outras religiões	Sem religião	Sem declaração
Brasil	169 872 856	124 980 132	26 184 941	5 831 426	12 492 403	383 953
Norte	12 911 170	9 201 896	2 550 484	278 140	849 152	31 498
Rondônia	1 380 952	793 467	375 483	33 446	175 427	3 129
Acre	557 882	379 735	113 520	9 739	54 091	797
Amazonas	2 817 252	1 995 729	593 551	67 950	150 351	9 672
Roraima	324 397	215 566	72 947	6 610	28 487	787
Pará	6 195 965	4 569 774	1 119 823	131 898	360 745	13 725
Amapá	477 032	346 678	88 559	12 799	27 370	1 625
Tocantins	1 157 690	900 946	186 601	15 698	52 681	1 764
Nordeste	47 782 487	38 194 778	4 903 939	921 637	3 657 887	104 246
Maranhão	5 657 552	4 648 480	649 970	63 743	282 677	12 682
Piauí	2 843 428	2 554 155	170 917	27 375	86 806	4 175
Ceará	7 431 597	6 432 000	612 847	93 859	280 280	12 612
Rio Grande do Norte	2 777 509	2 321 344	247 755	37 283	166 412	4 715
Paraíba	3 444 794	2 924 154	303 151	35 545	177 303	4 641
Pernambuco	7 929 154	5 908 625	1 072 503	178 328	750 302	19 396
Alagoas	2 827 856	2 253 685	254 600	33 112	277 032	9 426
Sergipe	1 784 829	1 469 514	129 797	34 765	146 079	4 674
Bahia	13 085 769	9 682 822	1 462 399	417 627	1 490 997	31 925
Sudeste	72 430 193	50 100 464	12 685 289	3 369 575	6 084 121	190 743
Minas Gerais	17 905 134	14 091 479	2 437 186	529 178	822 855	24 436
Espírito Santo	3 097 498	1 953 386	773 129	69 158	297 594	4 232
Rio de Janeiro	14 392 106	8 016 396	3 163 741	887 595	2 268 018	56 355
São Paulo	37 035 456	26 039 203	6 311 233	1 883 645	2 695 655	105 720
Sul	25 110 348	19 438 123	3 849 564	799 341	988 603	34 717
Paraná	9 564 643	7 326 862	1 590 378	228 291	404 578	14 533
Santa Catarina	5 357 864	4 325 029	802 395	117 395	105 684	7 361
Rio Grande do Sul	10 187 842	7 786 231	1 456 791	453 655	478 341	12 823
Centro-Oeste	11 638 658	8 044 871	2 195 666	462 732	912 640	22 749
Mato Grosso do Sul	2 078 070	1 444 579	378 654	85 893	165 792	3 152
Mato Grosso	2 505 245	1 837 724	418 149	66 852	174 982	7 538
Goiás	5 004 197	3 405 443	998 802	196 352	394 601	8 999
Distrito Federal	2 051 146	1 357 125	400 061	113 635	177 266	3 060

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000.

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

Destaque do governo

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBGE

English Espanhol

Links Fale Conosco Mapa do Site

Busca

Busca avançada

Indicadores	População	Economia	Geociências	Canais	Download	Pesquisas
-------------	-----------	----------	-------------	--------	----------	-----------

Censo Demográfico - 2000 - Tabulação Avançada

Tabela 1.1.2 - População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo a religião - Brasil

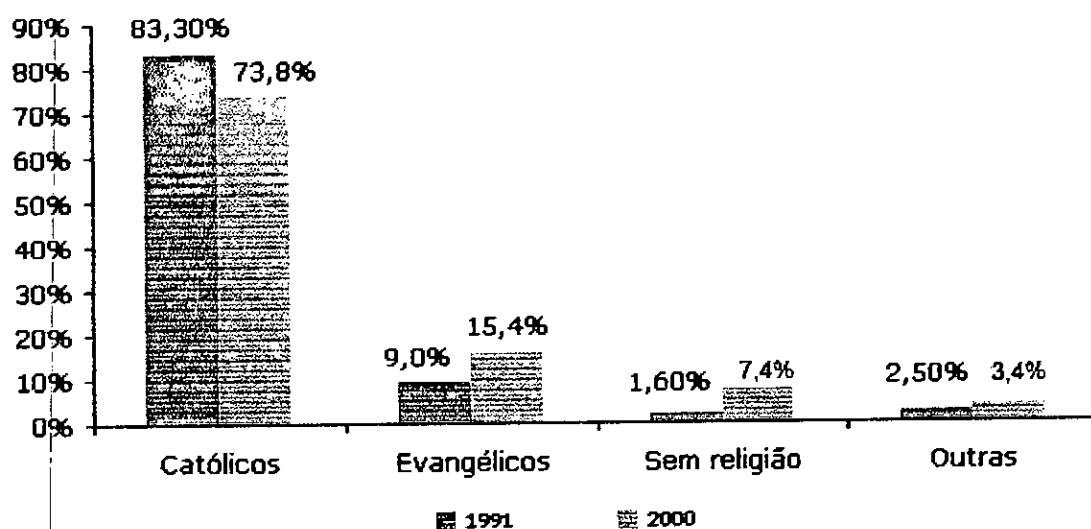
Religião	População residente						Situação do domicílio e sexo					
	Total	Homens	Mulheres	Total	Urbana	Rural	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total (1)	169 799 170	83 576	015 286	223 155	137 953	959 266	882 993	271 070	966 231	845 211	16 693	022 215
Católica apostólica romana	124 976 912	a 61 806 740	a 63 170 173	a 98 449 177	a 47 863 190	a 50 585 987	a 26 527 735	b 13 943 549	b 12 584 186	b		
Evangélicas De missão	26 166 930	c 11 497 751	c 14 669 179	c 22 777 074	c 9 899 531	c 12 877 543	c 3 389 856	d 1 598 219	d 1 791 636	d		
De origem pentecostal	7 159 383	c 3 154 727	d 4 004 656	c 6 125 626	c 2 649 749	d 3 475 877	d 1 033 757	f 504 978	f 528 779	f		
Outras religiões evangélicas	17 689 862	c 7 769 581	c 9 920 281	c 15 456 965	c 6 734 196	c 8 722 769	c 2 232 897	d 1 035 385	d 1 197 512	d		
Espírita	1 317 685	f 573 443	f 744 241	f 1 194 483	f 515 587	f 678 896	f 123 202	h 57 857	h 65 345	h		
Espiritualista	2 337 432	d 954 350	d 1 383 082	d 2 276 511	d 921 099	d 1 355 412	d 60 921	h 33 251	h 27 670	h		
Umbanda	39 840	i 8 550	j 31 290	j 39 548	i 8 550	j 30 998	j 292	k -	k 292	k		
Candomblé	432 001	f 210 019	f 221 981	f 419 562	f 203 265	f 216 297	f 12 439	j 6 754	j 5 685	j		
Judaica	139 328	g 68 126	g 71 202	h 138 037	g 67 443	g 70 593	h 1 291	k 683	k 609	k		
Budismo	101 062	h 48 978	h 52 084	h 101 062	h 48 978	h 52 084	h -	-	-	-		
Outras religiões orientais	245 870	g 120 246	h 125 625	g 240 302	g 116 705	h 123 598	g 5 568	k 3 541	k 2 027	k		
Islâmica	181 579	g 69 556	h 112 022	g 164 418	g 64 107	h 100 311	g 17 160	k 5 449	k 11 711	k		
Hinduísta	18 592	j 12 011	j 6 581	j 18 592	j 12 011	j 6 581	j -	-	-	-		
Tradições esotéricas	2 979	k 1 757	k 1 222	k 2 810	k 1 588	k 1 222	k 169	k 169	k -	k		
Tradições indígenas	67 288	h 30 498	h 36 790	h 66 196	h 30 236	h 35 959	h 1 092	k 261	k 831	k		
Outras religiosidades	10 723	i 4 991	i 5 732	j 9 516	i 4 927	i 4 589	j 1 207	k 64	k 1 144	k		
Sem religião	1 978 633	e 900 437	e 1 078 196	e 1 820 503	e 829 861	e 990 642	e 158 130	h 70 576	h 87 554	h		
Não determinadas	12 330 101	c 7 442 834	c 4 887 267	c 10 792 706	c 6 485 664	c 4 307 043	d 1 537 395	e 957 170	e 580 224	e		

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000
(1) Inclusive as pessoas sem declaração de religião

A Instituição | Locais de Atendimento | Estatísticas do Site | Prestação de Contas | Editais e Licitações



Distribuição da população por religião



Fonte: Censo Demográfico 2000: Resultados do Universo

http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/imagens/grfcarac_pop_g7_5.gif

21/5/2009

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

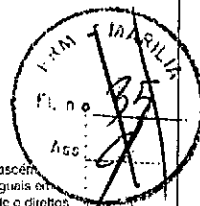
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

religião ou crença	Total			por situação domiciliar			por sexo		
	contingente	%	contingente	urbana	rural	contingente	homens	mulheres	
(total)	169872856	100	137925238	100	31947618	100	83642317	100	
Católicos	125518174	73,890	98030672	71,73	26578903	83,2	62171584	74,37	
Catolice apostolica romana	124980132	73,570	98475959	71,4	26504174	82,96	61901888	74,04	
Catolice apostolica brasileira	500582	0,295	430245	0,31	70332	0,22	250201	0,3	
Caldeia ortodoxa	38060	0,022	33668	0,02	4392	0,01	14955	0,02	
Igrejas evangélicas	26184941	15,410	22736918	16,48	3448031	10,79	11444063	13,69	
de missão (total)	6939765	4,085	6081008	4,36	931665	2,92	3062194	3,66	
Batista	3162691	1,862	2912163	2,11	256528	0,78	1344946	1,61	
Adventista	1209842	0,712	1029949	0,75	179893	0,56	538931	0,65	
Luterana	1062145	0,625	681345	0,49	380800	1,19	523994	0,63	
Presbiteriana	981064	0,578	904552	0,66	76512	0,24	423458	0,51	
Metodista	340963	0,201	325342	0,24	15620	0,05	146246	0,18	
Congregacional	148836	0,088	135117	0,09	23719	0,07	64937	0,08	
Outras	34224	0,020	29630	0,02	4593	0,01	15642	0,02	
de origem pentecostal	17617307	10,370	15250485	11,06	2361222	7,39	7677125	9,18	
Assembleia de Deus	8418140	4,956	6857429	4,97	1560711	4,89	3804658	4,55	
Congregação Cristã no Brasil	2491113	1,465	2148941	1,56	340172	1,07	1130329	1,33	
Universal do reino de Deus	1318805	1,237	1093488	1,45	108399	0,34	800227	0,96	
Evangelho quadrangular	774830	0,456	649252	0,47	125577	0,39	311707	0,37	
Deus é amor	277342	0,163	266529	0,19	10803	0,03	117789	0,14	
Mormão	175618	0,103	159713	0,12	15904	0,05	76132	0,09	
Brasil para Cristo	128676	0,076	120891	0,09	7785	0,02	51557	0,06	
Casa da benção	92315	0,054	91008	0,07	1207	0,00	35552	0,04	
Nova vida	1840581	1,084	1715538	1,24	125033	0,39	784359	0,94	
Outras	1046487	0,616	945874	0,69	100612	0,32	454087	0,54	
sem vínculo institucional (total)	336259	0,198	305734	0,22	30525	0,1	144707	0,17	
de origem pentecostal	710227	0,418	640148	0,46	70087	0,22	304380	0,37	
Outras	581389	0,342	526836	0,38	54532	0,17	286657	0,35	
outras religiões evangélicas	2262401	1,332	2206418	1,6	55983	0,18	928967	1,11	
Espírita cristã	1540064	0,907	1441868	1,05	98175	0,31	646264	0,77	
Outras cristãs (total)	1104886	0,650	1045608	0,76	59286	0,19	450683	0,54	
Testemunhas de Jeová	199645	0,118	195198	0,14	4446	0,01	92197	0,11	
Mormão	235533	0,139	201090	0,15	34443	0,11	103484	0,12	
Outras	397431	0,234	385148	0,28	12283	0,04	172393	0,21	
Hinduísta	214873	0,126	203772	0,15	11101	0,04	90722	0,11	
Novas religiões orientais (total)	151080	0,089	145914	0,11	5166	0,02	58784	0,07	
Novas religiões orientais	109310	0,064	106467	0,08	2843	0,01	41478	0,05	
Messianismo mundial	41770	0,025	39447	0,03	223	0,01	17306	0,02	
Outras	127582	0,075	123214	0,09	4368	0,01	57206	0,07	
Candomblé	86825	0,051	86316	0,06	509	0,00	43597	0,05	
Judaísmo	58445	0,034	55603	0,04	2752	0,01	27637	0,03	
Tradições esotéricas	27239	0,016	27053	0,02	183	0,00	16232	0,02	
Islâmica	25889	0,015	24507	0,02	1382	0,00	10901	0,01	
Espiritualista	17088	0,010	16463	0,01	10625	0,03	9175	0,01	
Tradições indígenas	2905	0,002	2861	0,00	43	0,00	1521	0,00	
Hinduísmo	15484	0,009	13243	0,01	2241	0,01	7393	0,01	
Outras religiões	7832	0,005	7244	0,01	588	0,00	3764	0,01	
Outras religiões orientais	71492403	7,354	10895988	7,9	1596414	5	7540682	9,02	
Sua religião	383953	0,226	312014	0,23	71913	0,23	206245	0,25	
sem declaração	357648	0,211	310729	0,23	46929	0,15	159191	0,19	

http://p.wikiplia.org/wiki/Religi%C3%A3es_no_Brasil?title=note-6

Artigo 1º

Todos nascem
livres e iguais em
dignidade e direitos



EXCELENTÍSSIMO SENHORA MINISTRA DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL – DD. CARMEM LÚCIA – RELATORA DA ADIN 3714.

CONECTAS DIREITOS HUMANOS, associação civil sem fins lucrativos, devidamente constituída na forma da lei como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, inscrita no CNPJ sob o n. 04.706.954/0001-75, com sede na Rua Pamplona, 1197, casa 4, Jardins, São Paulo/ SP, neste ato representado por seu Diretor Executivo e bastante representante legal nos termos de seu estatuto (doc.1), Oscar Vilhena Vieira, brasileiro, casado, portador da cédula de identidade RG n. 11.959.493, inscrito no CPF n. 134.864.508-32, residente e domiciliado à Rua Gabriel de Resende Passos, 433, 1ª andar, São Paulo/ SP (doc.2), vem respeitosamente à presença de V. Exa., por seus advogados constituídos (doc. 1A), com fundamento no § 2º do artigo 7º da Lei 9.868/99, manifestar-se na qualidade de

Amicus Curiae na Ação Direta de Inconstitucionalidade 3714

ajuizada pela Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino - CONFENEN, tendo por objetivo a procedência do pedido de declaração de inconstitucionalidade da Lei Estadual nº 12.142, de 08 de dezembro de 2005, publicada pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, pelas razões e argumentos a seguir expostos:



Rua Pamplona, 1197, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel.: (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

SUMÁRIO DE ARGUMENTOS

Da legitimidade da entidade para figurar como *amicus curiae* nesta ADIn. A participação de entidades da sociedade civil nas ações declaratórias de inconstitucionalidade está prevista na Lei 9.868/99, mais especificamente no parágrafo 2º do artigo 7º. Tais manifestações têm por objetivo democratizar o mecanismo de controle concentrado de constitucionalidade e pluralizar o debate público e político em matérias de relevância, como na ADIn 3714.

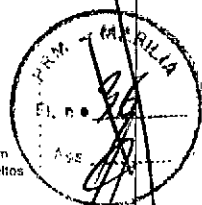
Antecedentes da Lei 12.142/2005 do Estado de São Paulo A luta pela separação entre a Igreja e o Estado marca a consolidação da República brasileira. A Constituição Federal de 1988 reafirmou posicionamento adotado pelas Constituições anteriores, reconhecendo a República laica. Assim, a Lei 12.142 do Estado de São Paulo vai contra a separação da esfera religiosa das competências do Estado, representando afronta à ordem jurídica vigente.

Inconstitucionalidade da Lei 12.142/2005 A Constituição Federal de 1988 coloca o poder público numa posição de imparcialidade e ao mesmo tempo de pluralismo em relação às religiões. A lei estadual impugnada, ao estabelecer que todas as provas de concursos públicos e de vestibulares sejam realizadas durante período não coincidente com a guarda religiosa pretende exatamente conjugar essas esferas da razão e da fé, representando uma ofensa ao Princípio do Estado Laico. Além disso, viola o princípio da isonomia e da impessoalidade ao estabelecer preferências entre credos e crentes, privilegiando uns e ignorando os outros mais de quarenta tipos de religião existentes em nosso país.

Experiência comparada - caso 93 BVerfGE I - Classroom Crucifix II Case (1995)- Alemanha¹ A ação 93 BVerfGE I, da Corte Federal Alemã serve de exemplo nesta mesma problemática. Decidiu a Corte: "(...), tornam defeso ao Estado o estabelecimento de uma igreja oficial, e proíbem a máquina estatal de oferecerem privilégios especiais para membros de religiões específicas. O número de adeptos ou a importância social do grupo religioso é irrelevante. Assim, o Estado é obrigado a dispensar o mesmo tratamento a todas as comunidades religiosas e ideológicas".

¹ The Constitutional Jurisprudence of the Federal Republic of Germany, P. Kommers, Donald, ed. Duke. Second Edition. 1997. págs. 472 a 486.





PRELIMINAR

I. DA LEGITIMIDADE PARA FIGURAR COMO *AMICUS CURIAE*

A Lei 9.868/99 permite às associações civis a manifestação nas ações declaratórias de inconstitucionalidade, na qualidade de *amicus curiae*. Dispõe o § 2º, do artigo 7º, da referida lei:

Art. 7º. (...) § 2º O relator, considerando a relevância da matéria e a representatividade dos postulantes, poderá, por despacho irrecorrível, admitir, observado o prazo fixado no parágrafo anterior, a manifestação de outros órgãos ou entidades.

De acordo com o entendimento que vêm adorando este Egrégio Supremo Tribunal Federal acerca da lei supra, são necessários dois requisitos para que se permita a participação de outros atores nas ações diretas de inconstitucionalidade, quais sejam: a representatividade dos postulantes e a relevância da matéria tratada.

Ao dispor sobre a representatividade dos postulantes, este Egrégio Tribunal pontou que a figura dos *amici curiae* não está destinada à defesa de interesses individuais ou corporativos², mas sim ao oferecimento de maiores informações e subsídios de relevância para o julgamento da ação. Em dissertação de mestrado destinada à análise da figura no *amicus curiae* no Supremo Tribunal Federal, ALMEIDA identificou³:

"De fato, se o Tribunal vinha construindo entendimento de que a função do amicus curiae é agregar informações que talvez não estejam no

² Como no julgamento da ADIn 3522, de relatoria do Ministro Marco Aurélio, e da ADIn 3311, com Ministro Joaquim Barbosa como relator.

³ ALMEIDA, Eloísa Machado, *Sociedade Civil e Democracia: a participação da sociedade civil como amicus curiae no Supremo Tribunal Federal*, dissertação de mestrado defendida na PUC/SP, em junho de 2006, p. 55.



CONECTAS

Rua Pamplona, 1197, casa 4 -- São Paulo/SP -- 01405-030 Brasil
Tel: (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

3



processo e oferecer argumentos sob a perspectiva do impacto social ou de uma visão especializada, o órgão ou entidade proponente do amicus curiae deve amparar sua legitimidade na pertinência de sua atividade, de sua missão institucional, com o objeto tratado na ação direta”.

No caso, a **Conectas Direitos Humanos** preenche os requisitos legais para se manifestar de ação cujo objeto traz à tona a análise do direito à liberdade religiosa e de crença, uma vez que tem como objetivo estatutário promover, apoiar, monitorar e avaliar projetos em direitos humanos em nível nacional e internacional, em especial: promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais e promoção de direitos estabelecidos (www.conectas.org).

Ademais, este Egrégio Supremo Tribunal Federal vem identificando que a participação da sociedade civil tem o escopo de democratizar o controle concentrado de constitucionalidade, oferecendo-se novos elementos para os julgamentos:

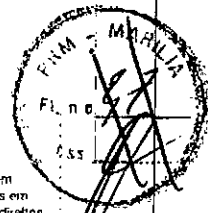
“EMENTA: AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE. INTERVENÇÃO PROCESSUAL DO AMICUS CURIAE. POSSIBILIDADE. LEI Nº 9.868/99 (ART. 7º, § 2º). SIGNIFICADO POLÍTICO-JURÍDICO DA ADMISSÃO DO AMICUS CURIAE NO SISTEMA DE CONTROLE NORMATIVO ABSTRATO DE CONSTITUCIONALIDADE. PEDIDO DE ADMISSÃO DEFERIDO.

- No estatuto que rege o sistema de controle normativo abstrato de constitucionalidade, o ordenamento positivo brasileiro processualizou a figura do *amicus curiae* (Lei nº 9.868/99, art. 7º, § 2º), permitindo que terceiros - desde que investidos

4


CONECTAS
Rua Pamplona, 1197, casa 4 -- São Paulo/SP -- 01405-030 Brasil
Tel : (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Artigo 1º

Todos nascem
livres e iguais em
dignidade e direitos

de representatividade adequada - possam ser admitidos na relação processual, para efeito de manifestação sobre a questão de direito subjacente à própria controvérsia constitucional.

- A admissão de terceiro, na condição de *amicus curiae*, no processo objetivo de controle normativo abstrato, qualifica-se como fator de legitimação social das decisões da Suprema Corte, enquanto Tribunal Constitucional, pois viabiliza, em obséquio ao postulado democrático, a abertura do processo de fiscalização concentrada de constitucionalidade, em ordem a permitir que nele se realize, sempre sob uma perspectiva eminentemente pluralística, a possibilidade de participação formal de entidades e de instituições que efetivamente representem os interesses gerais da coletividade ou que expressem os valores essenciais e relevantes de grupos, classes ou estratos sociais.

Em suma: a regra inscrita no art. 7º, § 2º, da Lei nº 9.868/99 - que contém a base normativa legitimadora da intervenção processual do *amicus curiae* - tem por precípua finalidade pluralizar o debate constitucional" (ADIn 2130, Relator Ministro Celso de Mello).

Ressalte-se que em questão semelhante a esta ora discutida, a organização proponente deste *amicus curiae* apresentou sua manifestação e foi admitida na ADIn 3268, com o seguinte despacho do ilustre Ministro Relator Celso de Mello:

"Admito, na condição de amici curiae, a **Conectas Direitos Humanos** e o CDH, eis que se acham atendidas, na espécie, as condições fixadas no art. 7º, §2º da Lei n.º 9.868/99. (...). Impõe-se registrar, neste ponto, que a razão de ser que

5



Rua Pamplona, 1197, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel : (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 55

primordialmente justifica a intervenção do *amicus curiae* apóia-se na necessidade de pluralizar o debate em torno da constitucionalidade ou não de determinado ato estatal, em ordem a conferir maior coeficiente de legitimidade democrática ao julgamento a ser proferido pelo Supremo Tribunal Federal (...) (DJU 02/02/2001).

MÉRITO

I. ANTECEDENTES DA LEI 12.142/2005 DO ESTADO DE SÃO PAULO

Na história política brasileira, a luta pela separação entre a Igreja Católica e o Estado se estabelece ainda no império, quando o catolicismo era adotado como religião oficial, sendo o culto público das demais expressões de fé proibido conforme se verifica no artigo 5º da Constituição de 1824:

Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo.

Neste período, como explica José Reinaldo Lima Lopes, em *O Direito na História – lições introdutórias*, "o clero católico era tratado ramo do funcionalismo público, e as rendas da Igreja eram matérias de Estado", isto sem dizer nas funções públicas que eram reservadas à Igreja, como registros civis.

A reação a esta relação de identidade entre igreja e Estado vinha não apenas das outras religiões, como do próprio clero liberal.

Esta tendência pode ser detectada pela seguinte passagem do Padre Feijó, na mesma obra, que se demonstra contrário ao ensino de dogmas religiosos nas

6

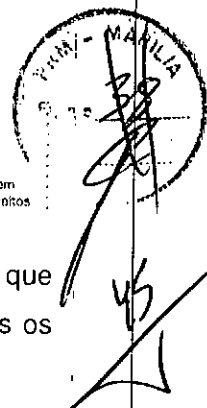


Rua Pamplona, 1197, casa 4 -- São Paulo/SP -- 01405-030 Brasil
Tel : (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



escolas elementares do Império "por não ser muito conforme a Constituição que tem considerado os princípios da tolerância. Ensinar sim a moral cristã, mas os dogmas seriam assunto das paróquias (...)".⁴

Foi somente com a proclamação da República que se deram os primeiros passos para a criação de um Estado laico, sendo marco dessa mudança o Decreto 119 – A, de 7 de janeiro de 1890. No ano seguinte, a Constituição da República de 1891 reafirma a ruptura de identidade entre o estado brasileiro e a religião católica, como pode se extrair do seu art. 72:

Art. 72. A Constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no país a inviolabilidade dos direitos concernentes à liberdade, à segurança individual e à propriedade nos termos seguintes:
(...)

§ 3.º Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.

Na mesma linha, as Constituições Republicanas subseqüentes também afirmaram a laicização do Estado Brasileiro, assim como o direito à liberdade religiosa.

Por sua vez, nossa atual Constituição Federal de 1988 reafirma o posicionamento adotado pelas constituições anteriores, reconhecendo nossa República Federativa como um Estado laico, vedando ao Estado brasileiro tanto o fomento de cultos religiosos quanto o seu embaraço (art. 19, I), colocando, dessa forma, o poder público numa posição de imparcialidade.

Em acréscimo, a Constituição consolida: a liberdade de crença como direito fundamental (art. 5º, VI); a proibição de se privar alguém de direitos por motivo

⁴ Malheiros. São Paulo, 2002. p 325/326.



Rua Pamplona, 1197, casa 4 – São Paulo/SP – 01405-030 Brasil
Tel.: (55 11) 3884 7440 – Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org



de crença religiosa (art.5º, VIII); e o direito a assistência religiosa àqueles em entidades de internação coletivas, civil e militar (art. 5º, VII).

Na contramão da referida evolução histórica de nosso sistema jurídico com a qual se alcançou uma clara separação da atuação Estatal das atividades e dogmas religiosos, a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo promulgou a Lei 12.142/2005 com os seguintes dispositivos:

Artigo 1º - As provas de concurso público ou processo seletivo para provimento de cargos públicos e os exames vestibulares das universidades públicas e privadas serão realizados no período de domingo a sexta-feira, no horário compreendido entre as 8h e as 18h.

§ 1º - Quando inviável a promoção de certames em conformidade com o "caput", a entidade organizadora poderá realizá-los no sábado, devendo permitir ao candidato que alegar motivo de crença religiosa a possibilidade de fazê-los após as 18h.

§ 2º - A permissão de que trata o parágrafo anterior deverá ser precedida de requerimento, assinado pelo próprio interessado, dirigido à entidade organizadora, até 72 (setenta e duas) horas antes do horário de início do certame.

§ 3º - Na hipótese do § 1º, o candidato ficará incomunicável desde o horário regular previsto para os exames até o início do horário alternativo para ele estabelecido previamente.

Artigo 2º - É assegurado ao aluno, devidamente matriculado nos estabelecimentos de ensino público ou privado, de ensino fundamental, médio ou superior, a aplicação de provas em dias não

8



Rua Pamplona, 1197, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel.: (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



Artigo 1º

Todos nascem
livres e iguais em
dignidade e direitos.

coincidentes com o período de guarda religiosa previsto no "caput" do artigo 1º.

§ 1º - Poderá o aluno, pelos mesmos motivos previstos neste artigo, requerer à escola que, em substituição à sua presença na sala de aula, e para fins de obtenção de frequência, seja-lhe assegurada, alternativamente, a apresentação de trabalho escrito ou qualquer outra atividade de pesquisa acadêmica, determinados pelo estabelecimento de ensino, observados os parâmetros curriculares e plano de aula do dia de sua ausência.

§ 2º - Os requerimentos de que trata este artigo serão obrigatoriamente deferidos pelo estabelecimento de ensino.

Artigo 3º - As despesas decorrentes da execução desta lei correrão à conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Artigo 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Com isso, a Lei Paulista *sub judice*, buscando defender os interesses de seguidores de uma determinada crença religiosa, estabelece normas que estão em direto confronto com os Princípios de nosso Estado Laico em evidente afronta a nossa Carta Magna conforme restará demonstrado.

II. INCONSTITUCIONALIDADE DA LEI 12.142/2005 DO ESTADO DE SÃO PAULO FRENTE AOS PRINCÍPIOS DA LAICIDADE DO ESTADO; DA LIBERDADE DE CRENÇA E DA NÃO DISCRIMINAÇÃO



CONECTA

Rua Pamplona, 1197, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel: (55 11) 3084 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

9

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

A Constituição Federal, sem seu artigo 19, I, dispõe:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.

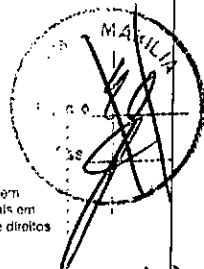
Este enunciado representa a separação entre poder político e poder divino, inscrito em nossa Constituição Federal. De fato, esta separação serviu de base à formação dos Estados modernos, além de ser identificada como pressuposto fundamental de respeito e proteção aos direitos fundamentais de ordem religiosa, quer na garantia à liberdade de religião e crença como de respeito, por parte do Estado, a todos os cultos.

Conforme demonstra W. Durhan, em seu *Perspectives on Religion Liberty: a comparative framework*, há uma relação direta entre identidade de Estado e Igreja e a liberdade religiosa. Nesse sentido quanto maior for a identidade entre o Estado e uma determinada religião, maior será a tendência de que o culto as demais religiões seja obstaculizado⁵.

Assim, o afastamento entre igreja e Estado está no cerne da formação de Estados liberais. Somente esta imparcialidade e tolerância do Estado face às diversas religiões é que permite ao indivíduo a livre escolha de sua fé. Durhan destaca, no entanto, que não se deve confundir a idéia liberal de separação entre igreja e Estado com a histórica criminalização da prática religiosa por Estados totalitários, que assistimos na ex-União Soviética e na China no século

⁵ in *Comparative Constitutional Law*, cd Vicki Jakson e Mark Tushnet, Nova York, 1998, p. 1157 e ss.





passado, onde o estado não apenas se tornou laico como buscou impor a todos os indivíduos a mesma condição.

No Brasil, como já sustentado nos antecedentes deste *amicus curiae*, a definição de estado laico se deu com o advento da República e o atual enunciado constitucional não permite que pairam dúvidas sobre qual deva ser a postura do Estado para com as religiões.

O artigo 19, I da CF/88 supra citado demarca as relações entre o poder público e a religião. Em primeiro lugar, proíbe que o Estado adote ou estabeleça um culto religioso como oficial. Em segundo lugar, proíbe que o Estado subsidie ou apóie com os seus recursos cultos ou igrejas de quaisquer religiões. Em terceiro lugar, veda ao poder público estabelecer impedimentos à livre organização de cultos e igrejas. Por fim o constituinte de 1988 reforça a idéia de que não pode haver vínculo de dependência ou aliança entre poder público e religião.

Assim, é possível identificar um aspecto positivo e outro negativo na laicidade do Estado: positivo, na medida em que o Estado deve tornar possível o exercício dos cultos; e negativo, quando o Estado não age em nome e em prol de uma ou mais religiões.

Neste sentido, ao analisarmos a Lei 12.142/2005, do Estado de São Paulo, percebemos que o mandamento ali estipulado de que todas as provas de concursos públicos e de vestibulares sejam realizadas durante período não coincidente com a guarda religiosa, isto é, sábado, vai de encontro ao estabelecido na Constituição, além de contrariar a própria noção de estado laico.

Como visto, a lei impugnada estabelece que o Estado, ao promover concursos públicos, deve agir tal qual crente de uma religião, procedendo ao dia de guarda religiosa, abstando-se de realizar atividades no dia de sábado – e tão somente aos sábados.

A legislação ora impugnada claramente distorce o caráter laico da Constituição Federal, evidenciando inconstitucionalidades em três aspectos: quando impõe

11



Rua Pamplona, 1197, casa 4 – São Paulo/SP – 01405-030 Brasil
Tel.: (55 11) 3884 7440 – Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



ao Estado uma obrigação, um ônus, que não lhe cabe, isto é, de interferência do sagrado nos assuntos de estado; quando acolhe algumas religiões e dia de guarda religiosa, apoiando-as de alguma forma; e, consequência direta desta última, quando discrimina explicitamente outras religiões, não congratulando seus dias de resguardo.

De fato, o mandamento do artigo 19, I da Constituição, como já explicado, impede que o Estado brasileiro adote uma religião como oficial.

Ocorre que, quando a Lei 12.142/2005 determina que os concursos públicos deixem de ser organizados aos sábados, por ser dia de guarda religiosa, acaba por assumir partido das religiões que adotam os sábados como "dia sagrado", ou seja, age como membro, seguidor ou fiel de certa religião, descaracterizando sua laicidade.

Assim ensinam RIVERO e MOUTOUH⁶, ao discorrer sobre o Estado laico e liberdades religiosas:

"[A religião] Não constitui mais do que o exercício de uma liberdade reconhecida aos cidadãos. Todo elemento de direito público desaparece de seu regime. O Estado laico é, pois, aquele que se situa fora de toda obediência religiosa e deixa no setor privado as atividades confessionais."

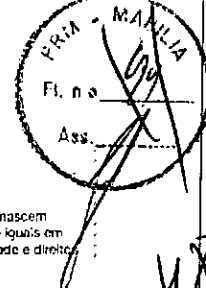
Ademais, ao eleger um determinado dia de resguardo religioso, o faz em detrimento de outras religiões, que possam eventualmente possuir outros dias como sagrados. Neste problema reside tanto a essência da laicidade do Estado como da inconstitucionalidade da norma: ao escolher que apenas os seguidores de religiões que possuam os sábados como dias de guarda religiosa, o Estado passa a subsidiar algumas religiões com seu aparato público, o que é expressamente vedado pela Constituição, no já expresso artigo 19, I; de outro

⁶ RIVERO, Jean e MOUTOUH, Hugues. *Liberdades públicas*, Martins Fontes, São Paulo, 2006, p. 539.



Rua Pamplona, 1197, casa 4 -- São Paulo/SP -- 01405-030 Brasil
Tel.: (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org





Artigo 10

Todos nascem
livres e iguais em
dignidade e direitos

lado, o Estado também passa a discriminar diretamente outras religiões, ao passo que não as congratula na lei.

Justamente por este motivo é que a Constituição impede ao Estado que privilegie uma religião em detrimento das demais, como ocorre na Lei 12.142/2005. Ao eleger uma religião como passível de receber benesses do Estado, as demais são discriminadas, o que também é inconstitucional. Por isso que é imposto ao Estado que se abstenha de apoiar ou subsidiar qualquer religião.

Apenas para dar a exata dimensão do problema, caso o Estado escolhesse por não realizar as provas de concursos públicos em dias de resguardo religioso, deveria fazê-lo com a observância de todas as religiões existentes no país, a fim de não promover apoio a apenas algumas e discriminação das demais. E isto, Excelências, é impossível.

Segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em amostra realizada em domicílios, o Censo identificou ao menos 43 religiões distintas dentre as crenças dos brasileiros, sem contar as religiões identificadas em conjunto, aqueles sem religião ou de religiosidade indefinida. Para exemplificar, segue o rol de religiões apresentado pelo Censo, bem como a porcentagem aproximada de crentes⁷:

- católica apostólica romana – 73%
- católica apostólica brasileira
- católica ortodoxa
- evangélica de missão – 15%
- evangélica luterana
- evangélica presbiteriana
- evangélica metodista
- evangélica batista
- evangélica congregacional
- evangélica adventista

⁷ Valores aproximados.



CONECTAS

Rua Pamplona, 1197, casa 4 -- São Paulo/SP -- 01405-030 Brasil
Tel : (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

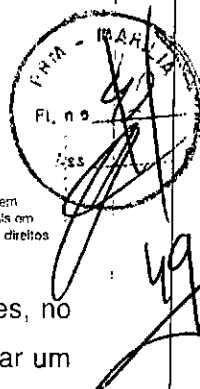


- evangélicas pentecostais
- assembléia de Deus
- congregacional cristã do Brasil
- Brasil para Cristo
- evangelho quadrangular
- universal reino de Deus
- casa da benção
- Deus é amor
- maranata
- nova vida
- evangélicos sem vínculo institucional,
- cristã – 0,14%,
- outras religiões cristãs
- Jesus Cristo dos últimos dias – 0,11%,
- testemunhas de Jeová – 0,65%
- espírita – 1,35%
- espiritualista – 0,015%
- umbanda – 0,25%
- candomblé – 0,08%
- judaísmo – 0,05%
- hinduísmo – 0,002%
- islamismo – 0,016%
- budismo – 0,12%
- novas religiões orientais – 0,1%
- messiânica mundial
- outras religiões orientais
- esotérica – 0,035%
- tradições indígenas – 0,01%
- outras religiosidades – 0,01%
- sem religião – 7,5%
- religiões não determinadas – 0,21%
- sem declaração – 0,23%.



Rua Pamplona, 1187, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel: (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org





Artigo 10

Todos nascem
livres e iguais em
dignidade e direitos

Conforme se vê, a diversidade brasileira é imensa, há crentes e seguidores, no Brasil, de mais de 40 religiões diferentes. Isso significa dizer que, ao se criar um texto legal para defender dogmas religiosos, dever-se-ia atender a todos os credos, crentes e descrentes, sob pena de discriminar algumas religiões.

Deve-se ressaltar que a Lei 12.142/2005 foi criada sob um falso propósito de observância ao direito de liberdade religiosa, previsto no artigo 5º, VI a VIII da CF/88. A editar a Lei, representantes do Estado de São Paulo se manifestaram que a Lei 12.142/2005 visa à promoção da garantia da liberdade de religião e culto, como veicula notícia extraída do sítio de internet oficial do Governo do Estado de São Paulo⁸:

"(...) As principais lideranças religiosas do Estado de São Paulo se reuniram neste sábado, 4 de março, em Jacareí, interior de São Paulo, para um dia totalmente dedicado à discussão da lei que guarda o sábado, em respeito às comunidades religiosas adventistas, judaicas e afro-brasileiras, entre outras. O evento contou com a presença do secretário da Justiça e da Defesa da Cidadania, Hédio Silva Jr. (...)

A lei 12142/2005, aprovada em São Paulo, de autoria do deputado estadual Campos Machado, é uma das primeiras a estabelecer essa garantia para concursos públicos, vestibulares e aulas nas escolas públicas. Estima-se que em todo Estado perto de um milhão de pessoas serão beneficiadas com a lei, dentre as quais se encontram cerca de 20 mil religiosos da região do Vale do Paraíba (...)"

Tal posicionamento, no entanto, é incorreto. A Constituição determina expressamente que o Estado é laico, sendo impedido de estabelecer uma

⁸ Notícia de www.justica.sp.gov.br, consultado em 17 de julho de 2006.



Rua Pamplona, 1197, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel.: (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org



religião oficial, de subsidiar e apoiar religiões, bem como de embaraçar cultos religiosos (artigo 19, I, CF/88).

A mesma Constituição determina que a liberdade religiosa é uma garantia fundamental, sendo vedado ao Estado interferir em tal crença (artigo 5º, VI, CF/88). Dispõe ainda que ninguém será privado do exercício de direitos por motivos de convicção religiosa, **salvo se a invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta** (artigo 5º, VIII, CF/88).

Percebe-se, assim, que a própria Constituição deu conta de sanar falsos dilemas existentes entre a liberdade religiosa e o Estado laico: é assegurado a todos a liberdade de crença, da mesma forma que a todos recaem obrigações legais, independentemente da religião que cultuam.

Se a própria Constituição assim determina, isto é, sendo a prova de concurso público uma obrigação imposta a todos os cidadãos que desejem adquirir cargos públicos, deve-se realizá-lo da mesma forma para todos, sob pena de desvirtuar o Estado laico e discriminar religiões, aí sim violando a liberdade de religião.

Como visto acima, a Lei 12.142/2005, ao invés de assegurar o direito de crença religiosa, cria alianças indevidas do Estado com determinados cultos, ademais de criar insuperável discriminação a dezenas de outras religiões. Trata-se, portanto, de um caso claro de desrespeito ao princípio da laicidade do Estado, uma vez que, apesar da Constituição assegurar a liberdade de crença, não autoriza que o Estado adote medidas para defender os interesses de uma determinada religião.

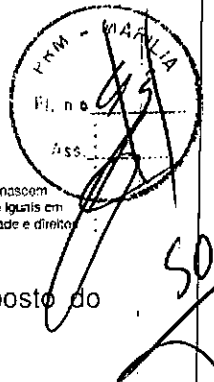
- Tanto o contrário, a Constituição, ao reafirmar a nossa República como laica, coloca-a em posição de neutralidade frente às diversas formas de expressão religiosas, e não em defesa de uma em específico.

Nesse contexto, verifica-se que a Lei 12.142/2005 não é defensora da liberdade de religião, mas sim defensora dos interesses de uma só crença, sendo, dessa forma inconstitucional ao colocar o Estado em uma posição de defensor de


CONECTAS
Rua Pamplona, 1197, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel : (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

16





Artigo 1º

Todos nascem
livres e iguais em
dignidade e direitos

interesses de um determinado credo, contrariando também o pressuposto do pluralismo de nosso Estado Democrático de Direito.

A mesma situação e entendimento podem ser verificados em julgamento realizado pelo Conselho de Estado na França em 14 de Abril de 1995, do caso "Consistoire central des israélites de France et autres" analisado por ISRAEL⁹:

"A valorização das obrigações dos alunos não deve impedir o bom funcionamento do serviço público do ensino. Assim, o Conselho de Estado considerou que o diretor de uma escola de ensino médio havia de forma legítima recusado conceder uma derrogação sistemática a um aluno do curso superior de exatas que desejava ser dispensado, por razões religiosas, das aulas matinais do sábado. O juiz declarou que 'as obrigações inerentes ao trabalho dos alunos no curso superior de exatas são obstáculo a que uma escolaridade normal seja acompanhada de uma derrogação sistemática à obrigação de presença no sábado, desde que a agenda comporte um número importante de aulas e de provas de conhecimento organizados nas manhãs de sábado' (...)"

Assim, ao discriminar outros grupos religiosos que não tenham dia de guarda aos sábados, a Lei fere o princípio da igualdade, inserto no *caput*, do artigo 5º:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes.

⁹ ISRAEL, Jean-Jacques, *Direito das liberdades fundamentais*, Manole, São Paulo, 2005, p. 522.



Rua Pamplona, 1197, casa 4 -- São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel : (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conecta.org



De fato, se a Lei 12.142/2005 privilegia os grupos religiosos de resguardo aos sábados em detrimento de outros, viola o princípio da igualdade, como afirma BANDEIRA DE MELLO¹⁰:

"O alcance do princípio não se restringe a nivelar os cidadãos diante da norma legal posta, mas que a própria lei não pode ser editada em desconformidade com a isonomia"

No mesmo sentido, FERREIRA FILHO¹¹:

"Como limitação ao legislador, proíbe-o de editar regras que estabeleçam privilégios, especialmente em razão da classe ou posição social, da raça, da religião, da fortuna ou do sexo do indivíduo. Inserido o princípio na Constituição, a lei que o violar será inconstitucional."

A lei paulista, ao estabelecer que as provas de vestibular e concurso público fossem realizadas em períodos não coincidentes com a guarda religiosa de uma determinada religião, violou o Princípio da Isonomia uma vez que tratou desigualmente os mais de 40 tipos de religião existentes em nosso país, levando em consideração os interesses de um único credo.

No contexto trazido pela legislação ora atacada, as pessoas que seguiram a religião que pregam a guarda religiosa aos sábados têm os horários de prova e concurso adaptados a sua crença, enquanto as demais, não. Evidente, portanto, a violação ao Princípio da Isonomia que acaba por somar ao do Estado Laico.

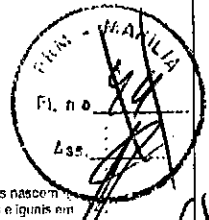
¹⁰ BANDEIRA DE MELLO, Celso Antonio, *Conteúdo jurídico do princípio da igualdade*, Malheiros, São Paulo, p. 10.

¹¹ FERREIRA FILHO, Manoel Gonçalves, *Curso de direito constitucional*, Saraiva, São Paulo, 2005, p. 280.



Rua Pamplona, 1197, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel : (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org





Artigo 1º

Todos nascem
livres e iguais em
dignidade e direitos

Se a alegação é de que a legislação paulista busca defender o direito fundamental de liberdade religiosa daqueles que realizam guarda aos sábados, como não defender o de todas? Nesse sentido, verifica-se o entrave administrativo criado pela lei 12.142/2005 uma vez que impraticável é a adaptação dos horários desses exames aos costumes religiosos de todas as religiões existentes. Impossível.

Este Supremo Tribunal Federal já analisou a questão em prisma muito semelhante ao ora colocado na ação direta de inconstitucionalidade ADIn 2.806. Em exemplar voto, cujo trecho pedimos vênias a transcrição, ficou estabelecido que a Administração, o Estado, não devem ser permeados sobre as questões de caráter religioso:

"Pergunto: seria constitucional uma lei de iniciativa do Poder Executivo que subordinasse assim o andamento da administração pública aos 'dias de guarda' religiosos? Seria razoável, malgrado fosse a iniciativa do governador, acaso crente de alguma fé religiosa que faz os seus cultos na segunda-feira à tarde, que todos esses crentes teriam direito a não trabalhar na segunda-feira e pedir reserva de outra hora para seu trabalho? É desnecessário à conclusão, mas considero realmente violados, no caso, princípios substanciais, a partir do *due process* substancial e do caráter laico da República".

Assim, patente é a inconstitucionalidade do dispositivo *sub judice*, devendo, portanto, ser declarado inconstitucional.



Rua Pamplona, 1197, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel : (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

III. A EXPERIÊNCIA ALEMÃ – CASO 93 BVERFGE I: CLASSROOM CRUCIFIX II CASE (1995)¹²¹³

No intuito de oferecer outros parâmetros sobre a questão, serve de exemplo a ação 93 BVerfGE I, da Corte Federal Alemã sobre esta mesma problemática. Neste caso, uma norma determinou que as escolas de Bavária, Alemanha, expusessem crucifixos em todas as salas de aula do ensino fundamental. Os pais de alunos contestaram a imposição dos crucifixos nas salas, sob o argumento de que isto feriria a opinião religiosa dos seus filhos, numa clara violação aos dispositivos constitucionais.

O mérito foi decidido em 1995 pelo 1º Senado, que acolheu, por unanimidade, o pleito dos pais dos alunos, pelos seguintes fundamentos:

“Preza o art. 4º da lei Básica do Estado:

I - A liberdade de fé, de consciência, e a liberdade de credo, religião ou ideologia, devem ser invioláveis.

II – A prática indiscriminada da religião é garantida.

O artigo 4º da Lei Básica protege a liberdade de crença. Através de sua leitura, depreende-se que é o indivíduo quem escolhe sua religião, e não o Estado. O Estado não pode proibir uma religião, nem a crença em uma religião. A liberdade de crença engloba não só a faculdade de se cultivar a fé individual, como a possibilidade de o indivíduo viver e agir de acordo com as suas convicções religiosas. E mais, a liberdade religiosa garante ao indivíduo o direito de participar das reuniões e cultos prescritos pelos dogmas religiosos nos quais acredita.

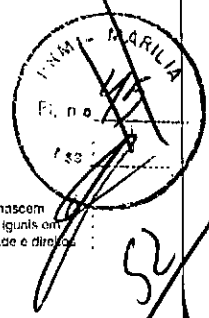
¹² The Constitutional Jurisprudence of the Federal Republic of Germany. P. Kommers, Donald, ed. Duke, Second Edition, 1997. págs. 472 a 486.

¹³ Este tópico foi feito com a colaboração de Renato Spolidoro, estagiário de direito da FMU/SP.



Rua Pamplona, 1197, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel : (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org





Artigo 1º

Todos nascem
livres e iguais em
dignidade e direitos

Neste contexto, o que não se pode admitir é que o Estado exponha símbolos ao indivíduo com o intuito de influenciá-lo, através da imposição de determinada crença, sem dar à criança, neste caso específico, a chance de evitar esta interferência, imposta através dos símbolos representativos das religiões.

O art. 4º enumera precisamente as esferas vitais que merecem tutela especial do Estado. Esta proteção é reforçada pelo art. 140 da Lei Básica e pelo art. 136 da constituição de Weimar. Estas garantias proíbem o estado de forçar alguém a participar de práticas religiosas. Tais dispositivos não são apenas disposições acerca da interferência do Estado sobre a fé individual e dos grupos religiosos. Através deles, o Estado é obrigado a proteger o indivíduo de ataques ou obstruções de praticantes de diferentes dogmas, ou de grupos religiosos dissidentes.

Além do mais, os citados artigos não concedem aos indivíduos, nem aos grupos religiosos, o direito de terem os seus comprometimentos religiosos suportados pelo Estado. **Ao contrário, a garantia da liberdade religiosa garantida pela Lei Básica impõe ao Estado uma postura de neutralidade em relação à fé e a religião dos indivíduos.**

Em consonância com este espírito de liberdade religiosa, os arts. 3º, 33º, e 140 da Lei Básica, aliados aos arts. 136 e 137 da Constituição de Weimar, **tornam defeso ao Estado o**

21



Rua Pamplona, 1197, casa 4 - São Paulo/SP - 01405-030 Brasil
Tel : (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87CA



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

estabelecimento de uma igreja oficial, e proibem a máquina estatal de oferecerem privilégios especiais para membros de religiões específicas. O número de adeptos ou a importância social do grupo religioso é irrelevante. Assim, o Estado é obrigado a dispensar o mesmo tratamento a todas as comunidades religiosas e ideológicas".

Esta jurisprudência alemã permite que se perceba a inconstitucionalidade das relações entre Estado e Religião e suas diversas consequências nas esferas de proteção de direitos fundamentais individuais.

PEDIDO

Diante de todo o exposto requer-se:

- a. seja aceita a presente manifestação na qualidade de amici curiae na ADIn 3714 com fundamento no artigo 7º, § 2º, da Lei nº 9.868/99;
- b. seja deferida medida cautelar na ADIn 3714, presentes o *fumus boni iuris* e *periculum in mora*;
- c. seja, sem prejuízo do pedido anterior, julgada procedente a presente ADIn, declarando-se a inconstitucionalidade da Lei 12.142/2005 do Estado de São Paulo, por violar os artigos, 5º, *caput*, 19, I e 37, *caput*, da Constituição Federal de 1988.
- d. seja permitida a sustentação oral dos argumentos.

São Paulo, 17 de julho de 2006.

Eloísa Machado de Almeida
OAB/SP 201.790

Humberto Polcaro Negrão
OAB/SP 248.502

22

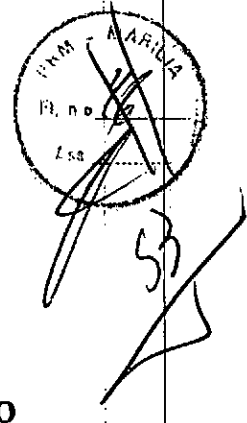


Rua Pamplona, 1197, casa 4 -- São Paulo/SP -- 01405-030 Brasil
Tel: (55 11) 3884 7440 - Fax (55 11) 3884 1122
www.conectas.org

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



O Crucifixo nos Tribunais e a Laicidade do Estado

Daniel Sarmento¹

1. Introdução

Diversos órgãos do Poder Judiciário brasileiro mantêm crucifixos² em salas de sessão e em outros espaços eminentemente públicos, inclusive o Supremo Tribunal Federal. Trata-se de uma prática antiga e disseminada, num país em que, por um lado, o catolicismo é a religião majoritária, e, por outro, não há uma tradição cultural enraizada de separação entre os espaços religioso e jurídico-estatal. Todavia, tal prática passou a sofrer contestações nos últimos tempos, baseadas na afirmação de violação ao princípio da laicidade do Estado, consagrado no art. 19, inciso I, da Constituição da República. No atual cenário, o tema passou a revestir-se de uma especial importância, na medida em que uma série de questões moralmente controvertidas – como o aborto de feto anencéfalo, a pesquisa em células-tronco e união entre pessoas do mesmo sexo –, tem chegado ao Judiciário brasileiro, e a Igreja católica vem se posicionando publicamente sobre estes temas, com pretensões de influir nos resultados das controvérsias judiciais.

Nesta linha, a ONG *Brasil para Todos* formulou ao Conselho Nacional de Justiça um requerimento, solicitando providências do órgão no sentido da proibição desta prática em todo o país. O objetivo do presente estudo é analisar esta questão sob a perspectiva constitucional, e a tese que se sustentará é a de que os crucifixos, como quaisquer outros símbolos religiosos, não podem ser mantidos em espaços eminentemente públicos do Poder Judiciário, sob pena de ofensa ao princípio constitucional da laicidade do Estado.

¹ Professor de Direito Constitucional da UERJ. Mestre e Doutor em Direito Constitucional pela UERJ. *Visiting Scholar* da Yale Law School.

² Embora exista uma diferença semântica entre a cruz e o crucifixo, empregarei estas palavras ao longo do texto de forma muitas vezes indistinta. E, no que toca ao tema que é objeto deste artigo, penso que não há qualquer diferença relativa ao tratamento jurídico a ser dado a estes símbolos religiosos.



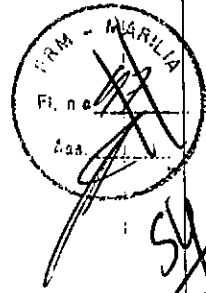
Assim, num primeiro momento, pretendo discorrer brevemente sobre o princípio da laicidade do Estado e a sua relação com o uso de símbolos religiosos pelo Estado. Neste item, enfrentarei também a questão da invocação de Deus no preâmbulo do texto constitucional, no afã de demonstrar a sua irrelevância para o equacionamento do problema em discussão. Logo após, pretendo analisar e refutar a consistência e a compatibilidade com a ordem constitucional brasileira dos principais argumentos que têm sido invocados para justificar o uso da simbologia cristã em espaços eminentemente públicos do Poder Judiciário brasileiro, que identifiquei como os seguintes: (a) o alegado caráter não-religioso do crucifixo, que expressaria valores morais independentes de qualquer fé; (b) a suposta irrelevância constitucional da presença dos crucifixos nos tribunais, uma vez que estes seriam meros adornos decorativos; (c) a alegação de que a retirada dos crucifixos seria um ato de intolerância em relação aos magistrados e jurisdicionados cristãos, que importaria em desrespeito à sua liberdade religiosa; (d) o pretenso caráter anti-democrático da proibição pleiteada, tendo em vista a predominância da religião católica na população brasileira; (e) o fato de que a prática contestada constitui uma tradição brasileira, com raízes na cultura nacional; e (f) o argumento *ad terrorem*, de que se não é constitucional o uso dos crucifixos nos tribunais, tampouco o seriam outras medidas como fixar como feriado o dia de Natal, cuidar da preservação de Igrejas e monumentos religiosos que têm importância histórica, etc.

2. O Princípio da Laicidade do Estado e os Símbolos Religiosos

Desde a edição do Decreto 119-A, de 07 de janeiro de 1890, o Brasil é um Estado laico.¹ Na ordem constitucional vigente, o princípio da laicidade foi expressamente consagrado pelo art. 19, inciso I, do Texto Magno, segundo o qual é vedado a todas as entidades da federação *"estabelecer cultos religiosos ou subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público"*.

¹ A laicidade, prevista naquele decreto, foi alçada à condição de princípio constitucional pela Constituição de 1891, em seu art. 11, Parágrafo 2º, que desde então vem sendo reproduzido em todos os textos constitucionais do país.





A laicidade estatal, que é adotada na maioria das democracias ocidentais contemporâneas, é um princípio que opera em duas direções. Por um lado, ela salvaguarda as diversas confissões religiosas do risco de intervenções abusivas do Estado nas suas questões internas, concernentes a aspectos como os valores e doutrinas professados, a forma de cultuá-los, a sua organização institucional, os seus processos de tomada de decisões, a forma e o critério de seleção dos seus sacerdotes e membros, etc. Sob esta perspectiva, a laicidade opõe-se ao *regalismo*¹, que se caracteriza quando há algum tipo de subordinação das confissões religiosas ao Estado no que tange a questões de natureza não-secular.

Mas, do outro lado, a laicidade também protege o Estado de influências indevidas provenientes da seara religiosa, impedindo todo o tipo de confusão entre o poder secular e democrático, em que estão investidas as autoridades públicas, e qualquer confissão religiosa, inclusive a majoritária. No presente estudo, o foco maior de atenção será a segunda dimensão da laicidade do Estado acima apontada: aquela que protege o Estado da religião.

A laicidade não significa a adoção pelo Estado de uma perspectiva ateísta ou refratária à religiosidade. Na verdade, o ateísmo, na sua negativa da existência de Deus, é também uma crença religiosa, que não pode ser privilegiada pelo Estado em detrimento de qualquer outra cosmovisão. Pelo contrário, a laicidade impõe que o Estado se mantenha *neutro* em relação às diferentes concepções religiosas presentes na sociedade, sendo-lhe vedado tomar partido em questões de fé, bem como buscar o favorecimento ou o embaraço de qualquer crença.²

O princípio do Estado laico pode ser diretamente relacionado a dois direitos fundamentais que gozam de máxima importância na escala dos valores constitucionais: liberdade de religião e igualdade. Em relação ao primeiro, a laicidade caracteriza-se como uma verdadeira garantia institucional da liberdade religiosa individual.

1 A Constituição brasileira de 1824, por exemplo, que definira a religião católica como o culto oficial do país (art. 5º), incidia no *regalismo*, quando determinava competir ao Imperador, como chefe do Poder Executivo, "*nomear os Bispos, e prover os Benefícios Ecclesiásticos*" (art. 102, inciso II) bem como "*conceder ou negar o beneplácito a actos da Santa Fé*" (art. 102, inciso XIV)

2

J. J. Gomes Canotilho e Vital Moreira. *Constituição da República Portuguesa Anotada*. Vol. 1. Coimbra: Coimbra Editora, 2007, p. 613.



Isto porque, a promiscuidade entre os poderes públicos e qualquer credo religioso, por ela interdita, ao sinalizar o endosso estatal de doutrinas de fé, pode representar uma coerção, ainda que de caráter psicológico, sobre os que não professam aquela religião. Nas palavras do maior especialista na matéria no cenário lusófono,

*"A concessão estadual de uma posição de vantagem a instituições, símbolos ou ritos de uma determinada confissão religiosa é suscetível de ser interpretada, pelos não aderentes, como uma forma de pressão no sentido da conformidade com a confissão religiosa favorecida e uma mensagem de desvalorização das restantes crenças. Por outras palavras, ela é inerentemente coerciva"*¹

Esta íntima conexão entre a laicidade estatal e a liberdade de religião é sempre recordada na riquíssima jurisprudência constitucional norte-americana sobre a matéria². Por exemplo, no julgamento proferido no caso *Engel v. Vitale*³, ocorrido em 1962, a Corte ressaltou que *"quando o poder, prestígio ou apoio financeiro do Estado é posto a serviço de uma particular crença religiosa, é clara a pressão coercitiva indireta sobre as minorias religiosas para que se conformem a religião prevalecente oficialmente aprovada."*

Por outro lado, a existência de uma relação direta entre o mandamento de laicidade do Estado e o princípio da igualdade é também inequívoca. Em uma sociedade pluralista como a brasileira, em que convivem pessoas das mais variadas crenças e afiliações religiosas, bem como indivíduos que não professam nenhum credo, a laicidade converte-se em instrumento indispensável para possibilitar o tratamento de todos com o mesmo respeito e consideração. Neste contexto de pluralismo religioso, o endosso pelo

1 J. Jónatas Eduardo Mendes Machado. *Liberdade Religiosa numa Comunidade Constitucional Inclusiva*. Coimbra: Coimbra Editora. 1996. p. 348-349.

2

A Constituição norte-americana não aludiu à laicidade estatal nestes termos, mas instituiu, na sua 1ª Emenda, a chamada *anti-establishment clause*, segundo a qual *"o Congresso não pode fazer nenhuma lei estabelecendo uma religião"*. Deste texto, a jurisprudência norte-americana tem extraído inúmeras consequências, que foram da proibição do ensino em escolas públicas do criacionismo, como doutrina científica rival ao evolucionismo de Darwin, até à vedação da exibição de um presépio natalino nas escadarias de um tribunal. Sobre a laicidade nos Estados Unidos, veja-se Laurence H. Tribe, *American Constitutional Law* 2nd. ed., New York: The Foundation Press, 1988, p. 1.188-1.242; e Daniel A. Farber, *The First Amendment*. 2nd. ed., New York: The Foundation Press, 2003, p. 275-296.

3

370 U.S., 421 (1962).



Estado de qualquer posicionamento religioso implica, necessariamente, em injustificado tratamento desfavorecido em relação àqueles que não abraçam o credo privilegiado, que são levados a considerar-se como "cidadãos de segunda classe". Tais pessoas, como membros da comunidade política, são forçadas a se submeterem ao poder heterônomo do Estado, e este, sempre que é exercido com base em valores e dogmas religiosos, representa uma inaceitável violência contra os que não os professam.

Ademais, os que não pertencem à confissão religiosa favorecida recebem do Poder Público a mensagem subreptícia, dotada de forte carga excludente, de que as suas crenças são menos dignas de reconhecimento¹. Também neste ponto foram esclarecedoras as palavras da Suprema Corte dos Estados Unidos, quando afirmou, pela voz da Juíza Sandra Day O'Connor, que qualquer comportamento do Estado que favoreça alguma religião *"envia uma mensagem aos não-aderentes de que eles são outsiders, e não plenos membros da comunidade política, acompanhada de outra mensagem aos aderentes, de que eles são insiders, membros favorecidos da comunidade política"*².

Por estas razões, entende a doutrina que um dos múltiplos desdobramentos do princípio da laicidade é a exigência de diferenciação simbólica entre Estado e religião. Esta exigência se traduz na proibição do uso de símbolos religiosos, como os crucifixos, nos estabelecimentos públicos, dado que dito uso sinaliza a identificação do Estado com as idéias religiosas que os símbolos representam.³ Na mesma linha apontam o magistério de Ronald Dworkin⁴, nos Estados Unidos, e de J. J. Gomes Canotilho e de Vital Moreira, em Portugal, tendo estes últimos salientado o fato de que a separação entre Estado e religião torna ilegítima *"a utilização em actos, funções ou locais oficiais de ritos ou símbolos religiosos"*⁵.

1

Cfr. Jónatas Eduardo Mendes Machado, *op. cit.*, p. 352.

2

Lynch v. Donnelly, 465, U.S., 668 (1984).

3

Cfr. Jónatas E. M. Machado, *op. cit.*, p. 359.

4

Em seu último livro, Dworkin afirmou que numa sociedade secular tolerante – modelo que, na sua ótica, representa a leitura mais correta da *anti-establishment clause* da Constituição americana – o Estado *"não toleraria qualquer referência ou insinuação religiosa – ou anti-religiosa – nas suas cerimônias oficiais e declarações sobre políticas públicas. Pelo contrário, ele iria preocupar-se em isolar os seus juramentos patrióticos, alianças e celebrações de qualquer dimensão religiosa ou anti-religiosa. Ele não proibiria árvores de Natal ou menorahs, é claro, mas não os instalaria ou permitiria a sua instalação em propriedades públicas"*. (*Is Democracy Possible Here?*, Princeton: Princeton University Press, 2006, p. 58).

5

A questão da validade do uso de símbolos religiosos pelo Estado já foi objeto de decisões importantes na jurisdição constitucional de outros países. Provavelmente os casos mais conhecidos no Direito Comparado nesta matéria são os dois julgamentos proferidos pelo Tribunal Constitucional Alemão em que se apontou a inconstitucionalidade da presença de crucifixos em salas de aula do ensino público fundamental. No primeiro destes julgados, ao qual se fará referência outras vezes ao longo deste texto, a Corte alemã afirmou:

*"O art. 4, I, da Lei Fundamental, deixa a critério do indivíduo decidir quais símbolos religiosos serão por ele reconhecidos e adorados e quais serão por ele rejeitados. Em verdade, não tem ele direito, em uma sociedade que dá espaço a diferentes convicções religiosas, a ser poupado de manifestações religiosas, atos litúrgicos e símbolos religiosos que lhe são estranhos. Deve-se diferenciar disso, porém, uma situação criada pelo Estado, na qual o indivíduo é submetido, sem liberdade de escolha, à influência de uma determinada crença, aos atos nos quais esta se manifesta, e aos símbolos por meio dos quais ela se apresenta... O Estado, no qual convivem seguidores de convicções religiosas e ideológicas diferentes ou mesmo opostas, apenas pode assegurar suas coexistências pacíficas quando ele se mantém neutro em matéria religiosa"*¹

Outro caso paradigmático foi *County of Allegheny v. A.C.L.U.*², decidido pela Suprema Corte norte-americana em 1989, no qual se considerou inconstitucional, por violação da *anti-establishment clause*, a colocação de um presépio natalino na escadaria de um tribunal. Neste julgamento, o Tribunal norte-americano salientou que o presépio continha uma mensagem religiosa, o que é incompatível com a 1ª Emenda, que *"proíbe o Estado de*

Op. cit. p. 613

¹ BVerfGE 93, 1 (1991). Há tradução dos trechos principais do acórdão para o português em Jürgen Schwabe. *Cinquenta Anos de Jurisprudência do Tribunal Constitucional Federal Alemão*. Trad. Leonardo Martins et al. Berlim: Konrad Adenauer Stiftung E. V., 2005, p. 366-376.

²

492 U.S. 573 (1989). As partes mais importantes do julgamento foram reproduzidas em Norman Dorsen, Michel Rosenfeld, András Sajó & Susanne Bacr. *Comparative Constitutionalism: Cases and Materials*. St. Paul: West Group, 2003. p. 987-992.





transmitir ou tentar transmitir uma mensagem de que uma religião ou uma crença religiosa em particular seja favorecida ou preferida."

Já na jurisprudência brasileira, pode-se destacar, nesta mesma linha decisória, o acórdão proferido pelo Órgão Especial do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, no julgamento da Ação Direta de Constitucionalidade nº 113.349-01, realizado em 11 de maio de 2005, no qual se discutiu a validade de lei do Município de Assis, que determinara a obrigatoriedade de inserção do versículo bíblico "*Feliz a Nação cujo Deus é o Senhor*" em todos os impressos oficiais da municipalidade. Além de apontar vício formal na lei, o Tribunal também entendeu que ela padecia de vício de inconstitucionalidade material, por afrontar ao princípio do Estado laico¹. Nas palavras do Tribunal, "*como deve o Estado manter-se absolutamente neutro em relação às diversas igrejas, não podendo beneficiá-las nem prejudicá-las, não tem cabimento admitir a inserção de versículo bíblico nos impressos e documentos oficiais do Município, pois isto evidencia simpatia em relação a determinadas orientações religiosas, o que é expressamente vedado pela Lei Maior.*"

Sem embargo, no contexto constitucional brasileiro, alguém poderia objetar contra a tese da impossibilidade do uso de símbolos religiosos pelo Estado invocando a menção a Deus, constante no preâmbulo da Constituição Federal. O argumento, contudo, não seria convincente. Isto porque, o preâmbulo constitucional, além de desprovido de força normativa², não infirma o princípio da laicidade do Estado, explicitamente acolhido pelo texto constitucional. Neste sentido, manifestou-se o Supremo Tribunal Federal no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2.076-5/ Acre, no qual se discutiu a constitucionalidade da não reprodução, na Constituição Estadual do Acre, da referência a Deus constante no preâmbulo da Carta Federal:

"Preâmbulo da Constituição não constitui norma central. Invocação da

1

Na verdade, afirmou-se no acórdão que a lei municipal violara dispositivo da Constituição do Estado de São Paulo que, ao tratar da autonomia municipal, estabeleceu como limite incontornável o respeito aos princípios estabelecidos na Constituição Federal, dentre os quais figura o da laicidade.

2

Nesta linha, Alexandre de Moraes salientou que o preâmbulo, "*por não ser norma constitucional, não poderá prevalecer contra texto expresso da Constituição Federal, nem tampouco poderá ser paradigma comparativo para declaração de inconstitucionalidade; porém, por traçar as diretrizes políticas, filosóficas e ideológicas da Constituição, será uma de suas linhas mestras interpretativas.*" (Constituição do Brasil Interpretada. São Paulo: Atlas. 2002. p. 119).



proteção de Deus: não se trata de norma de reprodução obrigatória na Constituição estadual, não tendo força normativa"(grifo meu)

Como registrou ironicamente o Ministro Sepúlveda Pertence no voto que proferiu naquela decisão, *"esta locução 'sob a proteção de Deus' não é norma jurídica, até porque não se teria a pretensão de criar obrigações para a divindade invocada. Ela é uma afirmação de fato ... jactanciosa e pretensiosa, talvez – de que a divindade estivesse preocupada com a Constituição do país."*

Não obstante, penso que dita locução, em que pese o seu caráter não-normativo, pode prestar-se, em conjugação com outros preceitos do texto constitucional, para que se rechace uma determinada interpretação, corrente em outros países, que confunde a laicidade do Estado com uma certa animosidade diante da expressão pública da religiosidade, e que é chamada por alguns de *laicismo*.

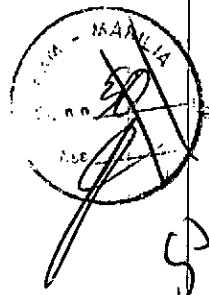
Com efeito, a correta leitura da laicidade deve compreendê-la como uma garantia da liberdade religiosa, e não como um princípio que a ela se oponha. Neste sentido, considero incompatível com o sistema constitucional brasileiro certa visão que se mostra refratária à manifestação pública da religiosidade pelos indivíduos e grupos que compõem a Nação, e que busca valer-se do Estado para diminuir a importância da religião na esfera social. Por isso, penso que seria constitucionalmente inadmissível a aplicação no Brasil de medidas adotadas em nome da laicidade por países como a França¹ e a Turquia² - que, em nome deste princípio, restringiram certas manifestações religiosas dos seus cidadãos em espaços públicos, com destaque para a proibição do uso do véu islâmico por jovens muçulmanas em escolas públicas.

Note-se, porém, que não há qualquer paralelo entre vedar-se que um

1 Na França, uma Lei sobre a laicidade adotada em 2004 proibiu que os alunos de escolas públicas portassem símbolos religiosos ostensivos. O principal alvo da lei foi o véu islâmico trajado por muitas estudantes muçulmanas, que era visto por alguns como uma forma de opressão contra estas jovens, muitas vezes imposta por suas famílias ou por lideranças religiosas das suas comunidades. Houve, contudo, reações de muitas jovens, que protestaram contra a medida, afirmando que o véu seria uma forma de afirmação pública da sua identidade religiosa e étnica, que estaria sendo discriminada pelo Estado francês. Veja-se, sobre esta questão, bem como sobre a laicidade na França em geral, Jean Birnbaum et Frédéric Viguière. *La Laïcité, Une Question au Présent*. Paris: Éditions Cécile Deleury, 2005; *La Laïcité*. Archives de Philosophie du Droit, tome 48. Paris: Dalloz, 2005; e Jean Baubérot. *Histoire de la Laïcité en France*. 4e. ed., Paris: PUF, 2007.

2 Veja-se, a propósito, Joseph S. Szyliowicz. "Religion, Politics and Democracy in Turkey". In: William Safran (Ed.). *The Secular and the Sacred: Nation, Religion and Politics*. London: Frank Cass Publishers, 2003. p. 188-216..





cidadão ou cidadã exprima a sua fé e identidade religiosa no espaço público – o que constitui uma violação à liberdade de religião – e interditar que o Estado endosse, através de símbolos, qualquer crença ou confissão religiosa. No primeiro caso, tem-se um atentado à liberdade e igualdade do indivíduo, e, no outro, uma medida que visa, pelo contrário, a proteger e promover a liberdade e a igualdade de todas as pessoas.

3- Analisando a Argumentação Favorável à Utilização Símbolos Religiosos nos Tribunais

Pretendo agora refutar, um a um, os argumentos que têm sido invocados mais freqüentemente para legitimar o uso de símbolos religiosos em tribunais. Tomei por base, na seleção dos argumentos, as respostas negativas oferecidas por órgãos do Judiciário e do Ministério Público a requerimentos formulados pela ONG *Brasil para Todos*, e que estão acessíveis no seu sítio eletrônico.

a) O suposto caráter não-religioso do crucifixo

A alegação de que o crucifixo não é um símbolo religioso não é séria. Qualquer terráqueo, ao ver um crucifixo, tenderá a associá-lo imediatamente ao cristianismo e à sua divindade encarnada. Trata-se, muito provavelmente, do símbolo religioso mais conhecido em todo o mundo.

Esta controvérsia foi objeto de extensa análise nos julgamentos proferido pela Corte Constitucional alemã sobre a presença de crucifixos nas escolas públicas elementares, já antes citados neste estudo. Vale à pena reproduzir alguns trechos esclarecedores da decisão proferida no 2º caso do Crucifixo:

“A cruz representa, como desde sempre, um símbolo religioso específico do Cristianismo. Ela é exatamente seu símbolo por excelência... Para os fiéis cristãos, a cruz é, por isso, de modos diversos, objeto de reverência e de devoção. A decoração de uma construção ou de uma sala com uma cruz é entendida até hoje como alta confissão do proprietário para

com a fé cristã. Para os não cristãos ou ateus, a cruz se torna, justamente em razão do seu significado, que o Cristianismo lhe deu e que teve durante a História, a expressão simbólica de determinadas convicções religiosas e o símbolo de sua propagação missionária. Seria uma profanação da cruz, contrária ao auto-entendimento do Cristianismo e das igrejas cristãs, se se quisesse nela enxergar, como as decisões impugnadas, somente uma expressão da tradição ocidental ou como símbolo de culto sem específica referência religiosa.”¹

b- O crucifixo não é um simples enfeite

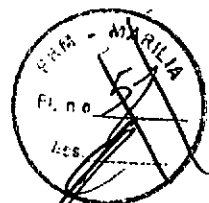
O crucifixo não é um mero adorno, utilizado apenas para embelezar o ambiente. Pelo contrário, ele é portador de um forte sentido religioso, associado ao cristianismo e à sua figura sagrada - Jesus Cristo. Por isso, é óbvio que quem luta pela manutenção dos crucifixos em espaços públicos, não o faz por razões estéticas, mas pela sua identificação com os valores religiosos que este símbolo encarna, e pela sua crença, refletida ou não, sobre a legitimidade de o Estado tornar-se um porta-voz destes mesmos valores. Da mesma maneira, quem se insurge contra a sua presença em tais locais não é movido preocupações estéticas ou artísticas, mas sim por acreditar que os poderes públicos, numa democracia, não devem se identificar com qualquer credo religioso.

Na verdade, a presença deste símbolo religioso em espaços como a sala de sessão de um tribunal ou sala de audiência de juízos monocráticos – via de regra em posição de absoluto destaque, atrás e acima da cadeira do presidente do órgão colegiado ou do juiz -, transmite uma mensagem que nada tem de neutra, associando a prestação jurisdicional à religião majoritária, o que é francamente incompatível com o princípio da laicidade do Estado, o qual demanda a neutralidade estatal em questões religiosas.

Portanto, a questão posta em debate não é fútil, já que não versa sobre a melhor forma de se decorar certos ambientes formais do Poder Judiciário, mas sim sobre o modelo de relação entre Estado e religião mais compatível com o ideário republicano,

¹ BVerfGE 91, 1 (1995).





Revista Eletrônica PRPE Maio de 2007

democrático e inclusivo, adotado pela Constituição de 88. Trata-se, em suma, de uma questão de princípios, e não de uma discussão sobre meras preferências estéticas.

c- Tolerância e respeito à liberdade religiosa dos cristãos

A alegação de que o protesto contra a presença de cruzes e crucifixos em tribunais representa intolerância religiosa repousa sobre um evidente equívoco, que é a confusão entre o público e o privado.

É evidente que os não-cristãos devem tolerar a expressão da religiosidade dos cristãos e vice-versa. Porém, não é a liberdade dos cristãos de cultuarem a sua religião que se encontra em jogo no caso, pois não está em discussão a conduta de qualquer indivíduo, mas sim a postura que deve ser assumida pelo Estado em matéria religiosa – que só pode ser de neutralidade, tendo em vista o princípio constitucional da laicidade.

No que tange aos jurisdicionados cristãos, a sua liberdade de religião não abrange qualquer direito de verem a sua fé publicamente apoiada pelo Estado. Portanto, está fora do perímetro de proteção da liberdade religiosa qualquer expectativa concernente à exposição pelos poderes públicos de símbolos associados a qualquer confissão¹.

Quanto aos magistrados e serventuários da Justiça, é certo que, como cidadãos, eles têm a mesma liberdade de crença que as demais pessoas. Contudo, os espaços acessíveis ao público dos tribunais não pertencem aos magistrados ou serventuários, mas ao Estado brasileiro, estando, portanto, plenamente submetidos ao irrestrito acatamento do princípio constitucional da laicidade. Afinal, numa República (res publica) o Estado não se confunde com as pessoas físicas que exercem o poder em seu nome.

Talvez o único compromisso tolerável nesta matéria seja relativo a espaços privativos dos juízos e tribunais, em regra não acessíveis ao público em geral, como

¹ Nesta linha, a Corte Constitucional alemã, no já citado Caso do Crucifixo II (93 BVerfGE 1), ressaltou que "a liberdade de religião " não assegura nem ao indivíduo, nem às comunidades religiosas, o direito de os seus compromissos de fé apoiados pelo Estado. Pelo contrário, a liberdade de crença, como garantida no Art. 4 (1) da Lei Fundamental requer que o Estado se mantenha neutro em matérias de fé e religião".



os gabinetes dos magistrados. Embora estes locais também pertençam ao Estado, neles há uma identificação muito mais direta e pessoal entre o espaço físico e o a autoridade que o ocupa, de forma a diluir a associação simbólica entre os objetos que o guarnecem e o Estado. Daí porque, parece a princípio ser mais aceitável a presença de um símbolo religioso no gabinete de um juiz, ao lado de outros objetos de cunho pessoal, do que, por exemplo, numa sala de audiência.

d- Democracia, constitucionalismo e laicidade

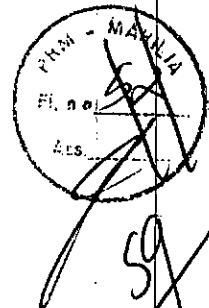
A afirmação de que seria anti-democrática a retirada dos tribunais dos símbolos religiosos associados ao cristianismo padece de vários equívocos conceituais. Em primeiro lugar, ela parte da premissa não comprovada de que, sendo a população brasileira majoritariamente cristã, esta mesma maioria apoiaria necessariamente o endosso simbólico da sua fé pelo Estado. Ocorre que muitas pessoas religiosas – provavelmente a maior parte delas - têm plena consciência sobre a necessidade de separação entre a religião e poder público e não concordam com práticas que sinalizem o endosso estatal de qualquer fé, ainda que seja a da sua própria confissão.

Mas, ainda que a maioria da população apoiasse manifestações simbólicas de preferência estatal por uma determinada religião, tal fato não bastaria para tornar esta medida democrática. Isto porque, a democracia não se confunde com o simples governo das majorias, pressupondo antes o respeito a uma série de direitos, procedimentos e instituições, que atuam para proteger as minorias e assegurar a possibilidade de continuidade da empreitada democrática ao longo do tempo¹.

Na verdade, o ideário do constitucionalismo, e a sua concretização, através da adoção de uma Constituição rígida munida de mecanismos de jurisdição

1 Há literatura infindável sobre a relação entre direitos fundamentais e democracia. Veja-se, e. g. Jürgen Habermas. “O Estado Democrático de Direito: Uma amarração paradoxal de princípios contraditórios?”. In: *A Era das Transições*. Trad. Flávio Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p. 153-173; John Rawls. *Liberalismo Político*. Trad. Sérgio Rena Madero Baéz. México: Fondo de Cultura Económica, 1995, p. 204-242; Ronald Dworkin. “The Moral Reading of the Majoritarian Premise”. In: *Freedom's Law*. Harvard University Press, 1996, p. 02-38; e Cláudio Pereira de Souza Neto. *Teoria Constitucional da Democracia Deliberativa*. Rio de Janeiro: Renovar, 2006.





constitucional, já indicam a rejeição de qualquer concepção que identifique a democracia com o predomínio irrestrito da vontade das maiorias¹. A idéia do entrenchamento constitucional de direitos fundamentais, por exemplo, baseia-se na concepção de que há direitos tão importantes que não podem ser deixados ao sabor da vontade das maiorias nem na dependência de meros cálculos de utilidade social. A proteção constitucional destes direitos, ao impor limites para as maiorias, não é incompatível com a democracia, mas antes garante os pressupostos necessários para o seu bom funcionamento². Não é por acaso que as democracias mais estáveis são também aquelas em que os direitos fundamentais de todos, inclusive das minorias, são mais respeitados.

Ora, a laicidade do Estado é, no Direito brasileiro, um princípio constitucional, que, nesta qualidade, foi posto ao abrigo da vontade das maiorias. Trata-se de um princípio diretamente correlacionado aos direitos fundamentais à liberdade religiosa e à igualdade, como já assinalado neste estudo, cujo respeito, portanto, deve ser visto não como um entrave à democracia, mas como um mecanismo essencial ao seu funcionamento, numa sociedade marcada pelo pluralismo religioso e mundivisional.

e- Símbolos religiosos e tradição

Não é incorreta a afirmação de que a presença de crucifixos em tribunais é tradicional no Brasil. O que é equivocada é a crença de que o papel do Direito seja o de avalizar e legitimar acriticamente as tradições existentes numa sociedade, por mais excludentes que elas sejam.

Não há dúvida de que o Direito, como fenômeno social, tem conexões

¹ Cf. Luigi Ferrajoli, *Derechos y Garantías: La ley del más débil*. Trad. Perfecto Andrés Ibáñez y Andrea Greppi. Madrid: Editorial Trotta, 2004, p. 23-25.

² Não nego, com esta afirmação, a possibilidade de que uma panconstitucionalização do Direito, que retire temas em demasia da esfera de deliberação do povo, possa revelar-se antidemocrática. Tratei detidamente do tema em "Ubiquidade Constitucional: Os dois lados da moeda". In: *Libres e Iguais: Estudos de Direito Constitucional*. Rio de Janeiro: Lumên Juris, 2006, p. 167-206. Parece-me, contudo, que não é isso que ocorre com a proteção reforçada dos direitos materialmente fundamentais, como é o caso da liberdade de religião e da igualdade – e também da sua garantia institucional, que é a laicidade do Estado. Este, numa democracia, podem e devem operar como verdadeiros "trunfos" (Dworkin) diante do arbítrio ou do descaço das maiorias.



com as tradições e valores dominantes em uma dada sociedade. Contudo, não é certo conceber prescritivamente a ordem jurídica como uma mera instância de afirmação das práticas sociais hegemônicas, já que muitas vezes o papel do Direito é exatamente o de combater e transformar hábitos e tradições enraizados, desempenhando um papel emancipador.

É neste sentido que se afirma que a moralidade que o Direito visa a garantir e promover no Estado Democrático de Direito não é a moralidade positiva – que toma os valores majoritariamente vigentes como um dado inalterável, por mais opressivos que sejam – mas a moralidade crítica¹. É a moral que não se contenta em chancelar e perpetuar todas as concepções e tradições prevalecentes, endossando invariavelmente o *status quo* cultural, mas propõe-se antes à tarefa de refletir criticamente sobre elas, a partir de uma perspectiva que se baseia no reconhecimento da igual dignidade de todas as pessoas.

Tome-se o exemplo do patrimonialismo e da confusão entre público e privado – infelizmente tão tradicionais e enraizados no Brasil². Diante destas patologias crônicas da sociedade brasileira, não cabe à ordem jurídica o aplauso nem o silêncio, mas o combate. O Conselho Nacional da Magistratura já forneceu um belo exemplo desta atitude: apesar do caráter “tradicional” do nepotismo do Brasil, não hesitou em proibi-lo firmemente no âmbito do Poder Judiciário³.

O mesmo raciocínio vale para a manutenção de cruzeiros e crucifixos em tribunais. O caráter tradicional da prática não infirma a sua contrariedade à Constituição Federal, ou aos valores emancipatórios e democráticos que a fundamentam.

f- O argumento “ad terrorem” e a laicidade estatal como princípio

1

Cf. Ronald Dworkin. “Liberty and Moralism”. In: *Taking Rights Seriously*. Cambridge: Harvard University Press, p. 240-258

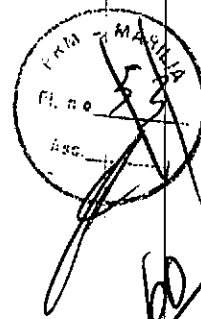
2

Cf. Sérgio Buarque de Holanda. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

3

A proibição foi veiculada através da Resolução nº 07 do CNJ, de 18 de outubro de 2005, cuja constitucionalidade foi reconhecida pelo STF no julgamento da Ação Declaratória de Constitucionalidade nº12-DF, ajuizada pela Associação dos Magistrados Brasileiros.





Será que recusar a possibilidade da presença de cruzes e outros símbolos congêneres nos tribunais significa, necessariamente, rechaçar a constitucionalidade da existência de feriados religiosos como o Natal ou a Páscoa, ou ainda negar a legitimidade da ação do Estado quando, por exemplo, gasta recursos públicos na conservação do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, ou de igrejas barrocas, em Ouro Preto? A resposta é evidentemente negativa.

A laicidade do Estado não é um comando definitivo, mas um mandamento constitucional *prima facie*. Trata-se de um típico princípio constitucional, de acordo com a famosa definição de Robert Alexy¹: um mandado de otimização, que deve ser cumprido na medida das possibilidades fáticas e jurídicas do caso concreto, e que pode eventualmente ceder em hipóteses específicas, diante de uma ponderação com algum outro princípio constitucional contraposto, realizada de forma cuidadosa, de acordo com as máximas do princípio da proporcionalidade.

Portanto, a laicidade não incide em termos absolutos, como as regras, que tendem a operar de acordo com a lógica do “tudo ou nada”². Neste quadro, certas medidas que impliquem em algum tipo de suporte estatal à religião podem ser consideradas constitucionalmente legítimas, se forem justificáveis a partir de razões não-religiosas, relacionadas à proteção de outros bens jurídicos também acolhidos pela Constituição, cujo peso, no caso concreto, sobrepuje a tutela constitucional da laicidade.

É o caso da conservação de igrejas barrocas ou de monumentos turísticos com conotação religiosa, em que a ação do Estado decorre da sua missão de proteção do patrimônio histórico, artístico, cultural e paisagístico. É também, creio eu, a hipótese de pelo menos alguns feriados religiosos, como o Natal e a Páscoa, em que a proteção da liberdade de religião da maioria pode justificar que se lhe conceda a possibilidade de celebração da data, que poderia ficar comprometida caso houvesse a obrigação de trabalhar naquele dia³.

1 Robert Alexy, *Teoria de los Derechos Fundamentales*. Trad. Ernesto Garzón Valdés. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales. 1993, p. 81-114.

2 Cf. Jónatas E. M. Machado, *op. cit.*, p. 360-361.

3 A questão dos feriados religiosos é extremamente complexa, e não tenho como explorá-la neste estudo. Veja-se, a propósito, Kent Greenwalt, *Religion and the Constitution*, v. 1. Princeton: Princeton University Press. 2006. p. 184-191.



Não é essa, contudo, a situação dos crucifixos nos tribunais. Aqui, não há ponderação de interesses possível, uma vez que não se vislumbra qualquer bem jurídico de estatura constitucional ou mesmo legal que seja promovido com a manutenção destes símbolos religiosos nas cortes de justiça do país.

4. Conclusão

No passado, o Direito buscou fundamentar a sua legitimidade e autoridade na vontade divina revelada. Era esta, em termos toscos e simplificados, a compreensão pré-moderna do Direito natural cristão¹, que hoje conta com pouquíssimos seguidores fora das igrejas, e tornou-se inviável na prática, tendo em vista o pluralismo religioso e moral existente nas sociedades contemporâneas. A presença ostensiva de crucifixos em tribunais não é nada mais do que um resquício simbólico daquela forma anacrônica de compreender o Direito e a Justiça.

A importância do Poder Judiciário brasileiro cresceu exponencialmente nos últimos anos e hoje se assiste no Brasil a uma verdadeira judicialização da política e das relações sociais². Por um lado, a Justiça passou a ocupar-se dos grandes conflitos políticos e morais que dividem a Nação, atuando muitas vezes como árbitra final, e decidindo questões tormentosas e delicadas, que vão dos direitos das minorias no processo legislativo até aos debates sobre aborto e pesquisa em células-tronco. Por outro, ela foi descoberta pelo cidadão brasileiro mais humilde, que, apesar dos problemas ainda persistentes do acesso à prestação jurisdicional, tem passado a procurá-la com uma frequência cada vez maior para resolver aos seus problemas cotidianos. Assim, de instituição quase desimportante em regimes constitucionais pretéritos, o Poder Judiciário converteu-se numa espécie de “guardião das promessas” de direitos humanos e justiça material, proclamadas na Constituição e em outros textos legais.

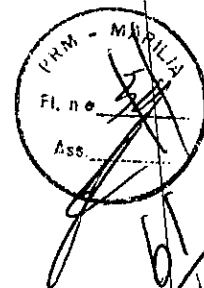
1

Cf. Helmut Coing. *Elementos Fundamentais da Filosofia do Direito*. Trad. Eliste Antoniuk. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris, 2002, p. 45-50

2

Veja-se, a propósito, Luiz Werneck Viana, Maria Alice Rezende Carvalho, Manuel Palácios Cunha Melo e Marcelo Baumann Burgos. *A Judicialização da Política e das relações Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1999.





Revista Eletrônica PRPE. Maio de 2007

Esta ampliação do papel do Poder Judiciário provoca a necessidade de reflexão sobre a legitimidade da sua atuação. E a conclusão central deste estudo é exatamente a de que tal legitimidade é negativamente afetada, quando os tribunais se associam a símbolos religiosos, identificando-se a um credo que não é de todos, mas apenas de alguns.

Para os jurisdicionados e para a sociedade em geral, esta associação pode comprometer a percepção sobre a imparcialidade do Judiciário, sobretudo quando estiverem em jogo questões em que a religião favorecida tenha posição firme, como tem ocorrido invariavelmente no Brasil nos casos envolvendo os direitos sexuais e reprodutivos.

Por outro lado, em relação aos magistrados, a presença da simbologia religiosa contribuiu para a manutenção de um *ethos* em que a religião e o Direito não são devidamente diferenciados. Este ambiente pode prejudicar o exercício do dever que pesa sobre todo juiz, de tentar filtrar racionalmente as suas pré-compreensões¹ religiosas, no afã de evitar que estas tenham influência no resultado de julgamentos.

Enfim, se a Justiça quer ser a casa de todas e de todos, o que é fundamental para que ela possa cumprir o seu elevado papel no Estado Democrático de Direito, então ela tem de evitar ao máximo as confusões simbólicas com confissões religiosas, ainda que majoritárias. É o que impõe a Constituição da República.

¹ Não se afirma aqui que seja possível ao juiz ou a qualquer intérprete liberar-se completamente das suas pré-compreensões religiosas no momento de decidir. O que se diz é que a ordem jurídica, ao prescrever a laicidade do Estado como princípio constitucional, impõe-lhe que persiga este objetivo ao julgar, e que a presença do crucifixo tende a arrefecer dita imposição, atuando contra a Constituição.

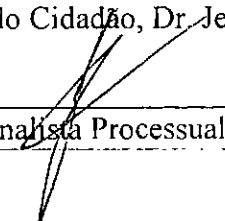
Sobre a influência da pré-compreensão na hermenêutica jurídica, veja-se Hans Georg Gadamer, *Verdade e Método*, 2ª ed., Petrópolis: Ed. Vozes, 1998, p. 482-505.

b2

Conclusão

Proced. Administrativo TC nº 1.00.000.0001411/2007-41

Em 30 de julho de 2009, faço conclusos estes autos ao Procurador Regional dos Direitos do Cidadão, Dr. Jefferson Aparecido Dias.


Analista Processual

Proced. Administrativo TC nº 1.00.000.001411/2007-41

Segue Ação Civil Pública em 09 (nove) páginas.

Marília, 30 de julho de 2009.


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão

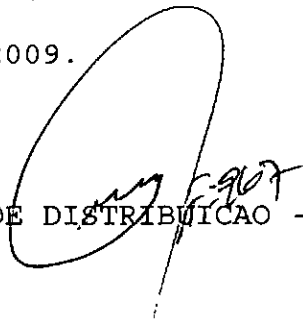


63
(LPA)

Senhor Juiz Federal da 3 Vara

Informo a Vossa Excelencia, para as providencias cabiveis, que o Processo n. 2009.61.00.017604-0 nao apresentou, ate a presente data, relacao de provaveis prevencoes tanto nas Varas quanto nos JEF's.

Sao Paulo, 31 de Julho de 2009.


SETOR DE DISTRIBUICAO - SEDI



64
8

RECEBIMENTO

Em 31 de Julho de 2009, recebi estes
autos do SEDI.

Eu, _____, subscrevi.
(Téc. / Anal. Judiciário) – R.F. 5.807.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

Em 31 de Julho de 2009, faço conclusos estes autos à MMª. Juíza Federal da 3ª Vara Cível da 1ª Subseção Judiciária de São Paulo - Capital, **Drª. MARIA LÚCIA LENCASTRE URSALA**.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc.Jud)
RF 1724

Processo nº: 2009.61.00.017604-0

Intime-se a União para a manifestar-se, no prazo de setenta e duas horas, nos termos do artigo 2º da Lei 8437/92.

Após, tornem conclusos.

São Paulo, 31 de Julho de 2009.

MARIA LÚCIA LENCASTRE URSALA
Juíza Federal

D A T A

Em 31 de Julho de 2009, recebi estes autos na Secretaria, com o r. despacho supra.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.)
RF 1724



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

66
B

CERTIDÃO

*Certifico e dou fé que expedi
Mandado(s), conforme cópia(s) que
segue(m).*

São Paulo, 5 de agosto de 2009.

Eu _____, subscrevi.

Técnica Judiciária

RF 1.724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

*2009610001760
40*



*0003.2009.0163
0*

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2009.01630
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 2009.61.00.01760-4	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: UNIAO FEDERAL	
ENDEREÇO 1: RUA DA CONSOLAÇÃO, 1875 5º ANDAR, CERQUEIRA CESAR, SÃO PAULO, SP	CEP: 01301-100
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 72 HORAS.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARIA LUCIA LENCASTRE URSIAIA, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

INTIME A UNIÃO PARA MANIFESTAR-SE, NO PRAZO DE SETENTA E DUAS HORAS, NOS TERMOS DO ARTIGO 2º DA LEI 8437/92.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 5 de agosto de 2009.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ LUCIANA CARNEIRO ALIOTTI, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

LUCIANA CARNEIRO ALIOTTI
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

JUNTADA

Em 12 AGO. 2009 junto a estes autos
o mandado cum que segue.

Tec. Jud. - RF 1724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

*2009610001760
40*



*0003.2009.0163
0*

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2009.01630

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 2009.6100.017604-0	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: UNIAO FEDERAL	
ENDEREÇO 1: RUA DA CONSOLAÇÃO, 1875 5º ANDAR, CERQUEIRA CESAR, SÃO PAULO, SP	CEP: 01301-100
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 72 HORAS.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARIA LUCIA LENCASTRE URSIAI, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA
03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

INTIME A UNIÃO PARA MANIFESTAR-SE, NO PRAZO DE SETENTA E DUAS HORAS, NOS TERMOS DO ARTIGO 2º
DA LEI 8437/92.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682,
BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

EXPEDIDO nesta cidade de SÃO PAULO, em 5 de agosto de 2009.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu,
LUCIANA CARNEIRO ALIOTTI, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a)
Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

LUCIANA CARNEIRO ALIOTTI
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

ADVOCACIA GERAL DA UNIAO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIAO
3ª REGIÃO SP/MS
07-AGO-2009
CRISTIANE BLANES
Advogada da União
SIAPE 1332595
OAB 136825

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 97

CERTIDÃO

CERTIFICO E DOU FE, que em cumprimento
ao R. mandado retro, dirigi-me ao en-
dereço indicado e procedi a INTIMAÇÃO do
requerido, com entrega de contrafé.

S. Paulo,

07/08/09

Vanessa Iyori Tanaka RF 4854

Oficial de Justiça

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

XIV
CLS ml



JUNTADA
Em 18 ABR 2009, faço a juntada
desta documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 100/2009.

70
B

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Técnica Judiciária - RF 1724

EXCELENTÍSSIMO(A) SENHOR(A) DOUTOR(A) JUIZ(A) FEDERAL DA 03ª VARA DA
SEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO

JFSP - FORUM CIVEL
SETOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
17/08/2009 17:44 h
Prot. nrc. 2009.000222410-1
2009.61.00.017604-0
[3a.V CIVEL]
(CLS ML)

AÇÃO CIVIL PÚBLICA
Processo n.º 2009.61.00.017604-0
Autor: **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**
Ré: União Federal

A **UNIÃO**, por seu advogado infra-assinado, vem,
respeitosamente, à presença de V. Exa., nos autos do processo em epígrafe,
em atenção ao r. despacho de fls. 65, manifestar-se nos seguintes termos:

I - DO PEDIDO

02. Pretende o Autor, através da presente Ação Civil Pública cumulada com pedido de antecipação de tutela, a condenação da União à obrigação de fazer, consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados em locais de atendimento ao público nos prédios públicos da União, no Estado de São Paulo.

03. Pede, ainda, que seja fixada a multa cominatória de R\$ 1,00 (um real) por dia, apenas para servir como uma espécie de contador





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

do desrespeito que afirma que poderá ser demonstrado pela ré, não só pela decisão judicial, mas também pelas pessoas por ela beneficiadas.

04. Afirma a parte autora, em sua inicial, que fora instaurado na Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, o procedimento administrativo n.º 1.00.000.001411/2007-41 para apurar a notícia de ostentação de símbolo religioso afixado em locais proeminentes e de ampla visibilidade dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, a partir de representação protocolizada pelo cidadão Daniel Sottomaior Pereira, o qual afirma ter se sentido ofendido com a presença de um crucifixo na sede do citado órgão público.

05. Sustenta, ainda, que a conduta de afixar símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade nas repartições públicas não respeitaria o princípio da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, bem como o princípio da imparcialidade da Administração Pública e do princípio processual da imparcialidade do Poder Judiciário.

06. Afirma ser, o ato em questão, ofensor do disposto no artigo 5º da Constituição Federal, do artigo 20 da Lei 7.716/89 (trata do ilícito penal de induzimento ou incitação à discriminação ou preconceito de religião), além de atentar contra o artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao artigo 2º, 3º e 4º da Declaração sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções¹.

07. Nesse sentido, destaca como também ofendido o Pacto de São José da Costa Rica (Convenção Americana de Direitos Humanos), o qual versa em seu artigo 12 sobre a liberdade de consciência e de religião.

¹ Proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas a 25 de novembro de 1981 – Resolução 36/55.



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

08. Quanto aos princípios constitucionais, enumera como feridos, a laicidade (art. 19, inciso I, da CF), a impessoalidade, e a moralidade, além da imparcialidade do Poder Judiciário.

09. Todavia, a pretensão que em juízo se deduz não pode prosperar, como se demonstra a seguir.

II – PRELIMINARMENTE

1 - DO NÃO CABIMENTO DA ANTECIPAÇÃO DE TUTELA CONTRA A FAZENDA PÚBLICA, NOS TERMOS DO ART. 1.º DA LEI N.º 9.494/97

10. Em sintonia com o interesse público, a legislação pátria, a exemplo do direito comparado, consagra diversos dispositivos que condicionam a eficácia de provimentos judiciais de urgência, quando proferidos contra a Administração Federal, Estadual e Municipal, a critérios próprios.

11. Nesse sentido é o mandamento legal que determina o reexame necessário ou duplo grau obrigatório das sentenças contrárias às Fazendas Públicas, nos moldes do art. 475, II do CPC. Deste modo, se a própria sentença proferida contra a União e suas Autarquias, está sujeita ao duplo grau de jurisdição, com maior razão não falar-se em antecipação da tutela em face da União, dado o caráter provisório da decisão, notadamente quando a liminar esgotará, em todo ou em parte, o objeto da ação.

12. A eficácia da parte (decisão interlocutória), não pode ser maior do que a eficácia do todo (sentença). Portanto, somente após a

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

revisão por Tribunal competente é que poderão ser executados os provimentos jurisdicionais contra a Fazenda Pública.

13. De fato: antes da apreciação pelo tribunal competente, a sentença proferida contra pessoas jurídicas de direito público não tem a virtude de produzir efeitos. Há, por dizer, uma espécie de condição suspensiva: os efeitos da sentença somente se produzem a partir do momento em que a sentença seja reapreciada e chancelada pelo órgão de grau hierárquico superior.

14. Ora, se as condenações contra a Fazenda Pública não podem ser objeto de execução provisória, sem que a sentença seja confirmada pelo Tribunal, com maior razão, inexecutáveis serão as condenações oriundas de simples decisão interlocutória, que, sabe-se, não são passíveis de reexame necessário, ou o que é o mesmo, não estando sujeito ao chamado duplo grau obrigatório de jurisdição.

15. No contexto dessa idéia de proteção ao patrimônio público foram editadas várias outras normas, disciplinando diversas situações. No que tange a Medidas Cautelares, Ações Cíveis Públicas e Ações Populares, a questão foi disciplinada nos artigos 1º, 3º e 4º da Lei n.º 8.437/92.

16. Trata-se, na verdade, de disposições eminentemente explicativas, notadamente quando se veda a satisfatividade das decisões liminares, pois que essa norma já está inserida na legislação processual, por decorrência do precitado artigo 475 do CPC. Somente a decisão adotada em duplo grau de jurisdição tem eficácia contra o poder público.

17. Com efeito, a Medida Provisória n.º 1.570, de 26 de março de 1997, que se tornou a Lei n.º 9.494 de 10 de setembro de 1997, com vigência na mesma data, amplia a aplicação das Leis nº 4.348/64, 8.437/92 e 7.347/85, vedando expressamente a concessão de medidas liminares contra a Fazenda Pública que impliquem no esvaziamento do objeto da ação.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

18. Para uma melhor compreensão da ofensa à lei, demonstramos a conjugação dos diplomas mencionados:

Lei 9.494/97:

"Art. 1º. Aplica-se à tutela antecipada prevista nos artigos 273 e 461 do Código de Processo Civil o disposto nos artigos 5º e seu parágrafo único e 7º da Lei n.º 4.348, de 26 de junho de 1964, no artigo 1º e seu § 4º da Lei n.º 5.021, de 09 de junho de 1966, e nos artigos 1º, 3º e 4º da Lei n.º 8.437, de 30 de junho de 1992" (grifamos).

Lei 8.437/92:

"Art. 1º. Não será cabível medida liminar contra atos do Poder Público, no procedimento cautelar ou em quaisquer outras ações de natureza cautelar ou preventiva, toda vez que providência semelhante não puder ser concedida em ações de mandado de segurança, em virtude de vedação legal.

§ 1º. Não será cabível, no juízo de primeiro grau, medida cautelar inominada ou a sua liminar, quando impugnado ato de autoridade sujeita, na via de mandado de segurança, à competência originária de tribunal.

§ 2º. O disposto no parágrafo anterior não se aplica aos processos de ação popular e de ação civil pública.

§ 3º. Não será cabível medida liminar que esgote, no todo ou em parte, o objeto da ação" (destacamos).

19. Diga-se, de passagem, que a Constitucionalidade da Lei 9.494/97 já é matéria pacificada pela Ação Declaratória de Constitucionalidade n.º 4-6/98 do Distrito Federal, julgada pelo E. STF, procedente "in totum", com eficácia *erga omnes* e efeito vinculante:

"ADC: Extensão dos Efeitos da Liminar

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:18
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Retomando o julgamento da ação declaratória de constitucionalidade (v. Informativo 98), proposta pelo Presidente da República, pela Mesa do Senado Federal e pela Câmara dos Deputados, que tem por objeto o artigo 1.º da Lei 9.494/97 ("Aplica-se à tutela antecipada prevista nos arts. 273 e 461 do Código de Processo Civil o disposto nos arts. 5.º e seu parágrafo único e 7.º da lei 4.348, de 26 de junho de 1964, no art. 1.º e seu § 4.º da Lei 5.021, de 9 de junho de 1966, e nos arts. 1.º, 3.º e 4.º da Lei 8.347, de 30 de junho de 1992."), o Tribunal, por votação majoritária, deferiu, em parte, o pedido de medida cautelar, para suspender, com eficácia ex nunc e com efeito vinculante, até final julgamento da ação, a prolação de qualquer decisão sobre pedido de tutela antecipada, contra a Fazenda Pública, que tenha por pressuposto a constitucionalidade ou inconstitucionalidade do art. 1.º da Lei n.º 9.494, de 10/9/97, sustando, ainda, com a mesma eficácia, os efeitos futuros dessas decisões antecipatórias de tutela já proferidas contra a Fazenda Pública, vencidos, em parte, o Ministro Néri da Silveira, que deferiu a medida cautelar em menor extensão, e, integralmente, os Ministros Ilmar Galvão e Marco Aurélio, que a indeferiam.

Precedente citado: ADInMC 1.576-DF (acórdão pendente de publicação, v. Informativo 67). ADC(MC) 4-UF, rel. Min. Sidney Sanches, 11.2.98." (grifamos).

20. Nesse sentido, também, o despacho do Ministro Octavio Gallotti, como Relator na Reclamação nº 1.214-0, tendo como reclamante a União e reclamado o MM. Juiz Federal da 24ª Vara de São Paulo:

"DESPACHO: Inegável é a relevância jurídica dos fundamentos da reclamação oferecida contra decisão que, a despeito da decisão do Supremo Tribunal na Ação Declaratória de Constitucionalidade nº 4, nega aplicação ao disposto no art. 1º da Lei nº 9.494-97, determinando, a título de tutela antecipada, o pagamento de diferença de vencimentos a magistrados federais.

Presente, igualmente, o requisito do comprometimento da eficácia da providência desta Corte que venha a garantir a autoridade de seu julgado, defiro a medida liminar para suspender, até solução definitiva desta reclamação, os efeitos da



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

decisão reclamada, neles compreendida a prática de qualquer ato processual relacionado com a tutela antecipada em questão.”(destacamos)

21. O conteúdo da decisão proferida em Ação Declaratória de Constitucionalidade terá sua eficácia voltada contra o Poder Judiciário e toda a Administração Pública (CF/88, art. 102, § 2º), restando, portanto, de observância obrigatória. Nesse sentido se manifesta a Lei nº 9.868, de 10-11-1999:

“Art. 28. Dentro do prazo de dez dias após o trânsito em julgado da decisão, o Supremo Tribunal Federal fará publicar em seção especial do Diário da Justiça e do Diário Oficial da União a parte dispositiva do acórdão.”

Parágrafo único. A declaração de constitucionalidade ou de inconstitucionalidade, inclusive a interpretação conforme a Constituição e a declaração parcial de inconstitucionalidade sem redução de texto, têm eficácia contra todos e efeito vinculante em relação aos órgãos do Poder Judiciário e à Administração Pública federal, estadual e municipal” (destacamos).

22. Assim, percebe-se que a concessão de medida antecipatória no caso em tela - determinando a retirada dos símbolos religiosos das repartições públicas - significaria o esvaziamento do objeto da ação, em clara violação ao disposto na legislação citada, como, aliás, já reconhecido pelo C. STJ:

**“ADMINISTRATIVO. SERVIDOR PÚBLICO.
GRATIFICAÇÃO. TUTELA ANTECIPADA.
FAZENDA PÚBLICA.**

É vedada a concessão de tutela antecipada nos moldes do art. 1º da Lei 9.494/97. O colendo Supremo Tribunal Federal, quando do julgamento em plenário da medida liminar na ADC nº 4, pronunciou-





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

se pela impossibilidade da antecipação de tutela, nesses casos, em face da Fazenda Pública. Recurso conhecido e provido" (grifamos). (REsp 573281/RS)

23. Impõe-se, desta forma, o indeferimento da tutela antecipada requerida, pois a determinação de retirada dos símbolos religiosos das repartições públicas significará, em verdade, o esgotamento do objeto da ação, por suprimir os objetos dos espaços públicos sem determinação de sua guarda ou conservação, dando causa a um incerto retorno de tais imagens, com a imposição irreparável, dia a dia, da proibição do exercício da liberdade religiosa pelos que ali trabalham.

2 - DA AUSÊNCIA DOS REQUISITOS AUTORIZADORES DA TUTELA ANTECIPADA

24. Ademais, no presente caso não há que se falar em qualquer violação a direito defendido pelo requerente, nem fundado receio de dano irreparável ou de difícil reparação, o que afasta completamente a presença dos requisitos exigidos pelo artigo 273, *caput*, do CPC (a verossimilhança da alegação e o perigo de dano irreparável).

25. Nesse passo, atente-se para o ensinamento de José Frederico Marques, para quem *"as antecipações cautelares não podem criar riscos novos e graves para o litigante que lhes sofre os efeitos, pois se isso fosse permitido, se acabaria substituindo o periculum in mora por outro periculum in mora"*. Daí a sua conclusão:

"Esse o motivo pelo qual, nas medidas inominadas, o juízo de probabilidade, baseado no fumus boni juris, deve ser pronunciado com razoável rigor e cuidadoso exame da situação jurídica, que o litígio principal apresenta" (grifamos).²

² MARQUES, José Frederico. *Manual de Direito Processual Civil*. Vol. IV. São Paulo: Saraiva, 1976, p. 375/6.



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

26. E nem seria necessário realizar uma análise cuidadosa do caso para perceber que as alegações do *parquet* não contêm nem a verossimilhança nem o perigo de dano irreparável requeridos pelo art. 273 de nosso Código, como a seguir se demonstrará.

3 - DA INEXISTÊNCIA DE RECEIO DE DANO IRREPARÁVEL OU DE DIFÍCIL REPARAÇÃO

27. Não há fundado receio de dano irreparável ou de difícil reparação no pedido feito pelo Autor da ação.

28. Ainda que o Requerente queira obter desde logo a providência que pleiteia em juízo, é importante que lembremos que tal pretensão deve se submeter aos requisitos exigidos pela norma de regência – o art. 273, do CPC, antes citado – requisitos estes que não se encontram configurados nesta demanda.

29. Afinal, como assevera Renato Luís Benucci, *“não é um simples inconveniente da demora processual que justificaria a antecipação de tutela”*.³

30. E no caso em tela, não há dano irreparável na presença de símbolos religiosos em locais de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo, tampouco urgência em sua retirada.

³ BENUCCI, Renato Luís. *Antecipação da tutela em face da Fazenda Pública*. São Paulo: Dialética, 2001, p. 26.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

31. Ora, tais símbolos estão presentes em repartições públicas há séculos, o que bem demonstra a ausência da urgência necessária à concessão da tutela antecipada requerida.

32. Lembremos que o Brasil tinha uma religião oficial – a católica - até a Constituição do Império,⁴ como se lê no art. 5.º, da antiga Carta Imperial:

*"Art. 5. **A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio.** Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo"* (destacamos).

33. Pois bem: já nos primeiros dias do Governo Provisório republicano, em consonância com seu ideário e com a doutrina de Thomas Jefferson,⁵ foi editado o Decreto n.º 119-A, de 7 de janeiro de 1890, que *"prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias"*.

34. Foi naquele decreto, de 120 (cento e vinte) anos atrás, que surgiu a separação entre o Estado Brasileiro e uma religião oficial, por ter o art. 1.º do decreto determinado que *"É prohibido á autoridade federal, assim como á dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a (...)"*.

35. Ou seja: a base legal (e fática dela decorrente) que ampararia o pleito do Requerente existe há mais de cem anos, com o que se vê a total ausência de urgência ou dano irreparável necessários ao deferimento da tutela antecipada solicitada.

⁴ CASTRO, Araújo. *A Constituição de 1937*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003, p. 272.

⁵ MAXIMILIANO, Carlos. *Comentários à Constituição Brasileira de 1891*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 220 e ss.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

36. Nem se diga, de outro lado, que seria nova (dando causa a uma urgência na sua retirada) a situação de termos símbolos religiosos nas repartições públicas do país.

37. Pelo contrário: antiga é tal prática, com o que não há possibilidade de dano que não possa aguardar até o trânsito em julgado desta ação, não havendo necessidade de antecipação dos efeitos da tutela neste caso, ainda mais da forma ampla como foi requerida.

38. Sequer *novo* é o pedido feito nesta ação, pois bem antes (em 2007) o Conselho Nacional de Justiça analisou requerimento semelhante - embora adstrito a imagens religiosas ostentadas em nossos Tribunais (Pedidos de providência n.º 1344, PP 1345, PP 1346 e PP 1362). Na ocasião, como se verá, foi reconhecida a legitimidade da permanência de tais símbolos nas cortes de nosso país.

39. Além de inexistir urgência para o deferimento da tutela antecipada requerida, é importante lembrar que na relação processual goza a parte contrária do direito amplo de defesa para discutir o mérito da lide, sem que o mero cumprimento do rito processual configure uma demora do processo apta a causar um dano irreparável.

40. Em verdade, a parte autora não pretende discutir a questão de forma ampla, simplesmente querendo, desde logo, que se exteriorize a força preventiva da jurisdição.

41. Mas acima da vontade das partes há a lei, e nosso Código de Processo Civil é claro e expresso ao exigir a *urgência*, o *perigo do dano irreparável* para a concessão da antecipação da tutela. E não estando





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

presente tal requisito legal, não pode ser concedida a tutela, como espera a União.

4 - DA INEXISTÊNCIA DE VEROSSIMILHANÇA OU DE DIREITO DA PARTE AUTORA

42. Ao lado da prova de dano irreparável, o art. 273 do CPC pede ainda que o juiz se convença da verossimilhança das alegações do requerente, para que se possa conceder a tutela antecipada.

43. Tal verossimilhança se apresenta quando há direito evidente, demonstrável de plano ao julgador, em proximidade ao conceito de "fumus boni iuris" (cf. STJ, REsp 166240/CE).

44. E no dizer do C. Superior Tribunal de Justiça, "*a tutela antecipada pressupõe direito evidente (líquido e certo) ou direito em estado de periclitção*", sendo "*líquido e certo o direito quando em consonância com a jurisprudência predominante do STJ*" (REsp 552691/MG, grifamos).

45. Se *direito líquido e certo* é, sobretudo, aquele que está em consonância com a jurisprudência do STJ, que se dirá daquele alegado contra orientação firmada no Conselho Nacional de Justiça ?

46. É o caso do pedido do *parquet*, que já foi rechaçado pelo CNJ há dois anos, quando o Conselho enfrentou o tema da presença de crucifixos em Tribunais após uma série de pedidos de providência da Organização não-governamental "Brasil para Todos", que pleiteava a retirada dos objetos das dependências de órgãos do Poder Judiciário.

47. Naquela ocasião, o CNJ entendeu que os objetos seriam símbolos da cultura brasileira e que não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário. Confira-se:



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

"Pedido para que se determine aos tribunais a retiradas de crucifixos dos plenários e salas"

Pedido de Providencias. Pretensão de que se determinè aos Tribunais de Justiça a retirada de crucifixos afixados nos Plenários e salas.

Alegação de que a aposição de símbolos fere o art. 19, inciso I da CF/88 – 'Manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado – ou o Poder Judiciário – clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF, art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, data vênia, no ordenamento jurídico pátrio, qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de Órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável" (grifamos)
(CNJ – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 – Rel. Cons. Oscar Argollo – 14 º Sessão Extraordinária – j. 06.06.2007 0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator).

48. **O mesmo raciocínio, por obvio, há que ser empregado em relação a outros prédios públicos,** de onde se vê que não há o perigo do dano na presença dos símbolos religiosos em seus locais de exposição, desmerecendo acolhida o argumento da parte autora de que *"inúmeras pessoas se dirigem aos prédios da União (...) e tem sua liberdade de crença ofendida diante da ostentação pública de símbolos religiosos não relacionados com a fé que professam"*.

49. **Como ressaltou o CNJ, o uso de símbolos religiosos – mais especificamente crucifixos – faz parte da cultura popular, sendo um**



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

costume de profundas raízes. Seu uso constitui uma questão que merece ser discutida com amplitude e vagar, não cabendo exauri-la em sede de antecipação de tutela, cujo juízo, a lei o diz, baseia-se na necessidade de verossimilhança das alegações da parte.

50. Pela pertinência, merece ser citado o voto condutor da decisão daquele I. Conselho:

"VOTO:

Duas teses razoáveis parecem emergir da matéria, relativamente à existência de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos: **a)** seriam símbolos meramente culturais e tradicionais, ou que expressariam a religiosidade do povo, sem comprometimento da liberdade de religião ou afronta ao Estado laico; **b)** indicariam preferência por determinada confissão religiosa, em detrimento das demais; violando os princípios do laicismo do Estado brasileiro (separação do Estado e da Igreja, art. 19, 1, da CF-88) e a liberdade de religião.

Convenci-me da relevância da questão, merecendo deliberação deste CNJ, mercê de sua competência constitucional. O tema tem sido objeto de estudos, principalmente dos constitucionalistas.

A presença de símbolos religiosos foi objeto de decisão de cortes supremas em alguns países. Nos Estados Unidos, conhecida é a decisão da Suprema Corte de 1989 sobre a inconstitucionalidade da instalação de um presépio instalado nas escadarias de um tribunal. Igualmente, em 1995, a Corte Constitucional alemã julgou caso envolvendo a afixação de crucifixo em órgão público, enfrentando o problema do alcance do laicismo.

No Brasil, O STF julgou caso sobre a reprodução ou não de invocação de Deus no preâmbulo de Constituição estadual (ADIn 2076- 5/AC), mas ainda não sobre a existência de símbolos religiosos em órgãos públicos.

O estado da arte, assim sumariado, não aponta para fácil deslindeamento.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Voto, pois, no sentido de o CNJ determinar abertura de audiência pública, para que, no prazo de dois meses, quaisquer interessados possam oferecer subsídios que favoreçam a formação de marco conceitual mais amplo.

DECLARAÇÃO DE VOTO
O EXMO. SR. CONSELHEIRO
OSCAR ARGOLLO:

Já mencionei - *pedido vênia aos eminentes Conselheiros* sobre a distinção que faço entre o interesse público primário e o interesse público secundário.

O primeiro decorre da vontade da sociedade, expressão dos direitos individuais; enquanto o segundo está afeto às questões relativas às vontades das pessoas jurídicas de direito público.

Data máxima vênia, não seduz atualmente o argumento de que havendo certo 'interesse público', ele deve prevalecer sobre os interesses individuais. O objetivo ao invocar uma pretensa proteção para algo "que é de todos" e que não pertence a ninguém em particular é uma articulação falaciosa.

O interesse público, de modo geral, em sua essência (*lato sensu*), deve ser dirigido a defesa dos direitos individuais predominantes, ainda que tais direitos individuais sejam tratados coletivamente. É a exata situação que se apresenta nos autos do presente processo.

O critério para a identificação do direito coletivo (*lato sensu*) apontado pelo Requerente como violado - *aqui viabilizado pela legitimidade postulatório para arguir sobre um pretense interesse público, cuja competência e iniciativa para legislar a respeito pertencem a Poder Diverso* - não reside no mero exame do assunto abstratamente considerado, mas na apreciação da norma jurídica que aponta violada: o inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

85
B

A propósito, urge dizer que o povo brasileiro, por intermédio do Poder Legislativo, mediante Constituição Federal promulgada e vigente, concedeu ao Estado o objetivo fundamental de assegurar a toda sociedade o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar e a justiça - *figura essa aqui representada pela ação do Estado através do Poder Judiciário* - como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social, buscando construir uma coletividade livre, justa e solidária, onde todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantida a inviolabilidade do direito a liberdade, pois ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei, sendo inviolável a liberdade de consciência e de crença.

A cultura e tradição - fundamentos de nossa evolução social - inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc.

São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado - ou o Poder Judiciário - clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF, art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, *data venia*, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável.

O estudo dos costumes, a ética (*g. ethos*), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído através dos tempos e distingue os valores e atribui a idéia de comportamento autorizado ou repudiado.

O costume (*l. consuetudo*), como fonte e regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Alias, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica.

O costume de expor, eventualmente, em dependências ou ambiente de órgão público a imagem de um crucifixo corresponde, sem embargos, a uma necessidade jurídica, de acordo com as homenagens devidas a Justiça. Trata-se de representação, ainda que religiosa, do respeito devido àquele local. O crucifixo é um símbolo que homenageia princípios éticos e representa, especialmente, a paz. Afinal, a luta pelo Direito é o meio para alcançar a Paz, conforme ensinou Ihering em seu famoso opúsculo proferido em Viena em 18723.

O simbolismo nada mais e se não a representação concreta de um conceito abstrato, a transformar símbolos em fenômenos visíveis de alguma idéia. É a idéia sob a forma de imagem, de tal forma que a idéia age permanentemente sobre imagem, tornando-a um símbolo da mera representação de uma idéia. Nada mais, nada menos.

O Estado laico tem a noção de liberdade de crença como um comportamento derivado da liberdade de consciência, patrimônio da liberdade interna do indivíduo.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Assim é que, o indivíduo, no Estado laico, tem absoluta autonomia, ou seja: pode ser ateu, agnóstico, ou optar por uma religião, ou não.

Há, portanto, plena autonomia privada, cabendo ao Estado proibir a coação: a chamada imunidade de coação.

Estado não tem o direito de se imiscuir nos costumes e tradições reconhecidos moralmente pela sociedade.

Portanto, se costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos.

E não podemos ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representam qualquer submissão ao Poder clerical.

A manifestação cultural, forjada pela tradição, de exposição de crucifixo em dependência ou ambiente de Tribunal de Justiça, como elemento representativo do interesse público secundário (*vontade do órgão público*), tem exemplo na sala do Plenário do Excelso Pretório, quando se vê, ao fundo, no painel construído em mármore bege-bahia, pelo artista plástico Athos Bulcão, acima do escudo de armas brasileiro, um crucifixo confeccionado em pau-brasil, obra de Alfredo Ceschiatti.

No campo do direito administrativo, merece observação um julgado do Colendo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, *in verbis*:

EMENTA: Mandado de Segurança - Autoridade coatora - Presidente da Assembléia Legislativa do Estado - Retirada de crucifixos da sala da Presidência da Assembléia, sem aquiescência dos deputados - Alegação de violação ao disposto no artigo 5º inciso VI da Constituição da República - Inadmissibilidade - Hipótese em que a atitude do Presidente da Assembléia é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso - Carência decretada.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Na hipótese, não ficou demonstrado que a presença ou não de crucifixo na parede seja condição para o exercício de mandato dos deputados ou restrição de qualquer prerrogativa. Ademais, a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição da Mesa da Assembléia (artigo 14, inciso II, Regulamento Interno), ou seja, de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência à garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República. (Relator: Des. Rebouças de Carvalho - Mandado de Segurança n. 13. 405-0 - São Paulo, j. em 02.10. 91)'.
BB

Com efeito, conforme se depreende do aludido decisum, "...a presença ou não de crucifixo na parede, ... ou a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição ... de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência à garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República". Vale dizer: o fato não constitui violação a qualquer direito individual ou coletivo, posto que a 'hipótese ... é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso".

Afigura-se, ademais disso, no referido julgado, a prevalência do artigo 99 da Constituição Federal: "Ao Poder Judiciário é assegurada autonomia administrativa ...". Não cabe, pois, ao Egrégio Conselho o controle administrativo sobre a exposição e disposição de objetos ou símbolos religiosos nas dependências dos Tribunais de Justiça face a autonomia administrativa que possuem.

A matéria dos autos, produto de vetusta e ultrapassada discussão, agora repristinada, não merece guarida, eis que a redação do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal, apenas veda a União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público, previsões que não implicam em vedação para a exposição de símbolo



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

religioso em ambiente de órgão público, ou que a exposição faz o Estado se tornar clerical.

Ainda no campo do direito administrativo há aqueles que aludem sobre a presença de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos como sendo uma apropriação indevida do espaço público por interesses privados, porque o interesse particular pode fazer tudo que a lei não proíbe, mas a Administração Pública só pode fazer aquilo que a lei determina.

No particular, data maxima venia, entendo que a interpretação não tem lugar, porque não há no ordenamento qualquer norma jurídica vigente que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estado laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei" (CF. art. 5º, II).

Observe-se o ilustrado Celso Ribeiro Bastos quando preleciona que:

*'A liberdade de organização religiosa tem uma dimensão muito importante no seu relacionamento com o Estado. Três modelos são possíveis: fusão, união e separação. O Brasil enquadra-se inequivocadamente neste último desde o advento da República, com a edição do Decreto 119-A, de 17 de janeiro de 1890, que instaurou a separação entre a Igreja e o Estado. O Estado brasileiro tornou-se desde então laico.'*⁶

Tenho, portanto, que há muito vivemos num Estado laico, desde 1890, sem estabelecer, subvencionar, embaraçar, ou de alguma forma se associar com qualquer culto religioso, exatamente nos termos do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal. Aliás, em meados do mesmo século XIX, em Portugal ocorreu experiência semelhante, decerto mais radical, mais viva, dada a cultura então vigente.

⁶ Celso Ribeiro Bastos. *Curso de Direito Constitucional*, 17 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1996, p. 178.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

O insuspeito historiador e pensador português Alexandre Herculano, feroz combatente do Estado clerical, distinguiu muito bem a situação, afirmando, com toda pertinência, que o interesse individual contido na cultura de uma sociedade não afeta ou viola qualquer tipo de interesse coletivo, sobretudo quando - *aqui, aludindo a presença do simbolismo - o fato 'não perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros'*.

Por assim ver, na medida em que não vislumbro a invocada inconstitucionalidade na prática apontada, muito menos qualquer ilegalidade, dada a ausência de norma jurídica específica em vigor, contendo obrigação de fazer ou de não fazer, considerando que o interesse público primário (*a sociedade*, por sua legítima representação, o Poder Legislativo, nenhuma norma jurídica expediu sobre a matéria, e assim, por entender que essa matéria não se comporta no controle exercido pelo Egrégio Conselho, sendo de competência única, exclusiva, interna e totalmente autônoma dos Tribunais de Justiça, detentores do interesse público secundário; e por considerar que a presença de um símbolo religioso, in casu o crucifixo, numa dependência de qualquer órgão do Poder Judiciário não viola, agride, discrimina ou, sequer, "perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros" (sic), são razões para não acolher a pretensão.

Pedindo vênias, ao eminente Conselheiro Relator, ouse discordar da proposta, para dispensar qualquer Consulta Pública - *até porque, a meu juízo, inócua, face à cultura cristã brasileira* - para votar, no mérito, no sentido da total improcedência da pretensão" (grifamos).

51. Percebe-se, portanto, que a mesma questão aqui trazida foi submetida ao CNJ, tendo aquele Conselho entendido por legítima a ostentação de símbolos religiosos nas repartições públicas mencionadas.

52. Por certo que um pedido de tutela antecipada que afronta orientação firmada no CNJ não preenche o requisito mínimo de



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

verossimilhança exigido pelo art. 273 do CPC, com o que se impõe o indeferimento da antecipação pleiteada.

53. Diga-se ainda que mesmo nos Estados Unidos da America, onde Thomas Jefferson traçou o famoso preâmbulo do *Ato para Estabelecer a Liberdade Religiosa* (doutrina que fundamentou o nosso Decreto n.º 119-A/1889 e o art. 11.º, §2.º, da Constituição Brasileira de 1891), a Corte Suprema local chancelou a colocação de símbolos religiosos em espaços públicos.

54. O *leading case* se deu em 1984,⁷ no julgado *Lynch v. Donnelly*, em que a Suprema Corte americana afirmou a constitucionalidade da colocação de um presépio com as figuras de Jesus, Maria e José em um parque municipal da cidade de Pawtucket, Estado de Rhode Island.⁸

55. Na fundamentação da decisão, a Suprema Corte americana se ateve à impossibilidade de total separação entre o Estado e a religiosidade, a história e a cultura de seu povo, reconhecendo que em diversos outros aspectos a vida dos americanos estava ligada a tradições de origem religiosa (como os feriados religiosos, os dizeres religiosos das notas e moedas de dólar, etc.), sem que isso significasse uma ofensa à separação entre o Estado e a Igreja.

56. É o que se vê no seguinte trecho do julgado:

"Our history is replete with official references to the value and invocation of Divine guidance in deliberations and pronouncements of the Founding Fathers and contemporary leaders.

Beginning in the early colonial period long before Independence, a day of Thanksgiving was celebrated

⁷ Cf. STERNICK, Daniel. "Crucifixos e Tribunais: sobre o problema dos símbolos religiosos no espaço público brasileiro". Departamento de Direito – PUC Rio. 2007.

⁸ Disponível na internet: http://www.belcherfoundation.org/lynch_v_donnelly.htm





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

as a religious holiday to give thanks for the bounties of Nature as gifts from God.

(...)

Executive Orders and other official announcements of Presidents and of the Congress have proclaimed both Christmas and Thanksgiving National Holidays in religious terms.

And, by Acts of Congress, it has long been the practice that federal employees are released from duties on these National Holidays, while being paid from the same public revenues that provide the compensation of the Chaplains of the Senate and the House and the military services. See J. Res. 5, 23 Stat. 516. Thus, it is clear that the Government has long recognized--indeed it has subsidized--holidays with religious significance.

Other examples of reference to our religious heritage are found in the statutorily prescribed national motto "In God We Trust," 36 U.S.C. [sec.] 186, which Congress and the President mandated for our currency, see 31 U.S.C. [sec.] 5112(d)(1) (1982 ed.), and in the language 'One nation under God' as part of the Pledge of Allegiance to the American flag. That pledge is recited by many thousands of public school children--and adults--every year" (destacamos).⁹

56. Em outra ocasião, a Suprema Corte americana decidiu que não havia inconstitucionalidade na permanência de um monumento com a inscrição dos Dez Mandamentos nas dependências do Congresso do Estado do Texas, pois a despeito da mensagem religiosa, o contorno fático e social da situação do monumento mostrava que o objeto exalava uma mensagem moral secular, dentre outros significados culturais.¹⁰

⁹ LYNCH V. DONNELLY (1984) - United States Supreme Court - LYNCH V. DONNELLY - 465 U.S. 668, 104 S.Ct. 1355 (1984) - No. 82-1256. - Argued Oct. 4, 1983. - Decided March 5, 1984. - Rehearing Denied - May 14, 1984.

¹⁰ "Despite the Commandments' religious message, an inquiry into the context in which the text of the Commandments is used demonstrates that the Commandments also convey a secular moral message about proper standards of social conduct and a message about the historic relation between those standards and the law" (SUPREME COURT OF THE UNITED STATES - VAN ORDEN v. PERRY, in his official capacity as



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

57. Seguindo um raciocínio semelhante, pode-se dizer, acompanhando o nosso CNJ, que os crucifixos e imagens são não uma prova da religião do Estado, *mas sim da cultura de nosso povo.*

58. É o que nos lembra o Subprocurador-Geral da República Francisco Adalberto Nóbrega, que em monografia específica sobre Deus na Constituição escreve que "*o Brasil despontou no cenário internacional, imerso num universo de valores religiosos*" sob o manto da expansão comercial portuguesa e do dilargamento da cristandade, com o que

"Essa díade instalada no espírito cristão do Velho Mundo, inspiradora dos navegantes portugueses e que se há de ter sempre presente, para um apropriado entendimento da realidade de histórica de então."

Imerso nessa realidade cultural e religiosa, era de se esperar que o Brasil, no dealbar de sua soberania, se encontrasse sob forte inspiração espiritualista. Esse foi um dos legados da lusitana gente" (grifamos).¹¹

59. E lembrando ainda como antigo é esse debate (a afastar a "urgência" da antecipação da tutela), podemos nos recordar dos debates havidos quando da elaboração da Constituição Brasileira de 1946, especialmente em relação à colocação (ou não) da saudação a Deus no preâmbulo da Carta Magna.

60. À época, o deputado Caires de Brito, do Partido Comunista, tinha apresentado uma emenda eliminando a invocação de Deus do início da Constituição. Contraopondo-se a tal emenda, Gilberto Freire, o famoso sociólogo pernambucanô, esclareceu que, *por questões culturais e sociológicas, "é natural que a Constituição de um povo como o brasileiro, seja*

GOVERNOR OF TEXAS and CHAIRMAN, STATE PRESERVATION BOARD, et al.- CERTIORARI TO THE UNITED STATES COURT OF APPEALS FOR THE FIFTH CIRCUIT - No. 03-1500. Argued March 2, 2005-Decided June 27, 2005, disponível na internet: <http://www.law.cornell.edu/supct/html/03-1500.ZS.html>.

¹¹ NÓBREGA, Francisco Adalberto. *Deus e Constituição: a tradição brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 15.



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

no seu espírito e na sua forma cristã ou católica e não anticristã ou acatólica".¹²

62. Quando da votação da atual Constituição de 1988 foi apresentada emenda semelhante, visando retirar o nome de Deus do preâmbulo constitucional.

63. Rejeitada a emenda por 74 (setenta e quatro) votos contrários e apenas 1 (um) favorável, é de se destacar a posição do deputado comunista Roberto Freire, que, em declaração de voto, posicionou-se contrariamente à retirada do nome de Deus do preâmbulo, ressaltando "**não querer desrespeitar um sentimento desta e religioso do povo brasileiro**", como nos informa Francisco Adalberto Nóbrega.¹³

64. De fato, há a religião e há a cultura, sendo certo que, como esclarecido pelo CNJ, os objetos em questão são símbolos da cultura brasileira, não interferindo na imparcialidade e na universalidade da Administração Pública.

65. E embora a intenção desta ação seja a de tentar proteger a liberdade de religião, **a aceitação do pedido veiculado nesta demanda produziria o efeito oposto, qual seja, a de termos um comando aniquilando a liberdade de religião, criando-se não um Estado laico, mas sim um Estado em oposição à religião, em clara afronta à nossa Carta Magna e aos tratados e convenções internacionais sobre a liberdade de crença e religião.**

66. Para que possamos entender a dimensão do acolhimento do pedido do Autor, é importante que nos lembremos da lição de

¹² NÓBREGA, Francisco Adalberto, *op. cit.*, p. 31-33.

¹³ NÓBREGA, Francisco Adalberto, *op. cit.*, p. 34.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Jorge Miranda, que em seu Manual de Direito Constitucional esquematiza da seguinte maneira as possibilidades de relação entre o Estado e a religião¹⁴:

(i) Identificação entre Estado e religião (Estado confessional):

- (i.i) com domínio do poder religioso sobre o poder político (teocracia)
- (i.ii) com domínio do poder político sobre o poder religioso (cesaropapismo)

(ii) não identificação entre o Estado e religião (Estado laico):

(ii.i) com união entre Estado e uma confissão religiosa (religião de Estado)

(ii.i.i) união com ascendentes de um dos poderes sobre o outro – clericalismo (ascendente do poder religioso) ou regalismo (ascendente do poder político);

(ii.i.ii) união com autonomia relativa

(ii.ii) com separação

(ii.ii.i) separação relativa (com tratamento especial ou privilegiado de uma religião)

(ii.ii.ii) separação absoluta (com igualdade absoluta das confissões religiosas)

(iii) oposição do Estado à religião:

(iii.i) oposição relativa (Estado laicista)

(iii.ii) oposição absoluta (Estado ateu, ou de confessionalidade negativa)

67. Bem se vê, portanto, que quando a nossa Constituição veda ao Poder Público estabelecer cultos religiosos ou igrejas,

¹⁴ MIRANDA, Jorge. *Manual de Direito Constitucional*. Tomo IV. 3ª Ed. Coimbra: Coimbra Editora, 2000, p. 405-406.



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança (art. 19, I, da CF), a par de manter o Estado laico (isto é: *sem religião oficial*), ela tampouco está autorizando a proibição de qualquer manifestação de crença religiosa em todo o território nacional – ou seja: a nossa Carta Magna não impõe ao Estado o dever de se opor às religiões, nem obriga que o Poder Público proíba qualquer manifestação (ainda que cultural) ligada aos símbolos de natureza religiosa.

68. Se o pedido do *parquet* for acolhido, aí sim teríamos o Estado parcial, totalitário, em *oposição absoluta* à religião, impondo uma crença única a todos – a da proibição da fé livre.

69. Não é o que deseja nossa Constituição Federal. Afinal, a mesma Carta que veda que o Estado tenha uma religião (qualquer religião, ainda que seja a crença de que não há Deus) estipula a inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (art. 5.º, VI, da CF).

70. Desta forma, e como bem ressaltado pelo Conselho Nacional de Justiça, o comando do art. 19, I, da CF não implica em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a sua exposição tome o Estado clerical.

71. Não há, também, relata o CNJ, “no ordenamento *infralegal* qualquer norma jurídica que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estado laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e ‘ninguém será obrigado





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei" (CF. art. 5º, II)¹⁵

72. Daí não existir, tampouco, desrespeito aos valores consagrados no art. 37, *caput*, da Constituição Federal, pois a Administração Pública, *ao não proibir* o uso de objetos ligados à cultura brasileira ou que não têm sua ostentação vedada por lei, na verdade age com impessoalidade, moralidade e imparcialidade dela exigidas – pois o Poder Público, aqui, não estará perseguindo ninguém por acreditar numa religião, ou por ostentar um objeto da cultura religiosa ou tradicional a que pertença. Pelo contrário: a Administração estará tão-somente respeitando o direito à liberdade de fé garantido a todos os indivíduos em nosso país.

73. Diante de tais considerações, bem se vê que não há verossimilhança nas alegações do Ministério Público Federal apta autorizar a antecipação da tutela, tampouco dano irreparável que justifique a sua concessão in limine, com solicitado pela parte Autora.

74. **Por fim a União pede vênia para transcrever o entendimento da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, a qual se manifestou sobre o tema em questão, nos seguintes termos:**

“O reconhecimento de que todos os seres humanos têm direitos e liberdades fundamentais inerentes à condição humana e, de que toda nação têm a obrigação de respeitar os direitos fundamentais de seus cidadãos, é, sem dúvida, uma imposição constitucional. Não obstante, essa ideia tenha há muito tempo surgido na história e no pensamento humano, a concepção de que os direitos fundamentais dos seres humanos constitua objeto de uma regulação por parte da Comunidade Internacional, isto é, o seu

¹⁵ (CNJ – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 - Rel. Cons. Oscar Argollo – 14.ª Sessão Extraordinária – j. 06.06.2007 0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator).





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

reconhecimento, desenvolvimento, preservação e responsabilização, emergiu somente após as terríveis violações dos direitos humanos pelos regimes totalitários Alemão, quando verificou-se o que fora o holocausto, e o Soviético.

Neste contexto, a liberdade religiosa é garantia constitucional deferida às pessoas tanto no âmbito internacional quanto no âmbito interno.

A Organização das Nações Unidas reconhece, com efeito, a liberdade religiosa nos termos do art. 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. *In verbis:*

"ARTIGO 18. Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância isolada ou coletivamente, em público ou em particular".

Para tornar esse dispositivo ainda mais claro, ONU editou a Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Baseadas em Religião ou Crença (Resolução n.º 36/55). *In verbis:*

"Art. 1º. Ninguém será sujeito à coerção por parte de qualquer Estado, instituição, grupo de pessoas ou pessoas que debilitem sua liberdade de religião ou crença de sua livre escolha".

"Art. 6º. O direito à liberdade de pensamento, consciência, religião ou crença incluirá as seguintes liberdades:

h) observar dia de repouso e celebrar feriados e cerimônias de acordo com os preceitos da sua religião ou crença."





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Neste sentido também é a Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), ingressa no sistema pátrio nos termos do Decreto n.º 678, de 06 de novembro de 1992, cujo art. 12, alínea 2, explicita:

"Artigo 12. Liberdade de Consciência e de Religião

2. Ninguém pode ser objeto de medidas restritivas que possam limitar sua liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças."

Garante, ainda, o artigo 26 do Pacto dos Direitos Civis e Políticos:

"Artigo 26. Todas as pessoas são iguais perante a lei e têm direito, sem discriminação alguma, a igual proteção da lei. A este respeito, deverá proibir qualquer forma de discriminação e garantir a todas as pessoas proteção igual e eficaz contra qualquer discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento ou qualquer opinião."

Afirme-se que os tratados internacionais acima referidos integram o ordenamento jurídico pátrio por força do disposto no § 2.º, do art. 5.º, da Constituição.

CONTEÚDO DA LIBERDADE RELIGIOSA

A liberdade religiosa traduz a necessidade de tolerância de diferentes práticas religiosas, consistindo no dever de abstenção do Estado (liberdade negativa) em se respeitar a expressão e o significado da liturgia religiosa em sua diversidade.

O art. 5º da Constituição que traz em seus incisos VI, VII e VIII, dispositivos que asseguram a liberdade religiosa.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

"Artigo 5º.

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei; "

Os dispositivos suprarreferidos, reitere-se, garantem a não intervenção estatal na consciência religiosa do indivíduo. Nesse sentido, assevera o professor Maurício Scheinman¹⁶, *verbis*:

"Foi no século III d.C que a expressão liberdade religiosa – *libertas religionis* – foi, provavelmente, utilizada pela primeira vez, por Tertuliano, advogado convertido ao cristianismo e que passou a defender a liberdade religiosa em face dos abusos do Império Romano. A liberdade religiosa é, como se sabe, um direito humano fundamental, assegurado pelas Constituições dos diversos Estados democráticos e, também, por importantes declarações e tratados internacionais de direitos humanos. Contudo, estamos tratando, até aqui, de apenas uma

¹⁶ <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6896>



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

acepção da liberdade religiosa. Há pelo menos mais duas acepções que devem ser abordadas.

A liberdade religiosa comporta pelo menos três acepções: jurídica, teológica ou eclesiástica e bíblica.

No que se refere à liberdade religiosa na acepção jurídica, a mesma compreende, essencialmente, a liberdade religiosa como um direito fundamental da pessoa humana. Nesse sentido, Segundo Jorge Miranda, a liberdade religiosa ocupa o cerne da problemática dos direitos humanos. Ora, no curso da história da humanidade, o direito à liberdade religiosa representa uma conquista extremamente recente. Pode ser identificada nas três fases da era dos direitos, mencionadas por Norberto Bobbio. Segundo o autor italiano, os direitos humanos "nascem como direitos naturais universais, desenvolvem-se como direitos positivos particulares, para finalmente encontrarem sua plena realização como direitos positivos universais". Como direito natural, a liberdade religiosa surgiu no século XVIII, com as primeiras declarações de direitos de 1776 (americana) e 1789 (francesa). Como direito efetivamente tutelado, a liberdade religiosa surgiu com a Constituição Americana. Como direito internacional, a liberdade religiosa surgiu no Segundo Pós-Guerra, com o desenvolvimento do sistema global de proteção aos direitos humanos ligado à Organização das Nações Unidas – ONU."

No mesmo sentido, Paulo Gustavo Gonet Branco:

*"A liberdade de consciência ou de pensamento tem que ver com a faculdade de o indivíduo formular juízos e idéias sobre si mesmo e sobre o meio externo que o circunda. O Estado não pode interferir nessa esfera íntima do indivíduo, não lhe cabendo impor concepções filosóficas aos cidadãos. Deve, por outro lado, -eis um aspecto positivo dessa liberdade -, propiciar meios efetivos de formação autônoma da consciência das pessoas."*¹⁷

¹⁷ Bramco, Gustavo Gonet, *Curso de Direito Constitucional*, p.457.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Infere-se das lições acima que a sociedade mais justa observa princípios fundamentais que norteiam a liberdade religiosa, entendida como a não interferência do Estado na consciência do indivíduo.

DA POSSIBILIDADE DA PERMANÊNCIA DOS CRUCIFIXOS OU OUTROS SÍMBOLOS RELIGIOSOS

Da laicidade do Estado e da liberdade religiosa **não** se extrai uma vedação à presença dos crucifixos e outras imagens religiosas como quer o Ministério Público Federal.

Nesse sentido, inerebatíveis os argumentos do Procurador-Regional da República no Rio de Janeiro (e professor) Daniel Sarmento em artigo específico sobre o tema:

"(...)

e- Símbolos religiosos e tradição

Não é incorreta a afirmação de que a presença de crucifixos em tribunais é tradicional no Brasil. O que é equivocada é a crença de que o papel do Direito seja o de avalizar e legitimar acriticamente as tradições existentes numa sociedade, por mais excludentes que elas sejam.

Não há dúvida de que o Direito, como fenômeno social, tem conexões com as tradições e valores dominantes em uma dada sociedade. Contudo, não é certo conceber prescritivamente a ordem jurídica como uma mera instância de afirmação das práticas sociais hegemônicas, já que muitas vezes o papel do Direito é exatamente o de combater e transformar hábitos e tradições enraizados, desempenhando um papel emancipador.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

É neste sentido que se afirma que a moralidade que o Direito visa a garantir e promover no Estado Democrático de Direito não é a moralidade positiva – que toma os valores majoritariamente vigentes como um dado inalterável, por mais opressivos que sejam – mas a moralidade crítica. É a moral que não se contenta em chancelar e perpetuar todas as concepções e tradições prevalecentes, endossando invariavelmente o status quo cultural, mas propõe-se antes à tarefa de refletir criticamente sobre elas, a partir de uma perspectiva que se baseia no reconhecimento da igual dignidade de todas as pessoas.

Tome-se o exemplo do patrimonialismo e da confusão entre público e privado – infelizmente tão tradicionais e enraizados no Brasil². Diante destas patologias crônicas da sociedade brasileira, não cabe à ordem jurídica o aplauso nem o silêncio, mas o combate. O Conselho Nacional da Magistratura já forneceu um belo exemplo desta atitude:

apesar do caráter “tradicional” do nepotismo do Brasil, não hesitou em proibi-lo firmemente no âmbito do Poder Judiciário³.

O mesmo raciocínio vale para a manutenção de cruzes e crucifixos em tribunais. O caráter tradicional da prática não infirma a sua contrariedade à Constituição Federal, ou aos valores emancipatórios e democráticos que a fundamentam.

f- O argumento “ad terrorem” e a laicidade estatal como princípio

Será que recusar a possibilidade da presença de cruzes e outros símbolos congêneres nos tribunais significa, necessariamente, rechaçar a constitucionalidade da existência de feriados religiosos como o Natal ou a Páscoa, ou ainda negar a legitimidade da ação do Estado quando, por exemplo, gasta recursos públicos na conservação do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, ou de igrejas barrocas, em Ouro Preto?

A resposta é evidentemente negativa.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

A laicidade do Estado não é um comando definitivo, mas um mandamento constitucional prima facie. Trata-se de um típico princípio constitucional, de acordo com a famosa definição de Robert Alexy¹: um mandado de otimização, que deve ser cumprido na medida das possibilidades fáticas e jurídicas do caso concreto, e que pode eventualmente ceder em hipóteses específicas, diante de uma ponderação com algum outro princípio constitucional contraposto, realizada de forma cuidadosa, de acordo com as máximas do princípio da proporcionalidade.

Portanto, a laicidade não incide em termos absolutos, como as regras, que tendem a operar de acordo com a lógica do "tudo ou nada"². Neste quadro, certas medidas que impliquem em algum tipo de suporte estatal à religião podem ser consideradas constitucionalmente legítimas, se forem justificáveis a partir de razões não-religiosas, relacionadas à proteção de outros bens jurídicos também acolhidos pela Constituição, cujo peso, no caso concreto, sobrepuje a tutela constitucional da laicidade.

É o caso da conservação de igrejas barrocas ou de monumentos turísticos com conotação religiosa, em que a ação do Estado decorre da sua missão de proteção do patrimônio histórico, artístico, cultural e paisagístico. É também, creio eu, a hipótese de pelo menos alguns feriados religiosos, como o Natal e a Páscoa, em que a proteção da liberdade de religião da maioria pode justificar que se lhe conceda a possibilidade de celebração da data, que poderia ficar comprometida caso houvesse a obrigação de trabalhar naquele dia.

Não é essa, contudo, a situação dos crucifixos nos tribunais. Aqui, não há ponderação de interesses possível, uma vez que não se vislumbra qualquer bem jurídico de estatura constitucional ou mesmo legal que





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

seja promovido com a manutenção destes símbolos religiosos nas cortes de justiça do país."

A Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, no mesmo sentido, afirma no Memorando nº 236/2009/SPDDH/SEDH/PR que:

"(...)

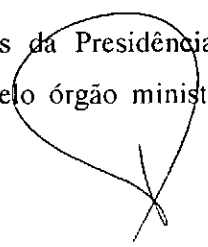
Entendendo ser esta prática um processo cultural secular no Brasil, o de ostentar nos prédios públicos, neste caso os da esfera federal, símbolos religiosos, dentre eles o 'crucifixo'. Mesmo tendo a consciência da laicidade do estado.

(...)

Há uma compreensão por parte desta SEDH/PR que no momento torna-se dispensável uma intervenção, seja por qualquer instrumento legal, de uma ação coercitiva de exclusão de ambientes públicos pertencentes a União de símbolos religiosos, sem antes definirmos uma política pública para as questões da diversidade religiosa no País."

CONCLUSÃO

A Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República manifesta-se pela não concessão da liminar vindicada pelo órgão ministerial federal."





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

75. Não tendo o Postulante demonstrado de forma convincente a existência dos pressupostos legais concessivos da tutela antecipatória, a ausência desses requisitos implicará em denegação da antecipação pretendida. Nesse sentido:

"AGRAVO REGIMENTAL CONTRA DECISÃO MONOCRÁTICA DO RELATOR QUE NEGOU SEGUIMENTO A AGRAVO DE INSTRUMENTO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. TENTATIVA DE INVALIDAÇÃO DO VESTIBULAR 2007. SUPOSTAS IRREGULARIDADES QUANDO DA APLICAÇÃO DAS PROVAS DO CERTAME. TUTELA ANTECIPATÓRIA INDEFERIDA POR AUSÊNCIA DE PROVA INEQUIVOCA CAPAZ DE INDICAR A VEROSSIMILHANÇA DA ALEGAÇÃO. ARGUMENTOS INSUFICIENTES PARA O PROVIMENTO DO AGRAVO REGIMENTAL.

1. Não existindo prova inequívoca que torne verossímil a alegação de violação aos princípios da isonomia, e impessoalidade na realização do vestibular em comento é correta a decisão que indefere a antecipação dos efeitos da tutela pleiteada pelo Ministério Público Federal.

2. Para ser concedida a antecipação da tutela é necessária a concorrência dos requisitos do art. 273 do CPC: verossimilhança da alegação e possibilidade de ocorrência de dano irreparável ou de difícil reparação, aliados à possibilidade de reversão da medida.

3. Não se concede antecipação de tutela se a questão fática essencial não está comprovada de plano.
(...).

5. Agravo regimental improvido" (grifamos).
(TRF/ 1ª Região AGA 2007.01.00.000084-0/AC; AGRAVO REGIMENTAL EM AGRAVO DE INSTRUMENTO, Desembargadora Federal SELENE MARIA DE ALMEIDA, Quinta Turma, DJ 03/05/2007)

76. Por todo o exposto, espera a União ter demonstrado a impossibilidade da concessão da tutela requerida, razão pela qual,





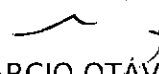
ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

protestando "ad cautelam" pela produção de todas as provas em direito admitidas, requer o indeferimento da tutela antecipada pretendida e espera pela improcedência da ação, pelos fundamentos de fato e de direito acima elencados.

Nesses termos,
p. Deferimento

São Paulo, 15 de agosto de 2009.


LUCILA M. PIATO GARBELINI
Advogada da União
PRU – 3ª Região


MÁRCIO OTÁVIO LUCAS PADULA
Coordenador do Grupo de Matérias Residuais
PRU – 3ª Região





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CONCLUSÃO

Em 18 de agosto de 2.009, faço
estes autos conclusos a MM^a
Juíza Federal Titular desta Vara,
Dra. **MARIA LUCIA**
LENCASTRE URSALIA.

Analista Judiciária RF 4843

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Vistos...

Manifestação prévia da Requerida às fls.
70/107.

Trata-se de ação civil pública, com
pedido de tutela antecipada, tendo por objeto a condenação
da União Federal "em obrigação de fazer consubstanciada na

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes , de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo", fl. 06.

Informa o Ilustre representante do MPF que foi instaurado na Procuradoria Regional dos Direitos do cidadão o procedimento administrativo n. 1.00.000.001411/2007-41 após representação protocolizada pelo cidadão Daniel Sottomaioir Pereira, que teria se sentido ofendido com a presença de "crucifixo" na sede do Tribunal Regional Federal (fls. 7 a 62).

Representação similar do mesmo cidadão Daniel Sottomaioir Pereira foi oferecida ao Ministério Público Estadual pedindo a intervenção do Parquet para compelir o Presidente da Câmara Municipal de São Paulo a retirar o crucifixo existente em seu plenário. A representação foi arquivada pelo promotor de justiça Saad Mazloun e

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

confirmado seu arquivamento pelo Conselheiro Walter Paulo Sabella.

Também junto ao Conselho Nacional de Justiça o mesmo cidadão Daniel Sottomaio Pereira protocolou os pedidos de providências nº 1344 (Requerido Presidente do TJCE), nº 1345 (Requerido Presidente do TJMG), nº 1346 (Requerido Presidente do TRF 4ª Região) e nº 1362 (Interessado TJ Santa Catarina) todos julgados improcedentes nos termos do voto divergente do Conselheiro Oscar Argollo, durante a 14ª Sessão Extraordinária do CNJ, ocorrida em 06/07/2007.

O ilustre representante do MPF entendeu que a foto do crucifixo apresentada pelo autor da representação representava conduta de afixar símbolos religiosos em locais públicos em desrespeito ao princípio da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, bem como ao princípio da impessoabilidade da Administração Pública e ao princípio processual da imparcialidade do Poder

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Judiciário. Alegou, em apertada síntese, que quando o Estado ostenta um símbolo religioso resulta na discriminação das demais religiões professadas no Brasil, afrontando a Constituição Federal, em especial o disposto no artigo 5º, *caput*, e inciso VI, também o artigo 19, inciso I, estaria desrespeitado com a manutenção de símbolos religiosos. Acosta documentos estatísticos do censo demográfico de 2000 elaborado pelo IBGE constando a proporção da população brasileira quanto à religião católica (73,8%), evangélica (15,41%), sem religião (7,4%), demais religiões (3,4%).

Observo que a laicidade de nosso país não é novidade da Constituição Federal de 1988. Antes mesmo da promulgação da Constituição de 1891, o Decreto nº 119-A, de 07/01/1890, determinava a separação entre Igreja e Estado. A Constituição da República de 1891 elevou a laicidade a princípio constitucional que foi reproduzido em todas as Constituições do Brasil que lhe sucederam (1934, 1937, 1946, 1967/69 e 1988).

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Segundo os ensinamentos de nossos doutrinadores, o Estado laico não deve ser entendido como uma instituição anti-religiosa ou anti-clerical. Na realidade o Estado laico é a primeira organização política que garantiu a liberdade religiosa. A liberdade de crença, a liberdade de culto e a tolerância religiosa foram aceitas graças ao Estado laico e não como oposição a ele. O Estado laico pode ser definido como a instituição política legitimada pela soberania popular em que o poder e a autoridade das instituições do Estado vêm do povo, tal conceito está intimamente ligado à democracia e ao respeito dos direitos fundamentais.

Assim sendo, a laicidade não pode se expressar na eliminação dos símbolos religiosos mas na tolerância aos mesmos. Em um país que teve formação histórico-cultural cristã é natural a presença de símbolos religiosos em espaços públicos, sem qualquer ofensa à liberdade de crença, garantia constitucional, eis que para os agnósticos ou que professam crença diferenciada, aquele

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

símbolo nada representa assemelhando-se a um quadro ou escultura, adereços decorativos.

Entendo que não ocorre a alegada ofensa à liberdade de crença, que significa a liberdade de escolha de religião, de aderir a qualquer seita religiosa ou a nenhuma, que não há ofensa à liberdade de culto e nem à liberdade de organização religiosa, garantias previstas no artigo 5º, inciso VI.

A laicidade prevista no artigo 19, inciso I, da Constituição Federal, veda à União, Estados, Distrito Federal e Municípios estabelecer cultos ou igrejas, subvencioná-las, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com elas ou seus representantes relação de dependência ou aliança, previsões que não implicam em vedação à presença de símbolos religiosos em órgão público.

Também não ocorre ofensa ao princípio da impessoabilidade da Administração Pública eis que não há detrimento ou favoritismo a grupos ideológicos quando todos

8ção Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

são tratados com Justiça sem ser obrigados a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.

Ressalto que o princípio da imparcialidade do julgador representa a consagração do dever de aplicar objetivamente o direito ao caso concreto e que o juiz seja subjetivamente imparcial, isto é, estranho à causa e às partes.

Tal princípio é, diariamente, honrado em nossos Tribunais e de que é modelo exemplar o Colendo Supremo Tribunal Federal, no caso emblemático, ora lembrado por ser mais recente, do julgamento da liminar relativa à Arguição de descumprimento de preceito fundamental 54-8-DF. Vale lembrar que esta Egrégia Suprema Corte entende por bem manter um crucifixo em pau-brasil, obra de arte de Alfredo Ceschiatti, manifestação cultural, forjada pela tradição.

Peço vênia para reportar-me a um dos inúmeros fundamentos do R. voto do Conselheiro Oscar

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Argollo prolatado no julgamento dos pedidos de providências junto ao CNJ já retro referidos, "in litteram":

"Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado – ou o Poder Judiciário – clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF. art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (*a sociedade*), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, *data venia*, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação

8ção Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável.

O estudo dos costumes, a ética (*g. ethos*), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído através dos tempos e distingue os valores e atribui a idéia de comportamento autorizado ou repudiado. O costume (*l. consuetudo*), como fonte e regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Aliás, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica.

(...) Portanto, se costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos. E não podemos

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representa qualquer submissão ao Poder clerical”.

Por fim, inobstante o Preâmbulo da Constituição Federal não ter força normativa (como já decidiu o E. STF — Pleno — ADIN nº 2076/AC — Rel. Min. Carlos Velloso — 15/08/2002 — Informativo STF nº 277) o Prêambulo de nossa Constituição Federal é definido como documento de intenções da Lei Maior, representando a proclamação de princípios que demonstra suas justificativas, objetivos e finalidades , servindo de fonte interpretativa para dissipar as obscuridades das questões práticas e de rumo para o governo e a sociedade.

As Constituições brasileiras, com exceção da Constituição Republicana de 1891 e a de 1937, invocaram em seus preâmbulos, expressamente, a proteção de Deus.

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

11

113
61

A nossa Constituição Federal tem seu
preâmbulo assim expresso:

"Nós, representantes do povo brasileiro,
reunidos em Assembléia Nacional Constituinte
para instituir um Estado Democrático, destinado
a assegurar o exercício dos direitos sociais e
individuais, a liberdade, a segurança, o bem-
estar, o desenvolvimento, a igualdade e a
justiça como valores supremos de uma
sociedade fraterna, pluralista e sem
preconceitos, fundada na harmonia social e
comprometida, na ordem interna e
internacional, com a solução pacífica das
controvérsias, promulgamos, sob a proteção de
Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL".

Desta forma, o legislador constituinte,
invocando a proteção de Deus ao promulgar nossa

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

11

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 147



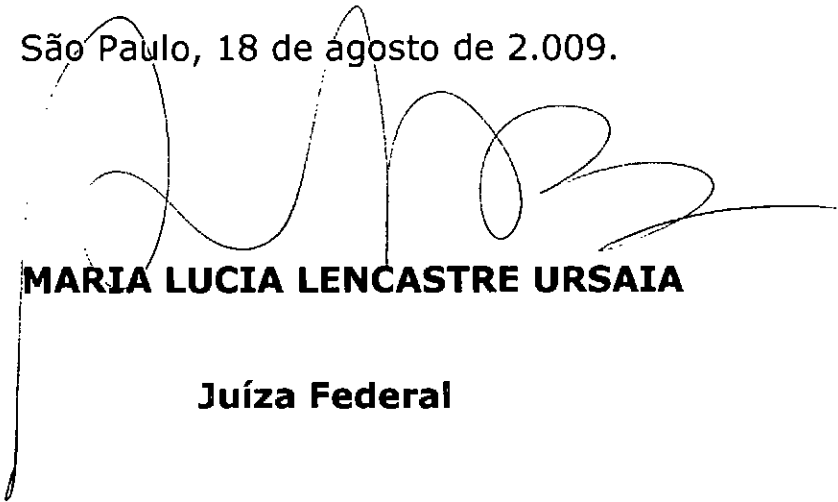
PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Constituição Federal, demonstrou profundo respeito ao Justo para conceber a sociedade justa e solidária a que se propôs.

Com tais fundamentos entendo neste exame preliminar, através deste meio de controle difuso , não ocorrer a alegada ofensa aos princípios constitucionais mencionados na exordial e **indefiro** a medida liminar pleiteada.

P.R.I.

São Paulo, 18 de agosto de 2.009.



MARIA LUCIA LENCASTRE URSAIA

Juíza Federal

Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo : 2009.61.00.017604-0

CERTIDÃO DE REGISTRO

Certifico haver registrado a liminar/antecipação de tutela
no livro n.º 0002/2009 sob o n.º 00185 às fls. 68.

SAO PAULO, 18 de Agosto de 2009

 5453
TEC./Analista Judiciário

D A T A

Em 18/08/2009, baixaram estes autos à Secretaria
com a decisão retro.

 5453
TEC./Analista Judiciário

C E R T I D A O

Processo no. 2009.61.00.017604-0
CERTIFICO e dou fe que a r. decisao supra/retro/de fls. 100/113
foi disponibilizado no Diario Eletronico da Justica em 20/08/2009
as fls. 1646/1651. Considera-se data da publicacao o primeiro dia
util subsequente a data acima mencionada.
SAO PAULO, 20 de agosto de 2009.
Eu,  ELAINE C. CESTARI
(Analista/Tecnica Judiciario), substitui
R.F. 1724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

VISTA

20 AGO. 2009

115
2
Ministério
Público Federal

ELAINE C. CESTARI

R.F. 1724

MINISTÉRIO PÚBLICO
FEDERAL

20 AGO 2009

DIMCI - PR / SP

RECEBIDO

MM.ª Juíza Federal

Ciente o MPF.

São Paulo, 20/08/09.

JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão

RECEBIMENTO

24 AGO. 2009

do MPF -
ELAINE C. CESTARI
R.F. 1724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

Em 24 de Agosto de 2009, faço conclusos estes autos à MM^a. Juíza Federal da 3^a Vara Cível da 1^a Subseção Judiciária de São Paulo - Capital, **Dr^a. MARIA LÚCIA LENCASTRE URSALA**.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.) RF 1724

Processo nº: 2009.61.00.017604-8

Cite-se a União.
São Paulo, 24 de Agosto de 2009.

MARIA LÚCIA LENCASTRE URSALA
Juíza Federal

D A T A

Em 24 de Agosto de 2009, recebi estes autos na Secretaria, com o r. despacho supra.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.)
RF 1724





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CERTIDÃO

*Certifico e dou fé que expedi
Mandado(s), conforme cópia(s) que
segue(m).*

São Paulo, 28 de agosto de 2009.

Eu , subscrevi.

Técnica Judiciária

RF 1.724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

*2009610001760
40*



*0003.2009.0181
7*

MOD 1

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2009.01817
------------------------	----------------------------

MANDADO DE CITAÇÃO

PROCESSO Nº 2009.61.00.017604-0	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER CITADA: UNIAO FEDERAL	
ENDEREÇO 1: RUA DA CONSOLAÇÃO, 1875 5º ANDAR, CERQUEIRA CESAR, SÃO PAULO, SP	CEP: 01301-100
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 60 DIAS.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARIA LUCIA LENCASTRE URSAIA, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

CITE a pessoa acima, para os atos e termos da ação proposta, objeto do processo acima mencionado, conforme cópia da petição, que fica fazendo parte integrante deste, e de acordo com a decisão, cujas cópias seguem anexas.

Fica(m) o(s) réu(s) ciente(s) de que, não contestada a ação no prazo acima fixado, presumir-se-ão por ele(s) aceitos como verdadeiros os fatos articulados pela parte Autora, nos termos do art. 285 do Código de Processo Civil, ressalvado o disposto no art. 320 do mesmo diploma legal.

CUMPRASE, na forma e sob as penas da lei, cientificando o(s) interessado(s) O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 28 de agosto de 2009.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ LUCIANA CARNEIRO ALIOTTI, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

LUCIANA CARNEIRO ALIOTTI
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

*2009610001760
40*



JUNTADA

22 SET. 2009

faço a juntada

deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE nº 100/2009.

*0003.2009.0181

Técnica Judiciária - RF 1724

7*

MOD 1

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2009.01817

MANDADO DE CITAÇÃO

PROCESSO Nº 2009.61.00.01760-0	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER CITADA: UNIAO FEDERAL	
ENDEREÇO 1: RUA DA CONSOLAÇÃO, 1875 5º ANDAR, CERQUEIRA CESAR, SÃO PAULO, SP	CEP: 01301-100
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 60 DIAS.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARIA LUCIA LENCASTRE URSIAIA, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

CITE a pessoa acima, para os atos e termos da ação proposta, objeto do processo acima mencionado, conforme cópia da petição, que fica fazendo parte integrante deste, e de acordo com a decisão, cujas cópias seguem anexas.

Fica(m) o(s) réu(s) ciente(s) de que, não contestada a ação no prazo acima fixado, presumir-se-ão por ele(s) aceitos como verdadeiros os fatos articulados pela parte Autora, nos termos do art. 285 do Código de Processo Civil, ressalvado o disposto no art. 320 do mesmo diploma legal.

CUMPRA-SE, na forma e sob as penas da lei, cientificando o(s) interessado(s) O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

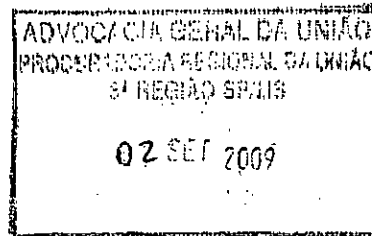
LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

EXPEDIDO nesta cidade de SÃO PAULO, em 28 de agosto de 2009.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, LUCIANA CARNEIRO ALIOTTI, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

LUCIANA CARNEIRO ALIOTTI
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.



CRISTIANE BLANES
Advogada da União
OAB 1332595
OAB 130825

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

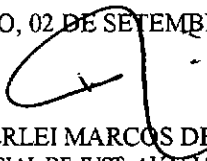
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

CERTIDÃO

CERTIFICO E DOU FÉ QUE, EM CUMPRIMENTO AO DETERMINADO, ESTIVE NO ENDEREÇO INDICADO, ONDE PROCEDI A **CITAÇÃO DA UNIÃO FEDERAL** NA PESSOA DO REPRESENTANTE LEGAL, QUE, APÓS TOMAR CIÊNCIA DOS TERMOS DESTES E RECEBER CONTRAFÉ, ASSINOU NO ANVERSO DO R. MANDADO. SENDO ASSIM, PROCEDO A DEVOLUÇÃO DESTES PARA AS DEMAIS PROVIDÊNCIAS.

SÃO PAULO, 02 DE SETEMBRO DE 2009.


VANDERLEI MARCOS DE SOUZA
OFICIAL DE JUST. AVALIADOR



JUNTADA

Em 13/10/2009, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 100/2009.

121
90

EXMO. SR. DR. JUIZ FEDERAL DA 3.ª VARA CÍVEL DA JUSTIÇA FEDERAL
- SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO.

JFSP - FORUM CIVEL
SETOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
29/09/2009 12:26 h
Prot. n.º. 2009.000263843-1



2009.61.00.017604-0
(3a.V CIVEL)

(AC)

PROCESSO Nº 2009.61.00017604-0

ISRAEL VIEIRA FERREIRA PRADO, advogando em
causa própria, na Ação Civil Pública interposta pelo MINISTÉRIO PÚBLICO
FEDERAL, vem, respeitosamente, à presença de V. Exa. requerer vista dos autos
fora de cartório para xerox pelo prazo de 1 hora.

Nestes termos,
Pede deferimento,
São Paulo, 29 de setembro de 2009.


ISRAEL VIEIRA FERREIRA PRADO
OAB/SP 66.445



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

Em 13 de Outubro de 2009, faço conclusos estes autos à MM^a. Juíza Federal da 3^a Vara Cível da 1^a Subseção Judiciária de São Paulo - Capital, **Dr^a. MARIA LÚCIA LENCASTRE URSALA**.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.) RF 1724

Processo nº: 2009.61.00.017604-0

Fls. 121: nada a considerar eis que o peticionário não é parte nesta ação.

Aguarde-se o decurso do prazo para contestação.
São Paulo, 13 de Outubro de 2009.

MARIA LÚCIA LENCASTRE URSALA
Juíza Federal

D A T A

Em 13 de Outubro de 2009, recebi estes autos na Secretaria, com o r. despacho supra.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.)
RF 1724

EXMO(A) SENHOR(A) DOUTOR(A) JUÍZ(A) DA 3ª VARA DA JUSTIÇA
FEDERAL DE SÃO PAULO – SP

JFSP - FORUM CIVEL
SEIOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
13/10/2009 17:21 h
Prot. nro. 2009.000277744-1



(AC)

JUNTADA

Em 23/10/2009, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE nº 100/2009.

Técnica Judiciária - RF 4724

Autos nº. 2009.61.00.017604-0

**A Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e
Cidadania (ABLIRC)**, CNPJ 08.541.946/0001-77, devidamente representada por seu
presidente: Prof. Samuel Gomes de Lima, vem, através de seus procuradores legais nos
autos da presente **Ação Civil Pública**, em que o Ministério Público Federal move contra
a União, expor:

1- Tramita nesse esse Juízo Ação Civil Pública com
intuito de retirar símbolos religiosos das dependências dos órgão federais.

Rua. Brigadeiro Tobias, n.º 118, sala 505, 5.º andar, Bairro São Bento, CEP 01032-000, São Paulo/SP Fone/(11) 3311-
7553, (11) 8241-3385 e (11) 7224-3909, e-mail: advogado@advogado.pro.br

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

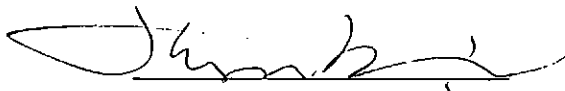
Como a matéria da ação diz respeito a liberdade religiosa, que é um dos objetos do estatuto da requerente, esta tem interesse direto na demanda.

Dispõe o art. 50 do Código de Processo Civil: "*Art. 50 - Pendendo uma causa entre duas ou mais pessoas, o terceiro, que tiver interesse jurídico em que a sentença seja favorável a uma delas, poderá intervir no processo para assisti-la. Parágrafo único. A assistência tem lugar em qualquer dos tipos de procedimento e em todos os graus da jurisdição; mas o assistente recebe o processo no estado em que se encontra.*"

2- Ante o exposto requer de V. Exa. seja admitida a participação do Requerente na lide, na qualidade de assistente do Ministério Público Federal.

Termos em que,
Pede deferimento.
São Paulo 09 de setembro de 2009.

DAMARIS DIAS MOURA KUO
OAB/SP 182.852



THIAGO BALAT BARBOSA
OAB/SP 253.140

Rua. Brigadeiro Tobias, n.º 118, sala 505, 5.º andar, Bairro São Bento, CEP 01032-000, São Paulo/SP Fone/(11) 3311-7553, (11) 8241-3385 e (11) 7224-3909, e-mail: advogado@advogado.pro.br



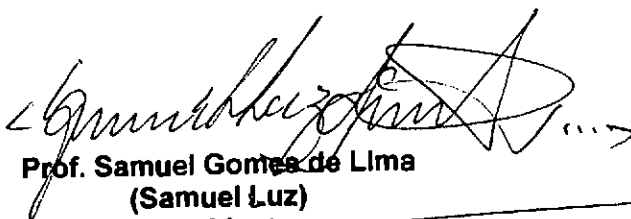


Av. Sete de Setembro, 378 - q. 20 - Cep: 09912-010 - Diadema - SP
CNPJ: 08.541.946/0001-77 - Inscrição Municipal: 47.640
Fone: (11) 3425-7912 - www.ablirc.org.br

INSTRUMENTO PARTICULAR DE PROCURAÇÃO

Por este instrumento particular de Procuração e na melhor forma de direito, **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC**, pessoa jurídica de direito privado, com seus vigentes Estatutos registrados sob n.º 069590, no Cartório do Registro Civil das Pessoas Jurídicas do Ofício de Diadema - SP, sediada na Av. Sete de Setembro, 378 - Vila Conceição, em Diadema - SP, inscrita no CNPJ/MF sob n.º 08.541.946/0001-77, neste ato representada por seu Presidente, **Prof. SAMUEL GOMES DE LIMA**, também conhecido como **SAMUEL LUZ**, brasileiro, casado, professor, portador da Cédula de Identidade com RG nº 14.111.301-7 (SSP/SP) e inscrito no CPF/MF sob nº 247.996.295-49, residente e domiciliado na Av. Sete de Setembro, 299 - Bloco C - Apto 24 - Diadema, SP, na conformidade do art. 51º do Estatuto Social, **NOMEIA E CONSTITUI COMO SEUS ADVOGADOS E BASTANTE PROCURADORES: DAMARIS DIAS MOURA KUO**, brasileira, advogada, inscrita na OAB-SP sob o nº 186.852, com escritório profissional estabelecido na Praça da Sé, nº 21, Edifício São Marcos, Conjunto 08 - CEP: 01.001-001 - Centro - São Paulo e **THIAGO BALAT BARBOSA**, brasileiro, advogado, inscrito na OAB-SP sob o nº 253.140, com escritório na Rua. Brigadeiro Tobias, n.º 118, sala 505, 5.º andar, Bairro São Bento, CEP 01032-000, São Paulo/SP com poderes para representá-la em juízo ou fora dele, em qualquer foro, instância ou tribunal, facultando-lhes requerer e assinar tudo o que julgarem necessário para o que confere os poderes contidos na cláusula "ad iudicia et extra" e demais poderes especiais para acordar, transigir, desistir, firmar compromisso, receber, dar quitação, a fim de que possam ingressar como Amicus Curiae, ou equivalente, a critério dos magistrados, na **Ação Civil Pública do MPF-SP nº 2009.61.00.017604-0** que tramita na 3ª Vara da Justiça Federal em São Paulo, praticando enfim todos os atos, conexos, correlatos e consequentes, e que embora não estejam aqui especificados, sejam necessários no processo e ao fiel cumprimento do presente mandato, sem contudo poder substabelecer esta em outrem.

Diadema, 22 de Setembro de 2009


Prof. Samuel Gomes de Lima
(Samuel Luz)
Presidente

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

ILMA SRª. OFICIALA DO REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA DA COMARCA DE
DIADEMA - SP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA
(Nome da Associação/Sociedade/Organização Religiosa)

estabelecida (Rua/Av.) AV. ALDA, 995

(bairro) PR. 7 DE SETEMBRO número 995 CEP: 09912-010 inscrita no

CNPJ sob n.º _____ nesta cidade e Comarca de Diadema, Estado

de São Paulo, devidamente registrada nesta Serventia sob o número _____ representado por seu(s)

representante(s) legal(is) (Sócios/Presidente/Diretor Executivo):

(Nome): SAMUEL GOMES DE LIMA

(Nacionalidade): BRASILEIRA (estado civil) CASADO

(Profissão) PROFESSOR (RG) 14.111.301-7 (CPF) 247.996.295-49

(Residência) AV. SETE DE SETEMBRO, 299 - 24C

V. CONCEIÇÃO

vem à presença de Vossa Senhoria solicitar, nos termos do art. 120 e seguintes da Lei 6.015/73, o abaixo assinalado:

() Alteração de tipo jurídico de Sociedade Civil (S/C) para Sociedade Simples (Registro Civil de Pessoa Jurídica) ou Sociedade Empresária (JUCESP) ou Adequação do Contrato Social ao Novo Código Civil - Lei 10.406/02.

() Registro de atos constitutivos de sociedade simples.

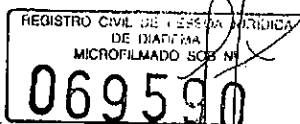
() Averbação de alterações contratuais de sociedade simples.

☒ Registro de estatuto social.

() Alterações de estatuto social

() Registro de ata de pessoa jurídica

() Registro de distrato social



P. Deferimento

Diadema, 28 de NOVEMBRO de 2.006.

[Assinatura]
Assinatura



1.811 PJ

Página 1 de 43

Documento assinado eletronicamente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 161

CERTIDÃO

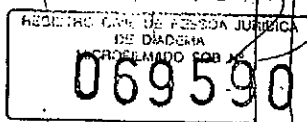
Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE FUNDAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC, realizada no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo - Viaduto Jacaré, nº 100 - Centro - São Paulo - SP, tendo seu início às 19:30 (dezenove horas e trinta minutos) do dia 09 de Novembro de 2004.

Nesta data reuniram-se os signatários deste documento, convocados que foram pela Comissão Organizadora do evento formada pelas seguintes pessoas: Sr. Samuel Gomes de Lima, também conhecido como Samuel Luz; Sr. Valdir Carlos; Sr. Janice Oliveira Almeida; Senhor Ezio Almeida do Nascimento; Senhor Jakes Oliveira Moura; Sr. Célia Marise Lautert de Lima, para o II Fórum de Liberdade Religiosa do Estado de São Paulo, o qual, por sugestão da Comissão Organizadora e aclamação dos presentes se constituiu na Assembleia Geral de Fundação e Constituição, da ABLIRC - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA, para deliberar sobre a seguinte ordem do dia: 1) Fundação e denominação da entidade; 2) Constituição do Estatuto da entidade, adequado ao Código Civil em vigor e aos propósitos da instituição; 3) Eleição e posse: A) do Conselho de Associados Constituintes; B) do Conselho Administrativo; C) do Conselho Fiscal; D) da Diretoria Executiva; E) Assuntos gerais para o bom andamento da Entidade.

O mestre de cerimônia do evento foi o Doutor Jakes Oliveira Moura, o qual, na qualidade de membro da Comissão Organizadora, recepcionou os convidados a partir das 19h30 e durante o preâmbulo da reunião. Ocupando a tribuna às 20h12m propôs que a Presidência da Assembleia fosse exercida pelo Professor Samuel Gomes de Lima, também conhecido como Samuel Luz, idealizador da entidade e Presidente da Comissão Organizadora, o que foi aceito por aclamação. Estabelecida a Presidência, o professor Samuel Luz propôs e todos acataram, que o Doutor Jakes Oliveira Moura continuasse como mestre de cerimônia do evento. A mim, Doutor Ezio Ferraz de Almeida, Secretário Executivo da CONGEP - Convenção Geral das Igrejas Evangélicas e Pentecostais do Brasil, como membro da Comissão Organizadora, foi apresentado o convite para ocupar a posição de Secretário da Mesa Diretora, função que aceitei com prazer, recebendo do Senhor Presidente a incumbência de redigir e lavrar a presente ata e assiná-la como Secretário e Advogado, conforme registro indicado na minha qualificação, anexa a esta ata. Estabelecida a organização dos trabalhos, o mestre de cerimônia fez alusão à importância histórica deste momento, mencionando a relevância dos temas abordados e da Ordem do Dia ressaltando a presença de autoridades constituídas civis e eclesásticas, convidando para, também compor a Mesa Diretora, as seguintes personalidades: Doutor Campos Machado, DD. Deputado Estadual de São Paulo, líder do PTB; Dr. Antonio Goulart, DD. Vereador da Cidade de São Paulo, líder do PMDB; Dr. Paulo Frange, DD. Vereador da Cidade de São Paulo, líder do PTB; Pr. Valdir Carlos, DD. Diretor de Educação e Liberdade Religiosa da Associação Paulistana da Igreja Adventista do Sétimo Dia; Pr. William Correa Soares, DD. Presidente da Igreja Adventista da Promessa; Professor Enoch da Silva, DD. Vice-prefeito eleito de Hortolândia/SP e o Dr. José Ricardo Dias, DD. Vereador eleito da Cidade de Santo André/SP. Composta a Mesa Diretora todos se puseram em posição de respeito para a execução do Hino Nacional Brasileiro. Na sequência da programação o mestre de cerimônia, a pedido do Senhor Presidente, apresentou as demais autoridades presentes na Assembleia, a saber: o Dr. Antonio Carlos de Campos Machado Júnior, DD. Juiz de Direito; Dr. Sebastião Lino Siqueira, DD. Juiz de Direito; Dr. Rodrigo Augusto C. Campos, DD. Procurador do Estado de São Paulo; Dr. Hermes Pereira de Brito, DD. Diretor do Departamento Jurídico da Igreja Adventista da Promessa; Dr. Alcides Coimbra, DD. Diretor de Liberdade Religiosa e Assessor Jurídico da União Central Brasileira da Igreja Adventista do Sétimo Dia; Professor João Lopes de Araújo Neto, DD. Diretor de Educação e Liberdade Religiosa da Associação Paulista Leste da Igreja Adventista do Sétimo Dia; Sr. Sinval Aragão, DD. Presidente da UAU - União Adventista de Universitários da região paulistana e do Sr. Samuel Godoi, DD. Presidente da UAU, região paulista sul. Concluídas as apresentações o Dr. Alcides Coimbra, a convite do Senhor Presidente, dirigiu-se à tribuna e invocou a direção divina sobre os trabalhos através de uma prece.

Ato contínuo, o Professor Samuel Luz, Presidente da Mesa Diretora da Assembleia agradeceu a presença das autoridades e de todos os participantes, ressaltando a importância da constituição de uma entidade que tivesse o objetivo de defender a liberdade religiosa e promover a cidadania no Brasil, pelo que foi aplaudido efusivamente. Agradecendo a manifestação espontânea do plenário, expôs que se inspirou na eficiente atuação da IRLA - International Religious Liberty Association, que desenvolve atividades desta natureza há mais de 100 anos e enfatizou que a ABLIRC será um reflexo da IRLA no Brasil. Tendo mais uma vez a Assembleia se manifestado, com aplausos, agradeceu o gesto de aprovação e encarregou o mestre de cerimônia a dar andamento no programa.





CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo) CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Assumindo a palavra o mestre de cerimônia anunciou a entrada de um exemplar da Constituição da República Federativa do Brasil e da Bíblia Sagrada, conduzidas pelos componentes da Turminha da Cidadania, os juvenis Renan Moreira dos Santos, Gideon Lautert de Lima e Mateus Aleixo da Silva de Macedo e guardadas pelo codete mirim Vinícius Pauli e pelo desbravador Gabriel Oliveira Farias. Concluída a entrada dos referidos emblemas que norteiam os trabalhos desta entidade, entregaram ao DD, Deputado Estadual Campos Machado a Bíblia Sagrada e ao anfitrião, o DD, Vereador da Cidade de São Paulo, Antonio Goulart, o exemplar da Constituição da República Federativa do Brasil, sendo que em seguida a Turminha da Cidadania entoou uma música especial abrilhantando o evento e o onor mirim Gideon Luz Lautert de Lima, de apenas 10 anos, proferiu um breve discurso exaltando a importância do caráter do cidadão de sua postura virtuosa diante dos desafios do cotidiano.

Concluída a "Cerimônia da Constituição e da Bíblia Sagrada", o mestre de cerimônia anunciou a participação da jovem Evelyn Arrais Guzman, estudante de medicina da UNISA - Universidade de Santo Amaro, que assumiu a palavra e apresentou dados estatísticos sobre as dificuldades enfrentadas por cidadãos que por questões de crença e consciência guardam um dia da semana por considerá-lo sagrado. A apresentação da universitária foi apreciada por todos pelo caráter objetivo da mesma e por ser concisa e coerente.

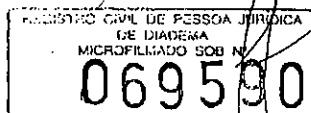
Ato contínuo o Senhor presidente agradeceu a participação da estudante Evelyn Arrais Guzman, incentivando-a a aprofundar a pesquisa e conclamou a participação de outros universitários engajados e comprometidos com a causa da liberdade religiosa e da cidadania.

Após nova manifestação da Assembleia, o Senhor presidente agradeceu os aplausos espontâneos de aprovação ao trabalho da universitária. Findo este momento, referiu-se, agradecido, ao Vereador Antonio Goulart, que não mediu esforços para o bom andamento da programação descrita neste documento e por sua disposição de ser um legislador amigo e defensor da Liberdade Religiosa. O Senhor presidente concedeu-lhe a palavra na sequência.

Em seu discurso o Vereador Goulart manifestou sua apreciação pela iniciativa desta convocação caracterizada pelo elevado espírito cívico e de promoção da cidadania e da justiça. Também se referiu ao Presidente da Mesa Diretora como um amigo de longa data, com o qual mantém relacionamento desde o ano de 1.988, tendo conservado ao longo de todo este tempo a mais elevada consideração por sua pessoa devido ao seu exemplo e profusão de fé coerente e equilibrada e que, mesmo sem entender o porquê de certas práticas doutrinárias, as respeita, admira e defende todos os seus praticantes, pois elas só apresentam benefícios aqueles que as observam. Fez ainda referência à importância da união das entidades eclesásticas na busca de interesses comuns e na defesa de questões como a Liberdade Religiosa, que não têm um matiz doutrinário, mas um caráter civilizado de respeito às diferenças e mobilização racional em prol do estabelecimento de leis que regulamentem os direitos exarados na Constituição Federal Brasileira, no seu Artigo 5º e nos Tratados Internacionais, dos quais destacou o Artigo 18º da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Fez ainda referência ao Projeto de Lei aprovado no ano em curso na Câmara Municipal de São Paulo que isenta os Templos religiosos de IPTU, o qual contou com seu apoio integral e de toda a bancada de seu partido, o PMDB, bem como do Vereador Paulo Frange e de toda a bancada do PTB, do qual seu companheiro de parlamento é o líder e de parlamentares de outras legendas também. Retomando a questão do respeito às diferenças mencionou também seu relacionamento com a Comunidade Muçulmana de São Paulo, sobretudo os membros da mesquita do bairro de Santo Amaro, na zona sul, que a despeito dos conflitos conhecidos de todos, que ocorrem no Oriente Médio, é uma comunidade extremamente ativa em sua região, realizando uma obra social abrangente e admirável e sugeriu que seus representantes sejam convidados para as próximas reuniões regulares deste importante Fórum.

Concluindo sua fala, o Vereador Goulart agradeceu o convite para participar do II Fórum de Liberdade Religiosa do Estado de São Paulo e da Assembleia de Fundação e Constituição da Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania, ABLIRC, e colocou seu gabinete à disposição de todos os presentes.

O Senhor Presidente agradeceu a simpática manifestação do nobre Vereador Goulart, que foi calorosamente aplaudido e na sequência solicitou ao mestre de cerimônia que desse prosseguimento à programação, o qual anunciou a participação musical do grupo "União & Vocal" sob a regência da Profª Sandra Oliveira de Almeida. Terminada a apresentação, mais uma vez o plenário se manifestou com aplausos. Após este momento de descontração, o mestre de cerimônia agradeceu; mais uma vez, a manifestação na Assembleia e anunciou a participação do DD, Deputado Estadual Doutor Campos Machado, o qual se dirige à tribuna e saudou a Mesa Diretora dos Trabalhadores e todos os presentes. Em seu discurso o líder o PTB no Parlamento Estadual ressaltou a importância de mobilizações como esta conduzida pelo Fórum de Liberdade



[Assinatura]

[Assinatura]



1.811 PJ

Documento assinado eletronicamente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferráz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Religiosa e Cidadania do Estado de São Paulo, que de forma ordeira e civilizada está trazendo à tona um dos mais sublimes direitos do ser humano, a sua liberdade de consciência, o qual muitas vezes é relegado a segundo plano por justificativas de ordem administrativa, desconsiderando os preceitos constitucionais e internacionais que asseguram sua legitimidade. Neste momento o Ilustre parlamentar colocou em destaque uma preocupação que, no seu entender, deve transcender os interesses partidários e os projetos políticos dos detentores de voz e voto nas Casas Legislativas em todos as instâncias. O parlamentar ressaltou que o Poder Judiciário é um caminho legítimo para preservação do direito, mas não é a via mais eficiente, pois ele só defende o indivíduo ou um grupo restrito que se sente atingido. A maneira mais eficaz, segundo o nobre Deputado, é o estabelecimento de Leis que assegurem e regulamentem o cumprimento dos preceitos anteriormente citados. Nesta altura do discurso ele expressou sua surpresa e dissabor pelo veto, por parte do Poder Executivo Estadual, que sem fundamentar a justificativa de ordem constitucional, devolveu o Projeto de Lei 590/2001, de sua autoria, à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. O parlamentar continuou a explicação que o referido Projeto de Lei estabelece critérios para que todos os cidadãos tenham acesso a concursos públicos e vestibulares nas universidades e faculdades públicas e privadas, mesmo que a data programada para os exames coincida com os dias de guarda religiosa para alguns dos postulantes, citando textualmente um excerto do artigo 5º, inciso VIII, da Constituição do Brasil, que diz:

"Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa". Neste momento o legislador agradeceu mais uma vez a iniciativa do estabelecimento do Fórum de Liberdade Religiosa e Cidadania do Estado de São Paulo e da emergente Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania, ABLIRC, que surgiu para fomentar a defesa dos direitos de crença, consciência e religião em todos os Estados brasileiros. Finalizando, o nobre parlamentar comentou que este movimento levantou uma bandeira que precisa permanecer erguida e que o unadurecimento político dos principais interessados na aprovação do Projeto de Lei ao qual se referiu durante sua fala, se dará de forma gradual, no seu devido tempo. Concluindo, agradeceu a participação de todos os presentes exortando a que perseverem na consecução do objetivo de defender a liberdade religiosa no Brasil e conclamou as lideranças eclesiais presentes a mobilizarem os cidadãos de suas comunidades a uma participação mais efetiva nas próximas reuniões.

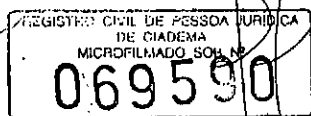
A Assembleia mais uma vez se manifestou aplaudindo o discurso do parlamentar. Neste momento o Senhor Presidente, Professor Samuel Luz, solicitou ao Excelentíssimo Deputado Estadual Doutor Campos Machado que permanecesse na tribuna e convocou a Turminha da Cidadania para conferir-lhe uma merecida homenagem. Após receber o abraço singelo dos juvenis, o parlamentar recebeu o Senhor Presidente na tribuna, o qual o agradeceu e se dirigiu ao plenário e citou uma mensagem do indígena brasileiro da Nação Xavante, Ailton Krenak: "Só você tem que fazer o que você tem que fazer. Ninguém deve, ninguém pode fazer a sua parte. Você precisa assumir sua responsabilidade pessoal, ser um indivíduo para então se juntar aos outros e com eles desenvolver um fazer coletivo que é o conjunto do fazer de cada um e não a diluição da individualidade." Dito isso, em nome de todos os presentes e das entidades representadas na Assembleia, o Presidente entregou ao nobre Deputado um Certificado de Honra ao Mérito com a seguinte mensagem: "Conferimos ao Deputado Estadual Campos Machado o presente Certificado de Honra ao Mérito pelos relevantes projetos em defesa dos Direitos Humanos e da Liberdade Religiosa."

Assinaram o referido Certificado o Dr. Sidney S. Dutra, Reitor da UNISA e Presidente de Honra do Fórum de Liberdade Religiosa e Cidadania do Estado de São Paulo, o qual não compareceu ao evento por motivo de força maior; o Professor Samuel Luz, Presidente da presente Assembleia; o Pr. Eugênio Vicente de Paula Neto, Presidente da CONGEP - Convenção Geral das Igrejas Evangélicas e Pentecostais do Brasil e o Pr. Veldir Carlos, Diretor de Educação e Liberdade Religiosa da Associação Paulistana da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Concluída a homenagem o parlamentar tomou novamente seu lugar à Mesa Diretora dos Trabalhos, sendo cumprimentado por todos os componentes da mesma e pela Assembleia que mais uma vez se manifestou espontaneamente com seu aplauso de reconhecimento.

Na sequência o Senhor Presidente solicitou ao mestre de cerimônia que desse prosseguimento à programação, o qual fez um breve comentário sobre os últimos acontecimentos e chamou o grupo ao qual denominou de "Mãos que Cantam", composto por jovens portadores de deficiência auditiva, pertencentes à caravana da cidade de Diadema, que se apresentaram usando a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, também sob a regência da Profª Sandra Oliveira de Almeida.

Após a apresentação o público mais uma vez se manifestou com aplausos, o que o mestre de cerimônia agradeceu com entusiasmo. Ato contínuo ofereceu a palavra ao Vice-prefeito eleito da cidade de Hortolândia/SP, Professor Enoch da Silva, o qual agradeceu o convite para participar do II Fórum de Liberdade Religiosa e Cidadania do Estado de São Paulo e conclamou a todos os presentes a se mobilizarem



1.811 PJ

Página 4 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87CA

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 164



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

para que as proposições do Fórum alcancem bom êxito e expressou o seu desejo de que o mesmo cresça em progressão geométrica. Colocando-se à disposição de todos, manifestou o desejo de que este movimento alcance sua cidade nos próximos anos também.

Na sequência, o mestre de cerimônia ofereceu a palavra ao Vereador Paulo Frange, que destacou o fato de não ser evangélico, mas mesmo assim, na qualidade de parlamentar, defender a causa evangélica por entender que esta comunidade, na sua multifacetada manifestação, tem trazido grandes benefícios para a sociedade, o que ele aprova e defende sempre, citando inclusive seu apoio e mobilização para aprovação do Projeto de Lei da isenção de IPTU para os Templos Religiosos. Agradecendo a todos pela atenção, conclui sua fala.

Ato contínuo, o mestre de cerimônia, a pedido do Presidente, entregou a palavra ao Vereador eleito pela cidade de Santa André, o Dr. José Ricardo Dias, o qual se manifestou exaltando a grandeza do movimento em defesa da Liberdade Religiosa e seu caráter suprapartidário e supradenominação e colocou seu gabinete à disposição dos presentes. Agradecendo o convite para participar do II Fórum de Liberdade Religiosa e Cidadania do Estado de São Paulo, dirigiu-se ao Presidente da mesa e ofereceu a Casa Legislativa de sua cidade para sediar um evento de igual natureza durante sua primeira legislatura.

Tendo todas as autoridades civis componentes da Mesa se manifestado, seguindo o programa, o mestre de cerimônia entregou a palavra ao Dr. Aldir Guedes Soriano, advogado e autor do livro: "Liberdade Religiosa no Direito Constitucional e Internacional", o qual desenvolveu o tema: "A Democracia e a Liberdade Religiosa", apresentado com embasamento histórico e científico de tal forma que agradou a todos os presentes que mais uma vez se manifestaram com aplausos em sinal de aprovação.

Concluída a participação do Dr. Aldir Guedes Soriano, o Senhor Presidente lhe agradeceu e fez referência ao trajeto percorrido pelo ilustre advogado, de mais de 600 Km, para participar deste evento. Na sequência o Senhor Presidente ofereceu a palavra aos líderes eclesiais presentes à Mesa Diretora e os mesmos declinaram de falar pelo avanço do tempo. Diante do gesto deste grupo o Professor Samuel Luz agradeceu nominalmente cada um e as Instituições representadas por eles, a saber: Pr. Williams Correa Soares, Presidente da Igreja Adventista da Promessa; Pr. Valdir Carlos, Diretor de Educação e Liberdade Religiosa da Associação Paulistana da Igreja Adventista do Sétimo Dia e a mim, Euzio Ferraz de Almeida, Secretário Executivo da CONGEP - Convenção Geral das Igrejas Evangélicas e Pentecostais do Brasil. Após os referidos agradecimentos o Senhor Presidente, Professor Samuel Luz, solicitou ao Professor Jakes Oliveira Moura, mestre de cerimônia, que procedesse a tomada dos votos e deliberações da ordem do dia expressa no início deste documento. Ato contínuo um grupo de participantes, liderados pelo Sr. Adriano Frias, pediu a palavra no que foi atendido pelo Senhor Presidente e sugeriu que na sigla da entidade configurasse também a letra C - de CIDADANIA, para que as ações da Associação sejam mais abrangentes. Tornando o voto da denominação, os presentes aprovaram por aclamação a sugestão, fazendo o Senhor Presidente a ressalva que na lista de presença consta a sigla ABLIR, e que, pela tomada do voto em questão, onde se lê ABLIR, nesta lista, seja entendido ABLIRC, devido à sugestão feita. Solicitado o voto dos presentes, a sugestão foi acatada unanimemente.

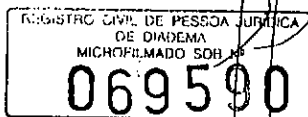
1. A entidade recebeu apenas uma indicação para sua denominação, a saber: Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania, que poderá também ser chamada de ABLIRC, sendo esta a sigla oficial da entidade.

2. O Estatuto da ABLIRC segue anexo a esta ata e está adequando às condições expressas no edital de convocação para esta Assembleia, tendo seu anteprojeto sido lido pelo mestre de cerimônia.

3. A) As indicações para composição do Conselho de Associados Constituintes foram as seguintes: Paulo Korkischko; Euler Pereira Bahia; Alcionei Miranda Feliciano; Janice Oliveira de Almeida; Ronaldo de Oliveira; Siloé de Almeida; João Lopes de Araújo Neto.

3. B) As indicações para a composição do Conselho Administrativo foram as seguintes: Samuel Gomes de Lima, também conhecido como Samuel Luz; Alcides Coimbra; Jakes Oliveira Moura; Valdir Carlos; Eugênio Vicente de Paula Neto; José Carlos de Almeida; Merivaldo Pereira da Silva; Rubens Nildo Estevan de Oliveira; Hélio Silva Jr; Wandir do Nascimento; Jihad Hassan Hammadeh; Célia Mártice Lautert de Lima; Mauricio Scheinman; Damaris Moura Dias Kuo; Sebastião Marques.

3. C) As indicações para composição do Conselho Fiscal foram as seguintes: Titulares: Alvaro Mello; Meire Nogueira Ferreira Rocha; Alex Nascimento; Patrocínio Gomes de Lima; Rogério José de Sousa; Jorge Evangelista de Lima; Marcelo Moura.



1.811 PJ

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica de Diadema - SP
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Página 5 de 43

Num. 256305323 - Pág. 165

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

3. D) As indicações para composição da Diretoria Executiva foram as seguintes: Presidente: Sr. Samuel Gomes de Lima, também conhecido como Professor Samuel Luz; Vice-presidente: Sr. Aldir Guedes Soriano; 1º Secretário (Secretário Geral): Jabes Oliveira Moura; 2º Secretário:

4) No item de assuntos gerais para o bom desempenho das atividades da entidade o Senhor Jabes Oliveira Moura sugeriu a formação de um Conselho Científico e a Srª Damaris Moura sugeriu a formação de um Conselho Jurídico e o Senhor Presidente propôs, também para o bom andamento dos trabalhos futuros, que fossem estabelecidos critérios para uso da palavra em Assembleias, Comissões e reuniões oficiais, e apresentou um modelo para que, mediante aprovação da Assembleia, integrasse os documentos anexos a esta ata, sendo encarregada a Diretoria Executiva de fazer as emendas necessárias.

Concluindo esta etapa o Senhor Presidente propôs o voto englobado de todas as indicações, o que a Assembleia aprovou unanimemente. Tomado este primeiro voto, o Senhor Presidente procedeu à leitura de todos os itens supra mencionados e propôs à Assembleia o voto englobado dos mesmos, a qual aprovou por aclamação todas as propostas, manifestando-se com aplausos. Ato contínuo o Senhor Presidente agradeceu a participação interessada da Assembleia. Em seguida ofereceu a palavra a quem dela desejasse fazer uso e o Sr. Marcelo Moura, da cidade Guarulhos solicitou que o mestre de cerimônia lesse uma carta sua endereçada ao Presidente e aos componentes Mesa Diretora. Num gesto de deferência por uma manifestação tão autêntica e espontânea, ao tomar conhecimento do fato, o Senhor Presidente solicitou que o próprio autor a lesse, da tribuna, o que foi feito com o texto transcrito abaixo, com fotocópia anexa a este documento, cujo original se encontra arquivado na sede da entidade:

"A/C - Professor Samuel Luz":

Prezados Membros da Mesa do II Fórum de Liberdade Religiosa do Estado de São Paulo:

É salutar ressaltar que aqui representamos uma parte da sociedade que possui consciência, em contraste com um mundo sem consciência, muitas vezes sem escrúpulos ao qual todos temos sido vítimas.

Não compomos um grupo que luta por caprichos de uma minoria, mas lutamos sim pelo direito de dar nossa colaboração pessoal na construção de uma sociedade melhor, que beneficiará toda a maioria.

Guardar em Lei os direitos da guarda da Liberdade de Consciência significa dar oportunidade a cidadãos valorosos que se tornarão pilares de uma sociedade justa, segura e feliz.

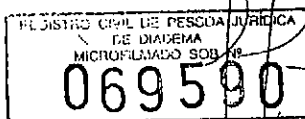
Quem é brasileiro, possui um filho ou mesmo um parente precisa ser informado que Leis que defendam este grupo aqui representado, trará benefícios a esta e às próximas gerações ao permitir que em justo direito, pessoas que lutam pela guarda de valores de consciência façam parte das colunas da sociedade.

A cada dia de ausência de Leis efetivas, herdamos prejuízos presentes e futuros de valor que não se pode mensurar, a ser pago por toda sociedade brasileira e nossos herdeiros, pelo cercamento de oportunidades impostas a estas nobres mentes conscientes.

Marcelo Moura (adventista) - 09/11/04 - Fone: 8235-3632.

Encerrada esta parte, mais uma vez o plenário se manifestou com aplausos e logo após o Senhor Presidente agradeceu a participação do cidadão Marcelo Moura e de todos os presentes, destacando que o dia 09 de Novembro de 2004 acabara de transformar-se numa data histórica para os Direitos Humanos no Brasil, e que a Assembleia Geral que se encerrou seria guardada por todos para a posteridade. Em suas palavras finais o Senhor Presidente fez uma referência especial ao Pr. Valdir Carlos, que apoiou o estabelecimento deste trabalho quando ele era apenas uma idéia difusa que surgiu em seu gabinete durante uma breve reunião com um professor idealista. Nesta ocasião o Senhor Presidente ressaltou que, se o movimento avançou foi porque primeiro alguém acreditou que isto seria possível, e este alguém foi o Pr. Valdir Carlos, que ofereceu o suporte inicial para que uma pequena idéia se transformasse em ações concretas que se transformaram numa Instituição nascida para defender uma grande causa, a da Liberdade Religiosa. Foi este apoio e o apoio da Instituição que ele representa, que geraram a centelha que pôs este motor para funcionar, destacando que esta foi apenas uma faísca desencadeadora de um processo que daqui para frente deve crescer e cumprir sua nobre missão através do trabalho cooperativo e do engajamento de todos os seus membros e colaboradores. Diante da Assembleia o Senhor Presidente ressaltou que a disposição do Pr. Valdir Carlos, como secretário departamental para as áreas de Educação e Liberdade Religiosa da Região Administrativa Paulistana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, teve a aprovação da administração desta importante Instituição Eclesiástica, particularmente de seu presidente, o Pr. Sidonil Biarzi.

Também foi destacada pelo Senhor Presidente a participação do Dr. Alcides Coimbra, advogado especialista em direito eclesial, Diretor de Liberdade Religiosa do órgão administrativo da Igreja Adventista



1.811 PJ

Página 6 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 166



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

do Sétimo Dia em todo Estado de São Paulo, que deu importante contribuição para o desenvolvimento dos trabalhos do Fórum, sobretudo pela visão acadêmica apresentada na primeira reunião em Diadema, no dia 28 de Junho de 2004.

Ato contínuo foi feita a leitura desta ata perante a Assembleia e o Senhor Presidente propôs o voto final da mesma, a qual foi aceita por aclamação, sem emendas, e foi imediatamente assinada pelo Senhor Presidente da Assembleia e por mim, Secretário da Mesa Diretora, incumbido que fui de redigi-la e assiná-la também como advogado. Os demais participantes desta Assembleia assinaram a lista de presença que segue anexa e a partir desta manifestação de aprovação passam a ser denominados Associados Constituintes. Anexos a esta estão, também como sua parte integrante, o inteiro teor do Estatuto da ABLIRC, a relação dos membros dos órgãos administrativos e a qualificação de todos os eleitos e empossados nesta Assembleia, bem como documento contendo os procedimentos parlamentares para reuniões diversas, comissões e assembleias da ABLIRC.

Após este ato o Senhor Presidente DECLAROU ENCERRADOS OS TRABALHOS, às 22h07m (vinte e duas horas e sete minutos), agradecendo a participação de todos e a direção da divindade sobre os trabalhos.

São Paulo, Câmara Municipal, 09 de Novembro de 2004

Professor Samuel Soares de Lima

(Professor Samuel Luz)

Presidente da Assembleia de Fundação e Constituição

REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA
DE DIADEMA
MICROFILMADO SOB Nº

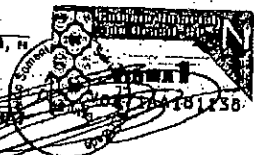
069590

Dr. Ezio Ferraz de Almeida

Secretário da Assembleia de Fundação e Constituição

Advogado - O.A. 69.938

Registro Civil das Pessoas Naturais de Diadema
Rua Silvio D'Amico, 199/200 - Centro - Diadema - SP
Jacirlio Raulino Rizzo - Oficial Designado
recusado por conchabamento a firma de SAMUEL SOARES DE LIMA, em
decreto seu valor econômico, e dos 10.
Diadema, 28 de novembro de 2004.
Eu testamento da verdade.
Marcelo de Santa André - Escrivão Autorizado
Folha 1, do 1 VALTO SOBRE COM O SELO DE AUTENTICACAO



1.811 PJ

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Rua Graciosa, 406 - Parque Sete de Setembro - 09910-660 - Diadema - SP

Página 7 de 43

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 167

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Registro Civil de Pessoa Jurídica de Diadema - SP
Rua Crulsora, 406 - PO Sate do Sombrio - Tel: (011) 4056-1987
Promovido sob nº 70348 em 26/11/2006 e registrado
sob nº 069590 em 12/12/2006
Anotação a margem do número CONSTITUIÇÃO
AVELINO MORENO
Instituto de Oficialia



EmatunetR	EstadoR	ImpoR	SmogR	TribunaR	TotalR
143,01	41,31	30,31	7,49	7,49	229,61



1.811 PJ

Página 8 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 168



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Estatuto
da
ABLIRC
Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania

CAPÍTULO I DA DENOMINAÇÃO SEDE E FORO

Art. 1º Com a denominação de ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA, doravante denominada simplesmente por ABLIRC, constitui-se uma associação civil de direito privado, organizada por pessoas físicas que a constituem, para ser regida pelo presente Estatuto, pela legislação nacional e pelas convenções e tratados internacionais pertinentes.

Art. 2º A ABLIRC tem foro na comarca / cidade de Diadema, com sede à Avenida Alda, 995 - Parque Sete de Setembro.

CAPÍTULO II DA JURISDIÇÃO E DA DURAÇÃO

Art. 3º A área territorial sobre a qual a ABLIRC exerce sua jurisdição compreende o território nacional brasileiro, ou qualquer outro que lhe seja designado.

Parágrafo único. Para melhor desempenhar seus objetivos, a ABLIRC poderá organizar e fazer funcionar órgãos estaduais, regionais, setoriais, estabelecimentos filiais, vinculados e subordinados, sem personalidades jurídicas próprias, que serão regidos por um Regimento Interno adotado pelo Conselho de Associados Constituintes e seguirá a filosofia e metodologia de atuação da IRLA (International Religious Liberty Association), com sede em Silver Springs, Maryland, USA.

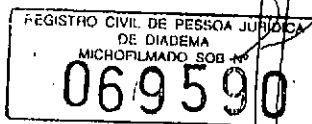
Art. 4º A duração da ABLIRC será por tempo indeterminado.

Parágrafo único. As organizações eclesásticas, educacionais em todos os níveis e as organizações voltadas à defesa dos Direitos Humanos, nacionais ou internacionais, poderão filiar-se à ABLIRC, a convite do seu Conselho Administrativo e participar de suas atividades mediante aprovação do Conselho de Associados Constituintes e referendo da Assembleia Geral.

CAPÍTULO III DOS PRINCÍPIOS E DOS OBJETIVOS

Art. 5º São Princípios adotados pela ABLIRC:

- I - a defesa e manutenção da Liberdade Religiosa e da cidadania como direitos inalienáveis;
- II - que a legislação e ou quaisquer outros atos de governo objetivando unir a Igreja com o Estado são contrários aos melhores interesses de ambas as instituições e são potencialmente prejudiciais aos direitos humanos, razões pela qual a ABLIRC se empenhará a fim de que esta separação seja mantida;
- III - que o governo deve ser ordenado para apoiar e proteger o gozo dos direitos humanos individuais, além de assegurar os demais deveres cívicos, e que assim fazendo, garantir uma obediência respeitável e um apoio voluntário de seus cidadãos;
- IV - que o direito natural e inalienável à Liberdade de Consciência deve ser garantido de modo a permitir ao indivíduo adotar uma religião de sua livre eleição; para livremente mudar de crença religiosa de acordo com sua consciência; para manifestar sua crença individualmente ou em coletividade; para adotá-la, observá-la, praticá-la, proclamá-la e ensiná-la, tudo sob a solene observância e o respeito aos equivalentes direitos dos outros;
- V - que a Liberdade Religiosa e Cidadania incluem também a liberdade de estabelecer e ou operacionalizar instituições educacionais e ou de caridade; de solicitar e ou receber contribuições financeiras voluntárias e de firmar convênios ou parcerias com instituições congêneras ou educacionais do Brasil ou do exterior;
- VI - que se garanta ao cidadão o direito de observar os dias da descanso e celebrar festividades de acordo com os preceitos de sua religião;



1.811 PJ

Página 9 de 43

Documento assinado eletronicamente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2004. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

VII - que se garanta ao indivíduo o poder manter comunicação com sua irmandade, nos níveis nacionais e internacionais;

VIII - que a Liberdade Religiosa, a eliminação de intolerâncias e ou discriminações baseadas na religião ou na fé professada, são essenciais para promover o entendimento, a paz e a amizade entre todos os povos e o exercício pleno da cidadania em qualquer país;

IX - que, com maior frequência, os cidadãos devem fazer uso dos meios processuais legais e de influência para combater a inobservância dos direitos individuais ou mesmo o constrangimento em relação à Liberdade Religiosa, para que todos, indistintamente, possam gozar das bênçãos inestimáveis dela advindas;

X - que o espírito da verdadeira Liberdade Religiosa e a essência da cidadania plena está resumida na Regra Áurea de "tratar aos outros como gostaria de igualmente ser tratado";

XI - que ninguém será submetido a medidas coercitivas que cerceiem sua liberdade de ter ou de adotar a religião ou crença de sua eleição; e

XII - que as restrições estabelecidas por lei limitar-se-ão somente àquelas necessárias para proteger a vida, a segurança, a ordem, a saúde ou a moral públicas, ou os direitos e liberdades fundamentais das outras pessoas.

Art. 6º A ABLIRC, como entidade voltada aos Direitos Humanos, especialmente à Liberdade Religiosa e à Cidadania se propõe aos seguintes objetivos:

I - erguer o mais alto possível a "bandeira" em defesa da Liberdade Religiosa e da Cidadania, através de todos os meios legais admitidos;

II - apoiar a disseminação dos princípios de Liberdade Religiosa e de Cidadania no Brasil e, dentro do possível, influir para que o mesmo ocorra em outras partes do mundo;

III - defender e assegurar o direito civil de liberdade de adoração ou não a Deus, e, adotar uma religião de livre eleição, para manifestar suas convicções religiosas na observância, promulgação e ensinamento, subordinado somente ao respeito pelo direito recíproco de uns para com os outros; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou de crença, e a liberdade de manifestar esta religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto, e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular;

IV - servir de apoio e atuar na defesa de grupos minoritários, contra as imposições e ou intolerâncias de grupos dominantes, em assuntos de Liberdade Religiosa e Cidadania;

V - organizar fóruns, simpósios, seminários, congressos, encontros, editar livros, periódicos e materiais áudio-visuais e divulgar literatura e materiais apropriados;

VI - servir de apoio a todas as organizações religiosas, para que possam atuar livremente em seus respectivos países, estabelecendo e ou criando instituições educacionais e ou caritativas, confessionais;

VII - promover a compreensão, a tolerância e o respeito nas questões relativas à liberdade de religião e de crença; adotar todas as medidas necessárias para a pronta eliminação dessa intolerância em todas as suas formas e manifestações, e, prevenir e combater a discriminação por motivo de religião ou de crença;

VIII - atuar junto às autoridades constituídas para que o direito de culto, conforme os ditames da própria consciência, do qual deve gozar cada ser humano, como exarados na Carta das Nações Unidas e na Constituição da República Federativa do Brasil, seja devidamente mantido e assegurado;

IX - firmar convênios ou parcerias com instituições educacionais nacionais e internacionais, de todos os níveis, de acordo com os critérios estabelecidos na M.P. 2.208 de 17/08/2001, buscando expandir suas ações e potencializar os resultados sociais na defesa da Liberdade Religiosa e Cidadania;

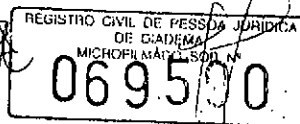
X - conferir títulos honoríficos a personalidades com destacada atuação em defesa da cidadania, dos direitos humanos, bem como das liberdades de consciência, de culto e de religião;

XI - aplicar integralmente todo o seu patrimônio e suas receitas, seja qual for sua origem, em seus objetivos.

Parágrafo único. O cumprimento dos objetivos expostos neste artigo será efetuado através de organismos próprios, departamentos internos, coordenadorias, serviços, agências de publicações, associados pessoas físicas ou jurídicas, salas para tal fim adaptadas e outras instrumentalidades apropriadas e lícitas, para tanto a ABLIRC poderá fazer convênios, parcerias e filiar-se a outras entidades associativas, públicas, privadas ou eclesásticas, nacionais ou internacionais sem perder sua individualidade ou poder de decisão.

CAPÍTULO IV DO PATRIMÔNIO

Art. 7º O patrimônio da ABLIRC compreende os bens móveis e imóveis, equipamentos, instrumentos e instalações, vinteno patrimonial dos exercícios financeiros, valores mobiliários, ações ou quotas societárias, títulos



1.811 PJ

Página 10 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 170



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

do crédito, marcas, patentes, semoventes, veículos, direitos, créditos e quaisquer outros bens e valores de sua sede, departamentos, estabelecimentos e serviços, adquiridos, escriturados, registrados ou não em seu nome.
Parágrafo único. Os bens imóveis somente poderão ser alienados ou onerados mediante autorização expressa do Conselho Administrativo.

CAPÍTULO V DAS RENDAS

Art. 8º As rendas da ASSOCIAÇÃO serão constituídas por:
I - doações, subvenções e contribuições de pessoas físicas ou jurídicas e de entidades públicas ou privadas;
II - contribuições programadas ou não, de seus associados;
III - receita patrimonial, de serviços e de atividades subsidiárias mantidas;
IV - entidades obtidas na veiculação e distribuição de publicações próprias.

Parágrafo único. As doações de qualquer espécie feitas à ABLIRC não serão devolvidas a seus doadores, herdeiros ou sucessores, em tempo algum, ressalvadas as decisões judiciais transitadas em julgado.

Art. 9º Para atingir seus objetivos, a ABLIRC poderá levantar empréstimos, receber doativos, contratar financiamentos, estabelecer convênios e parcerias, assinar títulos de crédito, adquirir, possuir e manter bens móveis e imóveis, por compra, doação ou outro qualquer título, mesmo com encargos, bem como onerar ou alienar os mesmos, se assim entender e achar conveniente.

Art. 10º Competirá ao Conselho Administrativo estabelecer a forma de aplicação das suas rendas, subordinando-a aos seus objetivos, de conformidade com o Art. 6º.

Art. 11º Os assentimentos contábeis da ABLIRC observarão os princípios fundamentais de contabilidade e das normas brasileiras de contabilidade e serão verificados anualmente pelos membros do Conselho Fiscal, conforme disposto neste Estatuto.

Art. 12º O exercício administrativo da ABLIRC coincidirá com o ano civil.

Art. 13º A ABLIRC não tem finalidades lucrativas, não distribui qualquer parcela de seu patrimônio ou rendas, a título de lucro ou participação no seu resultado, mas todas as suas rendas e bens serão utilizados e empregados no País, no sentido de atingir os seus objetivos.

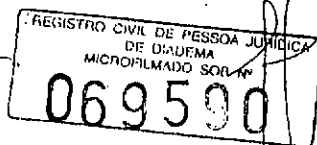
CAPÍTULO VI DOS ASSOCIADOS

Art. 14º A ABLIRC reconhece a seguinte classificação de associados:

- I - Associados Constituintes;
- II - Associados Honorários;
- III - Associados Mantenedores;
- IV - Associados Simpatizantes;
- V - Associados Beneméritos

Art. 15º São considerados Associados Constituintes aqueles que compareceram como tais à Assembleia de Fundação e Constituição da ABLIRC e/ou ao I Fórum de Liberdade Religiosa e Cidadania, o qual referendará os atos constitutivos da ABLIRC em nível nacional.

Art. 16º Poderão ser admitidos no quadro de associados, na qualidade de Associados Honorários, aqueles que forem recomendados por algum Associado Constituinte, e que por seus atos e manifestações demonstrarem estarem interessados em promover os objetivos da ABLIRC, ou que lhe tenha prestado serviços relevantes, após deliberação do Conselho Administrativo.



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Art. 17º Serão admitidos no quadro de Associados Mantenedores aqueles que, preenchendo ficha de adesão, declaram estarem interessados nos objetivos da ABLIRC e participarem com aporte financeiro para a manutenção dos mesmos, dentro dos planos orçamentários anuais deliberados pelo Conselho Administrativo.

Art. 18º Serão admitidos no quadro de Associados Simpatizantes aqueles que desejarem contribuir de alguma maneira, voluntária e pessoalmente, quer financeira ou de outra forma que seja útil à Associação, sejam eles pessoas físicas ou jurídicas.

Art. 19º Serão admitidos no quadro de Associados Beneméritos as pessoas físicas ou jurídicas que prestarem relevantes serviços à ABLIRC e à causa da Liberdade Religiosa e da promoção da Cidadania, que tenham patrocinado, sistematicamente, suas atividades ou feito doações de valor significativo para manutenção de seus serviços, a critério do Conselho Administrativo.

Art. 20º São direitos dos associados quites com suas obrigações estatutárias e regimentais:
I - votar e ser votado para os cargos eletivos;
II - tomar parte nas assembleias gerais.

Parágrafo único. Somente Associados Constituintes e Associados Mantenedores poderão ser eleitos para exercer cargos na Diretoria Executiva, no Conselho Administrativo, no Conselho Fiscal, nas Coordenadorias, Departamentos e nos Serviços da ABLIRC.

Parágrafo único. O Associado Honorário ou Benemérito que desejar concorrer ao exercício de cargo eletivo deverá acumular sua filiação como Associado Mantenedor.

Art. 21º São deveres dos associados:
I - cumprir as disposições estatutárias e regimentais;
II - acatar as determinações da Diretoria Executiva, dos Conselhos e da Assembleia Geral.

Parágrafo único. Havendo justa causa, o associado poderá ser demitido ou removido da Associação por decisão da diretoria, após o exercício do direito de defesa.

Art. 22º Os associados da entidade não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações e encargos sociais da instituição.

Parágrafo único. O exercício de qualquer função na Diretoria Executiva, nas Coordenadorias, Departamentos, nos Serviços ou em qualquer dos Conselhos não será remunerada e não dá direito a qualquer benefício ou vantagem, sendo exercida de forma voluntária.

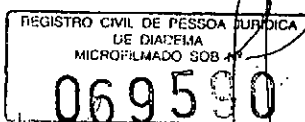
CAPÍTULO VII DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 23º São órgãos administrativos da ABLIRC:

- I - Assembleia Geral;
- II - Conselho de Associados Constituintes;
- III - Conselho Administrativo;
- IV - Conselho Fiscal;
- V - Diretoria Executiva.

CAPÍTULO VIII DA ASSEMBLÉIA GERAL

Art. 24º A Assembleia Geral, como órgão soberano da ABLIRC, será presidida pelo Presidente do Conselho dos Associados Constituintes, convocadas pelo Conselho Administrativo, ordinariamente uma vez a cada cinco (5) anos, e extraordinariamente quando se fizer necessário, indicando-se os motivos, por meio de Edital publicado em correspondência própria, ou, na falta desta, pelo meio que o Conselho Administrativo julgar conveniente, com antecedência mínima de 21 (vinte e um) dias da data escolhida.



[Handwritten signatures and marks]



1.811:PJ

Página 12 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 172



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Parágrafo único. É reservado o direito de convocação da Assembleia Geral a 1/5 dos Associados Constituintes ou Mantenedores, conforme consta no artigo 60 do Código Civil Brasileiro.

Art. 25º A Assembleia Geral será instalada em primeira verificação com quorum de 2/3 (dois terços) do número de associados credenciados e em segunda e última verificação, após três (três) horas, com pelo menos 1/3 dos associados credenciados presentes, se assim o dispuser o Edital.

Parágrafo único. Não será permitida a representação de associados nas Assembleias, ainda que munidos de procuração.

Art. 26º Nas sessões das Assembleias as deliberações serão tomadas por maioria simples.

Art. 27º A Assembleia Geral da ABLIRC será constituída pelos seguintes associados:

- I - Associados Constituintes;
- II - Associados Mantenedores.

§ 1º Somente os associados que estiverem em dia com suas obrigações com a ABLIRC estarão aptos a comparecer às Assembleias, nelas votar e ou serem votados para cargos eletivos.

§ 2º Os Associados Honorários, Simpatizantes e Beneméritos poderão comparecer às Assembleias, sem direito a voz deliberativa e ou voto, podendo apenas manifestar-se nos plenários, fazendo observações e ou aconselhando nas tomadas de decisões.

Art. 28º Durante as sessões das Assembleias poderão ser compostas as seguintes comissões, dentre outras, a critério da Assembleia:

- I - Comissão de Revisão Estatutária;
- II - Comissão de Nomeações.

Art. 29º Compete à Assembleia Geral Ordinária:

- I - eleger os membros do Conselho de Associados Constituintes, do Conselho Administrativo, do Conselho Fiscal e da Diretoria Executiva;
- II - apreciar e aprovar os relatórios apresentados pela Diretoria Executiva;
- III - aprovar as emendas, alterações ou reformas do Estatuto;
- IV - apreciar e votar o plano de trabalho da Diretoria Executiva;
- V - deliberar sobre a admissão de novos associados;
- VI - apreciar e decidir sobre outros assuntos propostos pelo Conselho dos Associados Constituintes, pelo Conselho Administrativo ou pela Diretoria Executiva.

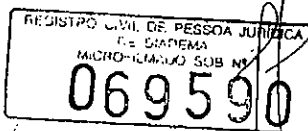
Art. 30º Compete à Assembleia Geral Extraordinária:

- I - deliberar sobre dissolução da ABLIRC e, neste caso, nomear os liquidantes e votar as respectivas contas;
- II - decidir sobre alterações nos objetivos da ABLIRC;
- III - aprovar emendas, alterações ou reformas no Estatuto;
- IV - autorizar a realização de empréstimos e outras obrigações pecuniárias e garantias mesmo exigidas;
- V - remover associados do quadro de membros regulares da ABLIRC que estejam em desacordo com o presente Estatuto;
- VI - outros assuntos de interesse da ABLIRC.

Parágrafo único. A Assembleia Geral Extraordinária será devidamente convocada conforme disposto nos Artigos 24º e 25º e tratará exclusivamente dos assuntos constantes do Edital.

CAPÍTULO IX DO CONSELHO DE ASSOCIADOS CONSTITUINTES

Art. 31º O Conselho dos Associados Constituintes será eleito pela Assembleia Geral Ordinária, com pelo menos 1/3 dos associados presentes, e será composto por 07 (sete) membros.



1.811 PJ

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001 e O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Art. 32º O Conselho dos Associados Constituintes será presidido por um conselheiro eleito dentre seus membros, por aclamação entre eles, para um período de gestão de cinco (cinco) anos, permitida a recondução.

Art. 33º Compete ao Conselho de Associados Constituintes zelar para que a ABLIRC cumpra plenamente os objetivos para os quais foi constituída.

Art. 34º Compete ao Presidente do Conselho dos Associados Constituintes:
I - convocar sua sessão, quando necessária, determinando sua pauta;
II - presidir a Assembleia Geral.

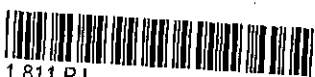
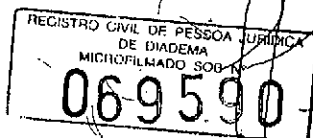
CAPÍTULO X DO CONSELHO ADMINISTRATIVO

Art. 35º O Conselho Administrativo será eleito pela Assembleia Geral Ordinária, a cada cinco (cinco) anos e deliberará sobre as atividades da ABLIRC no período compreendido entre as Assembleias Gerais Ordinárias e terá 21 (vinte e um) membros, a saber:
I - um Presidente;
II - um Vice-presidente;
III - um Secretário;
IV - doze vogais regulares.

Art. 36º Compete ao Conselho Administrativo:

- I - deliberar sobre a proposta orçamentária enviada pela Diretoria Executiva e, obediente a este Estatuto, interpretar os relatórios da Diretoria Executiva, balanços, demonstrações de contas de receitas e despesas e os pareceres do Conselho Fiscal;
- II - deliberar sobre a implantação de Coordenadorias, Estaduais, Regionais, Setoriais, Distritais e territórios de abrangência dos Conselhos Consultivos Regionais;
- III - eleger os membros das Comissões Especiais de Trabalho, do Conselho Científico, do Conselho Jurídico e dos Conselhos Consultivos Regionais, bem como os Coordenadores Estaduais, Regionais e Setoriais Secretários de Departamentos ou Serviços;
- IV - conceder os títulos de Associados Beneméritos ou Honorários ou ratificá-los quando indicados pelo Conselho de associados Constituintes ou pela Diretoria Executiva;
- V - deliberar sobre projetos de Regimentos Internos e respectivas reformas;
- VI - deliberar sobre a captação de recursos e sobre a aplicação dos fundos obtidos;
- VII - convocar extraordinariamente o Conselho Fiscal;
- VIII - avaliar os pareceres do Conselho Fiscal;
- IX - convocar a Assembleia Geral, de conformidade com o disposto no Artigo 24º, mediante prévia autorização do Conselho de Associados Constituintes;
- X - constituir Comissão de Sindicância e avaliar seu relatório antes de aplicar aos associados as penalidades previstas neste Estatuto;
- XI - deliberar sobre os casos omissos e interpretar o Estatuto;
- XII - autorizar a celebração de convênios e parcerias;
- XIII - autorizar a celebração de contratos para inserção de publicidade nos materiais promocionais nos eventos da ABLIRC e nos seus órgãos informativos;
- XIV - reconhecer e declarar o impedimento temporário do Presidente, do Vice-presidente, dos membros da Diretoria Executiva, do Conselho de Associados Constituintes, do Conselho Administrativo e do Conselho Fiscal;
- XV - deliberar e ordenar sobre qualquer matéria, por mais especial que seja, com o fim de atingir os objetivos a que se propõe a ABLIRC.

Parágrafo único. O quorum do Conselho Administrativo será de metade mais um de seus membros, do total de seus membros, ou seja, nove (9) e quando for este o número de conselheiros presentes, as deliberações serão tomadas por unanimidade de votos.



1.811 PJ

Página 14 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.260-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Art. 37º Poderão ser eleitos para compor o Conselho Administrativo, Associados Constituintes e Associados Mantenedores que estiverem em dia com suas obrigações de associados.

Art. 38º Compete ao Presidente do Conselho administrativo:

- I - Convocar a Assembleia Geral e o Conselho Administrativo;
- II - presidir o Conselho Administrativo, assinar seu livro de atas e despachar a sua correspondência;
- III - nomear e dar posse ao Vice-presidente e ao Secretário do Conselho Administrativo;
- IV - cumprir e fazer cumprir o Estatuto, os Regimentos Internos e as Resoluções da Assembleia Geral e do Conselho administrativo;
- V - representar o Conselho Administrativo, podendo designar terceiros, dentre seus pares, para este fim;
- VI - despachar e encaminhar pedidos de informações, dados ou pareceres dos Conselhos à Diretoria Executiva sobre assuntos de sua gestão.

Art. 39º Compete ao Vice-presidente do Conselho Administrativo:

- I - assessorar o presidente e substituí-lo em suas ausências e impedimentos;
- II - cumprir e fazer cumprir o Estatuto, os Regimentos Internos e as Resoluções da Assembleia Geral e do Conselho administrativo.

Art. 40º Compete ao Secretário do Conselho Administrativo:

- I - secretariar as reuniões, lavrar e assinar os respectivos atas;
- II - redigir e encaminhar toda a correspondência do Conselho Administrativo;
- III - arquivar e manter a guarda de todos os pareceres das Comissões Especiais e demais documentos do Conselho Administrativo;
- VI - registrar e classificar por assunto e em ordem cronológica as decisões do Conselho administrativo e das Comissões Especiais.

Art. 41º No impedimento do presidente e do vice-presidente, a reunião será instalada pelo secretário, seguindo-se a designação pelo plenário, por aclamação, de um presidente "ad-hoc".

CAPÍTULO XI DO CONSELHO FISCAL

Art. 42º O Conselho Fiscal será composto de 05 (cinco) membros regulares e 05 (cinco) membros suplentes, associados mantenedores eleitos pela Assembleia Geral, com mandato de 05 (cinco) anos.

Art. 43º Perderá o cargo o membro do Conselho Fiscal que faltar, injustificadamente, a duas reuniões consecutivas ou três alternadas, em um período de doze meses, ou, quando assim for deliberado por dois terços dos membros do mesmo Conselho Fiscal.

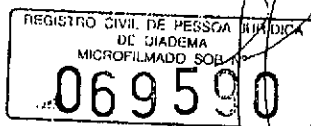
Art. 44º As vagas no Conselho Fiscal serão preenchidas pelos suplentes na ordem determinada pela Assembleia Geral, sendo que os substitutos complementarão o mandato daqueles a quem substituíram.

Art. 45º O Conselho Fiscal reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por trimestre e, extraordinariamente, quando convocado pelo seu presidente ou pela maioria de seus membros.

Art. 46º As deliberações serão tomadas pela maioria absoluta de seus membros, cabendo ao presidente também o voto de qualidade na hipótese de empate.

Art. 47º Compete ao Conselho Fiscal:

- I - opinar sobre os relatórios de desempenho financeiro e contábil;
- II - emitir parecer sobre as operações patrimoniais realizadas para os demais órgãos administrativos da ATELARC;
- III - examinar e aprovar os balanços mensais e o balanço e relatório anual.



1.811 PJ

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Página 15 de 43

Num. 256305323 - Pág. 175

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

CAPÍTULO XII DA DIRETORIA EXECUTIVA

Art. 48º A Diretoria Executiva será composta de:

- I - um Presidente;
- II - um Vice-Presidente;
- III - um 1º Secretário (Executivo);
- IV - um 2º Secretário;
- V - um 3º Secretário;
- VI - um 1º Tesoureiro;
- VII - um 2º Tesoureiro;
- VIII - um 3º Tesoureiro.

Parágrafo único. O mandato administrativo da Diretoria Executiva abrangerá o período compreendido entre as Assembleias Gerais Ordinárias.

Art. 49º A Diretoria Executiva se desincumbirá das atribuições previstas neste Estatuto e das conferidas pelo Conselho Administrativo.

Art. 50º Compete à Diretoria Executiva:

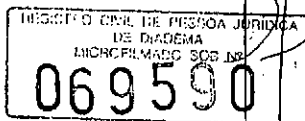
- I - elaborar os Planos Diretores da ABLIRC, submetendo-o à apreciação e aprovação do Conselho Administrativo e da Assembleia Geral;
- II - nomear e exonar os assistentes de administração;
- III - autorizar a alienação ou oneração de bens imóveis da ABLIRC, operações de crédito, concessão de garantias, contratação de financiamentos ou empréstimos de qualquer natureza e aceitação de doações em encargos;
- IV - estabelecer as modalidades de contribuições sistemáticas à ABLIRC, seus valores e periodicidade, pelos Associados Mantenedores e Constituintes;
- V - estabelecer taxas destinadas a cobrir despesas operacionais;
- VI - estabelecer Coordenadorias Estaduais, Regionais, Setoriais, Distritais, Departamentos, Serviços e autorizar o respectivo funcionamento, subordinados a este Estatuto, conforme assim sejam as necessidades para o bom funcionamento da ABLIRC;
- VII - cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto, bem como as deliberações do Conselho Administrativo e da Assembleia Geral;
- VIII - deliberar sobre qualquer matéria, por mais especial que seja, com o fim de atingir os objetivos a que se dispõe a ABLIRC.

Art. 51º ao presidente do Conselho Administrativo compete:

- I - convocar e presidir as reuniões do Conselho Administrativo;
- II - assessorar a presidência das Assembleias Gerais;
- III - tratar dos interesses gerais da ABLIRC perante terceiros;
- IV - planejar e executar o que se fizer mister para que a ABLIRC alcance seus objetivos;
- V - assumir responsabilidades como Conselheiro dos Coordenadores Estaduais, Regionais, Setoriais, dos Secretários de Departamentos e ou Serviços, dos membros dos demais Conselhos da ABLIRC;
- VI - desincumbir-se de outras atribuições que lhe forem conferidas pelo Conselho Administrativo e velar pelo cumprimento das resoluções deste.

Parágrafo único. A representação judicial ativa ou passiva caberá ao Presidente da ABLIRC ou a representante especialmente designada pelo Conselho Administrativo, os quais poderão nomear e constituir procuradores, conferindo-lhes os poderes da cláusula ad judicium e os demais constantes do Art. 38 do Código de Processo Civil.

Art. 52º Ao Vice-Presidente compete:



1.811 PJ

Página 16 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87CA

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 176



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema, Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

- I - substituir o Presidente em seus impedimentos temporários;
- II - presidir o Conselho Científico da ABLIRC;
- III - desincumbir-se de responsabilidades atribuídas pelo Conselho Administrativo ou pelo Presidente;
- IV - cumprir e fazer cumprir este Estatuto, bem como as deliberações da Assembleia Geral e do Conselho Administrativo.

Art. 53º Ao 1º Secretário (Geral) compete:

- I - secretariar as reuniões da Diretoria Executiva e redigir suas atas;
- II - manter sempre atualizados os cadastros dos associados;
- III - manter sempre atualizadas as correspondências de interesse da ABLIRC;
- IV - preparar relatórios estatísticos relativos à Secretaria;
- V - substituir o Vice-Presidente em seus impedimentos temporários, estes quando reconhecidos pelo Conselho Administrativo;
- VI - ter participação ativa como membro da Diretoria Executiva e atuação conjunta em suas atividades;
- VII - cumprir e fazer cumprir este Estatuto, bem como as deliberações da Assembleia Geral e do Conselho Administrativo.

Art. 54º Ao 2º Secretário compete:

- I - substituir o Secretário Executivo em suas faltas e impedimentos;
- II - assessorar a mesa diretora nos eventos oficiais da ABLIRC;
- III - cumprir e fazer cumprir este Estatuto, bem como as deliberações da Assembleia Geral e do Conselho Administrativo.

Art. 55º Ao 3º Secretário compete:

- I - substituir o 2º Secretário em suas faltas e impedimentos;
- II - ser o responsável pelas atividades de comunicação e relações públicas da ABLIRC;
- III - cumprir e fazer cumprir este Estatuto, bem como as deliberações da Assembleia Geral e do Conselho Administrativo.

Art. 56º Ao 1º Tesoureiro compete:

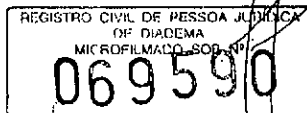
- I - manter em dia a arrecadação das contribuições dos associados;
- II - cuidar da aplicação dos recursos disponíveis, de conformidade com os objetivos da ABLIRC e com o Orçamento Anual aprovado pelo Conselho Administrativo;
- III - manter e ou gerir o patrimônio da ABLIRC;
- IV - apresentar relatórios e balanços à Assembleia Geral Ordinária, ao Conselho Administrativo, ao Conselho Fiscal;
- V - ter participação ativa como membro da Diretoria Executiva e atuação conjunta nas atividades administrativas;
- VI - cumprir e fazer cumprir este Estatuto, bem como as deliberações da Assembleia Geral e do Conselho Administrativo.

Art. 57º Ao 2º Tesoureiro compete:

- I - substituir o 1º Tesoureiro em suas faltas e impedimentos;
- II - zelar pelo recolhimento das obrigações fiscais, tributárias, trabalhistas e outras, da ABLIRC;
- III - manter sob sua responsabilidade técnica os registros contábeis e fiscais da ABLIRC;
- IV - cumprir e fazer cumprir este Estatuto, bem como as deliberações da Assembleia Geral e do Conselho Administrativo.

Art. 58º Ao 3º Tesoureiro compete:

- I - substituir o 2º Tesoureiro em suas faltas e impedimentos;
- II - promover a adesão de associados;
- III - cumprir e fazer cumprir este Estatuto, bem como as deliberações da Assembleia Geral e do Conselho Administrativo.



1.811 PJ

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e
Civil de Pessoa Jurídica de Diadema

Rua Graciosa, 406 - Parque Sete de Setembro - 09910-660 - Diadema - SP

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Art. 59º Aos membros da Diretoria Executiva, na ordem hierárquica, compete representar a ABLIRC nos atos comemorativos, representativos, nas convocações regionais e nos demais eventos onde a ABLIRC for parte ou tenha o dever de se fazer representar.

Parágrafo único. A Diretoria Executiva se reunirá ordinariamente uma vez por trimestre e extraordinariamente, sempre que for necessário, devendo lavrar em ata própria todas as decisões tomadas, sendo assinadas por todos os presentes.

CAPÍTULO XIII DOS COORDENADORES ESTADUAIS, REGIONAIS, SETORIAIS, DISTRITAIS, SECRETÁRIOS DE DEPARTAMENTOS E SERVIÇOS.

Art. 60º A Diretoria Executiva, ad-referendum do Conselho Administrativo, nomeará os Coordenadores Estaduais e tantos Coordenadores Regionais, Setoriais, Distritais, Secretários de Departamentos e de Serviços que julgar necessários para o bom andamento da ABLIRC, nos quais compete promover, como assistentes do presidente, todas as atividades relacionadas com suas funções, do que cada um deverá apresentar relatórios, quando requeridos pela presidência e, oportunamente, ao Conselho Administrativo e à Assembleia Geral Ordinária.

Parágrafo único. O Conselho Administrativo nomeará tantos Coordenadores Regionais, Setoriais, Distritais, Secretários de Departamentos ou Serviços quantos julgar necessários para o bom andamento das atividades da ABLIRC, com mandato até a próxima Assembleia Geral Ordinária.

CAPÍTULO XIV DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 61º A ABLIRC só poderá ser dissolvida por Assembleia Geral Extraordinária para tal fim devidamente convocada na forma disposta no Art. 24º e 25º, mediante votação de pelo menos 2/3 (dois terços) dos associados, AD-REFERENDUM do Conselho dos Associados Constituintes.

Parágrafo único. No caso de dissolução da ABLIRC, o seu patrimônio líquido deverá ser incorporado a outra entidade congênere no País, respeitadas as peculiaridades legais que recaírem sobre os mesmos.

Art. 62º Os membros e os associados da ABLIRC não respondem solidária e nem subsidiariamente pelas obrigações sociais da mesma.

Art. 63º O presente Estatuto só poderá ser emendado ou reformado por resolução de 2/3 (dois terços) de votos dos delegados presentes à Assembleia Geral para tal fim convocada, AD-REFERENDUM do Conselho dos Associados Constituintes.

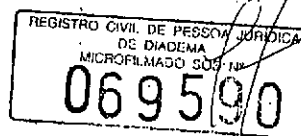
Parágrafo único. As emendas ou reformas referidas neste artigo deverão ser propostas pelo Conselho Administrativo ou por uma Comissão de Estatuto criada na Assembleia.

CAPÍTULO XV DAS DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

Art. 64º A ABLIRC contará com os seguintes órgãos de assessoria:

- I - Conselhos Consultivos Estaduais ou Regionais;
- II - Conselho Científico;
- III - Conselho Jurídico;
- IV - Câmaras Setoriais Temáticas.

Art. 65º Os Conselhos Consultivos Estaduais ou Regionais serão constituídos, conforme sejam estabelecidos os respectivos Fóruns Estaduais ou Regionais, após o estabelecimento do Fórum Brasileiro de Liberdade Religiosa e Cidadania, os quais serão regulamentados pelo Conselho Administrativo.



1.811 PJ

Página 18 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87CA

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 178



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

- Art. 66º O Conselho Científico será composto por personalidades com destacada atividade pública e competência acadêmica, sobretudo na promoção dos Direitos Humanos e na defesa da Liberdade de Crença, Consciência e Religião.
- Art. 67º O Conselho Jurídico, como órgão consultivo da Diretoria Executiva, será composto por Operadores do Direito, de notório saber jurídico, indicados pela Diretoria Executiva e referendados pelo Conselho Administrativo.
- Art. 68º Compete ao Conselho Jurídico:
- I - pronunciar-se sobre ações judiciais em defesa da Liberdade de Crença, Consciência e Religião;
 - II - sugerir medidas administrativas e judiciais com fundamento na Constituição da República Federativa do Brasil e nos Tratados e Convenções Internacionais dos quais o Brasil é signatário;
 - III - levantar questões relevantes para implementação do direito fundamental da Liberdade Religiosa em todas as instâncias.
- Art. 69º As Câmaras Setoriais Temáticas serão constituídas por representantes dos diversos setores religiosos, os quais participarão da Câmara correspondente ao setor que representam, sendo constituídas quantas Câmaras Setoriais forem necessárias conforme a demanda e interesse de cada setor.
- Art. 70º A estrutura e o funcionamento dos órgãos consultivos da ABLIRC serão regulamentados pela Diretoria Executiva da ABLIRC e pelo Conselho Administrativo.
- Art. 71º Os casos omissos neste Estatuto serão resolvidos em Assembleia Geral.
- Art. 72º Este Estatuto entrará em vigor na data de seu registro em Cartório.

MO

C.R.C.P.N. Diadema

Samuel Gomes de Lima
(Samuel Luz)
Presidente da Assembleia

Ezio Ferraz de Almeida
Secretário da Assembleia
Advogado - OAB nº 69.938/SP

28-11-2006

REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURIDICA
DE DIADEMA
MICROFILMADO SOB Nº
069590

Registro Civil das Pessoas Naturais de Diadema
Rua Silvio Duzini, 199/209 - Centro - Diadema - SP
Jucelma Martins Rampa - Oficial Designado
reconheço por semelhança a firma de SAMUEL GOMES DE LIMA,
documento seu valor econômico, e dou fe.
Diadema, 20 de novembro de 2006.
Em testemunha da verdade.
Narciso de Souza Andreo - Escrivão Autorizado
Total: 2,50 A VALIDA SORENTE COM O SELLO DE AUTENTICACAO
AA100490

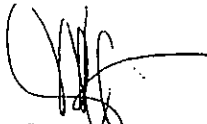


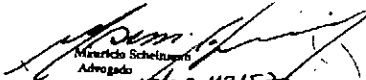
1.811 PJ



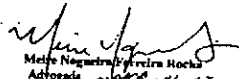
CERTIDÃO

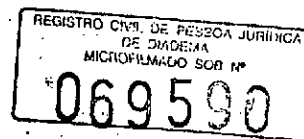
Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):


Damais Dias Moreira Kuo
Advogada
OAB/SP 156352


Maricelo Scheinmann
Advogado
OAB/SP 113157

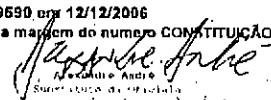

André da Natividade
Advogado OAB/SP 103.389


Mateo Negretti Ferreira Rocha
Advogado OAB/SP 44.163



Registro Civil de Pessoa Jurídica de Diadema - SP
Rua Graciosa, 406 - PO Uale do Sotomero - Tel: (011) 4056-1987
Previdenci sob nº 70348 em 26/11/2006 e registrado
sob nº 069590 em 12/12/2006
Anotação a margem do número CONSTITUIÇÃO




Suplente da Oficiala

Emenda	RS	Estado	RS	Impar	RS	Chancela	RS	Tribunal	RS	Total	RS
143,01	41,31	30,31	7,49	7,49	229,61						



1.811 PJ

Página 20 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 180



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

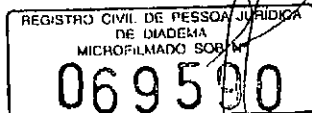
PROCEDIMENTOS PARLAMENTARES PARA ASSEMBLÉIAS, COMISSÕES E REUNIÕES ADMINISTRATIVAS

A reunião da assembleia geral de uma organização, de sua diretoria ou de uma comissão nomeada por ela, tem como objetivo estudar os itens agendados e buscar soluções para os mesmos.

1. O presidente deve abrir a reunião verificando se há quórum. Se em qualquer momento por uma circunstância for reduzido a um número inferior ao quórum mínimo, a reunião deve ser suspensa.
2. O quórum de uma comissão é a metade mais um de seus membros. A menos que a assembleia determine um quórum diferente.
3. A reunião com todos os membros da diretoria executiva de uma entidade é chamada de Mesa Administrativa.
4. Ao abrir os trabalhos da comissão ou da Mesa Administrativa, o presidente deve apresentar um relatório sobre o andamento dos programas da entidade. Pode, também, pedir que alguém de um relatório da área que lhe foi confiada.
5. A agenda ou pauta compõe-se dos assuntos que tenham surgido e chegados de forma devida à secretaria.
6. A reunião do presidente com a secretaria e com o tesoureiro é chamada de Comissão Diretiva, e é responsável pela avaliação dos tópicos devidamente inscritos para a Mesa Administrativa, podendo retirar, acrescentar ou emendar itens quando julgarem necessário.
7. A Comissão Diretiva é responsável pela preparação da agenda e por reunir toda a informação necessária para o estudo dos diversos itens, preparando e distribuindo a agenda.
8. O presidente não deve aceitar tratar um assunto que não tenha sido devidamente inscrito ou incluído na agenda, nem os itens que estejam incompletos, confusos, ou sem a devida documentação.
9. O presidente pode colocar em discussão os itens seguindo a ordem em que foram agendados, ou modificar essa ordem durante o desenvolvimento da comissão, conforme seu critério, postergando o estudo de um tópico da agenda, ou, simplesmente retirando-o da mesma.
10. A comissão pode ser suspensa a qualquer momento para prosseguir oportunamente; mas tal procedimento só será possível se for votado pelos seus membros.

PASSOS PARA UMA VOTAÇÃO CONSCIENTE

1. Votar é um ato de manifestar formalmente o que diz a consciência de alguém. Acontece de forma simultânea com os outros membros do corpo votante. Deve ser um ato ponderado e consciente e não um ato total e unicamente pessoal.
2. Votar é um ato sumamente importante e deve ser exercido com responsabilidade e humildade com um sentimento da limitação humana para escolher e decidir, portanto a observação da regra áurea é fundamental: "Não fazer aos outros o que gostaria que não se fizesse a mim."
3. Quem vota não deve ser um mero refletor do pensamento dos demais, mas ter o seu próprio ponto de vista. Entretanto deve aceitar em seu íntimo o voto da maioria fazendo-lhe seu, desse momento em diante. Deve se respeitar o consenso expresso através da votação.
4. Quem vota deve concentrar-se no bem geral da organização e não em interesses particulares ou sectários.
5. Na ADLIRC os votos são manifestados de forma pública, seja em voz alta, levantando a mão ou colocando-se em pé. A votação é pelo sim ou pelo não. O presidente declara o resultado da votação.
6. Por decisão do presidente, ou por voto da maioria dos votantes, o voto pode ser secreto, por escrito, eletronicamente ou por outros meios.
7. Quando a votação é secreta o presidente pode votar, por exemplo, para empalar ou desempalar, sempre que não tiver votado antes. Este ato é chamado de voto de qualidade.
8. Um membro deve deixar de votar naqueles assuntos nos quais tenha interesse direto, familiar ou financeiro.
9. Para aprovação ou rejeição de um ponto, e necessário, no mínimo, a metade mais um dos votos expressados, sem contar os que se absteram.
10. Em geral não é prudente declarar votado um assunto que tenha recebido só a metade mais um dos votos dados. A prudência indica a necessidade de continuar a discussão, no momento, ou em outra oportunidade.



1.811 PJ

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Rua Graciosa, 406 - Parque Sete de Setembro - 09910-660 - Diadema - SP
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001 e documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

DEVERES DO PRESIDENTE

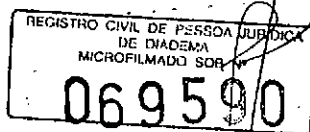
1. fazer com que as decisões sejam tomadas por consenso, tratando equilibradamente cada lado do assunto.
2. Pode votar quando a votação é secreta ou se desejar empatar ou desempatar. Mesmo que a votação seja secreta, é prudente que o presidente reserve seu voto para, se necessário, empatar ou desempatar com o voto de qualidade.
3. Deve cuidar para que aqueles que usam a palavra, o façam dentro do tempo que lhes foi concedido, ajudando para que a discussão seja o mais ágil e desembaraçada possível, mas num ambiente de calma e serenidade.
4. As questões de ordem também são julgadas e decididas pelo presidente. Se a decisão dele for contestada por qualquer membro, a comissão ou assembleia será solicitada a emitir o veredicto.
5. Em resumo presidente deve:
 - 5.1 - abrir e encerrar as reuniões
 - 5.2 - Ceder ou retirar o uso da palavra aos membros
 - 5.3 - limitar a discussão ao assunto em consideração
 - 5.4 - explicar o significado e o alcance da proposta em discussão
 - 5.5 - Submeter as propostas à votação
 - 5.6 - Declarar o resultado da votação
 - 5.7 - Encerrar a comissão
6. O presidente não deve impor seus pontos de vista ao grupo, mas canalizar, o mais fielmente possível, os desejos dos membros da comissão, lembrando que a unidade de ação é mais importante que a perfeição dos planos.
7. Quem preside deve conhecer os procedimentos que rege o debate e deve agir com tato, iniciativa, cortesia, paciência e imparcialidade.
8. Questões de ordem: O propósito de uma questão de ordem é objetar, no mesmo momento em que foi tomada a decisão da comissão ou do presidente.
9. O presidente tem o dever e o direito de cuidar para que sejam observados os estatutos, procedimentos e regulamentos do corpo que preside.
10. Se um membro discorda da decisão do presidente, ou se deseja chamar a atenção para infrações ao regulamento, tem o direito de apresentar seu ponto de ordem e de demonstrar suas razões.
11. Procedimento para o item anterior. Levantar a mão e dizer com voz audível: "Questão de ordem, senhor presidente".
12. O presidente julgará as razões apresentadas declarando-as procedentes. Se sua decisão for contestada, deverá ser submetida à discussão, com proposta, apoio, discussão e votação.

DEVERES DOS MEMBROS DA COMISSÃO

1. Agir com equilíbrio e sensatez.
2. Ter consciência de que estão tratando assuntos de relevância
3. social com reflexos incalculáveis;
4. Não fazer propostas ou discurso que sejam frívolos.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS ITENS DA AGENDA

1. A forma correta de introduzir um assunto para consideração é apresentá-lo e então propor.
2. A pessoa que propõe tem o direito de justificar sua proposta.
3. O presidente perguntará se alguém apóia a proposta feita. Se não houver apoio não é possível iniciar o debate. Qualquer um pode apresentar uma questão de ordem se o presidente iniciar a discussão sem o devido apoio.
4. A proposta original com que começa a discussão de um assunto chama-se "proposta principal". Não se discute mais do que uma proposta por vez.
5. Ao terminar a discussão recapitula-se a proposta antes de submetê-la à votação. Após a apuração dos votos, o presidente anuncia o resultado e passa para o item seguinte da agenda.
6. Toda proposta principal está sujeita a emenda em qualquer momento da discussão. A emenda deve estar relacionada com a proposta principal que a emenda pretende modificar.
7. A emenda que tenta modificar a proposta principal chama-se de "emenda primária" e a emenda que tenta alterar a emenda primária chama-se "emenda secundária". Não pode haver, simultaneamente, em um debate, mais que uma emenda primária e uma secundária.



[Handwritten signatures and initials]



1.811 PJ

Página 22 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 182



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

8. Se uma proposta principal foi afetada por uma emenda primária e por outra secundária, deve ser votada primeiro a emenda secundária, depois a primária e, finalmente, a proposta principal.
9. Reconsideração. Uma proposta não pode sofrer emendas após ter sido votada. Pode ser reconsiderada ou anulada. Qualquer membro pode propor reconsideração para um ponto da agenda. Que já tenha sido votado sempre que a decisão ainda não tenha sido levada a efeito.
10. O propósito da reconsideração é o de permitir corrigir uma decisão equivocada, especialmente quando surgem informações adicionais ou se uma situação mudar após o voto ter sido tomado.

REGRAS DO DEBATE

1. A primeira regra a ser seguida pelos debatedores é a cortesia.
2. A segunda é pedir a palavra e esperar até que o presidente a conceda. Basta levantar a mão até assegurar-se de que o presidente registrou o pedido. Se vários pedem a palavra simultaneamente, essa será concedida na ordem em que tiver sido registrada, ou a quem, a critério do presidente, tenha prioridade. Aquele que faz a proposta, se ainda não a tiver justificado, terá prioridade no uso da palavra.
3. Todas as observações e comentários devem ser dirigidos ao presidente, ser impessoais e ser pertinentes ao assunto em discussão.
4. O que está usando a palavra deve respeitar o tempo concedido se a comissão indicou um tempo para cada intervenção, ou quando o presidente determinar um tempo.
5. Pedido de votação. O objetivo dessa proposta é finalizar imediatamente a discussão e voltar à proposta principal ou à emenda em discussão. Se o pedido de votação imediata refere-se a uma emenda, o debate sobre a proposta principal pode continuar depois que a emenda tiver sido votada. O fato de um membro pronunciar em voz alta a palavra "votação", não é um pedido formal de votação, mas indica ao presidente que há um membro que sente que é o momento de passar à votação. Esse pedido não pode interromper uma pessoa que estiver usando a palavra.
6. Tempo. O objetivo dessa proposta é limitar ou estender o tempo para o discurso ou para a discussão do item.
7. Pedido para se retirar ou modificar uma proposta feita. Aquele que faz uma proposta é o seu "proprietário" enquanto presidente não a tiver submetido a debate e pode retirá-la ou modificá-la com o consentimento dos demais membros.
8. Objeções ao relatório. No caso de haver objeções ao relatório (parcial ou total), o objeitor, em vez de mencionar o que objeta, pede que o relatório seja devolvido à respectiva comissão para análise da objeção. Normalmente o presidente aceita o pedido sem nenhuma barreira, entretanto, se o pedido é feito em forma de proposta, essa será debatível e o presidente pede o apoio a submete à votação.

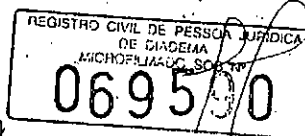
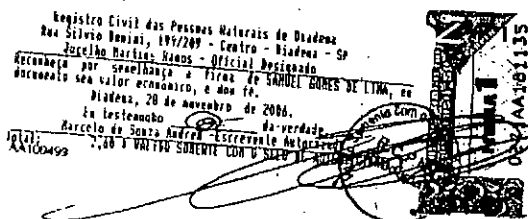
PARA REFLEXÃO

"As organizações, assim como as locomotivas, são desastrosas quando saem dos trilhos." Anônimo

28 -11- 2006

Samuel Gomes de Lima
(Mamuel Luz)
Presidente da Assembleia

Ézio Ferraz de Almeida
Secretário da Assembleia
Advogado OAB nº 60.038



1.811 PJ

Documento assinado digitalmente por Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, em 24/08/2006, às 10:07:00. Documento pode ser acessado pelo endereço: <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 183

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia; verificou constar o(s) seguinte(s):

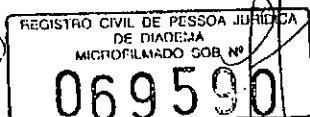
QUALIFICAÇÃO

Membros da Diretoria Executiva:

1. **Presidente:** Samuel Gomes do Lima, RG nº 14.111.301-7 e CPF nº 247.996.295-49, também conhecido como Samuel Luz, brasileiro, casado, professor, residente e domiciliado na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à Av. Sete de Setembro, nº 299, Bloco C, Apartamento 24, Vila Conceição, São Paulo.
2. **Vice-presidente:** Aldir Guedes Soriano, RG nº 13.041.948 e CPF nº 509.092.589-53, brasileiro, casado, advogado, residente e domiciliado na Cidade de Presidente Venceslau, Estado de São Paulo, à rua Otelo Bertolozzi, nº 115.
3. **Primeiro Secretário (Secretário Geral):** Jabes Oliveira Moura, RG nº 5.223.368-2 e CPF nº 690.242.438-15, brasileiro, casado, administrador de empresas, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, à av. Santo Amaro, nº 4.039, Brooklin.
4. **Segundo Secretário:** Ezio Ferraz de Almeida, RG nº 3.830.193 e CPF nº 224.586.978-87, brasileiro, casado, advogado, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, à rua Vergueiro, 378.
5. **Terceira Secretária:** Maria Cristina Martins Peralta, RG nº 7.650.278-9 e CPF nº 007.369.368-58, brasileira, solteira, publicitária, residente e domiciliada na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, à rua Minerva, 377, Sumaré.
6. **Primeiro Tesoureiro:** José Carlos de Almeida, RG nº 11.137.493-5 e CPF nº 022.312.668-30, brasileiro, casado, empresário, residente e domiciliado na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à rua Regente Feijó, nº 47.
7. **Segundo Tesoureiro:** Zenildo Alves Fonseca, RG nº 11.542.398 e CPF nº 011.941.738-99, residente e domiciliado na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à rua Santo Antonio, nº 219, apartamento 183.
8. **Terceira Tesoureira:** Damaris Dias Moura Kuo, RG nº 39.406.057-X e CPF nº 660.467.185-20, brasileira, casada, advogada, com registro na OAB/SP nº 186.852, residente e domiciliada na Cidade de São Paulo, à rua Tapes, nº 56, Bloco C, apartamento 52, Aclimação.

Membros do Conselho Administrativo

1. **Paulo Karklschko,** RG nº 3.935.446 e CPF nº 428.615.788-15, brasileiro, casado, clérigo, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, à rua Pascal, nº 662, Campo Belo.
2. **Euler Pereira Bahia,** RG nº 10.363.991 e CPF nº 318.928.927-15, presidente, casado, educador, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, à Estrada de Itapeçerica, Km 23.
3. **Ronildo de Oliveira,** RG 6.329.669 e CPF nº 757.775.848-53, brasileiro, casado, clérigo, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, à rua Paulino Vital de Moraes, nº 333, Parque Marín Helena.
4. **Alcionei Miranda Feliciano,** RG nº 32.247.312-3 e CPF nº 253.815.438-32, brasileiro, casado, advogado, residente e domiciliado na Cidade de Embu das Artes, Estado de São Paulo, à rua Maria Auxiliadora, nº 27.
5. **João Lopes de Araújo Neto,** RG nº 10.224.294-5 e CPF nº 012.122.288-80, brasileiro, casado, educador, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, à rua Cornet Bento José de Carvalho, nº 340, Vila Matilde.
6. **Janice Oliveira de Almeida,** RG nº 8.503.422 e CPF nº 124.489.238-35, brasileira, viúva, enfermeira, residente e domiciliada na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à rua Joaquim Nabuco, nº 85.
7. **Silvê João de Almeida,** RG nº 12.928 e CPF nº 245.798.310-04, brasileiro, casado, jornalista, residente e domiciliado na Cidade de Campinas, Estado de São Paulo, à Júlio Ribeiro, nº 188.



1.811 PJ

Página 24 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87CA



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 184



CERTIDÃO

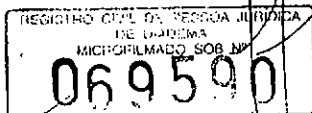
Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos, e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema, - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Membros do Conselho Administrativo

1. Presidente: Samuel Gomes de Lima, RG nº 14.111.301-7 e CPF nº 247.996.295-49, também conhecido como Samuel Luz, brasileiro, casado, professor, residente e domiciliado na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à Av. Sete de Setembro, nº 299, Bloco C, Apartamento 24, Vila Conceição, São Paulo.
2. Alcides Colmbra, RG nº 5.989.414 e CPF nº 661.379.428-72, brasileiro, casado, advogado, residente e domiciliado na Cidade de Artur Nogueira, Estado de São Paulo, à rua Magdalena Sanseverino Grasso, nº 85.
3. Jales de Oliveira Moura, RG nº 5.223.368-2 e CPF nº 690.242.438-15, brasileiro, casado, administrador de empresas, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, à av. Santo Amaro, nº 4.039, Brooklin.
4. Valdir Carlos, RG nº 8.910.401-8 e CPF nº 008.904.028-76, brasileiro, casado, clérigo, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, à rua Demetre Stravos Dágres, nº 47.
5. Eugênio Vicente de Paula Neto, RG nº 10.248.198 e CPF nº 884.553.518-53, brasileiro, casado, clérigo, residente e domiciliado na Cidade de Diadema à rua Espiga, nº 225.
6. José Carlos de Almeida, RG nº 11.137.493-5 e CPF nº 022.312.668-30, brasileiro, casado, empresário, residente e domiciliado na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à rua Regente Feijó, nº 47.
7. Merivaldo Silva Pereira, RG nº 9.669.845-7 e CPF nº 947.320.438-87, brasileiro, casado, clérigo, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, à Praça Cruz Vermelha, nº 56, Jardim Bela Vista.
8. Rubens Nildo Estevani de Oliveira, RG nº 16.272.658-2 e CPF nº 035.316.338-48, brasileiro, casado, consultor, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, à rua Sete de Abril, nº 235.
9. Hélio Silva Júnior, RG nº 1.257.445 e CPF nº 082.171.728-17, brasileiro, solteiro, advogado, com registro na OAB/SP nº 146.736, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, à Avenida Pacaembu, nº 1393.
10. Vândir do Nascimento, RG nº 4.604.679 e CPF nº 528.991.108-10, brasileiro, casado, advogado, com registro na OAB/SP nº 103.389, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, à avenida Jurubatuba, nº 49.
11. Jihad Hassan Hammadah, RG nº 16.593.732 e CPF nº 058.702.518-26, brasileiro, casado, administrador, residente e domiciliado na cidade de São Bernardo do Campo, à rua Adelina Salvatori Bassoli, nº 57.
12. Célia Marise Lautert de Lima, RG nº 17.612.349-0 e CPF nº 059.402.838-88, brasileira, casada, educadora, residente e domiciliada na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à av. Sete de Setembro, 299.
13. Maurício Scheinman, RG nº 7.551.115-2 e CPF nº 093.098.318-12, brasileiro, casado, advogado, com registro na OAB/SP nº 113.157, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, à rua General Ministro Rocha Azevedo, 482.
14. Damaris Dias Moura Kuo, RG nº 39.406.057-X e CPF nº 660.467.185-20, brasileira, casada, advogada, com registro na OAB/SP nº 186.852, residente e domiciliada na Cidade de São Paulo, à rua Tapes, nº 56, Bloco C, apartamento 52, Aclimação.
15. Sebastião Marques, RG nº 2.424.338-8 e CPF nº 038.219.787-91, brasileiro, casado, empresário, residente e domiciliado na Cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, à rua Namur, 828, apartamento 104, Jacarepaguá.

Membros do Conselho Fiscal

1. Álvaro Luis de Mello, RG nº 12.766.320 e CPF nº 037.689.228-55, brasileiro, casado, comerciante, residente e domiciliado na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à rua Joaquim Nabuco, nº 77.
2. Meire Nogueira Ferreira Rocha, RG nº 5.621.896-5 e CPF nº 601.262.998-20, brasileira, casada, advogada, com registro na OAB/SP nº 44.163, residente e domiciliada na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à rua Manuel da Nóbrega, 400.
3. Rogério José de Sousa, RG nº 32.229.606-7 e do CPF nº 215.125.498-43, brasileiro, solteiro, administrador, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, à rua Gabrielle D'Annunzio, 246, Brooklin.



1.811 PJ

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e
Documento assinado digitalmente por Patricia André de Camargo Ferraz em 21/09/2025 às 11:55:19. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

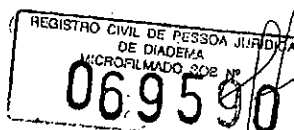


Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

4. Alex Apurecido do Nascimento, RG nº 27.271.374-0 e CPF nº 164.089.378-45, brasileiro, solteiro, gráfico, residente e domiciliado na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à avenida Ulises Guimarães, nº 2.706.
5. Patrocínio Gomes de Lima, RG nº 3.373.258-9 e CPF nº 215.125.498-13, brasileiro, casado, aposentado, residente e domiciliado na Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, à rua Marcelino Fernandes, nº 1-A, Jardim Bela Vista.
6. Jorge Evangelista de Lima, RG nº 4.257.639 e CPF nº 504.625.718-15, brasileiro, casado, consultor, residente e domiciliado na Cidade de Diadema, Estado de São Paulo, à rua São José, 490.
7. Marcelo Tadeu de Moura, 18.449.802 e CPF nº 085.594.458-70, brasileiro, casado, empresário, residente e domiciliado na Cidade de Guarulhos, Estado de São Paulo, à avenida Gupouva, 12.



[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]



1.811 PJ

Página 26 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877FEEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 186

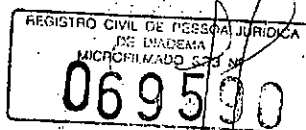


CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

São Paulo, 09 de Novembro de 2004.
Membros do Conselho de Associados Constituintes:

Paulo Korschchko



Eulécia Pereira Bahia

Alcionei Miranda Policiano

Janice Oliveira de Almeida

Ronaldo de Oliveira

Siloé Almeida

João Lopes de Araújo Neto



1.811 PJ

Página 27 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA8, senha 011422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

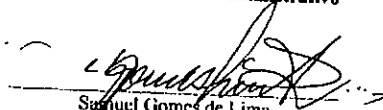
Num. 256305323 - Pág. 187

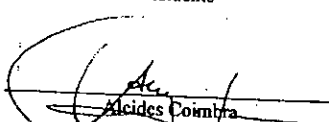
CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema, Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

São Paulo, 09 de Novembro de 2.004

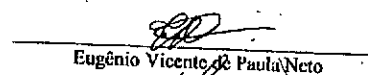
Membros do Conselho Administrativo

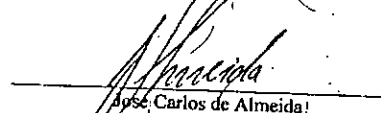

Samuel Gomes de Lima
(também conhecido como Samuel Luz)
Presidente


Alcides Coimbra

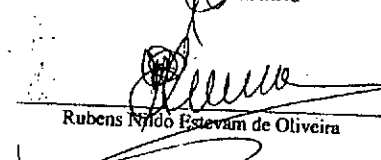

Jabes Calado Oliveira Moura


Valdir Carlos


Eugênio Vicente de Paula Neto


José Carlos de Almeida


Merivaldo Pereira Silva


Rubens Nildo Esteves de Oliveira

REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA
DE DIADEMA
MICROFILMADO
069590



1:811 PJ

Página 28 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 188



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

São Paulo, 09 de novembro de 2004

Membros do Conselho Administrativo

Hélio Silva Jr

Vandir Nascimento

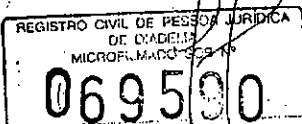
Jihad Hassan Hammadeh

Célia Marise Lautert de Lima

Maurício Schuchman

Damásio Dias Moura Kuo

Sebastião Marques



1.811.PJ

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Rua Graciosa, 406 - Parque Sete de Setembro - 09910-660 - Diadema - SP
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001 e documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

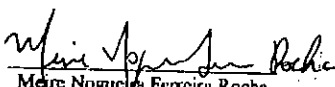
Página 29 de 43

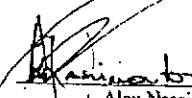
CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

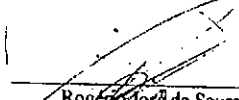
São Paulo, 09 de Novembro de 2.004.
Membros do Conselho Fiscal


Alvaro Melo


Meire Nogueira Ferroira Rocha

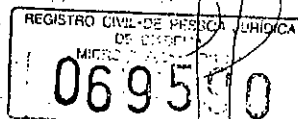

Alex Nascimento


Patrocínio Gomes de Lima


Rogério José de Sousa


Jorge Evangelista de Lima


Marcelo Moura



1.811 PJ

Página 30 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 190

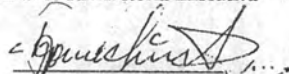


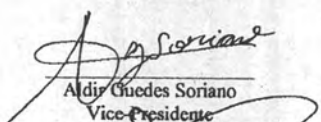
CERTIDÃO

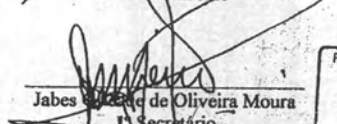
Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

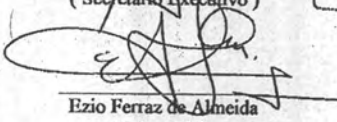
São Paulo, 09 de Novembro de 2004

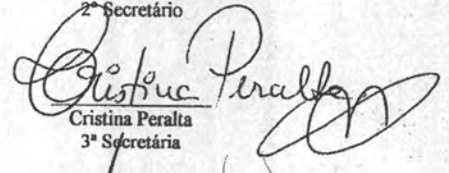
Membros da Diretoria Executiva

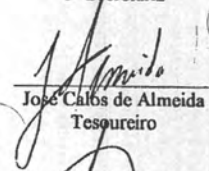

Samuel Gomes de Lima
(Prof. Samuel Luz)
Presidente

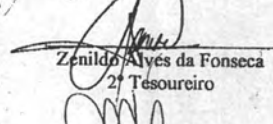

Aldir Guedes Soriano
Vice-Presidente

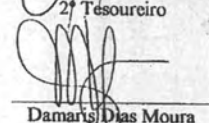

Jabes de Oliveira Moura
Secretário
(Secretário Executivo)

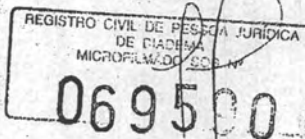

Ezio Ferraz de Almeida
2º Secretário


Cristina Peralta
3ª Secretária


José Carlos de Almeida
Tesoureiro


Zenildo Alves da Fonseca
2º Tesoureiro


Damaris Dias Moura
3ª Tesoureira



1:811 PJ

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e

Rua Graciosa, 406 - Parque Sete de Setembro - 09910-660 - Diadema - SP

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Página 31 de 43

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 191

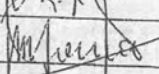
CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

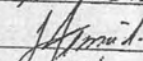
ASSINATURA DA ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DA
ABLIR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
REALIZADA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2004-11-09

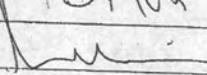
DATA, HORA E LOCAL DA REALIZAÇÃO DA ASSEMBLÉIA:

09 de Novembro de 2004, das dezenove às vinte e duas horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no Palácio Anchieta, Viaduto Jacarací, nº 100, Centro, São Paulo, SP.

Nome: JABES OLIVEIRA MOURA
RG: 5.223.5682 PAss: 

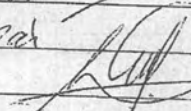
Nome: Ezequiel Ferraz de Almeida
RG: 3.830.193 Ass: 

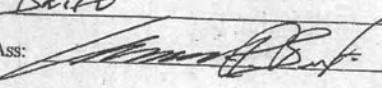
Nome: JOSE CARLOS DE ALMEIDA
RG: 11.137.493-5 Ass: 

Nome: Fabiano M. da Silva
RG: 35.011.710 Ass: 

Nome: Valdivino Lyfen Souza
RG: 4776.3199 Ass: V. Lyfen Souza

Nome: William C. Soares
RG: 5770294 Ass: 

Nome: Sebastião de S. S. S. S.
RG: 3.400.214-88 Ass: 

Nome: Hermes Ferreira de Brito
RG: 13.852.722 Ass: 



1.811 PJ

Página 32 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 192



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

ASSINATURA DA ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DA
ABLIIR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
REALIZADA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2004-11-09

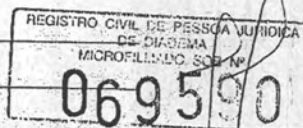
DATA, HORA E LOCAL DA REALIZAÇÃO DA ASSEMBLÉIA:

09 de Novembro de 2004, das dezenove às vinte e duas horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no Palácio Anchieta, Viaduto Jacaref, nº 100, Centro, São Paulo, SP.

Nome: Antonio Goulart

RG: 6235216

Ass: [assinatura]



Nome: Mary Saphim de Oliveira

RG: 35.935.915-6

Ass: Mary Saphim de Oliveira

Nome: Leonor Maria

RG: [assinatura]

Ass: Leonor Maria

Nome: Juliana Oliveira de Almeida

RG: 8503442

Ass: [assinatura]

Nome: SAMUEL GOMES DE LIMA

RG: 14.111.301-7

Ass: [assinatura]

Nome: [assinatura]

RG: [assinatura]

Ass: [assinatura]

Nome: [assinatura]

RG: 17.612.349-0

Ass: [assinatura]

Nome: Sandra D. Almeida

RG: 15.174.175

Ass: [assinatura]



1.811 PJ

Página 33 de 43

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Rua Graciosa, 406 - Parque Sete de Setembro - 09910-660 - Diadema - SP
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 193

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

ASSINATURA DA ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DA
ABLR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
REALIZADA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2004-11-09

DATA, HORA E LOCAL DA REALIZAÇÃO DA ASSEMBLÉIA:

09 de Novembro de 2004, das dezenove às vinte e duas horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no Palácio Anchieta, Viaduto Jacaré, nº 100, Centro, São Paulo, SP.

Nome: Patricia André de Camargo Ferraz

RG: 1.173.257-9 Ass: [Assinatura]

Nome: Frederico Hoffmann

RG: 2.760.264 Ass: [Assinatura]

Nome: HEARLTON VINHOTE

RG: 25.717.104-9 Ass: [Assinatura]

Nome: Valdir Carlos Valtieri

RG: 8.910.401-8 Ass: [Assinatura]

Nome: Itamar de Paula

RG: 7.401.830 Ass: [Assinatura]

Nome: Wagner José Macedo

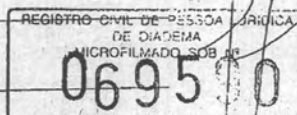
RG: 1.222.522-1 Ass: [Assinatura]

Nome: CARLOS MACHADO

RG: 0.000.111-0 Ass: [Assinatura]

Nome: PATILLO FANTASE

RG: 1.256.850 Ass: [Assinatura]



1.811 PJ

Página 34 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 194



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

ASSINATURA DA ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DA
ABLIIR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
REALIZADA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2004-11-09

DATA, HORA E LOCAL DA REALIZAÇÃO DA ASSEMBLÉIA:

09 de Novembro de 2004, das dezenove às vinte e duas horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no Palácio Anchieta, Viaduto Jacareí, nº 100, Centro, São Paulo, SP.

Nome: ADRIANO FERREIRA FRIAS

RG: 19.135.343

Ass: Adriano Frias

Nome: Gabriel de Oliveira Frias

RG: _____

Ass: Gabriel O. Frias

Nome: MARCELO BESSA de LIMA

RG: 04868542-3

Ass: Marcelo

REGISTRO CIVIL DE PESSOAS
DE DIADEMA
MICROFILMADO SOB N.º

069500

Nome: Nelson da Silva

RG: 3.595.820-0

Ass: Nelson Silva

Nome: Silvia Siqueira dos Santos

RG: 4.134.858

Ass: Silvia

Nome: Willington Silva de Oliveira

RG: 29.131.196-9

Ass: Willington

Nome: Luiz Tadeu Santos Pereira

RG: 29032456-X

Ass: Luiz

Nome: Valmir Luiz dos Santos

RG: 40.137.839-8

Ass: Valmir



1.811 PJ

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e

Rua Graciosa, 406 - Parque Sete de Setembro - 09910-660 - Diadema - SP

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Página 35 de 43

Num. 256305323 - Pág. 195

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

ASSINATURA DA ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DA
ABLIIR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
REALIZADA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2004-11-09

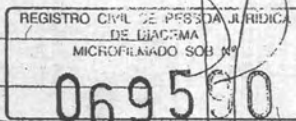
DATA, HORA E LOCAL DA REALIZAÇÃO DA ASSEMBLÉIA:

09 de Novembro de 2004, das dezenove às vinte e duas horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no Palácio Anchieta, Viaduto Jacaré, nº 100, Centro, São Paulo, SP.

Nome: Vera A. Marini
RG: 3 962 013 Ass: Amarini

Nome: Leventina Gualdes de P. Ribeiro
RG: 3101592 Ass: Ribeiro

Nome: LENISETE ELOY
RG: 13964.605X Ass: Lenisete Eloy



Nome: Renay Moreira dos Santos
RG: 36.329.840-X Ass: Renay

Nome: Ana Paula Gonçalves Jardim
RG: 30.667.228-5 Ass: Jardim

Nome: Daniel da Silva Eloy
RG: 01249749 Ass: Eloy

Nome: Angelo Simonini
RG: 2.847.869 Ass: Simonini

Nome: Eliana Afonso da Silva de Magdo
RG: 13032 410 Ass: Magdo



1.811 PJ

Página 36 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

ASSINATURA DA ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DA
ABLIR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
REALIZADA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2004-11-09

DATA, HORA E LOCAL DA REALIZAÇÃO DA ASSEMBLÉIA:

09 de Novembro de 2004, das dezenove às vinte e duas horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no Palácio Anchieta, Viaduto Jacareí, nº 100, Centro, São Paulo, SP.

Nome: Maria Maciel de Camargo
RG: 13808-758 Ass: [Assinatura]

Nome: Alberto Amaro Terno
RG: 41317-590-X Ass: [Assinatura]

Nome: ARNALDO LOPES DE LIMA
RG: 34906-841-0 Ass: [Assinatura]



Nome: José Antônio de Almeida
RG: 12429861-6 Ass: [Assinatura]

Nome: Luiza Traciara Almeida
RG: [Assinatura] Ass: [Assinatura]

Nome: Leandro Gomes de Carvalho
RG: 23.753.778-3 Ass: [Assinatura]

Nome: Luiz Manoel
RG: 510.777 Ass: [Assinatura]

Nome: Eduardo M. S. Santos
RG: 19461-418-9 Ass: [Assinatura]



1.811 PJ

Página 37 de 43

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e

Rua Graciosa, 406 - Parque Sete de Setembro - 09910-660 - Diadema - SP

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 197

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

ASSINATURA DA ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DA
ABLIR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
REALIZADA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2004-11-09

DATA, HORA E LOCAL DA REALIZAÇÃO DA ASSEMBLÉIA:

09 de Novembro de 2004, das dezenove às vinte e duas horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no Palácio Anchieta, Viaduto Jacaré, nº 100, Centro, São Paulo, SP.

Nome: Aldir Guedes Soriano

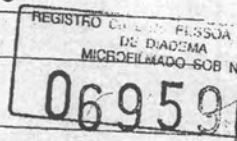
RG: 13041948

Ass: [Assinatura]

Nome: Rodrigo Augusto de Carvalho Campos

RG: _____

Ass: _____



Nome: Eduardo Luis Palma Mello

RG: 43.603.518-6

Ass: Eduardo L. Palma

Nome: SAMUEL GODOI

RG: 23.872.989-8

Ass: _____

Nome: Fernando Carlos de Souza

RG: 32.341.947-3

Ass: _____

Nome: Luiz Carlos de Almeida Souza

RG: 43.603.518-6

Ass: _____

Nome: Erica dos Santos Ken

RG: 41.412.229-7

Ass: Erica dos Santos Ken

Nome: Guilherme Marcel Vieira

RG: 43.603.518-6

Ass: _____



1.811 PJ

Página 38 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 198



CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

ASSINATURA DA ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DA
ABIJR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
REALIZADA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2004-11-09

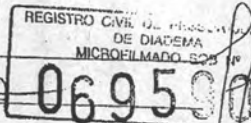
DATA, HORA E LOCAL DA REALIZAÇÃO DA ASSEMBLÉIA:

09 de Novembro de 2004, das dezenove às vinte e duas horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no Palácio Anchieta, Viaduto Jacaré, nº 100, Centro, São Paulo, SP.

Nome: YUÃO LOPES DE ARAUJO NETO
RG: 110.234.294-5 Ass: [assinatura]

Nome: DANIEL C. JUANICKI
RG: 11.145.126-7 Ass: [assinatura]

Nome: SIMON ALMEIDA
RG: 23.750.46-0 Ass: [assinatura]



Nome: Renato da Silva
RG: 5372234 Ass: [assinatura]

Nome: Adriana José Paixão
RG: 10.410.728 Ass: [assinatura]

Nome: Robson Lemos Almeida
RG: 33.211.902 Ass: [assinatura]

Nome: RAIMUNDO PEREIRA DOS SANTOS
RG: 12.134.499 Ass: [assinatura]

Nome: Luiz Augusto de S. Guimarães
RG: 43.101.504-4 Ass: [assinatura]



1.811 PJ

Página 39 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 199

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

ASSINATURA DA ATA DA ASSEMBLÉIA DE FUNDAÇÃO DA
ABLIR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
REALIZADA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2004-11-09

DATA, HORA E LOCAL DA REALIZAÇÃO DA ASSEMBLÉIA:

09 de Novembro de 2004, das dezenove às vinte e duas horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, no Palácio Anchieta, Viaduto Jacaré, nº 100, Centro, São Paulo, SP.

Nome: Edson Ramos Santos.

RG: 34 9791. 954-9 ASS: x Edson Raimos Santos

Nome: Matheus Kline da Silva de Macedo

RG: _____ Ass: SA Walker

Nome: Mariana Palombo

RG: 29743.022-1 Ass: Mariana Polanco

Name: Mr. Charles D.

RG7/19074/19074 Ass:  REGISTRO CIVIL DE R

Nome: THIAGO D. G. DE OLIVEIRA

RG: 39471571-2 Ass: *[Signature]*

Name: Alfred Wiggert.

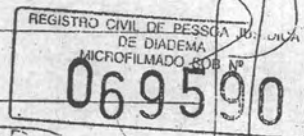
RG: 5-989.414 Ass: (1/2)

Nome: Alisoni Miranda Feliciano A

RG: 32.247.312-3 Ass: [Signature]

Nome: Ronaldo de Oliveira

RG: 6.329.669 - SSPSP Ass: (Signature)



1.811 P.J.

Página 40 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 200

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

N/C PROF. Samuel

PROCURADOR MEMBROS DA MESA DO II FÓRUM DE LITIGÂNCIA CÍVEL,

É SALTAR RESSALTAR QUE AQUI REPRESENTAMOS UMA PARTE DA SOCIEDADE QUE POSSUI CONSCIÊNCIA, EM CONTRASTE COM UM MUNDO SEM CONSCIÊNCIA, MUITAS VEZES SEM ESCRUPULOS AO QUAL TODOS ~~TEMOS~~ ^{TEMOS} VÍTIMAS.

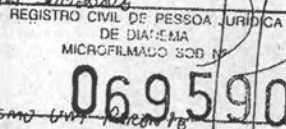
NÃO SOMAMOS UM GRUPO QUE LUTA POR CAPACHOS DE UMA MINORIA, MAS LUTAMOS SIM PELO DIREITO DE DAR A NOSSA COLABORAÇÃO PESSOAL NA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE MELHOR, QUE BENEFICARÁ TODA A NAÇÃO.

GUARDAR EM LOP OS DIREITOS DA GUARDA DA LIBERDADE DA CONSCIÊNCIA, SIGNIFICA DAR OPORTUNIDADE A CIDADÃOS VALIOSOS QUE SE TORNARÃO PILARES DE UMA SOCIEDADE JUSTA, SÉRIA E FELIZ.

QUEM É BRASILEIRO, POSSUI UM FILHO OU MESMO UM PARCERIRO PRECISA SER INFORMADO QUE LEIS QUE DEFENDAM ESTE GRUPO NÃO REPRESENTAM, TRAM BENEFÍCIOS A ESTA E AS PRÓXIMAS GERAÇÕES AO PERMITIR QUE EM JUSTO DIREITO, PESSOAS QUE VEM SOBREPONDO LUTAM ^{PELA GUARDA DE} VALORES DE CONSCIÊNCIA ~~PARTE~~ DAS COLUNAS DA SOCIEDADE.

A CADA DIA DE AUSÊNCIA DE LEIS EFETIVAS, PERDEMOS PRESTÍGIOS PRESENTES E FUTUROS DE VALOR QUE NÃO SE PODE MENSURAR, A SER PAGO POR TODA A SOCIEDADE BRASILEIRA E Nossos HERDEIROS, PELO CANCELAMENTO DE OPORTUNIDADES IMPRONTAS A ESTABELECIMENTOS CONSCIENTES.

MARCELO MOURA (advogado / GUARULHOS-SP)
01/11/04 F. (11) 8235-3632



1.811 PJ

Página 41 de 43

Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Rua Graciosa, 406 - Parque Sete de Setembro - 09910-660 - Diadema - SP
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

CERTIDÃO

Patricia André de Camargo Ferraz, Oficiala do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de Diadema - Estado de São Paulo, CERTIFICA, a pedido verbal da(s) parte(s) interessada(s), que revendo os arquivos desta Serventia, verificou constar o(s) seguinte(s):

Edital de Convocação para Assembléia de Fundação e Constituição

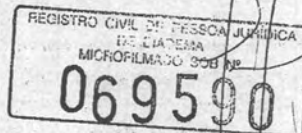
da

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA - ABLIR

A Comissão Organizadora do II Fórum de Liberdade Religiosa do Estado de São Paulo informa que durante os trabalhos oficiais do evento será instalada a Assembléia de Fundação e Constituição da Associação Brasileira de Liberdade Religiosa - ABLIR, e convida as pessoas interessadas a participar deste ato a comparecerem no dia 09 de Novembro de 2004, às 19h30m, no Salão Nobre da Câmara Municipal de São Paulo, situada no Viaduto Jacareí, nº 100, Centro - São Paulo - Capital, para participarem da mesma, na qualidade de Associados Constituintes, ocasião em que será discutida e votada a seguinte ordem do dia:

- a) Fundação, Constituição e Denominação da entidade;
- b) Leitura e votação do Estatuto da entidade;
- c) Eleição do Conselho de Associados Constituintes; do Conselho Administrativo; do Conselho Fiscal e da Diretoria Executiva.
- d) Assuntos Gerais para o bom andamento da entidade.

Diadema, 07 de Outubro de 2004



Samuel Gomes de Lima
(Samuel Luz)
Presidente da Comissão Organizadora



1.811 PJ

Página 42 de 43

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 202

NU AC



Em 23/10/2009, JUNTADA
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 100/2009.

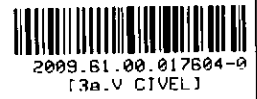
148
B

Técnica Judiciária - RF 1724

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

EXCELENTÍSSIMO(A) SENHOR(A) DOUTOR(A) JUIZ(A) FEDERAL DA 03ª VARA DA
SEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO

JFSP - FORUM CIVEL
SETOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
15/10/2009 16:03 h
Prot. nro. 2009.000280134-1



AÇÃO CIVIL PÚBLICA
Processo n.º 2009.61.00.017604-0
Autor: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Ré: União Federal

A UNIÃO FEDERAL, pessoa jurídica de direito público interno, representada nos termos da Lei Complementar n.º 73, de 10.02.93, pela Advocacia-Geral da União – Procuradoria-Regional da União – 3.ª Região-SP/MS, situada na Av. Paulista, n.º 1.842, Torre Norte, 20.º andar, nesta Capital do Estado de São Paulo, por seu Procurador que esta subscreve, vem respeitosamente à presença de V. Exa. apresentar sua CONTESTAÇÃO, com fundamento nas razões de fato e de direito a seguir expostas.

I - DO PEDIDO

02. Pretende o Autor, através da presente Ação Civil Pública cumulada com pedido de antecipação de tutela, a condenação da União à obrigação de fazer, consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados em locais de atendimento ao público nos prédios públicos da União, no Estado de São Paulo.

03. Pede, ainda, que seja fixada a multa cominatória de R\$ 1,00 (um real) por dia, apenas para servir como uma espécie de contador

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

do desrespeito que afirma que poderá ser demonstrado pela ré, não só pela decisão judicial, mas também pelas pessoas por ela beneficiadas.

04. Afirma a parte autora, em sua inicial, que fora instaurado na Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, o procedimento administrativo n.º 1.00.000.001411/2007-41 para apurar a notícia de ostentação de símbolo religioso afixado em locais proeminentes e de ampla visibilidade dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, a partir de representação protocolizada pelo cidadão Daniel Sottomaio Pereira, o qual afirma ter se sentido ofendido com a presença de um crucifixo na sede do citado órgão público.

05. Sustenta, ainda, que a conduta de afixar símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade nas repartições públicas não respeitaria o princípio da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, bem como o princípio da imparcialidade da Administração Pública e do princípio processual da imparcialidade do Poder Judiciário.

06. Afirma ser, o ato em questão, ofensor do disposto no artigo 5º da Constituição Federal, do artigo 20 da Lei 7.716/89 (trata do ilícito penal de induzimento ou incitação a discriminação ou preconceito de religião), além de atentar contra o artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao artigo 2º, 3º e 4º da Declaração sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções¹.

07. Nesse sentido, destaca como também ofendido o Pacto de São José da Costa Rica (Convenção Americana de Direitos Humanos), o qual versa em seu artigo 12 sobre a liberdade de consciência e de religião.

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

08. Quanto aos princípios constitucionais, enumera como feridos, a laicidade (art. 19, inciso I, da CF), a impessoalidade, e a moralidade, além da imparcialidade do Poder Judiciário.

09. Todavia, a pretensão que em juízo se deduz não pode prosperar, como se demonstra a seguir.

II – DO DIREITO

10. Inicialmente, é preciso lembrar que o Brasil tinha uma religião oficial – a católica – até a Constituição do Império,² como se lê no art. 5.º, da antiga Carta Imperial:

"Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo" (destacamos).

11. Pois bem: já nos primeiros dias do Governo Provisório republicano, em consonância com seu ideário e com a doutrina de Thomas Jefferson,³ foi editado o Decreto n.º 119-A, de 7 de janeiro de 1890, que *"prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias"*.

¹ Proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas a 25 de novembro de 1981 – Resolução 36/55.

² CASTRO, Araújo. *A Constituição de 1937*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003, p. 272.

³ MAXIMILIANO, Carlos. *Comentários à Constituição Brasileira de 1891*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 220 e ss.

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

12. Foi naquele decreto, de 120 (cento e vinte) anos atrás, que surgiu a separação entre o Estado Brasileiro e uma religião oficial, por ter o art. 1.º do decreto determinado que *"É proibido á autoridade federal, assim como á dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a (...)".*

13. Sequer *novo* é o pedido feito nesta ação, pois bem antes (em 2007) o Conselho Nacional de Justiça analisou requerimento semelhante - embora adstrito a imagens religiosas ostentadas em nossos Tribunais (Pedidos de providência n.º 1344, PP 1345, PP 1346 e PP 1362). Na ocasião, como se verá, foi reconhecida a legitimidade da permanência de tais símbolos nas cortes de nosso país.

14. Tal caso é idêntico ao pedido do *parquet* nesta inicial, tendo sido rechaçado pelo CNJ há dois anos, quando o Conselho enfrentou o tema da presença de crucifixos em Tribunais após uma série de pedidos de providência da Organização não-governamental "Brasil para Todos", que pleiteava a retirada dos objetos das dependências de órgãos do Poder Judiciário.

15. Naquela ocasião, o CNJ entendeu que os objetos seriam símbolos da cultura brasileira e que não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário. Confira-se:

"Pedido para que se determine aos tribunais a retiradas de crucifixos dos plenários e salas

Pedido de Providencias. Pretensão de que se determine aos Tribunais de Justiça a retirada de crucifixos afixados nos Plenários e salas.

Alegação de que a aposição de símbolos fere o art. 19, inciso I da CF/88 - 'Manter um crucifixo numa sala

Procuradoria Regional da União - 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 - São Paulo - Capital - Telefone: 3506 2800 (PABX) - Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado – ou o Poder Judiciário – clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF, art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, data vênia, no ordenamento jurídico pátrio, qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de Órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável” (grifamos)

(CNJ – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 – Rel. Cons. Oscar Argollo – 14 º Sessão Extraordinária – j. 06.06.2007 0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator).

16. O mesmo raciocínio, por obvio, há que ser empregado em relação a outros prédios públicos, de onde se vê que não há o perigo do dano na presença dos símbolos religiosos em seus locais de exposição, desmerecendo acolhida o argumento da parte autora de que *“inúmeras pessoas se dirigem aos prédios da União (...) e tem sua liberdade de crença ofendida diante da ostentação pública de símbolos religiosos não relacionados com a fé que professam”*.

17. Como ressaltou o CNJ, o uso de símbolos religiosos – mais especificamente crucifixos – faz parte da cultura popular, sendo um costume de profundas raízes. Seu uso constitui uma questão que merece ser discutida com amplitude e vagar, não cabendo exauri-la em sede de antecipação de tutela, cujo juízo, a lei o diz, baseia-se na necessidade de verossimilhança das alegações da parte.

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2215

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

18. Pela pertinência, merece ser citado o voto condutor da decisão daquele I. Conselho:

"VOTO:

Duas teses razoáveis parecem emergir da matéria, relativamente à existência de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos: a) seriam símbolos meramente culturais e tradicionais, ou que expressariam a religiosidade do povo, sem comprometimento da liberdade de religião ou afronta ao Estado laico; b) indicariam preferência por determinada confissão religiosa, em detrimento das demais, violando os princípios do laicismo do Estado brasileiro (separação do Estado e da Igreja, art. 19, 1, da CF-88) e a liberdade de religião.

Convenci-me da relevância da questão, merecendo deliberação deste CNJ, mercê de sua competência constitucional. O tema tem sido objeto de estudos, principalmente dos constitucionalistas.

A presença de símbolos religiosos foi objeto de decisão de cortes supremas em alguns países. Nos Estados Unidos, conhecida é a decisão da Suprema Corte de 1989 sobre a inconstitucionalidade da instalação de um presépio instalado nas escadarias de um tribunal. Igualmente, em 1995, a Corte Constitucional alemã julgou caso envolvendo a afixação de crucifixo em órgão público, enfrentando o problema do alcance do laicismo.

No Brasil, O STF julgou caso sobre a reprodução ou não de invocação de Deus no preâmbulo de Constituição estadual (ADIn 2076- 5/AC), mas ainda não sobre a existência de símbolos religiosos em órgãos públicos.

O estado da arte, assim sumariado, não aponta para fácil deslindamento.

Voto, pois, no sentido de o CNJ determinar abertura de audiência pública, para que, no prazo de dois meses, quaisquer interessados possam oferecer

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

subsídios que favoreçam a formação de marco conceitual mais amplo.

DECLARAÇÃO DE VOTO
O EXMO. SR. CONSELHEIRO
OSCAR ARGOLLO:

Já mencionei - *pedido vênia aos eminentes Conselheiros* - sobre a distinção que faço entre o interesse público primário e o interesse público secundário.

O primeiro decorre da vontade da sociedade, expressão dos direitos individuais; enquanto o segundo está afeto as questões relativas às vontades das pessoas jurídicas de direito público.

Data maxima venia, não seduz atualmente o argumento de que havendo certo 'interesse público', ele deve prevalecer sobre os interesses individuais. O objetivo ao invocar uma pretensa proteção para algo "que é de todos" e que não pertence a ninguém em particular é uma articulação falaciosa.

O interesse público, de modo geral, em sua essência (*latu sensu*), deve ser dirigido a defesa dos direitos individuais predominantes, ainda que tais direitos individuais sejam tratados coletivamente. É a exata situação que se apresenta nos autos do presente processo.

O critério para a identificação do direito coletivo (*latu sensu*) apontado pelo Requerente como violado - *aqui viabilizado pela legitimidade postulatório para arguir sobre um pretenso interesse público, cuja competência e iniciativa para legislar a respeito pertencem a Poder Diverso* - não reside no mero exame do assunto abstratamente considerado, mas na apreciação da norma jurídica que aponta violada: o inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal.

A propósito, urge dizer que o povo brasileiro, por intermédio do Poder Legislativo, mediante

Procuradoria Regional da União - 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 - São Paulo - Capital - Telefone: 3506 2800 (PABX) - Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Constituição Federal promulgada e vigente, concedeu ao Estado o objetivo fundamental de assegurar a toda sociedade o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar e a justiça - *figura essa aqui representada pela ação do Estado através do Poder Judiciário* - como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social, buscando construir uma coletividade livre, justa e solidária, onde todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantida a inviolabilidade do direito a liberdade, pois ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei, sendo inviolável a liberdade de consciência e de crença.

A cultura e tradição - fundamentos de nossa evolução social - inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc..

São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado - ou o Poder Judiciário - clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF. art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Procuradoria Regional da União - 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 - São Paulo - Capital - Telefone: 3506 2800 (PABX) - Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Por outro lado, não há, *data venia*, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável.

O estudo dos costumes, a ética (*g. ethos*), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído através dos tempos e distingue os valores e atribui a idéia de comportamento autorizado ou repudiado.

O costume (*l. consuetudo*), como fonte e regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Alias, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica.

O costume de expor, eventualmente, em dependências ou ambiente de órgão público a imagem de um crucifixo corresponde, sem embargos, a uma necessidade jurídica, de acordo com as homenagens devidas a Justiça. Trata-se de representação, ainda que religiosa, do respeito devido àquele local. O crucifixo é um símbolo que homenageia princípios éticos e representa, especialmente, a paz. Afinal, a luta pelo Direito é o meio para alcançar a Paz, conforme ensinou Ihering em seu famoso opúsculo proferido em Viena em 18723.

O simbolismo nada mais e se não a representação concreta de um conceito abstrato, a transformar símbolos em fenômenos visíveis de alguma idéia. É a idéia sob a forma de imagem, de tal forma que a idéia age permanentemente sobre imagem, tornando-a um símbolo da mera representação de uma idéia. Nada mais, nada menos.

O Estado laico tem a noção de liberdade de crença como um comportamento derivado da liberdade de

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

consciência, patrimônio da liberdade interna do indivíduo.

Assim é que, o indivíduo, no Estado laico, tem absoluta autonomia, ou seja: pode ser ateu, agnóstico, ou optar por uma religião, ou não.

Há, portanto, plena autonomia privada, cabendo ao Estado proibir a coação: a chamada imunidade de coação.

Estado não tem o direito de se imiscuir nos costumes e tradições reconhecidos moralmente pela sociedade.

Portanto, se costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos.

E não podemos ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representa qualquer submissão ao Poder clerical.

A manifestação cultural, forjada pela tradição, de exposição de crucifixo em dependência ou ambiente de Tribunal de Justiça, como elemento representativo do interesse público secundário (*vontade do órgão público*), tem exemplo na sala do Plenário do Excelso Pretório, quando se vê, ao fundo, no painel construído em mármore bege-bahia, pelo artista plástico Athos Bulcão, acima do escudo de armas brasileiro, um crucifixo confeccionado em pau-brasil, obra de Alfredo Ceschiatti.

No campo do direito administrativo, merece observação um julgado do Colendo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, *in verbis*:

'EMENTA: Mandado de Segurança - Autoridade coatora - Presidente da Assembléia Legislativa do Estado - Retirada de crucifixos da sala da Presidência da Assembléia, sem aquiescência dos deputados - Alegação de violação ao

Procuradoria Regional da União - 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 - São Paulo - Capital - Telefone: 3506 2800 (PABX) - Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

disposto no artigo 5º inciso VI da Constituição da República - Inadmissibilidade - Hipótese em que a atitude do Presidente da Assembléia é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso - Carência decretada.

Na hipótese, não ficou demonstrado que a presença ou não de crucifixo na parede seja condição para o exercício de mandato dos deputados ou restrição de qualquer prerrogativa. Ademais, a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição da Mesa da Assembléia (artigo 14, inciso II, Regulamento Interno), ou seja, de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República. (Relator: Des. Rebouças de Carvalho - Mandado de Segurança n. 13. 405-0 - São Paulo, j. em 02.10. 91)'

Com efeito, conforme se depreende do aludido decisum, "...a presença ou não de crucifixo na parede, ... ou a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição ... de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República". Vale dizer: o fato não constitui violação a qualquer direito individual ou coletivo, posto que a 'hipótese ... é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso'".

Afigura-se, ademais disso, no referido julgado, a prevalência do artigo 99 da Constituição Federal: "Ao Poder Judiciário é assegurada autonomia administrativa ...". Não cabe, pois, ao Egrégio Conselho o controle administrativo sobre a exposição e disposição de objetos ou símbolos religiosos nas dependências dos Tribunais de Justiça face a autonomia administrativa que possuem.

A matéria dos autos, produto de vetusta e ultrapassada discussão, agora reprimada, não merece guarida, eis que a redação do inciso I, do

Procuradoria Regional da União - 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 - São Paulo - Capital - Telefone: 3506 2800 (PABX) - Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

artigo 19, da Constituição Federal, apenas veda a União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público, previsões que não implicam em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a exposição faz o Estado se tornar clerical.

Ainda no campo do direito administrativo há aqueles que aludem sobre a presença de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos como sendo uma apropriação indevida do espaço público por interesses privados, porque o interesse particular pode fazer tudo que a lei não proíbe, mas a Administração Pública só pode fazer aquilo que a lei determina.

No particular, *data maxima venia*, entendo que a interpretação não tem lugar, porque não há no ordenamento qualquer norma jurídica vigente que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estudo laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei" (CF. art. 5º, II).

Observe-se o ilustrado Celso Ribeiro Bastos quando preleciona que:

'A liberdade de organização religiosa tem uma dimensão muito importante no seu relacionamento com o Estado. Três modelos são possíveis: fusão, união e separação. O Brasil enquadra-se inequivocadamente neste último desde o advento da República, com a edição do Decreto 119-A, de 17 de janeiro de 1890, que instaurou a separação entre a

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Igreja e o Estado. O Estado brasileiro tornou-se desde então laico.⁴

Tenho, portanto, que há muito vivemos num Estado laico, desde 1890, sem estabelecer, subvencionar, embaraçar, ou de alguma forma *se* associar com qualquer culto religioso, exatamente nos termos do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal. Aliás, em meados do mesmo século XIX, em Portugal ocorreu experiência semelhante, decerto mais radical, mais viva, dada a cultura então vigente.

O insuspeito historiador e pensador português Alexandre Herculano, feroz combatente do Estado clerical, distinguiu muito bem a situação, afirmando, com toda pertinência, que o interesse individual contido na cultura de uma sociedade não afeta ou viola qualquer tipo de interesse coletivo, sobretudo quando - *aqui, aludindo a presença do simbolismo - o fato 'não perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros'*.

Por assim ver, na medida em que não vislumbro a invocada inconstitucionalidade na prática apontada, muito menos qualquer ilegalidade, dada a ausência de norma jurídica específica em vigor, contendo obrigação de fazer ou de não fazer, considerando que o interesse público primário (a sociedade, por sua legítima representação, o Poder Legislativo, nenhuma norma jurídica expediu sobre a matéria, e assim, por entender que essa matéria não se comporta no controle exercido pelo Egrégio Conselho, sendo de competência única, exclusiva, interna e totalmente autônoma dos Tribunais de Justiça, detentores do interesse público secundário; e por considerar que a presença de um símbolo religioso, in casu o crucifixo, numa dependência de qualquer órgão do Poder Judiciário não viola, agride, discrimina ou, sequer, "perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros" (sic), são razões para não acolher a pretensão.

⁴ Celso Ribeiro Bastos. *Curso de Direito Constitucional*. 17 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1996, p. 178.

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5ª andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Pedindo vênia, ao eminente Conselheiro Relator, ouse discordar da proposta, para dispensar qualquer Consulta Pública - *até porque, a meu juízo, inócua, face à cultura cristã brasileira* - para votar, no mérito, no sentido da total improcedência da pretensão" (grifamos).

19. Percebe-se, portanto, que a mesma questão aqui trazida foi submetida ao CNJ, tendo aquele Conselho entendido por legítima a ostentação de símbolos religiosos nas repartições públicas mencionadas.

20. Diga-se ainda que mesmo nos Estados Unidos da America, onde Thomas Jefferson traçou o famoso preâmbulo do *Ato para Estabelecer a Liberdade Religiosa* (doutrina que fundamentou o nosso Decreto n.º 119-A/1889 e o art. 11.º, §2.º, da Constituição Brasileira de 1891), a Corte Suprema local chancelou a colocação de símbolos religiosos em espaços públicos.

21. O *leading case* se deu em 1984,⁵ no julgado *Lynch v. Donnelly*, em que a Suprema Corte americana afirmou a constitucionalidade da colocação de um presépio com as figuras de Jesus, Maria e José em um parque municipal da cidade de Pawtucket, Estado de Rhode Island.⁶

22. Na fundamentação da decisão, a Suprema Corte americana se ateuve à impossibilidade de total separação entre o Estado e a religiosidade, a história e a cultura de seu povo, reconhecendo que em diversos outros aspectos a vida dos americanos estava ligada a tradições de origem religiosa (como os feriados religiosos, os dizeres religiosos das notas e moedas de dólar, etc.), sem que isso significasse uma ofensa à separação entre o Estado e a Igreja.

⁵ Cf. STERNICK, Daniel. "Crucifixos e Tribunais: sobre o problema dos símbolos religiosos no espaço público brasileiro". Departamento de Direito – PUC – Rio. 2007. .

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

23.

É o que se vê no seguinte trecho do julgado:

"Our history is replete with official references to the value and invocation of Divine guidance in deliberations and pronouncements of the Founding Fathers and contemporary leaders.

Beginning in the early colonial period long before Independence, a day of Thanksgiving was celebrated as a religious holiday to give thanks for the bounties of Nature as gifts from God.

(...)

Executive Orders and other official announcements of Presidents and of the Congress have proclaimed both Christmas and Thanksgiving National Holidays in religious terms.

And, by Acts of Congress, it has long been the practice that federal employees are released from duties on these National Holidays, while being paid from the same public revenues that provide the compensation of the Chaplains of the Senate and the House and the military services. See J. Res. 5, 23 Stat. 516. Thus, it is clear that the Government has long recognized--indeed it has subsidized--holidays with religious significance.

Other examples of reference to our religious heritage are found in the statutorily prescribed national motto "In God We Trust," 36 U.S.C. [sec.] 186, which Congress and the President mandated for our currency, see 31 U.S.C. [sec.] 5112(d)(1) (1982 ed.), and in the language 'One nation under God ' as part of the Pledge of Allegiance to the American flag. That pledge is recited by many thousands of public school children--and adults--every year" (destacamos).⁷

⁶ Disponível na internet: http://www.belcherfoundation.org/lynch_v_donnelly.htm

⁷ LYNCH V. DONNELLY (1984) - United States Supreme Court - LYNCH V. DONNELLY - 465 U.S. 668, 104 S.Ct. 1355 (1984) - No. 82-1256. - Argued Oct. 4, 1983. - Decided March 5, 1984. - Rehearing Denied - May 14, 1984.

Procuradoria Regional da União - 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 - São Paulo - Capital - Telefone: 3506 2800 (PABX) - Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

24. Em outra ocasião, a Suprema Corte americana decidiu que não havia inconstitucionalidade na permanência de um monumento com a inscrição dos Dez Mandamentos nas dependências do Congresso do Estado do Texas, pois a despeito da mensagem religiosa, o contorno fático e social da situação do monumento mostrava que o objeto exalava uma mensagem moral secular, dentre outros significados culturais.⁸

25. Seguindo um raciocínio semelhante, pode-se dizer, acompanhando o nosso CNJ, que os crucifixos e imagens são não uma prova da religião do Estado, *mas sim da cultura de nosso povo*.

26. É o que nos lembra o Subprocurador-Geral da República Francisco Adalberto Nóbrega, que em monografia específica sobre Deus na Constituição escreve que *"o Brasil despontou no cenário internacional, imerso num universo de valores religiosos"* sob o manto da expansão comercial portuguesa e do dilargamento da cristandade, com o que

"Essa díade instalada no espírito cristão do Velho Mundo, inspiradora dos navegantes portugueses e que se há de ter sempre presente, para um apropriado entendimento da realidade de histórica de então.

Imerso nessa realidade cultural e religiosa, era de se esperar que o Brasil, no dealbar de sua soberania, se encontrasse sob forte inspiração espiritualista. Esse foi um dos legados da lusitana gente" (grifamos).⁹

⁸ "Despite the Commandments' religious message, an inquiry into the context in which the text of the Commandments is used demonstrates that the Commandments also convey a secular moral message about proper standards of social conduct and a message about the historic relation between those standards and the law" (SUPREME COURT OF THE UNITED STATES - VAN ORDEN v. PERRY, in his official capacity as GOVERNOR OF TEXAS and CHAIRMAN, STATE PRESERVATION BOARD, et al.- CERTIORARI TO THE UNITED STATES COURT OF APPEALS FOR THE FIFTH CIRCUIT - No. 03-1500. Argued March 2, 2005-Decided June 27, 2005, disponível na internet: <http://www.law.cornell.edu/supct/html/03-1500.ZS.html>).

⁹ NÓBREGA, Francisco Adalberto. *Deus e Constituição: a tradição brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 15.

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

27. E lembrando ainda como antigo é esse debate, podemos nos recordar dos debates havidos quando da elaboração da Constituição Brasileira de 1946, especialmente em relação à colocação (ou não) da saudação a Deus no preâmbulo da Carta Magna.

28. À época, o deputado Caires de Brito, do Partido Comunista, tinha apresentado uma emenda eliminando a invocação de Deus do início da Constituição. Contrapondo-se a tal emenda, Gilberto Freire, o famoso sociólogo pernambucano, esclareceu que, *por questões culturais e sociológicas, "é natural que a Constituição de um povo como o brasileiro, seja no seu espírito e na sua forma cristã ou católica e não anticristã ou acatólica"*.¹⁰

29. Quando da votação da atual Constituição de 1988 foi apresentada emenda semelhante, visando retirar o nome de Deus do preâmbulo constitucional.

30. Rejeitada a emenda por 74 (setenta e quatro) votos contrários e apenas 1 (um) favorável, é de se destacar a posição do deputado comunista Roberto Freire, que, em declaração de voto, posicionou-se contrariamente à retirada do nome de Deus do preâmbulo, ressaltando "não querer desrespeitar um sentimento deísta e religioso do povo brasileiro", como nos informa Francisco Adalberto Nóbrega.¹¹

31. De fato, há a religião e há a cultura, sendo certo que, como esclarecido pelo CNJ, os objetos em questão são símbolos da cultura

¹⁰ NÓBREGA, Francisco Adalberto, *op. cit.*, p. 31-33.

¹¹ NÓBREGA, Francisco Adalberto, *op. cit.*, p. 34.

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

brasileira, não interferindo na imparcialidade e na universalidade da Administração Pública.

32. E embora a intenção desta ação seja a de tentar proteger a liberdade de religião, a aceitação do pedido veiculado nesta demanda produziria o efeito oposto, qual seja, a de termos um comando aniquilando a liberdade de religião, criando-se não um Estado laico, mas sim um Estado em oposição à religião, em clara afronta à nossa Carta Magna e aos tratados e convenções internacionais sobre a liberdade de crença e religião.

33. Para que possamos entender a dimensão do acolhimento do pedido do Autor, é importante que nos lembremos da lição de Jorge Miranda, que em seu Manual de Direito Constitucional esquematiza da seguinte maneira as possibilidades de relação entre o Estado e a religião¹²:

(i) Identificação entre Estado e religião (Estado confessional):

- (i.i) com domínio do poder religioso sobre o poder político (teocracia)
- (i.ii) com domínio do poder político sobre o poder religioso (cesaropapismo)

(ii) não identificação entre o Estado e religião (Estado laico):

(ii.i) com união entre Estado e uma confissão religiosa (religião de Estado)

(ii.i.i) união com ascendentes de um dos poderes sobre o outro – clericalismo (ascendente do poder religioso) ou regalismo (ascendente do poder político);

¹² MIRANDA, Jorge. *Manual de Direito Constitucional*. Tomo IV. 3.ª Ed. Coimbra: Coimbra Editora, 2000, p. 405-406.

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

(ii.i.ii) união com autonomia relativa

(ii.ii) com separação

(ii.ii.i) separação relativa (com tratamento especial ou privilegiado de uma religião)

(ii.ii.ii) separação absoluta (com igualdade absoluta das confissões religiosas)

(iii) oposição do Estado à religião:

(iii.i) oposição relativa (Estado laicista)

(iii.ii) oposição absoluta (Estado ateu, ou de confessionalidade negativa)

34. Bem se vê, portanto, que quando a nossa Constituição veda ao Poder Público estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança (art. 19, I, da CF), a par de manter o Estado laico (isto é: *sem religião oficial*), ela tampouco está autorizando a proibição de qualquer manifestação de crença religiosa em todo o território nacional – ou seja: a nossa Carta Magna não impõe ao Estado o dever de se opor às religiões, nem obriga que o Poder Público proíba qualquer manifestação (ainda que cultural) ligada aos símbolos de natureza religiosa.

35. Se o pedido do *parquet* for acolhido, aí sim teríamos o Estado parcial, totalitário, em *oposição absoluta* à religião, impondo uma crença única a todos – a da proibição da fé livre.

36. Não é o que deseja nossa Constituição Federal. Afinal, a mesma Carta que veda que o Estado tenha uma religião (qualquer religião, ainda que seja a crença de que não há Deus) estipula a inviolabilidade

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

da liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (art. 5.º, VI, da CF).

37. Desta forma, e como bem ressaltado pelo Conselho Nacional de Justiça, o comando do art. 19, I, da CF não implica em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a sua exposição torne o Estado clerical.

38. Não há, também, relata o CNJ, *"no ordenamento infralegal qualquer norma jurídica que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estado laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e 'ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei'" (CF. art. 5º, II)".¹³*

39. Daí não existir, tampouco, desrespeito aos valores consagrados no art. 37, *caput*, da Constituição Federal, pois a Administração Pública, *ao não proibir* o uso de objetos ligados à cultura brasileira ou que não têm sua ostentação vedada por lei, na verdade age com impessoalidade, moralidade e imparcialidade dela exigidas – pois o Poder Público, aqui, não estará perseguindo ninguém por acreditar numa religião, ou por ostentar um objeto da cultura religiosa ou tradicional a que pertença. Pelo contrário: a Administração estará tão-somente respeitando o direito à liberdade de fé garantido a todos os indivíduos em nosso país.

¹³ (CNJ – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 – Rel. Cons. Oscar Argollo – 14 º Sessão Extraordinária – j. 06.06.2007 0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator).

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

40. Por fim, merecem ser citadas as diversas manifestações acolhendo a tese esposada nesta contestação.

41. A primeira delas é aquela que traz o entendimento da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, a qual se manifestou sobre o tema em questão nos seguintes termos:

“O reconhecimento de que todos os seres humanos têm direitos e liberdades fundamentais inerentes à condição humana e, de que toda nação têm a obrigação de respeitar os direitos fundamentais de seus cidadãos, é, sem dúvida, uma imposição constitucional.

Não obstante, essa idéia tenha há muito tempo surgido na história e no pensamento humano, a concepção de que os direitos fundamentais dos seres humanos constitua objeto de uma regulação por parte da Comunidade Internacional, isto é, o seu reconhecimento, desenvolvimento, preservação e responsabilização, emergiu somente após as terríveis violações dos direitos humanos pelos regimes totalitários Alemão, quando verificou-se o que fora o holocausto, e o Soviético.

Neste contexto, a liberdade religiosa é garantia constitucional deferida às pessoas tanto no âmbito internacional quanto no âmbito interno.

A Organização das Nações Unidas reconhece, com efeito, a liberdade religiosa nos termos do art. 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. *In verbis*:

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5ª andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

'ARTIGO 18. Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância isolada ou coletivamente, em público ou em particular'.

Para tornar esse dispositivo ainda mais claro, ONU editou a Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Baseadas em Religião ou Crença (Resolução n.º 36/55). *In verbis*:

'Art. 1º. Ninguém será sujeito à coerção por parte de qualquer Estado, instituição, grupo de pessoas ou pessoas que debilitem sua liberdade de religião ou crença de sua livre escolha'.

'Art. 6º. O direito à liberdade de pensamento, consciência, religião ou crença incluirá as seguintes liberdades:

.....

h) observar dia de repouso e celebrar feriados e cerimônias de acordo com os preceitos da sua religião ou crença.'

Neste sentido também é a Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), ingressa no sistema pátrio nos termos do Decreto n.º 678, de 06 de novembro de 1992, cujo art. 12, alínea 2, explicita:

Procuradoria Regional da União - 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 - São Paulo - Capital - Telefone: 3506 2800 (PABX) - Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP n° 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

'Artigo 12. Liberdade de Consciência e de Religião

.....

2. Ninguém pode ser objeto de medidas restritivas que possam limitar sua liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças."

Garante, ainda, o artigo 26 do Pacto dos Direitos Civis e Políticos:

'Artigo 26. Todas as pessoas são iguais perante a lei e têm direito, sem discriminação alguma, a igual proteção da lei. A este respeito, deverá proibir qualquer forma de discriminação e garantir a todas as pessoas proteção igual e eficaz contra qualquer discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento ou qualquer opinião.'

Afirme-se que os tratados internacionais acima referidos integram o ordenamento jurídico pátrio por força do disposto no § 2.º, do art. 5.º, da Constituição".

CONTEÚDO DA LIBERDADE RELIGIOSA

A liberdade religiosa traduz a necessidade de tolerância de diferentes práticas religiosas, consistindo no dever de abstenção do Estado (liberdade negativa) em se respeitar

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

a expressão e o significado da liturgia religiosa em sua diversidade.

O art. 5º da Constituição que traz em seus incisos VI, VII e VIII, dispositivos que asseguram a liberdade religiosa.

'Artigo 5º.

....

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;'

Os dispositivos suprarreferidos, reitera-se, garantem a não intervenção estatal na consciência religiosa do indivíduo. Nesse sentido, assevera o professor Maurício Scheinman¹⁴, *verbis*:

'Foi no século III d.C que a expressão liberdade religiosa - libertas religionis - foi, provavelmente, utilizada pela primeira vez, por

¹⁴ <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6896>

Procuradoria Regional da União - 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 - São Paulo - Capital - Telefone: 3506 2800 (PABX) - Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Tertuliano, advogado convertido ao cristianismo e que passou a defender a liberdade religiosa em face dos abusos do Império Romano. A liberdade religiosa é, como se sabe, um direito humano fundamental, assegurado pelas Constituições dos diversos Estados democráticos e, também, por importantes declarações e tratados internacionais de direitos humanos. Contudo, estamos tratando, até aqui, de apenas uma acepção da liberdade religiosa. Há pelo menos mais duas acepções que devem ser abordadas.

A liberdade religiosa comporta pelo menos três acepções: jurídica, teológica ou eclesiástica e bíblica.

No que se refere à liberdade religiosa na acepção jurídica, a mesma compreende, essencialmente, a liberdade religiosa como um direito fundamental da pessoa humana. Nesse sentido, Segundo Jorge Miranda, a liberdade religiosa ocupa o cerne da problemática dos direitos humanos. Ora, no curso da história da humanidade, o direito à liberdade religiosa representa uma conquista extremamente recente. Pode ser identificada nas três fases da era dos direitos, mencionadas por Norberto Bobbio. Segundo o autor italiano, os direitos humanos "nascem como direitos naturais universais, desenvolvem-se como direitos positivos particulares, para finalmente encontrarem sua plena realização como direitos positivos universais". Como direito

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

natural, a liberdade religiosa surgiu no século XVIII, com as primeiras declarações de direitos de 1776 (americana) e 1789 (francesa). Como direito efetivamente tutelado, a liberdade religiosa surgiu com a Constituição Americana. Como direito internacional, a liberdade religiosa surgiu no Segundo Pós-Guerra, com o desenvolvimento do sistema global de proteção aos direitos humanos ligado à Organização das Nações Unidas – ONU.'

No mesmo sentido, Paulo Gustavo Gonet Branco:

*'A liberdade de consciência ou de pensamento tem que ver com a faculdade de o indivíduo formular juízos e idéias sobre si mesmo e sobre o meio externo que o circunda. O Estado não pode interferir nessa esfera íntima do indivíduo, não lhe cabendo impor concepções filosóficas aos cidadãos. Deve, por outro lado, - eis um aspecto positivo dessa liberdade -, propiciar meios efetivos de formação autônoma da consciência das pessoas.'*¹⁵

Inferre-se das lições acima que a sociedade mais justa observa princípios fundamentais que norteiam a liberdade religiosa, entendida como a não interferência do Estado na consciência do indivíduo.

DA POSSIBILIDADE DA PERMANÊNCIA DOS CRUCIFIXOS OU
OUTROS SÍMBOLOS RELIGIOSOS

¹⁵ Bramco, Gustavo Gonet, *Curso de Direito Constitucional*, p.457.

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Da laicidade do Estado e da liberdade religiosa não se extrai uma vedação à presença dos crucifixos e outras imagens religiosas como quer o Ministério Público Federal”.

42. E continua a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República no Memorando nº 236/2009/SPDDH/SEDH/PR:

“Entendendo ser esta prática um processo cultural secular no Brasil, o de ostentar nos prédios públicos, neste caso os da esfera federal, símbolos religiosos, dentre eles o ‘crucifixo’. Mesmo tendo a consciência da laicidade do estado.

(...)

Há uma compreensão por parte desta SEDH/PR que no momento torna-se dispensável uma intervenção, seja por qualquer instrumento legal, de uma ação coercitiva de exclusão de ambientes públicos pertencentes a União de símbolos religiosos, sem antes definirmos uma política pública para as questões da diversidade religiosa no País.”.

CONCLUSÃO

A Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República manifesta-se pela não concessão da liminar vindicada pelo órgão ministerial federal”.

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2719

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

42. No mesmo sentido, o raciocínio desenvolvido por V. Exa. às fls. 108/113v, na decisão que indeferida a medida liminar pleiteada. Ali vemos a precisa colocação de que

"...a laicidade de nosso país não é novidade da Constituição Federal de 1988. Antes mesmo da promulgação da Constituição de 1891, o Decreto n. 119-A, de 07/01/1890, determinava a separação entre Igreja e Estado. A Constituição da República de 1891 elevou a laicidade a princípio constitucional que foi reproduzido em todas as Constituições do Brasil que lhe sucederam (1934, 1937, 1946, 1967/69 e 1988).

Segundo os ensinamentos de nossos doutrinadores, o Estado laico não deve ser entendido como uma instituição anti-religiosa ou anti-clerical. Na realidade o Estado laico é a primeira organização política que garantiu a liberdade religiosa. A liberdade de crença, a liberdade de culto e a tolerância religiosa foram aceitas graças ao Estado laico e não como oposição a ele.

O Estado laico pode ser definido como a instituição política legitimada pela soberania popular em que o poder e a autoridade das instituições do Estado vêm do povo, tal conceito está intimamente ligado à democracia e ao respeito dos direitos fundamentais.

Assim sendo, a laicidade não pode se expressar na eliminação dos símbolos religiosos mas na tolerância aos mesmos. Em um país que teve formação histórico-cultural cristã é natural a presença de símbolos religiosos em espaços públicos, sem qualquer ofensa à liberdade de

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

crença, garantia constitucional, eis que para os agnósticos ou que professam crença diferenciada, aquele símbolo nada representa assemelhando-se a um quadro ou escultura, adereços decorativos.

Entendo que não ocorre a alegada ofensa à liberdade de crença, que significa a liberdade de escolha de religião, de aderir a qualquer seita religiosa ou a nenhuma, que não há ofensa à liberdade de culto e nem à liberdade de organização religiosa, garantias previstas no artigo 5º, inciso VI.

A laicidade prevista no artigo 19, inciso I, da Constituição Federal, veda à União, Estados, Distrito Federal e Municípios estabelecer cultos ou igrejas, subvencioná-las, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com elas ou seus representantes relação de dependência ou aliança, previsões que não implicam em vedação à presença de símbolos religiosos em órgão público" (grifos nossos).

43. E defendendo a tese desta contestação temos também dois artigos escritos especialmente sobre esta ação, um de autoria de Roberto Wagner Lima Nogueira e outro de Fernando Capez (docs. anexos).

44. Do artigo de Fernando Capez merece ser mencionado o trecho em que o professor bem explica que, ao contrário do que defende o *parquet* nesta ação, "laico, no entanto, não quer dizer inimigo da religião".¹⁶

¹⁶ CAPEZ, Fernando. "O Estado laico e a retirada de símbolos religiosos de repartições públicas". Disponível na internet: <http://www.fernandocapez.com.br>. Capturado em 14.10.2009.

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

45.
"laico":

E continua, trazendo a correta definição do vocábulo

"Etimologicamente, laico ou leigo provém do termo grego *laikós*, que designa o que se refere ao povo (laós). O termo leigo (*laikós*) serve apenas para diferenciar as pessoas consagradas para uma missão especial, tais como os diáconos, presbíteros e bispos, daqueles que são apenas consagrados no batismo (Dom Fernando Antônio Figueiredo, Introdução à Patrística, RJ, Editora Vozes, 2009, p. 46).

Laico não designa, portanto, algo não religioso, nem contrário à fé, mas apenas aqueles que não exercitam como vocação, o ministério religioso. Estado laico não é Estado sem fé, ateu ou que se antepõe a símbolos de convicções religiosas, mas tão somente Estado não confessional, sem religião oficial ou obrigatória.

Assim, ao contrário do que parece à primeira vista, a expressão laico não se opõe, nem repudia, mas antes, coexiste pacificamente com as religiões, sem molestá-las ou coibi-las.

Aliás, a CF, em seu art. 19, I, prevê até mesmo a possibilidade de aliança entre Estado e Igreja sempre que, nos termos da lei, houver interesse público. Um Estado não confessional significa apenas não regrado por normas religiosas, sem implicar em nenhuma postura comissiva de hostilidade ao *status quo*".

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

46. Ao que conclui o antigo representante do Ministério Público Estadual Fernando Capez (firme na doutrina de Gilmar Mendes e outros) pela improcedência desta ação, em nome da proteção de todos contra a intolerância religiosa que seria o acolhimento do pedido do Ministério Público Federal na presente demanda:

"A Constituição Federal de 1988 consagrou o Estado Democrático de Direito, calcado na busca da igualdade formal e material, tem como seu objetivo promover o bem de todos, sem preconceitos de qualquer natureza, e se alicerça na dignidade da pessoa humana. Busca a tolerância mútua e a coexistência pacífica.

Cabe ao Estado e à sociedade em geral não encorajar manifestações de intolerância daqueles que se sintam ofendidos pela livre expressão da fé alheia. A retirada de símbolos já instalados, mesmo que em repartições públicas, leva à alteração de uma situação já consolidada em um país composto por uma quase totalidade de adeptos da fé cristã, e agride desnecessariamente os sentimentos de milhões de brasileiros, apenas para contentar a intolerância e a supremacia da vontade de um restrito grupo de pessoas.

A Constituição Federal não conformou um Estado ateu, nem hostil ao cristianismo, apenas estabeleceu um regime não confessional. Não há religião oficial, mas também não há política oficial de repúdio à religião.

Gilmar Ferreira Mendes, Inocêncio Mártires Coelho e Paulo Gustavo Gonet Branco observam: *'O Estado brasileiro não é confessional, mas tampouco é ateu, como se deduz do*

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

preâmbulo da Constituição, que invoca a proteção de Deus. Admite igualmente, que o casamento religioso produza efeitos civis, na forma o disposto em lei (CF, art. 226, §§ 1º e 2º ...a laicidade do Estado não significa, por certo, inimizade com a fé." (Curso de Direito Constitucional, SP, Saraiva, 2007, p. 408/409).

47. Como se vê, é exatamente o respeito aos direitos fundamentais agasalhados na nossa Carta Magna que impõe o julgamento da improcedência do pedido feito pelo MPF na presente lide.

III – DO PEDIDO

48. Ante todo o exposto, a União requer seja o pedido julgado IMPROCEDENTE, pelas razões retro descritas, bem como provar o alegado por todos os meios de provas admitidos em direito, sobretudo pela juntada das informações encaminhadas pela Secretaria de Direitos Humanos e pela documentação complementar, que acompanham a presente.

Nesses termos,
p. Deferimento

São Paulo, 15 de outubro de 2009.

Gustavo Henrique Pinheiro de Amorim
Procurador Regional da União da 3.ª Região
Advogado da União

Procuradoria Regional da União – 3ª Região SP/MS
Rua da Consolação, 1.875, 5º andar, Cerqueira César
CEP: 01310-100 – São Paulo – Capital – Telefone: 3506 2800 (PABX) – Fax 3506 2715



Conselho Nacional de Justiça

Ofício nº 024/SP/CNJ

Brasília, 17 de agosto de 2009.

A Sua Excelência o Senhor
Gustavo Henrique Pinheiro de Amorim
Procurador-Regional da União da 3ª Região

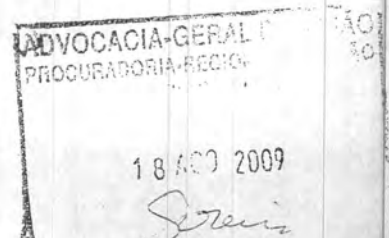
Referência: Protocolo 20333/CNJ

Senhor Procurador-Regional,

Encaminho a Vossa Excelência, em atendimento à solicitação contida no Ofício nº 3.279/2009/AGU/PRU3/G3/lmg, referente à Ação Civil Pública nº 2009.61.00.017604-0, cópia dos julgamentos proferidos nos Pedidos de Providências 1344, 1345, 1346 e 1362, que se encontravam apensados, bem como cópia de decisões proferidas no Pedido de Providências nº 200910000018592, procedimento mais recente e ainda em trâmite no Conselho Nacional de Justiça, relacionado à matéria presença de crucifixos em dependências de órgãos do Poder Judiciário.

Atenciosamente,


Ionice de Paula Ribeiro
Secretária Processual



PB

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Conselho Nacional de Justiça

CERTIDÃO DE JULGAMENTO 14ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS Nº 1344

RELATOR: CONSELHEIRO PAULO LÔBO

REQUERENTE: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA

REQUERIDO: PRESIDENTE DO TJCE

PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS Nº 1345

RELATOR: CONSELHEIRO PAULO LÔBO

REQUERENTE: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA

REQUERIDO: PRESIDENTE DO TJMG

PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS Nº 1346

RELATOR: CONSELHEIRO PAULO LÔBO

REQUERENTE: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA

REQUERIDO: PRESIDENTE DO TRF 4ª R

PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS Nº 1362

RELATOR: CONSELHEIRO PAULO LÔBO

REQUERENTE: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA

INTERESSADO: TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SANTA CATARINA – TJSC

REQUERIDO: CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

CERTIFICO que o **PLENÁRIO**, ao apreciar os processos em epígrafe, em sessão realizada nesta data, proferiu a seguinte decisão:

“O Conselho, por maioria, vencido o Relator, julgou improcedentes os pedidos, nos termos do voto divergente do Conselheiro Oscar Argollo, que lavrará o acórdão. Ausentes, justificadamente, os Conselheiros Ellen Gracie (Presidente), Antônio de Pádua Ribeiro (Corregedor Nacional de Justiça), Vantuil Abdala e Alexandre de Moraes. Juntarão declaração de voto os Conselheiros Alexandre de Moraes e Paulo Lôbo. Presidiu o julgamento o Excelentíssimo Senhor Conselheiro Marcus Faver. Plenário, 6 de junho de 2007”.

Presentes à sessão os Excelentíssimos Senhores Conselheiros Marcus Faver, Jirair Aram Meguerian, Douglas Rodrigues, Cláudio Godoy, Germana Moraes, Paulo Schmidt, Eduardo Lorenzoni, Ruth Carvalho, Oscar Argollo, Paulo Lôbo e Joaquim Falcão

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



Conselho Nacional de Justiça

Ausentes, justificadamente, o Procurador-Geral da República e o Presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil.

Brasília-DF, 06 de junho de 2007.

Darlan Araújo da Silva
Darlan Araújo Silva
Diretor de Secretaria

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



Conselho Nacional de Justiça

PPs 1344, 1345, 1246 e 1362

Requerente: Daniel Sottomaior Pereira.

Requerido: Presidente do TJCE.

Assunto: Alegação – Fere princípio laicidade – art. 19, I, CF/88 – Utilização patrimônio estatal – Divulgação crenças religiosas.

Relator: Conselheiro Paulo Lôbo

O requerente entrou com um pedido de providências visando à retirada de crucifixos afixados nos plenários e salas dos Tribunais de Justiça do Ceará, Minas Gerais, Santa Catarina e do TRF-4ª região, alegando: a) que a aposição de símbolo religioso em órgão público fere o art. 19, inciso I, da CF – princípio do Estado laico; b) que os símbolos religiosos, em alguns tribunais, estão em local proeminente, de ampla visibilidade, acima da própria bandeira nacional, não compondo decoração acidental, mas sim, sugerindo enfaticamente que paira acima dos símbolos e valores oficiais; c) que a ostentação de símbolos religiosos sugere que os servidores estão submetidos a outros princípios que não aqueles que regem a administração pública; d) que a iniciativa tomada pelo requerente é apoiada por representantes de um amplo espectro da sociedade, em movimento não sectarista, que visa promover valores importantes de cidadania e da convivência democrática.

Solicitei informações aos Tribunais requeridos, no prazo regimental. O TJCE informou que a presença do aludido símbolo religioso existe há décadas e que jamais estará o Estado laico isento, em sua estrutura ou funcionamento, das implicações religiosas do seu povo. O TJMG alegou que algumas salas do tribunal têm crucifixos, mas que são peças de valor histórico, algumas assim tombadas. O TJSC nada respondeu. O TRF-4ª argumentou que o crucifixo existente no plenário não caracteriza comprometimento institucional com aspectos religiosos.

Alguns estudiosos da matéria enviaram trabalhos - artigos doutrinários, teses – ressaltando sua relevância para a afirmação do princípio do laicismo na administração pública brasileira, desde 1890.

Tendo em vista a identidade de objeto, determinei o apensamento a este processo dos PPs 1345, 1346 e 1362.

É o relatório.

VOTO:

Duas teses razoáveis parecem emergir da matéria, relativamente à existência de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos: a) seriam símbolos meramente culturais e tradicionais, ou que expressariam a religiosidade do povo, sem comprometimento da liberdade de religião ou afronta ao Estado laico; b) indicariam preferência por determinada confissão religiosa, em detrimento das demais, violando os princípios do laicismo do Estado brasileiro (separação do Estado e da Igreja, art. 19, I, da CF-88) e a liberdade de religião.



183
B

Convenci-me da relevância da questão, merecendo deliberação deste CNJ, mercê de sua competência constitucional. O tema tem sido objeto de estudos, principalmente dos constitucionalistas. A presença de símbolos religiosos foi objeto de decisão de cortes supremas em alguns países. Nos Estados Unidos, conhecida é a decisão da Suprema Corte de 1989 sobre a inconstitucionalidade da instalação de um presépio instalado nas escadarias de um tribunal. Igualmente, em 1995, a Corte Constitucional alemã julgou caso envolvendo a afixação de crucifixo em órgão público, enfrentando o problema do alcance do laicismo. No Brasil, O STF julgou caso sobre a reprodução ou não de invocação de Deus no preâmbulo de Constituição estadual (ADIn 2076-5/AC), mas ainda não sobre a existência de símbolos religiosos em órgãos públicos.

O estado da arte, assim sumariado, não aponta para fácil deslindamento.

Voto, pois, no sentido de o CNJ determinar abertura de audiência pública, para que, no prazo de dois meses, quaisquer interessados possam oferecer subsídios que favoreçam a formação de marco conceitual mais amplo e pluralista, para decisão do Plenário.


PAULO LÔBO
Conselheiro Relator





Conselho Nacional de Justiça
PEDIDOS DE PROVIDÊNCIAS Nos. 1344 e apensos.

DECLARAÇÃO DE VOTO

O EXMO. SR. CONSELHEIRO
OSCAR ARGOLLO: Já mencionei - *pedindo vênias aos eminentes Conselheiros* - sobre a distinção que faço entre o interesse público primário e o interesse público secundário. O primeiro decorre da vontade da sociedade, expressão dos direitos individuais; enquanto o segundo está afeto às questões relativas às vontades das pessoas jurídicas de direito público¹.

Data maxima venia, não seduz atualmente o argumento de que havendo certo "interesse público", ele deve prevalecer sobre os interesses individuais. O objetivo ao invocar uma pretensa proteção para algo "que é de todos" e que não pertence a ninguém em particular é uma articulação falaciosa.

¹ Revisão Disciplinar no. 21, Voto de Vista, j. em 22.05.2007 - "O interesse público - figura jurídica que envolve enorme complexidade - deve ser observado sob dois prismas: o interesse público primário, que é o interesse social, da sociedade em geral, de uma coletividade, ou difuso; e o interesse público secundário, aquele voltado para as questões afetas às pessoas jurídicas de direito público."



185
P

O interesse público, de modo geral, em sua essência (*lato sensu*), deve ser dirigido à defesa dos direitos individuais predominantes, ainda que tais direitos individuais sejam tratados coletivamente. É a exata situação que se apresenta nos autos do presente processo.

O critério para a identificação do direito coletivo (*lato sensu*) apontado pelo Requerente como violado - *aqui viabilizado pela legitimidade postulatória para argüir sobre um pretense interesse público, cuja competência e iniciativa para legislar a respeito pertencem a Poder diverso* - não reside no mero exame do assunto abstratamente considerado, mas na apreciação da norma jurídica que aponta violada: o inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal.

A propósito, urge dizer que o povo brasileiro, por intermédio do Poder Legislativo, mediante Constituição Federal promulgada e vigente, concedeu ao Estado o objetivo fundamental de assegurar a toda sociedade o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar e a justiça - *figura essa aqui representada pela ação do Estado através do Poder Judiciário* - como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social, buscando construir uma coletividade livre, justa e solidária, onde todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantida a inviolabilidade do direito à liberdade, pois ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei, sendo inviolável a liberdade de consciência e de crença².

² CF. Preâmbulo; art. 3º, I e IV, e art. 5º, caput, II e VI.



186
B

A cultura e tradição - *fundamentos de nossa evolução social* – inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc.. São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado - *ou o Poder Judiciário* - clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF. art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (*a sociedade*), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, *data venia*, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável.

O estudo dos costumes, a ética (*g. ethos*), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser

87
B

ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído através dos tempos e distingue os valores e atribui a idéia de comportamento autorizado ou repudiado. O costume (*l. consuetudo*), como fonte e regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Aliás, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica.

O costume de expor, eventualmente, em dependências ou ambiente de órgão público a imagem de um crucifixo corresponde, sem embargos, a uma necessidade jurídica, de acordo com as homenagens devidas à Justiça. Trata-se de representação, ainda que religiosa, do respeito devido àquele local. O crucifixo é um símbolo que homenageia princípios éticos e representa, especialmente, a paz. Afinal, a luta pelo Direito é o meio para alcançar a Paz, conforme ensinou Ihering em seu famoso opúsculo proferido em Viena em 1872³.

O simbolismo nada mais é se não a representação concreta de um conceito abstrato, a transformar símbolos em fenômenos visíveis de alguma idéia. É a idéia sob a forma de imagem, de tal forma que a idéia age permanentemente sobre imagem, tornando-a um símbolo da mera representação de uma idéia. Nada mais, nada menos.

O Estado laico tem a noção de liberdade de crença como um comportamento derivado da liberdade de consciência, patrimônio da liberdade interna do indivíduo.

³ Rudolf von Ihering (Aurich, 22.08.1818 - Göttingen, 17.09.1892) in "*Der Kampf ums Recht*", trad. port. de João de Vasconcellos, A Luta pelo Direito, Lisboa, Livraria Aillaud, Alves & C^a, 1909.



Assim é que, o indivíduo, no Estado laico, tem absoluta autonomia, ou seja: pode ser ateu, agnóstico, ou optar por uma religião, ou não. Há, portanto, plena autonomia privada, cabendo ao Estado proibir a coação: a chamada imunidade de coação. Estado não tem o direito de se imiscuir nos costumes e tradições reconhecidos moralmente pela sociedade. Portanto, se costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos. E não podemos ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representa qualquer submissão ao Poder clerical.

A manifestação cultural, forjada pela tradição, de exposição de crucifixo em dependência ou ambiente de Tribunal de Justiça, como elemento representativo do interesse público secundário (*vontade do órgão público*), tem exemplo na sala do Plenário do Excelso Pretório, quando se vê, ao fundo, no painel construído em mármore bege-bahia, pelo artista plástico Athos Bulcão⁴, acima do escudo de armas brasileiro, um crucifixo confeccionado em pau-brasil, obra de Alfredo Ceschiatti⁵.

⁴ Athos Bulcão (Rio de Janeiro, 02.07.1918), artista plástico, escultor, pintor, professor da Unb, que abandonou o curso de Medicina, em 1939, no terceiro ano, para se dedicar às artes. Aos 21 anos, foi apresentado a Cândido Portinari, se tornando assistente na elaboração do Mural de São Francisco de Assis, na Pampulha. Amigo de Pancetti, Milton Dacosta, Ceschiatti e Enrico Bianchi, que o apresentou a Burle Marx; inaugurou o Instituto de Arquitetos do Brasil, no Rio de Janeiro, a pedido de Oscar Niemeyer, que o introduziu na vida da capital federal, para realizar uma série de obras de arte.

⁵ Alfredo Ceschiatti (Belo Horizonte, 1918 - 1989), escultor, professor da Unb e autor de obras em prédios projetados por Oscar Niemeyer. Estudou na Escola Nacional de Belas-Artes, no Rio de Janeiro (1940). Foi premiado no Salão Nacional de Belas-Artes (1945) pelo trabalho em baixo-relevo do batistério da igreja de São Francisco de Assis, na Pampulha. Depois, fez em várias esculturas para Brasília, como por exemplo: "A Justiça", peça em granito, de 1961, postada em frente ao prédio do Supremo Tribunal Federal; "As banhistas", peça em bronze, colocada no espelho d'água do palácio da Alvorada; e "Os anjos" e "Os evangelistas", que ornamentam a catedral de Brasília.

84
B

No campo do direito administrativo, merece observação um julgado do Colendo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, *in verbis*:

EMENTA: *Mandado de Segurança - Autoridade coatora - Presidente da Assembleia Legislativa do Estado - Retirada de crucifixo da sala da Presidência da Assembleia, sem aquiescência dos deputados - Alegação de violação ao disposto no artigo 5º, inciso VI da Constituição da República - Inadmissibilidade - Hipótese em que a atitude do Presidente da Assembleia é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso - Carência decretada. Na hipótese, não ficou demonstrado que a presença ou não de crucifixo na parede seja condição para o exercício de mandato dos deputados ou restrição de qualquer prerrogativa. Ademais, a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição da Mesa da Assembleia (artigo 14, inciso II, Regulamento Interno), ou seja, de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República. (Relator: Des. Rebouças de Carvalho - Mandado de Segurança n. 13.405-0 - São Paulo, j. em 02.10.91).*

Com efeito, conforme se depreende do aludido *decisum*, “...a presença ou não de crucifixo na parede, ... ou a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição ... de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República”. Vale dizer: o fato não constitui violação a qualquer direito individual ou coletivo, posto que a “hipótese ... é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso”.

Afigura-se, ademais disso, no referido julgado, a prevalência do artigo 99 da Constituição Federal: “Ao Poder Judiciário é assegurada autonomia administrativa...”. Não cabe, pois, ao Egrégio Conselho o controle administrativo sobre a exposição e disposição de



185
B

objetos ou símbolos religiosos nas dependências dos Tribunais de Justiça, face à autonomia administrativa que possuem.

A matéria dos autos, produto de vetusta e ultrapassada discussão, agora reprimada, não merece guarida, eis que a redação do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal, apenas veda à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público, previsões que não implicam em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a exposição faz o Estado se tornar clerical.

Ainda no campo do direito administrativo há aqueles que aludem sobre a presença de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos como sendo uma apropriação indevida do espaço público por interesses privados, porque o interesse particular pode fazer tudo que a lei não proíbe, mas a Administração Pública só pode fazer aquilo que a lei determina.

No particular, *data maxima venia*, entendo que a interpretação não tem lugar, porque não há no ordenamento qualquer norma jurídica vigente que determine a colocação de símbolo religioso – *que seria uma negação ao Estado laico*, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e *“ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei”* (CF. art. 5º, II).

186
B

Observe-se o ilustrado Celso Ribeiro Bastos quando preleciona que:

*"A liberdade de organização religiosa tem uma dimensão muito importante no seu relacionamento com o Estado. Três modelos são possíveis: fusão, união e separação. O Brasil enquadra-se inequivocadamente neste último desde o advento da República, com a edição do Decreto 119-A, de 17 de janeiro de 1890, que instaurou a separação entre a Igreja e o Estado. O Estado brasileiro tornou-se desde então laico."*⁶

Tenho, portanto, que há muito vivemos num Estado laico, desde 1890, sem estabelecer, subvencionar, embaraçar, ou de alguma forma se associar com qualquer culto religioso, exatamente nos termos do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal. Aliás, em meados do mesmo século XIX, em Portugal ocorreu experiência semelhante, decerto mais radical, mais viva, dada à cultura então vigente.

O insuspeito historiador e pensador português Alexandre Herculano, feroz combatente do Estado clerical, distinguiu muito bem a situação, afirmando, com toda pertinência, que o interesse individual contido na cultura de uma sociedade não afeta ou viola qualquer tipo de interesse coletivo, sobretudo quando - *aqui, aludindo a presença do simbolismo* - o fato "*não perturba ou tolhe os direitos e acção de outrem ou dos outros*"⁷.

Por assim ver, na medida em que não vislumbro a invocada inconstitucionalidade na prática

⁶ Celso Ribeiro Bastos. Curso de Direito Constitucional. 17ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1996, p. 178.

⁷ Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (Lisboa, 28.03.1810 - Santarém, 13.09.1877). in Cartas, I, p. 213.



167
18

apontada, muito menos qualquer ilegalidade, dada à ausência de norma jurídica específica em vigor, contendo obrigação de fazer ou de não fazer, considerando que o interesse público primário (*a sociedade*), por sua legítima representação, o Poder Legislativo, nenhuma norma jurídica expediu sobre a matéria, e assim, por entender que essa matéria não se comporta no controle exercido pelo Egrégio Conselho, sendo de competência única, exclusiva, interna e totalmente autônoma dos Tribunais de Justiça, detentores do interesse público secundário; e por considerar que a presença de um símbolo religioso, *in casu* o crucifixo, numa dependência de qualquer órgão do Poder Judiciário não viola, agride, discrimina ou, sequer, *“perturba ou tolhe os direitos e acção de outrem ou dos outros”* (sic), são razões para não acolher a pretensão.

Pedindo vênia, ao eminente Conselheiro Relator, ousar discordar da proposta, para dispensar qualquer Consulta Pública – *até porque, a meu juízo, inócua, face à cultura cristã brasileira* – para votar, no mérito, no sentido da total improcedência da pretensão.

É o voto.

Sala das Sessões, 16 de junho de 2007



OSCAR ARGOLLO
Conselheiro do CNJ





Conselho Nacional de Justiça
CERTIDÃO DE JULGAMENTO
45ª SESSÃO ORDINÁRIA

PEDIDO DE ESCLARECIMENTOS NO PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS Nº 1344
RELATOR: CONSELHEIRO TÉCIO LINS E SILVA
REQUERENTE: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA
REQUERIDO: PRESIDENTE DO TJCE

PEDIDO DE ESCLARECIMENTOS NO PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS Nº 1345
RELATOR: CONSELHEIRO TÉCIO LINS E SILVA
REQUERENTE: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA
REQUERIDO: PRESIDENTE DO TJMG

PEDIDO DE ESCLARECIMENTOS NO PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS Nº 1346
RELATOR: CONSELHEIRO TÉCIO LINS E SILVA
REQUERENTE: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA
REQUERIDO: PRESIDENTE DO TRF 4ª R

PEDIDO DE ESCLARECIMENTOS NO PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS Nº 1362
RELATOR: CONSELHEIRO TÉCIO LINS E SILVA
REQUERENTE: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA
INTERESSADO: TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE SANTA CATARINA - TJSC
REQUERIDO: CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA - CNJ

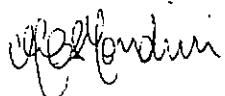
CERTIFICO que o **PLENÁRIO**, ao apreciar o processo em epígrafe, em sessão realizada nesta data, proferiu a seguinte decisão:

"O Conselho, por unanimidade, rejeitou o pedido de esclarecimentos, nos termos do voto do Relator. Ausentes, justificadamente, os Conselheiros Ellen Gracie (Presidente) e Joaquim Falcão. Presidiu o julgamento o Excelentíssimo Senhor Conselheiro Francisco Cesar Asfor Rocha (Presidente). Plenário, 14 de agosto de 2007".

Presentes à sessão os Excelentíssimos Senhores Conselheiros Francisco Cesar Asfor Rocha (Corregedor Nacional de Justiça), Gelson de Azevedo, Rui Stoco, Mairan Gonçalves Maia Júnior, Altino Pedrozo dos Santos, Andréa Maciel Pachá, Jorge Maurique, Antonio Umberto de Souza Júnior, José Adonis Callou de Araújo Sá, Felipe Locke Cavalcanti, Paulo Lôbo e Técio Lins e Silva.

Ausentes, justificadamente, o Procurador-Geral da República e o Presidente do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil.

Brasília-DF, 14 de agosto de 2007.


Mariana da Conceição Serafim Mondini
Assessora da Secretaria-Geral
Conselho Nacional de Justiça

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



Conselho Nacional de Justiça

PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS 1344

RELATOR : CONSELHEIRO TÉCIO LINS E SILVA
REQUERENTE : DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA
REQUERIDO : PRESIDENTE DO TJCE
ASSUNTO : UTILIZAÇÃO DE PATRIMÔNIO ESTATAL PARA
DIVULGAR CRENÇAS RELIGIOSAS. VIOLAÇÃO DE
PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS.

I- RELATÓRIO

Trata-se de Pedido de Esclarecimentos formulado pelo Requerente (fls. 121/124), apontando vícios no procedimento e no conteúdo do acórdão de fls. 108/116, de relatoria do Conselheiro Oscar Argollo.

Inicialmente, alega o Requerente que houve inversão da ordem de votação, dado que antes da apreciação da preliminar suscitada pelo Relator - envolvendo proposta de diligência consistente na abertura de audiência pública -, foi aberta divergência, cuja decisão meritória acabou prevalecendo, em manifesta afronta ao Regimento Interno deste CNJ.

Prossegue em seus argumentos, sustentando que o acórdão recorrido foi omissivo quanto à análise dos princípios constitucionais do laicismo estatal, da igualdade, da liberdade de consciência e de crença, da não discriminação e da impessoalidade.

Aponta, ainda, obscuridades no acórdão questionado, na medida em que determinados conceitos utilizados são "vagos" e "abstratos", tais como "cultura cristã brasileira", também ressaltando que o entendimento do Relator de "que o Estado não tem o direito de se imiscuir nos costumes e tradições reconhecidos moralmente pela sociedade" é contrário à ideia do constitucionalismo brasileiro, que busca, sobretudo, prestigiar a justiça social.

Por fim, suscita contradição entre a fundamentação e a conclusão do acórdão, porquanto o voto do Relator traz argumentos que dão

Vg/





Conselho Nacional de Justiça

suporte à tese exordial, mas acaba concluindo em seu desfavor.

Pugna pela provimento dos presentes embargos para anular a sessão de julgamento, bem como suprir os vícios indigitados, conferindo-lhes efeito infringente.

Em síntese, é o relatório.

II- VOTO

Absolutamente improcedentes os argumentos oferecidos.

Com a devida vênia, não há falar em inversão da ordem de julgamento, porquanto a prestação jurisdicional foi outorgada, em observância às regras processuais e ao Regimento Interno deste CNJ.

De fato, embora o Conselheiro Paulo Lobo, Relator do voto vencido, tenha votado no sentido de determinar a abertura de audiência pública, para posterior decisão Plenária, é certo que este Conselho, por maioria, decidiu indeferir a proposta de realização de diligência, prosseguindo no julgamento do mérito, nos termos do voto divergente do Conselheiro Oscar Argollo, julgando improcedente o pedido (Certidão de Julgamento/fl. 100).

Quanto à alegação de que o acórdão está eivado dos vícios de omissão, contradição e obscuridade, igualmente não assiste razão ao Recorrente.

Como se nota, consta do acórdão embargado exposição clara das razões que levaram ao indeferimento do pedido, cuja motivação passo a reprisar (fls. 108/116):

O EXMO. SR. CONSELHEIRO OSCAR ARGOLLO: Já mencionei - pedindo vênia aos eminentes Conselheiros - sobre a distinção que faço entre o interesse público primário e o interesse público secundário. O primeiro decorre da vontade da sociedade, expressão dos direitos individuais; enquanto o segundo está afeto às questões relativas às vontades das pessoas jurídicas de direito público.

Vg/

2





Conselho Nacional de Justiça

Data máxima vênia, não seduz ativamente o argumento de que havendo certo "interesse público", ele deve prevalecer sobre os interesses individuais. O objetivo ao invocar uma pretensa proteção para algo "que é de todos" e que não pertence a ninguém em particular é uma articulação falaciosa.

O interesse público, de modo geral, em sua essência (*latu sensu*), deve ser dirigido a defesa dos direitos individuais predominantes, ainda que tais direitos individuais sejam tratados coletivamente. É a exata situação que se apresenta nos autos do presente processo.

O critério para a identificação do direito coletivo (*latu sensu*) apontado pelo Requerente como violado - aqui viabilizado pela legitimidade postulatória para arguir sobre um pretenso interesse público, cujo competência e iniciativa para legislar a respeito pertencem a poder diverso - não reside no mero exome do assunto abstratamente considerado, mas na apreciação da norma jurídica que aponta violada: o inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal.

A propósito, urge dizer que o povo brasileiro, por intermédio do Poder Legislativo, mediante Constituição Federal promulgada e vigente, concedeu ao Estado o objetivo fundamental de assegurar a toda sociedade o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar e a justiça - figura essa aqui representada pela ação do Estado através do Poder Judiciário - como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social, buscando construir uma coletividade livre, justa e solidária, onde todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantida a inviolabilidade do direito a liberdade, pois ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei, sendo inviolável a liberdade de consciência e de crença.

A cultura e tradição - fundamentos de nossa evolução social - inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc. São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas do Tribunal de Justiça não torna o Estado - ou o Poder Judiciário - clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF, art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Vg/

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



Conselho Nacional de Justiça

Por outro lado, não há, data vênia, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável.

O estudo dos costumes, a ética (*g.ethos*), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído através dos tempos e distingue os valores e atribui a idéia de comportamento autorizado ou repudiado. O costume (*l. consuetudo*), como fonte e regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Alias, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica.

O costume de expor, eventualmente, em dependências ou ambiente de órgão público a imagem de um crucifixo corresponde, sem embargos, a uma necessidade jurídica, de acordo com as homenagens devidas à Justiça. Trata-se de representação, ainda que religiosa, do respeito devida àquele local. O crucifixo é um símbolo que homenageia princípios éticos e representa, especialmente, a paz. Afinal, a luta pelo Direito é a meio para alcançar a Paz, conforme ensinou Ihering em seu famoso opúsculo proferido em Viena em 1872.

O simbolismo nada mais e se não a representação concreta de um conceito abstrato, a transformar símbolos em fenômenos visíveis de alguma idéia. É a idéia sob a forma de imagem, de tal forma que a idéia age permanentemente sobre a imagem, tornando-a um símbolo da mera representação de uma idéia. Nada mais, nada menos.

O Estado laico tem a noção de liberdade de crença como um comportamento derivado da liberdade de consciência, patrimônio da liberdade interna do indivíduo.

Assim é que, o indivíduo, no Estado laico, tem absoluta autonomia, ou seja: pode ser ateu, agnóstico, ou optar por uma religião, ou não. Há, portanto, plena autonomia privada, cabendo ao Estado proibir a coação: a chamada imunidade de coação. Estado não tem o direito de se imiscuir nos costumes e tradições reconhecidos moralmente pela sociedade. Portanto, se costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos. E não podemos ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representa qualquer submissão ao Poder clerical.

A manifestação cultural, forjada pela tradição, de exposição de crucifixo em dependência ou ambiente de Tribunal de Justiça, como elemento representativo do interesse público secundário (vontade do órgão público), tem exemplo na sala do Plenário do Excelso Pretório, quando se vê, ao fundo, no painel construído em mármore ege-bahia, pelo artista plástico Alhos Bulcão, acima do

Vg/





Conselho Nacional de Justiça

escudo de armas brasileiro, um crucifixo confeccionado em pau-brasil, obra de Alfredo Ceschiatti.

No campo do direito administrativo, merece observação um julgado do Colendo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, in verbis:

EMENTA: *Mandado de Segurança - Autoridade coatora - Presidente da Assembleia Legislativa do Estado - Retirada de crucifixo da sala da Presidência da Assembleia, sem aquiescência dos depurados - Alegação da violação ao disposto no artigo 59 inciso VI da Constituição da República - Inadmissibilidade - Hipótese em que a atitude do Presidente da Assembleia é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso - Carência decretada. Na hipótese, não ficou demonstrado que a presença ou não de crucifixo na parede seja condição para o exercício de mandato dos deputados ou restrição de qualquer prerrogativa. Ademais, a colocação de enfeite, quadra e outros objetos nas paredes é atribuição da Mesa da Assembleia (artigo 14, inciso II, Regulamento Interno), ou seja, de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República. (Relator: Des. Rebouças de Carvalho - Mandado de Segurança n. 13.405 - São Paulo, J. em 02.10.91).*

Com efeito, conforme se depreende do aludido decisum, "...a presença ou não de crucifixo na parede, ... ou a colocação de enfeite, quadra e outros objetos nas paredes é atribuição ... de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, Inciso VI da Constituição da República". Vale dizer: o fato não constitui violação a qualquer direito individual ou coletivo, posto que a hipótese ... é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso".

Afigura-se, ademais disso, no referido julgado, a prevalência do artigo 99 da Constituição Federal: "Ao Poder Judiciário é assegurado autonomia administrativa...". Não cabe, pois, ao Egrégio Conselho o controle administrativo sobre a exposição e disposição de objetos ou símbolos religiosos nas dependências dos Tribunais de Justiça, face à autonomia administrativa que possuem.

A matéria dos autos, produto de vetusta e ultrapassada discussão, agora repristinada, não merece guarida, eis que a redação do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal, apenas veda o União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público, previsões que não implicam em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a exposição faz o Estado se tornar clerical.

Ainda no campo do direito administrativo, há aqueles que aludem sobre a presença de símbolos religiosos em dependências

Vg/





Conselho Nacional de Justiça

de órgãos públicos como sendo uma apropriação indevida do espaço público por interesses privados, porque o interesse particular pode fazer tudo que a lei não proíbe, mas a Administração Pública só pode fazer aquilo que a lei determina.

No particular, data máxima vênia, entendo que o interpretação não tem lugar, porque não há no ordenamento qualquer norma jurídica vigente que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estado laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei" (CF, art. 5º, II).

Observe-se o ilustrado Celso Ribeiro Bastos quando preleciona que:

"A liberdade de organização religiosa tem uma dimensão muito importante no seu relacionamento com o Estado. Três modelos são possíveis: fusão, união e separação. O Brasil enquadra-se inequivocadamente neste último desde o advento da República, com a edição do Decreto 1 29-A, de 17 de janeiro de 1890, que instaurou a separação entre a Igreja e o Estado. O Estado brasileiro tornou-se desde então laico"

Tenho, portanto, que há muito vivemos num Estado laico, desde 1890, sem estabelecer, subvencionar, embaraçar, ou de alguma forma se associar com qualquer culto religioso, exatamente nos termos do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal. Aliás, em meados do mesmo século XIX, em Portugal ocorreu experiência semelhante, decerto mais radical, mais viva, dada a cultura então vigente.

O insuspeito historiador e pensador português Alexandre Herculano, feroz combatente do Estado clerical, distinguiu muito bem a situação, afirmando, com toda pertinência, que o interesse individual contido na cultura de uma sociedade não afeta ou viola qualquer tipo de interesse coletivo, sobretudo quando - aqui, aludindo à presença do simbolismo - o fato "não perturba ou tolhe os direitos e oção de outrem ou dos outros".

Por assim ver, na medida em que não vislumbro a invocada inconstitucionalidade na prática apantada, muito menos qualquer ilegalidade, dada a ausência de norma jurídico específico em vigor, contendo obrigação de fazer ou de não fazer, considerando que o interesse público primário (a sociedade), por sua legítima representação, o Poder Legislativo, nenhuma norma jurídica expediu sobre a matéria, e assim, por entender que essa matéria não se comporta no controle exercido pela Egrégio Conselho, sendo de competência única, exclusiva, interna e totalmente autônomo dos Tribunais de Justiça, detentores do interesse público secundário; e por considerar que a presença de um símbolo religioso, *in casu* a crucifixo, numa dependência de qualquer órgão do Poder Judiciário não viola, agride, discrimina ou, sequer,

Vg/





Conselho Nacional de Justiça

"perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros" (sic), são razões para não acolher a pretensão.

Pedindo vênio, ao eminente Conselheiro Relator, ousa discordar da proposta, para dispensar qualquer Consulta Pública - até porque, a meu juízo, inócua, face a cultura cristã brasileira - para votar, na mérito, no sentido da total improcedência da pretensão.

Realmente, há no julgado proferido indicação clara e objetiva das razões determinantes da conclusão alvitrada, não se configurando omissão, obscuridade ou proposições inconciliáveis a merecer reparação.

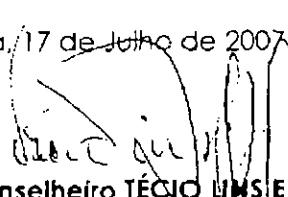
Na verdade, inconformado com o resultado do julgamento, pretende o Embargante a reapreciação da matéria sob o prisma que lhe é favorável, o que não se coaduna com a medida processual eleita, em face do art. 21 do Regimento Interno.

Portanto, apreciados os elementos de convicção produzidos nos momentos processuais adequados e não se prestando o pedido de esclarecimentos ao reexame da matéria, conheço do pedido apenas para prestar os esclarecimentos supra.

É como voto.

Ciência ao Requerente, após, archive-se.

Brasília, 17 de Julho de 2007


Conselheiro TERCIO LINS E SILVA

Relator

Vg/

7





Conselho Nacional de Justiça

PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS Nº 200910000018592

RELATOR : Conselheira ANDRÉA MACIEL PACHÁ
REQUERENTE : JOSÉ MOTA FILHO
REQUERIDO : TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ASSUNTO : AFIXAÇÃO DE CRUCIFIXO NO PLENÁRIO DO TRIBUNAL –
PEDIDO DE SUBMISSÃO DA MATÉRIA AO ÓRGÃO ESPECIAL
DA CORTE

DECISÃO MONOCRÁTICA

O Desembargador José Mota Filho ingressou com Pedido de Providências pretendendo que este Conselho determine ao Presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro que submeta ao Órgão Especial daquela Corte a decisão sobre a retirada de um crucifixo que se encontrava há longo tempo na Sala de Sessões

Afirma que formulou o pedido ao Presidente e que o mesmo foi indeferido e, em se tratando de assunto de ordem interna, a votação deveria ser admitida, considerada a relevância do tema.

É o relatório. Decido.

O artigo 3º do Regimento Interno do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, assim dispõe:

“Art.3º - Compete ao Órgão Especial:

(...)

V - elaborar o Regimento Interno, emendá-lo e resolver dúvidas relativas à sua interpretação e execução, ressalvada a competência do Tribunal Pleno.

VI - deliberar sobre:

- a) proposição de projetos de normas, ouvida a Comissão de Legislação e Normas;
- b) permuta ou remoção voluntária dos Desembargadores, de uma para outra Câmara;
- c) permuta ou remoção voluntária dos Juízes em exercício no primeiro grau de jurisdição;
- d) concessão de licença aos Desembargadores;
- e) assuntos de ordem interna, mediante convocação especial do Presidente, para esse fim, por iniciativa própria ou a requerimento de um ou mais Desembargadores;
- f) quaisquer propostas ou sugestões do Conselho da Magistratura, notadamente as concernentes à organização de sua Secretaria e órgãos auxiliares;
- g) realização de concurso para ingresso na Magistratura de carreira, e respectivo regulamento, bem como homologação do resultado;
- h) indicação, feita pelo Presidente, de servidor do Tribunal, bacharel em Direito, para provimento de cargo em comissão de Secretário-Chefe da Secretaria Geral;

1

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Num. 256305323 - Pág. 258



Conselho Nacional de Justiça

VII - propor à Assembléia Legislativa:

- a) a alteração da organização e da divisão judiciária;
- b) a alteração do número de membros do Tribunal de Justiça
- c) a criação ou a extinção de cargos e a fixação dos respectivos vencimentos;

VIII - eleger:

- a) os 05 (cinco) Desembargadores, estranhos ao Órgão Especial, que devam integrar o Conselho da Magistratura;
- b) Revogado.

c) os membros da Comissão de Regimento Interno, da Comissão de Legislação e Normas e de outras que o Tribunal constituir;

IX - dar posse ao Presidente, ao Corregedor-Geral de Justiça, aos Vice-Presidentes e a Desembargador;

X - organizar a Secretaria e os serviços auxiliares do Tribunal, do Conselho da Magistratura e da Corregedoria Geral de Justiça, provendo-lhes os cargos por intermédio do Presidente, na forma da lei;

XI - indicar ao Presidente da República os nomes de 06 (seis) cidadãos de notável saber jurídico e idoneidade moral, para composição do Tribunal Regional Eleitoral e respectivos suplentes;

XII - indicar ao Governador do Estado:

- a) proposta de emenda à Constituição Estadual sobre matéria pertinente ao Poder Judiciário;

- b) em lista triplíce nomes de Advogados ou membros do Ministério Público, para composição do quinto do Tribunal de Justiça;

XIII - determinar a perda de cargo, a remoção ou a disponibilidade de Desembargadores e Juízes, nos casos e pela forma previstos em lei;

XIV - promover a aposentadoria compulsória de Magistrados, por invalidez;

XV - aplicar outras sanções disciplinares às autoridades judiciárias, nos processos de sua competência;

XVI - determinar, se conveniente, por maioria absoluta, o afastamento do cargo de magistrado contra quem se haja recebido denúncia ou queixa, sem prejuízo dos vencimentos e vantagens, até decisão final (art. 27, § 3º da LOMAN);

XVII - deliberar, após prévia audiência do Conselho da Magistratura, sobre a aquisição da vitaliciedade ou a exoneração dos Juízes de primeiro grau ao fim do primeiro biênio de exercício."

Constata-se que a matéria aqui tratada não está elencada dentre as atribuições transcritas e, portanto, não há ofensa ao artigo 3º do RI/TJRJ, cujo inciso VI, alínea e, dispõe sobre assuntos de ordem interna e que tenham repercussão administrativa para o Poder Judiciário estadual.

Não seria razoável considerar que a retirada do crucifixo da sala de sessões e a recolocação em sala distinta seja matéria de análise obrigatória pelo Órgão Especial da Corte.

O respeito às diferentes crenças religiosas e convicções é garantia constitucional. No entanto, a decisão de retirar o crucifixo da sala de sessões não indica qualquer ofensa a esse direito, notadamente diante da laicidade do estado.



Conselho Nacional de Justiça

Em precedente decido por este Conselho, no qual se pretendia obrigar a retirada de todos os símbolos religiosos dos Tribunais, assim se manifestou o Conselheiro Oscar Argollo, no PP 1344:

"A cultura e tradição - *fundamentos de nossa evolução social* - inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc.. São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado – ou o Poder Judiciário – clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF.art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, *data venia*, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável."

A hipótese era distinta e preservou-se a possibilidade da manutenção dos símbolos, mas não a sua obrigatoriedade.

Por derradeiro, e reiterando o respeito que cultivo pelo eminente Desembargador requerente e pela manifestação de fé que o mesmo professa, registro que este Conselho Nacional de Justiça já pacificou o entendimento de que questões desprovidas de repercussão geral e de relevância nacional para o Poder Judiciário não podem ser aqui analisadas.

Não se trata de concordância ou discordância com o ato praticado pelo Presidente da Corte requerida, mas sim de verificação de pedido incabível no âmbito deste Conselho, em respeito aos dispositivos constitucionais, que limitam a sua competência.

Ademais, não há, no caso, qualquer ato administrativo ilegal a ser controlado e que enseje a atuação deste órgão, cuja competência está adstrita ao controle das atividades administrativas, financeiras e disciplinares da magistratura, nos casos em que eivadas de vício de legalidade.

3



Conselho Nacional de Justiça

Diante do exposto, não conheço o presente Pedido de Providências e determino o seu **arquivamento liminar**, nos termos do inciso X do artigo 25 do RICNJ.

Brasília, 13 de maio de 2009.

ORIGINAL ASSINADO

Conselheira ANDRÉA PACHÁ
Relatora





Conselho Nacional de Justiça

RECURSO ADMINISTRATIVO NO PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS N° 200910000018592

RELATORA : Conselheira ANDRÉA MACIEL PACHÁ
REDATOR DESIGNADO Conselheiro ANTONIO UMBERTO DE SOUZA JÚNIOR
REQUERENTE : JOSÉ MOTA FILHO
REQUERIDO : TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ASSUNTO : RETIRADA DE CRUCIFIXO DA SALA DE SESSÕES DO TRIBUNAL - PEDIDO DE SUBMISSÃO DA MATÉRIA AO ÓRGÃO ESPECIAL DA CORTE

RECURSO ADMINISTRATIVO. PEDIDO DE PROVIDÊNCIAS. INDEFERIMENTO LIMINAR DO PEDIDO INICIAL. PLAUSIBILIDADE DA PRETENSÃO EM TESE. PROVIMENTO DO RECURSO. Estabelecendo o Regimento Interno de tribunal a legitimidade de qualquer desembargador para solicitar o exame de assuntos de ordem interna, merece reforma a decisão monocrática de arquivamento sumário do pedido de providências. Recurso conhecido e provido para determinar a regular tramitação do feito no âmbito do Conselho Nacional de Justiça com oportunidade para o exercício do contraditório e julgamento como entender de direito o colegiado.

1. RELATÓRIO

Adoto o Relatório constante do voto inaugural:

Trata-se de Recurso Administrativo contra decisão monocrática que indeferiu liminarmente pedido de determinação, ao Presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, de submissão da decisão sobre a retirada de crucifixo fixado há longo tempo na sala de sessões, ao Órgão Especial da Corte.

Na inicial, afirmou ter formulado pedido de exame do ato pelos desembargadores integrantes do Tribunal, que foi indeferido. Aludiu que, em se tratando de assunto de ordem interna e considerando a relevância do tema, a votação deveria ter sido admitida. Ao final, requereu a determinação ao Presidente do Tribunal de submissão da matéria à livre apreciação daquele Órgão.

Na petição do recurso administrativo, salienta que seu pleito está vinculado à indicação da "autoridade legitimada para determinar a permanência ou não"

1



Conselho Nacional de Justiça

do crucifixo na sala de sessões e não ao reexame da questão por este Conselho. Argumenta ofensa ao Regimento Interno da Corte e, ao final, pleiteia a reapreciação do feito.

2. FUNDAMENTAÇÃO

2.1. Conhecimento

O recurso é próprio e tempestivo. Dele **conheço**.

2.2. Mérito

Como enfatizado pelo recorrente, o momento não é de exame da matéria de fundo cuja discussão foi frustrada por deliberação do Presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, mas de verificação da conformidade da negativa em si. Ou seja, cumpre saber se, de fato, salta aos olhos a improcedência do pedido, a justificar a decisão indeferitória liminar, ou se merece o pedido de providências trânsito neste Conselho.

A ilustre Relatora manteve a sua decisão ao entendimento de inexistir previsão regimental a respaldar a pretensão do ora recorrente.

Todavia, é exatamente o Regimento Interno do TJ/RJ que revela, de modo bem claro, a plausibilidade da pretensão do ora recorrente. Ao que interessa ao caso, veja-se o que dispõe o RITJ/RJ:

Art. 3º. Compete ao Órgão Especial:

VI – deliberar sobre:

e) assuntos de ordem interna, mediante convocação especial do Presidente, para esse fim, por iniciativa própria ou a requerimento de um ou mais Desembargadores;

Assim, a retirada ou manutenção de crucifixo nas salas de sessões insere-se dentro do conjunto de "assuntos de ordem interna".

A decisão monocrática atacada, em verdade, escorou-se,



Conselho Nacional de Justiça

para convalidar a decisão presidencial do TJ/RJ, em argumento que diz respeito à matéria de fundo. Colho da decisão hostilizada:

Ao asseverar que "não seria razoável considerar que a retirada do crucifixo da sala de sessões e a recolocação em sala distinta seja matéria de análise obrigatória pelo Órgão Especial da Corte.

O respeito às diferentes crenças religiosas e convicções é garantia constitucional. No entanto, a decisão de retirar o crucifixo da sala de sessões não indica qualquer ofensa a esse direito, notadamente diante da laicidade do Estado.

Em precedente decido por este Conselho, no qual se pretendia obrigar a retirada de todos os símbolos religiosos dos Tribunais, assim se manifestou o Conselheiro Oscar Argollo, no PP 1344:

A cultura e tradição - fundamentos de nossa evolução social - inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc.. São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado – ou o Poder Judiciário – clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF.art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, data venia, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável.

A hipótese era distinta e preservou-se a possibilidade da manutenção dos símbolos, mas não a sua obrigatoriedade.

Por derradeiro, e reiterando o respeito que cultivo pelo eminente Desembargador requerente e pela manifestação de fé que o mesmo professa, registro que este Conselho Nacional de Justiça já pacificou o entendimento de que questões desprovidas de repercussão geral e de relevância nacional para o Poder Judiciário não podem ser aqui analisadas.

Não se trata de concordância ou discordância com o ato praticado pelo Presidente da Corte requerida, mas sim de verificação de pedido incabível no âmbito deste Conselho, em respeito aos dispositivos constitucionais, que limitam a sua competência.



Conselho Nacional de Justiça

Não está em causa, na inicial e no recurso, a questão de se saber se crucifixos podem ou devem ser retirados ou mantidos em recintos públicos do Judiciário, mas, sim, se tem o Presidente de um tribunal o direito de deixar de submeter decisão sua ao crivo do órgão especial, a partir de provocação individual ou coletiva de desembargadores.

Focalizado o problema, a resposta é muito simples.

Como se vê dos fragmentos regimentais do tribunal requerido, não pode o Presidente dele deixar de incluir na pauta de matérias do órgão especial respectivo a discussão de determinado tema a pedido de um desembargador.

Assim, soa bem plausível a pretensão inicial e, por conseguinte, precipitada a decisão de arquivamento sumário do feito. O respeito à ordem jurídica interna é tema de relevância nacional, não sendo razoável que a direção de um tribunal possa decidir questões domésticas sem estar vulnerável a questionamentos dos demais desembargadores.

Impõe-se a reforma da decisão monocrática de arquivamento para determinar a regular tramitação do procedimento no âmbito deste Conselho, com a notificação do tribunal requerido e prosseguimento do feito até decisão final, como se entender de direito.

3. CONCLUSÃO

ISTO POSTO, conheço do recurso para dar-lhe provimento, anulando a decisão monocrática final proferida e determinar a regular tramitação do procedimento no âmbito deste Conselho e prosseguimento do feito até decisão final, nos termos da fundamentação.

Intimem-se as partes.

Brasília, 12 de junho de 2009.

ANTONIO UMBERTO DE SOUZA JÚNIOR
Conselheiro Redator para o Acórdão





PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Secretaria Especial dos Direitos Humanos

Ofício nº 204/2009-SA/SEDH/PR.

Em 24, de agosto, de 2009.

Ao Senhor
Gustavo Henrique Pinheiro de Amorim
Procurador-Regional da União.
Procuradoria-Regional da União – 3ª Região SP/MS
Advocacia-Geral da União

Assunto: Ofício 3.281/2009/AGU/PRU3/G3/lmg

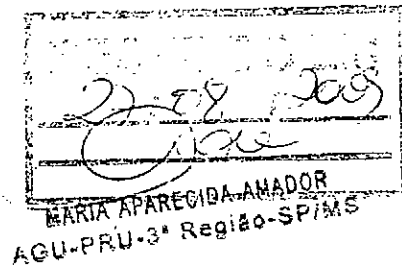
Exmo. Sr. Procurador-Regional da União da 3ª Região,

Em atenção ao Ofício suprarreferido, encaminho cópia do Memorando nº 236/2009/SP/DI/SEDH/PR, bem como a Nota Técnica nº 04/2009-AS/SEDH/PR.

Respeitosamente,


ANDRE CAVAS OTERO

Advogado da União
Supervisor da Secretaria Especial de Direitos Humanos



SA/SEDH/PR

NUP. 00414.0026 2/2008 - 50
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Secretaria Especial dos Direitos Humanos

Nota Técnica nº 04/ 2009– SA/SEDH/PR.

FUNDAMENTOS NORMATIVOS

O reconhecimento de que todos os seres humanos têm direitos e liberdades fundamentais inerentes à condição humana e, de que toda nação têm a obrigação de respeitar os direitos fundamentais de seus cidadãos, é, sem dúvida, uma imposição constitucional. Não obstante, essa idéia tenha há muito tempo surgido na história e no pensamento humano, a concepção de que os direitos fundamentais dos seres humanos constitua objeto de uma regulação por parte da Comunidade Internacional, isto é, o seu reconhecimento, desenvolvimento, preservação e responsabilização, emergiu somente após as terríveis violações dos direitos humanos pelos regimes totalitários Alemão, quando verificou-se o que fora o holocausto, e o Soviético.

Neste contexto, a liberdade religiosa é garantia constitucional deferida às pessoas tanto no âmbito internacional quanto no âmbito interno.

A Organização das Nações Unidas reconhece, com efeito, a liberdade religiosa nos termos do art. 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. *In verbis*:

"ARTIGO 18. Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância isolada ou coletivamente, em público ou em particular".

Para tornar esse dispositivo ainda mais claro, ONU editou a Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Baseadas em Religião ou Crença (Resolução n.º 36/55). *In verbis*:

"Art. 1". Ninguém será sujeito à coerção por parte de qualquer Estado, instituição, grupo de pessoas ou pessoas que debilitem sua liberdade de religião ou crença de sua livre escolha".

"Art. 6". O direito à liberdade de pensamento, consciência, religião ou crença incluirá as seguintes liberdades:

.....

h) observar dia de repouso e celebrar feriados e cerimônias de acordo com os preceitos da sua religião ou crença."

Neste sentido também é a Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), ingressa no sistema pátrio nos termos do Decreto n.º 678, de 06 de novembro de 1992, cujo art. 12, alínea 2, explicita:

"Artigo 12. Liberdade de Consciência e de Religião

.....

2. Ninguém pode ser objeto de medidas restritivas que possam limitar sua liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças."

Garante, ainda, o artigo 26 do Pacto dos Direitos Civis e Políticos:

"Artigo 26. Todas as pessoas são iguais perante a lei e têm direito, sem discriminação alguma, a igual proteção da lei. A este respeito, deverá proibir qualquer forma de discriminação e garantir a todas as pessoas proteção igual e eficaz contra qualquer discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento ou qualquer opinião."



207
B

Afirme-se que os tratados internacionais acima referidos integram o ordenamento jurídico pátrio por força do disposto no § 2.º, do art. 5.º, da Constituição.

CONTEÚDO DA LIBERDADE RELIGIOSA

A liberdade religiosa traduz a necessidade de tolerância de diferentes práticas religiosas, consistindo no dever de abstenção do Estado (liberdade negativa) em se respeitar a expressão e o significado da liturgia religiosa em sua diversidade.

O art. 5º da Constituição que traz em seus incisos VI, VII e VIII, dispositivos que asseguram a liberdade religiosa.

"Artigo 5".

....

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei; "

208
B

Os dispositivos suprarreferidos, reitere-se, garantem a não intervenção estatal na consciência religiosa do indivíduo. Nesse sentido, assevera o professor Maurício Scheinman¹, *verbis*:

"Foi no século III d.C que a expressão liberdade religiosa – libertas religionis – foi, provavelmente, utilizada pela primeira vez, por Tertuliano, advogado convertido ao cristianismo e que passou a defender a liberdade religiosa em face dos abusos do Império Romano. A liberdade religiosa é, como se sabe, um direito humano fundamental, assegurado pelas Constituições dos diversos Estados democráticos e, também, por importantes declarações e tratados internacionais de direitos humanos. Contudo, estamos tratando, até aqui, de apenas uma acepção da liberdade religiosa. Há pelo menos mais duas acepções que devem ser abordadas.

A liberdade religiosa comporta pelo menos três acepções: jurídica, teológica ou eclesiástica e bíblica.

No que se refere à liberdade religiosa na acepção jurídica, a mesma compreende, essencialmente, a liberdade religiosa como um direito fundamental da pessoa humana. Nesse sentido, Segundo Jorge Miranda, a liberdade religiosa ocupa o cerne da problemática dos direitos humanos. Ora, no curso da história da humanidade, o direito à liberdade religiosa representa uma conquista extremamente recente. Pode ser identificada nas três fases da era dos direitos, mencionadas por Norberto Bobbio. Segundo o autor italiano, os direitos humanos "nascem como direitos naturais universais, desenvolvem-se como direitos positivos particulares, para finalmente encontrarem sua plena realização como direitos positivos universais". Como direito natural, a liberdade religiosa surgiu no século XVIII, com as primeiras declarações de direitos de 1776 (americana) e 1789 (francesa). Como direito efetivamente tutelado, a liberdade religiosa surgiu com a Constituição Americana. Como direito internacional, a liberdade religiosa surgiu no Segundo Pós-Guerra, com o desenvolvimento do sistema global de proteção aos direitos humanos ligado à Organização das Nações Unidas – ONU."

¹ <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6896>



No mesmo sentido, Paulo Gustavo Gonet Branco:

*"A liberdade de consciência ou de pensamento tem que ver com a faculdade de o indivíduo formular juízos e idéias sobre si mesmo e sobre o meio externo que o circunda. O Estado não pode interferir nessa esfera íntima do indivíduo, não lhe cabendo impor concepções filosóficas aos cidadãos. Deve, por outro lado, -eis um aspecto positivo dessa liberdade -, propiciar meios efetivos de formação autônoma da consciência das pessoas."*²

Inferre-se das lições acima que a sociedade mais justa observa princípios fundamentais que norteiam a liberdade religiosa, entendida como a não interferência do Estado na consciência do indivíduo.

DA POSSIBILIDADE DA PERMANÊNCIA DOS CRUCIFIXOS OU OUTROS SÍMBOLOS RELIGIOSOS

Da laicidade do Estado e da liberdade religiosa **não** se extrai uma vedação à presença dos crucifixos e outras imagens religiosas como quer o Ministério Público Federal.

Nesse sentido, irrefutáveis os argumentos do Procurador-Regional da República no Rio de Janeiro (e professor) Daniel Sarmento em artigo específico sobre o tema:

"(...)

e- Símbolos religiosos e tradição

Não é incorreta a afirmação de que a presença de crucifixos em tribunais é tradicional no Brasil. O que é equivocada é a crença de que o papel do Direito seja o de avaliar e legitimar acriticamente as tradições existentes numa sociedade, por mais excludentes que elas sejam.

² Bramco, Gustavo Gonet, *Curso de Direito Constitucional*, p.457.



Não há dúvida de que o Direito, como fenômeno social, tem conexões com as tradições e valores dominantes em uma dada sociedade. Contudo, não é certo conceber prescritivamente a ordem jurídica como uma mera instância de afirmação das práticas sociais hegemônicas, já que muitas vezes o papel do Direito é exatamente o de combater e transformar hábitos e tradições enraizados, desempenhando um papel emancipador.

É neste sentido que se afirma que a moralidade que o Direito visa a garantir e promover no Estado Democrático de Direito não é a moralidade positiva – que toma os valores majoritariamente vigentes como um dado inalterável, por mais opressivos que sejam – mas a moralidade crítica. É a moral que não se contenta em chancelar e perpetuar todas as concepções e tradições prevalecentes, endossando invariavelmente o status quo cultural, mas propõe-se antes à tarefa de refletir criticamente sobre elas, a partir de uma perspectiva que se baseia no reconhecimento da igual dignidade de todas as pessoas.

Tome-se o exemplo do patrimonialismo e da confusão entre público e privado – infelizmente tão tradicionais e enraizados no Brasil². Diante destas patologias crônicas da sociedade brasileira, não cabe à ordem jurídica o aplauso nem o silêncio, mas o combate. O Conselho Nacional da Magistratura já forneceu um belo exemplo desta atitude: apesar do caráter “tradicional” do nepotismo do Brasil, não hesitou em proibi-lo firmemente no âmbito do Poder Judiciário³.

O mesmo raciocínio vale para a manutenção de cruzeiros e crucifixos em tribunais. O caráter tradicional da prática não infirma a sua contrariedade à Constituição Federal, ou aos valores emancipatórios e democráticos que a fundamentam.

f- O argumento “ad terrorem” e a laicidade estatal como princípio

Será que recusar a possibilidade da presença de cruzeiros e outros símbolos congêneres nos tribunais significa, necessariamente, rechaçar a constitucionalidade da existência de feriados religiosos



como o Natal ou a Páscoa, ou ainda negar a legitimidade da ação do Estado quando, por exemplo, gasta recursos públicos na conservação do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, ou de igrejas barrocas, em Ouro Preto?

A resposta é evidentemente negativa.

A laicidade do Estado não é um comando definitivo, mas um mandamento constitucional prima facie. Trata-se de um típico princípio constitucional, de acordo com a famosa definição de Robert Alexy¹: um mandado de otimização, que deve ser cumprido na medida das possibilidades fáticas e jurídicas do caso concreto, e que pode eventualmente ceder em hipóteses específicas, diante de uma ponderação com algum outro princípio constitucional contraposto, realizada de forma cuidadosa, de acordo com as máximas do princípio da proporcionalidade.

Portanto, a laicidade não incide em termos absolutos, como as regras, que tendem a operar de acordo com a lógica do "tudo ou nada"². Neste quadro, certas medidas que impliquem em algum tipo de suporte estatal à religião podem ser consideradas constitucionalmente legítimas, se forem justificáveis a partir de razões não-religiosas, relacionadas à proteção de outros bens jurídicos também acolhidos pela Constituição, cujo peso, no caso concreto, sobrepuje a tutela constitucional da laicidade.

É o caso da conservação de igrejas barrocas ou de monumentos turísticos com conotação religiosa, em que a ação do Estado decorre da sua missão de proteção do patrimônio histórico, artístico, cultural e paisagístico. É também, creio eu, a hipótese de pelo menos alguns feriados religiosos, como o Natal e a Páscoa, em que a proteção da liberdade de religião da maioria pode justificar que se lhe conceda a possibilidade de celebração da data, que poderia ficar comprometida caso houvesse a obrigação de trabalhar naquele dia³.



Não é essa, contudo, a situação dos crucifixos nos tribunais. Aqui, não há ponderação de interesses possível, uma vez que não se vislumbra qualquer bem jurídico de estatura constitucional ou mesmo legal que seja promovido com a manutenção destes símbolos religiosos nas cortes de justiça do país."

A Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, no mesmo sentido, afirma no Memorando nº 236/2009/SPDDH/SEDH/PR que:

"(...)

Entendendo ser esta prática um processo cultural secular no Brasil, o de ostentar nos prédios públicos, neste caso os da esfera federal, símbolos religiosos, dentre eles o 'crucifixo'. Mesmo tendo a consciência da laicidade do estado.

(...)

Há uma compreensão por parte desta SEDH/PR que no momento torna-se dispensável uma intervenção, seja por qualquer instrumento legal, de uma ação coercitiva de exclusão de ambientes públicos pertencentes à União de símbolos religiosos, sem antes definirmos uma política pública para as questões da diversidade religiosa no País."

CONCLUSÃO

A Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República manifesta-se pela não concessão da liminar vindicada pelo órgão ministerial federal.


ANDRE CAVAS OTERO
Advogado da União
Supervisor da SEDH

213
B

SPDDH/SEDH/PR
Gabinete SPDDH



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SECRETARIA ESPECIAL DOS DIREITOS HUMANOS
SUBSECRETARIA DE PROMOÇÃO E DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS

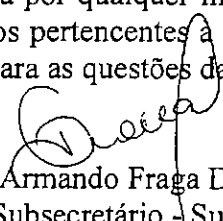
Memorando nº 336 /2009/SPDDH/SEDH/PR

Em, 14 de agosto de 2009.

Ao Senhor
André Cavas Otero
Advogado da União

Em referência ao Memorando nº 165/2009-AS/SEDH/PR, de 13 de agosto de 2009 que se reporta ao Ofício nº 3.281/2009/AGU/PRU3/G3/1mg, de 11 de agosto de 2009, temos a considerar o seguintes aspectos:

1. Tendo em vista que a União tem o papel de zelar pelo cumprimento constitucional no que diz respeito à garantia de liberdade de consciência, assegurar o livre exercício dos cultos religiosos e garantir, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias crença e culto, como também fazer cumprir todos os Tratados Internacionais que tratam deste assunto, dentro do território brasileiro;
2. Entendendo ser esta prática um processo cultural secular no Brasil, o de ostentar nos prédios públicos, neste caso os da esfera federal, símbolos religiosos, dentre eles o "crucifixo", mesmo tendo a consciência da laicidade do estado;
3. Que ser este assunto uma questão nova e que com o advento da Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, ter buscado acerrar-se de premissas, princípios e diretrizes para a formulação de políticas públicas de promoção, proteção e defesa dos direitos consignados ao ser humano quanto à liberdade de crença e culto, assunto em pauta e em construção em função das especificidades e da complexidade que se reveste;
4. Há uma compreensão por parte desta SEDH/PR que no momento torna-se dispensável uma intervenção, seja por qualquer instrumento legal, de uma ação coercitiva de exclusão de ambientes públicos pertencentes à União de símbolos religiosos, sem antes definirmos uma política pública para as questões da diversidade religiosa no nosso País.


José Armando Fraga Diniz Guerra
Subsecretário - Substituto

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=13285>

A interpretação constitucional laicista continua.

Ministério Público Federal em São Paulo propõe ação com pedido de retirada de símbolos religiosos das repartições públicas

Elaborado em 07.2009.

Roberto Wagner Lima Nogueira

mestre em Direito Tributário, professor do Departamento de Direito Público das Universidades Católica de Petrópolis (UCP), procurador do Município de Areal (RJ), membro do Conselho Científico da Associação Paulista de Direito Tributário (APET)

1. Os sites de notícias acabam de informar que na sexta-feira próxima passada, 31/07/09, o Ministério Público Federal, em São Paulo, entrou com um pedido na Justiça para a retirada de todos os símbolos religiosos em locais de atendimento ao público, nas repartições públicas federais no Estado.
2. Na ação, a Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão pede também a aplicação de multa diária simbólica de um real em caso de descumprimento. O prazo proposto pelo Ministério Público para a retirada dos símbolos é de até 120 dias após a decisão.
3. O Ministério Público alega que a ostentação de símbolos religiosos fere o direito à liberdade de crença dos cidadãos e argumenta que a Constituição Federal determina que o Brasil é um Estado laico, onde não há vinculação entre o poder público e a religião.
4. Segundo ainda, o Ministério Público Federal, inúmeras pessoas se dirigem aos prédios da União diariamente e tem a sua liberdade de crença ofendida diante da ostentação pública de símbolos religiosos não relacionados com a fé que professam.
5. A ação na ótica do MPF se baseou no argumento de que, apesar da população brasileira ser de maioria cristã, o Brasil optou por ser um Estado laico. Com isso, não há vinculação entre o poder público e determinada igreja ou religião, onde todos têm o direito de escolher uma crença religiosa ou optar por não ter nenhuma, assegurado pelo artigo 5 da Constituição Federal.
6. Diz o procurador regional dos Direitos do Cidadão e autor da ação, Jefferson Aparecido Dias, que cabe ao Estado proteger todos essas manifestações religiosas sem tomar partido de nenhuma delas.
"Quando o Estado ostenta um símbolo religioso de uma determinada religião em uma repartição pública, está discriminado todas as demais ou mesmo quem não tem religião afrontando o que diz a Constituição."
7. Vejam a que ponto chegou o laicismo no Brasil, daqui a pouco o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro vai entrar na justiça para retirar o CRISTO REDENTOR, uma das SETE maravilhas do mundo, do espaço público onde está situado no Rio de Janeiro.
8. Já vimos de falar em outra oportunidade, que somente uma interpretação propositalmente equivocada da Constituição Federal, pode justificar um pedido como este do Ministério Público de São Paulo, ou seja, uma idéia "laicista" de que o uso de crucifixos e Bíblias em prédios públicos é uma ofensa a condição do Estado Laico brasileiro.
9. Como bem pontua o jornalista Carlos Alberto Di Franco, do Jornal Estado de São Paulo, a laicidade é importante, uma vez que consiste em reconhecer a independência e a autonomia do Estado em relação a qualquer religião ou igreja concreta, já o laicismo é uma ideologia totalitária contra toda e qualquer manifestação religiosa no campo público. A laicidade está agasalhada na Constituição Federal em seu art. 19, I, já o laicismo é ofensivo ao art. 5º, VI, da mesma Constituição Federal.
10. É na linha desta horrenda perspectiva laicista totalitária, que está a agir também o também o Ministério Público Federal em São Paulo, como assim já o fez Presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, Dr. Luis Zveiter, ao determinar a retirada dos crucifixos das salas de audiências e dependências do Tribunal de Justiça deste Estado.
11. Estão a olvidar tanto o eminente magistrado quanto o Ministério Público Federal em São Paulo, que o crucifixo e a Bíblia, são símbolos que ultrapassam em muito uma mera adesão de um Estado a uma religião, o crucifixo e a Bíblia são fecundos símbolos do homem ocidental e de seu encontro com sua humanidade.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

12. A onda laicista totalitária não para por aí nestes dois episódios. O deputado João Campos tem sido criticado na Câmara dos Deputados, por ter presidido a Casa valendo-se em sua mesa, do uso de uma Bíblia, sob o argumento também de que o Estado é Laico como nos noticia o Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, Ives Gandra Martins Filho [01], o que mereceu uma resposta adequada do nobre deputado, a saber, "A resposta do deputado João Campos pareceu-me de muita propriedade: a Bíblia é "fonte de inspiração" para o Legislativo". (grifos nossos)

13. Perfeito também é o raciocínio do eminente Ministro do TST sobre a resposta do deputado, "Por que não poderia sê-lo, se os valores cristãos permeiam toda a nossa história e fazem parte de nossa cultura? No Brasil, com a proclamação da República, o Estado brasileiro deixou de ser confessional para ser laico, o que nunca significou rejeição dos valores cristãos. A atual Constituição Federal, nessa esteira, apenas veda a subvenção ou o estabelecimento de cultos religiosos por parte do Estado, estabelecendo os princípios básicos que regem as relações Igreja-Estado no Brasil: autonomia, cooperação e liberdade religiosa (arts. 5º, VI, VII e VIII, 19, I, 143, §§ 1º e 2º 150, VI, b, 210, § 1º, 213 e 226, § 2º). Ou seja, Estado laico nunca foi sinônimo de Estado ateu, como pretendem alguns atualmente." (grifos nossos).

14. É evidente e cristalina que esta onda interpretativa da Constituição Federal, é apenas uma forma disfarçada de negar ao homem a condição transcendente de sua existência e mais, negar as raízes dos valores fundamentais que informam e formam a vida do homem ocidental.

15. Não é demais, inclusive, lembrar com arrimo nas lições do eminente Prof. Dr. Thomas E. Woods, Jr [02], pela Universidade de Columbia nos EUA, que o direito ocidental é devedor em muito, da Igreja Católica, porquanto,

"Foi no direito canônico da Igreja que o Ocidente viu o primeiro exemplo de um sistema legal moderno, à luz do qual ganhou forma a moderna tradição legal do Ocidente. De igual modo, a lei penal ocidental foi profundamente influenciada, não só pelos princípios legais da lei canônica, mas também pelas idéias teológicas, particularmente pela doutrina da reparação desenvolvida por Santo Anselmo. E, por último, a própria idéia dos direitos naturais, que durante muito tempo se considerou ter surgido e alcançado sua plena formulação por obra dos pensadores liberais dos Séculos XVII e XVIII, teve a origem no trabalho dos canonistas, papas, professores universitários e filósofos católicos. Quanto mais os estudiosos pesquisam o direito ocidental, mais nítida se apresenta a marca que a Igreja Católica imprimiu à nossa civilização e mais nos convencemos de que foi ela a sua arquiteta". (negritos são nossos).

16. Com tanta influência assim do cristianismo em todo ocidente, como assinala o professor norte-americano Thomas Woods, como podemos admitir uma interpretação constitucional que venha a suprimir os crucifixos e as Bíblias de nossos prédios públicos, porque o Estado é laico. Alto lá, isto é um absurdo hermenêutico!

17. Antes de fazermos uma abordagem sobre o Preâmbulo de nossa Constituição Federal, pensemos um pouco sobre a origem da concepção humanista que alimenta os direitos fundamentais dias atuais.

18. O Prof. Fábio Konder Comparato em seu livro clássico, "Ética, Direito, Moral e Religião no mundo moderno", [03] afirma a importância decisiva de Jesus Cristo e do Cristianismo na história da Ética de toda humanidade, porque foi Ele quem ao verberar a condição divina do homem, pontuou que todos somos chamados a construir uma sociedade comunitária, em que todos se irmanem na busca de seu destino comum (o "Reino dos Céus"), com isto,

"Introduziu-se, assim, na ética, a consciência de seu caráter evolutivo, fato que viria a exercer um papel da maior importância nos séculos seguintes. São Tomás retomou o argumento em relação à lei natural, e a teoria contemporânea dos direitos humanos dele se serve para sustentar, de um lado, a irrevogabilidade dos direitos fundamentais já declarados nas Constituições e tratados internacionais e, de outro, a legitimidade de sua ampliação progressiva, conforme a inevitável evolução da consciência ética da humanidade." (grifos meus).

19. A própria distinção entre Estado e Religião, como bem salienta Fábio Konder Comparato, já era frisada com tintas fortes por Jesus quando ensinava, "Daí a César o que é de César e a Deus o que é de Deus". [04]

20. De maneira que o fato dos prédios públicos atuais terem em suas dependências, o uso de crucifixos e Bíblias, longe de afirmar um Estado confessional ou religioso, está a afirmar um Estado fundado nas origens dos direitos humanos, na doutrina humanista cristã que alimenta toda a cultura ocidental.

21. Somente uma visão atea do homem pode extrair do Texto Constitucional a ilação de que os prédios públicos não podem ostentar crucifixos e Bíblias, o que, diga-se de passagem, é uma interpretação frontalmente ofensiva ao preâmbulo de nossa Carta que assim dispõe,

"Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, SOB A PROTEÇÃO DE DEUS, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL."

22. É sabido que o preâmbulo contém uma proclamação de princípios para o ordenamento que acaba de se implantar. O preâmbulo é sim um decisivo elemento de interpretação e integração dos diversos artigos que lhe seguem. É o que nos ensina Alexandre de Moraes [05],

"Apesar de não fazer parte do texto constitucional propriamente dito e, conseqüentemente não conter normas constitucionais de valor jurídico autônomo, o preâmbulo não é juridicamente irrelevante, uma vez que deve ser observado como elemento de interpretação e integração dos diversos artigos que lhe seguem. (o negrito não consta do original)

23. Assim sendo, preâmbulo não é despiendo para o operador do direito, porquanto o seu valor de elemento de interpretação e integração adere a outros artigos e enunciados da Constituição para que assim sejam aplicados fielmente os valores protegidos pelo povo brasileiro.

24. Enquanto elemento de integração e interpretação não autônomo, na dicção acertada de Alexandre Moraes, o preâmbulo é instrumento decisivo para o alcance e interpretação de todas as normas constitucionais. Ou, no dizer de Juan Bautista Alberdi, o preâmbulo serve de fonte interpretativa para dissipar as obscuridades das questões práticas e de rumo para atividade política do governo. [06]

25. Entendido o preâmbulo como fonte interpretativa das normas constitucionais, já podemos afirmar sem qualquer receio de erro, que a Constituição Federal reconhece que a dignidade da pessoa humana está fundada na existência de DEUS. É um nítido reconhecimento Constitucional da natureza espiritual do homem.

26. Atenção caro e dileto leitor. Não consta aqui a afirmação de que o Estado brasileiro adota esta ou aquela religião. O que se está a dizer, porque juridicamente possível, é que para nossa Constituição o homem possui dignidade como pessoa humana por que fundado em DEUS. É a leitura que se deve fazer do preâmbulo em conexão com o art. 1º, III, da Carta Maior.

27. Indagamos, então: e o que mais poderia simbolizar a dignidade da pessoa humana do que um crucifixo e uma Bíblia? Evidentemente, que nada lhes é superior no que concerne aos fundamentos de nossa existência, porque ambos sintetizam a idéia do homem e de seus valores fundantes e de sua própria origem.

28. É verdade que o Brasil, existe a separação entre o Estado e a Igreja, sendo assim o Estado brasileiro é leigo, laico ou não-confessional como bem anota Pedro Lenza. [07] Inclusive, consoante art. 5º, VI, "é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias". Agora, insistimos, o Estado é laico, não tem religião, porém, está fundado sob a proteção de DEUS, por força da norma interpretativa oriunda do preâmbulo, o que implica a dizer que a Constituição brasileira delineia de forma límpida, a afirmação de que o nosso Estado adota um humanismo teocêntrico, noutro dizer, um humanismo fundado em Deus e não no homem (humanismo antropocêntrico).

29. Parafraseando Leonardo Boff, podemos dizer que nos escritórios, nos gabinetes dos magistrados, onde se desenvolve o direito enquanto jogo de puro poder econômico, pode até triunfar o cinismo, o descrédito em tudo e em todos. Porém, não podemos desprezar a aurora que vem, não podemos desfazer o olhar inocente de uma criança, não podemos contemplar com indiferença a profundidade do céu estrelado sem cair no silêncio e na profunda reverência, nos perguntando o que se esconde atrás das estrelas, qual é o caminho da minha vida, o que posso esperar dela? O que é o ser humano que sou e os que me rodeiam? Para que serve o meu trabalho? Qual o sentido do meu trabalho? São perguntas que o ser humano sempre se coloca, e, ao colocá-las revela-se como ser religioso, e, sobretudo com dignidade, uma vez que a dignidade da pessoa humana é valor imanente a todo e qualquer homem.

30. Precisamos avançar no sentido de coibir estas interpretações que só tendem a diminuir a dignidade do homem, de seus valores e de sua vocação à transcendência. É preciso que ouçamos o Ministro Ives Gandra da Silva Martins [08], quando assinala a importância do cristianismo e de seus valores para que construamos uma magistratura fecunda,

"No caso da magistratura, os valores cristãos se tornam ainda mais fortemente "fonte de inspiração" para as decisões, uma vez que "fazer justiça" é, de certo modo, exercer um atributo divino. A justiça humana será tanto menos falha quanto mais se inspirar na justiça divina.



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Com efeito, quando se perde a dimensão vertical da filiação divina, torna-se mais difícil vivenciar a dimensão horizontal da fraternidade humana, tendendo-se para uma sociedade de castas, de exploração de uns pelos outros, com o direito sendo mero instrumento de dominação de uma classe sobre outra, como vaticinou Marx. Só podemos nos chamar realmente irmãos, porque temos um Pai comum. Por outro lado, Cristo mostrou a dignidade imensa do mais humilde dos homens, fazendo-se trabalhador manual e, sendo mestre, lavando os pés dos seus discípulos.

A influência dos valores cristãos é ainda mais sensível para a magistratura do Trabalho, da qual faço parte, pois uma das principais fontes materiais da CLT, segundo o ministro Arnaldo Süssekind, único consolidador vivo, foi a doutrina social cristã.

Os princípios da dignidade da pessoa humana, do bem comum, da destinação universal dos bens, da subsidiariedade, da dignidade do trabalho humano, da primazia do trabalho sobre o capital, da solidariedade e da proteção são norte seguro para a interpretação das leis trabalhistas e solução dos conflitos laborais." (negritos não constam do original).

31. Merece profundos elogios jurídicos a forma como o Ministro do TST, Milton de Moura França, abre as sessões do tribunal, "invocando a proteção de Deus para os trabalhos", como nos informa Ives Gandra da Silva Martins Filho, assim como também o faz o Ministro Ives em sua turma, a 7ª Turma da Corte. Trabalhando desta forma estão eles, ministros, aplicando a Constituição Federal e seus valores fundantes.

32. Pela importância do texto, abrimos aspas novamente para as palavras do Ministro Ives [09], sobre o uso dos sinais religiosos da cruz e da simbologia dos crucifixos, no Tribunal Superior do Trabalho, vejamos,

"Na presidência do TST, o quadro de Leão XIII nos recorda sua encíclica Rerum Novarum, reconhecida mundialmente como a carta magna da justiça social, por mostrar o caminho para escapar dos escolhos de um capitalismo selvagem e de um coletivismo desumanizante.

Nas sessões do pleno, vejo os ministros Carlos Alberto Reis de Paula e Maria Cristina Peduzzi, que se sentam ao meu lado, fazerem o sinal da cruz ao iniciar a sessão. Durante os julgamentos, em casos mais intrincados, os crucifixos colocados nas paredes das salas de sessão do tribunal nos servem de inspiração para acertar. Parece-me salutar, para um magistrado, a consciência humilde de sua falibilidade, sabendo que não julga os outros por estar acima deles, mas é apenas um igual a quem foi confiada a missão de julgar.

Essas são apenas algumas das razões pelas quais entendo que os símbolos cristãos devem continuar engalanando nossos pretórios, lembrando-nos nossas origens, nossa cultura, nossos valores, em estrito cumprimento de nossa carta política, promulgada "sob a proteção de Deus", como alardeado por nossos constituintes. (os negritos não constam do original).

33. Enfim, os crucifixos e as Bíblias existentes em nossos prédios públicos, compreendendo-se aqui as salas de audiências, reuniões, bibliotecas e tudo o mais - devem ser entendidos muito antes de uma ofensa à condição de Estado Laico - como fontes de inspiração e como símbolos de um profundo chamado à ordem de que o homem foi feito para servir. Servir, sobretudo aos mais necessitados e em obediência estrita aos mais importantes valores humanos: o direito à vida, à liberdade e à igualdade, e sob a proteção de Deus como quer o preâmbulo de nossa Constituição Federal, é com base nestes argumentos que entendemos totalmente equivocada a interpretação conferida à Constituição Federal pelo Ministério Público Federal em São Paulo.

34. Como já dito acima, pelo desenrolar das atitudes crescentes, que estamos ver a ser tomadas por nossas autoridades, não demorará em muito a propositura de uma AÇÃO CIVIL PÚBLICA para RETIRADA do CRISTO REDENTOR do espaço público no Rio de Janeiro, afinal, parafraseando o Doutor Procurador Regional da República em São Paulo, milhares de pessoas não cristãs "têm a sua liberdade de crença ofendida" ao ver no nosso Morro do Corcovado no Rio de Janeiro a presença do CRISTO REDENTOR, porque que segundo está interpretação constitucional que vem ganhando espaço no setor público, tal presença é ofensiva a LIBERDADE DE CRENÇA RELIGIOSA, pasmem vocês!

Notas

Cf. "O Estado Laico" O GLOBO, Primeiro Caderno, 14/04/2009.

"Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental". São Paulo: Quadrante, 2008, p. 190.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87CA

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

"Ética. Direito, Moral e Religião no mundo moderno". São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 72.

Cf. Fábio Konder Comparato, op. cit. p. 78.

Direito Constitucional. 19ª ed. São Paulo: Atlas. 2006. p. 15.

Apud. Alexandre de Moraes, op. cit. p. 15.

Direito Constitucional Esquematizado. 10ª ed. São Paulo: Método. 2006. p. 62.

"Estado Laico" op cit.

Cf. "O Estado Laico" op. cit.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Fernando Capez

Recentemente, o Ministério Público Federal ingressou com uma ação civil pública, pleiteando que fossem retirados das repartições públicas do Estado de São Paulo, todos os símbolos religiosos, entre os quais o mais utilizado é a cruz, representação maior da fé cristã. A ação pede a concessão de liminar, denegada pela juíza da 3ª Vara Cível Federal, Dra. Maria Lúcia Lencastre Ursoaia, para a remoção dentro do prazo máximo de 120 dias, sob pena de multa diária. Dentre os argumentos, encontra-se o de que pessoas que se dirigem aos prédios públicos poderão se sentir ofendidas pelos símbolos ou sinais religiosos. A argumentação básica é a de que o Brasil optou por um Estado laico.

Eis a questão: o Estado laico não tolera em suas repartições a expressão da fé em Deus, por meio de símbolos?

De acordo com o filósofo francês Michel Villey, há uma clara e indesejável tendência nos sistemas jurídicos contemporâneos de conferirem à laicidade um conteúdo de antagonismo à religião, deturpando-a em puro laicismo, no qual, a fé é desprezada e totalmente substituída pelo racionalismo profano (A formação do pensamento jurídico moderno, SP, Martins Fontes, 2005). Nega-se a ressurreição de Cristo, bem como seus milagres relatados por testemunhas no Evangelho porque tais fatos ofendem a razão mundana. Tudo o que não for possível demonstrar racionalmente, à luz da compreensão humana não é científico, não é laico, logo, se opõe ao Estado racional e moderno.

Trata-se de uma volta ao movimento iluminista do final do século XVIII, em que a soberba do antropocentrismo e o egoísmo individualista suplanta a crença em dogmas absolutos pré-constituídos.

Laico, no entanto, não quer dizer inimigo da religião.

Etimologicamente, laico ou leigo provém do termo grego *laikós*, que designa o que se refere ao povo (laós). O termo leigo (*laikós*) serve apenas para diferenciar as pessoas consagradas para uma missão especial, tais como os diáconos, presbíteros e bispos, daqueles que são apenas consagrados no batismo (Dom Fernando Antônio Figueiredo, Introdução à Patrística, RJ, Editora Vozes, 2009, p. 46). Laico não designa, portanto, algo não religioso, nem contrário à fé, mas apenas aqueles que não exercitam como vocação, o ministério religioso. Estado laico não é Estado sem fé, ateu ou que se antepõe a símbolos de convicções religiosas, mas tão somente Estado não confessional, sem religião oficial ou obrigatória.

Assim, ao contrário do que parece à primeira vista, a expressão laico não se opõe, nem repudia, mas antes, coexiste pacificamente com as religiões, sem molestá-las ou coibi-las. Aliás, a CF, em seu art. 19, I, prevê até mesmo a possibilidade de aliança entre Estado e Igreja sempre que, nos termos da lei, houver interesse público. Um Estado não confessional significa apenas não regrado por normas religiosas, sem implicar em nenhuma postura comissiva de hostilidade ao *status quo*.

A Constituição Federal de 1988 consagrou o Estado Democrático de Direito, calcado na busca da igualdade formal e material, tem como seu objetivo promover o bem de todos, sem preconceitos de qualquer natureza, e se alicerça na dignidade da pessoa humana. Busca a tolerância mútua e a coexistência pacífica.

Cabe ao Estado e à sociedade em geral não encorajar manifestações de intolerância daqueles que se sintam ofendidos pela livre expressão da fé alheia. A retirada de símbolos já instalados, mesmo que em repartições públicas, leva à alteração de uma situação já consolidada em um país composto por uma quase totalidade de adeptos da fé cristã, e agride desnecessariamente os sentimentos de milhões de brasileiros, apenas para contentar a intolerância e a supremacia da

vontade de um restrito grupo de pessoas.

A Constituição Federal não conformou um Estado ateu, nem hostil ao cristianismo, apenas estabeleceu um regime não confessional. Não há religião oficial, mas também não há política oficial de repúdio à religião.

Gilmar Ferreira Mendes, Inocêncio Mártires Coelho e Paulo Gustavo Gonet Branco observam: *"O Estado brasileiro não é confessional, mas tampouco é ateu, como se deduz do preâmbulo da Constituição, que invoca a proteção de Deus. Admite igualmente, que o casamento religioso produza efeitos civis, na forma o disposto em lei (CF, art. 226, §§ 1º e 2º ...a laicidade do Estado não significa, por certo, inimizade com a fé."* (Curso de Direito Constitucional, SP, Saraiva, 2007, p. 408/409).

Devemos buscar a conciliação como meio de transformar as relações pessoais e pacificar os conflitos. Como ensinou Nelson Mandela, não há futuro para a humanidade sem perdão e reconciliação. Não basta a força e a coerção para a solução das crises nas relações interpessoais. A verdadeira paz não se faz com o silenciar do outro, pois quando há um vencedor, sempre resta um vencido humilhado e pronto a desafogar os instintos de vingança. Paz é curar o coração das pessoas e dos povos. Paz é conseguir que vítimas e agressores se perdoem e se reconciliem. Paz é não se sentir ofendido pela liberdade de expressão alheia, mas, ao contrário, compreendê-la e tolerá-la. A religião tem sido relegada a um plano de separação abismal da vida secular, desperdiçando-se ao longo dos séculos, tantos ensinamentos filosóficos que constam das escrituras sagradas e que poderiam ter levado à solução pacífica dos conflitos e guerras que assolaram a humanidade. Como mecanismo eficaz de inibição da violência, da correção de rumos e da solução de desentendimentos, a religião deveria ser tratada com maior deferência e atenção.

Cabe a todos nós, a tarefa de buscar a união e a tolerância entre Estado e religião, entendida como o complexo de regras calcadas na fé em Deus e na crença do compromisso de paz, harmonia e tolerância com a humanidade.

***Fernando Capez**

Procurador de Justiça e Deputado Estadual. Presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo. Mestre em Direito pela USP e doutor pela PUC/SP. Professor da Escola Superior do Ministério Público e de Cursos Preparatórios para Carreiras Jurídicas.

Site: www.fernandocapez.com.br





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

Em 28 de Outubro de 2009, faço conclusos estes autos à MM^a. Juíza Federal da 3^a Vara Cível da 1^a Subseção Judiciária de São Paulo - Capital, **Dr^a. MARIA LÚCIA LENCASTRE URSALA**.

Eu, _____, subscrevi.

(Aux./Téc.Jud) RF 1724

Processo nº: 2009.61.00.017604-0

Fls. 123/124: Ouçam-se o Ministério Público Federal e a União quanto ao pedido de assistência, no prazo legal.
São Paulo, 28 de Outubro de 2009.

MARIA LÚCIA LENCASTRE URSALA

Juíza Federal

D A T A

Em 28 de Outubro de 2009, recebi estes autos na Secretaria, com o r. despacho supra.

Eu, _____, subscrevi.

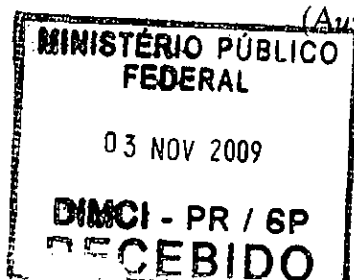
(Aux./Téc.Jud) RF 1724

VISTA

Em 28 de Outubro de 2009 faço vista destes autos ao Ministério Público Federal.

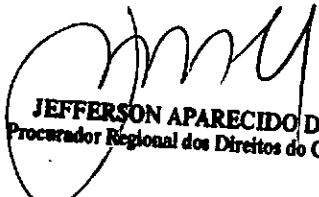
Eu, _____, subscrevi.

(Aux./Téc.Jud) RF 1724



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4

mm. Juíza Federal
manifestação em separado.
Mauilo, 12/11/09


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19
Número do documento: 22070818562298500000248538993
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Rua Peixoto Gomide, 762/768 - Cerqueira César - São Paulo - SP - CEP 01409-904- Fone: (11) 3269-5000

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA 3.^a VARA CÍVEL DA
SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO - CAPITAL.

JFSP - FORUM CIVEL
SEI DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
16/11/2009 14:02 h
Prot. nro. 2009.000309326-



(C NPF)

Processo n.º 2009.61.00.017604-0
Ação Civil Pública
Autor: Ministério Público Federal
Ré: União

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelo Procurador da República abaixo assinado, no exercício de suas atribuições constitucionais e legais, vem respeitosamente diante de Vossa Excelência, nos autos do processo em epígrafe, expor e requerer o que segue:

A "Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania - ABLIRC" pretende o ingresso na lide na condição de assistente do Ministério Público Federal (fls. 123/124).

No presente caso, mostram-se presentes os requisitos descritos no art. 5.º, incisos I e II, da Lei n.º 7.347/85, que estabelecem exigências para legitimidade ativa de associações no que se refere a ações civis públicas. Quanto à pré-constituição, consta que foi registrada no Cartório de Registro Civil em novembro de 2006 (fl. 129). Por fim, quanto à finalidade, nota-se que dentre os objetivos estatutários da Associação encontra-se a defesa da manutenção da liberdade religiosa e da cidadania como direitos inalienáveis (fl. 130). Dessa forma, o Ministério Público Federal não se opõe ao seu ingresso na qualidade de assistente simples.

T:\Dr_Jefferson\PRDC\Peticões\2009.17604-0 - ingresso de assistente litisconsorcial - doc

Documento assinado digitalmente conforme MP n.º 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

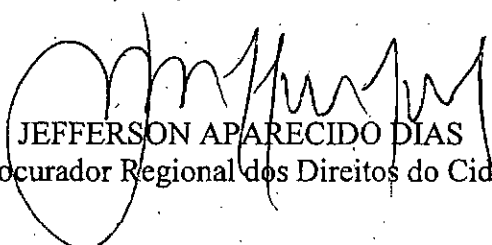
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo

Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Diante do exposto, o Ministério Público Federal requer que seja deferido o ingresso na lide da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA, na condição de assistente simples do autor.

Marília, 12 de novembro de 2009.


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

RECEBIMENTO

Em _____ de 17 NOV 2009 de _____
Recebi estes autos do _____

Judiciário
ELAINE C. CESTARI
R.F. 1724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:19

Número do documento: 22070818562298500000248538993

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562298500000248538993>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

Exmo(a). Sr(a). Dr(a). Juiz(a) da 3ª Vara Cível Federal de São Paulo:

JUNTADA
Em 17 NOV 2009, faço a juntada
da doc. 8 e 9.
Provimento CGCE n.º 166/2009.

Técnica Judiciária - RF 1724

JFSP - FORUM CIVEL
SETOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
05/11/2009 18:50 h
Prot. nro. 2009.000300431-1

2009.61.00.017604-0
[3a.V CIVEL]

Proc. 2009.61.00.017604-0:

Nos autos da Ação Civil Pública movida, em julho/2009, pela Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, a qual objetiva a retirada dos símbolos religiosos dos locais de amplo acesso e de atendimento ao público, nos prédios públicos federais do Estado de São Paulo (desde que respeitada a manifestação da fé dos servidores públicos, em suas mesas e gabinetes):

Dizem: (I) ANÉSIO DE LARA CAMPOS JR., brasileiro, desquitado, advogado, OAB 13446, R.G. 956.995/SSP/SP, com C.P.F. 195.245.578-27, com escritório à rua Guapiaçu 405, CEP 04024-020, Vila Clementino, fone 5584-7078;

(II) UNIÃO NACIONALISTA CRISTÃ, U. N. C., registrada sob nº 64865 em 29-mar.-85 no 3º Registro Civil de Pessoas Jurídicas de São Paulo, cf. anexo doc. 1, por seu Diretor Coordenador e representante legal o advogado supra mencionado;

(III) LIGA ELEITORAL CATÓLICA, L.E.C., registrada sob nº 85278 em 14-agô.-86 nesse cartório, cf. anexo doc. 2, por seu Diretor Coordenador e representante legal o mesmo advogado supra mencionado e infra-assinado;

1. Tomaram conhecimento dessa ação através da revista "Carta Forense" de out.-09, suas capas e suas páginas B-28 e A-28.

2. Redigem esta primeira parte desta petição antes de verem os autos, e, pois, antes de saberem contra quem foi movida a ação, se houve citação editalícia, se há pluralidade de patronos do lado réu, se está em curso prazo para contestação.

3. Se, porventura, houver expirado, formalmente, o prazo para contestação, requeremos sejamos admitidos como assistentes dos réus.

4. Não sabemos se foi citada a Mitra Arquidiocesana de São Paulo, da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, à qual pertence a maioria do povo brasileiro, sendo que essa foi a religião oficial do país desde sua descoberta em 1500 até pouco após o golpe que derrubou a Monarquia do Império do Brasil.

5. Se não o foi, requeremos seja citada essa Mitra, como litisconsorte necessária no polo passivo da ação.

6. Invocamos a C.F., art. 5º, inc. LV, quanto ao direito de ampla defesa.

7. A ação, segundo consta, alega que o Estado Brasileiro seria laico, e que essa laicidade devesse impedir imagens cristãs em prédios ou em repartições públicas federais no Estado de São Paulo, em locais de amplo acesso ao público.

8. Preliminarmente, cumpre notar que o Estado Brasileiro é, oficiosamente, cristão.

9. O dia 25 de dezembro, data da comemoração do **nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo**, é feriado nacional;

- como o é, também, nos países do continente americano em geral (a única exceção, há uns 15 anos atrás, era a Cuba comunista), na Europa em geral (com a possível exceção da Turquia, cuja população é islâmica em cerca de 99 ou 98%, sendo que Istambul é a antiga Constantinopla e a antiga Bizâncio, que outrora tiveram seus Imperadores Romanos com religião oficialmente cristã), em muitos países de África e em vários da Ásia e do Pacífico, assim como na Austrália, Nova Zelândia, ONU e na generalidade dos organismos internacionais.

10. O recesso forense, no S.T.F., no S.T.J., no T.S.T. e nos demais tribunais superiores, assim como nos Tribunais Regionais Federais e nos Tribunais estaduais, era de 20/dez. a 6/jan., período no qual, atualmente, não são publicadas intimações forenses – o chamado “período natalino”, realçando as festividades natalinas, e no qual há férias.

11. A Lei 662, de 6-4-49, com a redação dada pela Lei 10.607 de 19-dez.-02, dispõe serem feriados nacionais os dias 2-nov. (dia de finados) e 25-dez.

12. A Lei 6.802, de 30-jun.-80, em seu art. 1º, dispôs ser **feriado nacional o dia 12 de outubro, consagrado a Nossa Senhora Aparecida** – que, para nós católicos, é a Padroeira e a Rainha do Brasil.

13. A Lei 9.093, de 12-set.-95, em seu art. 2º, diz:

“São feriados religiosos os dias de guarda, declarados em lei municipal, de acordo com a tradição local e em número não superior a 4 (quatro), neste incluída a **Sexta-Feira da Paixão**.”

Dia da comemoração da **crucifixão de Nosso Senhor Jesus Cristo** – e linguagem tipicamente cristã.

14. Os Tribunais e juízos costumam ter recesso também na 5ª-feira da Semana Santa, denominada "Endoenças"; para comemorar melhor; alguns, também na 4ª-feira da Semana Santa, cf. L.O.J.F. 62-II e R.I.S.T.J. 81, parág. 2º, II.

15. O calendário pátrio guarda estreita correlação com o **calendário litúrgico** da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, o qual, **além de fixar a Semana Santa, fixa também os dias de carnaval** – a maior festa popular brasileira –, e os quais antecedem a quaresma, antes da Páscoa;

- a 3ª-feira de carnaval é feriado, e na 2ª-feira de carnaval os fóruns e as repartições públicas em geral não abrem.

16. Os dias de São Sebastião e de São Jorge são festejados no Rio de Janeiro, o de São Paulo em São Paulo, e assim, quanto aos padroeiros, em milhares de municípios do país.

17. O Brasil tem sua representação diplomática perante a Santa Sé.

18. Sobre não publicação da generalidade das intimações, no período natalino, Prov. 553/96, de 15-10-96, do C.S.M. de S.P., BAASP 1.974/3.

19. O preâmbulo da C.F. diz: "promulgamos, **sob a PROTEÇÃO DE DEUS**" – profissão de fé no Creador, Deus único, monoteisticamente, o que afasta o politeísmo. Monoteístas são o cristianismo, o judaísmo e o islamismo.

20. Seu art. 3º, inc. IV, diz: "promover o bem de todos". Ora, o "bem" é um conceito religioso, não jurídico.

21. O art. 5º, em seu inc. II, dispõe: "**ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei**".

22. Ora, **inexiste lei que ordene a retirada de imagens religiosas de repartições ou de prédios públicos.**

23. Invocamos C.F., art. 5º, XXXIV, "a", para esta petição.

24. Cf. C.F., art. 19, "é vedado à União ... igrejas ... embarçar-lhes o funcionamento ... ressalvada ... a colaboração de interesse público".

25. Cf. C.F., art. 215, "O Estado garantirá a todos ... o acesso à fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais."

26. Cf. seu art. 216, "Constituem patrimônio cultural brasileiro ... III - as criações ... artísticas ...; IV - as obras, objetos, ... destinados às manifestações artístico-culturais; ... V - os conjuntos urbanos ... de valor histórico, ... artístico ..."

27. No caso, essas imagens, todas elas obras de arte de alto valor histórico, merecem e fazem jus, pois, à proteção do Estado, pelo seu valor cultural.

28. Quando Khrushchov, chefe do governo soviético, visitou Paris, foi levado a visitar a Igreja Catedral de Notre-Dame, que ele muito apreciou. Depois, nos E.U.A., em plantação de milho, ele disse que havia sido um dos melhores alunos, nas aulas de catecismo.

29. O Presidente da China comunista, em visita ao Brasil, foi levado a visitar a Catedral, em Brasília.

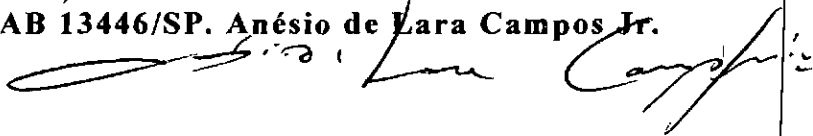
30. No Kremlin, em Moscou, há precioso museu com muitas e belas imagens de Cristo, da Virgem Maria e dos Santos.

31. Putin, quando presidente da Rússia, visitou a imagem do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro.

32. No caso, pois, as imagens devem ficar onde estão, por seu valor e significado cultural e moral, notando-se que a moralidade de reinar na administração pública, cf. art. 37 da C.F.

33. Protestamos aditar, após poder ler a inicial e examinar os autos. // Pedem a justiça gratuita, eis que carecem de meios pecuniários para custas processuais. As pessoas jurídicas postulantes, desde que constituídas, nunca tiveram nenhum dinheiro.

Req. junt., p. d. OAB 13446/SP. Anésio de Lara Campos Jr.



Em tempo:

34. No 3º Ofício Cível, neste fórum Min. Pedro Lessa, nos informaram que, consoante o computador, os autos foram ao M. P. Federal para manifestar-se sobre o "pedido de assistência"; e nos informaram que figura como única ré a União Federal.

35. **A escolha de qual entidade haveria de ser a ré foi, obviamente, mal direcionada e mal intencionada, eis que a União Federal não é entidade representativa da coletividade católica brasileira** – a qual abrange as igrejas católicas romanas de rito oriental, como a maronita (igreja de Nossa Senhora do Líbano), a armênia, a ucraniana perto de São Caetano (a qual segue o rito de São João Crisóstomo), a melquita e outras, assim como as igrejas que se autodenominam "ortodoxas", como a da Catedral sito à rua Vergueiro em frente à Estação Paraíso do Metrô, a russa, a sérbia, a grega, a armênia (perto da Estação Armênia do metrô) e outras, a igreja anglicana e outras protestantes que utilizam imagens sagradas na liturgia – além da comunidade católica romana de rito latino, que é a principal e mais numerosa, sendo a maioria da população brasileira e paulista.

36. Requeremos, pois, a publicação de edital citatório, convidando todos os católicos do Estado de São Paulo e do Brasil a, se quiserem, contestar a

ação, **assim como todas as entidades católicas e de defesa da Civilização Cristã** - associações, sociedades, fundações, ordens e congregações religiosas, mitras diocesanas e arquidiocesanas - mormente as situadas no Estado de São Paulo -, assim como outras entidades, evangélicas ou de outros credos, as que vejam nessa ação um objetivo contrário à **preservação dos valores históricos e culturais do país protegidos pela Lei Maior em seus artigos 215 e 216**, além de eminentemente anti-jurídico, por inexistir lei que ordene essa retirada das imagens, que são tradição multissecular no Brasil, e mais do que milenar em nossa pátria-mãe Portugal.

37. Em anexo, xerocópias das informações prestadas pela Internet, relativas a este processo; não esclarecem de quem sejam as petições de ago., set. e out. de 2009 - 4, ao todo.

38. Consta uma contestação em 23-10-09, e um mandado cumprido em 22-9-09, e outro em 12-8-09. Após indeferimento de tutela antecipada em 18-8-09, e manifestação prévia da União em 18-8-09.

39. As leis 6.802/80, 10.607/02, 9.093/95, e 662/49, cf. itens 12, 11 e 13 desta petição, comprovam que **a legislação ordinária brasileira, assim como o Direito Consuetudinário luso-brasileiro, consagram o cristianismo, e o catolicismo, como religiões oficiosas do Brasil.**



40. Os principais museus e centros culturais do mundo têm, como principais obras de arte, aquelas inspiradas pela religião cristã, como se vê no museu degli Uffizi, em Florença, no do Prado, em Madri, no do Louvre e em Versalhes, na França, no Museu Paulista, no Ipiranga, e no de Arte Sacra, ao lado da igreja de Santo Antônio de Sant'Ana Galvão, em São Paulo, e em tantos outros museus, como na Bélgica, na Áustria, na Baviera, na Renânia, em São Petersburgo, e alhures, como se vê nos guias turísticos da Europa e das Américas: museus que visitámos em Nova Iorque, em Lima, no Rio de Janeiro, no sul, no centro e no norte da Itália, etc.

41. Na Revolução Francesa, confiscaram os bens da igreja, que abrangiam cerca de 1/3 das terras do país; a igreja mantinha as escolas, os hospitais, os asilos, ajudava os pobres. Mas o governo francês, embora laico após o Império de Napoleão III, preservou todas as obras de arte sacra das catedrais, igrejas, mosteiros, conventos, seminários, casas paroquiais, e outras disseminadas pelo país, inclusive nos edifícios históricos dos antigos reis franceses.

42. Pedimos vista dos autos fora de cartório, pelo prazo legal, ou pelo menos por 2 ou 3 dias.

OAB 13446. Anésio de Lara Campos Jr.

Rua Guapiaçu 405, CEP 04024-020, Vila Clementino, fone 5584-7078.

Consulta Processual 1º grau - SJSP e SJMS



Consulta Realizada : 05 de Novembro de 2009 (18:03h)

PROCESSO 2009.61.00.017604-0 [Consulte este processo no TRF]

DATA PROTOCOLO 31/07/2009

CLASSE 1 . Acao CIVIL PUBLICA

AUTOR MINISTERIO PUBLICO FEDERAL

ADV. Proc. JEFFERSON APARECIDO DIAS

REU UNIAO FEDERAL

ADV. Proc. SEM PROCURADOR

ASSUNTO INQUERITO/PROCESSO/RECURSO ADMINISTRATIVO - REVOGACAO E ANULACAO DE ATO ADMINISTRATIVO - ATOS ADMINISTRATIVOS - ADMINISTRATIVO RETIRADA SIMBOLOS RELIGIOSOS LOCAIS AMPLA VISAO PA100000001411/2007-41-A TUTE

SECRETARIA 3a Vara / SP - Capital-Civel

SITUAÇÃO NORMAL

TIPO DISTRIBUIÇÃO DISTR. AUTOMATICA em 31/07/2009

VOLUME(S) 1

LOCALIZAÇÃO C MPF em 29/10/2009

VALOR CAUSA 1.000,00

MOVIMENTAÇÃO PROCESSUAL

Últimas 20 movimentações

Seq	Data	Descrição
<u>25</u>	29/10/2009	REMESSA EXTERNA MINISTERIO PUBLICO VISTA
<u>24</u>	29/10/2009	ATO ORDINATORIO Descrição do Ato: REMETIDO AO MPF Complemento Livre: PARA VISTA
<u>23</u>	28/10/2009	ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)
<u>22</u>	28/10/2009	AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO
<u>21</u>	23/10/2009	JUNTADO(A) PETICAO Descrição do Documento: COSTESTACAO Complemento Livre:
<u>20</u>	13/10/2009	ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)
<u>19</u>	13/10/2009	AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO
<u>18</u>	22/09/2009	JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: CITACAO Complemento Livre: UNIAO FEDERAL
<u>17</u>	28/08/2009	EXPEDIDO/EXTRAIDO/LAVRADO MANDADO Tipo de Mandado: CITACAO Complemento Livre: UNIAO
<u>16</u>	24/08/2009	ATO ORDINATORIO (Registro Terminal)
<u>15</u>	24/08/2009	AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO
<u>14</u>	24/08/2009	RECEBIMENTO NA SECRETARIA
<u>13</u>	20/08/2009	REMESSA EXTERNA MINISTERIO PUBLICO VISTA
<u>12</u>	20/08/2009	ATO ORDINATORIO Descrição do Ato: REMETIDO AO MPF Complemento Livre: PARA VISTA
<u>11</u>	20/08/2009	DISPONIBILIZACAO D. ELETRONICO DE DESPACHO/DECISAO ,PAG. 1646/1651
<u>10</u>	18/08/2009	REMESSA PARA PUBLICACAO DE DESPACHO/DECISAO
<u>9</u>	18/08/2009	DESPACHO/DECISAO LIMINAR/ANTECIPACAO DE TUTELA INDEFERIDA Complemento Livre: Número do Livro : 2 Número do registro : 185

<http://www.jfsp.jus.br/csp/consulta/consinternetpro1a.csp>

5/11/2009

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código F877-EEA9-400C-F3CA e senha 0AF9-1422-D3FE-87C4



238
J

		Folha inicial : 68
8	18/08/2009	AUTOS COM (CONCLUSAO) JUIZ PARA DESPACHO/DECISAO
7	18/08/2009	JUNTADO(A) PETICAO Descrição do Documento: MANIFESTACAO PREVIA Complemento Livre: UNIAO
6	12/08/2009	JUNTADO(A) MANDADO CUMPRIDO Identificação Mandado: INTIMACAO AGU Complemento Livre:

PETIÇÕES PROTOCOLADAS

Últimas 3 Petições

Seq	Data	Descrição
4	16/10/2009	Protocolo de Peticao No. 2009000280134-001, datado em: 15/10/2009
3	14/10/2009	Protocolo de Peticao No. 2009000277744-001, datado em: 13/10/2009
2	29/09/2009	Protocolo de Peticao No. 2009000263843-001, datado em: 29/09/2009

Todas Partes

Todas Fases

Todas Petições

Consulta Processual 1º grau - SJSP e SJMS



Consulta Realizada : 05 de Novembro de 2009 (18:05h)

PROCESSO 2009.61.00.017604-0

PETIÇÕES PROTOCOLADAS

Todas as Petições

Seq	Data	Descrição
4	16/10/2009	Protocolo de Peticao No. 2009000280134-001, datado em: 15/10/2009
3	14/10/2009	Protocolo de Peticao No. 2009000277744-001, datado em: 13/10/2009
2	29/09/2009	Protocolo de Peticao No. 2009000263843-001, datado em: 29/09/2009
1	18/08/2009	Protocolo de Peticao No. 2009000222410-001, datado em: 17/08/2009



UNIAO NACIONALISTA CRISTA

Pelo presente contrato associativo, as seguintes pessoas, a seguir nomeadas e qualificadas e ao final subscritas, convencionam entre si constituir uma associação civil nos seguintes termos:

Nomes e qualificações dos constituintes:

GÉLIO AUGUSTO BARBOSA FREGAPANI, brasileiro, casado, militar, coronel do Exército, domiciliado na S.Q.N.103, bloco "F", apto. 201, Brasília, D.F., R.G. 032618840/6 (032618840/6 M.Ex., com C.I.C. do M.F. 033.434.997/49;

ANÉSIO DE LARA CAMPOS JÚNIOR, brasileiro, desquitado, advogado, com escritório à rua Jorge Chamas nº. 376, CEP 04016, Vila Mariana, São Paulo, S.P., telefones (011) 549-3229 e 570-2135, R.G. 956.995/SP, com C.I.C. do C.P.F. 100.394.228;

SÉRGIO DE VASCONCELLOS, brasileiro, solteiro, estudante, maior, domiciliado à rua General Polidoro nº. 171, apto. 201, fone 541-2527, Botafogo, Rio de Janeiro, R. J., CEP 22.280, R.G. 04457683-3/RJ, com C.I.C. do M.F. 603.328.407/00;

DÁRIO ALVES, brasileiro, casado, advogado, com escritório à rua Brigadeiro Tobias nº. 577, 3ª andar, sala 309, telefone 227-9227, R.G. nº. 2.570.309/SP, C.I.C. do M.F. nº. 064.218.818/15;

UBIRATAN PIMENTEL DA SILVA, brasileiro, solteiro, aeroviário, maior, domiciliado à rua Comendador Queiroz 49, apto. 304-B, Icaraí, Niterói, R.J., fone 711-9745 (portaria), CEP 24.230, reg. 263.700 no cartão de identidade emitido pelo Ministério da Aeronáutica, C.I.C. do M.F. nº. 338835217/87;

Monsenhor Doutor EMÍLIO SILVA DE CASTRO, brasileiro, solteiro, maior, do Cabido Metropolitano da Arquidiocese do Rio de Janeiro, ex-Professor Catedrático da Universidade do Rio de Janeiro e da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Decano da Faculdade de Direito da Universidade Gama Filho, membro do Instituto de Cultura Hispânica, Comendador da Ordem de Isabel a Católica, domiciliado à rua Paigandu nº. 93, apartamento 901, no Flamengo, Rio de Janeiro, R.J., fone 245-6545, CEP 22.210, R.G. 1.506.690 I.F.P./R.J., C.I.C. do M.F. nº. 045.875.537/00;

JÁDER ARAÚJO DE MEDEIROS, brasileiro, viúvo, advogado, Presidente da União Operária e Camponesa do Brasil registrada em março de 1957 sob nº. 4.992 no Livro A-4 do Cartório Castro Menezes de Registro Civil de Pessoas Jurídicas, domiciliado à Av. Rio Branco nº. 185, 18º andar, cj. 1.806, fone 242-7586, no centro do Rio de Janeiro, R. J., CEP 20.040, R.G. 430.323 I.F.P./R.J., C.I.C. do M.F. nº. 111.528.267-00;

JOSÉ THEODORO DA COSTA, brasileiro, casado, funcionário público estadual aposentado da Secretaria da Segurança Pública, domiciliado à rua Salvador Rioléu 183, no Jardim Peri-Peri, em São Paulo, S.P., R.G. 24.354/SP, C. I.C. do M.F. nº. 088.758.048/34;

ISAURA RIBEIRO CERQUEIRA, brasileira, casada, do lar, domiciliada à rua Pereira Nunes nº. 135, apto. 204, Tijuca, (segue no verso)

Gélio Augusto Barbosa Fregapani
Anésio de Lara Campos Júnior
Sérgio de Vasconcellos
Dário Alves
Ubiratan Pimentel da Silva
Monsenhor Emílio Silva de Castro
Jáder Araújo de Medeiros
José Theodoro da Costa
Isaura Ribeiro Cerqueira

Pg.2

na cidade do Rio de Janeiro, R.J., fone 258-3602,
R.G. 421.216/GB., C.I.C. do M.F. 227.744.327/15 ;

ARISTIDES BAHIA ÁGUILA, brasileiro, solteiro ,
fusileiro naval aposentado, domiciliado à rua
Macunaíma 463, CEP 21.361, Rio de Janeiro, R.J.,
fone 391-1768, com registro nº. 29.087 do Minis-
tério da Marinha, C.I.C. do M.F. 184.675.047/49;

3.º REGISTRO DE NÚMEROS E DOCUMENTOS
A Certidão de registro deste documento
encontra-se no verso da última das
folhas que o compõem
Fls. N.º 02



Num. 256305324 - Pág. 2

(H) Cooperar com as pessoas de boa vontade em geral, entidades e organizações, nacionais, multinationais e estrangeiras, na defesa da Civilização Cristã e da defesa do mundo livre;

(I) Cooperar com todos os demais nacionalismos cristãos dos povos irmãos, mormente dos demais povos das Américas do Sul e Central, e das nações vítimas da opressão comunista;

(J) Defender os princípios fundamentais da economia de livre mercado, da livre utilização dos recursos naturais e intelectuais pela iniciativa particular, da liberdade parental de escolher a educação a ser dada a seus filhos segundo os ditames de suas próprias consciências, e da liberdade de edições de periódicos, boletins e livros, de emissão radiofônica e de televisão, de comunicações em geral, de reunião e de associação, respeitadas as normas legais destinadas a restringir e reprimir a difusão de ideologias perniciosas marxistas-leninistas;

(K) Defender as legítimas autoridades dentro dos grupos naturais, tais como a autoridade dos pais na família, a autoridade do empresário na empresa, a autoridade do Alto Comando das Forças Armadas na proteção à Segurança Nacional;

(L) Prestigiar os que lutam contra o expansionismo comunista em todas as partes do mundo, mormente nas Américas Central e do Sul, dando-lhes apoio moral, e, quando possível, logístico;

(M) Pugnar pela libertação de todos os povos subjogados por regimes comunistas, dando apoio moral e, quando possível, logístico, a todos os respectivos movimentos nacionalistas de libertação meritorios;

(N) Incentivar a formação de um mercado comum ibero-americano diminuindo as barreiras alfandegárias entre os povos irmãos de modo a integrar suas economias.

Art. 6º - Os meios a serem usados são, entre outros:

- (a) Publicação de boletins, circulares, livretos, livros, periódicos, relatórios, cartas-abertas;
- (b) Intercâmbio de informações com organizações paralelas e convergentes.

Capítulo III

Da Diretoria e dos Colegiados

Art. 7º - Esta associação é regida por uma Diretoria com os seguintes cargos e funções, inicialmente preenchidos pelos seguintes associados:

(a) Diretor Coordenador, Anésio de Lara Campos Júnior, para representar a associação judicial e extrajudicialmente perante os Poderes Públicos e terceiros em geral, e coordenar as atividades dos associados para quem, quando aumentar o número dos associados, seja escolhida uma Diretoria mais ampla, com maior número de Diretores e cargos, promovendo desde logo a gradual consecução dos objetivos da associação, designando coordenadores locais e no futuro regionais;

(b) Presidente do Conselho, Coronel Célio Augusto Pires, para dirigir a associação que é o órgão supremo normativo da associação.

237
64865
§ ÚNICO: A reforma dos estatutos, compete ao Conselho Co-
legiado. - 5 -

Capítulo IV
Dos Associados

Art. 8º - É livre a participação, na associação, de todos os brasileiros maiores de idade, ou, quando menores, mediante autorização ou assistência paterna ou materna.

Art. 9º - Poderá a Diretoria impedir o ingresso na associação de candidatos suspeitos de serem hostis aos ideais desta entidade, bem como excluir membros no mesmo caso, ressaltando-se aos interessados o direito de defesa, em sindicância cuja regulamentação será traçada pelo Departamento Jurídico desta associação.

Capítulo V
Disposições Finais

Art. 10º - Os membros não respondem subsidiariamente pelas obrigações desta associação.

Art. 11º - Esta associação extinguir-se-á mediante deliberação unânime de todos os membros de seu Conselho e Diretoria, se for o caso, e, em tal hipótese, sua Diretoria destinará o patrimônio desta associação a uma instituição de caridade que então escolherá.

Art. 12º - Fica eleito o foro da Capital de São Paulo para dirimir qualquer dúvida ou controvérsia que surja na interpretação ou aplicação deste contrato.

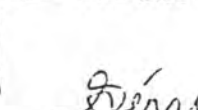
Art. 13º - Fica autorizado o registro deste contrato em Cartório de Registro de Pessoas Jurídicas da comarca de São Paulo, para aquisição da personalidade jurídica.

E, por estarem assim avençados, subscrevem o presente documento os associados fundadores.

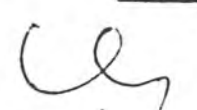
Brasília, 22 de janeiro de 1985.

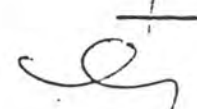

Coronel Gelio Augusto Barbosa Fraga


Anesio de Lara Campos Junior - OAB-13446.


Sergio de Vasconcellos


Dario Alves


Antonio Thodorico de Brito


Vitorino de Almeida

3.º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
A Certidão da registro deste documento encontra-se no verso da última das folhas que o compõem.
Fls. 106

Mon. Sr. Doutor Sérgio de Castro
Yader Araujo de Almeida
Isaura Ribeiro Cerqueira
Anistides Maria Aguiar

3.º R.P.J. - SP	
Ato - Registro	
Ao Serventário -	19.500
Ao Estado	5.265
Ao Ipeap	3.900
Outros	
TOTAL	28.665
PAGO	

201
Cópia autêntica do original
Assinado digitalmente por: [assinatura]
Data: 29 MAR 85
Assinado digitalmente por: [assinatura]

Selecione Taxas devidas ao Estado e Carteira de serventias recolhidas por verba.

3.º CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS
ALUGUEIRO NETTO
Rua Po. Mendel de Andrada, 20 - Tel: 07-2136 (PABX)
APRESENTADO EM HOMENAGEM, PROTOCOLADO E REGISTRADO
EM INCORPORAÇÃO SOB N.º 64865
São Paulo, 29 MAR. 85

Escrivão: Bel. José Maria Souto
Chefe de Seção: Bel. José Alves Ribeiro Chagas
Escriventes Autorizados:
Ed. Francisco A. Chaves - Bel. José Torquato dos Santos
Edson Bueno Celar - Luiz Carlos da Silva - Nelson Wolochya



Pelo presente instrumento particular de contrato de constituição da associação civil denominada LIGA ELEITORAL CATÓLICA, as seguintes pessoas físicas e jurídicas contratam sua constituição nos termos das cláusulas subseqüentes infra:

São fundadores desta associação as seguintes pessoas:

(1) ANÉSIO DE LARA CAMPOS JÚNIOR, brasileiro, desquitado, advogado, com escritório à rua Jorge Chamas nº 376, Vila Mariana, CEP 04016, nesta Capital, com telefones 549-3229 e 570-2135, R.G. 956.995-SSP/SP, CIC do CPF 100.394.228/87, OAB-SP 13.446;

(2) LUIZ FERNANDO GARCIA DE OLIVEIRA, brasileiro, casado, advogado, com escritórios em Brasília, D.F., na S.Q.S. 107, Bloco "A", conjunto 106, e em São Paulo, S.P., à alameda Santos 2.527, conjunto 33, R.G. 3.543.287-SSP/SP, CIC do CPF 157.944.908/53, OAB-DF 1.420;

(3) EDUCANDÁRIO SANTO IVO, fundação educacional e de assistência social, registrada em 18 de julho de 1969 no Registro de Pessoas Jurídicas de Eldorado, S.P., com domicílio civil e escritório central à rua Jorge Chamas nº 376, São Paulo, S.P., neste ato representado por seu Diretor Presidente o dr. Anésio de Lara Campos Júnior;

(4) VIDALINO TORRANO, brasileiro, solteiro, dentista, domiciliado à rua Senador Felício dos Santos 371, com R.G. 1.668.932/SSSP/SP, CIC do CPF 011.123.688/68;

(5) FERNANDO ANTÔNIO DA SILVA AREAS, brasileiro, desquitado ou seja separado judicialmente, do comércio, domiciliado à Alameda Santos 2.527, conjunto 33, com R.G. 1.805.575, SSP/SP, CIC do CPF 069.526.238-68;

(6) PAULO FERNANDO KASSEB, brasileiro, solteiro, maior, domiciliado à Al. Joaquim Eugênio de Lima 1516, apto. 41, com R.G. 7.156.069 e CIC do CPF 956.466.988/04;

convencionam, neste ato, constituir uma associação civil, de fins educacionais e de assistência social, destinada à divulgação da Doutrina Social Católica, nos seguintes termos:

Capítulo I - Da Denominação, Sede, Prazo e Foro

1ª.) Esta associação denomina-se LIGA ELEITORAL CATÓLICA; portanto, suas iniciais são "L.E.C.";

2ª.) Sua sede jurídica é à rua Jorge Chamas nº. 376, no primeiro cômodo ali edificado, à esquina da rua Professor Ascendino Reis, CEP 04016, na Vila Mariana, na Capital do Estado de São Paulo;

3ª.) É constituída por prazo indeterminado;

4ª.) Seu foro é o de São Paulo, S.P., Distrito Central, com expressa exclusão de qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

Capítulo II - Dos Objetivos e Meios para sua Consecução.
5ª) A Liga Eleitoral Católica inspira-se nas fontes, nos objetivos e nos ideais que nortearam Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra quando, como Arcebispo do Rio de Janeiro, promoveu a publicação do Aviso nº. 239, de 20 de setembro de 1932, da Cúria Metropolitana, objetivando ' facilitar aos eleitores católicos, e a outros eleitores desejosos do bem comum, terem informações autorizadas, oriundas dos candidatos a cargos eletivos constituintes, legislativos e executivos, quanto a seus compromissos ' de respeito e defesa, na Assembléia Constituinte, no Congresso Nacional e nos Governos da União Federal e dos Estados-membros, uma vez eleitos e empossados, dos postulados fundamentais do Direito Natural e da Doutrina Social Católica, à luz das Encíclicas Pontifícias .

6ª.) A L.E.C. não é, não será e nunca poderá tornar-se ' um partido político, nunca apresentará ou indicará candidatos ou candidato a qualquer cargo eletivo, mas, ao invés, é entidade apartidária e suprapartidária; convoca todos os católicos e cristãos a dela participarem, na defesa de seus sagrados princípios, fundados na Lei de Deus, e na Lei Natural, feita pelo Creador, e na defesa ' dos sacrossantos direitos da Santa Madre Igreja, Corpo ' Místico de Cristo, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo.

7ª.) Os candidatos aos principais cargos eletivos no ' Brasil serão respeitosamente consultados, pela L.E.C., na medida de suas possibilidades, quanto aos principais temas que possam ser importantes, na época e na ocasião, no que diz respeito aos principais valores da Civilização- Cristã, da Cultura Cristã, da Sociedade Cristã , do Estado Cristão, da Família Cristã, da Educação Cristã, do Trabalho Cristão, da Economia Cristã, dos Meios ' de Comunicação à luz da Doutrina Cristã, para fins de proteção e defesa dos direitos fundamentais da pessoa ' humana, da sociedade nacional e da internacional, e da Igreja.

82.) A L.E.C. solicitará aos candidatos aos principais 'postos eletivos que manifestem o seu pensamento e pro-
pósitos, para conhecimento do eleitorado católico e dos
cristãos e pessoas de boa vontade em geral, a respeito,
exemplificativamente, dos seguintes assuntos:

- (a) Invocação da proteção de Deus no preâmbulo da Cons-
tituição;
- (b) Reconhecimento dos direitos e deveres humanos funda-
mentais;
- (c) Liberdade eclesial de pregação do Evangelho e da dou-
trina tradicional e universal da Igreja;
- (d) Rejeição de monopólio educativo por órgãos estatais;
- (e) Permissão do ensino religioso nas escolas públicas ;
- (f) Legislação trabalhista para os trabalhadores da cida-
de e do campo segundo as normas da Justiça Social;
- (g) Respeito à propriedade particular, inclusive à pro-
priedade privada dos meios de produção como regra geral;
- (h) Respeito aos direitos adquiridos das pessoas jurídi-
cas eclesiais - A Igreja Católica Apostólica Romana sob
a suprema autoridade do Sumo Pontífice na Santa Sé, as
Mitras Arquidiocesanas e Diocesanas, as Ordens e Congre-
gações Religiosas, as Ordens Terceiras e Irmandades e
Confrarias Religiosas, as Paróquias, e outras entidades
religiosas - às suas personalidades jurídicas (inclusive
quanto anteriores à vigência do Código Civil em 1.º de
janeiro de 1917, ou anteriores à proclamação da Repúbli-
ca em 15 de novembro de 1889, ou anteriores à nova Cons-
tituição a ser feita no futuro próximo), ao seu patrimô-
nio, constituído por Catedrais, Igrejas, Mosteiros, Con-
ventos, e outras casas de Ordens e Congregações religio-
sas, Seminários, Casas Paroquiais, objetos do culto reli-
gioso, museus das Cúrias, bibliotecas e arquivos históri-
cos, bens imóveis e móveis em geral adquiridos a títulos
gratuitos ou onerosos em qualquer tempo e época (durante
a República, o Império, o Reino ou a Colônia), e à livre
administração e disponibilidade de seus bens, inclusive
editoras e periódicos, respeitada a Doutrina Social Cató-
lica e, consoante ela, a Segurança Nacional;



(i) Restrição e proibição ao funcionamento e organização de associações, sociedades, fundações, partidos políticos e entidades em geral que tenham por objetivo, ostensivo ou disfarçado, pregar a guerrilha subversiva, a derrubada das instituições tradicionais principais da nação, a luta de classes, a ditadura marxista-leninista, a estatização das terras, plantações e edificações, da indústria e do comércio, o capitalismo de Estado monopolizador da produção econômica em geral, a estatização dos Bancos e empresas de financiamento, ou da produção pecuária, pesqueira, extrativa ou horti-granjeira em geral; tendo em vista especialmente a Carta Pastoral do Episcopado Brasileiro, subscrita no Rio de Janeiro em 8 de setembro de 1937 por Dom Sebastião, Cardeal Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, mais 19 outros Arcebispos, mais 46 Bispos, 7 Prelados, 3 Vigários Capitulares, 12 Administradores Apostólicos e (e) 2 Prefeitos Apostólicos, contra o comunismo ateu, (publicada na revista "A Ordem", do Centro Dom Vital, edição de outubro de 1937, páginas 285 a 293);

(j) Assistência religiosa às Forças Armadas, prisões e hospitais;

(k) Livre prática do culto religioso nos cemitérios;

(l) Casamento religioso com efeitos civis;

(m) Isenção de pagamento de impostos ao patrimônio eclesial e de entidades de educação e/ou de assistência social;

(n) Manutenção das relações diplomáticas com a Santa Sé.

9º.) A Liga Eleitoral Católica informará, ao eleitorado católico em especial, e brasileiro em geral, através de impressos e outros meios de comunicação, os compromissos que os candidatos a cargos eletivos houverem assumido nos temas que forem objeto das consultas, a fim de facilitar votos conscientes, conscienciosos, voltados para o bem comum;

10º.) A L.E.C. poderá, oportunamente, colher abaixo-assinados dirigidos a autoridades estrangeiras, solicitando a reabertura, ao culto religioso, de catedrais e outras igrejas fechadas e/ou confiscadas por governos anteriores.

William Foxworth
Foxworth & Co

1. *Calliandra*

[Faint, illegible handwriting, possibly a signature or name.]

02



142.) O Conselho Nacional da L.E.C. redigirá, oportunamente, seu Regimento Interno, prevendo o modo de seu funcionamento e da tomada de suas deliberações.

§ 12. - Não poderão votar, no Conselho Nacional, os que se recusarem a assinar os seguintes abaixo-assinados:

- (a) Ao Governo da Lituânia, pedindo a restituição, à administração da Igreja Católica Apostólica Romana e à liberdade de culto e de pregação do catecismo, e do Evangelho, da Catedral de Vilna, e das demais igrejas católicas existentes no país, outrora da Igreja;
- (b) Ao Governo da Rússia, ao da Ucrânia, ao da Rússia Branca, pedindo iguais restituições, quanto às Catedrais e igrejas existentes nesses países, as quais eram no passado da Igreja Católica Romana;
- (c) Ao Governo da União Soviética, no mesmo sentido;
- (d) Ao Governo da Albânia, pedindo a restituição de todas as igrejas que foram católicas no passado, à liberdade de culto e de pregação do Evangelho e do catecismo;
- (e) Aos Governos da Romênia, Bulgária, Iugoslávia, Tchecoslováquia, Hungria, Polónia, Alemanha Oriental, China continental, Vietnã, Coreia do Norte, e outros que hajam estatizado, confiscado ou fechado igrejas católicas romanas, no mesmo sentido da restituição delas à livre administração e posse pela Igreja Católica Apostólica Romana, para livre pregação, nelas, do Evangelho e do catecismo;
- (f) Ao Governo da França, para que devolva à Igreja Católica Apostólica Romana todas as Catedrais, igrejas, mosteiros, conventos, seminários e outras edificações outrora de uso eclesiástico, e das Ordens e Congregações Religiosas, que confiscou, estatizou ou "nacionalizou", restituindo a propriedade respectiva.

§ 22. - Não poderão votar, no Conselho Nacional, os que, através de escritos ou pronunciamentos públicos de sua responsabilidade, preguem ideologia ou sistema político ou econômico incompatível com as finalidades expostas nas letras de "a" até "n" do art. 82. retro, salvo se a diferença for em grau mínimo e secundário.

15.º.) A L.E.C. poderá, através de seu Conselho Nacional e/ou através de seu Diretor Coordenador, requerer em juízo a dissolução e fechamento das sociedades e associações de fins subversivos da Ordem Social, fins esses ostensivos ou disfarçados enunciados na letra "i" do art. 8.º. retro, inclusive no que diz respeito aos partidos comunistas, reunindo, para esse fim, as provas, e propugnando pela adoção de normas constitucionais e legais mais severas na matéria, (para que não mais lhes seja cedida a rede nacional de telecomunicação a título gratuito por longo tempo no horário nobre, por exemplo).

16.º.) Fica reservado a Sua Santidade o Papa, Sumo Pontífice Romano, o direito de veto sobre qualquer alteração na redação do art. 8.º. deste contrato associativo.

Capítulo IV - Da alteração do contrato, e disposições finais.

17.º.) O Conselho Nacional poderá alterar os artigos deste contrato, atendido o disposto nos arts. 13.º., 14.º. e §§ e 16.º.

18.º.) Os associados, diretores e conselheiros não respondem solidariamente por qualquer eventual débito desta associação.

§ 1.º. - Nenhum diretor tem poderes para contrair débito cambial em nome desta associação, (podendo porém o Coordenador movimentar as contas bancárias), ou para outorgar fiança ou aval.

§ 2.º. - Todos os associados e cooperadores que prestarem serviços a esta associação fá-lo-ão a título gratuito; nenhum será remunerado.

19.º.) Em caso de dissolução desta associação, o patrimônio que houver adquirido e tiver terá o destino que lhe for atribuído pelo Conselho Nacional, ou, em sua omissão, pela última Diretoria.

28 JUL 1996

(Luiz Fernando Garcia de Oliveira)

DAF-SP
13446

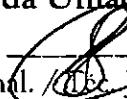
Num. 256305324 - Pág. 14



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

VISTA

Em 23 de novembro de 2009, faço vista destes autos à Advocacia Geral da União - AGU.

Eu, , subscrevo.
Anal. / Téc. Jud. RF 5.807.

Processo nº. 200961000176040

M. M.ª J. J. J.

Pela União,

ciente, nesta data, do
n. despacho de fls. 221.

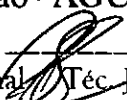
Manifesto-me em apartado

Lucila M. Plato Garbelini

Advogada da União
AGU - PRU 3ª Região SP/MS

RECEBIMENTO

Em 16-12-09, recebi estes autos da
Advocacia Geral da União - AGU.

Eu, , subscrevo.
Anal. / Téc. Jud. RF 5.807.





Em 1 JAN 2010, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE nº 100/2009.

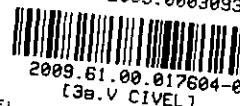
Técnica Judiciária - RF 1724

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Rua Peixoto Gomide, 762/768 - Cerqueira César - São Paulo - SP - CEP 01409-904 - Fone: (11) 3269-5000

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA 3ª VARA CÍVEL DA
SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO - CAPITAL.

JFSP - FORUM CIVEL
SETOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
16/11/2009 14:02 h
Prot. nro. 2009.000309326



(C. MPF)

2009.61.00.017604-0
[3a.V CIVEL]

Processo n.º 2009.61.00.017604-0
Ação Civil Pública
Autor: Ministério Público Federal
Ré: União

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelo Procurador da República abaixo assinado, no exercício de suas atribuições constitucionais e legais, vem respeitosamente diante de Vossa Excelência, nos autos do processo em epígrafe, expor e requerer o que segue:

A "Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania - ABLIRC" pretende o ingresso na lide na condição de assistente do Ministério Público Federal (fls. 123/124).

No presente caso, mostram-se presentes os requisitos descritos no art. 5.º, incisos I e II, da Lei n.º 7.347/85, que estabelecem exigências para legitimidade ativa de associações no que se refere a ações civis públicas. Quanto à pre-constituição, consta que foi registrada no Cartório de Registro Civil em novembro de 2006 (fl. 129). Por fim, quanto à finalidade, nota-se que dentre os objetivos estatutários da Associação encontra-se a defesa da manutenção da liberdade religiosa e da cidadania como direitos inalienáveis (fl. 130). Dessa forma, o Ministério Público Federal não se opõe ao seu ingresso na qualidade de assistente simples.

T: Dr. Jefferson PRDC/Petição 2009.17604-0 - Ingresso de assistente litisconsorcial - doc

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 4B9E-7FE2-F2CF-2A69 e senha C5FA-B2B7-4E2B-B3F4

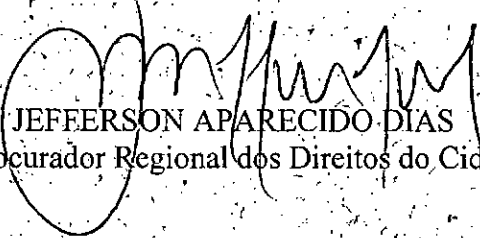
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo

Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Diante do exposto, o Ministério Público Federal requer que seja deferido o ingresso na lide da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA, na condição de assistente simples do autor.

Marília, 12 de novembro de 2009.


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão

2/2

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 4B9E-7FE2-F2CF-2A69 e senha C5FA-B2B7-4E2B-B3F4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:22

Número do documento: 22070818562152400000248538994

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562152400000248538994>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



JUNTADA
Em 1. JAN. 2010, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 100/2008.

Técnica Judiciária - RF 1724

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Excelentíssimo(a) Senhor(a) Doutor(a) Juiz(a) Federal da 03ª Vara da Seção
Judiciária de São Paulo

JFSP - FORUM CIVEL
SETOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
26/11/2009 14:58 h
Prot. nro. 2009.000319912-1



LC/ AGU

AÇÃO CIVIL PÚBLICA
PROCESSO N. 2009.61.00.017604-0
AUTOR: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
RÉ: UNIÃO

A **UNIÃO**, por seus advogados infra-assinados, nos
autos do processo em epígrafe, vem, respeitosamente à presença de V. Exa.,
em atenção ao r. despacho de fls. 221, para informar que não se opõe ao
pedido de ingresso da Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e
Cidadania, na qualidade de assistente simples do Ministério Público Federal.

Termos em que,
P. Deferimento.

São Paulo, 25 de novembro de 2009.

Lucila Morales Piato Garbelini
Advogada da União

MÁRCIO OTÁVIO LUCAS PADULA
Coordenador do Grupo de Matérias Residuais
PRU - 3ª Região

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 4B9E-7FE2-F2CF-2A69 e senha C5FA-B2B7-4E2B-B3F4



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

Em 11 de Janeiro de 2010, faço concluso este expediente à MMª. Juíza Federal da 3ª Vara Cível da 1ª Subseção Judiciária de São Paulo - Capital, **Drª. MARIA LÚCIA LENCASTRE URSALA**.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.) RF 1724

Processo nº: 2009.61.00.017604-0

1. Nada a considerar quanto à petição de fls. 224 e seguintes, eis que os peticionários não são réus nesta ação.

2. Tendo em vista a manifestação das partes, defiro a inclusão de ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC como assistente simples do Autor. Ao SEDI para as anotações necessárias.

3. Após, verificando-se a hipótese do artigo 330, I do CPC, façam-me os autos conclusos para sentença.

São Paulo, 11 de Janeiro de 2010.

MARIA LÚCIA LENCASTRE URSALA
Juíza Federal

D A T A

Em 11 de Janeiro de 2010, recebi este expediente na Secretaria, com o r. despacho supra.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.) RF 1724

REMESSA

Em 11 de Janeiro de 2010 remeto estes autos ao SEDI.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.) RF 1.724

Justica Federal de 1.Grau Civel
Termo de Prevencao Parcial
Emissao: 19/01/2010 as 13:12 por LNS

(LPA)

Senhor Juiz Federal da 3a. Vara

Informo a Vossa Excelencia, para as providencias cabiveis, que o
Processo n. 2009.61.00.017604-0 nao apresentou, ate a presente data,
relacao de provaveis prevencoes tanto nas Varas quanto nos JEF's.

Sao Paulo, 19 de Janeiro de 2010.

bus *de 303+*
SETOR DE DISTRIBUICAO - SEDI

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 4B9E-7FE2-F2CF-2A69 e senha C5FA-B2B7-4E2B-B3F4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:22

Número do documento: 22070818562152400000248538994

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562152400000248538994>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

251
P

RECEBIMENTO

Em 21 de Janeiro de 2010 ,

recebi estes autos da SEDI.

Eu, JM, subscrevi.

Técnico Judiciário – RF 752

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 4B9E-7FE2-F2CF-2A69 e senha C5FA-B2B7-4E2B-B3F4



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:22

Número do documento: 22070818562152400000248538994

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562152400000248538994>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

ENCERRAMENTO DO 1º VOLUME

C E R T I D ã O

C E R T I F I C O e dou fé que,
nesta data, procedi ao encerramento do
primeiro volume destes autos de AÇÃO
Civil Publica nº 2009.61.00.017604-0

São Paulo, 27 de Janeiro de 2010.

Eu, _____, subscrevo.

(Téc. Judiciário) RF 1724

volencer



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL



ARE 1249095 - VOL 2

Supremo Tribunal FederalSTFDigital
ARE 1249095 - 05/12/2019 12:02
0017604-70.2009 4 03 6100



SEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO

PROC....: 0017604-70.2009.403.6100 (200961000176040) Vol: 2
Classe.: 1 - Acao CIVIL PUBLICA Prot: 31/07/2009
Assunto: INQUERITO/PROCESSO/RECURSO ADMINISTRATIVO - REVOGACAO E ANULACAO DE ATO
ADMINISTRATIVO - ATOS ADMINISTRATIVOS - ADMINISTRATIVO
AUTOR.....: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL
Advog...: Proc. JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro
REU.....: UNIAO FEDERAL
Advog...: Proc. SEM PROCURADOR
DISTR. AUTOMATICA - 31/07/2009 3a CIVEL
Data de em: 19/01/2010 Fls. 249

TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL

0017604-70.2009.4.03.6100 SP VOL 2 AUT 25.06.2013
Nº antigo: 2009.61.00.017604-0 Classe: AC 1868675
APELAÇÃO CÍVEL
APTE : Ministerio Publico Federal
PROC : JEFFERSON APARECIDO DIAS
APDO : Uniao Federal
ADV : TERCIO ISSAMI TOKANO
PARTE A: ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA
- ABLIRC
ADV : THIAGO BALAT BARBOSA
INQUERITO/PROCESSO/RECURSO ADMINISTRATIVO/ATOS ADMINIST/ ADMINIST
DISTR. POR DEPENDENCIA/PREVENÇÃO EM 25.06.2013
RELATOR: DES.FED. ALDA BASTO - QUARTA TURMA



0017604 - 70.2009.403.6100

1.285/1





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

ABERTURA DO 2º VOLUME

C E R T I D ã O

C E R T I F I C O e dou fé
que, nesta data, procedi à
abertura do **segundo** volume
destes autos de **AÇÃO Civil**
Publica nº 2009.61.00.017604-0

São Paulo, 27 de Janeiro de 2010.

Eu, _____, subscrevo.

(Téc. Judiciário) RF 1724

volabert.doc

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:23
Número do documento: 22070818562420100000248538995
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



JUNTADA

Em 27 JAN 2010, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 100/2009.

Analista/Técnico Judiciário - RF

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Rua Peixoto Gomide, 762/768 - Cerqueira César - São Paulo - SP - CEP 01409-904- Fone: (11) 3269-5000

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA 3.^a VARA CÍVEL
DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO - CAPITAL.

JFSP - FORUM BAURU
SETOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
18/01/2010 17:50 h
Prot. nro. 2010.080002405-1
2009.61.00.017604-0
[3a.V CÍVEL]
(C SED1)

Processo n.º 2009.61.00.017604-0
Ação Civil Pública
Autor: Ministério Público Federal
Réu: União Federal

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelo Procurador Regional dos Direitos do Cidadão Substituto abaixo assinado, no exercício de suas atribuições constitucionais e legais, vem respeitosamente diante de Vossa Excelência, manifestar-se e requerer o que segue:

Primeiramente, conquanto este Juízo haja proferido despacho em 11 de janeiro de 2010, indicando a possibilidade de se julgar antecipadamente a lide na forma do art. 330, inciso I, do CPC, o Ministério Público Federal pretende produzir provas acerca da situação fática exposta na inicial, notadamente, a oitiva de testemunhas. Dessa forma, há necessidade de se proceder à instrução processual antes do julgamento da demanda.

Além disso, é de rigor informar a ocorrência de fatos importantes que podem nortear a compreensão jurídica deste Juízo quanto ao pedido veiculado na presente ação civil pública, uma vez que dão sustentação à tese jurídica do autor.

Documento assinado digitalmente conforme MP n.º 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC

Em 03 de novembro de 2009, a Corte Européia de Direitos Humanos, com sede em Estrasburgo, na França, condenou o Governo da Itália, a pagar indenização de 5.000 (cinco mil) euros à cidadã italiana de origem finlandesa Soile Lautsi, diante da resistência deste em retirar do Instituto Público Vittorino da Feltre, localizado na cidade de Abano Terme, na Província italiana de Padova símbolos religiosos. Assim, aquele Tribunal de Direitos Humanos confirmou que a ostentação de símbolos religiosos em repartições públicas atenta contra o direito universal à liberdade religiosa e à não discriminação.

A respeito, segue notícia veiculada na rede mundial de computadores:

"Itália - Corte Europeia condena Itália por manter crucifixos em escolas

A Corte Europeia de Direitos Humanos, com sede em Estrasburgo, determinou nesta terça-feira que o governo italiano terá de pagar 5.000 euros de indenização por danos morais a Soile Lautsi, cidadã italiana de origem finlandesa, que apresentou um recurso contra a exposição de crucifixo em instituições de ensino. Em 2002, Lautsi tinha pedido para o instituto público Vittorino da Feltre, localizado na cidade de Abano Terme, na Província italiana de Padova, e frequentado por seus filhos, de 11 e 13 anos, que retirasse os objetos religiosos, mas a solicitação foi negada. Em sua decisão, a Corte Europeia entendeu que a presença de símbolos de representação religiosa em escolas constitui "uma violação [dos direitos] dos pais em educar seus filhos segundo suas próprias convicções" e uma "violação da liberdade de religião dos alunos". "A presença do crucifixo --que era impossível não notar nas salas de aula-- pode ser facilmente interpretadas pelos alunos de todas as idades como um sinal religioso e eles poderiam sentir que estavam sendo educados em um ambiente escolar com a marca de uma determinada religião", diz o texto da decisão da Corte Europeia, a primeira do gênero. "O tribunal não foi capaz de compreender como a exibição, em salas de aula nas escolas do Estado, de um símbolo que pode razoavelmente ser associado com o catolicismo --religião majoritária na Itália-- poderia servir ao pluralismo educacional que foi essencial para a preservação de uma 'sociedade democrática' como foi concebido pela Convenção [Europeia dos Direitos do Homem, de 1950], um pluralismo que foi reconhecido pelo Tribunal Constitucional italiano", acrescenta a decisão. Segundo o jornal italiano "Corriere della Sera", o juiz Nicolau Lettieri, que defende a Itália no Tribunal de Estrasburgo, anunciou que o governo do país vai recorrer da sentença. Ao tomar conhecimento do caso, o Vaticano anunciou que não fará comentários antes de obter informações sobre as



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

25

motivações que levaram a Corte a emitir esta sentença. "Acredito que é preciso uma reflexão, antes de comentar", disse o porta-voz da Santa Sé, padre Federico Lombardi, em uma coletiva de imprensa, na qual apresentava uma convenção sobre imigração. O presidente do Pontifício Conselho da Pastoral para os Migrantes, monsenhor Antonio Maria Vegliò, também se posicionou da mesma forma. "Prefiro não falar desta questão, porque são coisas que me dão muito desconforto", declarou. De acordo com o "Corrieri della Sera", a ministra da Educação, Mariastella Gelmini e o líder do partido UDC (democrata cristão), criticaram a decisão da corte. "A presença do crucifixo nas salas de aula não significa adesão ao catolicismo, mas é um símbolo de nossa tradição", disse a ministra. Já Pier Ferdinando Casini, do UDC afirmou que a sentença é "resultado da timidez dos governos europeus, que se recusaram a falar das raízes cristãs na Constituição Europeia." style="margin-bottom: 6pt; margin-left: 0cm; margin-right: 0cm" align="justify">Mas o opositor Piergiorgio Bergonzi, responsável pela área de educação dos comunistas italianos defendeu a medida: "É uma forte advertência a reafirmar o valor da escola laica e do Estado". - destaque nosso

Já em âmbito nacional, aos 21 de dezembro de 2009, foi editado pela Presidência da República o Decreto n.º 7.037 que instituiu o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3, que a respeito do tema estabelece a seguinte ação programática em seu Anexo I:

"Diretriz 10: Garantia da igualdade na diversidade.

Objetivo estratégico VI:

Respeito às diferentes crenças, liberdade de culto e garantia da laicidade do Estado.

Ações programáticas:

c) Desenvolver mecanismos para impedir a ostentação de símbolos religiosos em estabelecimentos públicos da União.

Responsável: Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República" - destaque nosso

Assim, o precedente e o Decreto citados vêm corroborar a alegação de que a manutenção de símbolos de qualquer religião em locais de ampla visibilidade, e de atendimento ao público, mormente sedes e recepções de órgãos públicos, não se compatibiliza com uma sociedade alicerçada em valores democráticos e protetora dos direitos fundamentais, notadamente quanto à absoluta liberdade de crença (art. 5º, VI, CF), à separação entre Igreja e Estado (art. 19, I, CF) e, ainda, a

¹ Testo disponível no site: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u646870.shtml>. Acesso em: 15/01/2010.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

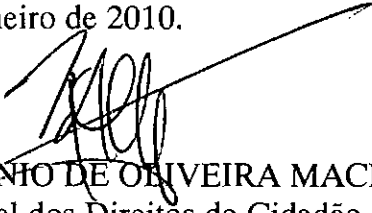
Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

proteção à liberdade de culto (art. 5º, VI, CF, subentendida, evidentemente, a limitação em razão da ordem pública).

Diante o exposto, o Ministério Público Federal, apresentando os fundamentos fáticos e jurídicos acima, com fundamento no art. 407 do CPC, requer seja designada audiência de instrução para oitiva de testemunhas a serem oportunamente arroladas.

Termos em que,
p. deferimento.

Bauru, 18 de janeiro de 2010.


PEDRO ANTONIO DE OLIVEIRA MACHADO
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão Substituto





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

Em 27 de Janeiro de 2010, faço conclusos estes autos ao MM. Juiz Federal Substituto em exercício na 3ª Vara Cível da 1ª Subseção Judiciária de São Paulo - Capital, **Drª. ANDERSON FERNANDES VIEIRA.**

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc.Jud) RF 1724

Processo nº: 2009.61.00.017604-0

Tendo em vista a manifestação do Ministério Público Federal de fls. 254/255, digam as demais partes se também pretender produzir provas e após tornem os autos conclusos para novas deliberações.

Int.

São Paulo, 27 de Janeiro de 2010.

ANDERSON FERNANDES VIEIRA
Juiz Federal Substituto

D A T A

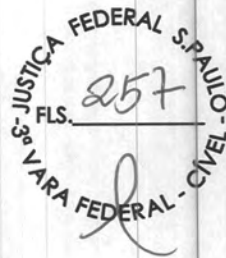
Em 27 de Janeiro de 2010, recebi estes autos na Secretaria, com o r. despacho supra.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.)
RF 1724



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC





Processo nº. 2009.6100.0576040

VISTO EM INSPEÇÃO

Publique-se.

São Paulo, 8 a 12 de março de 2010.

MARIA LÚCIA LENCASTRE URSAIA
Juíza Federal

C E R T I D A O

Processo no. 0017604-70.2009.403.6100
CERTIFICO e dou fe que o r. despacho supra/retro/de fls. 256
foi disponibilizado no Diário Eletrônico da Justiça em 17/03/2010
as fls. 10/24. Considera-se data da publicação o primeiro dia
útil subsequente a data acima mencionada.
SÃO PAULO, 17 de março de 2010.

Eu, _____
(Analista/Técnico Judiciário), subscrevi.

LUCIANA CUNHA ALONSO ESTEVES
Técnica Judiciária
RF 4802

VISTA

Em de 23 ABR. 2013 de
Faço vista destes autos a A.G.U.

Felipe Augusto Cordeiro

Técnico Judiciário

Téc./APE 8807

RECEBIMENTO

Em de 12 MAIO 2013 de
recebi estes autos de A.G.U.

Felipe Augusto Cordeiro

Técnico Judiciário

RE 8807





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que da publicação certificada a fls. 257 não constou o advogado da ABLIRC.

São Paulo, 12 de Maio de 2010.

Eu, _____, subscrevo.

(Aux./Téc.Judiciário) RF1724

CONCLUSÃO

Em 12 de Maio de 2010, faço conclusos estes autos à MM^a. Juíza Federal da 3^a Vara Cível da 1^a Subseção Judiciária de São Paulo - Capital, **Dr^a. MARIA LÚCIA LENCASTRE URSAIA**.

Eu, _____, subscrevi.

(Aux./Téc.Jud) RF 1724

Processo nº: 2009.61.00.017604-0

Em face da informação supra, republique-se o despacho de fls. 256 para a ABLIRC.

São Paulo, 12 de Maio de 2010.

MARIA LÚCIA LENCASTRE URSAIA

Juíza Federal

D A T A

Em 12 de Maio de 2010, recebi estes autos na Secretaria, com o r. despacho supra.

Eu, _____, subscrevi.

(Aux./Téc. Jud.)

RF 1724



C E R T I D A O

Processo no. 0017604-70.2009.403.6100

CERTIFICO e dou fe que o r. despacho supra/retro/de fls. 258 e 256
foi disponibilizado no Diário Eletrônico da Justiça em 20/05/2010
as fls. 3/7. Considera-se data da publicação o primeiro dia
útil subsequente à data acima mencionada.

SÃO PAULO, 20 de maio de 2010.

Eu, 
(Analista/Técnico Judiciário), subscrevi.

CRISTIANE FARIA TONELLI
Técnica Judiciária - RF 6128

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23

Número do documento: 22070818562420100000248538995

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



REGIAO SP/MS ~~Confidencial - 15 SP/04~~

IFSP-FORUM CIVEL
 SETOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
 30/04/2010 16:39 h
 Prot. nro. 2010.000106434-1

 0017604-70.2009.403.6100
 2009.61.00.017604-0
 [3a.V CIVEL]
 177 AGU)

Ré: União Federal

A **União Federal**, representada pela Advocacia-Geral da União – Procuradoria-Regional da União – 3.^a Região-SP/MS, por seu Procurador que esta subscreve, vem respeitosamente à presença de V. Exa., em atenção ao r. despacho de fls. 256, expor e requerer o que se segue.

02. No r despacho de fls. 249, V. Exa. bem percebeu que a presente demanda se funda exclusivamente em matéria de direito, com o que se mostra desnecessária a fase instrutória nesta lide.

03. A União, em consonância com o entendimento de que, realmente, esta causa versa tão-somente sobre matéria de direito, informa que não tem provas a produzir, além das já trazidas aos autos.

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23

Número do documento: 22070818562420100000248538995

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

04. Sem prejuízo dessa dispensa de prova, a União também impugna o requerimento do Ministério Público Federal, que pediu a realização de audiência de instrução com oitiva de testemunhas (fls. 254/255, v.º).

05. Passemos à impugnação do pedido ministerial, em breves razões.

(i) Da impertinência para o julgamento da lide das provas requeridas pelo Ministério Público Federal

06. Com o devido respeito ao l. representante do *parquet*, a prova requerida às fls. 254/255, v.º é totalmente impertinente e desnecessária ao deslinde do feito, afrontando, inclusive, os artigos 128, 130, 330, I, 332, e 416, do CPC.

07. Isso porque - como sabemos -, o Juiz só defere provas "necessárias à instrução do processo, indeferindo as diligências inúteis ou meramente protelatórias" (art. 130 do CPC, *in fine*), sendo certo também que essas provas devem ter ligação com o pedido feito na lide, já que "o Juiz decidirá a lide nos limites em que foi proposta" (art. 128, do CPC).

08. E mais: a própria prova só é permitida (ou só se destina) à "argumentação exclusivamente relacionada às argumentações de fato, formuladas no interior da relação processual – de regra, na petição inicial e na resposta do réu", como bem ensinam Marinoni e Arenhart.¹

¹ MARINONI, Luiz Guilherme e ARENHART, Sérgio Cruz. *Prova*. São Paulo: RT, 2009, p. 53.



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

09. É por essa razão que somente fatos (e fatos controvertidos) são objeto de prova. As afirmações de fato sobre os quais não se levanta (no processo) qualquer dúvida são incontroversas, e, portanto, estão fora da investigação processual.²

10. Daí o C. STJ ter decidido que “só há propriamente cerceamento do direito de prova quando o julgador indefere a demonstração de fatos controvertidos, cujo esclarecimento é necessário e relevante para a prestação jurisdicional” (REsp 866359/ES, grifos nossos).

11. Ora, não há nenhum fato controvertido nesta lide, com o que se mostra totalmente desnecessária a produção de prova.

12. Alega o MPF, em seu pedido de prova testemunhal, que “pretende produzir provas acerca da situação fática exposta na inicial, notadamente, a oitiva de testemunhas” (fls. 254).

13. Pois bem: na sua petição inicial (fls. 02/06), o Ministério Público Federal afirma (em uma apertada síntese) apenas quatro fatos:

- (i) que foi instaurado um procedimento administrativo para apurar a ostentação de símbolo religioso no TRE/SP;
- (ii) que em foto acostada aos autos o símbolo religioso aparece;
- (iii) que foram juntados documentos do IBGE acerca da distribuição da população brasileira em termos de religião; e

² MARINONI, Luiz Guilherme e ARENHART, Sérgio Cruz, *ibidem*.



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

(iv) que os cidadãos brasileiros que comparecem às repartições públicas se deparam com símbolos religiosos que muitas vezes não correspondem às suas religiões.

14. Além desses fatos, a petição inicial traz opiniões jurídicas sobre eles, tais como (i) que a afixação desses símbolos violaria a liberdade de crença (fls. 02), (ii) que, quando um cidadão se depara com um símbolo religioso de uma crença que não seja a sua, ocorreria um atentado *“à liberdade de crença dos cidadãos que procuram o serviço público, bem como demonstra que o Estado estabelece preferência entre credos e crenças, privilegiando uns e ignorando os demais”* (fls. 03).

15. Por óbvio que tais afirmações não são “fatos”, mas sim juízos feitos sobre os fatos narrados na exordial (cf. item 13, acima), juízos esses que não são objeto de prova, como bem ensina Cândido Dinamarco:

“Também não constituem objeto de prova os direitos subjetivos, as obrigações e demais situações puramente jurídicas. Demonstrado pela prova que os fatos aconteceram ou que não aconteceram, da realidade que houver sido provada o juiz extrairá suas conclusões jurídicas com plena liberdade interpretativa” (destacamos).³

16. E contra as conclusões jurídicas (a suposta *“violação à liberdade de crença”*, assim como a alegada *“preferência entre credos e crenças”*) tiradas pelo *parquet* dos fatos por ele narrados, a União se insurgiu na contestação de fls. 148/220, com os argumentos ali traçados.

³ DINAMARCO, Cândido Rangel. *Instituições de Direito Processual Civil*. Vol. III. São Paulo: Malheiros, 2009, p. 58.

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)

Documento assinado digitalmente, conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço:
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

17. Percebamos ainda que na contestação de fls. 148/220 não foi alegado fato algum pela União (que se limitou a argumentações jurídicas), com o que não há fato controverso que exija produção de prova.

18. Não havendo fato controverso, não haverá fato que dependa de prova, como determina o art. 334, II, do CPC:

“Art. 334. Não dependem de prova os fatos:

I - notórios;

II - afirmados por uma parte e confessados pela parte contrária;

III - admitidos, no processo, como incontroversos;

IV - em cujo favor milita presunção legal de existência ou de veracidade” (destacamos).

19. Seguindo essa linha de raciocínio, afirma Nelson Nery Junior que:

“O fato probando, isto é, o fato objeto da prova, é o fato controvertido. É controvertido o fato afirmado por uma parte e contestado especificamente pela outra. Os fatos incontrovertidos não podem ser objeto de prova (CPC 334).

O direito também não pode ser objeto da prova porque da mihi factum, dabo tibi jus, o que significa que a parte deve dar os fatos ao juiz, a quem cabe aplicar o direito (iura novit cūria). Excepcionalmente o sistema admite a prova do direito (municipal, estadual, estrangeiro ou consuetudinário) (CPC 337)”⁴

20. No mesmo sentido, julgado do C. STJ:

⁴ NERY JÚNIOR, Nelson, e NERY, Rosa Maria de Andrade. *Código de Processo Civil Comentado*. 10.ª ed. São Paulo: RT, 2006, p. 613.



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

“AGRAVO REGIMENTAL - QUESTÃO DE DIREITO - PROVA INDEFERIDA.

INEXISTINDO CONTROVERSIA SOBRE FATOS, PROVA PERICIAL REQUERIDA ERA DESNECESSARIA E INUTIL E FOI CORRETAMENTE INDEFERIDA. NÃO HOUVE VIOLAÇÃO A DISPOSITIVOS PROCESSUAIS NEM DIVERGENCIA.

AGRAVO IMPROVIDO” (grifos nossos).

(AgRg no Ag 19633/RS)

21. Por fim, uma pergunta de ordem prática parece solapar a questão: *quem iria depor, e sobre que fatos?*

22. Seriam as pessoas que se sentem “ofendidas” pela presença de símbolos religiosos? Ora, por terem interesse no resultado da lide, esses indivíduos seriam inclusive suspeitos para depor (art. 405, §3.º, IV, do CPC).

23. Lembremos que o Código de Processo Civil prevê que a prova testemunhal só será admitida quando hábil “para provar a verdade dos fatos, em que se funda a ação ou defesa” (art. 332 do CPC), de tal forma que ao momento da inquirição “o juiz interrogará a testemunha sobre os fatos articulados” (art. 416, do CPC). Daí as testemunhas só poderem depor sobre fatos (e fatos controvertidos, como ensina Antonio Carlos de Araújo Cintra⁵).

24. Nesse sentido, Eduardo Cambi ensina que:

“A prova testemunhal se realiza mediante a inquirição de pessoas, as quais, por possuírem conhecimento dos acontecimentos que precisam ser elucidados judicialmente, mostram-se como fontes de prova úteis para a reconstrução dos fatos controvertidos”.⁶

⁵ CINTRA, Antonio Carlos de Araújo. *Comentários ao Código de Processo Civil*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 190.

⁶ CAMBI, Eduardo. *A Prova Civil: Admissibilidade e relevância*. São Paulo: RT, 2006, p. 139.



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO

PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

25. Nota-se, portanto, o atrelamento da prova testemunhal à situação fática apresentada no processo.

26. Desta forma, a prova testemunhal só será realizada quando for necessária e útil, ou seja, para ouvir pessoas que possuam “conhecimento dos acontecimentos que precisam ser elucidados judicialmente”, e para a reconstrução de fatos controvertidos (explica Eduardo Cambi⁷) - não pela mera vontade de uma das partes.

27. Não havendo utilidade ou necessidade da produção da prova, deve o magistrado indeferi-la, na esteira do que já foi decidido pelo C. STJ:

“AGRAVO REGIMENTAL. PRODUÇÃO DE PROVAS. PERICIA.

Não pode haver produção de provas inúteis ao deslinde da controvérsia.

O Juiz, na direção do processo, determina as provas necessárias e se a prova do fato não depende de conhecimento especial ou é desnecessária tem o dever de indeferir.

Questão exclusivamente de interpretação de cláusula contratual não comporta recurso especial.

Agravo improvido” (grifos nossos).

(STJ, AgRg no Ag 30237/DF)

28. Por tais motivos, a União requer a o indeferimento da prova pedida pelo parquet, com o conseqüente julgamento antecipado da lide, em virtude de esta demanda tratar unicamente de matéria de direito, que não exige instrução probatória.

⁷ CAMBI, Eduardo, *op. cit.*, p. 139.



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

29. E diante das novas alegações trazidas pelo Ministério Público Federal em sua petição de fls. 254/255 v.º, a União vem ainda tecer breves comentários em relação a elas.

(ii) Da inaplicabilidade, ao caso, do julgado da Corte Européia de Direitos Humanos

30. Ainda como fundamento de seu pedido, o MPF menciona a decisão dada pela Corte Européia de Direitos Humanos quando do julgamento do caso *Lautsi v. Itália* (fls. 254,v.º/255), ocasião em que aquela corte entendeu que a exposição de crucifixos em escolas públicas italianas restringiria o direito de alguns pais de educar suas crianças em conformidade com suas próprias convicções religiosas e filosóficas.

31. Ora, ainda que verse sobre crucifixos e sua fixação em espaços públicos, tal decisão não trata de hipótese semelhante à analisada nestes autos, com o que não pode servir de exemplo para a lide aqui travada.

32. Isso por quatro motivos:

(i) o fundamento da decisão não foi a direito à liberdade religiosa, mas sim o direito dos pais a escolherem a forma de educação de seus filhos;

(ii) a base legal do julgado foi o art. 2.º do 1.º Protocolo à Convenção Européia de Direitos Humanos (convenção que, por ser Européia, não se aplica ao nosso país);

8

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

(iii) na Itália havia um comando normativo do governo obrigando a colocação, nas escolas públicas, dos crucifixos atacados (ao contrário de nosso caso, em que não há ato público determinando a afixação de símbolos religiosos em repartições públicas), e

(iv) ao contrário do que afirma o órgão ministerial, a decisão não proibiu a ostentação de símbolos religiosos em espaços públicos, mas sim apenas em classes de aula de escolas públicas.

33. A leitura da íntegra da decisão (doc. anexo, colhido no sítio da Corte Europeia de Direitos Humanos, www.echr.coe.int), mostra claramente a sua diferença em relação à presente lide.

34. Na sentença daquele caso bem se vê que o ponto principal de análise de Corte Europeia foi o da ofensa à liberdade dos pais de escolher a educação dada a seus filhos, de acordo com a sua (dos pais) convicções religiosas e filosóficas (tema que não é o objeto da nossa demanda).

35. A própria citação feita pelo *parquet* em sua petição de fls. 254/255v.º deixa bem claro que “o Tribunal não foi capaz de compreender como a exibição, em salas de aula nas escolas do Estado, de um símbolo que pode razoavelmente ser associado com o catolicismo (...) poderia servir ao pluralismo educacional” (fls. 254, v.º).

36. Clara, portanto, a inaplicabilidade do decidido em relação a esta lide. Ademais, se a Corte Europeia possui um julgado nesse sentido, nós possuímos as decisões do CNJ, que, com base no ordenamento jurídico pátrio, foram



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

contrárias à tese do Autor da ação (decisões estas do CNJ já citadas na contestação da União⁸).

37. Por, tais motivos, o julgamento noticiado pelo MPF em sua petição de fls. 254/255, v.º não merece influir no curso desta ação.

(iii) Da superveniência do Decreto n.º 7.037/2009

38. O último dos pontos da manifestação de fls. 254/255, v.º que merece comentários é a menção ao superveniente Decreto n.º 7.037/2009, que aprovou o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3, e estabeleceu como objetivo estratégico *“desenvolver mecanismos para impedir a ostentação de símbolos religiosos em estabelecimentos públicos da União”* (Diretriz 10 - “objetivo estratégico VI – ação programática “c”).

39. Tal objetivo estratégico, por óbvio, não constitui um comando concreto aos órgãos públicos, mas sim diretrizes que envolvem *“parcerias com outros órgãos federais relacionados com os temas tratados nos eixos orientadores e suas diretrizes”* (cf. art. 3.º, do Decreto 7.037/09), bem como um acompanhamento por parte do Comitê de Acompanhamento e Monitoramento do PNDH-3, a quem caberá, no futuro, *“promover a articulação entre os órgãos e entidades envolvidos na implementação das suas ações programáticas”*, o que, no seio de uma sociedade e governos democráticos, envolve toda uma gama de discussões, sopesamentos e equalização de valores plurais que então serão consolidados e concretizados na conduta que se mostrar, ao final, mais adequada.

⁸ Pedidos de providência n.º 1344, PP 1345, PP 1346 e PP 1362.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

40. Sobre o tema, é importante ainda ressaltar (não obstante seja um fato notório, amplamente divulgado nos nossos meios de comunicação) que a própria Secretaria de Direitos Humanos, mesmo após sua hercúlea tarefa de consolidar o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 (consolidação feita depois de inúmeras consultas aos mais diversos segmentos da nossa sociedade), continua aberta ao diálogo com esses segmentos, entendendo que *"há consenso de que precisamos alterar os temas do aborto, dos símbolos religiosos e da mediação pacífica dos conflitos agrários"* (cf. entrevista do Ministro Paulo Vanucchi ao jornal O Estado de São Paulo⁹ e também notícia do jornal Folha de São Paulo¹⁰ nos mês de março de 2010).

41. Tal fato bem mostra o espírito democrático e de ampla participação do PNDH-3, bem como deixa ver que o decreto supracitado não configura um ato concreto oficial determinando a retirada dos símbolos religiosos das repartições públicas, com o que a superveniência de tal programa não afeta a discussão desta lide.

42. Resta salientar, por fim, que os atos do Conselho Nacional de Justiça (caso da decisão que legitimou a possibilidade de fixação dos crucifixos nos nossos tribunais) só serão revistos pelo Supremo Tribunal Federal, nos termos do art. 102, I, "r", da nossa Carta Magna, sendo o STF então a instância apta a anular a decisão do CNJ que acolheu a legitimidade da ostentação de crucifixos em nossos tribunais.

(iv) Conclusão

43. Ante todo o exposto, a União informa que não tem mais provas a produzir, e requer o indeferimento do pedido de realização de audiência feito

⁹ <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,governo-decide-mudar-programa-de-direitos-humanos,525176,0.htm>

¹⁰ Edição de 18 de março de 2010, p. A10).

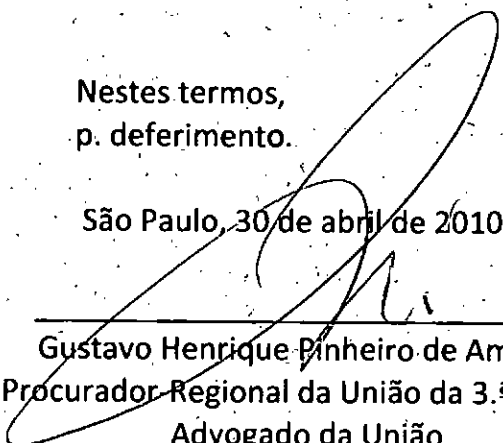


ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

pelo Ministério Público Federal, pedindo ainda o encerramento da fase instrutória, com o julgamento antecipado da lide, posto se tratar de matéria exclusivamente de direito (art. 330, I, do CPC).

Nestes termos,
p. deferimento.

São Paulo, 30 de abril de 2010.


Gustavo Henrique Pinheiro de Amorim
Procurador Regional da União da 3.ª Região
Advogado da União

12

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:23
Número do documento: 22070818562420100000248538995
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24

265

SECOND SECTION

CASE OF LAUTSI v. ITALY

(Application no. 30814/06)

JUDGMENT

STRASBOURG

3 November 2009

Referral to the Grand Chamber

01/03/2010

This judgment will become final in the circumstances set out in Article 44 § 2 of the Convention. It may be subject to editorial revision.

In the case of Lautsi v. Italy,

The European Court of Human Rights (Second Section), sitting as a Chamber composed of:

Françoise Tulkens, President,
Ireneu Cabral Barreto,
Vladimiro Zagrebelsky,
Danutė Jočienė,
Dragoljub Popović,
András Sajó,
İşıl Karakaş, judges,
and Sally Dollé, Section Registrar,

Having deliberated in private on 13 October 2009,

Delivers the following judgment, which was adopted on that date:

PROCEDURE

1. The case originated in an application (no. 30814/06) against the Italian Republic lodged with the Court under Article 34 of the Convention for the



Protection of Human Rights and Fundamental Freedoms ("the Convention") by an Italian national, Ms Soile Lautsi ("the applicant"), on 27 July 2006. She brought the proceedings in her own name and on behalf of her two children, Dataico and Sami Albertin.

2. The applicant was represented by Mr N. Paoletti, a lawyer practising in Rome. The Italian Government ("the Government") were represented by their Agent, Ms E. Spatafora and their deputy co-Agent, Mr N. Lettieri.

3. The applicant alleged that the display of the sign of the cross in the classrooms of the Italian state-school attended by her children constituted interference incompatible with the freedom of belief and religion and with the right to education and teaching in conformity with her religious and philosophical convictions.

4. On 1 July 2008 the Court decided to give notice of the application to the Government. Under the provisions of Article 29 § 3 of the Convention, it decided that the admissibility and merits of the application should be examined together.

5. The applicant and the Government each filed written observations on the merits of the case (Rule 59 § 1).

THE FACTS

I. THE CIRCUMSTANCES OF THE CASE

6. The applicant lives in Abano Terme and has two children, Dataico and Sami Albertin. The two boys, aged eleven and thirteen respectively, attended in 2001-2002 the Istituto comprensivo statale Vittorino da Feltre, a state-school in Abano Terme.

7. The applicant considered the school's practice of displaying a crucifix in each of the classrooms contrary to the principle of secularism in accordance with which she wished to bring up her children. She raised the question at a meeting held by the school on 22 April 2002, pointing out that the Court of Cassation, in judgment no. 4273 of 1 March 2000, had ruled that the presence of a crucifix in the polling stations prepared for political elections was contrary to the principle of the secular basis of the State.

8. On 27 May 2002 the school's governors decided to leave the crucifixes in its classrooms.

266

9. On 23 July 2002 the applicant challenged that decision in the Veneto Regional Administrative Court. Relying on Articles 3 and 19 of the Italian Constitution and Article 9 of the Convention, she alleged an infringement of the principle of secularism. She also complained of a breach of the principle of impartiality on the part of public administrative authorities, (Article 97 of the Constitution). She was thus asking the Regional Administrative Court to refer the question of constitutionality to the Constitutional Court.

10. On 3 October 2007 the Ministry of Education adopted Directive no. 2666, which recommended that school principals display crucifixes. It joined the proceedings, arguing that the situation complained of was based on Article 118 of Royal Decree no. 965 of 30 April 1924 and Article 119 of Royal Decree no. 1297 of 26 April 1928 (provisions pre-dating the Constitution and the agreements between Italy and the Holy See).

11. On 14 January 2004 the Veneto Regional Administrative Court ruled that, regard being had to the principle of secularism (Articles 2, 3, 7, 8, 9, 19 and 20 of the Constitution), the question regarding the constitutionality of the practice was not manifestly ill-founded and accordingly referred it to the Constitutional Court. In addition, in view of the freedom of education and the obligation to attend school, the presence of crucifixes was imposed on pupils, their parents and their teachers and favoured the Christian religion to the detriment of other religions. The applicant joined the proceedings in the Constitutional Court. The Government maintained that the presence of crucifixes in classrooms was "natural", on the ground that the crucifix was not only a religious symbol but also the "banner of the Catholic Church", which was the only church mentioned in the Constitution (Article 7). The crucifix therefore had to be regarded as a symbol of the Italian State.

12. In decision no. 389 of 15 December 2004 the Constitutional Court ruled that it did not have jurisdiction, seeing that the provisions complained of were not provisions of statute law but were contained in regulations, which did not have legal force (see paragraph 26 below).

13. The proceedings in the administrative court resumed. In judgment no. 1110 of 17 March 2005 the administrative court dismissed the applicant's complaint. It held that the crucifix was both the symbol of Italian history and culture, and therefore of Italian identity, and the symbol of the principles of equality, freedom and tolerance and of the State's secular basis.

14. The applicant appealed to the Consiglio di Stato.



15. In a judgment of 13 February 2006 the Consiglio di Stato dismissed the appeal, ruling that the cross had become one of the secular values of the Italian Constitution and represented the values of civil life.

II. RELEVANT DOMESTIC LAW AND PRACTICE

16. The obligation to display crucifixes in classrooms pre-dates the unification of Italy. Article 140 of the Kingdom of Piedmont-Sardinia's Royal Decree no. 4336 of 15 September 1860 required "each school without fail [to] be equipped ... with a crucifix". ».

17. In 1861, the year in which the Italian State came into being, the 1848 Statute of the Kingdom of Piedmont-Sardinia became the Constitution of Italy. It stipulated that "the Roman catholic apostolic religion [was] the only State religion. Other existing religions [were] tolerated in accordance with the law".

18. The capture of Rome by the Italian army on 20 September 1870, following which Rome was annexed and proclaimed capital of the new Kingdom of Italy, led to a crisis in relations between the State and the Catholic Church. By Law no. 214 of 13 May 1871 the Italian State unilaterally regulated relations with the Church and granted the Pope a number of privileges to ensure the lawful conduct of religious activity.

19. After the advent of fascism the State issued a series of circulars intended to enforce compliance with the obligation to display crucifixes in classrooms.

The Ministry of Education's circular no. 68 of 22 November 1922 contained the following text: "In recent years the image of Christ and the King's portrait have been removed from many of the Kingdom's primary schools. That is a manifest and intolerable breach of the regulations and above all an attack on the dominant religion of the State and on the unity of the Nation. We therefore order all municipal administrative authorities in the Kingdom to restore to those schools which no longer have them the two sacred symbols of faith and national consciousness."

The Ministry of Education's circular no. 2134-1867 of 26 May 1926 asserted: "The symbol of our religion, sacred for the faith and for national consciousness, exhorts and inspires our studious youth, busy sharpening in our universities and other higher education establishments their wit and intelligence with a view to discharging the great responsibilities to which they are called."



20. Article 118 of Royal Decree no. 965 of 30 April 1924 (Rules of the Kingdom's secondary schools) reads: "Each school must have the national flag and each classroom a crucifix and the King's portrait".

Article 119 of Royal Decree no. 1297 of 26 April 1928 (Approval of the general rules governing primary education services) lists crucifixes among the "necessary equipment and material in school classrooms".

The national courts have ruled that those two provisions are still in force and apply to the present case.

21. The Lateran Pacts, signed on 11 February 1929, marked the reconciliation between the Italian State and the Catholic Church. Catholicism was confirmed as Italy's official religion. Article 1 of the Lateran Treaty reads: "Italy recognises and reaffirms the principle enshrined in Article 1 of the Kingdom's Albertine Statute of 4 March 1848, according to which the Roman catholic apostolic religion is the only State religion of the State."

22. In 1948 the Italian State adopted its republican Constitution.

Article 7 of the Constitution explicitly acknowledges that the State and the Catholic Church are, each in its own sphere, independent and sovereign. Relations between the State and the Catholic Church are governed by the Lateran Pacts and amendments to those agreements accepted by both parties do not require any procedure for revision of the Constitution.

Article 8 provides that non-catholic religions "are entitled to organise in accordance with their own rules, in so far as they do not set themselves up against the Italian legal order". Relations between the State and these other religions must be "laid down by law on the basis of agreements with their respective representatives".

23. The catholic religion's status changed as a result of the ratification, by Law no. 121 of 25 March 1985, of the first provision of the Protocol to the new Concordat with the Vatican of 18 February 1984, amending the Lateran Pacts of 1929. That provision held that the principle originally proclaimed in the Lateran Pacts, that the catholic religion was the only religion of the Italian State, should be considered to be no longer in force.

24. In judgment no. 508 of 20 November 2000 the Italian Constitutional Court summarised its case-law as follows, affirming that the fundamental principles of equality between all citizens without distinction of religion (Article 3 of the Constitution) and equal freedom for all religions before the law (Article 8) required the State's attitude to be marked by equidistance and impartiality,



without attaching importance to the number of adherents of this or that religion (see judgments nos. 925/88, 440/95 and 329/97) or the scale of social reactions to infringement of the rights of one or the other (see judgment no. 329/97). Equal protection of the conscience of each adherent of a religion does not depend on the religion chosen (see judgment no. 440/95), a principle which is not in contradiction with the possibility of regulating relations between the State and the various religions in different ways for the purposes of Articles 7 and 8 of the Constitution. Such a position of equidistance and impartiality reflects the principle of secularism which the Constitutional Court derived from the provisions of the Constitution and which has the character of a "supreme principle" (see judgments nos. 203/89, 259/90, 195/93 and 329/97), defining the State as a pluralist entity. The various beliefs, cultures and traditions must coexist in equality and freedom (see judgment no. 440/95).

25. In judgment no. 203/89 the Constitutional Court examined the question of the non-compulsory nature of the teaching of the catholic religion in state-schools. On that occasion it affirmed that the Constitution contained the principle of secularism (Articles 2, 3, 7, 8, 9, 19 and 20) and that the religious nature of the State had been explicitly abandoned in 1985, by virtue of the Protocol to the new agreements with the Holy See.

26. When called upon to rule on the obligation to display crucifixes in state-schools, the Constitutional Court delivered its decision no. 389 of 15 December 2004 (see paragraph 12 above). Without ruling on the merits, it declared the question put to it manifestly ill-founded because it related to regulations, without legal force, which consequently fell outside its jurisdiction.

THE LAW

I. ALLEGED VIOLATION OF ARTICLE 2 OF PROTOCOL No. 1, TAKEN TOGETHER WITH ARTICLE 9 OF THE CONVENTION

27. The applicant alleged in her own name and on behalf of her children that displaying the sign of the cross in the state-school the latter attended constituted interference incompatible with her right to ensure that they receive education and teaching in conformity with her religious and philosophical convictions within the meaning of Article 2 of Protocol No. 1, which provides:

"No person shall be denied the right to education. In the exercise of any functions which it assumes in relation to education and to teaching, the State shall respect the right of parents to ensure such education and teaching in conformity with their own religious and philosophical convictions."

202

The applicant further alleged that displaying the sign of the cross also infringed her freedom of belief and religion, protected by Article 9 of the Convention, which provides:

"1. Everyone has the right to freedom of thought, conscience and religion; this right includes freedom to change his religion or belief and freedom, either alone or in community with others and in public or private, to manifest his religion or belief, in worship, teaching, practice and observance.

2. Freedom to manifest one's religion or beliefs shall be subject only to such limitations as are prescribed by law and are necessary in a democratic society in the interests of public safety, for the protection of public order, health or morals, or for the protection of the rights and freedoms of others."

28. The Government rejected that argument.

A. Admissibility

29. The Court notes that the applicant's complaints are not manifestly ill-founded within the meaning of Article 35 § 3 of the Convention. It further notes that they are not inadmissible for any other reason. They must therefore be declared admissible.

B. Merits

1. Arguments of the parties

a. The applicant

30. The applicant supplied an account of the history of the relevant provisions. She observed that displaying the crucifix was based, according to the Italian courts, on provisions dating from 1924 and 1928 considered to be still in force, although they pre-dated the Italian Constitution and the 1984 agreements with the Holy See and the Protocol thereto. But the constitutionality of the provisions complained of had not been tested because the Constitutional Court had been unable to rule on the question whether they were compatible with the fundamental principles of the Italian legal order on account of their origin in regulations.

The provisions concerned were the legacy of a religious conception of the State which in present-day Italy was now in conflict with the State's duty of secularism, and infringed the rights protected by the Convention. There was a "religious question" in Italy, since by requiring the crucifix to be displayed in classrooms the State was granting the Catholic Church a privileged position

which amounted to State interference with the right to freedom of thought, conscience and religion of the applicant and her children and the applicant's right to bring up her children in conformity with her moral and religious convictions, and a form of discrimination against non-Catholics.

31. The applicant argued that in reality the crucifix, over and above all else, had a religious connotation. The fact that the cross "could be interpreted in other ways" did not take away its main connotation, which was a religious one.

Favouring one religion by the display of a symbol gave state-school pupils – including the applicant's children – the feeling that the State adhered to a particular religious belief; whereas, in a State governed by the rule of law, no-one should perceive the State to be closer to one religious denomination than another, especially persons who were more vulnerable on account of their youth.

32. The applicant submitted that the situation she complained of, among other consequences, led to pressure being undeniably exerted on minors and the impression given that the State was estranged from those who did not share Christian beliefs. The concept of secularism required the State to be neutral and keep an equal distance from all religions, as it should not be perceived as being closer to some citizens than to others.

The State should guarantee all citizens freedom of conscience, beginning by providing a public education service equipped to foster personal autonomy and freedom of thought, in accordance with respect for the rights guaranteed by the Convention.

33. As to whether a teacher would be free to display other religious symbols, the answer would be negative, since there were no provisions permitting that practice.

b. The Government

34. The Government observed at the outset that the question raised by the present application went beyond the strictly legal sphere and impinged on that of philosophy. The point was to determine whether the presence of a symbol religious in origin and meaning was in itself capable of exerting influence over individual freedoms in a manner incompatible with the Convention.

35. While the sign of the cross was certainly a religious symbol, it had other connotations. It also had an ethical meaning which could be understood and appreciated regardless of one's adhesion to the religious or historical

289

tradition, as it evoked principles that could be shared outside Christian faith (non-violence, the equal dignity of all human beings, justice and sharing, the primacy of the individual over the group and the importance of freedom of choice, the separation of politics from religion, and love of one's neighbour extending to forgiveness of one's enemies). Admittedly, the immediate origin of the values which formed the foundations of present-day democratic societies was also to be found in the thought of authors who were non-believers or even opponents of Christianity. However, the thought of those authors had been enriched by Christian philosophy; if only on account of their upbringing and the cultural environment in which they had been formed and in which they lived. In conclusion, the democratic values of today were rooted in a more distant past, the age of the evangelic message. The message of the cross was therefore a humanist message which could be read independently of its religious dimension and was composed of a set of principles and values forming the foundations of our democracies.

As the cross conveyed that message, it was perfectly compatible with secularism and accessible to non-Christians and non-believers, who could accept it in so far as it evoked the distant origin of the principles and values concerned. In conclusion, as the symbol of the cross could be perceived as devoid of religious significance, its display in a public place did not in itself constitute an infringement of the rights and freedoms guaranteed by the Convention.

36. The Government argued that the above conclusion was supported by an analysis of the Court's case-law, which a much more active interference than the mere display of a symbol for there to be a finding of an infringement of rights and freedoms. It was for example an active interference which led the Court to find a violation of Article 2 of Protocol No. 1 in the Folgerø case (Folgerø and Others v. Norway, [GC], no. 15472/02, ECHR 2007-VIII).

In the present case it was not the freedom to adhere or not adhere to a religion which was in issue, since in Italy that freedom was fully guaranteed. Nor was it a matter of the freedom to practise a religion or practise none; though the crucifix was indeed displayed in classrooms, teachers and pupils were not required to make the slightest gesture which might constitute a salutation or mark of respect to it or a mere acknowledgment of its presence, and still less to say prayers in class. In fact, they were not asked to pay any attention to the crucifix whatsoever.

Lastly, the freedom of parents to bring up children in conformity with their own convictions was not in issue; education in Italy was entirely secular and pluralistic, school syllabuses contained no allusion to a particular religion and religious instruction was optional.



37. Referring to the Kjeldsen, Busk Madsen and Pedersen judgment (7 December 1976, Series A no. 23), in which the Court found no violation, the Government submitted that, however great its evocative force, an image was not comparable with the impact of an active, daily conduct extending over a long period such as teaching. Moreover, it was possible to have one's children educated in private schools or taught at home by tutors.

38. The national authorities enjoyed a wide margin of appreciation in relation to such complex and sensitive questions, closely linked to culture and history. The display of a religious symbol in public places did not exceed the margin of appreciation left to States.

39. That was all the more true because in Europe there were varied ways of approaching the question. In Greece, for example, all civil and military ceremonies required the presence and active participation of an Orthodox priest; in addition, on Good Friday national mourning was proclaimed and all offices and businesses were closed, as they were in Alsace.

40. The Government asserted that the display of the sign of the cross did not undermine the secular foundations of the State, a principle which was enshrined in the Constitution and the agreements with the Holy See. Nor was it the sign of preference for one religion, since it was a reminder of a cultural tradition and humanist values shared by persons other than Christians. In short, displaying the sign of the cross did not breach the State's duty of impartiality and neutrality.

41. Furthermore, there was no European consensus on the way to interpret the concept of secularism in practice, so that States had a wider margin of appreciation in the matter. More precisely, although there was a European consensus concerning the principle of the secular nature of the State, there was no such consensus about its practical implications or the way to bring it about. The Government asked the Court to show caution and reserve and consequently to refrain from giving a precise definition going so far as to prohibit the mere display of symbols. Otherwise, it would be giving a predetermined substantive content to the principle of secularism, and that would run counter to the legitimate diversity of national approaches and lead to unforeseeable consequences.

42. The Government did not contend that it was necessary, advisable or desirable to keep crucifixes in classrooms, but that the decision whether to keep them there was a political one and therefore one to be taken on the basis of what was expedient, rather than according to legal considerations. In the historical evolution of domestic law described in the brief account given by the



applicant, which the Government did not contest, it had to be understood that the Italian Republic, although secular, had freely decided to keep crucifixes in classrooms for various reasons, including the need to reach a compromise with political parties having Christian leanings that represented an essential part of the population and its religious feelings.

43. As to the question whether a teacher would be free to display other religious symbols in a classroom, there was no provision which formed an impediment.

44. In conclusion, the Government asked the Court to dismiss the application.

c. The third-party intervener

45. Greek Helsinki Monitor ("GHM") contested the arguments of the respondent Government.

In their submission, the sign of the cross, and still more the crucifix, could only be considered religious symbols. GHM also challenged the assertion that the cross was anything other than a religious symbol and that the cross conveyed humanist values; such a position was insulting to the Church. In addition, the Italian Government had not instanced even a single non-Christian who agreed with that theory. Lastly, other religions saw in the cross only a religious symbol.

46. The Government's argument that the display of the crucifix required neither a salutation nor a sign of attention raised the question why in that case the crucifix was displayed. Display of such a symbol could be perceived as an indication that it was the object of institutional veneration.

In that connection, GHM observed that, according to the Toledo guiding principles on teaching about religions and beliefs in public schools (Council of experts on freedom of religion and belief of the Organization for Security and Cooperation in Europe ("the OSCE")), the presence of such a symbol in a public school may constitute implicit teaching of a religion, for example by giving the impression that that particular religion is favoured vis-à-vis others. If the Court could declare, in the Folgerø case, that participation in religious activities could influence children, then GHM considered that the display of religious symbols might do the same. It was also necessary to bear in mind situations in which children or their parents might be afraid of reprisals if they decided to protest.

3. The Court's assessment

a. General principles

47. As regards the interpretation of Article 2 of Protocol No. 1 in relation to exercise of the functions the State assumes in the field of education and teaching, the Court has established in its case-law the principles set out below, which are relevant in the present case (see, in particular, *Kjeldsen, Busk Madsen and Pedersen v. Denmark*, judgment of 7 December 1976, Series A no. 23, pp. 24-28, §§ 50-54; *Campbell and Cosans v. the United Kingdom*, judgment of 25 February 1982, Series A no. 48, pp. 16-18, §§ 36-37; *Valsamis v. Greece*, judgment of 18 December 1996, Reports of Judgments and Decisions 1996-VI, pp. 2323-2324, §§ 25-28; and *Folgerø and Others v. Norway* [GC], 15472/02, ECHR 2007-VIII, § 84).

(a) The two sentences of Article 2 of Protocol No. 1 must be interpreted not only in the light of each other but also, in particular, of Articles 8, 9 and 10 of the Convention (see *Kjeldsen, Busk Madsen and Pedersen*, cited above, p. 26, § 52).

(b) It is on to the fundamental right to education that is grafted the right of parents to respect for their religious and philosophical convictions; and the first sentence does not distinguish, any more than the second, between State and private teaching. The second sentence of Article 2 of Protocol No. 1 aims at safeguarding the possibility of pluralism in education which possibility is essential for the preservation of the "democratic society" as conceived by the Convention. In view of the power of the modern State, it is above all through State teaching that this aim must be realised.

(c) Respect for parents' convictions must be possible in the context of education capable of ensuring an open school environment which encourages inclusion rather than exclusion, regardless of the pupils' social background, religious beliefs or ethnic origins. Schools should not be the arena for missionary activities or preaching; they should be a meeting place for different religions and philosophical convictions, in which pupils can acquire knowledge about their respective thoughts and traditions.

(d) The second sentence of Article 2 of Protocol No. 1 implies that the State, in fulfilling the functions assumed by it in regard to education and teaching, must take care that information or knowledge included in the curriculum is conveyed in an objective, critical and pluralistic manner. The State is forbidden to pursue an aim of indoctrination that might be considered as not respecting parents' religious and philosophical convictions. That is the limit that must not be exceeded

271

(e) Respect for parents' religious convictions and for children's beliefs implies the right to believe in a religion or not to believe in any religion. The freedom to believe and the freedom not to believe (negative freedom) are both protected by Article 9 of the Convention (see, in relation to Article 11, *Young, James and Webster v. the United Kingdom*, 13 August 1981, §§ 52-57, Series A no. 44).

The State's duty of neutrality and impartiality is incompatible with any kind of power on its part to assess the legitimacy of religious convictions or the ways of expressing those convictions. In the context of teaching, neutrality should guarantee pluralism (see *Folgerø*, cited above, § 84).

b. Application of the above principles

48. The Court takes the view that these considerations entail an obligation on the State's part to refrain from imposing beliefs, even indirectly, in places where persons are dependent on it or in places where they are particularly vulnerable. The schooling of children is a particularly sensitive area in which the compelling power of the State is imposed on minds which still lack (depending on the child's level of maturity) the critical capacity which would enable them to keep their distance from the message derived from a preference manifested by the State in religious matters.

49. In applying the above principles to the present case, the Court must consider whether the respondent State, when imposing the display of crucifixes in classrooms, ensured that in exercising its functions of educating and teaching knowledge was passed on in an objective, critical and pluralist way, and respected the religious and philosophical convictions of parents, in accordance with Article 2 of Protocol No. 1.

50. In order to examine that question, the Court will take into account in particular the nature of the religious symbol and its impact on young pupils, especially the applicant's children, because in countries where the great majority of the population owe allegiance to one particular religion the manifestation of the observances and symbols of that religion, without restriction as to place and manner, may constitute pressure on students who do not practise that religion or those who adhere to another religion (see *Karaduman v. Turkey*, Commission decision of 3 May 1993).

51. The Government (see paragraphs 34-44 above) justified the obligation to display (or the fact of displaying) the crucifix by referring to the positive moral message moral of Christian faith, which transcended secular constitutional values, to the role of religion in Italian history and to the deep roots of religion in the country's tradition. They attributed to the crucifix a



neutral and secular meaning with reference to Italian history and tradition, which were closely bound up with Christianity. They submitted that the crucifix was a religious symbol but one which could equally represent other values (citing the Veneto Regional Administrative Court's judgment no. 1110 of 17 March 2005, § 16, see paragraph 13 above).

In the Court's opinion, the symbol of the crucifix has a number of meanings among which the religious meaning is predominant.

52. The Court considers that the presence of the crucifix in classrooms goes beyond the use of symbols in specific historical contexts. It has moreover held that the traditional nature, in the social and historical sense, of a text used by members of parliament when swearing loyalty did not deprive the oath to be sworn of its religious nature (*Buscarini and Others v. San Marino* [GC], no. 24645/94, ECHR 1999-I).

53. The applicant alleged that the symbol conflicted with her convictions and infringed her children's right not to profess Catholicism. Her convictions are sufficiently serious and consistent for the compulsory presence of the crucifix to be capable of being understood by her as being incompatible with them. She sees the display of the crucifix as a sign that the State takes the side of Catholicism. That is the meaning officially accepted in the Catholic Church, which attributes to the crucifix a fundamental message. Consequently, the applicant's apprehension is not arbitrary.

54. Ms Lautsi's convictions also concern the impact of the display of the crucifix on her children (see paragraph 32 above), who at the material time were aged eleven and thirteen. The Court acknowledges that, as submitted, it is impossible not to notice crucifixes in the classrooms. In the context of public education they are necessarily perceived as an integral part of the school environment and may therefore be considered "powerful external symbols" (see *Dahlab v. Switzerland* (dec.), no. 42393/98, ECHR 2001-V).

55. The presence of the crucifix may easily be interpreted by pupils of all ages as a religious sign, and they will feel that they have been brought up in a school environment marked by a particular religion. What may be encouraging for some religious pupils may be emotionally disturbing for pupils of other religions or those who profess no religion. That risk is particularly strong among pupils belonging to religious minorities. Negative freedom of religion is not restricted to the absence of religious services or religious education. It extends to practices and symbols expressing, in particular or in general, a belief, a religion or atheism. That negative right deserves special protection if it is the State which expresses a belief and dissenters are placed in a situation from

which they cannot extract themselves if not by making disproportionate efforts and acts of sacrifice.

56. The display of one or more religious symbols cannot be justified either by the wishes of other parents who want to see a religious form of education in conformity with their convictions or, as the Government submitted, by the need for a compromise with political parties of Christian inspiration. Respect for parents' convictions with regard to education must take into account respect for the convictions of other parents. The State has a duty to uphold confessional neutrality in public education, where school attendance is compulsory regardless of religion, and which must seek to inculcate in pupils the habit of critical thought.

The Court cannot see how the display in state-school classrooms of a symbol that it is reasonable to associate with Catholicism (the majority religion in Italy) could serve the educational pluralism which is essential for the preservation of "democratic society" within the Convention meaning of that term. It notes in that connection that the Constitutional Court's case-law also takes that view (see paragraph 24).

57. The Court considers that the compulsory display of a symbol of a particular faith in the exercise of public authority in relation to specific situations subject to governmental supervision, particularly in classrooms, restricts the right of parents to educate their children in conformity with their convictions and the right of schoolchildren to believe or not believe. It is of the opinion that the practice infringes those rights because the restrictions are incompatible with the State's duty to respect neutrality in the exercise of public authority, particularly in the field of education.

58. Consequently, there has been a violation of Article 2 of Protocol No. 1 taken together with Article 9 of the Convention.

II. ALLEGED VIOLATION OF ARTICLE 14 OF THE CONVENTION

59. the applicant submitted that the interference she complained of under Article 9 of the Convention and Article 2 of Protocol No. 1 also infringed the principle of non-discrimination, enshrined in Article 14 of the Convention.

60. The Government rejected that argument.

61. The Court notes that this complaint is not manifestly ill-founded within the meaning of Article 35 § 3 of the Convention. It further notes that it is not inadmissible on any other grounds. It must therefore be declared admissible.

62. However, having regard to the circumstances of the case and the reasoning which led it to find a violation of Article 2 of Protocol No. 1 taken together with Article 9 of the Convention (see paragraph 58 above), the Court considers that there is no cause to examine the case under Article 14 also, whether taken separately or in conjunction with the above-mentioned provisions.

III. APPLICATION OF ARTICLE 41 OF THE CONVENTION

63. Article 41 of the Convention provides:

"If the Court finds that there has been a violation of the Convention or the Protocols thereto, and if the internal law of the High Contracting Party concerned allows only partial reparation to be made, the Court shall, if necessary, afford just satisfaction to the injured party."

A. Damage

64. The applicant claimed a sum amounting to at least EUR 10,000 for non-pecuniary damage.

65. The Government submitted that the finding of a violation would be sufficient. In the alternative, they argued that the sum claimed was excessive and unsupported and asked for the claim to be dismissed or reduced on an equitable basis.

66. As the Government have not expressed their readiness to review the provisions governing the presence of crucifixes in classrooms, the Court considers that, unlike the situation in the *Folgerø and Others* case (judgment cited above, § 109), the finding of a violation would not be sufficient in the present case. Consequently, ruling on an equitable basis, it awards EUR 5,000 in respect of non-pecuniary damage.

B. Costs and expenses

67. The applicant claimed EUR 5,000 for the costs and expenses incurred during the Strasbourg proceedings.

68. The Government observed that the applicant's claim was not supported by any evidence and asked the Court to reject it.

69. According to the Court's case-law, costs and expenses can be awarded under Article 41 only if it is established that they were actually and

273

necessarily incurred and were reasonable as to quantum. In the present case the applicant did not produce any documentary evidence in support of her claim for reimbursement. The Court therefore decides to reject it.

C. Default interest

70. The Court considers it appropriate that the default interest should be based on the marginal lending rate of the European Central Bank, to which should be added three percentage points.

FOR THESE REASONS, THE COURT UNANIMOUSLY

1. Declares the application admissible;
2. Holds that there has been a violation of Article 2 of Protocol No. 1 taken together with Article 9 of the Convention;
3. Holds that there is no cause to examine the complaint under Article 14 whether taken separately or in conjunction with Article 9 of the Convention and Article 2 of Protocol No. 1;
4. Holds
 - (a) that the respondent State is to pay the applicant, within three months from the date on which the judgment becomes final in accordance with Article 44 § 2 of the Convention], EUR 5,000 (five thousand euros) in respect of non-pecuniary damage, plus any tax that may be chargeable;
 - (b) that from the expiry of the above-mentioned three months until settlement simple interest shall be payable on the above amounts at a rate equal to the marginal lending rate of the European Central Bank during the default period plus three percentage points;
5. Dismisses the remainder of the applicant's claim for just satisfaction.

Done in French, and notified in writing on 3 November 2009, pursuant to Rule 77 §§ 2 and 3 of the Rules of Court.

Sally Dollé Françoise Tulkens
Registrar President

LAUTSI v. ITALY JUDGMENT



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO

PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

Em 07/06/10, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 100/2009.

Técnico Judiciário - RF 5807

EXCELENTÍSSIMO(A) SR(A). DR(A). JUIZ(A) FEDERAL DA 3.ª VARA
FEDERAL CÍVEL DE SÃO PAULO – 1.ª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DO
ESTADO DE SÃO PAULO

JFSP-FORUM CIVEL
SETOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
13/05/2010 15:31 h
Prot. nro. 2010.000117479-1
0017604-70.2009.403.6100
2009.61.00.017604-0
[3ª.V CIVEL]
(E 2410)

Ação Civil Pública
Processo n.º 2009.61.00.017604-0
Autor: Ministério Público Federal
Ré: União Federal

A União Federal, representada pela Advocacia-Geral da
União – Procuradoria-Regional da União – 3.ª Região-SP/MS, por seu Procurador que
esta subscreve, vem respeitosamente à presença de V. Exa., expor e requerer o que se
segue.

02. Confirmando o que foi dito na petição do dia 30.04.2010,
a União informa que na data de hoje foi publicado no Diário Oficial da União o Decreto
n.º 7.177/2010, que modifica o Decreto n.º 7.037/2009 (que aprovou o Programa
Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3), revogando a ação programática “desenvolver
mecanismos para impedir a ostentação de símbolos religiosos em estabelecimentos
públicos da União” (Diretriz 10 - “objetivo estratégico VI – ação programática “c”)¹.

¹ Cf. art. 7.º do Decreto n.º 7.177/2010: “Art. 7º Ficam revogadas as ações programáticas “c” do Objetivo Estratégico VI - Respeito às diferentes crenças, liberdade de culto e garantia da laicidade do Estado – da Diretriz 10: Garantia da igualdade na diversidade; e “d” do Objetivo Estratégico I – Promover o respeito aos Direitos Humanos nos meios de comunicação e o cumprimento de seu

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)

Documento assinado digitalmente conforme MP n.º 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

03. Como se vê, não há mais sequer um objetivo estratégico voltado à retirada dos símbolos religiosos das repartições públicas, com o que a superveniência de tal programa não afeta a discussão desta lide.

04. Nesta ocasião, a União reitera seu pedido de encerramento da fase instrutória, com o julgamento antecipado (pela improcedência) da lide, posto se tratar de matéria exclusivamente de direito (art. 330, I, do CPC).

Nestes termos,
p. deferimento.

São Paulo, 13 de maio de 2010.

Gustavo Henrique Pinheiro de Amorim
Procurador-Regional da União da 3.ª Região
Advogado da União

papel na promoção da cultura em Direitos Humanos – da Diretriz 22: Garantia do direito à comunicação democrática e ao acesso à informação para consolidação de uma cultura em Direitos Humanos, do Anexo do Decreto no 7.037, de 21 de dezembro de 2009.”

2

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:23
Número do documento: 22070818562420100000248538995
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

Em 10 de Junho de 2010, faço conclusos estes autos à MM^a. Juíza Federal em exercício na 3^a Vara Cível da 1^a Subseção Judiciária de São Paulo - Capital, **Dr^a. MAÍRA FELIPE LOURENÇO**.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc.Jud) RF 1724

Processo nº: 2009.61.00.017604-0

Ao autor ministerial para esclarecer quais são os pontos controvertidos e justificar a pertinência da prova requerida, e ainda para vista dos documentos de fls. 265/273.

São Paulo, 10 de Junho de 2010.

MAÍRA FELIPE LOURENÇO
Juíza Federal Substituta

D A T A

Em 10 de Junho de 2010, recebi estes autos na Secretaria, com o r. despacho supra.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.) RF 1724

VISTA

Em 10 de Junho de 2010 faço vista destes autos ao Ministério Público Federal.

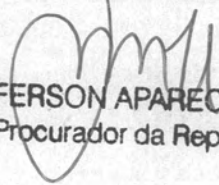
Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc.Jud) RF 1.724



MM. Juiz Federal.

Manifestação em 02 lauda(s).

Marília-SP, 25, 06, 10.


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador da República

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:23

Número do documento: 22070818562420100000248538995

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

RECEBIMENTO

Em 29 JUN. 2010 de
Recebi esta...

Judiciário
ELAINE C. CESTARI
R.F. 1724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:23
Número do documento: 22070818562420100000248538995
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24

REPUBLICA FEDERAL DO BRASIL
TRIBUNAL DE JUSTIÇA
PROCESSO Nº 2007.08.185624201-00000248538995
VOTO Nº 1

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23
Número do documento: 22070818562420100000248538995
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Rua Peixoto Gomide, 762/768 - Cerqueira César - São Paulo - SP - CEP 01409-904- Fone: (11) 3269-5000

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA 3ª VARA CÍVEL
DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO - CAPITAL.

JUNTADA

Re 108/10, fco a juntada
do documento nº 108, nos termos do
Provimento CC 001/11 de 12/2011.

Técnica Judiciária - RF 1724

JFSP-FORUM CÍVEL
SETOR DE PROTOCOLO GERAL E INTEGRADO
28/06/2010 11:45 h
Prot. nro. 2010.000152298 1



0017604-70.2009.403.6100
2009.61.00.017604-0
[3a.V CÍVEL]

Processo nº 2009.61.00.017604-0
Ação Civil Pública
Autor: Ministério Público Federal
Réu: União Federal

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelo Procurador Regional dos Direitos do Cidadão abaixo assinado, no exercício de suas atribuições constitucionais e legais, vem respeitosamente diante de Vossa Excelência, manifestar-se e requerer o que segue:

O principal ponto controvertido da presente ação civil pública refere-se ao atentado ou não aos direitos fundamentais à liberdade de crença e de religião na prática de fixação de símbolos religiosos, tais como crucifixos, nos locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público das repartições públicas da União.

Desse modo, para deslindar tal questão e efetivar o direito constitucional ao contraditório, é imprescindível que sejam ouvidos em audiência representantes de vários segmentos religiosos e não-religiosos (ateus e agnósticos) existentes no país.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23
Número do documento: 22070818562420100000248538995
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Somente com a efetiva audiência de representantes dos ateus, agnósticos, judeus, islâmicos, católicos, evangélicos, umbandistas, etc. é que poderá se aferir a potencialidade discriminatória dos mencionados símbolos.

Por fim, quanto ao documento de fls. 265/273, este órgão deixa de se manifestar haja vista não ter sido juntada sua tradução, conforme exigido pelo arts. 156 e 157, ambos do Código de Processo Civil.

Diante do exposto, o Ministério Público Federal, apresentando os fundamentos fáticos e jurídicos acima, com fundamento no art. 407 do CPC, requer seja designada audiência de instrução para oitiva das testemunhas a seguir arroladas.

Termos em que,
pede deferimento.

São Paulo, 25 de junho de 2010.


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão

Testemunhas:

Daniel Sottomaior Pereira, Presidente da ATEA - Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos e autor da representação de fls. 13/14, residente na Rua S. Wenceslau, 43, Jabaquara, em São Paulo (SP); *OK*

Cardeal Odilio Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, residente na sede da Arquidiocese, na Avenida Higienópolis, 890, em São Paulo (SP); *OK*

Samuel Gomes de Lima, Presidente da Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania - ABRLIRC, residente na Av. Sete de Setembro, 299 - Bloco C - apto. 24, em Diadema (SP);

Jamil Rachid, Presidente da União de Tendas e Umbanda e Candomblé do Brasil, com endereço na Rua Alves Guimarães, 940, Pinheiros, em São Paulo (SP); *OK*

Henry Sobel, Rabino Emérito da Congregação Israelita Paulista, com endereço na Rua Antonio Carlos, 653 - B. Consolação, em São Paulo (SP); *OK*

Daniel Checcio, bispo da Comunidade Evangélica do Bixiga, com endereço na Rua Rocha, 70, B. Bixiga, em São Paulo (SP); *OK*

Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji, Presidente do Centro Islâmico no Brasil, com endereço na Av. do Estado, 5382, Cambuci, em São Paulo (SP). *OK*





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

Em 5 de Agosto de 2010, faço conclusos estes autos ao MM. Juiz Federal no exercício da titularidade da 3ª Vara Cível da 1ª Subseção Judiciária de São Paulo - Capital, **Dr. RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA**.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc.Jud.) RF 1724

Processo nº: 2009.61.00.017604-0

Defiro a produção da prova testemunhal requerida pelo autor, designando o dia 07 de dezembro de 2010, às 14 horas para a realização da audiência.

Intimem-se as partes e as pessoas indicadas a fls. 277, verso.

Defiro à ré e à assistente o prazo de quinze dias para indicar testemunhas, caso queiram, providenciando a Secretaria as intimações.

Int.

São Paulo, 5 de Agosto de 2010.


RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal no exercício da titularidade

D A T A

Em 5 de Agosto de 2010, recebi estes autos na Secretaria, com o r. despacho supra.

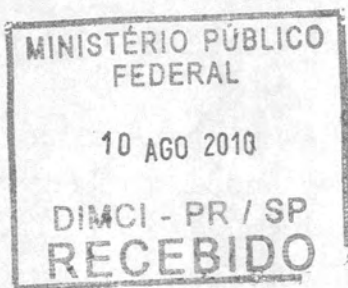
Eu, _____, subscrevi.
(Aux./Téc. Jud.) RF 1724



VISTA

Em _____ 9 AGO. 2010 _____
de _____ M.P.F. - _____
Eu _____

ELAINE C. CESTARI
R.F. 1724



mm. Juiz Federal
ciente o MPF.
SP, 13/08/10

JEFFERSON AP. DIAS
PRDC

RECEBIMENTO
Em _____ 13 AGO. 2010 _____
Recebi _____
ELAINE C. CESTARI
R.F. 1724





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

VISTA

Em 20 de agosto de 2010, faço vista destes autos
à Advocacia Geral da União - AGU.

Eu, [assinatura], subscrevo.
Anal. [assinatura] Téc. Jud. RF 5.807.

Processo nº. 200961000176040.

M.M. Luiz

Pela União,
ciente, nesta data, do
H. despacho de fls. 278.
Manifesto-me em apartado
Lucia M. Pato Garbelini

Lucila M. Pato Garbelini
Advogada da União
AGU - PRU 3ª Região SP/MS

RECEBIMENTO

Em 14 SET 2010, recebi estes autos da
Advocacia Geral da União - AGU.

Eu, [assinatura], subscrevo.
Anal. [assinatura] Téc. Jud. RF 5.807.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO- 3ª REGIÃO SP/MS

EXCELENTÍSSIMO(A) SENHOR(A) DOUTOR(A) JUIZ(A) FEDERAL DA 03ª
VARA FEDERAL DE SÃO PAULO

JUNTADA

Em 14 SET. 2010, faço a juntada
deste documento nos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 100/2009.

Técnica Judiciária - RF 1724

JFSP-FORUM CIVEL-SPI
01/09/2010 16:50 h
Prot. 2010.000213641-1



0017604-70.2009.4.03.6100
[C/ AGU] [3a V. CIVEL]
Juntada-JFSP
RF: [assinatura] Rubrica: [assinatura]

AÇÃO CIVIL PÚBLICA

Processo nº 2009.61.00.017604-0

Autor: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Ré: UNIÃO

A **UNIÃO**, por sua advogada infra-assinada,
nos autos do processo em epígrafe, vem, respeitosamente à presença
de V. Exa., face ao art. 526 do Código de Processo Civil, requerer se
digne determinar a **juntada** da cópia do Agravo interposto.

Nestes Termos,
P. Deferimento.

São Paulo, 01 de setembro de 2010

Lucila Morales Piato Garbelini
Advogada da União

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23

Número do documento: 22070818562420100000248538995

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



281
EOT/AB

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO

EXMO.(A) SR.(A) DR.(A) DESEMBARGADOR(A) PRESIDENTE DO EGRÉGIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO.

TRF3-31/ago/2010-15:44

2010.157072-AGU/UFOR

0027330-98.2010.4.03.0006

Processo de origem : Nº 2009.61.00.017604-0 – AÇÃO CIVIL PÚBLICA –
03ª Vara Federal Cível - São Paulo/Capital

Agravante: UNIÃO

Agravado: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

A UNIÃO, por seus Advogados infra-assinados, vem, consoante estatuem os arts. 522 e seguintes do CPC, interpor, com fundamento nas razões anexas, AGRADO DE INSTRUMENTO COM PEDIDO DE EFEITO SUSPENSIVO da decisão de fls. 278, que deferiu a produção da prova testemunhal pleiteada pelo autor, requerendo, desde já, que o presente recurso seja recebido e distribuído na forma regimental, para que lhe seja dado inteiro provimento por essa Egrégia Superior Instância.

Espera deferimento.

São Paulo, 30 de agosto de 2010.

Lucila Morales Piato Garbelini
Advogada da União

MÁRCIO OTÁVIO LUCAS PADULA
Advogado da União
Coordenador do Grupo de Matérias Residuais
PRU – 3ª Região

1

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:23

Número do documento: 22070818562420100000248538995

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

RAZÕES DE AGRAVO

Eminentes Julgadores,

Pretende o Autor, Ministério Público Federal, através da presente Ação Civil Pública cumulada com pedido de antecipação de tutela, a condenação da União à obrigação de fazer, consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados em locais de atendimento ao público nos prédios públicos da União, no Estado de São Paulo.

Sustenta, o autor, que a conduta de afixar símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade nas repartições públicas não respeitaria o princípio da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, bem como o princípio da imparcialidade da Administração Pública e do princípio processual da imparcialidade do Poder Judiciário.

Afirma ser, o ato em questão, ofensor do disposto no artigo 5º da Constituição Federal, do artigo 20 da Lei 7.716/89 (trata do ilícito penal de induzimento ou incitação a discriminação ou preconceito de religião), além de atentar contra o artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao artigo 2º, 3º e 4º da Declaração sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções¹.

Nesse sentido, destaca como também ofendido o Pacto de São José da Costa Rica (Convenção Americana de Direitos Humanos), o qual versa em seu artigo 12 sobre a liberdade de consciência e de religião:

¹ Proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas a 25 de novembro de 1981 - Resolução 36/55.



282
C

**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Nos termos do art. 2º da Lei 8437/92, a União manifestou-se preliminarmente, às fls. 70/107.

A seguir, conforme a r. decisão de fls. 108/113v. a medida liminar pleiteada foi indeferida. Com muita propriedade, a MMª Juíza "a quo" entendeu que a laicidade não pode se expressar na eliminação dos símbolos religiosos, mas na tolerância aos mesmos.

Às fls. 148/178, a União apresentou contestação, requerendo a improcedência do pedido com base nas razões elencadas.

Na sequência, às fls. 249, novamente com muita propriedade, a MMª Juíza, entendendo que no presente caso, verificava-se a hipótese do artigo 330, I do CPC, determinou que os autos fossem conclusos para sentença.

Outrossim, o Ministério Público Federal, às fls. 254/255v, informou que pretendia produzir provas acerca da situação fática exposta na inicial, notadamente, a oitiva de testemunhas.

Instada a se manifestar, a União esclareceu que, em consonância com o entendimento de fls. 249 (despacho que determina que os autos fossem conclusos para sentença, conforme cópia anexa), a presente causa versa tão somente sobre matéria de direito, informando que não possuía provas a produzir.

Determinada nova manifestação do autor para esclarecer os pontos controvertidos e justificar a pertinência da prova requerida, o mesmo, às fls. 277/277v., informou que o principal ponto controvertido (*in verbis*) "refere-se ao atentado ou não aos direitos fundamentais à liberdade de crença e de religião na prática de fixação de símbolos religiosos, tais como crucifixos, nos locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público das repartições públicas da União"

Pretende, assim, que sejam ouvidos os representantes dos ateus, agnósticos, judeus, islâmicos, católicos, evangélicos, umbandistas, etc. para poder-se aferir a potencialidade discriminatória dos mencionados símbolos.



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Às fls. 278 foi deferida a produção da prova testemunhal requerida, designando o dia 07 de dezembro de 2010 para a realização da audiência.

Assim, contra o referido despacho que determinou a realização de audiência, a União interpõe o presente agravo de instrumento, com pedido de efeito suspensivo. Senão vejamos:

DA NECESSIDADE DO RECEBIMENTO DO PRESENTE RECURSO NA FORMA DE INSTRUMENTO E DA CONCESSÃO DO EFEITO SUSPENSIVO

A Lei nº 11.187, de 20/10/2005, que passou a vigorar a partir de 19/01/2006, alterou o regime do recurso de agravo interposto contra as decisões interlocutórias. Conforme a nova redação dada ao caput do art. 522 do Código de Processo Civil, o agravo será, em regra, retido, só podendo ser de instrumento, quando a decisão agravada puder causar ao recorrente lesão grave e de difícil reparação.

Conforme ensinam os doutrinadores Luiz Rodrigues Wambier, Teresa Arruda Alvim Wambier e José Miguel Garcia Medina, em seu livro "Breves Comentários à Nova Sistemática Processual Civil, Tomo II", os requisitos constantes no artigo 522, "caput" do CPC, consistentes na lesão grave e de difícil reparação, apta a ensejar que se admita o agravo na forma de instrumento, deve ser entendida em sentido amplo.

Além disso, presentes estão o *periculum in mora*, tendo em vista a proximidade da data da audiência designada e o *fumus boni iuris*, conforme será adiante demonstrado.

No caso em apreço, temos que a decisão de fls. 278 causa grave lesão a ordem pública, tendo em vista que a matéria tratada se funda exclusivamente em matéria de direito. Assim sendo, requer a União seja o presente recurso recebido na forma de INSTRUMENTO, a fim de se evitar prejuízos irreversíveis ao poder público.



283
C

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

PRELIMINARMENTE
DA TEMPESTIVIDADE

O presente recurso é tempestivo, considerando que a União foi intimada pessoalmente da referida decisão, no dia 20 de agosto de 2010, conforme fls. 279 dos autos.

Portanto, a contagem do prazo iniciou-se no dia 23.10.10, (artigos 522 c/c 188, do CPC), conforme comprovantes que seguem anexos.

DA NECESSIDADE DE REFORMA DA DECISÃO

Como se procurará demonstrar, o r. despacho de fls. 278, que deferiu a produção de prova testemunhal, deve ser reformado, com base nos argumentos expendidos na manifestação de fls. 259/264v, que ora se reitera, nos seguintes termos:

(i) Da impertinência para o julgamento da lide das provas requeridas pelo Ministério Público Federal

Com o devido respeito ao l. representante do *parquet*, a prova requerida às fls. 254/255, v.º e 277/277v, é totalmente impertinente e desnecessária ao deslinde do feito, afrontando, inclusive, os artigos 128, 130, 330, I, 332, e 416, do CPC.

Isso porque - como sabemos -, o Juiz só defere provas "necessárias à instrução do processo, indeferindo as diligências inúteis ou meramente protelatórias" (art. 130 do CPC, *in fine*), sendo certo também que essas provas devem ter ligação com o pedido feito na lide, já que "o juiz decidirá a lide nos limites em que foi proposta" (art. 128, do CPC).

E mais: a própria prova só é permitida (ou só se destina) à "argumentação exclusivamente relacionada às argumentações de fato, formuladas no interior da relação processual - de regra, na petição inicial e na resposta do réu", como bem ensinam Marinoni e Arenhart.²

² MARINONI, Luiz Guilherme e ARENHART, Sérgio Cruz. *Prova*. São Paulo: RT, 2009, p. 53.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

É por essa razão que somente fatos (e fatos controvertidos) são objeto de prova. As afirmações de fato sobre os quais não se levanta (no processo) qualquer dúvida são incontroversas, e, portanto, estão fora da investigação processual.³

Daí o C. STJ ter decidido que "*só há propriamente cerceamento do direito de prova quando o julgador indefere a demonstração de fatos controvertidos, cujo esclarecimento é necessário e relevante para a prestação jurisdicional*" (REsp 866359/ES, grifos nossos).

Ora, não há nenhum fato controvertido nesta lide, com o que se mostra totalmente desnecessária a produção de prova.

Alega o MPF, em seu pedido de prova testemunhal, que "*pretende produzir provas acerca da situação fática exposta na inicial, notadamente, a oitiva de testemunhas*" (fls. 254).

Pois bem: na sua petição inicial (fls. 02/06), o Ministério Público Federal afirma (em uma apertada síntese) apenas quatro fatos:

- (i) que foi instaurado um procedimento administrativo para apurar a ostentação de símbolo religioso no TRE/SP;
- (ii) que em foto acostada aos autos o símbolo religioso aparece;
- (iii) que foram juntados documentos do IBGE acerca da distribuição da população brasileira em termos de religião; e
- (iv) que os cidadãos brasileiros que comparecem às repartições públicas se deparam com símbolos religiosos que muitas vezes não correspondem às suas religiões.

Além desses fatos, a petição inicial traz opiniões jurídicas sobre eles, tais como (i) que a afixação desses símbolos violaria a liberdade de crença (fls. 02), (ii) que, quando um cidadão se depara com um símbolo religioso de uma crença que não seja a sua, ocorreria um atentado "*à liberdade de crença dos cidadãos que procuram o serviço público, bem como demonstra que o Estado estabelece preferência entre credos e crenças, privilegiando uns e ignorando os demais*" (fls. 03).

³ MARINONI, Luiz Guilherme e ARENHART, Sérgio Cruz, *ibidem*.



284
C

**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Por óbvio que tais afirmações não são "fatos", mas sim juízos feitos sobre os fatos narrados na exordial (cf. item 13, acima), juízos esses que não são objeto de prova, como bem ensina Cândido Dinamarco:

"Também não constituem objeto de prova os direitos subjetivos, as obrigações e demais situações puramente jurídicas. Demonstrado pela prova que os fatos aconteceram ou que não aconteceram, da realidade que houver sido provada o juiz extrairá suas conclusões jurídicas com plena liberdade interpretativa" (destacamos).⁴

E contra as conclusões jurídicas (a suposta "*violação à liberdade de crença*", assim como a alegada "*preferência entre credos e crenças*") tiradas pelo *parquet* dos fatos por ele narrados, a União se insurgiu na contestação de fls. 148/220, com os argumentos ali traçados.

Percebamos ainda que na contestação de fls. 148/220 não foi alegado fato algum pela União (que se limitou a argumentações jurídicas), com o que não há fato controverso que exija produção de prova.

Não havendo fato controverso, não haverá fato que dependa de prova, como determina o art. 334, II, do CPC:

"Art. 334. Não dependem de prova os fatos:

- I - notórios;
- II - afirmados por uma parte e confessados pela parte contrária;
- III - admitidos, no processo, como incontroversos;
- IV - em cujo favor milita presunção legal de existência ou de veracidade" (destacamos).

Seguindo essa linha de raciocínio, afirma Nelson Nery Junior que:

"O fato probando, isto é, o fato objeto da prova, é o fato controvertido. É controvertido o fato afirmado por uma parte e contestado especificamente pela outra. Os fatos

⁴ DINAMARCO, Cândido Rangel. *Instituições de Direito Processual Civil*. Vol. III. São Paulo: Malheiros, 2009, p. 58.



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

incontrovertidos não podem ser objeto de prova (CPC 334).

O direito também não pode ser objeto da prova porque da mihi factum, dabo tibi jus, o que significa que a parte deve dar os fatos ao juiz, a quem cabe aplicar o direito (iura novit cúria). Excepcionalmente o sistema admite a prova do direito (municipal, estadual, estrangeiro ou consuetudinário) (CPC 337)".⁵

No mesmo sentido, julgado do C. STJ:

"AGRAVO REGIMENTAL - QUESTÃO DE DIREITO - PROVA INDEFERIDA.
INEXISTINDO CONTROVERSIA SOBRE FATOS, PROVA PERICIAL REQUERIDA ERA DESNECESSÁRIA E INÚTIL E FOI CORRETAMENTE INDEFERIDA. NÃO HOUVE VIOLAÇÃO A DISPOSITIVOS PROCESSUAIS NEM DIVERGÊNCIA.
AGRAVO IMPROVIDO" (grifos nossos).
(AgRg no Ag 19633/RS)

Por fim, uma pergunta de ordem prática parece solapar a questão: *quem iria depor, e sobre que fatos?*

Seriam as pessoas que se sentem "ofendidas" pela presença de símbolos religiosos? Ora, por terem interesse no resultado da lide, esses indivíduos seriam inclusive suspeitos para depor (art. 405, §3.º, IV, do CPC).

Lembremos que o Código de Processo Civil prevê que a prova testemunhal só será admitida quando hábil "para provar a verdade dos fatos, em que se funda a ação ou defesa" (art. 332 do CPC), de tal forma que ao momento da inquirição "o juiz interrogará a testemunha sobre os fatos articulados" (art. 416, do CPC). Daí as testemunhas só poderem depor sobre fatos (e *fatos controvertidos*, como ensina Antonio Carlos de Araújo Cintra⁶).

Nesse sentido, Eduardo Cambi ensina que:

⁵ NERY JÚNIOR, Nelson, e NERY, Rosa Maria de Andrade. *Código de Processo Civil Comentado*. 10.ª ed. São Paulo: RT, 2006, p. 613.

⁶ CINTRA, Antonio Carlos de Araújo. *Comentários ao Código de Processo Civil*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Forense, 2002, p. 190.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

“A prova testemunhal se realiza mediante a inquirição de pessoas, as quais, por possuírem conhecimento dos acontecimentos que precisam ser elucidados judicialmente, mostram-se como fontes de prova úteis para a reconstrução dos fatos controvertidos”.⁷

Nota-se, portanto, o atrelamento da prova testemunhal à situação fática apresentada no processo.

Desta forma, a prova testemunhal só será realizada quando for necessária e útil, ou seja, para ouvir pessoas que possuam “conhecimento dos acontecimentos que precisam ser elucidados judicialmente”, e para a reconstrução de fatos controvertidos (explica Eduardo Cambi⁸) - não pela mera vontade de uma das partes.

Não havendo utilidade ou necessidade da produção da prova, deve o magistrado indeferi-la, na esteira do que já foi decidido pelo C. STJ:

“AGRAVO REGIMENTAL. PRODUÇÃO DE PROVAS. PERICIA.

Não pode haver produção de provas inúteis ao deslinde da controvérsia.

O juiz, na direção do processo, determina as provas necessárias e se a prova do fato não depende de conhecimento especial ou é desnecessária tem o dever de indeferir.

Questão exclusivamente de interpretação de cláusula contratual não comporta recurso especial.

Agravo improvido” (grifos nossos).

(STJ, AgRg no Ag 30237/DF)

Quanto à matéria de fundo, temos que, em 2007, o Conselho Nacional de Justiça analisou requerimento semelhante - embora adstrito a imagens religiosas ostentadas em nossos Tribunais (Pedidos de providência n.º 1344, PP 1345, PP 1346 e PP 1362). Na ocasião, foi reconhecida a legitimidade da permanência de tais símbolos nas cortes de nosso país.

⁷ CAMBI, Eduardo. *A Prova Civil: Admissibilidade e relevância*. São Paulo: RT, 2006, p. 139.

⁸ CAMBI, Eduardo, *op. cit.*, p. 139.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Tal caso é idêntico ao pedido do *parquet* nesta inicial, tendo sido rechaçado pelo CNJ há dois anos, quando o Conselho enfrentou o tema da presença de crucifixos em Tribunais após uma série de pedidos de providência da Organização não-governamental "Brasil para Todos", que pleiteava a retirada dos objetos das dependências de órgãos do Poder Judiciário.

Naquela ocasião, o CNJ entendeu que os objetos seriam símbolos da cultura brasileira e que não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário. Confira-se:

"Pedido para que se determine aos tribunais a retiradas de crucifixos dos plenários e salas

Pedido de Providências. Pretensão de que se determine aos Tribunais de Justiça a retirada de crucifixos afixados nos Plenários e salas.

Alegação de que a aposição de símbolos fere o art. 19, inciso I da CF/88 – 'Manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado – ou o Poder Judiciário – clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF, art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, data vênia, no ordenamento jurídico pátrio, qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de Órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável" (grifamos)

(CNJ – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 – Rel. Cons. Oscar Argollo – 14 ° Sessão Extraordinária – j. 06.06.2007 0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator).





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

O mesmo raciocínio, por óbvio, há que ser empregado em relação a outros prédios públicos, de onde se vê que não há o perigo do dano na presença dos símbolos religiosos em seus locais de exposição, desmerecendo acolhida o argumento da parte autora de que "inúmeras pessoas se dirigem aos prédios da União (...) e tem sua liberdade de crença ofendida diante da ostentação pública de símbolos religiosos não relacionados com a fé que professam".

Como ressaltou o CNJ, o uso de símbolos religiosos – mais especificamente crucifixos – faz parte da cultura popular, sendo um costume de profundas raízes.

De fato, há a religião e há a cultura, sendo certo que, como esclarecido pelo CNJ, os objetos em questão são símbolos da cultura brasileira, não interferindo na imparcialidade e na universalidade da Administração Pública.

E embora a intenção desta ação seja a de tentar proteger a liberdade de religião, a aceitação do pedido veiculado nesta demanda produziria o efeito oposto, qual seja, a de termos um comando aniquilando a liberdade de religião, criando-se não um Estado laico, mas sim um Estado em oposição à religião, em clara afronta à nossa Carta Magna e aos tratados e convenções internacionais sobre a liberdade de crença e religião.

Não há, também, relata o CNJ, "no ordenamento infralegal qualquer norma jurídica que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estado laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e 'ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei'" (CF. art. 5º, II)".⁹

Dáí não existir, tampouco, desrespeito aos valores consagrados no art. 37, caput, da Constituição Federal, pois a Administração Pública, *ao não proibir* o uso de objetos ligados à cultura brasileira ou que não têm sua ostentação vedada por lei, na

⁹ (CNJ – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 – Rel. Cons. Oscar Argollo – 14 º Sessão Extraordinária – j. 06.06.2007 0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator).



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

verdade age com impessoalidade, moralidade e imparcialidade dela exigidas – pois o Poder Público, aqui, não estará perseguindo ninguém por acreditar numa religião, ou por ostentar um objeto da cultura religiosa ou tradicional a que pertença. Pelo contrário: a Administração estará tão-somente respeitando o direito à liberdade de fé garantido a todos os indivíduos em nosso país.

No mesmo sentido, o raciocínio desenvolvido às fls. 108/113v, na decisão que indeferida a medida liminar pleiteada. Ali lemos a precisa colocação de que

“...a laicidade de nosso país não é novidade da Constituição Federal de 1988. Antes mesmo da promulgação da Constituição de 1891, o Decreto n. 119-A, de 07/01/1890, determinava a separação entre Igreja e Estado. A Constituição da República de 1891 elevou a laicidade a princípio constitucional que foi reproduzido em todas as Constituições do Brasil que lhe sucederam (1934, 1937, 1946, 1967/69 e 1988).

Segundo os ensinamentos de nossos doutrinadores, o Estado laico não deve ser entendido como uma instituição anti-religiosa ou anti-clerical. Na realidade o Estado laico é a primeira organização política que garantiu a liberdade religiosa. A liberdade de crença, a liberdade de culto e a tolerância religiosa foram aceitas graças ao Estado laico e não como oposição a ele.

O Estado laico pode ser definido como a instituição política legitimada pela soberania popular em que o poder e a autoridade das instituições do Estado vêm do povo, tal conceito está intimamente ligado à democracia e ao respeito dos direitos fundamentais.

Assim sendo, a laicidade não pode se expressar na eliminação dos símbolos religiosos mas na tolerância aos mesmos. Em um país que teve formação histórico-cultural cristã é natural a presença de símbolos religiosos em espaços públicos, sem qualquer ofensa à liberdade de crença, garantia constitucional, eis que para os agnósticos ou que professam crença diferenciada, aquele



287
B

**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

símbolo nada representa assemelhando-se a um quadro ou escultura, adereços decorativos.

Entendo que não ocorre a alegada ofensa à liberdade de crença, que significa a liberdade de escolha de religião, de aderir a qualquer seita religiosa ou a nenhuma, que não há ofensa à liberdade de culto e nem à liberdade de organização religiosa, garantias previstas no artigo 5º, inciso VI.

A laicidade prevista no artigo 19, inciso I, da Constituição Federal, veda à União, Estados, Distrito Federal e Municípios estabelecer cultos ou igrejas, subvencioná-las, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com elas ou seus representantes relação de dependência ou aliança, previsões que não implicam em vedação à presença de símbolos religiosos em órgão público" (grifos nossos).

Além disso, cumpre salientar que somente representantes de algumas religiões foram arrolados, sendo certo que muitas são as religiões professadas em nosso país, como por exemplo:

1. ***Igreja Católica Apostólica Romana***
2. ***Espiritismo***
3. ***Protestantismo***
4. ***Renovação Carismática Católica***
5. ***Igrejas Pentecostais***
6. ***Igreja Anglicana***
7. ***Igreja Luterana***
8. ***Igreja Adventista***
9. ***Igreja Batista***
10. ***Igreja metodista***
11. ***Igreja Congregacional***





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

12. *Igreja Presbiteriana*
13. *Igreja O Brasil para Cristo*
14. *Igreja do Evangelho Quadrangular*
15. *Igreja Presbiteriana Renovada*
16. *Igreja Crista Mariata*
17. *Igreja Presbiteriana do Brasil*
18. *Igreja Universal do Reino de Deus*
19. *Igreja Renascer em Cristo*
20. *Igreja Evangélica Cristo Vive*
21. *Igreja Luterana*
22. *Igreja Sara Nossa Terra*
23. *Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*
24. *Igreja Mórmon*
25. *Testemunhas de Jeová*
26. *Igreja Ortodoxa*
27. *Candomblé*
28. *Umbanda*
29. *Wicca*
30. *Neo-Druidismo*
31. *Xamanismo*
32. *Islamismo*
33. *Judaísmo*
34. *Igreja Anglicana do Brasil*
35. *Igreja Cristã Evangélica do Brasil*
36. *Igreja Presbiteriana do Brasil*
37. *Igreja Presbiteriana Unida do Brasil*
38. *Igreja Presbiteriana Conservadora do Brasil*
39. *Igreja Evangélica Cristã Presbiteriana*
40. *Igreja menonita*
41. *Igreja Batista Conservadora*
42. *Igreja Batista do Sétimo Dia*
43. *Igreja Metodista*
44. *Igreja Metodista Livre*





288

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

45. *Igreja metodista Wesleyana*
46. *Igreja Werleyana Unida*
47. *Igreja de Cristo*
48. *Cristadelfianos*
49. *Assembléia de Deus*
50. *Congregação Cristã do Brasil*
51. *Igreja Unida*
52. *Igreja Pentecostal de Nova Vida*
53. *Missão Cristã Pentecostal*
54. *Igreja Internacional da Graça de Deus*
55. *Igreja Apostólica Novo Destino*
56. *Igreja Apostólica Fonte da Vida*
57. *Bola de neve Church*
58. *Ministério Internacional da Restauração*
59. *Igreja Mundial do Poder de Deus*
60. *Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil*
61. *Igreja Cristã Primitiva*
62. *Igreja Remanescente Dualista dos Primogênitos*
63. *Congregação Israelita da Nova Aliança;*

entre outras.

Por fim, indaga-se até que ponto as testemunhas arroladas pelo autor não estariam já de antemão suspeitas (elas têm interesse próprio no processo – afinal são líderes de religiões que não adotam o símbolo a cruz).

Por todo o exposto, a União requer seja concedido o efeito suspensivo a este agravo, bem como seja reformada a r. decisão de fls. 278, que deferiu a produção de prova testemunhal, com o conseqüente julgamento antecipado da lide, em virtude da demanda tratar unicamente de matéria de direito, que não exige instrução probatória.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

DA GRAVE LESÃO E DO MERECIMENTO DO EFEITO SUSPENSIVO

A decisão recorrida causa danos à União, pelo inequívoco prejuízo à ordem legal e ao interesse público.

O Exmo. Presidente do Eg. Tribunal Regional Federal da 1ª Região, em despacho na Suspensão de Segurança nº 96.01.44616-8/MG, consignou:

"(...) A lesão à ordem jurídica, quando manifestamente afrontosa pode comprometer a execução normal do serviço público, e, nesse particular, traduzir grave lesão à ordem pública. A jurisprudência brasileira vem se consolidando nesse sentido, verbis:

'É cabível a suspensão nos casos em que o cumprimento imediato do julgado ou da liminar pode ferir, ou ameaçar os interesses superiores legalmente protegidos' (RTJ - 118/861).

No mesmo diapasão, já manifestou-se esta Presidência no sentido de que 'casos ocorrem em que a ilegalidade da medida se mostra tão afrontosa à ordem jurídica que compromete a execução normal do serviço público, reclamando a imediata sustação de sua eficácia'.

(Suspensão de Segurança nº 91.01.14113-9/MG, publicada no DJ de 30.12.91, pág. 321847).

A interposição do Agravo de Instrumento e a concessão do efeito suspensivo ao mesmo configura-se, assim, necessária.

Sobre o tema, assim se expressa Cândido Rangel Dinamarco, in "A reforma do Código de Processo Civil", 4ª edição, p. 191:

"Ao explicitar de modo específico o poder de acrescer eficácia suspensiva ao agravo de instrumento, o art. 527, inc. II, reportou-se expressamente ao disposto no art. 558. Segundo o novo art. 558, a possibilidade de acrescer suspensividade já não se limita a casos tipificados e taxativos, sendo admissível em todas as situações onde haja risco de mal grave e de difícil reparação. Sendo convincente a relevante fundamentação que justificar o pedido, a medida será concedida."





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Merecem apreciação, assim, as considerações acima feitas, e espera a União resultem razões de reforma da r. decisão ora agravada.

Requer, portanto, seja conhecido o presente agravo e concedido EFEITO SUSPENSIVO, como previsto no diploma processual em vigor.

Ante o exposto, a Agravante aguarda a suspensão da decisão hostilizada, por ser de inteira

JUSTIÇA!

Em atendimento ao disposto no inciso III do art. 524 do CPC, informa que é representante do agravado o Dr. Jefferson Aparecido Dias, Procurador Regional dos Direitos do Cidadão, da Procuradoria da República no Estado de São Paulo, com endereço na Rua Peixoto Gomide, 762/768, Cerqueira César, São Paulo, SP.

Advogados da Agravante: Dra. Lucila Morales Piato Garbelini, Advogada da União, e Márcio Otávio Lucas Padula, Advogado da União, com endereço na Procuradoria Regional da União da 3ª Região – SP/MS, Rua da Consolação, 1875, 4º andar, São Paulo – SP.

Instrui o presente com cópia integral dos autos.

Nestes termos, pede deferimento.

São Paulo, 30 de agosto de 2010.

Lucila Morales Piato Garbelini
Advogada da União

MÁRCIO OTÁVIO LUCAS PADULA
Advogado da União
Coordenador do Grupo de Matérias Residuais
PRU – 3ª Região





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

EXCELENTÍSSIMO(A) SR(A). DR(A). JUIZ(A) FEDERAL DA 3.ª VARA
FEDERAL CÍVEL DE SÃO PAULO – 1.ª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DO
ESTADO DE SÃO PAULO

JUNTADA

Em 16.9.2010, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 100/2009.

Técnico Judiciário - RF 5807

851168
2009 000037

Ação Civil Pública
Processo n.º 2009.61.00.017604-0
Autor: Ministério Público Federal
Ré: União Federal

A União Federal, representada pela Advocacia-Geral da
União – Procuradoria-Regional da União – 3.ª Região-SP/MS, por seu Procurador que
esta subscreve, vem respeitosamente à presença de V. Exa., em atenção ao r.
despacho de fls. 278, e sem prejuízo do agravo de instrumento interposto em face da
r. decisão de fl. 278, expor e requerer o que se segue.

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)

Documento assinado digitalmente conforme MP n.º 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

02. A União não tem testemunhas a indicar, até por entender, com a devida vênia, que a presente demanda se funda exclusivamente em matéria de direito, com o que se mostraria desnecessária a fase instrutória nesta lide.

03. E diante do rol de testemunhas apresentado pelo *parquet*, a convicção da dispensabilidade da prova testemunhal se reforça ainda mais.

04. Isso porque a primeira das testemunhas indicadas pelo I. membro do Ministério Público Federal (o Sr. Daniel Sottomaioir Pereira) é o próprio autor da representação que deu origem a esta demanda, como informado pelo MPF (fl. 277, v.º), e como se vê da representação de fls. 13/14.

05. Se a testemunha foi a autora da representação que deu origem a esta lide, mais do que evidente está a sua impossibilidade de depor como testemunha neste processo, incidindo a vedação prevista no art. 405, §3.º, IV, do CPC:

“Art. 405. Podem depor como testemunhas todas as pessoas, exceto as incapazes, impedidas ou suspeitas.

(...)

§ 3º São suspeitos:

(...)

IV - o que tiver interesse no litígio” (grifamos)

06. Por tal motivo, e diante do que prevê o art. 130, do CPC (que estipula que o Juiz só deferirá provas “necessárias à instrução do processo, indeferindo as diligências inúteis ou meramente protelatórias”), e sem prejuízo de eventual reiteração deste requerimento quando da realização da audiência, a União desde já impugna o testemunho do Sr. Daniel Sottomaioir Pereira, rogando a V. Exa. que reconsidere sua decisão de fl. 278, evitando o comparecimento do Sr. Daniel

2

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

para depor em audiência para a qual se encontra claramente suspeito para testemunhar.

07. Além do Sr. Daniel Sottomaior Pereira (que também é Presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos), o D. Procurador da República indica também outros seis líderes de diferentes religiões para depor (fl. 277, v.º).

08. A justificativa apresentada para o seu (deles) depoimento foi a de que *"o principal ponto controvertido da presente Ação Civil Pública refere-se ao atentado ou não aos direitos fundamentais à liberdade de crença e de religião na prática de fixação de símbolos religiosos, tais como crucifixos, nos locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público das repartições públicas da União"* (fl. 277).

09. Para a União, a lide versa, em verdade, sobre a legitimidade (ou não) de se instalar, no Brasil, o *totalitarismo do ateísmo* com a proibição da fixação de símbolos religiosos (de qualquer religião) nas repartições públicas federais, com a impossibilidade da expressão de crença religiosa dos servidores que nelas trabalham.

10. Sendo esse (ainda que o do MPF) o ponto central da lide, o depoimento dos líderes religiosos foi pedido pelo Ministério Público Federal para *"deslindar tal questão e efetivar o direito constitucional ao contraditório"* (fl. 277), pois somente com sua oitiva seria possível *"aferrir a potencialidade discriminatória dos mencionados símbolos"* (fl. 277, v.º).

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001: O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

11. Excelência, com o devido respeito ao l. representante do parquet, a prova testemunhal não se presta a “deslindar” ou debater questões jurídicas, tampouco a fazer juízos de valor (que seria a “opinião” dos líderes religiosos sobre a potencialidade discriminatória de tais símbolos).

12. Em verdade, a prova testemunhal serve para produzir prova de fatos presenciados pelas testemunhas.

13. É o que nos ensina Cândido Dinamarco quando escreve que:

“Também não constituem objeto de prova os direitos subjetivos, as obrigações e demais situações puramente jurídicas. Demonstrado pela prova que os fatos aconteceram ou que não aconteceram, da realidade que houver sido provada o juiz extrairá suas conclusões jurídicas com plena liberdade interpretativa” (destacamos).¹

14. Não será o processo – local em que apenas a lide é submetida ao contraditório – nem a audiência de oitiva de testemunhas o fórum para o debate de idéias com os líderes religiosos que parece querer realizar, ainda que com boas intenções, o parquet.

15. A oitiva de testemunhas, entretanto, não é o meio adequado para esse debate teórico, jurídico e valorativo entre (e com) os diversos líderes religiosos.

16. Por tais motivos, a União (i) informa que não tem testemunhas a indicar, e (ii) requer a reconsideração da decisão de designou

¹ DINAMARCO, Cândido Rangel. *Instituições de Direito Processual Civil*. Vol. III. São Paulo: Malheiros, 2009, p. 58.

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)



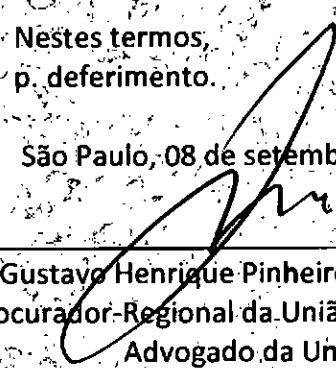


ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA-REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

audiência de conciliação, ou, na hipótese de ela ser mantida, que seja indeferido, de plano, o testemunho do Sr. Daniel Sottomaior Pereira, diretamente interessado no resultado da causa.

Nestes termos,
p. deferimento.

São Paulo, 08 de setembro de 2010.


Gustavo Henrique Pinheiro de Amorim
Procurador-Regional da União da 3.ª Região
Advogado da União

Rua da Consolação, 1.875, 5.º andar, Consolação
CEP: 01301-100 – São Paulo – Capital – Telefones: 3506-2800 e 3506-2900(PABX)

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC

JUNTADA
Em 16.9.2010, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 106/2009.

AGRAVO DE INSTRUMENTO Nº 0027330-98.2010.4.03.0000/SP
2010.03.00.027330-5/SP

Técnico Judiciário - RF 5807

RELATOR : Desembargadora Federal ALDA BASTO
A

AGRAVAN : Uniao Federal
TE

ADVOGAD : GUSTAVO HENRIQUE PINHEIRO DE AMORIM e outro
O

AGRAVAD : Ministerio Publico Federal
O

ADVOGAD : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro
O

ORIGEM : JUIZO FEDERAL DA 3 VARA SAO PAULO Sec Jud SP
No. ORIG. : 00176047020094036100 3 Vr SAO PAULO/SP

DECISÃO

Trata-se de agravo de instrumento interposto contra decisão que deferiu pedido de produção de prova testemunhal, requerida pelo órgão ministerial, designando o dia 07 de dezembro de 2010, às 14:00 horas para a realização da audiência.

Inconformada, alega a agravante a desnecessidade da produção da prova testemunhal, porquanto a matéria é exclusivamente de direito, não havendo necessidade de dilação probatória para a solução das questões suscitadas.

Decido.

Justifica-se a necessidade da produção de provas sempre que exista um fato que escape do conhecimento ordinário do julgador e cuja aferição dependa de conhecimento especial, seja testemunhal, técnico ou científico.

294
l

Assim, sendo o destinatário da prova, a ele cumpre decidir sobre a necessidade ou não de sua realização, indeferindo diligências meramente protelatórias ou inúteis (art. 130 do CPC).

De qualquer maneira, é dado ao magistrado julgar de acordo com seu livre convencimento e, para a formação de sua convicção, o juiz apreciará livremente as provas produzidas, motivando, contudo, as decisões proferidas (art. 131, CPC), sob pena de nulidade (art. 93, IX, CF).

Se o MM. Juiz, dentro da subjetividade inerente às atribuições do instrutor do processo entendeu necessária a audiência, não há razões objetivas para o seu cancelamento.

A discussão de ser a afixação de símbolos religiosos em repartições públicas atentatória ou não à liberdade de crenças e religião, embora seja eminentemente de direito, a audiência designada certamente será enriquecedora ao deslinde da causa, não trazendo a r. decisão agravada prejuízos à ordem processual.

Dessa forma, ausentes os requisitos necessários à suspensão da decisão, **indefiro** o pedido liminar feito em autos de agravo.

Comunique-se ao D. Juízo "a quo".

Cumpra-se o art. 527, V, do CPC.



295
2

Publique-se e Intime-se

São Paulo, 14 de setembro de 2010.

BATISTA GONCALVES

Juiz Federal Convocado

Documento eletrônico assinado digitalmente
conforme MP nº 2.200-2/2001 de
24/08/2001, que instituiu a Infra-estrutura de
Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil, por:

Signatário JOAO BATISTA
(a): GONCALVES:79

Nº de Série 443693B7

do

Certificado:

Data e Hora: 14/9/2010 18:07:42

A autenticidade do documento pode ser conferida no site

<http://www.trf3.gov.br/processos/verifica.php> informando o código verificador **847012v7**

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:23

Número do documento: 22070818562420100000248538995

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CERTIDÃO

*Certifico e dou fé que expedi Mandado(s),
conforme cópia(s) que segue(m).*

São Paulo, 17 de setembro de 2010

Eu, , subscrevi.
Técnico Judiciário RF 5807

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23

Número do documento: 22070818562420100000248538995

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 0 . 0 2 3 1 9 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2010.02319

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	ACÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA	
ENDEREÇO 1: RUA S. WENCESLAU, 43, JABAQUARA, SÃO PAULO, SP	CEP: 04316-070
ENDEREÇO 2 :	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) **RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA**, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A)
DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

EXPEDIDO nesta cidade de SÃO PAULO, em 17 de setembro de 2010.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.





* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 0 . 0 2 3 2 0 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2010.02320
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: CARDEAL ODILIO PEDRO SCHERER	
ENDEREÇO 1: AV. HIGIENOPOLIS, 890, HIGIENOPOLIS, SÃO PAULO, SP	CEP: 01238-000
ENDEREÇO 2 :	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A)
DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 17 de setembro de 2010.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23
Número do documento: 22070818562420100000248538995
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 0 . 0 2 3 2 1 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2010.02321

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	ACÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: JAMIL RACHID	
ENDEREÇO 1: RUA ALVES GUIMARAES, 940, PINHEIROS, SÃO PAULO, SP	CEP: 05410-001
ENDEREÇO 2 :	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) **RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA**, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A)
DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de **SÃO PAULO**, em 17 de setembro de 2010.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23

Número do documento: 22070818562420100000248538995

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 0 . 0 2 3 2 2 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2010.02322
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: HENRY SOBEL	
ENDEREÇO 1: RUA ANTONIO CARLOS, 653 - B, CONSOLACAO, SÃO PAULO, SP	CEP: 01309-011
ENDEREÇO 2 :	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) **RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA**, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de **SÃO PAULO**, em 17 de setembro de 2010.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 0 . 0 2 3 2 3 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2010.02323

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: DANIEL CHECCIO	
ENDEREÇO 1: RUA ROCHA, 70, B, BIXIGA, SÃO PAULO, SP	CEP: 01330-000
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A)
DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 17 de setembro de 2010.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 0 . 0 2 3 2 1 5 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2010.02325

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: SHEIKH TALEB HUSSEIN AL-KHAZRAJI	
ENDEREÇO 1: AV. DO ESTADO, 5382, CAMBUCI, SAO PAULO, SP	CEP: 01516-000
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A)
DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 17 de setembro de 2010.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23

Número do documento: 22070818562420100000248538995

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24

Num. 256305325 - Pág. 85



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CERTIDÃO

*Certifico e dou fé que expedi Carta(s)
Precatória(s) conforme cópia(s) que segue(m).*

São Paulo, 17 de setembro de 2010.

Eu, , subscrevi.

Técnico Judiciário RF 5807





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL – SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Seção Judiciária: São Paulo
Terceira Vara Cível Federal
Av. Paulista, 1682, 5o. andar, Bela Vista, São Paulo/SP -
01310-200

CARTA PRECATÓRIA Nº
210/2010

AÇÃO CIVIL PUBLICA nº 2009.61.00.017604-0

**EXPEDIDA NOS AUTOS DO PROCESSO SUPRA QUE
MINISTERIO PUBLICO FEDERAL movem em face de
UNIAO FEDERAL.**

**EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA
SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO/SP**

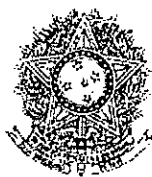
O DOUTOR RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, Juíz
Federal no exercício da titularidade da Vara acima referida,

D E P R E C A a Vossa Excelência a **I N T I M A Ç Ã O** da testemunha
SAMUEL GOMES DE LIMA, residente na Av. Sete de Setembro, 299,
bloco c, apto 24, Diadema, São Paulo/SP CEP 09912-010, para
comparecer à audiência designada para o dia 07 de dezembro de 2010, às
14 horas, na sala de audiência desta Vara. Fica a testemunha ciente que
caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida
coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos
do artigo 412 do Código de Processo Civil.

Expedida nesta cidade de São Paulo, em 17 de Setembro de 2010.
Eu, _____, (Elaine Cristina Cestari), Supervisora de
Processamentos Diversos, digitei. E eu, _____, (Rosinei Silva),
Diretora de Secretaria, conferi e subscrevo.

RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal no exercício da titularidade





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL – SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Seção Judiciária: São Paulo
Terceira Vara Cível Federal
Av. Paulista, 1682, 5o. andar, Bela Vista, São Paulo/SP -
01310-200

CARTA PRECATÓRIA Nº
210/2010

ACÃO CIVIL PUBLICA nº 2009.61.00.017604-0

**EXPEDIDA NOS AUTOS DO PROCESSO SUPRA QUE
MINISTERIO PUBLICO FEDERAL movem em face de
UNIAO FEDERAL.**

**EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA
SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO/SP**

O DOUTOR RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, Juiz
Federal no exercício da titularidade da Vara acima referida,

D E P R E C A a Vossa Excelência a **I N T I M A Ç Ã O** da testemunha
SAMUEL GOMES DE LIMA, residente na Av. Sete de Setembro, 299,
bloco c, apto 24, Diadema, São Paulo/SP CEP 09912-010, para
comparecer à audiência designada para o dia 07 de dezembro de 2010, às
14 horas, na sala de audiência desta Vara. Fica a testemunha ciente que
caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida
coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos
do artigo 412 do Código de Processo Civil.

Expedida nesta cidade de São Paulo, em 17 de Setembro de 2010.
Eu, Elaine Cristina Cestari, (Elaine Cristina Cestari), Supervisora de
Processamentos Diversos, digitei. E eu, Rosinei Silva, (Rosinei Silva),
Diretora de Secretaria, conferi e subscrevo.

RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal no exercício da titularidade



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 0 . 0 2 3 2 1 *

JUNTADA

Em 11/10/2010, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2010.02321
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: JAMIL RACHID	
ENDEREÇO 1: RUA ALVES GUIMARAES, 940, PINHEIROS, SÃO PAULO, SP	CEP: 05410-001
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

"INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL."

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 17 de setembro de 2010.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

Rosinei Silva
ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

Jamil Rachid
RG. 2.130.458
30 Setembro 2010



307
2

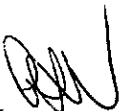
PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL DE PRIMEIRA INSTÂNCIA
1ª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Proc. nº 0017604-70.2009.403.6100
Mandado nº 0003.2010.02321

CERTIDÃO

Certifico, eu Oficial de Justiça infra-assinada, que em cumprimento ao r. mandado, dirigi-me à Rua Alves Guimarães, 940, Pinheiros, São Paulo/SP, onde procedi à **INTIMAÇÃO** de **JAMIL RACHID**, que ciente do inteiro teor do mandado, aceitou a contrafé que lhe ofereci, exarando sua assinatura no lugar de praxe. O referido é verdade e dou fé.

São Paulo, 30 de setembro de 2010.


ANA LÚCIA P. FONSECA
RF 707

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stj.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23
Número do documento: 22070818562420100000248538995
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



JUNTADA

Em 03/11/2010, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE nº 100/2008.

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303 Técnica Judiciária - RF 1724

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2010.02325

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (artigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: SHEIKH TALEB HUSSEIN AL-KHAZRAJI	
ENDEREÇO 1: AV. DO ESTADO, 5382, CAMBUCI, SAO PAULO, SP	CEP: 01516-000
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) **RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA**, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A)
DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 17 de setembro de 2010.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:23

Número do documento: 22070818562420100000248538995

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24

Num. 256305325 - Pág. 91

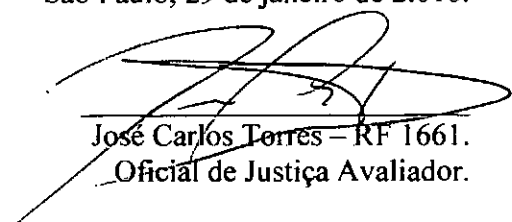
JUSTIÇA FEDERAL
SÃO PAULO

Processo 0017604-70.2009.403.6182.
Mandado 0003.2010.02325.

CERTIDÃO

CERTIFICO que, em cumprimento ao R. Mandado, estive na Rua Vigário João Alvarez, 211, Bairro do Ipiranga, São Paulo, SP, CEP 01551-040, onde, no dia 13 de outubro de 2010, às 11 horas, PROCEDI À INTIMAÇÃO, do inteiro teor deste, do Sr. SHEIKH TALEB HUSSEIN AL-KHAZRAJI, RG declarado No. 35.928.353-6 SSP/SP, que recebeu a contrafé conforme assinatura na primeira via do presente. Nada mais, devolvo o presente ao R. Juízo.

São Paulo, 29 de janeiro de 2.010.


José Carlos Torres – RF 1661.
Oficial de Justiça Avaliador.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC

380
l

Mandado nº 2325/10, 3ª Vara Cível

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que na Avenida do Estado, 5382, após diligências, DEIXEI DE PROCEDER A INTIMAÇÃO tendo em vista Sheikh Taleb Hussein Al-Khazraji não se encontrar no local, onde fui informado que o mesmo poderá ser encontrado na rua Vigário João Álvares, 211, Vila Monumento, CEP 01551-040, Centro Islâmico, telefone 2271-2040.

Certifico e dou fé que tendo em vista a rua Vigário João Álvares, 211, pertencer ao CEP 01551-040, devolvo o mandado para cumprimento das diligências pelo nobre colega encarregado deste CEP.

São Paulo, 08.10.2010.



Analista Judiciário – nº 21

L. BAPTISTA da Silva





deste documento aos autos, nos termos do Provimento CG-SE n.º 100/2009.

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU Técnico Judiciário - RF 752
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2010.02323

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: DANIEL CHECCIO	
ENDEREÇO 1: RUA ROCHA, 70, B, BIXIGA, SÃO PAULO, SP	CEP: 01330-000
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 17 de setembro de 2010.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

30/09/2010
T. Amil Chaves

3ª Vara

Processo nº 0017604-70.2009.403.6100

Mandado nº 0003.2010.02323

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que, em cumprimento ao mandado retro, dirigi-me a R. Rocha, 70, por três vezes, onde INTIMEI o Sr. Daniel Checcio, que recebeu a contrafé e exarou o seu ciente. Nada mais.

São Paulo, 30 de setembro de 2010.


Carmen Silva Gomes

Analista judiciário – Executante de Mandados





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

JUNTADA

Seção Judiciária: São Paulo
Terceira Vara Cível Federal
Av. Paulista, 1682, 5o. andar, Bela Vista, São Paulo/SP -
01310-200

Em 23/12/10, faço a juntada
deste documento aos autos nos termos do
Provimento COJ nº 100/2009.

Término Judiciário - RF 1724

CARTA PRECATÓRIA Nº

210/2010

ACÃO CIVIL PUBLICA nº 2009.61.00.017604-0

EXPEDIDA NOS AUTOS DO PROCESSO SUPRA QUE
MINISTERIO PUBLICO FEDERAL movem em face de
UNIAO FEDERAL.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA
SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO/SP

O DOUTOR RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, Juiz
Federal no exercício da titularidade da Vara acima referida,

DEPREC A Vossa Excelência a INTIMAÇÃO da testemunha
SAMUEL GOMES DE LIMA, residente na Av. Sete de Setembro, 299,
bloco c, apto 24, Diadema, São Paulo/SP CEP 09912-010, para
comparecer à audiência designada para o dia 07 de dezembro de 2010, às
14 horas, na sala de audiência desta Vara. Fica a testemunha ciente que
caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida
coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos
do artigo 412 do Código de Processo Civil.

Expedida nesta cidade de São Paulo, em 17 de Setembro de 2010.
Eu, Elaine Cristina Cestari, (Elaine Cristina Cestari), Supervisora de
Processamentos Diversos, digitei. E eu, Rosinei Silva, (Rosinei Silva),
Diretora de Secretaria, conferi e subscrevo.

RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal no exercício da titularidade

RG-14.111-301-7

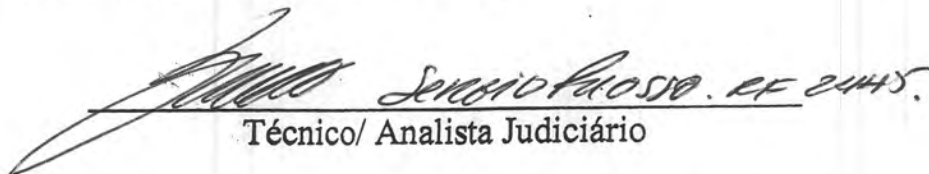




PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL DE SÃO BERNARDO DO CAMPO
14ª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

Aos 23 de Setembro de 2010, faço conclusos esta Carta Precatória a (o) M (a). Juiz (a) Federal Distribuidor (a).


Técnico/ Analista Judiciário

Carta Precatória nº

JFSP - FORUM S.B. DO CAMPO
SETOR DE PROTOCOLO INICIAL

23/09/2010 16:40 h



0006602 - 27 2010 4 03 6114

JFSP - FORUM S.B. DO CAMPO
SETOR DE PROTOCOLO INICIAL

23/09/2010 16:40 h

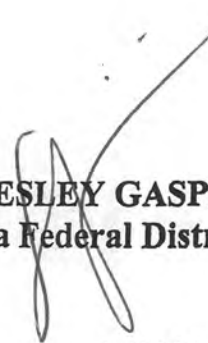


0006602 - 27 2010 4 03 6114

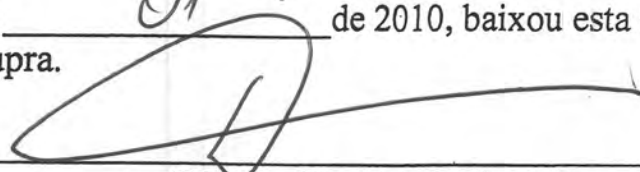
Cumpra-se, servindo esta de mandado.

Após, devolva-se com as homenagens deste Juízo.

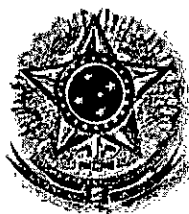
Data supra.


LESLEY GASPARINI
Juíza Federal Distribuidora

Aos 24 de 09 de 2010, baixou esta Carta Precatória com o despacho supra.


Técnico /Analista Judiciário
(Central de Mandados)





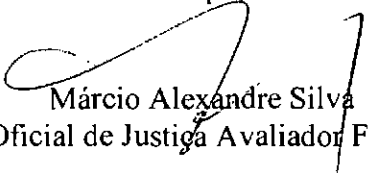
PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Carta Precatória nº 0006602-27.2010.403.6114
Central de Mandados de São Bernardo do Campo

CERTIDÃO

Certifico e dou fé, eu, Oficial de Justiça Avaliador Federal infra-assinado que, em cumprimento ao Mandado retro, dirigi-me ao endereço indicado no dia 27/10/10, às 16 horas, e, aí sendo, **INTIMEI** a testemunha, sr. Samuel Gomes de Lima, que ficou de tudo ciente, aceitou a contrafé que lhe ofereci e exarou sua assinatura no anverso do Mandado. Ante o exposto, devolvo o Mandado, para as providências cabíveis.

São Bernardo do Campo, 28 de outubro de 2010


Márcio Alexandre Silva
Oficial de Justiça Avaliador Federal





JUNTADA

Em 01/12/2010, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2010.02319
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	ACÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA	
ENDEREÇO 1: RUA S. WENCESLAU, 43, JABAQUARA, SÃO PAULO, SP	CEP: 04316-070
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) **RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA**, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A)
DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 17 de setembro de 2010.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

R6: 3.659.053-2 / SSP/PR
Daniel J. Pereira

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Mandado nº: 2319 / 2010
Processo nº: 200961000176040 00176047020094036100
Vara: 3ª Vara Federal / CIV
Partes: UNIÃO FEDERAL
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL - MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL - MPF

CERTIDÃO

CERTIFICO E DOU FÉ que me dirigi até a Rua São Venceslau, 0043, São Paulo Capital, e, aí sendo, em 28/09/2010, **PROCEDI Á INTIMAÇÃO DE DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA**, RG: 36592532SSPPR, a respeito da data designada para a realização da audiência, com as advertências determinadas. **DECLARO** que, lido o r. Mandado, entreguei a contrafé e que de tudo o intimando ficou ciente conforme nota de ciência exarada no anverso. Desta forma, devolvo o r. Mandado para os fins de Direito. São Paulo (SP), 17 de novembro de 2010.

CASTRO CARDOSO DA SILVA
Oficial de Justiça Avaliador - RF 4406

Data da Carga: 22/09/2010

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC





Em 01/12/2010, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE nº 100/2000. MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO - RF 1724
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA MANDADO Nº 0003.2010.02320

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: CARDEAL ODILIO PEDRO SCHERER	
ENDEREÇO 1: AV. HIGIENOPOLIS, 890, HIGIENOPOLIS, SÃO PAULO, SP	CEP: 01238-000
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 17 de setembro de 2010.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

+ Odilio Pedro Scherer
São Paulo, 26.10.2010

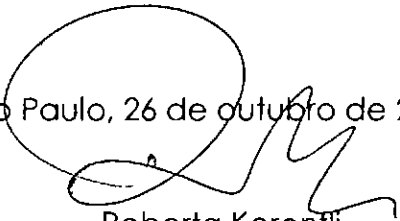
OBS: Advito que meu nome seja corrigido
neste formulário.
+ Odilio

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Autos nº 0017604-70.2009.403.6100
Mandado nº 2320/10
3ª Vara Cível

Certifico e dou fé que, em cumprimento ao mandado anexo, dirigi-me à Av. Higienópolis, 890, onde PROCEDI A INTIMAÇÃO de Cardeal Odilo Pedro Scherer, em 26/10/10, para comparecer à audiência designada para o dia 07/12/2010, às 14h00, na sala de audiência desta 3ª Vara, tendo ele aceitado a contra fé e exarado seu ciente.

São Paulo, 26 de outubro de 2010.


Roberta Koronili
Oficial de Justiça Avaliador

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:23
Número do documento: 22070818562420100000248538995
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562420100000248538995>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:24



JUNTADA

Em 01/12/2010, faço a juntada deste documento aos autos, nos termos do Provimento COGE n.º 100/2009. MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2010.02322

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: HENRY SOBEL	
ENDEREÇO 1: RUA ANTONIO CARLOS, 653 - B, CONSOLACAO, SÃO PAULO, SP	CEP: 01309-011
ENDEREÇO 2 :	CEP:
PRAZO: 07/12/2010.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) **RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA**, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“INTIME A PESSOA ACIMA A COMPARECER À AUDIÊNCIA DESIGNADA PARA O DIA 07 DE DEZEMBRO DE 2010, ÀS 14 HORAS, NA SALA DE AUDIÊNCIAS DESTA VARA. FICA A TESTEMUNHA CIENTE QUE CASO NÃO COMPAREÇA, SEM MOTIVO JUSTIFICADO, SERÁ CONDUZIDA COERCITIVAMENTE, RESPONDENDO PELAS DESPESAS DE ADIAMENTO, NOS TERMOS DO ARTIGO 412 DO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL.”

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de **SÃO PAULO**, em 17 de setembro de 2010.

Eu, ELAINE CRISTINA, CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 13:00 às 17:00h.

**PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL**

Processo no. 0017604-70.2009.403.6100
Mandado no. 0003.2010.02322
03ª VARA FEDERAL

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que em cumprimento ao presente mandado, dirigi-me à Rua Antonio Carlos, no. 653 onde **DEIXEI DE PROCEDER A INTIMAÇÃO DE HENRY SOBEL** pois, conforme informou o porteiro do edifício Sr Israel, no local está instalada a Congregação Israelita e o intimando não trabalha mais no local, apenas comparecendo ocasionalmente.

São Paulo, 04 de novembro de 2010.


ADRIANA R. FERRAZ MACHADO
OFICIAL DE JUSTIÇA AVALIADOR FEDERAL- RF 1980

02 diligências (negativa de endereço e outra)

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC

Dr. José Rodolpho Perazzolo – OAB/SP Nº 73.642

**EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA 3ª
VARA CÍVEL DA JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DE
SÃO PAULO DA TERCEIRA REGIÃO DO TRIBUNAL REGIONAL
FEDERAL.**

*J. ds.
São Paulo, 02.12.20*

**Autos processuais nº 00176604-70.2009.403.6100
(antigo nº 2009.61.00.017604-0)
Ação Civil Pública**

CARDEAL DOM ODILO PEDRO

SCHERER, brasileiro, maior, Arcebispo Metropolitano em São Paulo e membro do Colégio Cardinalício do Estado do Vaticano, solteiro, portador da cédula de identidade RG nº 771.349 IIPR e RG nº 50.958.958-3 SSP/SP, inscrito no CPF/MF sob nº 303.156.209-78, residente e domiciliado no Município de São Paulo, à Rua Alfredo Maia nº 195, por intermédio de seus bastantes procuradores infra-assinados (**docs. anexados**), vem muito respeitosamente perante Vossa Excelência, **MANIFESTAR-SE** na presente Ação civil Pública, processo nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo nº 2009.61.00.017604-0), em trâmite nesta r. Terceira Vara Cível da Justiça Federal da seção judiciária de São Paulo, da Terceira Região, pelas razões de fato e de direito que a seguir serão expostas:

Av. Higienópolis nº 890 - São Paulo - SP
CEP: 01238-000 - Tel: 0xx11-3826-0133 / Fax: 0xx11-3825-6806.

[Handwritten signature]

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



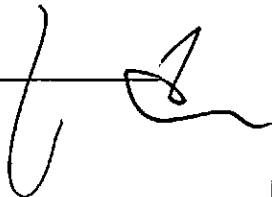
Dr. José Rodolpho Perazzolo – OAB/SP Nº 73.642

1- Na condição de Arcebispo Metropolitano de São Paulo e membro do Colégio Cardinalício, o **Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer**, tem sob sua responsabilidade administrativa a Mitra Arquidiocesana de São Paulo, também conhecida como Arquidiocese de São Paulo ou Cúria Metropolitana, estando inteiramente sob sua égide e representação esta entidade, nos termos de seu **Estatuto registrado sob nº 252.332, datado de 08 de junho de 2000**, junto ao Primeiro Serviço Registral de Títulos e Documentos da Comarca da Capital de São Paulo, Setor de Pessoas Jurídicas, consoante a inteligência do **artigo 4º do Decreto-Lei nº 4.657 de 04.09.1942, concomitantemente ao teor artigo 334, inciso I do Código de Processo Civil Brasileiro**.

2- Em razão de compromissos já agendados, obrigações perante Autoridades e diante da Nunciatura Apostólica, todas oriundas de seu ofício Episcopal, o **Emmo. Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer** solicita do D. Juízo o adiamento de sua oitiva nos termos da intimação mandado nº 0003.2010.02320, oriundo dos autos em epígrafe que designou uma **audiência para o dia 07.12.2010, às 14:00 horas**, e solicita ao D. Juízo **que possa ser ouvido em outra oportunidade**, em dia e hora a ser determinada pelo MM Magistrado.

3- Solicita, também, **que não se obste a oitiva de outras testemunhas para que não haja prejuízo a terceiros**, e que, por vênia, nova oitiva não ocorra no mês de janeiro de 2011, tendo em vista obrigações junto a Santa Sé já previamente agendadas.

Av. Higienópolis nº 890 - São Paulo - SP
CEP: 01238-000 - Tel: 0xx11-3826-0133 / Fax: 0xx11-3825-6806.



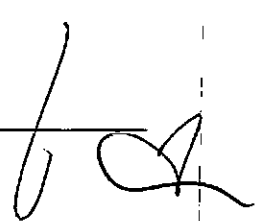
Dr. José Rodolpho Perazzolo – OAB/SP Nº 73.642

4- Ademais que não seja tal pedido visto com antipatia pela Justiça, mas sim como uma necessidade de preservação de um contexto oriundo de sua profissão abraçada com tanto zelo, de Arcebispo Metropolitano e conferida como Cardeal e membro do Colégio Cardinalício do Estado do Vaticano, Nação Soberana; agregada, ainda, a um complexo agendamento de obrigações perante terceiros, inclusive, internacionalizada.

5- Posto isso, o interessado pede a **juntada de sua petição e a apreciação de seu pedido com o máximo de urgência**, podendo, em caso de deferimento, adotar as providências pertinentes a contento da Justiça.

6- Solicita-se, também, que constem da contra-capa dos referidos autos, e do sistema de publicações de intimações desta r. Vara Cível do Fórum da Justiça Federal, o nome dos 02 (dois) Patronos ora identificados como **DR. JOSÉ RODOLPHO PERAZZOLO**, brasileiro, solteiro, advogado inscrito na OAB/SP sob nº 73.642 e **DR. LEANDRO DA COSTA MACHADO**, brasileiro, casado, OAB/SP nº 146.595, ambos com escritório à Av. Higienópolis nº 890, São Paulo, capital, CEP: 01238-000, telefone: 0xx11-3826-0133 e fac-símile: 0xx11-3825-6806, para que possam receber as intimações e informações publicadas no Diário Oficial da União, argumentando-se que esta providência se faz necessária em razão das atribuições de ambos os Patronos que sugerem prolongadas ausências em épocas diversas.

Av. Higienópolis nº 890 - São Paulo - SP
CEP: 01238-000 - Tel: 0xx11-3826-0133 / Fax: 0xx11-3825-6806.

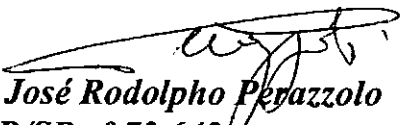


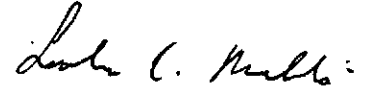
Dr. José Rodolpho Perazzolo – OAB/SP Nº 73.642

7- Protesta, por fim, pelos esclarecimentos que se fizerem oportunos para o bom deslinde da questão e dos interesses da Justiça.

Nestes termos,
Pede deferimento.

São Paulo, 02 de dezembro de 2010.


Dr. José Rodolpho Perazzolo
OAB/SP nº 73.642


Dr. Leandro da Costa Machado
OAB/SP nº 146.595

Av. Higienópolis nº 890 - São Paulo - SP
CEP: 01238-000 - Tel: 0xx11-3826-0133 / Fax: 0xx11-3825-6806.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



ILUSTRÍSSIMO SENHOR OFICIAL DO PRIMEIRO REGISTRO CIVIL DE -
PESSOA JURÍDICA DA CAPITAL - TÍTULOS E DOCUMENTOS

MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO, entidade religiosa inscrita no CNPJ/MF sob nº 63 089 825/0001-44, com sede nesta Capital à Av. Higienópolis nº 890, São Paulo, Capital, neste ato representada pelo Arcebispo Metropolitano da Arquidiocese de São Paulo, **EXMO. REVMO. DOM AURY AFFONSO HUMMES**, que também assina e é conhecido **DOM CLAUDIO HUMMES**, brasileiro, solteiro, maior, Arcebispo da Arquidiocese de São Paulo, portador da cédula de identidade RG nº 12.407.000-0 SSP/SP, inscrito no CPF/MF sob nº 062.902.050-72, domiciliado no endereço supra-citado, requer a V. Sa. se digne a determinar o registro e arquivamento do documento anexado -- ESTATUTO SOCIAL e desdobramentos - em 03 (três) vias para todos os efeitos legais, na forma da Lei 6 515/73.

Nestes termos,
P. deferimento.

São Paulo, 01 de junho de 2000.



Aury Affonso Hummes
DOM AURY AFFONSO HUMMES
(DOM CLAUDIO HUMMES)

17.º TABELIAO DE NOTAS

EUERTON LUIZ HADFINO RODRIGUES

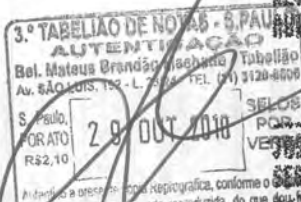
Pcs. da Se', 372 e R. Felipe de Oliveira, 26

RECONHEÇO por semelhança at(s) firmat(s) de:

DOM AURY AFFONSO HUMMES (1925/85)

São Paulo, 06/06/2000.

Em test. da verdade,



JOSE CARLOS DE SILVA PRESIDENTE
SEB: 49534951
CNPJ: 06.902.050-72
CARTAS RACIADAS POR: 06/06/2000
FIRMA: 1.69
VALIDO SOBRENTE DO: DE AUT. JUDICIANE
CH 708506

60.608

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 7C8A-D5FB-624D-E943 e senha D81B-AFA2-8D11-FCFC



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 01 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

**ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DO CONSELHO DE ASSUNTOS
ECONÔMICOS DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO**

Aos 30 dias do mês de março de 2.000, às 19:15 horas, em segunda chamada, nas dependências da Cúria Metropolitana de São Paulo, situada à Av. Higienópolis nº 890, São Paulo, Capital, regularmente convocada pelo Exmo. e Revmo. Arcebispo Metropolitano de São Paulo, Dom Cláudio Hummes, reuniu-se o Conselho de Assuntos Econômicos da Arquidiocese para discutir e deliberar sobre a seguinte ordem do dia: "1- Discussão, votação e aprovação do Estatuto da Mitra Arquidiocesana de São Paulo; 2- Outros assuntos." Presentes os Conselheiros nomeados, em conformidade com os Cânones 492 e seguintes, integrante do Título do Governo das Dioceses, do Código de Direito Canônico, promulgado por SS. Papa João Paulo II no ano de 1981, a saber: Dr. Mário Morando, Dr. José Eduardo Dias Soares, Dr. Luiz Antonio M. Pimenta de Araújo, Dr. Walter Barelli, presentes também, o Procurador Geral da Arquidiocese de São Paulo, Dom Antonio Gaspar, os Bispos Auxiliares, Exmo. e Revmo. Dom Fernando José Penteado, Exmo. e Revmo. Dom Gil Antonio Moreira, e o senhor Procurador, Padre Dr. José Rodolpho Perazzolo, e o Secretário do Conselho, sem direito a voto, Cônego José Pedro dos Santos. O Exmo. e Revmo. Arcebispo tomou a palavra e, presidindo a reunião, deu por iniciados os trabalhos.

Desenvolvendo o item nº 01 da ordem do dia foi lido o Estatuto Social da Mitra Arquidiocesana de São Paulo preparado pela Assessoria Jurídica da Arquidiocese de São Paulo. O Exmo. e Revmo. Dom Cláudio lembrou aos presentes que a Arquidiocese de São Paulo foi fundada e constituída por SS. o Papa Bento XIV, em 06 de dezembro de 1745, pela Bula "Candor Lucis Aeternae", como porção da Igreja Católica Apostólica Romana, com personalidade jurídica canônica própria. Com o advento da República no Brasil, em 1889, a Igreja Católica, em todas as suas Dioceses, teve sua personalidade jurídica reconhecida pelo Decreto Federal nº 119-A do Governo Provisório, datado de 07 de janeiro de 1890. Nos dias atuais, sob a luz da





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 02 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27

Número do documento: 22070818562067500000248538996

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

Constituição Federal promulgada em 1988, faz-se necessária a elaboração de um estatuto para a Mitra Arquidiocesana de São Paulo.

Após breve discussão foi aprovado, por unanimidade pelos Srs. Conselheiros presentes, o Estatuto, cujo texto segue anexado a esta ata.

Não havendo outros assuntos a serem discutidos, encerrou-se a assembleia geral, com uma oração e o agradecimento do Exmo e Revmo Arcebispo Dom Cláudio Hummes aos Senhores Conselheiros, Senhores Bispos Auxiliares e Senhores Procuradores, invocando a benção de Deus sobre eles e seus familiares, com os votos de feliz e Santa Páscoa. Eu, Cônego José Pedro dos Santos, secretário do Conselho de Assuntos Econômicos, redigi a presente ata que será assinada por todos os presentes.

+ *Cláudio Hummes*

Dom Cláudio Hummes
Arcebispo Metropolitano

+ *Antonio Gaspar*

Dom Antonio Gaspar
Procurador Geral

+ *Fernando José Penteado*

Dom Fernando José Penteado
Bispo Auxiliar

+ *Gilberto*

Dom Gil Antônio Moreira
Bispo Auxiliar





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 03 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

Oficial do Registro Civil de
Pessoa Jurídica. Microfilmado sob
nº 252332

Dr. Mario Morando
Dr. Mário Morando
Conselheiro

Dr. José Eduardo Dias Soares
Dr. José Eduardo Dias Soares
Conselheiro

Dr. Luiz Antonio M. Pimenta de Araujo
Dr. Luiz Antonio M. Pimenta de Araujo
Conselheiro

Dr. Walter Barelli
Dr. Walter Barelli
Conselheiro

Pe. Dr. José Rodolpho Perazzolo
Pe. Dr. José Rodolpho Perazzolo
Procurador

Con. José Pedro dos Santos
Con. José Pedro dos Santos
Secretário

Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica - SP	
Protocolos	43.79
Exatidão	11.84
Tempo	8.76
no Registro Civil	2.78
TOTAL	66.57
O Responsável	

Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica	
Oficial PAULO ROBERTO DE CARVALHO RÊGO	
R. Roberto Simonsen, 106 - CEP 01017-903 - São Paulo - SP	
Tel.: 3116-3600/Fax: 3116-3603	
Preparado sob número	253393 em
07 JUN 2000	Registrado e microfilmado hoje.
sob número	252332 do Registro Civil das
Pessoas Jurídicas	
São Paulo,	08 JUN 2000
MARIO DA CUNHA RIBEIRO Substituto - JOSE E. PAULA R. OSEIAS F. NOBRE P. DAMIAN OLIVEIRA e ANTONIA M. BATISTA Escrituras Autôgrafas - OUT 2010 POR	
COLEGIO Notarial do Brasil - SP	
Autenticação	
1064AP601095	
VERBA	

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 04 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2

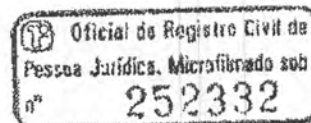


Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

LISTA DE PRESENÇA DA ASSEMBLÉIA GERAL DO CONSELHO DE ASSUNTOS
ECONÔMICOS – REALIZADA EM 30 DE MARÇO DE 2.000

+ Cláudio Hummes
Aury Affonso Hummes

DOM CLAUDIO HUMMES
(AURY AFFONSO HUMMES)



Cargo: Arcebispo Metropolitano
Nacionalidade: brasileira
Idade: 65 anos
Estado Civil: solteiro
Profissão: Arcebispo
Residência / Domicílio: Av. Higienópolis nº 890, Higienópolis
São Paulo, SP
Documento de identidade: RG Nº 12.407.000-0 SSP/SP
Cad. de Pessoa Física (CPF): 062.902.050-72

DOM ANTONIO GASPAR

+ Antonio L
Cargo: Procurador Geral
Nacionalidade: brasileira
Idade: 58 anos
Estado Civil: solteiro
Profissão: Bispo
Residência / Domicílio: Rua Said Aiaçh nº 142, Vila Mariana
São Paulo, SP
Documento de identidade: RG Nº 3.338.116 SSP/SP
Cad. de Pessoa Física (CPF): 302.899.398-87



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 05 do documento que contém 29
páginas.

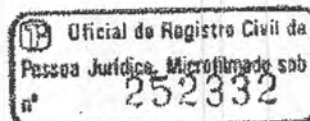
Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



DOM FERNANDO JOSÉ PENTEADO + *Fernando José Penteado*

Cargo: Bispo Auxiliar
 Nacionalidade: brasileira
 Idade: 65 anos
 Estado Civil: solteiro
 Profissão: Bispo
 Residência / Domicílio: Rua Barão da Passagem nº 1180, Alto da Lapa
 São Paulo, SP
 Documento de identidade: RG Nº 2.337.214 SSP/SP
 Cad. de Pessoa Física (CPF): 090.159.228-53

DOM GIL ANTONIO MOREIRA + *Gilmore*

Cargo: Bispo Auxiliar
 Nacionalidade: brasileira
 Idade: 50 anos
 Estado Civil: solteiro
 Profissão: Bispo
 Residência / Domicílio: Rua Bahia nº 226 – apto. 93, Higienópolis
 São Paulo, SP
 Documento de identidade: RG Nº M-409.399 SSP/MG
 Cad. de Pessoa Física (CPF): 177.164.706-04



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 06 do documento que contém 29
páginas.

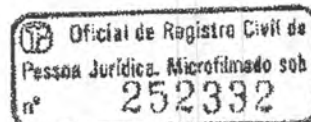
Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



Dr. Mário Morando
DR. MÁRIO MORANDO

Cargo: Conselheiro
 Nacionalidade: brasileira
 Idade: 66 anos
 Estado Civil: casado
 Profissão: advogado
 Residência / Domicílio: Rua General José Scarcia Portela nº 251
 Cidade Jardim, São Paulo- SP
 Documento de identidade: RG Nº 1.621.361 SSP/SP
 Cad. de Pessoa Física (CPF): 000.996.198-49

Dr. José Eduardo Dias Soares
DR. JOSÉ EDUARDO DIAS SOARES

Cargo: Conselheiro
 Nacionalidade: brasileira
 Idade: 66 anos
 Estado Civil: casado
 Profissão: Engenheiro civil
 Residência / Domicílio: Rua Peixoto Gomide nº 1554 – Cerqueira César
 3º andar, São Paulo, SP
 Documento de identidade: RG Nº 1.437.341 SSP/SP
 Cad. de Pessoa Física (CPF): 004.659.338-15



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 07 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2

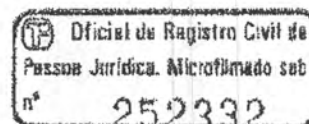


Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27

Número do documento: 22070818562067500000248538996

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



[Signature]
DR. LUIZ ANTONIO M. PIMENTA DE ARAÚJO

Cargo: Conselheiro
Nacionalidade: brasileira
Idade: 58 anos
Estado Civil: casado
Profissão: advogado
Residência / Domicílio: Alameda dos Alcás nº 668 -- apto. 62
6º andar, Moema, São Paulo, SP
Documento de identidade: OAB Nº 19 064 SP
Cad. de Pessoa Física (CPF): 025.732.708-82

[Signature]
DR. WALTER MARCELLI

Cargo: Conselheiro
Nacionalidade: brasileira
Idade: 61 anos
Estado Civil: casado
Profissão: Economista
Residência / Domicílio: Rua Caropá nº 119, Vila Beatriz
São Paulo, SP
Documento de identidade: RG Nº 2.427.728 SSP/SP
Cad. de Pessoa Física (CPF): 008.056.888-20



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 08 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



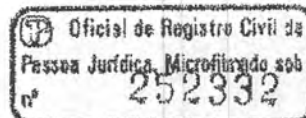
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

PE. DR. JOSÉ RODOLPHO PERAZZOLO

Cargo: Procurador
Nacionalidade: brasileira
Idade: 42 anos
Estado Civil: solteiro
Profissão: sacerdote católico e advogado
Residência / Domicílio: Alameda Conselheiro Nêbias nº 1326, apto. 31,
Campos Elísios, São Paulo, SP
Documento de identidade: RG Nº 9.464.328 SSP/SP
Cad. de Pessoa Física (CPF): 073.370.258-90



ANEXO

de José Pedro dos Santos
CONEGO JOSÉ PEDRO DOS SANTOS

Cargo: Secretário
Nacionalidade: brasileira
Idade: 68 anos
Estado Civil: solteiro
Profissão: sacerdote católico
Residência / Domicílio: Rua Imaculada Conceição nº 81, apto. 53,
Santa Cecília, São Paulo, SP
Documento de identidade: RG Nº 3.477.713 SSP/SP
Cad. de Pessoa Física (CPF): 087.413.288-68

Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica
Oficial PAULO ROBERTO DE CARVALHO RÊGO
R. Roberto Simonsen, 106 - CEP 01017-903 - São Paulo - SP
Tel: 3116-3600/Fax: 3116-3603
Promotado sob número **253393** em **07 JUN 2000**
Registrado e microfilmado hoje, sob número **252332**, do Registro Civil das Pessoas Jurídicas, São Paulo, **08 JUN 2000**
MARIO DA CUNHA RANGEL F.
- Substituto -
JOSÉ E. C. PAULA JR.; OSEIAS F. NOBRE F.; DANILLO M. OLIVEIRA e ANTONIA M. BATISTA
- Escreventes Autorizados -



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 09 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

**ESTATUTO SOCIAL DA MITRA ARQUIDIOCESANA DE
SÃO PAULO**

Sede: Av. Higienópolis, 890 - São Paulo - SP
CNPJ 63.089.825/0001-44

Art. 1º - A MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO, também conhecida por **Mitra de São Paulo**, de caráter religioso, educacional e de assistência social, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, pessoa jurídica de direito privado por força do **Art. 3º do Decreto Federal n.º 119-A, de 07 de janeiro de 1890** e para fins tributários se enquadra no **Art. 150, inciso VI, alínea "b" da Constituição Federal**, designada canonicamente por **"ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO"**, fundada e constituída pelo Papa **Bento XIV, em 06 de dezembro de 1745**, pela Bula **"Candor lucis aeternae"**, como circunscrição da Igreja Católica Apostólica Romana e inscrita no **Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica sob o n.º 63.089.825/0001-44**.

Parágrafo Primeiro - A MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO, como instituição eclesiástica, entidade civil beneficente, tem por escopo a realização de atividades religiosas, educacionais, culturais e de assistência social, inclusive de assistência à saúde, e nesta condição íntegra, abrange e representa, sob sua personalidade jurídica, as paróquias, freguesias, fábricas paroquiais, templos católicos, confrarias, irmandades, devoções, invocações, cúria arquidiocesana e órgãos de administração eclesial, detendo, em consequência, a titularidade de todos os bens e direitos de uso e serventia que lhe são próprios, dentro dos limites territoriais da **Arquidiocese de São Paulo** e submetidos a autoridade canônica do **Arcebispo Metropolitano**.

Parágrafo Segundo - A MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO rege-se pelo presente Estatuto Social, pela legislação brasileira, pelo Código de Direito Canônico e seu Direito Próprio.

Parágrafo Terceiro - A MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO no exercício de suas finalidades institucionais, promove o bem das pessoas e consequentemente o bem comum, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade, credo religioso, político e sob quaisquer outras formas de discriminação.

Art. 2º - A MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO tem sua sede e sua administração na cidade de São Paulo, na **Avenida Higienópolis, 890, no bairro de Higienópolis (CEP-01238-908)**.

+ Calu
J + Af.
hup
i
y





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 10 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

Art. 3º - O Patrimônio Social da MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO é constituído por todos os bens móveis e imóveis, créditos e direitos, que já possui ou que venha a possuir.

Parágrafo Único - Toda e qualquer compra, venda, alienação ou oneração ou gravame de bens patrimoniais, dependem de aprovação do **Arcebispo Metropolitano**, ou a quem este delegar poderes para tanto.

Art. 4º - A MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO aplica os seus recursos econômico/financeiros em suas finalidades estatutárias, bem como, o seu resultado operacional apurado em seus registros contábeis, é totalmente aplicado na manutenção e desenvolvimento de seus objetivos institucionais e ainda, não distribui lucros, dividendos ou bonificações ou parcelas de seu patrimônio ao **Arcebispo Metropolitano**, aos **Bispos Auxiliares, Sacerdotes, Diáconos, Seminaristas** e todas as pessoas ou entidades que, de alguma forma, participam da administração, assessoria ou condução dos negócios da Mitra Arquidiocesana de São Paulo, sob nenhuma forma ou pretexto.

Art. 5º - O Arcebispo Metropolitano, Bispos Auxiliares, Sacerdotes, Diáconos e Seminaristas serão assistidos e mantidos pela **MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO**.

Art. 6º - A MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO mantém a escrituração de suas receitas, despesas, ingressos, desembolsos e mutações patrimoniais em livros revestidos de todas as formalidades legais que lhes asseguram a sua exatidão e de acordo com as exigências específicas de direito.

Art. 7º - O Arcebispo Metropolitano, nomeado pelo sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e devidamente empossado, é o Administrador Geral e Supremo da MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO, com todos os poderes para representá-la em juízo ou fora dele, prestar compromissos e aceitar obrigações em nome da Instituição, contratar com terceiros, movimentar contas bancárias, admitir e demitir livremente empregados, contratar advogados, **constituir Procuradores**, adquirir, alienar e alugar imóveis, assim como gravá-los ou onerá-los, **em conformidade com as normas canônicas**, podendo delegar poderes, ou apenas alguns destes, a seu arbitrio.

Art. 8º - Por remoção, impedimento ou falecimento do Arcebispo Metropolitano, assumirá o governo e a administração da **MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO**, o **Bispo Auxiliar** mais antigo na função ou na falta deste, o **Administrador Diocesano** eleito pelo **Colégio de Consultores**, conforme o **Código de Direito Canônico**, em caráter temporário, até a posse do novo **Arcebispo Metropolitano**.

+Calu-

+Af.

inf.





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 11 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

3

Art. 11 - Qualquer obrigação ou compromisso assumidos pelas dependências da MITRA ARQUIDIOCESSANA DE SÃO PAULO, indicadas no **Parágrafo Primeiro do Artigo 1º** deste Estatuto Social são de responsabilidade exclusiva dessas Unidades, respondendo os seus dirigentes ou seus respectivos delegados e/ou procuradores, nos diversos níveis de sua administração, subsidiariamente, quando se tratar de ato ou fato defeso em lei, civil ou canônica.

Art. 13 - Em caso de dissolução ou extinção da **MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO**, o seu patrimônio social será destinado a outra Arquidiocese ou Diocese da Igreja Católica Apostólica Romana, conforme decisão da Autoridade Eclesiástica competente.

17.º TABERNA

47:7 JAN 1964

17 - TABELIAO DE NOTAS
 IVERTON LUIZ MARTINS RODRIGUES
 Pça. da Seª. 377 e R. Felipe de Oliveira, 24
 RECONHEÇO por semelhança as (17) firmas) de:
 ANTONIO GASPARI (370611), ADYR ANTONIO MOURAS
 M.R. CLAUDIO MOURAS (157651),
 São Paulo, 02/06/1966.
 Ex test. *[Assinatura]*

Colégio Notarial do Brasil - SP
Autenticação
Estado de São Paulo
1064AP601111





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 12 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27

Número do documento: 22070818562067500000248538996

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

Dom Fernando José Penteado
Bispo Auxiliar

Dom Gil Antônio Moreira
Bispo Auxiliar

Dr. Mário Morando
Conselheiro

Dr. José Eduardo Dias Soares
Conselheiro

Dr. Luiz Antonio M. Pimenta de Araujo
Conselheiro

Dr. Walter Barelli
Conselheiro

Tubellão de Notas - Manoel Olímpio dos Costa
Rua D. João Soares, 83/75 - Vila Guadalupe - São Paulo - SP
Cep 01240-070 - Fone: (011) 212-8847 - Fax: (011) 212-0720

EMÍLIO C. L. PARRA
Escritor Autorizado



do que se trata
S. Paulo,
Em test.
da venda

Ante a Flui - Oficial
Herculina de Freitas Leite - Of. Substa
Karbel S. de Daniel
Antônio Pateiro - Cont. Gerente da Flui
Escritor Autorizado
F. 011-256-5506 - F. 011-212-0720
Cópia autenticada com este de
Colégio Notarial do Brasil - SP
Autenticação
Estado de São Paulo
1064AP6011
29 OUT 2010
SELOS POR VERBA
RODRIGO D. ACRUZ - Escritor
de Autenticação

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 13 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



**1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP**

EM BRANCO

**Página 14 do documento que contém 29
páginas.**

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 15 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



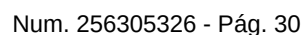
Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27

Número do documento: 22070818562067500000248538996

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

1989 1990 1991





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 16 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27

Número do documento: 22070818562067500000248538996

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

30 JUN 2008 000845545

REGISTRADO

01

AO PRIMEIRO OFICIAL DE REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA
Rua XV de Novembro, nº 244 - 9º andar - Centro - São Paulo - SP

A pessoa jurídica denominada Mitra Arquidiocesana de São Paulo, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica sob nº 63.089.825/0001-44, com sede e foro nesta capital à Av. Higienópolis, 890, vem através de seu procurador, devidamente constituído através da procuração lavrada no 3º Tabelionato de Notas da Capital, sob nº 64.439. livro 2.371, páginas 333/334, abaixo assinado, sr. João Julio Farias, requerer a V.Sª, nos termos do artigo 121 da Lei 6.015/73, o registro e arquivamento da nomeação do sr. Odilo Pedro Scherer, nos termos do artigo 7º do estatuto social vigor, do qual anexa certidão expedida pelo 10º Oficial Registro de Títulos e Documentos da Capital, conforme artigo 217 da Lei 10.406/02.

Nestes termos
P. Deferimento

São Paulo, 13 de junho de 2008

Procurador - João Julio Farias Junior

TABELIÃO OLIVEIRA LIMA - 1º DE NOTAS - SÃO PAULO - CAPITAL
BEL. JOÃO ROBERTO DE OLIVEIRA LIMA - TABELIÃO
RUA DA GLÓRIA, 174/187 - IRFRADE - CEP. 01510-000 - PAÍS (11) 3242-5100 - e-mail 15cartoriodenotas@terra.com.br
Reconheço por Semelhança 1 F. 11/11 SEM VALOR econômico de 1800 JULIO
FARIAS JUNIOR.
SAC PAULO, 17 de Junho de 2008. Total: R\$ 2,75 16:47:12
Válido somente com selo de autenticidade

PERICLES ROUSON BUNHA - ESCRIVENTE



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFAZ e senha 3563-157E-C00D-26E2



**1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP**

EM BRANCO

**Página 17 do documento que contém 29
páginas.**

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

3º TABELIÃO DE NOTAS DA CAPITAL

COMARCA DE SÃO PAULO

Mateus Brandão Machado

30 JUN 2007 000345545

REGISTRADO
TRASTADO

Arduado em 1201

N
Seção São Paulo
Filial a JNL

N. 64139

Livro 2371

Página 334/334

Pasta *mitra* - *procuração mitra repartições públicas*

PROCURAÇÃO BASTANTE QUE FAZ: MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO

S A I B A M quantos este público instrumento de procuração virem que, aos trinta (30) dias do mês de abril, do ano dois mil e sete (2007), nesta cidade de São Paulo, Capital do Estado de São Paulo, à Rua Alfredo Maia nº 195, onde a chamado vim, compareceu como outorgante **MITRA ARQUIDIOCESANA DE SÃO PAULO**, com sede nesta Capital, na Avenida Higienópolis nº 890, Bairro de Higienópolis, entidade religiosa com personalidade jurídica determinada pelo Decreto Federal nº 119-A, de 07 de Janeiro de 1890, inscrita no CNPJ sob nº 63.089.825/0001-44, com seu estatuto social em vigor aprovado em 30 de março de 2000, pela Assembleia Geral do Conselho de Assuntos Econômicos da Arquidiocese de São Paulo, registrado pelo 1º Oficial de Registro Civil de Pessoas Jurídicas da Capital sob nº 252.332, em 08.06.2000, e arquivado nestas notas na pasta própria nº 340, sob nº 05, neste ato representada nos termos do artigo 7º de seus estatutos, por **Dom ODILO PEDRO SCHERER**, Arcebispo Metropolitano em São Paulo, brasileiro, solteiro, maior, portador da cédula de identidade RG nº 771.349 IPR, inscrito no CPF/MF sob nº 303.156.209-28, residente e domiciliado nesta Capital, na Rua Alfredo Maia nº 195. O presente maior e capaz, foi identificado através dos documentos acima mencionados, ora apresentados no original, do que dou fé. E pela outorgante, por seu mencionado representante, me foi dito que por este público instrumento, e nos termos de direito, nomina e constitui seus procuradores, Dr. **JOSE RODOLPHO PERAZZOLO**, brasileiro, solteiro, advogado, inscrito na OAB/SP sob nº 73.642, portador da cédula de identidade RG nº 9464.328 SSP/SP, CPF/MF nº 073.370.258-90, residente e domiciliado nesta Capital, na Rua Conselheiro Nebias nº 1326, aptº 34, Campos Eliscos; c. Sr. **JOÃO JULIO FARIAS JUNIOR**, brasileiro, solteiro, administrador de empresas, portador da cédula de identidade RG nº 13.877.853 SSP/SP, inscrito no CPF/MF sob nº 014.712.388-73, residente e domiciliado nesta Capital, na Xavier de Almeida nº 800, Ipiranga; aos quais confere os mais amplos, gerais e ilimitados poderes para, **AGINDO EM CONJUNTO OU ISOLADAMENTE, INDEPENDENTEMENTE DA ORDEM DE NOMEAÇÃO**, representa-la perante todas e quaisquer Repartições Públicas e Administrativas, Federais, Estaduais e Municipais, Autarquias e Ministérios, Instituto de Previdência, Alfândegas, Correios e Telégrafos, Entidades Paraestatais, Embaixadas, Consulados, Telecomunicações de São Paulo S/A - TELESP e Concessionárias de Telefonia Fixa e Celular, Companhia de Gás de São Paulo - Comgás, Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo - Sabesp, Eletropaulo Metropolitana Eletricidade de São Paulo S/A, Companhias de Seguro e Autoridades em Geral, inclusive Polícia Federal, Delegacias Regionais da Receita Federal, Delegacias Regionais do Trabalho, em qualquer de seus departamentos, secretarias e outros órgãos afins, requerendo, alegando, assinando plantas e memoriais descritivos, promovendo e assinando tudo quanto seja necessário, *podendo inclusive subestabelecer a presente, no todo ou em parte, sempre com reserva de iguais poderes*. Assim o disse, do que dou fé. Pede-me e eu lhe lavrei este instrumento, que depois de lhe sendo lido em voz alta, e

Av. São Luis, 192, Térreo - Conj. 23 e 24 - CEP 01.404-014 - São Paulo SP

Tel.: (11) 3259



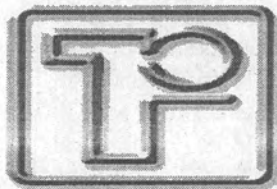
10842602055507.000023170-4

2-01460-B-003170-F-003177

VÁLIDO EM TODO TERRITÓRIO



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/porta/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 18 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

30 JUN 2000 0345545

REGISTRADO

foi achado conforme, na forma redigida, outorga e assina. Eu, Daniel (Daniel
Fernando De-Benedictis Delphino), escrevente a lavrei. Eu, JOSE TREVIZAN RIVA,
Substituto do Tabelião, a subscrevi. (a.a.) /// **ODILO PEDRO SCHERER** /// Substituto
do Tabelião (a) JOSE TREVIZAN RIVA /// **SELADA** Nada mais. Traslada em seguida.
O presente **TRASLADO** é cópia fiel do ato notarial lavrado no livro 2371, páginas 333/334,
dou fé. Eu, JOSE TREVIZAN RIVA, Substituto do Tabelião, a conferi, subscrevo e assino
em público e raso.

EM TESTEMUNHO () DA VERDADE

JOSE TREVIZAN RIVA
SUBSTITUTO DO TABELIAO
LIVRO 2371 PAGINAS 333/334

Valor Pago Relato
Selos por Verba
Guia N.
CON: Traslado Expresso
EMOL. P.S. 144,76
SEL. P.S. 37,14
IPRESP. 20,48
R. CIVIL 7,62
T.J. 9,62
STAB. CASA 1,44
TOTAL 233,06



CÓPIA EXTRAÍDA
PELA PARTE



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2





**1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP**

EM BRANCO

**Página 19 do documento que contém 29
páginas.**

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

BENEDICTUS EPISCOPUS SERVUS SERVORUM DEI

Venerabili Fratri Osiloni Petro Scherer, hactenus Episcopo titulo Novensi in Dalmatia et Augustia-
 si Sancti Pauli in Brasilia, eiusdem archidiecesis constituto Archiepiscopo Metropolitae, salutem et Aposto-
 licam Benedictionem. Insignem Sancti Pauli in Brasilia metropolitanam Ecclesiam Venerabilis Frater No-
 ster, Claudius S.R.E. Cardinalis Lunnus, O.S.M., nuper Nostrae voluntati obsequens reliquit, quoniam Nos fi-
 dentes eum Congregationi pro Clericis praeposivimus. Te autem grex ille frequens et copiosus aliquo damni pa-
 riat, oportet ut illi cito novum praeposamus Praesulem. Nunc quidem omnium Nostram intendimus in-
 te. Venerabilis Frater, quem novimus ibidem munia episcopalia fideliter navantem et necessitates. Divitiasque
 spirituales huius ecclesialis communitatis satis bene cernentem. Minime ibi cohibeamus te, pariter regim
 agendam multisque virtutibus ornatum, apte hoc novum munus explere posse. Quapropter, audita senten-
 tia Congregationis pro Episcopis, Apostolica Nostra potestate constitutus te Archiepiscopum Metropolitam
 Cathedralis Ecclesiae Sancti Pauli in Brasilia, iunctis iuribus et obligationibus abbitis idem ab
 officium secundum ius canonicum spectantibus, vinculo superioris titularis Sedis et munere Augustia-
 lis solutum. Curabis quidem ut cleus populusque archidiecesis tibi commissae in cognitionem harum
 Litterarum Nostrarum veniant. Quos omnes humaniter hortamur ad congruam erga te aestimationem.
 obediunt filialesque dilectionem. Dum autem Populi Dei portionem moderandam tibi concedimus,
 Venerabilis Frater, hortamur te ut, intercedente Immaculata Deipara Virgine Maria et Spiritu Sancto
 operante, renovato studio catholicam fidei, spem et caritatem atque omnium fideliu fovendis
 spiritale bonum, exemplari imitans Boni Pastoris qui oves illam ~ in montibus ac collibus errantem inven-
 tam... unicus ipse suis impositam reliquarum gregi incolumem miseranter reddidit ~. S. Maximus Con-
 fessor, Epistula 11, PG 91, 455. Datum Romae, apud S. Petrum, die vicesimo primo mensis Martii, anno
 Domini bis millesimo septimo, Pontificatus Nostri altero.

Am. cl. 11 de

REGISTRADO

30 JUN 2003 4:55:45

04

1ª RCP/JSP PRENOTADO

Handwritten signature: Pedro Scherer



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 20 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

1º OFICIAL DE REGISTRO DE PESSOA JURÍDICA/SP
TÉCNICO DE REGISTRO

30 JUN 2000345545

REGISTRADO

10o. OFICIAL DE R.T.D.
PAGINA No. 01 DO DOCUMENTO
CONTENDO 05 PAGINAS.
CERTIDÃO NA ÚLTIMA PAGINA QUE/O
COMPOEN. Nº 10.676.826



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 21 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

OFICIAL DE REGISTRO DO JUIZADO JURIDICAL
30 JUN 2000 345545
REGISTRADO

JOSUAM DE BRAGANCA SOARES
TRADUTOR PUBLICO
SAO PAULO - SP
JUCESP No 470 - TEL. 309-1855

77. 278
M. 196-197
L. 001
Data: 4-5-07

100. OFICIAL DE REGISTRO DE TITULOS
E DOCUMENTOS DA CAPITAL - SAO PAULO
RUA XV DE NOVENTO, N. 244 - 6o. ANDAR
TELEFONES: 3104-8434 E 3105-6483 (FAX)
O PRESENTE TITULO/DOCUMENTO, PROTOCOLADO
EM 17/06/2007, FOI RECEBIDO EM MIRENTE
NO. 1774.784
SAO PAULO, 22 DE JUNHO DE 2007.

HEL. EDUARDO K. JONHEIRA FRANCO - OFICIAL
LUIS F. ALMEIDA FRANCO - ESC. SUBSTITUTO
ADRIELA RODRIGUES BARBOSA - ESC. AUTORIZ.
ANTONIO MARTINS CERCA - ESC. AUTORIZ.
NATAMIEL RODRIGUES - ESC. AUTORIZADO
SERVELTON DE OLIVEIRA RODRIGUES - ESC. AUT.
INCLUIDOS 28% AO ESTADO - 21% AO IPEP
5% AO REB. CIVIL - 5% AO TRIB. JUSTICA

IDA. R.I.D./R.P.J.

Emolumentos...	30,57
Estado.....	18,72
Cart.Pre.....	16,44
Registro Civil:	11,59
Trib. Justica:	11,59
Total.....	91,91

1º RCP/SP
PRENOTADO

3º TABELADO DE NOTAS - S. PAULO
AUTENTICACAO
Bel. Mateus Brandão Machado - Tabelado
Av. SAO LUIS, 152 - L. 23/24 - TEL. (11) 3120-6600

Colégio Notarial do Brasil - SP
Autenticacao
Estado de São Paulo
1064AP601131

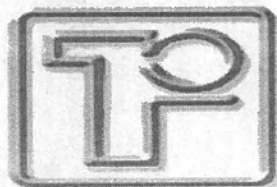
29 OUT 2010
SELOS POR VERBA

Atestamos a presente cópia Reprográfica, conforme o original, e sua representada na parte reproduzida, do que dou fé.

SERGIO RODRIGO DA CRUZ Escrevente
VAL DO SEMENTE COM O SELO DE AUTENTICACAO

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 22 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

1º OFICIAL DE REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
30 JUN 2010 000345545
REGISTRADO

10a. OFICIAL DE R.T.D.
PAGINA No. 02 DO DOCUMENTO
CONTENDO 05 PAGINAS.
CERTIDÃO NA ÚLTIMA PAGINA QUE O
COMPDEM. ** 10.676.826

2ª TABELA DE NOTAS - S. PAULO
AUTENTICAÇÃO
Bel. Marcos Brandão Machado - Tabelião
Av. SÃO JUDAS, 192 - 23/24 - TEL. (11) 5120-8686
S. Paulo, 29 OUT 2010
Colégio Notarial do Brasil - SP
Autenticação
Estado de São Paulo
1064AP601133
SELOS POR VERBA
A presente cópia Reprográfica, conforme o original, é representada na parte reproduzida, do que dou fé.
SÉRGIO RODRIGO DA CRUZ Escrevente
AUXÍLIO SOMENTE COM O SELO DE AUTENTICIDADE

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 23 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



10a.R.T.D. MICROFILME No.1.776.784

JOSHUAH DE BRAGANÇA SOARESTradutor Público e Intérprete Comercial
de latim e portuguêsMatrícula Nº 470 da Junta Comercial do Estado de São Paulo
INSCRIÇÃO: RG 3.027.012 - CPF 516.212.088-20 - C.C.M. 9.299.047-9

LIVRO Nº 001

FOLHA 196

TRADUÇÃO Nº 278

Eu, abaixo assinado, Joshua de Bragança Soares, tradutor público e intérprete comercial de latim e português, certifico que o documento papal apresentado em latim tem a seguinte tradução em português:

BENTO, BISPO, SERVO DOS SERVOS DE DEUS

Nossa saudação e bênção apostólica ao Venerável Irmão, Odilo Pedro Scherer, até a presente data, Bispo Titular de Novi, na Dalmácia, e Auxiliar de São Paulo, Brasil, constituído Arcebispo Metropolitano da mesma Arquidiocese.

Nosso Venerável Irmão, Cláudio Hummes, O.F.M., Cardeal da Santa Igreja Romana, obedecendo à nossa vontade, deixou faz pouco tempo, a ilustre Igreja Metropolitana de São Paulo, Brasil, tendo sido por Nós destinado à Congregação para o Clero. Cuidando de não deixar o numeroso rebanho da supramencionada Igreja exposto a possíveis perdas, julgamos necessário nomear um novo Arcebispo. Por isto, voltamos nossa atenção para sua pessoa, Venerável Irmão, sabendo que Vossa Excelência desempenha fielmente nessa Igreja o múnus episcopal, bem administrando as necessidades e riquezas espirituais da sua comunidade. Estamos absolutamente certos de que Vossa Excelência, com a experiência administrativa e com as virtudes que possui, poderá desempenhar com idoneidade este novo múnus que lhe é confiado. Por isto, ouvido o parecer da Congregação para os Bispos, com o nosso poder apostólico constituímos Vossa Excelência Arcebispo Metropolitano da Igreja Catedral de São Paulo, Brasil, conferindo-lhe todos os direitos e obrigações pertencentes a este ofício de acordo com o direito canônico, dispensando-o do vínculo da Sede Titular anterior e da função de Auxiliar. Deverá cuidar que o clero e povo da Arquidiocese que lhe é confiada, sejam informados desta nossa nomeação. A todos exortamos que dediquem a Vossa Excelência a devida estima, obediência e amor filial. Ao confiarmos, Venerável Irmão, uma parte do povo de Deus para ser por Vossa Excelência governada, exortamos a que, invocando a intercessão da Imaculada Virgem Maria, Mãe de Deus e a inspiração do Espírito Santo, possa ensinar a fé, esperança e caridade católica com renovado esforço, promovendo o bem espiritual de todos os

Residencial Vila Velha - Rua do Café 400, Santana do Parnaíba 06532-070 - São Paulo-SP



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 24 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27

Número do documento: 22070818562067500000248538996

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

09

1º OFICIAL DE REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA SP
MOCFV 000345545
30 JUN 2010
REGISTRADO

10a. OFICIAL DE R.T.D.
PAGINA No. 03 DO DOCUMENTO
CONTENDO 05 PAGINAS.
CERTIDAO NA ULTIMA PAGINA QUE O
COMPOEN. ## 10.783.957

3.º TABELÃO DE NOTAS - S. PAULO
ARPER TABELÃO
SP Mateus Brandão Machado - Tabelião
Rua, 92 - L. 23/24 - TEL. (11) 3120-6600
Autenticação
Estado de São Paulo
1064AP601137
29 OUT 2010
SELOS
POR
VERBA
Este documento é a presente cópia fotográfica, conforme o original
a mim apresentado na parte reproduzida, do que dou fé.
Cidade de São Paulo, 29 de Outubro de 2010. Escrivão

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2





1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 25 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27

Número do documento: 22070818562067500000248538996

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



JOSHUA DE BRAGANÇA SOARES

Tradutor Público e Intérprete Comercial
de latim e português

Matrícula Nº 470 da Junta Comercial do Estado de São Paulo
INSCRIÇÃO: RG 3.027.012 - CPF 516.212.088-20 - C.C.M. 9.299.047-9

LIVRO Nº 001

FOLHA 197

TRADUÇÃO Nº 278

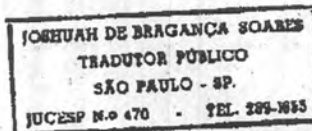
fiéis, imitando o exemplo do Bom Pastor, que ao encontrar aquela ovelha perdida nos montes e colinas, tomou-a nos seus próprios ombros e trouxe incólume para o rebanho (S. Máximo, Confessor, Carta 11, P.G. 91,455)

Dado em Roma, junto a São Pedro, aos 21 de março de 2007, segundo ano do nosso Pontificado.

Assinaturas: do Papa Bento XVI e assinatura ilegível.

Nada mais continha o referido original em latim que devolvo com a presente tradução em português, que assino. Dou fé
São Paulo, 4 de maio de 2007

Joshua de Bragança Soares
Joshua de Bragança Soares
Tradutor Público



1ª OFICINA DE REGISTRO E ARQUIVAGEM JURÍDICA - SP

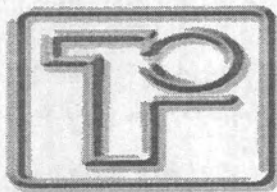
30 JUN 2008 09:45:45

1ª RCP/SP
PRENOTADO

Residencial Vila Velha - Rua do Café 400, Santana do Parnaíba 06532-070 - São Paulo-SP



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 26 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21

352

11

1º OFICIAL DE REGISTRO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS
MÉRITO 11/05/2019

30 JUN 2000345545

REGISTRADO

10o. OFICIAL DE R.T.D.
PAGINA No. 04 DO DOCUMENTO
CONTENDO 05 PAGINAS.
CERTIDÃO NA ÚLTIMA PAGINA QUE O
CONPOEK. ** 10.676.826

3º TABELIAO DE NOTAS - S. PAULO
AUTENTICACAO

Bel. Mateus Brandão Machado - Tabelião
CNPJ 15.195.177/0001-00 TEL (11) 3120-6600

Colégio Notarial do Brasil - SP

ARPE 9 SP 2010

SELOS POR VERBA

Autenticacao

Estado de São Paulo, 10 de Junho de 2010. O Tabelião, no uso de suas atribuições legais, certifica que a reprodução fotográfica, conforme o original, é verdadeira e fiel ao original, e que o mesmo foi produzido, do que dou fé.

1064AP601141

Escritório de Tabelião de Notas - S. Paulo

VALIDO SOMENTE COM O SELO DE AUTENTICIDADE

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 252B-FA14-6CF1-CFA2 e senha 35C3-157E-C00D-26E2



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:27
Número do documento: 22070818562067500000248538996
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562067500000248538996>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:21



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 27 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

30 JUN 2008 000345545

REGISTRADO

353

12



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica - CNPJ 45.564.895/0001-25
Rua XV de Novembro, 244 - 9º andar - Tel.: 3104-8770 - São Paulo

EMOLP	49,40	Prenotado sob nº	374118	em	19/06/2008
ESTADO	14,09	Registrado e microfilmado HOJE, sob nº	345545		
IPESP	10,46	do Registro Civil das Pessoas Jurídicas.			
R. CIVIL	2,59	Anotado sob nº	836415		
T.J.	2,59				
TOTAL	79,13				

São Paulo, 30 de junho de 2008.

Bel. Paulo Roberto de Carvalho Régio - Oficial
Danilo de Moraes Oliveira / Oséias Ferreira Nobre Filho
Antonio José da Silva Almeida
Oficiais Substitutos

Selos e taxas
Reconhecidas p/ verba

10o. OFICIAL DE R.T.O.
DA CAPITAL - SAO PAULO

RUA XV DE NOVEMBRO No. 244 - 6o. ANDAR
TELEFONES: 3104-8434 E 3105-6483 (FAX)
CERTIFICO e dou fe, que as copias xerox que
compõem este documento, por mim rubricadas
e numeradas de 01 a 05 que foram extrai-
das de seus respectivos originais, subme-
tidos a registro em microfilme nesse
CARTORIO, Sob No. 1.776.784 em 22/05/2007.
CERTIFICO, mais que nos termos do Art. 217
do Código Civil Brasileiro e Lei de Regis-
tros Públicos em vigor esta CERTIDAO tem o
mesmo valor perante que os seus respecti-
vos originais.

SAO PAULO, 29 DE ABRIL DE 2008.

BEL. EDUARDO K. JUNQUEIRA FRANCO - OFICIAL
LUIS F. JUNQUEIRA FRANCO - ESC. SUBSTITUTO
DANIELA RODRIGUES BARBOSA - ESC. AUTORIZ.
ERIVELTON DE OLIVEIRA RODRIGUES - ESC. AUT.
INCLUIDOS 28% AO ESTADO - 21% AO IPESP
5% AO REG. CIVIL - 5% AO TRIB. JUSTICA
** 10.676.826

10o. R.T.O.

EMOLUMENTOS R\$	13,90
ESTADO R\$	3,96
IPESP R\$	2,93
SINOREG R\$	0,72
TRIBUNAL R\$	0,72
TOTAL R\$	22,23

1º RCP/SP
PRENOTADO

10o. OFICIAL DE REGISTRO DE TÍTULOS
E DOCUMENTOS DA CAPITAL - SAO PAULO
RUA XV DE NOVEMBRO, N. 244 - 6o. ANDAR
TELEFONES: 3104-8434 E 3105-6483 (FAX)
DO PRESENTE TÍTULO/DOCUMENTO, PROTOCOLADO
REGISTRADO EM MICROFILME SOB
No. 1.776.784.
SAO PAULO, 22 DE MAIO DE 2007.

BEL. EDUARDO K. JUNQUEIRA FRANCO - OFICIAL
LUIS F. JUNQUEIRA FRANCO - ESC. SUBSTITUTO
DANIELA RODRIGUES BARBOSA - ESC. AUTORIZ.
ADRIANO MARTINS CERCA - ESC. AUTORIZ.
NATANAEL RODRIGUES - ESC. AUTORIZADO
ERIVELTON DE OLIVEIRA RODRIGUES - ESC. AUT.

INCLUIDOS 28% AO ESTADO - 21% AO IPESP
5% AO REG. CIVIL - 5% AO TRIB. JUSTICA

10o. R.T.O./R.P.J.

Emolumentos...	R\$ 130,57
Estado.....	R\$ 38,72
Cart. Prev.....	R\$ 16,44
Registro Civil	R\$ 1,59
Trib. Justica..	R\$ 1,59
Total.....	R\$ 188,91

3º TABELÃO DE NOTAS - SAO PAULO
AUTENTICAÇÃO
Bel. Mateus Fernando Machado - Tabelião
Av. SAO JOSE, 92 - L. 2324 - TEL (11) 3128-8400

Colégio Notarial do Brasil - SP
Autenticação
1064AP601143
SELOS POR VERBA
1º RCP/SP
PRENOTADO

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo - SP

EM BRANCO

Página 28 do documento que contém 29
páginas.

Certificado na última Página deste Documento.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

354
68

13

7. OFICINA DE REGISTROS DE PESSOAS JURÍDICAS
30 JUN 2000 000345545
REGISTRADO

10a. OFICIAL DE R.T.O.
PAGINA No. 05 DO DOCUMENTO
CONTENDO 05 PAGINAS.
CERTIDAO NA ULTIMA PAGINA QUE O
COMPOEN. ## 10.676.826

3.º TABELÃO DE NOTAS - S. PAULO
AUTENTICAÇÃO
Bel. Mateus Blandio Machado - Tabelião
Av. SÃO LUIS, 102 - L. 22/24 - TEL. (11) 3120-6600
S. Paulo, 29 OUT 2010
SELOS POR VERBA
Colégio Notarial do Brasil - SP
Autenticação
Estado de São Paulo
10644 PD
Rodrigo da Cruz
Escritório de Autenticação

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



CERTIDÃO

1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica de São Paulo
Rua XV de Novembro, 244 – 9º Andar – São Paulo - SP.
Oficial – Paulo Roberto de Carvalho Rêgo

Certifico e dou fé, que a presente cópia reprográfica composta de ***29***
(*vinte e nove*) folhas, numeradas e perfuradas com a chancela de
uso exclusivo desta Serventia, é fiel reprodução do(s) original (ais)
registrado(s) e arquivado(s) nesta Serventia, no Livro “A” de Registro
Civil de Pessoas Jurídicas, sob o(s) número(s) e data(s) seguinte(s):

*****252.332 em data de 08/06/2000*****

*****345.545 em data de 30/06/2008*****

CERTIFICA FINALMENTE que, nos termos do art.21, § único, da
Lei nº 6.015/73 que “A presente certidão envolve elementos de
averbação à margem do termo, posteriormente aos registros acima
mencionados, estando seu último documento registrado sob o nº de
ordem “346.528”, em data de “31/07/2008”. Pesquisa, elaboração e
conferência da presente certidão a cargo do escrevente ee w
(Carlos de Carvalho Rêgo Neto).

Todo Referido é Verdade.

São Paulo, 01 de agosto de 2008

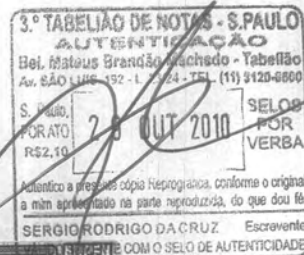
Paulo Roberto de Carvalho Rêgo
Oficial
Danilo de Moraes Oliveira
Cséias Ferreira Nobre Filho
Antônio José da Silva Almeida
Substitutos

Antônio J. S. Almeida
Oficial Substituto

AS CERTIDÕES PASSADAS PELOS OFICIAIS PUBLICOS FAZEM A
MESMA PROVA DOS DOCUMENTOS ORIGINAIS.
(Código Civil - Arts. 217 e 218)

Recibo Nº 10.936.297

1º Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Civil de P.Jurídica São Paulo - SP	
Emolumentos	65,26
Ao Estado	18,60
Ao Ipesp	13,73
Ao Reg. Civil	3,36
Trib. Justiça	3,36
Total	104,31
<u>ee w</u> RESPONSÁVEL	



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

VÁLIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

REGISTRO GERAL 50.958.958-3 DATA DE EXPEDIÇÃO 13/SET/2007

NOME ODILIO PEDRO SCHERER

FILIAÇÃO EDWINO SCHERER

E FRANCISCA WILMA STEFFENS SCHERER

NATURALIDADE CERRO LARGO -RS DATA DE NASCIMENTO 21/SET/1949

DOC ORIGEM CÊRRO LARGO-RS

CPF 303156209/78

SÃO LUIZ GONZAGA

CN: LV.A016/FLS.75V /N.009078

ASSINATURA DO DIRETOR

TELEFONE 7116 DE 290883

Divisão

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE SÃO PAULO 9999-4

SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA

INSTITUTO DE IDENTIFICAÇÃO RICARDO GUMBERTON DAUNT

PROIBIDO PLASTIFICAR

8457-095650

ASSINATURA DO TITULAR

CARTEIRA DE IDENTIDADE

OFICIAL DO R.C.P.N. 25º SUP.D. SÃO PAULO

BEL. MOACIR M. DOS SANTOS

CONFORME O ORIGINAL A MIN APRESENTADO. DO QUE DOU FE

VÁLIDO SOMENTE COM O SELO DE AUTENTICIDADE

259 20 SET 2007

MOACIR MARIA DOS SANTOS

SONIA M. JULIANI - SUBSTITUTA DE

MAURICIO JOSÉ DE ALMEIDA

MARIA DO CARLOS ALVES

ALEXANDRE ROBERTO GOMES

AUTENTICACAO

1076AB2141

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A





Mitra Arquidiocesana de São Paulo

PROCURAÇÃO

Por este instrumento particular de procuração, **CARDEAL ODILO PEDRO SCHERER**, brasileiro, maior, Arcebispo Metropolitano em São Paulo, solteiro, portador da cédula de identidade RG nº 771.349 IIPR e RG nº 50.958.958-3 SSP/SP, inscrito no CPF/MF sob nº 303.156.209-78, residente e domiciliado no Município de São Paulo, à Rua Alfredo Maia nº 195, outorga ao **DR. JOSÉ RODOLPHO PERAZZOLO**, brasileiro, solteiro, advogado inscrito na OAB/SP sob o nº 73.642, portador da cédula de identidade RG nº 9.464.328 /SP, inscrito no CPF/MF sob o nº 073.370.258-90, com escritório nesta capital à Av. Higienópolis nº 890, São Paulo, poderes para representar o outorgante, conforme a "**CLÁUSULA AD-JUDICIA ET EXTRA**", qualquer que seja a instância, Tribunal ou Corte, repartição e entidades públicas ou privadas, podendo propor contra quem de direito, contestar, reconvir, apresentar quaisquer defesas permissíveis em Lei, recorrer qualquer que seja a Instância, elaborar memoriais, notificar, requerer desarquivamento e obter vistas fora de cartório, transigir, confessar, reconhecer juridicamente o pedido, desistir, receber e dar quitação, renunciar ao direito sobre o qual se funda a ação, firmar compromissos e assinar termos respectivos, assinar termo de abertura e cumprimento de testamento, termo de compromisso de inventariante, termos de adjudicação, firmar acordos judiciais ou extrajudiciais, assinar termo de renúncia a favor do monte-mor, reconhecer, cobrar ou habilitar-se em vintena, renunciar a vintena, comparecer perante órgãos públicos federais, estaduais ou municipais, receita federal e órgãos afins, substabelecer com ou sem reserva de poderes, agindo em conjunto ou separadamente, praticar quaisquer atos, por mais especiais que sejam e ainda não expressos neste instrumento, onde necessária seja a apresentação deste mandato, propor qualquer medida, praticar todos os atos necessários à defesa dos direitos e interesses do outorgante, que dá ainda por ratificados todos os atos porventura já praticados em seu nome pelo outorgado, especialmente para acompanhar e fazer-se presente na ação civil pública, processo nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0), em trâmite na Terceira Vara Cível, seção judiciária de São Paulo, da Justiça Federal, ajuizando e adotando todas as medidas judiciais pertinentes, inclusive acautelatórias, preventivas e/ou reparatórias em decorrência da intimação, mandado nº 0003.2010.02320 e da audiência datada de 07.12.2010 e/ou redesignadas e subseqüentes.

São Paulo, 26 de novembro de 2010.

+ 

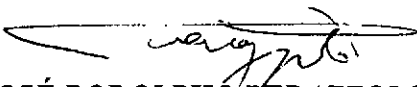
Cardenal Odilo Pedro Scherer

DR. JOSÉ RODOLPHO PERAZZOLO – OAB/SP nº 73.642

SUBSTABELECIMENTO

Substabeleço, com reserva de iguais poderes para mim, na pessoa do **DR. LEANDRO DA COSTA MACHADO**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/SP sob o nº 146.595, inscrito no CPF/MF sob nº 156.876.708-07, portador da cédula de identidade RG nº 18.156.038-0 SSP/SP, com escritório nesta Capital, à Av. Higienópolis nº 890, Higienópolis, São Paulo, telefone nº 0xx11-3826-0133, fac-símile nº 0xx11-3825-6806, os poderes que foram a mim outorgados por **CARDEAL ODILO PEDRO SCHERER**, brasileiro, maior, Arcebispo Metropolitano em São Paulo, solteiro, portador da cédula de identidade RG nº 771.349 IIPR e RG nº 50.958.958-3 SSP/SP, inscrito no CPF/MF sob nº 303.156.209-78, residente e domiciliado no Município de São Paulo, à Rua Alfredo Maia nº 195, conforme procuração particular datada de 26.11.2010, para representar o outorgante, conforme a **“CLÁUSULA AD-JUDICIA ET EXTRA”**, qualquer que seja a instância, Tribunal ou Corte, repartição e entidades públicas ou privadas, podendo propor contra quem de direito, contestar, reconvir, apresentar quaisquer defesas permissíveis em Lei, recorrer qualquer que seja a Instância, elaborar memoriais, notificar, requerer desarquivamento e obter vistas fora de cartório, transigir, confessar, reconhecer juridicamente o pedido, desistir, receber e dar quitação, renunciar ao direito sobre o qual se funda a ação, firmar compromissos e assinar termos respectivos, assinar termo de abertura e cumprimento de testamento, termo de compromisso de inventariante, termos de adjudicação, firmar acordos judiciais ou extrajudiciais, assinar termo de renúncia a favor do monte-mor, reconhecer, cobrar ou habilitar-se em vintena, renunciar a vintena, comparecer perante órgãos públicos federais, estaduais ou municipais, receita federal e órgãos afins, substabelecer com ou sem reserva de poderes, agindo em conjunto ou separadamente, praticar quaisquer atos, por mais especiais que sejam e ainda não expressos neste instrumento, onde necessária seja a apresentação deste mandato, propor qualquer medida, praticar todos os atos necessários à defesa dos direitos e interesses do outorgante, que dá ainda por ratificados todos os atos porventura já praticados em seu nome pelo outorgado, especialmente **para acompanhar e fazer-se presente na ação civil pública, processo nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0), em trâmite na Terceira Vara Cível, seção judiciária de São Paulo, da Justiça Federal, ajuizando e adotando todas as medidas judiciais pertinentes, inclusive acautelatórias, preventivas e/ou reparatórias em decorrência da intimação, mandado nº 0003.2010.02320 e da audiência datada de 07.12.2010 e/ou redesignadas e subseqüentes.**

São Paulo, 29 de novembro de 2010.


DR. JOSÉ RODOLPHO PERAZZOLO
OAB/SP 73.642

AV. HIGIENÓPOLIS Nº 890 - SÃO PAULO - SP
CEP: 01238-000 - TEL: 011-3826-0133

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CONCLUSÃO

Em 03 de dezembro de 2010, faço estes autos conclusos ao MM. Juiz Federal Substituto, no exercício da titularidade, **Dr. Ricardo Geraldo Rezende Silveira**.

Eu, , Técnico Judiciário - RF 5453

3ª. VARA CÍVEL FEDERAL DA CAPITAL

PROCESSO Nº.: 0017604-70.2009.403.6100 - AÇÃO CIVIL PÚBLICA

AUTOR : MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

RÉ : UNIÃO FEDERAL

Vistos.

Fls. 322 e seguintes. Trata-se de petição protocolada pela testemunha Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer pleiteando o adiamento da oitiva designada para o dia 07/12/2010, às 14 horas.

Defiro o postulado pela testemunha, pois verifico que necessariamente haverá de ser designada uma nova data para a continuação da audiência, pois algumas das testemunhas não foram citadas e o número elevado das mesmas tornaria inviável a conclusão do ato num único dia.

De toda sorte, não haverá prejuízo na continuação do ato, pois todas as testemunhas foram arroladas pelo Ministério Público, não havendo risco de inversão da ordem da oitiva das mesmas.

A data da audiência em continuação será definida no próprio ato, com as partes saindo intimadas dessa e da futura decisão.

Intime-se o requerente, após aguarde-se a realização da audiência designada.

São Paulo, 03 de dezembro de 2.010.

RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal Substituto no exercício da titularidade

DATA

Em 4 DEZ 2010, Subscritor

destes Autos à Secretaria, com o r. despacho/
com o r. despacho supra.

Em Subscritor.

(Analista Técnico Judiciário)

ELAINE C. CESTARI

R.F. 1724



Seção Judiciária: São Paulo
Terceira Vara Cível Federal

Processo nº. 00176604-70-2009.403.6100

C E R T I D ã O

Certifico e dou fé que, nesta data, intimei
pessoalmente o(a) advogado(a) para ciência do
despacho/sentença de fls. 358.

São Paulo, 03 / 10 / 2010.

Eu, [assinatura], subscrevi.

(Técnico Judiciário – R. F. 2364)

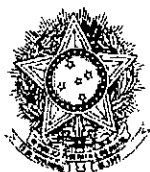
Nome do(a) advogado(a):

LEANDRO DA COSTA MACHADO

OAB: 176.595/SP

Assinatura: Leandro C. Machado

Certintimaçãobalcão



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

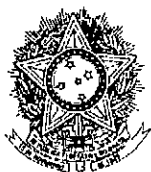
Processo nº 2009.61.00.017604-0

ASSENTADA

AÇÃO CIVIL PÚBLICA n.º 2009.61.00.017604-0

Aos 07 dias do mês de dezembro de dois mil e dez, nesta Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, às quatorze horas, na sala de audiências da Terceira Vara Cível Federal da Primeira Seção Judiciária de São Paulo - SP, pelo Excelentíssimo Senhor Doutor RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, Meritíssimo Juiz Federal em exercício da titularidade da Vara acima referida, foi declarada aberta a audiência e apregoadas as partes e os seus respectivos advogados, estando presentes o Autor MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, representado pelo Procurador Regional dos Direitos do Cidadão, Dr. JEFFERSON APARECIDO DIAS, a Ré UNIÃO FEDERAL, neste ato representada pelos Advogados da União, Drs. LUCILA MORALES PIATO GARBELINI e MARCIO OTAVIO LUCAS PADULA (SIAPE nº 1212673 e 1507461, respectivamente), a assistente simples ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA – ABLIRC, representada por seu preposto, Sr. Samuel Gomes de Lima, portador do RG nº 14.111.301-7, e as testemunhas DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA, SAMUEL GOMES DE LIMA, JAMIL RACHID e DANIEL CHECCIO, arroladas pela parte autora. Ausente a testemunha e SHEIKH TALEB HUSSEIN AL-KHAZRAJI, embora devidamente intimada pelo oficial de justiça conforme certidão às fls. 308/309. Iniciada a audiência, pelo MM. Juiz foi indeferida a oitiva de SAMUEL GOMES DE LIMA uma vez que representa a Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania – ABLIRC, entidade admitida como assistente do Ministério Público Federal. Após, foram colhidos os depoimentos das testemunhas DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA, JAMIL RACHID e DANIEL CHECCIO, conforme termos a seguir. O Ministério Público insistiu no depoimento das testemunhas faltantes, requerendo ainda concessão de prazo para providenciar o novo

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

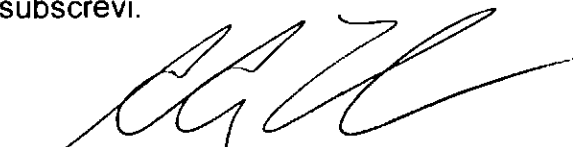


PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

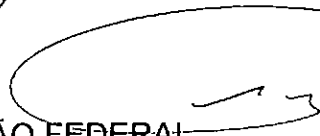
Processo nº 2009.61.00.017604-0

361

endereço da testemunha HENRI SOBEL. Em seguida, foi dito pelo MM. Juiz: "Defiro o prazo de 10 (dez) dias para que o Ministério Público Federal forneça o novo endereço da testemunha não intimada. Designo audiência em continuação para o dia 24/02/11 às 14:30 horas, devendo a Secretaria proceder a intimação das testemunhas ausentes, devendo ainda constar do mandado a ser encaminhado à testemunha SHEIKH TALEB HUSSEIN AL-KHAZRAJI que o não comparecimento importará na sua condução coercitiva. Nada mais havendo a ser determinado, foi encerrada esta audiência com as cautelas de praxe, saindo as partes devidamente intimadas. Eu, , (Alexandre Dias Cavalcanti, Técnico Judiciário - RF 3104), datilografei e subscrevi.

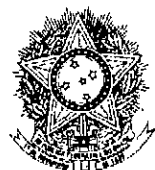

RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal em exercício da titularidade


MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Autor


UNIÃO FEDERAL
Ré


ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA –
ABLIRC – Assistente simples (Preposto - SAMUEL GOMES DE LIMA)





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

3.^a VARA CÍVEL FEDERAL

AÇÃO CIVIL PÚBLICA nº 2009.61.00.017604-0

OITIVA DE INFORMANTE

NOME: DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA

FILIAÇÃO: PLÍNIO LUIZ SOTTOMAIOR PEREIRA e MARISE KULIK SOTTOMAIOR PEREIRA

NACIONALIDADE: BRASILEIRA

RG n.º 3.659.253-2

PROFISSÃO: ENGENHEIRO

Testemunha contraditada pela União às fls. 290/292. Ouvido pelo MM. Juiz Federal, na condição de informante, por ter sido reconhecido o seu interesse no resultado da demanda, na medida em que desencadeou o procedimento administrativo junto ao Ministério Público Federal que deu origem a presente demanda. **Às perguntas do MM. Juiz, respondeu que:** "Que é presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. Que a própria associação foi fundada em data posterior à representação. Que é ateu. Que suspeita não haver diferença em relação a ateus e agnósticos quanto à posição de símbolos religiosos em locais públicos. Que sabe dizer que existem dezenas de milhares de religiões no mundo. Que tem interesse na questão religiosa de modo geral, incluída nela os símbolos e que tal interesse é diretamente ligado à sua ostentação em locais públicos. Que não reconhece nenhum dos símbolos mostrados ao mesmo e que seguem junto aos autos. Que conhecendo a natureza dos símbolos que lhe foram apresentados, teria a mesma conduta em relação aos mesmos, caso ostentados em locais públicos." **Perguntado pelo representante do Ministério Público Federal, o depoente informou que:** "Que não existe uniformidade em relação ao sentimento dos ateus e agnósticos

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B50Z-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

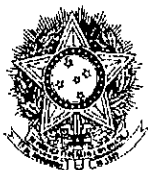
363
l

quanto aos símbolos ostentados em prédios públicos. Que sabe dizer que para uma parcela, tal é indiferente, que não causa nenhum tipo de constrangimento. Porém para outra parcela, que considera importante, a ostentação de tais símbolos não é indiferente, sendo que fere a laicidade do Estado, causando repúdio em parcela significativa de ateus e agnósticos. Que tais posições independem da posição particular de cada um, se clerical ou anti-clerical. Que ratifica os termos e argumentos lançados em sua representação junto ao Ministério Público Federal, acostada aos autos às fls. 13/14. Que a mensagem recebida por ateus e agnósticos com a ostentação de símbolos religiosos é similar à da propaganda comercial. Que tal demonstra uma identidade ou adesão ao que o símbolo representa, demais disso uma promoção que enaltece valores e qualidades de dada instituição religiosa. Que aponta que a ostentação dos símbolos, em última análise, gera custos aos cofres públicos, na medida em que o espaço poderia ser mensurado, inclusive, a título de valor publicitário. Que reconhece as figuras mostradas pelo Ministério Público e que haveria o mesmo repúdio caso fossem ostentadas em prédios públicos. Que diversos representantes de outras religiões e entidades da sociedade civil apóiam a retirada completa de símbolos religiosos das repartições públicas.

Perguntado pelos Advogados da União o depoente informou que: "O objetivo da associação que preside é a promoção efetiva da laicidade do Estado, além da defesa dos direitos dos ateus e agnósticos. Que a associação conta atualmente com cerca de 1500 associados. Que estima que os ateus e agnósticos contam hoje no Brasil com cerca de 2% da população. Que não houve qualquer manifestação explícita no sentido de que a existência de símbolos religiosos afetaria a qualidade das decisões judiciais. Que pode dizer que o sentimento de algumas pessoas é que isso poderia afetar na imparcialidade das decisões. Que reconhece que na maioria das vezes os símbolos já se encontravam nos prédios públicos quando os atuais servidores vieram neles trabalhar. Que efetivamente existe um processo decisório que compreende a escolha inicial de se ostentar determinado símbolo e,

har

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

posteriormente, qual símbolo será ostentado. Que tal processo é consciente. Que não é possível identificar qualquer partido ou órgão do Estado que tenha como objetivo a promoção de determinada religião, através da ostentação de símbolos religiosos. Que essa responsabilidade pode ser atribuída a todos aqueles que tem poder de determinar a retirada de tais símbolos e não o fazem. Nada mais havendo a ser perguntado, foi determinado o encerramento deste termo, e eu [assinatura], (Alexandre Dias Cavalcanti, Técnico Judiciário, RF 3104), datilografei e subscrevi.

[assinatura]
RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal em exercício da titularidade

[assinatura]
DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA
Informante

[assinatura]
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Autor

[assinatura]
UNIÃO FEDERAL
Ré

[assinatura]
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA –
ABLIRC – Assistente simples (Preposto – Samuel Gomes de Lima)



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

3.^a VARA CÍVEL FEDERAL

AÇÃO CIVIL PÚBLICA nº 2009.61.00.017604-0

TESTEMUNHA DO AUTOR

NOME: JAMIL RACHID

FILIAÇÃO: JOSÉ RACHID e MANTURA RACHID

NACIONALIDADE: BRASILEIRA

RG n.º 2.130.458

PROFISSÃO: MINISTRO RELIGIOSO

Aos costumes, disse nada. Compromissada e inquirida pelo MM. Juiz Federal, na forma da lei, a testemunha informou: que é Sacerdote Babalorixá da Umbanda e do Candomblé. Que possui a maior graduação na hierarquia religiosa de sua missão. Que a Umbanda utiliza o sincretismo dos símbolos religiosos em seus cultos e que na posição da testemunha e da maioria dos que professam a mesma fé, a existência desses símbolos, tais como o crucifixo, é uma questão de tradição, sendo que são contrários à retirada dos mesmos dos ambientes públicos. Que não reconhece qualquer dos símbolos mostrados pelo Juiz e que não haveria qualquer constrangimento caso algum deles estivesse sendo ostentado nesse local. **Perguntado pelo representante do Ministério Público Federal, o depoente informou que:** Que reconhece todos os símbolos mostrados pelo Ministério Público Federal. Que sabe dizer que o Orixá Xangô é o símbolo da Justiça e também representa um guerreiro. Que pela tradição da criação dos brasileiros, a ostentação de outros símbolos como os hindus mostrados pelo Ministério Público causaria algum estranhamento, na medida em que a maioria das pessoas desconhece seu significado e representatividade. Que causaria, por tal razão, natural incômodo. Que não existem símbolos ostentados em repartições públicas que lhe causam qualquer incômodo. Que a possibilidade da retirada da figura de Cristo dos locais públicos causou nos que professam a mesma religião certo descontentamento. Que não sabe dizer o número de pessoas que compõem a religião, mas que o número de templos supera 1.000.000. Que o Censo realizado pelo IBGE não indagou as pessoas acerca da religião. **Perguntado pelos Advogados da União o depoente informou que:** Que sabe dizer que o Brasil é um Estado laico. Que acredita que se fosse realizado um levantamento, a maior parte da população brasileira, cerca de 80%, se

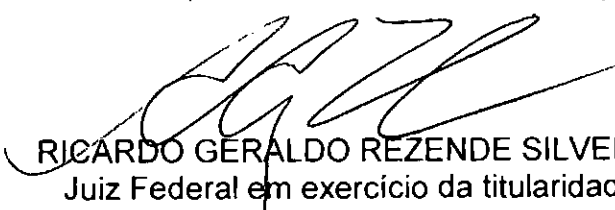
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

posicionaria contra a retirada de símbolos religiosos de repartições públicas. Que lembra a imagem de Padre Cícero, adorada por milhões de pessoas no Nordeste do Brasil. Que a Umbanda é uma religião aberta a todas as outras, sem qualquer tipo de preconceito ou restrição e que a preocupação central dela e das outras religiões está voltada a questões importantes da nossa era, tais como a fome e as guerras. Nada mais havendo a ser perguntado, foi determinado o encerramento deste termo, e eu Al, (Alexandre Dias Cavalcanti, Técnico Judiciário, RF 3104), datilografei e subscrevi.

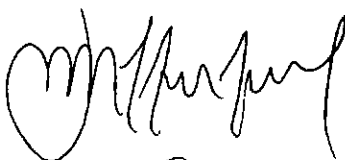

RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal em exercício da titularidade

JAMIL RACHID
Testemunha

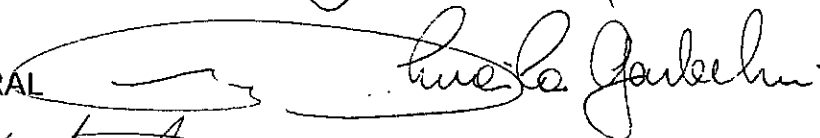


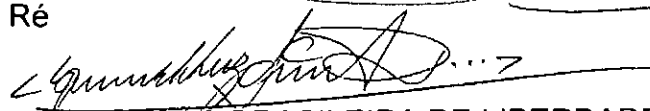
Advogado da Testemunha

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Autor



UNIÃO FEDERAL
Ré




ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA –
ABLIRC – Assistente simples (Preposto – Samuel Gomes de Lima)

Advogado da Assistente simples



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

3.^a VARA CÍVEL FEDERAL

AÇÃO CIVIL PÚBLICA nº 2009.61.00.017604-0

TESTEMUNHA DO AUTOR

NOME: DANIEL CHECCIO

FILIAÇÃO: FRANCISCO CHECCIO e NILZA PIMENTA CHECCIO

NACIONALIDADE: BRASILEIRA

RG n.º 14.994.720 SSP/SP

PROFISSÃO: MINISTRO RELIGIOSO

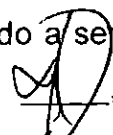
Às de costume, disse nada. Compromissada e inquirida pelo MM. Juiz Federal, na forma da lei, o depoente informou: "Que é pastor da Comunidade Evangélica do Bixiga. Que a Igreja existe há aproximadamente 20 anos, não sendo caracterizada por nenhuma nova nomenclatura, se não a tradicional evangélica. Que é Pastor Presidente da Comunidade. Que a Comunidade possui aproximadamente 120 membros. Que tem ligação com outras igrejas evangélicas, porém não formalizada estatutariamente. Que representa apenas a própria associação, sendo que não tem condições e nem a pretensão de falar em nome de todos os evangélicos. Que além do trabalho como evangelizador, a testemunha se insere num trabalho comunitário dentro da comunidade do bairro. Perguntado sobre a posição e o sentimento de sua comunidade, perguntou se poderia fazer uso de alguns apontamentos que havia preparado, tendo sido autorizado, procedeu à leitura desses apontamentos, que por sua complexidade foram juntados aos autos, fazendo parte integrante do depoimento da testemunha." **Perguntado pelo representante do Ministério Público Federal, o depoente informou que:** Que conhece os símbolos mostrados pelo Ministério Público, porém não sabe seus significados. Que

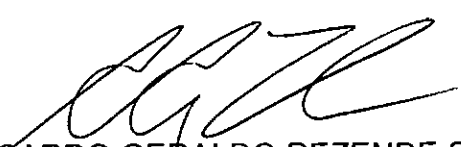
Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

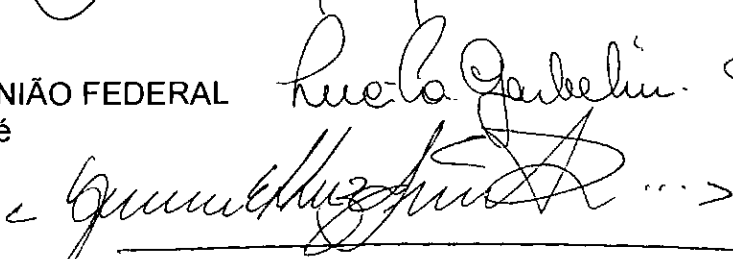
acharia estranho, pelo contexto, e por ser um símbolo bastante diferente, que qualquer deles estivesse sendo ostentado em prédio público. Porém, que prega a tolerância e o respeito a todas as crenças, sendo indiferente para sua fé e para suas concepções religiosas a existência de símbolos de outras religiões, seja em que locais forem. **Perguntado pelos Advogados da União o depoente informou que:** Que é indiferente a presença de quaisquer símbolos religiosos em locais públicos, uma vez que desde que nasceu se habituou aos mesmos, tanto em locais públicos quanto privados. Nada mais havendo a ser perguntado, foi determinado o encerramento deste termo, e eu , (Alexandre Dias Cavalcanti, Técnico Judiciário, RF 3104), datilografei e subscrevi.


RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal em exercício da titularidade


DANIEL CHECCIO
Testemunha


MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Autor

UNIÃO FEDERAL
Ré


ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA –
ABLIRC – Assistente simples (Preposto – Samuel Gomes de Lima)

309
l

IMAGENS APRESENTADAS PELO JUIZ

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



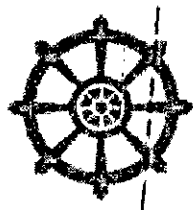
Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

330
2



Documento assinado eletronicamente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento foi publicado no portal do processo em 7/12/2010.
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



31
l

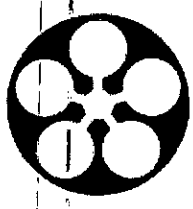


Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.trf3.jus.br/pje/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-76DC-EEAC e página 8C79-5201-15B8-900A

7/12/2010



372
9



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EEAC e senha 8C79-5201-15B8-900A 7/12/2010



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

373
2

IMAGENS APRESENTADAS PELO MPF

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

374
D



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

328
l



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

376
2



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

377
l



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

APONTAMENTOS DA TESTEMUNHA DANIEL CHECCHIO

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

379
A contemplação faz parte da espiritualidade de todo homem.
"Olhai para mim e sereis salvos" Isaías 45:22

O escritor da Carta aos Hebreus no capítulo 11:1 afirma "A fé é a certeza das coisas que se espera, e a prova das coisas que não se vêem"

Aristóteles sustenta, em sua *Ética*,

"A contemplação consiste no ato da mais elevada faculdade que há em nós, isto é, a inteligência; e também no mais nobre objeto, que é Deus".

Ela é feita por meio da imaginação, por isso ninguém pode impedir uma pessoa de se conectar ao transcendental, em nenhum lugar, dizia Jesus Cristo,

"o Reino de Deus está dentro de vós". Lucas 17:21

O Foro é muito íntimo da espiritualidade.

"Buscar-me eis e me achareis se me buscardes de todo o vosso coração". Jeremias 29:13

Ela (contemplação) também pode ser estimulada por meio da visualização de algum objeto feito pelas mãos do homem com lembrança religiosa.

Aí residem algumas controvérsias:

380
1. A fé evangélica de um modo geral, a qual eu professo não carece de imagens de escultura ou crucifixos para se elevar espiritualmente, na grande maioria de nossas igrejas não há qualquer imagem, em algumas há uma cruz, e esta vazia, pois acreditamos que o Senhor já ressuscitou, e gostamos de ver a cruz vazia lembrando Paulo em sua carta que dizia: ***“longe de mim gloriar-me a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”*** Gálatas 6:15

Nós os evangélicos guardamos o cuidado de não nos prostrarmos diante de qualquer imagem de escultura, pois em Êxodo 20:3-4

“Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás”.

Salmo 115 diz:

¹ Salmo de Davi. Somente a ti, ó SENHOR Deus, a ti somente, e não a nós, seja dada a glória por causa do teu amor e da tua fidelidade.

² Por que é que as outras nações nos perguntam: “Onde está o Deus de vocês?”

³ Nós respondemos: “O nosso Deus está no céu; ele faz tudo o que quer.

⁴ Os deuses das outras nações são de prata e de ouro, são feitos por seres humanos.

5 Eles têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem.

6 Têm ouvidos, mas não ouvem; têm nariz, mas não cheiram.

7 Têm mãos, mas não podem pegar; têm pés, mas não andam; e da garganta deles não sai nenhum som.

2. Não obstante ao que está até o momento está sendo exposto:

- A história mostra que o Estado tem que ter bom senso (O POVO CULTURALMENTE SE MOVE LEVANTAR Povo Firme) diante das decisões do povo, ou seja da Nação, exemplo: imaginem a nossa Capital e Estado, o Apostolo São Paulo empresta seu nome a esta Cidade e também ao Estado, alguém concebe a mudança de nome da cidade, porque ela remete diretamente a uma Fé ou religião? Pois bem, na Rússia, o Estado tentou por decreto acabar com a espiritualidade de um povo até mudando o nome da Cidade de São Petersburgo para Leningrado, assim que mudou o estilo de governo (Estado) que sufocava a espiritualidade, a maioria voltou o nome culturalmente aceito pelo povo (nação). São Petersburgo.
- Nunca impeça ninguém de exercer a sua espiritualidade, não sofra você se alguém se abstém de algo ou necessita de algo para exercer a sua espiritualidade, as pessoas devem ser livres para

382
P

~~adorar a Deus como elas queiram; em espírito e em verdade.~~

- ~~Estimular a espiritualidade é melhor que castrá-la pois por meio dela muitos reformam seus conceitos e valores de vida; Em Romanos cap.12 verso 02 o Apostolo São Paulo diz, não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente,~~
- Cel Álvaro Camilo: em reunião com líderes cristãos ontem dia 06/11 – na Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo – o Cel Comandante fez um apelo emocionado aos líderes cristãos no qual resumo:
- Que promovêssemos a defesa dos valores éticos, religiosos e morais com a sociedade pois segundo o Cel Álvaro “Trabalhando com valores trazemos mais segurança”.
- Segundo que estimulássemos a espiritualidade dos policiais militares uma vez que eles tem constante contato com lado ruim da sociedade, para que num momento de stress eles saibam que existe um Deus.
- Ainda o Cel se referiu que sempre há uma bíblia nas Companhias e solicitou a formação de grupos de oração em meio os soldados e disse que o lema da PM foi alterado para incluir o nome de Deus:



- "Nós, Policiais Militares, sob a proteção de Deus, estamos compromissados com a defesa da vida, da integridade física e da dignidade da pessoa humana."

Foi por causa de alguns dos conceitos e princípios expostos até o momento que a cultura ocidental, sempre fez conexão da espiritualidade cristã á verdade e a verdade á justiça e a justiça á democracia. Os Estados Unidos da América foi ^{País} erguido com bases bíblicas desde os seus primórdios como ^{país} nação. ^{Embora o Brasil não seja igual, pois o sincretismo é grande sem haver grandes conflitos, como vemos em outros países} Nunca se enxergou dicotomia entre espiritualidade e justiça.

Razão esta, ao meu ver, que em inúmeros locais e órgãos públicos há símbolos religiosos, porque o povo o quis assim soberanamente. O Símbolo não converte ninguém, os ^{antes} convertidos que o colocam lá.

A presença do símbolo ^{NUNCA} não muda o trabalho ou o humor do do funcionário público trazendo sequer nenhum prejuízo as suas funções.

Apesar de aparentemente não ter qualquer ligação, um local do Estado, que é laico em sua natureza, conter dentro das suas dependências um símbolo religioso em si, o que é importante entender neste momento é que a cultura de um povo é que o legitimou a estar ali, pois a Nação brasileira

não é laica e sim profundamente religiosa em sua maioria, o que precisa-se observar é qual o objetivo dos que levam para locais tão respeitosos da nossa sociedade símbolos religiosos que os mesmos tem em suas casas ou carregam no peito, senão uma fonte de inspiração á justiça, verdade, esperança, superação, tolerância e praticas de boas obras. Quantos réus não entram em júri aspirando isto tudo?

Estou depondo sobre algo nobre, não sobre apenas o símbolo em si, uma vez que a minha fé não se requer imagem, mas, a nobreza está no sentimento de espiritualidade, e que ao meu ver está tão claro quanto a luz do sol a necessidade de se haver mais no coração do povo: espiritualidade e a liberdade de culto e do pensamento humano que nos é garantido pela nossa constituição.

Excelência prezado ~~juiz~~ e a todos que estão neste lugar, com todo respeito, o Foro mais indicado a julgar esta causa, ao meu ver, não seja este onde estamos nesta tarde e nem muito menos as igrejas e sim as ruas.

Sugiro portanto duas coisas:

1. Que deixem os símbolos onde já foram colocados no lugar onde estão, respeitando a história e a cultura popular, que é legítima e que tem fluído por séculos assim em nossa Nação, pois não é idealizada por alguns, mas por ampla maioria.
2. Em futuros locais a serem abertos ao público, respeitando também aqueles que não querem os símbolos religiosos em locais públicos, que seja feita uma escuta comunitária, que é a forma mais atual de ação democrática popular para tomada de decisões de impacto social.

A equidade é um dos pilares da justiça.



ACM 007112

386

ELAINE CRISTINA CESTARI - Re: carta precatória

De: SETOR DE DISTRIBUICAO SAO BERNARDO
Para: SECRETARIA 3ª VARA CIVEL
Data: 23/09/10 16:43
Assunto: Re: carta precatória

JUNTADA

DATA 16/10/2010, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento CGC nº 100/2008.

Técnica Judiciária - RF 1724

Sr(a). Diretor(a),

Informamos que a referida Carta recebeu o número de processo único: 00066022720104036114
podendo ser consultada a distribuição no Sistema Processual ou no Site Eletrônico da Justiça Federal de 1º Grau em
São Paulo. (www.jfsp.jus.br).

Att

Seção de Distribuição de São Bernardo do Campo.
Fone: 4362-8310 Fax: 4362-8309
Email: sbcampo_sedi@jfsp.jus.br

>>> SECRETARIA 3ª VARA CIVEL 23/09/2010 15:17 >>>

Boa tarde

Encaminhamos anexa a carta precatória nº 210/2010 para distribuição a uma das varas cíveis, solicitando a gentileza de
confirmar o recebimento.

Att,

→ 2009.6100.017604.0

Elaine C. Cestari - RF 1724
Sup. Proc. Cíveis Diversos



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Rua Peixoto Gomide, 762/768 - Cerqueira César - São Paulo - SP - CEP 01409-904- Fone: (11) 3269-5000

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA 3ª VARA CÍVEL
DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO - CAPITAL.

JFSP-FORUM CIVEL-SPI
17/12/2010 16:32 h
Prot. 2010.000312126-1



0017604 - 70.2009.4.03.6100
[P07/12] [3a.V. CIVEL]
Juntada-JFSP 21/12/11
RF: 1725 Rubrica: _____

Processo nº 2009.61.00.017604-0
Ação Civil Pública
Autor: Ministério Público Federal
Réu: União Federal

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelo Procurador Regional dos Direitos do Cidadão abaixo assinado, no exercício de suas atribuições constitucionais e legais, vem respeitosamente diante de Vossa Excelência, manifestar-se e requerer o que segue:

Tendo em vista a ausência de duas testemunhas arroladas pelo autor na audiência realizada no presente feito, o Ministério Público Federal, em substituição, arrola as seguintes testemunhas:

- Ruben Sternschein, Rabino da Congregação Israelita Paulista, com endereço na Rua Antonio Carlos, 653 - CEP:01309-011/ São Paulo - SP;
- Alcionei Miranda Feliciano, Pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus - Min. Madureira, com endereço na Av. Elias Yazbek, 1716, conjunto 03, Centro - Embu (SP) - CEP: 06803-00.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Outrossim, requer seja ouvida na condição de testemunha referida, nos termos do art. 418, inciso I, do Código de Processo Civil, a seguinte pessoa, que comparecerá em Juízo independente de intimação:

- Maria Aparecida Nalessio, Primaz da Organização Federativa de Umbanda Candomblé do Brasil, com endereço na Rua Mendes Júnior, 41 - Brás - CEP: 03013-010 - São Paulo-SP.

Termos em que,
pede deferimento.

Bauru, 14 de dezembro de 2010.



PEDRO ANTONIO DE OLIVEIRA MACHADO
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão Substituto





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

CONCLUSÃO

Em 28 de Janeiro de 2011 faço conclusos estes autos ao MM. Juiz Federal no exercício da titularidade da 3ª Vara Cível da 1ª Subseção Judiciária de São Paulo - Capital,
Dr. RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA.

Eu, _____, subscrevi.
(Aux. / Téc. Jud.) RF 1724

Processo nº: 2009.61.00.017604-0

Defiro a substituição requerida pelo autor, entendendo ter ficado implicitamente dispensada a oitiva da testemunha Sheikh Taleb Hussein Al-Khasraji.

Indefiro, contudo, a oitiva da terceira indicada, Maria Aparecida Nalessio, eis que preclusa a oportunidade para o arrolamento e não se trata, ao contrário do alegado, de testemunha referida pelas partes ou outras testemunhas.

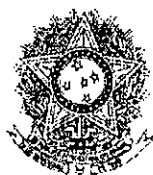
Ademais, considero suficiente ao deslinde da causa as inquirições já determinadas.

Intimem-se as testemunhas indicadas às fls. 387 bem como a testemunha Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer.

São Paulo, 28 de Janeiro de 2011


RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal no exercício da titularidade





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

D A T A

Em 28/01/2011, recebi estes autos na
Secretaria, com o r. despacho supra.

Eu, [assinatura], subscrevi.
(Aux. Tec. Jud.) RF-1724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CERTIDÃO

*Certifico e dou fé que expedi Mandado(s),
conforme cópia(s) que segue(m).*

São Paulo, 31 de janeiro de 2011

Eu, _____, subscrevi.

Técnico (a) Judiciário (a) RF-1724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 1 . 0 0 1 6 3 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2011.00163

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: RUBEN STERNSCHEIN	
ENDEREÇO 1: RUA ANTONIO CARLOS, 653, CONSOLACAO, SÃO PAULO, SP	CEP: 01309-011
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 24/02/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 24 de fevereiro de 2011, às 14:30 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 31 de janeiro de 2011.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 1 . 0 0 1 6 4 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2011.00164

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: ALCIONEI MIRANDA FELICIANO	
ENDEREÇO 1: AV ELIAS YAZBEK, 1716, CJ 03, CENTRO, EMBU, SP	CEP: 06803-000
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 24/02/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 24 de fevereiro de 2011, às 14:30 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 31 de janeiro de 2011.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/porta/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 1 . 0 0 1 6 5 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2011.00165

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER	
ENDEREÇO 1: RUA ALFREDO MAIA, 195, LUZ, SÃO PAULO, SP	CEP: 01106-010
ENDEREÇO 2 :	CEP:
PRAZO: 24/02/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 24 de fevereiro de 2011, às 14:30 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 31 de janeiro de 2011.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

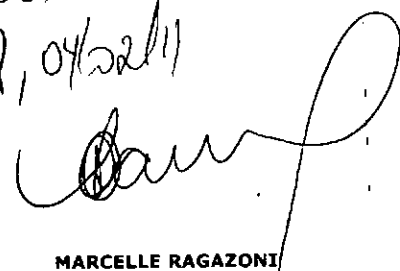


Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

Dr. José Rodolpho Perazzolo – OAB/SP Nº 73.642

**EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA 3ª
VARA CÍVEL DA JUSTIÇA FEDERAL - SEÇÃO JUDICIÁRIA DE
SÃO PAULO DA TERCEIRA REGIÃO DO TRIBUNAL REGIONAL
FEDERAL.**

**Autos processuais nº 00176604-70.2009.403.6100
(antigo nº 2009.61.00.017604-0)
Ação Civil Pública**

*1. Uls.
SP, 04/02/11*

**MARCELLE RAGAZONI
CARVALHO**

Juiz Federal Substituta
no exercício da titularidade

CARDEAL DOM ODILO PEDRO

SCHERER, brasileiro, maior, Arcebispo Metropolitano em São Paulo e membro do Colégio Cardinalício do Estado do Vaticano, solteiro, portador da cédula de identidade RG nº 771.349 IIPR e RG nº 50.958.958-3 SSP/SP, inscrito no CPF/MF sob nº 303.156.209-78, residente e domiciliado no Município de São Paulo, à Rua Alfredo Maia nº 195, por intermédio de seu bastante procurador infra-assinado, vem muito respeitosamente perante Vossa Excelência, **MANIFESTAR-SE** na presente Ação civil Pública, processo nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo nº 2009.61.00.017604-0), em trâmite nesta r. Terceira Vara Cível da Justiça Federal da seção judiciária de São Paulo, da Terceira Região, pelas razões de fato e de direito que a seguir serão expostas:

Av. Higienópolis nº 890 - São Paulo - SP
CEP: 01238-000 - Tel: 0xx11-3826-0133 / Fax: 0xx11-3825-6806.



1- Primeiramente, na condição de Arcebispo Metropolitano de São Paulo e membro do Colégio Cardinalício, o **Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer**, agradece a compreensão do D. Juízo e a consideração quanto a suas atribuições, em especial, no que tange ao deferimento de fls. 358, no qual permitiu-se a designação de nova data para oitiva das testemunhas remanescentes.

2- Em audiência, foi redesignada a oitiva das testemunhas remanescentes para o dia **24.02.2011, às 14:00 horas**, inclusive, devendo estas serem intimadas após o fornecimento pela autora da localização de uma delas no prazo de 10 (dez) dias.

3- Ocorre que compulsando os autos o subscritor da presente pode aferir a data de 24.02.2011 e, diligentemente, verificou junto a agenda do Emmo. Cardeal Dom Odilo um impedimento nesta data, em razão de compromisso já agendado anteriormente com uma Autoridades da Arquidiocese de Manaus, Regional da CNBB – Norte I e da Nunciatura Apostólica, no **Município de Manaus, Estado do Amazonas**, oriunda de seu ofício Episcopal.

4- Verifica-se do documento acostado que trata-se de um Retiro (atividade clerical fechada aos leigos), cujo pregador do Clero da Arquidiocese de Manaus será o Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, por convite efetivado em 03 de setembro de 2010, portanto, muito antes das audiências designadas pelo D. Juízo.

Av. Higienópolis nº 890 - São Paulo - SP

CEP: 01238-000 - Tel: 0xx11-3826-0133 / Fax: 0xx11-3825-6806.

5- Diante disso, o Emmo. Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer solicita do D. Juízo o adiamento desta audiência e/ou de sua oitiva para o dia 03 de março de 2011, às 14:00 horas (mesmo horário da anterior), visando poder cumprir sua obrigação pré-agendada, esta com muita antecedência.

6- Tendo em vista que as outras testemunhas que deverão comparecer ainda não foram intimadas para a audiência do dia 24.02.2010, ainda não ocorreram quaisquer prejuízos a terceiros ou a própria Justiça.

7- Reiteramos, apenas, que tal pedido não seja visto com antipatia pela Justiça, mas sim como uma necessidade de preservação de um contexto oriundo de sua profissão abraçada com tanto zelo, de Arcebispo Metropolitano e conferida como Cardeal e membro do Colégio Cardinalício do Estado do Vaticano; agregada, ainda, a um complexo agendamento de obrigações perante terceiros.

8- Posto isso, o interessado pede a juntada de sua petição e a apreciação de seu pedido com o máximo de urgência, podendo, em caso de deferimento, adotar as providências pertinentes a contento da Justiça.

Av. Higienópolis nº 890 - São Paulo - SP
CEP: 01238-000 - Tel: 0xx11-3826-0133 / Fax: 0xx11-3825-6806.



Dr. José Rodolpho Perazzolo – OAB/SP Nº 73.642

9- Protesta, por fim, pelos esclarecimentos que se fizerem oportunos para o bom deslinde da questão e dos interesses da Justiça.

Nestes termos,
Pede deferimento.

São Paulo, 01 de fevereiro de 2011.

Leandro C. Machado

Dr. Leandro da Costa Machado
OAB/SP nº 146.595

Av. Higienópolis nº 890 - São Paulo - SP
CEP: 01238-000 - Tel: 0xx11-3826-0133 / Fax: 0xx11-3825-6806.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Dom Odilo

De: "Casa Episcopal" <casaepiscopal@terra.com.br>
Para: "Dom Odilo" <opscherer@terra.com.br>
Enviada em: sábado, 8 de janeiro de 2011 10:07
Assunto: ENC: Convite ao Cardeal

De: Danival Lopes [mailto:pastoralpresbiteralarquimanaus@gmail.com]
Enviada em: sexta-feira, 3 de setembro de 2010 13:21
Para: casaepiscopal@terra.com.br
Cc: mitrasp
Assunto: Convite

Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer
Arcebispo Metropolitano de São Paulo

Sou Padre Danival de Oliveira Lopes, da Pastoral Presbiteral da Arquidiocese de Manaus. Em nome de Dom Luiz Soares Vieira Arcebispo, Dom Mario Pasqualotto, Auxiliar; Venho convida-lo para pregar o Retiro do Clero da Arquidiocese de Manaus e aberto a todo o Regional Norte 1, de 2011.

Tema: A Palavra de Deus e o Presbítero.
Data: 21 a 25 de Fevereiro 2011

Nós Presbíteros ficariamos muitissimos gratos se o sr aceitar.
Confiando em Deus.
Pe Danival



08/01/2011

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

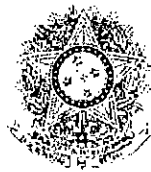


Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CONCLUSÃO

Em 04 de fevereiro de 2011, faço conclusos estes autos à MM. Juíza Federal Substituta na titularidade desta 3ª Vara, Dra. **MARCELLE RAGAZONI CARVALHO**.


Téc/Analista Judiciária - RF 5453

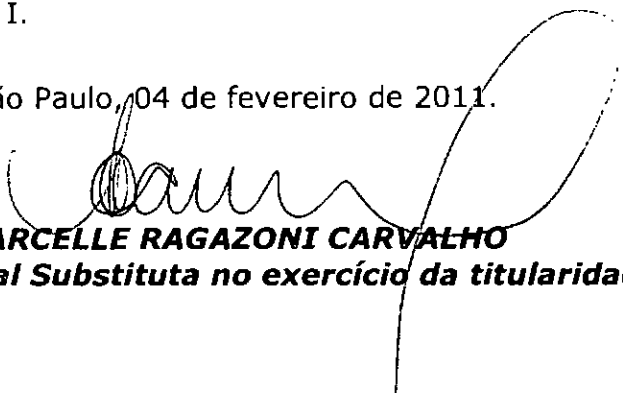
Processo nº 2009.61.00.017604-0

Fls. 393/396 - Defiro o pedido e determino a redesignação de audiência para o dia 03 de março de 2011 às 15 horas.

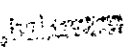
Proceda-se ao recolhimento dos mandados expedidos em 31/01/2011 (fls. 390/392) e expeça-se novos mandados de intimação para as testemunhas indicadas às fl. 387, bem como da testemunha Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, que deverão ser ouvidas na mesma data.

P. I.

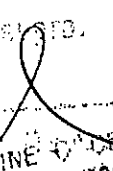
São Paulo, 04 de fevereiro de 2011.


MARCELLE RAGAZONI CARVALHO
Juíza Federal Substituta no exercício da titularidade

DATA

Em 7 FEV. 2011 

estes autos à Secretaria, com o r. de protocolar
com o r. de protocolo.

Em ELAINE D. CASTANHEIRA 
B.F. 1124

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CERTIDÃO

*Certifico e dou fé que expedi Mandado(s),
conforme cópia(s) que segue(m).*

São Paulo, 7 de fevereiro de 2011

Eu, _____, subscrevi.

Técnico (a) Judiciário (a) RF 5807

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 1 . 0 0 2 1 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2011.00219

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (artigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: RUBEN STERNSCHEIN	
ENDEREÇO 1: RUA ANTONIO CARLOS, 653, CONSOLACAO, SÃO PAULO, SP	CEP: 01309-011
ENDEREÇO 2 :	CEP:
PRAZO: 03/03/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 03 de Março de 2011, às 15:00 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 7 de fevereiro de 2011.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

Num. 256305327 - Pág. 54



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 1 . 0 0 2 2 0 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2011.00220
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: I-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: ALCIONEI MIRANDA FELICIANO	
ENDEREÇO 1: AV ELIAS YAZBEK, 1716, CJ 03, CENTRO, EMBU, SP	CEP: 06803-000
ENDEREÇO 2 :	CEP:
PRAZO: 03/03/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA
03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 03 de Março de 2011, às 15:00 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 7 de fevereiro de 2011.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferei e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 1 . 0 0 2 2 1 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2011.00221
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER	
ENDEREÇO 1: RUA ALFREDO MAIA, 195, LUZ, SÃO PAULO, SP	CEP: 01106-010
ENDEREÇO 2 :	CEP:
PRAZO: 03/03/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA
03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 03 de Março de 2011, às 15:00 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 7 de fevereiro de 2011.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

403
P

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Em 08^a de 02 de 2011
Faço vista deses autos ao MPF

Téc./Aux. Judiciário
ARMANDO DOS ANJOS ALVES
Técnico Judiciário
RF 752

MINISTÉRIO PÚBLICO
FEDERAL
09 FEV. 2011
DIMCI-PR/SP
RECEBIDO

MM. Juiz Federal
Ciente o MPF.
SP, 11/02/11

JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



RECEBIMENTO

Em 17 FEV 2011, recebi
estes autos do JPP
Eu [assinatura], subscrevi.
(Analista/Técnico Judiciário)
ELAINE C. CESTARI
R.F. 1724

C E R T I D A O

Processo no. 0017604-70.2009.403.6100
CERTIFICO e dou fe que o r. despacho supra/retro/de fls. 398
foi disponibilizado no Diário Eletrônico da Justiça em 18/02/2011
as fls. 47. Considera-se data da publicação o primeiro dia
útil subsequente a data acima mencionada.
SAO PAULO, 18 de fevereiro de 2011.
Eu, [assinatura] 6730
(Analista/Técnico Judiciário), subscrevo.

VISTA

Em, 18 FEV 2011 de
Faco vista destes autos ao [assinatura]

Aux. Tec. Judiciário

MARCELO SALVIO MARTINS PADULA
Técnico Judiciário - RF 2004

M. M. Luis
Pela União

ciente, nesta data, da
redesignação da audiência
para o dia 3 de março de 2011.

Lucila M.P. Garbelini

JEFFERSON APARECIDO DIAS
Técnico Regional dos Direitos do Cidadão

LUCILA MORALES PIATO GARBELINI
ADVOGADA DA UNIÃO
AGU Procuradoria da União em SP

RECEBIMENTO

Em 24 FEV 2011
Recebi estes autos [assinatura]

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

MARCELO SALVIO MARTINS PADULA
Técnico Judiciário - RF 2004



Em 01/03/2011, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 100/2009. MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2011.00163
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: RUBEN STERNSCHEIN	
ENDEREÇO 1: RUA ANTONIO CARLOS, 653, CONSOLACAO, SÃO PAULO, SP	CEP: 01309-011
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 24/02/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 24 de fevereiro de 2011, às 14:30 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 31 de janeiro de 2011.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Mandado no. 0003.2011.00163
03ª Vara Federal
Processo no. 0017604-70.2009.403.6100

CERTIDÃO

Devolvo o presente sem cumprimento, conforme solicitado pela r. vara por email, tendo em vista a alteração da data da audiência.

São Paulo, 09 de fevereiro de 2011.



ADRIANA R. FERRAZ MACHADO
OFICIAL DE JUSTIÇA AVALIADOR FEDERAL- RF 1980

01 diligência (outra)

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

C/AGU 151



JUNTADA

Em 01/03/2011, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento CGCE n.º 100/2009.

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2011.00164
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: ALCIONEI MIRANDA FELICIANO	
ENDEREÇO 1: AV ELIAS YAZBEK, 1716, CJ 03, CENTRO, EMBU, SP	CEP: 06803-000
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 24/02/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA
03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 24 de fevereiro de 2011, às 14:30 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 31 de janeiro de 2011.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

Alcionei Miranda Feliciano
Advogado
OAB/SP N.º 235.726

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que me dirigi ao endereço retro, onde procedi à intimação de ALCIONEI MIRANDA FELICIANO, que ficou ciente do teor deste mandado, recebeu a(s) respectiva(s) cópia(s) e exarou sua assinatura. São Paulo, 07 fev 11.

Silvio Gabbrielleschi Filho
Oficial de Justiça Avaliador

ALCIONEI MIRANDA FELICIANO
Advogado
OAB/SP 11.325.126

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



JUNTADA

Em 01/03/2011, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento COGE n.º 100/2009.

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

Técnica Judiciária - DF LPA

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2011.00165
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER	
ENDEREÇO 1: RUA ALFREDO MAIA, 195, LUZ, SÃO PAULO, SP	CEP: 01106-010
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 24/02/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA
03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 24 de fevereiro de 2011, às 14:30 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 31 de janeiro de 2011.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CERTIDÃO

PROC. N. 0017604-70.2009.403.6100

3ª VARA

MANDADO N. 0003.2011.00165

Certifico e dou fé que estou devolvendo o mandado retro, independentemente de cumprimento, em atenção ao despacho de fls. 398 que redesignou a audiência para o dia 3 de março de 2011, às 15h.

São Paulo, 10 de fevereiro de 2011.

Fabiano Righi – Oficial de Justiça Avaliador

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



JUNTADA

Em 01/03/2011, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do art. 12º
do Provimento COGE n.º 100/2009.

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO
CEP: 01310-200 PABX: 0.11 2172-4303

Técnica Judiciária - RF 12245807

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2011.00219
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: RUBEN STERNSCHEIN	
ENDEREÇO 1: RUA ANTONIO CARLOS, 653, CONSOLACAO, SÃO PAULO, SP	CEP: 01309-011
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 03/03/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 03 de Março de 2011, às 15:00 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 7 de fevereiro de 2011.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

RECEBI NESTA DATA, DE 16/2/2011

Ruben Sternschein

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

410
l

**PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL**

Processo no. 0017604-70.2009.403.6100
Mandado no. 0003.2011.00219
03ª VARA FEDERAL

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que em cumprimento ao presente mandado, dirigi-me à Rua Antonio Carlos, no. 653 onde **PROCEDI A INTIMAÇÃO DE RUBEN STERNSCHEIN**, nos exatos termos do r. mandado, que recebeu a contrafé, e após seu ciente no anverso do mandado. Certifico, mais, que, consultando o intimando sobre se já tinha eventual conhecimento, por outro meio, acerca do ato para o qual está sendo ora intimado, pelo mesmo me foi dito que **NÃO**.

São Paulo, 16 de fevereiro de 2011.


ADRIANA R. FERRAZ MACHADO
OFICIAL DE JUSTIÇA AVALIADOR FEDERAL - RF 1980

01 diligência (intimação)

C/AGU



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 1 . 0 0 2 2 0 *

JUNTADA

Em 01/03/2011

deste documento aos autos.

Procedimento COGE n.º 100/2011

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2011.00220
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: ALCIONEI MIRANDA FELICIANO	
ENDEREÇO 1: AV ELIAS YAZBEK, 1716, CJ 03, CENTRO, EMBU, SP	CEP: 06803-000
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 03/03/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 03 de Março de 2011, às 15:00 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 7 de fevereiro de 2011.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

16/02/11

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que me dirigi à avenida Elias Yasbek, 1716, cj. 03, Embu/SP, onde procedi à intimação de ALCIONEI MIRANDA FELICIANO, que ficou ciente do teor deste mandado, recebeu a(s) respectiva(s) cópia(s) e exarou sua assinatura. São Paulo, 16fev11.

Silvio Gabbrielleschi Filho
Oficial de Justiça Avaliador





JUNTADA

Em 03/03/2011, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento CCJ nº 100/2009. MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303 Analista Judiciária - RF 5453

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2011.00221

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER	
ENDEREÇO 1: RUA ALFREDO MAIA, 195, LUZ, SÃO PAULO, SP	CEP: 01106-010
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 03/03/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) MARCELLE RAGAZONI CARVALHO, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA
03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

"Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 03 de Março de 2011, às 15:00 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil".

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 7 de fevereiro de 2011.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu,
ROSINEI SILVA, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/
Juiz(a) Federal Substituto(a).

ROSINEI SILVA
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

Ciente
+ Gilto Pedro Card. Scherer
Arábico de S. Paulo
28.02.2011

PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CERTIDÃO

PROC. N. 00176047020094036100

MANDADO N. 0003.2011.00221

3ª VARA

Certifico e dou fé que, em cumprimento ao mandado retro, dirigi-me à Rua Alfredo Maia, 195, cep 01106, onde INTIMEI o Sr. Odilo Pedro Scherer, o qual tomou ciência de todo o teor do mandado, aceitou a contrafé e após sua nota de ciência.

São Paulo, 28 de fevereiro de 2011.

Fabiano Righi – oficial de Justiça Avaliador

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo nº 2009.61.00.017604-0

ASSENTADA

AÇÃO CIVIL PÚBLICA n.º 2009.61.00.017604-0

Aos 03 dias do mês de março de dois mil e onze, nesta Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, às quinze horas, na sala de audiências da Terceira Vara Cível Federal da Primeira Seção Judiciária de São Paulo - SP, pelo Excelentíssimo Senhor Doutor RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA, Meritíssimo Juiz Federal Substituto no exercício da titularidade da Vara acima referida, foi declarada aberta a audiência e apregoada as partes e os seus respectivos advogados, estando presentes o Autor MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, representado pelo Procurador Regional dos Direitos do Cidadão, Dr. JEFFERSON APARECIDO DIAS, a Ré UNIÃO FEDERAL, neste ato representada pelos Advogados da União, Dras. LUCILA MORALES PIATO GARBELINI e CRISTIANE BLANES (SIAPE n.ºs 1212673 e 1332595.0, respectivamente), a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA – ABLIRC, Assistente Litisconsorcial representado por seu presidente Sr. Samuel Gomes de Lima, e as testemunhas RUBENS STERNSCHEIN e CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER, arrolados pela parte autora, acompanhados/desacompanhados de advogado.

Ausente a testemunha ALCIONEI MIRANDA FELICIANO, embora devidamente intimada pelo oficial de justiça conforme certidão às fls. 412, sendo requerido pelo IRMP a designação de nova data para que seja tentada sua oitiva neste Juízo.

Iniciada a audiência, foram colhidos os depoimentos das testemunhas RUBENS STERNSCHEIN e CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER, conforme termos a seguir. Em seguida, foi dito pelo MM. Juiz:

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



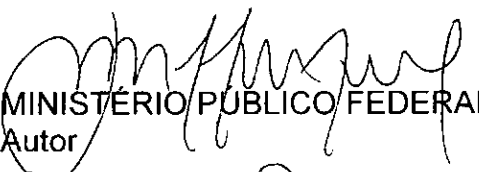
PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo nº 2009.61.00.017604-0

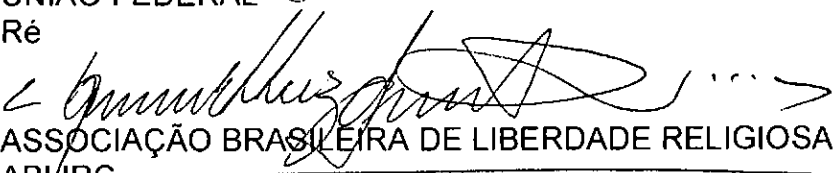
“Defiro o postulado pelo MP e designo nova data para audiência em continuação para o dia 14/04/2010, às 15 horas. Como reside em outro município, deverá constar do mandado de forma expressa que a testemunha pode preferir ser ouvida em seu domicílio, devendo informar a esse juízo tão logo seja intimada.”.

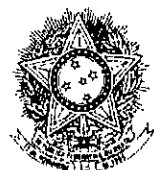
E nada mais havendo a ser determinado, foi encerrada esta audiência com as cautelas de praxe, e eu, GA, (CNG, Técnico Judiciário - RF 5453), datilografei e subscrevi.


RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal em exercício da titularidade


MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Autor


UNIÃO FEDERAL
Ré


ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA –
ABLIRC
Assistente Litisconsorcial



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

3.ª VARA CÍVEL FEDERAL

AÇÃO CIVIL PÚBLICA nº 2009.61.00.017604-0

TESTEMUNHA DO AUTOR

NOME: CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER

FILIAÇÃO: EDWINO SCHERER e FRANCISCA WILMA STEFFENS SCHERER

NACIONALIDADE: BRASILEIRA

RG nº 50.958.958-3

PROFISSÃO: ARCEBISPO METROPOLITANO EM SÃO PAULO

Aos costumes, disse nada. Compromissado e inquirido pelo MM. Juiz Federal, na forma da lei, o depoente informou que: "Que é arcebispo de São Paulo, tendo sido bispo auxiliar e Secretário Geral da CNBB. Que a respeito da manutenção dos símbolos religiosos em locais públicos tem a dizer que o Brasil é um país de tradição católica. Que a formação cultural e religiosa do povo brasileiro é católica até porque durante a colônia e até o fim do império existia um acordo que determinava a religião católica como oficial do Estado. Que as demais religiões têm origem mais recente e posterior à dissociação da igreja e Estado. Que essa tradição explica a convivência hodierna entre os símbolos católicos e o princípio atual da laicidade do Estado. Que não acredita na existência de uma influência determinante proveniente da organização da igreja católica, inclusive como ente de direito público internacional. Que as figuras da cruz e do crucifixo com ou sem a imagem do crucificado são distintas. Que a tradição católica preconiza a figura da cruz e de Cristo crucificado. Que não há qualquer implicação de ordem interna em relação ao símbolo da cruz que tem origem na tradição protestante. Que reconhece apenas os símbolos trazidos pelo Ministério Público Federal acostados aos autos às fls. 374/377, e que a

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

presença de nenhum deles em espaço público causaria qualquer constrangimento. Que a presença de símbolos de qualquer religião certamente teria o condão de remeter positivamente aqueles que professam a fé representada ou algum valor ou preceito religioso. Que para os que não professam determinada fé o símbolo pode não dizer nada, porém uma vez reconhecido como tal independentemente da religião teria o condão de remeter a valores que edificam a convivência humana. Que pode exemplificar com a presença do crucifixo, que num Tribunal, por exemplo, representaria um exemplo de uma condenação injusta sem que tal exemplo necessariamente tivesse um viés religioso. Que não considera uma flexibilização do princípio da laicidade do Estado a presença da expressão "sob a proteção de Deus" no preâmbulo da Constituição; que entende a laicidade do Estado não como uma exclusão da religião ou da religiosidade, mas como postura do Estado, sem qualquer referência religiosa, respeitando plenamente a liberdade religiosa dos cidadãos".

Perguntado pelo advogado do Autor o depoente informou que: "Que não crê que um determinado símbolo religioso possa ser ofensivo a quem não professa aquela fé, pois na atual condição de laicidade do Estado que contempla a pluralidade religiosa e não religiosa os cidadãos devem estar aptos a conviverem e tolerar as múltiplas expressões religiosas sem se sentirem ofendidos ou agredidos com isso. Que vê uma postura contra determinado símbolo como uma forma de intolerância religiosa. Que sabe dizer na condição de estudioso da religião que para o povo judeu a figura de Cristo crucificado poderia representar uma referência negativa em vista da responsabilidade histórica a tal povo atribuída. Que, contudo, trata-se de uma análise subjetiva, já que o fato histórico é dado como certo, porém, a responsabilidade não seria ou deveria ser atribuída a um povo e sim àqueles (autoridades) daquele tempo. Que atualmente a situação está muito mais pacífica, inclusive entre os próprios judeus; que sabe dizer que houveram momentos em que está representação causava muito mais repulsa. Que a

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

situação atual pode ser exemplificada pela presença da testemunha, na condição de convidada, em cerimônias judaicas, portando o símbolo em questão sem que houvesse qualquer manifestação de incômodo ou desconforto. Que não acredita que aquele que não professa qualquer fé sintasse ou deva se sentir ofendido caso verifique, numa sala de audiência por exemplo, um símbolo religioso colocado acima do julgador. Que em prédios públicos se recorda de já ter visto símbolos budistas e xintoístas, porém na maioria deles há a presença de símbolos cristãos, o que se explica pela proporção da população que professa as religiões ligadas a tal vertente. Que tal fato culturalmente justifica a presença da maioria dos símbolos cristãos ou católicos. Que não vê qualquer justificativa a que o Estado adote oficialmente qualquer símbolo religioso e o imponha a toda a sociedade, mas que a presença desses símbolos deve-se ao fato de que ali sempre estiveram ou em algum momento, por decisão daqueles que trabalham no ambiente foram ali colocados. Que sendo assim a retirada abrupta por determinação do próprio Estado poderia ser caracterizada como uma forma de intolerância religiosa. Que vê a decisão de colocar novos símbolos, inclusive custeados pela sociedade como uma decisão legítima dos representantes do Estado que devem agir em respeito aos anseios dos representados. Que a presença hipotética de um símbolo de outra religião num julgamento a que a testemunha estivesse submetida poderia causar uma preocupação em virtude da inexistência de uma tradição v.g. muçulmana no Brasil, mas que seria encarado com plena naturalidade em outro país (exemplo dado de uma Juíza usando uma burca muçulmana). Que complementa dizendo que não teria qualquer problema em, por exemplo, ser julgado por uma Juíza trajando uma burca. Que distinguindo as situações de um símbolo colocado na parede e portado pela pessoa pode resumir nos seguintes termos: "que o símbolo religioso trajado ou carregado consigo representa algo pessoal, enquanto um símbolo presente num espaço está relacionado com o ambiente cultural". Que entenderia que a função da juíza exemplificada linhas atrás seria de proceder

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

420
E12



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

ao julgamento conforme as leis e o direito brasileiros, independentemente de professar alguma fé. Que a existência de uma maioria de símbolos católicos representa a pluralidade e, principalmente, a expressão da representatividade dos cidadãos cristãos e católicos no Brasil".

Sem perguntas pelos advogados da Ré – AGU.

Nada mais havendo a ser perguntado, foi determinado o encerramento deste termo, e eu [assinatura] (CNG, Técnico Judiciário, RF 5453), datilografei e subscrevi.

[assinatura]
RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal em exercício da titularidade

+ [assinatura]
CARDEAL DOM ODILO PEDRO SCHERER
Testemunha

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Autor

[assinatura]
UNIÃO FEDERAL
Ré

[assinatura]

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

3.ª VARA CÍVEL FEDERAL

AÇÃO CIVIL PÚBLICA nº 2009.61.00.017604-0

TESTEMUNHA DO AUTOR

NOME: RUBENS STERNSCHEIN

FILIAÇÃO: SUSANA KEPECS e GUILLERMO STERNSCHEIN

NACIONALIDADE: ARGENTINA

RNE n.º V525278-5

PROFISSÃO: RABINO DA CONGREGAÇÃO ISRAELITA PAULISTA

Aos costumes disse nada. Compromissado e inquirido pelo MM. Juiz Federal, na forma da lei, o depoente informou: "Que é o Rabino da Congregação Israelita Paulista, que é a maior congregação judaica da América Latina e uma das maiores do mundo. Que a respeito da manutenção dos símbolos religiosos em locais públicos tem a dizer que a questão é bastante complexa e merece uma digressão partindo do conceito de liberdade religiosa. Que estudou tal tema numa pós graduação na França no momento em que se discutia uma lei que proibia o uso do véu islâmico em locais públicos. Que os fundamentalistas religiosos baseavam seu argumento na liberdade religiosa justamente para poderem impor à população o uso do véu. Já os liberais muçulmanos numa visão diversa da liberdade religiosa eram contra a possibilidade da imposição do uso do véu e, portanto, reclamavam a proibição peremptória do uso do véu em locais públicos para que se alcançasse a verdadeira liberdade; que a presença de símbolos religiosos a princípio não ofende aqueles que não professam a religião simbolizada, porém, transmitem a sensação de uma menor pertinência para aqueles que não verificam num determinado espaço nenhum símbolo que diga respeito a sua fé. Que é nascido na Argentina e reside no Brasil há cerca de 3 anos. Que residiu em Israel por cerca de 20 anos que os Tribunais de Jerusalém não ostentam símbolos religiosos propriamente ditos, mas sim ligados ao Estado. Que foi

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

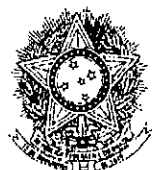


PODER JUDICIÁRIO
 JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

adotado um candelabro específico como símbolo deste Estado, que apesar de sua remota origem ligada a religião judaica, de alguma forma o símbolo atual representa apenas o Estado. Que a presença de tal símbolo tem uma referência histórica ligada à existência desse mesmo símbolo no templo de Jerusalém e que a tradição e os costumes sedimentados por milênios transformaram uma figura que pode ser ligada à religião em um efetivo símbolo laico do Estado. Que reconhece apenas de fls. 374/377 como imagens de religiões orientais e africanas. Que reafirma que nenhuma delas seria ofensiva, mas que a presença de qualquer delas afetaria a neutralidade do ambiente e qualquer pessoa que não professasse a religião simbolizada poderia incidir num sentimento de falta de pertencimento. Que obviamente proibir a colocação de uma imagem limita a liberdade, porém a opção de uma apenas remete as demais ao sentimento de ausência de pertencimento já referido. Que foi ordenado pela União Mundial do Judaísmo Progressista, que é a maior organização judaica do mundo. Que no mundo, atualmente, existem 14 milhões de judeus e no Brasil cerca de 100 mil judeus. Que cerca de 50% não são filiados a qualquer tipo de organização, sendo que a União Mundial do Judaísmo Progressista conta no mundo com cerca de 3 milhões de adeptos. Que já havia mencionado que a presença de crucifixos nos Tribunais remete à uma certa forma de sectarismo. Que o sentimento diante de um símbolo de outra religião advém ainda da inexistência de símbolo da própria religião. Que o símbolo do candelabro, especificamente adotado pelo governo de Israel, não gera ou deveria gerar a mesma sensação de falta de pertencimento, pois está ligado à figura governamental. Que a presença, por exemplo, da estrela de Davi ou da Torah seria bem diferente, pois tratar-se-ia de um símbolo exclusivamente religioso. Que a candelabro, como regra geral, não tem uso religioso, mas qualquer candelabro tem uma conotação judaica ligada à religião, embora este especificamente seja utilizado como símbolo do Estado. Que pessoalmente não crê que a presença hipotética de uma figura religiosa numa sala de audiências, v.g., poderia de alguma forma afetar a capacidade ou

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

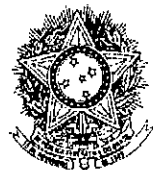
PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

influenciar na decisão a ser tomada; que acredita na existência de determinadas pessoas com crenças específicas que podem de alguma forma se sentirem acolhidas pela presença de um símbolo ligado à sua religião e, em contrapartida, a existência do símbolo poderia gerar um sentimento negativo caso não houvesse pertinência entre o símbolo e a religião ou houvesse pleno desconhecimento sobre as instituições e valores representados por aquela figura. Que se trata de uma especulação, porém hipoteticamente poderia haver um sentimento de insegurança. Que entre os sentimentos envolvidos o relativo ao custeio dos símbolos religiosos com dinheiro público é o mais sutil, que considera irrelevante e dificilmente se imaginaria sopesando o custo de uma determinada imagem. Que pessoalmente e bem como a maioria dos que convive consegue separar uma coisa da outra e assim como no calendário existem feriados católicos não se sente constrangido compreendendo que tal decorre do fato de que o país conta com a maioria católica, mas que existe a possibilidade de determinadas pessoas possam se sentir agredidas ou que tais fatos possam demonstrar certa predileção do Estado por uma dada religião. Que para a fé judaica não há diferença entre as figuras da cruz e do crucifixo. Que a cruz e o crucifixo não são símbolos judaicos".

Perguntado pelos advogados da Ré, o depoente informou: "Que o candelabro no Estado de Israel passou por um processo de laicização; que se pode compreender também na frase "In God we trust" largamente utilizada nos Estados Unidos. Que o candelabro como figura isolada mantém sua ligação com a religião, diferentemente da figura específica que hoje representa apenas o Estado de Israel; que compreende que a cruz em qualquer de suas formas mantém sua tradicional ligação com a religião cristã. Que pode exemplificar que a cruz da bandeira da Suíça e a cruz vermelha, aparentemente, também passaram por esse processo de laicização, porém observa-se que a cruz vermelha em Israel como símbolo médico e foi substituída pela Estrela de Davi vermelha, bem como em locais de maioria muçulmana por uma meia lua vermelha".

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

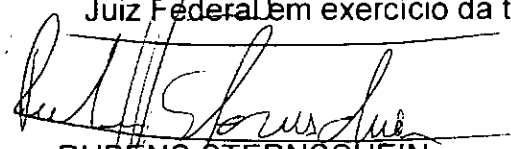


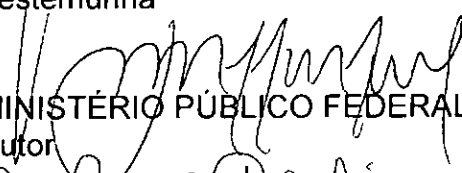
PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

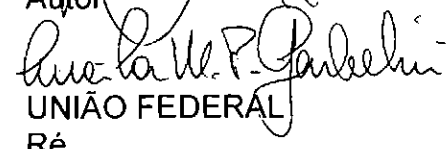
Processo n. 2009.61.00.017604-0

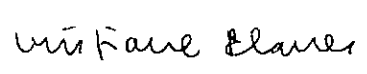
Nada mais havendo a ser perguntado, foi determinado o encerramento deste termo, e eu CAB (CNG, Técnico Judiciário, RF 5453), datilografei e subscrevi.


RICARDO GERALDO REZENDE SILVEIRA
Juiz Federal em exercício da titularidade


RUBENS STERNSCHEIN
Testemunha


MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Autor


UNIÃO FEDERAL
Ré


Vanessa Iyori Tanaka

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CERTIDÃO

*Certifico e dou fé que expedi Mandado(s),
conforme cópia(s) que segue(m).*

São Paulo, 14 de março de 2011

Eu, _____, subscrevi.

Técnico (a) Judiciário (a) RF 1724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



* 2 0 0 9 6 1 0 0 0 1 7 6 0 4 0 *



* 0 0 0 3 . 2 0 1 1 . 0 0 4 0 2 *



* 0 0 1 7 6 0 4 7 0 2 0 0 9 4 0 3 6 1 0 0 *

MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE: SÃO PAULO -
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA

MANDADO Nº 0003.2011.00402

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: ALCIONEI MIRANDA FELICIANO	
ENDEREÇO 1: AV ELIAS YAZBEK, 1716, CJ 03, CENTRO, EMBU, SP	CEP: 06803-000
ENDEREÇO 2 :	CEP:
PRAZO: 14/04/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) ANA LUCIA JORDAO PEZARINI, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

"Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 14 de Abril 2011, às 15:00 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil". Fica facultado à testemunha, caso seja de sua preferência, ser ouvida em seu domicílio, devendo nesse caso informar a esse Juízo tão logo seja intimado.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 14 de março de 2011.

Eu, _____ ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, _____ CILENE SOARES, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

CILENE SOARES
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



Em 13/04/11, faço a juntada
deste documento aos autos, nos termos do
Provimento CGCJ n.º 100/2009. MOD 12

JUSTIÇA FEDERAL DE 1º GRAU
SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO
AV. PAULISTA, 1682, 5º ANDAR - BAIRRO: BELA VISTA - CIDADE DE SÃO PAULO - SP
CEP: 01310-200 PABX: 0..11 2172-4303

SECRETARIA DA 03ª VARA	MANDADO Nº 0003.2011.00402
------------------------	----------------------------

MANDADO DE INTIMAÇÃO

PROCESSO Nº 0017604-70.2009.403.6100 (antigo 2009.61.00.017604-0)	AÇÃO: 1-ACAO CIVIL PUBLICA
PARTES: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL	
PESSOA A SER INTIMADA: ALCIONEI MIRANDA FELICIANO	
ENDEREÇO 1: AV ELIAS YAZBEK, 1716, CJ 03, CENTRO, EMBU, SP	CEP: 06803-000
ENDEREÇO 2:	CEP:
PRAZO: 14/04/2011.	
OBSERVAÇÃO:	

O(A) DOUTOR(A) ANA LUCIA JORDAO PEZARINI, JUIZ(A) FEDERAL/ JUIZ(A) FEDERAL SUBSTITUTO(A) DA 03ª VARA CÍVEL - SPª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA EM SÃO PAULO

M A N D A a qualquer Oficial de Justiça Avaliador deste Juízo Federal, a quem este for apresentado que, em seu cumprimento:

INTIME a pessoa acima discriminada (por seu representante legal se for o caso) para

“Intime a pessoa acima a comparecer à audiência designada para o dia 14 de Abril 2011, às 15:00 horas, na sala de audiências desta Vara. Fica a testemunha ciente que caso não compareça, sem motivo justificado, será conduzida coercitivamente, respondendo pelas despesas de adiamento, nos termos do artigo 412 do Código de Processo Civil”. Fica facultado à testemunha, caso seja de sua preferência, ser ouvida em seu domicílio, devendo nesse caso informar a esse Juízo tão logo seja intimado.

C U M P R A - S E na forma e sob as penas da lei. O Oficial de Justiça Avaliador fica autorizado a proceder na forma do art. 172, § 2º, do Código de Processo Civil.

LOCAL DE COMPARECIMENTO: Fórum CÍVEL (Justiça Federal de Primeiro Grau), localizado na AV. PAULISTA, 1682, BELA VISTA, SÃO PAULO, SÃO PAULO.

E X P E D I D O nesta cidade de SÃO PAULO, em 14 de março de 2011.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI, Técnico Judiciário/Analista Judiciário, digitei. E eu, CILENE SOARES, Diretor(a) de Secretaria, conferi e subscrevo, por ordem do(a) MM.(a) Juiz(a) Federal/ Juiz(a) Federal Substituto(a).

CILENE SOARES
Diretor(a) de Secretaria

Horário de atendimento: das 09:00 às 19:00h.

Alcionei Miranda Feliciano
Advogado
OAB/SP N.º 235.726

428
22



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que me dirigi à avenida Elias Yasbek, 1716, Embu/SP, onde procedi à intimação de ALCIONEI MIRANDA FELICIANO, que ficou ciente do teor deste mandado, recebeu a(s) respectiva(s) cópia(s) e exarou sua assinatura. São Paulo, 08abr11.

Silvio Gabbrielleschi Filho
Oficial de Justiça Avaliador

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo nº 2009.61.00.017604-0

ASSENTADA

AÇÃO CIVIL PÚBLICA n.º 2009.61.00.017604-0

Aos 14 dias do mês de abril de dois mil e onze, nesta Cidade de São Paulo, Estado de São Paulo, às quinze horas, na sala de audiências da Terceira Vara Cível Federal da Primeira Seção Judiciária de São Paulo - SP, pela Excelentíssima Senhora Doutora ANA LÚCIA JORDÃO PEZARINI, Meritíssima Juíza Federal da Vara acima referida, foi declarada aberta a audiência e apregoadas as partes e os seus respectivos advogados, estando presentes o Autor MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, representado pelo Procurador Regional dos Direitos do Cidadão, Dr. JEFFERSON APARECIDO DIAS, a Ré UNIÃO FEDERAL, neste ato representada pela Advogada da União, Dra. LUCILA MORALES PIATO GARBELINI (SIAPE nº 1212673), a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA – ABLIRC, Assistente Simples representado por seu presidente Sr. Samuel Gomes de Lima e a testemunha ALCIONEI MIRANDA FELICIANO, arrolado pela parte autora, desacompanhado de advogado.

Iniciada a audiência, foi colhido o depoimento da testemunha ALCIONEI MIRANDA FELICIANO, conforme termo a seguir. Em seguida, foi dito pela MMA. Juíza: "A pedido das partes, defiro o prazo sucessivo de dez dias para apresentação de memoriais, primeiro ao representante do Ministério Público Federal, devendo o processo ser encaminhado após o dia 25/04/11 (os prazos se encontram suspensos por ato da Presidência do Tribunal Regional Federal da 3ª Região). Os demais serão intimados oportunamente, para carga dos autos."

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo nº 2009.61.00.017604-0

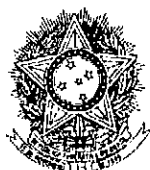
E nada mais havendo a ser determinado, foi encerrada esta audiência com as cautelas de praxe, e eu, Lu, (LTO, Analista Judiciário - RF 6114), datilografei e subscrevi.

ANA LÚCIA JORDÃO PEZARINI
Juíza Federal

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Autor

UNIÃO FEDERAL
Ré

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA – ABLIRC
Assistente Litisconsorcial



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

3.ª VARA CÍVEL FEDERAL

AÇÃO CIVIL PÚBLICA nº 2009.61.00.017604-0

TESTEMUNHA DO AUTOR

NOME: ALCIONEI MIRANDA FELICIANO

FILIAÇÃO: ALCIDES ESTEVÃO FELICIANO e ADELINA MIRANDA FELICIANO

NACIONALIDADE: BRASILEIRA

RG n.º: 32.247.312-3

PROFISSÃO: PASTOR DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLÉIA DE DEUS E ADVOGADO

Esclarecido acerca do objeto da presente ação civil pública, o depoente informou que: "É Pastor ordenado pela CONAMAD (Convenção Nacional das Assembléias de Deus no Brasil Ministério de Madureira). Há uma divisão de estados e campos. No estado de SP há aproximadamente 150 campos, com representação em todos os municípios do estado de São Paulo. Cada campo possui uma sede e diversas Congregações filiadas. Dentro desta estrutura, é o primeiro vice-presidente do campo de Pinheiros, que possui 23 igrejas e exerce a coordenação regional de Embu, onde há oito igrejas. O nosso campo deve ter, aproximadamente, cinco mil membros. Também é presidente do Conselho de Pastores de Embu das Artes. No Conselho de Pastores há 44 ministérios vinculados. Cada ministério possui, em torno de 10 igrejas na cidade, em média, totalizando umas 450 igrejas só em Embu das Artes. No conselho de pastores há representantes de todas as igrejas (Brasil para Cristo, Presbiteriana, Adventista do Sétimo Dia, Plenitude de Vida, Internacional da Graça, Deus é Amor, Mundial do Poder de Deus, etc).

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço:
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

432
20

Também foi professor de Direito Eclesiástico para os graduandos de teologia. O depoente vê a utilização de crucifixos em prédios públicos como um resquício do período imperial, onde a Igreja Católica era a oficial do Império. É importante colocar que o crucifixo não simboliza o Cristianismo de forma genérica, mas é um símbolo oficial da Igreja Católica. Porque os protestantes até se utilizam da cruz, mas em nenhuma hipótese com Cristo crucificado. Logo, toda vez que existe um Cristo crucificado, remete-se à Igreja Católica. Para os cristãos chega-se até a tolerar por conta do fator histórico, mas é claro o privilégio da Igreja Católica em detrimento das demais religiões. O crucifixo não remete à idéia, como defendido pela comunidade católica, de paz, amor, tolerância, mas para as religiões a exemplo dos protestantes tidos como evangélicos, assim como as religiões afros a cruz, símbolo da Igreja Católica, traz consigo a idéia de perseguição, intolerância, privilégios, etc. a pomba, seria um símbolo mundial de paz. O crucifixo é o símbolo da paz, sob a ótica da Igreja Católica e não sob a ótica das demais religiões. O privilégio da Igreja Católica, em detrimento das demais religiões minoritárias, não está apenas no uso de símbolos de prédios públicos, mas também no tratamento diferenciado a festas oficiais, datas comemorativas, que se tornaram feriados nacionais, municipais. O Estado, em todas as esferas, mantém privilégios neste sentido. A exemplo da cidade de Embu, todas as sessões da Câmara Municipal são abertas com a leitura de uma passagem da Bíblia, que remete ao benefício da Igreja Católica, até porque a Bíblia utilizada pelos protestantes possui seis livros a menos do que a Bíblia da Igreja Católica, Seria o mesmo que uma sessão da Câmara ser aberta com a leitura do Alcorão, do Livro dos Espíritos, da Torá dos judeus, o que causa desconforto àqueles que não comungam da mesma religião. Todavia, como tais privilégios sempre foram concedidos à igreja majoritária e às conquistas da liberdade religiosa vêm ocorrendo gradativamente a passos lentos, muitos cristãos-protestantes não se

Coma

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-6201-15B8-960A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:28

Número do documento: 22070818561944700000248538997

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

manifestam porque toda vez que se toca no tema há uma manifestação de revolta e intolerância dos adeptos da igreja majoritária. A título de exemplo, o prefeito de Ponte Nova/MG, em 2006, mandou retirar todos os crucifixos dos prédios públicos municipais, o que gerou cobertura nacional pela grande imprensa no Jornal Nacional ao ponto de depredarem o veículo do prefeito. Nesta ocasião, o depoente foi convidado por um jornal da cidade para dar um parecer jurídico sobre o assunto defendendo o posicionamento do prefeito, uma vez que baseado na laicidade do Estado."

Perguntado pelo advogado do Autor/Réu o depoente informou que: "Segundo a última revista Veja que abordou o tema, salvo engano, gerava em torno de 30% o número de evangélicos no Brasil. Quando se fala em protestantes se remete a todos os evangélicos. Dentro do protestantismo há 3 correntes: tradicionais, pentecostais e neopentecostais. Todos os que exercem o protestantismo, de fato, não aceitam a cruz. Todos os fieis protestantes não utilizam a cruz, nem dentro de casa, nem como colar, é visto como um pecado. A única exceção é a Igreja Universal, que é neopentecostal, uma dessa linha. Freqüenta Fóruns, Prefeituras, Casas Legislativas e em todos eles é comum encontrar só o crucifixo. No Embu é comum ver o crucifixo com o Cristo pendurado, é absolutamente comum. Em alguns casos chegou a ver a cruz com um terço pendurado. Nunca viu outro tipo de símbolo. Há um Juiz e Pastor no Fórum da Lapa que retirou o crucifixo da sala de audiências de sua Vara. Nunca viu outro tipo de símbolo de outra religião afixado. Perguntado se a testemunha reconhece algum dos símbolos juntados aos autos, às fls. 370 parece ser o símbolo do Rotary Club e de 371 a 372 são símbolos da Nova Era. Fl. 374 é das Religiões Africanas, este símbolo para os protestantes é símbolo de demônio, enquanto que para as religiões afros é símbolo de divindade. Fl. 375 é do Budismo ou Hinduismo, que para os

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

434
L

pentecostais também é demônio. Fl. 376 não sabe se é Seicho No Ie, para os pentecostais é símbolo do demônio, principalmente por causa da cobra remete ao pecado original. Fl. 377 parece de um Deus da Mitologia Grega, mas que para eles é de demônio, já que não utilizam símbolos em hipótese alguma. Nunca viu nenhum desses símbolos em locais públicos. Ate porque para os católicos, que são beneficiados pelos crucifixos, isso também seriam demônios. Se encontrasse a imagem de fl. 374 em uma sala de audiências, a testemunha teria uma sensação horrível, até porque a imagem remete a princípios e valores diferentes dos do depoente e o Estado não pode defender os princípios de nenhuma religião. Perguntado se a testemunha participasse de uma audiência com uma Juíza usando burca, a título de exemplo, se a testemunha fosse advogado de um homem, ficaria muito contente, porque certamente, a burca dá a idéia de que os homens têm alguns privilégios em detrimento de algumas mulheres, porque remete a alguns princípios morais da própria Juíza e que não refletem os princípios do Estado. Perguntado se o crucifixo incomoda a testemunha, respondeu que incomoda porque deixa claro os resquícios dos benefícios concedidos à igreja majoritária em detrimento das minoritárias. Não pode dizer se a decisão seria ou não tendenciosa só analisando caso a caso, mas acha que incomodaria um cliente afrodescendente, por exemplo. Esse símbolo remete à benção daquela divindade cristã aos adeptos desta religião. O depoente defende a retirada dos símbolos religiosos. Postou no Facebook que viria prestar este depoimento e pediu opiniões. Vieram ofensas, xingamentos, até e-mails particulares com ofensas. O depoente se sente perseguido pelo fato de ter esta postura. Essas pessoas defendem a manutenção do crucifixo porque, para eles, é sinal de amor, paz, tolerância. Apenas um advogado defendeu a laicidade do Estado. Recebeu, mais ou menos, umas trinta respostas, em menos de 48 horas. Quanto ao aspecto econômico, o dinheiro publico utilizado para a aquisição desses adereços religiosos poderia ser

Assinatura: [Assinatura]

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo n. 2009.61.00.017604-0

utilizado para a melhoria da estrutura do próprio órgão, que muitas vezes são precárias."

Sem perguntas pelo advogado do Réu.

Nada mais havendo a ser perguntado, foi determinado o encerramento deste termo, e eu Lu, (LTO, Analista Judiciário, RF 6114), datilografei e subscrevi.

ANA LÚCIA JORDÃO PEZARINI
Juíza Federal

ALCIONEI MIRANDA FELICIANO
Testemunha

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Autor

UNIÃO FEDERAL
Ré

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA – ABLIRC
– Assistente simples (Preposto - SAMUEL GOMES DE LIMA)

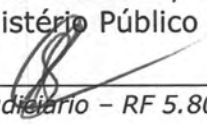


PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo nº. 200961000176040.

VISTA

Em 2 de maio de 2011, faço vista destes autos ao Ministério Público Federal.

Eu, , subscrevi.
Técnico Judiciário - RF 5.807.



mm. Juiz Federal

Manifestações apresentadas em
resposta, por meio do protocolo
integrado.

Mauike, 12/05/11


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado de São Paulo

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA 3ª VARA FEDERAL DA 1ª
SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO.

JFSP-FORUM MARILIA-SP1
12/05/2011 18:33 h
Prot. 2011.110014824-1



0017604-70.2009.4.03.6100
[C/ MPF] [3a.V. CIVEL]
Juntada-JFSP 11.05.11
RF: 17.26 Rubrica: _____

Autos nº 2009.61.00.017604-0

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelo Procurador Regional dos Direitos do Cidadão que a presente subscreve, no uso de suas atribuições legais e constitucionais, vem a presença de Vossa Excelência, com o devido respeito e acatamento, apresentar memoriais finais.

Trata-se de ação civil pública, com pedido de liminar, proposta contra a União com o objetivo de condená-la na obrigação de fazer consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo.

Sustenta o *Parquet*, em síntese, ofensa ao direito fundamental da liberdade de consciência e de crença, bem como aos princípios da laicidade do Estado, da impessoalidade e da moralidade administrativa.

Intimada, a União prestou informações quanto ao cabimento da tutela antecipada (fls. 70/107).

O pedido de tutela antecipada foi indeferido (fls. 108/113).

A União contestou o feito, sustentando a improcedência do pedido inicial (fls. 148/178).



A Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania – ABLIRC ingressou no feito na condição de assistente simples do autor (fl. 249).

O Ministério Público Federal manifestou-se nos autos (fls. 254/255).

A União também apresentou manifestação (fls. 259/274).

O Ministério Público Federal especificou as provas que pretendia produzir, bem como arrolou testemunhas (fl. 277).

Foi designada audiência para oitiva das testemunhas arroladas (fl. 278), decisão contra a qual a União interpôs recurso de agravo de instrumento (fls. 280/289), o qual teve negado o pedido de efeito suspensivo (fls. 293/295).

Procedeu-se à oitiva das testemunhas arroladas pelo autor (fls. 362/368, 415/424 e 429/435).

Vieram os autos a este órgão ministerial para apresentação de alegações finais escritas.

É o relatório.

A procedência do pedido é medida de rigor!

Durante o curso da presente ação, seja pelas manifestações que foram externadas na imprensa, seja pelas provas colhidas durante a instrução probatória, restou claro o fato dos símbolos religiosos ostentados nas repartições públicas ofenderem e desprezarem os membros dos demais segmentos religiosos, o que impõe a sua retirada. Há, sim, nítida violação aos princípios da isonomia e da laicidade do Estado.

Inicialmente, merecem ser destacados trechos das manifestações externadas na imprensa:

Folha de São Paulo, Semana do Leitor, p. A6, 09/08/2009

“Sou padre católico e concordo plenamente com o Ministério Público de São Paulo por querer retirar os símbolos religiosos das repartições públicas. Nosso Estado é laico e não deve favorecer esta ou aquela religião. A cruz deve ser retirada ... Demetrius dos Santos Silva, frade (São Paulo)”.

Folha de São Paulo, Tendências/Debates, p. A3, 07/08/2009

“Por que será que certas forças conservadoras têm defendido com tanta veemência a manutenção de símbolos de uma única religião em prédios públicos? Por que negar a norma constitucional que determina a separação entre Estado e religiões no Brasil? A quem interessa esse retrocesso?”

...
É triste constatar que, no Brasil, quase 120 anos após a opção pela república laica, encontramos incontáveis desrespeitos à cidadania.
...

Omny
2



438
l

É preciso mostrar às próximas gerações de brasileiras e brasileiros que cada um tem o direito à liberdade plena. De manifestação, de associação. De crer ou não crer. E que ninguém tem o direito de se opor ao exercício desse direito. Que se opor a esse exercício significa negar a república, a democracia e a tolerância religiosa brasileiras. Roberto Livianu, doutor em direito pela USP, é promotor de Justiça em São Paulo e coordenador, no Movimento Ministério Público Democrático (MPD), de projeto sobre Estado laico"

Folha de São Paulo, p. A8, 05/08/2009

Procuradoria quer vetar símbolos religiosos

"Nós entendemos que, do ponto de vista legal, o Ministério Público está querendo implantar apenas o que a Constituição consagra, que é a separação igreja e Estado"

*Análise
Hélio Schwartsman*

A discussão sobre os símbolos religiosos em espaços públicos chega ao Brasil com mais de um século de atraso.

Além das manifestações acima mencionadas, cuja integralidade constados documentos anexos que ora requer a juntada, também vale a pena conferir os seguintes depoimentos colhidos nos autos.

Daniel Sottomaio Pereira, ouvido nos autos, disse que (fl. 363):

"Porém para outra parcela, que considera importante, a ostentação de tais símbolos não é indiferente, sendo que fere a laicidade do Estado, causando repúdio em parcela significativa de ateus e agnósticos. Que tais posições independem da posição particular de cada um, se clerical ou anti-clerical.

(...)

Que a mensagem recebida por ateus e agnósticos com a ostentação de símbolos religiosos é similar à da propaganda comercial. Que tal demonstra uma identidade ou adesão ao que o símbolo representa, demais disso uma promoção que enaltece valores e qualidades de cada instituição religiosa. Que aponta que a ostentação dos símbolos, em última análise, gera custos aos cofres públicos, na medida em que o espaço poderia ser mensurado, inclusive, a título de valor publicitário. Que reconhece as figuras mostradas pelo Ministério Público e que haveria o mesmo repúdio caso fossem ostentadas em prédios públicos. Que diversos representantes de outras religiões e entidades da sociedade civil apóiam a retirada completa de símbolos religiosos das repartições públicas." - destaque nosso

A testemunha Rubens Sternsheim, rabino da Congregação Israelita Paulista, manifestou-se no seguinte sentido (fl. 421):

"Que reconhece apenas de fls. 374/377 como imagens de religiões orientais e africanas. Que reafirma que nenhuma delas seria ofensiva,

mas que a presença de qualquer delas afetaria a neutralidade do ambiente e qualquer pessoa que não professasse a religião simbolizada poderia incidir num sentimento de falta de pertencimento. Que obviamente proibir a colocação de uma imagem limita a liberdade, porém a opção de uma apenas remete as demais ao sentimento de ausência de pertencimento já referido.

(...)

Que já havia mencionado que a presença de crucifixos nos Tribunais remete à uma certa forma de sectarismo. Que o sentimento diante de um símbolo de outra religião advém ainda da inexistência de símbolo da própria religião.

(...)

que acredita na existência de determinadas pessoas com crenças específicas que podem de alguma forma se sentirem acolhidas pela presença de um símbolo ligado à sua religião e, em contrapartida, a existência do símbolo poderia gerar um sentimento negativo caso não houvesse pertinência entre o símbolo e a religião ou houvesse pleno desconhecimento sobre as instituições e valores representados por aquela figura.

Mas que existe a possibilidade de determinadas pessoas possam se sentir agredidas ou que tais fatos possam demonstrar certa predileção do Estado por uma dada religião.” - destaque nosso

A testemunha Alcionei Miranda Feliciano, pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, disse que (fls. 432/434):

“O depoente vê a utilização de crucifixos em prédios públicos como um resquício do período imperial, onde a Igreja Católica era a oficial do Império. É importante colocar que o crucifixo não simboliza o Cristianismo de forma genérica, mas é um símbolo oficial da Igreja Católica. Porque os protestantes até se utilizam da cruz, mas em nenhuma hipótese com Cristo crucificado. Logo, toda vez que existe um Cristo crucificado, remete-se à Igreja Católica em detrimento das demais religiões. O crucifixo não remete à ideia, como defendido pela comunidade católica, de paz, amor, tolerância, mas para as religiões a exemplo dos protestantes tidos como evangélicos, assim como as religiões afros a cruz, símbolo da Igreja Católica traz consigo a ideia de perseguição, intolância, privilégios, etc. A pomba, seria um símbolo mundial da paz. O crucifixo é o símbolo da paz, sob a ótica da Igreja Católica e não sob a ótica das demais religiões. O privilégio da Igreja Católica, em detrimento das demais religiões minoritárias, não está apenas no uso de símbolos de prédios públicos, mas também no tratamento diferenciado a festas oficiais, datas comemorativas, que se tornaram feriados nacionais, municipais.

(...)

Se encontrasse a imagem de fl. 374 em uma sala de audiências, a testemunha teria uma sensação horrível, até porque a imagem remete a princípios e valores diferentes dos do depoente e o Estado não pode defender os princípios de nenhuma religião

(...)

Perguntado se o crucifixo incomoda a testemunha, respondeu que incomoda porque deixa claro os resquícios dos benefícios concedidos à igreja majoritária em detrimento das minoritárias.” - destaque nosso

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado de São Paulo

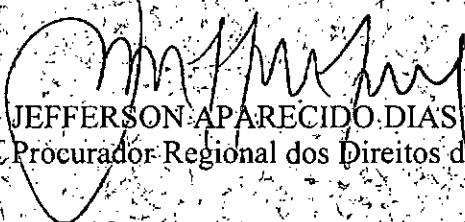
Desse modo, e de acordo com os argumentos contidos na petição inicial bem como na manifestação de fls. 254/255, resta indubitosa a procedência do pedido veiculado na inicial.

Nota-se, assim, claro descumprimento ao artigo 5º, inciso VI, da Constituição Federal, ao artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, aos artigos 2º, 3º e 4º da Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções. Por fim, atenta-se contra o artigo 12 do Pacto de São José da Costa Rica (Convenção Americana de Direitos Humanos).

A título de argumentação, caso se entenda que a "tradição" que resultou na colocação dos símbolos religiosos existentes justifica a sua manutenção, é imperioso reconhecer que nada justifica a colocação de novos símbolos religiosos, qualquer que seja a sua origem, razão pela qual a União deve ao menos ser compelida a se abster de colocar novos símbolos em tais locais.

Ante o exposto, o Ministério Público Federal manifesta-se pela total procedência do pedido inicial, condenando-se a ré na obrigação de fazer consistente em retirar os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo, ou, **alternativamente**, que se impeça a colocação de novos símbolos religiosos em tais lugares.

De Marília para São Paulo, 12 de maio de 2011.


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão

Tendências Debates

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. **debates @ uol.com.br**

SP apaga o cigarro

MARIA CRISTINA MEGID

NINGUÉM GOSTA de frequentar ambientes insalubres, ou seja, locais onde o indivíduo se expõe a agentes nocivos à sua saúde, tais como poluição, calor ou frio excessivo, barulho intenso e constante, esgoto a céu aberto, presença de pragas urbanas, como ratos e baratas, ou ausência de higiene. Não é mesmo?

Pois bem: lugares fechados onde há pessoas fumando são ambientes insalubres, que colocam em risco principalmente a saúde dos demais cidadãos, não fumantes, que ali estão.

E é por esse motivo que não faz absolutamente o menor sentido que haja consumo de produtos fumígenos nesses espaços.

Há quem diga que a fumaça do cigarro incomoda e há até mesmo aqueles que não se importam com isso, mesmo que não fumem.

A questão, contudo, não é comportamental, mas de saúde. A poluição gerada pelo tabaco tem, em média, três vezes mais nicotina, três vezes mais monóxido de carbono e até 50 vezes mais substâncias cancerígenas do que a fumaça que entra pela boca dos fumantes.

Sob o ponto de vista sanitário, é dever do Estado assegurar que os estabelecimentos apresentem as devidas condições de higiene e saúde, evitando que as pessoas adoçam.

Por esse motivo, é perfeitamente aplicável a fiscalização que a Vigilância Sanitária do Estado de São Paulo se propõe, em parceria com a Fundação Procon, a realizar para garantir o cumprimento da lei estadual n° 13.541, que proíbe o uso de produtos fumígenos em ambientes fechados de uso coletivo.

Trata-se de uma legislação que alinha São Paulo às tendências internacionais de combate aos males causados pelo tabagismo, especialmente em relação ao fumo passivo.

As experiências de cidades como Nova York, Buenos Aires e Paris comprovaram o sucesso da iniciativa de eliminar a poluição tabágica ambiental dos espaços fechados.

Em São Paulo, os estabelecimentos



Mais que punir, o governo paulista buscou orientar a população sobre os males do tabagismo passivo e os objetivos da nova lei

sujeitos a sanções que incluem multa de R\$ 792,50 a R\$ 1.585 e interdição temporária por até 30 dias.

Mais que punir, o governo paulista esteve empenhado em orientar a população sobre os males do tabagismo passivo e os objetivos da nova lei.

Durante todo o mês de julho, foram realizadas blitzes educativas diárias em bares, restaurantes, lanchonetes, casas noturnas e hotéis de todo o Estado para esclarecer proprietários e responsáveis dos estabelecimentos sobre a importância da lei e as medidas necessárias para garantir seu cumprimento.

Ao todo, 500 agentes foram recrutados e capacitados para realizar um trabalho específico de fiscalização, que poderá ocorrer a qualquer hora

previstas aos estabelecimentos que desrespeitarem as novas regras.

Os vistoriadores foram orientados a realizar uma avaliação rápida da situação, verificando se os responsáveis pelo estabelecimento adotaram medidas para cobrir o fumo e manter o ambiente saudável, ou seja, livre do tabaco. A abordagem nos recintos deverá ser realizada pelos agentes com polidez, respeito e descrição, para que a fiscalização ocorra de forma pacífica, sem discussões.

Os técnicos também receberam recomendação expressa de não abordar clientes e outras pessoas no local, mesmo que elas estejam fumando.

Os cidadãos paulistas também poderão auxiliar a manter os ambientes livres do tabaco, informando ao governo locais onde tenham presenciado o consumo de produtos fumígenos, por intermédio do portal www.leianifumo.sp.gov.br ou do telefone 0800-771-3541, criado exclusivamente para denúncias. Todas serão apuradas, sem exceção.

Mais do que apagar o cigarro dos ambientes fechados de uso coletivo, São Paulo dá um passo decisivo no combate ao tabagismo passivo, talvez a maior causa de morte evitável

Painel do Leitor

O "Painel do Leitor" recebe colaborações por e-mail, fax (0)xx/11/3223-1644) e correio (al. Barão de Limeira, 425, 4º andar, São Paulo-SP, CEP 01202-900). As mensagens devem ser concisas e conter nome completo, endereço e telefone. A Folha se reserva o direito de publicar trechos. **leitor @ uol.com.br**

LEIA MAIS CARTAS NA FOLHA ONLINE → www.folha.com.br/paineldoleitor

Senado

"A justificativa utilizada pelo presidente do Conselho de Ética do Senado para arquivar os pedidos de investigação contra José Sarney foi que 'estes pedidos foram baseados em reportagens de jornal'.

Considero todas as inúmeras reportagens da imprensa (muitas delas acompanhadas de farta documentação) infundadas e inverídicas, não merecedoras de crédito, nem para justificar a abertura de uma investigação.

Será que a imprensa e suas entidades representativas não deveriam se manifestar diante dessa desqualificação pública, que coloca em suspeição a sua credibilidade?"

ODÉO GRAJEW, Movimento Nossa São Paulo e Instituto Ethos (São Paulo, SP)

★

"Acabo de ver o senador Mão Santa ler, da tribuna, reportagem sobre corrupção no Piauí.

Não sei para que faz isso, pois o senhor Sarney defendeu-se das acusações que pesam sobre ele em assuntos 'extra-Senado' dizendo que não poderiam ser aceitas por estarem fundadas apenas em notícias de jornal. No momento seguinte, por mera coincidência, o senhor Paulo Duque, presidente da Comissão de Ética e Decoro, rejeitou as representações contra o senhor Sarney pelo mesmo motivo.

Ou seja, denúncia de jornal não serve nem para que o fórum competente inicie a investigação. Então para que serve o papel investigativo e de denúncia da imprensa?"

PML DE RAMSO (São Paulo, SP)

★

"Depois de mais de 50 anos lendo diariamente os principais jornais do Brasil, e agora assistindo e lendo sobre — como disse Clóvis Rossi — o 'lodacal' do Congresso, estou me sentindo um 'fêdo enganado'. Com todo o cuidado possível, tenho formado minha opinião, de forma geral, também baseado no que leio nos jornais sérios.

Agora, as 'autoridades' se desculpam e se justificam, com o argumento — não contestado por ninguém, nem pelos próprios jornais — de que se trata de informes jornalísticos apenas em recortes de jornais. Talvez fosse o caso de a Folha

Eles sabem muito bem, pois,

quando é para gastar, mesmo que para ajudar os seus, sempre o fazem com dinheiro público, e nunca com os seus vencimentos — que, por sinal, me parecem muito elevados.

O povo acaba engolindo e digerindo o que todos eles fazem, sendo como agentes ativos ou passivos ou sendo omisso com tudo o que ocorre entre os políticos."

CLÁUDIO SANTOS CASTELHANO (São Paulo, SP)

Símbolos

"Concordo inteiramente com a manifestação do senhor Antonio Jorge Pereira Júnior ('Painel do Leitor', ontem) em relação à medida da Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão em São Paulo que propõe a retirada dos símbolos religiosos das repartições públicas.

Em nome de um suposto 'Estado laico' (expressão da moda), alguns agentes públicos vêm se equivocando e fazendo com que instrumentos jurídicos legítimos sejam utilizados para fomentar a intolerância religiosa, dando vazão a um profundo sentimento antecatólico.

Será que o interesse público e o bem-estar coletivo, finalidade maior de todo ato praticado por agentes públicos, estão sendo atendidos com essa medida? Ou estaria prevalecendo o interesse de uma minoria muito bem articulada em detrimento do interesse da maioria da população?"

FÁBIO VIEIRA (Jarefi, SP)

★

"Fiquei feliz em saber que o Ministério Público de São Paulo quer proibir a exposição de símbolos religiosos em repartições públicas. Nada mais justo e sensato para um Estado laico e democrático.

Agora só falta a Fifa proibir aquelas cenas patéticas protagonizadas pela nossa seleção após cada título, quando os 22 jogadores e a comissão técnica ficam de joelhos no centro do campo rezando o pai-nosso.

Ela queria ver o que aconteceria ao jogador que se recusasse a participar da rodinha por se declarar agnóstico ou ateu. Será que voltaria a ser convocado?"

MARCELO COSTA (São Paulo, SP)

TV Brasil



STF aprova extradição de major uruguaio Pág. A10

Painel

RENATA LO PRETE painel@uol.com.br

Deixa que eu chuto

Entre os próprios peemedebistas, não faltaram vozes para desaconselhar Renan Calheiros a tocar fogo no pajol ao ler, da tribuna do Senado, a representação contra Arthur Virgílio (PSDB-AM), entremeada por comentários de tom intimidatório dirigidos a desafetos que o ouviam no plenário. Senadores do partido, como Romero Jucá, e seu presidente, Michel Temer, foram alguns dos que tentaram convencer Renan a apenas protocolar o pedido. Nada feito.

O comando da sigla evitou envolver seus técnicos na feitura da representação —que Renan frisava ser “do PMDB”. Por isso, o texto é aberto com requerimento do próprio senador, solicitando à Executiva que referendasse o documento, dando-lhe lastro partidário.

Bingo. Uma das poucas representações no Conselho de Ética que o PT se comprometeu a acatar é a referente aos atos secretos. O período recordista em número de atos secretos é —como mostrou o PowerPoint de José Sarney— o da presidência de Renan.

Divisória. Ao opinar sobre a crise, Aloizio Mercadante costuma dizer que há “dois grupos” no Senado. Para o líder da bancada do PT, “o Arthur Virgílio nunca participou de irregularidades.”



Jean

O que será... De Marina Silva, falando ao Blog da Amazônia sobre a possibilidade de disputar a Presidência pelo PV: “Não estou fazendo cálculos. Se eu ficasse calculando tempo em programa eleitoral, jamais teria sido candidata. Você sabe que já fui candidata com um tempo de um minuto, que tinha que ser dividido com o Chico Mendes”.

...será. De Fábio Vaz de Lima, marido da senadora, no mesmo blog: “Sou contra a saída dela do PT e já expus minhas razões. Mas a maneira como tem se conduzido até aqui me dá a certeza de que a Marina já tomou uma decisão. É possível até que ofereçam a ela a presidência do PV. Sendo assim, vou acompanhá-la. Sou capaz disso em quaisquer circunstâncias”.

Tal e qual. Uma cabeça experiente observa: com a ameaça da candidatura de Marina Silva, Lula prova de

Com Sarney blindado, PMDB e oposição se atacam no Senado

Bate-boca de mais de três horas teve ápice com troca de ofensas entre Tasso e Renan

PMDB cumpre ameaça e faz representação contra líder tucano no Conselho de Ética, que deve engavetar outras 7 acusações contra Sarney

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Com José Sarney (PMDB-AP) blindado no Conselho de Ética, a tropa de choque do PMDB partiu ontem para cima da oposição em plenário, o que resultou no dia mais tenso da crise política até agora.

Por mais de três horas, um bate-boca envolvendo senadores de vários partidos incluiu acusações irônicas, ofensas, xingamento e a promessa de mais um processo por quebra de decoro parlamentar.

Hoje, o grupo pró-Sarney dará novo passo para salvar o presidente do Senado, arquivando mais sete processos contra ele no Conselho de Ética. Os pareceres para isso estão prontos. Anteontem, o conselho engavetou quatro denúncias. Ao mesmo tempo, para tentar acuar a oposição, a tropa do peemedebista encomendou parecer favorável à abertura de processo por quebra de decoro parlamentar contra o líder do PSDB, senador Arthur Virgílio (AM).

A justificativa será que as denúncias contra Sarney são baseadas em reportagens de jornal enquanto Virgílio é “pau confesso”. O tucano admitiu em plenário que manteve por



Renan Calheiros (de costas) bate boca com Tasso Jereissati

José Sarney, que ontem teve de recorrer a duas campanhas na cadeira de presidente do Senado para tentar conter o bate-boca entre o tucano Tasso Jereissati e o peemedebista Renan Calheiros

BATE-BOCA NO PLENÁRIO
Renan Calheiros e Tasso Jereissati trocam acusações

» Discussão teve início quando Tasso pediu a saída de uma pessoa da tribuna

Renan Calheiros (PMDB-AL): A respeito da manifestação do senador Tasso Jereissati. Essas crises acontecem por isto: é a minoria com complexo de maioria. Quer expulsar agora um cidadão que está aqui participando da sessão, que é uma sessão, infelizmente, histórica do Senado Federal.

Tasso Jereissati (PSDB-CE): Ele não está participando. A tribuna de honra não pode ficar fazendo piada aqui.

» Renan levanta e aponta para Tasso

Tasso: Senador Renan, não aponte esse dedo sujo para cima de mim. Não aponte esse dedo sujo para cima de mim. Estou cansado das suas ameaças.

Renan: O dedo sujo, não é o seu, é o de Vossa Excelência São os dedos dos jatinhos que o Senado

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 561A-B507.

F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A

assistiu pela TV, de seu gabinete, a quebra-pau no plenário.





Jean

Moornwalk. Mercadante assistiu pela TV, de seu gabinete, ao quebra-pau no plenário. Ideli Salvatti (PT-SC) também manteve distância.

Parou geral. Antes de Renan subir à tribuna, Sarney respondeu assim ao questionamento de Arthur Virgílio sobre quais matérias seriam votadas dali em diante: "Não há nada importante". Logo em seguida, completou: "As coisas mais difíceis eu tirei".

Vai sonhando. De um ministro desolado no início da noite: "Eu que comecei o dia achando que caminharíamos para terminar a semana de forma mais tranquila..."

Hora de assoprar. Três dias depois de mandar Pedro Simon (PMDB-RS) "engolir" e "digerir" suas palavras, Fernando Collor (PTB-AL) foi até Arthur Virgílio para elogiar o "tom sereno" de sua resposta a Renan. O mesmo tom conciliador foi adotado por Gim Argello (PTB-AL).

com VERA MAGALHÃES e SILVIO NUNES

Tiroteio

Sou advogado de defesa, não sou advogado de ataque.

De **ANTONIO CARLOS DE ALMEIDA CASTRO**, o Kakay, defensor de José Sarney no Conselho de Ética, negando ter participado da elaboração da representação do PMDB contra o senador tucano Arthur Virgílio.

Contraponto

Território independente

A injuinência da entrada em vigor da nova e severa legislação antifumo em São Paulo foi assunto durante encontro casual entre Cunha Bueno (PP) e Andrezza Matarazzo (PSDB). Em dúvida quanto ao calendário, o ex-deputado perguntou ao secretário municipal das Subprefeiturais: —Até quando eu posso fumar?

Matarazzo esclareceu que a proibição começaria hoje, 7 de agosto, mas procurou consolar Cunha Bueno: —Você sempre poderá fumar lá na minha casa...

Sem prejuízo de sua antiga e estreita amizade com o antitabagista José Serra, Matarazzo mandou instalar em sua casa uma placa que diz: "Aqui se fuma muito!"

como tem se conduzido até aqui me dá a certeza de que a Marina já tomou uma decisão. É possível até que ofereçam a ela a presidência do PV. Sendo assim, vou acompanhá-la. Sou capaz disso em quaisquer circunstâncias".

Tal e qual. Uma cabeça experiente observa: com a ameaça da candidatura de Marina Silva, Lula prova de um veneno igual ou pior do que aquele que pretende administrar a José Serra ao inflar o balão da candidatura de Ciro Gomes em São Paulo.

Xadrez. Assim como a investigação sobre o Detran gaúcho, a presidência da nova CPI contra a governadora Yeda Crusius (PSDB) será do PT; deputada Stela Farias. O PMDB luta para ficar com a relatoria, já que tem deputados citados na denúncia e teme por derrota no Banrisul, há anos controlado pela sigla.

Repasses e metas. Em encontro com secretários estaduais de Segurança e de Justiça, o presidente do Supremo, Gilmar Mendes, defendeu a criação de um fundo de financiamento da segurança pública, nos moldes do que existe para a educação.

mu tempo, para tentar atuar a oposição, a tropa do peemedebista encomendou parecer favorável à abertura de processo por quebra de decoro parlamentar contra o líder do PSDB, senador Arthur Virgílio (AM).

A justificativa será que as denúncias contra Sarney são baseadas em reportagens de jornal, enquanto Virgílio é "têtu confesso". O tucano admitiu em plenário que manteve por mais de um ano funcionário fantasma no seu gabinete.

O ápice da tensão ontem foi um bate-boca entre o líder do PMDB, Renan Calheiros (AL), e o senador Tasso Jereissati (PSDB-CE), ambos muito nervosos. No momento, Sarney presidia a sessão.

"Senador Renan, não aponte esse dedo sujo para cima de mim. Estou cansado das suas ameaças", disse Tasso, após discurso do peemedebista em que ele atacou Virgílio.

"O dedo sujo, infelizmente, é o de V. Exa. São os dedos dos jatinhos que o Senado pagou", respondeu Renan, referindo-se ao fretamento de jatos pelo tucano, utilizando sua cota de passagens aéreas, conforme revelou a **Folha** em abril.

"Pelo menos era com o meu dinheiro. O jato é meu. Não é o que o sr. anda, o dos seus empreiteiros", retrucou o tucano.

Fora do microfone, Renan chamou Tasso de "seu coronel de merda". Virgílio é um merda". O PSDB requisitou a gravação e, com base nela, promete entrar com processo de quebra de decoro contra o líder do PMDB.

Pouco antes, Renan havia usado o microfone da tribuna por quase uma hora para ler a representação contra Virgílio.

"O senador Arthur Virgílio elevou as culminâncias do absurdo a prática do clientelismo, do patrimonialismo e do tráfico de influência, exacerbando o uso das prerrogativas parlamentares", afirmou Renan, dizendo-se "constrangido" e "cumprindo dever de ofício".

Também foi para cima de Cristovam Buarque (PDT-DF), um dos articuladores da nota de ontem, pedindo a saída de Sarney do cargo. "Ética, senador, não é retórica, é prática. Ninguém é dono da ética. Talvez tenha alguma coisa relacionada a isso quando V. Exa. saiu novamente candidato por Brasília e tenha [tido] apenas um reduzido percentual da sua votação anterior". A referência foi à pequena votação obtida por Cristovam quando candidato a



Renan Calheiros (de costas) bate boca com Tasso Jereissati

Peemedebista nega ter citado genro de Agaciel

DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

O presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), tentou justificar o motivo de ter dito, em discurso em plenário anteontem, não conhecer Rodrigo Lima Cruz —um dos servidores da Casa nomeados por ato secreto e citados na representação do PSOL que pede processo por quebra de decoro contra ele.

Em 10 de junho, Sarney foi padrinho do casamento de Lima Cruz com Mayanna Maia, filha do ex-diretor Agaciel da Silva Maia. Para oposicionistas, ao dizer que não conhecia o rapaz, Sarney teria mentido em plenário, o que poderia resultar em processo de quebra de decoro.

[+] OFENSIVA: SARNEY PEDE PUNIÇÃO DE DEPUTADO PETISTA

O senador alega que Domingos Dutra (MA) quebrou o Código de Ética do Congresso ao entregar a colegas, em sessão do Senado em julho, um livro intitulado "O Camaleão", que contém referências ao peemedebista. Ele quer que Dutra seja punido por praticar "ofensas físicas ou moral a qualquer pessoa no Senado (ou Câmara) ou desacatar, por atos ou palavras, outros parlamentares". A Câmara investigará o caso.

presidente, em 2006. Virgílio, após ouvir Renan responder. Numa fala recheada de ironias, e observado a poucos metros pelo peemedebista, o líder tucano leu dezenas de reportagens da imprensa, desde 2007, com acusações contra

cesso por quebra de decoro.

Ontem a assessoria de Sarney divulgou nota em que explicava que o presidente reteria-se a Rodrigo Miguel Cruz, que foi assistente parlamentar nos gabinetes de Roseana Sarney e Edilson Lobão, ambos PMDB-MA.

"De fato, não conheço o sr. Rodrigo Miguel Cruz, que trabalhava no gabinete da senadora Roseana. E este que está relacionado na denúncia do PSOL, que se baseia em 'O Estado de S. Paulo'. O genro do sr. Agaciel chama-se Rodrigo Luiz Lima Cruz e nem foi citado na representação."

Miguel Cruz não foi nomeado por ato secreto. E, na representação do PSOL, há citação a reportagens que se referem ao genro de Agaciel, que, apesar de ter seu nome vinculado a Sarney, é citado em atos secretos assinados por Renan Calheiros.

Renan. "Estamos vendo que quem precisa de psiquiatria não sou eu", disse Virgílio.

Lembrou ainda que o líder peemedebista foi acusado, quando presidia o Senado, de ter contas pagas por um lobista. "V. Exa. não tem razão para ser mais rico do que eu. A não ser que tenha se desvirtuado do caminho que o vi traçar."

Na fase final da sessão, aliados de Renan classificaram os ataques dele ao tucano como erro de estratégia, o qual fez voltar o clima de guerra e subir o tom das críticas a Sarney.

Os líderes governistas haviam tentado demover Renan da decisão. Mas ele insistiu que era questão de reciprocidade, já que os tucanos haviam lido a representação contra Sarney.

A tensão chegou aos corredores da Casa. Um manifestante foi detido por chamar Sarney de "ladrao", mas depois foi liberado. (FÁBIO ZANNI, ANDREZA MATAIS, ADRIANO CEOLIN E VALDO CRUZ)

➔ **LEIA MAIS A6 e A7**

para Tasso Tasso: Senador Renan, não aponte esse dedo sujo para cima de mim. Não aponte esse dedo sujo para cima de mim. Estou cansado das suas ameaças.

Renan: O dedo sujo, infelizmente, é o de Vossa Excelência. São os dedos dos jatinhos que o Senado pagou.

Tasso: Pelo menos era com meu dinheiro. O jato é meu. Não é o que o senhor anda, o de seus empreiteiros.

Renan: O jato era seu. O dinheiro, do Senado.

Tasso: É meu. É meu. É meu e eu tenho para falar.

Renan: Coronel cangaceiro.

Tasso: Eu coronel, cangaceiro? Cangaceiro de terceira categoria.

Renan: Coronel de merda, seu merda.

Tasso: O quê? Repita o que você disse! O decoro parlamentar.

Sarney: Atenção!

Renan: Você não é coronel de nada.

Tasso: Repita o que você disse aí!

Renan: Você é minoria com complexo de maioria. Me respeite!

Tasso: Sabe de uma coisa? Eu não respeito. (Dirige-se a Sarney). Sr. presidente, o senador Renan Calheiros acabou de quebra o decoro parlamentar, dirigindo-se a mim com palavras de baixo calão. Peço que seja feita uma representação sobre isso.

Renan: Presidente, peço desculpas e peço para Vossa Excelência retirar da sessão de hoje que minoria com complexo de maioria é falta de decoro parlamentar.

Sarney: Está suspensa a sessão por dois minutos.

VEJA O VÍDEO DA DISCUSSÃO NO SENADO ➔

www.folha.com.br/0921816

...a-se de uma legislação que ali-

...ha São Paulo às tendências interna-

...cionais de combate aos males causa-

...dos pelo tabagismo, especialmente

...em relação ao fumo passivo.

As experiências de cidades como Nova York, Buenos Aires e Paris com-

provaram o sucesso da iniciativa de

eliminar a poluição tabágica ambien-

tal dos espaços fechados.

Em São Paulo, os estabelecimentos

tiveram 90 dias para se adaptarem à

nova lei, remover cinzeiros, eliminar

fumódromos (está comprovado que a

funça do cigarro não respeita fron-

teiras) e afixar cartazes informando

os frequentadores sobre a proibição.

Apartir de hoje, 7 de agosto, estarão

em bares, restaurantes, lanchonetes,

casas noturnas e hotéis de todo o Es-

tado para esclarecer proprietários e

responsáveis dos estabelecimentos

sobre a importância da lei e as medi-

das necessárias para garantir seu

cumprimento.

Ao todo, 500 agentes foram recrui-

tados e capacitados para realizar um

trabalho específico de fiscalização,

que poderá ocorrer a qualquer hora

do dia, com prioridade para o período

noturno e as madrugadas, durante os

sete dias da semana.

Mas as próprias vigilâncias sanitá-

rias municipais deverão incluir a le-

gislação em suas inspeções rotineiras,

aplicando, se necessário, as sanções

verno locais onde tenham presença-

do o consumo de produtos fumiga-

nos, por intermédio do portal

www.leiantifumo.sp.gov.br ou do

telefone 0800-771-3541, criado ex-

clusivamente para denúncias. Todas

serão apuradas, sem exceção.

Mais do que apagar o cigarro dos

ambientes fechados de uso coletivo,

São Paulo dá um passo decisivo no

combate ao tabagismo passivo, ter-

ceira maior causa de morte evitável

no mundo. Os paulistas, que passam a

respirar melhor a partir de agora,

agradecem.

MARIA CRISTINA MEGID, médica, é diretora do Centro

de Vigilância Sanitária da Secretaria de Estado da Saúde

de São Paulo.

Sagrada laicidade

ROBERTO LIVIANU

É triste constatar que, no Brasil, quase 120 anos após a opção pela república laica, encontramos incontáveis desrespeitos à cidadania

igreja ou do Estado, principalmente. E a pena principal era de morte.

As ideias do modernismo determi-

naram profunda revisão de conceitos,

colocando a dignidade humana como

foco de preocupação dos povos.

Apesar disso, no Brasil, setores con-

servadores, avessos ao respeito à

Constituição, dizem que a maioria do

povo é católica e que isso deve deter-

minar um tratamento privilegiado

para a Igreja Católica. Chegam a pro-

por, ainda que veladamente, na forma

de acordo internacional, a violação do

artigo 19 da Carta ao pretender uma

reformulação do regime jurídico da

relação Estado-religiões.

Isso é negar a essência da democra-

cia. Porque, no sistema democrático,

a voz da maioria prevalece na esco-

lha do governante. Mas o eleito, pas-

sadas as eleições, deve governar para

todos, incluídas as minorias, e não

apenas para a maioria que o escolheu.

Essa concepção, que parece óbvia, é

realidade concreta na França desde a

revolução de 1789, tendo sido bandos

de prédios públicos os símbolos reli-

giosos. Da Justiça, das escolas, de to-

dos. Também já se enterrou lá a ideia

do ensino religioso em escolas.

E não é só na França. O mundo oci-

dental como um todo caminhou nes-

sa direção. E até mesmo em países

monarquistas, como Inglaterra e Di-

namarca, a manutenção de uma rei-

lição oficial não impediu a existência

de ordenamento jurídico laico.

Lá se respeitavam na plenitude as li-

berdades públicas e os direitos civis

dos cidadãos, sendo autorizado o ca-

samento homossexual na Inglaterra e

o aborto na Dinamarca, entre outros

direitos.

É triste constatar que, aqui no Bra-

sil, quase 120 anos depois da opção

pela república laica, deparamo-nos

diariamente com incontáveis desre-

peitos à cidadania. Que a neutralida-

de religiosa, que deveria ser a tônica

das ações dos nossos agentes políti-

cos, ainda seja meta distante de se

alcançada.

Precisamos realinhar a cada dia

nossa opção republicana laica.

E precisamos mostrar às próximas

gerações de brasileiros e brasileiras

que cada um tem o direito à liberdade

plena. De manifestação, de associa-

ção. De crer ou não crer. E que nin-

guém tem o direito de se opor ao exer-

cício desse direito. Que se opor a esse

exercício significa negar a república, a

democracia e a tolerância religiosa

brasileiras.

Portanto, em boa hora o Ministério

Público Federal pediu à Justiça que

sejam retirados símbolos alusivos a

uma religião das dependências de

prédios públicos federais. O espaço

público é de todos, e não só dos adep-

tos daquela religião.

Os agnósticos e ateus, assim como

as minorias adeptas a todas e quais-

quer religiões, têm direito de estar

nesses locais sem se constrangerem

com a existência de símbolos de uma

religião à qual não aderiram.

Trata-se de respeitar cada brasilei-

ro e cada brasileira no exercício pleno

de suas liberdades públicas, que de-

vem ser defendidas sempre de forma

intransigente.

ROBERTO LIVIANU, doutor em direito pela USP, é promotor

de Justiça em São Paulo e coordenador, no Movimento

do Ministério Público Democrático (MPD), na direção so-

bre Estado laico.

sentindo um fardo enganado. Com

tudo o cuidado possível, tenho for-

mado minha opinião, de forma ge-

ral, também baseado no que leio

nos jornais sérios.

Agora, as 'autoridades' se descul-

pan e se justificam, com o argu-

mento — não contestado por nin-

guém, nem pelos próprios jornais —

de que se trata de informes basea-

dos apenas em recortes de jornais.

Talvez fosse o caso de a **Folha**

dizer que os seus 'recortes' são

sérios.

EDSON RIEBA (Itajubá, MG)

"Quando o senador José Sarney

diz que 'nenhum senador é maior

do que outro' (**Brasil**, pág. A4, on-

tem), relembra a seus pares que, em

sua grande maioria, estão eles ato-

lados no mesmo 'lodaçal putrefato'

a que se referiu o jornalista Clóvis

Rossi.

Estão curvados, unidos e presos

de corpo e alma por ações e concha-

vos conjuntos. Estão paralisados e

calados por favores ocultos e tão se-

cretos quanto os atos dos membros

desse Congresso que desprezam o

povo brasileiro e a terra onde nas-

ceram.

É preciso lutar pelo fim dos su-

plentes e pela redução do número

de 81 senadores.

E preciso lutar contra o nepotis-

mo, contra o apadrinhamento ali-

trocado e contra a assustadora des-

pesa de R\$ 2,7 bi que os senadores

causam anualmente à União."

MARIA DE LOURDES BILAGIONI SANTOS

(Belo Horizonte, MG)

"Gostaria de parabenizar o jorna-

lista Clóvis Rossi por sua coluna.

Mas discorde dele quando diz que

nossos políticos não sabem diferen-

ciar entre seus gastos públicos e os

privados.

» SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: 0800-775-8080

Grande São Paulo: 0/xx/11 3224-3090 saa@grupofohla.com.br

» OMBUDSMAN: 0800-015-9000 ombudsmen@uol.com.br

Erramos

erramos@uol.com.br

BRASIL (6.º ao, pág. A3) Diferente-

mente do publicado no texto

"Apoio do PDT abre caminho pa-

ra instalar CPI contra governado-

ra", o deputado Coffy Rodrigues é

do PSDB e não assinou o requeri-

mento para a instalação da CPI.

Quem o assinou foi o deputado

Glomar Sossela (PDT).

ILUSTRADA (4.º ao, pág. 60) Diferen-

temente do publicado na seção

na nossa seleção após cada título,

quando os 22 jogadores e a comis-

são técnica ficam de joelhos no cen-

tro do campo rezando o pai-nosso.

Eu queria ver o que aconteceria

ao jogador que se recusasse a parti-

cipar da rodinha por se declarar ag-

nóstico ou ateu. Será que voltaria a

ser convocado?"

MARCELO D. COSTA (São Paulo, SP)

TV Brasil

"Em entrevista concedida no dia

29/7 à repórter Ana Paula Sousa,

manifestei a posição do Intervenozes

acerca do modelo de distribuição da

TV Brasil. Houve, no entanto, um

equivoco na declaração publicada

na edição de 30/7 na **Ilustrada**.

O Intervenozes sabe que a EBC não

é uma emissora apenas e reconhece

e saúda a construção de uma rede

pública nacional de televisão, for-

mada a partir do nascimento da TV

Brasil em parceria com as emissio-

ras educativas estaduais.

O que afirmamos à repórter é que

esta rede, embrionária, ainda está

longe de representar a consolida-

ção de um sistema público de co-

municação no país — este, sim, pre-

visto na Carta de Brasília."

BIA BARBOSA, Intervenozes - Coletivo Brasil de Co-

municação Social (São Paulo, SP)

Merenda em SP

"Em relação à reportagem 'Docu-

mentos da licitação da merenda so-

me' (**Cotidiano**, ontem), a Secre-

taria Municipal de Educação reite-

ra, como já havia sido dito à repor-

tagem da **Folha**, que a ata do pre-

gião foi publicada, em sua íntegra,

no 'Diário Oficial da Cidade', no dia

29 de julho, nas páginas 85 a 91.

Portanto, a ata já é um documen-

to público e conhecido. Sendo as-

sim, o desaparecimento desse ma-

terial não afeta a licitação."

ANDRÉA PORTIUA, assessora de imprensa da Se-

cretaria Municipal de Educação (São Paulo, SP)

Procuradoria quer vetar símbolos religiosos

Ministério Público Federal de São Paulo pediu à Justiça a retirada de crucifixos e bíblias de repartições públicas federais

O argumento é o de que os objetos ferem a liberdade de crença e não respeitam o princípio do Estado laico; medida divide igrejas cristãs

ANAFLO
DA REPORTAGEM LOCAL

Reprovada pela Igreja Católica, a ação do Ministério Público Federal de São Paulo pedindo a retirada de símbolos religiosos de repartições públicas federais no Estado encontra defensores entre evangélicos e igrejas cristãs históricas.

No final de julho, a Procura-

doria Regional dos Direitos do Cidadão em São Paulo ajuizou ação civil pública pedindo à Justiça que obrigue a União a retirar símbolos religiosos, como crucifixos e bíblias, de áreas públicas de órgãos federais. O argumento é o de que os objetos ofendem a liberdade de crença e sua permanência fere o princípio do Estado laico.

A decisão caberá à juíza Maria Lúcia Lencastre, da 3ª Vara Federal, que irá ouvir a União antes de tomar uma decisão.

A ação da Procuradoria teve origem com uma representação do grupo Brasil para Todos, que defende a laicidade do Es-

tado e a impessoalidade da administração pública.

O arcebispo de São Paulo, dom Odilo Scherer, viu a decisão com estranheza. "Ter um Estado laico não significa passar por cima da cultura de um povo", afirma. Segundo ele, a existência de crucifixos e bíblias fariam parte da tradição cultural brasileira. "Uma posição como essa não vem defender o interesse da maioria dos cidadãos", afirmou.

Entre grupos religiosos, a retirada dos símbolos, apesar de considerada polêmica, encontra defensores.

Coordenador da bancada

evangélica no Congresso, o deputado pastor Pedro Ribeiro (PMDB-CE), diz que a bancada está de acordo com a iniciativa. "A retirada desses símbolos a princípio choca muitos evangélicos. Mas a bíblia não é o instrumento religioso de todos."

O secretário-geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (Conic), Luiz Alberto Barbosa, diz que não há consenso entre as chamadas igrejas cristãs históricas sobre a defesa ou não da permanência de símbolos religiosos em locais públicos governamentais.

Ele ressalta que, quase na totalidade, as figuras são referen-

tes apenas à Igreja Católica Romana. Como exemplo, ele cita o crucifixo em que há o corpo de Cristo como símbolo católico, enquanto igrejas cristãs históricas utilizariam a cruz vazia.

"Nós entendemos que, do ponto de vista legal, o Ministério Público está querendo implantar apenas o que a Constituição consagra, que é a separação igreja e Estado".

Coordenadora do grupo Católicas pelo Direito de Decidir, Maria José Rosado apoia a ação. "Embora haja uma predominância da cultura católica e do poder institucional da Igreja Católica no Brasil, cada dia

mais a sociedade é plural."

Segundo ela, na medida em que se mantêm símbolos religiosos em lugares públicos de representação do Estado, há privilégio de uma determinada religião. "É um respeito a um país que se torna cada dia mais plural em termos religiosos."

O presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Walter Altmann, não concorda com uma decisão de "cima para baixo". Ele é a favor de audiências públicas para discussão do tema. "A retirada [de cruzes e bíblias] fere o sentimento daquele para quem o símbolo é relevante", diz ele.

Microcomputador Positivo P220ST
Monitor de 18" LCD Widescreen

CASAS BAHIA

DEDICAÇÃO TOTAL A VOCÊ

www.casasbahia.com.br
Ofertas como estas agora 24h na internet

OPORTUNIDADE ÚNICA

Grava e lê CD e DVD
Monitor 18" LCD

PROCESSADOR INTEL® PENTIUM®** DUAL-CORE 2,5 GHz MEMÓRIA 2 GB HD 250 GB**

Imprima imagens exclusivas e personalize seu computador

Microcomputador Positivo P220ST

0+20 no cartão R\$ **119,90**
Total a prazo R\$ 2.398,00

sem entrada ou à vista R\$ 1.699,00

50" TV 50" a partir de R\$ **2.999,00** à vista

TV 50"*** A PARTIR DE

0+20 no cartão R\$ **219,90**
Total a prazo R\$ 4.398,00

sem entrada

NA COMPRA DESTA MICROCOMPUTADOR

GRÁTIS

ESTA IMPRESSORA

Tudo ilustrativo

TODA A LOJA

É compreensível a existência deles [símbolos] pela história do país, mas hoje isso mudou. Há um crescimento da expressão pública de ateísmo

MARIA JOSÉ ROSADO
da ONG Católicas pelo Direito de Decidir

ANÁLISE

Discussão chega ao Brasil com 120 anos de atraso

HÉLIO SCHWARTSMAN
DA EQUIPE DE ARTICULISTAS

A discussão sobre os símbolos religiosos em espaços públicos chega ao Brasil com mais de um século de atraso.

A França, que não por acaso inventou o conceito de laicidade, representa a vanguarda da iconoclastia. Lá os crucifixos foram retirados dos tribunais e dos colégios nos anos 1880. Na mesma década, o ensino religioso foi suprimido das escolas públicas, e magistrados e militares foram proibidos por lei de participar em caráter oficial de festas católicas.

A antecâmara do movimento

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 3C1A-B507-F6DC-EFAC e senha 8C79-5201-15B8-900A



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.51 em 23/09/2025 11:55:28
Número do documento: 22070818561944700000248538997
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818561944700000248538997>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:19

Secretária de Roseana recebeu verba indenizatória

Empresa de Conceição Andrade obteve R\$ 12 mil quando ela estava no Senado

Nomeada por governadora para pasta estadual negou ser dona de empresa, depois disse ser sócia e, por último, falou que prestou consultoria

ANDREZA MATAIS
HUDSON CORRÊA
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

A governadora Roseana Sarney (PMDB-MA) pagou com verba indenizatória no começo do ano, enquanto era senadora, R\$ 12 mil a uma empresa que pertence à secretária de Desenvolvimento Agrário do Maranhão, Conceição Andrade.

A reportagem esteve na semana passada no endereço da Pads Assessoria de Desenvolvimento Social, em São Luís, em preta, que recebeu o dinheiro. O porteiro do prédio informou que no apartamento morava Conceição Andrade e não havia ali nenhuma empresa.

Criada em dezembro de 2007, a Pads tem capital social de R\$ 5.000 e Conceição possui 50% de participação na empresa, segundo documento obtido pela **Folha**. A outra sócia é Lia na Maria Lindoso Piedade, que também trabalha no governo de Roseana como assessora de Conceição na secretária.

A reportagem teve acesso às notas fiscais, não disponíveis no portal de transparência do Senado, relativas ao pagamento à Pads. São duas notas no valor de R\$ 5.985, cada uma, de janeiro e fevereiro passados. Procurada, Conceição disse,

SAÚDE



O vice-presidente José Alencar deixa o hospital Sírio-Libanês

Alencar tem alta de hospital e continua tratamento nos EUA

DA REPORTAGEM LOCAL

O vice-presidente José Alencar recebeu ontem alta do hospital Sírio-Libanês, em São Paulo, mas viajou, em seguida, para Houston (EUA), onde se submete a uma nova etapa de tratamento com medicamentos experimentais para combater o câncer.

Ele estava internado desde o dia 24, quando foi submetido a uma colostomia, cirurgia para colocação de bolsa ligada ao final do intestino.

Alencar disse que retorna para o Brasil hoje e que espe-

ra não precisar voltar ao hospital. "Estou consciente de estar vivendo uma guerra, mas uma guerra contra o câncer, e a guerra continua". Na volta, ele permanecerá em São Paulo.

Questionado sobre a situação do Senado, Alencar disse que Sarney (PMDB-AP) tem todas as condições de decidir se deve ou não deixar o cargo.

"Como se diz em Minas Gerais, se conselho fosse bom, ninguém dava. Venda e cobra caro", afirmou.

Apesar de dizer que é "briga deles", Alencar disse considerar "lastimável" a crise.

PROMOÇÃO COMPROU,
GANHOU - DIA DOS PAIS.

*Consulte o regulamento no local ou no site www.shoppingpaulista.com.br. Promoção válida de 01 a 09/08/2009 ou enquanto durarem os estoques. Estoque de 1.000 Mugs. Temáticas exclusivas. Limitado a duas peças por dia e por CPF.

na Maria Lindoso Piedade, que também trabalha no governo de Roseana como assessora de Conceição na secretaria.

A reportagem teve acesso às notas fiscais, não disponíveis no portal de transparência do Senado, relativas ao pagamento à Pads. São duas notas no valor de R\$ 5.985, cada uma, de janeiro e fevereiro passados.

Procurada, Conceição disse, em um primeiro momento, que a Pads não era dela. Informada de que a empresa tem como sede o seu apartamento em um bairro nobre, afirmou que "precisava verificar porque nessa época não estava trabalhando para a senadora".

Em seguida, disse que a Pads "era uma empresa antiga que prestava alguns serviços. Eu tinha um pequeno percentual", afirmou. "Era um serviço mais de acompanhamento, de elaboração de projeto, alguma coisa assim nesse sentido". Ela, então, desligou o telefone.

Outra empresa que recebeu neste ano dinheiro da verba indenizatória, em valor aproximado ao da Pads, é a Escutec de São Luís que faz pesquisas de opinião. Na campanha de Roseana ao governo em 2006, quando ela acabou derrotada, a empresa recebeu R\$ 135 mil.

Conceição foi nomeada secretária após Roseana assumir o governo do Maranhão em abril passado, com a cassação do então governador Jackson Lago (PDT) pelo TSE.

No fim da tarde, Conceição afirmou que prestou serviços de consultoria e a empresa funciona em seu apartamento.

[+] OUTRO LADO: SECRETÁRIO DIZ QUE EMPRESA ERA ESPECIALIZADA

O secretário de Comunicação do Maranhão, Sérgio Macedo, afirmou que a Pads foi contratada porque Conceição Andrade é especializada em desenvolvimento social. A reportagem ligou para a governadora Roseana Sarney e deixou recado com o ajudante de ordens, mas ela não respondeu. Conceição Andrade diz que não se lembra da empresa "porque a gente falava mais dos projetos". Procurada, a outra sócia, Liana Maria Lindoso Piedade, não respondeu até o fechamento desta edição.

Consulte a página 105

PRESEERVE
POR MAIS TEMPO
O CALOR
DAS EMOÇÕES.

Com a promoção
"Comprou, Ganhou"
Dia dos Pais
do Shopping Pátio Paulista,
você troca R\$ 350,00*
em notas fiscais
por uma exclusiva Mug,
que preserve a temperatura
das bebidas.

SHOPPING PÁTIO
PAULISTA
PAULISTA COMO VOCÊ
Brookfield



Ombudsman

CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA ombudsman@uol.com.br

Para quê Cassandra, Grilo, alter ego?

N O MÊS que vem o cargo de ombudsman neste jornal completa 20 anos. Poucos outros veículos de comunicação no Brasil resolveram adotá-lo. Pelo mundo, embora presente em dezenas de países, também é coisa de poucos. Por causa da crise, até nos EUA, onde mais se disseminou, teme-se que seja espécie em risco de extinção.

Nesta semana, aqui e lá, publicaram-se artigos em veículos importantes sobre a utilidade da função. No site Observatório da Imprensa, que Alberto Dines, precursor da ideia nesta mesma **Folha** nos anos 1970, criou e lidera, dois artigos inteligentes e bem escritos, de Maurício Caleiro e Celso Lungaretti, questionam a sua necessidade.

Acham que esta é uma posição decorativa, que dela nada resulta. Em sua visão, críticas feitas na coluna não resultam em mudanças na Redação.

Nos EUA, o editor-executivo do "New York Times", Bill Keller, em entrevista ao "Los Angeles Times", revelou que se discute internamente a conveniência de manter o "editor público" (como chamam o ombudsman) após o fim do mandato do atual, em 2010.

Em resposta, o editor da "American Journalism Review" escreveu: "Este tipo de autocritica [do ombudsman] manda mensagem poderosa ao público. Ela diz que somos suficientemente grandes para encarar os nossos erros. E diz que estamos conscientes de que devemos explicações".

Há quem não entenda a função do ombudsman. Se ele não tem poder para impor seu pensamento à Redação e obrigá-la a agir como acha certo, qual é a sua utilidade?

Não posso negar que experimente

frustração vez ou outra ao ver minhas sugestões e linha de raciocínio ignoradas. Mas, como me disse uma leitora, quando a Redação segue a direção aqui proposta, a valia da mudança é muito grande por ser produto da força do convencimento, não da coerção.

Mesmo que nunca a Redação aca- tase as opiniões do ombudsman, ainda assim ele teria um papel importante. Duas analogias ao seu trabalho me ocorrem: a do mito grego de Cassandra e a do personagem Grilo Falante, do clássico da literatura infantil "As Aventuras de Pinóquio", de Carlo Collodi, ambos muito bem analisados no brilhante livro indicado ao pé deste texto.

Cassandra recebeu de Apolo o dom de prever acontecimentos com a condição de que ninguém acreditasse nela. O Grilo faz o papel de consciência crítica, alter ego, do boneco que vira gente.

Ambos suscitam dúvidas. Como o ombudsman também deve fazer,

Num mundo em que as certezas têm feito tanto mal às pessoas, espalhar dúvidas pode ser uma bênção

tanto entre jornalistas quanto entre leitores. Ele não é juiz: é um cobrador, como diagnostica certamente Alberto Dines. Juiz é o leitor, que decide o que fazer depois de ler as cobranças do ombudsman. E o jornalista também, que resolve se vai mudar de rumo ou não após ler suas ponderações.

É pouco? Não acho. Num mundo em que as certezas têm feito tanto mal às pessoas, espalhar dúvidas pode ser uma bênção.

Além disso, o ombudsman encaminha, muitas vezes com sucesso, casos concretos e específicos de erros factuais, sugestões de pauta, direito de resposta, que não precisam ser alardeados. E contribui para a reflexão sobre o papel do jornalismo

na sociedade.

Às vezes obtém êxito na adoção de procedimentos técnicos recomendados nas críticas, talvez nem percebidos conscientemente pelos leitores, que no entanto ainda assim se beneficiam deles.

Seu objetivo deve ser tentar satisfazer a necessidades específicas de todos os leitores, não a todas as necessidades de leitores específicos.

Muitos ficam insatisfeitos. Principalmente os que anseiam por alterações nas grandes linhas editoriais. É natural. Mas Cassandras, grilos e alter egos só têm valor quando são atendidos?

PARA LER

"À Mesa com o Chapeleiro Maluco", de Alberto Manguel, tradução de Josely Vianna Baptista, Companhia das Letras, 2009 (a partir de R\$ 35,55)

PARA VER

"O Sonho de Cassandra" (a partir de R\$ 24,90), 2007, e "Poderosa Afrodite" (a partir de R\$ 12,90), 1995, ambos de Woody Allen

DE QUEM É O PAINEL?

■ Do leitor ■ Do noticiado

Cartas 8 59

Centímetros 87 575

*De 19 ago.09 a 7 ago.09

ASSUNTOS MAIS COMENTADOS DA SEMANA

1 JOSÉ SARNEY 2 GRIPE A 3 COLUNA DO OMBUDSMAN

ONDE A FOLHA FOI BEM...

IMPOSTOS PARA MÚSICA

>> Ilustrada acompanha bem tramitação na Câmara de proposta que reduz impostos para CDs e DVDs de artistas brasileiros

...E ONDE FOI MAL

CENSURA

>> Jornal cobre acanhadamente a inaceitável censura prévia imposta pela Justiça a "O Estado de S. Paulo"

DOIS PESOS

>> Acusações contra senador Arthur Virgílio recebem muito menos destaque e espaço do que as que ele faz

MORTE EM VOO

>> Reportagens sobre menina que morreu em voo de Miami para São Paulo deixam de abordar medidas que empresas e passageiros devem tomar para diminuir chance de tragédias similares ocorrerem

PRÓ-MEMÓRIA

Caso a ser retomado

>> De que e como vivem Delúbio Soares e outros personagens do mensalão e Waldomiro Diniz, do escândalo dos bingos?



Semana do Leitor

leitor@uol.com.br



Fumo

“São Paulo, o mais rico Estado do país, convive ao longo dos anos com um sistema prisional perverso, que jamais ressocializará ninguém. Não há recursos humanos, estrutura suficiente (nem em qualidade nem em quantidade) e muito menos vontade política para tal.

No sistema de saúde, espera-se — quando não se morre antes — longos meses por exames corriqueiros e simples, mas de importância fundamental para quem os procura. Faltam profissionais qualificados para a maioria das especialidades médicas. E digo isso apenas sobre a região de Jundiaí, onde moro (mas sei que há lugares piores).

Nossa cidade é a oitava economia do Estado. Universidade pública? Nenhuma (há mais de dez particulares e caras). Batemos todos os recordes de roubos no ano que se passou — furtos, latrocínios e mais de 400 veículos roubados —, gerando o seguro mais caro do Estado. E por aí vai.

Agora vem a minha pergunta: se não há gente para substituir os investigadores de polícia — hoje meros guardas de presídios — e se não temos médicos nem hospitais suficientes para atender a população, onde foram buscar gente para fiscalizar os fumantes nas madrugadas da vida?

Não sou contrário à restrição ao fumo. Apenas acho que um governo sério tem de dar prioridade às coisas mais importantes. E, no momento, morre mais gente nas portas dos hos-

piciais — por falta de atendimento e por causa da bandagem que tomou conta do Estado — do que por causa do fumo.

Nossos governantes, antes de criarem mais leis, que só servem para que eles apareçam na mídia, precisam cumprir as existentes.

Neste caso, há um agravante: joga-se na mão do comerciante um papel que jamais deveria ser dele. Fiscalizar não é de sua competência.”

FRANCISCO DE SALES CORDEIRO
(Jundiaí, SP)



“A lei antitabaco fere, no mínimo, a lei do livre-arbítrio, que diz, trocando em miúdos, que cada um é dono do seu nariz. Não sou contra a nova lei, longe disso, e, apesar de fumante, sei dos males que o fumo

passivo acarreta e o incômodo que a fumaça do cigarro causa. Mas daí à proibição total de fumar em lugares públicos, sem

dar opção aos fumantes, é uma arbitrariedade que vai causar, no mínimo, constrangimento em bares, restaurantes e afins.

Haverá discussões e mal-entendidos que causarão vários outros fatos que poderiam ser evitados se simplesmente se restringissem os fumantes a uma área específica.

Vejo esta nova lei com desconfiança e com o temor de que, com o tempo, fatos piores possam acontecer, cercando nossas liberdades básicas.

A história é rica em fatos penosos que originaram grandes desastres.

EDUARDO RODRIGUES (São Paulo, SP)



“Depois de tanta discussão, entrou em vigor a lei estadual antitabaco. Trata-se de um passo importante para desestimular o uso dessa droga que ceifa a vida de milhares de fumantes (ativos e passivos) por câncer, infarto e derrame.

Fico revoltado com os fumantes que declararam ser essa lei um absurdo, pois seria contra a liberdade de cada um. Esquecem estes que a lei foi feita visando a saúde da população. Eu, como outros não fumantes, temos o direito de não aspirar a fumaça dessa verdadeira droga que é o cigarro.

Só espero que a lei vingue e não caia no esquecimento, como a Lei Seca.”

RAFAEL ALABY FERREIRA (São Paulo, SP)

Símbolos religiosos

“Sou padre católico e concorrido plenamente com o Ministério Público de São Paulo por querer retirar os símbolos religiosos das repartições públicas. Nosso Estado é laico e não deve favorecer esta ou aquela religião. A cruz deve ser retirada.

Nunca gostei de ver a cruz em tribunais onde os pobres têm menos direitos que os ricos e onde sentenças são vendidas e compradas. Não quero ver a cruz nas Câmaras legislativas onde a corrupção é a moeda

mais forte. Não quero a cruz em delegacias, cadeias e quartéis onde os pequenos são torturados. Não quero ver a cruz em prontas-socorros e hospitais onde pessoas morrem sem atendimento.

E preciso retirar a cruz das repartições públicas, porque Cristo não abençoa a sordida política brasileira, causa da desgraça dos pequenos e pobres.”

DEMÉTRIO DOS SANTOS SILVA, trade
(São Paulo, SP)



“Acerca do pedido de retirada dos símbolos religiosos dos prédios públicos, observo que há diferença entre um Estado laico e um Estado antirreligioso. Além disso, é preciso distinguir Estado de nação. O Estado é laico, mas a nação não é. Por isso os símbolos religiosos estão presentes inclusive em prédios públicos, pois representam um sentimento da maioria da nação.

Pode-se retirar esses símbolos dos edifícios públicos, mas não se pode fazer uma perseguição a qualquer símbolo ou expressão religiosa, como querem fazer na França, tentando impedir o uso do véu por muçulmanas. Isso é desrespeitar a liberdade de crença.

Quanto aos pronunciamentos do papa Pio 10 contra a separação entre igreja e Estado, é preciso levar em consideração o contexto da época para não cairmos num anacronismo.

Isso não demonstra a posição atual da Igreja Católica, pois ela defende uma sã laicidade do



Luís Marques-7.abr.09/Folha/Imagem

Crucifixo encima o busto de Rui Barbosa no Senado

Estado, fato que garante a liberdade de ação da própria igreja.”

KELVIN KONZ (Florianópolis, SC)



“O racionalismo em plena ‘pós-modernidade’, misturado ao individualismo e ao consumismo, é o pior que se poderia apresentar à sociedade. Segundo o raciocínio do doutor Roberto Livianu (“Tendências/Debates”, 7/8), teríamos que mudar os nomes de várias cidades e Estados do Brasil, a começar por São Paulo. Assim, descartar-se, em nome de uma minoria intelectual e política, mente forte, toda uma tradição fincada nos 500 anos de Brasil.

Pergunto: a quem atapalham os símbolos religiosos que marcam a ideologia religiosa do povo brasileiro?”

LUIS EDUARDO CANTARELL, pós-graduado em ciência da religião
(Belo Horizonte, MG)

Nossos idosos

“Uma coisa que ainda me causa muita admiração são as propagandas para o Dia das Mães e o Dia dos Pais. Os anúncios são sempre iguais: pais e mães jovens, sarados, com suas crianças.

O Brasil já não é um país de maioria jovem. No entanto, nossos idosos são geralmente esquecidos nessas datas. Parece que a juventude é detentora de tudo o que há de melhor na vida. Passou dos 30, não há chance de ser feliz, de ser belo, de ter um relacionamento, de ter um bom trabalho. Essa é a mentalidade colonial que ainda assombra o Brasil.

Nossos idosos também já foram jovens. E os jovens não acreditam, mas também serão idosos um dia.”

CAMILA RAZZANTE (São Caetano do Sul, SP)

Trajes

“Ouso discordar da posição extremada da eminente juíza Kenarik Boujikian Felipe em seu artigo ‘Abaixo a censura judicial’ (“Tendências/Debates”, 5/8). Nele, a magistrada defende a ampla e irrestrita liberdade de expressão e de manifestação do pensamento sob o argumento de que tal direito está consagrado na Constituição.

Mas não se pode olvidar que em nossa Carta Magna nenhum dos direitos fundamentais elencados no dispositivo citado é absoluto, devendo ser ponderado consoante a moderna doutrina e à luz dos demais princípios constitucionais, que irão nortear o magistrado.

O interesse público, a segurança institucional do Estado e a vida íntima e privada dos cidadãos também têm albergados na Lei Maior a sua proteção. Uma vez devesados, podem causar graves danos, reparáveis por mero direito de resposta.

Cabe ao Poder Judiciário fazer a necessária ponderação entre os princípios constitucionais e assegurar, de forma democrática e equilibrada, a observância da ordem jurídica.”

GUSTAVO RODRIGO, analista judiciário federal (Limeira, SP)

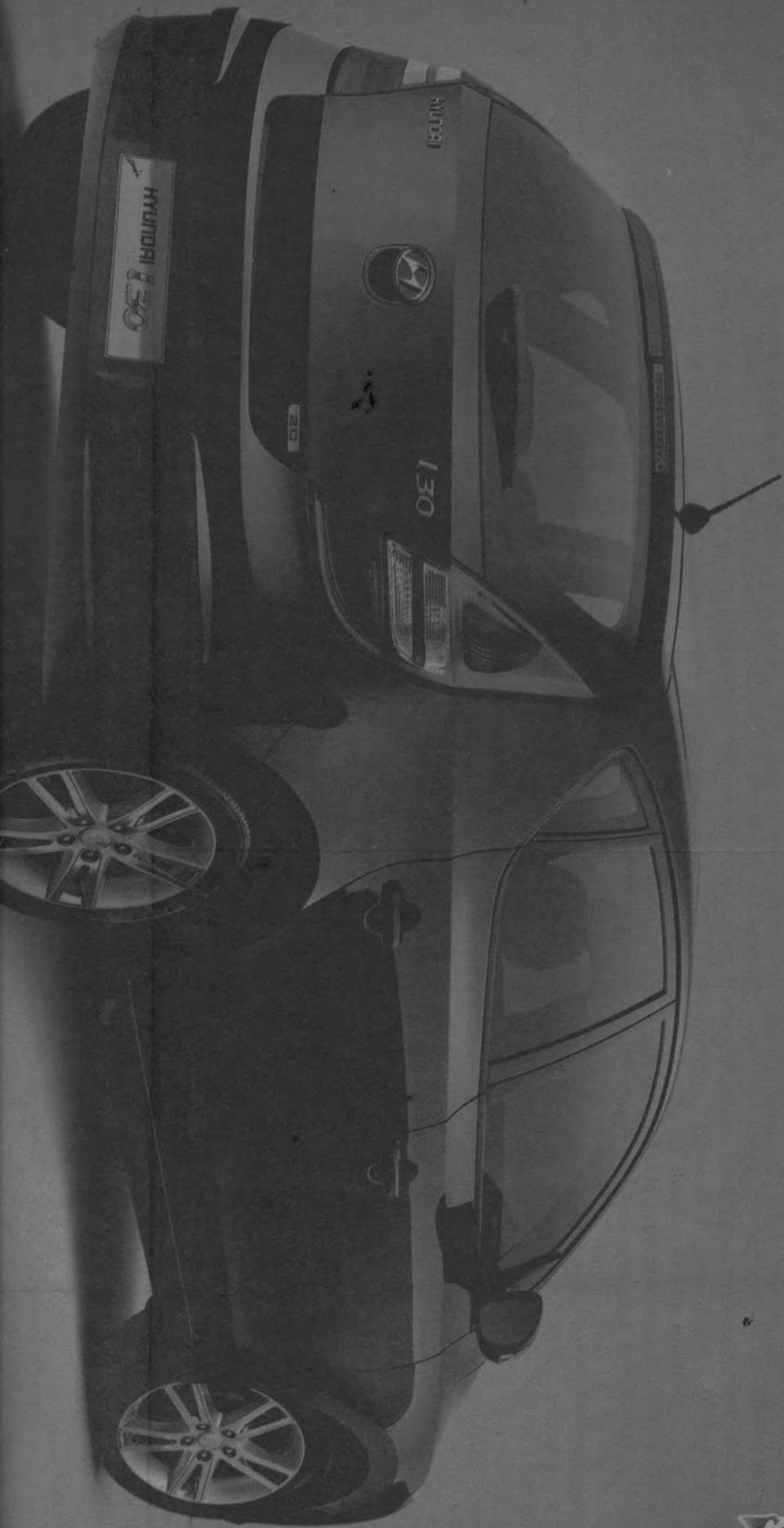


ELEITA MAIS UMA VEZ
A MELHOR DO MUNDO
EM QUALIDADE, SUPERANDO
BMW, HONDA, TOYOTA, AUDI
E TODAS AS OUTRAS MARCAS.*

2009

i30

A NOVA SENSACÃO DA HYUNDAI.



SEM LIMITE DE
QUILOMETRAGEM



Gabardo Transportadora exclusiva até 31/8/2009
www.gabardo.com.br (11) 4341-3000 - (02) 3373-3000

Drive your way.





i30

2.0 CVT 145 CV
CÂMBIO AUTOMÁTICO MULTIMARCHAS



Suspensão independente Multilink. Máxima tecnologia em suspensão. Muito mais conforto e prazer ao dirigir.



Retrovisores externos com rebatimento automático e antiembaçante. Retrovisor interno eletrocrômico.



Câmbio automático multimarchas Prodrive, tornando as trocas imperceptíveis. Compartimento refrigerado no porta-luvas (cool box).



Teto solar elétrico panorâmico. Direção elétrica. Keyless para abertura e fechamento das portas e do porta-malas.



Rodas aro 17" com raios cromados. Mais aderência em qualquer ocasião, proporcionando estabilidade máxima.



Piloto automático na direção. Sistema de som com MP3, entrada para iPod e disqueteira no painel para 6 CDs. Controles no volante.



8 air bags. Frontais, laterais e de cortina. Sensores de estacionamento. Sensores de chuva.



Freios ABS de última geração com BAS e EBD que reduzem a distância de frenagem.



Controle eletrônico de estabilidade. Melhora a dirigibilidade em situações de emergência.



Ar-condicionado digital. Computador de bordo. Iluminação azulada por LEDs de última geração tecnológica.



Maior distância entre-eixos, proporcionando finais de conforto e extraordinário espaço interno.

* FONTE: NO LD POWER 2008. NÚMERO QUALITY STUDY A HYUNDAI FOI CLASSIFICADA EM PRIMEIRO LUGAR ENTRE AS MARCAS DE GRANDE VOLUME DE VENDAS, SUPERANDO BMW, HONDA, TOYOTA, AUDI, MERCEDES-BENZ E TODAS AS OUTRAS NA CLASSIFICAÇÃO GERAL. A HYUNDAI FICOU EM QUARTO LUGAR, DEPOIS DE LEVUS, PORSCHE E CADILLAC QUE SÃO MARCAS EXCLUSIVAS.



HYUNDAI

www.hyundai-motor.com.br

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS: 0800 77 02 011

HYUNDAI CAOA GRANDE SÃO PAULO E ABC: ANHANGÜERA 3909 4400 Rod. Anhangüera, km 17 • AUTONOMISTAS 3699 8080 Av. dos Autonomistas, 1.767 • CEASA 3643 5700 Av. Dr. Gastão Vidigal, 1.555
• CH. SANTO ANTONIO 5187 0001 R. Ant. das Chagas, 1.196/1.206 • FACÓ 3977 6100 Av. Edgar Facó, 814 • GUARULHOS 2461 8000 Av. Pres. Tancredo Neves, 2.112 • IBIRAPUERA 5538 1000 Av. Ibirapuera, 2.822
• INTERLAGOS 5682 7000 Av. Robert Kennedy, 179 • IPIRANGA 2271 0700 Av. Dr. Ricardo Jafet, 1.209 • ITAIM 3049 0100 Av. J. Kubitschek, 1.593 • JARDINS 3894 4000 Av. Europa, 555 • JOÃO DIAS 5641 0770 Av. João Dias, 2.192
• MOEMA 3040 8555 Av. Ibirapuera, 2.414 • MORUMBI 3740 4400 Av. Dr. Guilherme D. Vilares, 249 • SANTANA 2971 5555 Av. Brás Leme, 3.265 • SANTO ANDRÉ 4428 4428 Av. Dom Pedro II, 1.805 • SUMARÉ 3879 3030
Av. Sumaré, 1.180 • TATUAPÉ 2076 6700 R. Serra do Japi, 1.249 • HYUNDAI CAOA INTERIOR DE SP: AMERICANA (19) 3478 8600 • CAMPINAS (19) 3295 6040 • (19) 3213 4445 • LIMEIRA (19) 3446 7000 • (19) 3442 1072 • PIRACICABA (19) 3429 0999
• RIBEIRÃO PRETO (16) 3456 7100 • SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (17) 2138 8383 • HYUNDAI CAOA MS: CAMPO GRANDE (67) 3322 2999 • HYUNDAI CAOA PB: CAMPINA GRANDE (83) 3337 1009 • HYUNDAI CAOA PE - RECIFE: BOA VIAGEM
(81) 3326 5949 • IMBIRIBEIRA (81) 3471 1119 • HYUNDAI CAOA RS: CAXIAS DO SUL (54) 3021 3003 • NOVO HAMBURGO (51) 3539 4300 • PASSO FUNDO (54) 3045 2333 • PELOTAS (53) 3027 2525 • PORTO ALEGRE (51) 3535 0404 / 8989





Imagens religiosas nos prédios públicos: posição contrária

"O certo é que, do ponto de vista legal, não há muito que discutir..."

Em abril de 1884, o cidadão Thomaz Nogueira da Gama foi sorteado jurado e, ao chegar à sala do Tribunal do Júri no Rio de Janeiro, se deparou com um crucifixo pendente à parede e sobre a cabeça do Juiz. Na ocasião, Thomaz Nogueira encaminhou um pedido ao governo imperial para que a imagem fosse retirada, pois, apesar de ser cristão, sua fé não admitia dar culto e adorar imagens, figuras e ídolos. Seu pedido, porém, não foi atendido.

Passados alguns anos, em 1891, o cidadão Miguel Vieira Ferreira, nas mesmas circunstâncias, tendo sido sorteado jurado, também pleiteou ao Juiz Presidente do Tribunal do Júri a retirada de um crucifixo, um pouco menor que o existente no antigo prédio do referido Tribunal, mas tal pedido foi encaminhado ao Ministro da Justiça que, mais uma vez, o indeferiu.

Tais fatos, narrados com detalhes no livro, "O cristo no júri", de Miguel Vieira Ferreira (Saraiva : São Paulo, 1957), deixam claro que a discussão sobre a existência de símbolos religiosos em prédios públicos no Brasil tem mais de 125 anos.

Entre os dois episódios, foi expedido o Decreto 119-A, de 07/01/1890, que estabeleceu, em seu art. 1.º, que: "É proibido á autoridade federal, assim como á dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a, e crear diferenças entre os habitantes do paiz, ou nos serviços sustentados á custa do orçamento, por motivo de crenças, ou opiniões philosophicas ou religiosas.", preceito que, contudo, não foi suficiente para impedir que o símbolo religioso continuasse a ostentar o Sala do Tribunal do Júri do Rio de Janeiro.

Atualmente, o preceito previsto no art. 19 da Constituição, prevê que: "É vedado à União, aos Estados, ao

Distrito Federal e aos Municípios: I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;".

Como se vê, apesar de terem sido editados com uma diferença de quase 100 anos, tanto o Decreto quanto a Constituição praticamente reproduzem os mesmos preceitos, reafirmando a laicidade do Estado. Contudo, é interessante que tal laicidade que, em teoria, é bastante clara, encontre tantos obstáculos para se concretizar na prática.

Visando dar efetividade a tais preceitos, foi proposta pela Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, em julho de 2009, a ação civil pública n.º 2009.61.00.017604-0, com o pedido para que fosse determinada a retirada dos símbolos religiosos de locais de amplo acesso e de atendimento ao público, nos prédios públicos federais do Estado de São Paulo, desde que respeitada a manifestação da fé dos servidores públicos, em suas mesas e gabinetes. Da mesma forma que as iniciativas dos dois jurados, esta ação também recebeu muitas críticas e elogios.

O certo é que, do ponto de vista legal, não há muito que discutir, sendo que os defensores dos símbolos religiosos usam argumentos extrajurídicos para justificar a necessidade de eles serem mantidos nos prédios públicos.

O primeiro dos argumentos é que, sendo a maioria da população brasileira composta por pessoas que professam a fé católica, esta maioria pode decidir pela manutenção de tais símbolos, cabendo à minoria da população que professa outra fé aceitar tal decisão.

Entre todos os argumentos em prol dos símbolos religiosos este é o mais

frágil e sequer deveria ser aventado, uma vez que não pode ser considerado válido. Afinal, a principal característica de um Estado republicano e democrático é que a maioria decide, mas os direitos da minorias devem ser respeitados.

Outro argumento muito utilizado é que a tradição histórica brasileira fez com que tais símbolos religiosos fossem colocados e retirá-los, agora, seria negar a própria história.

Neste aspecto, é importante deixar claro que nem tudo que faz parte de nossa história ou tradição pode e deve ser reproduzido. Em verdade, tal argumento, provavelmente, foi utilizado pelos defensores da escravidão para questionar o ato da Princesa Isabel que a aboliu. Assim, da mesma forma que, em nome do progresso, optamos por abandonar algumas tradições, que não foram poucas, também a tradição de manter símbolos religiosos em prédios públicos deveria ser revista.

Por fim, outro argumento usado, que está bastante vinculado ao anterior, é que a retirada dos crucifixos, por exemplo, seria um ato de intolerância por parte das pessoas que professam outra fé que não a representada em tal símbolo.

Neste aspecto, um exercício de imaginação deve ser realizado pra demonstrar a ausência de fundamento de tal argumento.

Imaginemos que, após o término de uma telenovela que cultuou a sociedade e o modo de vida da Índia, os juízes decidissem colocar nas salas de audiências de todo o país uma imagem de "Ganesha" (deus símbolo das soluções lógicas) ou mesmo de "Shiva" (o destruidor, no bom sentido) ou, se por força da tradição afrodescendente, tais juízes decidissem incluir na entrada dos Fóruns a imagem de "Ogum", orixá da lei.

Os defensores dos crucifixos se sentiriam à vontade se tivesse, que trabalhar ou ser atendidos em tais salas de audiência, sob o olhar atento de símbolos religiosos que sua fé não reconhece? É provável que não.

Neste sentido, uma das soluções seria determinar a inclusão de "todos" os símbolos religiosos nos prédios públicos federais, mas é lógico que tal solução não seria possível, por ser inviável e, também, porque há aqueles que não professam fé alguma ou mesmo negam a existência de quaisquer divindades.

Nesse emaranhado de questões religiosas, o Decreto acima mencionado e a Constituição foram sábios, optando pela laicidade do Estado e colocando cada coisa no seu lugar: liberdade absoluta e lugares específicos para que cada pessoa possa manifestar e exercitar sua fé, de um lado, e o Estado laico, do outro, mantendo sua equidistância de todas as religiões.

Dessa forma, a retirada de símbolos religiosos dos prédios públicos federais é a simples colocação em prática de um preceito existente no ordenamento jurídico brasileiro há mais de 119 anos e reproduzido na atual Constituição, não devendo ser interpretada do ponto de vista religioso, mas única e exclusivamente pelo aspecto jurídico.

Do ponto de vista religioso seria recomendável que as pessoas dessem menos valor aos símbolos e mais valor aos seus atos, retirando os símbolos das paredes dos órgãos públicos federais e colocando os preceitos de sua fé em sua prática diária.

Jefferson Aparecido Dias

Procurador da República. Doutor em Direito pela Universidad Pablo de Olavide (Espanha). Autor de diversas obras.





A falta que faz o estudo do Direito Internacional

"Juristas brasileiros, sem a necessária formação internacionalista, têm feito análises equivocadas ..."

Alguns casos recentes, em apreciação pelos tribunais pátrios (alguns deles já no STF), suscitaram – a ainda suscitam – acaloradas polêmicas no meio jurídico brasileiro.

Ocorre que o Direito Internacional tem um modo próprio de produção de normas, e a ordem jurídica internacional difere bastante das ordens jurídicas nacionais. Além disso, a sociedade internacional é descentralizada – isto é, não existe um único órgão produtor de normas, nem um tribunal central dotado de competência para julgar todas as questões –, seus sujeitos atuam com base em coordenação – e não coativamente subordinados a autoridades governamentais, como no Direito interno –; finalmente, não existe órgão dotado de um "poder de polícia internacional", que funcionaria como *gendarme* da ordem pública internacional.

Essas considerações iniciais são importantes porque juristas brasileiros, sem a necessária formação internacionalista, têm feito análises errôneas das questões sujeitas ao Direito Internacional, porque tomam como base o Direito interno. Tenho lido, entre perplexo e desapontado, expressas em artigos escritos por eminentes civilistas, criminalistas e constitucionalistas brasileiros, opiniões completamente equivocadas, por sofrerem de fundamentação deficiente e abordagem pelo viés nacional. É mais ou

menos como procurar microorganismos com um telescópio, ou perscrutar os astros com um microscópio. As ferramentas são inadequadas. Logo, as análises só podem resultar em erros monumentais.

Darei um exemplo, mas outros não faltam. Chamo a atenção do leitor para o chamado caso *Sean*.

Esse pobre menino, Sean Bianchi Goldman, nascido em 25.05.2000, filho de pai americano e mãe brasileira, ambos domiciliados nos EUA, foi trazido para o Brasil pela mãe, em 2004, a pretexto de uma visita ao País. Pouco tempo depois, esta informou o marido que desejava divorciar-se e que não retornaria aos Estados Unidos. Divorciada, convolveu novas núpcias com um brasileiro. Ao dar a luz a seu segundo filho, veio a falecer. O pai biológico sempre tentou reaver a criança, primeiro perante a Justiça americana (ganhou a ação), pois o filho havia sido removido do lar conjugal pela mãe com o propósito de abandoná-lo em definitivo, o que caracteriza conduta internacionalmente ilícita, com base na *Convenção sobre os Aspectos Cíveis do Sequestro Internacional de Crianças*, concluída na Haia (Holanda) em 25.10.1980 e em vigor internacionalmente desde 01.12.1983. O Brasil ratificou esse tratado internacional, que foi promulgado em nosso País por meio do Decreto nº 3.413, de 14.04.2000. Logo, é lei brasileira.

Pois bem, a propósito de um alegado "interesse da criança" (a horrorosa expressão usada pelos autores da ação para mantê-la no Brasil é "paternidade socioafetiva"), tribunais federais adotaram uma solução, no mínimo, inusitada: o pai da criança pode ficar com ela quando estiver no Brasil; no restante do tempo, deverá ficar com o "pai" brasileiro (que não guarda qualquer relação de parentesco com a criança). O STJ e o STF, por ora, não analisaram o mérito da questão.

Aliás, é justamente devido à demora da Justiça brasileira – exceto pelo fato de que a mesma Vara do Rio de Janeiro, por alguma "coincidência", em tempo recorde ter concedido divórcio à mãe de Sean e decretado a permanência do garoto no Brasil, – que o menino está "bem adaptado". Claro, a tal família subrogada tem posses e o trata bem. Como uma criança entenderia as complexas implicações do caso?

A parte o fato de que é absolutamente ridículo exigir que um cidadão de outro país largue todos seus afazeres e gaste uma fortuna para viajar e permanecer em um país que mal conhece, para ficar com seu filho legítimo (a conta já passou de 300 mil dólares entre viagens e advogados), a manutenção de Sean no Brasil configura claro ilícito internacional. Isto é, a mãe cometeu um ilícito, inclusive sob as leis americanas e brasileiras – ao

trazer a criança ao Brasil em definitivo, sem autorização do pai – e agora, nossos tribunais continuam a chancelar esse ilícito, cometendo ... novo ilícito. Pois o Artigo 3 da Convenção da Haia assim caracteriza a conduta da mãe, enquanto os Artigos 2 e 11 impõem aos Estados que adotem medidas em caráter de urgência para repatriar a criança. É só.

Desconhecer o Direito Internacional, nesse caso, é não apenas ignorância da Justiça brasileira, e evidente má-fé dos advogados e da família subrogada de Sean. Resulta em uma incomensurável desumanidade para com o garoto: perdeu a mãe, tem de ficar em uma família que não é a sua e não é devolvido a seu legítimo e biológico pai, que jamais cometeu qualquer ilícito e muito menos perdeu a guarda do filho. Manter Sean no Brasil é um acinte ao Direito em geral, uma afronta aos Direitos Humanos, em especial, uma violação a uma convenção internacional ratificada pelo Brasil, e uma atitude de escárnio à mais mezinha noção de Justiça.

José Cretella Neto

Advogado. Mestre, Doutor e Livre-Docente em Direito Internacional pela USP. Autor de mais de 50 livros e artigos jurídicos, a maioria em sua área de especialidade, o Direito Internacional

Turma da Justilândia

MISS BROOM, A HUMANISTA/ Almeida & Del Campo





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

VISTA

Em 27 de maio de 2011, faço vista destes autos à
Advocacia Geral da União - AGU.

Eu, [assinatura], subscrevo.
Anal. / Téc. Jud. RF 5.807.

Processo nº. 200961000176040.

M.M. a) Juiz(a)
Pela União,
ciente, neste data, do
processado.
Manifesto-me em apartado
lucile W.P. Garbelini
LUCILA MORALES DIATO GARBELINI
ADVOGADA DA UNIÃO
AGU Procuradoria da União em SP

RECEBIMENTO

Em 22 JUN. 2011, recebi estes autos da
Advocacia Geral da União - AGU.

Eu, [assinatura], subscrevo.
Anal. / Téc. Jud. RF 5.807.



Processo No. 0017604-70.2009.403.6100

Nos termos da assentada de fls. 429, fica a assistente simples ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC intimada da abertura do prazo de dez dias para apresentação de seus memoriais.

Sao Paulo 22 de 06 de 2011


CILENE SOARES
Diretor(a) da secretaria



CLAGU
02728



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

EXCELENTÍSSIMO(A) SENHOR(A) DOUTOR(A) JUIZ(A) FEDERAL DA
03ª VARA DA SEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO

JFSP-FORUM CIVEL-SPI
08/06/2011 17:18 h
Prot. 2011.000139003-1
0017604-70.2009.4.03-6100
[C/ AGU] [3a. J. CIVEL]
Juntada-JFSP 28/06/11
RF: 1124 Rubrica: _____

AÇÃO CIVIL PÚBLICA
Processo n.º 2009.61.00.017604-0
Autor: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Ré: União Federal

A UNIÃO, por seus advogados infra-assinados, vem, respeitosamente, à presença de V. Exa., nos autos do processo em epígrafe, em atenção a r. decisão de fls. 429/430, apresentar MEMORIAIS, nos seguintes termos:

Pretende a União, ratificando todos os termos de sua manifestação preliminar de fls. 70/107 e da contestação de fls. 148/178, bem como através dos depoimentos feitos em audiência, demonstrar a improcedência da presente ação. Senão vejamos:

I. BREVE RESUMO DA LIDE

Cuida-se, na espécie, de Ação Civil Pública cumulada com pedido de antecipação de tutela, visando a condenação da União à obrigação de fazer, consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados em locais de atendimento ao público nos prédios públicos da União, no Estado de São Paulo.

Afirma a parte autora, em sua inicial, que fora instaurado na Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, o procedimento administrativo n.º 1.00.000.001411/2007-41 para apurar



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

a notícia de ostentação de símbolo religioso afixado em locais proeminentes e de ampla visibilidade dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, a partir de representação protocolizada pelo cidadão Daniel Sottomaior Pereira, o qual afirma ter se sentido ofendido com a presença de um crucifixo na sede do citado órgão público.

Sustenta, ainda, que a conduta de afixar símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade nas repartições públicas não respeitaria o princípio da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, bem como o princípio da imparcialidade da Administração Pública e do princípio processual da imparcialidade do Poder Judiciário.

Afirma ser, o ato em questão, ofensor do disposto no artigo 5º da Constituição Federal, do artigo 20 da Lei 7.716/89 (trata do ilícito penal de induzimento ou incitação a discriminação ou preconceito de religião), além de atentar contra o artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao artigo 2º, 3º e 4º da Declaração sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções¹.

Nesse sentido, destaca como também ofendido o Pacto de São José da Costa Rica (Convenção Americana de Direitos Humanos), o qual versa em seu artigo 12 sobre a liberdade de consciência e de religião.

Quanto aos princípios constitucionais, enumera como feridos, a laicidade (art. 19, inciso I, da CF), a impessoalidade, e a moralidade, além da imparcialidade do Poder Judiciário.

Instada a manifestar-se, no prazo de 72 horas, nos termos do artigo 2º da Lei n 8437/92, a União demonstrou, às fls. 70/107, a impossibilidade da concessão da tutela requerida, conforme os fundamentos que ora se reitera, nos seguintes termos:

Com efeito, no presente caso não há que se falar em qualquer violação a direito defendido pelo requerente, nem fundado receio de dano irreparável ou de difícil reparação, o que afasta completamente a presença dos requisitos exigidos pelo artigo 273, *caput*, do CPC (a verossimilhança da alegação e o perigo de dano irreparável).

Ainda que o Requerente queira obter, desde logo, a providência que pleiteia em juízo, é importante que lembremos que tal pretensão deve se submeter aos requisitos exigidos pela norma

¹ Proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas a 25 de novembro de 1981 – Resolução 36/55.



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

de regência – o art. 273, do CPC, antes citado – requisitos estes que não se encontram configurados nesta demanda.

E no caso em tela, não há dano irreparável na presença de símbolos religiosos em locais de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo, tampouco urgência em sua retirada.

Ora, tais símbolos estão presentes em repartições públicas há séculos, o que bem demonstra a ausência da urgência necessária à concessão da tutela antecipada requerida.

Assim, após a manifestação prévia da União, a MM.^a Juíza, às fls. 108/113, com muita propriedade, indeferiu a medida liminar pleiteada, fundamentando seu entendimento nos seguintes termos:

“Observo que a laicidade de nosso país não é novidade da Constituição Federal de 1988. Antes mesmo da promulgação da Constituição Federal de 1891, o Decreto n. 119-A, de 07/01/1890, determinava a separação entre Igreja e Estado. A Constituição da República de 1891 elevou a laicidade a princípio constitucional que foi reproduzido em todas as Constituições do Brasil que lhe sucederam (1934, 1937, 1946, 1967/69 e 1988).

Segundo os ensinamentos de nossos doutrinadores, o Estado laico não deve ser entendido como uma instituição anti-religiosa ou anti-clerical. Na realidade o Estado laico é a primeira organização política que garantiu a liberdade religiosa. A liberdade de crença, a liberdade de culto e a tolerância religiosa foram aceitas graças ao Estado laico e não como oposição a ele. O Estado laico pode ser definido como a instituição política legitimada pela soberania popular em que o poder e a autoridade das instituições do Estado vêm do povo, tal conceito está intimamente ligado à democracia e ao respeito dos direitos fundamentais.

Assim sendo, a laicidade não pode se expressar na eliminação dos símbolos religiosos mas na tolerância aos mesmos. Em um país que teve formação histórico-cultural cristã é natural a presença de símbolos religiosos em espaços públicos, sem qualquer ofensa à liberdade de crença, garantia constitucional, eis que para os agnósticos ou que professam crença diferenciada, aquele símbolo nada





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

representa assemelhando-se a um quadro ou escultura, adereços decorativos.

Entendo que não ocorre a alegada ofensa à liberdade de crença, que significa a liberdade de escolha de religião, de aderir a qualquer seita religiosa ou a nenhuma, que não há ofensa à liberdade de culto e nem à liberdade de organização religiosa, garantias previstas no artigo 5º, inciso VI.

A laicidade prevista no artigo 19, inciso I da Constituição Federal, veda à União, Estados, Distrito Federal e Municípios estabelecer cultos ou igrejas, subvencioná-las, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com elas ou seus representantes relação de dependência ou aliança, previsões que não implicam em vedação à presença de símbolos religiosos em órgão público.

Também não ocorre ofensa ao princípio da impessoalidade da Administração Pública eis que não há detrimento ou favoritismo a grupos ideológicos quando todos são tratados com justiça sem ser obrigados a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.

Ressalto que o princípio da imparcialidade do julgador representa a consagração do dever de aplicar objetivamente o direito ao caso concreto e que o juiz seja subjetivamente imparcial, isto é, estranho à causa e às partes.

Tal princípio é, diariamente honrado em nossos Tribunais e de que é modelo exemplar o Colendo Supremo Tribunal Federal, no caso emblemático, ora lembrado por ser mais recente, do julgamento da liminar relativa à Arguição de descumprimento de preceito fundamental 54-8-DF. Vale lembrar que esta Egrégia Suprema Corte entende por bem manter um crucifixo em pau-brasil, obra de arte de Alfredo Ceschiatti, manifestação cultural, forjada pela tradição.

Peço vênias para reportar-me a um dos inúmeros fundamentos do R. voto do Conselheiro Oscar Argollo prolatado no julgamento dos pedidos de providências junto ao CNJ já retro referidos, "in litteram":

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

468
L

Tribunal de Justiça não torna o Estado - ou o Poder Judiciário - clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF. art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade. Por outro lado, não há, data venia, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável. O estudo dos costumes, a ética (g. ethos), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído através dos tempos e distingue os valores e atribui a idéia de comportamento autorizado ou repudiado. O costume (l. consuetudo), como fonte é regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Aliás, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica (...). Portanto, se costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos. E não podemos ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representa qualquer submissão ao Poder clerical.

Por fim, inobstante o Preâmbulo da Constituição Federal não ter força normativa (como já decidiu o E. STF - Pleno - ADIN nº 2076/AC - Rel. Min. Carlos Velloso - 15/08/2002 - Informativo STF nº 277) o Preâmbulo de nossa Constituição Federal é definido como documento de intenções da Lei Maior, representando a proclamação de princípios que demonstra suas justificativas, objetivos e finalidades, servindo de fonte interpretativa para dissipar as obscuridades das questões práticas e de rumo para o governo e a sociedade. As Constituições brasileiras, com exceção da Constituição Republicana de 1891 e a de 1937, invocaram em seus preâmbulos, expressamente, a proteção de Deus. A nossa





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Constituição Federal tem seu preâmbulo assim expresso:

‘Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL’

Desta forma, o legislador constituinte, invocando a proteção de Deus ao promulgar nossa Constituição Federal, demonstrou profundo respeito ao justo para conceber a sociedade justa e solidária a que se propôs. Com tais fundamentos entendendo neste exame preliminar, através deste meio de controle difuso, não ocorrer a alegada ofensa aos princípios constitucionais mencionados na exordial e indefiro a medida liminar pleiteada” (grifamos).
(decisão de fls. 108/113)

A seguir, em sede de contestação, às fls. 148/178, a União demonstrou a improcedência da ação proposta, nos fundamentos, que ora se reitera.

Aberta a fase instrutória, este Juízo acolheu o pedido de designação de audiência para oitiva das testemunhas arroladas pelo Autor do feito, o Ministério Público Federal.

Terminada a instrução, foi aberto prazo para apresentação de alegações finais.

II. DAS ALEGAÇÕES FINAIS DA UNIÃO

Como já ressaltado pela União em sua contestação, o Brasil tinha uma religião oficial – a católica – até a Constituição do Império,² como se lê no art. 5.º, da antiga Carta Imperial:

² CASTRO, Araújo. *A Constituição de 1937*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003, p. 272.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

469
L

"Art. 5. A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo" (destacamos).

Pois bem: já nos primeiros dias do Governo Provisório republicano, em consonância com seu ideário e com a doutrina de Thomas Jefferson,³ foi editado o Decreto n.º 119-A, de 7 de janeiro de 1890, que *"prohíbe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providências"*.

Foi naquele decreto, de 120 (cento e vinte) anos atrás, que surgiu a separação entre o Estado Brasileiro e uma religião oficial, por ter o art. 1.º do decreto determinado que *"É proibido á autoridade federal, assim como á dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a (...)"*.

Sequer *novo* é o pedido feito nesta ação, pois bem antes (em 2007) o Conselho Nacional de Justiça analisou requerimento semelhante - embora adstrito a imagens religiosas ostentadas em nossos Tribunais (Pedidos de providência n.º 1344, PP 1345, PP 1346 e PP 1362). Na ocasião, como se verá, foi reconhecida a legitimidade da permanência de tais símbolos nas cortes de nosso país.

É o caso do pedido do *parquet*, que já foi rechaçado pelo CNJ há dois anos, quando o Conselho enfrentou o tema da presença de crucifixos em Tribunais após uma série de pedidos de providência da Organização não-governamental "Brasil para Todos", que pleiteava a retirada dos objetos das dependências de órgãos do Poder Judiciário.

Naquela ocasião, o CNJ entendeu que os objetos seriam símbolos da cultura brasileira e que não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário. Confira-se:

"Pedido para que se determine aos tribunais a retiradas de crucifixos dos plenários e salas

³ MAXIMILIANO, Carlos. *Comentários à Constituição Brasileira de 1891*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 220 e ss.



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Pedido de Providências. Pretensão de que se determine aos Tribunais de Justiça a retirada de crucifixos afixados nos Plenários e salas.

Alegação de que a aposição de símbolos fere o art. 19, inciso I da CF/88 – Manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado – ou o Poder Judiciário – clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF, art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, data vênia, no ordenamento jurídico pátrio, qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de Órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável” (grifamos)

(CNJ – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 – Rel. Cons. Oscar Argollo – 14.ª Sessão Extraordinária – J. 06.06.2007-0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator).

Pela pertinência, merece ser citado o voto condutor da decisão daquele I. Conselho:

“VOTO:

Duas teses razoáveis parecem emergir da matéria, relativamente à existência de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos: a) seriam símbolos meramente culturais e tradicionais, ou que expressariam a religiosidade do povo, sem comprometimento da liberdade de religião ou afronta ao Estado laico; b) indicariam preferência por determinada confissão religiosa, em detrimento das demais, violando os princípios do laicismo do Estado brasileiro (separação do Estado e da Igreja, art. 19, I, da CF-88) e a liberdade de religião.

Convenci-me da relevância da questão, merecendo deliberação deste CNJ, mercê de sua competência constitucional. O tema tem sido objeto de estudos, principalmente dos constitucionalistas.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

A presença de símbolos religiosos foi objeto de decisão de cortes supremas em alguns países. Nos Estados Unidos, conhecida é a decisão da Suprema Corte de 1989 sobre a inconstitucionalidade da instalação de um presépio instalado nas escadarias de um tribunal. Igualmente, em 1995, a Corte Constitucional alemã julgou caso envolvendo a afixação de crucifixo em órgão público, enfrentando o problema do alcance do laicismo.

No Brasil, O STF julgou caso sobre a reprodução ou não de invocação de Deus no preâmbulo de Constituição estadual (ADIn 2076- 5/AC), mas ainda não sobre a existência de símbolos religiosos em órgãos públicos.

O estado da arte, assim sumariado, não aponta para fácil deslindamento.

Voto, pois, no sentido de o CNJ determinar abertura de audiência pública, para que, no prazo de dois meses, quaisquer interessados possam oferecer subsídios que favoreçam a formação de marco conceitual mais amplo.

**DECLARAÇÃO DE VOTO
O EXMO. SR. CONSELHEIRO
OSCAR ARGOLLO:**

Já mencionei - *pedido vênia aos eminentes Conselheiros* - sobre a distinção que faço entre o interesse público primário e o interesse público secundário.

O primeiro decorre da vontade da sociedade, expressão dos direitos individuais; enquanto o segundo está afeto as questões relativas às vontades das pessoas jurídicas de direito público.

Data maxima venia, não seduz atualmente o argumento de que havendo certo 'interesse público', ele deve prevalecer sobre os interesses individuais. O objetivo ao invocar uma pretensa proteção para algo "que é de todos" e que não pertence a ninguém em particular é uma articulação falaciosa.

O interesse público, de modo geral, em sua essência (*lato sensu*), deve ser dirigido a defesa dos direitos individuais predominantes, ainda que tais direitos individuais sejam tratados coletivamente. É a exata





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

situação que se apresenta nos autos do presente processo.

O critério para a identificação do direito coletivo (*lato sensu*) apontado pelo Requerente como violado - *aqui viabilizado pela legitimidade postulatória para arguir sobre um pretensão interesse público, cuja competência e iniciativa para legislar a respeito pertencem a Poder Diverso* - não reside no mero exame do assunto abstratamente considerado, mas na apreciação da norma jurídica que aponta violada: o inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal.

A propósito, urge dizer que o povo brasileiro, por intermédio do Poder Legislativo, mediante Constituição Federal promulgada e vigente, concedeu ao Estado o objetivo fundamental de assegurar a toda sociedade o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar e a justiça - *figura essa aqui representada pela ação do Estado através do Poder Judiciário* - como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social, buscando construir uma coletividade livre, justa e solidária, onde todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantida a inviolabilidade do direito a liberdade, pois ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei, sendo inviolável a liberdade de consciência e de crença.

A cultura e tradição - fundamentos de nossa evolução social - inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc...

São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado - ou o Poder Judiciário -





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF. art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, *data venia*, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável.

O estudo dos costumes, a ética (*g. ethos*), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído através dos tempos e distingue os valores e atribui a idéia de comportamento autorizado ou repudiado.

O costume (*l. consuetudo*), como fonte e regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Alias, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica.

O costume de expor, eventualmente, em dependências ou ambiente de órgão público a imagem de um crucifixo corresponde, sem embargos, a uma necessidade jurídica, de acordo com as homenagens devidas a Justiça. Trata-se de representação, ainda que religiosa, do respeito devido àquele local. O crucifixo é um símbolo que homenageia princípios éticos e representa, especialmente, a paz. Afinal, a luta pelo Direito é o meio para alcançar a Paz, conforme ensinou Ihering em seu famoso opúsculo proferido em Viena em 1872.

O simbolismo nada mais é se não a representação concreta de um conceito abstrato, a transformar símbolos em fenômenos visíveis de alguma idéia. É a idéia sob a forma de imagem, de tal forma que a idéia age permanentemente sobre imagem,





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

tornando-a um símbolo da mera representação de uma idéia. Nada mais, nada menos.

O Estado laico tem a noção de liberdade de crença como um comportamento derivado da liberdade de consciência, patrimônio da liberdade interna do indivíduo:

Assim é que, o indivíduo, no Estado laico, tem absoluta autonomia, ou seja: pode ser ateu, agnóstico, ou optar por uma religião, ou não.

Há, portanto, plena autonomia privada, cabendo ao Estado proibir a coação: a chamada imunidade de coação.

Estado não tem o direito de se imiscuir nos costumes e tradições reconhecidos moralmente pela sociedade.

Portanto, se costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos.

E não podemos ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representa qualquer submissão ao Poder clerical.

A manifestação cultural, forjada pela tradição, de exposição de crucifixo em dependência ou ambiente de Tribunal de Justiça, como elemento representativo do interesse público secundário (*vontade do órgão público*), tem exemplo na sala do Plenário do Excelso Pretório, quando se vê, ao fundo, no painel construído em mármore bege-bahia, pelo artista plástico Athos Bulcão; acima do escudo de armas brasileiro, um crucifixo confeccionado em pau-brasil, obra de Alfredo Ceschiatti.

No campo do direito administrativo, merece observação um julgado do Colendo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, *in verbis*:

'EMENTA: Mandado de Segurança - Autoridade coatora - Presidente da Assembléia Legislativa do Estado - Retirada de crucifixos da sala da Presidência da Assembléia, sem aquiescência dos deputados - Alegação de violação ao disposto no artigo 5º inciso VI da Constituição da República - Inadmissibilidade -





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Hipótese em que a atitude do Presidente da Assembléia é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso – Carência decretada.

Na hipótese, não ficou demonstrado que a presença ou não de crucifixo na parede seja condição para o exercício de mandato dos deputados ou restrição de qualquer prerrogativa. Ademais, a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição da Mesa da Assembléia (artigo 14, inciso II, Regulamento Interno), ou seja, de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República. (Relator: Des. Rebouças de Carvalho - Mandado de Segurança n. 13. 405-0 - São Paulo, j. em 02.10. 91)'.
452
l

Com efeito, conforme se depreende do aludido decisum, "...a presença ou não de crucifixo na parede, ... ou a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição ... de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República". Vale dizer: o fato não constitui violação a qualquer direito individual ou coletivo, posto que a 'hipótese ... é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso'".

Afigura-se, ademais disso, no referido julgado, a prevalência do artigo 99 da Constituição Federal: "Ao Poder Judiciário é assegurada autonomia administrativa ...". Não cabe, pois, ao Egrégio Conselho o controle administrativo sobre a exposição e disposição de objetos ou símbolos religiosos nas dependências dos Tribunais de Justiça face a autonomia administrativa que possuem.

A matéria dos autos, produto de vetusta e ultrapassada discussão, agora repristinada, não merece guarida, eis que a redação do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal, apenas veda a União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público, previsões que não implicam em vedação para a exposição de símbolo





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

religioso em ambiente de órgão público, ou que a exposição faz o Estado se tornar clerical.

Ainda, no campo do direito administrativo há aqueles que aludem sobre a presença de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos como sendo uma apropriação indevida do espaço público por interesses privados, porque o interesse particular pode fazer tudo que a lei não proíbe, mas a Administração Pública só pode fazer aquilo que a lei determina.

No particular, *data maxima venia*, entendo que a interpretação não tem lugar, porque não há no ordenamento qualquer norma jurídica vigente que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estado laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei" (CF. art. 5º, II).

Observe-se o ilustrado Celso Ribeiro Bastos quando preleciona que:

*'A liberdade de organização religiosa tem uma dimensão muito importante no seu relacionamento com o Estado. Três modelos são possíveis: fusão, união e separação. O Brasil enquadra-se inequivocadamente neste último desde o advento da República, com a edição do Decreto 119-A, de 17 de janeiro de 1890, que instaurou a separação entre a Igreja e o Estado. O Estado brasileiro tornou-se desde então laico.'*⁴

Tenho, portanto, que há muito vivemos num Estado laico, desde 1890, sem estabelecer, subvencionar, embaraçar, ou de alguma forma se associar com qualquer culto religioso, exatamente nos termos do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal. Aliás, em meados do mesmo século XIX, em Portugal ocorreu experiência semelhante, decerto mais radical, mais viva, dada a cultura então vigente.

O insuspeito historiador e pensador português Alexandre Herculano, feroz combatente do Estado clerical, distinguiu muito bem a situação, afirmando,

⁴ Celso Ribeiro Bastos. *Curso de Direito Constitucional*. 17 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1996, p. 178.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

com toda pertinência; que o interesse individual contido na cultura de uma sociedade não afeta ou viola qualquer tipo de interesse coletivo, sobretudo quando - *aqui, aludindo a presença do simbolismo - o fato "não perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros"*.

Por assim ver, na medida em que não vislumbro a invocada inconstitucionalidade na prática apontada, muito menos qualquer ilegalidade, dada a ausência de norma jurídica específica em vigor, contendo obrigação de fazer ou de não fazer, considerando que o interesse público primário (*a sociedade*, por sua legítima representação, o Poder Legislativo, nenhuma norma jurídica expediu sobre a matéria, e assim, por entender que essa matéria não se comporta no controle exercido pelo Egrégio Conselho, sendo de competência única, exclusiva, interna e totalmente autônoma dos Tribunais de Justiça, detentores do interesse público secundário; e por considerar que a presença de um símbolo religioso, in casu o crucifixo, numa dependência de qualquer órgão do Poder Judiciário não viola, agride, discrimina ou, sequer, "perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros" (sic), são razões para não acolher a pretensão.

Pedindo vênia, ao eminente Conselheiro Relator, ouse discordar da proposta, para dispensar qualquer Consulta Pública - *até porque, a meu juízo, inócua, face à cultura cristã brasileira* - para votar, no mérito, no sentido da total improcedência da pretensão" (grifamos).

Percebe-se, portanto, que a mesma questão aqui trazida foi submetida ao CNJ, tendo aquele Conselho entendido por legítima a ostentação de símbolos religiosos nas repartições públicas mencionadas.

O mesmo raciocínio, por óbvio, há que ser empregado em relação a outros prédios públicos, de onde se vê que não há o perigo do dano na presença dos símbolos religiosos em seus locais de exposição, desmerecendo acolhida o argumento da parte autora de que "*inúmeras pessoas se dirigem aos prédios da União (...) e tem sua liberdade de crença ofendida diante da ostentação pública de símbolos religiosos não relacionados com a fé que professam*".

E as argumentações da União foram confirmadas pelos depoimentos das testemunhas arroladas pelo parquet.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Ressalte-se, aliás, que a própria testemunha do MPF e que foi o Autor da representação que deu origem a esta ação (CF. FL. 277, V.º), o Sr. DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA (Presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos, e contraditado pela União na audiência), reconheceu o que foi afirmado pelo CNJ, ou seja, que a mera presença dos símbolos religiosos não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário.

É o que se lê de seu depoimento:

"Que não houve qualquer manifestação explícita no sentido de que a existência de símbolos religiosos afetaria a qualidade das decisões judiciais.

Que pode dizer que o sentimento de algumas pessoas é que isso poderia afetar na imparcialidade das decisões.

Que reconhece que na maioria das vezes os símbolos já se encontravam nos prédios públicos quando os atuais servidores vieram neles trabalhar" (destacamos).

(trecho do depoimento do Sr. DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA)

Do mesmo modo se posicionou a testemunha Daniel Checcio, para quem

"A presença do símbolo nunca mudou o trabalho ou o humor do funcionário público trazendo sequer nenhum prejuízo às suas funções".

E outras testemunhas também reconheceram expressamente o que já tinha sido ressaltado pelo CNJ, ou seja, que o uso de símbolos religiosos – mais especificamente crucifixos – faz parte da cultura popular, sendo um costume de profundas raízes.

É o que se percebe nos depoimentos dos Senhores Jamil Rachid, Daniel Checcio e Alcionei Miranda Feliciano:

"Que é Sacerdote Baborixá da Umbanda e do Candomblé. Que possui a maior graduação na hierarquia religiosa de sua missão (...)

Que a Umbanda utiliza o sincretismo dos símbolos religiosos em seus cultos e que na posição da testemunha e da maioria dos que professam a



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

mesma fé, a existência desses símbolos, tais como o crucifixo, é uma questão de tradição, sendo que são contrários à retirada dos mesmos dos ambientes públicos.

(...)

Que sabe dizer que o Brasil é um Estado laico. Que acredita que se fosse realizado um levantamento, a maior parte da população brasileira, cerca de 80%, se posicionaria contra a retirada de símbolos religiosos de repartições públicas.

Que lembra a imagem de Padre Cícero, adorada por milhões de pessoas no Nordeste do Brasil"
(grifamos)

(trecho do depoimento do Sr. Jamil Rachid)

"Apesar de aparentemente não ter qualquer ligação, um local do Estado, que é laico em sua natureza, conter dentro das suas dependências um símbolo religioso em si, o que é importante entender neste momento é que a cultura de um povo é que o legitimou a estar ali, pois a Nação brasileira não é laica e sim profundamente religiosa em sua maioria, o que precisa-se observar é qual o objetivo dos que levam para locais tão respeitosos da nossa sociedade símbolos religiosos que os mesmos tem em suas casas ou carregam no peito, senão uma fonte de inspiração à justiça, verdade, esperança, superação, tolerância e praticas de boas obras.

Quantos réus não entram em júri aspirando isto tudo?" (destacamos).

(trecho do depoimento do Sr. Daniel Checcio)

"O depoente defende a retirada dos símbolos religiosos. Postou no Facebook que viria prestar este depoimento e pediu opiniões. Vieram ofensas, xingamentos, até e-mails particulares com ofensas. O depoente se sente perseguido pelo fato de ter esta postura. Essas pessoas defendem a manutenção do crucifixo porque, para eles, é sinal de amor, paz, tolerância. Apenas um advogado defendeu a laicidade do Estado. Recebeu, mais ou menos, umas trinta respostas, em menos de 48 horas" (grifamos).

(trechos do depoimento do Sr. Alcionei Miranda Feliciano).





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Esse aspecto cultural dos símbolos religiosos foi amplamente discutido pelo mundo, e também nas assembleias constituintes de 1946 e 1988, no Brasil.

Nos Estados Unidos da América, onde Thomas Jefferson traçou o famoso preâmbulo do *Ato para Estabelecer a Liberdade Religiosa* (doutrina que fundamentou o nosso Decreto n.º 119-A/1889 e o art. 11.º, §2.º, da Constituição Brasileira de 1891), a Corte Suprema local chancelou a colocação de símbolos religiosos em espaços públicos.

O *leading case* se deu em 1984,⁵ no julgado *Lynch v. Donnelly*, em que a Suprema Corte americana afirmou a constitucionalidade da colocação de um presépio com as figuras de Jesus, Maria e José em um parque municipal da cidade de Pawtucket, Estado de Rhode Island.⁶

Na fundamentação da decisão, a Suprema Corte americana se ateve à impossibilidade de total separação entre o Estado e a religiosidade, a história e a cultura de seu povo, reconhecendo que em diversos outros aspectos a vida dos americanos estava ligada a tradições de origem religiosa (como os feriados religiosos, os dizeres religiosos das notas e moedas de dólar, etc.), sem que isso significasse uma ofensa à separação entre o Estado e a Igreja.

É o que se vê no seguinte trecho do julgado:

"Our history is replete with official references to the value and invocation of Divine guidance in deliberations and pronouncements of the Founding Fathers and contemporary leaders.

Beginning in the early colonial period long before Independence, a day of Thanksgiving was celebrated as a religious holiday to give thanks for the bounties of Nature as gifts from God.

(...)

Executive Orders and other official announcements of Presidents and of the Congress have proclaimed both Christmas and Thanksgiving National Holidays in religious terms.

And, by Acts of Congress, it has long been the practice that federal employees are released from

⁵ Cf. STERNICK, Daniel. "Crucifixos e Tribunais: sobre o problema dos símbolos religiosos no espaço público brasileiro". Departamento de Direito – PUC - Rio. 2007.

⁶ Disponível na internet: http://www.belcherfoundation.org/lynch_v_donnelly.htm





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

duties on these National Holidays, while being paid from the same public revenues that provide the compensation of the Chaplains of the Senate and the House and the military services. See J. Res. 5, 23 Stat. 516. Thus, it is clear that the Government has long recognized--indeed it has subsidized--holidays with religious significance.

Other examples of reference to our religious heritage are found in the statutorily prescribed national motto "In God We Trust," 36 U.S.C. [sec.] 186, which Congress and the President mandated for our currency, see 31 U.S.C. [sec.] 5112(d)(1) (1982 ed.), and in the language "One nation under God" as part of the Pledge of Allegiance to the American flag. That pledge is recited by many thousands of public school children--and adults--every year" (destacamos).⁷

Em outra ocasião, a Suprema Corte americana decidiu que não havia inconstitucionalidade na permanência de um monumento com a inscrição dos Dez Mandamentos nas dependências do Congresso do Estado do Texas, pois a despeito da mensagem religiosa, o contorno fático e social da situação do monumento mostrava que o objeto exalava uma mensagem moral secular, dentre outros significados culturais.⁸

Ainda sobre o tema, merece ser destacado que a Corte Europeia de Direitos Humanos decidiu recentemente que os crucifixos podem permanecer nas escolas públicas e que o mesmo não é apenas um símbolo religioso mas *"representa os princípios e valores que formaram os alicerces da democracia e da civilização ocidental, e que sua presença nas classes é justificável a este respeito"*.

Tal julgamento foi noticiado na mídia mundial, conforme extrato obtido na internet:

"Corte europeia: Crucifixos permanecerão nas escolas públicas
ESTRASBURGO, 18 Mar. 11 / 01:51 pm (ACI)

⁷ LYNCH V. DONNELLY (1984) - United States Supreme Court - LYNCH V. DONNELLY - 465 U.S. 668, 104 S.Ct. 1355 (1984) - No. 82-1256. - Argued Oct. 4, 1983. - Decided March 5, 1984. - Rehearing Denied - May 14, 1984.

⁸ *"Despite the Commandments' religious message, an inquiry into the context in which the text of the Commandments is used demonstrates that the Commandments also convey a secular moral message about proper standards of social conduct and a message about the historic relation between those standards and the law"* (SUPREME COURT OF THE UNITED STATES - VAN ORDEN v. PERRY, in his official capacity as GOVERNOR OF TEXAS and CHAIRMAN, STATE PRESERVATION BOARD, et al. - CERTIORARI TO THE UNITED STATES COURT OF APPEALS FOR THE FIFTH CIRCUIT - No. 03-1500. Argued March 2, 2005- Decided June 27, 2005, disponível na internet: <http://www.law.cornell.edu/supct/html/03-1500.ZS.html>).





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

A Corte Europeia de Direitos humanos com sede em Estrasburgo decidiu, hoje, em uma sentença inapelável, que os crucifixos podem permanecer nas escolas públicas.

Esta sentença foi promulgada logo depois da posição favorável aos crucifixos na Itália e na Áustria, após sentenças da Corte Suprema de Cassação, no primeiro caso, e da Corte Constitucional, no segundo. Com a resolução de hoje a Corte Europeia estabelece que não existe violação do artigo 2 do protocolo N° 1 (direito à educação) da Convenção Europeia de Direitos humanos.

Este artigo se refere à obrigação do estado, 'no exercício de suas funções em relação à educação, a respeitar o direito dos pais de educar os seus filhos de acordo às suas convicções religiosas e filosóficas'. A sentença da Corte indica que 'embora o crucifixo seja acima de tudo um símbolo religioso, não há evidência para a Corte de que sua exposição em uma parede de uma sala de aula influencie os alunos'.

'Além disso - diz a resolução - embora se compreenda que a demandante tenha visto que esta exposição do crucifixo nas salas de aula à que assistiam suas filhas como uma falta de respeito do Estado a seu direito de educar conforme suas próprias convicções filosóficas, sua percepção subjetiva não foi suficiente para estabelecer uma violação do artigo 2 do protocolo 1'.

A sentença também recorda que o governo italiano explicou em sua apelação que 'a presença dos crucifixos nas escolas públicas corresponde a uma tradição que consideram importante perpetuar'. Do mesmo modo, as autoridades da Itália ressaltaram que o crucifixo não é apenas um símbolo religioso mas representa os princípios e valores que formaram os alicerces da democracia e da civilização ocidental, e que sua presença nas classes é justificável a este respeito.

A Corte Europeia de Direitos humanos aceitou a apelação apresentada pelo governo da Itália no 28 de janeiro de 2010, logo depois de que em novembro de 2009 decidira que os crucifixos não deviam estar nas salas de aula das escolas.

A resolução de novembro de 2009 dava razão a uma mãe de família de duas alunas que alegava que os crucifixos 'não correspondiam' à forma que suas filhas deveriam ser educadas.

Diante desta decisão, o governo da Itália defendeu a presença dos crucifixos nas salas de aula dos





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

colégios públicos, como um símbolo que representa as raízes cristãs do país" (grifamos).
(<http://www.acidigital.com/noticia.php?id=2137>)

Seguindo um raciocínio semelhante, pode-se dizer, acompanhando o nosso CNJ, que os crucifixos e imagens são não uma prova da religião do Estado, *mas sim da cultura de nosso povo*.

É o que nos lembra o Subprocurador-Geral da República Francisco Adalberto Nóbrega, que em monografia específica sobre Deus na Constituição escreve que "*o Brasil despontou no cenário internacional, imerso num universo de valores religiosos*" sob o manto da expansão comercial portuguesa e do dilargamento da cristandade, com o que

"Essa diáde instalada no espírito cristão do Velho Mundo, inspiradora dos navegantes portugueses e que se há de ter sempre presente, para um apropriado entendimento da realidade de histórica de então.

Imerso nessa realidade cultural e religiosa, era de se esperar que o Brasil, no dealbar de sua soberania, se encontrasse sob forte inspiração espiritualista. Esse foi um dos legados da lusitana gente" (grifamos).⁹

E lembrando ainda como antigo é esse debate (a afastar inclusive a "urgência" da antecipação da tutela), podemos nos recordar dos debates havidos quando da elaboração da Constituição Brasileira de 1946, especialmente em relação à colocação (ou não) da saudação a Deus no preâmbulo da Carta Magna.

À época, o deputado Caires de Brito, do Partido Comunista, tinha apresentado uma emenda eliminando a invocação de Deus do início da Constituição. Contrapondo-se a tal emenda, Gilberto Freire, o famoso sociólogo pernambucano, esclareceu que, *por questões culturais e sociológicas, "é natural que a Constituição de um povo como o brasileiro, seja no seu espírito e na sua forma cristã ou católica e não anticristã ou acatólica"*.¹⁰

Quando da votação da atual Constituição de 1988 foi apresentada emenda semelhante, visando retirar o nome de Deus do preâmbulo constitucional.

Rejeitada a emenda por 74 (setenta e quatro) votos contrários e apenas 1 (um) favorável, é de se destacar a posição

⁹ NÓBREGA, Francisco Adalberto. *Deus e Constituição: a tradição brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 15.

¹⁰ NÓBREGA, Francisco Adalberto, *op. cit.*, p. 31-33.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

do deputado comunista Roberto Freire, que, em declaração de voto, posicionou-se contrariamente à retirada do nome de Deus do preâmbulo, ressaltando "não querer desrespeitar um sentimento deísta e religioso do povo brasileiro", como nos informa Francisco Adalberto Nóbrega.¹¹

De fato, há a religião e há a cultura, sendo certo que, como esclarecido pelo CNJ, os objetos em questão são símbolos da cultura brasileira, não interferindo na imparcialidade e na universalidade da Administração Pública.

E embora a intenção desta ação seja a de tentar proteger a liberdade de religião, a aceitação do pedido veiculado nesta demanda produziria o efeito oposto, qual seja, a de termos um comando aniquilando a liberdade de religião, criando-se não um Estado laico, mas sim um Estado em oposição à religião, em clara afronta à nossa Carta Magna e aos tratados e convenções internacionais sobre a liberdade de crença e religião.

Para que possamos entender a dimensão do acolhimento do pedido do Autor, é importante que nos lembremos da lição de Jorge Miranda, que em seu Manual de Direito Constitucional esquematiza da seguinte maneira as possibilidades de relação entre o Estado e a religião¹²:

(i) Identificação entre Estado e religião (Estado confessional):

(i.i) com domínio do poder religioso sobre o poder político (teocracia)

(i.ii) com domínio do poder político sobre o poder religioso (cesaropapismo)

(ii) não identificação entre o Estado e religião (Estado laico):

(ii.i) com união entre Estado e uma confissão religiosa (religião de Estado)

(ii.i.i) união com ascendentes de um dos poderes sobre o outro – clericalismo (ascendente do poder religioso) ou regalismo (ascendente do poder político);

(ii.i.ii) união com autonomia relativa

¹¹ NÓBREGA, Francisco Adalberto, *op. cit.*, p. 34.

¹² MIRANDA, Jorge. *Manual de Direito Constitucional*. Tomo IV, 3.ª Ed. Coimbra: Coimbra Editora, 2000, p. 405-406.



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

(ii.ii) com separação

(ii.ii.i) separação relativa (com tratamento especial ou privilegiado de uma religião)

(ii.ii.ii) separação absoluta (com igualdade absoluta das confissões religiosas)

(iii) oposição do Estado à religião:

(iii.i) oposição relativa (Estado laicista)

(iii.ii) oposição absoluta (Estado ateu, ou de confessionalidade negativa)

Bem se vê, portanto, que quando a nossa Constituição veda ao Poder Público estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança (art. 19, I, da CF), a par de manter o Estado laico (isto é: sem religião oficial), ela tampouco está autorizando a proibição de qualquer manifestação de crença religiosa em todo o território nacional – ou seja: a nossa Carta Magna não impõe ao Estado o dever de se opor às religiões, nem obriga que o Poder Público proíba qualquer manifestação (ainda que cultural) ligada aos símbolos de natureza religiosa.

Se o pedido do *parquet* for acolhido, aí sim teríamos o Estado parcial, totalitário, em oposição absoluta à religião, impondo uma crença única a todos – a da proibição da fé livre.

De fato: para a União, a lide versa, em verdade, sobre a legitimidade (ou não) de se instalar, no Brasil, o totalitarismo do ateísmo com a proibição da fixação de símbolos religiosos (de qualquer religião) nas repartições públicas federais, com a impossibilidade da expressão de crença religiosa dos servidores que nelas trabalham.

Nesse sentido, mais do que oportuno citar as palavras de tolerância dadas nos depoimentos das testemunhas, que a União traz a estas alegações finais em contraponto à pretensão de intolerância com a religião que é veiculada nesta lide, originada em representação feita pelo Presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos:

A testemunha Daniel Checcio bem destacou que





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

"...prega a tolerância e o respeito a todas as crenças, sendo indiferente para sua fé e para suas concepções religiosas a existência de símbolos de outras religiões, seja em que locais forem".

Por sua vez, a testemunha Dom Odilo Pedro Scherer opinou que

"Que não crê que um determinado símbolo religioso possa ser ofensivo a quem não professa aquela fé, pois na atual condição de laicidade do Estado que contempla a pluralidade religiosa e não religiosa os cidadãos devem estar aptos a conviverem e tolerar as múltiplas expressões religiosas sem se sentirem ofendidos ou agredidos com isso" (destacamos).

De fato, nosso povo e nossa Constituição Federal não chancelam a intolerância, nem tampouco autorizam o pleito deste feito, baseado em representação do Presidente da Associação Brasileira dos Ateus e Agnósticos, de impor o totalitarismo da proibição de se professar a fé.

Afinal, a mesma Carta que veda que o Estado tenha uma religião (qualquer religião, ainda que seja a crença de que não há Deus) estipula a inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (art. 5.º, VI, da CF).

Desta forma, e como bem ressaltado pelo Conselho Nacional de Justiça, o comando do art. 19, I, da CF não implica em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a sua exposição torne o Estado clerical.

Não há, também, relata o CNJ, *"no ordenamento infralegal qualquer norma jurídica que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estado laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e 'ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei'" (CF. art. 5º, II)".¹³*

¹³ (CNJ) – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 – Rel. Cons. Oscar Argollo – 14.º Sessão Extraordinária – j. 06.06.2007 0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator).



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Daí não existir, tampouco, desrespeito aos valores consagrados no art. 37, *caput*, da Constituição Federal, pois a Administração Pública, *ao não proibir* o uso de objetos ligados à cultura brasileira ou que não têm sua ostentação vedada por lei, na verdade age com impessoalidade, moralidade e imparcialidade dela exigidas – pois o Poder Público, aqui, não estará perseguindo ninguém por acreditar numa religião, ou por ostentar um objeto da cultura religiosa ou tradicional a que pertença. Pelo contrário: a Administração estará tão-somente respeitando o direito à liberdade de fé garantido a todos os indivíduos em nosso país.

Nesse sentido, a União pede vênia para transcrever o entendimento da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, a qual se manifestou sobre o tema em questão, nos seguintes termos:

“O reconhecimento de que todos os seres humanos têm direitos e liberdades fundamentais inerentes à condição humana e, de que toda nação tem a obrigação de respeitar os direitos fundamentais de seus cidadãos, é, sem dúvida, uma imposição constitucional. Não obstante, essa idéia tenha há muito tempo surgido na história e no pensamento humano, a concepção de que os direitos fundamentais dos seres humanos constitua objeto de uma regulação por parte da Comunidade Internacional, isto é, o seu reconhecimento, desenvolvimento, preservação e responsabilização, emergiu somente após as terríveis violações dos direitos humanos pelos regimes totalitários Alemão, quando verificou-se o que fora o holocausto, e o Soviético.

Neste contexto, a liberdade religiosa é garantia constitucional deferida às pessoas tanto no âmbito internacional quanto no âmbito interno.

A Organização das Nações Unidas reconhece, com efeito, a liberdade religiosa nos termos do art. 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. *In verbis*:

ARTIGO 18. *Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância isolada ou coletivamente, em público ou em particular.*





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO

Para tornar esse dispositivo ainda mais claro, ONU editou a Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Baseadas em Religião ou Crença (Resolução n.º 36/55). *In verbis*:

'Art. 1º. Ninguém será sujeito à coerção por parte de qualquer Estado, instituição, grupo de pessoas ou pessoas que debilitem sua liberdade de religião ou crença de sua livre escolha.'

'Art. 6º. O direito à liberdade de pensamento, consciência, religião ou crença incluirá as seguintes liberdades:

h) observar dia de repouso e celebrar feriados, e cerimônias de acordo com os preceitos da sua religião ou crença.'

Neste sentido também é a Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), ingressa no sistema pátrio nos termos do Decreto n.º 678, de 06 de novembro de 1992, cujo art. 12, alínea 2, explicita:

'Artigo 12. Liberdade de Consciência e de Religião

2. Ninguém pode ser objeto de medidas restritivas que possam limitar sua liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças.'

Garante, ainda, o artigo 26 do Pacto dos Direitos Cívicos e Políticos:

'Artigo 26. Todas as pessoas são iguais perante a lei e têm direito, sem discriminação alguma, a igual proteção da lei. A este respeito, deverá proibir qualquer forma de discriminação e garantir a todas as pessoas proteção igual e eficaz contra qualquer discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento ou qualquer opinião.'

Afirme-se que os tratados internacionais acima referidos integram o ordenamento jurídico pátrio por força do disposto no § 2.º, do art. 5.º, da Constituição.

CONTEÚDO DA LIBERDADE RELIGIOSA





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

A liberdade religiosa traduz a necessidade de tolerância de diferentes práticas religiosas, consistindo no dever de abstenção do Estado (liberdade negativa) em se respeitar a expressão e o significado da liturgia religiosa em sua diversidade.

O art. 5º da Constituição que traz em seus incisos VI, VII e VIII, dispositivos que asseguram a liberdade religiosa.

Artigo 5º

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Os dispositivos suprarreferidos, reitere-se, garantem a não intervenção estatal na consciência religiosa do indivíduo. Nesse sentido, assevera o professor Maurício Scheinman¹⁴, *verbis*:

Foi no século III d.C que a expressão liberdade religiosa - libertas religionis - foi, provavelmente, utilizada pela primeira vez, por Tertuliano, advogado convertido ao cristianismo e que passou a defender a liberdade religiosa em face dos abusos do Império Romano. A liberdade religiosa é, como se sabe, um direito humano fundamental, assegurado pelas Constituições dos diversos Estados democráticos e, também, por importantes declarações e tratados internacionais de direitos humanos. Contudo, estamos tratando, até aqui, de apenas uma acepção da liberdade religiosa. Há pelo menos mais duas acepções que devem ser abordadas.

A liberdade religiosa comporta pelo menos três acepções: jurídica, teológica ou eclesiástica e bíblica.

No que se refere à liberdade religiosa na acepção jurídica, a mesma compreende, essencialmente, a

¹⁴ <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6896>



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

liberdade religiosa como um direito fundamental da pessoa humana.

Nesse sentido, Segundo Jorge Miranda, a liberdade religiosa ocupa o cerne da problemática dos direitos humanos.

Ora, no curso da história da humanidade, o direito à liberdade religiosa representa uma conquista extremamente recente. Pode ser identificada nas três fases da era dos direitos, mencionadas por Norberto Bobbio.

Segundo o autor italiano, os direitos humanos "nascem como direitos naturais universais, desenvolvem-se como direitos positivos particulares, para finalmente encontrarem sua plena realização como direitos positivos universais".

Como direito natural, a liberdade religiosa surgiu no século XVIII, com as primeiras declarações de direitos de 1776 (americana) e 1789 (francesa).

Como direito efetivamente tutelado, a liberdade religiosa surgiu com a Constituição Americana.

Como direito internacional, a liberdade religiosa surgiu no Segundo Pós-Guerra, com o desenvolvimento do sistema global de proteção aos direitos humanos ligado à Organização das Nações Unidas – ONU.

No mesmo sentido, Paulo Gustavo Gonet Branco:

"A liberdade de consciência ou de pensamento tem que ver com a faculdade de o indivíduo formular juízos e idéias sobre si mesmo e sobre o meio externo que o circunda.

O Estado não pode interferir nessa esfera íntima do indivíduo, não lhe cabendo impor concepções filosóficas aos cidadãos.

Deve, por outro lado, -eis um aspecto positivo dessa liberdade -, propiciar meios efetivos de formação autônoma da consciência das pessoas.⁴⁵

Infere-se das lições acima que a sociedade mais justa observa princípios fundamentais que norteiam a liberdade religiosa, entendida como a não interferência do Estado na consciência do indivíduo."

⁴⁵ Bramco, Gustavo Gonet, *Curso de Direito Constitucional*, p.457.





**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

Bem, se vê que todas essas argumentações demonstram a improcedência do pedido feito pelo Autor da ação.

III. DO REQUERIMENTO EXTEMPORÂNEO E EXTRA PETITA DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Em seus memoriais (fls. 437/439), o parquet requer não apenas a procedência do feito, mas também apresenta novo requerimento até então não feito nos autos, "aditando" a petição inicial em sede de alegações finais.

Eis o pedido feito pelo Ministério Público:

"Ante o exposto, o Ministério Público Federal manifesta-se pela total procedência do pedido inicial, condenando-se a ré na obrigação de fazer consistente em retirar os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo, ou, alternativamente, que se impeça a colocação de novos símbolos religiosos em tais lugares" (grifamos).

Ora, o Código de Processo Civil é claro ao proibir qualquer alteração do pedido ou da causa de pedir após o despacho saneador.

Nesse sentido dispõe o art. 264 do CPC:

"Art. 264. Feita a citação, é defeso ao autor modificar o pedido ou a causa de pedir, sem o consentimento do réu, mantendo-se as mesmas partes, salvo as substituições permitidas por lei.

Parágrafo único. A alteração do pedido ou da causa de pedir em nenhuma hipótese será permitida após o saneamento do processo" (destacamos).

Por tal motivo, a União impugna o pedido alternativo formulado pelo Ministério Público Federal, requerendo a improcedência total do pedido inicial.





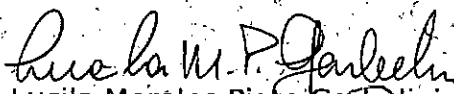
**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA DA UNIÃO EM SÃO PAULO**

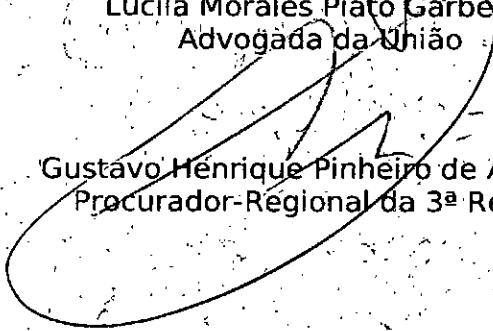
III. Conclusão

Ante todo o exposto, a União reitera o seu requerimento de que o pedido da presente ação seja julgado improcedente, pelas razões retro-transcritas.

Nesses termos,
p. deferimento

São Paulo, 06 de junho de 2011.


Lucila Morales Piatto Garbelini
Advogada da União


Gustavo Henrique Pinheiro de Amorim
Procurador-Regional da 3ª Região





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL – SEÇÃO JUDICIÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO

C E R T I D A O

Processo no. 0017604-70.2009.403.6100

CERTIFICO e dou fe que a r. determinação supra/retro/de fls. 495
foi disponibilizada no Diário Eletrônico da Justiça em 01/07/2011
de fls. 11/13. Considera-se data da publicação o primeiro dia
útil subsequente a esta acima mencionada.

SÃO PAULO, 01 de julho de 2011.

Eu, EDILEUZA PINHEIRA DE LIMA

(Analista/Técnico Judiciário), subscrevi.





ABLIRC
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA

Av. Sete de Setembro, 378 - q 20 - Cep: 13991-2-010 - Dourados - SP
CNPJ: 08541396/0001-77 - Inscricao Municipal: 47.640
Fone: (11) 3425-7912 - www.ablirc.org.br

EXCELENTÍSSIMA SENHORA DOUTORA JUIZA DE DIREITO DA 3ª VARA FEDERAL DA
SEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO

JFSP-FORUM CIVEL-SP1
20/07/2011 17:17 h
Prot. 2011.81000174790-1
0017604-70.2009.403.6100
[P0107] [3a.V. CIVEL]
Juntada-JFSP 20/07/2011
RF: 124 Rubrica: _____

AÇÃO CIVIL PÚBLICA Nº 0017604-70.2009.4.03.6100

(numeração antiga: 2009.61.00.017604-0)

A ABLIRC – Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania, já qualificada nos autos do processo em referência, no qual figura como assistente simples do douto Ministério Público, vem, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, apresentar **MEMORIAIS**, com fulcro no artigo 50 do Código de Processo Civil, pelas razões de fato e de direito a seguir expostas:

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:30
Número do documento: 22070818562349400000248538998
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562349400000248538998>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

I – DA QUESTÃO JURÍDICA SUBJACENTE À PRESENTE AÇÃO CIVIL PÚBLICA

A relevante questão constitucional subjacente à presente causa vincula-se à manifesta ilegitimidade constitucional da presença de símbolos religiosos em repartições públicas.

Tal comportamento, nos termos do entendimento ministerial público (entendimento perfilhado por esta entidade), implica em clara afronta à garantia constitucional da separação Estado-Igreja (Estado-Religião), criando cidadãos de segunda classe e gerando perniciosa forma de associação entre o poder público e a religião de todo incompatível com a cláusula inscrita no art. 19, I, da Constituição Federal e ao princípio da neutralidade confessional por ela tutelado.

Realizadas as instruções, foram os debates orais convertidos em alegações escritas, motivo pelo qual são apresentados os presentes memoriais.

II – CONSIDERAÇÕES JURÍDICAS ACERCA DA PERTINÊNCIA E DA PROCEDÊNCIA DO PLEITO MINISTERIAL PÚBLICO

Entende esta entidade, vocacionada à defesa da igual liberdade religiosa de todos, que está a merecer guarida o pleito do Ministério Público Federal, no tocante à retirada dos símbolos religiosos das repartições públicas de jurisdição federal.

Antes de abordar, especificamente, a questão pertinente à fixação de símbolos religiosos em locais públicos (e a alegação freqüentemente utilizada para legitimar tal conduta, no sentido de que símbolos religiosos podem se qualificar como elementos culturais), cumpre-nos assentar alguns marcos teóricos, a partir dos quais tentaremos equacionar a questão¹.

1 Este posicionamento já foi por nós defendido em alguns artigos doutrinários: BUCCHIANERI PINHEIRO, Maria Claudia. *"CNJ ofendeu separação Estado-Igreja ao julgar símbolos religiosos"*, in Consultor Jurídico, 1º de junho de 2007; BUCCHIANERI PINHEIRO, Maria Claudia. *"A Condenação da Itália pelo Corte Européia de Direitos Humanos, por Ostentar Crucifixos em Escolas Públicas:*



A primeira premissa a ser fixada é a de que a liberdade religiosa tem a natureza jurídica de um princípio fundamental. E esse específico enquadramento é derivado de uma série de fatores.

Em primeiro lugar, decorre de seu elevado grau de abstração e da considerável indeterminação de seu conteúdo. É dizer, apenas na análise de cada caso concreto é possível determinar até onde vai o conteúdo deste princípio fundamental, para se saber se, naquelas específicas situações, ele está sendo violado ou não.

Demais disso, a própria idéia de liberdade religiosa revela-se compatível com diversos graus de concretização, a depender das circunstâncias fáticas de cada caso concreto, o que não se coaduna com o conceito mesmo de “regras”, que só admitem seu cumprimento ou seu descumprimento, sem soluções intermediárias, ou de variadas intensidades de adequação (em teoria dos jogos, poder-se-ia afirmar que a aplicação das regras subsume-se à idéia de jogos de soma zero: “ou tudo, ou nada²”).

Além do que, a liberdade religiosa desempenha um papel fundante dentro do ordenamento jurídico, inspirando e pautando a produção de diversas outras normas, inclusive de normas constitucionais, estas sim a consagrarem os direitos de liberdade religiosa e suas respectivas garantias fundamentais (dentro das quais se insere a cláusula da separação). Trata-se, aí, daquilo que Canotilho denomina “natureza normogenética”, a significar que “os princípios são fundamento de regras, isto é, são normas que estão na base ou constituem a *ratio* de regras jurídicas, desempenhando, por isso, uma função normogenética fundamentante³”.

uma lição ao Brasil”, in Observatório da Jurisdição Constitucional, Ano 3, 2009/2010, Brasília: Instituto de Direito Público – IDP.

2 DWORKIN, Ronald. *Levando os direitos a sério*. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 55.

3 CANOTILHO, Joaquim José Gomes. *Direito constitucional e teoria da Constituição*. 4. ed. Coimbra, Almedina, 2000, p. 1125.

ef

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



E mais: no que concerne especificamente à realidade brasileira, a liberdade religiosa qualifica-se como um princípio constitucional implícito. É que, ao contrário do que se verifica, por exemplo, com a liberdade de pensamento, expressamente consagrada no inciso IV do art. 5º da Carta Política ("é livre a manifestação do pensamento..."), não há, no texto da Constituição, qualquer dispositivo que a estabeleça expressamente.

É certo que os incisos VI e VIII do art. 5º referem-se à "*liberdade de crença*", ao "*livre exercício dos cultos religiosos*" e à possibilidade de se invocar "*crença religiosa*" para se eximir de obrigação legal a todos imposta, desde que se cumpra prestação alternativa legalmente fixada. Ocorre, no entanto, que a noção de liberdade religiosa, em toda sua amplitude, não se subsume à simples liberdade de crença ou à liberdade de culto, ou mesmo a ambas juntas.

O princípio da liberdade religiosa transborda a liberdade de crença e de culto para exigir, por igual, a liberdade das organizações religiosas, que devem ser autônomas e soberanas em seus assuntos internos (organizacionais e dogmáticos), além de impor, ao Estado, por meio da cláusula da separação, a adoção de condutas especialmente voltadas à preservação do voluntarismo em matéria de fé (a demandar a igualdade material de crenças) e à tutela da autenticidade do fenômeno religioso.

O princípio fundamental da liberdade religiosa, portanto, inspira a produção de diversas normas, gera a declaração dos direitos de liberdade religiosa e das garantias fundamentais a eles relacionadas e impõe a adoção de um regime político de clara separação entre Estado e Igreja, não se podendo jamais restringir a noção conceitual desse princípio fundamental a um ou alguns dos particularizados direitos ou garantias que em nome dele foram positivados, sob pena de, em assim ocorrendo, restarem mutiladas algumas dimensões desse princípio fundamental, cuja máxima efetividade deve ser objetivada.

Interessante observar que a expressão "*liberdade religiosa*" jamais constou de nenhuma Constituição brasileira. É dizer, desde a Carta Republicana de 1891, que inaugurou, entre



nós, a proteção constitucional do pluralismo religioso, jamais foi mencionada a expressão "liberdade religiosa".

Protegeram-se os cultos, as crenças, a consciência, mas o termo liberdade religiosa jamais foi mencionado. Tudo a reforçar a assertiva de que a liberdade religiosa deve ser entendida como um princípio fundamental implícito, imanente, que decorre de numerosas outras normas constitucionais que tratam da matéria e que constituem aquilo que se pode denominar estatuto jurídico-constitucional da liberdade religiosa.

É por esse motivo, também, que não se pode situar a liberdade religiosa num único dispositivo constitucional, pois, repita-se, a liberdade religiosa traduz-se num princípio constitucional cujo núcleo essencial é densificado por uma pluralidade de normas constantes da Lei Fundamental.

Feitas estas considerações, deve-se destacar que o princípio fundamental da liberdade religiosa se projeta em três dimensões, que lhe conferem densidade: uma dimensão subjetiva ou pessoal, a consubstanciar a liberdade de crença; uma dimensão coletiva ou social, a incluir a liberdade de culto e uma dimensão institucional ou organizacional, a englobar a liberdade institucional e dogmática dos movimentos religiosos.

É dizer: o princípio constitucional da liberdade religiosa, em toda sua amplitude, compreende uma dimensão pessoal, uma dimensão social e uma dimensão organizacional. O que significa afirmar que a limitação deste princípio fundamental a apenas duas ou a uma de suas dimensões traduz, necessariamente, a amputação do conteúdo material da liberdade religiosa que, então, estará sendo violada em seu núcleo essencial.

De outro lado, se a liberdade religiosa qualifica-se como princípio constitucional, as normas veiculadoras da cláusula da separação entre Estado e Igreja consubstanciam verdadeiras garantias fundamentais (ou direito-garantias). É que a cláusula da separação, em vez de declarar direitos aos cidadãos, esgota-se no estabelecimento, contra os



poderes públicos, de regras de conduta voltadas à imposição de um comportamento estatal essencialmente fundado na neutralidade axiológica em matéria religiosa e na não-ingerência institucional ou dogmática em relação às Igrejas. Cuida-se, portanto, de norma veiculadora da exigência de um determinado tipo de organização estrutural do Estado, para que o indivíduo possa efetivamente exercer um outro bem jurídico que lhe é reconhecido pelo ordenamento jurídico, elemento individualizador das garantias fundamentais. Trata-se, portanto, de veículo normativo que impõe ao Estado a adoção um único posicionamento (e não de uma faculdade dúplice), outro elemento caracterizador das normas-tutela ou garantias fundamentais ou, ainda, dos direito-garantias.

Além disso, a cláusula da separação entre Estado e Igreja não se reveste do requisito da autonomia existencial, pois retira sua razão de ser, seus fundamentos legitimadores, dos próprios direitos densificadores do princípio da liberdade religiosa, a exigirem, para sua integral concreção, um regime no qual ente estatal e movimentos religiosos mantêm uma postura de neutralidade entre si.

Isso quer dizer, portanto, que a separação entre Estado e Igreja nada mais é do que uma garantia fundamental (direito-garantia), voltada especificamente à proteção dos direitos integrantes do conceito maior de liberdade religiosa, pois a história das sociedades já evidenciou que a associação entre político e religioso, entre os poderes temporal e espiritual gera o aniquilamento da liberdade e promove intolerância e perseguições.

Não é por outro motivo que as aspirações individuais por um regime de total liberdade em tema de fé vieram acompanhadas da reivindicação por um regime que apartasse as figuras do Estado e da Igreja, impedindo, com isso, que os instrumentos a cargo dos poderes públicos fossem utilizados como meios de compulsória conversão, aniquilando um dos fundamentos básicos da própria idéia de religião que é a conversão interior pela fé e pelo voluntarismo, e não a imposição pela força e pela espada.

A conclusão a que se chega, pois, é a de que as normas que consubstanciam, em um dado ordenamento constitucional, o regime de separação, possuem uma finalidade específica,



consistente em assegurar que o princípio da liberdade religiosa não seja ofendido em razão da interferência do Estado em matéria de fé, pois se não há plena liberdade religiosa quando o Estado se imiscui na seara espiritual, então é preciso estabelecer uma cláusula constitucional de garantia, que, ao vedar este comportamento estatal, confira um manto de proteção àquela liberdade fundamental.

A garantia fundamental da separação Estado-Igreja, de seu turno, num contexto de atribuição de máxima efetividade aos direitos de liberdade religiosa por ela tutelados, não se confunde (é bom que se diga) com a simples não-confessionalidade do Estado.

Ou seja, muito embora a não-confessionalidade estatal se qualifique como condição à existência de um real regime de separação, este não se esgota na natureza laica do Estado, impondo, para além disso, sua total neutralidade axiológica em matéria de fé e o reconhecimento, em favor das organizações religiosas, de uma esfera indevassável, no que atine à sua estruturação interna – não-ingerência institucional (a incluir, entre outros fatores, normas de admissão e expulsão de fiéis, organização dos templos, ritos e liturgias, e regras de hierarquia e promoção) – e ao conteúdo mesmo de suas doutrinas de fé (não-ingerência doutrinária).

Como consequência dessa maior amplitude conferida à cláusula da separação (voltada, unicamente, à conferência de uma proteção mais intensa ao princípio da liberdade religiosa), muitos Estados, ainda que não-confessionais, poderão não se encaixar nesse conceito mais dilargado de separação, seja por manterem um regime de religiões privilegiadas – em regra, em favor daquelas que são mais tradicionais, em detrimento dos novos movimentos religiosos –, seja por transmitirem mensagens aos seus cidadãos no sentido da preferência estatal por uma determinada crença, seja por discriminarem ateus e agnósticos a partir da premissa de que a religião, enquanto elemento moral, revela-se indispensável à coesão social e à difusão de determinados valores tidos por



essenciais à vida coletiva⁴, seja, ainda, por hostilizarem a religião enquanto tal – o que ocorre nos Estados ateus ou laicistas ou de confessionalidade negativa – ou alguns específicos agrupamentos religiosos.

A idéia, pois, é a de que, para que se possa falar em liberdade religiosa, imperiosa é a consagração institucional do direito-garantia da separação entre Estado e Igreja, e, para que se possa cogitar num regime de real separação, imprescindível é a imposição, aos poderes públicos, de uma conduta pautada tanto na neutralidade axiológica como na não-ingerência institucional ou dogmática nos assuntos internos das organizações religiosas⁵.

O requisito da neutralidade axiológica apóia-se na absoluta necessidade de se preservar o voluntarismo em matéria de fé, através da imposição, ao ente estatal, de uma postura neutra, incapaz de exercer indevidas influências no livre mercado de idéias religiosas e no dissenso interconfessional.

Isso significa, portanto, que, num regime de separação, além de ser vedado aos Estados professar uma específica doutrina religiosa (tal como ocorre nos Estados confessionais), também lhe é obstado conferir tratamento diferenciado a qualquer crença (seja para favorecer, seja para prejudicá-la) e enviar, através de seus comportamentos, sinais aos seus cidadãos no sentido de uma identificação estatal com determinado pensamento

4 A Suprema Corte Americana, no caso *School Dist. V. Schenpp* (1963) rejeitou argumentos fundados no desenvolvimento moral dos cidadãos como fator de legitimação de exercícios religiosos desenvolvidos em escolas públicas.

5 Para Thierry Rambaud: "Resulta dessa primeira análise que três garantias principais de um regime de separação dos cultos e do Estado podem ser identificados: a neutralidade do Estado de um ponto de vista axiológico; o igual tratamento de todas as coletividades religiosas, nenhuma podendo receber um tratamento particular que lhe seja favorável ou desfavorável (digo eu, requisito intrínseco à idéia de neutralidade axiológica, a implicar um comportamento que impeça o Estado de enviar mensagens no sentido da preleção de uma determinada crença em detrimento das demais ou das convicções de ateus e agnósticos); a incompetência do Estado para conhecer de questões religiosas e eclesásticas e seu corolário, o reconhecimento da liberdade institucional das coletividades religiosas". RAMBAUD, Thierry. *Le principe de séparation des cultes et de l'état en droit public comparé: analyse comparative des regimes français et allemand*. Paris: L.G.D.J., 2004, p. 7-8.



religioso. Até porque, enfatize-se, qualquer comportamento do Estado capaz de transmitir aos indivíduos, mesmo que sutilmente, uma tal mensagem de identificação e preferência em referência a determinada religião, traz, ainda, um outro recado, consistente, este sim, num juízo de demérito e de exclusão, no que concerne a todos aqueles cidadãos filiados às convicções religiosas preteridas⁶, que, geralmente, são aquelas crenças minoritárias.

Irrepreensíveis, no ponto, as palavras do Justice Black, que, ao acentuar a importância da separação Estado-Igreja, afirmou, no voto redigido em nome da Corte, no caso *Engle v. Vitale*⁷:

“Quando o poder, o prestígio e o amparo financeiro do Governo são postos atrás de uma determinada crença religiosa, a pressão coercitiva indireta sobre as minorias religiosas, para que se conformem à religião predominante oficialmente aprovada, é clara. Mas os propósitos que jazem sob a cláusula da não-oficialização vão muito além disso. Sua primeira e mais imediata finalidade repousava na crença de que uma união de governo e religião tende a destruir o governo e degradar a religião”.

A interferência do Estado, portanto, no mercado da fé, desequilibra a livre disputa entre crenças^[7], interfere na formação das convicções individuais e, ainda, tem a potencialidade lesiva de transmitir aos demais membros da sociedade (não-adeptos do pensamento religioso que mereceu a chancela estatal) um estigma de inferioridade e

6 “O Estado crê e confessa, considerando umas determinadas crenças como as únicas verdadeiras. Não só valora negativamente a falta de crença como também qualquer outra crença que não seja a do Estado: *cuius regio eius religio*”. LLAMAZARES FERNANDEZ, Dionísio. Principios, técnicas y modelos de relación entre Estado y grupos ideológicos religiosos (Confesiones religiosas) y no religiosos. *Revista de Estudios Políticos*, n. 88, p. 54, abr./jun. 1995.

7 Sobre as dificuldades que a Suprema Corte encontrou para fazer valer tal *decisum*, relativo às orações escolares, Cf. RODRIGUES, Lêda Boechat. Suprema Corte dos Estados Unidos: Liberdade de Religião e Separação da Igreja e do Estado. *Revista Brasileiro de Estudos Políticos*, São Paulo, n. 44, p. 73-102.



também de exclusão, capaz de se tornar, ele próprio, um fator de conversão em favor da religião prestigiada pelo ente estatal.

Vê-se, pois, que a exigência de uma postura de neutralidade axiológica em matéria religiosa funda-se na necessidade de se preservarem a livre formação das consciências religiosas e a liberdade material de escolha dos indivíduos, a exigirem, portanto, que o Estado não interfira no mercado de idéias religiosas e não se utilize de sua carga simbólica e de sua força institucional para conformar as opções pessoais em tema de fé⁸.

Daí que a liberdade religiosa impõe um livre mercado de idéias religiosas⁹ (que só será realmente livre se estiver a salvo de possíveis desequilíbrios ocasionados pela interferência estatal), a preservar uma das principais características do fenômeno religioso: o voluntarismo¹⁰.

8 Sobre o assunto, conferir: PFEFFER, Leo. *Creeds in competition*. New York: Harper & Brothers, 1958.

9 Nos dizeres de Jónatas Machado, "...competindo as confissões religiosas no mercado das idéias como alternativas entre si, a sua igual liberdade é, a um tempo, uma consequência necessária e uma condição indispensável da e para a liberdade religiosa individual". MACHADO, Jónatas Eduardo Mendes. *Pré-compreensões na disciplina jurídica do fenômeno religioso. Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, v. 68, p. 176, 1992.

10 A expressão livre mercado de idéias religiosas é atribuída, por Jónatas Machado, a Oliver Holmes, que se baseou, para cunhar tais dizeres, nos ensinamentos de Stuart Mills. MACHADO, Jónatas Eduardo Mendes. *Liberdade religiosa numa comunidade constitucional inclusiva – dos direitos da verdade aos direitos dos cidadãos. Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, p. 349, 1996.

Em outro trabalho, Jónatas Machado faz uso da expressão "mercado da concorrência espiritual". Nele, apesar de questionar a utilização de termos econômicos em tema de liberdade religiosa (temendo, com tal utilização, uma "banalização do fenômeno religioso pelos diversos operadores jurídicos, levando-os a pretender regulá-lo como se o mesmo dissesse respeito à produção e a comercialização de um bem ou de um serviço"), o autor afirma que "O que caracteriza o fenômeno religioso, em toda a sua riqueza e complexidade, é o estado de concorrência espiritual que se verifica entre os diversos movimentos, independentemente da sua dimensão. Cada um deles autocompreende-se, geralmente, como possuindo a experiência religiosa mais autêntica, pura e completa, procurando apresentar-se como tal aos olhos da comunidade. Esta depara-se,



Eis aí, portanto, o valor subjacente à exigência de uma neutralidade axiológica por parte do Estado: o voluntarismo em matéria de fé, com a conseqüentemente ampla liberdade individual de escolha.

Irretocáveis, sob tal aspecto, as palavras de Donald Giannella, que, ao enfatizar a relação existente entre voluntarismo religioso e a cláusula da separação, assim se manifestou¹¹:

“A idéia de voluntarismo religioso é naturalmente um aspecto importante da liberdade de consciência garantida pela cláusula do livre exercício religioso. Mas uma interpretação mais ampla da cláusula da separação também confere expressão à dimensão social desse valor, restringindo o uso do poder político na conformação das forças ideológicas e sociológicas que conferem forma social à religião. O crescimento e o avanço de uma seita religiosa devem derivar do apoio voluntário de seus membros. O voluntarismo em matéria religiosa, portanto, adapta-se àquela parte duradoura da crença americana que assume que tanto a religião como a sociedade será fortalecida se as aspirações espirituais e ideológicas buscarem reconhecimento social com apoio em seus méritos intrínsecos. A independência institucional das Igrejas é concebida como uma garantia da pureza e do vigor de seus papéis na sociedade, e a livre competição de crenças e idéias

desde logo, com o facto social da pluralidade religiosa, ou seja, com uma competição entre confissões religiosas tipicamente *marked based*, que naturalmente requer o estabelecimento de um mercado livre das idéias (*free marketplace of ideas*).

A analogia do mercado permite iluminar alguns aspectos da relação das confissões com o Estado, evidenciando, desde logo, que, por detrás desta jaz o problema fundamental da relação das confissões religiosas umas com as outras”. MACHADO, Jónatas Eduardo Mendes. A Constituição e os movimentos religiosos minoritários. *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra*, v. 72, p. 201-203, 1996.

11 GIANNELLA, Donald. Religious liberty, nonestablishment, and doctrinal development – Part II. The nonestablishment principle. *Harvard Law Review*, v. 81, p. 517, 1968.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2ECO-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



busca garantir a excelência e a vitalidade das Igrejas, em benefício de toda a sociedade. As conquistas práticas do voluntarismo religioso em nossa sociedade pluralista exigem um substancial isolamento do processo político em relação às pressões religiosas e aos dissensos interconfessionais. O tipo de dissenso religioso causado pelo envolvimento de religião e política foi, em grande parte, o mal histórico contra o qual a cláusula da separação foi editada como representando um 'artigo de paz'" (tradução livre).

Cabe destacar, ainda, que essa vinculação existente entre voluntarismo religioso e a cláusula da separação também foi estabelecida por Leo Pfeffer¹², que incluiu, também, em tal relação, a idéia de democracia, *in verbis*:

"Separação e liberdade religiosa configuram aspectos de uma premissa dual sobre a qual repousa toda nossa democracia. Uma é a premissa do voluntarismo em matéria de consciência e de espírito, em tema de relação estabelecida entre o homem e seu Deus. Esse é um elemento dos mais fundamentais da filosofia democrática Americana. De maneira nenhuma pode uma democracia coagir uma pessoa no que toca a sua relação com seu Criador e no que diz com sua crença ou descrença em Deus. E se nós aceitarmos o conceito de voluntarismo em matéria de fé, de associação religiosa, e de crença, então nós devemos chegar à idéia não apenas de liberdade religiosa, mas, também de separação entre Igreja e Estado" (tradução livre).

Deve-se destacar, ainda, por oportuno, que, dentro da consagração constitucional da noção mesma de voluntarismo individual em matéria religiosa, inclui-se, por igual, a proteção a um outro valor, também de vital importância num ordenamento jurídico protetivo e pluralista, qual seja, o princípio da igualdade, em sua vertente direcionada à fé. Ou seja, para que se possa falar em livre formação das opções religiosas dos indivíduos, é preciso que as crenças (ou descrenças) disputem pela adesão de seus membros num

12 PFEFFER, Leo. Freedom and separation: america's contribution to civilization, *Journal of Church and State*, v. 2, p. 105, 1960.

ll



contexto em que todas elas desfrutem de uma igual dignidade entre si, não podendo o Estado, sob qualquer pretexto, emitir juízos de valor quanto à validade, quanto à verdade ou quanto à respeitabilidade de qualquer uma das doutrinas em disputa.

Como visto, portanto, um dos elementos configuradores do regime de separação entre Estado e Igreja refere-se à neutralidade axiológica do ente estatal, ou seja, à exigência de que o Estado, com seu comportamento, mantenha-se neutro em tema de religião, abstendo-se de influenciar – seja de maneira ostensiva, como ocorre nos Estados confessionais (ou de confessionalidade negativa), seja de maneira sutil, como muitas vezes ocorre em Estados que apenas formalmente adotam o regime de separação – o livre mercado de idéias religiosas e deixando de conformar, por meio de sua chancela, as opções religiosas (ou irreligiosas) de seus cidadãos, prestigiando, com isso, não só a igual dignidade e respeito de que são titulares todas as convicções (independentemente se minoritárias ou majoritárias), mas, sobretudo, o aspecto voluntário que é próprio das adesões religiosas.

Para além da exigência da neutralidade axiológica, que busca assegurar o voluntarismo em matéria de fé, a cláusula da separação supõe, ainda, a presença de um outro requisito, sem o qual não haverá que se falar na existência de uma real separação entre Estado e Igreja: o requisito da não-ingerência, a tutelar, de seu turno, a autenticidade do fenômeno religioso.

Ou seja, a cláusula da separação – que se qualifica como garantia fundamental (direito-garantia) do princípio da igual liberdade religiosa – exige, para que se configure em toda sua plenitude e para que confira ampla proteção ao princípio a ela subjacente, a cumulativa presença de dois requisitos: o da neutralidade axiológica do Estado, de sorte a se assegurar a liberdade material de escolha religiosa, preservando-se o caráter voluntário das adesões em matéria de fé; e o da não-ingerência estatal no âmbito das entidades religiosas, a prestigiar, portanto, a autenticidade do fenômeno religioso, que não pode e não deve ser conformado, padronizado, adaptado ou substituído por efeito de qualquer conduta de intromissão estatal.



As religiões, portanto, devem tomar aquela exata forma que lhe é imposta por sua doutrina de fé. As doutrinas religiosas, por sua vez, devem conter aquele exato conteúdo, aquele específico ensinamento e aquele particularizado mandamento que, para os respectivos adeptos, qualificam-se como verdades sagradas. Em feliz definição, James Wood Jr. fala do “inviolável direito da religião de ser verdadeira para si mesma”¹³.

Cumpra registrar, neste ponto, que a não-ingerência estatal, a configurar elemento integrante do conceito de separação, deve se projetar em relação a dois aspectos da vida das Igrejas, quais sejam, o aspecto institucional ou organizacional e o aspecto dogmático, atinente ao conteúdo mesmo das doutrinas de fé.

Daí porque o requisito da não-ingerência abrange tanto a não-ingerência institucional, de sorte a tutelar o direito fundamental à auto-organização religiosa, como a não-ingerência dogmática, a proteger a própria autenticidade dos conteúdos das doutrinas de fé. Ambas as matérias (organização institucional e doutrina de fé), portanto, e em razão da cláusula da separação (e do indispensável requisito da não-ingerência), traduzem-se, em relação ao Estado, em matérias *interna corporis*, ou seja, em matérias transferidas ao âmbito reservado das próprias Igrejas, infensas, por isso mesmo, a qualquer atuação interventiva por parte dos poderes públicos.

Ambos os assuntos, ainda (organização interna e doutrina religiosa), consubstanciam verdadeiras “questões religiosas” (*religious question*), insuscetíveis, desse modo, de serem alteradas, conformadas ou mesmo avaliadas (em termos de juízo de valor) pelos poderes públicos (incluindo-se, nesse conceito, até mesmo o Poder Judiciário, que também não terá competência para proceder a qualquer julgamento cujo resultado

13 WOOD JR., James E. Separation vi-à-vis accommodation: a new Direction in american church-state relation?, *Journal of Church and State*, p. 204, 1989.



dependa de uma análise, de uma valoração, das matérias inseridas nas questões religiosas)14.

Feitas essas considerações, cumpre retornar aos julgamentos realizados pelo Conselho Nacional de Justiça, todos no sentido da plena legitimidade jurídico-constitucional da aposição de símbolos religiosos no âmbito de Fóruns e Tribunais.

E, com as devidas vênias ao Conselho, imperiosa é a conclusão no sentido de que mencionados decisórios fragilizam a cláusula da separação e, como consequência, desprestigiam o princípio maior da liberdade religiosa por ela (separação) tutelado.

Ora bem, a fixação ou manutenção, pelo Estado ou por seus Poderes, de símbolos distintivos de específicas crenças religiosas representa uma inaceitável identificação do ente estatal com determinada convicção de fé, em clara violação à exigência de neutralidade axiológica, em nítida exclusão e diminuição das demais religiões que não foram contempladas com o gesto de apoio estatal e também com patente transgressão à obrigatoriedade imposta aos poderes públicos de adotarem uma conduta de não-ingerência dogmática, esta última a assentar a total incompetência estatal em matéria de fé e a impossibilidade, portanto, do exercício de qualquer juízo de valor (ou de desvalor) a respeito de pensamentos religiosos. Irretocáveis, sob tal aspecto, as palavras de Laycock, para quem15:

"Proteger o discurso religioso dos indivíduos e dos grupos voluntários evita que o governo elimine ou desencoraje um importante tipo de prática religiosa. Essa proteção permite a formação e o funcionamento das comunidades religiosas, permite que elas explorem e desenvolvam sua fé, que divulguem sua mensagem e que busquem convencer os demais. Proibir o discurso governamental que toma posição na questão religiosa evita que os indivíduos culminem por conferir ao

14 MACHADO, Jónatas Eduardo Mendes. A Constituição e os movimentos religiosos minoritários, cit., p. 229.

15 LAYCOCK, Douglas. Theology scholarships, the pledge of allegiance, and religious liberty: avoiding the extremes but missing the liberty. *Harvard Law Review*, v. 118, p. 418-419, 2004.



governo poderes para participar em seus esforços de persuasão ou conversão; evita que todas as visões sobre religião tenham que competir com o poder de um governo que promove visões diversas; evita que todos sejam coagidos ou manipulados a escolher por uma crença religiosa que livremente não seria escolhida; e, em geral, veda a que o governo encoraje ou desencoraje qualquer crença ou prática religiosa.

(...).se os indivíduos estão se pronunciando em razão de suas capacidades pessoais, o governo não pode discriminar a favor ou contra eles com fundamento no conteúdo religioso de suas mensagens. O discurso religioso será atribuível ao governo se o governo conferir a ele qualquer assistência não igualmente disponível para os demais discursos privados..." (tradução livre).

Em outro trabalho, Laycock volta a enfatizar a necessidade de que o Estado não adote comportamentos capazes de fornecer qualquer identificação com específica crença religiosa e de influenciar, com sua força e visibilidade, a liberdade de escolha individual, *in verbis*¹⁶:

"Se o governo fosse livre para exaltar ou condenar religião, celebrar feriados religiosos, liderar preces ou serviços de oração, ele poderia potencialmente exercer enorme influência nas crenças e liturgias religiosas. O governo é grande e altamente visível; para o bem e para o mal, ele iria conformar uma forma de crença e de discurso religioso relativamente aos demais. Uma maior aproximação com a cláusula da neutralidade substancial impõe que o Estado seja silente em tema de religião, deixando os espaços público e privado abertos para a enorme variedade de visões religiosas e formas de cultos representadas no povo Americano" (tradução livre).

Por esse modo de ver as coisas, as manifestações de fé externadas ou financiadas pelo próprio poder público (que, nos termos da exigência da neutralidade axiológica, não

¹⁶ Id. The underlying unity of separation and neutrality. *Emory Law Journal*, v. 46, p. 72, 1997.



deve professar crença alguma, limitando sua atuação à própria proteção e conservação de um mercado de idéias religiosas que seja plural e igualitário) revelam-se totalmente contrárias ao espírito subjacente à cláusula da separação, desprestigiando o princípio da igual liberdade religiosa, criando situações de injustas preferências e transmitindo aos seguidores das demais religiões uma mensagem de desvalorização e de exclusão, que, além de consubstanciar uma inaceitável análise meritória do conteúdo de dogmas religiosos levada a efeito pelo próprio Estado, culmina por impor aos grupos preteridos uma “lesão estigmática”¹⁷ incompatível com o sistema de direitos fundamentais, a repousar sobre a premissa da igual dignidade de todos¹⁸.

A idéia central, portanto, é a de que o princípio da liberdade religiosa demanda como garantia a existência de um regime de separação que imponha ao Estado um comportamento pautado pela neutralidade axiológica, de sorte a impedir que condutas estatais, revestidas por sua natureza de especial simbolismo e força coercitiva, venham a interferir, desequilibrando-o, o livre mercado de idéias religiosas, e a influenciar, conformando-a, a livre formação das consciências individuais. Condutas estatais positivas e interventivas são admissíveis e se fazem imperiosas unicamente quando voltadas à eliminação de desigualdades e à maximização da liberdade individual de escolha, o que faz com que qualquer atuação que se afaste de tais parâmetros incida de modo direto na esfera de proibição delimitada pela cláusula da separação¹⁹.

17 A expressão “lesão estigmática” foi cunhada por Hirsch, quando o autor aborda a questão da necessidade de se tratar com “empatia” as “classes suspeitas”, excluídas social e juridicamente. HIRSCH, H. N. *A theory of liberty: the Constitution and minorities*. New York: Routledge, 1992. p. 194 e ss.

18 A jurisprudência da Suprema Corte Americana é vacilante na matéria, levando em consideração o contexto em que inseridos os símbolos religiosos para perquirir da mensagem que eles podem enviar (se de endosso estatal, ou não). Cf: *Lynch v. Donnelly* 465 U.S. 668 (1984) e *County of Allegheny v. ACLU* 492 U.S. 573 (1989).

19 Também nesse sentido o posicionamento de Jónatas Machado, que postula uma “separação simbólica” entre Estado e Igreja. MACHADO, Jónatas Eduardo Mendes. *Liberdade religiosa numa*



Daí a necessidade da adoção daquilo que Jónatas Machado designou como “separação simbólica” entre Estado e Igreja.

Cumpre ressaltar, por oportuno, que não se revela apto a justificar comportamentos estatais de endosso a uma específica religião o fato de ser esta precisa crença aquela que é adotada por um número substancial de cidadãos do Estado.

É que os cidadãos, precisamente porque são livres e porque se inserem no contexto de um Estado igualmente livre, possuem o direito fundamental de escolha religiosa, a alcançar não só a possibilidade de eleição por uma específica doutrina, mas, também, o direito de trocar de religião a qualquer momento (a consubstanciar o princípio da reversibilidade das opções de fé) e o direito de não professar crença alguma e de duvidar da verdade pregada por todas as existentes.

Já o Estado, de seu turno, precisamente para que possa preservar o direito de liberdade de escolha de todos seus cidadãos (inclusive daqueles que optam por professar crenças minoritárias e pouco convencionais) deve manter uma posição de total neutralidade em face do dissenso interconfessional, pois não se pode jamais esquecer que a positivação, em sede constitucional, dos direitos derivados da liberdade religiosa e a consagração da cláusula da separação como requisito indispensável à proteção de tais direitos derivam da constatação histórica de que a associação entre Igreja e Estado, em regra celebrada entre poderes públicos e crença majoritária, culmina por gerar, no extremo, um contexto de franca hostilidade às minorias, no qual a doutrina hegemônica faz subalterno uso do aparelho estatal como instrumento de compulsória conversão e de perseguição de infiéis.

Não se pode perder de perspectiva, portanto, que foi exatamente a experiência histórica de que a comunhão entre os poderes espiritual e temporal trazia como

comunidade constitucional inclusiva – dos direitos da verdade aos direitos dos cidadãos, cit., p. 359.



consequência a supressão das liberdades individuais que se estabeleceu a clara noção de que Estado e Igreja deveriam ter uma existência e uma vida independentes entre si. Pelo que, seja qual for a religião seguida pelos seus cidadãos, deve o Estado, imperiosamente, manter-se neutro, sob pena de, com seu comportamento de identificação oficial ou de concessão de regalias, restarem aniquilados o pluralismo religioso, as liberdades religiosas das minorias e a liberdade material de escolha religiosa titularizada por todos (pois somente se pode livremente escolher num contexto de múltiplas opções e de um mercado de idéias livre de influências).

Além disso, a própria consagração dos direitos fundamentais, como o são tanto aqueles derivados do princípio da liberdade religiosa como aqueles decorrentes da própria cláusula da separação (que, enquanto direito-garantia, também gera direitos subjetivos), desempenha uma função tipicamente contramajoritária, excluindo do poder de disposição das maiorias (muitas vezes meramente ocasionais) aqueles valores fundantes da própria ordem constitucional, como o são o da igual dignidade e respeito de todos e o da liberdade.

Se é assim, e se alguns valores fundamentais estão excluídos do poder de conformação das maiorias, então como admitir que o Estado, precisamente em razão de opções e demandas majoritárias, possa ignorar os mandamentos constitucionais atinentes à separação e à neutralidade com os quais deve se posicionar diante das religiões, para, com isso, emitir sinais de endosso e de preferência que, além de enviarem mensagens de exclusão e de demérito incompatíveis com a igualdade de dignidade, culminam por colocar em xeque o próprio regime das liberdades religiosas, ao ignorar a cláusula protetiva que lhes é inerente?

Nada deve justificar, portanto, que um Estado que se pretenda democrático e plural e que adote um regime de neutralidade e de ampla proteção aos direitos derivados do princípio maior da liberdade religiosa venha a ignorar a garantia fundamental da separação entre Estado e Igreja, para, em atendimento a demandas majoritárias, admitir que seus prédios, seus órgãos e suas repartições sejam adornados com aqueles



símbolos religiosos vinculados às crenças tradicionais, muito embora tal permissibilidade signifique o envio, aos cidadãos vinculados a diferentes crenças ou a nenhuma delas, da mensagem do desvalor, do estigma da exclusão e da pecha da inferioridade.

O fato, portanto, é que não se deve jamais desconsiderar ou minimizar a força coercitiva e simbólica de que se revestem os comportamentos manifestados pelo poder público. Assim, ao endossar determinada crença religiosa, fazendo uso, para suas próprias finalidades, de seus símbolos de fé, o Estado estará efetivamente transmitindo aos cidadãos o claro recado de que, após analisar as diversas doutrinas religiosas existentes, optou por professar ou por prestigiar apenas uma delas, sendo consequência ineliminável dessa escolha a emissão de um juízo de desvalor relativamente aos dogmas preteridos que se mostra de todo incompatível com a própria razão de ser da cláusula da separação. Ao assim proceder, pois, o Estado está a abandonar sua necessária posição de neutralidade, para se avocar a subalterna condição de “juiz de fé”, dando-se por competente para julgar e analisar o conteúdo mesmo das doutrinas religiosas, para, a partir daí, optar por uma delas em detrimento de todas as demais.

Mas não pára por aí, pois a posição estatal de endosso aos símbolos da religião majoritária e às mensagens de fé a eles inerentes culmina por perpetuar, à revelia do princípio constitucional da igual liberdade religiosa, uma situação de desigualdade e de hegemonia, que, em regra, foi conquistada e consolidada às custas de uma história de perseguições e de hostilidades.

Além disso, a premissa de que a religião majoritária deve merecer do Estado um tratamento especial que seja compatível com sua relevância social, caso acolhida, instaurará um ciclo vicioso de desigualação entre crenças que pode culminar com a total aniquilação dos movimentos religiosos minoritários.

JP



Explico: nos termos daquela reivindicação por tratamento especial a crenças predominantes, quanto maior for a religião, maior endosso receberá dos poderes públicos. E quanto maiores esses comportamentos estatais chanceladores (revestidos de forte carga simbólica e da força coercitiva do Estado), maior e mais forte se tornará a religião beneficiada em detrimento das demais, o que imporá, novamente, uma majoração de seus privilégios, fechando, assim, um ciclo vicioso cujos resultados serão o fim do pluralismo religioso e, como consequência, o fim da liberdade material de escolha religiosa.

Nem se alegue, finalmente – como o fez o Conselho Nacional de Justiça – que os símbolos religiosos da crença majoritária possuíam uma significação transcendente, pois representariam, sobretudo, a própria cultura e tradição nacionais. É que os símbolos religiosos, enquanto ícones representativos de uma específica doutrina religiosa que lhes dá significação, jamais perderão a específica vinculação dogmática que lhes é subjacente, o que importa dizer que, por mais que alguns símbolos, por sua própria aceitação, tenham se transformado em elementos distintivos da cultura e da tradição de determinado país, essa nova significação que lhes foi agregada jamais suplantará a aura religiosa que lhes envolve e que lhes confere sentido.

Nessa linha, a orientação de Colleen Connor, para quem *"Symbols often communicate the beliefs and teachings of a particular religion because they are an integral part of religious practice and are thus inextricably linked to the ideas and beliefs that they represent"*. A autora também sustenta a posição de que qualquer comportamento estatal que afixe, permita que seja afixado ou que financie ou mantenha a afixação de símbolos religiosos em locais públicos é inconstitucional²⁰.

Demais disso, não custa colocar em evidência, uma vez mais, que a hegemonia social de uma dada religião em detrimento de todas as demais, além da consolidação de suas idéias e de seus símbolos como verdadeiros elementos integrantes da tradição

20 CONNOR, M. Colleen. The constitutionality of religious symbols on government property: a suggested approach. *Journal of Church and State*, p. 385, 1995.



nacional, foram, em regra (ao menos nos países de tradição católica)²¹, conquistadas ao longo de anos de dominação, de perseguição, de hostilidades e da própria negação dos direitos de liberdade, o que impõe ao Estado o dever de, agora, conferir tratamento necessariamente igualitário a todas as religiões e respectivos símbolos, sem eternizar, portanto, posições de vantagens obtidas com violação a direitos e viabilizando, assim, que o crescimento e a consolidação das crenças religiosas decorram unicamente do reconhecimento individual a respeito do mérito intrínseco de suas verdades e não, ao contrário disso, que sejam reflexo de uma interferência estatal capaz de cristalizar uma dada posição de prestígio²².

Enfatize-se, ainda, que o fundamento utilizado pelo Conselho Nacional de Justiça, para fins de legitimação da afiação/manutenção de símbolos religiosos no âmbito do Poder Judiciário – qual seja, o da natureza “cultural” de tais símbolos – foi exatamente o mesmo levantado – e rechaçado – pelo Tribunal Constitucional Alemão, quando do reconhecimento da inconstitucionalidade da manutenção de um crucifixo em escola primária da Bavária (93 BverfGE I).

Ao assim proceder, a Corte Constitucional Alemã reverteu decisão da Corte Constitucional da Bavária que dava pela legitimidade da presença do referido símbolo religioso, por entender, em síntese, que a presença do crucifixo não ofendia os direitos de liberdade religiosa negativa dos alunos ou dos pais de alunos cujas convicções rejeitavam tal simbologia, e que a representação de uma cruz, como símbolo de

21 MACHADO, Jónatas Eduardo Mendes. A Constituição e os movimentos religiosos minoritários, cit., p. 229-230, nota de rodapé 76.

22 MACHADO, Jónatas Eduardo Mendes. Liberdade religiosa numa comunidade constitucional inclusiva – dos direitos da verdade aos direitos dos cidadãos, cit., p. 336.

ll



sofrimento de Jesus, era objeto significativo da própria tradição Cristã-ocidental e, portanto, um elemento não apenas religioso, mas, também, cultural²³.

De se ver, portanto, que o esvaziamento do conteúdo religioso do símbolo e a invocação da tradição e da cultura qualificam-se como fundamentos freqüentemente invocados para fins de atribuição, às religiões majoritárias, de um tratamento estatal privilegiado de todo incompatível com a cláusula da separação (a impor uma postura de neutralidade axiológica por parte dos poderes públicos) e, também, violador da liberdade de material de crença, a exigir, como visto, que a livre formação das escolhas religiosas se dê num contexto de livre mercado de idéias e de ausência de influências ou sinais de identificação emitidos pela pessoa do Estado.

Além disso, como já dito, por mais que os símbolos religiosos das confissões majoritárias, por sua aceitação, possam também se configurar como distintivos de uma dada tradição nacional, o fato é que essa nova significação que lhes é agregada jamais terá o condão de esvaziá-los da mensagem de fé que lhes confere sentido.

Por esse motivo, temos por irretocável o acórdão proferido pela Corte Constitucional Alemã (93 BverfGE I), que, em 1995, por maioria de votos, e na linha do que aqui defendido, deu pela inconstitucionalidade de lei da Bavária que impunha a colocação de cruzes nas escolas públicas e, ao defender a liberdade material de escolha religiosa, pronunciou-se nos seguintes termos²⁴:

23 As passagens da decisão proferida pela Corte Constitucional da Bavária foram extraídas do seguinte trabalho: CAYGILL, Howard; SCOTT, Alan. The basic law versus the basic norm? The case of the Bavarian Crucifix Order. *Political Studies*, v. 44, n. 3, p. 507-508.

24 SALAZAR SÁNCHEZ, Marta.. El "Fallo de Los Crucifijos" Del Tribunal Constitucional Federal Alemán (16 de mayo de 1995). *Revista de Derecho Publico*, Chile, n. 60, 1996. Também comentando este acórdão da Corte Constitucional alemã: KOMMERS, Donald. *The constitutional jurisprudence of the Federal Republic of Germany*. 2. ed. Duke University Press, 1997. p. 472-486.



“O artigo 4 I 25 não se limita a proibir que o Estado interfira nas convicções religiosas, nos atos ou nas manifestações de fé de cada um ou de cada sociedade religiosa. O Estado tem a obrigação de assegurar que a personalidade se possa desenvolver dentro do âmbito religioso e das visões de mundo. Ainda assim, deve protegê-la de ataques e aborrecimentos causados por partidários de outras crenças ou grupos religiosos. Sem dúvida, o Art. 4 I LF não concede a nenhum particular ou sociedade religiosa o direito de expressar suas convicções religiosas com o apoio estatal. Pelo contrário, da liberdade religiosa garantida pelo Art. 4 I se depreende ainda mais o princípio da neutralidade do Estado frente às diversas religiões e credos. O Estado pode assegurar a coexistência pacífica dos adeptos das diferentes religiões e cosmovisões somente se ele mesmo permanece neutro em questões de fé” (tradução livre).

O recado passado pela Corte Constitucional, portanto, é o de que a preferência estatal (velada ou explícita) em relação à determinada crença religiosa se traduz num fator de forte influência sobre os indivíduos, em relação à escolha de sua crença religiosa. Esta opção estatal, que tem o condão de direcionar o momento de eleição das crenças religiosas pelos cidadãos, acaba por fulminar a própria liberdade de crença, pois a orientação da religião favorecida possuirá meios que só a ela estão disponíveis, em ordem a conformar as convicções religiosas dos indivíduos.

Deve-se consignar, ainda, que, como era de se esperar (pois os privilégios históricos não se desfazem facilmente), referida decisão veio acompanhada de séria polêmica. Autoridades da Bavária ameaçaram descumprir o julgado e fortes manifestações de Bispos Católicos e Protestantes foram realizadas. Essas fortes reações, narradas por Howard Caygill e Alan Scott, fizeram com que os referidos autores se questionassem se “a

25 Art. 4 I da Lei Fundamental de Bonn: “A liberdade de crença e de consciência e a liberdade de manifestação religiosa e ideológica são invioláveis”.

ep



Constituição não poderia se posicionar numa situação de antagonismo em relação ao contexto em que ela está inserida”²⁶.

Habermas²⁷, de seu turno, ao comentar as fortes reações levantadas contra a decisão tomada pela Corte Constitucional alemã, afirmou o seguinte:

“No Ocidente, a reorganização cognitiva das doutrinas e atitudes das comunidades religiosas majoritárias não está de forma alguma completa. As respostas alarmistas para a tão comentada decisão do ‘Crucifixo’, adotada pela Corte Constitucional Alemã, são amplas evidências disso. A corte declarou que o decreto das autoridades de Ensino Primário da Bavária, de acordo com o qual as escolas públicas tinham o dever de pendurar um crucifixo em cada sala de aula era inconstitucional; a corte entendeu que o mencionado decreto violava o princípio da neutralidade que o Estado deve manter em assuntos religiosos e ofendia a liberdade de expressão religiosa – tanto a liberdade positiva, de ‘poder viver de acordo com suas convicções’ e, em particular, a liberdade negativa, de ‘poder se abster de ações culturais de uma crença com a qual não se concorda’. Enquanto que a maioria mencionou a paridade entre igrejas e confissões, da maneira como consagrada na Lei Fundamental, como fundamento para o julgamento, aqueles que divergiram do resultado final e os oponentes políticos do julgado justificavam suas críticas afirmando que o crucifixo servia não como um específico símbolo da fé Cristã, mas como parte integral da cultura ocidental. Obviamente, as autoridades escolares estavam agindo com a mesma intolerância externada pelas autoridades Turcas, que, fora de qualquer interesse vinculado ao sentimento religioso da população Islâmica, baniram a publicação de um volume ilustrado do Renascimento Italiano porque ele continha muito nu feminino. Essas ações não distinguem os valores éticos adotados por uma comunidade religiosa daquele domínio em que se devem aplicar os princípios legais e morais que

26 CAYGILL, Howard; SCOTT, Alan. op. cit., p. 314-315.

27 HABERMAS, Jürgen. Intolerance and discrimination. *International Journal of Constitutional Law*, v. 1, n. 1, p. 7-8, jan. 2003.

JP



governam a coexistência na sociedade como um todo”²⁸ (tradução livre – sem grifos no original).

Por todas essas razões, temos que permitir que Estado, em clara violação à garantia fundamental da separação, continue se valendo de símbolo religioso de específica crença, perpetuando, com isso, situações de privilégios em favor de religião majoritária, em detrimento de ateus, agnósticos, humanistas seculares e dos demais movimentos religiosos (minoritários, menos convencionais e, como consequência, mais vulneráveis), significa ignorar que, numa verdadeira “ordem constitucional livre e democrática”, deve-se optar, “claramente, por valores de justiça, reciprocidade e imparcialidade, em detrimento de princípios de autoridade, hierarquia, tradição e dominação”²⁹.

III – DO PEDIDO

Por todos esses motivos, pede e espera a ABLIRC – Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania –, entidade voltada à defesa da igual liberdade religiosa de todos e

28 No original: “In the West, the cognitive reorganization of the doctrines and attitudes of the major religious communities is by no means complete. The alarmist responses to the so-called ‘Crucifix’ decision by the German Constitutional Court are ample evidence of this. The court declared the decree by Bavarian Primary School authorities, according to which government schools were duty-bound to hang a crucifix in each classroom, was unconstitutional; the court found that the decree violated the principle of neutrality the state has to maintain in religious matters and contradicted the freedom of religious expression – both the positive freedom of ‘being able to live according to one’s own convictions’ and, in particular, the negative freedom of ‘being able to abstain from the cultic actions of belief one does not share’. While the majority cited the parity of churches and confessions as laid out in the German Basic Law as the basis for its judgment, the dissenting members and political opponents of the decree justified their criticism by stating that the crucifix served not as a specific symbol of the kernel of the Christian faith, but as an integral part of Western culture. Obviously, the school authorities were acting no less intolerantly than those Turkish authorities who, out of concern for the religious feelings of the Islamic population, banned the publication of an illustrated volume on Italian Renaissance paintings because it contained too many plates depicting nude women. Such actions fail to distinguish the ethical values held by a religious community from the domain in which one should apply the legal and the moral principles that govern co-existence in society as a whole”.

29 Id. A Constituição e os movimentos religiosos minoritários, cit., p. 228.

ef

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B

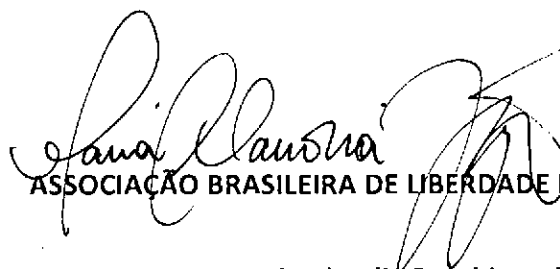


do pluralismo em matéria de fé –, que a presente ação civil pública seja julgada **PROCEDENTE**, para que as repartições públicas de jurisdição federal no Estado de São Paulo abstenham-se de ostentar ou de preservar símbolos religiosos, independentemente da crença a que estejam vinculados.

Termos em que;

Pede deferimento.

De Brasília para São Paulo, 18 de julho de 2011.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA

Maria Cláudia Bucchianeri Pinheiro

OAB/DF 25.341





INSTRUMENTO PARTICULAR DE PROCURAÇÃO

Pelo presente instrumento de procuração, a **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA – ABLIRC**, Organização Não-Governamental fundada em 09 de Novembro de 2004, registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas – CNPJ/MF sob n.º 08.541.946/0001-77 e especialmente vocacionada à eliminação de todas as formas e discriminação e intolerância por motivos religiosos, devidamente qualificada nos autos como Assistente Simples, através de seu Presidente, **SAMUEL GOMES DE LIMA**, também conhecido como **SAMUEL LUZ**, nomeia e constitui sua procuradora a **Dra. MARIA CLAUDIA BUCCHIANERI PINHEIRO**, brasileira, casada, portadora da Carteira de Identidade de n.º 1.807938/SSP-DF, advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional do Distrito Federal, sob o n.º 25.341, com escritório no SHIS QI 09 CONJUNTO 09 CASA 12, Lago Sul, onde receberá eventuais intimações, outorgando-lhe **poderes específicos** para representá-la na Ação Civil Pública n.º 0017604-70.2009.4.03.6100, ajuizada pelo Ministério Público Federal - em face da Liberdade Religiosa – Prédios públicos federais. Retirada dos locais de ampla visibilidade, e de atendimento ao público, dos símbolos de qualquer religião.

Diadema, 18 de Julho de 2011


ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
SAMUEL GOMES DE LIMA
(SAMUEL LUZ)
PRESIDENTE

Documento assinado digitalmente conforme MP n.º 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO (SP)

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR JUIZ FEDERAL DA 3ª VARA DA SUBSEÇÃO
JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO

JFSP-FORUM CIVEL-SPI
08/03/2012 18:24 h
Prot. 2012.6100050554-1
0017604-70.2009.403.6100
[GAB] [3a.V CIVEL]
Juntada-JFSP 30/03/12
RF: 1524 Rubrica: _____

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelo Procurador da República que este subscreve, nos autos da ação civil pública em epígrafe que move em face da União Federal, vem muito respeitosamente perante Vossa Excelência requerer a juntada aos autos de notícia veiculada pelo sítio do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul.

Nestes termos,
pede deferimento.

São Paulo, 08 de março de 2012.


PEDRO ANTONIO DE OLIVEIRA MACHADO
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão Substituto





491
E

Notícias

**Determinada a retirada dos crucifixos
dos prédios da Justiça gaúcha**

Na primeira sessão do ano do Conselho da Magistratura do TJRS, realizada nesta terça-feira (6/3), foi acatado o pedido da Liga Brasileira de Lésbicas e de outras entidades sociais sobre a retirada dos crucifixos e símbolos religiosos nos espaços públicos dos prédios da Justiça gaúcha. A decisão foi unânime.



(imagem meramente ilustrativa)

Participaram da sessão do Conselho da Magistratura, o Presidente do TJRS, Desembargador Marcelo Bandeira Pereira; o 1º Vice-Presidente, Desembargador Guinther Spode; o 2º Vice-Presidente, Desembargador Cláudio Baldino Maciel; o 3º Vice-Presidente, André Luiz Planella Vilarinho; e a Corregedora-Geral da Justiça em exercício, Liselena Schifino Robles Ribeiro.

O relator da matéria foi o Desembargador Cláudio Baldino Maciel, que afirmou em seu voto que o julgamento feito em uma sala de tribunal sob um expressivo símbolo de uma Igreja e de sua doutrina não parece a melhor forma de se mostrar o Estado-juiz equidistante dos valores em conflito.

Resguardar o espaço público do Judiciário para o uso somente de símbolos oficiais do Estado é o único caminho que responde aos princípios constitucionais republicanos de um estado laico, devendo ser vedada a manutenção dos crucifixos e outros símbolos religiosos em ambientes públicos dos prédios, explicou o magistrado.



Sessão do COMAG ocorreu nesta terça-feira (6/3)

(Foto: Eduardo Osorio)

A sessão foi acompanhada por representantes de religiões e de entidades sociais.

Nos próximos dias, será expedido ato determinando a retirada dos crucifixos.



492
68

Caso

Em fevereiro deste ano, a Liga Brasileira de Lésbicas protocolou na Presidência do TJRS um pedido para a retirada de crucifixos das dependências do Tribunal de Justiça e foros do interior do Estado.

O processo administrativo foi movido em recurso a decisão de dezembro do ano passado, da antiga administração do TJRS. Na época, o Judiciário não acolheu o pedido por entender que não havia postura preconceituosa.

EXPEDIENTE

Texto: Rafaela Souza

Assessora-Coordenadora de Imprensa: Adriana Arend

imprensa@tj.rs.gov.br

Publicação em 06/03/2012 15:50
Esta notícia foi acessada 7986 vezes.

Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul © 2009 - Todos os direitos reservados





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

CONCLUSÃO

Em 27 de abril de 2012, faço estes autos conclusos à
M.Ma. Juíza Federal da 3ª Vara Cível Federal de São
Paulo, Dra. Ana Lúcia Jordão Pezarini.
Eu, João, Analista Judiciário – RF 6114

Processo nº 0017604-70.2009.403.6100

Segue sentença em separado.

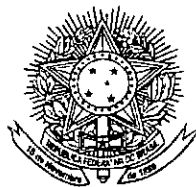
São Paulo, 19 de novembro de 2012.

Ana Lúcia Jordão Pezarini
Juíza Federal

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:30
Número do documento: 22070818562349400000248538998
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562349400000248538998>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



PDDER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

AÇÃO CIVIL PÚBLICA

Autos nº 0017604-70.2009.403.6100

Autor: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Ré: UNIÃO FEDERAL

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL propõe Ação Civil Pública em face da UNIÃO FEDERAL, com pedido de tutela antecipada, visando à "retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo".

Alega que "a conduta de afixar símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade nas repartições públicas não respeita o princípio da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, bem como o princípio da impessoalidade da Administração Pública e o princípio processual da imparcialidade do Poder Judiciário", garantidos pela Constituição Federal. Discorre, ainda, sobre dispositivos relacionados à liberdade religiosa constantes na Declaração Universal de Direitos Humanos e no Pacto de São José da Costa Rica (Convenção Americana de Direitos Humanos).

Aponta, como objeto da ação, "a proteção da liberdade religiosa de todos os cidadãos (em especial as minorias religiosas) que ingressam diariamente nas repartições públicas federais no Estado de São Paulo".

A inicial veio instruída com o Procedimento Administrativo nº 1.00.000.001411/2007-41, instaurado na Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão para apurar "notícia de ostentação de símbolo religioso afixado em local proeminente e de ampla visibilidade dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, a partir de representação protocolizada pelo cidadão Daniel Sottomaior Pereira, que teria se sentido ofendido com a presença de um 'crucifixo' na sede do referido órgão público" (fls. 07/62).

Autos nº 0017604-70.2009.403.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2ECO-122B e senha 8321-E02A-513A-474B

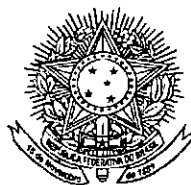


Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:30

Número do documento: 22070818562349400000248538998

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562349400000248538998>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

A UNIÃO FEDERAL, intimada, apresentou a manifestação prévia de fls. 70/107. Aduz, em preliminar, o não cabimento da antecipação de tutela contra a Fazenda Pública, nos termos do artigo 1º da Lei nº 9.494/97. Acrescenta que representação similar, ao final arquivada, também de Daniel Sottomaior Pereira, foi oferecida ao Ministério Público Estadual visando à retirada pelo Presidente da Câmara Municipal de São Paulo do crucifixo existente em seu plenário, bem como foram protocolados, pelo mesmo cidadão, pedidos de providência junto ao Conselho Nacional de Justiça, todos julgados improcedentes. Pugna pelo indeferimento da tutela antecipada pretendida.

Rejeitada a antecipação de tutela (fls. 108/113 verso), a UNIÃO FEDERAL apresentou contestação às fls. 148/220.

Atendendo ao pedido de fls. 123/147, foi deferida a inclusão da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA – ABLIRC na qualidade de assistente simples do autor (fl. 249).

Em manifestação de fls. 254/255 o MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL pugnou pela necessidade de instrução processual antes do julgamento da demanda, notadamente, a oitiva de testemunhas. Informa, ainda, a ocorrência de fato internacional (decisão do Tribunal da Corte Européia de Direitos Humanos) e nacional (edição do Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH-3 – Decreto nº 7.037 da Presidência da República), relacionados à questão debatida nos autos, ocorridos em 2009.

As partes foram intimadas para manifestação quanto ao interesse na produção de provas (fl. 256).

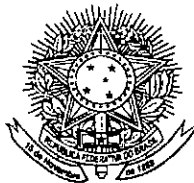
A UNIÃO FEDERAL pugnou pelo indeferimento da prova testemunhal pretendida pelo *Parquet*, com o encerramento da fase instrutória e o julgamento antecipado da lide. Com relação aos fatos trazidos pelo autor, defendeu a inaplicabilidade, ao caso, do julgado da Corte Européia de Direitos Humanos. Informa, ainda, a publicação do "Decreto nº 7.177/2010, que modifica o Decreto nº 7.037/2009 (que aprovou o Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH-3), revogando a ação programática 'desenvolver mecanismos para impedir a ostentação de símbolos religiosos em estabelecimentos públicos da União'" (fls. 259/273 e fl. 274).

Diante do deferimento da produção de prova, com designação de data para realização de audiência (fl. 278), a UNIÃO FEDERAL interpôs Agravo de Instrumento perante o e. Tribunal Regional Federal da

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

Terceira Região (fls. 280/289), cujo pedido liminar foi indeferido (fls. 293/295), bem como apresentou pedido de reconsideração da decisão que designou data para audiência, ou, ainda, o indeferimento do testemunho de Daniel Sottomaior Pereira, diretamente interessado no resultado da causa (fls. 290/292).

Foram ouvidos Daniel Sottomaior Pereira, Presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (fls. 362/365), Jamil Rachid, Sacerdote Babalorixá da Umbanda e do Candomblé (fls. 365/366), Daniel Checcio, Pastor da Comunidade Evangélica do Bixiga (fls. 367/368), Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo (fls. 417/420), Rubens Sternschein, Rabino da Congregação Israelita Paulista (fls. 421/424) e Alcionei Miranda Feliciano, Pastor da Igreja Evangélica Assembléia de Deus (fls. 431/435).

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL apresentou memoriais às fls. 437/443, a UNIÃO FEDERAL às fls. 446/460 e a ABLIRC às fls. 462/489.

É o breve relato. Decido.

Algumas considerações são necessárias quanto ao objeto da demanda. À fl. 06, o MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL requer, a título de provimento final, seja condenada a ré "à obrigação de fazer consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens etc) ostentados em locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios da União no Estado de São Paulo."

Por ocasião dos memoriais, apresenta pedido subsidiário, voltado à prolação de provimento jurisdicional que "impeça a colocação de novos símbolos religiosos em tais lugares." (fl. 439).

Contudo, por ocasião da manifestação final, resta vedado o aditamento. Ante o princípio da estabilização da lide, o artigo 264 do Código de Processo Civil submete a alteração do pedido, após citação, ao consentimento do réu. Por sua vez, seu parágrafo único veda referida modificação após o saneamento do processo.

Prejudicados, assim, aditamento e apreciação do pedido subsidiário. Impõe-se registrar, ainda, que nada nos autos revela a necessidade da tutela jurisdicional para obstar futura colocação de símbolos religiosos em prédios da União.

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

Ausentes preliminares, passa-se à análise do mérito.

A natureza dos questionamentos trazidos nesta demanda remete à interpretação e ao alcance do artigo 19, inciso I, da Constituição da República, *in verbis*:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados e ao Distrito Federal e aos Municípios:

I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

A norma que consagra, na Constituição de 1988, a opção pelo Estado laico, ou separação Estado-Igreja, traz nexos indissociáveis com as garantias fundamentais previstas no artigo 5º, incisos VI, VII e VIII:

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII – é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII – ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Também deve ser mencionado o disposto no artigo 210, § 1º: "*O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.*"

Eis o contorno constitucional concernente à liberdade de consciência e de crença e à relação entre Estado e religião. Após assegurar a inviolabilidade das convicções íntimas, a liberdade de culto e proteção aos locais de sua realização, a prestação de assistência religiosa no caso de internação coletiva e a não-privação de direitos por motivo de crença religiosa ou convicção filosófica, advém regra constitucional que veda ao Estado estabelecer ou subvencionar cultos religiosos ou igrejas, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter relações de dependência ou aliança, salvo por interesse público e na forma da lei.

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

Essa regra proibitiva volta-se a assegurar a liberdade religiosa, em regime de igualdade, que se projeta como liberdade de manifestação de pensamento ou de crença, liberdade de culto e liberdade de organização. São obstadas interferências estatais que tolham convicções íntimas ou a livre expressão relacionada à fé.

Afirma-se, assim, ser o Brasil um país laico. Cumpre indagar, contudo, qual é esse modelo de laicidade adotado pela Constituição.

Aloísio Cristovam dos Santos Junior¹, em artigo intitulado *"O modelo de laicidade estatal na Constituição brasileira e sua repercussão na hermenêutica do direito fundamental à liberdade religiosa"*, enfrenta a questão iniciando pela noção, do ponto de vista jurídico, de Estado laico, como aquele *"que não se confunde nas suas funções e fins com qualquer organização religiosa e que assegura plena liberdade religiosa aos cidadãos"*. Também afirma serem *"muitas as formas de interação entre o Estado e o fenômeno religioso e, se como preconiza o presente texto, deve ser rejeitado um purismo conceitual de laicidade que a isole da diversidade de arranjos jurídico-institucionais concebidos pelos diferentes ordenamentos nacionais, tem-se que concluir que não de existir igualmente diversos modelos de laicidade."*² Mais abertos ou mais fechados à aproximação entre poder público e religião.

Após trazer classificações dos modelos de laicidade estatal, numa variação que vai da antirreligiosidade à unidade formal e material entre Igreja e Estado, na busca pelo tipo brasileiro, consigna quanto ao desenvolvimento histórico que a Constituição de 1988 é *"a mais obsequiosa com o fenômeno religioso"*³. Da comparação entre os textos constitucionais de 1891, 1934, 1946 e 1988, verifica que a evolução brasileira distanciou-se dos moldes europeus, como França e Espanha, que caminham num avançado processo de secularização. Ressalta que *"os fatores sociais que determinaram a compleição ideológica de nossa Carta (...) têm a ver com a religiosidade e com a tolerância cultural, traços característicos nos quais o povo brasileiro se enxerga. Não é preciso apoiar-se no originalismo para que se perceba no texto constitucional um modelo francamente favorável à expressão religiosa, ao qual o mestre Manoel Gonçalves Ferreira Filho atribuiu o curioso nome de "neutralidade benevolente"."*⁴ Considera peculiar a laicidade do Estado brasileiro quando em comparação com as

¹In *Diálogos Constitucionais de Direito Público e Privado*. Liane Tabarelli Zavascki e Marco Félix Jobim (organizadores). Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora, 2011, p.11-31.

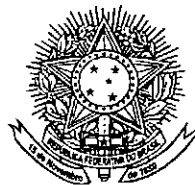
²Op. cit., p.17.

³Op. cit., p.23.

⁴Op. cit., p.25.

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

Constituições de países europeus, porquanto, por sua mensagem ideológica, favorece o fenômeno religioso. E afirma: *".... pode-se dizer, sem sobra de dúvida, que há um regime de separação entre o Estado brasileiro e as organizações religiosas, excepcionado apenas nos casos de colaboração em prol do interesse público, na forma da lei, como preconizado pelo art. 19, I, da Constituição Federal. Todavia, é inexato dizer que a Constituição adota um regime de separação entre Estado e o fenômeno religioso, na medida em que a mensagem ideológica extraída do seu texto é a de que se trata de um valor que merece o apreço do Poder Público e, em alguns casos, um dever de promoção."*⁵

À frente, acrescenta: *"A compreensão da dimensão axiológica do fenômeno religioso no campo constitucional tem implicações práticas na resolução de questões relacionadas com a expressão religiosa no espaço público. A mais notória consequência dessa compreensão é que no exame dos conflitos relacionados com a questão religiosa, mesmo no setor público, não se pode de forma singela postular de plano a supressão da expressão religiosa com base numa suposta afirmação de laicidade estatal sem que antes se examine se é possível harmonizá-la com outros valores constitucionais que aparentemente estejam a contrariá-la. (...)"*⁶

Essa dimensão axiológica do fenômeno religioso pode ser detectada desde o preâmbulo da Carta Maior: *"Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL."*

Conquanto o preâmbulo não seja dotado de força impositiva, a criar direitos ou obrigações (ADI 2.076, DJ 08/08/2003, rel. Min. Carlos Velloso), sua importância hermenêutica é reconhecida na identificação de valores caros aos constituintes, ressaltando-se ter sido a Constituição da República promulgada sob a proteção de Deus.

Enfatizando a necessidade de uma leitura compreensiva e sistêmica da Constituição, porquanto nenhum direito fundamental é absoluto, André Ramos Tavares⁷ aponta o caráter principiológico da regra de separação

⁵ Op. cit., p. 28.

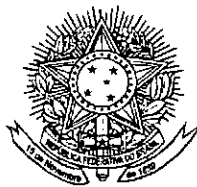
⁶ Op. cit., p. 29.

⁷ TAVARES, André Ramos. Religião e neutralidade do Estado. *Revista Brasileira de Estudos Constitucionais – RBEC*, Belo Horizonte, ano 2, n. 5, p. 13-25, jan./mar. 2008.

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-47AB





PDDER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

entre Estado e Igreja (artigo 19, inciso I), aberta a interpretações que devem considerar outros elementos normativos. Ao tocar no relacionamento entre Estado não-confessional e Igreja e assinalar que o conceito de plena liberdade religiosa implica igualdade entre crenças, igrejas e indivíduos perante o Estado, distingue situações de privilégio – sem motivação sustentável – e de tratamento especial, baseado na existência de elementos culturais fortes, *"exigível em face de determinadas circunstâncias fáticas e a partir de um plexo de outras normas constitucionais que também estão a incidir na compreensão do fenômeno."*⁸ Ao final, afirma:⁹

"No caso da Constituição brasileira de 1988, além do já mencionado "compartilhamento material" entre Estado neutro e princípio da igualdade, para fins de equacionamento adequado do fenômeno religioso, há outras repercussões normativo-constitucionais para o mesmo fenômeno. Retomar-se-á, aqui, apenas a tutela constitucional do patrimônio cultural.

A cultura, como elemento normativo a ser preservado e promovido, constitui uma categoria extremamente ampla. No caso brasileiro, o chamado patrimônio cultural é formado, dentre outros, pelos bens (inclusive imateriais) portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Em seu art. 215 a Constituição brasileira impõe ao Estado a proteção das manifestações das culturas populares, indígenas e afro-descendentes e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. O Estado deve garantir também o acesso às fontes de cultura nacional.

A idéia de *identidade* é chave de compreensão aqui. Há uma nítida imbricação entre determinadas manifestações religiosas no Brasil (e não apenas o catolicismo) com a formação nacional de uma identidade e de uma cultura própria. Nesses casos, o Estado encontra-se obrigado a agir, protegendo essas manifestações em suas diversas dimensões.

Mais do que isso, o Direito não se pode furtar a uma leitura cultural de suas normas. As normas constitucionais refletem *a* e são refletidas *pela* sociedade, pelo concreto, pela identidade nacional e pelos padrões gerais de comportamento construídos e sedimentados ao longo dos tempos. Com o princípio do Estado laico não será

⁸ Op. cit., p. 19.

⁹ Op. cit., p. 23-24.

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

diferente. Nada há que imponha uma leitura específica apartada da teoria geral do Direito Constitucional, como exceção conceitual."

Assim, somam-se ao julgamento da causa outras normas constitucionais previstas na seção dedicada à CULTURA, que atribuem ao Estado políticas e ações de promoção e proteção ao patrimônio cultural, compreendido como (artigo 216) *"os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem (I) as formas de expressão; (II) os modos de criar, fazer e viver; (III) as criações científicas, artísticas e tecnológicas; (IV) as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; (V) os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico."*

Merece destaque o § 1º do artigo 215, que impõe ao Estado proteger as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Sensível à visão do fenômeno religioso não repudiado pela Carta Maior, mas, ao contrário, inserido como valor a ser preservado em si mesmo, o Ministro Gilmar Ferreira Mendes¹⁰ enfatiza a marcante contribuição do catolicismo na formação espiritual e cultural do povo brasileiro, admitindo a convivência do Estado com símbolos que expressam valores de sua história cultural e bens de significado para grande parcela da população. Segue transcrição de seus ensinamentos, aqui expressamente adotados como fundamento da decisão:

"A laicidade do Estado não significa, por certo, inimizade com a fé. Não impede a colaboração com confissões religiosas, para o interesse público (CF, art. 19, I). A sistemática constitucional acolhe, mesmo, expressamente, medidas de ação conjunta dos Poderes Públicos com denominações religiosas e reconhece como oficiais certos atos praticados no âmbito de cultos religiosos, como é o caso da extensão de efeitos civis ao casamento religioso.

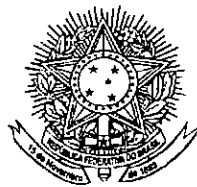
Nesse sentido, não há embaraço – ao contrário, parecem bem-vindas, como ocorre em tantos outros países – a iniciativa como a celebração de concordata com a Santa Sé, para a fixação de termos de relacionamento entre tal pessoa de direito internacional e o país.

¹⁰ *Curso de Direito Constitucional*. São Paulo: Saraiva, 2012, 7. ed. rev. e atual., p. 363-365.

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

tendo em vista a missão religiosa da Igreja de propiciar o bem integral do indivíduo, coincidente com o objetivo da República de "promover o bem de todos" (art. 3º, IV, da CF). Seria erro grosseiro confundir acordos dessa ordem, em que se garantem meios eficazes para o desempenho da missão religiosa da Igreja, com a aliança vedada pelo art. 19, I, da Constituição. A *aliança* que o constituinte reduplia é aquela que inviabiliza a própria liberdade de crença, assegurada no art. 5º, VI, da Carta, por impedir que outras confissões religiosas atuem livremente no País.

O reconhecimento da liberdade religiosa pela Constituição denota haver o sistema jurídico tomado a religiosidade com um bem em si mesmo, como um valor a ser preservado e fomentado. Afinal, as normas jusfundamentais apontam para valores tidos como capitais para a coletividade, que devem não somente ser conservados e protegidos, como também ser promovidos e estimulados.

A Constituição protege a liberdade de religião para facilitar que as pessoas possam viver a sua fé. Daí a Constituição chegar a prever a assistência religiosa para os que estejam submetidos a internação coletiva (art. 5º, VII).

O reconhecimento da liberdade religiosa decerto que contribui para prevenir tensões sociais, na medida em que, por ela, o pluralismo se instala e se neutralizam rancores e desavenças decorrentes do veto oficial a crenças quaisquer. O reconhecimento da liberdade religiosa também tem por si o argumento de que tantas vezes a formação moral contribui para moldar o bom cidadão. Essas razões, contudo, não são suficientes em si para explicar a razão de ser da liberdade de crença. A Constituição assegura a liberdade dos crentes, porque toma a religião como um bem valioso por si mesmo, e quer resguardar os que buscam a Deus de obstáculos para que pratiquem os seus deveres religiosos.

Entende-se, assim, a preocupação do constituinte em garantir o culto e a liturgia das religiões (art. 5º, VI, da CF), bem como, e em decorrência, a imunidade tributária que institui no art. 150, VI, *b*, do Texto Magno.

Não se esgotam aí, porém, as medidas que os Poderes Públicos podem – e eventualmente devem – adotar, para amparar, na vida prática, o valor religioso. A adoção de feriados religiosos justifica-se sob esse prisma, em especial, mas não necessariamente, quando

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

facilita a prática de atos de fé professada pela maioria da população ou por uma porção significativa dela.

Essas medidas se justificam, por outro lado, do ponto de vista cultural, entendendo-se, como quer Peter Häberle, que "o Estado constitucional democrático vive também do consenso sobre o irracional, e não somente do discurso ou do consenso ou dissenso em relação ao racional." Adverte o Professor alemão que não se pode subestimar essas fontes de consenso emocionais, acrescentando que somente "o enfoque culturalista pode iluminar a possibilidade e limites dos dias festivos do Estado constitucional, já que o positivismo jurídico não sabe muito bem que fazer com eles. Num sentido mais amplo e profundo os dias festivos são todos *dias da Constituição*, porque pretendem trazer à consciência elementos diversos do Estado constitucional em conjunto. Justificam-se as festividades religiosas sob o amparo do Estado constitucional sempre que se refiram a símbolos que reacendam na memória coletiva as suas raízes culturais históricas que lhe conferem identidade – e não há negar, sob esse aspecto, por exemplo, a marcante contribuição do catolicismo para a formação espiritual, moral e cultural do povo brasileiro. Esses símbolos, prossegue Peter Häberle, "dizem frequentemente mais sobre o *espírito* de um povo do que algumas normas jurídicas. Desse modo, declaram-se dias festivos, constroem-se monumentos, nomeiam-se ruas, são criadas e são saudadas as bandeiras e se cantam hinos. Desse modo se elabora a história e se traça o futuro."

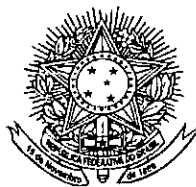
A liberdade religiosa consiste na liberdade para professar fé em Deus. Por isso, não cabe arguir a liberdade religiosa para impedir a demonstração da fé de outrem ou em certos lugares, ainda que públicos. O Estado, que não professa o ateísmo, pode conviver com símbolos os quais não somente correspondem a valores que informam a sua história cultural, como remetem a bens encarecidos por parcela expressiva da sua população – por isso, também, não é dado proibir a exibição de crucifixos ou de imagens sagradas em lugares públicos."

Não há falar, portanto, com base no artigo 19, inciso I, da Constituição da República, em provimento jurisdicional que determine a retirada de todos e quaisquer símbolos religiosos de repartições públicas federais no Estado de São Paulo. Pedido por demais genérico, que nem sequer permite discutir e avaliar quais os símbolos e a relevância de sua expressão histórico-cultural e a necessidade de sua preservação.

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

Ora, a laicidade do Estado brasileiro, como visto, não se traduz em oposição ao fenômeno religioso. Ao contrário, ele é garantido no texto constitucional como direito fundamental de liberdade de consciência, de liturgia e de culto. Mais, é resguardado como valor em si, inclusive sob a perspectiva da expressão cultural do povo brasileiro. Daí a possibilidade de convivência do Estado laico com símbolos religiosos – crucifixos, imagens, monumentos, nomes de logradouros ou de cidades etc. – ainda que em locais públicos, pois refletem a história e a identidade nacional ou regional.

Consideradas as declarações colhidas nestes autos (fls. 360/368, 415/423, 429/435), a maioria de representantes religiosos, não se pode afirmar que o sentimento predominante seja de constrangimento ou agressão pela presença de símbolos religiosos em repartições públicas. O fato é comumente tratado como algo ligado à tradição, ao hábito, à maioria religiosa no país. Como reconhecido pelo próprio autor, com base no Censo Demográfico de 2000, a população de católicos ultrapassava 70%.

A existência de símbolos religiosos em prédios públicos não pode ser tida como violação ao princípio da laicidade ou como indevida postura estatal de privilégio em detrimento das demais religiões, mas apenas como expressão cultural de um país de formação católica, que também deve ser protegida e respeitada.

A separação Estado-Igreja não resta afetada. Tampouco a prestação de serviço público, para a qual é irrelevante a opção religiosa dos cidadãos ou usuários. Destarte, não se verifica a apontada afronta a princípios da administração pública, como impessoalidade ou moralidade, porque o desempenho da função pública é orientado pela igualdade de tratamento.

No campo da atividade jurisdicional – a demanda é oriunda de representação contra a presença de crucifixo em sala de julgamento do Tribunal Regional Eleitoral –, vale lembrar que nos processos, como regra, não consta qualquer dado relativo à opção religiosa das partes. Daí ser incompreensível alusão acerca da imparcialidade dos julgadores, que podem, inclusive, professar crenças diversas da católica.

Exemplos recentes e marcantes de julgamentos pelo Supremo Tribunal Federal reafirmam que resultados não se pautam por dogmas religiosos, mas por parâmetros jurídicos (ADI 4277/ADPF 132 – união homoafetiva – em maio de 2011; ADPF 54 – anencefalia – em abril de 2012),

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

não obstante a presença do crucifixo confeccionado em pau-brasil, obra de Alfredo Ceschiatti, no Plenário da Corte.

Ainda na seara do Judiciário, cumpre registrar posição de Ives Gandra da Silva Martins¹¹ e Paulo Brossard¹², acerca do especial significado do crucifixo: lembrança do julgamento mais injusto da história, como fonte inspiradora aos Magistrados na busca da Justiça mediante o devido processo legal.

Acrescente-se que a questão dos crucifixos nas salas de julgamento já foi objeto de apreciação pelo Conselho Nacional de Justiça nos Pedidos de Providência nºs 1344, 1345, 1346 e 1362 (fls. 180/203). Veja-se trecho do voto do Conselheiro Oscar Argollo, ao indeferir os pedidos de retirada dos símbolos, afastando a violação ao artigo 19, inciso I, da Constituição da República e prestigiando o aspecto cultural:

"A cultura e tradição – *fundamentos de nossa evolução social* – inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc.. São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado – ou o Poder Judiciário – clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF, art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (*a sociedade*), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

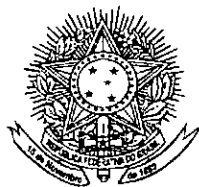
¹¹ *O Endeusamento do Estado Laico*. Informativo Jurídico – CONSULEX, Ano XXIII – nº 49, Brasília, 7/12/2009.

¹² *Tempos Apocalípticos*. Fonte: <http://ucho.info/tempos-apocalipticos>. Consulta em 16/11/2012.

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

Por outro lado, não há, *data vênia*, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável. (...) *omissis*

Por assim ver, na medida em que não vislumbro a invocada inconstitucionalidade na prática apontada, muito menos qualquer ilegalidade, dada a ausência de norma jurídica específica em vigor, contendo obrigação de fazer ou de não fazer, considerando que o interesse público primário (*a sociedade*), por sua legítima representação, o Poder Legislativo, nenhuma norma jurídica expediu sobre a matéria, e assim, por entender que essa matéria não se comporta no controle exercido pelo Egrégio Conselho, sendo de competência única, exclusiva, interna e totalmente autônoma dos Tribunais de Justiça, detentores do interesse público secundário; e por considerar que a presença de um símbolo religioso, *in casu*, o crucifixo, numa dependência de qualquer órgão do Poder Judiciário não viola, agride, discrimina ou, sequer, **"perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros"** (*sic*), *são razões para não acolher a pretensão.*

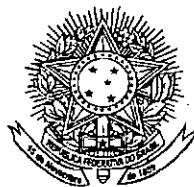
Acerca da superveniência do Decreto nº 7.037/2009, que aprovou o Programa Nacional de Direitos Humanos, estabelecendo como um de seus objetivos "desenvolver mecanismos para impedir a ostentação de símbolos religiosos em estabelecimentos públicos da União", cumpre anotar que referida ação programática foi revogada pelo Decreto nº 7.177/2010.

Tal revisão aponta para a necessidade de amadurecimento acerca de um projeto federal sobre ostentação de símbolos religiosos, mas não obsta a adoção de providências na órbita administrativa dentro da esfera de competência de cada órgão federal, sopesados os valores em questão. O que não exsurge plausível é a pretensão genérica de retirada de todo e qualquer símbolo religioso dos locais de atendimento ao público de prédios federais, mediante provimento jurisdicional baseado na laicidade do Estado, que não pode conduzir a esse amplo resultado.

Por fim, cumpre mencionar o precedente da Corte Européia de Direitos Humanos, referido às fls. 254v/255 (Soile Lautsi x República Italiana). Após decisão favorável à tese de que a presença do crucifixo em escolas constitui violação dos direitos dos pais de educar seus

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL
3ª Vara Federal Cível de São Paulo

filhos segundo suas próprias convicções, foi aceita apelação do Governo da Itália para reconhecer que os crucifixos podem permanecer nas escolas públicas. Também nesse julgamento prevaleceu a posição de que o crucifixo não se resume a um símbolo religioso, mas "representa os princípios e valores que formaram os alicerces da democracia e da civilização ocidental, e que sua presença nas classes é justificável a este respeito." (fls. 455/456)

Não obstante os ponderáveis e respeitáveis argumentos em contrário, ciente de que a palavra final sobre a matéria será do Colendo Supremo Tribunal Federal, após muito refletir, não me convenço da procedência do pedido. Não se está a tratar, somente, da laicidade do Estado como garantia da própria liberdade religiosa, que deve ser assegurada com igualdade para todas as crenças. A solução da demanda, em essência, passa pela tolerância em face de expressões histórico-culturais de uma sociedade predominantemente católica.

Não se nega a vocação cosmopolita e pluralista de São Paulo, concretizada pela plena integração de imigrantes de todas as origens e credos, que muito contribuíram e contribuem para o desenvolvimento e a prosperidade da sociedade paulista, não só tolerante, mas largamente receptiva à diversidade cultural e religiosa. Contudo, impõe-se considerar que a identidade paulista não prescinde de suas raízes jesuítas, fundadas em 1554, na Vila de São Paulo de Piratininga, que, ao longo dos séculos, sofreu forte influência católica durante toda a sua formação.

Entre separatistas radicais e culturalistas tolerantes (André Ramos Tavares), minha convicção acompanha a segunda corrente de pensamento, que prestigia valores histórico-culturais, também amparados pela Constituição, sem descuidar da liberdade religiosa.

Isto posto, JULGO IMPROCEDENTE o pedido formulado pelo MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL em face da UNIÃO FEDERAL, nos termos do artigo 269, inciso I, do Código de Processo Civil. Sem honorários advocatícios ou custas processuais.

P. R. I.

São Paulo, 19 de novembro de 2012.

Ana Lúcia Jordão Pizarini
Juíza Federal

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100 – Sentença Tipo A

14

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



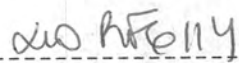
PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Processo : 0017604-70.2009.403.6100

CERTIDÃO DE REGISTRO

Certifico haver registrado a sentença no livro n.º 0007/2012
sob o n.º 00976 às fls. 160.

SAO PAULO, 19 de Novembro de 2012



LUCIANA TUDISCO OLIVEIRA

D A T A

Em 19/11/2012, baixaram estes autos à Secretaria
com a Sentença retro.



TEC./Analista Judiciário

C E R T I D A O

Processo no. 0017604-70.2009.403.6100

CERTIFICO e dou fe que a r. sentença supra/retro/de fls. 494/500
foi disponibilizado no Diário Eletronico da Justica em 26/11/2012
as fls. 43/56. Considera-se data da publicacao o primeiro dia
util subsequente a data acima mencionada.

SAO PAULO, 26 de novembro de 2012.

Eu, ELAINE CRISTINA CESTARI
(Analista/Tecnico Judiciario), subscrevi.

VISTA
Em 11. 01 2013, faço vista
destes autos ao Dr. M P F.
Eu, [assinatura], subscrevi.

(Analista / Técnico Judiciário)
ARMANDO DOS ANJOS ALVES
Técnico Judiciário
RF 752



mm. Juíza Federal

- 1) Ciente o MPF.
 - 2) Apresento recurso em separado.
- SP, 29/01/2013.

[assinatura]
JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador da República





502
G...

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Rua Frei Caneca, 1.360 – Consolação – São Paulo – SP – CEP 01.307-002 – Fone: (11) 3269-5000

EXCELENTÍSSIMA SENHORA DOUTORA JUIZA FEDERAL DA 3ª VARA CÍVEL DA
SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DA CAPITAL – SP



Processo nº 0017604-70.2009.403.6100
Recorrente: Ministério Público Federal
Recorridos: União Federal

RECURSO DE APELAÇÃO

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, pelo Procurador da República que esta subscreve, inconformado com a r. sentença de fls. 494/500, com fundamento no art. 513, do Código de Processo Civil, vem à presença de Vossa Excelência, interpor o presente RECURSO DE APELAÇÃO, por força dos fatos e fundamentos lançados nas razões em anexo.

Nessas condições, recebido o recurso, com as razões inclusas, que lhe fazem parte integrante, propugna-se pelo seu processamento nos moldes dos arts. 514 a 521 do Código de Processo Civil e a remessa ao Egrégio Tribunal Regional Federal da 3ª Região, para conhecimento, julgamento e provimento.

Nestes termos,
pede deferimento.

São Paulo, 29 de janeiro de 2013.

JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador da República

1/17

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B.



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Processo nº 0017604-70.2009.403.6100

3ª Vara Cível da Subseção Judiciária da Capital – SP

Recorrente: Ministério Público Federal

Recorrida: União

RAZÕES DE RECURSO DE APELAÇÃO

EGREGIO TRIBUNAL

COLENDIA TURMA

DOUTA PROCURADORIA REGIONAL

O Ministério Público Federal, pelo Procurador da República que esta subscreve, vem perante este Juízo, nos autos do processo supra identificado, oferecer razões de apelação, nos seguintes termos:

Trata-se de ação civil pública proposta pelo Ministério Público Federal em face da União com o objetivo de impor obrigação de fazer consistente na retirada de todos os símbolos de qualquer religião ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público em prédios pertencentes à ré no Estado de São Paulo (fls. 02/06).

Em síntese, o caso em apreço foi investigado a partir de instauração do Procedimento Administrativo Tutela Coletiva nº 1.00.000.001411/2007-41, com o objetivo de apurar eventual irregularidade na ostentação de símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade em repartições públicas, a partir de representação feita pelo cidadão Daniel Sottomaior Pereira, na qual aduz ter se sentido ofendido em sua liberdade de crença em face da presença de “crucifixo” nas dependências do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo.

Tendo em vista que pela análise das informações acostadas ao supracitado procedimento concluiu-se que os fatos noticiados pelo representante ofendem os princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública, o Ministério Público Federal ingressou em Juízo, por meio da presente ação civil pública, visando resguardar a liberdade de crença e o direito de auferir tratamento isonômico por parte do Poder Público, de todos os cidadãos que ingressem em repartições públicas da União, bem como para garantir a laicidade do Estado brasileiro.

O MM. Juiz Federal da 3ª Vara Cível determinou a intimação da recorrida para que se manifestasse acerca do pedido de tutela antecipada, segundo dispõe o art. 2º, da Lei nº 8.437/92 (fl. 65).

Em sua manifestação, a recorrida sustentou, em síntese: a) a impossibilidade concessão de tutela antecipada em face da Fazenda Pública; b) ausência dos requisitos para concessão da tutela antecipada (fls. 70/107).

2/17

Om

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

503
Q3

Houve o indeferimento do pleito de antecipação dos efeitos da tutela (fls. 108/113).

Citada, a recorrida apresentou contestação alegando, em síntese: a) o rechaçamento de pleito semelhante aos dos autos pelo Conselho Nacional de Justiça; b) inviolabilidade de consciência e de crença; c) exposição de símbolos religiosos como elemento cultural brasileiro (fls. 148/178).

Houve a inclusão da Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania – ABLIRC na qualidade de assistente simples do autor (fl. 249).

Designou-se audiência para oitiva de testemunhas arroladas pelo *Parquet* (fl. 278), a qual realizou-se nas datas de 07 de dezembro de 2010, 03 de março, 14 de abril de 2011 (fls. 360/368, 415/424 e 429/435).

Recorrente e recorrido ofertaram memoriais finais (fls. 437/439 e 446/460).

A MMª Juíza Federal da 3ª Vara Cível proferiu sentença, julgando improcedente o pedido ministerial e extinguindo o feito com resolução do mérito nos termos do art. 269, inciso I, do Código de Processo Civil (fls. 494/500).

É a síntese do necessário.

Em sentença de fls. 494/500, o Juízo *a quo* decidiu pela improcedência do pedido formulado pelo Ministério Público Federal na presente ação civil pública, sob o argumento de inexistência de ofensa à laicidade do Estado brasileiro em face da ostentação de símbolos religiosos atinentes ao catolicismo em locais de atendimento ao público e de grande visibilidade em prédios públicos.

Antes de adentrar ao mérito, a combatida decisão tratou o pedido alternativo apresentado pelo recorrente na oportunidade de apresentação de memoriais finais, consistente no pedido “*que se impeça a colocação de novos símbolos religiosos*” (fl. 439), como se tratasse de aditamento à inicial, julgando prejudicado o mencionado pleito com fulcro na vedação do art. 264 do Código de Processo Civil.

Ocorre que referido pedido não se configura em aditamento da exordial, uma vez que encontra-se obviamente implícito no pedido veiculado na peça inicial, tratando-se apenas de desdobramento deste. Nada mais óbvio que, ao ser pleiteada a condenação da recorrida na “*retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo*” (fl. 06), também se está pleiteando “*que se impeça a colocação de novos símbolos religiosos em tais lugares*”.

Não faria sentido algum pleitear e obter o provimento judicial se a recorrida pudesse retirar os atuais símbolos religiosos ostentados pela manhã e recolocá-los antes do final do dia (ou mesmo no dia seguinte) ou, o que é pior, se a União pudesse retirar

mm



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

os símbolos de uma religião e colocar os de outra. Assim, também este pedido deverá ser apreciado ao se julgar o presente apelo.

No que tange ao mérito da decisão, a MMª Juíza Federal afirmou, em síntese, que o princípio da laicidade estatal no Brasil, em que pese determine a separação entre o Estado e as organizações religiosas, não demanda a separação entre o Estado e o “fenômeno religioso”, promovendo tal fenômeno, bem como que, diante da carga cultural que os ícones religiosos do Catolicismo carregam em razão da forte influência da Igreja Católica na estruturação da sociedade brasileira, a manutenção de tais símbolos em prédios públicos está amparada pela proteção constitucional aos bens culturais brasileiros.

Além disto, em sua decisão, o Juízo sustentou que a laicidade do Estado brasileiro, segundo se depreende do texto constitucional, enquadra-se no tipo de “neutralidade benevolente”, não estabelecendo a sua separação do “fenômeno religioso”, mas pelo contrário, promovendo a sua ocorrência.

Inicialmente, importante esclarecer que, apesar da decisão rebatida apreciar o pleito ministerial como se fosse restrito à retirada de símbolos da Igreja Católica, há que se ressaltar que o pedido ministerial consiste na condenação da recorrida na retirada (e a proibição de nova colocação) **de símbolos atinentes a toda e qualquer religião, e não apenas dos símbolos pertencentes à Igreja Católica**. Se prevalecer o entendimento adotado na decisão ora questionada, os símbolos católicos devem ser mantidos, por supostamente resultarem de nossa história, e os demais deveriam ser retirados, o que não se pode admitir.

No mais, em que pese a argumentação da respeitável decisão, esta não merece prosperar, uma vez que resta cristalina a ofensa aos princípios constitucionais que regem a relação entre o Estado brasileiro, as instituições religiosas e seus cidadãos diante dos fatos objetos da presente demanda, a ensejar a procedência do pedido que veicula, o que se demonstrará a seguir.

Princípio da Igualdade

A Constituição Federal, norma suprema do ordenamento jurídico, tendo a dignidade como base, estabelece dentre os direitos fundamentais a serem observados pelo Estado brasileiro a igualdade e a liberdade de crença:

Art. 3º - Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

[...]

IV – promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

[...]

Art. 5º - Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos seguintes termos:

[...]

4/17

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

Ao prever o direito fundamental à igualdade, a Constituição veda qualquer tipo de discriminação, seja qual for o motivo, inclusive prevendo punição legal contra qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais (art. 5º, XLI).

Assim, o princípio da igualdade, impede que o Estado demonstre predileção por uns em detrimento de outros, o que acaba ocorrendo quando ele que opta por ostentar o símbolo de uma religião e não o de outra, ou ainda, quando opta por manifestar sua predileção por religiosos em detrimento daqueles que decidem pelo ateísmo.

Dessa forma, a única maneira de garantir o tratamento isonômico entre os professantes de todas as religiões e, também, dos ateus, é impor à União a obrigação de retirar os símbolos religiosos ostentados em seus prédios, bem como a obrigação de não mais colocá-los.

Princípio da Liberdade

Quanto à liberdade, além do preceito constitucional previsto no art. 5º, inciso VI, da Carta Política, acima mencionado, a liberdade de religião, entendendo-se como tal o direito de manifestar as próprias crenças, seja de forma individual ou coletiva, pública ou privada, também é garantida no art. XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos e nos arts. 2º, 3º e 4º da Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções.

Declaração Universal dos Direitos Humanos

Artigo XVIII.

Todo ser humano tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular.

Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções

Artigo 2º

§1º. Ninguém será objeto de discriminação por motivos de religião ou convicções por parte de nenhum Estado, instituição, grupo de pessoas ou particulares.

§2º. Aos efeitos da presente declaração, entende-se por "intolerância e discriminação baseadas na religião ou nas convicções" toda a distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na religião ou nas convicções e cujo fim ou efeito seja a abolição ou o fim do reconhecimento, o gozo e o exercício em igualdade dos direitos humanos e das liberdades fundamentais.

Proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas a 25 de novembro de 1981 - Resolução 36/55.

5/17

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B

Artigo 3º

A discriminação entre os seres humanos por motivos de religião ou de convicções constitui uma ofensa à dignidade humana e uma negação dos princípios da Carta das Nações Unidas, e deve ser condenada como uma violação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais proclamados na Declaração Universal de Direitos Humanos e enunciados detalhadamente nos Pactos internacionais de direitos humanos, e como um obstáculo para as relações amistosas e pacíficas entre as nações.

Artigo 4º

§1. Todos os Estados adotarão medidas eficazes para prevenir e eliminar toda discriminação por motivos de religião ou convicções, no reconhecimento, do exercício e do gozo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais em todas as esferas da vida civil, econômica, política, social e cultural.

§2. Todos os Estados farão todos os esforços necessários para promulgar ou derrogar leis, segundo seja o caso, a fim de proibir toda discriminação deste tipo e por tomar as medidas adequadas para combater a intolerância por motivos ou convicções na matéria.

Também deve ser destacado o Pacto de São José da Costa Rica (Convenção Americana de Direitos Humanos), que estabelece:

Artigo 12 – Liberdade de consciência e de religião

1. Toda pessoa tem direito à liberdade de consciência e de religião. Esse direito implica a liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças, bem como a liberdade de professar e divulgar sua religião ou suas crenças, individual ou coletivamente, tanto em público como em privado.

2. Ninguém pode ser submetido a medidas restritivas que possam limitar sua liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças.

3. A liberdade de manifestar a própria religião e as próprias crenças está sujeita apenas às limitações previstas em lei e que se façam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral públicas ou os direitos e as liberdades das demais pessoas.

Observa-se, pois, que o direito à livre manifestação de pensamento, no qual está incluída a liberdade de credo, como direito fundamental da pessoa humana, tem respaldo tanto no ordenamento jurídico interno, como ainda nos principais diplomas normativos internacionais.

E essa liberdade religiosa somente será atingida se o Estado manter a sua neutralidade em relação a todas as religiões, ou seja, se o Estado for laico.

Quanto à ofensa à liberdade religiosa em razão da inobservância da neutralidade que deve ser seguida pelo Brasil, Estado laico, em face dos fatos em discussão,



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

relevante a conclusão alcançada pelo Ministro Marco Aurélio de Mello, membro da Corte guardiã da Constituição Federal brasileira, em voto proferido na ADPF 54/DF:²

Vê-se, assim, que, olvidada a separação Estado-Igreja, implementou-se algo contrário ao texto constitucional. A toda evidência, o fato discrepa da postura de neutralidade que o Estado deve adotar quanto às questões religiosas. Embora não signifique alusão a uma religião específica, Deus seja louvado passa a mensagem clara de que o Estado ao menos apoia um leque de religiões – aquelas que creem na existência de Deus, aliás, um só deus, e o veneram – o que não se coaduna com a neutralidade que há de ditar os atos estatais, por força dos mencionados artigos 5º, inciso VI, e 19, inciso I, da Constituição da República. Desses dispositivos resulta, entre outras consequências, a proibição de o Estado endossar ou rechaçar qualquer corrente confessional. (grifo nosso)

Ainda nesse sentido, paradigmática decisão do Tribunal Constitucional Federal Alemão quanto à essencialidade do posicionamento neutro de um Estado laico para a efetiva garantia da liberdade religiosa de sua população:

O Estado, no qual convivem seguidores de convicções religiosas e ideológicas diferentes ou mesmo opostas, apenas pode assegurar suas coexistências pacíficas quando ele mesmo se mantém neutro em questões religiosas (...) Isto não se dá em razão da representatividade numérica ou da relevância social de uma crença. O Estado tem que, pelo contrário, observar um tal tratamento das diferentes comunidades religiosas e ideológicas que seja representado pelo princípio da igualdade (...)³ (grifo nosso)

Assim, denota-se que a leitura sistemática da Constituição não leva ao entendimento trilhado pelo Juízo *a quo* quanto ao dever estatal de promoção do “fenômeno religioso”, o qual ofenderia a previsão constitucional de liberdade religiosa e laicidade do Estado, a qual será analisada no próximo tópico.

Ainda, sustentou o Juízo *a quo* que a regra que impõe a laicidade do Estado brasileiro, de caráter principiológico, deve ser interpretada levando-se em consideração outros elementos normativos da Constituição Federal, notadamente o dever de preservação do patrimônio cultural brasileiro, no qual estariam insertos os símbolos religiosos relativos ao Catolicismo, religião com forte influência na formação da sociedade brasileira.

Assim, o tratamento especial conferido ao Catolicismo consubstanciado na presença de símbolos religiosos que lhes são pertinentes em prédios públicos teria guarida na forte carga cultural que possuem e no dever de preservação do patrimônio cultural brasileiro.)

² Trecho do voto do Ministério Marco Aurélio de Mello, na julgamento da ADPF nº 54/DF (fls. 57/82)

³ Transcrição de trechos reproduzidos em Jürgen Schwabe. *Cinquenta Anos de Jurisprudência do Tribunal Constitucional Federal Alemão*. Trad. Leonardo Martins et alli. Montevideo: Konrad Adenauer Stiftung, 2005, p. 366-376.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Ocorre que tal entendimento também não merece guarida diante das normas que tratam da proteção do patrimônio e manifestações culturais e dos princípios que regem a hermenêutica constitucional, notadamente no que tange a situações de conflito entre direitos constitucionais.

Em primeiro lugar, o dever de proteção do patrimônio cultural consubstancia-se em direito social, segundo a lição de José Afonso da Silva⁴, para o qual: *“os direitos culturais não foram arrolados no art. 6º como espécies de direito social, mas, se a educação o foi, aí também estarão aqueles (...)”*

Em sequência, importante colacionar os ensinamentos de Gilmar Mendes, Inocêncio Coelho e Paulo Branco⁵ acerca da finalidade de tais direitos sociais:

(...) diversamente dos direitos de primeira geração, os direitos, ditos sociais são concebidos como instrumentos destinados à efetiva redução e/ou supressão de desigualdades, segundo a regra de que se deve tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida de sua desigualdade.

Dessa feita, conjugando-se o teor dos dois excertos transcritos acima, compreende-se o objetivo do direito à cultura e à preservação do patrimônio cultural, direitos sociais, de redução e/ou supressão de desigualdades. Ora, a partir dessas premissas, não se pode admitir a ostentação de símbolos religiosos católicos em prédios públicos sob a alegação de pertencerem ao patrimônio cultural brasileiro, uma vez que ocasiona o tratamento desigual de cidadãos na mesma situação de busca por serviços estatais, privilegiando-se aqueles que professam a religião cujos símbolos encontram-se expostos, uma vez que tal tratamento desigual contraria a própria finalidade dos direitos sociais.

Em segundo lugar, no que pertine ao conflito jurídico entre os princípios da igualdade e a liberdade de crença, consubstanciados nos direitos dos cidadãos de serem atendidos em prédios públicos sem a presença de símbolos religiosos que não se coadunem com suas convicções, frente ao direito à cultura, consistente na manutenção de símbolos pertinentes ao Catolicismo em prédios públicos diante da carga cultural que carregam, devem ser feitas as seguintes considerações.

Dentre os princípios que norteiam a atividade do aplicador das normas constitucionais encontram-se os princípios da concordância prática e da eficácia integradora.

Nas palavras de Gilmar Mendes, Inocêncio Coelho e Paulo Branco⁶, lecionam o primeiro ao intérprete que, *“em se deparando com situações de concorrência entre bens constitucionalmente protegidos, adote a solução que otimize a realização de todos eles, mas ao mesmo tempo não acarrete a negação de nenhum”*

⁴ SILVA, José Afonso. Curso de Direito Constitucional Positivo. 25 ed. rev. e atual. São Paulo, Malheiros Editora, 2005, p. 313.

⁵ MENDES, Gilmar Ferreira. Curso de Direito Constitucional / Gilmar Ferreira Mendes, Inocêncio Mártires Coelho, Paulo Gustavo Gonet Branco, 3 ed. Rev. E atual. São Paulo, Editora Saraiva, 2008, p. 712.

⁶ MENDES, Gilmar Ferreira. Curso de Direito Constitucional / Gilmar Ferreira Mendes, Inocêncio Mártires Coelho, Paulo Gustavo Gonet Branco, 3 ed. Rev. E atual. São Paulo, Editora Saraiva, 2008, p. 114-117.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

506
CJ

Quanto ao segundo princípio, aduzem os citados autores que *esse cânone interpretativo orienta o aplicador da Constituição no sentido de que, ao construir soluções para os problemas jurídico-constitucionais, procure dar preferência àqueles critérios ou pontos de vista que favoreçam a integração social e a unidade política*.

Dessa feita, segundo os conceitos dos dois princípios em destaque transcritos acima, percebe-se que o Juízo *a quo* não acompanhou suas diretrizes interpretativas.

A decisão combatida, ao manter a situação fática sob enfoque, não gera harmonização dos direitos constitucionais em conflito, ao passo em que nega efetividade ao princípio da igualdade e à plena liberdade de crença de parcela da sociedade brasileira em prol do direito à cultura dos católicos, bem como não promove a "integração social", já que mantém situação prejudicial à noção de pertencimento e participação na gerência da *res pública* de cidadãos que não professam as religiões cujos símbolos continuarão exibidos em prédios públicos nos quais necessitem transitar.

Caso referida decisão trilhasse o sentido contrário, no sentido da retirada dos símbolos em voga de prédios públicos, estar-se-ia atendendo aos princípios hermenêuticos supracitados, já que seria conferida efetividade ao princípio da igualdade e da liberdade de crença, bem como o direito à cultura, no que tange ao simbolismo da Igreja Católica, continuaria resguardado por meio das inúmeras obras, monumentos e templos pertencentes a essa religião que encontram-se tutelados por meio de instrumentos de proteção do patrimônio histórico e cultural brasileiro.

Em terceiro lugar, no que tange ao entendimento trilhado pelo Juízo *a quo* quanto à ausência de ofensa ao princípio igualdade pela ostentação de símbolos exclusivamente pertencentes à religião católica em razão de tal situação decorrer de tratamento especial, e não privilégio, conferido aos símbolos da referida religião em razão de seus "fortes traços culturais", também não merece acolhida.

Há que se levar em consideração os traços de miscigenação e de consequente multiculturalidade do processo de formação da sociedade brasileira. Em que pese a destacada influência da Igreja Católica nos traços políticos e sociais na história do Brasil, os símbolos das demais religiões professadas no Brasil também possuem fortes traços culturais em decorrência da influência na formação da sociedade nacional. Tem-se por exemplo os símbolos das religiões umbandista, com notório vínculo à etnia africana, as religiões protestantes, com forte relação com os imigrantes europeus, e o budismo, com destacado professamento pelos imigrantes orientais.

Ora, assim como os símbolos da religião católica tem forte conotação cultural em razão da participação dos portugueses na formação da sociedade brasileira, os símbolos de outras religiões tais quais as discriminadas acima também possuem referida conotação, já que as etnias e povos com os quais possuem relação também tiveram participação no processo de formação de nossa sociedade.

Desta feita, não há que se falar em merecimento de tratamento especial pelos símbolos da religião católica em detrimento dos símbolos de outras religiões professadas no país, restando configurada situação de privilégio no tratamento diferenciado

9/17

0m4

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

conferido aos elementos representativos daquela religião, em dissonância com os ditames do princípio da igualdade.

Assim, a respeitável decisão acaba por se basear numa suposta superioridade da religião católica em detrimento das demais religiões, o que não se pode admitir sob pena de resultar em discriminação condenável às pessoas que não professam a fé católica.

Por fim, quanto ao princípio da liberdade religiosa, conforme notícia extraída do sítio eletrônico "Última Instância"⁷ (doc. 03), no ano de 2012 ocorreu um aumento de 626% (seiscentos e vinte e seis por cento) no número de denúncias de violação à liberdade de religião recebidas pela Ouvidoria da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, o que levou referida Secretaria a criar o Comitê Nacional de Diálogo da Diversidade Religiosa em Brasília⁸ (doc. 04).

Como se vê, já passou o momento do Brasil respeitar todas as religiões e a liberdade religiosa de todos os brasileiros e brasileiras, o que se espera com a procedência da presente ação.

Laicidade do Estado

Além dos princípios da igualdade e da liberdade, o ordenamento constitucional vigente estabelece a laicidade do Estado brasileiro, uma das formas de garantia ao direito de crença, proibindo a concorrência, embaraço ou dependência dos entes federativos em assuntos religiosos, consoante ditames do art. 19 da Constituição Federal:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Nesse aspecto, a Constituição Federal determina que a União se mantenha neutra em relação às diferentes concepções religiosas presentes na sociedade, sendo-lhe vedado tomar partido em questões de fé, estabelecer preferências, privilegiar uns ou ignorar outros, bem como buscar o favorecimento ou o embaraço de qualquer crença.

O Juízo *a quo*, porém, decidiu que a laicidade do Estado brasileiro, segundo se depreende do texto constitucional, enquadra-se no tipo de "neutralidade benevolente", não estabelecendo a sua separação do "fenômeno religioso", mas pelo contrário, promovendo a sua ocorrência.

⁷ DENÚNCIA de intolerância religiosa cresce mais de 600% em 2012. Disponível em:

<http://ultimainstancia.uol.com.br/conteudo/noticias/60052/denuncia+de+intolerancia+religiosa+cresce+mais+de+600%25+em+2012.shtml>. Acesso em: 24/01/2013.

⁸ CÔMITE Nacional de Diálogo da Diversidade Religiosa é instalado em Brasília. Disponível em:

<http://portal.sdh.gov.br/clientes/sedh/sedh/2013/01/22-jan-13-comite-nacional-de-dialogo-da-diversidade-religiosa-e-instalado-em-brasilia>. Acesso em: 24/01/2013.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Embasa o entendimento retro primeiramente na existência da expressão "sob a proteção de Deus" no Preâmbulo da Constituição Federal, o que, a partir de uma leitura sistêmica, denotaria uma amenização da separação entre Estado e Igreja a permitir a concretização do "fenômeno religioso" mesmo em repartições estatais.

Ocorre que, conforme já decidido pelo Supremo Tribunal Federal, o preâmbulo da Constituição Federal não possui força normativa, e seu conteúdo deve ser apreciado à luz de todo o contexto constitucional no qual está inserido.

Com efeito, ao julgar a Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2.076/AC, da relatoria do Ministro Carlos Veloso, o Supremo Tribunal Federal fixou o entendimento de que o referido preâmbulo carece de força normativa:

CONSTITUCIONAL. CONSTITUIÇÃO. PREÂMBULO. NORMAS CENTRAIS. Constituição do Acre. I. - Normas centrais da Constituição Federal: essas normas são de reprodução obrigatória na Constituição do Estado-membro, mesmo porque, reproduzidas, ou não, incidirão sobre a ordem local. Reclamações 370-MT e 383-SP (RTJ 147/404). II. - Preâmbulo da Constituição: não constitui norma central. Invocação da proteção de Deus: não se trata de norma de reprodução obrigatória na Constituição estadual, não tendo força normativa. III. - Ação direta de inconstitucionalidade julgada improcedente. (grifo nosso)

Em relação a este julgamento, bastante curiosa a argumentação trazida pelo Ministro Sepúlveda Pertence e reproduzida pelo Ministro Marco Aurélio no julgamento da ADPF 54/DF:

Naquela assentada, o eminente Ministro Sepúlveda Pertence asseverou que a "locução 'sob a proteção de Deus' não é norma jurídica, até porque não se teria a pretensão de criar obrigações para a divindade invocada. Ela é uma afirmação de fato jactanciosa e pretensiosa, talvez - de que a divindade estivesse preocupada com a Constituição do país.

Ainda, há que se fazer uma interpretação sistemática de todo o conjunto normativo da Constituição Federal. Desta feita, não pode o disposto no preâmbulo, o qual não possui força normativa, ser interpretado de forma a contrariar o previsto no art. 5º, inciso VI, da Constituição Federal, e o estabelecido no §2º desse artigo em conjunto com os dispositivos dos Tratados Internacionais destacados acima, uma vez que estes sim possuem força normativa.

Assim, tendo em vista que o preâmbulo da Constituição não tem força normativa, que inexistente preceito constitucional a autorizar manifestações de cunho religioso em locais representativos de entes estatais, bem como que existem dispositivos constitucionais a garantir a plena liberdade de crença e a determinar a separação entre Estado e organizações religiosas, denota-se que aquele dispositivo constitucional não pode direcionar o hermenêuta ao entendimento quanto à citada "neutralidade benevolente" da laicidade do Estado brasileiro, sob pena de ilógica prevalência de dispositivo sem força normativa sobre normas constitucionais com força normativa.

11/17

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B

Roesler.⁹

Nesse sentido, são as palavras do ex-Procurador Federal Atila da Rold

O Direito Constitucional ensina que o texto preambular não possui força cogente e só tem alguma utilidade quando é confirmado pelo texto normativo que integra a própria Constituição. Ocorre que o único ponto do Preâmbulo não reforçado pelo texto constitucional foi justamente a referência a Deus. Além de não reafirmado, o artigo 19, inciso I, como já visto, aponta justamente para o contrário. Na verdade, a única interpretação possível que se pode extrair do Preâmbulo é a de que a "proteção de Deus" invocada é pertencente somente à pessoa dos constituintes originários e seu caráter é meramente subjetivo. (grifo nosso)

Ainda, oportuno colacionar trecho do voto¹⁰ do Desembargador Cláudio Baldino Maciel, Relator do Procedimento Administrativo nº 0139-11/000348-0 do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (doc. 01), o qual é considerado de vanguarda no cenário jurídico brasileiro e no âmbito do qual fora determinada a retirada de símbolos religiosos de prédios públicos (doc. 02):

Logo, quis o Brasil que o Estado seja laico, vale dizer, um Estado inteiramente separado da Igreja e que, além de não adotar, se mostre indiferente e neutro com relação a qualquer religião professada por parte de seu povo, embora deva não intromissão e respeito a todas. A laicidade opera em duas direções, complementares e importantes: por um lado, o Estado não se pode imiscuir em temas religiosos, ou seja, não pode embarçar, na dicção constitucional, o funcionamento de igrejas e cultos religiosos ou mesmo manifestação de fé ou crença dos cidadãos, o que significa salvaguarda eficaz para a prática das diversas confissões religiosas; por outro lado, no entanto, a laicidade protege o Estado, como entidade neutra nesta área, da influência religiosa, não podendo qualquer doutrina ou crença religiosa, mesmo majoritária, imiscuir-se no âmbito do Estado, da política e da "res" pública.

Em outras palavras, o Estado laico protege a liberdade religiosa de qualquer cidadão ou entidade, em igualdade de condições, e não permite a influência religiosa na coisa pública.

(...)

... em nosso país se salvaguarda exatamente a crença e a prática religiosa individual ou coletiva ante a ação do Estado, que não pode nelas interferir. Exatamente por tal motivo se exige a neutralidade estatal em matéria religiosa, ou seja, deve o Estado adotar postura que

⁹ ROESLER, Atila da Rold Roesler. O Estado não tem o direito de ostentar símbolos religiosos. Revista Âmbito Jurídico. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=7252>. Acesso em: 30/11/2012.

¹⁰ MACIEL, Cláudio Balbino. Leia a íntegra do voto histórico que determina a retirada de crucifixos em tribunais no RS. Revista Pragmatismo Político. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/03/leia-a-integra-do-voto-historico-que-determina-a-retirada-de-crucifixos-em-tribunais-no-rs.html>>. Acesso em: 24/01/2013.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

se afaste de qualquer atividade, prática religiosa ou exposição de símbolos religiosos em instituições públicas como forma de garantir sua neutralidade em face de valores religiosos ou mesmo da falta de tais valores.

(...)
Ora, a laicidade deve ser vista, portanto, não como um princípio que se oponha à liberdade religiosa. Ao contrário, a laicidade é a garantia, pelo Estado, da liberdade religiosa de todos os cidadãos, sem preferência por uma ou outra corrente de fé. Trata-se da garantia da liberdade religiosa de todos, inclusive dos não crentes, o que responde ao caro e democrático princípio constitucional da isonomia, que deve inspirar e dirigir todos os atos estatais de acordo com um imperativo constitucional que não se pode desconhecer ou descumprir.

Como se nota pelo já exposto acima, o princípio da laicidade do Estado, expressamente adotado pelo Brasil, e a liberdade religiosa impõem ao Poder Público o dever de proteger todas as manifestações religiosas, sem tomar partido de nenhuma delas, ou seja, cabe ao Poder Público manter a sua neutralidade.

O Juízo *a quo*, porém, optou por decidir em sentido diverso, negando a necessidade do Poder Público manter sua neutralidade e fundamentando sua decisão no argumento de que as declarações colhidas nos autos não dão conta da prevalência de sentimento de constrangimento no seio das diversas religiões professadas no Brasil em face da presença de símbolos religiosos em repartições públicas.

Porém, ao contrário do que se vê no respeitável julgado, não é essa a concepção que se extrai das oitivas dos representantes religiosos arrolados pelo *Parquet*, consoante conteúdo dos excertos extraídos dos termos de oitivas realizadas nos autos e transcritos abaixo.

Daniel Sottomaior, presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos, disse que (fl. 363):

Porém, para outra parcela, que considera importante, a ostentação de tais símbolos não é indiferente, sendo que fere a laicidade do Estado, causando repúdio em parcela significativa de ateus e agnósticos (...)
Que a mensagem recebida por ateus e agnósticos com a ostentação de símbolos religiosos é similar à da propaganda comercial. Que tal demonstra uma identidade ou adesão ao que o símbolo representa, demais disso uma promoção enaltece valores e qualidades de dada instituição religiosa.

Daniel Checcio, pastor evangélico, quando apresentadas as figuras juntadas às fls. 374/377, declarou (fl. 367/368):

Que conhece os símbolos mostrados pelo Ministério Público Federal, porém não sabe seus significados. Que acharia estranho, pelo contexto, e por ser um símbolo bastante diferente, que qualquer deles estivesse sendo ostentado em prédio público.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

Em seu depoimento, Alcionei Miranda Feliciano, Pastor da Igreja Assembleia de Deus, declarou que (fls. 432/434):

(...) vê a utilização de crucifixos em prédios público como um resquício do período imperial, onde a Igreja Católica era a oficial do Império. É importante colocar que o crucifixo não simboliza o Cristianismo de forma genérica, mas é um símbolo oficial da Igreja Católica. Porque os protestantes até se utilizam da cruz, mas em nenhuma hipótese com Cristo Crucificado. Logo, toda vez que existe um Cristo crucificado, remete-se à Igreja Católica. Para os cristãos chega-se a tolerar por conta do fator histórico, mas é claro o privilégio da Igreja Católica em detrimento das demais religiões. O crucifixo não remete à ideia, como defendido pela comunidade católica, de paz, amor, tolerância, mas para as religiões afros, a cruz, símbolo da Igreja Católica, traz consigo a ideia de perseguição, intolerância, privilégios, etc. (...) Se encontrasse a imagem de fl. 374 em uma sala de audiências, a testemunha teria uma sensação horrível, até porque a imagem remete a princípios e valores diferentes dos do depoente e o Estado não pode defender os princípios de nenhuma religião. (...) Perguntado se o crucifixo incomoda a testemunha, respondeu que incomoda porque deixa claro os resquícios dos benefícios concedidos à igreja majoritária em detrimento das minoritárias.

Por outro lado, a ostentação de símbolos religiosos em prédios públicos da recorrida, além de ferir o princípio da laicidade do Estado brasileiro, é prejudicial à noção de identidade e ao sentimento de pertencimento nacional aos cidadãos que não professam a religião a que pertencem os símbolos expostos.

Nesse sentido é o depoimento de Rubens Sternschein, Rabino da Congregação Israelita Paulista, quando lhes apresentadas as figuras de fls. 374/377 (fls. 422/423):

(...) que a presença de qualquer delas afetaria a neutralidade do ambiente e qualquer pessoa que não professasse a religião simbolizada poderia incidir num sentimento de falta de pertencimento. (...) Que já havia mencionado que a presença de crucifixos nos Tribunais remete a uma certa forma de sectarismo (...) que existe a possibilidade de determinadas pessoas possam se sentir agredidas ou que tais fatos possam demonstrar certa predileção do Estado por uma dada religião.

Dessa forma, ao contrário do decidido na sentença ora combatida, a ostentação de símbolos religiosos ofende a laicidade do Estado e, portanto, imperativo que tais símbolos sejam retirados dos locais indicados na petição inicial.



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

509
CS

Princípio da Impessoalidade

Além da submissão dos entes federados à laicidade, eles também encontram-se regidos pelo princípio da impessoalidade, norteador da Administração Pública, conforme art. 37 da Constituição Federal.

Art. 37 - A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: [...]

O princípio da impessoalidade impede que os agentes públicos, na qualidade de representantes do Estado, utilizem-se da máquina estatal e de estabelecimentos estatais para o atendimento de suas convicções íntimas. Ainda, impede que também utilizem-se de tais elementos para dispensar atendimento não igualitário aos administrados, muito menos por meio do estabelecimento de privilégios para atender interesses de certas classes em razão das convicções de seus integrantes.

Quanto ao princípio da impessoalidade, destaca Celso Antônio Bandeira de Mello:

Nele se traduz a idéia de que a Administração tem que tratar a todos os administrados sem discriminações, benéficas ou detrimen-tosas. Nem favoritismo nem perseguições são toleráveis. Simpatias ou animosidades pessoais, políticas ou ideológicas não podem interferir na atuação administrativa e muito menos interesses setoriais, de facções ou grupos de qualquer espécie. O princípio em causa não é senão o próprio princípio da igualdade ou isonomia.¹¹

Nessa seara, compreende-se que o agente público, na concretização da vontade estatal, deve estar adstrito às normas que regem a Administração Pública, direcionando sua atuação no sentido de atender ao interesse público.

Já não se vive mais na época de Luís XIV, o Rei Sol, na qual o Estado se confundia com a figura de seu próprio representante, o qual afirmava convictamente "L'Etat c'est moi".

Assim, perfeitamente possível que um servidor público ou agente político, no exercício de suas atribuições e nos estritos limites de seu gabinete ou sala, manifeste a sua liberdade religiosa e coloque na parede do seu espaço de trabalho um símbolo religioso, como ocorre frequentemente com os Juizes, que decoram seus gabinetes de acordo com as suas convicções pessoais, inclusive religiosas.

O que não se pode admitir, contudo, é que em salas destinadas ao atendimento do público, como é o caso da sala de audiência ou mesmo do hall de entrada dos edifícios forenses, alguém esteja autorizado a colocar este ou aquele símbolo religioso, pois,

¹¹ MELLO, Celso Antônio Bandeira de. Curso de Direito Administrativo, 27 ed., São Paulo, Malheiros Editora, 2010, p. 114.

CMU



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

nestes casos, como não é possível identificar o autor da manifestação religiosa, ela acaba por ser atribuída ao Estado que, como se sabe, é laico.

Neste sentido decidiu o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul¹², ao determinar a retirada de símbolos religiosos de prédios públicos:

Nada impede que um magistrado, no interior de seu gabinete de trabalho, faça afixar na parede um símbolo religioso ou uma fotografia de Che Guevara.

No entanto, à luz da Constituição, na sala de sessões de um tribunal, na sala de audiências de um foto, nos corredores de um prédio do Judiciário mostra-se ainda mais indevida a presença de um crucifixo (ou uma estrela de Davi do judaísmo, ou a Lua Crescente e Estrela do Islamismo) do que uma grande bandeira de um clube de futebol.

O objetivo da retirada dos símbolos religiosos dos locais acima indicados é uma imposição do princípio da impessoalidade.

Quanto ao tema, neste sentido são as palavras de Celso Antônio Bandeira de Mello¹³:

Órgãos são unidades abstratas que sintetizam os vários círculos de atribuições do Estado. Por se tratar, tal como o próprio Estado, de entidades reais, porém abstratas (seres de razão), não têm nem vontade nem ação, no sentido de vida psíquica ou animica próprias, que, estas, só os seres biológicos podem possuí-las. De fato, os órgãos não passam de simples repartição de atribuições, e nada mais. Então, para que tais atribuições se concretizem e ingressem no mundo natural é necessário o concurso de seres físicos, prepostos à condição de agentes. O querer e o agir desses sujeitos é que são, pelo Direito, diretamente imputados ao Estado (manifestando-se por seus órgãos), de tal sorte que, enquanto atuam nesta qualidade de agentes, seu querer e seu agir são recebidos como e o agir dos órgãos componentes do Estado; logo, do próprio Estado; (...) Estado e órgãos que o compõem se exprimem através dos agentes, na medida em que ditas pessoas físicas atuam nesta posição de veículos de expressão do Estado: (grifo nosso).

Claro que se pode alegar que a autoridade superior que atua no edifício, que no caso da sala de audiência é o Juiz, pode determinar a colocação deste ou daquele símbolo religioso, mas, nestes casos, tal autoridade estaria usando o seu cargo para satisfazer

¹² MACIEL, Cláudio Balbino. Leia a íntegra do voto histórico que determina a retirada de crucifixos em tribunais no RS. Revista Pragmatismo Político. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2012/03/leia-a-integra-do-voto-historico-que-determina-a-retirada-de-crucifixos-em-tribunais-no-rs.html>. Acesso em: 24/01/2013.

¹³ MELLO, Celso Antônio Bandeira de. Curso de Direito Administrativo. 27 ed. rev. e atual. São Paulo. Malheiros Editores, 2010, p. 140.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria da República no Estado de São Paulo
Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

interesse pessoal, em detrimento dos interesses dos demais servidores que atuam na referida sala e, ainda, em prejuízo das convicções religiosas das pessoas que nela são atendidas.

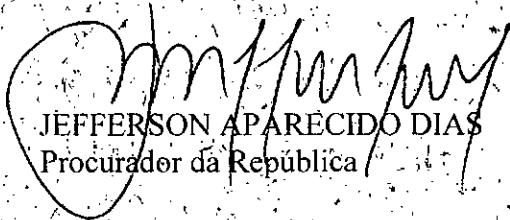
Assim sendo, considerando-se o princípio da igualdade, a liberdade de crença e a laicidade do Estado brasileiro frente à situação fática de multiculturalidade do povo brasileiro, considerando-se o princípio da impessoalidade frente à demonstração de convicções íntimas religiosas por servidores públicos no desempenho da atividade pública, denota-se que a exibição de símbolos religiosos em locais públicos de grande visibilidade ou de uso dos administrados não está de acordo com as normas que regem a relação entre o Estado e religião, e a relação entre Estado e seus cidadãos.

Ante o quadro fático objeto dos autos, em que a União permite a ostentação de símbolos religiosos em locais de grande visibilidade ou de atendimento público em seus prédios, compete ao Poder Judiciário conferir efetividade a toda a normatividade supracitada, notadamente os dispositivos normativos que determinam a observância do princípio da igualdade, a liberdade de crença, a laicidade do Estado Brasileiro e o respeito ao princípio da impessoalidade pela Administração Pública, exigindo cessação de tal permissividade da ré.

Enquanto a União, recorrida, não respeitar de forma plena e adequada o mandamento de laicidade estatal e a liberdade de religião do povo brasileiro, inclusive com relação ao quadro fático contra o qual se insurge o recorrente, não poderá garantir de forma efetiva a observância e respeito dessa liberdade por parte de seus administrados, o que impõe o provimento do presente recurso, com a reforma da sentença combatida de modo a ser determinada a adequação da conduta da ré em prol da laicidade do Estado brasileiro e da liberdade de religião, para o efetivo alcance do objetivo do recém-criado e supracitado Comitê, notadamente no combate aos casos de afronta à liberdade de religião.

Por todo o exposto, e pelo que mais dos autos consta, reiterando os argumentos apresentados na petição inicial, requer o Ministério Público Federal seja provido o presente apelo, para reformar *in totum* a sentença combatida, julgando-se procedente a ação nos termos referidos nas fls. 437/439.

São Paulo, 29 de janeiro de 2013.


JEFFERSON APARECIDO DIAS
Procurador da República

17/17

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B

S 11

Q 11

DOC. 01

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:30

Número do documento: 22070818562349400000248538998

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562349400000248538998>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



O que busca?

Buscar

- [Inicial](#)
- [TopBlog 2010](#)
- [Fale conosco](#)

694

Compartilhar

36

Tweetar

12

20

Leia a íntegra do voto histórico que determina a retirada de crucifixos em tribunais no RS

Postado em: 8 mar 2012 às 1:52

Só a laicidade respeitará os interessados da sentença abaixo. Todos os ateus e deístas não truculentos devem muito a eles. Esperamos que esta decisão frutifique num país onde ainda grassa a Idade Média. Voto do Dr. (este merece o título) Cláudio Balbino Maciel.



53
Gd.



Via Milton Ribeiro

Se a religião é inextirpável do ser humano, devemos fazê-la recuar ao nível de opção pessoal. Na medida que um país ou uma instituição a adota, entramos num terreno muito pantanoso, como podemos notar em questões irresolvidas como o aborto e outras de ainda maior clareza e primarismo. Se o Estado abraça um credo, fatalmente discriminará outros, além daquelas pessoas que são ateias. Ser laico não é ser contra a religiões, é a posição institucional que fica fora dessa esfera, respeitando o direito de todos à opção religiosa numa sociedade marcada pela diversidade. Essa laicidade do Estado deve ser observada pela justiça, pela escola, pelo sistema de saúde e por todos os serviços garantidos a todos os cidadãos, sem distinção de sexualidade, cor, origem social, credo político ou religioso.

Só a laicidade respeitará os interessados da sentença abaixo. Todos os ateus e deístas não truculentos devem muito a eles. Esperamos que esta decisão frutifique num país onde ainda grassa a Idade Média.

Há decisões políticas que só podem ser decididas à margem dos políticos, ainda mais num país como o nosso, tomado de católicos, evangélicos e por políticos que se sentem devedores deles e que acabam por nos impor um estranho fundamentalismo. Aguardamos as manifestações dos políticos e até mesmo dos blogs políticos.

Leia mais

- Ateus e agnósticos podem desacreditar ou duvidar de Deus?
- Mário Maestri: A peste integralista no Brasil (conteúdo recomendado!)

Espero que a decisão da justiça gaúcha seja repassada a todos os órgãos públicos e às escolas. Pois quem deve se preocupar com minha salvação sou eu, meu amigo, e não você.

Abaixo reproduzo o grande voto do Dr. (este merece o título) Cláudio Balbino Maciel, na verdade uma coisa tão constringedoramente simples que qualquer pessoa de bom senso e bom nível cultural poderia ter escrito.

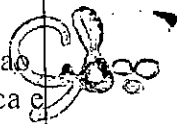
Voto

E M E N T A

EXPEDIENTE ADMINISTRATIVO. PLEITO DE RETIRADA DOS CRUCIFIXOS E DEMAIS SÍMBOLOS RELIGIOSOS EXPOSTOS NOS ESPAÇOS DO PODER JUDICIÁRIO



519



DESTINADOS AO PÚBLICO. ACOLHIMENTO.

A presença de crucifixos e demais símbolos religiosos nos espaços do Poder Judiciário destinados ao público não se coaduna com o princípio constitucional da impessoalidade na Administração Pública e com a laicidade do Estado brasileiro, de modo que é impositivo o acolhimento do pleito deduzido por diversas entidades da sociedade civil no sentido de que seja determinada a retirada de tais elementos de cunho religioso das áreas em questão.

PEDIDO ACOLHIDO.

RELATÓRIO

Des. CLÁUDIO BALDINO MACIEL (RELATOR)

Diversas entidades da sociedade civil, todas qualificadas na peça inicial deste expediente administrativo, postulam a retirada dos crucifixos e de outros símbolos religiosos atualmente expostos nos espaços públicos do Poder Judiciário, fundamentando tal pedido no artigo 19 da Constituição Federal e no fato de ser o Brasil um Estado laico.

A Assessoria Especial e o então Assessor da Presidência, Dr. Antonio Vinicius Amaro da Silveira, manifestaram-se pelo indeferimento do pedido, o que foi acolhido pelo anterior Presidente deste Tribunal de Justiça, Desembargador Leo Lima (fl. 15).

Sobreveio, então, pedido de reconsideração, que foi encaminhado ao egrégio Conselho da Magistratura, na forma do artigo 8º, inciso IX, alínea "b", de seu Regimento Interno, sendo-me distribuído o expediente.

Vieram-me conclusos.

É o relatório.

VOTO

Des. CLÁUDIO BALDINO MACIEL (RELATOR)

Eminentes colegas.

Embora sejam ouvidas algumas vozes apontando para a irrelevância do tema ora tratado quando cotejado com as graves questões enfrentadas pelo Poder Judiciário brasileiro, não hesito em afirmar, em primeiro lugar, que o tema deste expediente é muito relevante, especialmente porque diz respeito a matéria regida pela Constituição Federal e porque se trata de refletir a respeito da relação entre Estado e Igreja em um país republicano, democrático e laico.

Aliás, a demonstrar a relevância do tema para as sociedades mais avançadas e com consolidado estágio democrático, basta referir recentes decisões da Corte Constitucional da Alemanha, da Suprema Corte Americana e do Tribunal Europeu de Direitos Humanos, do que se tratará adiante.

A influência da Igreja sobre o Estado, especialmente na Idade Média, com todos os abusos que daí advieram (Cruzadas, Santa Inquisição, etc.) foi uma das causas que acabaram levando, no âmbito do mundo ocidental, à laicidade estatal.

Ainda há, contudo, Estados teocráticos. O Irã islâmico, antiga Pérsia secular, é um exemplo sugestivo de como nesse modelo de organização política uma única doutrina religiosa assume tão decisiva importância para a integral conformação do país e mesmo para o destino de seu povo. E disso deriva, quase sempre, intolerância extrema com crenças religiosas distintas da religião oficial. Recente



515

Cl.

notícia na imprensa mundial divulgou o fato de que um cidadão iraniano chamado Youssef Nadarkhani, por causa de sua conversão ao cristianismo, resultou condenado à morte uma vez que não teria aceitado a proposta estatal de reconversão ao Islã.

A nação brasileira, a exemplo do que ocorre no mundo ocidental em geral desde o final do Império e através de todas as Constituições republicanas, afirmou tratar-se o Brasil de um Estado laico.

O artigo 19 da Constituição Federal de 1988 veda expressamente à União, Estados e Municípios estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.

Por outro lado, no rol dos direitos fundamentais, a Constituição assegura aos cidadãos a liberdade religiosa, a liberdade de crença e de culto, além da igualdade, independentemente de suas convicções religiosas.

Logo, quis o Brasil que o Estado seja laico, vale dizer, um Estado inteiramente separado da Igreja e que, além de não adotar, se mostre indiferente e neutro com relação a qualquer religião professada por parte de seu povo, embora deva não intromissão e respeito a todas.

A laicidade opera em duas direções, complementares e importantes: por um lado, o Estado não se pode imiscuir em temas religiosos, ou seja, não pode embaraçar, na dicção constitucional, o funcionamento de igrejas e cultos religiosos ou mesmo manifestação de fé ou crença dos cidadãos, o que significa salvaguarda eficaz para a prática das diversas confissões religiosas; por outro lado, no entanto, a laicidade protege o Estado, como entidade neutra nesta área, da influência religiosa, não podendo qualquer doutrina ou crença religiosa, mesmo majoritária, imiscuir-se no âmbito do Estado, da política e da res pública.

Em outras palavras, o Estado laico protege a liberdade religiosa de qualquer cidadão ou entidade, em igualdade de condições, e não permite a influência religiosa na coisa pública.

Na França, cuja república ainda está contaminada por um certo grau de jacobinismo que remonta à Revolução de 1789 (*"omundo só será feliz quando o último rei for enforcado com as tripas do último padre"*, teriam dito Voltaire ou Jean Meslier, o que bem reflete o clima da época), no ano de 1994 foi editada lei que proíbe que alunos de escolas públicas portem símbolos religiosos ostensivos. O objetivo, conquanto genérico, na verdade foi a proibição da burka para mulheres de determinado credo religioso, porque tal medida violaria a liberdade religiosa dos demais cidadãos. Ou seja, na França se proíbe determinadas manifestações individuais da religiosidade.

No Brasil, em meu modo de ver, não seria juridicamente admissível tal tipo de restrição, já que atinge o âmbito individual da experiência religiosa, explicitamente protegido pela Carta Maior.

Ao contrário, em nosso país se salvaguarda exatamente a crença e a prática religiosa individual ou coletiva ante a ação do Estado, que não pode nelas interferir. Exatamente por tal motivo se exige a neutralidade estatal em matéria religiosa, ou seja, deve o Estado adotar postura que se afaste de qualquer atividade, prática religiosa ou exposição de símbolos religiosos em instituições públicas como forma de garantir sua neutralidade em face de valores religiosos ou mesmo da falta de tais valores.

À margem da Constituição Federal, a prática, contudo, não tem sido exatamente esta.

Por exemplo, hoje é fácil constatar a existência de uma política de concessão de rádios e televisões que, além de criar outros graves problemas (criou uma bancada da comunicação social com uma quantidade alarmante de parlamentares titulares de concessões, circunstância que viola frontalmente



a CF), proporcionou a criação e a manutenção de uma bancada evangélica no Congresso Nacional, hoje com número e força suficiente para barrar a tramitação de qualquer projeto de lei que contrarie elementos de sua doutrina religiosa.

Nada de errado haveria em tal fato se o fenômeno não estivesse apoiado, para se criar e manter, em uma extensa rede de rádios e televisões que representam serviço público concedido, cujos critérios de concessão violam, para falar o menos, a isonomia com que tal tema deveria ser tratado no seio de uma nação multicultural, multirracial e multirreligiosa como a nossa.

Também assim ocorre no âmbito do Poder Judiciário e outros espaços públicos de prédios estatais, quando se constata a presença de símbolos religiosos como, por exemplo, o crucifixo.

A questão é, portanto, mais complexa e profunda do que possa parecer a um primeiro olhar.

Não se trata, evidentemente, de defender postura ateísta ou refratária à religiosidade. No dizer de Daniel Sarmento[1]:

“O ateísmo, na sua negativa de existência de Deus, é também uma crença religiosa, que não pode ser privilegiada pelo Estado em detrimento de qualquer outra cosmovisão. Pelo contrário, a laicidade impõe que o Estado se mantenha neutro em relação às diferentes concepções religiosas presentes na sociedade, sendo-lhe vedado tomar partido em questões de fé, bem como buscar o favorecimento ou o embaraço de qualquer crença.”[2]

Em Portugal, um dos maiores especialistas da matéria assim se manifesta a respeito:

“A concessão estadual de uma posição de vantagem a instituições, símbolos ou ritos de uma determinada confissão religiosa é suscetível de ser interpretada, pelos não aderentes, como uma forma de pressão no sentido da conformidade com a confissão religiosa favorecida e uma mensagem de desvalorização das restantes crenças. Por outras palavras, ela é inerentemente coerciva.” [3]

Dai vem que mesmo nos Estados Unidos da América, país com forte tradição religiosa representada pela própria expressão “in God we trust”, lema norte americano estampado em notas de dinheiro e moedas daquele país, a Suprema Corte, no caso Engel x Vitale, ainda no ano de 1962, ressaltou que:

“Quando o poder, prestígio ou apoio financeiro do Estado é posto a serviço de uma particular crença religiosa, é clara a pressão coercitiva indireta sobre as minorias religiosas para que se conformem a religião prevalecente oficialmente aprovada.”[4]

Em outras palavras, decidiu a Suprema Corte americana que a preferência estatal por uma determinada crença com a ostentação de visíveis símbolos religiosos em espaço público institucional representa uma indevida adesão oficial a uma corrente religiosa e uma correspondente coerção relativa às demais correntes ou àqueles que não professam crença alguma.

Na jurisdição constitucional alemã, da mesma forma, está assente a inconstitucionalidade da presença de crucifixos, pelos mesmos motivos, em salas de aula do ensino fundamental.

Assim decidiu o Tribunal Constitucional alemão[5]:

“O art. 4, I, da Lei Fundamental, deixa a critério do indivíduo decidir quais símbolos religiosos serão por ele reconhecidos e adorados e quais serão por ele rejeitados. Em verdade, não tem ele direito, em uma sociedade que dá espaço a diferentes convicções religiosas, a ser poupado de manifestações religiosas, atos litúrgicos e símbolos religiosos que lhe são estranhos. Deve-se diferenciar disso, porém, uma situação criada pelo Estado, na qual o indivíduo é submetido, sem



517

liberdade de escolha, à influência de uma determinada crença, aos atos nos quais ela se manifesta, e aos símbolos pelo meio dos quais ela se apresenta... O Estado, no qual convivem seguidores de convicções religiosas e ideológicas diferentes ou mesmo opostas, apenas pode assegurar suas coexistências pacíficas quando ele se mantém neutro em matéria religiosa."

A Suprema Corte americana, no caso *County of Allegheny x ACLU*[6], considerou inconstitucional, por violação da anti-establishment cause, a manutenção de um presépio natalino na escadaria de um tribunal, já que o mesmo expressava mensagem religiosa incompatível com a primeira emenda que proíbe o Estado de transmitir ou tentar transmitir uma mensagem de que uma religião ou uma crença religiosa em particular seja favorecida ou preterida.

Foi certamente com base em compreensão similar que o então Presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, em fevereiro de 2009, determinou a retirada do crucifixo da sala do Órgão Especial e desativou a capela confessional existente nas dependências do tribunal, promovendo a criação de um local ecumênico no prédio. O Presidente em questão tem origem judaica e, talvez por tal circunstância, tenha melhor compreendido a discriminação que possa significar, para quem professa outras crenças, o símbolo máximo de uma única determinada religião em um prédio público.

Ora, a laicidade deve ser vista, portanto, não como um princípio que se oponha à liberdade religiosa. Ao contrário, a laicidade é a garantia, pelo Estado, da liberdade religiosa de todos os cidadãos, sem preferência por uma ou outra corrente de fé. Trata-se da garantia da liberdade religiosa de todos, inclusive dos não crentes, o que responde ao caro e democrático princípio constitucional da isonomia, que deve inspirar e dirigir todos os atos estatais de acordo com um imperativo constitucional que não se pode desconhecer ou descumprir.

Há quem refira, como defesa possível de sua tese, o caráter não-religioso do crucifixo. Sem razão, contudo. É evidente que o símbolo do crucifixo remete imediatamente ao Cristianismo, consistindo em sua imagem mais evidente.

A Corte Constitucional alemã, refutando o argumento de que o crucifixo é mero enfeito que deveria ser tolerado em ambiente estatal por força da tradição, dispôs:

"A cruz representa, como desde sempre, um símbolo religioso específico do Cristianismo. Ela é exatamente seu símbolo por excelência. Para os fiéis cristãos, a cruz é, por isso, de modos diversos, objeto de reverência e de devoção. A decoração de uma construção ou de uma sala com uma cruz é entendida até hoje como alta confissão do proprietário para com a fé cristã. Para os não cristãos ou ateus, a cruz se torna, justamente em razão de seu significado, que o Cristianismo lhe deu e que teve durante a história, a expressão simbólica de determinadas convicções religiosas e o símbolo de sua propagação missionária. Seria uma profanação da cruz, contrária ao auto-entendimento do Cristianismo e das igrejas cristãs, se se quisesse nela enxergar, como as decisões impugnadas, somente uma expressão da tradição ocidental ou como símbolo de culto sem específica referência religiosa."[7]

Vê-se, assim, que a questão ora analisada não é prosaica ou simples, já que não se trata de julgar forma de decoração ou preferência estética em ambientes de prédios do Poder Judiciário, senão de dispor sobre a importante forma de relação entre Estado e Religião num país constituído como república democrática e laica.

Parece-me evidente, no entanto, que embora sejam espaços institucionais os gabinetes dos magistrados podem retratar a sua preferência pessoal, especialmente porque não se apresentam como áreas de circulação do público em geral. Não raramente se vê, em tais gabinetes, vistosos símbolos de clubes de futebol, bandeiras e distintivos, o que pode, a critério de alguns, ser algo de mau gosto, mas se revela situação juridicamente sustentável já que se está tratando de um ambiente bem mais privado.



518

CS.

O mesmo se diga com relação a símbolos religiosos ou de outra natureza.

Nada impede que um magistrado, no interior de seu gabinete de trabalho, faça afixar na parede um símbolo religioso ou uma fotografia de Che Guevara.

No entanto, à luz da Constituição, na sala de sessões de um tribunal, na sala de audiências de um foro, nos corredores de um prédio do Judiciário mostra-se ainda mais indevida a presença de um crucifixo (ou uma estrela de Davi do judaísmo, ou a Lua Crescente e Estrela do Islamismo) do que uma grande bandeira de um clube de futebol.

Isto porque, ao passo em que a presença da bandeira de um clube de futebol na sala de sessões de um tribunal não fere o princípio da laicidade do Estado (ao contrário da presença do crucifixo, que fere tal princípio), a presença de qualquer deles – bandeira de clube ou crucifixo – em espaços públicos do Judiciário fere o elementar princípio constitucional da impessoalidade no exercício da administração pública. Ou seja, a presença de símbolos religiosos em tais locais viola, além do princípio da laicidade do Estado e da liberdade religiosa, também o princípio da impessoalidade que rege a administração pública.

Os símbolos oficiais da nação brasileira estão previstos na Constituição Federal, sendo eles a bandeira, o hino, as armas e o selo nacionais.[8] São símbolos do Estado do Rio Grande do Sul a bandeira rio-grandense, o hino farroupilha e as armas tradicionais[9]. Tais são os símbolos, portanto, que podem ser ostentados em ambientes formais do Poder Judiciário, abertos ao público, sem violação do princípio constitucional da impessoalidade.

Estabelecimentos estatais são locais públicos pertencentes ao Estado. Assim, devem ser administrados em consonância com os princípios, implícitos e explícitos, que regem a Administração Pública, dentre eles o da impessoalidade[10], o que justifica plenamente, em meu sentir, a procedência do pleito de que ora estamos a tratar.

O princípio da impessoalidade está imbricado com o princípio da isonomia, visto que os atos dos administradores devem servir a todos, indistintamente, dada a igualdade estabelecida pela Carta Maior entre os cidadãos, inexistindo a possibilidade jurídica de o Estado, por seus administradores, fazer distinções filosóficas, políticas ou religiosas em sua atuação política e administrativa.

Celso Antonio Bandeira de Mello assim leciona a respeito do ponto:

“O princípio da impessoalidade traduz a idéia de que a Administração tem que tratar a todos os administrados sem discriminações, benéficas ou detriminentosas. Nem favoritismo nem perseguições são toleráveis. Simpatias ou animosidades pessoais, políticas ou ideológicas não podem interferir na atuação administrativa e muito menos interesses sectários, de facções ou grupos de qualquer espécie. O princípio em causa não é senão o próprio princípio da igualdade ou isonomia.”[11]

A outra vertente do princípio referido é a de que a administração pública tem por norte o interesse público, impondo-se aos administradores que atuem em nome do Estado, sendo-lhes vedado, por tal razão, agir por interesse pessoal, em nome próprio, por crença ou simpatia religiosa, elegendo um dentre tantos símbolos possíveis (ou a ausência destes) para ostentar em prédios sob sua administração.

Para José Afonso da Silva, que representa doutrina pacífica sobre o tema:

“Isto ocorre para que as realizações administrativo-governamentais não sejam propriamente do funcionário ou da autoridade, mas exclusivamente da entidade pública que a efetiva.”[12]

Ora, o Estado não tem religião. É laico. Assim sendo, independentemente do credo ou da crença



S19
Gd.

peçoal do administrador, o espaço das salas de sessões ou audiências, corredores e saguões de prédios do Poder Judiciário não podem ostentar quaisquer símbolos religiosos, já que qualquer um deles representa nada mais do que a crença de uma parcela da sociedade, circunstância que demonstra preferência ou simpatia pessoal incompatível com os princípios da impessoalidade e da isonomia que devem nortear a administração pública.

Causaria a mesma repulsa à idéia de laicidade estatal, por exemplo, a ostentação, em um altar de Igreja católica, do brasão do Estado do Rio Grande do Sul. Em tal hipótese, contudo, ao menos os princípios constitucionais estariam preservados, já que a administração da Igreja, por não se constituir em administração pública, a eles não está jungida.

Mas não somente isso.

Também o princípio da legalidade impõe o acolhimento do pleito vertido neste expediente administrativo.

Para o cidadão brasileiro, em geral, vige a regra constitucional de que é permitido fazer tudo aquilo que não estiver vedado por lei.

Já para a administração pública, no entanto, o princípio é outro: só é permitido fazer o que está previsto em lei.

Ao analisar o caso em questão vê-se que não há lei que preveja ou disponha sobre a presença de símbolos religiosos em espaços do Judiciário abertos ao público. Mais do que isso, a Constituição implicitamente os veda.

Veda-os não somente como decorrência lógica do princípio da laicidade estatal, mas também em face da aplicação dos diversos outros princípios constitucionais já referidos (impessoalidade, isonomia, legalidade) e do direito fundamental à liberdade religiosa de todos os jurisdicionados que possam se fazer presentes naqueles locais estatais.

Por tais motivos, o Tribunal de Justiça de São Paulo, por meio de seu Órgão Especial[13], deliberou pela invalidade de lei do Município de Assis que determinara a inserção nos impressos oficiais da municipalidade do versículo bíblico "Feliz a Nação cujo Deus é o Senhor". Entendeu o tribunal que:

"Como deve o Estado manter-se absolutamente neutro em relação às diversas igrejas, não podendo beneficiá-las nem prejudicá-las, não tem cabimento a inserção do versículo bíblico nos impressos e documentos oficiais do Município, pois isso evidencia simpatia em relação a determinadas orientações religiosas, o que é expressamente vedado pela Lei Maior."

É verdade que, conquanto laico o Estado brasileiro, paradoxalmente o preâmbulo da Constituição Federal invoca a menção a Deus, o que tem sido um argumento utilizado para justificar certa presença religiosa em instituições públicas.

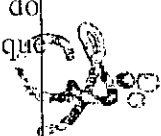
É atualmente pacífico na jurisprudência constitucional, contudo, o entendimento de que o preâmbulo da Constituição não possui força normativa. O Ministro Sepúlveda Pertence, no julgamento da ADI nº. 2076-5, referiu ironicamente em seu voto:

"Esta locução 'sob a proteção de Deus' não é norma jurídica, até porque não se teria a pretensão de criar obrigações para a divindade invocada. Ela é uma afirmação de fato jactansiosa e pretensiosa, talvez, de que a divindade estivesse preocupada com a Constituição do país".[14]

Por fim, poder-se-ia argumentar com a tradição do uso de crucifixos em espaços públicos no Brasil, não havendo dúvidas a respeito de que tradicionalmente são utilizados tais símbolos religiosos.



520



No entanto, absolutamente não é papel do Judiciário legitimar acriticamente qualquer tradição social, especialmente se excludente ou inconstitucional. Já não se discute, na atualidade, o legítimo papel do Direito que se opõe à idéia de meramente afirmar práticas hegemônicas da maioria social, mesmo que contrárias ao texto constitucional. Ademais, o princípio democrático contramajoritário justificaria plenamente a defesa de eventuais minorias quanto ao abuso das práticas religiosas da maioria, especialmente as de raiz inconstitucional.

O nepotismo, por exemplo, foi uma prática tradicional no Brasil. Tradicionalmente houve uma certa promiscuidade entre o público e o privado. Não obstante, está sendo superado o nepotismo porque sobre tal "tradição" o Judiciário, devidamente provocado, teve uma abordagem crítica que considerou tal prática inconstitucional exatamente por violar, de igual modo, o princípio da impessoalidade na administração pública.

Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, de acordo com o artigo 3º da Constituição de 1988, dentre outros, promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

O cidadão judeu, o muçulmano, o ateu, ou seja, o não cristão, é tão brasileiro e detentor de direitos quanto os cristãos. Tem ele o mesmo direito constitucionalmente assegurado de não se sentir discriminado pela ostentação, em local estatal e por determinação do administrador público, de expressivo símbolo de uma outra religião, ainda que majoritária, que não é a sua.

Por motivos semelhantes, no dia 3 de novembro de 2009 a Corte Européia de Direitos Humanos condenou a Itália (*Lautsi x Italy*) ao pagamento de 5.000 mil euros, a título de danos morais, a uma cidadã que se sentia ofendida diante da manutenção de crucifixos no âmbito das escolas públicas, o que revela, uma vez mais, a inquestionável centralidade e a indiscutível relevância constitucional do tema pertinente aos limites conceituais da cláusula da separação entre Estado e Igreja.

A Corte Européia fez prevalecer os valores centrais da liberdade e da igual dignidade das crenças, e das descrenças, repudiando, assim, qualquer comportamento do Estado que seja capaz de identificá-lo com determinado pensamento religioso em detrimento de todos os demais. Além disso, o Tribunal Europeu dispôs que, muito embora o crucifixo seja mesmo revestido de múltiplos significados, a significação religiosa é aquela que lhe é "predominante" e que lhe confere sentido. Finalmente, o tribunal assegurou a relevante premissa de que a liberdade de crença (a compreender a liberdade de crer ou não crer) impõe ao Estado a obrigação constitucional de

"se abster de qualquer imposição, ainda que indireta, de determinado pensamento religioso, especialmente naqueles locais nos quais as pessoas se fazem dependentes dos poderes públicos".

Assim sendo, conquanto o CNJ já tenha decidido pontualmente que a presença de símbolos religiosos em ambientes judiciários não revela inadequação censurável, estou certo, data venia, de que se resguardar o espaço público do Judiciário para o uso somente de símbolos oficiais do Estado é o único caminho que responde aos princípios constitucionais republicanos de um estado laico, devendo ser vedada a manutenção de crucifixos e outros símbolos religiosos em ambientes públicos dos prédios do Poder Judiciário no Estado do Rio Grande do Sul.

Ademais, especialmente na época atual em que tantos temas de interesse religioso estão sendo trazidos à decisão judicial (aborto de feto anencéfalo e uniões homoafetivas, por exemplo) e sobre os quais as Igrejas manifestam e lutam publicamente pela defesa de determinada solução com base em sua doutrina religiosa, o julgamento feito em uma sala de tribunal sob um expressivo símbolo de uma Igreja e de sua doutrina não me parece a melhor forma de se mostrar o Estado-juiz equidistante dos valores em conflito.

Creio, por fim, que mesmo para os que professam a religião cristã esse é o melhor caminho.



S27

CS.

Antecipando-se a este debate, há aproximadamente dois mil anos, Jesus Cristo, segundo o evangelho de Matheus, propôs a correta solução do problema referente à separação entre Igreja e Estado. Indagado a respeito da licitude do pagamento de tributos, com Sua imensa sabedoria respondeu:

“Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.” [15]

A administração dos prédios e espaços do Poder Judiciário, tal como a obrigação de pagar tributos, é assunto dado a “César”.

Voto, portanto, no sentido de acolher o pleito de retirada de crucifixos e outros símbolos religiosos eventualmente existentes nos espaços destinados ao público nos prédios do Poder Judiciário do Rio Grande do Sul.

É o voto.

Acompanharam o voto do Relator os Desembargadores André Luiz Planella Villarinho, Liselena Schifino Robles Ribeiro, Marcelo Bandeira Pereira, que presidiu a sessão do Conselho da Magistratura, e Guinther Spode.

[1] Revista Eletrônica PRPE, maio de 2007

[2] JJ Canotilho e Vital Moreira, Constituição da República Portuguesa Anotada, vol I, Coimbra, Ed. Coimbra, 2007, p.613, apud Sarmiento, op cit.

[3] Jónatas Eduardo Mendes Machado. Liberdade Religiosa numa Comunidade Constitucional Inclusiva. Coimbra, Coimbra Editora, 1996, p. 348-349 (apud Daniel Sarmiento)

[4] apud Daniel Sarmiento, op. cit

[5] BVerfGE 93, I (1991) – apud Daniel Sarmiento, op cit

[6] US573 (1989), apud Sarmiento, op cit

[7] BVerfGE, 91, I (1995), idem

[8] Art. 13, par. 1º, da CF88

[9] Art. 6º da Constituição do Estado do Rio Grande do Sul

[10] Art. 37 da Constituição Federal de 1988

[11] Celso Antonio Bandeira de Mello, Curso de Direito Administrativo, 7 ed., São Paulo, Malheiros Editora, p. 68

[12] José Afonso da Silva, Curso de Direito Constitucional Positivo, 15ª. Edição. Malheiros editora, 1998, p. 645

[13] ADI 113349-01, julgamento de maio de 2005

[14] Apud Sarmiento, idem

[15] Matheus, 22:21

Tags: catolicismo, estado laico, igreja, juristas, religião, religiosidade



S22
Cj.

DOC. 02

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B.



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:30

Número do documento: 22070818562349400000248538998

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562349400000248538998>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23



J DIÁRIO DA JUSTIÇA

ELETRÔNICO

Lei nº 11.419 de 19/12/06

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

523

[Assinatura]

LEI Nº 1.008, DE 12-04-50

DATA DA DISPONIBILIZAÇÃO: SEXTA-FEIRA, 09 DE MARÇO DE 2012 - PORTO ALEGRE/RS

ANO XIX

Nº 4.786

ADMINISTRATIVA E JUDICIAL

1ª VICE-PRESIDÊNCIA

ATO N. 03/2012-1ª VP

O EXCELENTÍSSIMO DESEMBARGADOR GUNTHER SPODE, 1º VICE-PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES, NOS TERMOS DO ART. 44, II, DO REGIMENTO INTERNO:

I – CONSIDERANDO A EXISTÊNCIA DE AÇÕES CIVIS PÚBLICAS (AUTOS 5012945-73.2010.404.7100/RS, 5026653-93.2010.404.7100/RS E 5007241-11.2012.404.7100/RS) EM QUE SE QUESTIONA, DIANTE DA JUSTIÇA FEDERAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, O CRITÉRIO DE REAJUSTE DAS TARIFAS DE ENERGIA ELÉTRICA NO PAÍS DESDE 2002 ATÉ 2009, NO QUE RESPEITA AOS ENCARGOS SETORIAIS E ENCARGOS DE TRANSMISSÃO, COM POSTULADO DE RESTITUIÇÃO AOS CONSUMIDORES AFETADOS;

II – CONSIDERANDO QUE SÃO RÉS, EM TAIS FEITOS, AS CONCESSIONÁRIAS DE ENERGIA ELÉTRICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (RGE – RIO GRANDE ENERGIA S/A, COMPANHIA ESTADUAL DE DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA – CEEE-D E AES SUL – DISTRIBUIDORA GAÚCHA DE ENERGIA S/A);

III – CONSIDERANDO A REVISÃO ADMINISTRATIVA DA METODOLOGIA DE CÁLCULO REALIZADA EM 2010, VIA ADITIVO AOS CONTRATOS DE CONCESSÃO DE SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA, CONFORME DESPACHO DO DIRETOR-GERAL DA ANEEL 245/2010;

IV – CONSIDERANDO QUE SE ANTEVEU, INDUBITANTEMENTE, A REPETITIVIDADE DO TEMA EM LITÍGIO, COM EFEITO EM NÚMERAS DEMANDAS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL, NÃO APENAS NESTE ESTADO;

V – CONSIDERANDO QUE, A PARTIR DO RESULTADO DAS DEMANDAS CIVIS PÚBLICAS, É POSSÍVEL A ADOÇÃO DO ART. 16 DA LEI 7.347/85, OBSERVADOS AINDA OS ARTS. 97 E 98 DO CÓDIGO DE DEFESA DO CONSUMIDOR;

VI – CONSIDERANDO QUE, NÃO OBSTANTE TRAMITAR NA ESFERA FEDERAL, AS AÇÕES CIVIS PÚBLICAS ATINGEM A INTEGRALIDADE DOS CONSUMIDORES GAÚCHOS, POR FORÇA DOS PÓLOS PASSIVOS ELENCADOS;

VII – CONSIDERANDO QUE, EM REALIDADE ASSIM POSTA, O EXERCÍCIO DA ATIVIDADE JURISDICCIONAL, MESMO NA SEARA ESTADUAL, DEVE PRIMAR PELA RACIONALIDADE, PREPONDERANDO A TUTELA EM SEDE COLETIVA;

VIII – CONSIDERANDO QUE A SUSPENSÃO DO PROCESSAMENTO DAS APELAÇÕES DECORRE DE UMA INTERPRETAÇÃO LITERAL OU MESMO TELEOLÓGICO-SISTÊMICA;

IX – CONSIDERANDO QUE A LIVRE APECIAÇÃO DE INÚMERAS APELAÇÕES, AFETADAS POR JULGAMENTO DE ÂMBITO FEDERAL, PODERIA ENSEJAR DESNECESSÁRIO RETRABALHO;

X – CONSIDERANDO QUE O RECURSO REPETITIVO É INSTRUMENTO A SERVIÇO DA CLÁU-

SULA PÉTRA DA DURAÇÃO RAZOÁVEL DO PROCESSO, ALÉM DE QUE PROPICIA A EFETIVA CONCRETIZAÇÃO DO PRINCÍPIO DA ISONOMIA;

XI – CONSIDERANDO, AINDA, QUE A SUSPENSÃO DO JULGAMENTO DAS APELAÇÕES ACELERARIA O TEMPO DO JULGAMENTO DOS DEMAIS RECURSOS, REOUZINDO-SE O ACERVO TOTAL, SEM PREJUIZO DOS JURISDICIONADOS; E

XII – CONSIDERANDO, POR FIM, O ATO N. 03/2011-1ª VP, QUE ASSIM ORIENTAVA O TEMA, ENTÃO EMBASADO NA AÇÃO COLETIVA 2009.38.00.027553-0/MG, AFORADA DIANTE DA JUSTIÇA FEDERAL DE MINAS GERAIS;

RESOLVE:

1 – MANTER A SUSPENSÃO DA DISTRIBUIÇÃO DAS APELAÇÕES CÍVEIS QUE VERSEM, AINDA QUE ALTERNATIVA OU CUMULATIVAMENTE, SOBRE QUESTÃO CONCERNENTE AO CRITÉRIO DE REAJUSTE DA TARIFA DE ENERGIA ELÉTRICA ANTERIOR À ALTERAÇÃO PROCEDIDA PELA ANEEL, VIA TERMO ADITIVO AOS CONTRATOS DE CONCESSÃO (DESPACHO DO DIRETOR-GERAL DA ANEEL 245/2010);

2 – DETERMINAR QUE OS AUTOS DOS PROCESSOS DAS APELAÇÕES CÍVEIS SEJAM MANTIDOS JUNTO A LOCAL PRÓPRIO, SOB OS CUIDADOS DO DEPARTAMENTO PROCESSUAL DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA, EM SEPARADO DO ARQUIVO INATIVO, DE MODO A PERMITIR A SUA IMEDIATA DISTRIBUIÇÃO APÓS O JULGAMENTO DAS AÇÕES CIVIS PÚBLICAS LISTADAS; E

3 – COMUNICAR A PRESENTE DECISÃO À CORREGEDORIA-GERAL DA JUSTIÇA, AO ÓRGÃO ESPECIAL, AOS DESEMBARGADORES INTEGRANTES DA PRIMEIRA, SEGUNDA, VIGÉSIMA PRIMEIRA E VIGÉSIMA SEGUNDA CÂMARA CÍVEIS, AO DIGNO JUÍZO FEDERAL ONDE TRAMITAM AS AÇÕES CIVIS PÚBLICAS E À PRESIDÊNCIA DA OAB-RS, SEÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL, BEM COMO PUBLICAR NA PÁGINA RESPECTIVA DO SITE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA E NO DIÁRIO DA JUSTIÇA ELETRÔNICO.

ESTE ATO ENTRARÁ EM VIGOR NA DATA DE SUA PUBLICAÇÃO.

CUMPRE-SE.

SECRETARIA DA 1ª VICE-PRESIDÊNCIA, 07 DE MARÇO DE 2012.

DES. GUNTHER SPODE,
1ª VICE-PRESIDENTE.

TRIBUNAL PLENO

TRIBUNAL PLENO

NOTA DE EXPEDIENTE Nº 10/2012-ADMINISTRATIVA

PROC. Nº 02999-0300/11-9 (PLENO) - PORTO ALEGRE. CLEACIR ANTICHEL DEYQUES (ADV(S) ANDRIZE LEITE CALDEIRA, DAISSON SILVA PORTANOVA, DEIC SCARAVAGLIONI, SAMIR SARQUIS MUNOZ GABECH), AGRAVANTE. INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (ADV(S) ANASTAZIA NICOLINI CORDELLA, CRISTINE MADEI-

RA MARIANO LEO, FABRICIO FRAGA, LIDIO ALBERTO VARGAS, MARCOS TUBINO BORTOLAN), INTERESSADO(A). DESPACHO: DECISÃO MONOCRÁTICA FLS. 08/09V. VISTOS. (...) 3. DIANTE DO EXPOSTO, COM FUNDAMENTO NO ARTIGO 557, CAPUT, DO CPC, NEGO SEGUIMENTO AO RECURSO. INTIMEM-SE. PORTO ALEGRE, 02 DE MARÇO DE 2012. DESEMBARGADOR MARCELO BANDEIRA PEREIRA, PRESIDENTE E RELATOR.

PROC. Nº 029582-0300/11-9 (PLENO) - PORTO ALEGRE. ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (ADV(S) ANA CRISTINA TOPOR BECK), AGRAVANTE. ILDA AGUIAR DA ROSA (ADV(S) ELOAH MALTA SILVA), INTERESSADO(A). DESPACHO: DECISÃO MONOCRÁTICA FLS. 09/12V. VISTOS. (...) 3. DIANTE DO EXPOSTO, COM FUNDAMENTO NO ARTIGO 557, CAPUT, DO CPC, INDEFIRO O PEDIDO DE SUSPENSÃO DO PRECATÓRIO E NEGO SEGUIMENTO AO RECURSO. INTIMEM-SE. PORTO ALEGRE, 02 DE MARÇO DE 2012. DESEMBARGADOR MARCELO BANDEIRA PEREIRA, PRESIDENTE E RELATOR.

PROC. Nº 0023-10/00048-6 (PLENO) - JOSÉ FRANCISCO RODRIGUES DA SILVA (ADV(S) FERNANDA BITTENCOURT MEIRELLES), AGRAVANTE. INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL (ADV(S) LISIANE SAMPAIO TROGLIO), MARIA DE LOURDES PEREIRA CHAVES (ADV(S) JOSE FRANCISCO RODRIGUES DA SILVA), INTERESSADOS. DESPACHO: DECISÃO MONOCRÁTICA FLS. 30/31V. VISTOS. (...) 3. DIANTE DO EXPOSTO, COM FUNDAMENTO NO ARTIGO 557, CAPUT, DO CPC, NEGO SEGUIMENTO AO RECURSO. PORTO ALEGRE, 27 DE FEVEREIRO DE 2012. DESEMBARGADOR MARCELO BANDEIRA PEREIRA, PRESIDENTE E RELATOR.

PELA PRESENTE, FICAM INTIMADAS AS PARTES INTERESSADAS, PARA OS EFEITOS LEGAIS. SECRETARIA DO TRIBUNAL PLENO, 8 DE MARÇO DE 2012.

MARIANA SANTOS DOS SANTOS,
SUBSECRETARIA DA PRESIDÊNCIA.

SECRETARIA DAS COMISSÕES

EDITAL Nº 01/2012-SCOM/CORAD

FAÇO PÚBLICO, PARA CONHECIMENTO DOS INTERESSADOS, ATENDENDO AO DISPOSTO NO ARTIGO 14 DO REGIMENTO INTERNO DO CONSELHO DE RECURSOS ADMINISTRATIVOS DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, QUE AS SESSÕES ORDINÁRIAS DO REFERIDO ÓRGÃO REALIZAR-SE-ÃO AS SEGUNDAS QUINTAS-FEIRAS DE CADA MÊS, ÀS 14H, A PARTIR DO MÊS DE ABRIL, NA SALA DE REUNIÕES DO 12º ANDAR DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA, NA AV. BORGES DE MEDEIROS, Nº 1865.

SECRETARIA DAS COMISSÕES, 08 DE MARÇO DE 2012.

ANA LIA VINHAS HERVÉ
SECRETARIA DAS COMISSÕES

CONSELHO DA MAGISTRATURA

ATO Nº 009/2012-COMAG

O CONSELHO DA MAGISTRATURA, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS E DANDO CUMPRIMENTO À DECISÃO DESTE ÓRGÃO TOMADA EM SESSÃO DE 06-03-12 (PROC. THEMIS ADMIN Nº 0139-11/000348-0).

RESOLVE:

DETERMINAR A RETIRADA DE CRUCIFIXOS E OUTROS SÍMBOLOS RELIGIOSOS EVENTUALMENTE EXISTENTES NOS ESPAÇOS DESTINADOS AO PÚBLICO NOS PRÉDIOS DO PODER JUDICIÁRIO DO DO RIO GRANDE DO SUL.

SECRETARIA DO CONSELHO DA MAGISTRATURA, 08 DE MARÇO DE 2012.

DESEMBARGADOR MARCELO BANDEIRA PEREIRA,
PRESIDENTE DO CONSELHO DA MAGISTRATURA

RESOLUÇÃO Nº 901/2012-COMAG

DISPÕE SOBRE A INSTALAÇÃO DE JUÍZADOS ESPECIAIS DA FAZENDA PÚBLICA E INSTITUI, EM CARÁTER EXPERIMENTAL, O PROJETO-PILOTO DE INSTALAÇÃO DE JUÍZADOS ESPECIAIS ADJUNTOS A JUÍZADOS ESPECIAIS CÍVEIS DE DIVERSAS COMARCAS DO ESTADO.

O CONSELHO DA MAGISTRATURA, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS, E DANDO CUMPRIMENTO À DECISÃO TOMADA POR ESTE ÓRGÃO NA SESSÃO DE 06-03-12 (PROC. THEMIS Nº 0010-11/001550-6).

RESOLVE:

ART. 1º DETERMINAR A INSTALAÇÃO IMEDIATA DE JUÍZADOS ESPECIAIS DA FAZENDA PÚBLICA ADJUNTOS NAS VARAS CÍVEIS ESPECIALIZADAS EM FAZENDA PÚBLICA DAS COMARCAS DE CAXIAS DO SUL, PASSO FUNDO, PELOTAS E SANTAMARIA, CONFORME PREVISÃO DOS ARTS. 14 E 22 DA LEI FEDERAL Nº 12.153/09.

ART. 2º NA MODALIDADE DE PROJETO-PILOTO, FICA AUTORIZADA, EM CARÁTER EXPERIMENTAL, PELO PRAZO DE NOVENTA DIAS, A CONTAR DE 12-03-12, A INSTALAÇÃO DE JUÍZADOS ESPECIAIS DA FAZENDA PÚBLICA ADJUNTOS AOS JUÍZADOS ESPECIAIS CÍVEIS DAS COMARCAS DE ALVORADA, CAMAQUÁ, ERECHIM, FARROUPILHA, GETÚLIO VARGAS, LAGOA VERMELHA, LAJEADO, SALTO DO JACUÍ, SANTAROSA E SÃO BORNIA.

PARÁGRAFO ÚNICO. A CADA UNIDADE PARTICIPANTE DO PROJETO-PILOTO SERÁ DISPONIBILIZADA UMA VAGA DE ESTÁGIO REMUNERADO.

ART. 3º ESTA RESOLUÇÃO ENTRARÁ EM VIGOR NO PRIMEIRO DIA ÚTIL SEGUINTE À DATA DE SUA

ESTA EDIÇÃO CIRCULA COM MATÉRIA DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA MILITAR NO CADERNO ADMINISTRATIVA E JUDICIAL

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2ECO-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:30
Número do documento: 22070818562349400000248538998
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562349400000248538998>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

524

Gr.

DOC. 03

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:30

Número do documento: 22070818562349400000248538998

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562349400000248538998>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

S2S

CS:



Quinta 24 de Janeiro de 2013

Notícias

Opinião

Cursos

Clipping

Apoiadores

Gestão

Livros

Facebook Twitter RSS

DADOS DO DISQUE 100

Denúncia de intolerância religiosa cresce mais de 600% em 2012

Curtir 3 Tweet 0 0

Agência Brasil - 21/01/2013 - 17h08

A quantidade de denúncias de intolerância religiosa recebidas pelo Disque 100 da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República cresceu mais de sete vezes em 2012, quando comparada com a estatística de 2011. Embora signifique um aumento de 626%, a própria secretaria destaca que o salto de 15 para 109 casos registrados no período não representa a real dimensão do problema.

O resultado foi divulgado a pedido da Agência Brasil, devido ao Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, celebrado nesta segunda-feira (21/1).

Os dados do Disque 100 para a intolerância religiosa podem estar subestimados, de um lado, porque o serviço telefônico gratuito da secretaria não possui um módulo específico para receber esse tipo de queixa, de forma que nem todos os casos chegam ao conhecimento do Poder Público.

Além disso, a maior parte das denúncias é apresentada às polícias ou órgãos estaduais de proteção dos direitos humanos e não há nenhuma instituição responsável por contabilizar os dados nacionais.

A Seppir (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) também não possui dados específicos sobre violações ao direito de livre crença religiosa, mas seu ouvidor, Carlos Alberto de Souza e Silva Junior, compartilha da impressão de que o problema tem crescido nos últimos anos.

Segundo o ouvidor, o número de denúncias de atos violentos contra povos tradicionais – módulo que envolve todo o tipo de violação aos direitos de comunidades ciganas, quilombolas, indígenas e os professores das religiões e cultos de matriz africana relatadas à Seppir - também cresceu entre 2011 e 2012.

"Apesar dos avanços das políticas sociais e raciais, é perceptível uma reação intolerante, preconceituosa, discriminatória e racista e eu já percebo um certo recrudescimento de alguns direitos", declarou o ouvidor da Seppir à Agência Brasil, citando, como exemplo, o aumento do número de denúncias envolvendo crimes raciais na internet.

Segundo a associação Safer Net, em 2012, a CND (Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos) recebeu 494 denúncias de intolerância religiosa praticadas em perfis hospedados no Facebook.

"Não consigo avaliar o porquê de tanta intolerância, mas um dos indicativos que ainda precisamos verificar com cautela [é a atuação de] algumas igrejas neopentecostais, que vem pregando o ódio, inclusive na internet. Há ao menos um caso denunciado à ouvidoria de uma igreja cujo líder espiritual vem revelando esse ódio contra as religiões de matriz africana, associando-as à coisas do diabo. Sabemos que esse tipo de pregação, feita por um líder religioso, afeta [influencia] a muitos de seus seguidores", acrescenta o ouvidor.

O integrante da Seppir aponta também as práticas discriminatórias vindas até mesmo de agentes públicos, como o promotor de Justiça de Santa Catarina que, em 2011, proibiu uma casa de umbanda de Florianópolis de realizar cultos e executar animais durante as cerimônias sem a autorização do Estado.

"Isso é um absurdo já que não existe lei que obrigue a casa de umbanda a pedir essa autorização. E a Constituição estabelece que não se pode embaraçar o culto religioso", afirmou Júnior.

O ouvidor também expressa preocupação quanto aos projetos de lei que tentam criminalizar o abate de animais em sacrifícios religiosos - algo que muitos especialistas consideram inconstitucional, já que a

Leia mais:

"É preciso unificar as polícias", diz conselheiro do CNJ

Juiz move ação contra o estado para conseguir internar dependente químico

Marrocos deve anular lei que inocenta estuprador após casamento com vítima

Secretaria de Direitos Humanos cria comitê de combate à intolerância religiosa

Faça de Última Instância a sua home page

Busca

ESPECIAL JULGAMENTO DO MENSALÃO

Especial Exame da OAB

GESTÃO & DIREITO

ESPECIAL Concursos Jurídicos

LEITURAS DE VERÃO

Última Instância Curtir

17.358 pessoas curtiram Última Instância.



Plug-in social do Facebook

Livraria Última Instância



Coleção Mini Códigos RT 2013 - Nove Volumes RT De R\$ 765,00 Por R\$ 535,50



Vade Mecum Saraiva Editora Saraiva De R\$ 135,00 Por R\$ 106,00



CLT Organizada Isabella Gravata, Leandro Antunes, Leticia Aida, Simone Belfort De R\$ 130,00 Por R\$ 104,00

Escravidão e Liberdade - Temas, Problemas e Perspectivas da Análise Regina Célia Lima Xavier De R\$ 64,00 Por R\$ 54,40



526

Constituição Federal estabelece que a liberdade de crença é inviolável, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos.

Além disso, o texto constitucional determina que os locais de culto e suas liturgias sejam protegidos por lei. Já a Lei 9.459, de 1997, considera crime a prática de discriminação ou preconceito contra religiões.

"Eu vejo tudo isso como um fenômeno umbilicalmente ligado ao racismo, algo que não pode ser desassociado da questão do preconceito racial. Tanto que, na Seppir, não recebemos nenhuma denúncia dando conta de que outras religiões, além daquelas de matriz africana, sejam alvo de discriminação", concluiu Júnior.

Siga Última Instância no Twitter

ShareThis

Comentar



Comentar...

☒ Publicar no Facebook

Publicando como André Castro (Não é você?)

Comentar

Plug-in social do Facebook

Livros sobre direitos humanos

- Notas sobre o "livro-bomba" do ex-delegado Guerra
- Um guia para entender a Comissão da Verdade
- Livro traça o percurso pela formação dos Direitos Humanos
- Livro que reúne páginas de jornais que lutaram contra a Ditadura será lançado amanhã
- Governo oferece Justiça diferenciada à população de baixa renda, constata estudo de socióloga
- Pesquisadores analisam opinião pública sobre LGBT e homofobia em livro

+ Recentes

+ Lidas

+ Comentadas

- Justiça bloqueia bens do ex-prefeito de Duque de Caxias e de 24 acusados de corrupção
- "É preciso unificar as polícias", diz conselheiro do CNJ
- Projeto quer mudar regra para registro de partido político
- Justiça derruba discriminação a estudantes de cursos sequenciais em Administração
- Juiz move ação contra o estado para conseguir internar dependente químico

[mais Notícias](#)

Especial Concursos Jurídicos - Especial Concursos Jurídicos
30 pessoas recomendaram isto.



Última Instância - Justiça Estadual condena prefeitura de São Paulo a refazer o Projeto Nova Luz
67 pessoas recomendaram isto.



Última Instância - Líder do PT defende edição da MP que abre crédito para investimentos
3 pessoas recomendaram isto.

Plug-in social do Facebook

[Acompanhe o Última Instância](#)

publicidade



Faça R\$ 7.721 Por Semana

Faça dinheiro de casa. Somente moradores Brasileiros. Clique aqui nave-negocio.com



NX 400i Falcon

Esqueça os outros modelos! À vista por apenas R\$16.990,00
Honda.com.br/anonovodehondazero

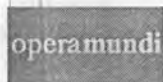
TAM

Ofertas para Londres

Compre agora e voe a partir de fevereiro.
www.tam.com.br

Mais anúncios

Apoiadores



Carta Forense
Informação Jurídica de Qualidade

EDGARD LEITE
ADVOGADOS ASSOCIADOS

Luís Roberto Barroso
Associados
ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA

Boletins em seu e-mail
seu e-mail



Condutas Antissindacais
Luciano Martinez
De R\$ 98,00
Por R\$ 78,40



Revista Samuel - nº 6
Última Instância Editorial
De R\$11,90
Por R\$ 11,50

ERROR

The requested URL could not be retrieved

While trying to retrieve the URL:
<http://stc.shopping.uol.com.br/upsi/shopping-uol-parceiros-opera-mundi-vertical.html>

The following error was encountered:

• Access Denied.

Access control configuration prevents your request from being allowed at this time. Please contact your service provider if you feel this is incorrect.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2ECO-122B e senha 8321-E02A-513A-474B

24/01/2013 14:48



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:30
Número do documento: 22070818562349400000248538998
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562349400000248538998>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

327

Q3

DOC. 04

✓ Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:30

Número do documento: 22070818562349400000248538998

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562349400000248538998>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:23

S28
G8..

Secretaria de Direitos Humanos

22/JAN/13 - Comitê Nacional de Diálogo da Diversidade Religiosa é instalado em Brasília

Data: 22/01/2013



Ministra Maria do Rosário durante ato ecumênico de instalação do Comitê Nacional de Diálogo da Diversidade Religiosa. Foto: Ascom SDH/PR

Ao assinar a portaria que institui o Comitê Nacional de Diálogo da Diversidade Religiosa, nesta terça-feira (22), a ministra Maria do Rosário, da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), disse que o diálogo inter-religioso é um dos caminhos mais seguros para a paz e os Direitos Humanos no Brasil. O ato comemora o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, celebrado em 21 de janeiro.

A ministra explicou que o Comitê tem a finalidade de debater políticas públicas para a diversidade religiosa, disseminando uma cultura de paz. “O Comitê estabelece o cumprimento das diretrizes das Nações Unidas e da Constituição Federal, a liberdade de consciência e de crença”, afirmou.

Segundo o ministro Gilberto Carvalho, da Secretaria Geral da Presidência da República, a iniciativa pressupõe um desenvolvimento de valores. “Essa tarefa é uma tarefa conjunta, que cabe não apenas ao governo federal, mas a toda sociedade e instituições”, esclareceu.

O Comitê irá auxiliar a elaboração de políticas de afirmação do direito à liberdade religiosa, além de articular lideranças, e a criação de uma rede brasileira de defesa e promoção da liberdade e da diversidade religiosa.

Também é papel do Comitê disseminar informações sobre a religiosidade no país, bem como acerca das religiões nele praticadas, e contribuir no estabelecimento de estratégias de afirmação da diversidade e da liberdade religiosa e do direito de não ter religião, da laicidade do Estado e do enfrentamento da intolerância religiosa.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 26A3-D3B2-2EC0-122B e senha 8321-E02A-513A-474B 24/01/2013 14:42



529
G.

O comitê terá 20 integrantes, sendo quinze deles representantes da sociedade civil com atuação na promoção da diversidade religiosa, enquanto os outros cinco serão representantes do governo.



CONCLUSAO
Nesta data, faco estes autos conclusos
a(o) M.M.(a) Juiz(a), Sr.(a) Dr.(a)
ANA LUCIA JORDAO PEZARINI.
Sao Paulo 07 de fevereiro de 2013

JUSTICA
FEDERAL
Fls. 530
3a VARA

Tec/Aux/At. Judiciario

Processo No. 0017604-70.2009.403.6100

VISTOS EM INSPEÇÃO.
Tempestiva, recebo a apelação nos efeitos sus-
pensivo e devolutivo.
Vista à parte ré para contrarrazões.
Devidamente regularizados, subam os autos, com as
nossas homenagens, ao Egrégio Tribunal Regional Federal
da 3ª Região.
Int.

Sao Paulo 04 de marco de 2013

ANA LUCIA JORDAO PEZARINI
Juiza Federal

D A T A
Em data de 04 de marco de 2013
baixaram estes autos a Secretaria com o
r. despacho supra

Tec/Aux/At. Judiciario

C E R T I D A O

Processo no. 0017604-70.2009.403.6100
CERTIFICO e dou fe que o r. despacho supra/~~retro~~/de fls. 530
foi disponibilizado no Diario Eletronico da Justica em 21/03/2013
as fls. 12/20. Considera-se data da publicacao o primeiro dia
util subsequente a data acima mencionada.
SAO PAULO, 21 de marco de 2013.
Eu, _____
(Analista/Tecnico Judiciario), subscrevi.

VISTA

Em 10/05/13

Assinado eletronicamente por: A.G.U.

Assinado eletronicamente por: [assinatura]

(Assinado / Tício Judicial) 6490

M. M. (a) Juiz (a)

Pela União,

ciente, nesta data, do
n. despacho de fls. 530.

Manifesto-me em apartado.

Lucila M. Pato Garbellini

Lucila M. Pato Garbellini
Advogada da União

RECEBIMENTO

Rm 27.05.2013

Recebi estes autos do

A. G. U.

Tec. Judiciário - RF

ARMANDO DOS ANJOS ALVES
Técnico Judiciário
RF 752





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

ENCERRAMENTO DO SEGUNDO VOLUME

C E R T I D ã O

C E R T I F I C O e dou fé que, nesta data, procedi ao encerramento do 2º **VOLUME** destes autos de Ação Civil Pública nº 00176047020094036100.

São Paulo, 3 de Junho de 2013.

Eu, , subscrevo.

Técnico Judiciário RF 1724



TRIBUNAL 263
NÚMERO DA PAUTA
PAUTA DO DIA
ACORDÃO PUBLICADO EM
IMPEDIMENTO (VERSO)
SUSPEIÇÃO
RECURSOS DE DECLARAÇÃO
ACORDÃO DE RECURSO (IV-GC)
OUTROS:
MPF



PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL DA 3ª REGIÃO

Supremo Tribunal FederalSTFDigital
ARE 1249095 - 05/12/2019 12:02
0017604-70.2009.4.03.6100

SEÇÃO JUDICIAL

0017604 - 70.2009.403.6100
Supremo Tribunal Federal
05/12/2019 11:59 00016935-2019
DOCUMENTO

PROC...: 0017604-70.2009.403.6100 (200961000176040) Vol: 3
Classe.: 1 - Acao CIVIL PUBLICA Prot: 31/07/2009
Assunto: INQUERITO/PROCESSO/RECURSO ADMINISTRATIVO - REVOGACAO E ANULACAO DE ATO
ADMINISTRATIVO - ATOS ADMINISTRATIVOS - ADMINISTRATIVO
AUTOR.....: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL
Advog...: Proc. JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro
REU.....: UNIAO FEDERAL
Advog...: Proc. SEM PROCURADOR
DISTR. AUTOMATICA - 31/07/2009 3a CIVEL
Retif. em: 19/01/2010 Fls.: 249

TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL

0017604-70.2009.4.03.6100 SP VOL 3 AUT 25.06.2013
Nº antigo: 2009.61.00.017604-0 Classe: AC 1868675
APELAÇÃO CÍVEL
APTE : Ministério Público Federal
PROC : JEFFERSON APARECIDO DIAS
APDO : União Federal
ADV : TERCIO ISSAMI TOKANO
PARTE A: ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA
- ABLIRC
ADV : THIAGO BALAT BARBOSA
INQUÉRITO/PROCESSO/RECURSO ADMINISTRATIVO/ATOS ADMINIST/ ADMINIST
DISTR. POR DEPENDÊNCIA/PREVENÇÃO EM 25.06.2013
RELATOR: DES.FED. ALBA BASTO - QUARTA TURMA
MARCELO SARAIVA

AÇÃO CIVIL
PÚBLICA



1.271/1

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





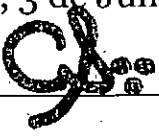
PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

INÍCIO DO TERCEIRO VOLUME

C E R T I D ã O

CERTIFICO e dou fé que, nesta data, procedi à abertura do 3º **VOLUME** destes autos de Ação Civil Pública de nº00176047020094036100.

São Paulo, 3 de Junho de 2013.

Eu, , subscrevo.

Técnico Judiciário RF 1724

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



AGU 533

GJ

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

EXCELENTÍSSIMO (A) SENHOR (A) DOUTOR (A) JUIZ FEDERAL DA 03ª
VARA CÍVEL DA 1ª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO - CAPITAL

JFSP-FORUM CIVEL-SPI
17/05/2013 15:12 h
Prot. 2013.6100097542-1
0017604-70.2009.403.6100
[AGU] [3a.V CIVEL]
Juntada-JFSP 02/05/2013
RF: 124 Rubrica: /

AÇÃO CIVIL PÚBLICA

PROCESSO nº: 0017604-70.2009.403.6100

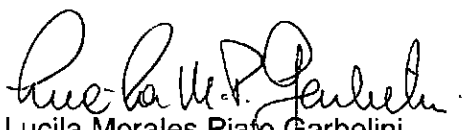
AUTOR: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

RÉ: UNIÃO

A **UNIÃO**, por sua advogada infra-assinada, nomeada por Decreto de 15 de outubro de 1996, nos autos em epígrafe, vem respeitosamente à presença de V.Exa., apresentar suas **CONTRARRAZÕES** ao recurso de apelação interposto pela parte autora, requerendo se digne encaminhá-las ao E. Tribunal Regional Federal da 3ª. Região, após o cumprimento das formalidades legais.

Termos em que,
Pede Deferimento,

São Paulo, 16 de maio de 2013


Lucila Morales Piatto Garbelini
Advogada da União

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 1 de 2

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

CONTRARRAZÕES DE APELAÇÃO

Egrégio Tribunal Regional Federal da Terceira Região;
Colenda Turma;
Eméritos Julgadores:

I- SÍNTESE DO FEITO

A presente Ação Civil Pública foi proposta pelo MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL para o fim de que seja condenada a ré UNIÃO à obrigação de fazer, consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados em locais de atendimento ao público nos prédios públicos da União, no Estado de São Paulo.

Afirma a parte autora, em sua inicial, que fora instaurado na Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, o procedimento administrativo n.º 1.00.000.001411/2007-41 para apurar a notícia de ostentação de símbolo religioso afixado em locais proeminentes e de ampla visibilidade dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, a partir de representação protocolizada pelo cidadão Daniel Sottomaior Pereira, o qual afirma ter se sentido ofendido com a presença de um crucifixo na sede do citado órgão público.

Sustenta, ainda, que a conduta de afixar símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade nas repartições públicas não respeitaria o princípio da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, bem como o princípio da imparcialidade da Administração Pública e do princípio processual da imparcialidade do Poder Judiciário.

Afirma ser, o ato em questão, ofensor do disposto no artigo 5º da Constituição Federal, do artigo 20 da Lei 7.716/89 (trata do ilícito penal de induzimento ou incitação a discriminação ou preconceito de religião), além de atentar contra o artigo XVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, ao artigo 2º, 3º e 4º da Declaração sobre a Eliminação de Todas as

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 2 de 2



535
GJ:

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

Formas de Intolerância e Discriminação Fundadas na Religião ou nas Convicções¹.

Nesse sentido, destaca como também ofendido o Pacto de São José da Costa Rica (Convenção Americana de Direitos Humanos), o qual versa em seu artigo 12 sobre a liberdade de consciência e de religião.

Quanto aos princípios constitucionais, enumera como feridos, a laicidade (art. 19, inciso I, da CF), a impessoalidade, e a moralidade, além da imparcialidade do Poder Judiciário.

Instada a manifestar-se, no prazo de 72 horas, nos termos do artigo 2º da Lei n 8437/92, a União demonstrou, às fls. 70/107, a impossibilidade da concessão da tutela requerida.

Em acertada decisão de fls. 108/113v, a ilustre magistrada entendeu por bem indeferir o pedido de antecipação de tutela, fundamentando seu entendimento nos seguintes termos:

“Observo que a laicidade de nosso país não é novidade da Constituição Federal de 1988. Antes mesmo da promulgação da Constituição Federal de 1891, o Decreto n. 119-A, de 07/01/1890, determinava a separação entre Igreja e Estado. A Constituição da República de 1891 elevou a laicidade a princípio constitucional que foi reproduzido em todas as Constituições do Brasil que lhe sucederam (1934, 1937, 1946, 1967/69 e 1988).

Segundo os ensinamentos de nossos doutrinadores, o Estado laico não deve ser entendido como uma instituição anti-religiosa ou anticlerical. Na realidade o Estado laico é a primeira organização política que garantiu a liberdade religiosa. A liberdade de crença, a liberdade de culto e a tolerância religiosa foram aceitas graças ao Estado laico e não como oposição a ele. O Estado laico pode ser definido como a instituição política legitimada pela soberania popular em que o poder e a autoridade das instituições do Estado vêm do povo, tal conceito está intimamente ligado à democracia e ao respeito dos direitos fundamentais.

Assim sendo, a laicidade não pode se expressar na eliminação dos símbolos religiosos mas na tolerância aos mesmos. Em um país que teve formação histórico-cultural cristã é natural a presença de símbolos religiosos em espaços públicos, sem qualquer ofensa à liberdade de crença, garantia constitucional, eis que para os agnósticos ou que professam crença diferenciada, aquele símbolo nada representa assemelhando-se a um quadro ou escultura, adereços decorativos.

¹ Proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas a 25 de novembro de 1981 – Resolução 36/55.

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 3 de 3



Entendo que não ocorre a alegada ofensa à liberdade de crença, que significa a liberdade de escolha de religião, de aderir a qualquer seita religiosa ou a nenhuma, que não há ofensa à liberdade de culto e nem à liberdade de organização religiosa, garantias previstas no artigo 5º, inciso VI.

A laicidade prevista no artigo 19, inciso I da Constituição Federal, veda à União, Estados, Distrito Federal e Municípios estabelecer cultos ou igrejas, subvencioná-las, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com elas ou seus representantes relação de dependência ou aliança, previsões que não implicam em vedação à presença de símbolos religiosos em órgão público.

Também não ocorre ofensa ao princípio da impessoalidade da Administração Pública eis que não há detrimento ou favoritismo a grupos ideológicos quando todos são tratados com Justiça sem ser obrigados a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.

Ressalto que o princípio da imparcialidade do julgador representa a consagração do dever de aplicar objetivamente o direito ao caso concreto e que o juiz seja subjetivamente imparcial, isto é, estranho à causa e às partes.

Tal princípio é, diariamente honrado em nossos Tribunais e de que é modelo exemplar o Colendo Supremo Tribunal Federal, no caso emblemático, ora lembrado por ser mais recente, do julgamento da liminar relativa à Arguição de descumprimento de preceito fundamental 54-8-DF. Vale lembrar que esta Egrégia Suprema Corte entende por bem manter um crucifixo em pau-brasil, obra de arte de Alfredo Ceschiatti, manifestação cultural, forjada pela tradição.

Peço vênia para reportar-me a um dos inúmeros fundamentos do R. voto do Conselheiro Oscar Argollo prolatado no julgamento dos pedidos de providências junto ao CNJ já retro referidos, "in litteram":

‘Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado - ou o Poder Judiciário - clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF. art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade. Por outro lado, não há, data venia, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável. O estudo dos costumes, a ética (g. ethos), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído através dos tempos e distingue os valores.

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 4 de 4



537

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

e atribui a ideia de comportamento autorizado ou repudiado. O costume (l. consuetudo), como fonte e regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Aliás, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica.(...) Portanto, se costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos. E não podemos ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representa qualquer submissão ao Poder clerical’.

Por fim, inobstante o Preâmbulo da Constituição Federal não ter força normativa (como já decidiu o E. STF - Pleno - ADIN nº 2076/AC - Rel. Min. Carlos Velloso - 15/08/2002 - Informativo STF nº 277) o Prêmbulo de nossa Constituição Federal é definido como documento de intenções da Lei Maior, representando a proclamação de princípios que demonstra suas justificativas, objetivos e finalidades, servindo de fonte interpretativa para dissipar as obscuridades das questões práticas e de rumo para o governo e a sociedade. As Constituições brasileiras, com exceção da Constituição Republicana de 1891 e a de 1937, invocaram em seus preâmbulos, expressamente, a proteção de Deus. A nossa Constituição Federal tem seu preâmbulo assim expresso:

‘Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL’.

Desta forma, o legislador constituinte, invocando a proteção de Deus ao promulgar nossa Constituição Federal, demonstrou profundo respeito ao Justo para conceber a sociedade justa e solidária a que se propôs. Com tais fundamentos entendendo neste exame preliminar, através deste meio de controle difuso, não ocorrer a alegada ofensa aos princípios constitucionais mencionados na exordial e indefiro a medida liminar pleiteada” (grifamos).

Às fls. 148/178, a União apresentou Contestação, requerendo a improcedência do pedido.

Rg

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 5 de 5

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

Num. 256305329 - Pág. 7

538
Cp

Aberta a fase instrutória, este Juízo acolheu o pedido de designação de audiência para oitiva das testemunhas arroladas pelo Autor do feito, o Ministério Público Federal.

II. DO REQUERIMENTO EXTEMPORÂNEO E EXTRA PETITA DO
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Em seus memoriais (fls. 437/439), o parquet requer não apenas a procedência do feito, mas também apresenta novo requerimento até então não feito nos autos, "aditando" a petição inicial em sede de alegações finais.

Eis o pedido feito pelo Ministério Público:

"Ante o exposto, o Ministério Público Federal manifesta-se pela total procedência do pedido inicial, condenando-se a ré na obrigação de fazer consistente em retirar os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo, ou, alternativamente, que se impeça a colocação de novos símbolos religiosos em tais lugares" (grifamos).

Ora, o Código de Processo Civil é claro ao proibir qualquer alteração do pedido ou da causa de pedir após o despacho saneador.

Nesse sentido dispõe o art. 264 do CPC:

"Art. 264. Feita a citação, é defeso ao autor modificar o pedido ou a causa de pedir, sem o consentimento do réu, mantendo-se as mesmas partes, salvo as substituições permitidas por lei.

Parágrafo único. A alteração do pedido ou da causa de pedir em nenhuma hipótese será permitida após o saneamento do processo" (destacamos).

Nesse sentido, a r. sentença deve ser mantida, posto que muito bem analisou a questão nos seguintes termos:

"Por ocasião dos memoriais, apresenta pedido subsidiário, voltado à prolação de provimento jurisdicional que "impeça a colocação de novos símbolos religiosos em tais lugares." (fl. 439). Contudo, por ocasião da manifestação final, resta vedado o aditamento. Ante o princípio da estabilização da lide, o artigo 264 do Código de Processo Civil submete a alteração do pedido, após citação, ao consentimento do réu. Por sua vez, seu parágrafo

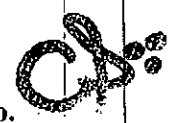
Rg

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 6 de 6



**ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS**



único veda referida modificação após o saneamento do processo. Prejudicados, assim, aditamento e apreciação do pedido subsidiário.”

III – DO MÉRITO

Como já ressaltado pela União em sua contestação, o Brasil tinha uma religião oficial – a católica – até a Constituição do Império,² como se lê no art. 5.º, da antiga Carta Imperial:

“Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórma alguma exterior do Templo” (destacamos).

Pois bem: já nos primeiros dias do Governo Provisório republicano, em consonância com seu ideário e com a doutrina de Thomas Jefferson,³ foi editado o Decreto n.º 119-A, de 7 de janeiro de 1890, que *“prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias”*.

Foi naquele decreto, de 120 (cento e vinte) anos atrás, que surgiu a separação entre o Estado Brasileiro e uma religião oficial, por ter o art. 1.º do decreto determinado que *“É prohibido á autoridade federal, assim como á dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a (...)”*.

Sequer novo é o pedido feito nesta ação, pois bem antes (em 2007) o Conselho Nacional de Justiça analisou requerimento semelhante - embora adstrito a imagens religiosas ostentadas em nossos Tribunais (Pedidos de providência n.º 1344, PP 1345, PP 1346 e PP 1362). Na ocasião, como se verá, foi reconhecida a legitimidade da permanência de tais símbolos nas cortes de nosso país.

É o caso do pedido do parquet, que já foi rechacado pelo CNJ há mais de cinco anos, quando o Conselho enfrentou o tema da presença de crucifixos em Tribunais após uma série de pedidos de providência da Organização não-governamental “Brasil para Todos”, que pleiteava a retirada dos objetos das dependências de órgãos do Poder Judiciário.

² CASTRO, Araújo. *A Constituição de 1937*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003, p. 272.

³ MAXIMILIANO, Carlos. *Comentários à Constituição Brasileira de 1891*. Ed. Fac-similar. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 220 e ss.



Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br



Naquela ocasião, o CNJ entendeu que os objetos seriam símbolos da cultura brasileira e que não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário. Confira-se:

"Pedido para que se determine aos tribunais a retiradas de crucifixos dos plenários e salas

Pedido de Providencias. Pretensão de que se determine aos Tribunais de Justiça a retirada de crucifixos afixados nos Plenários e salas.

Alegação de que a aposição de símbolos fere o art. 19, inciso I da CF/88 – **'Manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado – ou o Poder Judiciário – clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF, art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.**

Por outro lado, **não há, data vênia, no ordenamento jurídico pátrio, qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de Órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável** (grifamos)

(CNJ – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 – Rel. Cons. Oscar Argollo – 14 ° Sessão Extraordinária – j. 06.06.2007 0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator).

Pela pertinência, merece ser citado o voto condutor da decisão daquele I. Conselho:

"VOTO:

Duas teses razoáveis parecem emergir da matéria, relativamente à existência de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos: **a)** seriam símbolos meramente culturais e tradicionais, ou que expressariam a religiosidade do povo, sem comprometimento da liberdade de religião ou afronta ao Estado laico; **b)** indicariam preferência por determinada confissão religiosa, em detrimento das demais, violando os princípios do laicismo do Estado brasileiro (separação do Estado e da Igreja, art. 19, 1, da CF-88) e a liberdade de religião.

lg

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 8 de 8



541
Cf.

Convenci-me da relevância da questão, merecendo deliberação deste CNJ, mercê de sua competência constitucional. O tema tem sido objeto de estudos, principalmente dos constitucionalistas.

A presença de símbolos religiosos foi objeto de decisão de cortes supremas em alguns países. Nos Estados Unidos, conhecida é a decisão da Suprema Corte de 1989 sobre a inconstitucionalidade da instalação de um presépio instalado nas escadarias de um tribunal. Igualmente, em 1995, a Corte Constitucional alemã julgou caso envolvendo a afixação de crucifixo em órgão público, enfrentando o problema do alcance do laicismo.

No Brasil, O STF julgou caso sobre a reprodução ou não de invocação de Deus no preâmbulo de Constituição estadual (ADIn 2076- 5/AC), mas ainda não sobre a existência de símbolos religiosos em órgãos públicos.

O estado da arte, assim sumariado, não aponta para fácil deslindamento.

Voto, pois, no sentido de o CNJ determinar abertura de audiência pública, para que, no prazo de dois meses, quaisquer interessados possam oferecer subsídios que favoreçam a formação de marco conceitual mais amplo.

DECLARAÇÃO DE VOTO
O EXMO. SR. CONSELHEIRO
OSCAR ARGOLLO:

Já mencionei - *pedido vênia aos eminentes Conselheiros*- sobre a distinção que faço entre o interesse público primário e o interesse público secundário.

O primeiro decorre da vontade da sociedade, expressão dos direitos individuais; enquanto o segundo está afeto as questões relativas às vontades das pessoas jurídicas de direito público.

Data maxima venia, não seduz atualmente o argumento de que havendo certo 'interesse público', ele deve prevalecer sobre os interesses individuais. O objetivo ao invocar uma pretensa proteção para algo "que é de todos" e que não pertence a ninguém em particular é uma articulação falaciosa.

O interesse público, de modo geral, em sua essência (*lato sensu*), deve ser dirigido a defesa dos direitos individuais predominantes, ainda que tais direitos individuais sejam tratados coletivamente. É a exata situação que se apresenta nos autos do presente processo.

hy

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 9 de 9



O critério para a identificação do direito coletivo (*latu sensu*) apontado pelo Requerente como violado - *aqui viabilizado pela legitimidade postulatória para arguir sobre um pretensão interesse público, cuja competência e iniciativa para legislar a respeito pertencem a Poder Diverso* - não reside no mero exame do assunto abstratamente considerado, mas na apreciação da norma jurídica que aponta violada: o inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal.

A propósito, urge dizer que o povo brasileiro, por intermédio do Poder Legislativo, mediante Constituição Federal promulgada e vigente, concedeu ao Estado o objetivo fundamental de assegurar a toda sociedade o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar e a justiça - *figura essa aqui representada pela ação do Estado através do Poder Judiciário* - como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social, buscando construir uma coletividade livre, justa e solidária, onde todos são iguais perante a lei sem distinção de qualquer natureza, garantida a inviolabilidade do direito a liberdade, pois ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei, sendo inviolável a liberdade de consciência e de crença.

A cultura e tradição - fundamentos de nossa evolução social - inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc.

São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado - ou o Poder Judiciário - clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF. art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, data venia, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 10 de 10

que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável.

O estudo dos costumes, a ética (*g. ethos*), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído através dos tempos e distingue os valores e atribui a idéia de comportamento autorizado ou repudiado.

O costume (*l. consuetudo*), como fonte e regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Aliás, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica.

O costume de expor, eventualmente, em dependências ou ambiente de órgão público a imagem de um crucifixo corresponde, sem embargos, a uma necessidade jurídica, de acordo com as homenagens devidas a Justiça. Trata-se de representação, ainda que religiosa, do respeito devido àquele local. O crucifixo é um símbolo que homenageia princípios éticos e representa, especialmente, a paz. Afinal, a luta pelo Direito é o meio para alcançar a Paz, conforme ensinou Ihering em seu famoso opúsculo proferido em Viena em 18723.

O simbolismo nada mais e se não a representação concreta de um conceito abstrato, a transformar símbolos em fenômenos visíveis de alguma idéia. É a idéia sob a forma de imagem, de tal forma que a idéia age permanentemente sobre imagem, tornando-a um símbolo da mera representação de uma idéia. Nada mais, nada menos.

O Estado laico tem a noção de liberdade de crença como um comportamento derivado da liberdade de consciência, patrimônio da liberdade interna do indivíduo.

Assim é que, o indivíduo, no Estado laico, tem absoluta autonomia, ou seja: pode ser ateu, agnóstico, ou optar por uma religião, ou não.

Há, portanto, plena autonomia privada, cabendo ao Estado proibir a coação: a chamada imunidade de coação.

Estado não tem o direito de se imiscuir nos costumes e tradições reconhecidos moralmente pela sociedade.

Portanto, se costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos.

ly

Rua da Consolação, n.º 1875, 5º andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 11 de 11



344
GJ

E não podemos ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representa qualquer submissão ao Poder clerical.

A manifestação cultural, forjada pela tradição, de exposição de crucifixo em dependência ou ambiente de Tribunal de Justiça, como elemento representativo do interesse público secundário (*vontade do órgão público*), tem exemplo na sala do Plenário do Excelso Pretório, quando se vê, ao fundo, no painel construído em mármore bege-bahia, pelo artista plástico Athos Bulcão, acima do escudo de armas brasileiro, um crucifixo confeccionado em pau-brasil, obra de Alfredo Ceschiatti.

No campo do direito administrativo, merece observação um julgado do Colendo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, *in verbis*:

'EMENTA: Mandado de Segurança - .Autoridade coatora - Presidente da Assembléia Legislativa do Estado - Retirada de crucifixos da sala da Presidência da Assembléia, sem aquiescência dos deputados – Alegação de violação ao disposto no artigo 5º inciso VI da Constituição da República - Inadmissibilidade - Hipótese em que a atitude do Presidente da Assembléia é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso – Carência decretada.

Na hipótese, não ficou demonstrado que a presença ou não de crucifixo na parede seja condição para o exercício de mandato dos deputados ou restrição de qualquer prerrogativa. Ademais, a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição da Mesa da Assembléia (artigo 14, inciso II, Regulamento Interno), ou seja, de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República. (Relator: Des. Rebouças de Carvalho - Mandado de Segurança n. 13. 405-0 – São Paulo, j. em 02.10. 91)'.
5

Com efeito, conforme se depreende do aludido *decisum*, "...a presença ou não de crucifixo na parede, ... ou a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição ... de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República". Vale dizer: o fato não constitui violação a qualquer direito individual ou coletivo, posto que a 'hipótese ... é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso".

Afigura-se, ademais disso, no referido julgado, a prevalência do artigo 99 da Constituição Federal: "Ao Poder Judiciário é assegurada autonomia administrativa ...". Não cabe, pois, ao Egrégio Conselho o controle administrativo sobre a exposição e disposição de objetos ou símbolos religiosos nas dependências dos Tribunais de Justiça face a autonomia administrativa que possuem.

fy

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 12 de 12



545
92

A matéria dos autos, produto de vetusta e ultrapassada discussão, agora repristinada, não merece guarida, eis que a redação do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal, apenas veda a União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público, previsões que não implicam em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a exposição faz o Estado se tornar clerical.

Ainda no campo do direito administrativo há aqueles que aludem sobre a presença de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos como sendo uma apropriação indevida do espaço público por interesses privados, porque o interesse particular pode fazer tudo que a lei não proíbe, mas a Administração Pública só pode fazer aquilo que a lei determina.

No particular, data maxima venia, entendo que a interpretação não tem lugar, porque não há no ordenamento qualquer norma jurídica vigente que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estado laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e "ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei" (CF. art. 5º, II).

Observe-se o ilustrado Celso Ribeiro Bastos quando preleciona que:

*'A liberdade de organização religiosa tem uma dimensão muito importante no seu relacionamento com o Estado. Três modelos são possíveis: fusão, união e separação. O Brasil enquadra-se inequivocadamente neste último desde o advento da República, com a edição do Decreto 119-A, de 17 de janeiro de 1890, que instaurou a separação entre a Igreja e o Estado. O Estado brasileiro tornou-se desde então laico.'*⁴

Tenho, portanto, que há muito vivemos num Estado laico, desde 1890, sem estabelecer, subvencionar, embaraçar, ou de alguma forma se associar com qualquer culto religioso, exatamente nos termos do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal. Aliás, em meados do mesmo século XIX, em Portugal ocorreu experiência semelhante, decerto mais radical, mais viva, dada a cultura então vigente.

⁴ Celso Ribeiro Bastos. *Curso de Direito Constitucional*. 17 ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1996, p. 178.

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br



546
Globo

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

O insuspeito historiador e pensador português Alexandre Herculano, feroz combatente do Estado clerical, distinguiu muito bem a situação, afirmando, com toda pertinência, que o interesse individual contido na cultura de uma sociedade não afeta ou viola qualquer tipo de interesse coletivo, sobretudo quando - *aqui, aludindo a presença do simbolismo - o fato 'não perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros'*.

Por assim ver, na medida em que não vislumbro a invocada inconstitucionalidade na prática apontada, muito menos qualquer ilegalidade, dada a ausência de norma jurídica específica em vigor, contendo obrigação de fazer ou de não fazer, considerando que o interesse público primário (*a sociedade*, por sua legítima representação, o Poder Legislativo, nenhuma norma jurídica expediu sobre a matéria, e assim, por entender que essa matéria não se comporta no controle exercido pelo Egrégio Conselho, sendo de competência única, exclusiva, interna e totalmente autônoma dos Tribunais de Justiça, detentores do interesse público secundário; e por considerar que a presença de um símbolo religioso, in casu o crucifixo, numa dependência de qualquer órgão do Poder Judiciário não viola, agride, discrimina ou, sequer, "perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros" (sic), são razões para não acolher a pretensão.

Pedindo vênias, ao eminente Conselheiro Relator, ousou discordar da proposta, para dispensar qualquer Consulta Pública - *até porque, a meu juízo, inócua, face à cultura cristã brasileira* - para votar, no mérito, no sentido da total improcedência da pretensão" (grifamos).

Percebe-se, portanto, que a mesma questão aqui trazida foi submetida ao CNJ, tendo aquele Conselho entendido por legítima a ostentação de símbolos religiosos nas repartições públicas mencionadas.

O mesmo raciocínio, por óbvio, há que ser empregado em relação a outros prédios públicos, de onde se vê que não há o perigo do dano na presença dos símbolos religiosos em seus locais de exposição, desmerecendo acolhida o argumento da parte autora de que "*inúmeras pessoas se dirigem aos prédios da União (...) e tem sua liberdade de crença ofendida diante da ostentação pública de símbolos religiosos não relacionados com a fé que professam*".

E as argumentações da União foram confirmadas pelos depoimentos das testemunhas arroladas pelo parquet.

Ressalte-se, aliás, que a própria testemunha do MPF e que foi o Autor da representação que deu origem a esta ação (CF. FL. 277, V.º), o Sr. DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA (Presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos, e contraditado pela União na audiência), reconheceu o que foi afirmado pelo CNJ, ou seja, que a mera presença dos

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 14 de 14

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

347

CL

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

símbolos religiosos não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário.

É o que se lê de seu depoimento:

“Que não houve qualquer manifestação explícita no sentido de que a existência de símbolos religiosos afetaria a qualidade das decisões judiciais.

Que pode dizer que o sentimento de algumas pessoas é que isso poderia afetar na imparcialidade das decisões.

Que reconhece que na maioria das vezes os símbolos já se encontravam nos prédios públicos quando os atuais servidores vieram neles trabalhar” (destacamos)

(trecho do depoimento do Sr. DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA)

Do mesmo modo se posicionou a testemunha Daniel Checcio, para quem

“A presença do símbolo nunca mudou o trabalho ou o humor do funcionário público trazendo sequer nenhum prejuízo as suas funções”.

E outras testemunhas também reconheceram expressamente o que já tinha sido ressaltado pelo CNJ, ou seja, que o uso de símbolos religiosos – mais especificamente crucifixos – faz parte da cultura popular, sendo um costume de profundas raízes.

É o que se percebe nos depoimentos dos Senhores Jamil Rachid, Daniel Checcio e Alcionei Miranda Feliciano:

“Que é Sacerdote Baborixá da Umbanda e do Candomblé. Que possui a maior graduação na hierarquia religiosa de sua missão (...)

Que a Umbanda utiliza o sincretismo dos símbolos religiosos em seus cultos e que na posição da testemunha e da maioria dos que professam a mesma fé, a existência desses símbolos, tais como o crucifixo, é uma questão de tradição, sendo que são contrários à retirada dos mesmos dos ambientes públicos.

(...)

Que sabe dizer que o Brasil é um Estado laico. Que acredita que se fosse realizado um levantamento, a maior parte da população brasileira, cerca de 80%, se posicionaria contra a retirada de símbolos religiosos de repartições públicas.

Que lembra a imagem de Padre Cícero, adorada por milhões de pessoas no Nordeste do Brasil”. (grifamos)
(trecho do depoimento do Sr. Jamil Rachid)

hy

Rua da Consolação, n.º 1875, 5º andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 15 de 15

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

Num. 256305329 - Pág. 17

348
GJ

“Apesar de aparentemente não ter qualquer ligação, um local do Estado, que é laico em sua natureza, conter dentro das suas dependências um símbolo religioso em si, o que é importante entender neste momento é que a cultura de um povo é que o legitimou a estar ali, pois a Nação brasileira não é laica e sim profundamente religiosa em sua maioria, o que precisa-se observar é qual o objetivo dos que levam para locais tão respeitosos da nossa sociedade símbolos religiosos que os mesmos tem em suas casas ou carregam no peito, senão uma fonte de inspiração à justiça, verdade, esperança, superação, tolerância e praticas de boas obras. Quantos réus não entram em júri aspirando isto tudo?” (destacamos).
(trecho do depoimento do Sr. Daniel Checcio)

“O depoente defende a retirada dos símbolos religiosos. Postou no Facebook que viria prestar este depoimento e pediu opiniões. Vieram ofensas, xingamentos, até e-mails particulares com ofensas. O depoente se sente perseguido pelo fato de ter esta postura. Essas pessoas defendem a manutenção do crucifixo porque, para eles, é sinal de amor, paz, tolerância. Apenas um advogado defendeu a laicidade do Estado. Recebeu, mais ou menos, umas trinta respostas, em menos de 48 horas” (grifamos). (trechos do depoimento do Sr. Alcionei Miranda Feliciano)

Esse aspecto cultural dos símbolos religiosos foi amplamente discutido pelo mundo, e também nas assembleias constituintes de 1946 e 1988, no Brasil.

Nos Estados Unidos da America, onde Thomas Jefferson traçou o famoso preâmbulo do *Ato para Estabelecer a Liberdade Religiosa* (doutrina que fundamentou o nosso Decreto n.º 119-A/1889 e o art. 11.º, §2.º, da Constituição Brasileira de 1891), a Corte Suprema local chancelou a colocação de símbolos religiosos em espaços públicos.

O *leading case* se deu em 1984,⁵ no julgado *Lynch v. Donnelly*, em que a Suprema Corte americana afirmou a constitucionalidade da colocação de um presépio com as figuras de Jesus, Maria e José em um parque municipal da cidade de Pawtucket, Estado de Rhode Island.⁶

Na fundamentação da decisão, a Suprema Corte americana se ateve à impossibilidade de total separação entre o Estado e a religiosidade, a história e a cultura de seu povo, reconhecendo que em diversos

⁵ Cf. STERNICK, Daniel. “Crucifixos e Tribunais: sobre o problema dos símbolos religiosos no espaço público brasileiro”. Departamento de Direito – PUC - Rio. 2007.

⁶ Disponível na internet: http://www.belcherfoundation.org/lynch_v_donnelly.htm

h3

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br



549
CJ

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO SP/MS

outros aspectos a vida dos americanos estava ligada a tradições de origem religiosa (como os feriados religiosos, os dizeres religiosos das notas e moedas de dólar, etc.), sem que isso significasse uma ofensa à separação entre o Estado e a Igreja.

É o que se vê no seguinte trecho do julgado:

"Our history is replete with official references to the value and invocation of Divine guidance in deliberations and pronouncements of the Founding Fathers and contemporary leaders.

Beginning in the early colonial period long before Independence, a day of Thanksgiving was celebrated as a religious holiday to give thanks for the bounties of Nature as gifts from God.

(...)

Executive Orders and other official announcements of Presidents and of the Congress have proclaimed both Christmas and Thanksgiving National Holidays in religious terms.

And, by Acts of Congress, it has long been the practice that federal employees are released from duties on these National Holidays, while being paid from the same public revenues that provide the compensation of the Chaplains of the Senate and the House and the military services. Sec J. Res. 5, 23 Stat. 516. Thus, it is clear that the Government has long recognized--indeed it has subsidized--holidays with religious significance.

Other examples of reference to our religious heritage are found in the statutorily prescribed national motto "In God We Trust," 36 U.S.C. [sec.] 186, which Congress and the President mandated for our currency, see 31 U.S.C. [sec.] 5112(d)(1) (1982 ed.), and in the language 'One nation under God' as part of the Pledge of Allegiance to the American flag. That pledge is recited by many thousands of public school children--and adults--every year" (destacamos).⁷

Em outra ocasião, a Suprema Corte americana decidiu que não havia inconstitucionalidade na permanência de um monumento com a inscrição dos Dez Mandamentos nas dependências do Congresso do Estado do Texas, pois a despeito da mensagem religiosa, o contorno fático e

⁷ LYNCH V. DONNELLY (1984) - United States Supreme Court - LYNCH V. DONNELLY - 465 U.S. 668, 104 S.Ct. 1355 (1984) - No. 82-1256. - Argued Oct. 4, 1983. - Decided March 5, 1984. - Rehearing Denied - May 14, 1984.

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

530
GJ

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

social da situação do monumento mostrava que o objeto exalava uma mensagem moral secular, dentre outros significados culturais.⁸

Ainda sobre o tema, merece ser destacado que a Corte Européia de Direitos Humanos decidiu recentemente que os crucifixos podem permanecer nas escolas públicas e que o mesmo não é apenas um símbolo religioso mas "*representa os princípios e valores que formaram os alicerces da democracia e da civilização ocidental, e que sua presença nas classes é justificável a este respeito*".

Tal julgamento foi noticiado na mídia mundial, conforme extrato obtido na internet:

"Corte européia: Crucifixos permanecerão nas escolas públicas

ESTRASBURGO, 18 Mar. 11 / 01:51 pm (ACI)

A Corte Européia de Direitos humanos com sede em Estrasburgo decidiu hoje, em uma sentença inapelável, que os crucifixos podem permanecer nas escolas públicas.

Esta sentença foi promulgada logo depois da posição favorável aos crucifixos na Itália e na Áustria, após sentenças da Corte Suprema de Cassação, no primeiro caso, e da Corte Constitucional, no segundo. Com a resolução de hoje a Corte Européia estabelece que 'não existe violação do artigo 2 do protocolo N° 1 (direito à educação) da Convenção Européia de Direitos humanos'.

Este artigo se refere à obrigação do estado, 'no exercício de suas funções em relação à educação, a respeitar o direito dos pais de educar os seus filhos de acordo às suas convicções religiosas e filosóficas'.

A sentença da Corte indica que 'embora o crucifixo seja acima de tudo um símbolo religioso, não há evidência para a Corte de que sua exposição em uma parede de uma sala de aula influencie os alunos'.

'Além disso -diz a resolução- embora se compreenda que a demandante tenha visto que esta exposição do crucifixo nas salas de aula à que assistiam suas filhas como uma falta de respeito do Estado a seu direito de educar conforme suas próprias convicções filosóficas, sua percepção subjetiva não foi suficiente para estabelecer uma violação do artigo 2 do protocolo 1'.

⁸ "*Despite the Commandments' religious message, an inquiry into the context in which the text of the Commandments is used demonstrates that the Commandments also convey a secular moral message about proper standards of social conduct and a message about the historic relation between those standards and the law*" (SUPREME COURT OF THE UNITED STATES - VAN ORDEN v. PERRY, in his official capacity as GOVERNOR OF TEXAS and CHAIRMAN, STATE PRESERVATION BOARD, et al.- CERTIORARI TO THE UNITED STATES COURT OF APPEALS FOR THE FIFTH CIRCUIT - No. 03-1500. Argued March 2, 2005- Decided June 27, 2005, disponível na internet: <http://www.law.cornell.edu/supct/html/03-1500.ZS.html>).

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 18 de 18



511

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

A sentença também recorda que o governo italiano explicou em sua apelação que ‘a presença dos crucifixos nas escolas públicas corresponde a uma tradição que consideram importante perpetuar’.

Do mesmo modo, as autoridades da Itália ressaltaram que o crucifixo não é apenas um símbolo religioso mas ‘representa os princípios e valores que formaram os alicerces da democracia e da civilização ocidental, e que sua presença nas classes é justificável a este respeito’.

A Corte Européia de Direitos humanos aceitou a apelação apresentada pelo governo da Itália no 28 de janeiro de 2010, logo depois de que em novembro de 2009 decidira que os crucifixos não deviam estar nas salas de aula das escolas.

A resolução de novembro de 2009 dava razão a uma mãe de família de duas alunas que alegava que os crucifixos ‘não correspondiam’ à forma que suas filhas deveriam ser educadas.

Diante desta decisão, o governo da Itália defendeu a presença dos crucifixos nas salas de aula dos colégios públicos, como um símbolo que representa as raízes cristãs do país” (grifamos).

(<http://www.acidigital.com/noticia.php/id=2137>)

Seguindo um raciocínio semelhante, pode-se dizer, acompanhando o nosso CNJ, que os crucifixos e imagens são não uma prova da religião do Estado, *mas sim da cultura de nosso povo.*

É o que nos lembra o Subprocurador-Geral da República Francisco Adalberto Nóbrega, que em monografia específica sobre Deus na Constituição escreve que “*o Brasil despontou no cenário internacional, imerso num universo de valores religiosos*” sob o manto da expansão comercial portuguesa e do dilargamento da cristandade, com o que

“Essa diáde instalada no espírito cristão do Velho Mundo, inspiradora dos navegantes portugueses e que se há de ter sempre presente, para um apropriado entendimento da realidade de histórica de então.

Imerso nessa realidade cultural e religiosa, era de se esperar que o Brasil, no dealbar de sua soberania, se encontrasse sob forte inspiração espiritualista. Esse foi um dos legados da lusitana gente” (grifamos).⁹

E lembrando ainda como antigo é esse debate, podemos nos recordar dos debates havidos quando da elaboração da Constituição Brasileira de 1946, especialmente em relação à colocação (ou não) da saudação a Deus no preâmbulo da Carta Magna.

⁹ NÓBREGA, Francisco Adalberto. *Deus e Constituição: a tradição brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 15.

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br



552
GJ

À época, o deputado Caires de Brito, do Partido Comunista, tinha apresentado uma emenda eliminando a invocação de Deus do início da Constituição. Contrapondo-se a tal emenda, Gilberto Freire, o famoso sociólogo pernambucano, esclareceu que, *por questões culturais e sociológicas, "é natural que a Constituição de um povo como o brasileiro, seja no seu espírito e na sua forma cristã ou católica e não anticristã ou acatólica"*.¹⁰

Quando da votação da atual Constituição de 1988 foi apresentada emenda semelhante, visando retirar o nome de Deus do preâmbulo constitucional.

Rejeitada a emenda por 74 (setenta e quatro) votos contrários e apenas 1 (um) favorável, é de se destacar a posição do deputado comunista Roberto Freire, que, em declaração de voto, posicionou-se contrariamente à retirada do nome de Deus do preâmbulo, ressaltando "não querer desrespeitar um sentimento deísta e religioso do povo brasileiro", como nos informa Francisco Adalberto Nóbrega.¹¹

De fato, há a religião e há a cultura, sendo certo que, como esclarecido pelo CNJ, os objetos em questão são símbolos da cultura brasileira, não interferindo na imparcialidade e na universalidade da Administração Pública.

E embora a intenção desta ação seja a de tentar proteger a liberdade de religião, a aceitação do pedido veiculado nesta demanda produziria o efeito oposto, qual seja, a de termos um comando aniquilando a liberdade de religião, criando-se não um Estado laico, mas sim um Estado em oposição à religião, em clara afronta à nossa Carta Magna e aos tratados e convenções internacionais sobre a liberdade de crença e religião.

Para que possamos entender a dimensão do acolhimento do pedido do Autor, é importante que nos lembremos da lição de Jorge Miranda, que em seu Manual de Direito Constitucional esquematiza da seguinte maneira as possibilidades de relação entre o Estado e a religião¹²:

(i) Identificação entre Estado e religião (Estado confessional):

(i.i) com domínio do poder religioso sobre o poder político (teocracia)

(i.ii) com domínio do poder político sobre o poder religioso (cesaropapismo)

¹⁰ NÓBREGA, Francisco Adalberto, *op. cit.*, p. 31-33.

¹¹ NÓBREGA, Francisco Adalberto, *op. cit.*, p. 34.

¹² MIRANDA, Jorge. *Manual de Direito Constitucional*. Tomo IV. 3.ª Ed. Coimbra: Coimbra Editora, 2000, p. 405-406.

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

(ii) não identificação entre o Estado e religião
(Estado laico):

(ii.i) com união entre Estado e uma confissão religiosa
(religião de Estado)

(ii.i.i) união com ascendentes de um dos poderes sobre o
outro – clericalismo (ascendente do poder religioso) ou
regalismo (ascendente do poder político);

(ii.i.ii) união com autonomia relativa

(ii.ii) com separação

(ii.ii.i) separação relativa (com tratamento especial ou
privilegiado de uma religião)

(ii.ii.ii) separação absoluta (com igualdade absoluta das
confissões religiosas)

(iii) oposição do Estado à religião:

(iii.i) oposição relativa (Estado laicista)

(iii.ii) oposição absoluta (Estado ateu, ou de
confessionalidade negativa)

Bem se vê, portanto, que quando a nossa
Constituição veda ao Poder Público estabelecer cultos religiosos ou igrejas,
subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus
representantes relações de dependência ou aliança (art. 19, I, da CF), a par de
manter o Estado laico (isto é: *sem religião oficial*), ela tampouco está
autorizando a proibição de qualquer manifestação de crença religiosa em todo
o território nacional – ou seja: a nossa Carta Magna não impõe ao Estado o
dever de se opor às religiões, nem obriga que o Poder Público proíba qualquer
manifestação (ainda que cultural) ligada aos símbolos de natureza religiosa.

Se o pedido do *parquet* for acolhido, aí sim teríamos
o Estado parcial, totalitário, em *oposição absoluta* à religião, impondo uma
crença única a todos – a da proibição da fé livre.

De fato: para a União, a lide versa, em verdade,
sobre a legitimidade (ou não) de se instalar, no Brasil, o totalitarismo do
ateísmo com a proibição da fixação de símbolos religiosos (de qualquer
religião) nas repartições públicas federais, com a impossibilidade da expressão
de crença religiosa dos servidores que nelas trabalham.

Rua da Consolação, n.º 1875, 5º andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 21 de 21

554

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO SP/MS

Nesse sentido, mais do que oportuno citar as palavras de tolerância dadas nos depoimentos das testemunhas, em contraponto à pretensão de intolerância com a religião que é veiculada nesta lide, originada em representação feita pelo Presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos:

A testemunha Daniel Checcio bem destacou que

“prega a tolerância e o respeito a todas as crenças, sendo indiferente para sua fé e para suas concepções religiosas a existência de símbolos de outras religiões, seja em que locais forem”.

Por sua vez, a testemunha Dom Odilo Pedro Scherer opinou que

“Que não crê que um determinado símbolo religioso possa ser ofensivo a quem não professa aquela fé, pois na atual condição de laicidade do Estado que contempla a pluralidade religiosa e não religiosa os cidadãos devem estar aptos a conviverem e tolerar as múltiplas expressões religiosas sem se sentirem ofendidos ou agredidos com isso” (destacamos).

De fato, nosso povo e nossa Constituição Federal não cancelam a intolerância, nem tampouco autorizam o pleito deste feito, baseado em representação do Presidente da Associação Brasileira dos Ateus e Agnósticos, de impor o totalitarismo da proibição de se professar a fé.

Afinal, a mesma Carta que veda que o Estado tenha uma religião (qualquer religião, ainda que seja a crença de que não há Deus) estipula a inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (art. 5.º, VI, da CF).

Desta forma, e como bem ressaltado pelo Conselho Nacional de Justiça, o comando do art. 19, I, da CF não implica em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a sua exposição torne o Estado clerical.

Não há, também, relata o CNJ, *“no ordenamento infralegal qualquer norma jurídica que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estado laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos,*



Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 22 de 22

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

535
GJ

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

uma vez que todos são iguais perante a lei e 'ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei'" (CF. art. 5º, II)".¹³

Daí não existir, tampouco, desrespeito aos valores consagrados no art. 37, *caput*, da Constituição Federal, pois a Administração Pública, *ao não proibir* o uso de objetos ligados à cultura brasileira ou que não têm sua ostentação vedada por lei, na verdade age com impessoalidade, moralidade e imparcialidade dela exigidas – pois o Poder Público, aqui, não estará perseguindo ninguém por acreditar numa religião, ou por ostentar um objeto da cultura religiosa ou tradicional a que pertença. Pelo contrário: a Administração estará tão-somente respeitando o direito à liberdade de fé garantido a todos os indivíduos em nosso país.

Nesse sentido, a União pede vênia para transcrever o entendimento da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, a qual se manifestou sobre o tema em questão, nos seguintes termos:

"O reconhecimento de que todos os seres humanos têm direitos e liberdades fundamentais inerentes à condição humana e, de que toda nação têm a obrigação de respeitar os direitos fundamentais de seus cidadãos, é, sem dúvida, uma imposição constitucional. Não obstante, essa idéia tenha há muito tempo surgido na história e no pensamento humano, a concepção de que os direitos fundamentais dos seres humanos constitua objeto de uma regulação por parte da Comunidade Internacional, isto é, o seu reconhecimento, desenvolvimento, preservação e responsabilização, emergiu somente após as terríveis violações dos direitos humanos pelos regimes totalitários Alemão, quando verificou-se o que fora o holocausto, e o Soviético.

Neste contexto, a liberdade religiosa é garantia constitucional deferida às pessoas tanto no âmbito internacional quanto no âmbito interno.

A Organização das Nações Unidas reconhece, com efeito, a liberdade religiosa nos termos do art. 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. *In verbis*:

'ARTIGO 18. Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância isolada ou coletivamente, em público ou em particular'.

¹³ (CNJ) – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 – Rel. Cons. Oscar Argollo – 14 º Sessão Extraordinária – j. 06.06.2007 0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator.

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

556

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

Para tornar esse dispositivo ainda mais claro, ONU editou a Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Baseadas em Religião ou Crença (Resolução n.º 36/55). *In verbis*:

'Art. 1º. Ninguém será sujeito à coerção por parte de qualquer Estado, instituição, grupo de pessoas ou pessoas que debilitem sua liberdade de religião ou crença de sua livre escolha'.

"Art. 6º. O direito à liberdade de pensamento, consciência, religião ou crença incluirá as seguintes liberdades:

.....

h) observar dia de repouso e celebrar feriados e cerimônias de acordo com os preceitos da sua religião ou crença.'

Neste sentido também é a Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), ingressa no sistema pátrio nos termos do Decreto n.º 678, de 06 de novembro de 1992, cujo art. 12, alínea 2, explicita:

'Artigo 12. Liberdade de Consciência e de Religião

.....

2. Ninguém pode ser objeto de medidas restritivas que possam limitar sua liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças.'

Garante, ainda, o artigo 26 do Pacto dos Direitos Civis e Políticos:

'Artigo 26. Todas as pessoas são iguais perante a lei e têm direito, sem discriminação alguma, a igual proteção da lei. A este respeito, deverá proibir qualquer forma de discriminação e garantir a todas as pessoas proteção igual e eficaz contra qualquer discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento ou qualquer opinião.'

Afirme-se que os tratados internacionais acima referidos integram o ordenamento jurídico pátrio por força do disposto no § 2.º, do art. 5.º, da Constituição.

CONTEÚDO DA LIBERDADE RELIGIOSA

A liberdade religiosa traduz a necessidade de tolerância de diferentes práticas religiosas, consistindo no dever de abstenção do Estado (liberdade negativa) em se respeitar a expressão e o significado da liturgia religiosa em sua diversidade.

O art. 5º da Constituição que traz em seus incisos VI, VII e VIII, dispositivos que asseguram a liberdade religiosa.

hy

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 24 de 24

Documento assinado digitalmente conforme MP n° 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Artigo 5º.

....

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;¹

Os dispositivos suprarreferidos, reitere-se, garantem a não intervenção estatal na consciência religiosa do indivíduo. Nesse sentido, assevera o professor Maurício Scheinman¹⁴, *verbis*:

'Foi no século III d.C que a expressão liberdade religiosa – libertas religionis – foi, provavelmente, utilizada pela primeira vez, por Tertuliano, advogado convertido ao cristianismo e que passou a defender a liberdade religiosa em face dos abusos do Império Romano. A liberdade religiosa é, como se sabe, um direito humano fundamental, assegurado pelas Constituições dos diversos Estados democráticos e, também, por importantes declarações e tratados internacionais de direitos humanos. Contudo, estamos tratando, até aqui, de apenas uma acepção da liberdade religiosa. Há pelo menos mais duas acepções que devem ser abordadas.

A liberdade religiosa comporta pelo menos três acepções: jurídica, teológica ou eclesiástica e bíblica.

No que se refere à liberdade religiosa na acepção jurídica, a mesma compreende, essencialmente, a liberdade religiosa como um direito fundamental da pessoa humana.

Nesse sentido, Segundo Jorge Miranda, a liberdade religiosa ocupa o cerne da problemática dos direitos humanos.

Ora, no curso da história da humanidade, o direito à liberdade religiosa representa uma conquista extremamente recente. Pode ser identificada nas três fases da era dos direitos, mencionadas por Norberto Bobbio.

Segundo o autor italiano, os direitos humanos "nascem como direitos naturais universais, desenvolvem-se como direitos positivos particulares, para finalmente encontrarem sua plena realização como direitos positivos universais".

¹⁴ <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=6896>

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

358

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

Como direito natural, a liberdade religiosa surgiu no século XVIII, com as primeiras declarações de direitos de 1776 (americana) e 1789 (francesa).

Como direito efetivamente tutelado, a liberdade religiosa surgiu com a Constituição Americana.

Como direito internacional, a liberdade religiosa surgiu no Segundo Pós-Guerra, com o desenvolvimento do sistema global de proteção aos direitos humanos ligado à Organização das Nações Unidas – ONU.

No mesmo sentido, Paulo Gustavo Gonet Branco:

‘A liberdade de consciência ou de pensamento tem que ver com a faculdade de o indivíduo formular juízos e idéias sobre si mesmo e sobre o meio externo que o circunda.

O Estado não pode interferir nessa esfera íntima do indivíduo, não lhe cabendo impor concepções filosóficas aos cidadãos.

*Deve, por outro lado, -eis um aspecto positivo dessa liberdade -, propiciar meios efetivos de formação autônoma da consciência das pessoas.*¹⁵

Infere-se das lições acima que a sociedade mais justa observa princípios fundamentais que norteiam a liberdade religiosa, entendida como a não interferência do Estado na consciência do indivíduo.”

Do artigo de Fernando Capez, juntado aos autos às fls. 219/220, merece ser mencionado o trecho em que o professor bem explica que, ao contrário do que defende o *parquet* nesta ação, **“laico, no entanto, não quer dizer inimigo da religião”**.¹⁶

E continua, trazendo a correta definição do vocábulo “laico”:

“Etimologicamente, laico ou leigo provém do termo grego *laikós*, que designa o que se refere ao povo (laós). O termo leigo (*laikós*) serve apenas para diferenciar as pessoas consagradas para uma missão especial, tais como os diáconos, presbíteros e bispos, daqueles que são apenas consagrados no batismo (Dom Fernando Antônio Figueiredo, Introdução à Patrística, RJ, Editora Vozes, 2009, p. 46).

¹⁵ Bramco, Gustavo Gonet, *Curso de Direito Constitucional*, p.457.

¹⁶ CAPEZ, Fernando. “O Estado laico e a retirada de símbolos religiosos de repartições públicas”. Disponível na internet: <http://www.fernandocapez.com.br>. Capturado em 14.10.2009.

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 26 de 26



Laico não designa, portanto, algo não religioso, nem contrário à fé, mas apenas aqueles que não exercitam como vocação, o ministério religioso. Estado laico não é Estado sem fé, ateu ou que se antepõe a símbolos de convicções religiosas, mas tão somente Estado não confessional, sem religião oficial ou obrigatória.

Assim, ao contrário do que parece à primeira vista, a expressão laico não se opõe, nem repudia, mas antes, coexiste pacificamente com as religiões, sem molestá-las ou coibi-las.

Aliás, a CF, em seu art. 19, I, prevê até mesmo a possibilidade de aliança entre Estado e Igreja sempre que, nos termos da lei, houver interesse público. Um Estado não confessional significa apenas não regrado por normas religiosas, sem implicar em nenhuma postura comissiva de hostilidade ao *status quo*”.

Ao que conclui o antigo representante do Ministério Público Estadual Fernando Capez (firme na doutrina de Gilmar Mendes e outros) pela improcedência desta ação, em nome da proteção de todos contra a intolerância religiosa que seria o acolhimento do pedido do Ministério Público Federal na presente demanda:

“A Constituição Federal de 1988 consagrou o Estado Democrático de Direito, calcado na busca da igualdade formal e material, tem como seu objetivo promover o bem de todos, sem preconceitos de qualquer natureza, e se alicerça na dignidade da pessoa humana. Busca a tolerância mútua e a coexistência pacífica.

Cabe ao Estado e à sociedade em geral não encorajar manifestações de intolerância daqueles que se sintam ofendidos pela livre expressão da fé alheia. A retirada de símbolos já instalados, mesmo que em repartições públicas, leva à alteração de uma situação já consolidada em um país composto por uma quase totalidade de adeptos da fé cristã, e agride desnecessariamente os sentimentos de milhões de brasileiros, apenas para contentar a intolerância e a supremacia da vontade de um restrito grupo de pessoas.

A Constituição Federal não conformou um Estado ateu, nem hostil ao cristianismo, apenas estabeleceu um regime não confessional. Não há religião oficial, mas também não há política oficial de repúdio à religião.

Gilmar Ferreira Mendes, Inocêncio Mártires Coelho e Paulo Gustavo Gonet Branco observam: ‘O Estado brasileiro não é confessional, mas tampouco é ateu, como se deduz do preâmbulo da Constituição, que invoca a proteção de Deus. Admite igualmente, que o casamento religioso produza efeitos civis, na forma o disposto em lei (CF, art. 226, §§ 1º e 2º ...a laicidade do Estado não significa, por

Rua da Consolação, n.º 1875, 5º andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

560
CJ

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

certo, inimizade com a fé.” (Curso de Direito Constitucional, SP, Saraiva, 2007, p. 408/409).

Por fim, a fim de reforçar o entendimento anteriormente esposado, a União pede vênia para **transcrever trecho da acertada sentença proferida pela MM. Juíza de primeiro grau, às fls. 494/500v dos presentes autos:**

“Sensível à visão do fenômeno religioso não repudiado pela Carta Maior, mas, ao contrário, inserido como valor a ser preservado em si mesmo, o Ministro Gilmar Ferreira Mendes enfatiza a marcante contribuição do catolicismo na formação espiritual e cultural do povo brasileiro, admitindo a convivência do Estado com símbolos que expressam valores de sua história cultural e bens de significado para grande parcela da população. Segue transcrição de seus ensinamentos, aqui expressamente adotados como fundamento da decisão:

“A laicidade do Estado não significa, por certo, inimizade com a fé. Não impede a colaboração com confissões religiosas, para o interesse público (CF, art. 19, I). A sistemática constitucional acolhe, mesmo, expressamente, medidas de ação conjunta dos Poderes Públicos com denominações religiosas e reconhece como oficiais certos atos praticados no âmbito de cultos religiosos, como é o caso da extensão de efeitos civis ao casamento religioso.

Nesse sentido, não há embaraço - ao contrário, parecem bem-vindas, como ocorre em tantos outros países - a iniciativa como a celebração de concordata com a Santa Sé, para a fixação de termos de relacionamento entre tal pessoa de direito internacional e o país, tendo em vista a missão religiosa da Igreja de propiciar o bem integral do indivíduo, coincidente com o objetivo da República de “promover o bem de todos” (art. 3º, IV, da CF).

Seria erro grosseiro confundir acordos dessa ordem, em que se garantem meios eficazes para o desempenho da missão religiosa da Igreja, com a aliança vedada pelo art. 19, I, da Constituição. A aliança que o constituinte redupla é aquela que inviabiliza a própria liberdade de crença, assegurada no art. 5º, VI, da Carta, por impedir que outras confissões religiosas atuem livremente no País.

O reconhecimento da liberdade religiosa pela Constituição denota haver o sistema jurídico tomado a religiosidade com um bem em si mesmo, como um valor a ser preservado e fomentado. Afinal, as normas jusfundamentais apontam para valores tidos como capitais para a coletividade, que devem não somente ser conservados e protegidos, como também ser promovidos e estimulados.

A Constituição protege a liberdade de religião para facilitar que as pessoas possam viver a sua fé. Daí a Constituição chegar a prever a assistência

Rua da Consolação, n.º 1875, 5º andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 28 de 28

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

561
g

religiosa para os que estejam submetidos a internação coletiva (art. 5º, VII). O reconhecimento da liberdade religiosa decerto que contribui para prevenir tensões sociais, na medida em que, por ela, o pluralismo se instala e se neutralizam rancores e desavenças decorrentes do veto oficial a crenças quaisquer. O reconhecimento da liberdade religiosa também tem por si o argumento de que tantas vezes a formação moral contribui para moldar o bom cidadão. Essas razões, contudo, não são suficientes em si para explicar a razão de ser da liberdade de crença. A Constituição assegura a liberdade dos crentes, porque toma a religião como um bem valioso por si mesmo, e quer resguardar os que buscam a Deus de obstáculos para que pratiquem os seus deveres religiosos.

Entende-se, assim, a preocupação do constituinte em garantir o culto e a liturgia das religiões (art. 5º, VI, da CF), bem como, e em decorrência, a imunidade tributária que institui no art. 150, VI, b, do Texto Magno. Não se esgotam aí, porém, as medidas que os Poderes Públicos podem - e eventualmente devem - adotar, para amparar, na vida prática, o valor religioso. A adoção de feriados religiosos justifica-se sob esse prisma, em especial, mas não necessariamente, quando facilita a prática de atos de fé professada pela maioria da população ou por uma porção significativa dela.

Essas medidas se justificam, por outro lado, do ponto de vista cultural, entendendo-se, como quer Peter Hberle, que "o Estado constitucional democrático vive também do consenso sobre o irracional, e não somente do discurso ou do consenso ou dissenso em relação ao racional." Adverte o Professor alemão que não se pode subestimar essas fontes de consenso emocionais, acrescentando que somente "o enfoque culturalista pode iluminar a possibilidade e limites dos dias festivos do Estado constitucional, já que o positivismo jurídico não sabe muito bem que fazer com eles. Num sentido mais amplo e profundo os dias festivos são todos dias da Constituição, porque pretendem trazer à consciência elementos diversos do Estado constitucional em conjunto. Justificam-se as festividades religiosas sob o amparo do Estado constitucional sempre que se refiram a símbolos que reacendam na memória coletiva as suas raízes culturais históricas que lhe conferem identidade - e não há negar, sob esse aspecto, por exemplo, a marcante contribuição do catolicismo para a formação espiritual, moral e cultural do povo brasileiro. Esses símbolos, prossegue Peter Hberle, "dizem frequentemente mais sobre o espírito de um povo do que algumas normas jurídicas. Desse modo, declaram-se dias festivos, constroem-se monumentos, nomeiam-se ruas, são criadas e são saudadas as bandeiras e se cantam hinos. Desse modo se elabora a história e se traça o futuro."

A liberdade religiosa consiste na liberdade para professar fé em Deus. Por isso, não cabe arguir a liberdade religiosa para impedir a demonstração da fé de outrem ou em certos lugares, ainda que públicos. O Estado, que não professa o ateísmo, pode conviver com símbolos os quais não somente correspondem a valores que informam a sua história cultural, como remetem a bens encarecidos por parcela expressiva da sua população - por

Ray

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 29 de 29



562

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO – 3ª REGIÃO SP/MS

isso, também, não é dado proibir a exibição de crucifixos ou de imagens sagradas em lugares públicos."

Não há falar, portanto, com base no artigo 19, inciso I, da Constituição da República, em provimento jurisdicional que determine a retirada de todos e quaisquer símbolos religiosos de repartições públicas federais no Estado de São Paulo. Pedido por demais genérico, que nem sequer permite discutir e avaliar quais os símbolos e a relevância de sua expressão histórico-cultural e a necessidade de sua preservação.

Ora, a laicidade do Estado brasileiro, como visto, não se traduz em oposição ao fenômeno religioso. Ao contrário, ele é garantido no texto constitucional como direito fundamental de liberdade de consciência, de liturgia e de culto. Mais, é resguardado como valor em si, inclusive sob a perspectiva da expressão cultural do povo brasileiro. Daí a possibilidade de convivência do Estado laico com símbolos religiosos - crucifixos, imagens, monumentos, nomes de logradouros ou de cidades etc. - ainda que em locais públicos, pois refletem a história e a identidade nacional ou regional.

Consideradas as declarações colhidas nestes autos (fls. 360/368, 415/423, 429/435), a maioria de representantes religiosos, não se pode afirmar que o sentimento predominante seja de constrangimento ou agressão pela presença de símbolos religiosos em repartições públicas. O fato é comumente tratado como algo ligado à tradição, ao hábito, à maioria religiosa no país. Como reconhecido pelo próprio autor, com base no Censo Demográfico de 2000, a população de católicos ultrapassava 70%.

A existência de símbolos religiosos em prédios públicos não pode ser tida como violação ao princípio da laicidade ou como indevida postura estatal de privilégio em detrimento das demais religiões, mas apenas como expressão cultural de um país de formação católica, que também deve ser protegida e respeitada."

Bem se vê que todas essas argumentações demonstram a improcedência do pedido feito pelo Autor da ação.

IV- DO PREQUESTIONAMENTO

A União entende que se prosperasse a tese do autor, restariam violados diversos princípios constitucionais, previstos no art. 37 da CF/88, bem como as disposições contidas nos artigos 5º, VI, VII e VII, art. 19, inc I e art. 99 da Magna Carta. Assim, a União requer que V. Exas., ao julgar a presente ação, manifestem-se expressamente sobre as referidas disposições constitucionais, para efeito de propositura de eventual Recurso Extraordinário perante o C. Supremo Tribunal Federal.

hg

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 30 de 30

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

V- CONCLUSÃO

Diante de tudo quanto aqui se expôs, é a presente para requerer seja **negado provimento** ao recurso de Apelação interposto pela parte autora quanto ao pedido de reforma da decisão atacada, mantendo-se a r. sentença em sua integralidade.

Termos em que,
Pede Deferimento,

São Paulo, 16 de maio de 2013

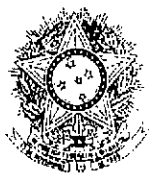

Lucila Morales Piatto Garbelini
Advogada da União

Rua da Consolação, n.º 1875, 5ª andar, Cerqueira César, Capital, São Paulo, CEP 01301-100
Fone: (11) 3506-2710 ou 2711 E-mail: pru3@agu.gov.br

Página 31 de 31

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





PODER JUDICIÁRIO
JUSTIÇA FEDERAL

Seção Judiciária: São Paulo
3ª. Vara Cível Federal

Processo : 0017604-70.2009.403.6100

C E R T I D ã O

Certifico e dou fé que esta Vara:

- esteve em Inspeção de 04 a 08 de maio de 2013;
- esteve em Correição de 21 a 23 de novembro de 2012;

São Paulo, 3 de junho de 2013.

Eu, _____, subscrevi.

Téc. Judiciária - RF 1724.

C E R T I D ã O

Certifico e dou fé, em cumprimento ao provimento nº. 64/2005, da Egrégia Corregedoria do Tribunal Regional Federal da 3ª. Região, que estes autos contem 564 folhas devidamente numeradas.

São Paulo, 3 de junho de 2013.

Eu, _____, subscrevi.

Téc. Judiciário - RF 1724.

R E M E S S A

Faço a remessa destes autos, nesta data, ao Egrégio Tribunal Regional Federal da 3ª. Região.

São Paulo, 3 de junho de 2013.

Eu, _____, subscrevi.

Téc. Judiciário - RF 1724.



0017604-70.2009.4.03.6100

SP VDL 3

FLS 564

Nº antigo: 2009.61.00.017604-0

Classe: AC

1868675

DISTR. POR DEPENDÊNCIA/PREVENÇÃO EM 25.06.2013

RELATOR: DES.FED. ALDA BASTO - QUARTA TURMA

VÃO ESTES AUTOS CONCLUSOS AO RELATOR

São Paulo, 25 de junho de 2013

ALDA BASTO

4

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP

	2009.61.00.017604-0/SP
RELATORA	: Desembargadora Federal ALDA BASTO
APELANTE	: Ministério Público Federal
PROCURADOR	: JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro
APELADO(A)	: União Federal
ADVOGADO	: SP000019 TERCIO ISSAMI TOKANO
PARTE AUTORA	: ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO	: SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro
No. ORIG.	: 00176047020094036100 3 Vr SAO PAULO/SP

DESPACHO

Dê-se vista ao Ministério Público Federal, para elaboração de parecer.

São Paulo, 12 de março de 2014.



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) Desembargadora Federal ALDA BASTO, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://www.trf3.jus.br/processos/verifica.php> informando o código verificador 3506640v2., exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

DATA

Em

12 MAR 2014

recebi este despacho com o r.

despacho do Ministério Público

RF 3657 UTU4

2009.61.00.017604-0

[MDSLUIZ@MDSLUIZ]

3506640.V002_1/1



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

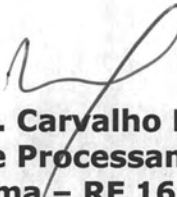
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA TERCEIRA REGIÃO



Proc. 00176047020094036100

V I S T A

Em 13 / 03 /2014, faço vista destes autos ao
Ministério Público Federal.


Wilson S. Carvalho Filho
Divisão de Processamento
4ª Turma – RF 1657



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria Regional da República da 3ª Região

PARECER Nº 1374/2014/RCC/PRR3

ACP nº: 0017604-70.2009.4.03.6100

Apelação em Ação Civil Pública

Apelante: Ministério Público Federal

Apelada: União Federal

Relatora: Desembargadora Federal **Alda Bastos** – Quarta Turma

Egrégio Tribunal,

Colenda Turma,

I - BREVE RESUMO

Trata-se de recurso de apelação, interposto pelo **Ministério Público Federal**, contra a r. sentença proferida pelo **MM. Juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo/SP**, que julgou improcedente o pedido formulado na ação civil pública proposta em face da **União Federal**, com o objetivo de obter a condenação da ré na “*obrigação de fazer consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos*

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria Regional da República da 3ª Região

prédios públicos da União no Estado de São Paulo” (fl. 06).

Na inicial, de fls. 02/06, o **Ministério Público Federal** informou que o cidadão *Daniel Sottomaior Pereira* protocolizou representação junto à Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, na qual noticiou a ostentação de símbolo religioso, afixado em local de ampla visibilidade, dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, o que teria gerando ofensa à sua liberdade de crença.

Por essa razão, o órgão do *parquet* fez instaurar o procedimento administrativo nº 1.00.000.001411/2007-41, com vistas a apurar o fato noticiado, e, posteriormente, com fundamento nos princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário, ajuizou a presente Ação Civil Pública, cujo pedido imediato dirige-se contra a **União Federal**, para que seja obrigada a retirar “*todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo*” (fl. 06).

Intimada, a **União** manifestou-se nos termos do artigo 2º da Lei 8.437/92, requerendo o indeferimento do pedido de tutela antecipada, às fls. 70/107.

Às fls. 108/113vº, consta decisão que indeferiu a a antecipação da tutela.

Às fls. 123/124, a **Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania – ABLIRC** requereu sua admissão no feito, na qualidade de assistente do Ministério Público Federal, o que foi deferido à fl. 249.

Às fls. 148/178, a **União Federal** apresentou contestação, alegando que, nos termos do entendimento já manifestado pelo Conselho Nacional de Justiça, no tocante ao tema da presença de crucifixos nos Tribunais, “*os objetos seriam símbolos da cultura*





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria Regional da República da 3ª Região

568
WM

brasileira e que não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário" (fl. 151). Nesse contexto, sustentou que referido entendimento deveria ser, da mesma forma, aplicado em relação a outros prédios públicos.

Aduziu, outrossim, que *"embora a intenção desta ação seja a de tentar proteger a liberdade de religião, a aceitação do pedido veiculado nesta demanda produziria o efeito oposto, qual seja, a de termos um comando aniquilando a liberdade de religião, criando-se não um Estado laico, mas sim um Estado em oposição à religião, em clara afronta à nossa Carta Magna e aos tratados e convenções internacionais sobre a liberdade de crença e religião"* (fl. 164).

Afirmou, também, que *"a nossa Carta Magna não impõe ao Estado o dever de se opor às religiões, nem obriga que o Poder Público proíba qualquer manifestação (ainda que cultural) ligada a símbolos de natureza religiosa"* (fl. 165), bem como que *"o comando do art. 19, I, da CF não implica em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a sua exposição torne o Estado clerical"* (fl. 166).

Às fls. 277/277vº, o **Ministério Público Federal** requereu a produção de prova testemunhal, oportunidade em que arrolou testemunhas, requerendo a designação de audiência, o que foi deferido à fl. 278.

Por não se conformar com a decisão que deferiu a realização de prova testemunhal, a **União Federal** interpôs agravo de instrumento, conforme cópia juntada às fls. 281/289. O pedido que visava a concessão de efeito suspensivo à decisão recorrida foi indeferido, nos termos da decisão de fls. 293/295.

Às fls. 362/364, consta o depoimento prestado por *Daniel Sottomaior Pereira*, que, dentre outras afirmações, alegou que *"a mensagem recebida por ateus e agnósticos com a ostentação de símbolos religiosos é similar à da propaganda comercial. Que*

3



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria Regional da República da 3ª Região

tal demonstra uma identidade ou adesão ao que o símbolo representa, demais disso uma promoção que enaltece valores e qualidades de dada instituição religiosa. Que aponta que a ostentação dos símbolos, em última análise, gera custos aos cofres públicos, na medida em que o espaço poderia ser mensurado, inclusive, a título de valor publicitário” (fl. 363).

Também a testemunha *Jamil Rachid*, que é Sacerdote Babalorixá da Umbanda e do Candomblé, foi ouvido, às fls. 365/366, oportunidade em que se posicionou contrariamente à retirada dos símbolos religiosos, de repartições públicas, embora tenha reconhecido que, pela tradição brasileira, a ostentação de outros símbolos religiosos, como os hinduístas, poderia causar incômodo ao público, pelo desconhecimento de seus significados.

Às fls. 367/368, consta o depoimento prestado por *Daniel Checcio*, pastor da Comunidade Evangélica do Bixiga, que declarou “*que prega a tolerância e o respeito a todas as crenças, sendo indiferente para a sua fé e para suas concepções religiosas a existência de símbolos de outras religiões, seja em que locais forem*” (fl. 368).

Também o *Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer*, arcebispo de São Paulo, foi ouvido na condição de testemunha, às fls. 417/420, tendo declarado que o Brasil é um país de tradição católica e que “*essa tradição explica a convivência hodierna entre os símbolos católicos e o princípio atual da laicidade do Estado*” (fl. 417). Ademais, afirmou “*que a presença de símbolos de qualquer religião certamente teria o condão de remeter positivamente aqueles que professam a fé representada ou algum valor ou preceito religioso. Que para os que não professam determinada fé o símbolo pode não dizer nada, porém uma vez reconhecido como tal independentemente da religião teria o condão de remeter a valores que edificam a convivência humana. Que pode exemplificar com a presença do crucifixo, que num Tribunal, por exemplo, representaria um exemplo de uma condenação injusta sem que tal exemplo necessariamente tivesse um viés religioso*” (fl. 418).

Às fls. 421/424, *Rubens Sternschein*, rabino da Congregação Israelita Paulista, declarou “*que obviamente proibir a colocação de uma imagem limita a*





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria Regional da República da 3ª Região

569
WR

liberdade, porém a opção de uma apenas remete as demais ao sentimento de falta de pertencimento” (fl. 422), “que já havia mencionado que a presença de crucifixo nos Tribunais remete à uma certa forma de sectarismo. Que o sentimento diante de um símbolo de outra religião advém ainda da inexistência de símbolo da própria religião” (fl. 422) e, ainda, que “existe a possibilidade de determinadas pessoas possam se sentir agredidas ou que tais fatos possam demonstrar certa predileção do Estado por uma dada religião” (fl. 423).

Por fim, às fls. 431/435, consta o depoimento de *Alcionei Miranda Feliciano*, pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que se manifestou contrariamente a presença dos símbolos religiosos nos órgãos públicos, tendo afirmado que *“vê a utilização de crucifixo em prédios públicos como um resquício do período imperial”* (fl. 432), e que *“o crucifixo é o símbolo da paz, sob a ótica da Igreja Católica e não sob a ótica das demais religiões”* (fl. 432).

O **Ministério Público Federal** e a **União Federal** apresentaram memoriais finais, respectivamente, às fls. 437/439 e 446/460.

Às fls. 462/488, a **Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania – ABLIRC** ofereceu memoriais, nos quais requereu a procedência da ação.

Sobreveio a sentença, às fls. 494/500vº, que julgou improcedente o pedido, ao fundamento de que a laicidade do Estado brasileiro não se traduz em oposição ao fenômeno religioso, mas sim, que este é garantido como direito fundamental de liberdade de consciência, de liturgia e de culto e que, conseqüentemente, há *“a possibilidade de convivência do Estado laico com símbolos religiosos - crucifixos, imagens, monumentos, nomes de logradouros ou de cidades etc. - ainda que em locais públicos, pois refletem a história e a identidade nacional e regional”* (fl. 499).

Irresignado, o **Ministério Público Federal** interpôs recurso de apelação, às fls. 502/510.

5



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria Regional da República da 3ª Região

A **União Federal** apresentou contrarrazões, às fls. 533/563.

Os autos foram, então, remetidos a esse Egrégio Tribunal Regional Federal e vieram, após, para parecer do Ministério Público Federal.

— É o relatório. Passo a opinar. —

A controvérsia aqui posta se refere à manutenção de símbolos religiosos em prédios do serviço público federal, no Estado de São Paulo, o que, a partir da vedação estatuída no artigo 19, I, da Constituição Federal, estaria a violar os princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário.

No curso da ação civil pública foram realizadas as oitivas dos representantes de várias entidades religiosas, incluindo a própria religião católica e o representante dos ateus e agnósticos, com vistas à constatação, junto aos seus seguidores, dos efeitos decorrentes da existência dos símbolos religiosos, em especial crucifixos, no interior das repartições públicas, no Estado de São Paulo.

No entanto, em que pesem os bem fundamentados argumentos em que se pautou o apelante para requerer a reforma da r. sentença, tem-se que não está a merecer provimento o recurso interposto.

Primeiramente, partindo-se da premissa da laicidade inequívoca do Estado, nenhuma violação restou configurada pela fixação dos crucifixos nas sedes das repartições públicas federais.

Preconiza o artigo 19, inciso 1, da Constituição Federal:

D





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Procuradoria Regional da República da 3ª Região

"Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

II - recusar fé aos documentos públicos;

III - criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si."

Ao proclamar este primado, a Constituição Federal de 1988 erigiu o Estado laico como princípio abalizador da República Brasileira, fator determinante da separação entre religião e Estado, que não se imiscuem, mormente quando interpretado este princípio à luz do artigo 37 da Constituição Federal, que estabelece as diretrizes da Administração Pública:

"Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998)"

Invocou o apelante, também, a violação dos princípios da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário, pela existência dos símbolos religiosos nos prédios das repartições, o que poderia, *prima facie*, dizer-se configurado, em razão da proeminência católica notória que emana desses símbolos, em geral.

No entanto, a análise da questão posta deve ser feita com base nos demais primados que norteiam a Constituição Federal, vez que, no Estado Brasileiro, devidamente multicultural e de notório (e notável) pluralismo religioso, vários são os atos civis que se permeiam dessa natureza na vida dos cidadãos, e, ao contrário do quanto sustentado, não colidem com a laicidade do Estado, em seu sentido constitucional, qual seja, assegurar o pleno exercício da liberdade de religião a qualquer brasileiro (ou estrangeiro), neste território, garantindo o direito de professar (ou não) qualquer fé religiosa.



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria Regional da República da 3ª Região

Nesse sentido, cite-se, a título ilustrativo, o artigo 210 da Constituição Federal, que autoriza, no ensino fundamental, *“o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”*.

Na mesma toada, seguem a instituição de feriados seculares, de cunho nitidamente religioso (Páscoa, Natal, Dia de Nossa Senhora Aparecida), bem como a frase *“Deus seja louvado”* nas cédulas de Real, manifestações de cunho religioso ou mesmo cultural e filosófico, que abarcam, de uma forma ou outra, todos os cidadãos brasileiros e estrangeiros aqui residentes, não havendo que se falar que disso resulte violação ao princípio da isonomia, da laicidade, da impessoalidade ou mesmo da liberdade de crença.

Isto porque, como preleciona Gilmar Mendes e Paulo Gonet Branco¹, *“o Estado brasileiro não é confessional, mas tampouco é ateu, como se deduz do preâmbulo da Constituição, que invoca a proteção de Deus. Por isso, admite, ainda que sob a forma de disciplina de matrícula facultativa, o ensino religioso em escolas públicas de ensino fundamental (CF, art. 210, § 1º).”*

Nesse passo, cumpre esclarecer que, no que toca aos limites previstos no artigo 19 da Constituição Federal, se ao Estado é vedado estabelecer cultos religiosos ou subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles relações de dependência ou aliança, verifica-se que, da dicção do próprio artigo 19, não exsurge qualquer proibição à manifestação discreta - como o é a exposição de um símbolo em um órgão público -, em especial, se interpretado à luz do princípio da liberdade de crença, previsto no artigo 5º, inciso VI, da Constituição Federal, que estabelece que esta não sofrerá qualquer restrição, desde que observado o disposto na Constituição.

¹ Mendes, Gilmar Ferreira e Branco, Paulo Gustavo Gonet; Curso de Direito Constitucional. Ed. Saraiva, São Paulo, 7ª Edição, 2012, pág. 361.



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria Regional da República da 3ª Região

573
WM

Veja-se:

"Art. 5º:

(...)

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias"

E sob esse aspecto, deve se observar, como assentado pelo Procurador da República Jaime Mitropoulos, na ação civil pública proposta na Seção Judiciária do Rio de Janeiro, com vistas à retirada, do *youtube*, de vídeos incitadores do ódio às religiões de origem africana, que *"templos, igrejas, capelas, sinagogas, mesquitas, terreiros, barracões, dentro do lar, em ambiente público ou reservadamente, todo culto religioso tem o direito de expressar seus pensamentos e manifestar sentimentos de acordo com o que acredita e de acordo com ritos e liturgias próprios. Não importa a designação, todos são locais do sagrado, assim como as convicções e a consciência de cada um, para quem professa ou não alguma crença de cunho religioso. A esse respeito, considera-se a liberdade religiosa como um 'direito à busca da felicidade' ou um 'direito a autoestima no mais alto ponto da consciência humana', felizes expressões utilizadas pelo Ministro Ayres Brito, no julgamento da ADI 4277, do Supremo Tribunal Federal.² A expressão do sentimento religioso, portanto, é um dos traços da personalidade humana."*

Em resumo, sob a égide do princípio da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da impessoalidade da Administração Pública e moralidade, devem se harmonizar os princípios fundamentais de magnitude ainda mais expressiva para o cidadão, que lastreiam a sua liberdade religiosa, do que aqueles que fundamentam o pleito para retirada dos crucifixos dos órgãos públicos federais no Estado de São Paulo.

E sob esse aspecto, temos que efetivamente a presença dos crucifixos não está a caracterizar, s.m.j, a violação propalada pelo apelante, como bem

² STF, Plenário, 5/5/2011.

9



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria Regional da República da 3ª Região

demonstrou o acervo probatório colhido neste feito, em que as testemunhas ouvidas aos autos, representantes de diversas crenças religiosas, em sua maioria, afirmaram não se sentir constrangidos ou desassistidos pela Administração Pública, em razão da afixação dos símbolos religiosos, notadamente, crucifixos, nos prédios da Administração Federal paulista (fls. 360/368, 415/423, 429/435).

Essa questão já foi definida em várias esferas do Poder Judiciário, como no Rio Grande do Sul ou mesmo na Corte Europeia, que determinou, a partir da representação originária da Itália, que, abordando o tema dos crucifixos em sala de aula, afastou a possibilidade de violação ao Estado laico, por se tratar de simbologia estática, que não exerce interferência na liberdade dos alunos.

Como resultado, na contraposição dos valores tratados nesta ação civil pública, não se pode olvidar que os símbolos que se postula a retirada dos prédios públicos são meros reflexos estáticos de toda uma parcela da população, culturalmente com eles identificada, em face de outra que contra eles não se insurgiu, porque não decorre dali qualquer violação ao seu direito quanto ao conteúdo do que representam, e isso é que deve prevalecer, já que, se sobrepondo às garantias constitucionais citadas, paira, soberano, o resguardo à dignidade da pessoa humana, fundamento da República Federativa Brasileira, que protege, com bastante afinco, o direito fundamental de promover uma sociedade livre justa e solidária (art. 3º, inciso I), com vistas à promoção do bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outra forma de discriminação (inciso IV).

Assim, ainda que bem lançados os fundamentos que lastreiam o pedido do apelante, o que não se está a negar, devem ser compatíveis com a plena proteção à dignidade da pessoa humana, o que conduz à conclusão de que, segundo a regra da proporcionalidade e ante o objeto que busca tutelar a presente ação civil pública, justificado está o seu improvimento, mantidos os símbolos nos mesmos lugares em que se encontram, inclusive porque pertencentes a todo um contexto histórico e cultural, que abarca outros ícones da nossa sociedade, como já citado, não impondo qualquer tipo de restrição àqueles que professam outras

10

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
Procuradoria Regional da República da 3ª Região

572
wm

crenças ou mesmo aqueles que, por opção, não professam crença alguma.

Ante o exposto, o **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL** opina
pelo desprovimento ao apelo interposto, mantendo-se, na íntegra, a r. sentença recorrida.

São Paulo, 09 de junho de 2014.

ROSANE CIMA CAMPIOTTO
Procuradora Regional da República





PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO
SUBSECRETARIA DA QUARTA TURMA



RECEBIMENTO DE AUTOS

Aos 09 de junho de 2014, recebi estes autos do
Ministério Público Federal.


Sônia Yamashita - RF 1008
Divisão de Procedimentos Diversos

CONCLUSÃO

Aos 09 de junho de 2014, faço estes autos
conclusos ao(a) Exmo(a). Desembargador(a)
Federal Relator(a).


Sônia Yamashita - RF 1008
Divisão de Procedimentos Diversos



RECEBIMENTO

Aos, 07/07/2014

recebi estes autos p/
☒ junta () certidão

() vista () cópia

() apensamento

RF Wélida M. UTU4
et.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

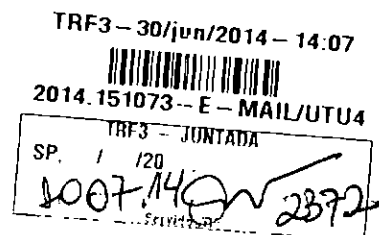
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

574
C

De SECRETARIA 3ª VARA CIVEL
Para: UTU4 UTU4
Data 27/06/2014 13:53
Assunto: comunicação eletrônica
Anexos: 0017604-70.2009.403.6100.pdf

Por ordem do MM. Juiz Federal desta Vara, encaminho cópia de decisão proferida em Agravo de Instrumento, para juntada aos autos da Apelação nº 0017604-70.2009.403.6100
Att

Elaine C. Cestari
Sup. Proc. Div.



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

AGRAVO DE INSTRUMENTO Nº 0027330-98.2010.4.03.0000/SP

	2010.03.00.027330-5/SP
RELATORA	: Desembargadora Federal ALDA BASTO
AGRAVANTE	: União Federal
ADVOGADO	: SP000019 TERCIO ISSAMI TOKANO e outro
AGRAVADO	: Ministério Público Federal
ADVOGADO	: JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro
ORIGEM	: JUÍZO FEDERAL DA 3ª VARA SÃO PAULO Sec Jud SP
No. ORIG.	: 00176047020094036100 3 Vr SÃO PAULO/SP

DECISÃO

Em consulta ao sistema informatizado de acompanhamento processual desta Corte, constato que o feito, no qual foi exarada a decisão agravada, foi sentenciado - sendo o provimento jurisdicional integralmente favorável à União (agravante).

Destarte, está esvaído o objeto do agravo de instrumento em tela, face versar sobre decisão interlocutória cujas consequências jurídicas encontram-se superadas.

Posto isto, nego seguimento ao agravo.

Int.

Após, baixem os autos à Vara de origem.

São Paulo, 07 de março de 2014.



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) Desembargadora Federal ALDA BASTO, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://www.trf3.jus.br/processos/verifica.php> informando o código verificador 3498948v2., exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

DAT

Em,

17 MAR 2014

recebi estes autos
despache para o juízo

2010.03.00.027330-5
[MPETAGNA@MPETAGNA]

3498948.V002_1/1



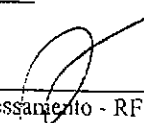
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO
SUBSECRETARIA DA QUARTA TURMA



CERTIDÃO

CERTIFICO que transitou em julgado a r. decisão
terminativa de fls 314.

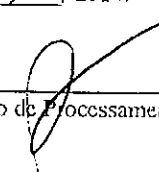
São Paulo, 19/6 /2014.


Divisão de Processamento - RF 138

REMESSA

Nesta data, encaminho estes autos à Divisão de
Passagem de autos, para remessa à Vara de Origem.

São Paulo, 19/6 /2014.

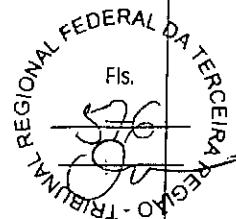

Divisão de Processamento - UTU4

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



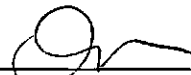
Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO
SUBSECRETARIA DA QUARTA TURMA



CONCLUSÃO

Aos 14/07 de 2014, faço estes autos conclusos
a(o) Exmo(a). Sr(a). Desembargador(a) Federal Relator(a).


Ana Cristina R de Queiroz Russello
Analista Judiciário
Divisão de Processamento— RF 2372





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP
2009.61.00.017604-0/SP

RELATOR : Desembargador Federal MARCELO SARAIVA
APELANTE : Ministério Público Federal
PROCURADOR : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro(a)
APELADO(A) : União Federal
ADVOGADO : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
PARTE AUTORA : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE
RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro(a)
No. ORIG. : 00176047020094036100 24 Vr SAO PAULO/SP

Peço dia para julgamento.

São Paulo, 27 de novembro de 2017.



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) Desembargador Federal MARCELO SARAIVA, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://web.trf3.jus.br/acordaos/VerificacaoAssinatura> informando o código verificador 6599705v1., exceto nos casos de documentos com sigredo de justiça."

[YNAKAHAR@YNAKAHAR]



6599705.V001 1/1



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO
SUBSECRETARIA DA QUARTA TURMA

CERTIDÃO

CERTIFICO que os presentes autos, recebidos do(a) Exmo.(a) Sr.(a) Relator(a), foram incluídos na **Pauta de Julgamentos da Sessão de 07/02/2018**, disponibilizada no Diário Eletrônico - Caderno Judicial II, **pag. 03/163, de 18/12/2017**, por determinação do(a) Exmo.(a) Sr.(a) Presidente da Quarta Turma, bem como que, **a FAZENDA NACIONAL, a ADVOCACIA GERAL DA UNIÃO, a PROCURADORIA REGIONAL FEDERAL, o MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL e a DEFENSORIA PÚBLICA DA UNIÃO**, foram devidamente intimados, na pessoa de seus representantes legais, através de e-mail, (diaes.sp.prfn3regiao@pgfn.gov.br, apoio.diacs.sp.prfn3regiao@pgfn.gov.br, pru3@agu.gov.br, raquel.fucidji@agu.gov.br, prf3@agu.gov.br, PRR3-DIAACC@mpf.mp.br, lucordeiro@mpf.mp.br, fabiovillar@mpf.mp.br, dpu.intimacocs.sp@dpu.gov.br, cartoriosp@dpu.gov.br), **encaminhados em 18/12/2017, recebidos em 18/12/2017**, nos termos do art. 3º, da Resolução nº 293 de 17/09/2007, art. 6º da Lei nº 9.028/95 e art. 17 da Lei nº 10.910/04, cujos comprovantes de recebimento de e-mail, encontram-se arquivados nesta Subsecretaria. O referido é verdade e dou fé.

São Paulo, 18 de dezembro de 2017.

Divisão de Coordenação e Julgamento – RF 3671



TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL
MINUTA DE JULGAMENTO

FLS.

*** QUARTA TURMA ***

0017604-70.2009.4.03.6100 1868675 Ap-SP
PAUTA: 07/02/2018 JULGADO: 07/02/2018 NUM. PAUTA: 00468

RELATOR: DES.FED. MARCELO SARAIVA
PRESIDENTE DO ÓRGÃO JULGADOR: DES.FED. MÔNICA NOBRE
PRESIDENTE DA SESSÃO: DES.FED. MÔNICA NOBRE
PROCURADOR(A) DA REPÚBLICA: Dr(a). DRA. FÁTIMA APARECIDA DE SOUZA:
BORCHI

AUTUAÇÃO

APTE : Ministerio Publico Federal
APDO(A) : Uniao Federal
PARTE A : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
E CIDADANIA - ABLIRC

ADVOGADO(S)

PROC : JEFFERSON APARECIDO DIAS
ADV : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
ADV : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA

CERTIDÃO

Certifico que a Egrégia QUARTA TURMA, ao apreciar os autos do processo em epígrafe, em sessão realizada nesta data, proferiu a seguinte decisão:

A QUARTA TURMA, POR UNANIMIDADE, DECIDIU NEGAR PROVIMENTO À APELAÇÃO, NOS TERMOS DO VOTO DO DES. FED. MARCELO SARAIVA (RELATOR).

Votaram os(as) JUIZ CONV. FERREIRA DA ROCHA e DES.FED. MARLI FERREIRA.

Ausente justificadamente o(a) DES.FED. ANDRE NABARRETE.

ADRIANA MORA DE OLIVEIRA
Secretário(a)



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP

2009.61.00.017604-0/SP

RELATOR : Desembargador Federal MARCELO SARAIVA
APELANTE : Ministerio Publico Federal
PROCURADOR : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro(a)
APELADO(A) : Uniao Federal
ADVOGADO : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
PARTE AUTORA : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE
RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro(a)
No. ORIG. : 00176047020094036100 24 Vr SAO PAULO/SP

RELATÓRIO

Trata-se de recurso de apelação, interposto pelo Ministério Público Federal, contra r. sentença proferida pelo MM. Juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo/SP, que julgou improcedente a ação civil pública proposta em face da União Federal, por meio da qual o *Parquet* objetivava a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

Na inicial, de fls. 02/06, o Ministério Público Federal informou que o cidadão Daniel Sottomaior Pereira protocolizou representação junto à Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, na qual noticiou a ostentação de símbolo religioso, afixado em local de ampla visibilidade, dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, o que teria gerado ofensa à sua liberdade de crença.

Por essa razão, o órgão do *Parquet* instaurou o procedimento administrativo nº 1.00.000.001411/2007-41, com vistas a apurar o fato noticiado, e, posteriormente, com fundamento nos princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário, ajuizou a presente Ação Civil Pública, cujo pedido imediato dirige-se contra a União Federal, para que seja obrigada a retirar "*todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo*" (fl.06).

Intimada, a União Federal manifestou-se nos termos do artigo 2º da Lei 8.437/92, requerendo o indeferimento do pedido de tutela antecipada, às fls. 70/107.

[LFSAUER@LFSAUER]



6457545.V003 1/4



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

Às fls. 108/113v, consta decisão que indeferiu a antecipação da tutela.

Às fls. 123/124, a Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania - ABLIRC requereu sua admissão no feito, na qualidade de assistente do Ministério Público Federal, o que foi deferido à fl. 249.

Às fls. 148/178, a União Federal apresentou contestação, alegando que, nos termos do entendimento já manifestado pelo Conselho Nacional de Justiça, no tocante ao tema da presença de crucifixos nos Tribunais, *"os objetos seriam símbolos da cultura brasileira e que não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário"* (fl.151). Nesse contexto, sustentou que referido entendimento deveria ser, da mesma forma, aplicado em relação a outros prédios públicos.

Aduziu, outrossim, que, *"embora a intenção desta ação seja a de tentar proteger a liberdade de religião, a aceitação do pedido veiculado nesta demanda produziria o efeito oposto, qual seja, a de termos um comando aniquilando a liberdade de religião, criando-se não um Estado laico, mas sim um Estado em oposição à religião, em clara afronta à nossa Carta Magna e aos tratados e convenções internacionais sobre a liberdade de crença e religião"* (fl.164).

Afirmou, também, que *"a nossa Carta Magna não impõe ao Estado o dever de se opor às religiões, nem obriga que o Poder Público proíba qualquer manifestação (ainda que cultural) ligada a símbolos de natureza religiosa"* (fl. 165), bem como que *"o comando do art. 19, I, da CF não implica em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que sua exposição torne o Estado clerical"* (fl.166).

Às fls. 277/277v, o Ministério Público Federal requereu a produção de prova testemunhal, oportunidade em que arrolou testemunhas, requerendo a designação de audiência, o que foi deferido à fl. 278.

Por não se conformar com a decisão que deferiu a realização de prova testemunhal, a União Federal interpôs agravo de instrumento, conforme cópia juntada às fls. 281/289. O pedido que visava à concessão de efeito suspensivo à decisão recorrida foi indeferido, nos termos da decisão de fls. 293/295.

Às fls. 362/364, consta o depoimento prestado por Daniel Sottomaior Pereira, que, dentre outras afirmações, alegou que *"a mensagem recebida por ateus e agnósticos com a ostentação de símbolos religiosos é similar à da propaganda comercial. Que tal demonstra uma identidade ou adesão ao que o símbolo representa, demais disso uma promoção que enaltece valores e qualidades de dada instituição religiosa. Que aponta que a ostentação dos símbolos, em última análise, gera custos aos cofres públicos, na medida em*

[LFSAUER@LFSAUER]

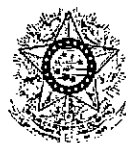
6457545.V003 2/4



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

que o espaço poderia ser mensurado, inclusive, a título de valor publicitário" (fl. 363).

Também a testemunha *Jamil Rachid*, que é Sacerdote Babalorixá da Umbanda e do Candomblé, foi ouvido, às fls. 365/366, oportunidade em que se posicionou contrariamente à retirada dos símbolos religiosos de repartições públicas, embora tenha reconhecido que, pela tradição brasileira, a ostentação de outros símbolos religiosos, como os hinduístas, poderia causar incômodo ao público, pelo desconhecimento de seus significados.

Às fls. 367/368, consta o depoimento prestado por *Daniel Checcio*, pastor da Comunidade Evangélica do Bixiga, que declarou "*que prega a tolerância e o respeito a todas as crenças, sendo indiferente para a sua fé e para as suas concepções religiosas a existência de símbolos de outras religiões, seja em que locais forem*" (fl.368).

Também o *Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer*, arcebispo de São Paulo, foi ouvido na condição de testemunha, às fls. 417/420, tendo declarado que o Brasil é uma país de tradição católica e que "*essa tradição explica a convivência hodierna entre os símbolos católicos e o princípio atual da laicidade do Estado*" (fl. 417). Ademais, afirmou "*que a presença de símbolos de qualquer religião certamente teria o condão de remeter positivamente aqueles que professam a fé representada ou algum valor ou preceito religioso. Que para os que não professam determinada fé o símbolo pode não dizer nada, porém uma vez reconhecido como tal independentemente da religião teria o condão de remeter a valores que edificam a convivência humana. Que pode exemplificar com a presença do crucifixo, que num Tribunal, por exemplo, representaria um exemplo de uma condenação injusta sem que tal exemplo necessariamente tivesse um viés religioso*" (fl. 418).

Às fls. 421/424, *Rubens Sternschein*, rabino da Congregação Israelita Paulista, declarou "*que obviamente proibir a colocação de uma imagem limita a liberdade, porém a opção de uma apenas remete as demais ao sentimento de falta de pertencimento*" (fl. 422), "*que já havia mencionado que a presença de crucifixo nos Tribunais remete à uma certa forma de sectarismo. Que o sentimento diante de um símbolo de outra religião advém ainda da inexistência de símbolo da própria religião*" (fl. 422) e, ainda, que "*existe a possibilidade de determinadas pessoas possam se sentir agredidas ou que tais fatos possam demonstrar certa predileção do Estado por uma dada religião*" (fl.423).

Por fim, às fls. 431/435, consta o depoimento de *Alcionei Miranda Feliciano*, pastor da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, que se manifestou contrariamente a presença de símbolos religiosos nos órgãos públicos, tendo afirmado que "*vê a utilização de crucifixo em prédios públicos como um*

[LFSAUER@LFSAUER]



6457545 V003 3/4



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

resquício do período imperial" (fl. 432), e que "o crucifixo é o símbolo da paz, sob a ótica da igreja católica e não sob a ótica das demais religiões" (fl. 432).

O Ministério Público Federal e a União Federal apresentaram memoriais finais, respectivamente, às fls. 437/439 e 446/460.

Às fls. 462/488, a Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania - ABLIRC ofereceu memoriais, nos quais requereu a procedência da ação.

Sobreveio a sentença, às fls. 494/500 v, que julgou improcedente o pedido, ao fundamento de que a laicidade do Estado brasileiro não se traduz em oposição ao fenômeno religioso, mas sim, que este é garantido como direito fundamental de liberdade de consciência, de liturgia e de culto e que, conseqüentemente, há *"a possibilidade de convivência do Estado laico com símbolos religiosos - crucifixos, imagens, monumentos, nomes de logradouros ou de cidades etc. - ainda que em locais públicos, pois refletem a história e a identidade nacional e regional"* (fl. 499).

Irresignado, o Ministério Público Federal interpôs recurso de apelação, às fls. 502/510, alegando, em síntese, que a manutenção de símbolos religiosos em prédios do serviço público federal, no Estado de São Paulo, implica violação aos princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário.

A União Federal apresentou contrarrazões, às fls. 533/563.

A D. Procuradoria Regional da República ofertou parecer, às fls. 567/572, opinando pelo desprovimento do recurso de apelação, mantendo-se, na íntegra, a r. sentença recorrida.



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) **Desembargador Federal Relator MARCELO SARAIVA**, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://web.trf3.jus.br/acordaos/VerificacaoAssinatura> informando o código verificador **6457545v3**., exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

{LFSAUER@LFSAUER}

6457545.V003 4/4



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP

2009.61.00.017604-0/SP

RELATOR : Desembargador Federal MARCELO SARAIVA
APELANTE : Ministerio Publico Federal
PROCURADOR : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro(a)
APELADO(A) : Uniao Federal
ADVOGADO : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
PARTE AUTORA : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE
RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro(a)
No. ORIG. : 00176047020094036100 24 Vr SAO PAULO/SP

VOTO

O Estado brasileiro é laico, ou seja, há separação entre Estado e Igreja, inexistindo, portanto, religião oficial na República Federativa do Brasil.

A fim de concretizar esse primado, o art. 19, I, da Constituição Federal de 1988, estabelece, *in verbis*:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Estabelece, ainda, o Texto Constitucional, no rol dos direitos fundamentais, a liberdade de crença e de culto, bem como veda a privação de direitos por motivo de crença religiosa, nos termos do seu art. 5º, incisos VI, VII e VIII, *ad litteram*:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

[LFSAUER@ABELINEL]



6457554.V004 1/5



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

No caso dos autos, o Ministério Público Federal busca a reforma da sentença a fim de que os símbolos religiosos ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo, sejam retirados.

No entanto, como observado pelo *Parquet* Federal ao ofertar parecer nesta instância, o recurso não merece provimento.

Analisando o contexto sociocultural do Brasil, verifica-se que as referências religiosas na esfera pública são se limitam à afixação de símbolos religiosos em prédios públicos, havendo numerosos logradouros, cidades e escolas públicas que ostentam nomes de figuras religiosas, bem como diversos feriados de cunho religioso.

Outrossim, a Constituição Federal de 1988, acompanhando a maioria das Constituições pátrias pretéritas, ostenta em seu preâmbulo uma expressão religiosa ("sob a proteção de Deus"). Conforme entendimento do C. Supremo Tribunal Federal, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2076, a referida expressão não possui força normativa, sendo juridicamente irrelevante.

Como é bem de ver, tais referências não colidem com a laicidade do Estado, revelando-se, na verdade, como expressões da liberdade religiosa e, principalmente, como elementos culturais e históricos da sociedade brasileira, as quais não impõem qualquer tipo de restrição ou de dever aos que professam outras crenças ou que não professam crença alguma.

Nesse contexto, cumpre, ainda, destacar a previsão constitucional de ensino religioso nas escolas públicas de ensino fundamental, de matrícula facultativa, mais um exemplo de concretização do primado da liberdade religiosa. Assim dispõe o art. 210, § 1º, da Constituição Federal:

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

[LFSAUER@ABELINEL]

6457554.V004 2/5



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

Dessarte, como Estado laico, espera-se do Estado brasileiro uma postura de respeito ao pluralismo existente na sociedade, e não um comportamento laicista, de intolerância e hostilidade em relação às religiões.

Nessa toada, a Constituição Federal de 1988 impõe ao Poder Público o dever de proteção e promoção do patrimônio cultural, como se observa no seu art. 216, *in verbis*:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

(...)

Assim, como bem observou o MM. Juízo *a quo*:

"(...) a existência de símbolos religiosos em prédios públicos não pode ser tida como violação ao princípio da laicidade ou como indevida postura estatal de privilégio em detrimento as demais religiões, mas apenas como expressão cultural de um país de formação católica, que também deve ser protegida e respeitada".

[LFSAUER©/ABELINEL]



6457554/V004 3/5



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

No mais, diante da realidade sociocultural do Brasil e da frequente convivência tolerante do Estado com referências religiosas, não se mostra plausível a conclusão de que, ao se deparar com um símbolo religioso (geralmente cristão, de vertente católica), uma pessoa que professe crença diversa, ou que não adote nenhuma crença, se sinta ofendida ou constrangida.

Sob a ótica do autor da ação, essa suposta ofensa suportada por minorias religiosas ou não confessionais também se daria diante do fechamento de um órgão público em um feriado de cunho religioso, ou do seu funcionamento em regime de plantão (comumente adotado pelo Poder Judiciário), o que não se mostra razoável.

É certo que, diante do conflito entre direitos fundamentais, impõe-se a adoção de um juízo de ponderação, buscando-se identificar em qual dimensão deve um direito fundamental preponderar quando contraposto a outro direito também fundamental.

À luz da regra da proporcionalidade, deve-se sopesar a intensidade da restrição de um direito fundamental e a importância da realização do direito fundamental diante do qual o primeiro se opõe.

Assim, no caso dos autos, o direito invocado pelo autor, de liberdade de crença dos demais integrantes da sociedade brasileira, não deve prevalecer de modo a implicar a retirada de quaisquer símbolos religiosos existentes em locais de atendimento ao público no âmbito da administração federal, no Estado de São Paulo.

Diante dessa conclusão, não se está a eliminar o direito de minorias religiosas, mas sim conciliar os bens jurídicos em conflito.

A tolerância com símbolos religiosos é a solução que mais se aproxima do primado constitucional de liberdade religiosa e da proteção de aspectos culturais da sociedade, afastando-se, dessa forma, o Estado Brasileiro de uma indesejável posição laicista, de conflito com a fé.

Somado a isso, não restou demonstrado no caso dos autos violação a princípios da administração pública, a exemplo da moralidade e da impessoalidade, sendo certo que o desempenho da função pública é calcado na igualdade de tratamento, não sendo relevante a opção religiosa do indivíduo, o que também afasta a alegação de inobservância do princípio da isonomia.

No âmbito do Poder Judiciário - a presente demanda originou-se de representação contra a presença de crucifixo em sala de julgamento do Tribunal Regional Eleitoral-, como bem salientou o D. Juízo de origem, em regra, não consta dos processos judiciais nenhum dado relativo à opção religiosa das partes; sendo oportuno destacar, ainda, relevantes julgados proferidos pelo C. Supremo Tribunal Federal em que a E. Corte reafirmou que as decisões judiciais não se pautam por dogmas religiosos, mas por parâmetros jurídicos, a saber: ADI 4277/ADPF 132 (união homoafetiva) e ADPF 54 (anencefalia).

[LFSAUER@ABELINEL]

6457554.V004 4/5



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

Não se verifica, dessa forma, a existência de nenhum privilégio para os professantes da religião católica, tampouco prejuízo para os demais cidadãos, decorrente da presença de crucifixos em instalações do Poder Judiciário, o que se estende para toda a Administração Federal no Estado de São Paulo.

No mesmo sentido, priorizando o respeito a aspectos culturais da sociedade, decidiu o Tribunal Europeu de Direitos Humanos, no caso *Soile Lautsi x Estado da Itália*, concluindo-se que o crucifixo presente em escolas não constitui apenas um símbolo religioso, possuindo valores históricos e culturais da sociedade italiana.

Por derradeiro, saliento que o Conselho Nacional de Justiça já se manifestou favoravelmente acerca da presença de símbolos religiosos em tribunais, concluindo que a presença desses elementos não fere direitos dos que praticam outras crenças e não afeta o Estado laico, a exemplo do julgamento do Pedido de Providências nºs 0001058-48.2012.2.00.0000.

De rigor, portanto, a manutenção da r. sentença

Diante do exposto, nego provimento ao recurso de apelação.

É como voto.



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) Desembargador Federal MARCELO SARAIVA, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://web.trf3.jus.br/acordaos/VerificacaoAssinatura> informando o código verificador 6457554v4., exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

[LPSAUER©/ABELINEL]



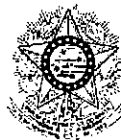
6457554.V004 5/5



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP
2009.61.00.017604-0/SP

RELATOR : Desembargador Federal MARCELO SARAIVA
APELANTE : Ministerio Publico Federal
PROCURADOR : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro(a)
APELADO(A) : Uniao Federal
ADVOGADO : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
PARTE AUTORA : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE
RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro(a)
No. ORIG. : 00176047020094036100 24 Vr SAO PAULO/SP

EMENTA

APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO.

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida.

ACÓRDÃO

Vistos e relatados estes autos em que são partes as acima indicadas, decide a Egrégia Quarta Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, por unanimidade, negar provimento à apelação, nos termos do relatório e voto que ficam fazendo parte integrante do presente julgado.

São Paulo, 07 de fevereiro de 2018.

[LFSAUER@YNAKAHAR]



6457585.V003 1/2



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) **Desembargador Federal Relator MARCELO SARAIVA**, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://web.trf3.jus.br/acordaos/VerificacaoAssinatura> informando o código verificador **6457585v3**., exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

[LFSAUER©/YNAKAHAR]



6457585.V003 2/2



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP

2009.61.00.017604-0/SP

RELATOR : Desembargador Federal MARCELO SARAIVA
APELANTE : Ministerio Publico Federal
PROCURADOR : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro(a)
APELADO(A) : Uniao Federal
ADVOGADO : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
PARTE AUTORA : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE
RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro(a)
No. ORIG. : 00176047020094036100 24 Vr SAO PAULO/SP

CERTIDÃO

CERTIFICO e dou fé de que o v. Acórdão de fls. Retro, foi disponibilizado no Diário Eletrônico da Justiça Federal da Terceira Região em 03/04/2018, nos termos da Ordem de Serviço nº 8 de 08 de abril de 2008. Considera-se data de publicação o primeiro dia útil subsequente à data acima mencionada, nos termos dos parágrafos 3º e 4º, da Lei nº 11.419/2006.

São Paulo, 03 de abril de 2018.



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) Servidora CARLA TUDECH WIERING, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://web.trf3.jus.br/acordaos/VerificacaoAssinatura> informando o código verificador 6822474v1., exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

[CTANGRIS©/CTANGRIS]



6822474.V001 1/1



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



2586

CERTIDÃO DE CARGA DE AUTOS

Certifico que nesta data os autos foram encaminhados por meio de carga ao
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL – MPF.
São Paulo, 25 de maio de 2018

Subsecretaria da 4ª Turma – RF

3726

ABERTURA DE VISTA

Abertura de vista para ciência de atos processuais.

Favor observar o limite deste campo para o lançamento de **carimbos/cotas.**
Se necessário, utilizar o protocolo eletrônico/integrado.



CIÊNCIA DE ACÓRDÃO E TERMO DE INTIMAÇÃO

Na data supra, recebi estes autos para ciência do **acórdão**, nos termos do art. 183, § 1º, com observância do art. 234 e §§ do Novo CPC (Lei nº 13105/15):

☐ Nada a requerer// Manifesta seu desinteresse na interposição de recurso

☒ Manifestar-se-á em separado. (com recurso via protocolo)

EUGÊNIA AUGUSTA GONZAGA
Procuradora Regional da República

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL – MPF

CERTIDÃO DE DEVOLUÇÃO

Certifico que os presentes autos foram devolvidos em secretaria na data de 15/06/2018.

Subsecretaria da 4ª Turma – RF

2694





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA – 3ª REGIÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DESEMBARGADOR FEDERAL RELATOR DA
QUARTA TURMA DO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

Ref.: Apelação em ação civil pública nº 0017604-70.2009.4.03.6100

TRF3 – 15/jun/2018 – 15:24



2018.104710 – EDE/UTU4

BR

TRF3 – JUNTADA SP 26/06/18

Serviço 07/RF

O Ministério Público Federal, ciente do teor do acórdão de fls. 579/584v, que negou provimento à remessa necessária e ao seu recurso de apelação, vem, tempestivamente, opor os presentes

EMBARGOS DE DECLARAÇÃO

com fulcro nos artigos 1.022 e 1.023 do Código de Processo Civil (Lei 13.105/2015), pelas razões a seguir expostas.

I – DA TEMPESTIVIDADE

O prazo para interposição dos embargos de declaração é de cinco dias úteis a partir da data de intimação da decisão (arts. 219 e 1.023, do CPC/2015), contado em dobro para o Ministério Público (art. 180, do CPC/2015).

Este órgão ministerial foi intimado em 30.05.2018 (quarta-feira) (fls. 586), começando o prazo a escoar no dia útil subsequente, ou seja, em 07.06.2018 (quinta-feira), encerrando-se em 20.06.2018 (quarta-feira) - excluiu-se do cômputo do prazo os dias 31 de maio e 1º de junho, pois não houve expediente no e. TRF3 de acordo com a portaria nº 02, de 24/08/2017, bem como os dias 04, 05 e 06 de junho, diante da suspensão dos prazos determinada na portaria PRES nº1129, de 24/05/2018 e PRES nº1145, de 04/06/2018, em anexo. Assim, é tempestivo o recurso interposto nesta data.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



II – DOS FATOS

A ação civil pública foi ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a condenação da União à obrigação de fazer consistente na retirada de todos os símbolos de qualquer religião ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público em prédios pertencentes à ré no Estado de São Paulo.

Os Exmos. Desembargadores julgadores negaram provimento à apelação do Ministério Público Federal e à remessa necessária, mantendo a improcedência da ação. O acórdão restou assim ementado:

EMENTA

APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO.

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida.

ACÓRDÃO

Vistos e relatados estes autos em que são partes as acima indicadas, decide a Egrégia Quarta Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, por unanimidade, negar provimento à apelação, nos termos do relatório e voto que ficam fazendo parte integrante do presente julgado.

Contudo, da leitura do acórdão, percebe-se que os Exmos. Desembargadores julgadores incorrem em grave *omissão*.

Durante toda a ação, o Ministério Público alegou que o uso de símbolos de imagens religiosas atenta não apenas contra o princípio da laicidade estatal, mas também contra os princípios que regem a Administração Pública, previstos no art. 37 da Constituição Federal, em especial, o da isonomia, da impessoalidade e da *legalidade*.

O v. Acórdão, de maneira ainda que genérica – e equivocada, com a devida vênia –, cuidou de justificar a não ofensa aos princípios e da isonomia e da impessoalidade, mas em nenhum ponto justificou a não ofensa ao princípio da legalidade. Ao incorrer nessa omissão, acabou por incorrer também em contradição e obscuridade.

Assim, é preciso que sejam sanados os vícios perpetrados (omissão, obscuridade e contradição), conforme detalhado a



seguir, também para fins de prequestionamento, para que se possa buscar a reforma do v. acórdão, se necessário, pela via do recurso extraordinário.²

III – DAS OMISSÕES, CONTRADIÇÕES E OBSCURIDADES A SEREM SANADAS

O artigo 1.022 do Código de Processo Civil, que regula o cabimento dos embargos de declaração, determina expressamente que se considera omissa a decisão que incorre em qualquer das condutas descritas no art. 489, §1º. Vejamos:

Art. 1.022. Cabem embargos de declaração contra qualquer decisão judicial para:

I - **esclarecer obscuridade ou eliminar contradição;**

II - **suprir omissão de ponto ou questão sobre o qual devia se pronunciar o juiz de ofício ou a requerimento;**

III - corrigir erro material.

Parágrafo único. Considera-se omissa a decisão que:

I - deixe de se manifestar sobre tese firmada em julgamento de casos repetitivos ou em incidente de assunção de competência aplicável ao caso sob julgamento;

II - **incorra em qualquer das condutas descritas no art. 489, § 1º.**

Art. 489, § 1º Não se considera fundamentada qualquer decisão judicial, seja ela interlocutória, sentença ou acórdão, que:

I - se limitar à indicação, à reprodução ou à paráfrase de ato normativo, sem explicar sua relação com a causa ou a questão decidida;

II - empregar conceitos jurídicos indeterminados, sem explicar o motivo concreto de sua incidência no caso;

III - invocar motivos que se prestariam a justificar qualquer outra decisão;

IV - **não enfrentar todos os argumentos deduzidos no processo capazes de, em tese, infirmar a conclusão adotada pelo julgador;**

V - se limitar a invocar precedente ou enunciado de súmula, sem identificar seus fundamentos determinantes nem demonstrar que o caso sob julgamento se ajusta àqueles fundamentos;

VI - deixar de seguir enunciado de súmula, jurisprudência ou precedente invocado pela parte, sem demonstrar a existência de distinção no caso em julgamento ou a superação do entendimento.

Um dos argumentos ventilados na ação e que não foi enfrentado foi a afronta ao princípio da legalidade.

Tal princípio, para a Administração Pública, vale lembrar, significa que, enquanto os cidadãos no campo privado podem fazer tudo o que lei não veda, a Administração pode atuar apenas mediante expressa autorização legal.

Como amplamente justificado no V. Acórdão, a colocação de símbolos religiosos é uma forma de expressão, de manifestação, ou seja, uma atitude. Logo, sem expressa autorização legal, não poderia ser praticada.

O V. Acórdão não abordou essa questão específica e, o que é pior: para justificar o cabimento da atitude estatal de colocar símbolos religiosos – de uma só religião – em espaços públicos adotou vários fundamentos contraditórios e até obscuros. Essa consequência, entretanto, era óbvia, pois não há como ser coerente quando se defende uma atitude ilegal e, por ser praticada pelo Estado, também inconstitucional. Vejamos.

A) A colocação de símbolos religiosos em espaços públicos de destaque não ofende o princípio da laicidade

A afirmação é contraditória por si mesma, pois, se não há autorização legal para o uso de símbolo religioso em tais espaços, muito menos de uma religião específica – o Catolicismo –, e a Constituição expressamente adota o princípio da laicidade estatal, vedado está – é muito simples.

B) A permanência de símbolos religiosos nos prédios públicos é uma expressão da liberdade religiosa

A afirmação é obscura, pois não deixa claro de quem é a liberdade religiosa que se estaria garantindo com tal prática. Na verdade, sabe-se muito bem que a liberdade religiosa que está sendo garantida neste caso é pessoal. São os indivíduos que possuem liberdade religiosa (art. 5, VI, que dispõe sobre direitos e garantias *individuais*).

Portanto, ao se defender a liberdade das autoridades em expor em local público de destaque o símbolo da religião que praticam, além da ofensa ao princípio da legalidade há clara ofensa ao princípio da IMPESSOALIDADE.

C) Há diversas referências religiosas na esfera pública como ruas e cidades com nomes de figuras religiosas e feriados de cunho religioso

Vale lembrar que nomes de ruas, de cidades e fixação de feriados são fruto de lei, ou seja, há um mínimo de autonomia do Legislativo e de representatividade popular nessa escolha, o que NÃO OCORRE na escolha do *símbolo* que será fixado nas salas de tribunais, por exemplo.

Além disso, como asseverado tantas vezes no curso da ação, não se pretende a aplicação do princípio da laicidade em termos

absolutos. É necessário que, em cada caso, realize-se uma ponderação entre os princípios constitucionais envolvidos, sendo que em alguns casos, como nos



feriados, justifica-se algum tipo de suporte estatal à religião, o que não ocorre no caso dos símbolos religiosos em prédios públicos.

Conforme explicação do Professor Daniel Sarmento, em artigo colacionado às fls. 53/61:

"(...) a laicidade não incide em termos absolutos, como as regras, que tendem a operar de acordo com a lógica do

'tudo ou nada'. Neste quadro, certas medidas que impliquem em algum tipo de suporte estatal à religião podem ser consideradas constitucionalmente legítimas, se forem justificáveis a partir de razões não-religiosas, relacionadas à proteção de outros bens jurídicos também acolhidos pela Constituição, cujo peso, no caso concreto, sobrepuje a tutela constitucional da laicidade.

É o caso da conservação de igrejas barrocas ou de monumentos turísticos com conotação religiosa, em que a ação do Estado decorre da sua missão de proteção do patrimônio histórico, artístico, cultural e paisagístico. É também, creio eu, a hipótese de pelo menos alguns feriados religiosos como Natal e Páscoa, em que a proteção da liberdade de religião da maioria pode justificar que se lhe conceda a possibilidade de celebração da data, que poderia ficar comprometida caso houvesse a obrigação de trabalhar naquele dia.

Não é essa, contudo, a situação dos crucifixos nos tribunais. Aqui, não há ponderação de interesses possível, uma vez que não se vislumbra qualquer bem jurídico de estatura constitucional ou mesmo legal que seja promovido com a manutenção destes símbolos religiosos nas cortes de justiça do país"

Lamentavelmente, há que se admitir que o *único* bem jurídico protegido nessa conduta, como constou do v. Acórdão, é a liberdade - de religião e de expressão - pessoal das autoridades.

Isto, como já foi dito, fere o princípio da impessoalidade, mas não apenas. Fere tragicamente o princípio da não discriminação.

Ao se optar por símbolos religiosos, discrimina-se aqueles que não possuem religião; ao se optar por um símbolo que remete ao cristianismo, discrimina-se os que praticam religiões não cristãs; ao se optar por um símbolo que reflete uma imagem de figura sagrada, discrimina-se as religiões cristãs que vedam o uso de imagens.

D) O uso de símbolos religiosos não impõe qualquer restrição aos que professam outras crenças ou aos que não professam crença alguma

Outra contradição: se já há um crucifixo na sala do Tribunal, por exemplo, como fazer para que eventualmente existam outros símbolos? A presença do crucifixo implicitamente veda o uso de outro símbolo.

E se houvesse um acordo entre todos para que os símbolos fossem periodicamente substituídos? Seria uma excrescência, pois as autoridades que trabalham em determinado local não são representantes ou mandatários do público que precisa frequentá-lo. Na verdade, tais autoridades são, em geral, servidores públicos, ou seja, possuem o dever de tratar a todos com igualdade, impessoalidade e eficiência.

Tais princípios acabam por ser totalmente ignorados ao se ferir um cidadão que deve ser atendido no local com uma imagem que é absolutamente contrária à fé que ele professa, ou a “não fé”, que defende.

E) O uso de símbolos religiosos não causa prejuízo ou dano aos que professam outras crenças ou aos que não professam crença alguma

Trata-se de afirmação contraditória, pois onde há discriminação, há lesão, ainda que apenas moral, independentemente de comprovação específica.

Nesse sentido, ensina Sérgio Calavieri Filho¹:

Entendemos, todavia, que por se tratar de algo imaterial ou ideal, a prova do dano moral não pode ser feita através dos mesmos meios utilizados para a comprovação do dano material. Seria uma demasia, algo até impossível, exigir que a vítima comprove a dor, a tristeza ou a humilhação através de depoimentos, documentos ou perícia; não teria ela como demonstrar o descrédito, o repúdio ou o desprestígio através dos meios probatórios tradicionais, o que acabaria por ensejar o retorno à fase da irreparabilidade do dano moral em razão de fatores instrumentais.

Na verdade, essa assertiva, de que não há prejuízo aos demais cidadãos, é uma presunção que, inclusive, contraria o conjunto probatório dos autos.

Destaca-se, nesse sentido, os elucidativos depoimentos de, respectivamente, Alcionei Miranda Feliciano, Pastor da Igreja Assembleia de Deus e de Rubens Sternschein, Rabino da Congregação Israelita Paulista (fls. 422/423), sobre os quais os i. Desembargadores Relatores não se manifestaram:

“O depoente vê a utilização de crucifixos em prédios públicos como um resquício do período imperial, onde a Igreja Católica era a oficial do império. **É importante colocar que o crucifixo**

¹ CAVALIERI FILHO, Sérgio, *Programa de Responsabilidade Civil*, 7ª ed., rev. e amp. SP: Atlas, 2007, p. 83.



590
- 2

não simboliza o Cristianismo de forma genérica, mas é um símbolo oficial da Igreja Católica. Porque os protestantes até se utilizam da cruz, mas em nenhuma hipótese com Cristo

Crucificado. Logo, toda vez que existe um Cristo crucificado, remete-se à Igreja Católica. Para os cristãos chega-se a tolerar por conta do fator histórico, mas é claro o privilégio da Igreja Católica em detrimento das demais religiões. O crucifixo não remete à ideia, como defendido pela comunidade católica, de paz, amor, tolerância, mas para as religiões afros, a cruz símbolo da Igreja Católica, traz consigo a ideia de perseguição, intolerância, privilégios, etc. (...)

Se encontrasse a imagem de fl. 374 em uma sala de audiências, a testemunha teria uma sensação horrível, até porque a imagem remete a princípios e valores diferentes dos do depoente e o Estado não pode defender os princípios de

nenhuma religião (...) Perguntado se o crucifixo incomoda a testemunha, respondeu que incomoda porque deixa claro os resquícios dos benefícios concedidos à igreja majoritária em detrimento das minoritárias"

* * *

"O depoente informou (...) que reconhece apenas [as figuras] de fls. 374/377 como imagens de religiões orientais e africanas, Que reafirma que nenhuma delas seria ofensiva, mas que a presença de qualquer delas afetaria a neutralidade do ambiente e qualquer pessoa que não professasse a religião simbolizada poderia incidir num sentido de falta de pertencimento (...) Que já havia mencionado que a presença de crucifixos nos Tribunais remete à uma forma de sectarismo (...) que existe a possibilidade de que determinadas pessoas possam se sentir agredidas ou que tais fatos possam demonstrar certa predileção do Estado por uma dada religião"

F) Ser um estado laico significa respeito ao pluralismo existente na sociedade, e não intolerância e hostilidade em relação às religiões

Esse fundamento também é contraditório e obscuro. Não restou claro da leitura do acórdão em que medida a remoção de símbolos religiosos da religião católica expostos nos prédios públicos seria um comportamento de intolerância e hostilidade em relação às religiões.

Aliás, dos elementos dos autos, o que se extrai é justamente o contrário: a exposição de símbolos de apenas uma religião é que se mostra uma atitude de intolerância em relação às demais religiões e sua retirada é que se coaduna com o pluralismo da sociedade brasileira.

Por sua vez, no tocante ao juízo de ponderação realizado no acórdão, que manteve o entendimento esposado na r. sentença, vê-se que

7



novamente não foram considerados os argumentos do *parquet federal* lançados em seu recurso de apelação.

Com efeito, consta no acórdão que:

“É certo que, diante do conflito entre direitos fundamentais, impõe-se a adoção de um juízo de ponderação, buscando-se identificar em qual dimensão deve um direito fundamental preponderar quando contraposto a outro direito também fundamental.

À luz da regra da proporcionalidade, deve-se sopesar a intensidade da restrição de um direito fundamental e a importância da realização do direito fundamental diante do qual o primeiro se opõe.

Assim, no caso dos autos, o direito invocado pelo autor, de liberdade de crença dos demais integrantes da sociedade brasileira, não deve prevalecer de modo a implicar a retirada de quaisquer símbolos religiosos existentes em locais de atendimento ao público no âmbito da administração federal, no Estado de São Paulo.

Diante dessa conclusão, não se está a eliminar o direito de minorias religiosas, mas sim conciliar os bens jurídicos em conflito.

A tolerância com símbolos religiosos é a solução que mais se aproxima do primado constitucional de liberdade religiosa e da proteção de aspectos culturais da sociedade, afastando-se, dessa forma, o Estado Brasileiro de uma indesejável posição laicista, de conflito com a fé.”

Entretanto, conforme alegado pelo *parquet* (fls. 505/506v), os direitos sociais, nos quais se enquadram o direito à cultura e à preservação do patrimônio cultural, “*são concebidos como instrumentos destinados à efetiva redução e/ou supressão de desigualdades, segundo a regra de que se deve tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida de sua desigualdade*”². Desse modo, não se pode admitir a ostentação de símbolos religiosos católicos em prédios públicos sob a alegação de pertencerem ao patrimônio cultural brasileiro, uma vez que ocasiona o tratamento desigual de cidadãos na mesma situação de busca por serviços estatais, privilegiando-se aqueles que professam a religião cujos símbolos encontram-se expostos. Tal tratamento desigual contraria a própria finalidade dos direitos sociais.

Ainda quanto ao conflito jurídico entre os princípios da igualdade e liberdade de crença, consubstanciado nos direitos dos cidadãos de serem atendidos em prédios públicos sem a presença de símbolos religiosos que não se coadunam com as suas convicções, frente ao direito à cultura,

² MENDES, Gilmar Ferreira. Curso de Direito Constitucional/ Gilmar Ferreira Mendes, Inocêncio Mártires Coelho, Paulo Gustavo Gonet Branco, 3 ed. Rev. e Atual. São Paulo, 2008, p. 172.



591
D

consistente na manutenção de símbolos pertinentes ao Catolicismo em prédios públicos diante da carga cultural que carregam, o Ministério Público Federal

afirmou, em sua apelação, a necessidade de basear a interpretação de acordo com os princípios da concordância prática e da eficácia integradora, o que não foi realizado pelos Exmos. Desembargadores.

Com efeito, a decisão do acórdão, na mesma linha da sentença, não gera harmonização dos direitos constitucionais em conflito, pois nega efetividade ao princípio da igualdade e à plena liberdade de crença de parcela da sociedade brasileira em prol do direito à cultura dos católicos, bem como não promove a "integração social, já que mantém situação prejudicial à noção de pertencimento e participação na gerência das res pública de cidadãos que não professem as religiões cujos símbolos continuarão exibidos em prédios públicos nos quais necessitem transitar.

Caso o acórdão tivesse trilhado o sentido contrário, no sentido da retirada dos símbolos em voga de prédios públicos, estar-se-ia atendendo aos princípios hermenêuticos citados; bem como seria conferida efetividade aos princípios da igualdade, da liberdade de crença e do direito à cultura. No que tange ao simbolismo da Igreja Católica, este continuaria resguardado por meios das inúmeras obras, monumentos e templos pertencentes a essa religião que se encontram tutelados por meio de instrumentos de proteção de patrimônio histórico e cultural brasileiro.

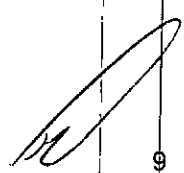
G) O uso de símbolos religiosos, especialmente do Catolicismo, tem aspecto cultural no Brasil

O *parquet* sustentou que, para se identificar de fato a "cultura brasileira" há a necessidade de se levar em consideração os traços de miscigenação e de consequente multiculturalidade do processo de formação da nossa sociedade.

Em que pese a destacada influência da Igreja Católica nos tratos políticos e sociais da história do Brasil, os símbolos das demais religiões professadas no Brasil também possuem fortes traços culturais. Tem-se, por exemplo, os símbolos das religiões umbandistas, com notório vínculo à etnia africana, as religiões protestantes, com forte relação com os imigrantes europeus, e o budismo, professado pelos imigrantes orientais.

Afirmou que, assim como os símbolos da religião católica têm forte conotação cultural em razão da participação dos portugueses na

formação da sociedade brasileira, os símbolos de outras religiões tais quais as discriminadas acima também possuem referida conotação, já que as etnias e povos com os quais possuem relação também tiveram participação no processo de formação de nossa sociedade.





Assim, o *parquet* sustentou não haver que se falar em merecimento de tratamento especial pelos símbolos da religião católica em detrimento dos símbolos de outras religiões professadas no país, restando configurada situação de privilégio no tratamento diferenciado conferido aos elementos representativos daquela religião – nítida ditadura da maioria -, em dissonância com os ditames do princípio da igualdade.

Nesse aspecto, ressalte-se, ainda, passagem de acórdão proferido no TJRS, colacionado às fls. 513/521:

“Por fim, poder-se-ia argumentar com a tradição do uso de crucifixos em espaços públicos no Brasil, não havendo dúvidas a respeito de que tradicionalmente são utilizados tais símbolos religiosos.

No entanto, absolutamente não é papel do Judiciário legitimar acriticamente qualquer tradição social, especialmente se excludente ou inconstitucional. Já não se discute, na atualidade, o legítimo papel do Direito que se opõe à idéia de meramente afirmar práticas hegemônicas da maioria social, mesmo que contrárias ao texto constitucional. Ademais, o princípio democrático contramajoritário justificaria plenamente a defesa de eventuais minorias quanto ao abuso das práticas religiosas da maioria, especialmente as de raiz inconstitucional.

O nepotismo, por exemplo, foi uma prática tradicional no Brasil. Tradicionalmente houve uma certa promiscuidade entre o público e o privado. Não obstante, está sendo superado o nepotismo porque sobre tal “tradição” o Judiciário, devidamente provocado, teve uma abordagem crítica que considerou tal prática inconstitucional exatamente por violar, de igual modo, o princípio da impessoalidade na administração pública.

Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, de acordo com o artigo 3º da Constituição de 1988, dentre outros, promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

O cidadão judeu, o muçulmano, o ateu, ou seja, o não cristão, é tão brasileiro e detentor de direitos quanto os cristãos. Tem ele o mesmo direito constitucionalmente assegurado de não se sentir discriminado pela ostentação, em local estatal e por determinação do administrador público, de expressivo símbolo de uma outra religião, ainda que majoritária, que não é a sua” (fls. 520).

Na mesma linha, conforme ensina Daniel Sarmento, no artigo de fls. 53/61:

“A afirmação de que seria anti-democrática a retirada dos tribunais dos símbolos religiosos associados ao cristianismo padece de vários equívocos conceituais. Em primeiro lugar, ela parte da premissa não comprovada de que, sendo a população



brasileira majoritariamente cristã, esta mesma maioria apoiaria necessariamente o endosso simbólico da sua fé pelo Estado. Ocorre que muitas pessoas religiosas - provavelmente a maior parte delas - têm plena consciência sobre a necessidade de separação entre a religião e poder público e não concordam com práticas que sinalizem o endosso estatal de qualquer fé, ainda que seja a da sua própria confissão.

Mas, ainda que a maioria da população apoiasse manifestações simbólicas de preferência estatal por uma

determinada religião, tal fato não bastaria para tornar esta medida democrática. Isto porque, a democracia não se confunde com o simples governo das maiorias, pressupondo antes o respeito a uma série de direitos, procedimentos e instituições, que atuam para proteger as minorias e assegurar a possibilidade de continuidade da empreitada democrática ao longo do tempo.

Na verdade, o ideário do constitucionalismo, e a sua concretização, através da adoção de uma constituição rígida munida de mecanismos de jurisdição constitucional, já indicam a rejeição de qualquer concepção que identifique a democracia com o predomínio irrestrito da vontade das maiorias. A ideia do entrincheiramento constitucional de direitos fundamentais, por exemplo, baseia-se na concepção de que há direitos tão importantes que não podem ser deixados ao sabor da vontade das maiorias nem na dependência de meros cálculos de utilidade social. A proteção constitucional destes direitos, ao impor limites para as maiorias, não é incompatível com a democracia, mas antes garante os pressupostos necessários para o seu bom funcionamento. Não é por acaso que as democracias mais estáveis são também aquelas em que os direitos fundamentais de todos, inclusive das minorias, são mais respeitados.

Ora, a laicidade do Estado é, no Direito brasileiro, um princípio constitucional, que, nesta qualidade, foi posto ao abrigo da vontade das maiorias. Trata-se de um princípio diretamente correlacionado aos direitos fundamentais à liberdade religiosa e

à igualdade, como já assinalado neste estudo, cujo respeito, portanto, deve ser visto não como um entrave à democracia,

mas como um mecanismo essencial ao seu funcionamento, numa sociedade marcada pelo pluralismo religioso e mundividencial." (fls.58v-59, grifos nossos)

Tais fundamentos, contudo, não foram enfrentados pelos i. Desembargadores, o que constitui evidente omissão.

Por fim, deve-se destacar decisões do Tribunal Constitucional Federal Alemã e do próprio STF que também não foram consideradas no v. acórdão.




Com efeito, o Tribunal Constitucional Federal Alemão, em duas decisões citadas no curso da ação e na apelação, apontou a inconstitucionalidade da presença de crucifixos em sala de aula do ensino público fundamental. Vejamos:

“O art. 4, I, da Lei Fundamental deixa a critério do indivíduo decidir quais símbolos religiosos serão por ele reconhecidos e adorados e quais serão por ele rejeitados. Em verdade, não tem ele direito, em uma sociedade que dá espaço a diferentes convicções religiosas, a ser poupado de manifestações religiosas, atos litúrgicos e símbolos religiosos que lhe são estranhos. Deve-se diferenciar disso, porém, uma situação criada pelo Estado, na qual o indivíduo é submetido, sem

liberdade de escolha, à influência de uma determinada crença, aos atos nos quais ela se manifesta, e aos símbolos pelo meio dos quais ela se apresenta (...) O Estado, no qual convivem seguidores de convicções religiosas e ideológicas diferentes, ou mesmo opostas, apenas pode assegurar suas coexistências pacíficas quando ele mesmo se mantém neutro em questões religiosas (...) Isto não se dá em razão da representatividade numérica ou da relevância social de uma crença. O Estado tem que, pelo contrário, observar um tal tratamento das diferentes comunidades religiosas e ideológicas que seja representado pelo princípio da igualdade” (fls. 505 e 516/517, grifos nossos)³

Em voto proferido na ADPF 54/DF, o ministro Marco Aurélio de Mello também tece relevantes considerações sobre o tema:

“Conclui-se que, a despeito do preâmbulo, destituído de força normativa – e não poderia ser diferente, especialmente no tocante à proteção divina, a qual jamais poderia ser judicialmente exigida –, o Brasil é um Estado secular tolerante, em razão dos artigos 19, inciso I, e 5º, inciso VI, da Constituição da República. Deuses e césores têm espaços apartados. O Estado não é religioso, tampouco é ateu. O Estado é simplesmente neutro.

Merece observação a temática afeta aos crucifixos e a outros símbolos religiosos nas dependências públicas. A discussão voltou à balha com a recente decisão do Conselho Superior da Magistratura do Estado do Rio Grande do Sul no sentido da retirada

dos símbolos religiosos dos espaços públicos dos prédios da Justiça estadual gaúcha.

Ao contrário dos tempos imperiais, hoje, reafirmo, a República Federativa do Brasil não é um Estado religioso tolerante com minorias religiosas e com ateus, mas um

³ Transcrição de trechos reproduzidos em Jurgen Schwbe. Cinquenta anos de jurisprudência do Tribunal Constitucional Federal Alemão. Trad. Leonardo Martins et alli. Montevideo: Konrad Adenauer Stiftung, 2005, p. 366-376.



593
①

Estado secular tolerante com as religiões, o que o impede de transmitir a mensagem de que apoia ou reprová qualquer delas[20].

Há mais. Causa perplexidade a expressão "Deus seja louvado" contida nas cédulas de R\$ 2,00, R\$ 5,00, R\$ 10,00, R\$ 20,00, R\$ 50,00 e R\$ 100,00, inclusive nas notas novas de R\$ 50,00 e R\$ 100,00, essas últimas em circulação a partir de 13 de dezembro de 2010. Em princípio, poder-se-ia cogitar de resqúcio da colonização portuguesa, quando era comum a emissão de moedas com legendas religiosas, ou de prática advinda do período imperial. Diligência junto ao Banco Central, no entanto, revelou que o Conselho Monetário Nacional –

CMN, ao aprovar as características gerais das cédulas de Cruzados e de Cruzeiros, recomendou, de acordo com orientação da Presidência da República, que nelas fosse inscrita a citada locução. Nas cédulas de Cruzados, começou,

então, a ser utilizada inclusive naquelas que tiveram a legenda adaptada: Cz\$ 10,00 (Rui Barbosa), Cz\$ 50,00 (Oswaldo Cruz) e Cz\$ 100,00 (Juscelino Kubitschek) – Voto CMN 166/86, Sessão 468, de 26 de junho de 1986. Quando voltou a vigorar o padrão Cruzeiro (1990), foi suprimida no início, inclusive nas que tiveram a legenda adaptada: Cr\$ 100,00 (Cecília Meireles), Cr\$ 200,00 (República) e Cr\$ 500,00 (Ruschi). Voltou a ser usada a partir da cédula de Cr\$ 50.000,00 (Câmara Cascudo), em 1992, com base no Voto CMN 129/91– Sessão 525, de 31 de julho de 1991. No início do padrão Real, foi retirada, mas retornou, após a emissão de algumas séries, em observância ao pedido do Ministro da Fazenda (Aviso nº 395, de 30 de março de 1994, do Ministério da Fazenda, Voto BCB/221, Sessão 1.577, de 8 de junho de 1994, Comunicado MECIR 4.050, de 20 de julho de 1994)

Vê-se, assim, que, olvidada a separação Estado-Igreja, implementou-se algo contrário ao texto constitucional. A toda evidência, o fato discrepa da postura de neutralidade que o Estado deve adotar quanto às questões religiosas. Embora não signifique alusão a uma religião específica, "Deus seja louvado" passa a mensagem clara de que o Estado ao menos apoia

um leque de religiões – aquelas que creem na existência de Deus, aliás, um só deus, e o veneram –, o que não se coaduna com a neutralidade que há de ditar os atos estatais, por força dos mencionados artigos 5º, inciso VI, e 19, inciso I, da Constituição da República. Desses dispositivos resulta, entre outras consequências, a proibição de o Estado endossar ou rechaçar qualquer corrente confessional" (ADPF 54, Relator(a) Min. MARCO AURÉLIO, Tribunal Pleno, julgado em 12/04/2012, páginas 39/41)

13

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

H) O próprio preâmbulo da Constituição Federal ostenta expressão religiosa

Neste ponto, há que se voltar à maior omissão cometida no presente acórdão: em relação ao princípio legalidade. Foi utilizada a manifestação pessoal dos(as) constituintes, constante do Preâmbulo da Constituição, sem força normativa, para justificar uma conduta inconstitucional adotada pelas autoridades brasileiras.

Ora, o deslize de uns não podem justificar outros. Na verdade, a colocação da expressão "em nome de Deus" no Preâmbulo da Constituição foi objeto de ampla discussão na época. Optou-se pelo termo "Deus" que abrange o maior número possível de religiões e que desagradaria apenas a ateus e politeístas. Estes, por sua vez, exatamente pela não crença na entidade, teriam uma suscetibilidade menor.

Mesmo assim, a rigor, foi um deslize, mas muito menor do que as gritantes imagens de crucifixo pelos tribunais afora discriminando conscientemente populações inteiras; chocando, sem qualquer autorização legal, os olhos e corações de milhões de pessoas.

Assim, impõe-se que as omissões, contradições e obscuridades apontadas sejam sanadas.

IV – DO PREQUESTIONAMENTO

Ainda que não se entenda presentes as omissões, contradições e obscuridades apontadas, opõem-se os presentes embargos com o propósito de prequestionamento. Isto porque, nos termos da previsão contida da Súmula 98 do STJ, os *embargos de declaração manifestados com notório propósito de prequestionamento não tem caráter protelatório*.

Sendo assim, ficam desde já prequestionados os dispositivos legais abaixo transcritos.

- Constituição Federal:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

(...)

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA – 3ª REGIÃO

594
D

(...)

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos

religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

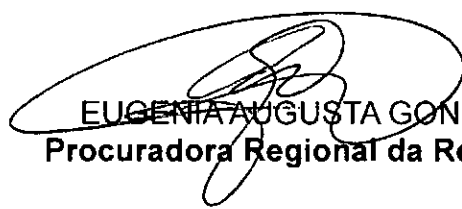
Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte:

V – DO PEDIDO

Ante o exposto, o Ministério Público Federal requer sejam conhecidos, posto que tempestivos, os presentes embargos de declaração e que sejam, ao final, acolhidos, para que sejam sanadas as omissões, contradições e obscuridades apontadas, inclusive para fins de prequestionamento.

Aguarda-se, se possível, a atribuição de efeitos infringentes aos embargos de declaração, pois da supressão dos vícios apontados poderá decorrer a necessidade de reversão do julgado, o que é expressamente admitido na legislação processual vigente (Art. 1.024, §4º, CPC).

São Paulo, 14 de junho de 2018.


EUGENIA AUGUSTA GONZAGA
Procuradora Regional da República



SAS
D

Portaria nº 2, de 24/08/2017

PORTARIA CATRF3R Nº 2, DE 24 DE AGOSTO DE 2017

Dispõe sobre os dias em que não haverá expediente no Tribunal Regional Federal da Terceira Região no ano de 2018.

A PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA TERCEIRA REGIÃO, no uso de suas atribuições regimentais,

RESOLVE:

Art. 1º Não haverá expediente neste Tribunal nos seguintes dias do ano de 2018:

Data	Comemorações
1º de janeiro	Confraternização Universal
25 de janeiro	Aniversário da cidade de São Paulo
12 e 13 de fevereiro	Carnaval
28 de março	Feriado Legal
29 de março	Feriado Legal
30 de março	Sexta-feira Santa
1º de maio	Dia do Trabalho
31 de maio	Corpus Christi
9 de julho	Revolução Constitucionalista
07 de setembro	Independência do Brasil
12 de outubro	Nossa Senhora Aparecida
1º de novembro	Feriado Legal
02 de novembro	Finados
15 de novembro	Proclamação da República
20 de novembro	Dia da Consciência Negra
24 de dezembro	Feriado Legal
25 de dezembro	Natal
31 de dezembro	Feriado Legal

Art. 2º ~~C~~ Não haverá expediente nos dias 30 de abril, ~~1º de junho e~~ 16 de novembro de 2018.

§1º - As horas não trabalhadas deverão ser previamente compensadas, facultando-se ao servidor o uso de horas de compensação, cujo controle ficará a cargo do gestor da unidade.

Art. 3º O expediente no dia 14 de fevereiro, quarta-feira de cinzas, terá início às 14 horas.

Art. 4º Durante o período de feriado judiciário, de 20 de dezembro a 6 de janeiro, previsto na Lei Federal nº 5.010/66, artigo 62, inciso I, o funcionamento dos serviços deste Tribunal será realizado em regime de plantão.

Art. 5º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Publique-se. Registre-se. Cumpra-se.

Documento assinado eletronicamente por **Cecília Maria Piedra Marcondes, Desembargadora Federal Presidente**, em 06/09/2017, às 15:29, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.

Documento SEI 3028249

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61 06/06/2018 15:50



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

0020930-46.2018.4.03.8000

3755597v10

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/09/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



SG7
C



DIÁRIO ELETRÔNICO DA JUSTIÇA FEDERAL DA 3ª REGIÃO
Edição nº 102/0 - São Paulo, quarta-feira, 06 de junho de 2018

TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

PUBLICAÇÕES ADMINISTRATIVAS

Presidência

Portaria PRES Nº 1145, de 04 de junho de 2018

Cessa a suspensão de prazos processuais no Tribunal Regional Federal da Terceira Região.

A PRESIDENTE DO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA TERCEIRA REGIÃO, no uso de suas atribuições regimentais,

CONSIDERANDO o encerramento do movimento de paralisação dos caminhoneiros, com a progressiva retomada à normalidade do abastecimento e da locomoção no país;

CONSIDERANDO o disposto nos artigos 1º e 2º da Portaria PRES nº 1129, de 24 de maio de 2018;

CONSIDERANDO o que consta no SEI nº 0020930-46.2018.4.03.8000,

R E S O L V E:

Art. 1º Cessar a suspensão dos prazos processuais no Tribunal Regional Federal da Terceira Região.

Art. 2º Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Publique-se. Registre-se. Cumpra-se.

Desembargadora Federal Therezinha Cazerta

Presidente do Tribunal Regional Federal da 3ª Região

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <https://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61 13/06/2018 16:53





Documento assinado eletronicamente por **Therezinha Astolphi Cazerta, Desembargadora Federal Presidente**, em 04/06/2018, às 14:29, conforme art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site http://sei.trf3.jus.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 informando o código verificador **3775412** e o código CRC **FE4C4E95**.

Tribunal Regional Federal da 3ª Região

Av. Paulista, 1842 - Cep: 01310-936 - SP - © 2010

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

13/06/2018 16:53

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

Notícias: Notícia

 **2018 - junho - 05**

PRAZOS PROCESSUAIS SÃO RESTABELECIDOS NA JUSTIÇA FEDERAL DA 3ª REGIÃO

Portarias serão publicadas amanhã (6/6) no Diário Eletrônico e prazos voltam a correr normalmente no dia útil subsequente (7/6)

O Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF3) editou ontem (4/6) as portarias PRES nº 1145 e CJF3R nº 256, que cessam a suspensão de prazos processuais, tanto no TRF3 quanto nas Seções Judiciárias de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Os prazos haviam sido suspensos, no dia 25 de maio, pela Portaria PRES Nº 1129 e a Portaria CJF3R Nº 252, devido à paralisação dos caminhoneiros e o consequente desabastecimento de combustível no país.

Porém, com o encerramento do movimento grevista e a progressiva retomada do abastecimento de combustível e término das dificuldades de transporte e locomoção, a administração do Tribunal comunica o restabelecimento dos prazos processuais.

As novas portarias serão publicadas no Diário Eletrônico da Justiça Federal da 3ª Região amanhã (6/6) e os prazos passarão a correr normalmente no dia útil subsequente (7/6).

Assessoria de Comunicação Social do TRF3

Esta notícia foi visualizada 3423 vezes.

Assessoria de Comunicação Social do TRF3 - 3012-1329/3012-1446

Email: imprensa@trf3.jus.br

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço

1 <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61 12/06/2018 15:52



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

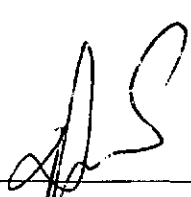
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO
Subsecretaria da Quarta Turma

Processo nº 00176047020094036100

CERTIDÃO

Certifico e dou fé que a petição de fls. 587/599 foi protocolizada **tempestivamente**.

São Paulo, 26 de junho de 2018.


Ruy Leão da Rocha Neto – RF 1485
Divisão de Procedimentos Diversos

CERTIDÃO

Certifico que, nesta data, INTIMEI pessoalmente a Advocacia-Geral da União - AGU do v. Acórdão e dos **Embargos de Declaração** de fls. 587/599, mediante vista com remessa dos autos (carga no Siapro), nos termos do art. 183, § 1º, com observância do art. 234 e §§ do Novo CPC (Lei nº 13105/15).

São Paulo, 30 de julho de 2018.
Subsecretaria da Quarta Turma

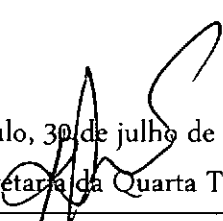
CIÊNCIA

Na data supra, a Advocacia-Geral da União - AGU, por seu (sua) procurador (a), dá-se por intimado (a) do v. **Acórdão** e dos **Embargos de Declaração** e:

☐
☐
☐

Manifestar-se-á em separado.

Nada a requerer/Manifesta seu desígnio na interposição de recurso.


RAFAEL FRANKLIN CAMPOS E SOUZA
ADVOGADO DA UNIÃO
SIAPE 1553318

(assinatura/carimbo)

Advocacia-Geral da União - AGU

RECEBIMENTO

Nesta data, recebi os presentes autos em Subsecretaria.

São Paulo, 07 / 08 / 2018.

 - RF - 4137
Divisão de Procedimentos Diversos

REMESSA E CIÊNCIA AGU2 acórdão e embargos



PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO
SUBSECRETARIA DA QUARTA TURMA

CONCLUSÃO

Aos 7 de agosto de 2018, faço estes autos conclusos ao (a) Excelentíssimo (a) Senhor (a) Desembargador (a) Federal Relator (a).

Andrea Santiago Maia Anauate- RF- 4137

Divisão de Procedimentos Diversos – UTU4

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP

2009.61.00.017604-0/SP

RELATOR : Desembargador Federal MARCELO SARAIVA
APELANTE : Ministerio Publico Federal
PROCURADOR : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro(a)
APELADO(A) : Uniao Federal
ADVOGADO : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
PARTE AUTORA : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE
RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro(a)
No. ORIG. : 00176047020094036100 24 Vr SAO PAULO/SP

Peço dia para julgamento.

São Paulo, 13 de novembro de 2018.



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) Desembargador Federal MARCELO SARAIVA, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://web.trf3.jus.br/acordaos/VerificacaoAssinatura> informando o código verificador 7315878v1., exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

[YNAKAHAR©YNAKAHAR]

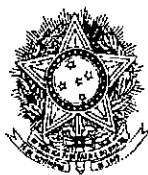


7315878.V001 1/1



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO
SUBSECRETARIA DA QUARTA TURMA

autos nº 263 2009.61.00.017604-0/SP 0017604-70.2009.4.03.6100

CERTIDÃO

CERTIFICO que os presentes autos, recebidos do(a) Exmo.(a) Sr.(a) Relator(a), foram incluídos na **Pauta de Julgamentos da Sessão de 07/02/2019**, disponibilizada no Diário Eletrônico - Caderno Judicial II, **pag. 10/89 de 12/12/2018**, por determinação do(a) Exmo.(a) Sr.(a) Presidente da Quarta Turma.

Certifico ainda que, nos termos do art. 6º da Lei nº 9.028/1995, do art. 17 da Lei 10.910/2004 e do art. 183 do CPC/2015, os seguintes órgãos foram devidamente intimados, nas pessoas de seus representantes legais, conforme segue, encontrando-se os respectivos comprovantes arquivados nesta Subsecretaria.

Órgãos	Data da Intimação	Instrumento
FAZENDA NACIONAL	12/12/2018	e-mail
AGU	14/12/2018	e-mail
DPU	13/12/2018	e-mail
MPF	12/12/2018	e-mail
PRF	12/12/2018	e-mail
CRC	12/12/2018	e-mail
CRF	13/12/2018	e-mail
CRQ	13/12/2018	e-mail
CREMESP	12/12/2018	e-mail
CRECI	13/12/2018	e-mail
CRESS	19/12/2018	mandado
PMSP	19/12/2018	mandado
JUCESP	19/12/2018	mandado
ESTADO DE SÃO PAULO	14/12/2018	mandado
BACEN	14/12/2018	mandado

São Paulo, 7 de janeiro de 2019.

José Antonio Machado Alemany – RF 3671
Divisão de Coordenação e Julgamento

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

604
1

*** QUARTA TURMA ***

0017604-70.2009.4.03.6100 1868675 Ap-SP
PAUTA: 07/02/2019 SESSÃO DE 07/02/2019 NUM. PAUTA: 00263

RELATOR: DES.FED. MARCELO SARAIVA
PRESIDENTE DO ÓRGÃO JULGADOR: DES.FED. MÔNICA NOBRE
PRESIDENTE DA SESSÃO: DES.FED. MÔNICA NOBRE
PROCURADOR(A) DA REPÚBLICA: Dr(a). DR. OSVALDO CAPELARI JUNIOR

AUTUAÇÃO

APTE : Ministerio Publico Federal
APDO(A) : Uniao Federal
PARTE A : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
E CIDADANIA - ABLIRC

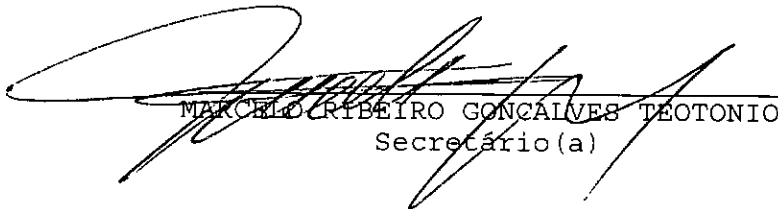
ADVOGADO(S)

PROC : JEFFERSON APARECIDO DIAS
ADV : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
ADV : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA

CERTIDÃO

Certifico que a Egrégia QUARTA TURMA, ao apreciar os autos do processo em epígrafe, em sessão realizada nesta data, proferiu a seguinte decisão:

ADIADO O JULGAMENTO PARA A SESSÃO PRESENCIAL DE 21.02.19, POR INDICAÇÃO DO RELATOR, A PEDIDO DO REPRESENTANTE DO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL.


MARCELO RIBEIRO GONÇALVES TEOTÔNIO
Secretário(a)



TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL
MINUTA DE JULGAMENTO

FLS.

*** QUARTA TURMA ***

0017604-70.2009.4.03.6100 1868675 Ap-SP
PAUTA: 07/02/2019 JULGADO: 21/02/2019 NUM. PAUTA: 00263
EMBARGOS DE DECLARAÇÃO

RELATOR: DES.FED. MARCELO SARAIVA
PRESIDENTE DO ÓRGÃO JULGADOR: DES.FED. MÔNICA NOBRE
PRESIDENTE DA SESSÃO: DES.FED. MÔNICA NOBRE
PROCURADOR(A) DA REPÚBLICA: Dr(a). DRA. MARIA LUISA RODRIGUES DE
LIMA CARVALHO

AUTUAÇÃO

APTE : Ministerio Publico Federal
APDO(A) : Uniao Federal
PARTE A : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA
E CIDADANIA - ABLIRC

ADVOGADO(S)

PROC : JEFFERSON APARECIDO DIAS
ADV : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
ADV : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA

CERTIDÃO

Certifico que a Egrégia QUARTA TURMA, ao apreciar os autos do processo em epígrafe, em sessão realizada nesta data, proferiu a seguinte decisão:

A QUARTA TURMA, POR UNANIMIDADE, DECIDIU REJEITAR OS EMBARGOS DE DECLARAÇÃO, NOS TERMOS DO VOTO DO DES. FED. MARCELO SARAIVA (RELATOR).

Votaram os(as) JUIZ CONV. FERREIRA DA ROCHA e DES.FED. MARLI FERREIRA.
Ausente justificadamente o(a) DES.FED. ANDRE NABARRETE.


MARCELLO RIBEIRO GONCALVES TEOTONIO
Secretário(a)



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

606
Mesa 10

EMBARGOS DE DECLARAÇÃO EM APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP

2009.61.00.017604-0/SP

RELATOR : Desembargador Federal MARCELO SARAIVA
EMBARGANTE : Ministério Público Federal
PROCURADOR : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro(a)
EMBARGADO : ACÓRDÃO DE FLS.
INTERESSADO : União Federal
ADVOGADO : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
PARTE AUTORA : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro(a)
No. ORIG. : 00176047020094036100 24 Vr SAO PAULO/SP

RELATÓRIO

Trata-se de embargos de declaração de fls. 587/594, opostos pelo Ministério Público Federal, em face de v. acórdão de fls. 584 que, por unanimidade, negou provimento ao recurso de apelação interposto pelo Ministério Público Federal.

O v. acórdão foi proferido em julgamento de recurso de apelação interposto em face de sentença proferida pelo r. Juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo/SP, que julgou improcedente a ação civil pública proposta em face da União Federal, por meio da qual o *Parquet* objetivava a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

Diante da referida sentença, o Ministério Público Federal interpôs recurso de apelação sustentando que a manutenção de símbolos religiosos em prédios do serviço público federal, no Estado de São Paulo, implica violação aos princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário. Todavia, referido recurso não foi provido, mantendo-se na íntegra a sentença.

Para melhor compreensão, transcreve-se a ementa do v. acórdão embargado:

APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO.

[CTOJAL©/ABELINEL]



7225354.V003 1/7



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

- 1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.*
- 2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.*
- 3. Apelação desprovida.*

A parte embargante afirma que o E. Colegiado incorreu em omissão. Sustenta que o v. Acórdão, ainda que de maneira genérica justificou a não ofensa aos princípios da isonomia e da impessoalidade, mas em nenhum momento justificou a não ofensa ao princípio da legalidade. Assim, ao incorrer nessa omissão teria acabado por incorrer também em contradição e obscuridade.

Afirma que, durante toda a ação, o Ministério Público Federal sustentou que o uso de símbolos de imagens religiosas atentando não apenas contra o princípio da laicidade estatal, mas também contra os princípios que regem a Administração Pública, previstos no artigo 37 da Constituição Federal.

Prequestiona os artigos 3º, 5º, 19 e 37 da Constituição Federal.

Assim, requer o provimento dos embargos para sanar as omissões, contradições e obscuridades apontadas e, em caráter infringente, reformar o julgado para dar provimento ao recurso de apelação.

É o relatório.

VOTO

Como é cediço, os embargos de declaração, a teor do disposto no art. 1.022 do CPC, somente têm cabimento nos casos de obscuridade ou contradição (inc. I), omissão (inc. II) ou de erro material (inc. III).

No caso em tela, o embargante propugna pela existência de omissão, afirmando que não houve manifestação acerca da ofensa ao princípio da legalidade. Aduz que, ao incorrer nessa omissão, o acórdão também teria incorrido em contradição e obscuridade.

Analisando-se a decisão embargada, percebe-se claramente que ela não possui qualquer vício, tal como alegado pelo embargante. Da simples leitura da ementa acima transcrita, verifica-se que o julgado abordou devidamente todas as questões debatidas pelas partes e que foram devidamente explicitadas no voto.

[CTOJALC/ABELINEL]

7225354.V003 2/7



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

Cumpre salientar que, observando a peça exordial, bem como o recurso de apelação, percebe-se que em nenhum momento foi destacada a violação ao princípio da legalidade, por isso não se pode afirmar qualquer omissão acerca da não ofensa ao princípio da legalidade se nem mesmo a ofensa a ele foi destacada pela parte.

Os princípios ressaltados pelo Ministério Público Federal, quais sejam princípio da igualdade, da liberdade de crença, da laicidade do Estado e o princípio da impessoalidade, foram devidamente examinados no acórdão embargado.

Portanto, ao contrário do afirmado pela embargante, não há qualquer omissão, cabendo salientar que o v. acórdão examinou devidamente os argumentos jurídicos expostos pela apelante, bem como ressaltou o cabimento da ponderação diante da colisão dos direitos fundamentais, buscando preservar os princípios tutelados pela Constituição Federal. Assim, de rigor a transcrição de trechos do voto:

Analizando o contexto sociocultural do Brasil, verifica-se que as referências religiosas na esfera pública são se limitam à afixação de símbolos religiosos em prédios públicos, havendo numerosos logradouros, cidades e escolas públicas que ostentam nomes de figuras religiosas, bem como diversos feriados de cunho religioso.

Outrossim, a Constituição Federal de 1988, acompanhando a maioria das Constituições pátrias pretéritas, ostenta em seu preâmbulo uma expressão religiosa ("sob a proteção de Deus"). Conforme entendimento do C. Supremo Tribunal Federal, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2076, a referida expressão não possui força normativa, sendo juridicamente irrelevante.

Como é bem de ver, tais referências não colidem com a laicidade do Estado, revelando-se, na verdade, como expressões da liberdade religiosa e, principalmente, como elementos culturais e históricos da sociedade brasileira, as quais não impõem qualquer tipo de restrição ou de dever aos que professam outras crenças ou que não professam crença alguma.

Nesse contexto, cumpre, ainda, destacar a previsão constitucional de ensino religioso nas escolas públicas de ensino fundamental, de matrícula facultativa, mais um exemplo de concretização do primado da liberdade religiosa. Assim dispõe o art. 210, § 1º, da Constituição Federal:

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

[CTOJALC/ABELINEL]



7225354 V003 3/7



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

Dessarte, como Estado laico, espera-se do Estado brasileiro uma postura de respeito ao pluralismo existente na sociedade, e não um comportamento laicista, de intolerância e hostilidade em relação às religiões.

Nessa toada, a Constituição Federal de 1988 impõe ao Poder Público o dever de proteção e promoção do patrimônio cultural, como se observa no seu art. 216, in verbis:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

(...)

Assim, como bem observou o MM. Juízo a quo:

"(...) a existência de símbolos religiosos em prédios públicos não pode ser tida como violação ao princípio da laicidade ou como indevida postura estatal de privilégio em detrimento as demais religiões, mas apenas como expressão cultural de um país de formação católica, que também deve ser protegida e respeitada".

[CTOJAL©/ABELINEL]

7225354.V003 4/7



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

No mais, diante da realidade sociocultural do Brasil e da frequente convivência tolerante do Estado com referências religiosas, não se mostra plausível a conclusão de que, ao se deparar com um símbolo religioso (geralmente cristão, de vertente católica), uma pessoa que professe crença diversa, ou que não adote nenhuma crença, se sinta ofendida ou constrangida.

Sob a ótica do autor da ação, essa suposta ofensa suportada por minorias religiosas ou não confessionais também se daria diante do fechamento de um órgão público em um feriado de cunho religioso, ou do seu funcionamento em regime de plantão (comumente adotado pelo Poder Judiciário), o que não se mostra razoável.

É certo que, diante do conflito entre direitos fundamentais, impõe-se a adoção de um juízo de ponderação, buscando-se identificar em qual dimensão deve um direito fundamental preponderar quando contraposto a outro direito também fundamental.

À luz da regra da proporcionalidade, deve-se sopesar a intensidade da restrição de um direito fundamental e a importância da realização do direito fundamental diante do qual o primeiro se opõe.

Assim, no caso dos autos, o direito invocado pelo autor, de liberdade de crença dos demais integrantes da sociedade brasileira, não deve prevalecer de modo a implicar a retirada de quaisquer símbolos religiosos existentes em locais de atendimento ao público no âmbito da administração federal, no Estado de São Paulo.

Diante dessa conclusão, não se está a eliminar o direito de minorias religiosas, mas sim conciliar os bens jurídicos em conflito.

A tolerância com símbolos religiosos é a solução que mais se aproxima do primado constitucional de liberdade religiosa e da proteção de aspectos culturais da sociedade, afastando-se, dessa forma, o Estado Brasileiro de uma indesejável posição laicista, de conflito com a fé.

Somado a isso, não restou demonstrado no caso dos autos violação a princípios da administração pública, a exemplo da moralidade e da impessoalidade, sendo certo que o desempenho da função pública é calcado na igualdade de tratamento, não sendo relevante a opção religiosa do indivíduo, o que também afasta a alegação de inobservância do princípio da isonomia.

No âmbito do Poder Judiciário - a presente demanda originou-se de representação contra a presença de crucifixo em sala de julgamento do Tribunal Regional Eleitoral-, como bem salientou o D. Juízo de origem, em regra, não consta dos processos judiciais nenhum dado relativo à opção religiosa das partes; sendo oportuno destacar, ainda, relevantes julgados proferidos pelo C. Supremo Tribunal Federal em que a E. Corte reafirmou que as decisões judiciais não se pautam por dogmas

[CTOJALC/ABELINEL]



7225354.V003 5/7



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

religiosos, mas por parâmetros jurídicos, a saber: ADI 4277/ADPF 132 (união homoafetiva) e ADPF 54 (anencefalia).

Não se verifica, dessa forma, a existência de nenhum privilégio para os professantes da religião católica, tampouco prejuízo para os demais cidadãos, decorrente da presença de crucifixos em instalações do Poder Judiciário, o que se estende para toda a Administração Federal no Estado de São Paulo. (fls.581/583)

Como é bem de ver, não houve omissão, contradição ou obscuridade na decisão, uma vez que foi devidamente fundamentado o improvimento do recurso de apelação.

O recurso de apelação foi devidamente analisado e os fundamentos jurídicos foram corretamente expostos, não havendo qualquer omissão a ser sanada.

Diante do exposto, fica evidente que o que se busca é uma nova discussão de matérias já devidamente examinadas, o que não se admite através do recurso de embargos de declaração.

Percebe-se que as alegações da embargante demonstram apenas insatisfação com o julgamento, não existindo omissão no aresto.

Desse modo, fica claro que o recurso não pode ser acolhido, uma vez que o mero inconformismo da parte não dá ensejo ao acolhimento dos embargos de declaração, cuja função é a integração de decisões e não o re julgamento da causa.

Resta evidenciada, pois, a inexistência de omissão ou qualquer vício sustentado pela embargante, sendo claro que almeja desconstituir os fundamentos do v. acórdão embargado, o que implicaria inevitável reexame da matéria, incompatível com a natureza dos embargos de declaração.

Sob outro aspecto, impende salientar que o Juízo não está adstrito a examinar a exaustão todos os argumentos trazidos no recurso se estes não forem capazes de infirmar a conclusão adotada, sem qualquer violação ao disposto no artigo 489, §1º, inciso IV, do Código de Processo Civil, bastando que decline fundamentos suficientes para lastrear sua decisão e resolver a questão. Nesse sentido é o entendimento do C. Superior Tribunal de Justiça (EDcl no MS 21.315-DF, Rel. Min. Diva Malerbi - Desembargadora convocada do TRF da 3ª Região -, julgado em 8/6/2016).

Ainda assim, é preciso ressaltar que o v. acórdão embargado abordou as questões apontadas pelas partes, inexistindo nele, pois, qualquer contradição, obscuridade ou omissão.

Por fim, o escopo de prequestionar a matéria, para efeito de interposição de recurso especial ou extraordinário, perde a relevância, em sede de

[CTOJAL©/ABELINEL]

7225354.V003 6/7



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

embargos de declaração, se não demonstrada a ocorrência de qualquer das hipóteses previstas no art. 1.022, incisos I, II e III, do Código de Processo Civil.

Ante o exposto, rejeito os embargos de declaração.

É como voto.



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) **Desembargador Federal MARCELO SARAIVA**, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://web.trf3.jus.br/acordaos/VerificacaoAssinatura> informando o código verificador **7225354v3.**, exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

[CTOJALC/ABELINEL]



7225354V003 7/7



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

EMBARGOS DE DECLARAÇÃO EM APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP

2009.61.00.017604-0/SP

RELATOR : Desembargador Federal MARCELO SARAIVA
EMBARGANTE : Ministerio Publico Federal
PROCURADOR : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro(a)
EMBARGADO : ACÓRDÃO DE FLS.
INTERESSADO : Uniao Federal
ADVOGADO : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
PARTE AUTORA : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro(a)
No. ORIG. : 00176047020094036100 24 Vr SAO PAULO/SP

EMENTA

PROCESSUAL CIVIL. EMBARGOS DE DECLARAÇÃO. OMISSÃO, CONTRADIÇÃO E OBSCURIDADE INEXISTENTES. EMBARGOS REJEITADOS.

1. Dispõe o art. 1022, incisos I, II, e III do Código de Processo Civil, serem cabíveis embargos de declaração quando houver, na sentença ou no acórdão, obscuridade, contradição, omissão ou erro material.

2. Não existindo no acórdão embargado omissão a ser sanada, rejeitam-se os embargos opostos sob tais fundamentos.

3. Os embargos de declaração objetivam complementar as decisões judiciais, não se prestando à impugnação das razões de decidir do julgado.

4. Embargos de declaração rejeitados.

ACÓRDÃO

Vistos e relatados estes autos em que são partes as acima indicadas, decide a Egrégia Quarta Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, por unanimidade, rejeitar os embargos de declaração, nos termos do relatório e voto que ficam fazendo parte integrante do presente julgado.

São Paulo, 21 de fevereiro de 2019.

[CTOJAL©/YNAKAHAR]



7225384|V004 1/2



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) **Desembargador Federal MARCELO SARAIVA**, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://web.trf3.jus.br/acordaos/VerificacaoAssinatura> informando o código verificador **7225384v4.**, exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

[CTOJAL©YNAKAHAR]

7225384.V004 2/2



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP

2009.61.00.017604-0/SP

RELATOR : Desembargador Federal MARCELO SARAIVA
APELANTE : Ministério Público Federal
PROCURADOR : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro(a)
APELADO(A) : União Federal
ADVOGADO : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
PARTE AUTORA : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE
RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro(a)
No. ORIG. : 00176047020094036100 24 Vr SAO PAULO/SP

CERTIDÃO

CERTIFICO e dou fé de que o v. Acórdão de fls. retro, foi disponibilizado no Diário Eletrônico da Justiça Federal da Terceira Região em 14/03/2019, nos termos da Ordem de Serviço nº 8 de 08 de abril de 2008. Considera-se data de publicação o primeiro dia útil subsequente à disponibilização mencionada, nos termos dos parágrafos 3º e 4º, da Lei nº 11.419/2006.

São Paulo, 14 de março de 2019.



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) Servidora LIGIA FILOMENA VERNACI, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://web.trf3.jus.br/acordaos/VerificacaoAssinatura> informando o código verificador 7478810v1., exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

[LESTRELLO/LESTRELL]



7478810.V001 1/1



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

612

CERTIDÃO DE CARGA DE AUTOS

Certifico que nesta data os autos foram encaminhados por meio de carga ao **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL – MPF**.
São Paulo, 08 de abril de 2019.

Subsecretaria da 4ª Turma – RF 3722

ABERTURA DE VISTA

Abertura de vista para ciência de atos processuais.

Favor observar o limite deste campo para o lançamento de **carimbos/cotas**.
Se necessário, utilizar o protocolo eletrônico/integrado.



CIÊNCIA DE ACÓRDÃO E TERMO DE INTIMAÇÃO

Na data supra, recebi estes autos para ciência do v. **Acórdão**, nos termos do art. 183, § 1º, com observância do art. 234 e §§ do Novo CPC (Lei nº 13105/15):

☐ Nada a requerer// Manifesta seu desinteresse na interposição de recurso

☒ Manifestar-se-á em separado. *Segue, via protocolo, Tempestivo recurso extraordinário.*
SP, 26/04/19

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL – MPF
ALICE KANAAN
Procuradora Regional da República

CERTIDÃO DE DEVOLUÇÃO

Certifico que os presentes autos foram devolvidos em secretaria na data de 26, 04 /2019.

Subsecretaria da 4ª Turma – RF del. 1694



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DESEMBARGADOR FEDERAL VICE-
PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª
REGIÃO

TRF3 - 26/abr/2019 - 15:29



2019.062351 - REX/UTU4
GR

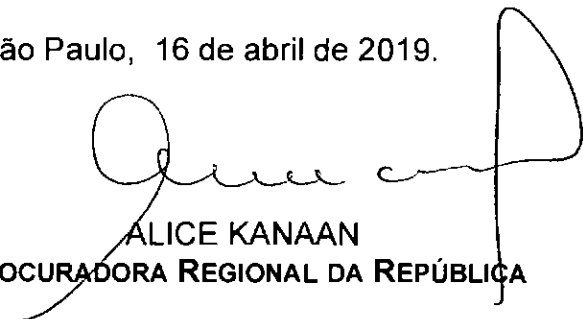
TRF3 - JUNTADA SP. 02/10/2019
CMK - EST
Servidor/RF

APELAÇÃO EM AÇÃO CIVIL PÚBLICA Nº 0017604-70.2009.4.03.6100

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, em face do acórdão de fls. 579/584 e 606/610, vem, pela Procuradora Regional da República signatária, com fundamento no artigo 102, III, "a", da Constituição Federal, e no artigo 1.029 e seguintes, do Código de Processo Civil, (Lei 13.105/2015), na forma do artigo 277, do Regimento Interno desse Tribunal Regional Federal, interpor, tempestivamente, o presente **RECURSO EXTRAORDINÁRIO**, consubstanciado nas razões aduzidas em anexo.

Requer que este recurso extraordinário seja admitido e, oportunamente, remetido ao Supremo Tribunal Federal.

São Paulo, 16 de abril de 2019.


ALICE KANAAN
PROCURADORA REGIONAL DA REPÚBLICA

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

AUTOS nº 0017604-70.2009.4.03.6100
RECORRENTE: Ministério Público Federal
RECORRIDO: União Federal

RAZÕES DE RECURSO EXTRAORDINÁRIO

Exmo(a). Ministro(a) Relator (a),

Exmo(a). Subprocurador(a)-Geral da República

I – DOS FATOS

Trata-se de ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a condenação da União à obrigação de fazer consistente na retirada de todos os símbolos de qualquer religião ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público em prédios pertencentes à ré no Estado de São Paulo.

Em sentença prolatada pelo Juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo (fls. 494/500), o pedido foi julgado improcedente.

Em face da sentença, o Ministério Público Federal interpôs recurso de apelação às fls. 502/510. As contrarrazões da União foram acostadas às fls. 533/563.

O MPF, na qualidade de custos iuris, apresentou parecer, às fls. 567/572, opinando pelo desprovimento do recurso.

A Quarta Turma do E. TRF3, negou provimento à apelação. O acórdão restou assim ementado:

APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO.

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

1

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.
2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.
3. Apelação desprovida.
(TRF 3ª Região, QUARTA TURMA, Ap - APELAÇÃO CÍVEL - 1868675 - 0017604-70.2009.4.03.6100, Rel. DESEMBARGADOR FEDERAL MARCELO SARAIVA, julgado em 07/02/2018, e-DJF3 Judicial 1 DATA:03/04/2018)

Em face do acórdão, foram opostos embargos de declaração pelo Ministério Público Federal (fls. 587/594), pois o acórdão deixou de apreciar os fundamentos relativos aos artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, todos da Constituição Federal.

Em acórdão de fls. 606/610, a Quarta Turma rejeitou os embargos de declaração, nos seguintes termos:

PROCESSUAL CIVIL. EMBARGOS DE DECLARAÇÃO. OMISSÃO, CONTRADIÇÃO E OBSCURIDADE INEXISTENTES. EMBARGOS REJEITADOS.

1. Dispõe o art. 1022, incisos I, II, e III do Código de Processo Civil, serem cabíveis embargos de declaração quando houver, na sentença ou no acórdão, obscuridade, contradição, omissão ou erro material.
2. Não existindo no acórdão embargado omissão a ser sanada, rejeitam-se os embargos opostos sob tais fundamentos.
3. Os embargos de declaração objetivam complementar as decisões judiciais, não se prestando à impugnação das razões de decidir do julgado.
4. Embargos de declaração rejeitados.
(TRF 3ª Região, QUARTA TURMA, Ap - APELAÇÃO CÍVEL - 1868675 - 0017604-70.2009.4.03.6100, Rel. DESEMBARGADOR FEDERAL MARCELO SARAIVA, julgado em 21/02/2019, e-DJF3 Judicial 1 DATA:14/03/2019)

Em 10.04.2019, foi aberta vista ao MPF (fls. 612), que vem, tempestivamente, interpor recurso extraordinário em face do acórdão proferido pela Quarta Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, com fundamento no artigo 102, III, "a", da Constituição Federal, pois a interpretação levada a efeito pelo Tribunal a quo contraria o quanto disposto nos artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal.

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/ÁK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

2

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

II – ADMISSIBILIDADE

2.1 DO CABIMENTO

O artigo 102, III, da Constituição Federal estabelece as hipóteses de cabimento de recurso extraordinário junto ao Supremo Tribunal Federal, destacando-se a alínea "a", a seguir transcrita:

Art. 102. Compete ao Supremo Tribunal Federal, precipuamente, a guarda da Constituição, cabendo-lhe: (...)
III – julgar, mediante recurso extraordinário, as causas decididas em única ou última instância, quando a decisão recorrida:
a) **contrariar dispositivo desta Constituição;** (...)

O cabimento do presente recurso extraordinário, dessa forma, é justificado pela negativa de vigência aos artigos artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37 da Constituição Federal.

Foram violados, ainda, os artigos 5º, XXXV e 93, IX da Constituição Federal tendo em vista as omissões contidas no acórdão, que não foram sanadas, a despeito da oposição de embargos declaratórios.

2.2 DA TEMPESTIVIDADE

O prazo para interposição do recurso extraordinário é de quinze dias úteis, a partir da data de intimação da decisão (arts. 219 e 1.003, § 5º, do CPC/2015), contado em dobro para o Ministério Público (art. 180, do CPC/2015).

Esse órgão ministerial foi intimado em 10.04.2019 (fls. 612), começando o prazo a escoar no dia útil subsequente, dia 11.04.2019 (quinta-feira) e encerrando-se em 28.05.2019 (terça-feira) — excluiu-se do cômputo do do prazo os dias 17, 18 e 19 de abril e 1º de maio, pois não houve expediente no e. TRF3 de acordo com a portaria nº 04, de 29.08.2018 em anexo. Portanto, é tempestivo o recurso especial protocolado nesta data.

2.3 DA REPERCURSSÃO GERAL DA QUESTÃO CONTROVERTIDA

Com o advento da Lei nº 11.418/2006, foi regulamentado o art. 102, § 3º, da Constituição Federal, fruto da Emenda Constitucional nº 45/04, o qual estabeleceu como requisito de admissibilidade para a interposição de recurso extraordinário a demonstração da repercussão geral da questão constitucional arguida.

A respeito da demonstração da repercussão geral da questão constitucional, dispõe o do art. 1.035, §1º, do CPC:

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

3

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



615
8

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

"Art. 1.035. (...)

§ 1º - Para efeito de repercussão geral, será considerada a existência ou não de questões relevantes do ponto de vista econômico, político, social ou jurídico que ultrapassem os interesses subjetivos do processo." (grifou-se).

A atuação do Ministério Público Federal (art. 129, III, da CF), por meio da presente Ação Civil Pública, busca assegurar que, através da retirada de todos os símbolos de qualquer religião ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público em prédios pertencentes à ré no Estado de São Paulo, sejam preservadas a laicidade por meio da neutralidade religiosa por parte do Poder Público, a liberdade religiosa de parcela da sociedade, a igualdade e a impessoalidade.

Com efeito, a preservação da laicidade por meio da neutralidade religiosa por parte do Poder Público certamente transcende a esfera jurídica das partes no processo, atingindo frontalmente direitos e interesses que pertencem a toda a coletividade.

Vale dizer, interessa a toda a coletividade que o Estado brasileiro trate de forma isonômica toda a gama de religiões cultuadas no país e também aqueles que não possuem credo, sem se vincular a qualquer tipo de manifestação religiosa, favorecer ou criar embaraço a qualquer tipo de crença.

Há, pois, um interesse de toda a sociedade brasileira em ver solucionada a lide no seu mais estreito enquadramento constitucional, não só porque axiologicamente é relevante, mas também porque pragmaticamente se conecta com o direito ao pluralismo religioso, que merece proteção das instituições jurídicas e políticas de forma a preservar a coexistência pacífica entre pessoas que professam as mais variadas religiões ou que não professam nenhuma.

Assim, o caso que ora se debate é de grande relevância social ultrapassa os limites subjetivos do processo, uma vez que interessa a toda Sociedade.

2.4 DO PREQUESTIONAMENTO

O mérito do presente recurso extraordinário refere-se ao disposto nos artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal, que asseguram a liberdade de consciência e crença religiosa, o tratamento isonômico e impessoal por parte do Poder Público, inclusive no tocante à questões religiosas.

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

4

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

A matéria foi devidamente prequestionada, sob o ângulo da violação à Constituição, conforme se depreende da leitura de todas as peças processuais acostadas aos autos, bem como do excerto do v. Acórdão, 608 v, *in verbis*, " (...) o juízo não está adstrito a examinar a exaustão todos os argumentos trazidos no recurso se estes não forem capazes de infirmar a conclusão adotada, sem qualquer violação ao disposto no artigo 489, § 1º, inciso VI, do Código de Processo Civil, bastando que decline fundamentos suficientes para lastrear sua decisão e resolver a questão. (...) "

Ressalte-se que, como o v. Acórdão não enfrentou expressamente todos os argumentos deduzidos pelo Ministério Público Federal, foram opostos embargos de declaração, que não foram acolhidos.

Com base no artigo 1.025 do Código de Processo Civil, entende-se, na esteira dos ensinamentos de Daniel Amorim Assumpção Neves¹, que:

"(...) mesmo diante da rejeição dos embargos, caberá recurso especial contra acórdão originário, e, mesmo que o tribunal superior entenda que realmente houve o vício apontado nos embargos de declaração e não saneado pelo tribunal de segundo grau, considerará a matéria prequestionada".

Na mesma linha, Luiz Guilherme Marinoni, Sérgio Cruz Arenhart e Daniel Mitidiero² sustentam que:

"Muitas vezes os embargos declaratórios são utilizados como meio de prequestionamento de questões constitucionais ou de questões federais, isto é, são utilizados como meio de provocar a pronúncia do órgão julgador a respeito da aplicação de determinadas normas constitucionais ou federais ao caso concreto. Nesses casos, os embargos são normalmente fundados na omissão (art. 1.022, II, CPC). Contudo, pode ocorrer de, mesmo existindo omissões, o órgão jurisdicional não as reconhecer, o que poderá ocasionar a indevida inadmissão ou rejeição do recurso. A fim de evitar duplicações recursais (um primeiro recurso especial voltado a analisar a violação do art. 1.022 CPC, e um segundo voltado a analisar a questão anteriormente omitida de forma indevida), o novo Código refere que se consideram 'incluídos no acórdão os elementos que o embargante pleiteou, para fins de prequestionamento, anda que os embargos de declaração sejam inadmitidos ou rejeitados, caso o tribunal superior considere existentes erro, omissão, contradição ou

¹NEVES, Daniel Amorim Assumpção. Novo Código de Processo Civil Comentado. Salvador: Ed. Juspodvm, 2016, p. 1725.

²MARINONI, Luiz Guilherme. ARENHART, Sérgio Cruz. MITIDIERO Daniel. Novo Código de Processo Civil Comentado. 3ª ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2017, pp. 1.104/1.105.

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS



616

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

obscuridade' (art. 1.025, CPC). Vale dizer: o novo Código reconheceu a possibilidade de os embargos de declaração viabilizarem o reconhecimento direto das omissões apontadas pelo órgão responsável por julgar o recurso extraordinário ou o recurso especial que os embargos declaratórios visam a preparar, quando opostos das decisões dos Tribunais Regionais Federais e dos Tribunais de Justiça".

Logo, afere-se que a matéria objeto do presente recurso extraordinário encontra-se devidamente prequestionada.

Ressalte-se que, tendo em vista o posicionamento manifestado pelo Superior Tribunal de Justiça no sentido de que "a admissão de prequestionamento ficto (art. 1.025 do CPC/15), em recurso especial exige que no mesmo recurso seja indicada violação ao art. 1.022 do CPC/15, para que se possibilite ao Órgão julgador verificar a existência do vício inquinado ao acórdão, que uma vez constatado, poderá dar ensejo à supressão de grau facultada pelo dispositivo de lei" (REsp 1.639.314/MG, Rel. Ministra NANCY ANDRIGHI, TERCEIRA TURMA, julgado em 04/04/2017, DJe de 10/04/2017), ad cautelam, o recurso especial interposto apontou a violação do art. 1.022 c/c o art. 489 do CPC e este recurso extraordinário também aponta violação aos arts. 5º, XXXV e 93, IX da Constituição Federal.

2.5 – DA DESNECESSIDADE DE REEXAME PROBATÓRIO (SÚM. 279 DO STF)

O provimento do Recurso que ora se interpõe prescinde do reexame do conjunto fático probatório dos autos, o que é manifestamente incabível na via extraordinária (súm. 279/STF).

Para a avaliação das violações apontadas, faz-se necessária tão-somente a análise dos dispositivos constitucionais atinentes à hipótese, bem como a análise da decisão recorrida, sendo despendida qualquer tipo de valoração das provas existentes nos autos.

Com efeito, o Ministério Público Federal requer a retirada de símbolos religiosos de qualquer religião de locais de ampla visibilidade nas repartições públicas federais no Estado de São Paulo, sob o amparo dos princípios da laicidade estatal, da liberdade de crença, isonomia e impessoalidade (artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, todos da Constituição Federal).

Como se vê, as alegações que pautam o presente recurso tratam de matéria exclusivamente de direito, não havendo qualquer revolvimento do conjunto fático - probatório dos autos.

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

6

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

III – DAS RAZÕES DO PEDIDO DE REFORMA

O acórdão de fls. 579/584 e 606/610, caso não fosse nulo, mereceria reforma.

Preliminarmente, cumpre arguir a negativa de prestação jurisdicional, pois o julgado recorrido, ao afastar os embargos de declaração opostos pelo Ministério Público Federal, manteve o silêncio jurisdicional do acórdão de fls. 579/584.

As omissões, contradições e obscuridades contidas no acórdão de fls. 579/584 restaram amplamente demonstradas, eis que, conforme devidamente alegado nos aclaratórios de fls. 587/594, a decisão deixou de apreciar os fundamentos relativos aos **artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, todos da Constituição Federal**.

Houve, ainda, obscuridades e contradições, conforme se depreende da leitura dos aclaratórios.

Não obstante a oportuna impugnação recursal, a resposta aos aclaratórios foi puro silêncio, ensejando evidente negativa de jurisdição.

Ao se negar a emprestar ao julgado a completude pleiteada pelo Parquet, bem como deixar de prestar os necessários esclarecimentos às questões postas a juízo, o acórdão contra o qual ora se insurge nitidamente violou o art. 5º, XXXV, bem como o inciso IX do art. 93, ambos da Constituição Federal:

"Art. 5º. (...)

XXXV - a lei não excluirá da apreciação do Poder Judiciário lesão ou ameaça a direito;"

"Art. 93. (...)

IX todos os julgamentos dos órgãos do Poder Judiciário serão públicos, e fundamentadas todas as decisões, sob pena de nulidade, podendo a lei limitar a presença, em determinados atos, às próprias partes e a seus advogados, ou somente a estes, em casos nos quais a preservação do direito à intimidade do interessado no sigilo não prejudique o interesse público à informação;" (grifou-se)

As normas constitucionais acima transcritas preveem a exigência de fundamentação das decisões judiciais, sejam interlocutórias, sentenças ou acórdãos, o que não ocorreu na hipótese vertente.

Diante de tais considerações, deve ser acolhida a preliminar suscitada, para ser declarado nulo o julgado de fls. 579/584, im-

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

7

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



617

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

pondo-se o retorno dos autos ao Tribunal de origem, para que outro seja prolatado, enfrentando as questões suscitadas pelo MPF.

Na eventualidade de ser superada a preliminar de nulidade arguida, passa-se à análise do mérito.

Conforme bem registrado na petição inicial, a presente Ação Civil Pública tem por escopo a promoção da liberdade religiosa de todos os cidadãos que ingressam diariamente nas repartições públicas do Estado de São Paulo, por meio de obtenção de decisão judicial que obrigue a União a retirar dos locais de ampla visibilidade e atendimento ao público, os símbolos de qualquer religião, tudo sob o amparo da laicidade estatal, da liberdade de crença e religiosa.

Assim sendo, o acórdão recorrido ao manter a r. sentença de improcedência violou os artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, todos da Constituição Federal, conforme será demonstrado adiante.

Embora a maioria populacional professe religiões de origem cristã (católicos ou evangélicos), o Brasil optou por ser um Estado laico, em que não existe vinculação entre o Poder Público e uma determinada igreja ou religião, conforme se infere da redação do artigo 19, inciso I da Constituição Federal, in verbis:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I- estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Além disso, é a todos assegurada a liberdade de consciência e crença religiosa, nos termos do artigo 5º, inciso VI, da Constituição Federal abaixo transcrito:

*Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
(...)*

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

8

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

Em primeiro lugar, não merece prosperar o entendimento manifestado no acórdão recorrido no sentido de que a permanência de símbolos religiosos nos prédios públicos é uma expressão da liberdade religiosa.

Com efeito, na verdade, sabe-se muito bem que a liberdade religiosa que está sendo garantida neste caso é *pessoal*. São os indivíduos que possuem liberdade religiosa, conforme o artigo 5º, VI, acima citado, que dispõe sobre direitos e garantias *individuais*.

Portanto, ao se defender a liberdade das autoridades em expor em local público de destaque o símbolo da religião que praticam clara ofensa ao princípio da IMPESSOALIDADE previsto no artigo 37, da Constituição Federal, *in verbis*:

Art. 37. A administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, ao seguinte: (...)

No tocante à afirmação de que há diversas referências religiosas na esfera pública como ruas e cidades com nomes de figuras religiosas e feriados de cunho religioso, vale lembrar que nomes de ruas, de cidades e fixação de feriados são fruto de lei, ou seja, há um mínimo de autonomia do Legislativo e de representatividade popular nessa escolha, o que NÃO OCORRE na escolha do *símbolo* que será fixado nas salas de tribunais, por exemplo.

Além disso, como asseverado tantas vezes no curso da ação, não se pretende a aplicação do princípio da laicidade em termos absolutos. É necessário que, em cada caso, realize-se uma ponderação entre os princípios constitucionais envolvidos, sendo que em alguns casos, como nos feriados, justifica-se algum tipo de suporte estatal à religião, o que não ocorre no caso dos símbolos religiosos em prédios públicos.

Conforme explicação do Professor Daniel Sarmiento, em artigo colacionado às fls. 53/61:

"(...) a laicidade não incide em termos absolutos, como as regras, que tendem a operar de acordo com a lógica do 'tudo ou nada'. Neste quadro, certas medidas que impliquem em algum tipo de suporte estatal à religião podem ser consideradas constitucionalmente legítimas, se forem justificáveis a partir de razões não-religiosas, relacionadas à proteção de outros bens jurídicos também acolhidos pela Constituição, cujo peso, no caso concreto, sobrepuje a tutela constitucional da laicidade.

É o caso da conservação de igrejas barrocas ou de monumentos turísticos com conotação religiosa, em que a ação do Estado decorre da sua missão de proteção do patrimônio histórico, artístico, cultural e paisagístico. É também, creio eu, a hipótese de pelo menos alguns feriados religiosos como Natal e Páscoa, em que a proteção da liberdade de religião da maioria

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

9

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



618

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

pode justificar que se lhe conceda a possibilidade de celebração da data, que poderia ficar comprometida caso houvesse a obrigação de trabalhar naquele dia.

Não é essa, contudo, a situação dos crucifixos nos tribunais. Aqui, não há ponderação de interesses possível, uma vez que não se vislumbra qualquer bem jurídico de estatura constitucional ou mesmo legal que seja promovido com a manutenção destes símbolos religiosos nas cortes de justiça do país."

Lamentavelmente, há que se admitir que o *único* bem jurídico protegido nessa conduta, como constou do v. Acórdão, é a liberdade - de religião e de expressão - pessoal das autoridades, atentando, contudo, contra a liberdade de crença dos cidadãos que procuram o serviço público e não são católicos.

Isto, como já foi dito, fere o princípio da impessoalidade, mas não apenas. Fere tragicamente o princípio da não discriminação. (artigo 3º, IV, e artigo 5º caput, da Constituição Federal.

Com efeito, o artigo 3º, VI, da Constituição Federal, dispõe que:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

(...)

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Ao se optar por símbolos religiosos, discrimina-se aqueles que não possuem religião; ao se optar por um símbolo que remete ao cristianismo, discrimina-se os que praticam religiões não cristãs; ao se optar por um símbolo que reflete uma imagem de figura sagrada, discrimina-se as religiões cristãs, que vedam o uso de imagens.

Com efeito, a presença de símbolos religiosos nas repartições públicas demonstra que o Estado Estabelece diferenças entre credo, crenças, privilegiando uns e ignorando os demais.

Também não há que se falar que o uso de símbolos religiosos não impõe qualquer restrição aos que professam outras crenças ou aos que não professam crença alguma.

Se já há um crucifixo na sala do Tribunal, por exemplo, como fazer para que eventualmente existam outros símbolos? A presença do crucifixo implicitamente veda o uso de outro símbolo.

E se houvesse um acordo entre todos para que os símbolos fossem periodicamente substituídos? Seria uma excrescência, pois as

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100

GBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

10

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

autoridades que trabalham em determinado local não são representantes ou mandatários do público que precisa frequentá-lo. Na verdade, tais autoridades são, em geral, servidores públicos, ou seja, possuem o dever de tratar a todos com igualdade, impessoalidade e eficiência.

Tais princípios acabam por ser totalmente ignorados ao se ferir um cidadão que deve ser atendido no local com uma imagem que é absolutamente contrária à fé que ele professa, ou a “não fé”, que defende.

Também não assiste razão à E. Turma Julgadora ao afirmar que o uso de símbolos religiosos não causa prejuízo ou dano aos que professam outras crenças ou aos que não professam crença alguma.

Isso porque onde há discriminação há lesão, ainda que apenas moral, independentemente de comprovação específica.

Nesse sentido, ensina Sérgio Calavieri Filho³:

“Entendemos, todavia, que por se tratar de algo imaterial ou ideal, a prova do dano moral não pode ser feita através dos mesmos meios utilizados para a comprovação do dano material. Seria uma demasia, algo até impossível, exigir que a vítima comprove a dor, a tristeza ou a humilhação através de depoimentos, documentos ou perícia; não teria ela como demonstrar o descrédito, o repúdio ou o desprestígio através dos meios probatórios tradicionais, o que acabaria por ensejar o retorno à fase da irreparabilidade do dano moral em razão de fatores instrumentais.”

Na verdade, essa assertiva, de que não há prejuízo aos demais cidadãos, é uma presunção que, inclusive, contraria os próprios depoimentos constantes dos autos, o que pode ser observado de sua simples leitura.

Destaca-se, nesse sentido, os elucidativos depoimentos de, respectivamente, Alcionei Miranda Feliciano, Pastor da Igreja Assembleia de Deus e de Rubens Sternschein, Rabino da Congregação Israelita Paulista (fls. 422/423), sobre os quais os i. Desembargadores Relatores não se manifestaram:

“O depoente vê a utilização de crucifixos em prédios públicos como um resquício do período imperial, onde a Igreja Católica era a oficial do império. É importante colocar que o crucifixo não simboliza o Cristianismo de forma genérica, mas é um símbolo oficial da Igreja Católica. Porque os protestantes até se utilizam da cruz, mas em nenhuma hipótese com Cristo Crucificado. Logo, toda vez que existe um Cristo crucificado, remete-se à Igreja Católica. Para os cristãos chega-se a tolerar

³ CAVALIERI FILHO, Sérgio, *Programa de Responsabilidade Civil*, 7ª ed., rev. e amp. SP: Atlas, 2007, p. 83.

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100

CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS



619

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

por conta do fator histórico, mas é claro o privilégio da Igreja Católica em detrimento das demais religiões. O crucifixo não remete à ideia, como defendido pela comunidade católica, de paz, amor, tolerância, mas para as religiões afros, a cruz símbolo da Igreja Católica, traz consigo a ideia de perseguição, intolerância, privilégios, etc. (...)

Se encontrasse a imagem de fl. 374 em uma sala de audiências, a testemunha teria uma sensação horrível, até porque a imagem remete a princípios e valores diferentes dos do depoente e o Estado não pode defender os princípios de nenhuma religião (...)
Perguntado se o crucifixo incomoda a testemunha, respondeu que incomoda porque deixa claro os resquícios dos benefícios concedidos à igreja majoritária em detrimento das minoritárias"

* * *

"O depoente informou (...) que reconhece apenas [as figuras] de fls. 374/377 como imagens de religiões orientais e africanas. Que reafirma que nenhuma delas seria ofensiva, mas que a presença de qualquer delas afetaria a neutralidade do ambiente e qualquer pessoa que não professasse a religião simbolizada poderia incidir num sentido de falta de pertencimento (...) Que já havia mencionado que a presença de crucifixos nos Tribunais remete à uma forma de sectarismo (...) que existe a possibilidade de que determinadas pessoas possam se sentir agredidas ou que tais fatos possam demonstrar certa predileção do Estado por uma dada religião

Ademais, contrariamente ao sustentado no acórdão recorrido, a exposição de símbolos de apenas uma religião da religião católica expostos nos prédios públicos é que se mostra uma atitude de intolerância em relação às demais religiões e sua retirada é que se coaduna com o pluralismo da sociedade brasileira.

Por sua vez, no tocante ao juízo de ponderação realizado no acórdão, que manteve o entendimento esposado na r. sentença, vê-se que novamente não foram considerados os argumentos do parquet federal lançados em seu recurso de apelação.

Com efeito, consta no acórdão que:

"É certo que, diante do conflito entre direitos fundamentais, impõe-se a adoção de um juízo de ponderação, buscando-se identificar em qual dimensão deve um direito fundamental preponderar quando contraposto a outro direito também fundamental.

À luz da regra da proporcionalidade, deve-se sopesar a intensidade da restrição de um direito fundamental e a importância da realização do direito fundamental diante do qual o primeiro se opõe.

Assim, no caso dos autos, o direito invocado pelo autor, de liberdade de crença dos demais integrantes da sociedade brasileira, não deve prevalecer de modo a implicar a retirada de

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100

CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

12

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

quaisquer símbolos religiosos existentes em locais de atendimento ao público no âmbito da administração federal, no Estado de São Paulo.

Diante dessa conclusão, não se está a eliminar o direito de minorias religiosas, mas sim conciliar os bens jurídicos em conflito.

A tolerância com símbolos religiosos é a solução que mais se aproxima do primado constitucional de liberdade religiosa e da proteção de aspectos culturais da sociedade, afastando-se, dessa forma, o Estado Brasileiro de uma indesejável posição laicista, de conflito com a fé."

Entretanto, conforme alegado pelo *parquet* (fls. 505/506v), os direitos sociais, nos quais se enquadram o direito à cultura e à preservação do patrimônio cultural, "são concebidos como instrumentos destinados à efetiva redução e/ou supressão de desigualdades, segundo a regra de que se deve tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na medida de sua desigualdade"⁴. Desse modo, não se pode admitir a ostentação de símbolos religiosos católicos em prédios públicos sob a alegação de pertencerem ao patrimônio cultural brasileiro, uma vez que ocasiona o tratamento desigual de cidadãos na mesma situação de busca por serviços estatais, privilegiando-se aqueles que professam a religião cujos símbolos encontram-se expostos. Tal tratamento desigual contraria a própria finalidade dos direitos sociais.

Ainda quanto ao conflito jurídico entre os princípios da igualdade e liberdade de crença, consubstanciado nos direitos dos cidadãos de serem atendidos em prédios públicos sem a presença de símbolos religiosos que não se coadunam com as suas convicções, frente ao direito à cultura, consistente na manutenção de símbolos pertinentes ao Catolicismo em prédios públicos diante da carga cultural que carregam, o Ministério Público Federal afirmou, em sua apelação, a necessidade de basear a interpretação de acordo com os princípios da concordância prática e da eficácia integradora, o que não foi realizado pelos Exmos. Desembargadores.

Com efeito, a decisão do acórdão, na mesma linha da sentença, não gera harmonização dos direitos constitucionais em conflito, pois nega efetividade ao princípio da igualdade e à plena liberdade de crença de parcela da sociedade brasileira em prol do direito à cultura dos católicos, bem como não promove a "integração social, já que mantém situação prejudicial à noção de pertencimento e participação na gerência das res pública de cidadãos que não professam as religiões cujos símbolos continuarão exibidos em prédios públicos nos quais necessitem transitar.

Caso o acórdão tivesse trilhado o sentido contrário, no sentido da retirada dos símbolos em voga de prédios públicos, estar-se-ia aten-

⁴MENDES, Gilmar Ferreira. Curso de Direito Constitucional/ Gilmar Ferreira Mendes, Inocência Mártires Coelho, Paulo Gustavo Gonet Branco, 3 ed. Rev. e Atual. São Paulo, 2008, p. 172.

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100

CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS



620/

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

dendo aos princípios hermenêuticos citados; bem como seria conferida efetividade aos princípios da igualdade, da liberdade de crença e do direito à cultura. No que tange ao simbolismo da Igreja Católica, este continuaria resguardado por meios das inúmeras obras, monumentos e templos pertencentes a essa religião que se encontram tutelados por meio de instrumentos de proteção de patrimônio histórico e cultural brasileiro.

Quanto à alegação de que o uso de símbolos religiosos, especialmente do Catolicismo, tem aspecto cultural no Brasil, o *parquet* sustentou que, para se identificar de fato a "cultura brasileira" há a necessidade de se levar em consideração os traços de miscigenação e de consequente multiculturalidade do processo de formação da nossa sociedade.

Em que pese a destacada influência da Igreja Católica nos tratos políticos e sociais da história do Brasil, os símbolos das demais religiões professadas no Brasil também possuem fortes traços culturais. Tem-se, por exemplo, os símbolos das religiões umbandistas, com notório vínculo à etnia africana, as religiões protestantes, com forte relação com os imigrantes europeus, e o budismo, professado pelos imigrantes orientais.

Afirmou que, assim como os símbolos da religião católica têm forte conotação cultural em razão da participação dos portugueses na formação da sociedade brasileira, os símbolos de outras religiões tais quais as discriminadas acima também possuem referida conotação, já que as etnias e povos com os quais possuem relação também tiveram participação no processo de formação de nossa sociedade.

Assim, o *parquet* sustentou não haver que se falar em merecimento de tratamento especial pelos símbolos da religião católica em detrimento dos símbolos de outras religiões professadas no país, restando configurada situação de privilégio no tratamento diferenciado conferido aos elementos representativos daquela religião – nítida ditadura da maioria -, em dissonância com os ditames do princípio da igualdade.

Nesse aspecto, ressalte-se, ainda, passagem de acórdão proferido no TJRS, colacionado às fls. 513/521:

"Por fim, poder-se-ia argumentar com a tradição do uso de crucifixos em espaços públicos no Brasil, não havendo dúvidas a respeito de que tradicionalmente são utilizados tais símbolos religiosos.

No entanto, **absolutamente não é papel do Judiciário legitimar acriticamente qualquer tradição social, especialmente se excludente ou inconstitucional.** Já não se discute, na atualidade, o legítimo papel do Direito que se opõe à idéia de meramente afirmar práticas hegemônicas da maioria social, mesmo que contrárias ao texto constitucional. Ademais, **o princípio democrático contramajoritário justificaria plenamente a defesa de eventuais minorias quanto ao abuso das práticas**

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100

CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

14

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

religiosas da maioria, especialmente as de raiz inconstitucional.

O nepotismo, por exemplo, foi uma prática tradicional no Brasil. Tradicionalmente houve uma certa promiscuidade entre o público e o privado. Não obstante, está sendo superado o nepotismo porque sobre tal "tradição" o Judiciário, devidamente provocado, teve uma abordagem crítica que considerou tal prática inconstitucional exatamente por violar, de igual modo, o princípio da impessoalidade na administração pública.

Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, de acordo com o artigo 3º da Constituição de 1988, dentre outros, promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

O cidadão judeu, o muçulmano, o ateu, ou seja, o não cristão, é tão brasileiro e detentor de direitos quanto os cristãos. Tem ele o mesmo direito constitucionalmente assegurado de não se sentir discriminado pela ostentação, em local estatal e por determinação do administrador público, de expressivo símbolo de uma outra religião, ainda que majoritária, que não é a sua" (fls. 520).

Na mesma linha, conforme ensina Daniel Sarmento, no artigo de fls. 53/61:

"A afirmação de que seria anti-democrática a retirada dos tribunais dos símbolos religiosos associados ao cristianismo padece de vários equívocos conceituais. Em primeiro lugar, ela parte da premissa não comprovada de que, sendo a população brasileira majoritariamente cristã, esta mesma maioria apoiaria necessariamente o endosso simbólico da sua fé pelo Estado. Ocorre que muitas pessoas religiosas - provavelmente a maior parte delas - têm plena consciência sobre a necessidade de separação entre a religião e poder público e não concordam com práticas que sinalizem o endosso estatal de qualquer fé, ainda que seja a da sua própria confissão.

Mas, ainda que a maioria da população apoiasse manifestações simbólicas de preferência estatal por uma determinada religião, tal fato não bastaria para tornar esta medida democrática. Isto porque, a democracia não se confunde com o simples governo das maiorias, pressupondo antes o respeito a uma série de direitos, procedimentos e instituições, que atuam para proteger as minorias e assegurar a possibilidade de continuidade da empreitada democrática ao longo do tempo. Na verdade, o ideário do constitucionalismo, e a sua concretização, através da adoção de uma constituição rígida munida de mecanismos de jurisdição constitucional, já indicam a rejeição de qualquer concepção que identifique a democracia com o predomínio irrestrito da vontade das maiorias. A ideia do entrincheiramento constitucional de direitos fundamentais, por exemplo, baseia-se na concepção de que há direitos tão importantes que não podem ser deixados ao sabor da vontade das maiorias nem na dependência de meros cálculos de utilidade social. A proteção constitucional destes direitos, ao impor limites para as maiorias, não é incompatível com a democracia, mas antes garante os pressupostos necessários para o seu bom funcionamento. Não é

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

15

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

por acaso que as democracias mais estáveis são também aquelas em que os direitos fundamentais de todos, inclusive das minorias, são mais respeitados.

Ora, a laicidade do Estado é, no Direito brasileiro, um princípio constitucional, que, nesta qualidade, foi posto ao abrigo da vontade das maiorias. Trata-se de um princípio diretamente correlacionado aos direitos fundamentais à liberdade religiosa e à igualdade, como já assinalado neste estudo, cujo respeito, portanto, deve ser visto não como um entrave à democracia, mas como um mecanismo essencial ao seu funcionamento, numa sociedade marcada pelo pluralismo religioso e mundivisional." (fls.58v-59, grifos nossos)

Por fim, deve-se destacar decisões do Tribunal Constitucional Federal Alemão e do próprio STF que também não foram consideradas no v. acórdão.

Com efeito, o Tribunal Constitucional Federal Alemão, em duas decisões citadas no curso da ação e na apelação, apontou a inconstitucionalidade da presença de crucifixos em sala de aula do ensino público fundamental. Vejamos:

"O art. 4, I, da Lei Fundamental deixa a critério do indivíduo decidir quais símbolos religiosos serão por ele reconhecidos e adorados e quais serão por ele rejeitados. Em verdade, não tem ele direito, em uma sociedade que dá espaço a diferentes convicções religiosas, a ser poupado de manifestações religiosas, atos litúrgicos e símbolos religiosos que lhe são estranhos. Deve-se diferenciar disso, porém, uma situação criada pelo Estado, na qual o indivíduo é submetido, sem liberdade de escolha, à influência de uma determinada crença, aos atos nos quais ela se manifesta, e aos símbolos pelo meio dos quais ela se apresenta (...) **O Estado, no qual convivem seguidores de convicções religiosas e ideológicas diferentes, ou mesmo opostas, apenas pode assegurar suas coexistências pacíficas quando ele mesmo se mantém neutro em questões religiosas** (...) Isto não se dá em razão da representatividade numérica ou da relevância social de uma crença. O Estado tem que, pelo contrário, observar um tal tratamento das diferentes comunidades religiosas e ideológicas que seja representado pelo princípio da igualdade" (fls. 505 e 516/517, grifos nossos)⁵

Em voto proferido na ADPF 54/DF, o ministro Marco Aurélio de Mello também tece relevantes considerações sobre o tema:

"Conclui-se que, a despeito do preâmbulo, destituído de força normativa – e não poderia ser diferente, especialmente no tocante à proteção divina, a qual jamais poderia ser judicialmente exigida –, o Brasil é um Estado secular

⁵ Transcrição de trechos reproduzidos em Jurgén Schwbe. Cinquenta anos de jurisprudência do Tribunal Constitucional Federal Alemão. Trad. Leonardo Martins et alli. Montevideo: Konrad Adenauer Stiftung, 2005, p. 366-376.

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.8100

CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

tolerante, em razão dos artigos 19, inciso I, e 5º, inciso VI, da Constituição da República. Deuses e césares têm espaços apartados. O Estado não é religioso, tampouco é ateu. O Estado é simplesmente neutro.

Merece observação a temática afeta aos crucifixos e a outros símbolos religiosos nas dependências públicas. A discussão voltou à balha com a recente decisão do Conselho Superior da Magistratura do Estado do Rio Grande do Sul no sentido da retirada dos símbolos religiosos dos espaços públicos dos prédios da Justiça estadual gaúcha.

Ao contrário dos tempos imperiais, hoje, reafirmo, a República Federativa do Brasil não é um Estado religioso tolerante com minorias religiosas e com ateus, mas um Estado secular tolerante com as religiões, o que o impede de transmitir a mensagem de que apoia ou reprovava qualquer delas[20].

Há mais. Causa perplexidade a expressão “Deus seja louvado” contida nas cédulas de R\$ 2,00, R\$ 5,00, R\$ 10,00, R\$ 20,00, R\$ 50,00 e R\$ 100,00, inclusive nas notas novas de R\$ 50,00 e R\$ 100,00, essas últimas em circulação a partir de 13 de dezembro de 2010. Em princípio, poder-se-ia cogitar de resquício da colonização portuguesa, quando era comum a emissão de moedas com legendas religiosas, ou de prática advinda do período imperial. Diligência junto ao Banco Central, no entanto, revelou que o Conselho Monetário Nacional – CMN, ao aprovar as características gerais das cédulas de Cruzados e de Cruzeiros, recomendou, de acordo com orientação da Presidência da República, que nelas fosse inscrita a citada locução. Nas cédulas de Cruzados, começou, então, a ser utilizada inclusive naquelas que tiveram a legenda adaptada: Cz\$ 10,00 (Rui Barbosa), Cz\$ 50,00 (Oswaldo Cruz) e Cz\$ 100,00 (Juscelino Kubitschek) – Voto CMN 166/86, Sessão 468, de 26 de junho de 1986. Quando voltou a vigorar o padrão Cruzeiro (1990), foi suprimida no início, inclusive nas que tiveram a legenda adaptada: Cr\$ 100,00 (Cecília Meireles), Cr\$ 200,00 (República) e Cr\$ 500,00 (Ruschi). Voltou a ser usada a partir da cédula de Cr\$ 50.000,00 (Câmara Cascudo), em 1992, com base no Voto CMN 129/91– Sessão 525, de 31 de julho de 1991. No início do padrão Real, foi retirada, mas retornou, após a emissão de algumas séries, em observância ao pedido do Ministro da Fazenda (Aviso nº 395, de 30 de março de 1994, do Ministério da Fazenda, Voto BCB/221, Sessão 1.577, de 8 de junho de 1994, Comunicado MECIR 4.050, de 20 de julho de 1994)

Vê-se, assim, que, olvidada a separação Estado-Igreja, implementou-se algo contrário ao texto constitucional. A toda evidência, o fato discrepa da postura de neutralidade que o Estado deve adotar quanto às questões religiosas. Embora não signifique alusão a uma religião específica, “Deus seja louvado” passa a mensagem clara de que o Estado ao menos apoia um leque de religiões – aquelas que creem na existência de Deus, aliás, um só deus, e o veneram – o que não se coaduna com a neutralidade que há de ditar os atos estatais, por força dos mencionados artigos 5º, inciso VI, e 19, inciso I, da Constituição da República. Desses dispositivos resulta, entre outras consequências, a proibição de o Estado endossar ou rechaçar qualquer corrente confessional” (ADPF 54, Relator(a): Min.

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

17

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61

Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

MARCO AURÉLIO, Tribunal Pleno, julgado em 12/04/2012,
páginas 39/41)

Relativamente à alegação de que o próprio preâmbulo da Constituição Federal ostenta expressão religiosa, o deslize de uns não pode justificar outros. Na verdade, a colocação da expressão "em nome de Deus" no Preâmbulo da Constituição foi objeto de ampla discussão na época. Optou-se pelo termo "Deus" que abrange o maior número possível de religiões e que desagradaria apenas a ateus e politeístas. Estes, por sua vez, exatamente pela não crença na entidade, teriam uma suscetibilidade menor.

Mesmo assim, a rigor, foi um deslize, mas muito menor do que as gritantes imagens de crucifixo pelos tribunais afora discriminando conscientemente populações inteiras; chocando, sem qualquer autorização legal, os olhos e corações de milhões de pessoas.

Assim sendo, o acórdão recorrido negou vigência aos artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37 da Constituição Federal.

IV – DO PEDIDO

Pelo exposto, o Ministério Público Federal **requer que o Supremo Tribunal Federal conheça e dê provimento ao presente recurso extraordinário**, reformando-se o acórdão prolatado pelo Tribunal Regional Federal da 3ª Região, caso não seja sua cristalina nulidade, com o reconhecimento da violação aos dispositivos constitucionais elencados.

São Paulo, 16 de abril de 2019.


ALICE KANAAN
PROCURADORA REGIONAL DA REPÚBLICA

CBLF

Processo nº 0017604-70.2009.4.03.6100
CBLF/AK/Processos Tutela Coletiva/Físicos/NCDS

18

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO
Subsecretaria da Quarta Turma

Processo nº 00176047020094036100

CERTIDÃO

Certifico que, nesta data, INTIMEI pessoalmente a **Advocacia-Geral da União - AGU** do v. Acórdão retro, mediante vista com remessa dos autos (carga no Siapro), nos termos do art. 183, § 1º, com observância do art. 234 e §§ do Novo CPC (Lei nº 13105/15).

São Paulo, 06 de maio de 2019.

Ruy Leão da Rocha Neto – RF 1485

UTU4

CIÊNCIA DE ACÓRDÃO

Em São Paulo, na data supra, a **Advocacia-Geral da União - AGU**, por seu (sua) procurador(a), dá-se por ciente do(a) v. acórdão e:

- ☐ Nada a requerer// Manifesta seu desinteresse na interposição de recurso
☒ Manifestar-se-á em separado.

Ariane Aghinoni Fantin
Advogada da União
Procuradoria Regional da União
da 3ª Região SP/MS
Advocacia-Geral da União - AGU

RECEBIMENTO

Nesta data, recebi os presentes autos em Subsecretaria.

São Paulo, 23/05/2019.

[Assinatura] – RF - 1485
Subsecretaria da Quarta Turma

UTU4

REMESSA E CIÊNCIA AGU: acórdão



TRF3 – 17/mai/2019 – 17:09



2019.072752 – COR/UTU4

GR

TRF3 – JUNTA DA SP, 27/05/199

dmc-EST

Servidor/RS

ADVOCACIA-GERAL DA UNIAU
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DESEMBARGADOR FEDERAL VICE
PRESIDENTE DO EGRÉGIO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA
TERCEIRA REGIÃO.

Processo nº 0017604-70.2009.403.6100

Impetrante: Ministério Público Federal

Recorrido: União Federal

A UNIÃO, nos autos do processo em epígrafe, por sua
procuradora infra-assinada, vem à presença de Vossa Excelência,
apresentar suas

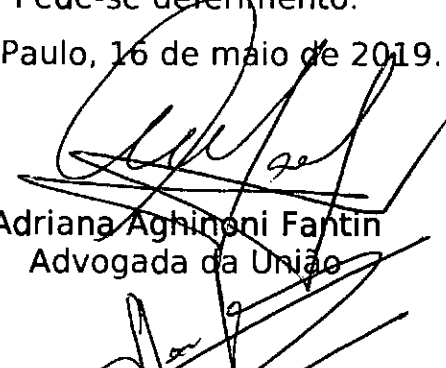
CONTRARRAZÕES EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO,

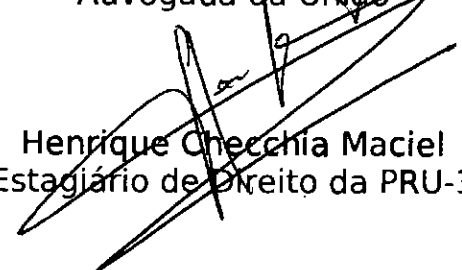
Espera seja o recurso extraordinário do impetrante
inadmitido ou, ainda, desprovido pelo C. Supremo Tribunal Federal.

Termos em que,

Pede-se deferimento.

São Paulo, 16 de maio de 2019.


Adriana Aghinoni Fantin
Advogada da União


Henrique Checchia Maciel
Estagiário de Direito da PRU-3

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

CONTRARRAZÕES DE RECURSO EXTRAORDINARIO

Colendo Tribunal,

Eméritos Ministros:

I – DOS FATOS DA CAUSA:

A presente Ação Civil Pública foi proposta pelo MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL para o fim de que seja condenada a ré UNIÃO à obrigação de fazer, consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos ostentados em locais de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo.

Afirma a parte autora, em sua inicial, que fora instaurado na Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, o procedimento administrativo n.º 1.00.000.001411/2007-41 para apurar a notícia de ostentação de símbolo religioso afixado em locais proeminentes e de ampla visibilidade dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, a partir de representação protocolizada pelo cidadão Daniel Sottomaior Pereira, o qual afirma ter se sentido ofendido com a presença de um crucifixo na sede do citado órgão público.

Sustenta, ainda, que a conduta de afixar símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade nas repartições públicas não respeitaria o princípio da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, bem como o princípio da imparcialidade da Administração Pública e do princípio processual da imparcialidade do Poder Judiciário.

Em acertada decisão de fls. 108/113v, a ilustre magistrada entendeu por bem indeferir o pedido de antecipação de tutela, fundamentando seu entendimento nos seguintes termos:

“Observo que a laicidade de nosso país não é novidade da Constituição Federal de 1988. Antes mesmo da promulgação da Constituição Federal de 1891, o Decreto n. 119-A, de 07/01/1890,





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

determinava a separação entre Igreja e Estado. A Constituição da República de 1891 elevou a laicidade a princípio constitucional que foi reproduzido em todas as Constituições do Brasil que lhe sucederam (1934, 1937, 1946, 1967/69 e 1988).

Segundo os ensinamentos de nossos doutrinadores, o Estado laico não deve ser entendido como uma instituição anti-religiosa ou anti-clerical. Na realidade o Estado laico é a primeira organização política que garantiu a liberdade religiosa. A liberdade de crença, a liberdade de culto e a tolerância religiosa foram aceitas graças ao Estado laico e não como oposição a ele. O Estado laico pode ser definido como a instituição política legitimada pela soberania popular em que o poder e a autoridade das instituições do Estado vêm do povo, tal conceito está intimamente ligado à democracia e ao respeito dos direitos fundamentais.

Assim sendo, a laicidade não pode se expressar na eliminação dos símbolos religiosos, mas na tolerância aos mesmos. Em um país que teve formação histórico-cultural cristã é natural a presença de símbolos religiosos em espaços públicos, sem qualquer ofensa à liberdade de crença, garantia constitucional, eis que para os agnósticos ou que professam crença diferenciada, aquele símbolo nada representa assemelhando-se a um quadro ou escultura, adereços decorativos.

Entendo que não ocorre a alegada ofensa à liberdade de crença, que significa a liberdade de escolha de religião, de aderir a qualquer seita religiosa ou a nenhuma, que não há ofensa à liberdade de culto e nem à liberdade de organização religiosa, garantias previstas no artigo 5º, inciso VI.

A laicidade prevista no artigo 19, inciso I da Constituição Federal, veda à União, Estados,





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Distrito Federal e Municípios estabelecer cultos ou igrejas, subvencioná-las, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com elas ou seus representantes relação de dependência ou aliança, previsões que não implicam em vedação   presença de s  bolos religiosos em órgão público.

Também não ocorre ofensa ao princípio da impessoalidade da Administra  o Pública eis que não há detrimento ou favoritismo a grupos ideológicos quando todos são tratados com Justiça sem ser obrigados a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei.

Ressalto que o princípio da imparcialidade do julgador representa a consagra  o do dever de aplicar objetivamente o direito ao caso concreto e que o juiz seja subjetivamente imparcial, isto  , estranho   causa e às partes.

Tal princípio   diariamente honrado em nossos Tribunais e de que   modelo exemplar o Colendo Supremo Tribunal Federal, no caso emblemático, ora lembrado por ser mais recente, do julgamento da liminar relativa   Argui  o de descumprimento de preceito fundamental 54-8-DF. Vale lembrar que esta Egrégia Suprema Corte entende por bem manter um crucifixo em pau-brasil, obra de arte de Alfredo Ceschiatti, manifesta  o cultural, forjada pela tradi  o.

Peço vênia para reportar-me a um dos inúmeros fundamentos do R. voto do Conselheiro Oscar Argollo prolatado no julgamento dos pedidos de providências junto ao CNJ já retro referidos, "in litteram":

'Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado - ou o Poder Judiciário - clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF. art. 19, I), porque a exposi  o de tal s  bolo não ofende o interesse





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade. Por outro lado, não há, data vênica, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável. O estudo dos costumes, a ética (g. ethos), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído através dos tempos e distingue os valores e atribui a ideia de comportamento autorizado ou repudiado. O costume (l. consuetudo), como fonte e regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Aliás, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica. (...). Portanto, se costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos. E não podemos ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representa qualquer submissão ao Poder clerical'.

Por fim, inobstante o Preâmbulo da Constituição Federal não ter força normativa (como já decidiu o E. STF - Pleno - ADIN nº 2076/AC - Rel. Min. Carlos Velloso - 15/08/2002 - Informativo STF nº 277) o Prêmbulo de nossa Constituição Federal é definido como documento de intenções da Lei Maior, representando a proclamação de princípios que demonstra suas justificativas, objetivos e finalidades, servindo de fonte interpretativa para dissipar as obscuridades das questões práticas e





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

de rumo para o governo e a sociedade. As Constituições brasileiras, com exceção da Constituição Republicana de 1891 e a de 1937, invocaram em seus preâmbulos, expressamente, a proteção de Deus. A nossa Constituição Federal tem seu preâmbulo assim expresso:

‘Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL’.

Desta forma, o legislador constituinte, invocando a proteção de Deus ao promulgar nossa Constituição Federal, demonstrou profundo respeito ao Justo para conceber a sociedade justa e solidária a que se propôs. Com tais fundamentos entendo neste exame preliminar, através deste meio de controle difuso, não ocorrer a alegada ofensa aos princípios constitucionais mencionados na exordial e indefiro a medida liminar pleiteada” (grifamos).

II. Do requerimento extemporâneo e *extra petita* do Ministério Público Federal

Em seus memoriais (fls. 437/439), o *parquet* requer não apenas a procedência do feito, mas também apresenta novo requerimento até então não feito nos autos, “aditando” a petição inicial em sede de alegações finais.

Eis o pedido feito pelo Ministério Público:





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

"Ante o exposto, o Ministério Público Federal manifesta-se pela total procedência do pedido inicial, condenando-se a ré na obrigação de fazer consistente em retirar os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo, ou, alternativamente, que se impeça a colocação de novos símbolos religiosos em tais lugares" (grifamos).

Ora, o Código de Processo Civil é claro ao proibir qualquer alteração do pedido ou da causa de pedir após o despacho saneador.

Nesse sentido dispõe o art. 264 do CPC:

"Art. 264. Feita a citação, é defeso ao autor modificar o pedido ou a causa de pedir, sem o consentimento do réu, mantendo-se as mesmas partes, salvo as substituições permitidas por lei.

Parágrafo único. A alteração do pedido ou da causa de pedir em nenhuma hipótese será permitida após o saneamento do processo" (destacamos).

Nesse sentido, a r. sentença deve ser mantida, posto que muito bem analisou a questão nos seguintes termos:

"Por ocasião dos memoriais, apresenta pedido subsidiário, voltado à prolação de provimento jurisdicional que "impeça a colocação de novos símbolos religiosos em tais lugares." (fl. 439). Contudo, por ocasião da manifestação final, resta vedado o aditamento. Ante o princípio da estabilização da lide, o artigo 264 do Código de Processo Civil submete a alteração do pedido, após citação, ao consentimento do réu. Por sua vez, seu parágrafo único veda referida modificação após o saneamento do processo. Prejudicados, assim, aditamento e apreciação do pedido subsidiário."



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

III – DO MÉRITO

Como já ressaltado pela União em sua contestação, o Brasil tinha uma religião oficial – a católica - até a Constituição do Império, como se lê no art. 5.º, da antiga Carta Imperial:

“Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma algum exterior do Templo” (destacamos).

Pois bem, já nos primeiros dias do Governo Provisório republicano, em consonância com seu ideário e com a doutrina de Thomas Jefferson, foi editado o Decreto n.º 119-A, de 7 de janeiro de 1890, que *“prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias”*.

Foi naquele decreto, de 120 (cento e vinte) anos atrás, que surgiu a separação entre o Estado Brasileiro e uma religião oficial, por ter o art. 1.º do decreto determinado que *“É prohibido á autoridade federal, assim como á dos Estados federados, expedir leis, regulamentos, ou actos administrativos, estabelecendo alguma religião, ou vedando-a (...)”*.

Sequer *novo* é o pedido feito nesta ação, pois bem antes (em 2007) o Conselho Nacional de Justiça analisou requerimento semelhante - embora adstrito a imagens religiosas ostentadas em nossos Tribunais (Pedidos de providência n.º 1344, PP 1345, PP 1346 e PP 1362). Na ocasião, como se verá, foi reconhecida a legitimidade da permanência de tais símbolos nas cortes de nosso país.

É o caso do pedido do *parquet*, que já foi rechaçado pelo CNJ há mais de cinco anos, quando o Conselho enfrentou o tema da presença de crucifixos em Tribunais após uma série de pedidos de providência da Organização não-governamental “Brasil para Todos”, que pleiteava a retirada dos objetos das dependências de órgãos do Poder Judiciário.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Naquela ocasião, o CNJ entendeu que os objetos seriam símbolos da cultura brasileira e que não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário. Confira-se:

"Pedido para que se determine aos tribunais a retiradas de crucifixos dos plenários e salas

Pedido de Providencias. Pretensão de que se determine aos Tribunais de Justiça a retirada de crucifixos afixados nos Plenários e salas.

Alegação de que a aposição de símbolos fere o art. 19, inciso I da CF/88 – 'Manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado – ou o Poder Judiciário – clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF, art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, data vênua, no ordenamento jurídico pátrio, qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de Órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável." (grifamos)

(CNJ – PP 1344, PP 1345, PP 1346, PP 1362 – Rel. Cons. Oscar Argollo – 14 ° Sessão Extraordinária – j. 06.06.2007 0 – DJU 21.06.2007 – Parte do voto do relator).

Pela pertinência, merece ser citado o voto condutor da decisão daquele I. Conselho:

"VOTO:



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Duas teses razoáveis parecem emergir da matéria, relativamente à existência de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos: a) seriam símbolos meramente culturais e tradicionais, ou que expressariam a religiosidade do povo, sem comprometimento da liberdade de religião ou afronta ao Estado laico; b) indicariam preferência por determinada confissão religiosa, em detrimento das demais, violando os princípios do laicismo do Estado brasileiro (separação do Estado e da Igreja, art. 19, 1, da CF-88) e a liberdade de religião.

Convenci-me da relevância da questão, merecendo deliberação deste CNJ, mercê de sua competência constitucional. O tema tem sido objeto de estudos, principalmente dos constitucionalistas.

A presença de símbolos religiosos foi objeto de decisão de cortes supremas em alguns países. Nos Estados Unidos, conhecida é a decisão da Suprema Corte de 1989 sobre a inconstitucionalidade da instalação de um presépio instalado nas escadarias de um tribunal. Igualmente, em 1995, a Corte Constitucional alemã julgou caso envolvendo a afixação de crucifixo em órgão público, enfrentando o problema do alcance do laicismo.

No Brasil, O STF julgou caso sobre a reprodução ou não de invocação de Deus no preâmbulo de Constituição estadual (ADIn 2076- 5/AC), mas ainda não sobre a existência de símbolos religiosos em órgãos públicos.

O estado da arte, assim sumariado, não aponta para fácil deslindamento.

Voto, pois, no sentido de o CNJ determinar abertura de audiência pública, para que, no prazo de dois meses, quaisquer interessados possam oferecer subsídios que favoreçam a formação de marco conceitual mais amplo.

DECLARAÇÃO DE VOTO
O EXMO. SR. CONSELHEIRO
OSCAR ARGOLLO:





629
gma

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Já mencionei - *pedido vênia aos eminentes Conselheiros* sobre a distinção que faço entre o interesse público primário e o interesse público secundário.

O primeiro decorre da vontade da sociedade, expressão dos direitos individuais; enquanto o segundo está afeto as questões relativas às vontades das pessoas jurídicas de direito público.

Data maxima venia, não seduz atualmente o argumento de que havendo certo 'interesse público', ele deve prevalecer sobre os interesses individuais. O objetivo ao invocar uma pretensa proteção para algo "que é de todos" e que não pertence a ninguém em particular é uma articulação falaciosa.

O interesse público, de modo geral, em sua essência (*latu sensu*), deve ser dirigido a defesa dos direitos individuais predominantes, ainda que tais direitos individuais sejam tratados coletivamente. É a exata situação que se apresenta nos autos do presente processo.

O critério para a identificação do direito coletivo (*latu sensu*) apontado pelo Requerente como violado - *aqui viabilizado pela legitimidade postulatória para arguir sobre um pretenso interesse público, cuja competência e iniciativa para legislar a respeito pertencem a Poder Diverso* - não reside no mero exame do assunto abstratamente considerado, mas na apreciação da norma jurídica que aponta violada: o inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal.

A propósito, urge dizer que o povo brasileiro, por intermédio do Poder Legislativo, mediante Constituição Federal promulgada e vigente, concedeu ao Estado o objetivo fundamental de assegurar a toda sociedade o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar e a justiça - *figura essa aqui representada pela ação do Estado através do Poder Judiciário* - como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social, buscando construir uma coletividade livre, justa e solidária, onde todos são iguais perante a lei





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

sem distinção de qualquer natureza, garantida a inviolabilidade do direito a liberdade, pois ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei, sendo inviolável a liberdade de consciência e de crença.

A cultura e tradição - fundamentos de nossa evolução social - inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc..

São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado - ou o Poder Judiciário - clerical, nem viola o preceito constitucional invocado (CF. art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrário, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade.

Por outro lado, não há, data vênias, no ordenamento jurídico pátrio qualquer proibição para o uso de qualquer símbolo religioso em qualquer ambiente de órgão do Poder Judiciário, sendo da tradição brasileira a ostentação eventual, sem que, com isso, se observe repúdio da sociedade, que consagra um costume ou comportamento como aceitável.

O estudo dos costumes, a ética (*g. ethos*), seja diante do caráter da ação, seja pelo modo de ser ou de se comportar do agente diante de um fato, é construído





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

através dos tempos e distingue os valores e atribui a idéia de comportamento autorizado ou repudiado.

O costume (*l. consuetudo*), como fonte e regra do direito, tem por fundamento de seu valor a tradição e não a autoridade do legislador. Aliás, o costume é o uso geral, permanente e notório, observado por todos na convicção de corresponder a uma necessidade jurídica.

O costume de expor, eventualmente, em dependências ou ambiente de órgão público a imagem de um crucifixo corresponde, sem embargos, a uma necessidade jurídica, de acordo com as homenagens devidas a Justiça. Trata-se de representação, ainda que religiosa, do respeito devido àquele local. O crucifixo é um símbolo que homenageia princípios éticos e representa, especialmente, a paz. Afinal, a luta pelo Direito é o meio para alcançar a Paz, conforme ensinou Ihering em seu famoso opúsculo proferido em Viena em 18723.

O simbolismo nada mais e se não a representação concreta de um conceito abstrato, a transformar símbolos em fenômenos visíveis de alguma ideia. É a ideia sob a forma de imagem, de tal forma que a ideia age permanentemente sobre imagem, tornando-a um símbolo da mera representação de uma ideia. Nada mais, nada menos.

O Estado laico tem a noção de liberdade de crença como um comportamento derivado da liberdade de consciência, patrimônio da liberdade interna do indivíduo.

Assim é que, o indivíduo, no Estado laico, tem absoluta autonomia, ou seja: pode ser ateu, agnóstico, ou optar por uma religião, ou não.

Há, portanto, plena autonomia privada, cabendo ao Estado proibir a coação: a chamada imunidade de coação.

Estado não tem o direito de se imiscuir nos costumes e tradições reconhecidos moralmente pela sociedade.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Portanto, *se* costume é a palavra chave para a compreensão dos conceitos de ética e moral, a tradição se insere no mesmo contexto, uma vez que deve ser vista como um conjunto de padrões de comportamentos socialmente condicionados e permitidos.

E não podemos ignorar a manifestação cultural da religião nas tradições brasileiras, que hoje não representa qualquer submissão ao Poder clerical.

A manifestação cultural, forjada pela tradição, de exposição de crucifixo em dependência ou ambiente de Tribunal de Justiça, como elemento representativo do interesse público secundário (*vontade do órgão público*), tem exemplo na sala do Plenário do Excelso Pretório, quando se vê, ao fundo, no painel construído em mármore bege-bahia, pelo artista plástico Athos Bulcão, acima do escudo de armas brasileiro, um crucifixo confeccionado em pau-brasil, obra de Alfredo Ceschiatti.

No campo do direito administrativo, merece observação um julgado do Colendo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, *in verbis*:

'EMENTA: Mandado de Segurança -. Autoridade coatora - Presidente da Assembleia Legislativa do Estado - Retirada de crucifixos da sala da Presidência da Assembleia, sem aquiescência dos deputados - Alegação de violação ao disposto no artigo 5º inciso VI da Constituição da República - Inadmissibilidade - Hipótese em que a atitude do Presidente da Assembleia é inócua para violentar a garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso - Carência decretada.

Na hipótese, não ficou demonstrado que a presença ou não de crucifixo na parede seja condição para o exercício de mandato dos deputados ou restrição de qualquer prerrogativa. Ademais, a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição da Mesa da Assembleia (artigo 14, inciso II, Regulamento Interno), ou seja, de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República. (Relator: Des.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Rebouças de Carvalho - Mandado de Segurança n. 13.405-0 - São Paulo, j. em 02.10. 91)'.

Com efeito, conforme se depreende do aludido *decisium*, "...a presença ou não de crucifixo na parede, ... ou a colocação de enfeite, quadro e outros objetos nas paredes é atribuição ... de âmbito estritamente administrativo, não ensejando violência a garantia constitucional do artigo 5º, inciso VI da Constituição da República". Vale dizer: o fato não constitui violação a qualquer direito individual ou coletivo, posto que a 'hipótese ... é inócua para violentar n garantia constitucional, eis que a aludida sala não é local de culto religioso ".

Afigura-se, ademais disso, no referido julgado, a prevalência do artigo 99 da Constituição Federal: "Ao Poder Judiciário é assegurada autonomia administrativa ...". Não cabe, pois, ao Egrégio Conselho o controle administrativo sobre a exposição e disposição de objetos ou símbolos religiosos nas dependências dos Tribunais de Justiça face a autonomia administrativa que possuem.

A matéria dos autos, produto de vetusta e ultrapassada discussão, agora reprimada, não merece guarida, eis que a redação do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal, apenas veda a União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público, previsões que não implicam em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a exposição faz o Estado se tornar clerical.

Ainda no campo do direito administrativo há aqueles que aludem sobre a presença de símbolos religiosos em dependências de órgãos públicos como sendo uma apropriação indevida do espaço público por interesses privados, porque o interesse particular pode fazer tudo que a lei não proíbe, mas a Administração Pública só pode fazer aquilo que a lei determina.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

No particular, *data maxima vênia*, entendo que a interpretação não tem lugar, porque não há no ordenamento qualquer norma jurídica vigente que determine a colocação de símbolo religioso - *que seria uma negação ao Estudo laico*, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e "*ninguém será obrigado a fazer ou de não fazer alguma coisa senão em virtude de lei*" (CF. art. 5º, II).

Observe-se o ilustrado Celso Ribeiro Bastos quando preleciona que:

'A liberdade de organização religiosa tem uma dimensão muito importante no seu relacionamento com o Estado. Três modelos são possíveis: fusão, união e separação. O Brasil enquadra-se inequivocadamente neste último desde o advento da República, com a edição do Decreto 119-A, de 17 de janeiro de 1890, que instaurou a separação entre a Igreja e o Estado. O Estado brasileiro tornou-se desde então laico.

Tenho, portanto, que há muito vivemos num Estado laico, desde 1890, sem estabelecer, subvencionar, embaraçar, ou de alguma forma se associar com qualquer culto religioso, exatamente nos termos do inciso I, do artigo 19, da Constituição Federal. Aliás, em meados do mesmo século XIX, em Portugal ocorreu experiência semelhante, decerto mais radical, mais viva, dada a cultura então vigente.

O insuspeito historiador e pensador português Alexandre Herculano, feroz combatente do Estado clerical, distinguiu muito bem a situação, afirmando, com toda pertinência, que o interesse individual contido na cultura de uma sociedade não afeta ou viola qualquer tipo de interesse coletivo, sobretudo quando - *aqui, aludindo a presença do simbolismo - o fato 'não perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros'*.





632
gmm

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Por assim ver, na medida em que não vislumbro a invocada inconstitucionalidade na prática apontada, muito menos qualquer ilegalidade, dada a ausência de norma jurídica específica em vigor, contendo obrigação de fazer ou de não fazer, considerando que o interesse público primário *(a sociedade, por sua legítima representação, o Poder Legislativo, nenhuma norma jurídica expediu sobre a matéria, e assim, por entender que essa matéria não se comporta no controle exercido pelo Egrégio Conselho, sendo de competência única, exclusiva, interna e totalmente autônoma dos Tribunais de Justiça, detentores do interesse público secundário; e por considerar que a presença de um símbolo religioso, in casu o crucifixo, numa dependência de qualquer órgão do Poder Judiciário não viola, agride, discrimina ou, sequer, "perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros" (sic), são razões para não acolher a pretensão.*

Pedindo vênia, ao eminente Conselheiro Relator, ousou discordar da proposta, para dispensar qualquer Consulta Pública - *até porque, a meu juízo, inócua, face à cultura cristã brasileira* - para votar, no mérito, no sentido da total improcedência da pretensão" (grifamos).

Percebe-se, portanto, que a mesma questão aqui trazida foi submetida ao CNJ, tendo aquele Conselho entendido por legítima a ostentação de símbolos religiosos nas repartições públicas mencionadas.

O mesmo raciocínio, por óbvio, há que ser empregado em relação a outros prédios públicos, de onde se vê que não há o perigo do dano na presença dos símbolos religiosos em seus locais de exposição, desmerecendo acolhida o argumento da parte autora de que *"inúmeras pessoas se dirigem aos prédios da União (...) e tem sua liberdade de crença ofendida diante da ostentação pública de símbolos religiosos não relacionados com a fé que professam"*.

E as argumentações da União foram confirmadas pelos depoimentos das testemunhas arroladas pelo *parquet*.

Ressalte-se, aliás, que a própria testemunha do MPF e que foi o Autor da representação que deu origem a esta ação (CF. FL. 277,



ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

V.º), o Sr. DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA (Presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos, e contraditado pela União na audiência), reconheceu o que foi afirmado pelo CNJ, ou seja, que as meras presenças dos símbolos religiosos não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário.

É o que se lê de seu depoimento:

“Que não houve qualquer manifestação explícita no sentido de que a existência de símbolos religiosos afetaria a qualidade das decisões judiciais.

Que pode dizer que o sentimento de algumas pessoas é que isso poderia afetar na imparcialidade das decisões.

Que reconhece que na maioria das vezes os símbolos já se encontravam nos prédios públicos quando os atuais servidores vieram neles trabalhar” (destacamos)

(trecho do depoimento do Sr. DANIEL SOTTOMAIOR PEREIRA)

Do mesmo modo se posicionou a testemunha Daniel Checcio, para quem

“A presença do símbolo nunca mudou o trabalho ou o humor do funcionário público trazendo sequer nenhum prejuízo as suas funções”.

E outras testemunhas também reconheceram expressamente o que já tinha sido ressaltado pelo CNJ, ou seja, que o uso de símbolos religiosos – mais especificamente crucifixos – faz parte da cultura popular, sendo um costume de profundas raízes.

É o que se percebe nos depoimentos dos Senhores Jamil Rachid, Daniel Checcio e Alcionei Miranda Feliciano:

“Que é Sacerdote Baborixá da Umbanda e do Candomblé. Que possui a maior graduação na hierarquia religiosa de sua missão





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

(...)

Que a Umbanda utiliza o sincretismo dos símbolos religiosos em seus cultos e que na posição da testemunha e da maioria dos que professam a mesma fé, a existência desses símbolos, tais como o crucifixo, é uma questão de tradição, sendo que são contrários à retirada dos mesmos dos ambientes públicos.

(...)

Que sabe dizer que o Brasil é um Estado laico. Que acredita que se fosse realizado um levantamento, a maior parte da população brasileira, cerca de 80%, se posicionaria contra a retirada de símbolos religiosos de repartições públicas.

Que lembra a imagem de Padre Cícero, adorada por milhões de pessoas no Nordeste do Brasil". (Grifamos)
(Trecho do depoimento do Sr. Jamil Rachid)

"Apesar de aparentemente não ter qualquer ligação, um local do Estado, que é laico em sua natureza, conter dentro das suas dependências um símbolo religioso em si, o que é importante entender neste momento é que a cultura de um povo é que o legitimou a estar ali, pois a Nação brasileira não é laica e sim profundamente religiosa em sua maioria, o que precisa-se observar é qual o objetivo dos que levam para locais tão respeitosos da nossa sociedade símbolos religiosos que os mesmos tem em suas casas ou carregam no peito, senão uma fonte de inspiração à justiça, verdade, esperança, superação, tolerância e praticas de boas obras.

Quantos réus não entram em júri aspirando isto tudo?"
(destacamos).

(trecho do depoimento do Sr. Daniel Checcio)

"O depoente defende a retirada dos símbolos religiosos. Postou no Facebook que viria prestar este depoimento e pediu opiniões. Vieram ofensas, xingamentos, até e-mails particulares com ofensas. O depoente se sente perseguido pelo fato de ter esta postura. Essas pessoas defendem a manutenção do crucifixo porque, para eles, é sinal de amor, paz, tolerância. Apenas um advogado defendeu a laicidade





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

do Estado. Recebeu, mais ou menos, umas trinta respostas, em menos de 48 horas" (grifamos).(trechos do depoimento do Sr. Alcionei Miranda Feliciano)

Esse aspecto cultural dos símbolos religiosos foi amplamente discutido pelo mundo, e também nas assembleias constituintes de 1946 e 1988, no Brasil.

Nos Estados Unidos da America, onde Thomas Jefferson traçou o famoso preâmbulo do *Ato para Estabelecer a Liberdade Religiosa* (doutrina que fundamentou o nosso Decreto n.º 119-A/1889 e o art. 11.º,§2.º, da Constituição Brasileira de 1891), a Corte Suprema local chancelou a colocação de símbolos religiosos em espaços públicos.

O *leading case* se deu em 1984,¹ no julgado *Lynch v. Donnelly*, em que a Suprema Corte americana afirmou a constitucionalidade da colocação de um presépio com as figuras de Jesus, Maria e José em um parque municipal da cidade de Pawtucket, Estado de Rhode Island.²

Na fundamentação da decisão, a Suprema Corte americana se ateve à impossibilidade de total separação entre o Estado e a religiosidade, a história e a cultura de seu povo, reconhecendo que em diversos outros aspectos a vida dos americanos estava ligada a tradições de origem religiosa (como os feriados religiosos, os dizeres religiosos das notas e moedas de dólar, etc.), sem que isso significasse uma ofensa à separação entre o Estado e a Igreja.

É o que se vê no seguinte trecho do julgado:

"Our history is replete with official references to the value and invocation of Divine guidance in deliberations and pronouncements of the Founding Fathers and contemporary leaders.

Beginning in the early colonial period long before Independence, a day of Thanksgiving was

¹ Cf. STERNICK, Daniel. "Crucifixos e Tribunais: sobre o problema dos símbolos religiosos no espaço público brasileiro". Departamento de Direito – PUC - Rio. 2007.

² Disponível na Internet: http://www.belcherfoundation.org/lynch_v_donnelly.htm





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

celebrated as a religious holiday to give thanks for the bounties of Nature as gifts from God.

(...)

Executive Orders and other official announcements of Presidents and of the Congress have proclaimed both Christmas and Thanksgiving National Holidays in religious terms.

And, by Acts of Congress, it has long been the practice that federal employees are released from duties on these National Holidays, while being paid from the same public revenues that provide the compensation of the Chaplains of the Senate and the House and the military services. See J. Res. 5, 23 Stat. 516. Thus, it is clear that the Government has long recognized--indeed it has subsidized--holidays with religious significance.

Other examples of reference to our religious heritage are found in the statutorily prescribed national motto "In God We Trust," 36 U.S.C. [sec.] 186, which Congress and the President mandated for our currency, see 31 U.S.C. [sec.] 5112(d)(1) (1982 ed.), and in the language 'One nation under God' as part of the Pledge of Allegiance to the American flag. That pledge is recited by many thousands of public school children--and adults--every year" (destacamos).³

Em outra ocasião, a Suprema Corte americana decidiu que não havia inconstitucionalidade na permanência de um monumento com a inscrição dos Dez Mandamentos nas dependências do Congresso do Estado do Texas, pois a despeito da mensagem religiosa, o contorno fático e social da situação do monumento

³ LYNCH V. DONNELLY (1984) - United States Supreme Court - LYNCH V. DONNELLY - 465 U.S. 668, 104 S.Ct. 1355 (1984) - No. 82-1256. - Argued Oct. 4, 1983. - Decided March 5, 1984. - Rehearing Denied - May 14, 1984.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

mostrava que o objeto exalava uma mensagem moral secular, dentre outros significados culturais.⁴

Ainda sobre o tema, merece ser destacado que a Corte Européia de Direitos Humanos decidiu recentemente que os crucifixos podem permanecer nas escolas públicas e que o mesmo não é apenas um símbolo religioso mas *"representa os princípios e valores que formaram os alicerces da democracia e da civilização ocidental, e que sua presença nas classes é justificável a este respeito"*.

Tal julgamento foi noticiado na mídia mundial, conforme extrato obtido na internet:

"Corte europeia: Crucifixos permanecerão nas escolas públicas ESTRASBURGO, 18 Mar. 11 / 01:51 pm (ACI)

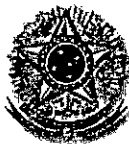
A Corte Europeia de Direitos humanos com sede em Estrasburgo decidiu hoje, em uma sentença inapelável, que os crucifixos podem permanecer nas escolas públicas.

Esta sentença foi promulgada logo depois da posição favorável aos crucifixos na Itália e na Áustria, após sentenças da Corte Suprema de Cassação, no primeiro caso, e da Corte Constitucional, no segundo. Com a resolução de hoje a Corte Europeia estabelece que 'não existe violação do artigo 2 do protocolo N° 1 (direito à educação) da Convenção Europeia de Direitos humanos'.

Este artigo se refere à obrigação do estado, 'no exercício de suas funções em relação à educação, a respeitar o direito dos pais de educar os seus filhos de acordo às suas convicções religiosas e filosóficas'.

⁴ *"Despite the Commandments' religious message, an inquiry into the context in which the text of the Commandments is used demonstrates that the Commandments also convey a secular moral message about proper standards of social conduct and a message about the historic relation between those standards and the law"* (SUPREME COURT OF THE UNITED STATES - VAN ORDEN v. PERRY, in his official capacity as GOVERNOR OF TEXAS and CHAIRMAN, STATE PRESERVATION BOARD, et al.- CERTIORARI TO THE UNITED STATES COURT OF APPEALS FOR THE FIFTH CIRCUIT - No. 03—1500. Argued March 2, 2005—Decided June 27, 2005, disponível na internet: <http://www.law.cornell.edu/supct/html/03-1500.ZS.html>).





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

A sentença da Corte indica que 'embora o crucifixo seja acima de tudo um símbolo religioso, não há evidência para a Corte de que sua exposição em uma parede de uma sala de aula influencie os alunos'.

'Além disso -diz a resolução- embora se compreenda que a demandante tenha visto que esta exposição do crucifixo nas salas de aula à que assistiam suas filhas como uma falta de respeito do Estado a seu direito de educar conforme suas próprias convicções filosóficas, sua percepção subjetiva não foi suficiente para estabelecer uma violação do artigo 2 do protocolo 1'.

A sentença também recorda que o governo italiano explicou em sua apelação que 'a presença dos crucifixos nas escolas públicas corresponde a uma tradição que consideram importante perpetuar'.

Do mesmo modo, as autoridades da Itália ressaltaram que o crucifixo não é apenas um símbolo religioso mas 'representa os princípios e valores que formaram os alicerces da democracia e da civilização ocidental, e que sua presença nas classes é justificável a este respeito'.

A Corte Européia de Direitos humanos aceitou a apelação apresentada pelo governo da Itália no 28 de janeiro de 2010, logo depois de que em novembro de 2009 decidira que os crucifixos não deviam estar nas salas de aula das escolas.

A resolução de novembro de 2009 dava razão a uma mãe de família de duas alunas que alegava que os crucifixos 'não correspondiam' à forma que suas filhas deveriam ser educadas.

Diante desta decisão, o governo da Itália defendeu a presença dos crucifixos nas salas de aula dos colégios públicos, como um símbolo que representa as raízes cristãs do país" (grifamos). (<http://www.acidigital.com/noticia.php?id=217>)





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Seguindo um raciocínio semelhante, pode-se dizer, acompanhando o nosso CNJ, que os crucifixos e imagens são não uma prova da religião do Estado, *mas sim da cultura de nosso povo.*

É o que nos lembra o Subprocurador-Geral da República Francisco Adalberto Nóbrega, que em monografia específica sobre Deus na Constituição escreve que "*o Brasil despontou no cenário internacional, imerso num universo de valores religiosos*" sob o manto da expansão comercial portuguesa e do dilargamento da cristandade, com o que

"Essa díade instalada no espírito cristão do Velho Mundo, inspiradora dos navegantes portugueses e que se há de ter sempre presente, para um apropriado entendimento da realidade de histórica de então.

Imerso nessa realidade cultural e religiosa, era de se esperar que o Brasil, no dealbar de sua soberania, se encontrasse sob forte inspiração espiritualista. Esse foi um dos legados da lusitana gente" (grifamos).⁵

E lembrando ainda como antigo é esse debate, podemos nos recordar dos debates havidos quando da elaboração da Constituição Brasileira de 1946, especialmente em relação à colocação (ou não) da saudação a Deus no preâmbulo da Carta Magna.

À época, o deputado Caires de Brito, do Partido Comunista, tinha apresentado uma emenda eliminando a invocação de Deus do início da Constituição. Contrapondo-se a tal emenda, Gilberto Freire, o famoso sociólogo pernambucano, esclareceu que, *por questões culturais e sociológicas, "é natural que a Constituição de um povo como o brasileiro, seja no seu espírito e na sua forma cristã ou católica e não anticristã ou acatólica"*.⁶

Quando da votação da atual Constituição de 1988 foi apresentada emenda semelhante, visando retirar o nome de Deus do preâmbulo constitucional.

⁵ NÓBREGA, Francisco Adalberto. *Deus e Constituição: a tradição brasileira*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 15.

⁶ NÓBREGA, Francisco Adalberto, *op. cit.*, p. 31-33.





636
gmm

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Rejeitada a emenda por 74 (setenta e quatro) votos contrários e apenas 1 (um) favorável, é de se destacar a posição do deputado comunista Roberto Freire, que, em declaração de voto, posicionou-se contrariamente à retirada do nome de Deus do preâmbulo, ressaltando "não querer desrespeitar um sentimento deísta e religioso do povo brasileiro", como nos informa Francisco Adalberto Nóbrega.⁷

De fato, há a religião e há a cultura, sendo certo que, como esclarecido pelo CNJ, os objetos em questão são símbolos da cultura brasileira, não interferindo na imparcialidade e na universalidade da Administração Pública.

E embora a intenção desta ação seja a de tentar proteger a liberdade de religião, a aceitação do pedido veiculado nesta demanda produziria o efeito oposto, qual seja, a de termos um comando aniquilando a liberdade de religião, criando-se não um Estado laico, mas sim um Estado em oposição à religião, em clara afronta à nossa Carta Magna e aos tratados e convenções internacionais sobre a liberdade de crença e religião.

Para que possamos entender a dimensão do acolhimento do pedido do Autor, é importante que nos lembremos da lição de Jorge Miranda, que em seu Manual de Direito Constitucional esquematiza da seguinte maneira as possibilidades de relação entre o Estado e a religião⁸:

(i) Identificação entre Estado e religião (Estado confessional):

(i.i) com domínio do poder religioso sobre o poder político (teocracia)

(i.ii) com domínio do poder político sobre o poder religioso (cesaropapismo)

(ii) Não identificação entre o Estado e religião (Estado laico):

⁷ NÓBREGA, Francisco Adalberto, *op. cit.*, p. 34.

⁸ MIRANDA, Jorge. *Manual de Direito Constitucional*. Tomo IV. 3.ª Ed. Coimbra: Coimbra Editora, 2000, p. 405-406.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

(ii.i) com união entre Estado e uma confissão religiosa (religião de Estado)

(ii.i.i) união com ascendentes de um dos poderes sobre o outro – clericalismo (ascendente do poder religioso) ou regalismo (ascendente do poder político);

(ii.i.ii) união com autonomia relativa

(ii.ii) com separação

(ii.ii.i) separação relativa (com tratamento especial ou privilegiado de uma religião)

(ii.ii.ii) separação absoluta (com igualdade absoluta das confissões religiosas)

(iii) Oposição do Estado à religião:

(iii.i) oposição relativa (Estado laicista)

(iii.ii) oposição absoluta (Estado ateu, ou de confessionalidade negativa)

Bem se vê, portanto, que quando a nossa Constituição veda ao Poder Público estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança (art. 19, I, da CF), a par de manter o Estado laico (isto é: *sem religião oficial*), ela tampouco está autorizando a proibição de qualquer manifestação de crença religiosa em todo o território nacional – ou seja: a nossa Carta Magna não impõe ao Estado o dever de se opor às religiões, nem obriga que o Poder Público proíba qualquer manifestação (ainda que cultural) ligada aos símbolos de natureza religiosa.

Se o pedido do *parquet* for acolhido, aí sim teríamos o Estado parcial, totalitário, em *oposição absoluta* à religião, impondo uma crença única a todos – a da proibição da fé livre.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

De fato: para a União, a lide versa, em verdade, sobre a legitimidade (ou não) de se instalar, no Brasil, o totalitarismo do ateísmo com a proibição da fixação de símbolos religiosos (de qualquer religião) nas repartições públicas federais, com a impossibilidade da expressão de crença religiosa dos servidores que nelas trabalham.

Nesse sentido, mais do que oportuno citar as palavras de tolerância dadas nos depoimentos das testemunhas, em contraponto à pretensão de intolerância com a religião que é veiculada nesta lide, originada em representação feita pelo Presidente da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos:

A testemunha Daniel Checcio bem destacou que:

"Prega a tolerância e o respeito a todas as crenças, sendo indiferente para sua fé e para suas concepções religiosas a existência de símbolos de outras religiões, seja em que locais forem".

Por sua vez, a testemunha Dom Odilo Pedro Scherer opinou que:

"Que não crê que um determinado símbolo religioso possa ser ofensivo a quem não professa aquela fé, pois na atual condição de laicidade do Estado que contempla a pluralidade religiosa e não religiosa os cidadãos devem estar aptos a conviverem e tolerar as múltiplas expressões religiosas sem se sentirem ofendidos ou agredidos com isso" (destacamos).

De fato, nosso povo e nossa Constituição Federal, não cancelam a intolerância, nem tampouco autorizam o pleito deste feito, baseado em representação do Presidente da Associação Brasileira dos Ateus e Agnósticos, de impor o totalitarismo da proibição de se professar a fé.

Afinal, a mesma Carta que veda que o Estado tenha uma religião (qualquer religião, ainda que seja a crença de que não há Deus) estipula a inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias (art. 5.º, VI, da CF).

Desta forma, e como bem ressaltado pelo Conselho Nacional de Justiça, o comando do art. 19, I, da CF não implica em vedação para a exposição de símbolo religioso em ambiente de órgão público, ou que a sua exposição torne o Estado clerical.

Não há, também, relata o CNJ, *"no ordenamento infra legal qualquer norma jurídica que determine a colocação de símbolo religioso - que seria uma negação ao Estado laico, como também não há lei que proíba tal colocação. Prevalece, portanto, o princípio fundamental do interesse público, de garantir direitos individuais e, ao mesmo tempo, coletivos, uma vez que todos são iguais perante a lei e 'ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei'" (CF. art. 5º, II) "*

Daí não existir, tampouco, desrespeito aos valores consagrados no art. 37, *caput*, da Constituição Federal, pois a Administração Pública, *ao não proibir* o uso de objetos ligados à cultura brasileira ou que não têm sua ostentação vedada por lei, na verdade age com impessoalidade, moralidade e imparcialidade dela exigidas – pois o Poder Público, aqui, não estará perseguindo ninguém por acreditar numa religião, ou por ostentar um objeto da cultura religiosa ou tradicional a que pertença. Pelo contrário: a Administração estará tão-somente respeitando o direito à liberdade de fé garantido a todos os indivíduos em nosso país.

Nesse sentido, a União pede vênias para transcrever o entendimento da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, a qual se manifestou sobre o tema em questão, nos seguintes termos:

"O reconhecimento de que todos os seres humanos têm direitos e liberdades fundamentais inerentes à condição humana e, de que toda nação tem a obrigação de respeitar os direitos fundamentais de seus cidadãos, é, sem dúvida, uma imposição constitucional. Não obstante, essa ideia tenha há muito tempo surgido na história e no pensamento humano, a concepção de que os direitos fundamentais dos seres humanos constituam





638
gmu

ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

objeto de uma regulação por parte da Comunidade Internacional, isto é, o seu reconhecimento, desenvolvimento, preservação e responsabilização, emergiu somente após as terríveis violações dos direitos humanos pelos regimes totalitários Alemão, quando se verificou o que fora o holocausto, e o Soviético.

Neste contexto, a liberdade religiosa é garantia constitucional deferida às pessoas tanto no âmbito internacional quanto no âmbito interno.

A Organização das Nações Unidas reconhece, com efeito, a liberdade religiosa nos termos do art. 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. *In verbis*:

ARTIGO 18. Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância isolada ou coletivamente, em público ou em particular'.

Para tornar esse dispositivo ainda mais claro, ONU editou a Declaração Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Intolerância e Discriminação Baseadas em Religião ou Crença (Resolução n.º 36/55). *In verbis*:

Art. 1º. Ninguém será sujeito à coerção por parte de qualquer Estado, instituição, grupo de pessoas ou pessoas que debilitem sua liberdade de religião ou crença de sua livre escolha".

"Art. 6º. O direito à liberdade de pensamento, consciência, religião ou crença incluirá as seguintes liberdades:

(...)

/





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

h) observar dia de repouso e celebrar feriados e cerimônias de acordo com os preceitos da sua religião ou crença.'

Neste sentido também é a Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Pacto de São José da Costa Rica), ingressa no sistema pátrio nos termos do Decreto n.º 678, de 06 de novembro de 1992, cujo art. 12, alínea 2, explicita:

'Artigo 12. Liberdade de Consciência e de Religião

.....

2. Ninguém pode ser objeto de medidas restritivas que possam limitar sua liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças.'

Garante, ainda, o artigo 26 do Pacto dos Direitos Civis e Políticos:

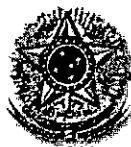
Artigo 26. Todas as pessoas são iguais perante a lei e têm direito, sem discriminação alguma, a igual proteção da lei. A este respeito, deverá proibir qualquer forma de discriminação e garantir a todas as pessoas proteção igual e eficaz contra qualquer discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, situação econômica, nascimento ou qualquer opinião.'

Afirme-se que os tratados internacionais acima referidos integram o ordenamento jurídico pátrio por força do disposto no § 2.º, do art. 5.º, da Constituição.

CONTEÚDO DA LIBERDADE RELIGIOSA

A liberdade religiosa traduz a necessidade de tolerância de diferentes práticas religiosas, consistindo no dever de abstenção do Estado (liberdade negativa) em se respeitar a expressão e o significado da liturgia religiosa em sua diversidade.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

O art. 5º da Constituição que traz em seus incisos VI, VII e VIII, dispositivos que asseguram a liberdade religiosa.

Artigo 5º.

(...)

VI - É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;’.

Os dispositivos supra-referidos, reitere-se, garantem a não intervenção estatal na consciência religiosa do indivíduo. Nesse sentido, assevera o professor Maurício Scheinman, *verbis*:

‘Foi no século III d.C que a expressão liberdade religiosa – libertas religionis – foi, provavelmente, utilizada pela primeira vez, por Tertuliano, advogado convertido ao cristianismo e que passou a defender a liberdade religiosa em face dos abusos do Império Romano. A liberdade religiosa é, como se sabe, um direito humano fundamental, assegurado pelas Constituições dos diversos Estados democráticos e, também, por importantes declarações e tratados internacionais de direitos humanos. Contudo, estamos tratando, até aqui, de apenas uma acepção da liberdade religiosa. Há pelo menos mais duas acepções que devem ser abordadas.

A liberdade religiosa comporta pelo menos três acepções: jurídica, teológica ou eclesiástica e bíblica.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

No que se refere à liberdade religiosa na acepção jurídica, a mesma compreende, essencialmente, a liberdade religiosa como um direito fundamental da pessoa humana.

Nesse sentido, Segundo Jorge Miranda, a liberdade religiosa ocupa o cerne da problemática dos direitos humanos.

Ora, no curso da história da humanidade, o direito à liberdade religiosa representa uma conquista extremamente recente. Pode ser identificada nas três fases da era dos direitos, mencionadas por Norberto Bobbio.

Segundo o autor italiano, os direitos humanos "nascem como direitos naturais universais, desenvolvem-se como direitos positivos particulares, para finalmente encontrarem sua plena realização como direitos positivos universais".

Como direito natural, a liberdade religiosa surgiu no século XVIII, com as primeiras declarações de direitos de 1776 (americana) e 1789 (francesa).

Como direito efetivamente tutelado, a liberdade religiosa surgiu com a Constituição Americana.

Como direito internacional, a liberdade religiosa surgiu no Segundo Pós-Guerra, com o desenvolvimento do sistema global de proteção aos direitos humanos ligado à Organização das Nações Unidas – ONU.'

No mesmo sentido, Paulo Gustavo Gonet Branco:

'A liberdade de consciência ou de pensamento tem que ver com a faculdade de o indivíduo formular juízos e ideias sobre si mesmo e sobre o meio externo que o circunda.

O Estado não pode interferir nessa esfera íntima do indivíduo, não lhe cabendo impor concepções filosóficas aos cidadãos.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Deve, por outro lado, -eis um aspecto positivo dessa liberdade -, propiciar meios efetivos de formação autônoma da consciência das pessoas.

Infere-se das lições acima que a sociedade mais justa observa princípios fundamentais que norteiam a liberdade religiosa, entendida como a não interferência do Estado na consciência do indivíduo. "

Do artigo de Fernando Capez, juntado aos autos às fls. 219/220, merece ser mencionado o trecho em que o professor bem explica que, ao contrário do que defende o *parquet* nesta ação, "laico, no entanto, não quer dizer inimigo da religião". E continua trazendo a correta definição do vocábulo "laico":

"Etimologicamente, laico ou leigo provém do termo grego *laikós*, que designa o que se refere ao povo (laós). O termo leigo (*laikós*) serve apenas para diferenciar as pessoas consagradas para uma missão especial, tais como os diáconos, presbíteros e bispos, daqueles que são apenas consagrados no batismo (Dom Fernando Antônio Figueiredo, Introdução à Patrística, RJ, Editora Vozes, 2009, p. 46).

Laico não designa, portanto, algo não religioso, nem contrário à fé, mas apenas aqueles que não exercitam como vocação, o ministério religioso. Estado laico não é Estado sem fé, ateu ou que se antepõe a símbolos de convicções religiosas, mas tão somente Estado não confessional, sem religião oficial ou obrigatória.

Assim, ao contrário do que parece à primeira vista, a expressão laico não se opõe, nem repudia, mas antes, coexiste pacificamente com as religiões, sem molestá-las ou coibi-las.

Aliás, a CF, em seu art. 19, I, prevê até mesmo a possibilidade de aliança entre Estado e Igreja sempre que, nos termos da lei, houver interesse público. Um Estado não confessional significa apenas não regrado por normas





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

religiosas, sem implicar em nenhuma postura comissiva de hostilidade ao *status quo*”.

Ao que conclui o antigo representante do Ministério Público Estadual Fernando Capez (firme na doutrina de Gilmar Mendes e outros) pela improcedência desta ação, em nome da proteção de todos contra a intolerância religiosa que seria o acolhimento do pedido do Ministério Público Federal na presente demanda:

“A Constituição Federal de 1988 consagrou o Estado Democrático de Direito, calcado na busca da igualdade formal e material, tem como seu objetivo promover o bem de todos, sem preconceitos de qualquer natureza, e se alicerça na dignidade da pessoa humana. Busca a tolerância mútua e a coexistência pacífica.

Cabe ao Estado e à sociedade em geral não encorajar manifestações de intolerância daqueles que se sintam ofendidos pela livre expressão da fé alheia. A retirada de símbolos já instalados, mesmo que em repartições públicas, leva à alteração de uma situação já consolidada em um país composto por uma quase totalidade de adeptos da fé cristã, e agride desnecessariamente os sentimentos de milhões de brasileiros, apenas para contentar a intolerância e a supremacia da vontade de um restrito grupo de pessoas.

A Constituição Federal não conformou um Estado ateu, nem hostil ao cristianismo, apenas estabeleceu um regime não confessional. Não há religião oficial, mas também não há política oficial de repúdio à religião.

Gilmar Ferreira Mendes, Inocêncio Mártires Coelho e Paulo Gustavo Gonet Branco observam: *‘O Estado brasileiro não é confessional, mas tampouco é ateu, como se deduz do preâmbulo da Constituição, que invoca a proteção de Deus. Admite igualmente, que o casamento religioso produza efeitos civis, na forma o disposto em lei (CF, art. 226, §§ 1º e 2º ...a laicidade do Estado não significa, por certo, inimizade*





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

com a fé." (Curso de Direito Constitucional, SP, Saraiva, 2007, p. 408/409).

Por fim, a fim de reforçar o entendimento anteriormente esposado, a União pede vênia para transcrever trecho da acertada sentença proferida pela MM. Juíza de primeiro grau, às fls. 494/500v dos presentes autos:

"Sensível à visão do fenômeno religioso não repudiado pela Carta Maior, mas, ao contrário, inserido como valor a ser preservado em si mesmo, o Ministro Gilmar Ferreira Mendes enfatiza a marcante contribuição do catolicismo na formação espiritual e cultural do povo brasileiro, admitindo a convivência do Estado com símbolos que expressam valores de sua história cultural e bens de significado para grande parcela da população. Segue transcrição de seus ensinamentos, aqui expressamente adotados como fundamento da decisão:

"A laicidade do Estado não significa, por certo, inimizade com a fé. Não impede a colaboração com confissões religiosas, para o interesse público (CF, art. 19, I). A sistemática constitucional acolhe, mesmo, expressamente, medidas de ação conjunta dos Poderes Públicos com denominações religiosas e reconhece como oficiais certos atos praticados no âmbito de cultos religiosos, como é o caso da extensão de efeitos civis ao casamento religioso.

Nesse sentido, não há embaraço - ao contrário, parecem bem-vindas, como ocorre em tantos outros países - a iniciativa como a celebração de concordata com a Santa Sé, para a fixação de termos de relacionamento entre tal pessoa de direito internacional e o país, tendo em vista a missão religiosa da Igreja de propiciar o bem integral do indivíduo, coincidente com o objetivo da República de "promover o bem de todos" (art. 3º, IV, da CF).

Seria erro grosseiro confundir acordos dessa ordem, em que se garantem meios eficazes para o desempenho da missão religiosa da Igreja, com a aliança vedada pelo art. 19, I, da Constituição. A aliança que o constituinte redupla é aquela que inviabiliza a própria liberdade de crença, assegurada no





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

art. 5º, VI, da Carta, por impedir que outras confissões religiosas atuem livremente no País.

O reconhecimento da liberdade religiosa pela Constituição denota haver o sistema jurídico tomado a religiosidade com um bem em si mesmo, como um valor a ser preservado e fomentado. Afinal, as normas jusfundamentais apontam para valores tidos como capitais para a coletividade, que devem não somente ser conservados e protegidos, como também ser promovidos e estimulados.

A Constituição protege a liberdade de religião para facilitar que as pessoas possam viver a sua fé. Daí a Constituição chegar a prever a assistência religiosa para os que estejam submetidos a internação coletiva (art. 5º, VII). O reconhecimento da liberdade religiosa decerto que contribui para prevenir tensões sociais, na medida em que, por ela, o pluralismo se instala e se neutralizam rancores e desavenças decorrentes do veto oficial a crenças quaisquer. O reconhecimento da liberdade religiosa também tem por si o argumento de que tantas vezes a formação moral contribui para moldar o bom cidadão. Essas razões, contudo, não são suficientes em si para explicar a razão de ser da liberdade de crença. A Constituição assegura a liberdade dos crentes, porque toma a religião como um bem valioso por si mesmo, e quer resguardar os que buscam a Deus de obstáculos para que pratiquem os seus deveres religiosos.

Entende-se, assim, a preocupação do constituinte em garantir o culto e a liturgia das religiões (art. 5º, VI, da CF), bem como, e em decorrência, a imunidade tributária que institui no art. 150, VI, b, do Texto Magno. Não se esgotam aí, porém, as medidas que os Poderes Públicos podem - e eventualmente devem - adotar, para amparar, na vida prática, o valor religioso. A adoção de feriados religiosos justifica-se sob esse prisma, em especial, mas não necessariamente, quando facilita a prática de atos de fé professada pela maioria da população ou por uma porção significativa dela.

Essas medidas se justificam, por outro lado, do ponto de vista cultural, entendendo-se, como quer Peter Hberle, que "o Estado constitucional democrático vive também do





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

consenso sobre o irracional, e não somente do discurso ou do consenso ou dissenso em relação ao racional." Adverte o Professor alemão que não se pode subestimar essas fontes de consenso emocionais, acrescentando que somente "o enfoque culturalista pode iluminar a possibilidade e limites dos dias festivos do Estado constitucional, já que o positivismo jurídico não sabe muito bem que fazer com eles. Num sentido mais amplo e profundo os dias festivos são todos dias da Constituição, porque pretendem trazer à consciência elementos diversos do Estado constitucional em conjunto. Justificam-se as festividades religiosas sob o amparo do Estado constitucional sempre que se refiram a símbolos que reacendam na memória coletiva as suas raízes culturais históricas que lhe conferem identidade - e não há negar, sob esse aspecto, por exemplo, a marcante contribuição do catolicismo para a formação espiritual, moral e cultural do povo brasileiro. Esses símbolos, prossegue Peter Hberle, "dizem frequentemente mais sobre o espírito de um povo do que algumas normas jurídicas. Desse modo, declaram-se dias festivos, constroem-se monumentos, nomeiam-se ruas, são criadas e são saudadas as bandeiras e se cantam hinos. Desse modo se elabora a história e se traça o futuro."

A liberdade religiosa consiste na liberdade para professar fé em Deus. Por isso, não cabe arguir a liberdade religiosa para impedir a demonstração da fé de outrem ou em certos lugares, ainda que públicos. O Estado, que não professa o ateísmo, pode conviver com símbolos os quais não somente correspondem a valores que informam a sua história cultural, como remetem a bens encarecidos por parcela expressiva da sua população - por isso, também, não é dado proibir a exibição de crucifixos ou de imagens sagradas em lugares públicos."

Não há falar, portanto, com base no artigo 19, inciso I, da Constituição da República, em provimento jurisdicional que determine a retirada de todos e quaisquer símbolos religiosos de repartições públicas federais no Estado de São Paulo. Pedido por demais genérico, que nem sequer permite discutir e avaliar quais os símbolos e a relevância de sua expressão histórico-cultural e a necessidade de sua preservação.





ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

Ora, a laicidade do Estado brasileiro, como visto, não se traduz em oposição ao fenômeno religioso. Ao contrário, ele é garantido no texto constitucional como direito fundamental de liberdade de consciência, de liturgia e de culto. Mais, é resguardado como valor em si, inclusive sob a perspectiva da expressão cultural do povo brasileiro. Daí a possibilidade de convivência do Estado laico com símbolos religiosos - crucifixos, imagens, monumentos, nomes de logradouros ou de cidades etc. - ainda que em locais públicos, pois refletem a história e a identidade nacional ou regional.

Consideradas as declarações colhidas nestes autos (fls. 360/368, 415/423, 429/435), a maioria de representantes religiosos, não se pode afirmar que o sentimento predominante seja de constrangimento ou agressão pela presença de símbolos religiosos em repartições públicas. O fato é comumente tratado como algo ligado à tradição, ao hábito, à maioria religiosa no país. Como reconhecido pelo próprio autor, com base no Censo Demográfico de 2000, a população de católicos ultrapassava 70%.

A existência de símbolos religiosos em prédios públicos não pode ser tida como violação ao princípio da laicidade ou como indevida postura estatal de privilégio em detrimento das demais religiões, mas apenas como expressão cultural de um país de formação católica, que também deve ser protegida e respeitada. "

Bem se vê que todas essas argumentações demonstram a improcedência do pedido feito pelo Autor da ação.

IV- DO PREQUESTIONAMENTO

A União entende que se prosperasse a tese do autor, restariam violados diversos princípios constitucionais, previstos no art. 37 da CF/88, bem como as disposições contidas nos artigos 5º, VI, VII e VIII, art. 19, inciso I e art. 99 da Magna Carta. Assim, a União requer que V. Exas. ao julgar a presente ação, manifestem-se expressamente sobre as referidas disposições constitucionais, para





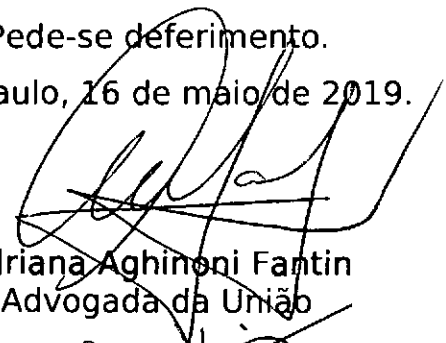
ADVOCACIA-GERAL DA UNIÃO
PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO - 3ª REGIÃO

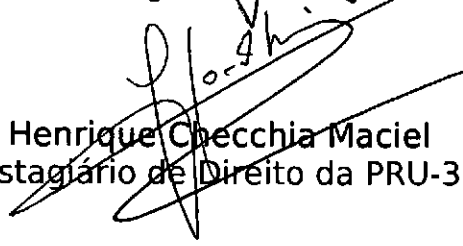
efeito de propositura de eventual Recurso Extraordinário perante o C. Supremo Tribunal Federal.

V - DA CONCLUSÃO

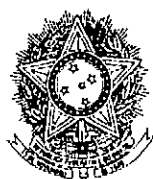
Por tais razões, espera que esse C. tribunal não admita o recurso extraordinário, assim, mantenha-se a sentença *a quo*.

Termos em que,
Pede-se deferimento.
São Paulo, 16 de maio de 2019.


Adriana Aghinoni Fantin
Advogada da União


Henrique Checchia Maciel
Estagiário de Direito da PRU-3





PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO
SUBSECRETARIA DA QUARTA TURMA

Autos 00176047020094036100

REMESSA

Aos 27 de maio de 2019, faço a remessa destes autos à Subsecretaria dos Feitos da Vice-Presidência.

Jau - RF 1008
Divisão de Proced. Diversos



CERTIDÃO

Certifico a regularidade formal do(s) recurso(s) excepcional(is) interposto(s), nestes autos, quanto à tempestividade.

São Paulo, 29/05/2019.

Carla Berman Szanleicki – RF 3932

REMESSA

Nesta data, faço vista destes autos ao Representante Legal da UNIÃO FEDERAL (A.G.U.), para que tome ciência do(s) recurso(s) interposto(s).

São Paulo, 05/06/2019.

Carla Berman Szanleicki – RF 3932

RECEBIMENTO - CIÊNCIA A.G.U.

Nesta data, tomei ciência do(s) recurso(s) interposto(s).

☒ Nada a requerer.

() Manifestação em separado.

São Paulo, 05/06/2019

ESTELA RICHTER BERTONI
Advogada da União
1507679

Advogado(a) da União
(ASSINATURA E CARIMBO DO ADVOGADO)

CONCLUSÃO

Nesta data, faço conclusos estes autos ao Exmo
Sr. Desembargador Federal Vice-Presidente dest
Tribunal.

São Paulo, 13 / 06 / 2019.

A
(SERVIDOR - DARE)

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

APELAÇÃO CÍVEL Nº 0017604-70.2009.4.03.6100/SP

2009.61.00.017604-0/SP

APELANTE : Ministério Público Federal
PROCURADOR : JEFFERSON APARECIDO DIAS e outro(a)
APELADO(A) : União Federal
ADVOGADO : SP000019 LUIZ CARLOS DE FREITAS
PARTE AUTORA : ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE
RELIGIOSA E CIDADANIA - ABLIRC
ADVOGADO : SP253140 THIAGO BALAT BARBOSA e outro(a)
No. ORIG. : 00176047020094036100 24 Vr SAO PAULO/SP

DECISÃO

Cuida-se de recurso extraordinário interposto pelo Ministério Público Federal, a desafiar acórdão proferido por órgão fracionário deste Tribunal Regional Federal.

Decido.

O recurso não merece admissão.

Defende a parte insurgente que o acórdão viola os dispositivos infraconstitucionais que aponta.

Com efeito, o acórdão recorrido, atento às peculiaridades dos autos, assim decidiu:

"O Estado brasileiro é laico, ou seja, há separação entre Estado e Igreja, inexistindo, portanto, religião oficial na República Federativa do Brasil.

A fim de concretizar esse primado, o art. 19, I, da Constituição Federal de 1988, estabelece, in verbis:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

[RAALVES@RAALVES]

7659182.V004 1/13



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

Estabelece, ainda, o Texto Constitucional, no rol dos direitos fundamentais, a liberdade de crença e de culto, bem como veda a privação de direitos por motivo de crença religiosa, nos termos do seu art. 5º, incisos VI, VII e VIII, ad litteram:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

No caso dos autos, o Ministério Público Federal busca a reforma da sentença a fim de que os símbolos religiosos ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo, sejam retirados.

No entanto, como observado pelo Parquet Federal ao ofertar parecer nesta instância, o recurso não merece provimento.

Analizando o contexto sociocultural do Brasil, verifica-se que as referências religiosas na esfera pública são se limitam à afixação de símbolos religiosos em prédios públicos, havendo numerosos logradouros, cidades e escolas públicas que ostentam nomes de figuras religiosas, bem como diversos feriados de cunho religioso.

Outrossim, a Constituição Federal de 1988, acompanhando a maioria das Constituições pátrias pretéritas, ostenta em seu preâmbulo uma expressão religiosa ("sob a proteção de Deus"). Conforme entendimento do C. Supremo Tribunal Federal, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2076, a referida expressão não possui força normativa, sendo juridicamente irrelevante.

Como é bem de ver, tais referências não colidem com a laicidade do Estado, revelando-se, na verdade, como expressões da liberdade religiosa e, principalmente, como elementos culturais e históricos da sociedade brasileira, as quais não impõem qualquer tipo de restrição ou de dever aos que professam outras crenças ou que não professam crença alguma.

[RAALVES@RAALVES]

7659182.V004 2/13

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

647
J

Nesse contexto, cumpre, ainda, destacar a previsão constitucional de ensino religioso nas escolas públicas de ensino fundamental, de matrícula facultativa, mais um exemplo de concretização do primado da liberdade religiosa. Assim dispõe o art. 210, § 1º, da Constituição Federal:

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

Dessarte, como Estado laico, espera-se do Estado brasileiro, uma postura de respeito ao pluralismo existente na sociedade, e não um comportamento laicista, de intolerância e hostilidade em relação às religiões.

Nessa toada, a Constituição Federal de 1988 impõe ao Poder Público o dever de proteção e promoção do patrimônio cultural, como se observa no seu art. 216, in verbis:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

[RAALVES@RAALVES]



7659182.V004 3/13



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

(...)

Assim, como bem observou o MM. Juízo a quo:

"(...) a existência de símbolos religiosos em prédios públicos não pode ser tida como violação ao princípio da laicidade ou como indevida postura estatal de privilégio em detrimento as demais religiões, mas apenas como expressão cultural de um país de formação católica, que também deve ser protegida e respeitada".

No mais, diante da realidade sociocultural do Brasil e da frequente convivência tolerante do Estado com referências religiosas, não se mostra plausível a conclusão de que, ao se deparar com um símbolo religioso (geralmente cristão, de vertente católica), uma pessoa que professe crença diversa, ou que não adote nenhuma crença, se sinta ofendida ou constrangida.

Sob a ótica do autor da ação, essa suposta ofensa suportada por minorias religiosas ou não confessionais também se daria diante do fechamento de um órgão público em um feriado de cunho religioso, ou do seu funcionamento em regime de plantão (comumente adotado pelo Poder Judiciário), o que não se mostra razoável.

É certo que, diante do conflito entre direitos fundamentais, impõe-se a adoção de um juízo de ponderação, buscando-se identificar em qual dimensão deve um direito fundamental preponderar quando contraposto a outro direito também fundamental.

À luz da regra da proporcionalidade, deve-se sopesar a intensidade da restrição de um direito fundamental e a importância da realização do direito fundamental diante do qual o primeiro se opõe.

Assim, no caso dos autos, o direito invocado pelo autor, de liberdade de crença dos demais integrantes da sociedade brasileira, não deve prevalecer de modo a implicar a retirada de quaisquer símbolos religiosos existentes em locais de atendimento ao público no âmbito da administração federal, no Estado de São Paulo.

Diante dessa conclusão, não se está a eliminar o direito de minorias religiosas, mas sim conciliar os bens jurídicos em conflito.

A tolerância com símbolos religiosos é a solução que mais se aproxima do primado constitucional de liberdade religiosa e da proteção de aspectos culturais da sociedade, afastando-se, dessa forma, o Estado Brasileiro de uma indesejável posição laicista, de conflito com a fé.

Somado a isso, não restou demonstrado no caso dos autos violação a princípios da administração pública, a exemplo da moralidade e da impessoalidade, sendo certo que o desempenho da função pública é calcado na igualdade de tratamento, não sendo relevante a opção

[RAALVES@RAALVES]

7659182.V004 4/13

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

religiosa do indivíduo, o que também afasta a alegação de inobservância do princípio da isonomia.

No âmbito do Poder Judiciário - a presente demanda originou-se de representação contra a presença de crucifixo em sala de julgamento do Tribunal Regional Eleitoral-, como bem salientou o D. Juízo de origem, em regra, não consta dos processos judiciais nenhum dado relativo à opção religiosa das partes; sendo oportuno destacar, ainda, relevantes julgados proferidos pelo C. Supremo Tribunal Federal em que a E. Corte reafirmou que as decisões judiciais não se pautam por dogmas religiosos, mas por parâmetros jurídicos, a saber: ADI 4277/ADPF 132 (união homoafetiva) e ADPF 54 (anencefalia).

Não se verifica, dessa forma, a existência de nenhum privilégio para os professantes da religião católica, tampouco prejuízo para os demais cidadãos, decorrente da presença de crucifixos em instalações do Poder Judiciário, o que se estende para toda a Administração Federal no Estado de São Paulo.

No mesmo sentido, priorizando o respeito a aspectos culturais da sociedade, decidiu o Tribunal Europeu de Direitos Humanos, no caso *Soile Lautsi x Estado da Itália*, concluindo-se que o crucifixo presente em escolas não constitui apenas um símbolo religioso, possuindo valores históricos e culturais da sociedade italiana.

Por derradeiro, saliento que o Conselho Nacional de Justiça já se manifestou favoravelmente acerca da presença de símbolos religiosos em tribunais, concluindo que a presença desses elementos não fere direitos dos que praticam outras crenças e não afeta o Estado laico, a exemplo do julgamento do Pedido de Providências n°s 0001058-48.2012.2.00.0000.

De rigor, portanto, a manutenção da r. sentença

Diante do exposto, nego provimento ao recurso de apelação.

É como voto."

O CNJ também decidiu sobre o tema.

Nesse sentido:

[RAALVES@RAALVES]



7659182.V004 5/13



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

"PCA Nº 0001418-80.2012.2.00.0000

Trata-se de Procedimento de Controle Administrativo requerido por Mitra Arquidiocesana de Passo Fundo, reclamando de ato do Conselho Superior da Magistratura do Estado do Rio Grande do Sul que ordenou a retirada de Crucifixos e demais símbolos religiosos das dependências do Poder Judiciário Gaúcho.

O ato impugnado teria sido praticado em função de pleito formulado pela Rede Feminista de Saúde, SOMOS - Comunicação, saúde e Sexualidade, THEMIS - Assessoria Jurídica e Estudo de Gênero, Marcha Mundial de Mulheres, NUANCES - Grupo pela livre Orientação Sexual e Liga Brasileira de Lésbicas, que requereram a retirada dos símbolos religiosos, obtendo sucesso, embora com repercussão negativa na sociedade.

Salienta que a decisão tomada pode gerar incentivo futuro a outras decisões semelhantes em departamentos do Poder Público, quando seria mais aceitável deixar como estava há mais de 500 anos de história.

Relembra a onipresença de Deus, mas refere que a ausência do Crucifixo poderá acarretar descrédito, por parte da população cristã, às decisões judiciais, podendo até, levar ao fim o Regime Democrático.

Tece considerações filosóficas e religiosas sobre o sentido da imagem de Cristo crucificado, que representa proteção e luz aos julgadores.

Cita pesquisas que comprovam a repercussão funesta da medida e questiona o interesse das entidades, bem como a possibilidade de uma minoria interpretar e decidir em nome de um Estado inteiro.

Ressalta que a presença dos Crucifixos nas salas do Poder Judiciário não privilegia nenhuma corrente religiosa e não afronta à laicidade do Estado.

Requer então, que seja decretada a nulidade e a desconstituição do ato administrativo emanado pelo Conselho Superior da Magistratura do Estado do Rio Grande do Sul, nos autos do Processo Administrativo nº 0139-11/000348-0.

O Tribunal por sua vez prestou informações destacando que inicialmente houve o indeferimento dos pedidos de retirada dos Crucifixos, pelo então Presidente do Tribunal de Justiça; decisão que restou reformada pelo Conselho Superior da Magistratura, apreciando pedido de reconsideração. Refere que a matéria é objeto de outros questionamentos no CNJ e que esta Corte, como já decidiu anteriormente, não tem competência para apreciar o tema.

PP Nº 0001058-48.2012.2.00.0000

No presente Pedido de Providência, o Deputado Federal Onyx Dornelles Lorenzoni impugna a mesma decisão do Conselho Superior da Magistratura, que determinou a retirada dos Crucifixos das salas do Fórum, o que motivou o julgamento conjunto dos procedimentos.

[RAALVES@RAALVES]

7659182.V004 6/13

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

O requerente reproduz os argumentos alhures, acrescentando que a decisão "fere a liberdade, discrimina convicções religiosas da imensa maioria", além de ser inconstitucional, pois a própria Constituição se estabelece sob a proteção de Deus e garante o respeito às crenças religiosas.

Alinha outros tantos argumentos em favor de sua tese, inclusive que a laicidade do Estado não supõe extirpação dos símbolos religiosos e conclui que a identidade cristã da nação está expressa na história.

Indo mais adiante, questiona as demonstrações religiosas em templos, indagando se também deveriam ser demolidos para não poderem expressar sua condição.

Requeru, por fim, suspensão liminar da decisão do Conselho Superior da Magistratura Gaúcha e, no mérito, seja ela revogada definitivamente.

O Tribunal prestou as mesmas sucintas informações relatadas do processo conexo.

É O RELATÓRIO. PASSO A DECIDIR.

O TJRS, por meio do Conselho Superior da Magistratura, acolhendo pedidos da Rede Feminista de Saúde, SOMOS - Comunicação, saúde e Sexualidade, THEMIS - Assessoria Jurídica e Estudo de Gênero, Marcha Mundial de Mulheres, NUANCES - Grupo pela livre Orientação Sexual e Liga Brasileira de Lésbicas, que requereram a retirada dos símbolos religiosos, obtendo sucesso, embora com repercussão negativa na sociedade, determinou a retirada de Crucifixos e símbolos religiosos dos prédios da Justiça Gaúcha, ocasionando os pedidos de controle e de providência que aqui são examinados conjuntamente por possuírem idêntica causa de pedir.

O pedido não é inédito, pois o CNJ, desde a primeira composição, debruça-se sobre a matéria, que é recorrente: os símbolos religiosos podem compor as salas do Poder Judiciário, sem ferir a liberdade religiosa?

Vejamos.

I - O ESTADO LAICO

O CNJ discutiu em 2011, em seminário organizado pelo então Conselheiro Ives Gandra Martins Filho, a questão da laicidade do Estado, aspecto de fundamental importância no presente caso.

Das conclusões possíveis naquele encontro, e também das abalizadas posições doutrinárias, extrai-se que o Estado brasileiro é laico, o que significa dizer que há separação entre Estado e Igreja.

Porém, há aqueles que confundem Estado Laico com Estado Laicista, deturpação do primeiro, no qual se procura isolar o fator religioso à esfera puramente pessoal, proibindo ou cerceando as manifestações externas da religiosidade.

O CNJ, em decisão plenária unânime, já apreciou pedido de retirada dos adornos referentes a Themis, deusa grega da justiça, abordando a

[RAALVES@RAALVES]

7659182.V004 7/13



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

laicidade do Estado como fato concreto. O processo foi relatado pelo ilustre Conselheiro Bruno Dantas, cujo excerto reproduzo:

Não há que se falar, na espécie, em ofensa à laicização do Estado, pois a estátua da deusa grega Themis, cuja retirada postula o requerente, não ostenta o caráter religioso por ele impingido, mas apenas presta homenagem ao povo grego e aos primórdios da justiça e da democracia. Nota-se que, no precedente, a discussão era sobre eventual ofensa à laicização do Estado por conta da utilização de um símbolo religioso de outro país. Aqui, cuida-se da manutenção de símbolos religiosos referentes à religião cristã, defendida pelos requerentes como sendo a majoritária em nosso país e, bem por isso, representativa da consciência e da cultura de seu povo.

Com efeito, o símbolo religioso de outros povos, utilizado a título de aformoseamento ou mesmo de tributo à origem do direito, não ofende a laicização da nação brasileira.

Da mesma maneira, há inegável prevalência do cristianismo, como fé predominante na nação, o que não pode ser ignorado, mas que também não pode ofender a laicidade do Estado, nem apresentar caráter excludente.

Ou, dito de outro modo, o fato de os brasileiros professarem, em sua maioria, a religião cristã, não pode ser elemento de exclusão ou de diminuída garantia às minorias que praticam outras crenças.

II - SIMBOLOS RELIGIOSOS NO PODER JUDICIÁRIO

Bem se sabe o quanto as divergências religiosas já causaram guerras e destruição ao redor do mundo, em especial por conta da chamada intolerância religiosa, que deve ser combatida como um perigoso elemento desagregador da sociedade.

Nesse diapasão, entendo que os símbolos religiosos são também símbolos culturais, que corporificam as tradições e valores de uma cultura ou civilização, sintetizando-os. Nesse sentido, o Crucifixo é um símbolo simultaneamente religioso e cultural, consubstanciando um dos pilares - o mais transcendente - de nossa civilização ocidental.

Cumprе observar que o preâmbulo da Constituição Brasileira de 1988 é finalizado com a expressão: "promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil".

Em relação aos direitos e deveres individuais, o art. 5º, VI, aponta como sendo "inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias". Portanto, garantidos o direito de liberdade de crença, de consciência e de culto religioso.

No art. 5º, os incisos VII e VIII garantem a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva e que ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de

[RAALVES@RAALVES]

7659182.V004 8/13

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

650
8

convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.

O art. 19, I, aduz ser vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

O art. 143, §§ 1º e 2º, permite serviço alternativo aos que, em tempo de paz, após alistados, alegarem imperativo de consciência, entendendo-se como tal o decorrente de crença religiosa e de convicção filosófica ou política, para se eximirem de atividades de caráter essencialmente militar e os eclesiásticos ficarem isentos do serviço militar obrigatório em tempo de paz.

Já o § 1º do art. 210 estabelece que o ensino religioso será facultativo e constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

O art. 226, § 2º aponta que o casamento religioso produz efeitos civis. Verifica-se, dessa forma, a inexistência de vedação na Carta Magna para que símbolos, como o Crucifixo, sejam expostos em entidades públicas. Ao contrário, há garantia desse direito, conforme art. 5º, VI, acima citado.

Evidencio, assim, que para acolher a pretensão de retirada de símbolos religiosos sob o argumento de ser o Estado laico, seria necessário, também, extinguir feriados nacionais religiosos, abolir símbolos nacionais, modificar nomes de cidades, e até alterar o preâmbulo da Constituição Federal.

Ora, se a própria Constituição Federal traz em seu bojo que foi promulgada "sob a proteção de Deus", se está impresso nas cédulas do real "Deus seja louvado", se inúmeros feriados são religiosos, vemos que o teísmo explícito do Estado brasileiro se manifesta também na manutenção dos símbolos cristãos, seguindo a tradição lusitana que forjou nosso país.

Das várias formas de relação entre Igreja e Estado no tempo e no espaço - Estado Confessional (que adota uma religião como oficial), Estado Ateu (que rejeita o fator religioso como constitutivo do ser humano) e Estado Laico (que vive a separação entre Igreja e Estado, mas com cooperação entre eles e respeito à liberdade religiosa), o Brasil adotou nitidamente esta última forma.

Ou seja, não há como ser elemento de exclusão ou de diminuída garantia às minorias que praticam outras crenças. Por outro lado, visto como símbolo cultural que é, o crucifixo não discrimina ou exclui ninguém.

Até porque, ser laico não significa ser inimigo da religião, ou agir como se a mesma não existisse.

[RAALVES@RAALVES]

7659182.V004 9/13



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61





Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

Portanto, resta claro que a presença do Crucifixo não significa uma mistura de religião e Estado, mas remete a uma questão históricocultural, sem ferir a liberdade religiosa ou a privilegiar apenas uma crença.

Nesse contexto, a proibição ou retirada dos símbolos religiosos existentes em repartições públicas ou em salas de sessões de Tribunais responde à visão preconceituosa daqueles que pretendem apagar os vestígios de uma civilização cristã invocando a laicidade do Estado, quando, na verdade, professam um laicismo mais próximo do ateísmo do que da posição equilibrada da separação entre Igreja e Estado.

Ademais, favorece determinados grupos, como o de ateus ou dos que ostentam outra religião, em detrimento dos que cultuam os referidos símbolos, como, por exemplo, o Crucifixo, revelando-se ato discriminatório.

O ato de retirar um crucifixo de espaço público, que tradicionalmente e historicamente o ostentava, é ato eivado de agressividade, intolerância religiosa e discriminatório, já que atende a uma minoria, que professa outras crenças, ignorando o caráter histórico do símbolo no Judiciário brasileiro.

Destaco as palavras do ministro do STF, Paulo Brossard, que assim escreveu em relação ao tema ora debatido:

Minha filha Magda me advertiu de que estamos a viver tempos do Apocalipse sem nos darmos conta; semana passada, certifiquei-me do acerto da sua observação, ao ler a notícia de que o douto Conselho da Magistratura do Tribunal de Justiça do Estado, atendendo postulação de ONG representante de opção sexual minoritária, em decisão administrativa, unânime, resolvera determinar a retirada de Crucifixos porventura existentes em prédios do Poder Judiciário estadual, decisão essa que seria homologada pelo Tribunal. Seria este "o caminho que responde aos princípios constitucionais republicanos de Estado laico" e da separação entre Igreja e Estado.

Tenho para mim tratar-se de um equívoco, pois desde a adoção da República o Estado é laico e a separação entre Igreja e Estado não é novidade da Constituição de 1988, data de 7 de janeiro de 1890, Decreto 119-A, da lavra do ministro Rui Barbosa, que, de longa data, se batia pela liberdade dos cultos. Desde então, sem solução de continuidade, todas as Constituições, inclusive as bastardas, têm reiterado o princípio hoje centenário, o que não impediu que o histórico defensor da liberdade dos cultos e da separação entre Igreja e Estado sustentasse que "a nossa lei constitucional não é antirreligiosa, nem irreligiosa".

É hora de voltar ao assunto. Disse há pouco que estava a ocorrer um engano. A meu juízo, os Crucifixos existentes nas salas de julgamento do Tribunal lá não se encontram em reverência a uma das pessoas da Santíssima Trindade, segundo a teologia cristã, mas a alguém que foi

[RAALVES@RAALVES]

7659182.V004 10/13

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

acusado, processado, julgado, condenado e executado, enfim justificado até sua crucificação, com ofensa às regras legais históricas, e, por fim, ainda vítima de pusilanimidade de Pilatos, que tendo consciência da inocência do perseguido, preferiu lavar as mãos, e com isso passar à História.

Em todas as salas onde existe a figura de Cristo, é sempre como o injustificado que aparece, e nunca em outra postura, fosse nas bodas de Caná, entre os sacerdotes no templo, ou com seus discípulos na ceia que Leonardo Da Vinci immortalizou.

No seu artigo "O justo e a justiça política", publicado na Sexta-feira Santa de 1899, Rui Barbosa salienta que "por seis julgamentos passou Cristo, três às mãos dos judeus, três às dos romanos, e em nenhum teve um juiz"... e, adiante, " não há tribunais, que bastem, para abrigar o direito, quando o dever se ausenta da consciência dos magistrados ". Em todas as fases do processo, ocorreu sempre a preterição das formalidades legais. Em outras palavras, o processo, do início ao fim, infringiu o que em linguagem atual se denomina o devido processo legal. O Crucifixo está nos tribunais não porque Jesus fosse uma divindade, mas porque foi vítima da maior das falsidades de justiça pervertida.

Não é tudo. Pilatos ficou na história como o protótipo do juiz covarde. É deste modo que, há mais de cem anos, Rui concluiu seu artigo, "como quer te chames, prevaricação judiciária, não escaparás ao ferrete de Pilatos! O bom ladrão salvou-se. Mas não há salvação para o juiz covarde".

Faz mais de 60 anos que frequento o Tribunal gaúcho, dele recebi a distinção de fazer-me uma vez seu advogado perante o STF, e em seu seio encontrei juizes notáveis. Um deles chamava-se Isaac Soibelman Melzer. Não era cristão e, ao que sei, o Crucifixo não o impediu de ser o modelar juiz que foi e que me apraz lembrar em homenagem à sua memória. Outrossim, não sei se a retirada do Crucifixo vai melhorar o quilate de algum dos menos bons.

Por derradeiro, confesso que me surpreende a circunstância de ter sido uma ONG de lésbicas que tenha obtido a escarninha medida em causa . A propósito, alguém lembrou se a mesma entidade não iria propor a retirada de "Deus" do preâmbulo da Constituição nem a demolição do Cristo que domina os céus do Rio de Janeiro durante os dias e todas as noites.[i]

Ressalto que este Conselho já decidiu , em quatro Pedidos de Providência (1.344, 1.345, 1.346 e 1.362) sobre a presença de símbolos religiosos nos Tribunais de Justiça do Ceará, Minas Gerais, Santa Catarina e no Tribunal Regional Federal 4º região, posicionando-se no sentido de mantê-los, sob a afirmação de que os crucifixos são mais símbolos culturais e tradicionais do que religiosos.

[RAALVES@RAALVES]



7659182.V004 11/13



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

Transcrevo a declaração de voto do então Conselheiro Oscar Argollo, no Pedido de Providências nº 1344:

O interesse público primário deve ser traduzido como defesa dos direitos individuais e não abstrações totalitárias de valores ou objetivos coletivos, que pertencem ao mundo do totalitarismo e de intervenções arbitrárias do poder político.

A decisão de manter um crucifixo numa sala de audiências de Tribunal de Justiça não torna o Estado clerical e, data máxima vênia, nem ofende nenhum interesse público, uma vez que, ao contrário, preserva-o, ao garantir aos cidadãos a concretização de uma liberdade. Como diria Alexandre Herculano, não perturba ou tolhe os direitos e acção de outrem ou dos outros (Cartas, I, p. 213)

III - CONCLUSÃO

Diante dos fundamentos acima expostos, verifica-se que a presença de Crucifixo ou símbolos religiosos em um tribunal não exclui ou diminui a garantia dos que praticam outras crenças, também não afeta o Estado laico, porque não induz nenhum indivíduo a adotar qualquer tipo de religião, como também não fere o direito de quem quer seja.

Assim, entendo que os símbolos religiosos podem compor as salas do Poder Judiciário, sem ferir a liberdade religiosa, e que não se pode impor a sua retirada de todos os tribunais, indiscriminadamente.

Por isso, merece reparo a decisão do Conselho Superior da Magistratura do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul que determinou, de forma discriminatória, a retirada dos Crucifixos.

Ante o exposto, voto no sentido de serem julgados procedentes os pedidos, tornando sem efeito o ato administrativo impugnado.

Após as intimações de praxe, arquivem-se.

Brasília, data registrada no sistema

Conselheiro Emmanoel Campelo

Relator"

(...)

No âmbito do Poder Judiciário - a presente demanda originou-se de representação contra a presença de crucifixo em sala de julgamento do Tribunal Regional Eleitoral-, como bem salientou o D. Juízo de origem, em regra, não consta dos processos judiciais nenhum dado relativo à opção religiosa das partes; sendo oportuno destacar, ainda, relevantes julgados proferidos pelo C. Supremo Tribunal Federal em que a E. Corte reafirmou que as decisões judiciais não se pautam por dogmas religiosos, mas por parâmetros jurídicos, a saber: ADI 4277/ADPF 132 (união homoafetiva) e ADPF 54 (anencefalia).

[RAALVES@RAALVES]



7659182.V004 12/13



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32

Número do documento: 22070818562004600000248538999

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>

Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Poder Judiciário
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

652
f

(...)

Verifica-se que o acórdão encontra-se em consonância com o entendimento consolidado no Supremo Tribunal Federal, incidindo na espécie, **óbice da Súmula 286/STF**. " *Não se conhece do recurso extraordinário fundado em divergência jurisprudencial, quando a orientação do plenário do Supremo Tribunal Federal já se firmou no mesmo sentido da decisão recorrida.*"

É pacífica a orientação jurisprudencial da instância superior a dizer que não é cabível o recurso extraordinário para impugnar acórdão que tenha decidido, com base em fatos e nas provas dos autos, haja vista que a aferição do acerto ou equívoco de tal conclusão implica revolvimento do acervo fático-probatório dos autos.

A pretensão recursal, portanto, desafia o entendimento cristalizado na **Súmula 279 do C. STF** (*Para simples reexame de prova não cabe recurso extraordinário.*), dado que a revisão do quanto decidido pressupõe inescapável reexame do arcabouço fático-probatório dos autos.

Ante o exposto, **não admito** o recurso extraordinário.

Int.

São Paulo, 05 de julho de 2019.



"Documento eletrônico assinado digitalmente pelo(a) **Vice-Presidente NERY JUNIOR**, nos termos do art. 1º, §2º, III, "a" da Lei nº 11.419 de 19/12/2006 combinado com a Medida Provisória nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001, que instituiu a Infra-Estrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil. A autenticidade do documento pode ser conferida no site <http://web.trf3.jus.br/acordaos/VerificacaoAssinatura> informando o código verificador **7659182v4.**, exceto nos casos de documentos com segredo de justiça."

[RAALVES@RAALVES]



7659182.V004 13/13



Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Proc. 0017604-70. 2009.403.6100

REMESSA

Nesta data, faço a remessa destes autos ao **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**, para vista.

São Paulo, 24 / 07 / 2019.

[Assinatura]
Divisão de Agravo em Recursos Excepcionais - Daex



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Nesta data, recebi estes autos da Subsecretaria de Feitos da Vice-Presidência e tomei ciência da(s) r. decisão(ões) / do(s) recurso(s) interposto(s) (art. 1.021 / 1.022 / 1.042 do CPC).

[Assinatura] Nada a requerer. Não há ^{*lba*} interesse em apresentar recurso/resposta.

(X) Manifestação em separado. *Agravo via protocolo.*

São Paulo, 28 / 08 / 2019.

[Assinatura]
MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

EXCELENTÍSSIMO SENHOR DESEMBARGADOR FEDERAL VICE-
PRESIDENTE DO TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO

TRF3 - 29/ago/2019 - 15:22



2019.120218 - AGREX/UVIP
GR

TRF3 - JUNTADA SP. 17/09/19
8507
Servidor/RF

Daex

Autos nº 001760470.2009.4.03.6100

O MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, em face da decisão de fls. 646/652, que inadmitiu o recurso extraordinário interposto às fls. 613/622, vem, pela Procuradora Regional da República signatária, com fundamento no artigo 1.042 do CPC/15, interpor, tempestivamente, o presente **AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO**, consubstanciado nas razões aduzidas em anexo.

Requer a reconsideração da decisão de fls. 646/652, nos termos do art. 1.042, §2º, do CPC/15. Caso assim não se entenda, requer que seja o presente agravo submetido ao Supremo Tribunal Federal, onde se aguarda seja provido, pelas razões anexadas.

São Paulo, 30 de julho de 2019.


EUGÉNIA AUGUSTA GONZAGA
PROCURADORA REGIONAL DA REPÚBLICA

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA - 3ª REGIÃO

AUTOS Nº:001760470.2009.4.03.6100
AGRAVANTE: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
AGRAVADA: UNIÃO FEDERAL

RAZÕES DE AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO

Exmo(a). Ministro(a) Relator(a),

Exmo(a). Subprocurador(a)-Geral da República,

I – DOS FATOS

Trata-se de ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a condenação da União à obrigação de fazer consistente na retirada de todos os símbolos de qualquer religião ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público em prédios pertencentes à ré no Estado de São Paulo.

Em sentença prolatada pelo Juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo (fls. 494/500), o pedido foi julgado improcedente.



Em face da sentença, o Ministério Público Federal interpôs recurso de apelação às fls. 502/510. As contrarrazões da União foram acostadas às fls. 533/563.

O MPF, na qualidade de “custos legis”, apresentou parecer, às fls. 567/572, opinando pelo desprovisionamento do recurso.

A Quarta Turma do E. TRF3, negou provimento à apelação. O acórdão restou assim ementado:

APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO.

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida. (TRF 3ª Região, QUARTA TURMA, Ap - APELAÇÃO CÍVEL - 1868675 - 0017604-70.2009.4.03.6100, Rel. DESEMBARGADOR FEDERAL MARCELO SARAIVA, julgado em 07/02/2018, e-DJF3 Judicial 1 DATA:03/04/2018)

Em face do acórdão, foram opostos embargos de declaração pelo Ministério Público Federal (fls. 587/594), pois o acórdão deixou de apreciar os fundamentos relativos aos artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, todos da Constituição Federal.

Em acórdão de fls. 606/610, a Quarta Turma rejeitou os embargos de declaração, nos seguintes termos:

PROCESSUAL CIVIL. EMBARGOS DE DECLARAÇÃO. OMISSÃO, CONTRADIÇÃO E OBSCURIDADE INEXISTENTES. EMBARGOS REJEITADOS.

1. Dispõe o art. 1022, incisos I, II, e III do Código de Processo Civil, serem cabíveis embargos de declaração quando houver, na sentença ou no acórdão, obscuridade, contradição, omissão ou erro material.

2. Não existindo no acórdão embargado omissão a ser sanada, rejeitam-se os embargos opostos sob tais fundamentos.

3. Os embargos de declaração objetivam complementar as decisões judiciais, não se prestando à impugnação das razões de decidir do julgado.

4. Embargos de declaração rejeitados. (TRF 3ª Região, QUARTA TURMA, Ap - APELAÇÃO CÍVEL - 1868675 - 0017604-70.2009.4.03.6100, Rel. DESEMBARGADOR FEDERAL MARCELO SARAIVA, julgado em 21/02/2019, e-DJF3 Judicial 1 DATA:14/03/2019)



Assim, não concordando com o acórdão recorrido, o Ministério Público Federal interpôs recurso extraordinário, às fls. 613/622, com fundamento no art. 102, inciso III, alínea "a", da Constituição Federal, aduzindo a violação aos artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal.

Todavia, o recurso extraordinário não foi admitido pela Vice-Presidência do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, conforme decisão de fls. 646/652 por entender que (i) que o acórdão encontra-se em consonância como o entendimento consolidado no Supremo Tribunal Federal, incidindo na espécie óbice da Súmula 286/STF; (ii) que é pacífica a orientação jurisprudencial da instância superior a dizer que não é cabível o recurso extraordinário para impugnar acórdão que tenha decidido, com base em fatos e nas provas dos autos, haja vista que a aferição do acerto ou equívoco de tal conclusão implica revolvimento do acerto fático-probatório nos autos. Assim, a pretensão recursal desafia o entendimento cristalizado na Súmula 279 do STF.

II – DA TEMPESTIVIDADE DO PRESENTE AGRAVO

O prazo para interposição do agravo contra decisão que inadmitir recurso extraordinário é de 15 dias úteis, conforme previsão dos arts. 219, 1.003, "caput" e §5º, e 1.030, §1º do CPC, contado em dobro para o Ministério Público (art. 180).

Este órgão ministerial foi intimado em 26.07.2019 (sexta-feira) (fls. 653), começando o prazo a escoar no dia útil subsequente, ou seja, em 29.07.2019, encerrando-se em 06.09.2019. Assim, é tempestivo o agravo interposto nesta data, antes do prazo legal.

III – DAS RAZÕES RECURSAIS

III.1 - DA INEXISTÊNCIA DE ENTENDIMENTO CONSOLIDADO NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL SOBRE O TEMA

O Exmo. Vice- Presidente do E. TRF3 inadmitiu o recurso extraordinário considerando, inicialmente, que o acórdão encontra-se em consonância como o entendimento consolidado no Supremo Tribunal Federal, incidindo na espécie óbice da Súmula 286/STF, segundo a qual "Não se conhece do recurso extraordinário fundado em divergência jurisprudencial, quando a orientação do plenário do Supremo Tribunal Federal já se firmou no mesmo sentido da decisão recorrida."



Ocorre que não há entendimento consolidado no STF sobre o tema.

Com efeito, apesar de sustentar a inadmissibilidade do recurso na existência de entendimento consolidado no STF, o Exmo. Vice Presidente do E. TRF3 não juntou aos autos nenhum julgado do STF sobre o tema para comprovar o alegado, limitando-se a transcrever um julgado do CNJ.

Ressalte-se que o referido julgado menciona uma ADI e ADPFs que não tratam do tema dos autos, mas da união homoafetiva e anencefalia. E, ao contrário do sustentado na decisão recorrida, em voto proferido na ADPF 54/DF (anencefalia), o ministro Marco Aurélio de Mello tece considerações relevantes sobre o tema **no mesmo sentido do Recurso Extraordinário:**

"Conclui-se que, a despeito do preâmbulo, destituído de força normativa – e não poderia ser diferente, especialmente no tocante à proteção divina, a qual jamais poderia ser judicialmente exigida –, o Brasil é um Estado secular tolerante, em razão dos artigos 19, inciso I, e 5º, inciso VI, da Constituição da República. Deuses e césares têm espaços apartados. O Estado não é religioso, tampouco é ateu. O Estado é simplesmente neutro.

Merece observação a temática afeta aos crucifixos e a outros símbolos religiosos nas dependências públicas. A discussão voltou à balha com a recente decisão do Conselho Superior da Magistratura do Estado do Rio Grande do Sul no sentido da retirada

dos símbolos religiosos dos espaços públicos dos prédios da Justiça estadual gaúcha.

Ao contrário dos tempos imperiais, hoje, reafirmo, a República Federativa do Brasil não é um Estado religioso tolerante com minorias religiosas e com ateus, mas um Estado secular tolerante com as religiões, o que o impede de transmitir a mensagem de que apoia ou reprová qualquer delas[20].

Há mais. Causa perplexidade a expressão "Deus seja louvado" contida nas cédulas de R\$ 2,00, R\$ 5,00, R\$ 10,00, R\$ 20,00, R\$ 50,00 e R\$ 100,00, inclusive nas notas novas de R\$ 50,00 e R\$ 100,00, essas últimas em circulação a partir de 13 de dezembro de 2010. Em princípio, poder-se-ia cogitar de resquício da colonização portuguesa, quando era comum a emissão de moedas com legendas religiosas, ou de prática advinda do período imperial. Diligência junto ao Banco Central, no entanto, revelou que o Conselho Monetário Nacional –

CMN, ao aprovar as características gerais das cédulas de



Cruzados e de Cruzeiros, recomendou, de acordo com orientação da Presidência da República, que nelas fosse inscrita a citada locução. Nas cédulas de Cruzados, começou,

então, a ser utilizada inclusive naquelas que tiveram a legenda adaptada: Cz\$ 10,00 (Rui Barbosa), Cz\$ 50,00 (Oswaldo Cruz) e Cz\$ 100,00 (Juscelino Kubitschek) – Voto CMN 166/86, Sessão 468, de 26 de junho de 1986. Quando voltou a vigorar o padrão Cruzeiro (1990), foi suprimida no início, inclusive nas que tiveram a legenda adaptada: Cr\$ 100,00 (Cecília Meireles), Cr\$ 200,00 (República) e Cr\$ 500,00 (Ruschi). Voltou a ser usada a partir da cédula de Cr\$ 50.000,00 (Câmara Cascudo), em 1992, com base no Voto CMN 129/91– Sessão 525, de 31 de julho de 1991. No início do padrão Real, foi retirada, mas retornou, após a emissão de algumas séries, em observância ao pedido do Ministro da Fazenda (Aviso nº 395, de 30 de março de 1994, do Ministério da Fazenda, Voto BCB/221, Sessão 1.577, de 8 de junho de 1994, Comunicado MECIR 4.050, de 20 de julho de 1994)

Vê-se, assim, que, olvidada a separação Estado-Igreja, implementou-se algo contrário ao texto constitucional. A toda evidência, o fato discrepa da postura de neutralidade que o Estado deve adotar quanto às questões religiosas. Embora não signifique alusão a uma religião específica, "Deus seja louvado" passa a mensagem clara de que o Estado ao menos apoia um leque de religiões – aquelas que creem na existência de Deus, aliás, um só deus, e o veneram –, o que não se coaduna com a neutralidade que há de ditar os atos estatais, por força dos mencionados artigos 5º, inciso VI, e 19, inciso I, da Constituição da República. Desses dispositivos resulta, entre outras consequências, a proibição de o Estado endossar ou rechaçar qualquer corrente confessional" (ADPF 54, Relator(a): Min. MARCO AURÉLIO, Tribunal Pleno, julgado em 12/04/2012, páginas 39/41)

Ademais, conforme pesquisa realizada no sítio do STF¹, a Súmula 286 do STF está superada, uma vez que, desde o advento Constituição Federal de 1988, não há mais falar em "recurso extraordinário fundado em divergência jurisprudencial", tendo em vista o contido no art. 102, III, e alíneas, da mesma Carta. (RE 514.023 AgR, rel. min. Ellen Gracie, 2ª T, j. 4-12-2009, DJE 22 de 5-2-2010).

III.2 – DA NÃO INCIDÊNCIA DA SÚMULA Nº 279 DO STF AO PRESENTE CASO

Outro fundamento utilizado pelo Exmo. Vice-Presidente do E. TRF3 para a inadmissão do recurso extraordinário do *parquet* foi que "é

¹<http://www.stf.jus.br/portal/jurisprudencia/menuSumarioSumulas.asp?sumula=1556>

pacífica a orientação jurisprudencial da instância superior a dizer que não é cabível o recurso extraordinário para impugnar acórdão que tenha decidido, com base em fatos e nas provas dos autos, haja vista que a aferição do acerto ou equívoco de tal conclusão implica revolvimento do acervo fático- probatório nos autos. A pretensão recursal, portanto, desafia o entendimento cristalizado na Súmula 279 do C.STF (Para simples reexame de prova não cabe recurso extraordinário), dado que a revisão do quanto decidido pressupõe inescapável reexame do arcabouço fático- probatório dos autos.”

Entretanto, para a avaliação das violações apontadas, faz-se necessária tão-somente a análise dos dispositivos constitucionais atinentes à hipótese, bem como a análise da decisão recorrida, sendo despicienda qualquer tipo de valoração das provas existentes nos autos.

Com efeito, o Ministério Público Federal requer a retirada de símbolos religiosos de qualquer religião de locais de ampla visibilidade nas repartições públicas federais no Estado de São Paulo, sob o amparo dos princípios da laicidade estatal, da liberdade de crença, isonomia e impessoalidade (artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, todos da Constituição Federal).

Como se vê, as alegações que pautam o presente recurso tratam de matéria exclusivamente de direito, não havendo qualquer revolvimento do conjunto fático - probatório dos autos, que enseje a aplicação da Súmula nº 279 do Supremo Tribunal Federal.

IV – DO PEDIDO

Pelo exposto, restando evidenciado que o recurso extraordinário interposto atendeu as formalidades genéricas e específicas presentes na Constituição Federal, o Ministério Público Federal requer o provimento do presente Agravo para que o Recurso Extraordinário de fls. 613/622 seja conhecido e provido por esse E. Supremo Tribunal Federal.

São Paulo, 30 de julho de 2019.


EUGÊNIA AUGUSTA GONZAGA
Procuradora Regional da República

CBLF





REMESSA

Nesta data, faço a remessa destes autos à **PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO FEDERAL - AGU**, para vista.

São Paulo, 23.09.2019

RF

Divisão de Agravo em Recursos Excepcionais - DAEX

PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO FEDERAL - AGU

Nesta data, recebi estes autos da Subsecretaria de Feitos da Vice-Presidência e tomei ciência da(s) r. decisão(ões) / do(s) agravo(s) interposto(s) (art. 1021 e/ou 1042 do CPC).

☐ Nada a requerer. Não há interesse em apresentar recurso/resposta.

☒ Manifestação em separado.

São Paulo, São Paulo, 23.09.2019.

RAFAEL FRANKLIN CAMPOS E SOUZA
ADVOGADO DA UNIÃO
OAB RJ 165338

PROCURADORIA REGIONAL DA UNIÃO FEDERAL - AGU

251 81 28



CERTIDÃO DE DISPONIBILIZAÇÃO
Certifico que, nesta data, foi disponibilizada
do Diário Eletrônico, a intimação do(s)
recorrido(s), para apresentar(em) resposta ao(s)
agravo(s) interposto(s)

São Paulo, 11 10 2019
mf 3

Servidor - RF.

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO
Subsecretaria dos Feitos da Vice-Presidência
Divisão de Agravo em Recursos Excepcionais - DAEX



REMESSA

Nesta data, faço remessa dos presentes autos
ao **Supremo Tribunal Federal – STF**, via **Nurt-Núcleo**
de Remessa aos Tribunais Superiores.

São Paulo, 26.11 /2019.

Wagner Christal
Técnico Judiciário – RF 2426

Divisão de Agravo em Recursos Excepcionais - DAEX

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço
<http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20



Supremo Tribunal Federal

Recurso Extraordinário Com Agravo n. 1249095

Certifico que o processo foi integralmente digitalizado, na forma da Resolução 574/2016-STF e que as fls 41, 126 à 138, 523 possuem trechos ilegíveis nos autos físicos originais.

Brasília, 17 de dezembro de 2019.


Marcelo Melo
Matrícula nº 1841

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 06D3-F3E2-7BC7-E41D e senha 8A59-1DDC-4751-2D61



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:55:32
Número do documento: 22070818562004600000248538999
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=22070818562004600000248538999>
Assinado eletronicamente por: VANESSA IYORI TANAKA - 08/07/2022 18:56:20

CERTIDÃO DE CONVERSÃO

e-ARE 1249095

RECTE.(S):	MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES):	PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S):	UNIÃO
PROC.(A/S)(ES):	ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO

Certifico que os presentes autos físicos foram convertidos para o meio eletrônico nos termos da Resolução 574/2016-STF, em 27/01/2020.

Coordenadoria de Processamento Inicial
(documento eletrônico)

Certidão gerada em 27/01/2020 às 06:50:23.
Esta certidão pode ser validada em <https://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> com o seguinte código 6WM34EG08M



TERMO DE RECEBIMENTO E AUTUAÇÃO

e-ARE 1249095

RECTE.(S):	MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES):	PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S):	UNIÃO
PROC.(A/S)(ES):	ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
Procedência:	SÃO PAULO
Órgão de Origem:	TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIAO
Nº Único ou Nº de Origem:	00176047020094036100
Data de autuação:	27/01/2020 às 06:50:24
Outros Dados:	Folhas: 659 Volumes: 3 Apensos: 0 Recursos: 1

Convertidos para o meio eletrônico nos termos da resolução 574/2016-STF, em 24/01/2020.

Assunto:	DIREITO ADMINISTRATIVO E OUTRAS MATÉRIAS DE DIREITO PÚBLICO Garantias Constitucionais , DIREITO ADMINISTRATIVO E OUTRAS MATÉRIAS DE DIREITO PÚBLICO Organização Político-administrativa / Administração Pública
----------	---

CERTIDÃO DE DISTRIBUIÇÃO

Certifico, para os devidos fins, que estes autos foram distribuídos ao Senhor MIN. RICARDO LEWANDOWSKI, com a adoção dos seguintes parâmetros:

Característica da distribuição:	Comum
---------------------------------	-------

DATA DE DISTRIBUIÇÃO: 07/02/2020 - 07:44:00

Brasília, 7 de fevereiro de 2020

Coordenadoria de Processamento Inicial
(documento eletrônico)

Certidão gerada em 07/02/2020 às 07:44:15.
Esta certidão pode ser validada em <https://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> com o seguinte código ZYVK0KENQ2



RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR : **MIN. RICARDO LEWANDOWSKI**
RECTE.(S) : **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**
PROC.(A/S)(ES) : **PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA**
RECDO.(A/S) : **UNIÃO**
PROC.(A/S)(ES) : **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**

Manifeste-se o Procurador-Geral da República.

Brasília, 7 de fevereiro de 2020.

Ministro Ricardo Lewandowski
Relator





Supremo Tribunal Federal

Ofício nº 422/2020

Brasília, 10 de fevereiro de 2020.

Ao(à) Senhor(a)
Secretário(a) Judiciário(a) do(a) Tribunal Regional Federal da 3ª Região

Senhor(a) Secretário(a) Judiciário(a),

De ordem, encaminho a esse juízo de origem os autos físicos dos processos relacionados, que passaram a tramitar nesta Corte de forma eletrônica, nos termos dos artigos 29 e 30 da Resolução nº 427, de 20 de abril de 2010 (DJe de 20/12/2011), com a redação dada pela Resolução nº 476, de 16 de dezembro de 2011(DJe de 20/12/2011):

ARE 1251472 - Relator Ministro Presidente,
ARE 1249527 - Presidência,
ARE 1249095 - Relator Min. Ricardo Lewandowski,
ARE 1249173 - Relator Ministro Presidente

No ensejo, apresento votos de elevada estima e consideração.

Marcus de Paula Félix
Matrícula 1964





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Nº 45.520 – WNB/2020

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO Nº 1249095/SP

AGRAVANTE: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

AGRAVADO: UNIÃO

RELATOR: MINISTRO RICARDO LEWANDOWSKI – SEGUNDA TURMA

Autos eletrônicos distribuídos a este gabinete em 10/02/2020.

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ESTADO LAICO. EXPRESSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA E CULTURAL. IGUALDADE DE TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. PARECER PELO CONHECIMENTO DO AGRAVO PARA NÃO PROVER O RECURSO EXTRAORDINÁRIO.

Trata-se de agravo em recurso extraordinário interposto pelo MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, em face de decisão da Vice-Presidência do Tribunal Regional Federal da 3ª Região que negou seguimento ao recurso extraordinário interposto com fulcro no art. 102, III, “a”, da Constituição Federal.

Consta dos autos que o Ministério Público Federal propôs ação civil pública em face da União, com pedido



de tutela antecipada, visando à retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) presentes em locais públicos proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios da União no Estado de São Paulo

O Juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo julgou improcedente o pedido, sob o argumento, em síntese, de que:

“ (...) a laicidade do Estado brasileiro, como visto, não se traduz em oposição ao fenômeno religioso. Ao contrário, ele é garantido no texto constitucional como direito fundamental de liberdade de consciência, de liturgia e de culto. Mais, é resguardado como valor em si, inclusive sob a perspectiva da expressão cultural do povo brasileiro. Daí a possibilidade de convivência do Estado laico com símbolos religiosos - crucifixos, imagens, monumentos, nomes de logradouros ou de cidades etc. - ainda que em locais públicos, pois refletem a história e a identidade nacional ou regional”.

Contra essa decisão foi interposta
apelação.

A Procuradoria Regional da República da 3ª Região exarou parecer pelo desprovemento do apelo.

A Quarta Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, por unanimidade, negou provimento à apelação. Esta a ementa do acórdão, *verbis*:



APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA.
CONVIVENCIA DO ESTADO LAICO COM
SÍMBOLOS RELIGIOSOS. RECURSO
DESPROVIDO.

I. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida.

Os embargos de declaração opostos foram rejeitados.

O Ministério Público Federal interpôs então recurso extraordinário, com fulcro na alínea “a” do inciso III do art. 102 da Constituição Federal, por ofensa aos arts. 3º, IV, 5º, *caput* e VI, 19, I, e 37, da Constituição Federal, que asseguram a liberdade de consciência e crença religiosa e o tratamento isonômico e impessoal por parte do Poder Público, inclusive em questões religiosas.

Argumentou que a Ação Civil Pública tem por escopo a “promoção da liberdade religiosa de todos os cidadãos que ingressam diariamente nas repartições públicas do Estado de São Paulo, por meio de obtenção de decisão judicial que obrigue a União a retirar dos locais de ampla visibilidade e atendimento ao público os símbolos de qualquer



religião, tudo sob o amparo da laicidade estatal, da liberdade de crença e religiosa”.

Aduziu que a liberdade religiosa garantida pela Constituição Federal é pessoal, de modo que ao se defender a liberdade de autoridades em expor em locais públicos símbolos religiosos ofende-se o princípio da impessoalidade.

No tocante a referências religiosas em ruas de cidades e em feriados de cunho religioso, expôs que são derivados da autonomia legislativa e representatividade popular, o que as diferencia dos casos de símbolos religiosos fixados em prédios públicos.

Sustentou, ainda, que o acórdão atenta contra a liberdade de crença dos cidadãos que professam outras crenças e aos que não professam crença alguma e procuram o serviço público, ferindo assim o princípio da não discriminação.

Expressou que o decidido no “acórdão, na mesma linha da sentença, não gera harmonização dos direitos constitucionais em conflito, pois nega efetividade ao princípio da igualdade e à plena liberdade de crença de parcela da sociedade brasileira em prol do direito à cultura dos católicos, bem como não promove a integração social, já que mantém situação prejudicial à noção de pertencimento e participação na gerência das res pública de cidadãos que não professam as religiões cujos símbolos continuarão exibidos em prédios públicos nos quais necessitem transitar”.



Requeru, ao final, o conhecimento e provimento do recurso a fim de que seja reformado o acórdão recorrido, reconhecendo-se a violação aos dispositivos constitucionais elencados.

A Vice-Presidência da Corte *a quo* não admitiu o recurso sob os seguintes fundamentos:

a) o acórdão encontra-se em consonância com o entendimento consolidado no Supremo Tribunal Federal, incidindo na espécie o óbice da Súmula 286/STF;

b) não é cabível recurso extraordinário para impugnar acórdão que tenha decidido com base em fatos e provas dos autos, a teor da Súmula 279/STF.

Contra essa decisão foi interposto o presente agravo em recurso extraordinário.

É o relatório.

Em sede de admissibilidade, insta considerar que o recurso é cabível, as partes são legítimas e há interesse recursal. Preparo dispensado (art. 1.007, § 1º, do NCPC).



A intimação pessoal do *Parquet* deu-se em 26/07/2019. O agravo foi interposto em 29/8/2019, portanto, tempestivamente (arts. 180, 212, e 1.003, § 5º, do CPC/2015).

Os fundamentos da decisão agravada foram especificamente impugnados.

Preliminar formal e fundamentada de repercussão geral da matéria devidamente apresentada.

Contudo, o recurso extraordinário não deve ser provido.

Cinge-se a controvérsia sobre a manutenção de símbolos religiosos em prédios da União no Estado de São Paulo. Argumenta o recorrente violação aos princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário.

Para melhor compreensão da matéria, transcreve-se os seguintes excertos do acórdão recorrido:

Trata-se de recurso de apelação, interposto pelo Ministério Público Federal, contra r. sentença proferida pelo MM. Juízo da 3º Vara Federal Cível de São Paulo/SP, que julgou improcedente a ação civil pública proposta em face da União Federal, por meio da qual o *Parquet* objetivava a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens,



etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

Na inicial, de fls. 02/06, o Ministério Público Federal informou que o cidadão Daniel Sottomaior Pereira protocolizou representação junto à Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, na qual noticiou a ostentação de símbolo religioso, afixado em local de ampla visibilidade, dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, o que teria gerado ofensa à sua liberdade de crença.

Por essa razão, o órgão do *Parquet* instaurou o procedimento administrativo nº 1.00.000.001411/2007-41, com vistas a apurar o fato noticiado, e, posteriormente, com fundamento nos princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário, ajuizou a presente Ação Civil Pública, cujo pedido imediato dirige-se contra a União Federal, para que seja obrigada a retirar "todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo" (fl.06).

[...]

O Estado brasileiro é laico, ou seja, há separação entre Estado e Igreja, inexistindo, portanto, religião oficial na República Federativa do Brasil.

A fim de concretizar esse primado, o art. 19, I, da Constituição Federal de 1988, estabelece, in verbis:

[...]

Estabelece, ainda, o Texto Constitucional, no rol dos direitos fundamentais, a liberdade de crença e de culto, bem como veda a privação de direitos por



motivo de crença religiosa, nos termos do seu art. 5º, incisos VI, VII e VIII, *ad litteram*:

[...]

Analisando o contexto sociocultural do Brasil, verifica-se que as referências religiosas na esfera pública são se limitam à afixação de símbolos religiosos em prédios públicos, havendo numerosos logradouros, cidades e escolas públicas que ostentam nomes de figuras religiosas, bem como diversos feriados de cunho religioso.

Outrossim, a Constituição Federal de 1988, acompanhando a maioria das Constituições pátrias pretéritas, ostenta em seu preâmbulo uma expressão religiosa ("sob a proteção de Deus"). Conforme entendimento do C. Supremo Tribunal Federal, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2076, a referida expressão não possui força normativa, sendo juridicamente irrelevante.

Como é bem de ver, tais referências não colidem com a laicidade do Estado, revelando-se, na verdade, como expressões da liberdade religiosa e, principalmente, como elementos culturais e históricos da sociedade brasileira, as quais não impõem qualquer tipo de restrição ou de dever aos que professam outras crenças ou que não professam crença alguma.

Nesse contexto, cumpre, ainda, destacar a previsão constitucional de ensino religioso nas escolas públicas de ensino fundamental, de matrícula facultativa, mais um exemplo de concretização do primado da liberdade religiosa. Assim dispõe o art. 210, § 1º, da Constituição Federal:

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar



formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

Dessarte, como Estado laico, espera-se do Estado brasileiro uma postura de respeito ao pluralismo existente na sociedade, e não um comportamento laicista, de intolerância e hostilidade em relação às religiões.

Nessa toada, a Constituição Federal de 1988 impõe ao Poder Público o dever de proteção e promoção do patrimônio cultural, como se observa no seu art. 216, *in verbis*:

[...]

No mais, diante da realidade sociocultural do Brasil e da frequente convivência tolerante do Estado com referências religiosas, não se mostra plausível a conclusão de que, ao se deparar com um símbolo religioso (geralmente cristão, de vertente católica), uma pessoa que professe crença diversa, ou que não adote nenhuma crença, se sinta ofendida ou constrangida.

Sob a ótica do autor da ação, essa suposta ofensa suportada por minorias religiosas ou não confessionais também se daria diante do fechamento de um órgão público em um feriado de cunho religioso, ou do seu funcionamento em regime de plantão (comumente adotado pelo Poder Judiciário), o que não se mostra razoável.

É certo que, diante do conflito entre direitos fundamentais, impõe-se a adoção de um juízo de ponderação, buscando-se identificar em qual dimensão deve um direito fundamental preponderar quando contraposto a outro direito também fundamental.



À luz da regra da proporcionalidade, deve-se sopesar a intensidade da restrição de um direito fundamental e a importância da realização do direito fundamental diante do qual o primeiro se opõe.

Assim, no caso dos autos, o direito invocado pelo autor, de liberdade de crença dos demais integrantes da sociedade brasileira, não deve prevalecer de modo a implicar a retirada de quaisquer símbolos religiosos existentes em locais de atendimento ao público no âmbito da administração federal, no Estado de São Paulo.

Diante dessa conclusão, não se está a eliminar o direito de minorias religiosas, mas sim conciliar os bens jurídicos em conflito.

A tolerância com símbolos religiosos é a solução que mais se aproxima do primado constitucional de liberdade religiosa e da proteção de aspectos culturais da sociedade, afastando-se, dessa forma, o Estado Brasileiro de uma indesejável posição laicista, de conflito com a fé.

Somado a isso, não restou demonstrado no caso dos autos violação a princípios da administração pública, a exemplo da moralidade e da impessoalidade, sendo certo que o desempenho da função pública é calcado na igualdade de tratamento, não sendo relevante a opção religiosa do indivíduo, o que também afasta a alegação de inobservância do princípio da isonomia.

No âmbito do Poder Judiciário - a presente demanda originou-se de representação contra a presença de crucifixo em sala de julgamento do Tribunal Regional Eleitoral-, como bem salientou o D. Juízo de origem, em regra, não consta dos processos judiciais nenhum dado relativo à opção religiosa das partes; sendo oportuno destacar, ainda, relevantes julgados proferidos pelo C. Supremo Tribunal Federal em que a E. Corte



reafirmou que as decisões judiciais não se pautam por dogmas religiosos, mas por parâmetros jurídicos, a saber: ADI 4277/ADPF 132 (união homoafetiva) e ADPF 54 (anencefalia).

Não se verifica, dessa forma, a existência de nenhum privilégio para os professantes da religião católica, tampouco prejuízo para os demais cidadãos, decorrente da presença de crucifixos em instalações do Poder Judiciário, o que se estende para toda a Administração Federal no Estado de São Paulo.

No mesmo sentido, priorizando o respeito a aspectos culturais da sociedade, decidiu o Tribunal Europeu de Direitos Humanos, no caso Soile Lautsi x Estado da Itália, concluindo-se que o crucifixo presente em escolas não constitui apenas um símbolo religioso, possuindo valores históricos e culturais da sociedade italiana.

Por derradeiro, saliento que o Conselho Nacional de Justiça já se manifestou favoravelmente acerca da presença de símbolos religiosos em tribunais, concluindo que a presença desses elementos não fere direitos dos que praticam outras crenças e não afeta o Estado laico, a exemplo do julgamento do Pedido de Providências nºs 0001058-48.2012.2.00.0000.

A Constituição Federal de 1988 consagra a liberdade religiosa e o caráter laico da Estado Brasileiro, que se traduz em neutralidade quanto às religiões, conforme preceitua os arts. 5º, VI, e 19, I, da Carta Magna:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à



igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

.....
Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Nesse sentido, o seguinte precedente dessa Corte Suprema:

ESTADO – LAICIDADE. O Brasil é uma república laica, surgindo absolutamente neutro quanto às religiões. Considerações.

FETO ANENCÉFALO – INTERRUPTÃO DA GRAVIDEZ – MULHER – LIBERDADE SEXUAL E REPRODUTIVA – SAÚDE – DIGNIDADE – AUTODETERMINAÇÃO – DIREITOS FUNDAMENTAIS – CRIME – INEXISTÊNCIA. Mostra-se inconstitucional interpretação de a interrupção da gravidez de feto anencéfalo ser conduta tipificada nos artigos 124, 126 e 128, incisos I e II, do Código Penal. (ADFP 54/DF, Rel. Min. Marco Aurélio, Tribunal Pleno, DJ 12/04/2012)

Pela relevância das considerações, destacam-se os seguintes excertos do voto do Ministro Relator Marco Aurélio quando do julgamento da ADPF 54/DF:

A laicidade estatal, como bem observa Daniel Sarmento, revela-se princípio que atua de modo dúplice: a um só tempo, salvaguarda as diversas confissões religiosas do risco de intervenção abusiva do Estado nas respectivas questões internas – por exemplo, valores e doutrinas professados, a maneira de cultuá-los, a organização institucional, os processos de tomada de decisões, a forma e o critério de seleção dos sacerdotes e membros – e protege o Estado de influências indevidas provenientes da seara religiosa, de modo a afastar a prejudicial confusão entre o poder secular e democrático – no qual estão investidas as autoridades públicas – e qualquer igreja ou culto, inclusive majoritário[21].

[...]

Se, de um lado, a Constituição, ao consagrar a laicidade, impede que o Estado intervenha em assuntos religiosos, seja como árbitro, seja como censor, seja como defensor, de outro, a garantia do Estado laico obsta que dogmas da fé determinem o conteúdo de atos estatais. Vale dizer: concepções morais religiosas, quer unânimes, quer majoritárias, quer minoritárias, não podem guiar as decisões estatais, devendo ficar circunscritas à esfera privada. A crença religiosa e espiritual – ou a ausência dela, o ateísmo – serve precipuamente para ditar a conduta e a vida privada do indivíduo que a possui ou não a possui. Paixões religiosas de toda ordem não de ser colocadas à parte na condução do Estado. Não podem a fé e as orientações morais dela decorrentes ser impostas a quem quer que seja e por quem quer que seja. Caso



contrário, de uma democracia laica com liberdade religiosa não se tratará, ante a ausência de respeito àqueles que não professem o credo inspirador da decisão oficial ou àqueles que um dia desejem rever a posição até então assumida.

No julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 3.510 – na qual se debateu a possibilidade de realização de pesquisas científicas com células-tronco embrionárias –, o Supremo, a uma só voz, primou pela laicidade do Estado sob tal ângulo, assentada em que o decano do Tribunal, Ministro Celso de Mello, enfatizou de forma precisa:

nesta República laica, fundada em bases democráticas, o Direito não se submete à religião, e as autoridades incumbidas de aplicá-lo devem despojar-se de pré-compreensões em matéria confessional, em ordem a não fazer repercutir, sobre o processo de poder, quando no exercício de suas funções (qualquer que seja o domínio de sua incidência), as suas próprias convicções religiosas (grifos no original).

Ao Estado brasileiro é terminantemente vedado promover qualquer religião. Todavia, como se vê, as garantias do Estado secular e da liberdade religiosa não param aí – são mais extensas. Além de impor postura de distanciamento quanto à religião, impedem que o Estado endosse concepções morais religiosas, vindo a coagir, ainda que indiretamente, os cidadãos a observá-las. Não se cuida apenas de ser tolerante com os adeptos de diferentes credos pacíficos e com aqueles que não professam fé alguma. Não se cuida apenas de assegurar a todos a liberdade de frequentar esse ou aquele culto ou seita ou ainda de rejeitar todos eles[23]. A liberdade religiosa e o Estado laico representam mais do que



isso. Significam que as religiões não guiarão o tratamento estatal dispensado a outros direitos fundamentais, tais como o direito à autodeterminação, o direito à saúde física e mental, o direito à privacidade, o direito à liberdade de expressão, o direito à liberdade de orientação sexual e o direito à liberdade no campo da reprodução.

[21] SARMENTO, Daniel. O crucifixo nos Tribunais e a laicidade do Estado, in Revista de Direito do Estado, Ano 2, nº 8: 75-90, out./dez. 2007.

[23] DWORKIN, Ronald. Is democracy possible here? Capítulo 3. Religião e Dignidade. Princeton University Press, 2006. p. 60 e 61.

O princípio do Estado laico relaciona-se diretamente com os direitos fundamentais da liberdade religiosa e da igualdade. Prima pela liberdade religiosa individual que os cidadãos usufruem. E, diante da grande variedade de credos professados pela sociedade brasileira, revela-se como garantidor do princípio da igualdade, de modo que não haja qualquer intervenção do poder público a endossar ou privilegiar uma religião em detrimento de outra.

A esse respeito, válida a transcrição dos seguintes trechos do voto da Ministra Cármen Lúcia no precedente já citado – ADPF 54/DF:

Estado laico é aquele que respeita a diversidade de pontos de vista dos diversos credos sem, contudo, deixar-se influenciar por algum deles em específico. Para Flávia Piovesan,



“... o Estado laico é garantia essencial para o exercício dos direitos humanos, especialmente nos campos da sexualidade e reprodução. Confundir Estado com religião implica a adoção oficial de dogmas incontestáveis, que, ao impor uma moral única, inviabiliza qualquer projeto de sociedade aberta, pluralista e democrática. A ordem jurídica em um Estado Democrático de Direito não pode se converter na voz exclusiva da moral de qualquer religião. Os grupos religiosos tem o direito de constituir suas identidades em torno de seus princípios e valores, pois são parte de uma sociedade democrática. Mas não tem o direito a pretender hegemonizar a cultura de um Estado constitucionalmente laico.

No Estado laico, marcado pela separação entre Estado e religião, todas as religiões merecem igual consideração e profundo respeito, inexistindo, contudo, qualquer religião oficial, que se transforme na única concepção estatal, a abolir a dinâmica de uma sociedade aberta, livre, diversa e plural. Há o dever do Estado em garantir as condições de igual liberdade religiosa e moral, em um contexto desafiador em que, se, de um lado, o Estado contemporâneo busca adentrar os domínios do Estado (ex: bancadas religiosas no Legislativo). Destacam-se, aqui, duas estratégias: a) reforçar o princípio da laicidade estatal, com ênfase à Declaração sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação com base em Intolerância Religiosa; e b) fortalecer leituras e interpretações progressistas no campo religioso, de modo a respeitar os direitos humanos" (Direitos Humanos (coord). Curitiba: Juruá editora, 2007, p. 24-25).



Ainda sob o binômio laicidade do Estado e liberdade religiosa, destaca-se o precedente do Supremo Tribunal Federal na ADI 4439/DF:

ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS. CONTEÚDO CONFESSIONAL E MATRÍCULA FACULTATIVA. RESPEITO AO BINÔMIO LAICIDADE DO ESTADO/LIBERDADE RELIGIOSA. IGUALDADE DE ACESSO E TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. CONFORMIDADE COM ART. 210, §1º, DO TEXTO CONSTITUCIONAL. CONSTITUCIONALIDADE DO ARTIGO 33, CAPUT E §§ 1º E 2º, DA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DO ESTATUTO JURÍDICO DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL PROMULGADO PELO DECRETO 7.107/2010. AÇÃO DIRETA JULGADA IMPROCEDENTE.

1. A relação entre o Estado e as religiões, histórica, jurídica e culturalmente, é um dos mais importantes temas estruturais do Estado. A interpretação da Carta Magna brasileira, que, mantendo a nossa tradição republicana de ampla liberdade religiosa, consagrou a inviolabilidade de crença e cultos religiosos, deve ser realizada em sua dupla acepção: (a) proteger o indivíduo e as diversas confissões religiosas de quaisquer intervenções ou mandamentos estatais; (b) assegurar a laicidade do Estado, prevendo total liberdade de atuação estatal em relação aos dogmas e princípios religiosos.

2. A interdependência e complementariedade das noções de Estado Laico e Liberdade de Crença e de Culto são premissas básicas para a interpretação do ensino religioso de matrícula facultativa previsto na Constituição Federal, pois a matéria alcança a própria liberdade



de expressão de pensamento sob a luz da tolerância e diversidade de opiniões.

3. A liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente as informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também as que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a Democracia somente existe baseada na consagração do pluralismo de ideias e pensamentos políticos, filosóficos, religiosos e da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo.

4. A singularidade da previsão constitucional de ensino religioso, de matrícula facultativa, observado o binômio Laicidade do Estado (CF, art. 19, I)/Consagração da Liberdade religiosa (CF, art. 5º, VI), implica regulamentação integral do cumprimento do preceito constitucional previsto no artigo 210, §1º, autorizando à rede pública o oferecimento, em igualdade de condições (CF, art. 5º, caput), de ensino confessional das diversas crenças.

5. A Constituição Federal garante aos alunos, que expressa e voluntariamente se matriculem, o pleno exercício de seu direito subjetivo ao ensino religioso como disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, ministrada de acordo com os princípios de sua confissão religiosa e baseada nos dogmas da fé, inconfundível com outros ramos do conhecimento científico, como história, filosofia ou ciência das religiões.

6. O binômio Laicidade do Estado/Consagração da Liberdade religiosa está presente na medida em que o texto constitucional (a) expressamente garante a voluntariedade da



matrícula para o ensino religioso, consagrando, inclusive o dever do Estado de absoluto respeito aos agnósticos e ateus; (b) implicitamente impede que o Poder Público crie de modo artificial seu próprio ensino religioso, com um determinado conteúdo estatal para a disciplina; bem como proíbe o favorecimento ou hierarquização de interpretações bíblicas e religiosas de um ou mais grupos em detrimento dos demais.

7. Ação direta julgada improcedente, declarando-se a constitucionalidade dos artigos 33, caput e §§ 1º e 2º, da Lei 9.394/1996, e do art. 11, § 1º, do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e a Santa Sé, relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, e afirmando-se a constitucionalidade do ensino religioso confessional como disciplina facultativa dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

Segundo bem destacado no voto do Ministro Gilmar Mendes na ADI 4439/DF, a Corte Europeia de Direitos Humanos (TEDH), no caso *Lautsi v. Itália*, julgado em definitivo em 18 de março de 2011, concluiu não haver evidências de que a mera presença de crucifixos em salas de aula de escolas pública represente de algum modo doutrinação dos alunos, restando respeitado o direito dos pais de assegurarem a educação e ensino de acordo com suas convicções religiosas e filosóficas:

Parte do direito de liberdade religiosa consiste justamente no direito de manifestação livre do pensamento. Nesse sentido, a Câmara Superior (Grand Chamber) da Corte Europeia de Direitos Humanos reformou, por 15 votos a 2, decisão de uma de suas câmaras, que entendera que a



presença de crucifixos em escolas públicas na Itália ofenderia o direito à educação e à liberdade de pensamento, consciência e religião (arts. 2º e 9º da Convenção Europeia de Direitos Humanos).

A Corte consignou que a mera presença de crucifixos nas salas de aula de escolas públicas não denota processo de doutrinação das crianças, nem limita o direito de educação dos pais, que permanecem com o direito de educar e ensinar seus filhos de acordo com suas convicções religiosas e filosóficas.

A manutenção e a referência de tradições estão, em princípio, dentro da margem de delibação dos países membros, desde que não desrespeitados os direitos e liberdades previstos na Convenção.

Além disso, o fato de não haver consenso europeu sobre a questão da presença de símbolos religiosos nas escolas estaduais foi considerado na decisão, assim como – e principalmente – o peso local atribuído à religião.

Era verdade que, ao prescrever a presença de crucifixos nas salas de aula de escolas públicas – um sinal que indubitavelmente se refere ao cristianismo –, os regulamentos questionados conferem à religião majoritária do país visibilidade preponderante no ambiente escolar. No entanto, isso não foi suficiente para denotar um processo de doutrinação por parte do Estado. Entendeu-se que um crucifixo em uma parede é símbolo essencialmente passivo que não poderia ser considerado apto a influenciar consideravelmente os alunos.

A Corte ressaltou a importância dos pais no aconselhamento de seus filhos e o seu papel como educadores naturais, a guiá-los em um caminho de acordo com suas próprias convicções filosóficas,



mantendo, portanto, o uso dos crucifixos em salas de aula.

Ainda, o Ministro Ricardo Lewandowski lembrou em seu voto que a visibilidade dada ao símbolo religioso – crucifixo – não ofende o postulado da laicidade estatal:

Relembro, neste sentido, o teor do julgado no caso Lautsi et. Al. v. Itália, do Tribunal europeu, no qual se decidiu que a maior visibilidade dada a um símbolo do cristianismo não ofende o postulado da laicidade estatal nem implica doutrinação dos alunos. A Corte lembrou julgados anteriores relacionados ao ensino religioso, os quais reforçam a tese aqui exposta, ressaltando que:

“Nesse sentido, é verdade que, ao prever a presença de crucifixos em salas de aula de escolas públicas - um sinal que, para além de eventual valor simbólico secular, indubitavelmente se refere a Cristianismo – as leis conferem a religião majoritária do país visibilidade preponderante no ambiente escolar.

No entanto, isso não é suficiente para denotar um processo de doutrinação por parte do Estado, nem implica violação dos requisitos do Artigo 2 do Protocolo n.º 1. O Tribunal reporta-se neste ponto, mutatis mutandis, aos anteriormente citados julgamentos de Folgerø e Zengin. No caso Folgerø, em que o Tribunal foi chamado para examinar o conteúdo da disciplina ‘Cristianismo, religião e filosofia’ (KRL), decidiu-se que o fato de o programa ter dado uma participação maior para conhecimento da religião cristã do que a de outras religiões e filosofias não implicava, por si só, desvio dos princípios de pluralismo e objetividade, nem doutrinação. A



Corte explicou que, em vista do lugar ocupado pelo Cristianismo na história e tradição da Estado envolvido – a Noruega - esta questão teve que ser considerada como estando dentro da margem de apreciação que lhe é dada no planejamento e configuração do currículo (ver Folgerø, citado acima, § 89).

O Tribunal chegou a uma conclusão semelhante no contexto das aulas de 'cultura religiosa e ética' nas escolas turcas, onde o programa deu maior destaque ao conhecimento do islamismo haja vista que, apesar da natureza secular do Estado, o islamismo era a religião majoritária praticada na Turquia (ver Zengin, já referido, § 63).”¹⁶

Firme nessas considerações, tem-se que a fixação de símbolos religiosos em repartições públicas não implica violação aos princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário.

Pelo contrário, trata-se na verdade de expressão da liberdade religiosa e da diversidade cultural do povo brasileiro, que deve ser salvaguardada pela tolerância e respeito ao pluralismo.

Esses elementos religiosos não representam qualquer alusão do Estado a determinada religião em detrimento de outra. Tampouco pode-se afirmar que de alguma forma influenciam os atos da Administração Pública, que são pautados pelos princípios da impessoalidade e da moralidade.



Com essas considerações, manifesta-se o Ministério Público Federal pelo conhecimento do agravo para não prover o recurso extraordinário.

Brasília, 09 de março de 2020.

Wagner Natal Batista
Subprocurador-Geral da República

DJAS





União dos Juristas

Católicos de Goiânia.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL – MIN. RICARDO LEWANDOWSKI

ARE 1.249.095

RECTE.(S)
PROC.(A/S)(ES)
RECDO.(A/S)
PROC.(A/S)(ES)

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
UNIÃO
ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO

A **UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA – UNIJUC**, associação civil de direito privado, registrada civilmente e devidamente constituída, com sede na Praça Dom Emanuel s/n, Setor Central, Goiânia – GO, conforme estatuto anexo, vem à presença de Vossa Excelência, nos termos da legislação vigente, requerer seja admitida na qualidade de **AMICUS CURIAE**, nos termos do artigo 138 e seguintes do Código de Processo Civil, pelos fatos e fundamentos a seguir expostos:

DO OBJETO

O presente requerimento como Amicus Curiae tem por objetivo subsidiar este douto juízo com fatos e fundamentos que possam auxiliar na tomada de decisão.

1) DA ADMISSÃO DA ENTIDADE REQUERENTE COMO AMICUS CURIAE

A nova Lei Processual prevê que, quando houver relevância da matéria ou, repercussão social da controvérsia, poderá de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoal natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com representatividade.





Trata-se de um dispositivo que visa, nas palavras de Luiz Guilherme Marinoni, “o aperfeiçoamento da decisão judicial, subsidiando o magistrado e o processo com argumentos e considerações mais profundas, para a adequada definição do litígio.”

O *amicus curiae* tem a função primordial de juntar aos autos parecer ou informações com o intuito de trazer à colação considerações importantes sobre a matéria de direito a ser discutida perante a justiça.

Conforme expõe o ilustre processualista Daniel Amorim Assunção Neves¹:

[...] É preciso reconhecer que o amicus curiae contribui com a qualidade da decisão dando sua versão a respeito da matéria discutida, de forma que ao menos o interesse para a solução da demanda no sentido de sua manifestação sempre existirá. Ainda que tenha muito a contribuir em razão de seu notório conhecimento a respeito da matéria, não é comum que as manifestações do amicus curiae sejam absolutamente neutras.

[...]por outro lado, demonstra-se a existência de um interesse institucional por parte do amicus curiae que, apesar da proximidade com o interesse público, com este não se confunde. O interesse institucional é voltado à melhor solução possível do processo por meio do maior conhecimento da matéria e dos reflexos no plano prático da decisão. Esse verdadeiro interesse jurídico, diferentemente do interesse jurídico do assistente, porque não diz respeito a qualquer interesse subjetivo, é justamente o que legitima a participação do amicus curiae no processo.

A participação da **União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia – UNIJUC** no feito como amiga da corte, ou *amicus curiae*, tem como finalidade precípua o auxílio a este egrégio tribunal superior, para que a decisão proferida por estar consubstanciada com informações suficientes sobre a questão, especialmente no que diz respeito aos “reflexos no plano prático da decisão”.

¹ Manual de Direito Processual Civil, Volume Único. Editora JusPodivm. 8ª Edição. 2016, p.302-303





Além do mais, por se tratar de uma união de **juristas**, as contribuições a serem feitas por esta entidade terão caráter jurídico-científico, qualificando ainda mais o debate.

Portanto, é de extrema necessidade que a **União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia – UNIJUC** seja recebida no feito na qualidade de *amicus curiae*, tendo em vista que este douto juízo tem apenas a ganhar com as contribuições a serem feitas por esta instituição, com informações para melhor embasar e fundamentar a respeitável decisão que será proferida.

Por todo o exposto, requer-se que Vossa Excelência se digne em admitir o ingresso da entidade requerente na presente ação como *amicus curiae*, franqueando-se a sua ampla manifestação.

1.2 - DA UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS

A União dos Juristas Católicos – UNIJUC, é associação legalmente constituída e composta por diversos juristas residentes e atuantes em todo o Estado de Goiás. Dentre suas várias finalidades, a UNIJUC foi constituída também para defender a liberdade religiosa, de acordo com os princípios da fé católica, nos termos do artigo 3º do Estatuto anexo.

O renomado doutrinador Fredie Didier Jr². é enfático em afirmar:

A intervenção do amicus curiae passou a ser possível desde que se trate de causa relevante, ou com tema muito específico ou que tenha repercussão social (art. 138, caput, CPC). Esses pressupostos objetivos são alternativos.

O presente caso é de imensa repercussão social, por se tratar de um tema tão complexo que é fixação de símbolos religiosos em locais públicos, o qual requer uma ampla visão das consequências reais e as implicações jurídicas, que poderão ser fornecidas pela UNIJUC, na condição de *amicus curiae*.

2. DOS PEDIDOS

Ex positis, é a presente para, conforme a inteligência dos artigos 138 e seguintes do Código

² Curso de Direito Processual Civil. Vol. 1. 18ª Edição. Editora Juspodvim.2016. P. 530





União dos Juristas

Católicos de Goiânia.

de Processo Civil, requer a Vossa Excelência, ante a relevância da matéria e a repercussão social do tema objeto da demanda em questão, seja admitida a UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA, na condição de AMICUS CURIAE, sendo-lhe concedido o prazo de 15 (quinze dias) para se manifestar, nos termos da legislação processual civil.

Termos em que, pede deferimento.

Goiânia, 22 de abril de 2020.

(assinado digitalmente)
Emanuel de Oliveira Costa Jr.
OAB/GO 21.861

(assinado digitalmente)
Victor P. S. Naves
OAB/GO 30.890





União dos Juristas

Católicos de Goiânia.

PROCURAÇÃO

OUTORGANTE: UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA – UNIJUC, associação civil de direito privado, registrada civilmente e devidamente constituída, com sede na Praça Dom Emanuel s/n, Setor Central, Goiânia – GO, CEP 74030-140.

OUTORGADO: Dr. Victor Phillip Sousa Naves, devidamente inscrito na OAB/GO sob o n. 30.890, **Dr. Emanuel de Oliveira Costa Jr.**, devidamente inscrito na OAB/GO sob o n. 21.861 e **Dra Rita de Cássia Nunes Machado**, devidamente inscrita na OAB/GO sob o n. 8.597 com escritório localizado na Avenida T-63, n.1.296, Ed. New World, Sala 1511/1512, Setor Bueno, Goiânia-GO., CEP 74.230-105.

PODERES: amplos, gerais e ilimitados, da cláusula *ad judicium* e *extra judicium*, para representar a outorgante perante pessoas de direito público ou privado, particulares, pessoas físicas ou jurídicas, de qualquer espécie ou natureza, investidos de tais poderes para o foro em geral, qualquer juízo, instância ou tribunal, assim como confessar, reconhecer a procedência do pedido, transigir, desistir, renunciar, receber, acordar, dar quitação, firmar compromisso, substabelecer, especialmente para, sem prejuízo dos poderes mencionados, podendo os OUTORGADOS, praticar todos os atos necessários ao bom e fiel cumprimento deste mandato.

Goiânia, 24 de julho de 2018.

Outorgante

Dom Levi Bonatto – Presidente da UNIJUC

Praça Dom Emanuel, s/n – Centro – CEP 74.030-140
Cx Postal 174 – 74001-970 – Goiânia – GO
Fones (62) 3223-0769 e 3223-0759

Documento original assinado e arquivado.

ESTATUTO SOCIAL

UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA – UNIJUC

CAPÍTULO I

DA INSTITUIÇÃO

Art. 1º A UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA – UNIJUC é uma associação civil de direito privado, subordinada aos dispositivos pertinentes às leis civis e canônicas, sobretudo naquilo que trata das Associações de Fiéis, de natureza religiosa, social e cultural, sem fins econômicos, constituída por tempo indeterminado, com sede e foro na cidade de Goiânia, formada pelos associados nominados no presente Estatuto.

§1º A UNIJUC tem sede na Praça Dom Emanuel, s/nº, Centro – Cúria Metropolitana de Goiânia, CEP: 74030-140, Goiânia – GO.

§2º Fica eleito o foro da Comarca de Goiânia, Estado de Goiás, para dirimir eventuais dúvidas ou litígios sobre quaisquer assuntos relacionados com a UNIJUC, independente de pactuações contratuais que porventura envolvam foro diverso.

CAPÍTULO II

DOS OBJETIVOS E DAS FINALIDADES

Art. 2º A UNIJUC tem como objetivo geral a integração entre os profissionais que atuam no âmbito do Direito e da Justiça, favorecendo o testemunho coletivo da fé católica, promovendo a inserção destes no processo de transformação social.

Art. 3º Para a realização do objetivo previsto no artigo anterior, a UNIJUC atenderá particularmente às seguintes finalidades:

- a) Ocupar-se dos problemas do mundo contemporâneo, propondo soluções pautadas nas Sagradas Escrituras, na Sagrada Tradição e no Magistério da Igreja;
- b) Propugnar pelo reconhecimento e respeito ao direito natural e cristão, na justiça e na caridade, defendendo e protegendo a vida humana desde a concepção à morte natural;

Scanned by CamScanner

- c) Afirmar a dignidade inalienável da pessoa humana, promovendo a conscientização acerca de seus direitos, de suas garantias e de seus deveres fundamentais;
- d) Promover e defender a identidade católica da família à luz do Magistério da Igreja, de modo particular às orientações contidas nas Exortações Apostólicas, Encíclicas e nos demais documentos eclesiais referentes a essa instituição fundamental para toda sociedade;
- e) Difundir a doutrina e o ensinamento social da Igreja, principalmente na área jurídica, promovendo os meios que assegurem sua aplicação;
- f) Zelar pelos princípios cristãos nas atividades dos Poderes Judiciário, Legislativo e Executivo, através de um acompanhamento sistemático de suas atividades, por parte dos associados;
- g) Assegurar a presença e a difusão dos princípios católicos na vida social, na ordem pública, nas atividades profissionais e universitárias, bem como em todos os espaços sociais em que se fizerem necessários;
- h) Oferecer aos associados formação integral e permanente fundamentada nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, nos ensinamentos e nas orientações Sinodais, sobretudo no que se refere a nossa Igreja Particular de Goiânia; e nos projetos evangelizadores da Igreja no Brasil e na América Latina, de modo especial nos Documentos das Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano e proporcionar o conhecimento da legislação canônica, contidas seja nos dois Códigos da Igreja Católica, seja extracodicialmente e dos demais atos normativos da Igreja Universal e Local.

1118PTP3 - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017

CAPÍTULO III

DOS ASSOCIADOS

Art. 4º São associados natos o Arcebispo Metropolitano de Goiânia, os Bispos Auxiliares e o Assistente Eclesiástico da UNIJUC.

Art. 5º São associados efetivos todos os bacharéis em Direito.

Art. 6º Os associados efetivos compõem o corpo social da entidade e comprometer-se-ão a:




Scanned by CamScanner

- a) Colaborar no cumprimento dos objetivos institucionais da UNIJUC, assumindo, de forma plena, pública e privativamente, as finalidades, deliberações e orientações da entidade;
- b) Manter com o Arcebispo Metropolitano de Goiânia, seus Bispos Auxiliares e com as demais autoridades Eclesiásticas e Cíveis (Federais, Estaduais e Municipais) um relacionamento adequado e ético;
- c) Atender às convocações para as Assembleias Gerais Ordinárias e Extraordinárias, bem como aos convites para as demais sessões que integram as atividades da UNIJUC;
- d) Subsidiar os trabalhos desenvolvidos pela instituição;
- e) Prestigiar a UNIJUC, pública ou privativamente, por todos os meios ao seu alcance;
- f) Contribuir para a manutenção financeira da entidade.

Art. 7º São direitos dos associados natos e efetivos:

- a) Participar de todos os eventos promovidos pela entidade, segundo os critérios definidos pela Diretoria;
- b) Participar da indicação dos membros da Diretoria, de quaisquer comissões temáticas constituídas pelo Arcebispo Metropolitano de Goiânia ou pela Diretoria, bem como integrar as mesmas;
- c) Apresentar proposições e pedidos que julgarem necessários para a consecução dos objetivos institucionais;
- d) Desligar-se da entidade a qualquer tempo, mediante pedido formulado a Diretoria da Associação.

Art. 8º Os associados não adquirem, por nenhum título, qualquer direito sobre os bens da UNIJUC, nada podendo dela exigir quando do desligamento.

Art. 9º Qualquer associado poderá indicar novos membros para a composição dos quadros da entidade, sendo necessária a apreciação da indicação pela Diretoria e a aprovação do Arcebispo Metropolitano de Goiânia.

Parágrafo único. Para integrar o quadro social da entidade, o indicado que tiver seu nome aprovado deverá prestar, perante o Arcebispo Metropolitano de Goiânia, o Juramento de Fidelidade Eclesial, em atenção às normas Canônicas, em sessão solene.



111PR107 - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017

Scanned by CamScanner

Art. 10 Poderá ser excluído da UNIJUC o associado que cometer os seguintes atos, em conjunto ou isoladamente, contra a Associação:

- a) Comportar-se ou se manifestar-se contrariamente às orientações ou deliberações da Igreja e da entidade;
- b) Faltar injustificadamente por três vezes consecutivas ou cinco vezes de modo alternado, no período de doze meses, às convocações para as Assembleias Ordinárias;

Art. 11 A exclusão de associado dar-se-á mediante proposta justificada e escrita da Diretoria ou de pelo menos três associados com mais de um ano de Associação.

Art. 12 Instaurado o procedimento para exclusão de associado, este deverá ser notificado e deverá apresentar resposta por escrito à Diretoria no prazo de 15 (quinze) dias, lhe sendo assegurado o contraditório e a ampla defesa.

§1º - Findo o prazo para a resposta, terá a Diretoria 30 (trinta) dias para decidir, em primeira instância, quanto à manutenção ou exclusão do associado.

§2º - Da decisão da Diretoria, será notificado o associado para que, querendo, apresente recurso por escrito à Assembleia Geral no prazo de 10 (dez) dias. O recurso será encaminhado à Diretoria, que o submeterá à Assembleia Geral, ordinária ou extraordinária, para deliberação e decisão final.

Art. 13 A eficácia do ato de exclusão de associado somente surte seus efeitos após a comunicação em Assembleia Geral.

Art. 14 Poderá ser condecorado com o Título de Associado Benemérito aquele, jurista ou não, que tenha prestado relevante serviço à UNIJUC.

Parágrafo único. Ao associado benemérito aplica-se, no que couber, o disposto no art. 6º, do presente estatuto.

CAPÍTULO IV

DOS ÓRGÃOS DE ADMINISTRAÇÃO

Art. 15 A UNIJUC é composta pelos seguintes órgãos:

- I. Assembleia Geral;
- II. Diretoria Executiva.

110PTDPJ - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017



Scanned by CamScanner



SEÇÃO I

DA ASSEMBLEIA GERAL

Art. 16 Compete à Assembleia Geral:

- a) Deliberar sobre as alterações estatutárias da entidade e remetê-las à homologação do Arcebispo Metropolitano de Goiânia;
- b) Fixar o valor da anuidade a ser paga pelos associados da entidade, bem como aprovação de contas;
- c) Aprovar o planejamento estratégico bienal, com suas respectivas metas;
- d) Decidir sobre a incorporação, fusão, cisão, dissolução e extinção da entidade, exigindo, para tanto, o voto concorde de 2/3 dos associados em Assembleia Geral convocada exclusivamente para esse fim;
- e) Afastar e destituir os ocupantes dos cargos da Diretoria Executiva e associados, após a apreciação do Arcebispo Metropolitano de Goiânia;
- f) Aprovar as contas da ASSOCIAÇÃO, conforme relatório apresentado pelo Direito Financeiro, na forma do art. 25, parágrafo 1º, do presente Estatuto.

§ 1º Para as deliberações a que se referem as letras "a", "d", e "e", deste artigo, é exigido deliberação de Assembleia Geral especialmente convocada para esse fim, cujo quórum será estabelecido da seguinte maneira:

- a) Em primeira convocação, pela presença da maioria simples dos associados;
- b) Em segunda convocação, com 30 (trinta) minutos após a primeira, com qualquer número de presentes.

§ 2º Para as deliberações estabelecidas no § 1º, serão exigidas aprovações de pelo menos 2/3 (dois terços) dos associados presentes na Assembleia Geral.

Art. 17 A data e a pauta das Assembleias Ordinárias e Extraordinárias serão comunicadas com antecedência mínima de 72 (setenta e duas) horas, por qualquer meio hábil, tais como edital afixado na sede da ASSOCIAÇÃO e/ou e-mail.

Parágrafo único: A Assembleia Geral Extraordinária reunir-se-á sempre que convocada pelo Presidente ou por solicitação de 1/3 dos associados, ou ainda por solicitação do Arcebispo Metropolitano de Goiânia.

Art. 18 A Assembleia Geral ordinária é instalada, em primeira convocação, com a presença de, no mínimo, 2/3 dos associados efetivos ou, em segunda convocação,



111PRTDPJ - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017

Scanned by CamScanner

realizada meia hora após a primeira, com a presença de qualquer número de associados, e suas deliberações serão aprovadas, em ambos os casos, com voto concorde da maioria simples.

Parágrafo único: Aplica-se a Assembleia Geral extraordinária o mesmo quórum de instalação e deliberação previsto para as Assembleias Gerais ordinárias.

Art. 19 As atas das assembleias serão elaboradas pelo Diretor de Secretaria ou seu substituto, assinadas com o Presidente e levadas, quando necessário, a registro cartorial.

Parágrafo único. As atas serão aprovadas na Assembleia subsequente, exceto quando a matéria decidida exigir aprovação imediata.

SEÇÃO II

DA DIRETORIA EXECUTIVA

Art. 20 A Diretoria Executiva será de livre nomeação e exoneração do Arcebispo Metropolitano de Goiânia para o exercício de um mandato de dois anos e composta por:

- I. Presidente;
- II. Vice-presidente;
- III. Diretor de Secretaria;
- IV. Diretor Financeiro;
- V. Diretor Executivo de Comunicação Social e Relações Públicas;

Parágrafo Primeiro. Compete à Diretoria Executiva receber a indicação de nomes, dentre os associados, para a composição de lista dos interessados em compor nova Diretoria Executiva, a ser encaminhada ao Arcebispo Metropolitano.

Parágrafo Segundo. A lista dos interessados em formar a nova Diretoria Executiva deverá ser apresentada em um prazo entre quatro e três meses antes do término do mandato em vigência.

Parágrafo Terceiro. A lista de que trata os parágrafos desse artigo é meramente sugestiva, podendo o Arcebispo escolher livremente entre os associados.

111PRTPJ - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017



Art. 21 A Diretoria Executiva é o órgão de administração da UNIJUC, competindo-lhe implementar todas as deliberações advindas da Assembleia Geral, segundo as competências de cada um dos seus órgãos.

Parágrafo único. A Diretoria Executiva atua na arrecadação e na destinação dos recursos financeiros advindos das anuidades pagas pelos associados e de outras fontes de recursos previstos nesse Estatuto.

Art. 22 Compete ao Presidente:

- I. Representar a UNIJUC ativa ou passivamente, em juízo ou fora dele, perante os órgãos públicos, administrativos e particulares e, em geral, nas suas relações com terceiros;
- II. Convocar e presidir as reuniões da Diretoria Executiva;
- III. Presidir a Assembleia Geral e demais reuniões;
- IV. Responder, em conjunto com o Diretor Financeiro, pela administração das contas bancárias da entidade.

Art. 23 Compete ao Vice-presidente substituir o Presidente, quando necessário, e atuar nos casos de ausências, afastamentos e impedimentos legais do titular.

Art. 24 Compete ao Diretor de Secretaria, dentre outras atribuições, redigir as atas de todas as reuniões, a guarda e conservação de documentos, elaborar as convocações e comunicações internas, de acordo com o Estatuto.

Parágrafo único. Compete ao Diretor Executivo de Comunicação Social e Relações Públicas substituir o Diretor de Secretaria, quando necessário, e atuar nos casos de ausências, afastamentos e de impedimentos legais do titular.

Art. 25 Compete ao Diretor Financeiro, dentre outras atribuições, administrar os recursos financeiros da entidade, receber doações, dar quitação das anuidades e taxas e promover o pagamento de despesas decorrentes da manutenção da UNIJUC.

§ 1º O Diretor Financeiro apresentará o relatório anual de prestação de contas perante a Diretoria e a Assembleia Geral.

§ 2º O Diretor Financeiro responderá perante as instituições bancárias solidariamente com o Presidente da UNIJUC no que concerne à administração das respectivas contas correntes, observado o disposto no art. 22, IV.

Art. 26 Compete ao Diretor Executivo de Comunicação Social e Relações Públicas:



11PRTPJ - Protocolo nº. 1599486 - 09/03/2017

Scanned by CamScanner

- a) Promover a ampla divulgação das atividades da UNIJUC, em todos os meios de comunicação social e eclesial;
- b) Organizar e manter atualizado o *site* e os diversos meios de comunicação da entidade;
- c) Manter contatos com entidades da sociedade e da Arquidiocese de Goiânia e demais (Arqui)Dioceses visando à promoção dos objetivos institucionais da entidade contidos no art. 2º do presente Estatuto.

Art. 27 O Arcebispo Metropolitano de Goiânia designará o Assistente Eclesiástico da UNIJUC, ao qual compete as orientações pastorais e o zelo pelo vínculo eclesial entre a entidade e a Cúria Metropolitana de Goiânia, bem como com os demais órgãos que integram a Pastoral Arquidiocesana.

Parágrafo único. O Assistente Eclesiástico pode participar de todas as reuniões, assembléias e eventos promovidos pela entidade, tendo direito a voz e a voto nas deliberações.

CAPÍTULO VI DAS CLÁUSULAS PÉTREAS

Art. 28 São consideradas cláusulas pétreas, ou seja, que só podem ser alteradas pelo Arcebispo Metropolitano de Goiânia os artigos: 1º, 4º, 8º, 9º, 27, 29, 30, 33 e 37.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 29 O presente Estatuto poderá ser reformado por proposta do Arcebispo Metropolitano de Goiânia, do Assistente Eclesiástico, da Diretoria Executiva ou por 1/3 dos associados, sendo necessária a aprovação pela Assembleia Geral e referendado pelo Arcebispo Metropolitano de Goiânia, nos termos do art.16, letra a.

Parágrafo Único. O quórum para a instalação e deliberação das alterações estatutárias é o mesmo previsto no artigo 18 do presente Estatuto.

Art. 30 O Assistente Eclesiástico, a Assembleia Geral, a Diretoria Executiva e os integrantes das Comissões constituídas pela UNIJUC formam com o Arcebispo



Scanned by CamScanner

Metropolitano de Goiânia uma equipe orgânica e coesa com os objetivos e as metas institucionais.

Art. 31 As fontes de recursos de manutenção da entidade serão oriundas das contribuições dos associados, de doações e demais fontes legais de qualquer natureza.

Art. 32 Os associados não respondem pessoal ou subsidiariamente por quaisquer ônus ou obrigações assumidas em nome da UNIJUC.

Art. 33 É vedada a remuneração, a qualquer título, ou distribuição de lucros, bonificações ou vantagens aos diretores e aos seus associados, sob qualquer forma ou pretexto, sendo os recursos integralmente aplicados para fins institucionais da UNIJUC.

Art. 34 Poderão ser constituídas tantas quantas comissões necessárias para a consecução das finalidades e dos objetivos institucionais.

Art. 35 O exercício social coincide com o ano civil.

Art. 36 Em caso de extinção da UNIJUC, seu patrimônio será destinado à Arquidiocese de Goiânia ou a outra instituição indicada pelo Arcebispo Metropolitano de Goiânia.

Art. 37 É patrono da UNIJUC Santo Ivo.

Goiânia, 20 de dezembro de 2016.


Dom Levi Bonatto
Presidente


Lorraine Carla Vieira Nascimento
OAB/GO 38.048

PROTESTO, REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS E PESSOAS JURÍDICAS DE GOIÂNIA 1/2

Selo Eletrônico: 01951503011908132000352

Pessoas Jurídicas Livro - A

Apresentado hoje, protocolizado, registrado e digitalizado sob nº Protocolo 1599486 e registrado sob nº 6555 data 09/03/2017 08:56:22.

Emolumentos: R\$ 20,00 ISS: R\$ 4,90
Tx. Judic.: R\$ 13,54 Total: R\$ 154,66


✓ Lourdes Bernadeth S. de Souza Barreto - Escrevente
Fone: (62) 3224-4209

PROTESTO, REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS E PESSOAS JURÍDICAS DE GOIÂNIA 2/2

Sob nº Protocolo 1599486

FUNDESP:	9,80	FUNPROGE:	1,96
FUNESP:	7,84	FUNDEPEG:	1,96
ESTADO:	4,90	EMOLUMENTOS:	20
FESEMP:	3,92	O.DESPESAS:	0
ISS:	4,90	PAG. EXTRAS:	78,00
FUNEMP:	2,94	TX.JUDICIÁRIA:	13,54
FUNCOMP:	2,94	CORREIOS:	0,00
FEPADSAJ:	1,96	TOTAL:	154,66

Fone: (62) 3224-4209

Scanned by CamScanner

Relação de Fundadores da União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia - UNIJUC.

DOM LEVI BONATTO, brasileiro, solteiro, religioso, CI nº 614.066 SSP/PR, CPF nº 348.538.559-04, residente e domiciliado à Praça Dom Manoel, s/n, Cúria Metropolitana, Centro - Goiânia - GO.

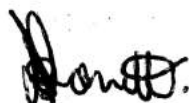
RITA DE CÁSSIA NUNES MACHADO, brasileira, casada, advogada, OAB/GO 8.597, CPF nº 311.019.331-00, residente e domiciliada à Rua Aporé, Qd. A, Lt. 10-A, Residencial Privê Brasília Sul, Setor dos Afonsos, Aparecida de Goiânia - GO.

LORRAINE CARLA VIEIRA NASCIMENTO, brasileira, solteira, advogada, OAB/GO nº 38.048, CPF nº 005.733.011-58 residente e domiciliada à Rua 20, aptº 402, Ed. Pamplona, Centro, Goiânia - GO.

EMANUEL DE OLIVEIRA COSTA JUNIOR, brasileiro casado, advogado, OAB/GO nº 21.861, CPF nº 916.406.791-20, residente e domiciliado na Avenida E, nº 961, Ed. Saint Hilaire, Jardim Goiás, Goiânia - GO,

MARINA RIBEIRO DA SILVA VALADÃO, brasileira, casada, OAB/GO nº 25.630, CPF nº 692.137.711-34 residente e domiciliada na Avenida Interlândia, Qd. 87, Lt. 26, Setor Santa Genoveva, Goiânia - GO.

Goiânia, 20 de dezembro de 2016.



Dom Levi Bonatto
Diretor Presidente

111PRTPJ - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017



Relação de Associados Indicados e Empossados para a Diretoria Geral da União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia - Mandato 20/12/2016 a 20/12/2018, conforme Assembleia Geral realizada no dia 20/12/2016, às 9h, na Sede da Cúria Metropolitana de Goiânia, Praça Dom Emanuel, s/nº Centro, Goiânia - GO.

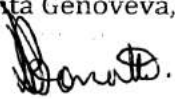
PRESIDENTE: DOM LEVI BONATTO, brasileiro, solteiro, religioso, CI nº 614.066 SSP/PR, CPF nº 348.538.559-04, residente e domiciliado à Praça Dom Manoel, s/n, Cúria Metropolitana, Centro - Goiânia - GO.

VICE PRESIDENTE: RITA DE CÁSSIA NUNES MACHADO, brasileira, casada, advogada, OAB/GO 8.597, CPF nº 311.019.331-00, residente e domiciliada à Rua Aporé, Qd. A, Lt. 10-A, Residencial Privê Brasília Sul, Setor dos Afonsos, Aparecida de Goiânia - GO.

DIRETORA DE SECRETARIA: LORRAINE CARLA VIEIRA NASCIMENTO, brasileira, solteira, advogada, OAB/GO nº 38.048, CPF nº 005.733.011-58 residente e domiciliada à Rua 20, aptº 402, Ed. Pamplona, Centro, Goiânia - GO.

DIRETOR FINANCEIRO: EMANUEL DE OLIVEIRA COSTA JUNIOR, brasileiro casado, advogado, OAB/GO nº 21.861, CPF nº 916.406.791-20, residente e domiciliado na Avenida E, nº 961, Ed. Saint Hilaire, Jardim Goiás, Goiânia - GO,

DIRETORA EXECUTIVA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E RELAÇÕES PÚBLICAS: MARINA RIBEIRO DA SILVA VALADÃO, brasileira, casada, OAB/GO nº 25.630, CPF nº 692.137.711-34 residente e domiciliada na Avenida Interlândia, Qd. 87, Lt. 26, Setor Santa Genoveva, Goiânia - GO.



Dom Levi Bonatto
Presidente

111PRTMPJ - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017



Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Petição	24373/2020
Processo	ARE 1249095
Tipo de pedido	Amicus curiae
Relação de Peças	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: VICTOR PHILLIP SOUSA NAVES 2 - Procuração e substabelecimentos Assinado por: VICTOR PHILLIP SOUSA NAVES 3 - Documentos de Identificação Assinado por: VICTOR PHILLIP SOUSA NAVES
Data/Hora do Envio	22/04/2020 às 18:03:06
Enviado por	VICTOR PHILLIP SOUSA NAVES (CPF: 022.811.211-78)





**EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO RICARDO LEWANDOWSKI
DO EGRÉGIO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**

**AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO
N. 1.249.095**

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS – ANAJURE, associação civil sem fins lucrativos, com objetivo de atuar na defesa das liberdades civis fundamentais (art. 3º, Estatuto), CNPJ/MF nº 18.376.642/0001- 55, com escritório nacional no Setor Bancário Sul, quadra 02, bloco E, sala 601, Ed. Prime Business, CEP 70.070-120, fone (61) 3225-0181, Brasília, Distrito Federal, endereço eletrônico: www.anajure.org.br e correio eletrônico: presidente@anajure.org.br, membro pleno da FIAJC - Federación Inter Americana de Juristas Cristianos e da RLP - Religious Liberty Partnership, entidades internacionais reconhecidas na defesa dos direitos humanos fundamentais, cooperadora conveniada com a Secretaria de Acesso de Direitos e Equidade da Organização dos Estados Americanos – OEA e detentora de registro como Organização da Sociedade Civil na OEA, em processo de obtenção de *status* consultivo junto ao Conselho Econômico e Social da ONU - Organização das Nações Unidas, neste ato representada pelo **Presidente de seu CDN - Conselho Diretivo Nacional, Uziel Santana dos Santos**, nos termos de seu Estatuto Social, art. 13, § 4º, vem mui respeitosamente, por intermédio de seus insígnias advogados, todos membros efetivos desta associação de âmbito nacional, que a esta subscrevem, com base no artigo 138, *caput*, do CPC - Código de Processo Civil, peticionar a sua admissão como

AMICUS CURIAE

No Agravo em Recurso Extraordinário Fundamental n. 1.249.095, proposto pelo **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL** em face de **UNIÃO**, por meio do qual se postula a retirada de todos os símbolos religiosos expostos nas repartições públicas, alegando haver violação dos artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal, pelos fatos e razões a seguir detalhadamente expostos, requerendo, desde já, a apresentação de memoriais, participação em eventuais audiências públicas, produção de sustentação oral, nos termos permitidos pelo art. 7º, § 2º, da Lei 9.868/99.



I. SÍNTESE FÁTICA E PROCESSUAL

O Ministério Público Federal ajuizou Ação Civil Pública objetivando a condenação da União em obrigação de fazer consistente na retirada de todos os símbolos de qualquer religião ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público em prédios pertencentes à ré, no Estado de São Paulo.

Na exordial, argumentou-se que a simples exposição de tais símbolos religiosos fere a laicidade do Estado, a liberdade de crença, a isonomia, a impessoalidade da administração pública e a imparcialidade do judiciário. O pedido foi julgado improcedente pelo Juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo.

O Ministério Público Federal interpôs recurso de Apelação, questionando os termos da decisão. Nas contrarrazões, a União requereu o não provimento do Recurso.

A Quarta Turma do TRF da 3ª Região, analisando o pedido, negou provimento à Apelação. Nesta oportunidade, reconheceu que a presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro, mas reafirma a liberdade religiosa e o respeito a aspectos culturais da sociedade.

O Ministério Público Federal opôs Embargos de Declaração em face do acórdão retro, alegando não terem sido apreciados os fundamentos relativos aos artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, todos da Constituição Federal.

Os Embargos de Declaração foram rejeitados pela Quarta Turma, reconhecendo-se não haver omissão no acórdão. O intuito manifestado pelo MPF, na verdade, revelou-se como mera tentativa de rediscutir a matéria em sede de Embargos, segundo explicou a decisão: *“Diante do exposto, fica evidente que o que se busca é uma nova discussão de matérias já devidamente examinadas, o que não se admite através do recurso de embargos de declaração. Percebe-se que as alegações da embargante demonstram apenas insatisfação com o julgamento, não existindo omissão no aresto”*.

Insurgindo-se contra o teor do acórdão, o Ministério Público Federal interpôs Recurso Extraordinário, com alicerce no art. 102, inciso III, alínea "a", da Constituição Federal, aduzindo haver violação aos artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal.



Contudo, o Recurso Extraordinário não foi admitido pela Vice-Presidência do Tribunal Regional Federal da 3ª Região. A decisão expôs que o acórdão está em conformidade com o entendimento consolidado do STF, segundo o qual “*para simples reexame de prova não cabe recurso extraordinário*” (Súmula 279, STF). A referida orientação jurisprudencial é pacífica e, nesses casos, há entendimento sumulado de que “*não se conhece do recurso extraordinário fundado em divergência jurisprudencial, quando a orientação do plenário do Supremo Tribunal Federal já se firmou no mesmo sentido da decisão recorrida*” (Súmula 286, STF). Assim, por entender que a pretensão recursal desafiou o entendimento cristalizado na Súmula 279, do STF, ante a necessidade de inescapável reexame do arcabouço fático-probatório dos autos, o Recurso foi inadmitido.

O Ministério Público Federal interpôs Agravo em Recurso Extraordinário face à decisão retro. Nesta oportunidade, alegou não haver entendimento consolidado do STF sobre o tema, bem como tratar tal Recurso de matéria de direito, não havendo reexame de provas. Assim, postulou que o Recurso Extraordinário seja conhecido e provido pelo Supremo Tribunal Federal.

Vislumbrando a pertinência temática e em atenção à sua missão estatutária de proteção das liberdades cíveis e fundamentais, a ANAJURE pleiteia o ingresso no presente ARE na condição de *amicus curiae*.

2. PREVISÃO LEGAL E REQUISITOS PARA ADMISSÃO COMO AMICUS CURIAE

O Código de Processo Civil, em seu art. 138, prevê a possibilidade de intervenção de terceiros na qualidade de *Amici Curiae*, mediante o preenchimento de requisitos atinentes à relevância da matéria e à representatividade dos postulantes.

2.1 PREVISÃO LEGAL

Em solo pátrio a figura do *Amicus Curiae* é relativamente recente, contudo não houve óbice à previsão do modelo jurídico em diversas leis esparsas dentro do ordenamento brasileiro ao longo do tempo, a exemplo da Lei n. 9.868/99.



A legitimidade para intervir é verificada mediante análise do disposto no art. 138 do CPC. Dispõe referido artigo, *litteris*:

Art. 138. O juiz ou o relator, considerando a relevância da matéria, a especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia, poderá, por decisão irrecorrível, de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com representatividade adequada, no prazo de 15 (quinze) dias de sua intimação.

Tem-se por certo que o objetivo da intervenção deste terceiro especial é proporcionar a participação efetiva dos mais diversos setores da sociedade, devidamente representados, no centro dos debates travados na Suprema Corte de Constitucionalidade. Excede, portanto, o rol dos ungidos no art. 103 de nossa Carta Constitucional.

Em relação à atuação do *Amicus Curiae*, o art. 131, § 3º, do Regimento Interno do STF permite, inclusive, a sustentação oral daqueles que na qualidade de terceiro interveniente ingressem no processo, para fins de auxílio no *decisum*:

Art. 131 (...) (...) “§ 3º Admitida a intervenção de terceiros no processo de controle concentrado de constitucionalidade, fica-lhes facultado produzir sustentação oral, aplicando-se, quando for o caso, a regra do § 2º do artigo 132 deste Regimento.”

Essa previsão é consolidada no âmbito da jurisprudência do STF, como se pode ver no julgamento da ADI n. 2.777/SP, em que se definiu que os *Amici Curiae* podem se manifestar nos processos para além dos memoriais e demais petições, chegando à realização de sustentação oral.

Por derradeiro, a Requerente manifesta que carreará aos autos novas discussões acerca do tema, com o fito de enriquecer o debate, e que precisam ser levados em consideração na deliberação da Corte quanto à procedência ou improcedência desta ação.

Desse modo, tendo em vista o preenchimento dos requisitos legais e dos pressupostos Jurisprudenciais, faz-se imprescindível o conhecimento da petição de habilitação ao processo, bem como concessão de prazo para apresentação dos memoriais na forma da Lei.



2.2 DA LEGITIMIDADE E REPRESENTATIVIDADE DA ANAJURE

A ANAJURE (Associação Nacional de Juristas Evangélicos) é uma entidade civil com fins não econômicos que congrega advogados, juízes, desembargadores, promotores, procuradores, acadêmicos e bacharéis em direito, tendo seu lançamento institucional sido realizado no Auditório Freitas Nobre da Câmara dos Deputados, em Brasília/DF, em novembro de 2012.

A ANAJURE tem como missão institucional primordial a defesa das liberdades civis fundamentais – em especial a liberdade religiosa e de expressão – e a promoção dos deveres e direitos humanos fundamentais – em especial o princípio da dignidade da pessoa humana (art. 3º, Estatuto). Dentre os objetivos institucionais (art. 4º, Estatuto), destacam-se:

“(...) b) constituir-se como uma entidade de auxílio e defesa administrativa e jurisdicional das igrejas e denominações evangélicas, em especial, nos casos de violação dos direitos fundamentais de liberdade religiosa e de expressão; c) constituir-se como um fórum nacional de discussão sobre o ordenamento jurídico brasileiro, sobre os projetos de lei em tramitação, sobre as propostas de políticas públicas governamentais, especialmente no que diz respeito aos deveres e direitos humanos fundamentais; d) constituir-se como uma entidade promotora de programas, projetos, atividades e ações que visem ao amparo dos chamados grupos vulneráveis, seja no Brasil, seja no mundo, como é o caso do programa de apoio aos refugiados por perseguição de qualquer natureza”.

A entidade tem atualmente cerca de 800 associados, com representação estadual funcionando em 24 Unidades da Federação: Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Cumprindo com seus objetivos institucionais – art. 4º, alínea “b”, anteriormente citado – tem parceria institucional e representa perante o Poder Público, em matérias concernentes às liberdades civis fundamentais, em especial, a Liberdade Religiosa, as denominações evangélicas chamadas de “Igrejas Históricas”, quais sejam: Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Metodista, Aliança das Igrejas Congregacionais do Brasil, Igreja Batista Independente, Convenção Batista Nacional, Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Convenção Batista Brasileira e Igreja Adventista.

Outrossim, ainda a título de representatividade, no cenário internacional a ANAJURE é membro pleno da *Religious Liberty Partnership* – RLP, membro fundador da



Federación Inter-americana de Juristas Cristianos – FIAJC, e uma das entidades fomentadoras do *International Panel of Parliamentarians for Freedom of Religion or Belief – IPPFRB*, uma coalizão internacional de parlamentares em prol da liberdade religiosa do mundo – lançada em novembro de 2014 no Nobel Palace Center, em Oslo – Noruega.

Além disso, a ANAJURE tem várias parcerias internacionais com entidades que trabalham com direitos humanos fundamentais, em especial, a liberdade religiosa, tais como: *Alliance Defending Freedom*, *Christian Solidarity Worldwide – CSW*, *Middle East Concern*, *Advocates International*, *Open Doors International*, *Stefanus Alliance*.

No prisma acadêmico, cumprindo também seus objetivos institucionais e visando à construção de debates sobre as liberdades civis fundamentais, em especial, a Liberdade Religiosa e de Expressão, a ANAJURE:

1. Organiza anualmente o ENAJURE (Encontro Nacional de Juristas Evangélicos), sendo o que o primeiro foi realizado em Campina Grande/PB (2013), o segundo em Cuiabá/MT (2014), o terceiro em Anapólis/GO (2016), o quarto em Niterói/RJ (2017), o quinto em Porto Alegre/RS (2018), o sexto em Belém/PA (2019), e o sétimo a se realizar em Curitiba/PR;
2. Promove anualmente, desde 2014, o Congresso Internacional sobre Liberdades Cíveis Fundamentais no Superior Tribunal de Justiça em Brasília, em parceria com a Universidade Presbiteriana Mackenzie, tendo sido realizada a sexta edição no último 08 de maio de 2019. O Congresso recebeu, ao longo de suas edições, renomados juristas nacionais e internacionais, como o Doutor Jorge Miranda, da Universidade de Lisboa, Doutora Nazila Ghanea, da Universidade de Oxford, Doutor Thomas Schirrmacher, do International Institute for Religious Freedom, Doutor Mário Reis Marques, da Universidade de Coimbra e o Doutor Javier Martinez-Torrón, da Universidade Complutense de Madrid.
3. Organiza a Pós-graduação Internacional Lato Sensu em Estado Constitucional e Liberdade Religiosa, em cooperação com a Universidade Presbiteriana Mackenzie; e a Pós-Graduação Internacional Lato Sensu em Direitos Humanos Fundamentais, em cooperação com a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), com módulos presenciais em São Paulo, Coimbra e Oxford.
4. Publicou os livros “O Direito de Liberdade Religiosa no Brasil e no Mundo” e “Em Defesa da Liberdade de Religião ou Crença”, com a contribuição de renomados



juristas especialistas que há muito militam na área de liberdade religiosa a nível nacional e internacional. <http://www.anajure.org.br/livro/#organizadores>.

5. Possui convênios internacionais de cooperação acadêmica com renomados institutos e centros de pesquisa, como o Regent's Park College da Universidade de Oxford (Reino Unido), International Institute for Religious Freedom (Bonn, Brussels, Cape Town), Globethics.net (Suíça), Ratio Legis da Universidade Autónoma de Lisboa.
6. Criação da Revista Brasileira de Direito e Religião (ReBraDiR), com a finalidade de divulgar artigos científicos, disseminar conteúdo de qualidade e instigar o pensamento crítico nacional e internacional¹.

Ainda, a ANAJURE também representa diversas entidades relacionadas ao ensino confessional, sendo elas a **Associação Internacional de Escolas Cristãs – ACSI – Brasil**, a **Associação Brasileira de Instituições de Ensino Evangélicas – ABIEE**, a **Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios – AECEP** e a **Associação Nacional de Escolas Batistas – ANEB**, **Associação Nacional de Escolas Presbiterianas – ANEP**, **Associação Nacional de Entidades Adventistas de Educação**.

Além disso, recentemente, a ANAJURE realizou os seguintes eventos e ações para a promoção e defesa das chamadas Liberdades Cíveis Fundamentais:

1. Escola Judicial do TRT da 1ª Região no RJ promove painel de debates sobre herança dos 500 Anos da Reforma Protestante com participação do presidente da ANAJURE. <https://www.anajure.org.br/escola-judicial-do-trt-da-1a-regiao-no-rj-promove-painel-de-debates-sobre-heranca-dos-500-anos-da-reforma-protestante-com-participacao-do-presidente-da-anajure/>
2. Nota Pública sobre a PEC 181/2015 e a Proposta de Definir a Concepção como Início da Vida. <https://www.anajure.org.br/nota-publica-sobre-a-pec-1812015-e-a-proposta-de-definir-a-concepcao-como-inicio-da-vida/>
3. ANAJURE e FPMRAH emitem Nota Pública sobre atentados do Estado Islâmico no Egito <https://www.anajure.org.br/nota-publica-sobre-atentados-do-estado-islamico-no-egito/>

¹ <https://anajure.org.br/anajure-abre-submissao-de-artigos-cientificos-no-lancamento-da-revista-brasileira-de-direito-e-religiao-rebradir/>



4. Parlamentares do IPPFoRB realizam consulta regional no RJ e se unem a juristas da FIAJC, ADVOCATES e ANAJURE durante solenidade na Câmara Municipal de Niterói. <https://www.anajure.org.br/relatorio-anual-da-anajure/>
5. ANAJURE protocola no STF Nota Pública sobre Ação Direta de Inconstitucionalidade n. 4275, acerca da alteração dos registros públicos para inclusão de nome social e modificação no sexo civil de transexuais. <https://www.anajure.org.br/nota-publica-sobre-acao-direta-de-inconstitucionalidade-n-4275/>
6. ANAJURE, AMTB e CONPLEI lançam em primeira mão Cartilha dos direitos indígenas durante CBM. <https://www.anajure.org.br/anajure-amtb-e-conplei-lancam-cartilha-dos-direitos-indigenas-durante-cbm/>
7. Nota Pública sobre o julgamento da ADI 3239 pelo STF, que trata sobre a demarcação de terras quilombolas. <https://www.anajure.org.br/15704-2/>
8. Com entrada franca, PAD leva palestra sobre “desafios jurídicos da organização religiosa no Brasil” para Manaus. <https://www.anajure.org.br/com-entrada-franca-pad-leva-palestra-sobre-desafios-juridicos-da-organizacao-religiosa-no-brasil-para-manaus/>
9. ANAJURE visita embaixada do Myanmar no Brasil e discute sobre acusações internacionais de genocídio. <https://www.anajure.org.br/anajure-visita-embaixada-do-myanmar-no-brasil-e-discute-sobre-acusacoes-internacionais-de-genocidio/>
10. ANAJURE e Aliança Evangélica Pró-Quilombolas do Brasil formalizam parceria institucional, para promoção de atividades em prol dos direitos dos povos quilombolas brasileiros. <https://www.anajure.org.br/anajure-e-alianca-evangelica-pro-quilombolas-do-brasil-formalizam-parceria-institucional-para-promocao-de-atividades-em-prol-dos-direitos-dos-povos-quilombolas-brasileiros/>
11. Nota Pública sobre a decisão judicial liminar que tratou da Resolução n. 01/99 do Conselho Federal de Psicologia. <https://www.anajure.org.br/nota-publica-sobre-a-decisao-judicial-liminar-que-tratou-da-resolucao-n-0199-do-conselho-federal-de-psicologia/>
12. Presidente da ANAJURE ministra palestra no Segundo Fórum anual de Economia, Diplomacia e Integridade (EDI), na Costa Rica. <https://www.anajure.org.br/presidente-da-fiajc-ministrara-palestras-em-evento-na-costa-rica/>



13. Presidente da ANAJURE fala sobre liberdade religiosa em conferência nacional no Chile, na Universidade SEK, a convite da ADVOCATES Chile, bem como no Congresso Nacional chileno, precisamente na Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos deputados do Chile, onde falou sobre casos de violação do direito de liberdade religiosa. <https://www.anajure.org.br/presidente-da-fiajc-fala-sobre-liberdade-religiosa-no-congresso-nacional-chileno-e-na-universidade-sek-a-convite-da-advocates-chile/>
14. Liberdade religiosa em pauta com participação da ANAJURE no II Encontro de Acadêmicos Cristãos da UEPB. <https://www.anajure.org.br/liberdade-religiosa-em-pauta-com-participacao-da-anajure-no-ii-encontro-de-academicos-cristaos-da-uepb/>
15. ANAJURE coordena ações para aprovação de Resolução sobre Liberdade Religiosa nas Américas durante XLVII Assembleia Geral da OEA. <https://www.anajure.org.br/anajure-coordena-acoes-para-aprovacao-de-resolucao-sobre-liberdade-religiosa-nas-americas-durante-xxlvii-assembleia-geral-da-oea/>
16. Secretário Executivo do ANAJURE Refugees participa de programa do *Global Refugee Sponsorship* no Canadá. <https://www.anajure.org.br/anajure-participa-de-programa-do-global-refugee-sponsorship-no-canada/>
17. 6ª edição do “Congresso Internacional sobre Liberdades Cívicas Fundamentais – Liberdade Religiosa, Liberdade de Expressão e Objeção de Consciência” é realizado em maio de 2019, no Auditório do Superior Tribunal de Justiça. <https://www.anajure.org.br/anajure-congresso-internacional-liberdades-civis-fundamentais-frente-parlamentar-mista-liberdade-religiosa-refugiados-ajuda-humanitaria/>
18. Em defesa da vida, ANAJURE peticiona ao STF para entrar como *amicus curiae* na ADPF 442. <https://www.anajure.org.br/em-defesa-da-vida-anajure-peticiona-ao-stf-para-entrar-como-amicus-curiae-na-adpf-442/>
19. ANAJURE sediou consulta Anual da RLP sobre liberdade religiosa durante os dias 03 a 06 de abril de 2017. <https://www.anajure.org.br/celebrando-a-unidade-rlp-encerra-consulta-anual-no-brasil/>





20. ANAJURE participa de consulta anual de 2018 da RLP: <https://www.anajure.org.br/religious-liberty-partnership-inicia-consulta-anual-nos-estados-unidos/>
21. *Religious Liberty Partnership* – RLP é recebida pelo Ministro das Relações Exteriores do Brasil e realiza seminário sobre liberdade religiosa no Senado Federal, com a participação da ANAJURE, membro desde 2013. <https://www.anajure.org.br/com-agenda-no-brasil-ate-quinta-feira-rlp-e-recebida-pelo-ministro-das-relacoes-exteriores-do-brasil-e-realiza-seminario-sobre-liberdade-religiosa-no-senado-federal/>
22. Em dia histórico, ANAJURE assina termo de cooperação com a Organização dos Estados Americanos. <https://www.anajure.org.br/anajure-assina-termo-de-cooperacao-com-a-oea/>
23. ANAJURE obtém registro como Organização da Sociedade Civil na Organização dos Estados Americanos: <https://www.anajure.org.br/anajure-obtem-registro-como-organizacao-da-sociedade-civil-na-organizacao-dos-estados-americanos-oea/>
24. ANAJURE participa da 49ª Assembleia Geral da OEA como Organização da Sociedade Civil registrada: <https://www.anajure.org.br/anajure-participa-da-49-assembleia-geral-da-oea-como-organizacao-da-sociedade-civil-registrada/>
25. No Peru, ANAJURE participa de Consulta sobre o Plano Estratégico da CIDH-OEA (2017-2020) e apresenta propostas em defesa da Liberdade Religiosa. <https://www.anajure.org.br/anajure-participa-de-consulta-da-cidh/>
26. Promovido pela ANAJURE junto ao FCL Law, “Coimbra & Oxford Advanced Studies Program – Liberdades Cívicas Fundamentais: Liberdade Religiosa, Liberdade de Expressão e Objeção de Consciência” <https://www.anajure.org.br/nao-se-pode-falar-de-igualdade-e-de-liberdade-se-nao-houver-protecao-e-promocao-da-liberdade-de-religiao/>
27. ANAJURE emite Nota Pública sobre caso de violência em contexto religioso na Nicarágua. <https://www.anajure.org.br/anajure-emite-nota-publica-sobre-caso-de-violencia-em-contexto-religioso-na-nicaragua/>
28. Representando a FIAJC, presidente da ANAJURE viaja para Bolívia onde participa de conferência sobre liberdade religiosa e segue para agenda na OEA.



<https://www.anajure.org.br/representando-a-fiajc-presidente-da-anajure-viaja-parabolivia-onde-participa-de-conferencia-e-segue-para-agenda-na-oea/>

29. ANAJURE participa de consulta sobre fé, corrupção e desenvolvimento promovido pelo Centro de Oxford para Estudos Missiológicos. A consulta aconteceu entre os dias 19 a 21 de setembro de 2016.
<https://www.anajure.org.br/anajure-participa-de-consulta-sobre-fecorrupcao-e-desenvolvimento-promovido-pelo-centro-de-oxford-para-estudosmissiologicos/>
30. Presidente da ANAJURE é convidado para falar sobre Liberdade Religiosa na América Latina em Conferência Internacional a convite do Departamento de Estado dos EUA. Evento aconteceu dia 05 de maio de 2016.
<https://www.anajure.org.br/presidente-da-anajure-econvidado-para-falar-sobre-liberdade-religiosa-na-america-latina-em-conferenciainternacional-a-convite-do-departamento-de-estado-dos-eua/>
31. Pelo segundo ano consecutivo, ANAJURE é convidada a participar da Reunião Ministerial para o Avanço da Liberdade Religiosa, organizada pelo Departamento de Estado dos EUA: <https://www.anajure.org.br/pelo-segundo-ano-consecutivo-anajure-e-convidada-a-participar-da-reuniao-ministerial-para-o-avanco-da-liberdade-religiosa-organizada-pelo-departamento-de-estado-dos-eua/>
32. Durante os dias 20 e 21 de abril de 2016, presidente da ANAJURE, viaja a Santiago onde lança em nome da FIAJC nova associação de juristas durante programação sobre Liberdade Religiosa: eventos ocorreram em universidade e no Congresso Nacional. <https://www.anajure.org.br/fiajc-lanca-nova-associacao-de-juristas-no-chiledurante-programacao-sobre-liberdade-religiosa-eventos-ocorrerao-em-universidade-e-nocongresso-nacional/>
33. Presidente da ANAJURE fala sobre liberdade religiosa no Congresso Nacional mexicano e trabalha pela consolidação das metas da FIAJC no país. Agenda aconteceu entre os dias 15 a 18 de novembro de 2015.
<https://www.anajure.org.br/presidente-da-anajure-fala-sobreliberdade-religiosa-no-congresso-nacional-mexicano-e-trabalha-ela-consolidacao-dasmetas-da-fiajc-no-pais/>
34. Pela segunda vez, ANAJURE participa de Simpósio Anual Internacional da BYU nos Estados Unidos sobre liberdade religiosa durante os dias 04 a 06 de outubro de 2015. <https://www.anajure.org.br/pela-segunda-vez-anajure-participa-de->



[simposio-anualinternacional-da-byu-nos-estados-unidos-sobre-liberdade-religiosa/](#)

35. Dia 30 de setembro de 2015, no Plenário 14 da Câmara dos Deputados, aconteceu a primeira Audiência Pública sobre o Estatuto Jurídico da Liberdade Religiosa no Brasil. O evento foi uma realização da Comissão Especial do Estatuto Jurídico da Liberdade Religiosa junto à ANAJURE. <https://www.anajure.org.br/no-proximo-dia-30-ocorrera-em-brasilia-a-1audiencia-publica-sobre-o-estatuto-juridico-da-liberdade-religiosa-no-brasil/>
36. ANAJURE realiza encontro entre lideranças políticas e religiosas para apoiar PL 1219/2015, que cria o Estatuto Jurídico da Liberdade Religiosa no Brasil. <https://www.anajure.org.br/anajure-realiza-encontro-entre-liderancas-politicas-ereligiosas-para-apoiar-pl-12192015-que-cria-o-estatuto-juridico-da-liberdade-religiosa-nobrasil/>
37. ANAJURE apresenta trabalho sobre como a violência simbólica afeta a liberdade religiosa no Brasil durante conferência na Universidade de Cambridge. <https://www.anajure.org.br/anajure-apresenta-trabalho-sobre-como-a-violenciasimbolica-afeta-a-liberdade-religiosa-no-brasil-durante-conferencia-na-universidade-decambridge/>
38. Em Washington D.C., Presidente da ANAJURE participa de terceiro encontro de Grupo internacional de parlamentares que trabalham pela liberdade religiosa no mundo. <https://www.anajure.org.br/em-washington-d-c-presidente-da-anajure-participa-de-terceiro-encontro-de-grupo-internacional-de-parlamentares-que-trabalham-pela-liberdadereligiosa-no-mundo/>
39. Frente Parlamentar da Liberdade Religiosa, Refugiados e Ajuda Humanitária é reativada no Congresso Nacional, tendo a ANAJURE como membro fundador especial: <https://www.anajure.org.br/urgente-frente-parlamentar-da-liberdade-religiosa-refugiados-e-ajuda-humanitaria-e-reativada-no-congresso-nacional-tendo-a-anajure-como-membro-fundador-especial/>
40. ANAJURE dá orientações sobre Liberdade Religiosa no contexto dos povos indígenas brasileiros durante o CONPLEI Jovem. O evento aconteceu em Miranda (MS) de 13 a 16 de novembro de 2014. <http://www.anajure.org.br/anajure-da-orientacoes-sobre-liberdade-religiosa-nocontexto-dos-povos-indigenas-brasileiros-durante-o-conplei-jovem/>



É mister mencionar que cerca de 42 milhões de pessoas da população brasileira são evangélicas, segundo censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE, perfazendo, à época, aproximadamente 23% dos brasileiros. Em 2016, este número, segundo o Data Folha, chegou próximo aos 30%, ultrapassando, assim, a casa dos 50 milhões de brasileiros.

A ANAJURE, Associação Nacional dos Juristas Evangélicos, agrega em suas fileiras juristas de todas as grandes denominações evangélicas presentes no Brasil, tais como: luteranos, batistas, congregacionais, presbiterianos, assembleianos, pentecostais e neopentecostais, sendo porta-voz dessas em muitas situações, como, a título de exemplo, no apoio ao Projeto de Lei 1219/2015 (Estatuto da Liberdade Religiosa) e nas discussões que envolveram a aprovação da Base Nacional Comum Curricular.

Destarte, sendo a ANAJURE uma entidade que defende a proteção das liberdades civis fundamentais, bem como a ampla e irrestrita salvaguarda dos princípios constitucionais do Estado Democrático de Direito, reputa por legítima sua admissão como *Amicus Curiae*.

2.3 DA RELEVÂNCIA TEMÁTICA

No plano objetivo, o art. 138, *caput*, determina que seja considerada “a relevância da matéria, a especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia (...)” como requisitos à admissão do amigo da corte.

Neste caso, a relevância temática baseia-se no fato de que a matéria em comento se relaciona com as liberdades civis fundamentais, em especial, a liberdade religiosa e a laicidade estatal, área de atuação técnica da ANAJURE. Discute-se, no mérito da ação, que a exposição de símbolos religiosos nas repartições públicas contraria os artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal.

Assim, resta evidenciada a necessidade de se discutir, no presente ARE, alguns aspectos referentes à liberdade religiosa e à laicidade, sendo a ANAJURE um importante interlocutor nessa temática.

Notadamente em virtude de representar as instituições acima mencionadas, a ANAJURE atua ativamente na produção de materiais acadêmicos e técnicos, organização de eventos nacionais e internacionais, bem como emite opiniões públicas e pareceres sobre as diversas discussões jurídicas que envolvem as liberdades civis fundamentais.



Com efeito, atinente ao tema em vergaste, veja-se algumas atividades por ela desempenhadas:

1. Nota Pública sobre decisão do TJ/SP que determinou a retirada de inscrições bíblicas e de monumento em Praia Grande/SP: <https://www.anajure.org.br/anajure-emite-nota-publica-sobre-decisao-do-tjsp-que-determinou-a-retirada-de-inscricoes-biblicas-de-monumento-em-praia-grande/>;
2. Nota Pública sobre a participação de Grupos Religiosos no Processo Eleitoral: <https://www.anajure.org.br/anajure-emite-nota-publica-sobre-a-participacao-de-grupos-religiosos-no-processo-eleitoral/>;
3. Edição do livro “Em defesa da liberdade de religião ou crença”: <https://www.anajure.org.br/anajure-publicacoes-lanca-seu-mais-novo-livro-em-defesa-da-liberdade-de-religiao-ou-crenca/>;
4. Elaboração de Carta de Teses e Princípios aos presidenciais (Eleições 2018): <https://www.anajure.org.br/anajure-emite-carta-de-teses-e-principios-aos-presidenciais-eleicoes-2018/>;
5. Nota Pública sobre a Lei 13.868/19 que altera a LDB e reestrutura a natureza jurídica das escolas confessionais: <https://www.anajure.org.br/anajure-emite-nota-publica-sobre-a-lei-13-868-19-que-altera-a-ldb-e-reestrutura-a-natureza-juridica-das-escolas-confessionais/>;
6. Admissão, na condição de Amicus Curiae, na ADO 26², ADI 4.439³, ADI 5256⁴, ADI 5537⁵, ADPF 460⁶, ADPF 465, ADPF 467, ADPF 522, ADPF 618⁷, RE 611874⁸;
7. Nota Pública sobre o julgamento da ADI 4439, referente ao ensino religioso em escolas públicas de ensino fundamental: <https://www.anajure.org.br/nota-publica-sobre-o-julgamento-da-adi-4439-pelo-stf-que-trata-do-ensino-religioso-em-escolas-publicas-de-ensino-fundamental/>;

² Criminalização da homotransfobia.

³ Relativa ao ensino religioso nas escolas públicas.

⁴ Manutenção de Bíblia nas escolas públicas do MS.

⁵ Discute o programa “Escola Livre”.

⁶ ADPF 460, 465, 467 E 522: gênero nas escolas.

⁷ Resoluções que impedem a recusa de transfusão de sangue.

⁸ Candidato adventista aprovado em fase teórica com prova prática agendada para sábado.



8. Realização de sustentação oral durante o julgamento conjunto da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão n. 26 e do Mandado de Injunção n. 4733, referente a criminalização da homotransfobia: <https://www.anajure.org.br/anajure-sustentacao-oral-julgamento-ado-26-e-mi-4733-supremo-tribunal-federal/>;

No julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade n. 1.157-MC, DJ 17.11.2006, o eminente Ministro Celso de Mello ressaltou que “*o requisito da pertinência temática (...) se traduz na relação de congruência que necessariamente deve existir entre os objetivos estatutários ou as finalidades institucionais da entidade autora e o conteúdo material da norma questionada em sede de controle abstrato*”.

Pelos fatos e razões expostas acima, resta demonstrada a congruência entre os objetivos estatutários e finalidades institucionais da ANAJURE e o discussão referente à presença dos símbolos religiosos em locais públicos, de modo que se preenche, portanto, o requisito da pertinência temática para admissão da ANAJURE como *Amicus Curiae* no presente caso.

3. DO MÉRITO

3.1. DA LAICIDADE ESTATAL

O princípio da laicidade estatal está previsto na Carta Magna brasileira, no art. 19, inciso I, segundo o qual veda-se aos entes federativos estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.

O Estado laico é aquele em que não há uma religião ou entidade religiosa oficial (aconfessionalidade estatal), e onde se garante às organizações religiosas uma não interferência do Estado em sua criação e funcionamento. Em resumo, a laicidade ocorre quando há separação entre Igreja e Estado.

Essa separação, contudo, não significa uma inimizade com a fé nem importa na exclusão da religiosidade da esfera pública. Em alguns países, no entanto, a tendência de confinamento da religiosidade ao âmbito da vida privada tem se confundido com a própria laicidade. No Brasil, por sua vez, a visão constitucional de Estado Laico não se



coaduna com esse formato de privatização da fé. Aloisio Cristovam dos Santos Júnior⁹, ao analisar a construção da laicidade no Brasil, assinala que o nosso ordenamento “*adotou uma neutralidade benevolente, tendente a obsequiar o fenômeno religioso e não a expurgá-lo por completo do espaço público*”.

Na mesma linha, o Informativo n. 875, do STF¹⁰, distinguiu a laicidade do laicismo, dispondo que:

O princípio da laicidade não se confunde com laicismo. Explicou que o referido princípio veda que o Estado assuma como válida apenas uma crença religiosa ou uma determinada concepção de vida em relação à fé. O pluralismo de uma sociedade democrática exige de todos os cidadãos processos complementares de aprendizado a partir da diferença. Isso implica reconhecer que a própria noção de neutralidade do Estado, como expectativa normativa de um princípio da laicidade, é, ela própria, sujeita ao diálogo, ao debate e ao aprendizado.

Assim, em nosso país, consagra-se, na Constituição da República, a liberdade religiosa como direito fundamental, nos termos do art. 5º, VI: “*é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias*”. A laicidade em vigor não pretende suprimir as manifestações religiosas, mas, na verdade, preservá-las. Por isso, protege a liberdade de consciência e de crença, os locais de cultos e as liturgias. O nosso ordenamento ainda permite a colaboração de interesse público entre igrejas e o Estado, bem como assegura a objeção de consciência e a imunidade de templos religiosos. Tais exemplos demonstram que há muitas formas constitucionais de interação entre religião e política das quais não decorrem ingerências, afastando-se, assim, perspectivas que constroem muros de separação entre os dois âmbitos.

Compreende-se, portanto, que, no âmbito da laicidade, não se veda o diálogo entre fé e esfera pública. Por força do disposto no art. 19, inciso I, da CF/88, o que se proíbe é o estabelecimento de culto religioso ou de embaraços ao seu funcionamento por parte do Estado. No caso em tela, temos que **a manutenção de crucifixos nas repartições públicas não configura a promoção de culto religioso nem embaraço à sua realização.**

⁹ SANTOS JUNIOR, Aloisio Cristovam dos. A laicidade estatal no direito constitucional brasileiro. Disponível em: < <https://sylviomiceli.wordpress.com/2008/05/04/a-laicidade-estatal-no-direito-constitucional-brasileiro/>>. Acesso em: 28 ago. 2018

¹⁰ ADI 4439/DF, rel. Min. Roberto Barroso, julgamento em 30 e 31.8.2017. (ADI-4439). Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/informativo/documento/informativo875.htm>.



Ademais, a mera exposição do símbolo religioso não significa um favorecimento do Poder Público aos adeptos de uma confissão. Embora assim alegue, **o Autor falha em estabelecer o nexo entre a presença do símbolo nas repartições e o dano que disso decorreria aos cidadãos que professam outras crenças ou mesmo à imparcialidade da Administração Pública.** Nas alegações da parte autora não há, em nenhum momento, indicação de situações concretas nas quais cidadãos foram beneficiados ou discriminados pelo Poder Público em função do símbolo ostentado. Também não demonstra a existência de decisões ou de atos públicos que tenham privilegiado a religião cujos símbolos têm sido expostos nos prédios governamentais.

Nesse diapasão, o **Conselho Nacional de Justiça decidiu, em 2016, que os símbolos religiosos nas repartições públicas não ferem a laicidade do Estado**, conforme trecho abaixo transcrito:

Diante dos fundamentos acima expostos, verifica-se que a presença de Crucifixo ou símbolos religiosos em um tribunal não exclui ou diminui a garantia dos que praticam outras crenças, também não afeta o Estado laico, porque não induz nenhum indivíduo a adotar qualquer tipo de religião, como também não fere o direito de quem quer seja. Assim, entendo que os símbolos religiosos podem compor as salas do Poder Judiciário, sem ferir a liberdade religiosa, e que não se pode impor a sua retirada de todos os tribunais, indiscriminadamente¹¹.

Defendemos, portanto, que este Egrégio Tribunal deve manter a *ratio* e o entendimento adotados pelo Conselho Nacional de Justiça.

Acrescente-se, ainda, que a fixação de tais símbolos não gera ofensa ao princípio da impessoalidade da Administração Pública, o qual diz respeito *inter alia* a não promoção de autoridades ou servidores em publicidades, conforme art. 37, § 1º, da Constituição Federal/1988:

§ 1º A publicidade dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos deverá ter caráter educativo, informativo ou de orientação social, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos.

Os símbolos religiosos não se vinculam a uma única pessoa, representando, na verdade, aspecto histórico-cultural da população brasileira, de modo que não podem ser tidos como uma ofensa ao princípio da impessoalidade, visto que não caracterizam promoção pessoal de autoridades ou de servidores públicos.

¹¹ Pedido de Providências n. 0000620-85.2013.2.00.0000, jun./2016, Rel. Conselheiro Emmanoel Campelo.



Pelo exposto, compreende-se que a exposição de símbolos religiosos em locais públicos não importa em afronta à laicidade ou ao princípio da impessoalidade, sendo, na verdade, condizente com os ideários constitucionais de pluralismo, tolerância e de proteção à cultura, o que desenvolveremos no tópico a seguir.

3.2. MANUTENÇÃO DOS SÍMBOLOS RELIGIOSOS COMO FORMA DE PROTEÇÃO À HISTÓRIA E CULTURA NACIONAIS

Para muitos indivíduos, a religião é o aspecto mais importante da vida, compondo sua identidade, direcionando sua compreensão da realidade e orientando todos os seus pontos de vista.

A adoção de uma determinada religião pelos cidadãos, inevitavelmente, provoca reflexos na cultura, algo bastante perceptível no contexto brasileiro. A influência pode ser notada a partir da observação de alguns elementos característicos, como os feriados existentes em nosso país; as reuniões comemorativas que se estabelecem nas datas de cunho religioso; o forte apelo das festas populares com raízes inegavelmente religiosas¹²; a linguagem e as expressões carregadas de sentimento religioso; e, ainda, a própria rotina do brasileiro, que, comumente, escolhe um dia da semana para manifestar sua espiritualidade em comunidade.

Tais expressões culturais possuem nítidas raízes na religiosidade. Garanti-las representa um esforço para a manutenção da boa convivência entre os aderentes de diversos credos e para a preservação da identidade de um povo. Há, portanto, uma relação entre a salvaguarda da liberdade religiosa e a proteção da cultura de uma comunidade.

A respeito dessa relação entre cultura e religião, vale mencionar, também, alguns reflexos produzidos no âmbito normativo. A primeira Carta Magna brasileira, a Constituição Imperial de 1824, é outorgada por Dom Pedro Primeiro, “*por graça de Deus*”, nos termos do preâmbulo, e “*em nome da Santíssima Trindade*”. Constituições posteriores mantiveram menções religiosas, também em sede de preâmbulo, à “*confiança em Deus*” dos representantes do povo brasileiro¹³ e à promulgação “*sob a proteção de*

¹² Podemos citar como exemplos disso as festas juninas, que movimentam diversos municípios em termos econômicos, turísticos e culturais, e as festas dos padroeiros de determinadas localidades.

¹³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm



Deus”¹⁴. Diante de um país profundamente religioso, todos os constituintes foram compelidos a tratar de questões atinentes à espiritualidade no texto normativo. Assim, todas as Cartas, com exceção da Imperial de 1824 (que estabelecia o Catolicismo como religião oficial), previram a laicidade estatal em suas disposições. A religiosidade do brasileiro é dimensão que não se pode ignorar.

Antes de mais considerações, discorra-se sobre o conceito de cultura. Segundo documento produzido pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, esse termo pode ser tido como:

*(...) o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças*¹⁵.

Do conceito acima exposto, depreendemos que a crença religiosa não raramente é o elemento produtor e irradiador das manifestações culturais de uma sociedade.

A existência de uma tradição de tolerância e mesmo aceitação do uso de determinados símbolos religiosos ou de datas e feriados religiosos vinculados a uma orientação religiosa amplamente majoritária, não significa, per si, uma intervenção desproporcional no exercício de liberdade negativa e positiva de religião por parte das demais correntes¹⁶.

Tratando-se de expressão cultural dotada de origens religiosas, não há que se falar em promoção de uma crença em particular. Esse foi, inclusive, **o raciocínio adotado pela Corte Europeia de Direitos Humanos (CEDH) no caso Lautsi vs. Itália**¹⁷. A situação apreciada na ocasião se referia à petição de uma mãe que entendeu que seus filhos seriam prejudicados ao estudarem em uma escola onde, em

¹⁴

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm;
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm;
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

¹⁵ BRASIL. Diversidade religiosa e direitos humanos: reconhecer as diferenças, superar a intolerância, promover a diversidade. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/dilma-vana-rousseff/publicacoes/orgao-essenciais/secretaria-de-direitos-humanos/diversidade-religiosa-e-direitos-humanos-reconhecer-as-diferencas-superar-a-intolerancia-promover-a-diversidade/@@download/file/libro_diversidade.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2018

¹⁶ SARLET, Ingo. Liberdade religiosa e dever de neutralidade estatal na Constituição Federal de 1988. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2015-jul-10/direitos-fundamentais-liberdade-religiosa-dever-neutralidade-estatal-constituicao-federal-1988>. Acesso em: 28 ago. 2018.

¹⁷ ECHR, European Court of Human Rights. Case of Lautsi and other v. Italy. Disponível em: <http://hudoc.echr.coe.int/app/conversion/pdf/?library=ECHR&id=001-104040&filename=001-104040.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2018.



cada sala de aula, havia um crucifixo fixado na parede. A compreensão da requerente era a de que a presença do símbolo poderia representar uma influência religiosa indesejada.

A conclusão da Corte Europeia foi no sentido de que a mera presença dos crucifixos não implica na promoção de uma educação cristã, não representando, portanto, uma doutrinação. Além disso, apurou-se existir, na Itália, um ambiente propício à coexistência das religiões, algo exemplificado pela possibilidade de alunos utilizarem lenços islâmicos ou outros símbolos de conotação religiosa. Ainda na referida decisão, firmou-se o entendimento de que o lugar ocupado por uma religião na história e na tradição de um país deve ser considerado nas análises referentes a possíveis ofensas à liberdade religiosa.

Como visto, **a Corte Europeia destaca (i) a inexistência de ofensas à liberdade religiosa na manutenção de símbolos religiosos no espaço público e (ii) a necessidade de preservação dos aspectos culturais e históricos representados pelos símbolos religiosos.**

Nos Estados Unidos da América, ocorreu situação semelhante. A *American Humanist Association* questionou, judicialmente¹⁸, a manutenção de um monumento conhecido como “Cruz de Bladensburg”, que homenageia os soldados do Condado de Prince George mortos durante a Segunda Guerra Mundial, sob a alegação de ofensa à Establishment Clause, que veda ao Estado a adoção de uma religião oficial. O monumento está presente em uma área pública, em Maryland, mantida pelos cofres públicos. A associação autora aduzia que o Memorial deveria ser transferido para uma propriedade particular e mantido por recursos privados¹⁹.

A Suprema Corte analisou o caso e decidiu pela manutenção do monumento, compreendendo que a cruz, um símbolo nitidamente cristão, é também, neste contexto, um marco histórico e uma significativa homenagem aos veteranos que se sacrificaram pelo país, não representando ofensa à Constituição. Vejamos alguns trechos (destaques nossos):

“A cruz é indubitavelmente um símbolo cristão, mas esse fato não deve nos cegar para tudo o mais que a Cruz de Bladensburg veio a representar. Para alguns, o monumento é um lugar de descanso

¹⁸ *American Legion v. American Humanist Association*, 588 US __ (2019).

¹⁹ <https://www.conjur.com.br/2019-jun-22/suprema-corte-eua-decide-nao-separar-estado-igreja>

simbólico para os ancestrais que nunca voltaram para casa. Para outros, é um lugar onde a comunidade se reúne e homenageia todos os veteranos por seus sacrifícios pela nação. Ainda para outros, é um marco histórico. Para muitas dessas pessoas, destruir ou desfigurar a cruz, que permaneceu imperturbada por quase um século, não seria neutro e não iria promover os ideais de respeito e tolerância incorporados na Constituição”.

“A cruz se tornou um marco proeminente da comunidade e sua remoção ou alteração radical, nesse momento, seriam vistas por muitos como uma manifestação de hostilidade contra a religião, o que não tem lugar em nossas tradições da Cláusula do Estabelecimento”.

“Ao contrário das alegações dos demandados, não há prova de intenção discriminatória na seleção do design do memorial ou na decisão do órgão de Maryland de mantê-lo. A cláusula sobre a religião na Constituição objetiva promover a sociedade na qual as pessoas de todas as crenças vivem juntas em harmonia e a presença da Cruz de Bladensburg na terra onde ela está por muitos anos é totalmente consistente com esse objetivo”.²⁰

Além do simbolismo da Cruz de Bladensburg, a Corte destacou, também, a **inexistência de qualquer intuito discriminatório resultante da manutenção do símbolo**, aspecto que também deve ser considerado no presente debate.

Analisando a matéria, o CNJ, em 2007, decidiu de modo semelhante. No julgamento de quatro Pedidos de Providência (I.344, I.345, I.346 e I.362), a maioria dos membros do Conselho entendeu que o uso de símbolos religiosos em órgãos da Justiça não fere o princípio de laicidade do Estado. Sagrou-se vencedora a tese de que **o uso de tais símbolos constitui um traço cultural da sociedade brasileira e “em nada agredem a liberdade da sociedade, ao contrário, só a afirmam”**²¹.

A presença de símbolos religiosos nas repartições públicas não gera limitação ao exercício da liberdade religiosa de pessoas que sejam adeptas de outras crenças. Assim, a manutenção de um crucifixo em um Tribunal, por exemplo, não resulta em decisões que privilegiem apoiadores do Catolicismo. A título histórico, ressalte-se que a ostentação da cruz em solo brasileiro remete à primeira missa realizada no país, em 26 de abril de 1500²², representando, desde então, um símbolo cultural para o nosso povo, merecendo preservação.

²⁰ Ibid.

²¹ https://www.conjur.com.br/2007-mai-29/uso_simbolo_nao_fere_carater_laico_estado_cnj

²² <https://pt.aleteia.org/2016/04/26/26-de-abril-de-1500-e-celebrada-a-primeira-santa-missa-no-brasil/>; <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc25049917.htm>



Neste ponto, vale realçar a importância dada pelo Constituinte brasileiro à proteção da cultura. Dentre as competências dos entes federativos, temos a atribuição de proteger os bens de valor cultural (art. 23, III, CF/88) e de proporcionar os meios de acesso à cultura (art. 23, V, CF/88). A Carta Magna conferiu uma Seção inteira (Capítulo II, Seção III) ao tema da cultura, asseverando que o “Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização das manifestações culturais” (art. 215).

Depreendemos, então, que os direitos culturais são de especial valor para o texto constitucional, demandando ações do Poder Público para a sua proteção. **Tal tutela deve ser concedida às manifestações culturais de forma indiscriminada, sem que se estabeleça, por exemplo, que apenas as expressões despidas de religiosidade serão protegidas. Se assim o for, temos grave ofensa ao pluralismo** consagrado pelo art. 1º, inciso V, da CF/88. É o que ocorre no caso das demandas que exigem a retirada dos símbolos religiosos. As referidas pretensões têm como fundamento, unicamente, o fato de que tais símbolos possuem origem religiosa, como se, por isso, não merecessem proteção. Ressalte-se, conforme já aduzido nesta petição, a não adoção, em nosso país, do modelo laicista, de forma que o Estado laico brasileiro admite interações entre fé e política, havendo espaço para a presença de símbolos religiosos nas repartições públicas.

Desse modo, é imperioso que esta Suprema Corte declare que a exposição de símbolos religiosos na esfera pública não fere os artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal, como aduz o Ministério Público Federal, pois, na verdade, a manutenção dos símbolos está em consonância com a liberdade religiosa, com a laicidade estatal e resulta na proteção da cultura brasileira e do pluralismo na esfera pública. Por outro lado, exigir a extirpação de símbolos religiosos reflete uma abordagem hostil, e não neutra, em relação à religião, o que é contrário ao próprio significado constitucional de laicidade.

Tais são as considerações para o momento, as quais serão acrescidas de outras discussões relevantes à matéria quando da ocasião de apresentação dos Memoriais.

4. DOS PEDIDOS

Por todo o exposto, a Associação Nacional dos Juristas Evangélicos – ANAJURE requer a Vossa Excelência, no âmbito do ARE n. 1.249.095:



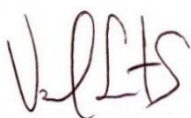
- a. Seja a entidade habilitada na qualidade de *Amicus Curiae*;
- b. Apresentação de Memoriais, no prazo legal e regimental, e outras manifestações, como participação em audiências públicas para discussão do tema com a sociedade e entidades governamentais e civis e demais interessados;
- c. Participação na sessão de julgamento deste ARE, com sustentação oral em plenário.
- d. O não provimento deste Agravo, firmando-se o entendimento de que a presença de símbolos religiosos em locais públicos não representa violação da laicidade, da liberdade religiosa, da isonomia ou da impessoalidade da Administração Pública.

A Peticionária inclui, em anexo, Estatuto, Ata da Eleição e Termo de Posse da Diretoria que, na forma do seu Estatuto, fazem-se representar no presente pleito de *Amicus Curiae*.

Termos em que,

Pede deferimento.

Brasília-DF, 17 de junho de 2020.



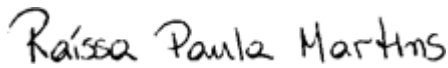
Dr. Uziel Santana
PRESIDENTE DA ANAJURE
OAB/SE n. 4484



Dr. Felipe Augusto
OAB/PB n. 21.582



Dr. Acyr de Gerone
OAB/PR n. 24.278



Dra. Raíssa Martins
OAB/RN n. 15.481





ANAJURE – Associação Nacional de Juristas Evangélicos
www.anajure.org.br
“Em Defesa das Liberdades Cíveis Fundamentais”

PROCURAÇÃO

OUTORGANTE: ANAJURE – Associação Nacional de Juristas Evangélicos, associação civil sem fins lucrativos, com objetivo de atuar na defesa das liberdades cíveis fundamentais (art. 3º, Estatuto), inscrita no CNPJ sob o nº 18.376.642/0001-55, com escritório nacional no Setor Bancário Sul, QD 02, LT 15, BL E 601, em Brasília, Distrito Federal, CEP n. 70070-120, neste ato representada por seu Presidente eleito e em pleno exercício, **Dr. Uziel Santana dos Santos**, inscrito na OAB/SE sob o n. 4.484.

OUTORGADO: Dr. Acyr de Gerone, inscrito na OAB/PR sob o n. 24.278, **Dr. Felipe Augusto**, inscrito na OAB/PB sob o n. 21.582, **Dra. Raíssa Paula Martins**, inscrita na OAB/RN sob o n. 15.481.

PODERES: aqueles concernentes à cláusula *ad judicia*, especialmente para o ingresso, na qualidade de *amicus curiae*, nas ações judiciais em curso perante esta Corte, nas quais se discuta matéria referente às liberdades cíveis fundamentais, podendo formular e ingressar com requerimento, recursos e petições com vistas à defesa os interesses da ANAJURE, bem como praticar tudo o mais que for necessário ao bom fiel desempenho deste mandato, inclusive substabelecer o presente.

Brasília – DF, 17 de junho de 2020

Dr. Uziel Santana
Presidente da ANAJURE





**ANAJURE – Associação Nacional de Juristas
Evangélicos**

ESTATUTO

SEÇÃO PRIMEIRA – DOS ELEMENTOS ESTRUTURAIS FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO I– Disposições Associativas Elementares

Denominação

ARTIGO 1º

A **ANAJURE – Associação Nacional de Juristas Evangélicos** –, entidade civil com fins não econômicos, reger-se-á pelo presente conjunto de princípios e normas de natureza estatutária e em conformidade e pertinência com o que dispõe a legislação constitucional e infraconstitucional brasileira em vigor.

Sede, Escritórios de Representação e Sítio na WWW

ARTIGO 2º

A **ANAJURE** tem domicílio e foro na cidade de Brasília-Distrito Federal em sua sede que se encontra no Setor Bancário Sul, QD 02, LT 15, BL E, Sala 601, Brasília-DF.

§1ºA ANAJURE poderá adotar quantos Escritórios de Representação nacional ou estadual forem necessários para a consecução dos seus objetivos institucionais por proposição da *Diretoria Executiva* e aprovação do *Conselho Diretivo Nacional*.

§2ºA ANAJURE tem como domínio e sítio na *World Wide Web*, devidamente registrado no CGI.br (*Comitê Gestor da Internet no Brasil*) os seguintes endereços: *anajure.org.br* (principal); *anajure.org*, *anajure.net*, *anajure.com.br*, *anajure.com* (secundários).

Missão

ARTIGO 3º

A **ANAJURE** tem como missão institucional primordial a defesa das liberdades civis fundamentais – em especial a liberdade religiosa e de expressão – e a promoção dos deveres e direitos humanos fundamentais – em especial o princípio da dignidade da pessoa humana, tudo isso sob a égide e as bases principiológicas do Cristianismo e do seu conseqüente histórico, o Estado Democrático de Direito.

Objetivos institucionais

V. L. H.

000 022 39 8



ARTIGO 4º

A **ANAJURE** tem como objetivos institucionais principais:

- a) constituir-se como uma entidade de promoção e defesa das liberdades civis fundamentais, dos ideais do Estado Democrático de Direito e dos valores do Cristianismo, em especial, a defesa da dignidade da pessoa humana;
- b) constituir-se como uma entidade de auxílio e defesa administrativa e jurisdicional das igrejas e denominações evangélicas, em especial, nos casos de violação dos direitos fundamentais de liberdade religiosa e de expressão;
- c) constituir-se como um fórum nacional de discussão sobre o ordenamento jurídico brasileiro, sobre os projetos de lei em tramitação, sobre as propostas de políticas públicas governamentais, especialmente no que diz respeito aos deveres e direitos humanos fundamentais;
- d) constituir-se como uma entidade fomentadora e promotora de métodos alternativos de resolução de conflitos;
- e) constituir-se como uma entidade promotora de programas, projetos, atividades e ações que visem ao amparo dos chamados grupos vulneráveis, seja no Brasil, seja no mundo, como é o caso do programa de apoio aos refugiados por perseguição de qualquer natureza;
- f) constituir-se como uma entidade que busca a consecução de parcerias nacionais e internacionais com instituições de mesmo caráter e finalidades, como é o caso, *verbi gratia*, da *Religious Liberty Partnership* (RLP), *Alliance Defending Freedom* (ADF), da *Advocates International*(AI) e da *Federación Inter Americana de Juristas Cristianos*(FIAJC);
- g) constituir-se como uma entidade fomentadora e promotora de intercâmbios, missões, cursos, congressos, encontros, com o fulcro de capacitação dos seus associados, assim como também com o fulcro de promoção e disseminação dos seus valores institucionais, em especial, a defesa das liberdades civis fundamentais;
- h) constituir-se como uma entidade promotora de *networking* e *netweaving* entre os seus associados e cooperadores.

§1º A **ANAJURE**, para a consecução de seus objetivos institucionais, poderá criar, viabilizar e instituir todos os meios instrumentais necessários e oportunos existentes desde que sejam legais, legítimos e bíblicos, inclusive fundar instituições jurídicas derivadas, hierarquicamente a ela submetidas.

§2º Neste sentido, para a promoção e proclamação dos seus princípios fundamentais e objetivos institucionais, a **ANAJURE** realizará, anualmente, o **ENAJURE – Encontro Nacional de Juristas Evangélicos**, nos termos das disposições regimentais pertinentes.

Duração institucional

ARTIGO 5º

V. 241

00002239 8



A **ANAJURE** é constituída por prazo indeterminado e suas atividades institucionais têm termo inicial, para efeitos jurídicos, o registro civil dos seus elementos documentais de fundação e constituição estatutária nos termos da Lei.

CAPÍTULO II – Disposições Principiológicas Fundamentais

Declaração de Princípios

ARTIGO 6º

A **ANAJURE** e seus associados subscrevem e afirmam, peremptoriamente, a seguinte declaração de princípios cristãos fundamentais: *"Reconhecemos que o Senhor Jesus Cristo é a revelação de Deus, testemunhada em nossos corações pelo Espírito Santo de Deus. Reconhecemos que a Bíblia é a Palavra de Deus, divinamente inspirada, inerrante, infalível, verdadeira, sendo ela nossa única regra de fé e conduta. Por assim ser, como juristas evangélicos nos comprometemos a viver em santidade, buscando a irrepreensibilidade diante dos homens e das autoridades – eclesiásticas e seculares – que o Senhor estabeleceu sobre nós, estando, necessariamente, vinculados a uma igreja local e, por conseguinte, submisso a autoridade pastoral. Da mesma forma, como juristas evangélicos nos comprometemos a batalhar diligentemente pela fé que uma vez por todas foi dada aos santos, a fé cristã. Comprometemo-nos também a defender as liberdades civis fundamentais, em especial, a liberdade religiosa e de expressão e a amparar os vulneráveis e perseguidos da sociedade. Por fim, comprometemo-nos a desempenhar nosso serviço, como juristas evangélicos, de modo a glorificar ao Senhor Jesus, a edificar e auxiliar a Igreja e a proclamar os valores ínsitos à fé cristã no Brasil e no mundo."*

SEÇÃO SEGUNDA – DOS ELEMENTOS ORGANIZACIONAIS FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO III – Disposições organizacionais fundamentais

Dos Associados

ARTIGO 7º

A **ANAJURE** é constituída pela seguinte categorização e classificação de membros:

I – Membros Fundadores: são todos aqueles juristas que instituíram e, por assim ser, subscreveram a *Ata de Fundação e Constituição da Associação Nacional de Juristas Evangélicos*.

II – Membros Honorários: são todos aqueles juristas que, por merecimento e reconhecimento dos relevantes serviços jurídicos prestados à sociedade, à igreja evangélica e à defesa das liberdades civis fundamentais, forem assim indicados, desde que também subscrevam a *Declaração de Princípios* do art. 6º e obedeçam aos requisitos de admissibilidade estatutária constantes do art. 8º.

III – Membros Efetivos: são todos aqueles juristas que, subscrevendo a *Declaração de Princípios* do art. 6º e obedecendo aos requisitos de admissibilidade estatutária constantes do art. 8º, forem assim admitidos.

J. 22-75

000 022 39 8

IV – **Membros Aliados**: são todos aqueles juristas que, subscrevendo a *Declaração de Princípios* do art. 6º e obedecendo aos requisitos de admissibilidade estatutária constantes do art. 8º, não sendo membro honorário ou efetivo, forem assim indicados.

V – **Membros Provisórios**: são todos aqueles que, na condição de *estudantes de Direito*, subscrevendo a *Declaração de Princípios* do art. 6º e obedecendo aos requisitos de admissibilidade estatutária constantes do art. 9º, forem assim admitidos.

Dos requisitos de admissibilidade associativa

ARTIGO 8º

São requisitos de admissibilidade associativa na qualidade de **membro honorário, efetivo, aliado ou provisório**:

I – Subscrição do *Termo Associativo e Declaração de Princípios* do art. 6º.

II – Indicação de um dos Associados que não seja membro aliado ou provisório.

III – Que apresente carta pastoral de recomendação.

IV – Que tenha seu processo de admissão recomendado pela Diretoria Executiva e aprovado, por maioria simples, pelo Conselho Diretivo Nacional.

Dos Deveres e Direitos dos Associados

ARTIGO 9º

São deveres gerais dos membros:

I – Cumprir os princípios, objetivos e preceitos estatutários, regimentais e resolutivos da entidade.

II – Zelar pelo patrimônio moral e material da entidade.

III – Participar das Assembleias ordinárias e extraordinárias da entidade, assim como de qualquer convocação do *Conselho Diretivo Nacional*, da *Diretoria Executiva* e demais órgãos administrativos da entidade, além do ENAJURE (*Encontro Nacional de Juristas Evangélicos*).

IV – Adimplir com as contribuições associativas permanentes ou provisórias.

ARTIGO 10º

São direitos gerais dos membros:

I – Participar ativamente das atividades promovidas pela entidade em conformidade com as decisões da *Assembleia Geral*, *Conselho Diretivo Nacional*, *Diretoria Executiva* ou de Comissão organizacional específica.

II – Participar das Assembleias Gerais, com voz, votando e sendo votado, nos termos específicos e qualitativos do quadro de membros que estão consignados nas disposições estatutárias e regimentais, em especial, observando-se o que diz o §1º do presente artigo.

III – Ser eleito e, por assim ser, exercer cargos de direção, coordenação e execução da ANAJURE, nos termos específicos e qualitativos do quadro de membros que estão consignados nas disposições estatutárias e regimentais, em especial, observando-se o que diz o §1º do presente artigo.

16/2/25

00002239 8



§1º Os membros fundadores poderão concorrer a cargo de direção, coordenação e execução *ab initio*, já os membros honorários e efetivos somente poderão concorrer aos cargos de direção, coordenação e execução após 5 (cinco) anos de filiação e contribuição associativa ininterruptas, sem prejuízo de ocuparem cargos de livre nomeação do Conselho Diretivo Nacional ou participarem do Conselho Consultivo Referencial. Aos membros aliados e provisórios é vedada a ocupação de cargos de direção e coordenação e o exercício do voto, sendo-lhes facultado o direito a voz nas assembleias e reuniões.

§2º No caso do parágrafo anterior, por proposição da Diretoria Executiva e deliberação justificada e unânime do Conselho Diretivo Nacional, é facultada a inobservância do lapso temporal a fim de que membros honorários e efetivos possam aceder aos cargos de direção e coordenação.

§3º Fica impedido de votar e ser votado na Assembleia Geral o membro que:

- I – Não esteja quite com as contribuições associativas permanentes e provisórias.
- II – Seja declarado impedido, pelo Conselho Diretivo Nacional, em razão de estar diretamente envolvido no assunto objeto da apreciação da respectiva assembleia.

§4º A qualquer tempo poderá o membro requerer sua demissão do quadro de membros, formalizando pedido escrito dirigido ao Conselho Diretivo Nacional. Será, porém, o associado excluído do rol membros nas seguintes hipóteses:

- I – De falecimento;
- II – Pelo descumprimento dos deveres estabelecidos neste Estatuto, no Regimento Geral, no Código de Ética e Disciplina e demais Resoluções, sendo certo que, nessas hipóteses, será concedido direito a ampla defesa e ao contraditório, perante o Conselho Diretivo Nacional e a Assembleia Geral.

CAPÍTULO IV – Do Sistema Organizacional Administrativo-Diretivo

Órgãos do Sistema Administrativo-Diretivo

ARTIGO 11

São Órgãos do Sistema Administrativo-Diretivo da ANAJURE:

- I – Assembleia Geral.
- II – Conselho Diretivo Nacional.
- III – Diretoria Executiva.
- IV – Conselho de Representação Estadual.
- V – Conselho Consultivo Referencial.
- VI – Conselho Fiscal *ad hoc*.

U. 245

00002239 8



Geral, podendo haver reeleição, a serem preenchidos entre os membros fundadores, honorários ou efetivos:

I – Presidente.

II – Vice-Presidente.

III – Diretor Administrativo.

IV – Diretor Financeiro.

V – Diretor Jurídico

VI – Diretor de Assuntos Parlamentares

VII – Diretor de Assuntos Acadêmicos.

VIII – Diretor de Relações Institucionais

IX – Diretor para Refugiados e Ajuda Humanitária

X – Diretor de Assuntos Denominacionais.

XI – Diretores honorários.

XII – Representante do Conselho Consultivo Referencial.

§1º Ao Conselho Diretivo Nacional compete privativamente:

I – Deliberar sobre o *Planejamento Sistemático de Atuação (PSA)* da ANAJURE, apresentado quinquenalmente pela Presidência como primeiro ato da gestão, assim como implementá-lo e fazê-lo cumprir.

II – Deliberar sobre os processos administrativos de admissão e disciplina de membros.

III – Deliberar sobre programas, projetos, atividades, ações e comunicações oficiais da ANAJURE.

IV – Deliberar sobre acordos e convênios, de qualquer natureza, com entidades nacionais ou internacionais, que importem em alienação e disposição patrimonial.

V – Apreciar os relatórios de atividades apresentados semestralmente pela Presidência.

§2º O CDN se reunirá, de modo ordinário, duas vezes por ano, presencial ou virtualmente, por convocação da Presidência, em primeira chamada, com pelo menos metade de seus membros, e, em segunda chamada, meia-hora depois da primeira, com os membros presentes. A convocação deverá ser feita através de instrumento circular impresso ou eletrônico, com pauta determinada, com antecedência mínima de trinta dias, sob pena de nulidade.

§3º O CDN se reunirá, em caráter extraordinário, presencial ou virtualmente, sempre que houver convocação da Presidência ou por, pelo menos, 1/5 (um quinto) dos seus membros, para tratar de temas de relevante interesse e urgência. A convocação deverá ser feita através de instrumento circular impresso ou eletrônico, com pauta determinada, com antecedência mínima de quatro horas, sob pena de nulidade.

§4º Ao Presidente do CDN compete:

I – Representar a ANAJURE administrativa e judicialmente no Brasil e no Exterior.

V. J. Tanaka

00002239 8



Da Assembleia Geral – AG

ARTIGO 12

A **Assembleia Geral** é o órgão deliberativo de expressão máxima da entidade, sendo constituída pela totalidade de membros que compõem o Conselho Diretivo Nacional e o Conselho de Representação Estadual que estejam no gozo dos seus direitos estatutários, regimentais e resolutivos. Membros efetivos que não estejam na condição de coordenador do CRE, assim como membros aliados e provisórios participam da assembleia com direito a voz.

§1º A **Assembleia Geral** se reunirá, em caráter ordinário, uma vez por ano, por convocação do *Conselho Diretivo Nacional*, em primeira chamada, com pelo menos 1/3 (um terço) de seus membros, e, em segunda chamada, uma hora depois da primeira, com os membros presentes. A convocação deverá ser feita através de instrumento circular impresso ou eletrônico, com pauta determinada, com antecedência mínima de trinta dias, sob pena de nulidade.

§2º A **Assembleia Geral** se reunirá, em caráter extraordinário, presencial ou virtualmente, sempre que houver convocação do *Conselho Diretivo Nacional* ou ao menos 1/5 (um quinto) dos seus membros com direito a voto para tratar de temas de relevante interesse e urgência. A convocação deverá ser feita através de instrumento circular impresso ou eletrônico, com pauta determinada, com antecedência mínima 48 (quarenta e oito) horas, sob pena de nulidade. Não se convocará extraordinariamente a **Assembleia Geral** para fins de alteração estatutária, sob pena de nulidade.

§3º Compete privativamente à **Assembleia Geral**:

- I – Deliberar sobre alterações estatutárias e regimentais, por proposição do *Conselho Diretivo Nacional*.
- II – Eleger e destituir membros do *Conselho Diretivo Nacional*.
- III – Aprovar a Contabilidade da entidade, observado o parecer do Conselho Fiscal *ad hoc*.
- IV – Deliberar sobre a dissolução da entidade.
- V – Deliberar sobre outros temas propostos e encaminhados pelo *Conselho Diretivo Nacional*.

§4º O quorum de aprovação das Assembleias Gerais, seja esta de caráter ordinário ou extraordinário, será sempre de maioria simples dos presentes, excetuado o das que forem convocadas para deliberar sobre alterações estatutárias que deverá ser aprovada por maioria de 2/3 (dois terços) dos presentes.

Do Conselho Diretivo Nacional – CDN

ARTIGO 13

O **Conselho Diretivo Nacional** da ANAJURE é o órgão administrativo-diretivo máximo da entidade, constituído pelos seguintes cargos, eleitos a cada quinquênio, pela Assembleia

J. L. H. S.

000 022 39 8





II – Dirigir e fazer cumprir as deliberações do *Conselho Diretivo Nacional* e da *Assembleia Geral*.

III – Convocar e Presidir as assembleias e reuniões da *Assembleia Geral*, do *Conselho Diretivo Nacional*, da *Diretoria Executiva* e do *Conselho de Representação Estadual*.

IV – Aprovar, *ad referendum* do CDN, sempre via resolução, matérias que são da competência do *Conselho Diretivo Nacional*.

V – Deliberar e executar todo e qualquer tema que não seja da competência privativa do *Conselho Diretivo Nacional*, através da edição de portaria específica.

§5º Ao **Vice-Presidente** do CDN compete substituir o Presidente nos casos de impedimento, licença ou vacância do cargo, na forma estatuída neste Estatuto e no Regimento Geral.

§6º Ao **Diretor Administrativo** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as tarefas de natureza administrativo-diretiva da entidade.

§7º Ao **Diretor Financeiro** compete executar e escriturar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as tarefas de natureza contábil e financeira da entidade.

§8º Ao **Diretor Jurídico** compete prestar, na forma do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, consultoria jurídica a respeito dos assuntos institucionais, sempre que demandado.

§9º Ao **Diretor de Assuntos Parlamentares** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações referentes às Frentes Parlamentares criadas.

§10º Ao **Diretor de Assuntos Acadêmicos** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações referentes à atuação da ANAJURE no âmbito acadêmico, assim como também, no processo de integração e formação dos *membros provisórios* da entidade.

§11º Ao **Diretor de Relações Institucionais** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações referentes à atuação da ANAJURE frente às demais instituições.

§12º **Diretor para Refugiados e Ajuda Humanitária** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações referentes aos Refugiados por perseguição de qualquer natureza, bem como a promoção de ajuda Humanitária no contexto nacional e internacional.

V. 2. 2. 4. 1

00002239 8





§13º Ao **Diretor de Assuntos Denominacionais** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações referentes à atuação da ANAJURE perante as denominações cristãs do Brasil.

§14º Aos **Diretores Honorários** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações especiais e honorárias da ANAJURE no contexto nacional e internacional.

Da Diretoria Executiva – DE

ARTIGO 14

A **Diretoria Executiva** da ANAJURE é o órgão administrativo-diretivo, constituído pelos cargos de *Presidente, Vice-Presidente, Diretor Administrativo, Diretor Financeiro, Diretor Jurídico, Diretor de Assuntos Parlamentares, Diretor de Assuntos Acadêmicos, Diretor de Relações Institucionais, Diretor para Refugiados e Ajuda Humanitária, e Diretor de Assuntos Denominacionais*, com a finalidade específica de executar as deliberações da *Assembleia Geral, do Conselho Diretivo Nacional*, e da Presidência.

§1º Compete aos diretores executivos executar as resoluções do Conselho Diretivo Nacional e portarias da Presidência.

§2º Os diretores executivos apresentarão, semestralmente, relatório de suas atividades à Presidência.

Do Conselho de Representação Estadual - CRE

ARTIGO 15

O **Conselho de Representação Estadual** é o órgão administrativo de natureza representativo-consultiva, constituído pelos coordenadores das seções estaduais da ANAJURE, nomeados, anualmente pelo CDN, entre os membros fundadores, honorários, efetivos ou aliados, e que tem a finalidade específica de executar, regional e localmente, as disposições estatutárias, regimentais e resolutivas determinadas pela *Assembleia Geral, pelo Conselho Diretivo Nacional* e pela *Diretoria Executiva*.

§1º O **CRE** se reunirá sempre por convocação do *Conselho Diretivo Nacional*, presencial ou virtualmente, preferencialmente, uma vez por ano, como reunião preparatória da Assembleia Geral Ordinária.

§2º O membro aliado indicado para ser coordenador de seção estadual passa a ter, temporariamente, todos os direitos inerentes à membridade efetiva, sendo que, uma vez que seja destituído do cargo, volta a exercer os direitos pertinentes à sua classe.

Do Conselho Consultivo Referencial – CCR

ARTIGO 16

00002239 8



O **Conselho Consultivo Referencial** é o órgão administrativo, de natureza consultiva, constituído por conselheiros na qualidade de *membros honorários* ou *líderes eclesiásticos* de reputação ilibada e de nobres serviços prestados à Igreja evangélica e à sociedade, que tem como finalidade precípua opinar e aconselhar a entidade nos assuntos a ele submetidos.

§1º Os conselheiros do CCR serão indicados pela *Diretoria Executiva* e admitidos por deliberação do CDN.

§2º Os pareceres do CCR não são vinculativos e podem ser dados conjunta ou isoladamente, dependendo do pedido de consulta formulado pela *Diretoria Executiva* ou *Conselho Diretivo Nacional*.

§3º Os conselheiros do CCR escolherão, livremente, dentre eles, um Presidente que será eleito dentre os líderes eclesiásticos, sendo este o representante do CCR no *Conselho Diretivo Nacional*.

§4º O CCR reunir-se-á sempre que convocado pelo *Conselho Diretivo Nacional*.

§5º Não há limite temporal de exercício e mandato para conselheiro do CCR, que será investido em caráter vitalício. Seja como for, o caráter vitalício do conselheiro não impede sua retirada por ato volitivo manifesto, nem sua demissão *ad nutum* por proposição do *Conselho Diretivo Nacional* e votação da *Assembleia Geral*.

Do Conselho Fiscal *ad hoc*

ARTIGO 17

O **Conselho Fiscal *ad hoc*** é o órgão de fiscalização contábil, financeira e patrimonial da entidade, constituído, anualmente, com termo inicial e final de funcionamento, a fim de apresentar parecer a ser votado pela Assembleia Geral.

Parágrafo único. Os membros do Conselho Fiscal *ad hoc* serão 3 (três), sendo que 2 (dois) serão escolhidos dentre profissionais de contabilidade externos à entidade.

CAPÍTULO V – Dos Elementos Patrimoniais

ARTIGO 18

Os recursos da ANAJURE serão constituídos de ofertas, doações, legados e outras formas de contribuição, oriundos de associados, convênios e terceiros, pessoa física ou jurídica.

ARTIGO 19

O patrimônio da ANAJURE compreende bens imóveis, móveis, veículos, semoventes, objetos sem valor contábil, dinheiro em espécie, aplicações financeiras e outros.

[Assinatura]

0000223 8





§1º Na forma da Lei e do Regimento Geral serão realizados os devidos registros e escrituração patrimonial.

§2º Nenhum membro da ANAJURE responderá pessoal, solidária ou subsidiariamente, pelas obrigações assumidas por seus administradores, porém responderão estes administradores com seus bens se os atos forem praticados sem amparo em decisões da Assembleia Geral e pelo presente Estatuto.

ARTIGO 20

Na hipótese de dissolução da ANAJURE os seus bens, solvidos os compromissos, serão doados a entidades nacionais ou internacionais de mesmo fim e natureza, conforme deliberação da Assembleia Geral.

SEÇÃO TERCEIRA – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS FINAIS E TRANSITÓRIAS

ARTIGO 21

No prazo de seis meses, por proposição do *Conselho Diretivo Nacional*, serão aprovados o *Código de Ética e Disciplina* e o *Regimento Geral*.

Do Período de Consolidação Institucional

ARTIGO 22

Denomina-se *Período de Consolidação Institucional* o lapso temporal de 10 (dez) anos, contados a partir da fundação da ANAJURE, durante o qual as funções do art. 12º, §3º, serão exercidas *pro tempore* pelo *Conselho Diretivo Nacional* com a finalidade precípua de consolidar e expandir de modo uno, coeso e concatenado, a Associação e seus objetivos principais.

§1º O prazo do art. 13 entrará em vigor findo o prazo do *Período de Consolidação Institucional*.

§2º No *Período de Consolidação Institucional*, o *Conselho Diretivo Nacional* é soberano para permutar os seus próprios membros por motivo relevante, de força maior ou de natureza disciplinar, nos termos do *Código de Ética e Disciplina*.

§3º Findo o prazo do *Período de Consolidação Institucional*, o *Conselho Diretivo Nacional* avaliará e decidirá sobre a necessidade de se prorrogar ou não o prazo inicial em até 05 (cinco) anos.

ARTIGO 23

Os casos omissos deste Estatuto que não sejam pertinentes à competência privativa da *Assembleia Geral* serão resolvidos por meio de Resolução do *Conselho Diretivo Nacional* mediante proposição da *Diretoria Executiva* ou do *Presidente do CDN*.

000022398





ARTIGO 24

O presente Estatuto entra em vigor na data de sua aprovação.

Vicel Santos dos Santos



CARTÓRIO LEÔNIA GAMA
6º OFÍCIO DE ARACAJU/SE
Rua Itabalana, nº 177 - Centro
Aracaju-SE CEP: 49.010-170
Fone: (79)3211-8744 - Fax: (79) 3213-7644

RECONHECIDA POR SEMELHANÇA A TIPOGRAFIA DE
SANTANA DOS SANTOS
OP: 3-IZAIAS VIEIRA-Escritor
Aracaju/SE, 26/08/2016
Emcl: R\$3,23 FERD: R\$0,65 Selo: R\$0,09



CARTÓRIO LEÔNIA GAMA
6º OFÍCIO
Leônia Gama de Oliveira
Tabelião e Oficial Titular
Suelly Gama Bispo
Substituta Geral
Izaías Vieira da Silva
Escritor
177 - Fone: (79) 3211-8744 / 3213-7644
Aracaju - Sergipe

Felipe Augusto Lopes Carvalho
Felipe Augusto Lopes Carvalho
ADVOGADO
OAB / PB 21582



REGINA FRANÇA
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
REGISTRO DE PESSOAS JURÍDICAS
TABELIONATO DE NOTAS
Rua Venâncio Neiva, 122 - Centro - Campina Grande - PB
CEP: 57.070-000 FONE: (33) 3321-3005

REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA
Documento protocolado no Livro A-0001, registrado no Livro A-0109
sob No. 163731 e arquivado neste Serviço. Certifico e dou fe'.
Campina Grande-PB, 14/09/2016 15:46:06
Maria Adelma Canejo da Silva - Substituta
EMOL: R\$ 112,26 FAPEN: R\$ 11,49 FEPJ: R\$ 42,45
SELO DIGITAL: ADV59712-RPGX
Confira a autenticidade em <https://selodigital.trfb.jus.br>

Maria Adelma Canejo da Silva
Substituta



REGINA FRANÇA ISIDRO
SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOA JURÍDICA
AVERBAÇÃO
O presente documento foi devidamente averbado
à margem do registro nº 331.459 do
Livro A-561 Campina Grande, 14/09/2016
Dou fe. Subscribo e assino.

OFICIAL DO REGISTRO
Maria Adelma Canejo da Silva
Substituta





ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DE 2015 DA ASSEMBLEIA GERAL DA ANAJURE – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS

Ata da Reunião Ordinária da Assembleia Geral da ANAJURE – Associação Nacional de Juristas Evangélicos, realizada nos termos do artigo 12, §1º e §3º do Estatuto da entidade, verificado o quorum estabelecido no §1º do referido artigo, o Presidente do Conselho Diretivo Nacional da ANAJURE, Dr. Uziel Santana, nomeia para Secretariar os trabalhos, Vanda Késsia Gomes Galvão e declara instalada a Assembleia Geral e aberta a Reunião Ordinária, às quatorze horas e trinta minutos do dia treze de dezembro de dois mil e quinze, esclarecendo que a presente Reunião Ordinária da Assembleia Geral tem como finalidade a apresentação de Relatório Geral de Atividades de 2012 a 2015; apresentação do Relatório Financeiro de 2012 a 2015; Eleição e Posse dos membros do Conselho Diretivo Nacional. A seguir, o Presidente apresenta o Relatório Geral de Atividades de 2012 a 2015, destacando as ações desenvolvidas pelos Grupos de Trabalhos da ANAJURE, a atuação internacional da instituição e o impacto que tem gerado na sociedade brasileira. Logo em seguida, nomeia o Vice-Presidente Enio Pereira de Araújo para apresentação do Relatório Financeiro de 2012 a 2015, o qual procede à apresentação da contabilidade, que é aprovada por unanimidade pela Assembleia Geral. Ato contínuo, o Presidente procede à eleição e posse dos membros do Conselho Diretivo Nacional, conforme o termo de posse em anexo. Após o ato solene, o Presidente interrompe a sessão por algum tempo, a fim de que seja lavrada a presente ata. Reaberta a sessão, o Presidente determina que seja feita a leitura da ata, que depois de lida, é aprovada por unanimidade. Nada mais havendo a tratar, eu, Vanda Galvão, Secretária, lavro a presente e a assino com o presidente. Brasília, DF, 13 de dezembro de 2015.

Vanda Késsia Gomes Galvão
Vanda Késsia Gomes Galvão

Secretária

Uziel Santana dos Santos

Dr. Uziel Santana dos Santos

President

3º OFICIN



CARTÃO DE EDUARDO ADEU - 1º OFICIN DE NOTAS
Reconheço por Semelhança e Firma de Uziel
SANTANA DOS SANTOS



Assinatura do Presidente
Assinatura da Secretária



REGINA FRANCA
RECEBIMOS CIVIL DE REGINA FRANCA
Documento protocolado no Livro A-0001, registrado no Livro A-0001
sub No. 163733 e arquivado neste Serviço. Certificação e data de
Campina Grande-PB, 14/09/2016 15:57:54
Ass. Karoline de Lima Santos - Escrevente
EMPRESA 000000, 79 SUPERVISOR 0003, 01 FEB-2016 00:00, 01
MÉDIO DIGITAL: 1605714-1607
Confira a autenticidade em <https://validadigital.trf3jus.br>
Ass. Karoline de Lima Santos
Escrevente Autorizada



Ata de Eleição e Posse



NOME DA ENTIDADE: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS, REGISTRADO SOB Nº 137.459, LIVRO A-56, DATADO DE 14/05/2013.

RELAÇÃO DOS MEMBROS DA DIRETORIA ELEITA, CUJO MANDATO TERÁ DURAÇÃO DE 05 ANOS, CUJA ELEIÇÃO FOI REALIZADA EM: 14/12/2015.

Presidente, Uziel Santana dos Santos, Brasileiro, Casado, Professor Universitário – RG: 1030138 SSP/SE – CPF: 532.270.345-49 – End: Av. Lions Club, 99, Apt. 1203, Residencial Costa do Atlântico, Atalaia – Aracaju – SE.

Vice-Presidente, Jonas Moreno de Andrade Almeida, Brasileiro Casado, Funcionário Público, – RG: 2919647 SSP/PE – CPF: 770.592.804-30 – End: Estrada de aldeia km 4,5, Chácara Monte das Oliveiras – Recife – PE.

Diretor Administrativo, Roberto Tambelini, Brasileiro, Casado, Advogado, – RG: 000.000 SSP/PB – CPF: 000.000.000-00 – End: Rua da Consolação 930, São Paulo, SP 01302-907.

Diretor Financeiro, Enio Pereira de Araujo, Brasileiro, Solteiro, Advogado – RG: 1825518 SSP/PB – CPF: 997101614-15 – End: Rua Conde D'Eu, 31, Monte Santo – Campina Grande – PB.

Diretor Jurídico, Augusto César Rocha Ventura, Brasileiro, Casado, Advogado – RG: 1599674 SSP/GO – CPF: 426.923.931-04 – End: rua SB 33, Qd. 30, Lt. 07, Condomínio Portal do Sol II, Goiânia – GO.

Diretora de Assuntos Parlamentares, Edna Vasconcelos Zilli, Brasileira, Casada, Advogada – RG: SSP/PR – CPF: 662.844.909-25 – End: Rua Bento Viana, 1200. Batel Cep: 80240-110 - Curitiba-PR.

Diretor de Assuntos Acadêmicos, Valmir Nascimento Milomem Santos, Brasileiro, Casado, Advogado – RG: 1093752-8 SSP/MT – CPF: 811.154.311-53 – End v. Hist. Rubens de Mendonça, 4750 - Centro Político e Administrativo, Cuiabá - MT, 78050-908.

Diretor de Relações Institucionais, Jean Marques Regina, Brasileiro, Casado, Advogado – RG: SSP/RS – CPF: – End: Avenida Caí, 634 - Alto Cristal, CEP 90810120 Porto Alegre-RS

Diretor de Assuntos Denominacionais, Thiago Rafael Vieira, Brasileiro, Casado, Advogado – RG: SSP/RS – CPF: – End: Avenida Caí, 634 - Alto Cristal, CEP 90810120 Porto Alegre-RS.

Campina Grande, 29 de AGOSTO de 2016.

Presidente
Uziel Santana dos Santos

CARTÓRIO EDUARDO ABREU - 3º OFÍCIO DE NOT
Reconheço por Semelhança a firma de: UZIEL
SANTANA DOS SANTOS



Aracaju (SE) 28 de agosto de 2016
Em test. de Uziel Santana dos Santos
Página 3 de 7
Excertante Autorizada

Válido somente com o selo de Autenticidade





LISTA DE PRESENÇA DAS PESSOAS QUE COMPARECERAM À ASSEMBLÉIA DE ELEIÇÃO E POSSE DO CONSELHO DIRETIVO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS (ANAJURE), REALIZADA NO DIA 13/12/2015.

NOME	ASSINATURA
Dr. Uziel Santana dos Santos	
Dr. Jonas Moreno de Andrade Almeida	
Dr. Enio Pereira de Araújo	
Dr. Augusto César Rocha Ventura	
Dra. Edna Vasconcelos Zilli	
Dr. Valmir Nascimento Milomem Santos	
Dr. Jean Marques Regina	
Dr. Thiago Rafael Vieira	
Dr. Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy	
Dr. Cândido Alexandrino Barreto Neto	
Dr. Edmilson Ewerton Ramos de Almeida	





**LISTA DE PRESENÇA DAS PESSOAS QUE COMPARECERAM À
ASSEMBLÉIA DE ELEIÇÃO E POSSE DA DIRETORIA EXECUTIVA DA
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS (ANAJURE),
REALIZADA NO DIA 13/12/2015.**

NOMES

- 1 – Uziel Santana dos Santos
- 2 – Jonas Moreno de Andrade Almeida
- 4 – Enio Pereira de Araújo
- 5 – Augusto César Rocha Ventura
- 6 – Edna Vasconcelos Zilli
- 7 – Valmir Nascimento Milomem Santos
- 8 – Jean Marques Regina
- 9 – Thiago Rafael Vieira
- 10 – Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy
- 11 – Cândido Alexandrino Barreto Neto
- 12 – Edmilson Ewerton Ramos Almeida

Declaro que confere com o original.

Campina Grande, 29 de agosto de 2016.

Uziel Santana dos Santos
Presidente







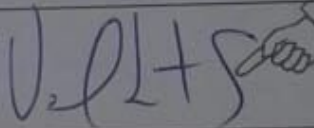
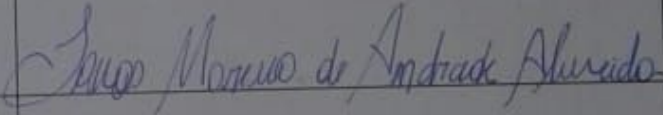
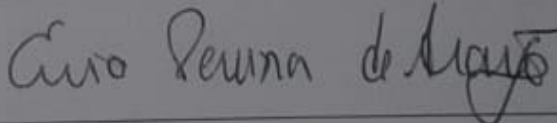
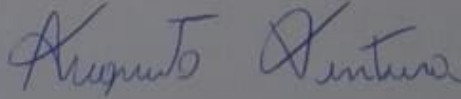
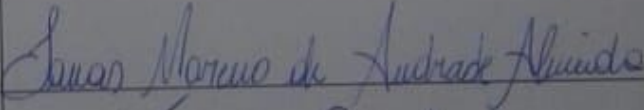
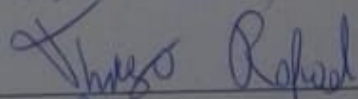
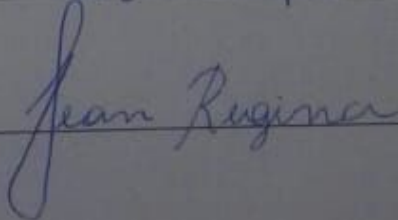
TERMO DE POSSE
CONSELHO DIRETIVO NACIONAL

Pelo presente termo tomam posse solenemente os membros do Conselho Diretivo Nacional da ANAJURE – Associação Nacional de Juristas Evangélicos, sediada na cidade de Brasília- Distrito Federal no Setor Bancário Sul, Quadra 02, Lote 15, Bloco E, Sala 601, inscrita no CNPJ sob nº 18.376.642/0001-55.

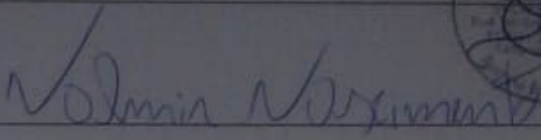
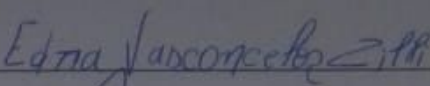
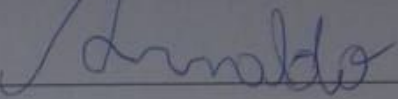
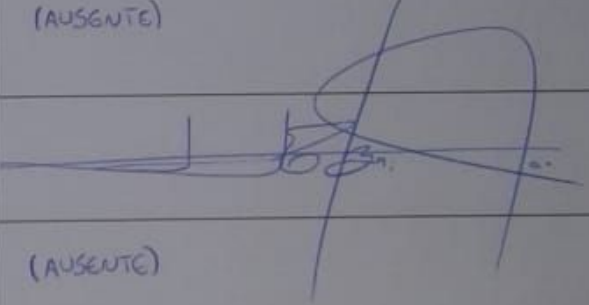
Os membros abaixo discriminados e firmados, ao assumir suas funções, o fazem sob o compromisso de respeitar fielmente o Estatuto da Entidade.

Por ser expressão da verdade, assinam a seguir:

CONSELHO DIRETIVO NACIONAL

CARGO	ASSINATURA
Dr. Uziel Santana dos Santos Presidente	
Dr. Jonas Moreno de Andrade Almeida Vice-Presidente	
Dr. Roberto Tambelini Diretor Administrativo	(AUSENTE)
Dr. Enio Pereira de Araújo Diretor Financeiro	
Dr. Augusto César Rocha Ventura Diretor Jurídico	
Dr. Jonas Moreno de Andrade Almeida Diretor para Assuntos de Refugiados e Ajuda Humanitária	
Dr. Thiago Rafael Vieira Diretor de Organizações Religiosas	
Dr. Jean Marques Regina Diretor de Relações Institucionais	

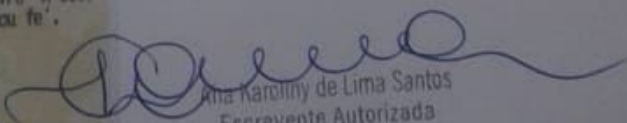


Dr. Valmir Nascimento Milomem Santos Diretor de Assuntos Acadêmicos	 
Dra. Edna Vasconcelos Zilli Diretora de Assuntos Parlamentares	
Dr. Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy Diretor Honorário	
Dr. José do Carmo Veiga Diretor Honorário	(AUSENTE)
Dr. José Eduardo Sabo Paes Diretor Honorário	(AUSENTE)
Dr. Fábio Dutra Diretor Honorário	(AUSENTE)
Dr. José Julio dos Reis Diretor Honorário	(AUSENTE)
Dr. Luigi Braga Diretor Honorário	(AUSENTE)
Dr. Valter Vandilson Custódio de Brito Diretor Honorário	
Dr. Zenóbio Fonseca Diretor Honorário	(AUSENTE)
Drª. Valdira Câmara Torres Pinheiro Costa Diretor Honorário	(AUSENTE)
Rev. Augustus Nicodemus Lopes Presidente do Conselho Consultivo	(AUSENTE)

Os membros do Conselho Diretivo Nacional possuem mandato de 5 (cinco) anos, a partir da data de assinatura do presente termo, nos termos do Estatuto da ANAJURE, artigo 13.

Brasília, 13 de dezembro de 2015.

 **REGINA FRANÇA**
- REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA -
Documento protocolado no Livro A-0001, registrado no Livro A-0109
sob No. 163734 e arquivado neste Serviço. Certifico e dou fe.
Campina Grande-PB, 14/09/2016 16:02:00
Ana Karoliny de Lima Santos - Escrevente
EML:R# 222840,79 FAPEN:R# 2223,13 FEPJ:R# 2210,49
SELO DIGITAL: ADV99715-A12M
Confira a autenticidade em <https://selodigital.tjpb.jus.br>


Ana Karoliny de Lima Santos
Escrevente Autorizada



Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Petição	44431/2020
Processo	ARE 1249095
Tipo de pedido	Amicus curiae
Relação de Peças	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: RAISSA PAULA MARTINS 2 - Procuração e substabelecimentos Assinado por: RAISSA PAULA MARTINS 3 - Documentos de Identificação Assinado por: RAISSA PAULA MARTINS 4 - Documentos de Identificação Assinado por: RAISSA PAULA MARTINS 5 - Documentos de Identificação Assinado por: RAISSA PAULA MARTINS
Data/Hora do Envio	17/06/2020, às 09:36:43
Enviado por	RAISSA PAULA MARTINS (CPF: 016.847.064-08)



EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO RELATOR RICARDO LEWANDOWSKI DO EGRÉGIO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.

Recurso Extraordinário com Agravo nº. 1.249.095

O CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS EM DIREITO E RELIGIÃO (CEDIRE), no desenvolvimento de projeto de extensão e assessoria jurídica vinculado ao **ESCRITÓRIO DE ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR (ESAJUP) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)**, coordenado pelo Professor Rodrigo Vitorino Souza Alves e neste ato representado por seus procuradores que a esta subscrevem, conforme instrumentos de procuração anexos, com endereço profissional à Avenida João Naves de Ávila, 2121, Bloco 5V, Campus Santa Mônica, Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, e endereço eletrônico probono@direitoereligiao.org e esajup@fadir.ufu.br, com fundamento nos artigos 138 e 937, IV do Código de Processo Civil (Lei nº 12.105/15) e artigo 124, parágrafo único, do Regimento Interno do STF, vem, mui respeitosamente, peticionar a sua admissão como

AMICUS CURIAE

nos autos do ARE 1.249.095, recurso extraordinário com agravo, a matéria teve repercussão geral reconhecida (Tema 1086) por votação unânime do Plenário Virtual. O recurso tem origem



em Ação Civil Pública ajuizada pelo Ministério Público Federal (MPF) para que sejam retirados todos os símbolos religiosos, como crucifixos e imagens, de locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios da União no Estado de São Paulo. Em razão da estreita relação entre os objetivos institucionais do Requerente e a matéria em exame nos autos, como se passa a demonstrar pelos fundamentos de fato e de direito a seguir expostos, requer-se, desde já, a apresentação de memoriais, a participação em eventuais audiências públicas, a produção de sustentação oral, nos termos da legislação e jurisprudência abaixo indicados.

1. SÍNTESE DA LIDE

Trata-se de questão constitucional referente à retirada de todos os símbolos religiosos, como crucifixos e imagens, de locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios da União no Estado de São Paulo. A ação foi julgada improcedente pelo juízo de primeiro grau e pelo Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF-3), que considerou que a presença dos símbolos religiosos é uma reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

Contra esse entendimento, o Ministério Público Federal interpôs recurso extraordinário com alegação de ofensa a dispositivos constitucionais sobre o tema (artigos 3º, inciso IV; 5º, caput e inciso VI; 19, inciso I; e 37). O recurso não foi admitido pela Vice-Presidência do TRF-3, razão pela qual foi interposto o ARE 1.249.095 nesta Egrégia Corte.

O relator, Exmo. Ministro Ricardo Lewandowski, entendeu que há repercussão geral do tema constitucional contido no recurso. Para o Exmo. Ministro, a causa extrapola os interesses das partes envolvidas, pois a questão central alcança todos os órgãos e entidades da administração pública da União, dos estados e dos municípios.

Na avaliação do relator, a conclusão da discussão definirá a exata extensão dos dispositivos constitucionais supostamente violados. Do mesmo modo, segundo ele, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envolvidos no debate.

A repercussão geral da questão foi reconhecida por unanimidade desta Egrégia Corte.

2. DA TEMPESTIVIDADE



O ora Requerente apresenta o pedido de admissão de interessado como *amicus curiae* antes da inclusão em pauta de julgamento da matéria discutida nos autos. Desse modo, o presente pedido encontra-se tempestivo.

3. DA ADMISSIBILIDADE COMO AMICUS CURIAE

O Requerente vem, respeitosamente, perante essa Suprema Corte, requerer a sua admissão na qualidade de *amicus curiae*, modo de intervenção admissível em nosso ordenamento jurídico pátrio como elemento de socialização, pluralização e democratização do exercício da jurisdição constitucional, contribuindo para a formação da convicção da Corte em temas que a afetarão a sociedade.

Com o advento da Lei nº 9.868/1999, previu-se de maneira inequívoca a possibilidade de manifestação de outros órgãos ou entidades nos julgamentos de ações diretas de inconstitucionalidade no Egrégio Supremo Tribunal Federal, bem como nas ações de arguição de descumprimento de preceito fundamental. Essa permissão ainda foi estendida aos incidentes de declaração de inconstitucionalidade por meio do acréscimo do §3º ao artigo 487 do então vigente Código de Processo Civil (Lei nº 5.869/1973).

A admissibilidade do presente pedido, porém, respalda-se no artigo 138 do Código de Processo Civil (Lei 13.105/2015), em que se encontra previsão expressa sobre a possibilidade de participação de entidades da sociedade civil no caso de controle de constitucionalidade difuso.

Art. 138. O juiz ou o relator, considerando a relevância da matéria, a especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia, poderá, por decisão irrecorrível, de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com representatividade adequada, no prazo de 15 (quinze) dias de sua intimação.

Dessa forma, conforme inteligência do citado artigo, verificada a presença dos requisitos de admissibilidade, quais sejam, a relevância da matéria e a representatividade dos



postulantes, o relator, poderá admitir, por despacho irrecorrível, a manifestação de outros órgãos ou entidades que não sejam partes no processo.

Por derradeiro, em observância à legislação vigente e à evolução jurisprudencial, o Regimento Interno desta Suprema Corte prevê a produção de sustentação oral por parte do terceiro interveniente para auxílio no *decisum*, na forma do §1º, do artigo 131. A possibilidade de sustentação oral em Recursos Extraordinários também é regulada pelo Código de Processo Civil (Lei 13.105/2015), em seu artigo 937, IV.

Dispõe o artigo 131 do Regimento Interno do STF:

Art. 131. Nos julgamentos, o Presidente do Plenário ou da Turma, feito o relatório, dará a palavra, sucessivamente, ao autor, recorrente, peticionário ou impetrante, e ao réu, recorrido ou impetrado, para sustentação oral.

§3º Admitida a intervenção de terceiros no processo de controle concentrado de constitucionalidade, fica-lhes facultado produzir sustentação oral, aplicando-se, quando for o caso, a regra do § 2º do art. 132 deste Regimento.

O presente requerimento preenche todos os pressupostos exigidos por lei e jurisprudência para sua manifestação na qualidade de *amicus curiae*, como se verá adiante, fazendo-se imprescindível o conhecimento desta petição e de sua admissão no processo, bem como prazo para a apresentação dos memoriais escritos na forma da Lei.

3.1. DA REPRESENTATIVIDADE DA ORGANIZAÇÃO

O Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião - CEDIRE é um Grupo de Pesquisa sediado na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia. Fundado em 2012, o CEDIRE busca contribuir para a investigação acerca das relações entre Direito e Religião, sendo pioneiro na promoção dessa abordagem interdisciplinar como disciplina jurídica e área de pesquisa no Brasil. Seus pesquisadores são vinculados a diferentes instituições e têm obtido reconhecimento nacional e internacional pela qualidade da produção acadêmica e atuação profissional, com variadas publicações, incluindo-se artigos em periódicos, capítulos de livro, livros, entre outras publicações de natureza acadêmico-científica.

Fundamentalmente, o CEDIRE promove investigação acerca dos diferentes problemas relacionados à liberdade, igualdade e não discriminação em matéria de religião ou crença, e das



relações entre o Estado e as religiões. De modo específico, procura-se contribuir para melhor compreensão sobre a liberdade de religião ou crença e sua proteção no direito internacional e em sistemas jurídicos nacionais, as restrições à manifestação de religião ou crença, as relações entre majorias e minorias religiosas, os modos de relação institucional entre Estado e Religião, o respeito pela pluralidade religiosa, o lugar da religião no espaço público, o debate sobre a secularização.

O CEDIRE tem contribuído para o avanço das investigações em seu campo de estudos por meio da realização de variadas ações e projetos, entre os quais se incluem o desenvolvimento de pesquisas, a publicação de trabalhos científicos, assim como a produção e/ou disponibilização de conteúdos úteis para pesquisadores e outros profissionais (ex. relatórios, resumos de casos, notas sobre publicações, links para websites relevantes). O Centro é pioneiro e tem sido protagonista no âmbito nacional para a consolidação do "Direito e Religião" não apenas como campo de pesquisa jurídica e interdisciplinar, mas também como disciplina acadêmica.

O CEDIRE tem desenvolvido ações com o apoio e colaboração de diferentes instituições nacionais e estrangeiras, a exemplo de CAPES, FAPEMIG, Fundação de Apoio Universitário, Escola da Advocacia Geral da União, Consórcio Latino-Americano de Liberdade Religiosa, *International Consortium for Law and Religion Studies*, *International Center for Law and Religion Studies*, *Oxford Journal of Law and Religion*, *United Nations Academic Impact Program*, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos em Genebra, Ministério Público do Trabalho, entre outros. Além disso, o Centro tem participado de eventos, cursos e projetos organizados por numerosas instituições nacionais (ex. Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Minas Gerais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Comissões de Liberdade Religiosa de Seccionais da Ordem dos Advogados do Brasil, Congresso Nacional, Secretaria de Direitos Humanos / Ministério de Direitos Humanos) e internacionais ou estrangeiras (ex. Universidades de Pequim, Oslo, Cardiff, Oxford, Oxford Brookes, Bielefeld, PUC Urugui e Paraguai, BYU, Virginia, *Fundazione Marcianum* - Veneza, Senado do Urugui, Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas em Genebra, Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos, *International Consortium for Law and Religion Studies*, *International Development of Law Organization*, *G20 Interfaith Forum*, *The Human Dignity Initiative*). O CEDIRE tem ainda interagido com outras instituições acadêmicas ou governamentais, a exemplo de núcleos,



centros, redes e institutos de pesquisa (ex. *Law and Religion Scholars Network*), de secretarias municipais e estaduais (ex. educação, igualdade racial, direitos humanos) e de comissões de respeito à liberdade ou diversidade religiosa.

Pelo Centro é realizada a série de Encontros de Pesquisa sobre Direito e Religião, em que anualmente se reúnem pesquisadores provenientes de diferentes instituições e regiões do Brasil e do mundo. Centenas de estudantes, professores, pesquisadores e outros profissionais têm participado dessa série de eventos, os quais apresentam os resultados de suas pesquisas ou relatos de experiência em grupos de trabalho, mesas-redondas, debates, painéis e palestras. Além disso, os encontros têm proporcionado um ambiente de interações e colaborações que ultrapassam o campo da pesquisa, tendo em vista que são discutidas, elaboradas ou propostas novas iniciativas e parcerias, inclusive no âmbito de políticas públicas e do setor não governamental.

O CEDIRE ainda organiza o *Moot Court* em Direito e Religião, mantém o Observatório Jurídico da Liberdade de Religião ou Crença, a Rede Brasileira de Pesquisadores em Direito Religião e desenvolve variadas ações e projetos em seu Programa de Capacitação em Direito e Religião.

Seu Líder-Pesquisador, Rodrigo Vitorino Souza Alves, é Professor Adjunto da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia, Pesquisador do Ratio Legis - Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Jurídicas da Universidade Autónoma de Lisboa (Portugal), Pesquisador Visitante do *International Center for Law and Religion Studies* (Estados Unidos) e foi *Academic Visitor* na Faculdade de Direito da Universidade de Oxford (Reino Unido). Doutor em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, foi “Aprovado com Distinção” na defesa da Tese “Estado Secular e Liberdade Religiosa: Fundamentos, Estrutura e Dogmática”. Pesquisador nas áreas de Direito Internacional dos Direitos Humanos e Direito Constitucional, com especial ênfase na liberdade de religião ou crença e nos modos de relação entre Estado e Religião. Lidera o Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião - CEDIRE e o Laboratório de Direitos Humanos - LabDH. O Prof. Rodrigo Vitorino coordenou ainda o Projeto “Diversidade religiosa e direitos humanos: em busca do respeito à diferença”, que recebeu apoio do ProExt-MEC, aprovado em 4ª lugar na categoria “Direitos Humanos” em concorrência nacional. Tem livros, artigos e capítulos de livros publicados, incluindo-se a recente publicação do livro “*Latin American Perspectives on Law and Religion*” (Springer, 2020) e do artigo “*Investigations on the Use of Limitations to*



Freedom of Religion or Belief in Brazil” (Brill, Religion & Human Rights, 2020). Proferiu conferências, ministrou cursos e apresentou trabalhos em diferentes eventos e instituições, no Brasil (ex. USP, UFMG, PUC-Rio, Congresso Nacional, SDH/MDH) e no exterior (ex. Alto Comissariado da ONU em Genebra, Conselho Permanente da OEA em Washington-DC, Universidades de Pequim, Oslo, Cardiff, Oxford, Oxford Brookes, Bielefeld, PUC Uruguai e Paraguai, BYU, Virginia, Fondazione Marcianum - Veneza, Senado do Uruguai). Atuou como palestrante convidado na Sexta Sessão do Fórum sobre Minorias da Organização das Nações Unidas, ocorrida em Genebra, Suíça, sendo ainda debatedor de suas Recomendações (A/HRC/FMI/2013/3), aprovadas pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU, e também na Sessão Especial do Comitê de Assuntos Jurídicos e Políticos do Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos em Fevereiro de 2020 (Resolução CP/CAJP3525/20), sobre a promoção e proteção da liberdade de religião ou crença nas Américas. É um dos signatários originais e participou da comissão de elaboração da Declaração de Punta del Este sobre a Dignidade Humana, publicada em 10 de dezembro de 2018 em comemoração ao aniversário de 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. É pesquisador do projeto "*Scrutinizing Limitations: The Proper Use of Permissible Limitations in the Context of Freedom of Religion or Belief*", do Centro Norueguês de Direitos Humanos da Universidade de Oslo. É membro do Conselho Editorial da Série "*Law and Religion in a Global Context*" (Springer). Atuou como membro do comitê de especialistas que revisou o relatório sobre a liberdade religiosa da *International Development of Law Organization - IDLO*. Integrou a equipe de pesquisadores em projeto da Universidade de Oxford (*Oxford Pro Bono Publico*), que submeteu proposta ao Parlamento Inglês com considerações sobre a elaboração de uma constituição escrita. É o Relator Nacional para o *Constitute Project*. É membro de *International Consortium for Law and Religion Studies - ICLARS* (Universidade de Milão), de *Law and Religion Scholars Network - LARSN* (Universidade de Cardiff) e do Consórcio Latino-Americano de Liberdade Religiosa - CLLR. Por fim, Rodrigo Vitorino é habilitado pela Ordem dos Advogados do Brasil.

A coordenadora do Projeto *Pro Bono Publico*, Andréa Letícia Carvalho Guimarães, advogada, mestre em Direito, Estado e Sociedade pela Faculdade de Direito da Universidade de Brasília, trabalha com o tema da liberdade religiosa e laicidade do Estado, desenvolvendo pesquisas no CEDIRE e Universidade de Brasília, bem como presta consultorias aos organismos internacionais, como Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), Programa



das Nações Unidas (PNUD) e UNESCO. Participou como pesquisadora na construção do Relatório de Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (RIVIR), primeiro documento construído pelo Estado brasileiro, que tinha como propósito sedimentar os dados de jornais, ouvidorias e processos judiciais, envolvendo intolerância e violência religiosa, com o propósito de construção de políticas públicas sobre o tema. Além disso, prestou consultoria ao então Ministério dos Direitos Humanos em parceria com a UNESCO, projeto em que foram visitados vinte e dois estados brasileiros, com o propósito de construir um diagnóstico sobre as ações e políticas desenvolvidas sobre a promoção dos Direitos Humanos e a Diversidade Religiosa. Essas experiências possibilitaram o desenvolvimento de expertise sobre o tema da laicidade estatal e a efetivação do direito à liberdade de crença no Brasil, o que pode contribuir com a presente ação.

Ademais, recentemente, o CEDIRE foi admitido como *amicus curiae* no ARE 1.099.099 / SP, de relatoria do Exmo. Ministro Edson Fachin, que trata da questão constitucional referente à objeção de consciência, por motivos religiosos, como justificativa para gerar dever do administrador de disponibilizar obrigação alternativa para servidores públicos, em estágio probatório, cumprirem seus deveres funcionais. No caso, foi reconhecida a potencialidade do CEDIRE para enriquecer o debate em questão, o que reforça sua *expertise* para também contribuir como *amicus curiae* no presente caso. Em despacho do dia 17 de junho de 2019, proferiu o Exmo. Ministro Relator a seguinte decisão:

Nesse quadrante, o juízo de admissão do amicus curiae não pode se revelar restritivo, mas deve, por outro lado, seguir os critérios de acolhimento previsto pela Lei 13.105, de 16 de março de 2015, em seu art. 138, quais sejam, a relevância da matéria e a representatividade dos postulantes.

A relevância da matéria se verifica a partir de sua amplitude, bem assim a respectiva transcendência, e de sua nítida relação com as normas constitucionais. A representatividade do amigo da Corte está ligada menos ao seu âmbito espacial de atuação e mais à notória contribuição que pode ele trazer para o deslinde da questão.

Sendo esse o parâmetro de admissão, é preciso concluir ser possível a admissão do Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião, ora



peticionante, sobretudo porque o debate levado a efeito detém pertinência com as atribuições daquela instituição, do que deflui a potencial possibilidade de enriquecer o debate.

Diante do exposto, com base no disposto no artigo 138 do Código de Processo Civil, defiro o pedido de admissão formulado pelo Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião como amicus curiae no presente recurso extraordinário.

3.2. DA RELEVÂNCIA DA MATÉRIA

A matéria em discussão é de grande relevância para a efetividade do sistema constitucional brasileiro, especialmente em relação à proteção do direito fundamental à liberdade de religião e convicções assim como à garantia da separação institucional entre o Estado e as comunidades religiosas. No Recurso Extraordinário discute-se a retirada de todos os símbolos religiosos, como crucifixos e imagens, de locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios da União no Estado de São Paulo.

A matéria a ser discutida tem relação com os objetivos e finalidades institucionais do CEDIRE, quais sejam: a) investigar e promover a liberdade, igualdade e não discriminação em matéria de religião ou crença; b) contribuir para a melhor compreensão sobre a liberdade de religião ou crença, a garantia dessa liberdade em sistemas jurídicos nacionais e internacionais, as restrições à manifestação de religião ou crença, os modos de relação institucional entre Estado e Religião, o lugar da religião no espaço público e o debate sobre a secularização; c) fomentar uma cultura de paz e de respeito pela pluralidade religiosa e pelos direitos humanos.

A matéria a ser julgada no presente recurso extraordinário, não apenas guarda vinculação temática com os objetivos institucionais do CEDIRE e com as atividades de ensino, pesquisa e extensão desempenhadas por seus integrantes, mas também implicará em desdobramentos para todos os cidadãos brasileiros.

A questão da regulamentação do uso de símbolos religiosos em espaços públicos é assunto amplamente discutido e controverso mundialmente. Ao se observar leis e políticas públicas implementadas em países como França, Bélgica, Turquia e Itália, por exemplo, é possível perceber alcances diversos e amplos. É de elevada importância social compreender os



impactos dessa regulamentação, incluindo-se os diversos atores que compartilham o espaço público.

De um lado, a secularidade estatal exige a diferenciação institucional entre o Estado e as comunidades religiosas. De outro, o Brasil é essencialmente um país religioso e sua população pode expressar suas convicções e crenças por meio do exercício da liberdade religiosa. Segundo o censo 2010, promovido pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 92% da população professa alguma religião ou crença. Assim, não se pode ignorar a relevância da matéria para a população, o que reforça a importância da contribuição de um grupo de pesquisa especializado, como o CEDIRE, para a análise do caso. Enfim, as divergências concernentes à relação entre laicidade/secularismo e liberdade religiosa são diversas e há formas de equacionamento igualmente diversas. Apesar disso, revela-se necessário decidir o modo pelo qual um país caracterizado pela continentalidade e pluralidade lidará com essa questão.

Diante do exposto, resta demonstrada a relevância da matéria, a representatividade, o interesse e a potencial contribuição que o CEDIRE é capaz de oferecer ao deslinde da questão, tanto por meio de sua missão institucional quanto pelo trabalho de destaque que tem desempenhado, nacional e internacionalmente, em vinculação com a matéria deste julgamento.

4. PEDIDOS

Por todo o exposto, ante o preenchimento dos requisitos legais dispostos no artigo 138 e parágrafos do CPC, e em observância à jurisprudência desta Suprema Corte e de seu Regimento Interno, requer-se:

- a) o recebimento e deferimento do presente pedido para admitir o CEDIRE na qualidade de *amicus curiae* nos autos deste Recurso Extraordinário com Agravo nº. 1.249.095 neste Egrégio Supremo Tribunal Federal;
- b) seja oportunizada, no prazo legal e regimental, a apresentação de razões em Memoriais;
- c) seja assegurado ao CEDIRE a possibilidade de sustentação oral de seus argumentos em Plenário por ocasião da sessão de julgamento deste Recurso Extraordinário;
- d) seja oportunizada a sua participação em outras manifestações que porventura se realizem, a exemplo de audiências públicas;



e) seja o CEDIRE intimado, por meio de seus advogados subscritos, de todos os atos do processo, nos endereços eletrônicos *probono@direitoereligiao.org* e *esajup@fadir.ufu.br*.

Nestes termos, pede deferimento.

Uberlândia, 12 de agosto de 2020.

Andréa Letícia Carvalho Guimarães
OAB/MG: 141.394
Coordenadora do Projeto CEDIRE *Pro Bono Publico*

Breno Valadares de Abreu
ESAJUP/UFU

Rodrigo Vitorino Souza Alves
Líder-Pesquisador do CEDIRE





Poder Judiciário

Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Petição	64254/2020
Processo	ARE 1249095
Tipo de pedido	Amicus curiae
Relação de Peças	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: BRENO VALADARES DE ABREU
Data/Hora do Envio	14/08/2020, às 17:25:22
Enviado por	BRENO VALADARES DE ABREU (CPF: 016.860.016-14)



**EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO RELATOR RICARDO
LEWANDOWSKI DO COLENDOSUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**

ARE nº 1.249.095

**CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO
BRASIL - CNBB**, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ sob o n. 33.685.686/0001-50, com endereço na SES 801, conjunto B, Asa Sul, Brasília-DF, Cep: 70.200-014, nos termos do art. 3º, Decreto n. 7.107/10, Instituição Eclesiástica denominada de Conferência Episcopal, erigida na Lei Canônica, neste ato representada por Dom Walmor Oliveira de Azevedo, brasileiro, sacerdote, portador do RG nº. 414.442, inscrito no CPF sob o nº. 181.639.806-30, respeitosamente, por meio de seus advogados constituídos, com fulcro no art. 138 do CPC, requerer que seja admitida sua participação na condição de

AMICUS CURIAE

no Agravo em Recurso Extraordinário n. 1.249.095 proposto pelo Ministério Público Federal em face de União, por meio do qual se pretende a retirada de símbolos religiosos expostos nas repartições públicas, alegando haver violação dos artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal, pelos fatos e fundamentos jurídicos a seguir delineados.



I. SÍNTESE DOS FATOS

2. O Ministério Público Federal propôs Ação Civil Pública em face da União buscando a retirada de todos os símbolos religiosos de locais públicos em órgãos da União no Estado de São Paulo.

3. O juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo julgou improcedente o pedido, alegando que o fato de o estado ser laico não significa haver oposição a qualquer religião. Entendeu que a liberdade de liturgia, consciência e culto são garantias constitucionais, sendo a religião forma de expressão cultural do povo brasileiro.

4. Dessa decisão, foi interposta apelação. A Procuradoria Regional da República da 3ª Região, emitiu parecer no sentido de não prover o recurso. A 4ª Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, por sua vez, negou provimento ao apelo, de forma unânime, tendo entendido que:

A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

5. Foram opostos Embargos de Declaração pelo Ministério Público Federal, os quais foram rejeitados. Em sequência, foi interposto Recurso Extraordinário, com fundamento na alínea “a” do inciso III do art. 102 da Constituição Federal, no qual o Ministério Público Federal alega afronta aos artigos 3º, IV, 5º, caput e VI, 10, I e 37 da Constituição Federal. Referidos dispositivos tratam da liberdade de consciência e crença religiosa e o tratamento isonômico e impessoal por parte do Poder Público, o que inclui as questões religiosas.

6. O Recurso Extraordinário não foi admitido na origem, sob os fundamentos de que o acórdão encontra-se em consonância com o entendimento consolidado no Supremo Tribunal Federal, incidindo na espécie o óbice da Súmula 286/STF; e de que não é cabível recurso extraordinário para impugnar acórdão que tenha decidido com base em fatos e provas dos autos, a teor da Súmula 279/STF. Dessa



decisão, foi interposto Agravo em Recurso Extraordinário, o qual resta pendente de julgamento.

7. A d. Procuradoria Geral da República apresentou Parecer pelo conhecimento do Agravo e **não provimento do Recurso Extraordinário**.

8. Eis o breve resumo dos fatos.

II. DA LEGITIMIDADE DA CNBB PARA FIGURAR COMO *AMICUS CURIAE* NO ARE nº 1.249.095

9. Não resta dúvida de que a CNBB tem legitimidade para figurar como *amicus curiae* desta e. Suprema Corte na presente ação, senão vejamos. A CNBB é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, que congrega os Bispos da Igreja Católica no País, na qual, conjuntamente e nos limites do direito, exercem funções pastorais em favor de seus fiéis e procuram dinamizar a própria missão evangelizadora, para melhor promover a vida eclesial.

10. Em seu estatuto social, constam como finalidades institucionais:

Art. 1º. A CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, neste Estatuto denominada também pela sigla **CNBB**, ou simplesmente por Conferência, é uma associação civil, de direito privado, constituída em 1952, que tem por finalidades e objetos precípuos:

- a) exercer o magistério doutrinal e a atividade legislativa para a Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, segundo as normas do direito eclesiástico;
- b) representar o Episcopado brasileiro junto a outras instâncias, inclusive às autoridades públicas;
- c) coordenar e subsidiar a ação pastoral orgânica do Episcopado brasileiro, em todo o território nacional, alcançando as atividades de natureza religiosa, educacional e cultural, de beneficência, de filantropia e de assistência social; e
- d) editar, publicar, divulgar, vender e distribuir documentos e subsídios da CNBB e da Igreja, úteis ao cumprimento de sua missão evangelizadora, sob a forma de livros, brochuras, folhetos, jornais, revistas, Cd-rom e outros meios gráficos ou digitais incorporados pela tecnologia, nos termos das alíneas anteriores.

Parágrafo único: A CNBB inspira esta sua ação pastoral na Bíblia Sagrada, nos documentos do Magistério Universal da Igreja e na linha de ação traçada pelo Episcopado.



Art. 2º. A CNBB relaciona-se com os diversos segmentos da realidade cultural, econômica, social e política do Brasil, buscando uma colaboração construtiva, para a promoção integral do povo e o bem maior do País e, quando solicitada, ajudando nisto aos Bispos das dioceses e circunscrições eclesiais a estas equivalentes.

O art. 3º do Estatuto Social prevê que:

Art. 3º. A CNBB trata com as autoridades públicas as questões que interessam ao bem comum e à missão da Igreja.

11. O Código de Processo Civil trouxe a figura do *amicus curiae* como uma modalidade de intervenção de terceiros, nos seguintes termos:

*Art. 138. O juiz ou o relator, considerando a **relevância da matéria**, a **especificidade do tema objeto da demanda** ou a **repercussão social da controvérsia**, poderá, por decisão irrecorrível, de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com **representatividade adequada**, no prazo de 15 (quinze) dias de sua intimação.*

§ 1º A intervenção de que trata o caput não implica alteração de competência nem autoriza a interposição de recursos, ressalvadas a oposição de embargos de declaração e a hipótese do § 3º.

*§ 2º Caberá ao juiz ou ao relator, na decisão que solicitar ou admitir a intervenção, definir os poderes do *amicus curiae*.*

*§ 3º O *amicus curiae* pode recorrer da decisão que julgar o incidente de resolução de demandas repetitivas.*

12. Da análise dos dispositivos legais que permitem a participação de órgãos ou entidades especializadas, depreende-se que os requisitos necessários para tanto são: 1) representatividade adequada; 2) relevância da matéria; e 3) especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia.

13. No que tange ao preenchimento dos requisitos supramencionados, a **relevância da matéria** é inconteste, eis que nesta ação do Ministério Público Federal questiona a violação de dispositivos constitucionais da liberdade de crença e da impessoalidade, na medida em que alega que expor em locais públicos símbolos religiosos afrontaria o princípio da não discriminação em relação àqueles cidadãos que professam outras crenças e aos que não professam crença alguma e procuram o serviço público.

14. O próprio Supremo Tribunal Federal entendeu por reconhecer a repercussão geral na presente ação por votação unânime do Plenário



Virtual, o que enfatiza a relevância da matéria. Conforme bem delineado pelo relator, ministro Ricardo Lewandowski, “a causa extrapola os interesses das partes envolvidas, pois a questão central alcança todos os órgãos e entidades da administração pública da União, dos estados e dos municípios. (...) A conclusão da discussão definirá a exata extensão dos dispositivos constitucionais supostamente violados”.

15. Tal matéria, já foi, inclusive, objeto de manifestação por parte do Conselho Nacional de Justiça, tendo prevalecido o entendimento de que o uso de símbolos religiosos em órgãos da Justiça não fere o princípio de laicidade do Estado. Assim, não há dúvida que a matéria objeto da presente ação é relevante, já que a decisão da presente ação terá força vinculante e atingirá todos os Estados da Federação.

16. A **repercussão social da controvérsia** consiste no fato de que a matéria ora tratada diz respeito às liberdades civis fundamentais, em especial, a liberdade religiosa e a laicidade estatal, áreas estas afetas às finalidades sociais da CNBB. Conforme narrado, o mérito da ação consiste em saber se a exposição de símbolos religiosos nas repartições públicas contraria ou não os artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal, já tendo o ministro relator se manifestado sobre a existência repercussão geral, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envolvidos no debate.

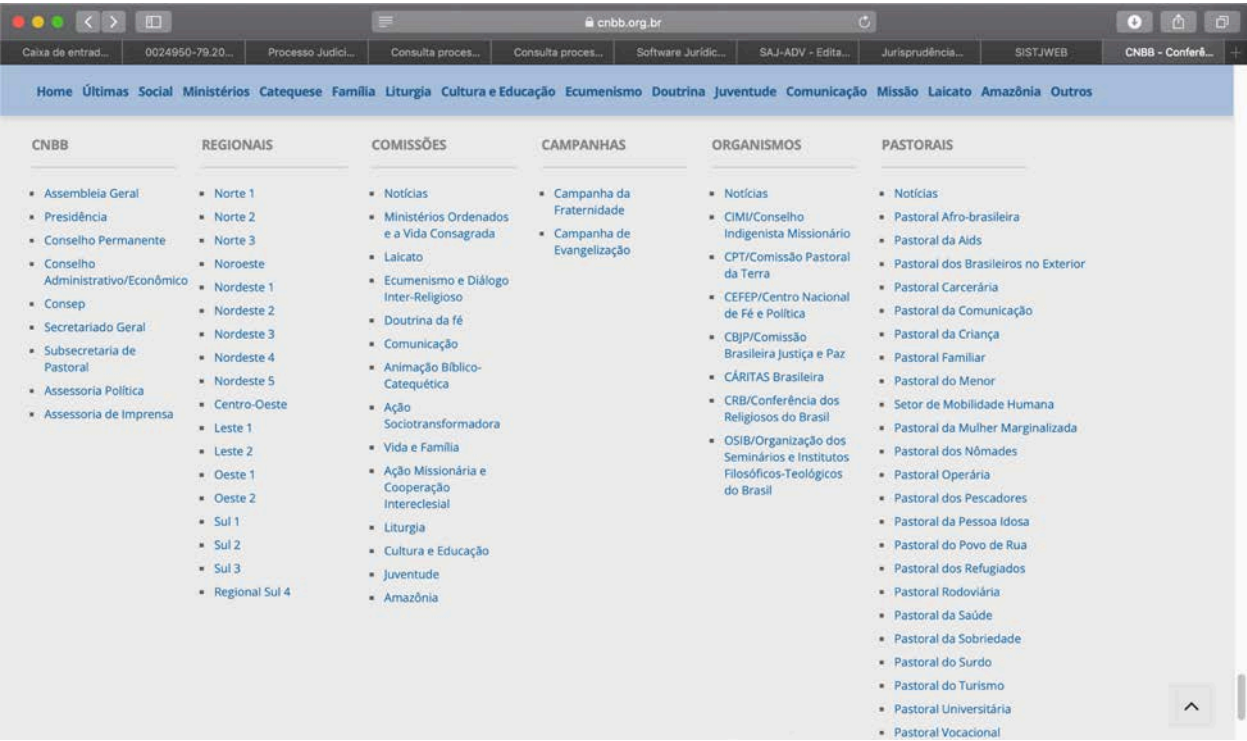
17. Por certo, a discussão em voga irá impactar na vida de milhares de cidadãos brasileiros, já que os direitos constitucionais questionados são aplicáveis a todos indistintamente. O debate sobre a liberdade de crença, liberdade cultural, igualdade, dentre outros, certamente afetará a vida de todos, razão pela qual é importante seja admitida a participação da CNBB na condição de *amicus curiae* na presente ação, com vistas a ampliar e auxiliar os julgadores na tomada de decisão, de forma técnica e jurídica.

18. A **representatividade** da CNBB, por sua vez, é incontestável. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, conforme o estatuto da instituição, tem como finalidades **representar o Episcopado brasileiro juntos a outras instâncias, inclusive às autoridades públicas**, assim como **tratar com as autoridades públicas as questões que interessam ao bem comum e à missão da Igreja**.



19. Além disso, pertencem à CNBB todos os Bispos diocesanos do Brasil e os que são a eles equiparados pelo direito, os Bispos coadjutores, os Bispos auxiliares e os outros Bispos titulares que exercem no mesmo território algum encargo especial, confiado pela Sé Apostólica ou pela Conferência dos Bispos.

20. É possível ver no *site* da CNBB o seu amplo campo de atuação, possuindo representatividade em todo o território nacional, bem como atuando em campanhas, pastorais e comissões. Veja:



CNBB	REGIONAIS	COMISSÕES	CAMPANHAS	ORGANISMOS	PASTORAIS
• Assembleia Geral • Presidência • Conselho Permanente • Conselho Administrativo/Econômico • Consep • Secretariado Geral • Subsecretaria de Pastoral • Assessoria Política • Assessoria de Imprensa	• Norte 1 • Norte 2 • Norte 3 • Noroeste • Nordeste 1 • Nordeste 2 • Nordeste 3 • Nordeste 4 • Nordeste 5 • Centro-Oeste • Leste 1 • Leste 2 • Oeste 1 • Oeste 2 • Sul 1 • Sul 2 • Sul 3 • Regional Sul 4	• Notícias • Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada • Laicato • Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso • Doutrina da fé • Comunicação • Animação Bíblico-Catequética • Ação Sociotransformadora • Vida e Família • Ação Missionária e Cooperação Intereclesial • Liturgia • Cultura e Educação • Juventude • Amazônia	• Campanha da Fraternidade • Campanha de Evangelização	• Notícias • CIMI/Conselho Indigenista Missionário • CPT/Comissão Pastoral da Terra • CEFEPE/Centro Nacional de Fé e Política • CBJP/Comissão Brasileira Justiça e Paz • CÁRITAS Brasileira • CRB/Conferência dos Religiosos do Brasil • OSIB/Organização dos Seminários e Institutos Filosóficos-Teológicos do Brasil	• Notícias • Pastoral Afro-brasileira • Pastoral da Aids • Pastoral dos Brasileiros no Exterior • Pastoral Carcerária • Pastoral da Comunicação • Pastoral da Criança • Pastoral Familiar • Pastoral do Menor • Setor de Mobilidade Humana • Pastoral da Mulher Marginalizada • Pastoral dos Nômades • Pastoral Operária • Pastoral dos Pescadores • Pastoral da Pessoa Idosa • Pastoral do Povo de Rua • Pastoral dos Refugiados • Pastoral Rodoviária • Pastoral da Saúde • Pastoral da Sobriedade • Pastoral do Surdo • Pastoral do Turismo • Pastoral Universitária • Pastoral Vocacional

21. Importante ressaltar que a CNBB já foi admitida como *amicus curiae* em várias outras ações perante esse Egrégio Supremo Tribunal Federal, citando-se como exemplo, no Recurso Extraordinário nº 1.017.365, ADPF 132 e ADI 427.

22. Não resta, assim, qualquer dúvida quanto à representatividade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, requerendo seja admitida também no presente Agravo em Recurso Extraordinário a sua participação como *amicus curiae*.



III. DOS DISPOSITIVOS CONSTITUCIONAIS SUPOSTAMENTE VIOLADOS – ARTIGOS 3º, IV; 5º, *caput* e VI; 10, I e 37

23. O Ministério Público Federal sustenta que a Ação Civil Pública por ele ajuizada tem por objetivo promover a liberdade religiosa de todos os cidadãos que ingressam diariamente nas repartições públicas do Estado de São Paulo, por meio de obtenção de decisão judicial que obrigue a União a retirar dos locais de ampla visibilidade e atendimento ao público os símbolos de qualquer religião, tudo sob o amparo da laicidade estatal, da liberdade de crença e religiosa.

24. Alega que a impessoalidade resta ofendida na medida em que a liberdade religiosa garantida pela Constituição Federal é pessoal, sendo que expor em locais públicos símbolos religiosos supostamente ofenderia tal princípio constitucional.

25. Na visão do Ministério Público Federal a exposição de símbolos religiosos em repartições públicas estaria violando o princípio da não discriminação e o da liberdade de crença dos cidadãos que professam outras crenças e que procuram os serviços públicos.

26. Aduz que o acórdão que, confirmando a sentença negou o pedido do MPF, “nega efetividade ao princípio da igualdade e à plena liberdade de crença de parcela da sociedade brasileira em prol do direito à cultura dos católicos, bem como não promove a integração social, já que mantém situação prejudicial à noção de pertencimento e participação na gerência das res pública de cidadãos que não professem as religiões cujos símbolos continuarão exibidos em prédios públicos nos quais necessitem transitar”.

27. Ocorre porém, que, como bem restou decidido nas instâncias ordinárias, e como já decidido outrora por esta mesma Suprema Corte, não houve qualquer violação à Constituição Federal, porquanto o fenômeno religioso deve ser visto como uma manifestação cultural do povo brasileiro, não havendo qualquer afronta à laicidade do Estado, conforme será demonstrado adiante.



IV. DA NECESSIDADE DE MANUTENÇÃO DOS SÍMBOLOS RELIGIOSOS COMO EXPRESSÃO DA CULTURA DO POVO BRASILEIRO

28. Conforme restou corretamente decidido nas instâncias inferiores:

“(...) a laicidade do Estado brasileiro, como visto, não se traduz em oposição ao fenômeno religioso. Ao contrário, ele é garantido no texto constitucional como direito fundamental de liberdade de consciência, de liturgia e de culto. Mais, é resguardado como valor em si, inclusive sob a perspectiva da expressão cultural do povo brasileiro. Daí a possibilidade de convivência do Estado laico com símbolos religiosos - crucifixos, imagens, monumentos, nomes de logradouros ou de cidades etc. - ainda que em locais públicos, pois refletem a história e a identidade nacional ou regional”.

“APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVENCIA DO ESTADO LAICO COM

SÍMBOLOS RELIGIOSOS. RECURSO DESPROVIDO.

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida.”

29. Em seu parecer, o próprio Ministério Público Federal manifestou-se contrário ao provimento do presente Recurso Extraordinário, tendo citado trechos de diversos julgados do Supremo Tribunal Federal, concluindo que a laicidade estatal guarda relação direta com o princípio da liberdade de crença e da igualdade, já que o Estado não pode privilegiar qualquer religião em detrimento de outras, garantindo-se a livre manifestação de crença pelos indivíduos. Assim, a intervenção estatal no sentido de retirar símbolos religiosos de repartições públicas acaba por ofender a expressão da liberdade religiosa e da diversidade cultural do povo brasileiro, que deve ser salvaguardada pela tolerância e respeito ao pluralismo.

30. O Conselho Nacional de Justiça já se posicionou sobre a possibilidade de haver símbolos religiosos no âmbito do Poder Judiciário sem que isso configure ofensa à liberdade religiosa, já que se trata de manifestação cultural do povo brasileiro. Em 2016, o Conselheiro Emmanoel Campelo, do CNJ, reiterou o seu



entendimento no Pedido de Providências nº 0000620-85.2013.2.00.0000. *In verbis*:

O pedido inicial é de que seja determinada a retirada das imagens e crucifixos que estão nas dependências do Tribunal e da Capela do TJPR.

Inicialmente destaco que o presente pedido pode ser solucionado monocraticamente, na medida em que este Conselho já decidiu, em quatro Pedidos de Providência (1.344, 1.345, 1.346 e 1.362), sobre a presença de símbolos religiosos nos Tribunais de Justiça do Ceará, Minas Gerais, Santa Catarina e no Tribunal Regional Federal 4ª região, posicionando-se no sentido de mantê-los, sob a afirmação de que os crucifixos são mais símbolos culturais e tradicionais do que religiosos. Recentemente também decidi, monocraticamente, nos autos do Procedimento de controle Administrativo nº 0001418-80.2012.2.00.0000 e Pedido de Providências nº 0001058-48.2012.2.00.0000, ambos pleiteando que fosse decretada a nulidade e a desconstituição do ato administrativo emanado pelo Conselho Superior da Magistratura do Estado do Rio Grande do Sul, nos autos do Processo Administrativo nº 0139-11/000348-0, que ordenou a retirada de Crucifixos e demais símbolos religiosos das dependências do Poder Judiciário Gaúcho.

[...] O pedido não é inédito, pois o CNJ, desde a primeira composição, debruça-se sobre a matéria, que é recorrente: os símbolos religiosos podem compor as salas do Poder Judiciário, sem ferir a liberdade religiosa?

Vejamos.

I - O ESTADO LAICO

*O CNJ discutiu em 2011, em seminário organizado pelo então Conselheiro Ives Gandra Martins Filho, a questão da laicidade do Estado, aspecto de fundamental importância no presente caso. Das conclusões possíveis naquele encontro, e também das abalizadas posições doutrinárias, extrai-se que **o Estado brasileiro é laico, o que significa dizer que há separação entre Estado e Igreja. Porém, há aqueles que confundem Estado Laico com Estado Laicista, deturpação do primeiro, no qual se procura isolar o fator religioso à esfera puramente pessoal, proibindo ou cerceando as manifestações externas da religiosidade.***

O CNJ, em decisão plenária unânime, já apreciou pedido de retirada dos adornos referentes a Themis, deusa grega da justiça, abordando a laicidade do Estado como fato concreto. O processo foi relatado pelo ilustre Conselheiro Bruno Dantas, cujo excerto reproduzo:

‘Não há que se falar, na espécie, em ofensa à laicização do Estado, pois a estátua da deusa grega Themis, cuja retirada postula o requerente, não ostenta o caráter religioso por ele impingido, mas apenas presta homenagem ao povo grego e aos primórdios da justiça e da democracia. Nota-se que, no precedente, a discussão era sobre eventual ofensa à laicização do Estado por conta da utilização de um símbolo religioso de outro país. Aqui, cuida-se da manutenção de símbolos religiosos referentes à religião cristã, defendida pelos requerentes como sendo a majoritária em nosso país e, bem por isso, representativa da consciência e da cultura de seu povo.’

Com efeito, o símbolo religioso de outros povos, utilizado a título de aformoseamento ou mesmo de tributo à origem do direito, não ofende a laicização da nação brasileira. Da mesma maneira, há inegável prevalência do cristianismo, como fé predominante na nação, o que não pode ser ignorado, mas que também não pode ofender a laicidade do Estado, nem apresentar caráter excludente. Ou, dito de outro modo, o fato de os brasileiros



professarem, em sua maioria, a religião cristã, não pode ser elemento de exclusão ou de diminuída garantia às minorias que praticam outras crenças.

II - SIMBOLOS RELIGIOSOS NO PODER JUDICIÁRIO

Bem se sabe o quanto as divergências religiosas já causaram guerras e destruição ao redor do mundo, em especial por conta da chamada intolerância religiosa, que deve ser combatida como um perigoso elemento desagregador da sociedade.

Nesse diapasão, entendo que os símbolos religiosos são também símbolos culturais, que corporificam as tradições e valores de uma cultura ou civilização, sintetizando-os. Nesse sentido, o Crucifixo é um símbolo simultaneamente religioso e cultural, consubstanciando um dos pilares - o mais transcendente - de nossa civilização ocidental.

Cumpra observar que o preâmbulo da Constituição Brasileira de 1988 é finalizado com a expressão: **“promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil”**. Em relação aos direitos e deveres individuais, o art. 5º, VI, aponta como sendo **“inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”**. Portanto, garantidos o direito de liberdade de crença, de consciência e de culto religioso. No art. 5º, os incisos VII e VIII garantem a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva e que ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei. O art. 19, I, aduz ser vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público; O art. 143, §§ 1º e 2º, permite serviço alternativo aos que, em tempo de paz, após alistados, alegarem imperativo de consciência, entendendo-se como tal o decorrente de crença religiosa e de convicção filosófica ou política, para se eximirem de atividades de caráter essencialmente militar e os eclesiásticos ficarem isentos do serviço militar obrigatório em tempo de paz. Já o § 1º do art. 210 estabelece que o ensino religioso será facultativo e constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

O art. 226, § 2º aponta que o casamento religioso produz efeitos civis. **Verifica-se, dessa forma, a inexistência de vedação na Carta Magna para que símbolos, como o Crucifixo, sejam expostos em entidades públicas. Ao contrário, há garantia desse direito, conforme art. 5º, VI, acima citado.**

Evidencio, assim, que para acolher a pretensão de retirada de símbolos religiosos sob o argumento de ser o Estado laico, seria necessário, também, extinguir feriados nacionais religiosos, abolir símbolos nacionais, modificar nomes de cidades, e até alterar o preâmbulo da Constituição Federal.

Ora, se a própria Constituição Federal traz em seu bojo que foi promulgada “sob a proteção de Deus”, se está impresso nas cédulas do real “Deus seja louvado”, se inúmeros feriados são religiosos, vemos que o teísmo explícito do Estado brasileiro se manifesta também na manutenção dos símbolos cristãos, seguindo a tradição lusitana que forjou nosso país. Das várias formas de relação entre Igreja e Estado no tempo e no espaço - Estado Confessional (que adota uma religião como oficial), Estado Ateu (que rejeita o fator religioso como constitutivo do ser humano) e Estado Laico (que vive a separação entre Igreja e Estado, mas com cooperação entre eles e respeito à liberdade



religiosa), o Brasil adotou nitidamente esta última forma.

Ou seja, não há como ser elemento de exclusão ou de diminuída garantia às minorias que praticam outras crenças. Por outro lado, visto como símbolo cultural que é, o crucifixo não discrimina ou exclui ninguém. Até porque, ser laico não significa ser inimigo da religião, ou agir como se a mesma não existisse.

Portanto, resta claro que a presença do Crucifixo não significa uma mistura de religião e Estado, mas remete a uma questão histórico cultural, sem ferir a liberdade religiosa ou a privilegiar apenas uma crença.

Nesse contexto, a proibição ou retirada dos símbolos religiosos existentes em repartições públicas ou em salas de sessões de Tribunais responde à visão preconceituosa daqueles que pretendem apagar os vestígios de uma civilização cristã invocando a laicidade do Estado, quando, na verdade, professam um laicismo mais próximo do ateísmo do que da posição equilibrada da separação entre Igreja e Estado.

Ademais, favorece determinados grupos, como o de ateus ou dos que ostentam outra religião, em detrimento dos que cultuam os referidos símbolos, como, por exemplo, o Crucifixo, revelando-se ato discriminatório. ***O ato de retirar um crucifixo de espaço público, que tradicionalmente e historicamente o ostentava, é ato eivado de agressividade, intolerância religiosa e discriminatório, já que atende a uma minoria, que professa outras crenças, ignorando o caráter histórico do símbolo no Judiciário brasileiro.***

[...]

Ressalto que este Conselho já decidiu, em quatro Pedidos de Providência (1.344, 1.345, 1.346 e 1.362) sobre a presença de símbolos religiosos nos Tribunais de Justiça do Ceará, Minas Gerais, Santa Catarina e no Tribunal Regional Federal 4º região, posicionando-se no sentido de mantê-los, sob a afirmação de que os crucifixos são mais símbolos culturais e tradicionais do que religiosos.

Transcrevo a declaração de voto do então Conselheiro Oscar Argollo, no Pedido de Providências nº 1344: O interesse público primário deve ser traduzido como defesa dos direitos individuais e não abstrações totalitárias de valores ou objetivos coletivos, que pertencem ao mundo do totalitarismo e de intervenções arbitrárias do poder político.

A decisão de manter um crucifixo numa sala de audiências de Tribunal de Justiça não torna o Estado clerical e, data máxima vênica, nem ofende nenhum interesse público, uma vez que, ao contrário, preserva-o, ao garantir aos cidadãos a concretização de uma liberdade. Como diria Alexandre Herculano, não perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros (Cartas, I, p. 213).

III – CONCLUSÃO

Diante dos fundamentos acima expostos, verifica-se que a presença de Crucifixo ou símbolos religiosos em um tribunal não exclui ou diminui a garantia dos que praticam outras crenças, também não afeta o Estado laico, porque não induz nenhum indivíduo a adotar qualquer tipo de religião, como também não fere o direito de quem quer seja.

Assim, entendo que os símbolos religiosos podem compor as salas do Poder Judiciário, sem ferir a liberdade religiosa, e que não se pode impor a sua retirada de todos os tribunais, indiscriminadamente. Por isso, merece reparo a decisão do Conselho Superior da Magistratura do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul que determinou, de forma discriminatória, a retirada dos Crucifixos. (Grifos nossos)



31. Apesar de a decisão do CNJ ter abrangência restrita ao Poder Judiciário, certo é que seus fundamentos podem ser utilizados para que o entendimento ali presente seja estendido para todo o âmbito da Administração Pública, no sentido de que a utilização de símbolos religiosos não ofende a laicidade do estado, porquanto ser laico não significa ser inimigo da religião ou ignorar a sua existência. Dessa forma, a presença de Crucifixo ou outros símbolos religiosos não configura fusão da religião com o Estado, mas apenas faz alusão a uma questão histórico cultural, sem ferir a liberdade religiosa ou privilegiar apenas uma crença.

32. De fato, a presença de símbolos religiosos em repartições públicas não exclui ou diminui a garantia dos que praticam outras crenças, bem como não afeta a laicidade do estado, já que não tem o condão de induzir o indivíduo a adotar qualquer tipo de religião. Ao contrário, proibir a utilização de símbolos religiosos e históricos em repartições públicas é negar e até mesmo tentar apagar toda uma cultura histórica religiosa predominante em uma determinada sociedade, ofendendo a liberdade de crença da maioria da sociedade brasileira.

33. Como bem ressaltado na decisão do Conselho Nacional de Justiça, o estado brasileiro é laico e o Estado laico não se confunde com o Estado laicista, sendo que este último procura isolar o fator religioso à esfera puramente pessoal, proibindo ou cerceando as manifestações externas da religiosidade.

34. Sobre o tema, Hugo José Sarubbi Cysneiros de Oliveira, em sua obra ‘O Marco Jurídico das Organizações Religiosas’, entende que:

Não raro, os que compreendem equivocadamente o significado da laicidade do Estado alegam que a presença de símbolos religiosos em espaços públicos agrediria o princípio da separação entre o ente estatal e a Igreja. Coube ao próprio Estado Juiz esclarecer, já em diversas oportunidades, que mencionados fatos em nada comprometem o caráter laico do Estado brasileiro, sendo, em sentido oposto, uma fiel expressão da convivência harmônica entre os plurais valores que constroem uma sociedade democrática.¹

35. Citando a presente Ação Civil Pública, prossegue o autor:

Após o indeferimento da liminar requerida pelo órgão ministerial, testemunhas

¹ DE OLIVEIRA, Hugo José Sarubbi Cysneiros. et al. Título: O Marco Jurídico das Organizações Religiosas. 1ª Edição. Brasília: CNBB, 2019, p. 33.



passaram a ser ouvidas em juízo, incluindo representantes de outras confissões religiosas, cabendo aqui destacar trechos contidos nos autos. Às fls. 368, um líder de uma comunidade evangélica diz que ‘prega a tolerância e o respeito a todas as crenças, sendo indiferente para a sua fé e para as suas concepções religiosas a existência de símbolos de outras religiões, seja em que locais forem. Destaque também para o que se extrai das fls. 417/420 do processo, quando é lembrando que o Brasil é um país de tradição católica e o princípio atual da laicidade do Estado.’²

36. Importante trazer à baila o ensinamento do i. Desembargador do TJRS, Ingo Wolfgang Sarlet, doutor e pós doutor em Direito, pela Universidade de Munique sobre a laicidade do Estado:

Na Constituição Federal de 1988, tal opção (do Estado laico) encontra sua previsão expressa no já referido art. 19 da CF, que veda aos entes da Federação que estabeleçam, subvencionem ou embarquem o funcionamento de cultos religiosos ou igrejas.

*A referência feita a Deus no Preâmbulo, além de não ter caráter normativo, não compromete o princípio da neutralidade religiosa do Estado, que, por sua vez, **não implica - ainda mais consideradas as peculiaridades da ordem constitucional brasileira - um total distanciamento por parte do Estado da religião, distanciamento que - na acepção de André Ramos Tavares que aqui se partilha - sequer se revela desejável.** Com efeito, como bem pontua Jorge Miranda, há que se distinguir entre laicidade e separação (no sentido de independência) entre Estado e Igreja (e comunidades religiosas em geral) **de laicismo e de uma postura de menosprezo e desconsideração do fenômeno religioso (das religiões e das entidades religiosas) por parte do Estado**, pois uma coisa é o Estado não professar nenhuma religião e não assumir fins religiosos, mantendo uma posição equidistante e neutra, **outra coisa é assumir uma posição hostil em relação à religião e mesmo proibitiva da religiosidade.***

Importa destacar, que o laicismo e toda e qualquer postura oficial (estatal) hostil em relação à religião revela-se incompatível tanto como pluralismo afirmado no Preâmbulo da Constituição Federal, quanto com uma noção inclusive de dignidade da pessoa humana e liberdade de consciência e de manifestação do pensamento, de modo que a necessária neutralidade se assegura por outros meios, tal como bem o demonstra o disposto no art. 19, I, bem como um conjunto de limites e restrições à liberdade religiosa, aspecto que aqui não será desenvolvido. Outras manifestações que podem ser extraídas da CF, no sentido de uma postura aberta e sensível para com as religiões, sem assumir qualquer compromisso com determinada religião e igreja, podem ser ilustradas com os exemplos da previsão, ainda que em caráter facultativo, de ensino religioso em escolas públicas de ensino fundamenta (art. 210, §1º, da CF) e a possibilidade de reconhecimento de efeitos civis ao casamento religioso (art. 226, §§1º e 2º). (grifos editados)

37. É de se concluir que o fato do Estado ser laico não

² DE OLIVEIRA, Hugo José Sarubbi Cysneiros. et al. Título: O Marco Jurídico das Organizações Religiosas. 1ª Edição. Brasília: CNBB, 2019, p.33.



significa que é inimigo das religiões, de qualquer delas. Desta forma, a julgar procedente o pedido descabido do Recorrente, estar-se-ia adotando postura de embate com as religiões, uma vez que, se determinado responsável por uma sala de órgão público, inclusive por sua decoração, é pessoa religiosa e deseja colocar em local visível e público determinado símbolo religioso, exigir do Estado que controle referida situação é, justamente, exigir que o Estado adote postura hostil contra o fenômeno religioso que faz parte da vida da população do país.

38. Em verdade, o que o Recorrente requer é que faça prevalecer a vontade de uma minoria dentro de uma minoria, pois os que não creem em Deus e não professam religião alguma em nosso Estado já são minoria. Dentre estes os que afirmam sentirem-se **ofendidos** pela simples presença de um símbolo religioso em um local público é a minoria dentro daquela minoria. Impensável que o Estado se curve à - *data maxima venia* - birra de quem não consegue conviver numa sociedade plural e ver num órgão público determinado símbolo religioso, que em nada afeta o funcionamento do referido órgão, eventuais decisões e práticas, etc.

39. **Da mesma forma que o Estado não poderia impor que determinado símbolo religioso seja colocado em local público, tampouco pode impor que seja retirado conforme se pleiteia no presente Recurso. É esta a postura de neutralidade que se espera do Estado.**

40. Foi justamente este entendimento que prevaleceu no julgamento da ADI 4439, que pretendia que o ensino religioso de matrícula facultativa nas escolas públicas fosse obrigatoriamente aconfessional por supostamente ofender o princípio da laicidade do Estado. A ação foi julgada improcedente e cabe trazer a estes autos trechos do brilhante voto do i. Ministro Alexandre de Moraes, que se amoldam perfeitamente ao presente caso. Veja-se:

A liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e **compreende não somente as informações consideradas como inofensivas**, indiferentes ou favoráveis, **mas também as que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a Democracia somente existe baseada na consagração do pluralismo de ideias e pensamentos** – políticos, filosóficos, religiosos – e da **tolerância** de opiniões e do espírito aberto ao diálogo.



(...)

O respeito à fé alheia ou a ausência de qualquer crença religiosa é primordial para a garantia de segurança de nossa própria fé, pois a verdadeira liberdade religiosa consagra a pluralidade, como bem lembrado por THOMAS MORE em sua grande obra, ao narrar que “as religiões, na Utopia, variam não unicamente de uma província para outra, mas ainda dentro dos muros de cada cidade, estes adoram o Sol, aqueles divinizam a Lua ou outro qualquer planeta. Alguns veneram como Deus supremo um homem cuja glória e virtudes brilharam outrora de um vivo fulgor”.

(...)

Assim, **a Constituição Federal**, ao consagrar a inviolabilidade de crença religiosa, **está também assegurando plena proteção à liberdade de culto e às suas liturgias** (FRANCESCO FINOCCHIARO, Il fenomeno religioso. I rapporti trà Stato e Chiesa cattolica. I culti non cattolici. Manuale di diritto pubblico. Bolonha: Il Molino, 1994. p. 943-964). Insisto, um Estado não consagra verdadeiramente a liberdade religiosa sem absoluto respeito aos seus dogmas, suas crenças, liturgias e cultos. O direito fundamental à liberdade religiosa não exige do Estado concordância ou parceria com uma ou várias religiões; **exige, tão somente, respeito; impossibilitando-o de mutilar dogmas religiosos de várias crenças, bem como de unificar dogmas contraditórios sob o pretexto de criar uma pseudo neutralidade no “ensino religioso estatal”**.

O Estado deve respeitar todas as confissões religiosas, bem como a ausência delas, e seus seguidores, **mas jamais sua legislação, suas condutas e políticas públicas devem ser pautadas por quaisquer dogmas ou crenças religiosas ou por concessões benéficas e privilegiadas a determinada religião.** (grifos editados)

41. Cumpre ressaltar, de maneira especial, no tocante ao último parágrafo que a presença de qualquer símbolo religioso em órgãos públicos não significa submissão do Estado a determinada religião, tampouco subvenção. Haja vista, por exemplo, os diversos julgados que esta Suprema Corte já realizou em sentido contrário ao que ensina a Igreja Católica e a presença do Crucifixo no Plenário desta mesma Corte. Tivesse qualquer influência a presença do referido símbolo religioso, diversos julgamentos desta corte teriam sido concluídos de forma diversa da que efetivamente foram.

42. Segue o i. Ministro Alexandre de Moraes em seu voto:

Sistematicamente, os constituintes de 1988 não se limitaram simplesmente a proclamar a laicidade do Estado e a liberdade religiosa, consagrando um inter-relacionamento e complementariedade entre ambos. Já no Preâmbulo invocaram a “proteção de Deus” e, ao longo de todo o texto da Carta Magna, demonstraram sua preocupação com o tema, estabelecendo amplo leque de vedações, direitos e garantias para assegurar a ampla liberdade de crença e culto:



- a) determinou-se a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva (art. 5º, inciso VII);
- b) foi expressamente proibida a privação de direitos por motivo de crença religiosa, salvo quando esta for invocada como motivo para eximir-se de obrigação legal a todos imposta (art. 5º, inciso VIII);
- c) vedou-se ao Estado estabelecer ou subvencionar cultos religiosos ou igrejas, bem como embaraçar seu funcionamento (art. 19, inciso I);
- d) possibilitou-se aos alistados no serviço militar que alegarem imperativo de consciência, decorrente de crença religiosa, convicção filosófica ou política, a prestação de serviço alternativo diverso das atividades essencialmente militares (art. 143, § 1º);
- e) ficou estabelecida a imunidade tributária aos “templos de qualquer culto” (art. 150, inciso VI, “b”);
- f) foram atribuídos efeitos civis ao casamento religioso (art. 226, § 2º).

Nesse sentido, ao analisar o inciso VII do art. 5º da Constituição, o professor JOSÉ AFONSO DA SILVA indica a existência desses pontos de contato entre Estado e Religião:

“O Estado Brasileiro é um Estado laico. A norma parâmetro dessa laicidade é o art. 19, I, que define a separação entre Estado e Igreja. Mas como veremos ao comentá-lo, adotase uma separação atenuada, ou seja, uma separação que permite pontos de contato, tais como a previsão de ensino religioso (art. 210, §1º), o casamento religioso com efeitos civis (art. 226, §2º) e a assistência religiosa nas entidades oficiais, consubstanciada neste dispositivo. Enfim, fazem-se algumas concessões à confessionalidade abstrata, porque não referida a uma confissão religiosa concreta, se bem que ao largo da história do país o substrato dessa confessionalidade é a cultura haurida na prática do Catolicismo”. (Comentário Contextual à Constituição, Malheiros, 7ª edição, p. 97, grifo nosso).

43. Ora, se esta mesma Suprema Corte reconheceu que ministrar ensino religioso **confessional** em escolas públicas não ofende a laicidade estatal, quando há efetiva colaboração do Estado com as religiões, por exemplo, com a remuneração do professor que ministrará as aulas, muito menos a presença de um símbolo religioso qualquer configuraria afronta à laicidade do Estado ou ofensa à liberdade religiosa, de crença ou de pensamento.

44. Portanto, há de se concluir que a presença de símbolos religiosos em recintos públicos não viola a Constituição, mas, em sentido diametralmente oposto, representam a liberdade de crença e de representação cultural do povo brasileiro, garantida pelo Estado laico que permite a convivência harmônica entre os diversos valores que constroem a sociedade.



IV. DOS PEDIDOS

45. Ante o exposto, a CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB) requer seja admitida a sua participação no ARE nº 1.249.095 na qualidade de *amicus curiae*, levando-se em conta as considerações feitas, para ao final declarar pela ausência de violação ao princípios constitucionais apontados, julgando improcedente o Recurso Extraordinário, mantendo-se as decisões proferidas nas instâncias ordinárias.

46. Por fim, requer-se que, nos termos do artigo 272, §2º, do Código de Processo Civil, as publicações sejam realizadas em nome de SARUBBI CYSNEIROS ADVOGADOS ASSOCIADOS, sociedade de advogados inscrita na OAB/DF sob o n.º 2528/15 R.S., com sede no SCN, Quadra 2, Lote “D”, Ed. Liberty Mall, Torre “B”, 12º andar, salas 1231 a 1234, Brasília/DF, CEP: 70.712-904, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 22.327.446/0001-68, telefones (61) 3022-8800 e (61) 2191-2000, bem como no nome dos advogados HUGO JOSÉ SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVERIA, OAB/DF n.º 16.319 e LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA, OAB/DF 35.229.

Termos em que pede deferimento.

Brasília, 18 de agosto de 2020.

Hugo José Sarubbi Cysneiros de Oliveira
OAB/DF n.º 16.319

Lucas Furtado de Vasconcelos Maia
OAB/DF n.º 35.229

Lorena Vieira Fernandes
OAB/DF n.º 34.015





PROCURAÇÃO

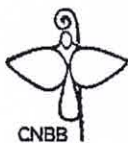
CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, sociedade civil sem finalidade econômica, inscrita no CNPJ sob o n.º 33.685.686/0001-50, com sede no Setor de Embaixadas Sul, Quadra 801, Conjunto B, Brasília/DF, neste ato representada por seu Secretário Geral, Joel Portella Amado, brasileiro, solteiro, Bispo, portador do documento de identidade nº 03.078.102-5 DetrRJ/SEJSRJ e inscrito no CPF/MF nº 332.403.027-72, residente e domiciliado em Brasília-DF, por intermédio deste instrumento particular de procuração, Drs. **HUGO JOSÉ SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 16.319; **JOÃO PAULO AMARAL RODRIGUES**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 24.867; **MATEUS GONÇALVES BORBA ASSUNÇÃO**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 36.586; **LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 35.229; **EMMANUEL MAURÍCIO TEIXEIRA DE QUEIROZ**, brasileiro, divorciado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 15.762; **VANESSA MARTINS DE SOUZA**, brasileira, solteira, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 17.446; **VERA MARIA BARBOSA COSTA**, brasileira, casada, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 17.697; **AMANDA DE OLIVEIRA CAETANO**, brasileira, solteira, advogada, inscrita na OAB/DF sob o n.º 56.136; **MICHELE SANTUZZI QUEIROGA PEREIRA DA COSTA**, brasileira, casada, advogada inscrita na OAB/RJ sob o n.º 103.556; **MÁRCIA DURÃES FONSECA**, brasileira, solteira, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 31.754; **JULIANA CAMELO CAMPOS**, brasileira, casada, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 27.164; **ALEXANDRE CÉSAR MACHADO DA SILVA**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 27.584; **KAREN VANESSA MENEZES DA SILVA SALES**, brasileira, solteira, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 60.932; **DANIELE DA ROCHA MACHADO RIBEIRO**, brasileira, divorciada, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 41.590; **LORENA VIEIRA FERNANDES**, brasileira, solteira, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 34.015; sendo todos integrantes do escritório **SARUBBI CYSNEIROS ADVOGADOS ASSOCIADOS**, sociedade de advogados com sede no SCN, Quadra 2, Lote D, Ed. *Liberty Mall*, Torre B, 12 andar, salas 1231 a 1234, Brasília, DF, CEP 70.712-904, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 22.327.446/0001-68, telefone: 61 3022-8800 e 61 2191-2000, endereço eletrônico hugo@scaadv.com.br, aos quais outorga os poderes da cláusula *ad judicium et extra*, para atuarem na defesa de seus interesses, em qualquer jurisdição ou instância, com poderes especiais para negociar, transigir, desistir, firmar compromissos, propor ação, discordar, concordar, receber e dar quitação e substabelecer, com ou sem reservas, especialmente para apresentar pedido de ingresso como *amicus curiae* nos autos do Agravo de Instrumento em Recurso Extraordinário 1.249.095.

Brasília-DF, 28 de agosto de 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

SE/Sul Quadra 801 Conj. B / CEP 70200-014 - Brasília - DF - Brasil
Fone: (61) 2103 8300 / 2103 8200 / 98173 5967 / 98173 5958
e-mail: secretariogeral@cnbb.org.br Site: cnbb.org.br

Digitalizado com CamScanner



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ESTATUTO CIVIL DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL



CAPÍTULO I - Denominação, Fins e Sede

Art.1º. A **CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL**, neste Estatuto denominada também pela sigla **CNBB**, ou simplesmente por Conferência, é uma associação civil, de direito privado, constituída em 1952, que tem por finalidades e objetos precípuos:

- a) exercer o magistério doutrinal e a atividade legislativa para a Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, segundo as normas do direito eclesiástico;
- b) representar o Episcopado brasileiro junto a outras instâncias, inclusive às autoridades públicas;
- c) coordenar e subsidiar a ação pastoral orgânica do Episcopado brasileiro, em todo o território nacional, alcançando as atividades de natureza religiosa, educacional e cultural, de beneficência, de filantropia e de assistência social; e
- d) editar, publicar, divulgar, vender e distribuir documentos e subsídios da CNBB e da Igreja, úteis ao cumprimento de sua missão evangelizadora, sob a forma de livros, brochuras, folhetos, jornais, revistas, Cd-rom e outros meios gráficos ou digitais incorporados pela tecnologia, nos termos das alíneas anteriores.

Parágrafo único: A CNBB inspira esta sua ação pastoral na Bíblia Sagrada, nos documentos do Magistério Universal da Igreja e na linha de ação traçada pelo Episcopado.

Art. 2º. A CNBB relaciona-se com os diversos segmentos da realidade cultural, econômica, social e política do Brasil, buscando uma colaboração construtiva, para a promoção integral do povo e o bem maior do País e, quando solicitada,

[Handwritten signature]





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ajudando nisto aos Bispos das dioceses e circunscrições eclesiais a estas equivalentes.

Art. 3º. A CNBB trata com as autoridades públicas as questões que interessam ao bem comum e à missão da Igreja.

Art. 4º. A CNBB tem seu Estatuto Canônico e Regimento aprovados pela Assembleia Geral, os quais são tidos como parte integrante e complementar deste Estatuto Civil.

Parágrafo único: Aplicam-se também à CNBB os dispositivos do Código de Direito Canônico e demais Normas da Igreja Católica.

Art. 5º. A CNBB tem sede e foro na cidade de Brasília, Distrito Federal.

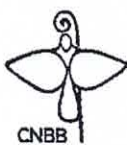
Art. 6º. A CNBB, para atingir seus objetivos pastorais e sociais, poderá criar e manter filiais, representações regionais, secretarias, comissões ou departamentos, em qualquer parte ou região do País.

CAPITULO II - Constituição, Organização e Governo

Art. 7º. São órgãos constitutivos da CNBB:

- a) a Assembleia Geral;
- b) o Conselho Permanente;
- c) a Presidência;
- d) o Conselho Episcopal Pastoral;
- e) o Secretariado Geral;
- f) os Conselhos Episcopais Regionais;
- g) as Comissões Episcopais estáveis, constituídas pela Assembleia Geral;
- h) o Conselho Econômico;
- i) o Conselho Fiscal.





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Art. 8º. São membros da CNBB, nos termos do art. 9º do Estatuto Canônico, todos os Bispos com domicílio canônico no Brasil e os a ele equiparados no direito eclesiástico.

Parágrafo único: Todos os membros da CNBB têm voz ativa e passiva nos termos e limites do Estatuto canônico e do Regimento.

Art. 9º. A CNBB poderá reconhecer a vinculação de organismos não episcopais, de conformidade com o disposto no art. 12 do Estatuto Canônico, para maior eficácia na realização de seus objetivos.

Da Assembléia Geral



Art. 10. A CNBB tem como órgão supremo a Assembléia Geral, dirigida pela Presidência da CNBB.

Art. 11. Cabem à Assembléia Geral as atribuições indicadas no art. 30 do Estatuto Canônico, entre as quais a de eleger a Presidência da CNBB e os presidentes das Comissões Episcopais Pastorais.

Parágrafo único: A Assembléia Geral pode delegar atribuições ao Conselho Permanente, à Presidência ou a comissões, nos limites do direito eclesiástico e do Estatuto Canônico.

Art. 12. A Assembléia Geral da CNBB reúne-se, ordinariamente, uma vez por ano, e, extraordinariamente, por convocação do Conselho Permanente, ou de no mínimo um terço de seus membros, na forma estabelecida no Regimento.

Art. 13. A composição do Conselho Permanente, da Presidência, do Conselho Episcopal Pastoral, do Conselho Econômico e do Conselho Fiscal faz-se conforme o Estatuto Canônico e seu Regimento.

Parágrafo Único: A sucessão em caso de vacância e a substituição em caso de ausência ou impedimento temporários, far-se-ão de acordo com o Estatuto Canônico e seu Regimento.





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Art. 14. Todos os mandatos de cargos estáveis, preenchidos por eleição, têm a duração de quatro anos.



Do Conselho Permanente

Art. 15. O Conselho Permanente é o órgão de orientação e acompanhamento da atuação da CNBB e dos organismos a ela vinculados, bem como órgão eletivo e deliberativo, nos limites estabelecidos no Estatuto Canônico.

Art. 16. Constituem o Conselho Permanente da CNBB a Presidência, os presidentes das Comissões Episcopais Pastorais e os membros dos Conselhos Episcopais Regionais, de conformidade com o disposto no art. 66 do Estatuto Canônico.

Art. 17. Compete ao Conselho Permanente exercer as atribuições indicadas nos arts. 49, 79 e 80 do Estatuto Canônico.

Art. 18. O Conselho Permanente reúne-se, ordinariamente, três vezes ao ano, e, extraordinariamente, na forma estabelecida no art. 50, *caput*, do Estatuto Canônico.

Da Presidência

Art. 19. A Presidência da CNBB, constituída do Presidente, Primeiro Vice-Presidente, Segundo Vice-Presidente e Secretário-Geral, é o órgão dirigente e administrativo da Conferência.

Art. 20. A Presidência reúne-se, ordinariamente, uma vez por mês, e, extraordinariamente, por convocação do Presidente, por iniciativa deste ou solicitação conjunta do Vice-Presidente e do Secretário-Geral.

Art. 21. Compete especificamente ao Presidente:

- a) representar legalmente a CNBB, eclesiástica e civilmente, ativa e

[Handwritten signature]





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

passivamente, e, como tal, praticar os todos os atos civis, administrativos e comerciais decorrentes;

- b) convocar e presidir as reuniões da Assembléia Geral do Conselho Permanente, do Conselho Episcopal Pastoral e da Presidência;
- c) promulgar os atos e documentos da CNBB, editando-os em sua publicação oficial, ou, em casos particulares, por outro meio idôneo;
- d) baixar decretos singulares administrativos;
- e) delegar as atribuições que lhe parecer conveniente;
- f) constituir procuradores com poderes específicos para a prática dos atos previstos na alínea 'a' do presente artigo; e
- g) celebrar convênios com pessoas físicas e pessoas jurídicas de direito público e privado, visando atender aos fins estatutários da CNBB.

Parágrafo único: No exercício de suas atribuições civis, o Presidente da CNBB poderá constituir advogados, mandatários e delegados, para a prática de atos que ele julgar convenientes para o bem da entidade.

Art. 22. O Primeiro Vice-Presidente substitui o Presidente em suas ausências e impedimentos, cabendo ao Segundo Vice-Presidente substituir o Primeiro Vice-Presidente nas mesmas circunstâncias.



Do Conselho Episcopal Pastoral

Art. 23. O Conselho Episcopal Pastoral é o órgão executivo das decisões pastorais da Assembléia Geral e do Conselho Permanente, cabendo-lhe a promoção e a coordenação da Pastoral Orgânica, em âmbito nacional.

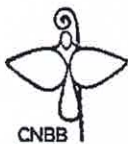
Art. 24. Constituem o Conselho Episcopal Pastoral a Presidência da CNBB e os presidentes das Comissões Episcopais Pastorais.

Do Secretariado Geral

Art. 25. O Secretariado Geral é o órgão permanente executivo da CNBB, cuja

SE/Sul - Q. 801 - Conj. "B" - CEP 70401-900 - Caixa Postal 02067 - CEP 70259-970 - Brasília-DF - Brasil - Fone (61) 2103-8300/2103-8200 - Fax: (61) 2103-8303
E-mail: secgeral@cnbb.org.br - Site: www.cnbb.org.br





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

gestão é atribuída ao Secretário Geral, coadjuvado pelo ecônomo, com a colaboração de subsecretários adjuntos.

Dos Conselhos Episcopais Regionais

Art. 26. Nas regiões delimitadas pela Assembleia Geral a CNBB funciona por meio de Conselhos Episcopais Regionais, formados de todos os membros da CNBB domiciliados na região.

Art. 27. Aos Conselhos Episcopais Pastorais compete o exercício das atribuições indicadas no art. 65 do Estatuto Canônico.

Dos Conselhos Econômico e Fiscal

Conselho Econômico



Art. 28. O Conselho Econômico organiza-se e funciona de acordo com o Regimento da CNBB, tendo como membros o Presidente e o Secretário-Geral da Conferência, e três Presidentes de Comissões Episcopais Pastorais, escolhidos pelo Conselho Permanente.

Parágrafo único: O ecônomo e dois peritos em direito civil e economia participam das reuniões do Conselho Econômico, com voz, sem voto.

Art. 29. O Conselho Econômico tem a finalidade e competência que lhe são atribuídas pelo direito eclesiástico e determinadas no Regimento da CNBB, devendo cooperar, por meio de pareceres e decisões, com os responsáveis pela gestão administrativa e financeira da Conferência.

Parágrafo único: Ao Conselho Econômico compete, em particular, dar o consentimento para os atos de administração extraordinária, quando e como o direito eclesiástico e as normas da CNBB o exigirem para a validade de tais atos.

Conselho Fiscal

Art. 30. O Conselho Permanente elege, dentre os membros da CNBB, um Conselho Fiscal, constituído de três titulares e dois suplentes, que não poderão

[Handwritten signature]





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ser escolhidos dentre os integrantes do Conselho Episcopal Pastoral.

Parágrafo único: O Conselho Fiscal funciona de acordo com o Regimento da CNBB.

Art. 31. Ao Conselho Fiscal compete emitir parecer fundamentado, perante o Conselho Permanente, e para a deliberação deste, tanto a respeito da administração financeira e patrimonial da CNBB, como dos balanços anuais e de encerramento de mandato.

CAPÍTULO III - Patrimônio e Administração dos Bens



Art. 32. O patrimônio da CNBB é constituído de bens imóveis, móveis, semoventes, títulos e valores que possua ou venha a possuir, oriundos de donativos e legados, de renda de seus bens, de campanhas, de contribuições das Igrejas particulares, de ajudas de outras instituições, dos membros, colaboradores e benfeitores, assim como de outros bens, que lhe advenham a qualquer título lícito.

Art. 33. Compete ao Secretário Geral a administração econômico-financeira dos bens da CNBB, em nome da Presidência e com a ajuda do Ecônomo, de acordo com as normas da legislação civil pertinente, do direito eclesiástico universal e particular, bem como do Estatuto Canônico e diretrizes da própria CNBB.

Art. 34. No cumprimento das atribuições indicadas no artigo anterior, cabe ao Secretário-Geral:

- a) realizar transações bancárias, emitir e endossar cheques ou ordens bancárias;
- b) contratar serviços, admitir e demitir funcionários;
- c) propor à aprovação do Conselho Permanente o plano de organização administrativa e patrimonial da CNBB;
- d) delegar as atribuições que lhe parecer conveniente.

Art. 35. As representações regionais, secretarias, comissões ou departamentos, de que trata o art 6º só poderão, sob pena de nulidade, alienar, hipotecar, onerar ou comprometer, de qualquer forma, bens imóveis, prestar fiança, sob qualquer modalidade, ou ainda contrair dívidas, se devidamente autorizados pelo Secretário-Geral, observadas as normas administrativas da CNBB, particularmente, quando for o





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

caso, as referentes a atos de administração extraordinária.



Art. 36. Os membros da CNBB não adquirem, por nenhum título, qualquer direito sobre o patrimônio da Conferência.

Art. 37. A CNBB não remunera seus membros pelo exercício de suas funções, nem distribui qualquer parcela de seu patrimônio ou de suas rendas, nem concede vantagens ou benefícios, sob qualquer forma ou título, a seus membros, benfeitores ou equivalentes, ressalvada a hipótese prevista no parágrafo abaixo.

Parágrafo único: A CNBB poderá remunerar, consoante as condições e limites impostos pela lei, os membros da Presidência, em razão das competências, funções e atividades que lhe são atribuídas neste Estatuto Social.

Art. 38. A CNBB aplica integralmente no Brasil os seus recursos, na manutenção dos seus objetivos institucionais e nas atividades sociais.

Art. 39. A CNBB aplicará as subvenções e doações que receber somente nas finalidades a que estiverem vinculadas.

Art. 40. A CNBB mantém escrituração de suas receitas e despesas em livros revestidos de formalidades capazes de assegurar sua exatidão.

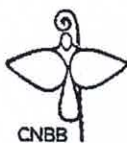
Art. 41. Os membros da CNBB não respondem, nem solidária, nem subsidiariamente, pelas obrigações que forem contraídas em nome da Conferência.

CAPÍTULO IV - Disposições Gerais e Transitórias

Art. 42. A CNBB tem duração indeterminada, só podendo extinguir-se por deliberação da Assembléia Geral, especialmente convocada para tal fim e por maioria de dois terços dos membros presentes.

SE/Sul - Q. 801 - Conj. "B" - CEP 70401-900 - Caixa Postal 02067 - CEP 70259-970 - Brasília-DF - Brasil - Fone (61) 2103-8300/2103-8200 - Fax: (61) 2103-8303
E-mail: secgeral@cnbb.org.br - Site: www.cnbb.org.br



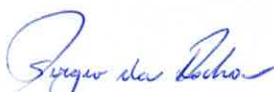


CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

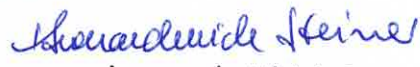
Parágrafo único: Em caso de extinção, o patrimônio líquido da CNBB será transferido para entidade congênere devidamente registrada no Conselho Nacional de Assistência Social, ligada à Igreja Católica no Brasil, ou, não existindo tal entidade ao poder público, conforme o designar a Assembléia Geral.

Art. 43. Compete à Presidência resolver os casos omissos ou duvidosos deste Estatuto Civil, *ad referendum* do Conselho Permanente.

Art. 44. O presente Estatuto só poderá ser reformado por Assembléia Geral, convocada para esse fim, presente a maioria de seus membros, com voto favorável da maioria absoluta dos votantes, entrando em vigor ao ser registrado, cessando então a vigência do Estatuto anterior.

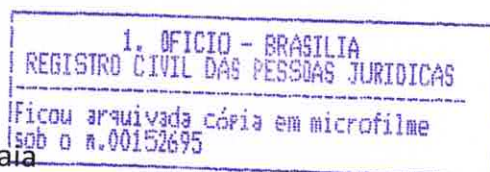

Sérgio da Rocha
Arcebispo de Brasília
Presidente da CNBB

Brasília, DF, 10 de maio de 2019.


Leonardo Ulrich Steiner
Bispo Auxiliar de Brasília
Secretário-Geral da CNBB

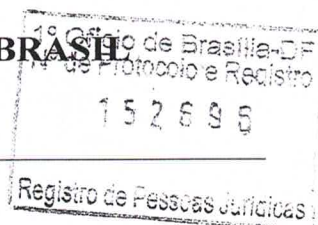



Lucas Furtado de Vasconcelos Maia
OAB/DF n.º 35.229



SE/Sul - Q. 801 - Conj. "B" - CEP 70401-900 - Caixa Postal 02067 - CEP 70259-970 - Brasília-DF - Brasil - Fone (61) 2103-8300/2103-8200 - Fax: (61) 2103-8303
E-mail: secgeral@cnbb.org.br Site: www.cnbb.org.br





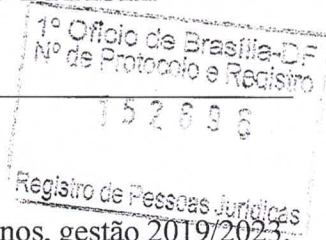
**Ata da 57ª Assembleia Geral Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil –
CNBB, realizada nos dias 1º a 10 de maio de 2019
CNPJ n. 33.685.686/0001-50**

Nos dias 1º a 10 de maio de 2019, em Aparecida, SP, realizou-se, sob a presidência de Sergio da Rocha, a 57ª Assembleia Geral Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, associação civil sediada no Setor de Embaixadas Sul, Quadra 801 Conjunto “B”, em Brasília, Distrito Federal, e inscrita no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas do Ministério da Fazenda sob o n. 33.685.686/0001-50, a qual ocorreu em cumprimento ao Estatuto para, entre outros assuntos, consoante instrumento convocatório respectivo, eleger a Presidência da entidade. Nos dias 06 e 07 de maio do citado ano, procedeu-se, respectivamente, à eleição e posse da nova Presidência, para cujos cargos foram eleitos por mais de dois terços dos membros da entidade: Presidente: Walmor Oliveira de Azevedo, brasileiro, solteiro, natural de Côcos - BA, Arcebispo de Belo Horizonte - MG, portador da Cédula de Identidade número MG-414.442, expedida pela Secretaria de Segurança Pública do estado de Minas Gerais, e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número 181.639.806-30; Primeiro Vice-Presidente, Jaime Spengler, brasileiro, solteiro, natural de Gaspar/SC, Arcebispo de Porto Alegre- RS, portador da Cédula de Identidade número 104.770-7, expedida pela Secretaria de Segurança Pública do estado de Santa Catarina e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número 463.329.959-04; Segundo Vice-Presidente, Mário Antônio da Silva, brasileiro, solteiro, natural de Itararé/SP, Arcebispo de Roraima, portador da Cédula de Identidade número 4323988-0, expedida pela Secretaria de Segurança Pública do estado do Paraná e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número 602.499.789-20; e Secretário Geral, Joel Portella Amado, brasileiro, solteiro, natural de Rio de Janeiro - RJ, portador da Cédula de Identidade número 03.078.102-5 DetrRJ, expedida pela Secretaria de Estado de Justiça e Segurança do estado do Rio de Janeiro e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número 332.403.027-72. Assim, em cumprimento ao Estatuto e em face do resultado da eleição, realizou-se a cerimônia de posse da nova Presidência. No próprio local da Assembleia, às 10 horas do dia 10 de maio, o Presidente

SE/Sul - Q. 801 - Conj. “B” - CEP 70200-014 - Brasília-DF - Brasil
Fone: (61) 2103-8300/2103-8200 - e-mail: secpresidente@cnbb.org.br - Site: www.cnbb.org.br

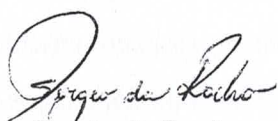


CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

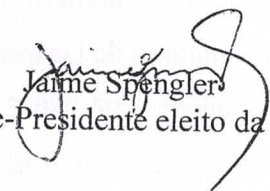


da Assembleia deu posse aos novos eleitos para o período de quatro (4) anos, gestão 2019/2023, contados da data desta posse. O Presidente cessante desejou êxito aos novos integrantes da Presidência na realização de sua missão. E, para constar, eu, Leonardo Ulrich Steiner, Secretário da Assembleia, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, subscrevo, sendo também assinada pelo Presidente da Assembleia e pelos membros da nova Presidência eleita da CNBB, e que será levada a registro no Cartório competente, a fim de que produza seus legais efeitos.

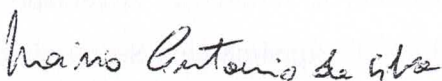
Aparecida, São Paulo, 10 de maio de 2019.

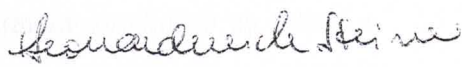

Sergio da Rocha
Presidente da Assembleia


Walmer Oliveira de Azevedo
Presidente eleito da CNBB


Jaime Spengler
1º. Vice-Presidente eleito da CNBB


Joel Portella Amado
Secretário Geral eleito da CNBB


Mário Antônio da Silva
2º. Vice-Presidente eleito da CNBB


Leonardo Ulrich Steiner
Secretário da Assembleia

SE/Sul - Q. 801 - Conj. "B" - CEP 70200-014 - Brasília-DF - Brasil
Fone: (61) 2103-8300/2103-8200 - e-mail: secpresidente@cnbb.org.br - Site: www.cnbb.org.br

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DA CASA-CIVIL
DETRAN - DIRETORIA DE IDENTIFICACAO CIVIL

Polgar Direto 302 0207

Assinatura do Titular

CARTERA DE IDENTIDADE

VALIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

REGISTRO GERAL 03.078.102-5

DATA DE EXPEDICAO 20/09/2013

NOME: JOEL PORTELLA AMADO

FILIAÇÃO: ANTONIO AMADO

NATURALIDADE: NÍCIA PORTELLA AMADO

RIO DE JANEIRO

DOC.ORIGEM: C.NASC LIV A138

RIO DE JANEIRO

CPE: FLS 270V TERM 73836 C 010

DATA DE NASCIMENTO: 02/10/1954

001 2 VIA

LE Nº 7.116 DE 29/08/83



Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Petição	69813/2020
Processo	ARE 1249095
Tipo de pedido	Amicus curiae
Relação de Peças	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA 2 - Procuração e substabelecimentos Assinado por: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA 3 - Documentos de Identificação Assinado por: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA 4 - Documentos de Identificação Assinado por: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA 5 - Documentos de Identificação Assinado por: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA
Data/Hora do Envio	31/08/2020, às 16:01:27
Enviado por	LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA (CPF: 005.921.311-65)



23/04/2020

PLENÁRIO

**REPERCUSSÃO GERAL NO RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO
1.249.095 SÃO PAULO**

RELATOR : **MIN. RICARDO LEWANDOWSKI**
RECTE.(S) : **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**
PROC.(A/S)(ES) : **PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA**
RECDO.(A/S) : **UNIÃO**
PROC.(A/S)(ES) : **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**

EMENTA: CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ALEGAÇÃO DE AFRONTA À GARANTIA DO ESTADO LAICO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA AJUIZADA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. RECURSO EXTRAORDINÁRIO. EXISTÊNCIA DE QUESTÃO CONSTITUCIONAL E DE REPERCUSSÃO GERAL JURÍDICA E SOCIAL RECONHECIDAS.

I - A causa extrapola os interesses das partes envolvidas, haja vista que a questão central dos autos (permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos federais e laicidade do Estado) alcança todos os órgãos e entidades da Administração Pública da União, Estados e Municípios.

II - Relevância da causa do ponto de vista jurídico, uma vez que seu deslinde permitirá definir a exata extensão dos dispositivos constitucionais tidos por violados. Do mesmo modo, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envoltos no debate.

III – Existência de questão constitucional e de repercussão geral reconhecidas.

Decisão: O Tribunal, por unanimidade, reputou constitucional a questão. Não se manifestou a Ministra Cármen Lúcia. O Tribunal, por unanimidade, reconheceu a existência de repercussão geral da questão constitucional suscitada. Não se manifestou a Ministra Cármen Lúcia.



ARE 1249095 RG / SP

Ministro RICARDO LEWANDOWSKI
Relator



**REPERCUSSÃO GERAL NO RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO
1.249.095 SÃO PAULO**

MANIFESTAÇÃO

Trata-se de recurso extraordinário com agravo interposto contra acórdão proferido pelo Tribunal Regional da 3ª Região – TRF3, cuja ementa segue transcrita:

“APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO.

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida” (pág. 67 do volume eletrônico 7).

Na origem, foi proposta ação civil pública pelo Ministério Público Federal – MPF contra a União com pedido de retirada de todos os símbolos religiosos ostentados nos prédios públicos da ora recorrida no Estado de São Paulo.

Em primeira instância, a ação foi julgada improcedente, sendo a sentença mantida pelo TRF3.

Inconformado, o MPF interpôs RE com alegação de ofensa aos arts. 3º, IV, 5º, *caput* e VI, 19, I, e 37, todos da Constituição Federal.

O recurso não foi admitido pela Vice-Presidência daquela Corte Regional Federal, o que ensejou a interposição do presente ARE (págs. 186 e seguintes do volume eletrônico 7).



ARE 1249095 RG / SP

A Procuradoria-Geral da República, em parecer da lavra do Subprocurador-Geral da República Wagner Natal Batista, opinou pelo conhecimento do agravo e não provimento do recurso extraordinário (doc. eletrônico 12).

É o relatório. Passo à manifestação.

Preliminarmente, verifico estarem presentes os pressupostos de admissibilidade do recurso extraordinário, razão pela qual admito-o e, desde logo, passo ao exame do requisito constitucional da repercussão geral.

Nesse ponto, bem analisados os autos, entendo haver repercussão geral do tema constitucional versado no recurso.

Com efeito, a causa extrapola os interesses das partes envolvidas, haja vista que a questão central dos autos (permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos federais e laicidade do Estado) alcança todos os órgãos e entidades da Administração Pública da União, Estados e Municípios.

Presente, ainda, a relevância da causa do ponto de vista jurídico, uma vez que seu deslinde permitirá definir a exata extensão dos dispositivos constitucionais tidos por violados. Do mesmo modo, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envoltos no debate.

Isso posto, manifesto-me pela existência de repercussão geral.

Ministro Ricardo Lewandowski

Relator



**REPERCUSSÃO GERAL NO RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO
1.249.095 SÃO PAULO**

MANIFESTAÇÃO

**SÍMBOLOS RELIGIOSOS – PRÉDIOS
PÚBLICOS – ESTADO LAICO – AGRAVO
– PROVIMENTO – RECURSO
EXTRAORDINÁRIO – REPERCUSSÃO
GERAL CONFIGURADA.**

1. O assessor David Laerte Vieira prestou as seguintes informações:

Eis a síntese do discutido no recurso extraordinário com agravo nº 1.249.095, relator ministro Ricardo Lewandowski, inserido no sistema eletrônico da repercussão geral em 3 de abril de 2020, sexta-feira, sendo o último dia para manifestação 24 de abril, quinta-feira:

O Ministério Público Federal interpôs extraordinário, com alegada base na alínea “a” do inciso III do artigo 102 da Constituição Federal, em face de acórdão por meio do qual a Quarta Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região assentou, com fundamento na liberdade religiosa e no respeito a aspectos culturais da sociedade, não colidir com a laicidade do Estado brasileiro a presença de símbolos religiosos em prédios públicos da União, no Estado de São Paulo.

Assinala ofensa aos artigos 3º, inciso IV, 5º, cabeça e inciso VI, 19, inciso I, e 37 da Lei Maior, alegando, em preliminar, negativa de prestação jurisdicional. Sustenta a inobservância da liberdade de consciência e crença religiosa e dos princípios da impessoalidade e isonomia, a caracterizar, segundo alega, “ditadura da maioria”. Diz haver transgressão à garantia do



ARE 1249095 RG / SP

Estado laico, sublinhando haver prejuízo àqueles que não professam o catolicismo, à noção de pertencimento e participação na gerência da coisa pública. Afirma não ter sido considerado voto proferido por Vossa Excelência, relator, na ação de descumprimento de preceito fundamental nº 54, examinada, pelo Pleno, em 12 de abril de 2012. Sublinha ultrapassar o tema os limites subjetivos da lide, mostrando-se relevante do ponto de vista social.

O recurso foi inadmitido na origem. Seguiu-se protocolação de agravo. O Relator admitiu o extraordinário e submeteu o processo ao Plenário Virtual, manifestando-se pela repercussão maior da questão constitucional.

2. Tomo como provido o agravo interposto com a finalidade de imprimir trânsito ao recurso extraordinário.

Tem-se matéria a merecer o crivo do Plenário. Cumpre ao Supremo definir se a permanência de símbolos religiosos em prédios públicos ofende a garantia do Estado laico.

3. Pronuncio-me no sentido de encontrar-se configurada a repercussão geral. O extraordinário deve ter a sequência que lhe é própria.

4. À Assessoria, para acompanhar a tramitação do incidente.

Brasília, 6 de abril de 2020.

Ministro MARCO AURÉLIO





Supremo Tribunal Federal

Nº 67600/2020 - ARE 1249095

COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA

De ordem, a Secretaria Judiciária do Supremo Tribunal Federal **INTIMA** a parte abaixo identificada, ou quem as suas vezes fizer, do inteiro teor do(a) despacho/decisão presente nos autos (art. 270 do Código de Processo Civil e art 5º da Lei 11.419/2006).

Qualificação do(a) intimado(a):

Nome: **PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA**

Brasília, 28 de outubro de 2020.

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)

Termo de Ciência

A intimação foi recebida eletronicamente por
PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA,
05489410000161, em **28/10/2020.**

(Certidão gerada automaticamente pelo sistema)

Informação(ões) complementar(es):

Peça(s):

- Inteiro teor do acórdão - peça nº 31

Andamento(s):



- Vista à PGR para fins de intimação - 27/10/2020





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA-GERAL DA REPÚBLICA

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095/SP

RELATOR: MINISTRO RICARDO LEWANDOWSKI
RECORRENTE: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
RECORRIDA: UNIÃO
CIÊNCIA ARESV/PGR 356651/2020

Excelentíssimo Senhor Ministro Ricardo Lewandowski,

O PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA manifesta ciência do acórdão mediante o qual o Supremo Tribunal Federal reconheceu a existência de repercussão geral da matéria constitucional suscitada no presente recurso^[1], desde já requerendo a abertura da vista para a confecção do respectivo parecer.

Brasília, data da assinatura digital.

Augusto Aras
Procurador-Geral da República
Assinado digitalmente

Notas

1. [△] "CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ALEGAÇÃO DE AFRONTA À GARANTIA DO ESTADO LAICO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA AJUIZADA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. RECURSO EXTRAORDINÁRIO. EXISTÊNCIA DE QUESTÃO CONSTITUCIONAL E DE REPERCUSSÃO GERAL JURÍDICA E SOCIAL RECONHECIDAS. I - A causa extrapola os interesses das partes envolvidas, haja vista que a questão central dos autos (permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos federais e laicidade do Estado) alcança todos os órgãos e entidades da Administração Pública da União, Estados e Municípios. II - Relevância da causa do ponto de vista jurídico, uma vez que seu deslinde permitirá definir a exata extensão dos dispositivos constitucionais tidos por violados. Do mesmo modo, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envolvidos no debate. III – Existência de questão constitucional e de repercussão geral reconhecidas."



Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Petição	92060/2020
Processo	ARE 1249095 (0017604-70.2009.4.03.6100)
Tipo de pedido	Petição
Relação de Peças	1 - Petição
Data/Hora do Envio	29/10/2020, às 21:46:43
Enviado por	PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA (Login: 05489410000161)
Protocolo	0017604702009403610020201029214628





Supremo Tribunal Federal

Nº 67290/2020 - ARE 1249095

COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA

De ordem, a Secretaria Judiciária do Supremo Tribunal Federal **INTIMA** a parte abaixo identificada, ou quem as suas vezes fizer, do inteiro teor do(a) despacho/decisão presente nos autos (art. 270 do Código de Processo Civil e art 5º da Lei 11.419/2006).

Qualificação do(a) intimado(a):

Nome: **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**

Brasília, 06 de novembro de 2020.

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)

Termo de Ciência

A intimação foi recebida automaticamente pelo sistema, em **06/11/2020**, nos termos do art. 5º, §3 da Lei 11.419/2006.

(termo gerado automaticamente pelo sistema)

Informação(ões) complementar(es):

Andamento(s):

- Intimação eletrônica disponibilizada (Intimação de Despacho, Decisão ou Acórdão - ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO) - 27/10/2020



RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. RICARDO LEWANDOWSKI
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO

Dê-se vista à Procuradoria-Geral da República.

Brasília, 30 de março de 2021.

Ministro Ricardo Lewandowski
Relator



RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR : MIN. RICARDO LEWANDOWSKI
RECTE.(S) : MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES) : PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S) : UNIÃO
PROC.(A/S)(ES) : ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO

Trata-se de solicitações formuladas pela União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia - UNIJUC, por meio da Petição 24.373/2020 (documento eletrônico 13), pela Associação Nacional de Juristas Evangélicos – ANAJURE, por meio da Petição 44.431/2020 (documento eletrônico 17), pelo Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião - CEDIRE, por meio da Petição 64.254/2020 (documento eletrônico 23) e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, por meio da Petição 69.813/2020, para ingresso no feito como *amici curiae*.

A UNIJUC sustenta, em suma, que a participação como amigo da Corte tem como finalidade de promover

“[...] o auxílio a este egrégio tribunal superior, para que a decisão proferida por estar consubstanciada com informações suficientes sobre a questão, especialmente no que diz respeito aos ‘reflexos no plano prático da decisão’.

Além do mais, por se tratar de uma união de juristas, as contribuições a serem feitas por esta entidade terão caráter jurídico-científico, qualificando ainda mais o debate”. (págs. 2 e 3 do documento eletrônico 13)

Por sua vez, A ANAJURE argumenta, resumidamente, que

“[...] carreará aos autos novas discussões acerca do tema, com o fito de enriquecer o debate, e que precisam ser levados em consideração na deliberação da Corte quanto à procedência ou improcedência desta ação” (pág. 4 do documento eletrônico 17).



O CEDIRE, em suas razões, aduz que o ingresso do grupo de pesquisa como *amicus curiae* é necessário, tendo em vista que

“[...] Fundamentalmente, o CEDIRE promove investigação acerca dos diferentes problemas relacionados à liberdade, igualdade e não discriminação em matéria de religião ou crença, e das relações entre o Estado e as religiões. De modo específico, procura-se contribuir para melhor compreensão sobre a liberdade de religião ou crença e sua proteção no direito internacional e em sistemas jurídicos nacionais, as restrições à manifestação de religião ou crença, as relações entre maiorias e minorias religiosas, os modos de relação institucional entre Estado e Religião, o respeito pela pluralidade religiosa, o lugar da religião no espaço público, o debate sobre a secularização”. (págs. 5 e 6 do documento eletrônico 23)

Por fim, a CNBB defende a participação da associação civil como amigo da Corte, uma vez que

“[...] o estatuto da instituição, tem como finalidades representar o Episcopado brasileiro juntos a outras instâncias, inclusive às autoridades públicas, assim como tratar com as autoridades públicas as questões que interessam ao bem comum e à missão da Igreja”. (pág. 5 do documento eletrônico 25).

É o relatório. Decido.

A admissão de *amici curiae* configura circunstância de fundamental importância, porém de caráter excepcional, e que pressupõe, além do atendimento de determinados requisitos, a demonstração da necessidade das contribuições apresentadas. Nesse sentido, cabe ao Relator a análise do binômio relevância - representatividade, juntamente com a avaliação dos benefícios potencialmente auferíveis dessa participação, bem como a delimitação de seus poderes.



Assim, considerando tais premissas e louvando o interesse demonstrado por todas as interessadas, defiro a habilitação, como *amicus curiae*, da Associação Nacional de Juristas Evangélicos – ANAJURE e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Consigno que os argumentos das entidades cujo ingresso como *amicus curiae* não foi deferido estão contemplados nas manifestações daquelas admitidas.

Ressalto que todos os *amici curiae* habilitados nestes autos deverão atentar para as inovações e procedimentos previstos na Emenda Regimental 53/2020 e nas Resoluções 669/2020 e 672/2020. Destaco que o novo art. 131, 5º, do Regimento Interno do Supremo Tribunal Federal determina que os advogados e procuradores que desejarem realizar sustentação oral por videoconferência, nas sessões presenciais de julgamento do Plenário e das Turmas, deverão inscrever-se, utilizando o formulário eletrônico disponibilizado no sítio eletrônico do Supremo Tribunal Federal até 48 horas antes do dia da sessão.

À Secretaria Judiciária para as anotações cabíveis.

Publique-se.

Brasília, 30 de março de 2021.

Ministro Ricardo Lewandowski
Relator





Supremo Tribunal Federal

Nº 22055/2021 - ARE 1249095

COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA

De ordem, a Secretaria Judiciária do Supremo Tribunal Federal **INTIMA** a parte abaixo identificada, ou quem as suas vezes fizer, do inteiro teor do(a) despacho/decisão presente nos autos (art. 270 do Código de Processo Civil e art 5º da Lei 11.419/2006).

Qualificação do(a) intimado(a):

Nome: **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**

Brasília, 16 de abril de 2021.

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)

Termo de Ciência

A intimação foi recebida automaticamente pelo sistema, em **16/04/2021**, nos termos do art. 5º, §3 da Lei 11.419/2006.

(termo gerado automaticamente pelo sistema)

Informação(ões) complementar(es):

Andamento(s):

- Intimação eletrônica disponibilizada (Intimação de Despacho, Decisão ou Acórdão - ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO) - 06/04/2021



decisão STF - RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO
1.249.095



CERTIDÃO DE CONVERSÃO

e-ARE 1249095

RECTE.(S):	MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES):	PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S):	UNIÃO
PROC.(A/S)(ES):	ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO

Certifico que os presentes autos físicos foram convertidos para o meio eletrônico nos termos da Resolução 574/2016-STF, em 27/01/2020.

Coordenadoria de Processamento Inicial
(documento eletrônico)

Certidão gerada em 27/01/2020 às 06:50:23.
Esta certidão pode ser validada em <https://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> com o seguinte código 6WM34EG08M



TERMO DE RECEBIMENTO E AUTUAÇÃO

e-ARE 1249095

RECTE.(S):	MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES):	PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S):	UNIÃO
PROC.(A/S)(ES):	ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
Procedência:	SÃO PAULO
Órgão de Origem:	TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIAO
Nº Único ou Nº de Origem:	00176047020094036100
Data de autuação:	27/01/2020 às 06:50:24
Outros Dados:	Folhas: 659 Volumes: 3 Apensos: 0 Recursos: 1

Convertidos para o meio eletrônico nos termos da resolução 574/2016-STF, em 24/01/2020.

Assunto:	DIREITO ADMINISTRATIVO E OUTRAS MATÉRIAS DE DIREITO PÚBLICO Garantias Constitucionais , DIREITO ADMINISTRATIVO E OUTRAS MATÉRIAS DE DIREITO PÚBLICO Organização Político-administrativa / Administração Pública
----------	---

CERTIDÃO DE DISTRIBUIÇÃO

Certifico, para os devidos fins, que estes autos foram distribuídos ao Senhor MIN. RICARDO LEWANDOWSKI, com a adoção dos seguintes parâmetros:

Característica da distribuição:	Comum
---------------------------------	-------

DATA DE DISTRIBUIÇÃO: 07/02/2020 - 07:44:00

Brasília, 7 de fevereiro de 2020

Coordenadoria de Processamento Inicial
(documento eletrônico)

Certidão gerada em 07/02/2020 às 07:44:15.
Esta certidão pode ser validada em <https://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> com o seguinte código ZYVK0KENQ2



RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR : **MIN. RICARDO LEWANDOWSKI**
RECTE.(S) : **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**
PROC.(A/S)(ES) : **PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA**
RECDO.(A/S) : **UNIÃO**
PROC.(A/S)(ES) : **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**

Manifeste-se o Procurador-Geral da República.

Brasília, 7 de fevereiro de 2020.

Ministro Ricardo Lewandowski
Relator

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código EF13-92D1-1A35-D2B3 e senha 4C0F-F2A2-91F4-A2B1



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:11
Número do documento: 25040710175302000000346971112
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>
Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54



Supremo Tribunal Federal

Ofício nº 422/2020

Brasília, 10 de fevereiro de 2020.

Ao(à) Senhor(a)
Secretário(a) Judiciário(a) do(a) Tribunal Regional Federal da 3ª Região

Senhor(a) Secretário(a) Judiciário(a),

De ordem, encaminho a esse juízo de origem os autos físicos dos processos relacionados, que passaram a tramitar nesta Corte de forma eletrônica, nos termos dos artigos 29 e 30 da Resolução nº 427, de 20 de abril de 2010 (DJe de 20/12/2011), com a redação dada pela Resolução nº 476, de 16 de dezembro de 2011(DJe de 20/12/2011):

ARE 1251472 - Relator Ministro Presidente,
ARE 1249527 - Presidência,
ARE 1249095 - Relator Min. Ricardo Lewandowski,
ARE 1249173 - Relator Ministro Presidente

No ensejo, apresento votos de elevada estima e consideração.

Marcus de Paula Félix
Matrícula 1964





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

Nº 45.520 – WNB/2020

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO Nº 1249095/SP

AGRAVANTE: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

AGRAVADO: UNIÃO

RELATOR: MINISTRO RICARDO LEWANDOWSKI – SEGUNDA TURMA

Autos eletrônicos distribuídos a este gabinete em 10/02/2020.

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ESTADO LAICO. EXPRESSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA E CULTURAL. IGUALDADE DE TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. PARECER PELO CONHECIMENTO DO AGRAVO PARA NÃO PROVER O RECURSO EXTRAORDINÁRIO.

Trata-se de agravo em recurso extraordinário interposto pelo MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, em face de decisão da Vice-Presidência do Tribunal Regional Federal da 3ª Região que negou seguimento ao recurso extraordinário interposto com fulcro no art. 102, III, “a”, da Constituição Federal.

Consta dos autos que o Ministério Público Federal propôs ação civil pública em face da União, com pedido



de tutela antecipada, visando à retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) presentes em locais públicos proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios da União no Estado de São Paulo

O Juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo julgou improcedente o pedido, sob o argumento, em síntese, de que:

“ (...) a laicidade do Estado brasileiro, como visto, não se traduz em oposição ao fenômeno religioso. Ao contrário, ele é garantido no texto constitucional como direito fundamental de liberdade de consciência, de liturgia e de culto. Mais, é resguardado como valor em si, inclusive sob a perspectiva da expressão cultural do povo brasileiro. Daí a possibilidade de convivência do Estado laico com símbolos religiosos - crucifixos, imagens, monumentos, nomes de logradouros ou de cidades etc. - ainda que em locais públicos, pois refletem a história e a identidade nacional ou regional”.

Contra essa decisão foi interposta
apelação.

A Procuradoria Regional da República da 3ª Região exarou parecer pelo desprovemento do apelo.

A Quarta Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, por unanimidade, negou provimento à apelação. Esta a ementa do acórdão, *verbis*:



APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA.
CONVIVENCIA DO ESTADO LAICO COM
SÍMBOLOS RELIGIOSOS. RECURSO
DESPROVIDO.

I. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida.

Os embargos de declaração opostos foram rejeitados.

O Ministério Público Federal interpôs então recurso extraordinário, com fulcro na alínea “a” do inciso III do art. 102 da Constituição Federal, por ofensa aos arts. 3º, IV, 5º, *caput* e VI, 19, I, e 37, da Constituição Federal, que asseguram a liberdade de consciência e crença religiosa e o tratamento isonômico e impessoal por parte do Poder Público, inclusive em questões religiosas.

Argumentou que a Ação Civil Pública tem por escopo a “promoção da liberdade religiosa de todos os cidadãos que ingressam diariamente nas repartições públicas do Estado de São Paulo, por meio de obtenção de decisão judicial que obrigue a União a retirar dos locais de ampla visibilidade e atendimento ao público os símbolos de qualquer



religião, tudo sob o amparo da laicidade estatal, da liberdade de crença e religiosa”.

Aduziu que a liberdade religiosa garantida pela Constituição Federal é pessoal, de modo que ao se defender a liberdade de autoridades em expor em locais públicos símbolos religiosos ofende-se o princípio da impessoalidade.

No tocante a referências religiosas em ruas de cidades e em feriados de cunho religioso, expôs que são derivados da autonomia legislativa e representatividade popular, o que as diferencia dos casos de símbolos religiosos fixados em prédios públicos.

Sustentou, ainda, que o acórdão atenta contra a liberdade de crença dos cidadãos que professam outras crenças e aos que não professam crença alguma e procuram o serviço público, ferindo assim o princípio da não discriminação.

Expressou que o decidido no “acórdão, na mesma linha da sentença, não gera harmonização dos direitos constitucionais em conflito, pois nega efetividade ao princípio da igualdade e à plena liberdade de crença de parcela da sociedade brasileira em prol do direito à cultura dos católicos, bem como não promove a integração social, já que mantém situação prejudicial à noção de pertencimento e participação na gerência das *res* pública de cidadãos que não professam as religiões cujos símbolos continuarão exibidos em prédios públicos nos quais necessitem transitar”.



Requeru, ao final, o conhecimento e provimento do recurso a fim de que seja reformado o acórdão recorrido, reconhecendo-se a violação aos dispositivos constitucionais elencados.

A Vice-Presidência da Corte *a quo* não admitiu o recurso sob os seguintes fundamentos:

a) o acórdão encontra-se em consonância com o entendimento consolidado no Supremo Tribunal Federal, incidindo na espécie o óbice da Súmula 286/STF;

b) não é cabível recurso extraordinário para impugnar acórdão que tenha decidido com base em fatos e provas dos autos, a teor da Súmula 279/STF.

Contra essa decisão foi interposto o presente agravo em recurso extraordinário.

É o relatório.

Em sede de admissibilidade, insta considerar que o recurso é cabível, as partes são legítimas e há interesse recursal. Preparo dispensado (art. 1.007, § 1º, do NCPC).



A intimação pessoal do *Parquet* deu-se em 26/07/2019. O agravo foi interposto em 29/8/2019, portanto, tempestivamente (arts. 180, 212, e 1.003, § 5º, do CPC/2015).

Os fundamentos da decisão agravada foram especificamente impugnados.

Preliminar formal e fundamentada de repercussão geral da matéria devidamente apresentada.

Contudo, o recurso extraordinário não deve ser provido.

Cinge-se a controvérsia sobre a manutenção de símbolos religiosos em prédios da União no Estado de São Paulo. Argumenta o recorrente violação aos princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário.

Para melhor compreensão da matéria, transcreve-se os seguintes excertos do acórdão recorrido:

Trata-se de recurso de apelação, interposto pelo Ministério Público Federal, contra r. sentença proferida pelo MM. Juízo da 3º Vara Federal Cível de São Paulo/SP, que julgou improcedente a ação civil pública proposta em face da União Federal, por meio da qual o *Parquet* objetivava a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens,



etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

Na inicial, de fls. 02/06, o Ministério Público Federal informou que o cidadão Daniel Sottomaio Pereira protocolizou representação junto à Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão, na qual noticiou a ostentação de símbolo religioso, afixado em local de ampla visibilidade, dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, o que teria gerado ofensa à sua liberdade de crença.

Por essa razão, o órgão do *Parquet* instaurou o procedimento administrativo nº 1.00.000.001411/2007-41, com vistas a apurar o fato noticiado, e, posteriormente, com fundamento nos princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário, ajuizou a presente Ação Civil Pública, cujo pedido imediato dirige-se contra a União Federal, para que seja obrigada a retirar "todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo" (fl.06).

[...]

O Estado brasileiro é laico, ou seja, há separação entre Estado e Igreja, inexistindo, portanto, religião oficial na República Federativa do Brasil.

A fim de concretizar esse primado, o art. 19, I, da Constituição Federal de 1988, estabelece, in verbis:

[...]

Estabelece, ainda, o Texto Constitucional, no rol dos direitos fundamentais, a liberdade de crença e de culto, bem como veda a privação de direitos por



motivo de crença religiosa, nos termos do seu art. 5º, incisos VI, VII e VIII, *ad litteram*:

[...]

Analisando o contexto sociocultural do Brasil, verifica-se que as referências religiosas na esfera pública são se limitam à afixação de símbolos religiosos em prédios públicos, havendo numerosos logradouros, cidades e escolas públicas que ostentam nomes de figuras religiosas, bem como diversos feriados de cunho religioso.

Outrossim, a Constituição Federal de 1988, acompanhando a maioria das Constituições pátrias pretéritas, ostenta em seu preâmbulo uma expressão religiosa ("sob a proteção de Deus"). Conforme entendimento do C. Supremo Tribunal Federal, no julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 2076, a referida expressão não possui força normativa, sendo juridicamente irrelevante.

Como é bem de ver, tais referências não colidem com a laicidade do Estado, revelando-se, na verdade, como expressões da liberdade religiosa e, principalmente, como elementos culturais e históricos da sociedade brasileira, as quais não impõem qualquer tipo de restrição ou de dever aos que professam outras crenças ou que não professam crença alguma.

Nesse contexto, cumpre, ainda, destacar a previsão constitucional de ensino religioso nas escolas públicas de ensino fundamental, de matrícula facultativa, mais um exemplo de concretização do primado da liberdade religiosa. Assim dispõe o art. 210, § 1º, da Constituição Federal:

Art. 210. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar



formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

Dessarte, como Estado laico, espera-se do Estado brasileiro uma postura de respeito ao pluralismo existente na sociedade, e não um comportamento laicista, de intolerância e hostilidade em relação às religiões.

Nessa toada, a Constituição Federal de 1988 impõe ao Poder Público o dever de proteção e promoção do patrimônio cultural, como se observa no seu art. 216, *in verbis*:

[...]

No mais, diante da realidade sociocultural do Brasil e da frequente convivência tolerante do Estado com referências religiosas, não se mostra plausível a conclusão de que, ao se deparar com um símbolo religioso (geralmente cristão, de vertente católica), uma pessoa que professe crença diversa, ou que não adote nenhuma crença, se sinta ofendida ou constrangida.

Sob a ótica do autor da ação, essa suposta ofensa suportada por minorias religiosas ou não confessionais também se daria diante do fechamento de um órgão público em um feriado de cunho religioso, ou do seu funcionamento em regime de plantão (comumente adotado pelo Poder Judiciário), o que não se mostra razoável.

É certo que, diante do conflito entre direitos fundamentais, impõe-se a adoção de um juízo de ponderação, buscando-se identificar em qual dimensão deve um direito fundamental preponderar quando contraposto a outro direito também fundamental.



À luz da regra da proporcionalidade, deve-se sopesar a intensidade da restrição de um direito fundamental e a importância da realização do direito fundamental diante do qual o primeiro se opõe.

Assim, no caso dos autos, o direito invocado pelo autor, de liberdade de crença dos demais integrantes da sociedade brasileira, não deve prevalecer de modo a implicar a retirada de quaisquer símbolos religiosos existentes em locais de atendimento ao público no âmbito da administração federal, no Estado de São Paulo.

Diante dessa conclusão, não se está a eliminar o direito de minorias religiosas, mas sim conciliar os bens jurídicos em conflito.

A tolerância com símbolos religiosos é a solução que mais se aproxima do primado constitucional de liberdade religiosa e da proteção de aspectos culturais da sociedade, afastando-se, dessa forma, o Estado Brasileiro de uma indesejável posição laicista, de conflito com a fé.

Somado a isso, não restou demonstrado no caso dos autos violação a princípios da administração pública, a exemplo da moralidade e da impessoalidade, sendo certo que o desempenho da função pública é calcado na igualdade de tratamento, não sendo relevante a opção religiosa do indivíduo, o que também afasta a alegação de inobservância do princípio da isonomia.

No âmbito do Poder Judiciário - a presente demanda originou-se de representação contra a presença de crucifixo em sala de julgamento do Tribunal Regional Eleitoral-, como bem salientou o D. Juízo de origem, em regra, não consta dos processos judiciais nenhum dado relativo à opção religiosa das partes; sendo oportuno destacar, ainda, relevantes julgados proferidos pelo C. Supremo Tribunal Federal em que a E. Corte



reafirmou que as decisões judiciais não se pautam por dogmas religiosos, mas por parâmetros jurídicos, a saber: ADI 4277/ADPF 132 (união homoafetiva) e ADPF 54 (anencefalia).

Não se verifica, dessa forma, a existência de nenhum privilégio para os professantes da religião católica, tampouco prejuízo para os demais cidadãos, decorrente da presença de crucifixos em instalações do Poder Judiciário, o que se estende para toda a Administração Federal no Estado de São Paulo.

No mesmo sentido, priorizando o respeito a aspectos culturais da sociedade, decidiu o Tribunal Europeu de Direitos Humanos, no caso Soile Lautsi x Estado da Itália, concluindo-se que o crucifixo presente em escolas não constitui apenas um símbolo religioso, possuindo valores históricos e culturais da sociedade italiana.

Por derradeiro, saliento que o Conselho Nacional de Justiça já se manifestou favoravelmente acerca da presença de símbolos religiosos em tribunais, concluindo que a presença desses elementos não fere direitos dos que praticam outras crenças e não afeta o Estado laico, a exemplo do julgamento do Pedido de Providências nºs 0001058-48.2012.2.00.0000.

A Constituição Federal de 1988 consagra a liberdade religiosa e o caráter laico da Estado Brasileiro, que se traduz em neutralidade quanto às religiões, conforme preceitua os arts. 5º, VI, e 19, I, da Carta Magna:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à



igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

.....
Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Nesse sentido, o seguinte precedente dessa Corte Suprema:

ESTADO – LAICIDADE. O Brasil é uma república laica, surgindo absolutamente neutro quanto às religiões. Considerações.

FETO ANENCÉFALO – INTERRUPÇÃO DA GRAVIDEZ – MULHER – LIBERDADE SEXUAL E REPRODUTIVA – SAÚDE – DIGNIDADE – AUTODETERMINAÇÃO – DIREITOS FUNDAMENTAIS – CRIME – INEXISTÊNCIA. Mostra-se inconstitucional interpretação de a interrupção da gravidez de feto anencéfalo ser conduta tipificada nos artigos 124, 126 e 128, incisos I e II, do Código Penal. (ADFP 54/DF, Rel. Min. Marco Aurélio, Tribunal Pleno, DJ 12/04/2012)



Pela relevância das considerações, destacam-se os seguintes excertos do voto do Ministro Relator Marco Aurélio quando do julgamento da ADPF 54/DF:

A laicidade estatal, como bem observa Daniel Sarmento, revela-se princípio que atua de modo dúplice: a um só tempo, salvaguarda as diversas confissões religiosas do risco de intervenção abusiva do Estado nas respectivas questões internas – por exemplo, valores e doutrinas professados, a maneira de cultuá-los, a organização institucional, os processos de tomada de decisões, a forma e o critério de seleção dos sacerdotes e membros – e protege o Estado de influências indevidas provenientes da seara religiosa, de modo a afastar a prejudicial confusão entre o poder secular e democrático – no qual estão investidas as autoridades públicas – e qualquer igreja ou culto, inclusive majoritário[21].

[...]

Se, de um lado, a Constituição, ao consagrar a laicidade, impede que o Estado intervenha em assuntos religiosos, seja como árbitro, seja como censor, seja como defensor, de outro, a garantia do Estado laico obsta que dogmas da fé determinem o conteúdo de atos estatais. Vale dizer: concepções morais religiosas, quer unânimes, quer majoritárias, quer minoritárias, não podem guiar as decisões estatais, devendo ficar circunscritas à esfera privada. A crença religiosa e espiritual – ou a ausência dela, o ateísmo – serve precipuamente para ditar a conduta e a vida privada do indivíduo que a possui ou não a possui. Paixões religiosas de toda ordem não de ser colocadas à parte na condução do Estado. Não podem a fé e as orientações morais dela decorrentes ser impostas a quem quer que seja e por quem quer que seja. Caso



contrário, de uma democracia laica com liberdade religiosa não se tratará, ante a ausência de respeito àqueles que não professem o credo inspirador da decisão oficial ou àqueles que um dia desejem rever a posição até então assumida.

No julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 3.510 – na qual se debateu a possibilidade de realização de pesquisas científicas com células-tronco embrionárias –, o Supremo, a uma só voz, primou pela laicidade do Estado sob tal ângulo, assentada em que o decano do Tribunal, Ministro Celso de Mello, enfatizou de forma precisa:

nesta República laica, fundada em bases democráticas, o Direito não se submete à religião, e as autoridades incumbidas de aplicá-lo devem despojar-se de pré-compreensões em matéria confessional, em ordem a não fazer repercutir, sobre o processo de poder, quando no exercício de suas funções (qualquer que seja o domínio de sua incidência), as suas próprias convicções religiosas (grifos no original).

Ao Estado brasileiro é terminantemente vedado promover qualquer religião. Todavia, como se vê, as garantias do Estado secular e da liberdade religiosa não param aí – são mais extensas. Além de impor postura de distanciamento quanto à religião, impedem que o Estado endosse concepções morais religiosas, vindo a coagir, ainda que indiretamente, os cidadãos a observá-las. Não se cuida apenas de ser tolerante com os adeptos de diferentes credos pacíficos e com aqueles que não professam fé alguma. Não se cuida apenas de assegurar a todos a liberdade de frequentar esse ou aquele culto ou seita ou ainda de rejeitar todos eles[23]. A liberdade religiosa e o Estado laico representam mais do que



isso. Significam que as religiões não guiarão o tratamento estatal dispensado a outros direitos fundamentais, tais como o direito à autodeterminação, o direito à saúde física e mental, o direito à privacidade, o direito à liberdade de expressão, o direito à liberdade de orientação sexual e o direito à liberdade no campo da reprodução.

[21] SARMENTO, Daniel. O crucifixo nos Tribunais e a laicidade do Estado, in Revista de Direito do Estado, Ano 2, nº 8: 75-90, out./dez. 2007.

[23] DWORKIN, Ronald. Is democracy possible here? Capítulo 3. Religião e Dignidade. Princeton University Press, 2006. p. 60 e 61.

O princípio do Estado laico relaciona-se diretamente com os direitos fundamentais da liberdade religiosa e da igualdade. Prima pela liberdade religiosa individual que os cidadãos usufruem. E, diante da grande variedade de credos professados pela sociedade brasileira, revela-se como garantidor do princípio da igualdade, de modo que não haja qualquer intervenção do poder público a endossar ou privilegiar uma religião em detrimento de outra.

A esse respeito, válida a transcrição dos seguintes trechos do voto da Ministra Cármen Lúcia no precedente já citado – ADPF 54/DF:

Estado laico é aquele que respeita a diversidade de pontos de vista dos diversos credos sem, contudo, deixar-se influenciar por algum deles em específico. Para Flávia Piovesan,



“... o Estado laico é garantia essencial para o exercício dos direitos humanos, especialmente nos campos da sexualidade e reprodução. Confundir Estado com religião implica a adoção oficial de dogmas incontestáveis, que, ao impor uma moral única, inviabiliza qualquer projeto de sociedade aberta, pluralista e democrática. A ordem jurídica em um Estado Democrático de Direito não pode se converter na voz exclusiva da moral de qualquer religião. Os grupos religiosos tem o direito de constituir suas identidades em torno de seus princípios e valores, pois são parte de uma sociedade democrática. Mas não tem o direito a pretender hegemonizar a cultura de um Estado constitucionalmente laico.

No Estado laico, marcado pela separação entre Estado e religião, todas as religiões merecem igual consideração e profundo respeito, inexistindo, contudo, qualquer religião oficial, que se transforme na única concepção estatal, a abolir a dinâmica de uma sociedade aberta, livre, diversa e plural. Há o dever do Estado em garantir as condições de igual liberdade religiosa e moral, em um contexto desafiador em que, se, de um lado, o Estado contemporâneo busca adentrar os domínios do Estado (ex: bancadas religiosas no Legislativo). Destacam-se, aqui, duas estratégias: a) reforçar o princípio da laicidade estatal, com ênfase à Declaração sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação com base em Intolerância Religiosa; e b) fortalecer leituras e interpretações progressistas no campo religioso, de modo a respeitar os direitos humanos" (Direitos Humanos (coord). Curitiba: Juruá editora, 2007, p. 24-25).



Ainda sob o binômio laicidade do Estado e liberdade religiosa, destaca-se o precedente do Supremo Tribunal Federal na ADI 4439/DF:

ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS. CONTEÚDO CONFESSIONAL E MATRÍCULA FACULTATIVA. RESPEITO AO BINÔMIO LAICIDADE DO ESTADO/LIBERDADE RELIGIOSA. IGUALDADE DE ACESSO E TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. CONFORMIDADE COM ART. 210, §1º, DO TEXTO CONSTITUCIONAL. CONSTITUCIONALIDADE DO ARTIGO 33, CAPUT E §§ 1º E 2º, DA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DO ESTATUTO JURÍDICO DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL PROMULGADO PELO DECRETO 7.107/2010. AÇÃO DIRETA JULGADA IMPROCEDENTE.

1. A relação entre o Estado e as religiões, histórica, jurídica e culturalmente, é um dos mais importantes temas estruturais do Estado. A interpretação da Carta Magna brasileira, que, mantendo a nossa tradição republicana de ampla liberdade religiosa, consagrou a inviolabilidade de crença e cultos religiosos, deve ser realizada em sua dupla acepção: (a) proteger o indivíduo e as diversas confissões religiosas de quaisquer intervenções ou mandamentos estatais; (b) assegurar a laicidade do Estado, prevendo total liberdade de atuação estatal em relação aos dogmas e princípios religiosos.

2. A interdependência e complementariedade das noções de Estado Laico e Liberdade de Crença e de Culto são premissas básicas para a interpretação do ensino religioso de matrícula facultativa previsto na Constituição Federal, pois a matéria alcança a própria liberdade



de expressão de pensamento sob a luz da tolerância e diversidade de opiniões.

3. A liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente as informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também as que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a Democracia somente existe baseada na consagração do pluralismo de ideias e pensamentos políticos, filosóficos, religiosos e da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo.

4. A singularidade da previsão constitucional de ensino religioso, de matrícula facultativa, observado o binômio Laicidade do Estado (CF, art. 19, I)/Consagração da Liberdade religiosa (CF, art. 5º, VI), implica regulamentação integral do cumprimento do preceito constitucional previsto no artigo 210, §1º, autorizando à rede pública o oferecimento, em igualdade de condições (CF, art. 5º, caput), de ensino confessional das diversas crenças.

5. A Constituição Federal garante aos alunos, que expressa e voluntariamente se matriculem, o pleno exercício de seu direito subjetivo ao ensino religioso como disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, ministrada de acordo com os princípios de sua confissão religiosa e baseada nos dogmas da fé, inconfundível com outros ramos do conhecimento científico, como história, filosofia ou ciência das religiões.

6. O binômio Laicidade do Estado/Consagração da Liberdade religiosa está presente na medida em que o texto constitucional (a) expressamente garante a voluntariedade da



matrícula para o ensino religioso, consagrando, inclusive o dever do Estado de absoluto respeito aos agnósticos e ateus; (b) implicitamente impede que o Poder Público crie de modo artificial seu próprio ensino religioso, com um determinado conteúdo estatal para a disciplina; bem como proíbe o favorecimento ou hierarquização de interpretações bíblicas e religiosas de um ou mais grupos em detrimento dos demais.

7. Ação direta julgada improcedente, declarando-se a constitucionalidade dos artigos 33, caput e §§ 1º e 2º, da Lei 9.394/1996, e do art. 11, § 1º, do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e a Santa Sé, relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, e afirmando-se a constitucionalidade do ensino religioso confessional como disciplina facultativa dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

Segundo bem destacado no voto do Ministro Gilmar Mendes na ADI 4439/DF, a Corte Europeia de Direitos Humanos (TEDH), no caso *Lautsi v. Itália*, julgado em definitivo em 18 de março de 2011, concluiu não haver evidências de que a mera presença de crucifixos em salas de aula de escolas pública represente de algum modo doutrinação dos alunos, restando respeitado o direito dos pais de assegurarem a educação e ensino de acordo com suas convicções religiosas e filosóficas:

Parte do direito de liberdade religiosa consiste justamente no direito de manifestação livre do pensamento. Nesse sentido, a Câmara Superior (Grand Chamber) da Corte Europeia de Direitos Humanos reformou, por 15 votos a 2, decisão de uma de suas câmaras, que entendera que a



presença de crucifixos em escolas públicas na Itália ofenderia o direito à educação e à liberdade de pensamento, consciência e religião (arts. 2º e 9º da Convenção Europeia de Direitos Humanos).

A Corte consignou que a mera presença de crucifixos nas salas de aula de escolas públicas não denota processo de doutrinação das crianças, nem limita o direito de educação dos pais, que permanecem com o direito de educar e ensinar seus filhos de acordo com suas convicções religiosas e filosóficas.

A manutenção e a referência de tradições estão, em princípio, dentro da margem de delibação dos países membros, desde que não desrespeitados os direitos e liberdades previstos na Convenção.

Além disso, o fato de não haver consenso europeu sobre a questão da presença de símbolos religiosos nas escolas estaduais foi considerado na decisão, assim como – e principalmente – o peso local atribuído à religião.

Era verdade que, ao prescrever a presença de crucifixos nas salas de aula de escolas públicas – um sinal que indubitavelmente se refere ao cristianismo –, os regulamentos questionados conferem à religião majoritária do país visibilidade preponderante no ambiente escolar. No entanto, isso não foi suficiente para denotar um processo de doutrinação por parte do Estado. Entendeu-se que um crucifixo em uma parede é símbolo essencialmente passivo que não poderia ser considerado apto a influenciar consideravelmente os alunos.

A Corte ressaltou a importância dos pais no aconselhamento de seus filhos e o seu papel como educadores naturais, a guiá-los em um caminho de acordo com suas próprias convicções filosóficas,



mantendo, portanto, o uso dos crucifixos em salas de aula.

Ainda, o Ministro Ricardo Lewandowski lembrou em seu voto que a visibilidade dada ao símbolo religioso – crucifixo – não ofende o postulado da laicidade estatal:

Relembro, neste sentido, o teor do julgado no caso Lautsi et. Al. v. Itália, do Tribunal europeu, no qual se decidiu que a maior visibilidade dada a um símbolo do cristianismo não ofende o postulado da laicidade estatal nem implica doutrinação dos alunos. A Corte lembrou julgados anteriores relacionados ao ensino religioso, os quais reforçam a tese aqui exposta, ressaltando que:

“Nesse sentido, é verdade que, ao prever a presença de crucifixos em salas de aula de escolas públicas - um sinal que, para além de eventual valor simbólico secular, indubitavelmente se refere a Cristianismo – as leis conferem a religião majoritária do país visibilidade preponderante no ambiente escolar.

No entanto, isso não é suficiente para denotar um processo de doutrinação por parte do Estado, nem implica violação dos requisitos do Artigo 2 do Protocolo n.º 1. O Tribunal reporta-se neste ponto, mutatis mutandis, aos anteriormente citados julgamentos de Folgerø e Zengin. No caso Folgerø, em que o Tribunal foi chamado para examinar o conteúdo da disciplina ‘Cristianismo, religião e filosofia’ (KRL), decidiu-se que o fato de o programa ter dado uma participação maior para conhecimento da religião cristã do que a de outras religiões e filosofias não implicava, por si só, desvio dos princípios de pluralismo e objetividade, nem doutrinação. A



Corte explicou que, em vista do lugar ocupado pelo Cristianismo na história e tradição da Estado envolvido – a Noruega - esta questão teve que ser considerada como estando dentro da margem de apreciação que lhe é dada no planejamento e configuração do currículo (ver Folgerø, citado acima, § 89).

O Tribunal chegou a uma conclusão semelhante no contexto das aulas de 'cultura religiosa e ética' nas escolas turcas, onde o programa deu maior destaque ao conhecimento do islamismo haja vista que, apesar da natureza secular do Estado, o islamismo era a religião majoritária praticada na Turquia (ver Zengin, já referido, § 63).”16

Firme nessas considerações, tem-se que a fixação de símbolos religiosos em repartições públicas não implica violação aos princípios da laicidade do Estado, da liberdade de crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e da imparcialidade do Poder Judiciário.

Pelo contrário, trata-se na verdade de expressão da liberdade religiosa e da diversidade cultural do povo brasileiro, que deve ser salvaguardada pela tolerância e respeito ao pluralismo.

Esses elementos religiosos não representam qualquer alusão do Estado a determinada religião em detrimento de outra. Tampouco pode-se afirmar que de alguma forma influenciam os atos da Administração Pública, que são pautados pelos princípios da impessoalidade e da moralidade.



Com essas considerações, manifesta-se o Ministério Público Federal pelo conhecimento do agravo para não prover o recurso extraordinário.

Brasília, 09 de março de 2020.

Wagner Natal Batista
Subprocurador-Geral da República

DJAS



União dos Juristas

Católicos de Goiânia.

EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL – MIN. RICARDO LEWANDOWSKI

ARE 1.249.095

RECTE.(S)
PROC.(A/S)(ES)
RECDO.(A/S)
PROC.(A/S)(ES)

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
UNIÃO
ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO

A **UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA – UNIJUC**, associação civil de direito privado, registrada civilmente e devidamente constituída, com sede na Praça Dom Emanuel s/n, Setor Central, Goiânia – GO, conforme estatuto anexo, vem à presença de Vossa Excelência, nos termos da legislação vigente, requerer seja admitida na qualidade de **AMICUS CURIAE**, nos termos do artigo 138 e seguintes do Código de Processo Civil, pelos fatos e fundamentos a seguir expostos:

DO OBJETO

O presente requerimento como Amicus Curiae tem por objetivo subsidiar este douto juízo com fatos e fundamentos que possam auxiliar na tomada de decisão.

1) DA ADMISSÃO DA ENTIDADE REQUERENTE COMO AMICUS CURIAE

A nova Lei Processual prevê que, quando houver relevância da matéria ou, repercussão social da controvérsia, poderá de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoal natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com representatividade.





Trata-se de um dispositivo que visa, nas palavras de Luiz Guilherme Marinoni, “o aperfeiçoamento da decisão judicial, subsidiando o magistrado e o processo com argumentos e considerações mais profundas, para a adequada definição do litígio.”

O *amicus curiae* tem a função primordial de juntar aos autos parecer ou informações com o intuito de trazer à colação considerações importantes sobre a matéria de direito a ser discutida perante a justiça.

Conforme expõe o ilustre processualista Daniel Amorim Assunção Neves¹:

[...] É preciso reconhecer que o amicus curiae contribui com a qualidade da decisão dando sua versão a respeito da matéria discutida, de forma que ao menos o interesse para a solução da demanda no sentido de sua manifestação sempre existirá. Ainda que tenha muito a contribuir em razão de seu notório conhecimento a respeito da matéria, não é comum que as manifestações do amicus curiae sejam absolutamente neutras.

[...]por outro lado, demonstra-se a existência de um interesse institucional por parte do amicus curiae que, apesar da proximidade com o interesse público, com este não se confunde. O interesse institucional é voltado à melhor solução possível do processo por meio do maior conhecimento da matéria e dos reflexos no plano prático da decisão. Esse verdadeiro interesse jurídico, diferentemente do interesse jurídico do assistente, porque não diz respeito a qualquer interesse subjetivo, é justamente o que legitima a participação do amicus curiae no processo.

A participação da **União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia – UNIJUC** no feito como amiga da corte, ou *amicus curiae*, tem como finalidade precípua o auxílio a este egrégio tribunal superior, para que a decisão proferida por estar consubstanciada com informações suficientes sobre a questão, especialmente no que diz respeito aos “reflexos no plano prático da decisão”.

¹ Manual de Direito Processual Civil, Volume Único. Editora JusPodivm. 8ª Edição. 2016, p.302-303





Além do mais, por se tratar de uma união de **juristas**, as contribuições a serem feitas por esta entidade terão caráter jurídico-científico, qualificando ainda mais o debate.

Portanto, é de extrema necessidade que a **União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia – UNIJUC** seja recebida no feito na qualidade de *amicus curiae*, tendo em vista que este douto juízo tem apenas a ganhar com as contribuições a serem feitas por esta instituição, com informações para melhor embasar e fundamentar a respeitável decisão que será proferida.

Por todo o exposto, requer-se que Vossa Excelência se digne em admitir o ingresso da entidade requerente na presente ação como *amicus curiae*, franqueando-se a sua ampla manifestação.

1.2 - DA UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS

A União dos Juristas Católicos – UNIJUC, é associação legalmente constituída e composta por diversos juristas residentes e atuantes em todo o Estado de Goiás. Dentre suas várias finalidades, a UNIJUC foi constituída também para defender a liberdade religiosa, de acordo com os princípios da fé católica, nos termos do artigo 3º do Estatuto anexo.

O renomado doutrinador Fredie Didier Jr². é enfático em afirmar:

A intervenção do amicus curiae passou a ser possível desde que se trate de causa relevante, ou com tema muito específico ou que tenha repercussão social (art. 138, caput, CPC). Esses pressupostos objetivos são alternativos.

O presente caso é de imensa repercussão social, por se tratar de um tema tão complexo que é fixação de símbolos religiosos em locais públicos, o qual requer uma ampla visão das consequências reais e as implicações jurídicas, que poderão ser fornecidas pela UNIJUC, na condição de *amicus curiae*.

2. DOS PEDIDOS

Ex positis, é a presente para, conforme a inteligência dos artigos 138 e seguintes do Código

² Curso de Direito Processual Civil. Vol. 1. 18ª Edição. Editora Juspodvim.2016. P. 530





União dos Juristas

Católicos de Goiânia.

de Processo Civil, requer a Vossa Excelência, ante a relevância da matéria e a repercussão social do tema objeto da demanda em questão, seja admitida a UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA, na condição de AMICUS CURIAE, sendo-lhe concedido o prazo de 15 (quinze dias) para se manifestar, nos termos da legislação processual civil.

Termos em que, pede deferimento.

Goiânia, 22 de abril de 2020.

(assinado digitalmente)
Emanuel de Oliveira Costa Jr.
OAB/GO 21.861

(assinado digitalmente)
Victor P. S. Naves
OAB/GO 30.890





União dos Juristas

Católicos de Goiânia.

PROCURAÇÃO

OUTORGANTE: UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA – UNIJUC, associação civil de direito privado, registrada civilmente e devidamente constituída, com sede na Praça Dom Emanuel s/n, Setor Central, Goiânia – GO, CEP 74030-140.

OUTORGADO: Dr. Victor Phillip Sousa Naves, devidamente inscrito na OAB/GO sob o n. 30.890, **Dr. Emanuel de Oliveira Costa Jr.**, devidamente inscrito na OAB/GO sob o n. 21.861 e **Dra Rita de Cássia Nunes Machado**, devidamente inscrita na OAB/GO sob o n. 8.597 com escritório localizado na Avenida T-63, n.1.296, Ed. New World, Sala 1511/1512, Setor Bueno, Goiânia-GO., CEP 74.230-105.

PODERES: amplos, gerais e ilimitados, da cláusula *ad judicium* e *extra judicium*, para representar a outorgante perante pessoas de direito público ou privado, particulares, pessoas físicas ou jurídicas, de qualquer espécie ou natureza, investidos de tais poderes para o foro em geral, qualquer juízo, instância ou tribunal, assim como confessar, reconhecer a procedência do pedido, transigir, desistir, renunciar, receber, acordar, dar quitação, firmar compromisso, substabelecer, especialmente para, sem prejuízo dos poderes mencionados, podendo os OUTORGADOS, praticar todos os atos necessários ao bom e fiel cumprimento deste mandato.

Goiânia, 24 de julho de 2018.

Outorgante

Dom Levi Bonatto – Presidente da UNIJUC

Praça Dom Emanuel, s/n – Centro – CEP 74.030-140
Cx Postal 174 – 74001-970 – Goiânia – GO
Fones (62) 3223-0769 e 3223-0759

Documento original assinado e arquivado.

ESTATUTO SOCIAL

UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA – UNIJUC

CAPÍTULO I

DA INSTITUIÇÃO

Art. 1º A UNIÃO DOS JURISTAS CATÓLICOS DA ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA – UNIJUC é uma associação civil de direito privado, subordinada aos dispositivos pertinentes às leis civis e canônicas, sobretudo naquilo que trata das Associações de Fiéis, de natureza religiosa, social e cultural, sem fins econômicos, constituída por tempo indeterminado, com sede e foro na cidade de Goiânia, formada pelos associados nominados no presente Estatuto.

§1º A UNIJUC tem sede na Praça Dom Emanuel, s/nº, Centro – Cúria Metropolitana de Goiânia, CEP: 74030-140, Goiânia – GO.

§2º Fica eleito o foro da Comarca de Goiânia, Estado de Goiás, para dirimir eventuais dúvidas ou litígios sobre quaisquer assuntos relacionados com a UNIJUC, independente de pactuações contratuais que porventura envolvam foro diverso.

CAPÍTULO II

DOS OBJETIVOS E DAS FINALIDADES

Art. 2º A UNIJUC tem como objetivo geral a integração entre os profissionais que atuam no âmbito do Direito e da Justiça, favorecendo o testemunho coletivo da fé católica, promovendo a inserção destes no processo de transformação social.

Art. 3º Para a realização do objetivo previsto no artigo anterior, a UNIJUC atenderá particularmente às seguintes finalidades:

- a) Ocupar-se dos problemas do mundo contemporâneo, propondo soluções pautadas nas Sagradas Escrituras, na Sagrada Tradição e no Magistério da Igreja;
- b) Propugnar pelo reconhecimento e respeito ao direito natural e cristão, na justiça e na caridade, defendendo e protegendo a vida humana desde a concepção à morte natural;

 X

Scanned by CamScanner



- c) Afirmar a dignidade inalienável da pessoa humana, promovendo a conscientização acerca de seus direitos, de suas garantias e de seus deveres fundamentais;
- d) Promover e defender a identidade católica da família à luz do Magistério da Igreja, de modo particular às orientações contidas nas Exortações Apostólicas, Encíclicas e nos demais documentos eclesiais referentes a essa instituição fundamental para toda sociedade;
- e) Difundir a doutrina e o ensinamento social da Igreja, principalmente na área jurídica, promovendo os meios que assegurem sua aplicação;
- f) Zelar pelos princípios cristãos nas atividades dos Poderes Judiciário, Legislativo e Executivo, através de um acompanhamento sistemático de suas atividades, por parte dos associados;
- g) Assegurar a presença e a difusão dos princípios católicos na vida social, na ordem pública, nas atividades profissionais e universitárias, bem como em todos os espaços sociais em que se fizerem necessários;
- h) Oferecer aos associados formação integral e permanente fundamentada nas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, nos ensinamentos e nas orientações Sinodais, sobretudo no que se refere a nossa Igreja Particular de Goiânia; e nos projetos evangelizadores da Igreja no Brasil e na América Latina, de modo especial nos Documentos das Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano e proporcionar o conhecimento da legislação canônica, contidas seja nos dois Códigos da Igreja Católica, seja extracodicialmente e dos demais atos normativos da Igreja Universal e Local.

111877P3 - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017

CAPÍTULO III

DOS ASSOCIADOS

Art. 4º São associados natos o Arcebispo Metropolitano de Goiânia, os Bispos Auxiliares e o Assistente Eclesiástico da UNIJUC.

Art. 5º São associados efetivos todos os bacharéis em Direito.

Art. 6º Os associados efetivos compõem o corpo social da entidade e comprometer-se-ão a:




Scanned by CamScanner

- a) Colaborar no cumprimento dos objetivos institucionais da UNIJUC, assumindo, de forma plena, pública e privativamente, as finalidades, deliberações e orientações da entidade;
- b) Manter com o Arcebispo Metropolitano de Goiânia, seus Bispos Auxiliares e com as demais autoridades Eclesiásticas e Cíveis (Federais, Estaduais e Municipais) um relacionamento adequado e ético;
- c) Atender às convocações para as Assembleias Gerais Ordinárias e Extraordinárias, bem como aos convites para as demais sessões que integram as atividades da UNIJUC;
- d) Subsidiar os trabalhos desenvolvidos pela instituição;
- e) Prestigiar a UNIJUC, pública ou privativamente, por todos os meios ao seu alcance;
- f) Contribuir para a manutenção financeira da entidade.

Art. 7º São direitos dos associados natos e efetivos:

- a) Participar de todos os eventos promovidos pela entidade, segundo os critérios definidos pela Diretoria;
- b) Participar da indicação dos membros da Diretoria, de quaisquer comissões temáticas constituídas pelo Arcebispo Metropolitano de Goiânia ou pela Diretoria, bem como integrar as mesmas;
- c) Apresentar proposições e pedidos que julgarem necessários para a consecução dos objetivos institucionais;
- d) Desligar-se da entidade a qualquer tempo, mediante pedido formulado a Diretoria da Associação.

Art. 8º Os associados não adquirem, por nenhum título, qualquer direito sobre os bens da UNIJUC, nada podendo dela exigir quando do desligamento.

Art. 9º Qualquer associado poderá indicar novos membros para a composição dos quadros da entidade, sendo necessária a apreciação da indicação pela Diretoria e a aprovação do Arcebispo Metropolitano de Goiânia.

Parágrafo único. Para integrar o quadro social da entidade, o indicado que tiver seu nome aprovado deverá prestar, perante o Arcebispo Metropolitano de Goiânia, o Juramento de Fidelidade Eclesial, em atenção às normas Canônicas, em sessão solene.



111PR107 - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017

Scanned by CamScanner

Art. 10 Poderá ser excluído da UNIJUC o associado que cometer os seguintes atos, em conjunto ou isoladamente, contra a Associação:

- a) Comportar-se ou se manifestar-se contrariamente às orientações ou deliberações da Igreja e da entidade;
- b) Faltar injustificadamente por três vezes consecutivas ou cinco vezes de modo alternado, no período de doze meses, às convocações para as Assembleias Ordinárias;

Art. 11 A exclusão de associado dar-se-á mediante proposta justificada e escrita da Diretoria ou de pelo menos três associados com mais de um ano de Associação.

Art. 12 Instaurado o procedimento para exclusão de associado, este deverá ser notificado e deverá apresentar resposta por escrito à Diretoria no prazo de 15 (quinze) dias, lhe sendo assegurado o contraditório e a ampla defesa.

§1º - Findo o prazo para a resposta, terá a Diretoria 30 (trinta) dias para decidir, em primeira instância, quanto à manutenção ou exclusão do associado.

§2º - Da decisão da Diretoria, será notificado o associado para que, querendo, apresente recurso por escrito à Assembleia Geral no prazo de 10 (dez) dias. O recurso será encaminhado à Diretoria, que o submeterá à Assembleia Geral, ordinária ou extraordinária, para deliberação e decisão final.

Art. 13 A eficácia do ato de exclusão de associado somente surte seus efeitos após a comunicação em Assembleia Geral.

Art. 14 Poderá ser condecorado com o Título de Associado Benemérito aquele, jurista ou não, que tenha prestado relevante serviço à UNIJUC.

Parágrafo único. Ao associado benemérito aplica-se, no que couber, o disposto no art. 6º, do presente estatuto.

CAPÍTULO IV

DOS ÓRGÃOS DE ADMINISTRAÇÃO

Art. 15 A UNIJUC é composta pelos seguintes órgãos:

- I. Assembleia Geral;
- II. Diretoria Executiva.

110PTDPJ - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017



Scanned by CamScanner



SEÇÃO I

DA ASSEMBLEIA GERAL

Art. 16 Compete à Assembleia Geral:

- a) Deliberar sobre as alterações estatutárias da entidade e remetê-las à homologação do Arcebispo Metropolitano de Goiânia;
- b) Fixar o valor da anuidade a ser paga pelos associados da entidade, bem como aprovação de contas;
- c) Aprovar o planejamento estratégico bienal, com suas respectivas metas;
- d) Decidir sobre a incorporação, fusão, cisão, dissolução e extinção da entidade, exigindo, para tanto, o voto concorde de 2/3 dos associados em Assembleia Geral convocada exclusivamente para esse fim;
- e) Afastar e destituir os ocupantes dos cargos da Diretoria Executiva e associados, após a apreciação do Arcebispo Metropolitano de Goiânia;
- f) Aprovar as contas da ASSOCIAÇÃO, conforme relatório apresentado pelo Direito Financeiro, na forma do art. 25, parágrafo 1º, do presente Estatuto.

§ 1º Para as deliberações a que se referem as letras "a", "d", e "e", deste artigo, é exigido deliberação de Assembleia Geral especialmente convocada para esse fim, cujo quórum será estabelecido da seguinte maneira:

- a) Em primeira convocação, pela presença da maioria simples dos associados;
- b) Em segunda convocação, com 30 (trinta) minutos após a primeira, com qualquer número de presentes.

§ 2º Para as deliberações estabelecidas no § 1º, serão exigidas aprovações de pelo menos 2/3 (dois terços) dos associados presentes na Assembleia Geral.

Art. 17 A data e a pauta das Assembleias Ordinárias e Extraordinárias serão comunicadas com antecedência mínima de 72 (setenta e duas) horas, por qualquer meio hábil, tais como edital afixado na sede da ASSOCIAÇÃO e/ou e-mail.

Parágrafo único: A Assembleia Geral Extraordinária reunir-se-á sempre que convocada pelo Presidente ou por solicitação de 1/3 dos associados, ou ainda por solicitação do Arcebispo Metropolitano de Goiânia.

Art. 18 A Assembleia Geral ordinária é instalada, em primeira convocação, com a presença de, no mínimo, 2/3 dos associados efetivos ou, em segunda convocação,



111PRTDPJ - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017

Scanned by CamScanner



realizada meia hora após a primeira, com a presença de qualquer número de associados, e suas deliberações serão aprovadas, em ambos os casos, com voto concorde da maioria simples.

Parágrafo único: Aplica-se a Assembleia Geral extraordinária o mesmo quórum de instalação e deliberação previsto para as Assembleias Gerais ordinárias.

Art. 19 As atas das assembleias serão elaboradas pelo Diretor de Secretaria ou seu substituto, assinadas com o Presidente e levadas, quando necessário, a registro cartorial.

Parágrafo único. As atas serão aprovadas na Assembleia subsequente, exceto quando a matéria decidida exigir aprovação imediata.

SEÇÃO II

DA DIRETORIA EXECUTIVA

Art. 20 A Diretoria Executiva será de livre nomeação e exoneração do Arcebispo Metropolitano de Goiânia para o exercício de um mandato de dois anos e composta por:

- I. Presidente;
- II. Vice-presidente;
- III. Diretor de Secretaria;
- IV. Diretor Financeiro;
- V. Diretor Executivo de Comunicação Social e Relações Públicas;

Parágrafo Primeiro. Compete à Diretoria Executiva receber a indicação de nomes, dentre os associados, para a composição de lista dos interessados em compor nova Diretoria Executiva, a ser encaminhada ao Arcebispo Metropolitano.

Parágrafo Segundo. A lista dos interessados em formar a nova Diretoria Executiva deverá ser apresentada em um prazo entre quatro e três meses antes do término do mandato em vigência.

Parágrafo Terceiro. A lista de que trata os parágrafos desse artigo é meramente sugestiva, podendo o Arcebispo escolher livremente entre os associados.

111PRTPJ - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017



Art. 21 A Diretoria Executiva é o órgão de administração da UNIJUC, competindo-lhe implementar todas as deliberações advindas da Assembleia Geral, segundo as competências de cada um dos seus órgãos.

Parágrafo único. A Diretoria Executiva atua na arrecadação e na destinação dos recursos financeiros advindos das anuidades pagas pelos associados e de outras fontes de recursos previstos nesse Estatuto.

Art. 22 Compete ao Presidente:

- I. Representar a UNIJUC ativa ou passivamente, em juízo ou fora dele, perante os órgãos públicos, administrativos e particulares e, em geral, nas suas relações com terceiros;
- II. Convocar e presidir as reuniões da Diretoria Executiva;
- III. Presidir a Assembleia Geral e demais reuniões;
- IV. Responder, em conjunto com o Diretor Financeiro, pela administração das contas bancárias da entidade.

Art. 23 Compete ao Vice-presidente substituir o Presidente, quando necessário, e atuar nos casos de ausências, afastamentos e impedimentos legais do titular.

Art. 24 Compete ao Diretor de Secretaria, dentre outras atribuições, redigir as atas de todas as reuniões, a guarda e conservação de documentos, elaborar as convocações e comunicações internas, de acordo com o Estatuto.

Parágrafo único. Compete ao Diretor Executivo de Comunicação Social e Relações Públicas substituir o Diretor de Secretaria, quando necessário, e atuar nos casos de ausências, afastamentos e de impedimentos legais do titular.

Art. 25 Compete ao Diretor Financeiro, dentre outras atribuições, administrar os recursos financeiros da entidade, receber doações, dar quitação das anuidades e taxas e promover o pagamento de despesas decorrentes da manutenção da UNIJUC.

§ 1º O Diretor Financeiro apresentará o relatório anual de prestação de contas perante a Diretoria e a Assembleia Geral.

§ 2º O Diretor Financeiro responderá perante as instituições bancárias solidariamente com o Presidente da UNIJUC no que concerne à administração das respectivas contas correntes, observado o disposto no art. 22, IV.

Art. 26 Compete ao Diretor Executivo de Comunicação Social e Relações Públicas:



11PRTPJ - Protocolo nº. 1599486 - 09/03/2017

Scanned by CamScanner

- a) Promover a ampla divulgação das atividades da UNIJUC, em todos os meios de comunicação social e eclesial;
- b) Organizar e manter atualizado o *site* e os diversos meios de comunicação da entidade;
- c) Manter contatos com entidades da sociedade e da Arquidiocese de Goiânia e demais (Arqui)Dioceses visando à promoção dos objetivos institucionais da entidade contidos no art. 2º do presente Estatuto.

Art. 27 O Arcebispo Metropolitano de Goiânia designará o Assistente Eclesiástico da UNIJUC, ao qual compete as orientações pastorais e o zelo pelo vínculo eclesial entre a entidade e a Cúria Metropolitana de Goiânia, bem como com os demais órgãos que integram a Pastoral Arquidiocesana.

Parágrafo único. O Assistente Eclesiástico pode participar de todas as reuniões, assembléias e eventos promovidos pela entidade, tendo direito a voz e a voto nas deliberações.

CAPÍTULO VI DAS CLÁUSULAS PÉTREAS

Art. 28 São consideradas cláusulas pétreas, ou seja, que só podem ser alteradas pelo Arcebispo Metropolitano de Goiânia os artigos: 1º, 4º, 8º, 9º, 27, 29, 30, 33 e 37.

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 29 O presente Estatuto poderá ser reformado por proposta do Arcebispo Metropolitano de Goiânia, do Assistente Eclesiástico, da Diretoria Executiva ou por 1/3 dos associados, sendo necessária a aprovação pela Assembleia Geral e referendado pelo Arcebispo Metropolitano de Goiânia, nos termos do art.16, letra a.

Parágrafo Único. O quórum para a instalação e deliberação das alterações estatutárias é o mesmo previsto no artigo 18 do presente Estatuto.

Art. 30 O Assistente Eclesiástico, a Assembleia Geral, a Diretoria Executiva e os integrantes das Comissões constituídas pela UNIJUC formam com o Arcebispo



Scanned by CamScanner

Metropolitano de Goiânia uma equipe orgânica e coesa com os objetivos e as metas institucionais.

Art. 31 As fontes de recursos de manutenção da entidade serão oriundas das contribuições dos associados, de doações e demais fontes legais de qualquer natureza.

Art. 32 Os associados não respondem pessoal ou subsidiariamente por quaisquer ônus ou obrigações assumidas em nome da UNIJUC.

Art. 33 É vedada a remuneração, a qualquer título, ou distribuição de lucros, bonificações ou vantagens aos diretores e aos seus associados, sob qualquer forma ou pretexto, sendo os recursos integralmente aplicados para fins institucionais da UNIJUC.

Art. 34 Poderão ser constituídas tantas quantas comissões necessárias para a consecução das finalidades e dos objetivos institucionais.

Art. 35 O exercício social coincide com o ano civil.

Art. 36 Em caso de extinção da UNIJUC, seu patrimônio será destinado à Arquidiocese de Goiânia ou a outra instituição indicada pelo Arcebispo Metropolitano de Goiânia.

Art. 37 É patrono da UNIJUC Santo Ivo.

Goiânia, 20 de dezembro de 2016.


Dom Levi Bonatto
Presidente


Lorraine Carla Vieira Nascimento
OAB/GO 38.048

PROTESTO, 1/2
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS E
PESSOAS JURÍDICAS DE GOIÂNIA
Selo Eletrônico: 01951503011908132000352
Pessoas Jurídicas Livro - A
Apresentado hoje, protocolizado, registrado e digitalizado
sob nº Protocolo 1599486 e registrado sob nº 6555 data.
09/03/2017 08:56:22.
Emolumentos: R\$ 20,00 ISS: R\$ 4,90
Tx. Judic.: R\$ 13,54 Total: R\$ 154,66
✓ Lourdes Bernadeth S. de Souza Barreto -
Escrivente
Fone: (62) 3224-4209

PROTESTO, 2/2
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS E
PESSOAS JURÍDICAS DE GOIÂNIA
Sob nº Protocolo 1599486
FUNDESP: 9,80 FUNPROGE: 1,96
FUNESP: 7,84 FUNDEPEG: 1,96
ESTADO: 4,90 EMOLUMENTOS: 20
FESEMP: 3,92 O.DESPESAS: 0
ISS: 4,90 PÁG. EXTRAS: 78,00
FUNEMP: 2,94 TX.JUDICIÁRIA: 13,54
FUNCOMP: 2,94 CORREIOS: 0,00
FEPADSAJ 1,96 TOTAL: 154,66
Fone: (62) 3224-4209

Scanned by CamScanner

**Relação de Fundadores da União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia -
UNIJUC.**

DOM LEVI BONATTO, brasileiro, solteiro, religioso, CI nº 614.066 SSP/PR, CPF nº 348.538.559-04, residente e domiciliado à Praça Dom Manoel, s/n, Cúria Metropolitana, Centro - Goiânia - GO.

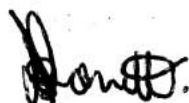
RITA DE CÁSSIA NUNES MACHADO, brasileira, casada, advogada, OAB/GO 8.597, CPF nº 311.019.331-00, residente e domiciliada à Rua Aporé, Qd. A, Lt. 10-A, Residencial Privê Brasília Sul, Setor dos Afonsos, Aparecida de Goiânia - GO.

LORRAINE CARLA VIEIRA NASCIMENTO, brasileira, solteira, advogada, OAB/GO nº 38.048, CPF nº 005.733.011-58 residente e domiciliada à Rua 20, aptº 402, Ed. Pamplona, Centro, Goiânia - GO.

EMANUEL DE OLIVEIRA COSTA JUNIOR, brasileiro casado, advogado, OAB/GO nº 21.861, CPF nº 916.406.791-20, residente e domiciliado na Avenida E, nº 961, Ed. Saint Hilaire, Jardim Goiás, Goiânia - GO,

MARINA RIBEIRO DA SILVA VALADÃO, brasileira, casada, OAB/GO nº 25.630, CPF nº 692.137.711-34 residente e domiciliada na Avenida Interlândia, Qd. 87, Lt. 26, Setor Santa Genoveva, Goiânia - GO.

Goiânia, 20 de dezembro de 2016.



Dom Levi Bonatto
Diretor Presidente

111PRTPJ - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017



Relação de Associados Indicados e Empossados para a Diretoria Geral da União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia – Mandato 20/12/2016 a 20/12/2018, conforme Assembleia Geral realizada no dia 20/12/2016, às 9h, na Sede da Cúria Metropolitana de Goiânia, Praça Dom Emanuel, s/nº Centro, Goiânia – GO.

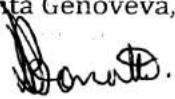
PRESIDENTE: DOM LEVI BONATTO, brasileiro, solteiro, religioso, CI nº 614.066 SSP/PR, CPF nº 348.538.559-04, residente e domiciliado à Praça Dom Manoel, s/n, Cúria Metropolitana, Centro – Goiânia – GO.

VICE PRESIDENTE: RITA DE CÁSSIA NUNES MACHADO, brasileira, casada, advogada, OAB/GO 8.597, CPF nº 311.019.331-00, residente e domiciliada à Rua Aporé, Qd. A, Lt. 10-A, Residencial Privê Brasília Sul, Setor dos Afonsos, Aparecida de Goiânia – GO.

DIRETORA DE SECRETARIA: LORRAINE CARLA VIEIRA NASCIMENTO, brasileira, solteira, advogada, OAB/GO nº 38.048, CPF nº 005.733.011-58 residente e domiciliada à Rua 20, aptº 402, Ed. Pamplona, Centro, Goiânia – GO.

DIRETOR FINANCEIRO: EMANUEL DE OLIVEIRA COSTA JUNIOR, brasileiro casado, advogado, OAB/GO nº 21.861, CPF nº 916.406.791-20, residente e domiciliado na Avenida E, nº 961, Ed. Saint Hilaire, Jardim Goiás, Goiânia – GO,

DIRETORA EXECUTIVA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E RELAÇÕES PÚBLICAS: MARINA RIBEIRO DA SILVA VALADÃO, brasileira, casada, OAB/GO nº 25.630, CPF nº 692.137.711-34 residente e domiciliada na Avenida Interlândia, Qd. 87, Lt. 26, Setor Santa Genoveva, Goiânia – GO.



Dom Levi Bonatto
Presidente

111PRTM3J - Protocolo nr. 1599486 - 09/03/2017





Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Petição	24373/2020
Processo	ARE 1249095
Tipo de pedido	Amicus curiae
Relação de Peças	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: VICTOR PHILLIP SOUSA NAVES 2 - Procuração e substabelecimentos Assinado por: VICTOR PHILLIP SOUSA NAVES 3 - Documentos de Identificação Assinado por: VICTOR PHILLIP SOUSA NAVES
Data/Hora do Envio	22/04/2020 às 18:03:06
Enviado por	VICTOR PHILLIP SOUSA NAVES (CPF: 022.811.211-78)





**EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO RICARDO LEWANDOWSKI
DO EGRÉGIO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO

N. 1.249.095

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS – ANAJURE, associação civil sem fins lucrativos, com objetivo de atuar na defesa das liberdades civis fundamentais (art. 3º, Estatuto), CNPJ/MF nº 18.376.642/0001-55, com escritório nacional no Setor Bancário Sul, quadra 02, bloco E, sala 601, Ed. Prime Business, CEP 70.070-120, fone (61) 3225-0181, Brasília, Distrito Federal, endereço eletrônico: www.anajure.org.br e correio eletrônico: presidente@anajure.org.br, membro pleno da FIAJC - Federación Inter Americana de Juristas Cristianos e da RLP - Religious Liberty Partnership, entidades internacionais reconhecidas na defesa dos direitos humanos fundamentais, cooperadora conveniada com a Secretaria de Acesso de Direitos e Equidade da Organização dos Estados Americanos – OEA e detentora de registro como Organização da Sociedade Civil na OEA, em processo de obtenção de *status* consultivo junto ao Conselho Econômico e Social da ONU - Organização das Nações Unidas, neste ato representada pelo **Presidente de seu CDN - Conselho Diretivo Nacional, Uziel Santana dos Santos**, nos termos de seu Estatuto Social, art. 13, § 4º, vem mui respeitosamente, por intermédio de seus insígnies advogados, todos membros efetivos desta associação de âmbito nacional, que a esta subscrevem, com base no artigo 138, *caput*, do CPC - Código de Processo Civil, peticionar a sua admissão como

AMICUS CURIAE

No Agravo em Recurso Extraordinário Fundamental n. 1.249.095, proposto pelo **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL** em face de **UNIÃO**, por meio do qual se postula a retirada de todos os símbolos religiosos expostos nas repartições públicas, alegando haver violação dos artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal, pelos fatos e razões a seguir detalhadamente expostos, requerendo, desde já, a apresentação de memoriais, participação em eventuais audiências públicas, produção de sustentação oral, nos termos permitidos pelo art. 7º, § 2º, da Lei 9.868/99.



I. SÍNTESE FÁTICA E PROCESSUAL

O Ministério Público Federal ajuizou Ação Civil Pública objetivando a condenação da União em obrigação de fazer consistente na retirada de todos os símbolos de qualquer religião ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público em prédios pertencentes à ré, no Estado de São Paulo.

Na exordial, argumentou-se que a simples exposição de tais símbolos religiosos fere a laicidade do Estado, a liberdade de crença, a isonomia, a impessoalidade da administração pública e a imparcialidade do judiciário. O pedido foi julgado improcedente pelo Juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo.

O Ministério Público Federal interpôs recurso de Apelação, questionando os termos da decisão. Nas contrarrazões, a União requereu o não provimento do Recurso.

A Quarta Turma do TRF da 3ª Região, analisando o pedido, negou provimento à Apelação. Nesta oportunidade, reconheceu que a presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro, mas reafirma a liberdade religiosa e o respeito a aspectos culturais da sociedade.

O Ministério Público Federal opôs Embargos de Declaração em face do acórdão retro, alegando não terem sido apreciados os fundamentos relativos aos artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, todos da Constituição Federal.

Os Embargos de Declaração foram rejeitados pela Quarta Turma, reconhecendo-se não haver omissão no acórdão. O intuito manifestado pelo MPF, na verdade, revelou-se como mera tentativa de rediscutir a matéria em sede de Embargos, segundo explicou a decisão: *“Diante do exposto, fica evidente que o que se busca é uma nova discussão de matérias já devidamente examinadas, o que não se admite através do recurso de embargos de declaração. Percebe-se que as alegações da embargante demonstram apenas insatisfação com o julgamento, não existindo omissão no aresto”*.

Insurgindo-se contra o teor do acórdão, o Ministério Público Federal interpôs Recurso Extraordinário, com alicerce no art. 102, inciso III, alínea "a", da Constituição Federal, aduzindo haver violação aos artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal.



Contudo, o Recurso Extraordinário não foi admitido pela Vice-Presidência do Tribunal Regional Federal da 3ª Região. A decisão expôs que o acórdão está em conformidade com o entendimento consolidado do STF, segundo o qual “*para simples reexame de prova não cabe recurso extraordinário*” (Súmula 279, STF). A referida orientação jurisprudencial é pacífica e, nesses casos, há entendimento sumulado de que “*não se conhece do recurso extraordinário fundado em divergência jurisprudencial, quando a orientação do plenário do Supremo Tribunal Federal já se firmou no mesmo sentido da decisão recorrida*” (Súmula 286, STF). Assim, por entender que a pretensão recursal desafiou o entendimento cristalizado na Súmula 279, do STF, ante a necessidade de inescapável reexame do arcabouço fático-probatório dos autos, o Recurso foi inadmitido.

O Ministério Público Federal interpôs Agravo em Recurso Extraordinário face à decisão retro. Nesta oportunidade, alegou não haver entendimento consolidado do STF sobre o tema, bem como tratar tal Recurso de matéria de direito, não havendo reexame de provas. Assim, postulou que o Recurso Extraordinário seja conhecido e provido pelo Supremo Tribunal Federal.

Vislumbrando a pertinência temática e em atenção à sua missão estatutária de proteção das liberdades civis e fundamentais, a ANAJURE pleiteia o ingresso no presente ARE na condição de *amicus curiae*.

2. PREVISÃO LEGAL E REQUISITOS PARA ADMISSÃO COMO AMICUS CURIAE

O Código de Processo Civil, em seu art. 138, prevê a possibilidade de intervenção de terceiros na qualidade de *Amici Curiae*, mediante o preenchimento de requisitos atinentes à relevância da matéria e à representatividade dos postulantes.

2.1 PREVISÃO LEGAL

Em solo pátrio a figura do *Amicus Curiae* é relativamente recente, contudo não houve óbice à previsão do modelo jurídico em diversas leis esparsas dentro do ordenamento brasileiro ao longo do tempo, a exemplo da Lei n. 9.868/99.



A legitimidade para intervir é verificada mediante análise do disposto no art. 138 do CPC. Dispõe referido artigo, *litteris*:

Art. 138. O juiz ou o relator, considerando a relevância da matéria, a especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia, poderá, por decisão irrecorrível, de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com representatividade adequada, no prazo de 15 (quinze) dias de sua intimação.

Tem-se por certo que o objetivo da intervenção deste terceiro especial é proporcionar a participação efetiva dos mais diversos setores da sociedade, devidamente representados, no centro dos debates travados na Suprema Corte de Constitucionalidade. Excede, portanto, o rol dos ungidos no art. 103 de nossa Carta Constitucional.

Em relação à atuação do *Amicus Curiae*, o art. 131, § 3º, do Regimento Interno do STF permite, inclusive, a sustentação oral daqueles que na qualidade de terceiro interveniente ingressem no processo, para fins de auxílio no *decisum*:

Art. 131 (...) (...) “§ 3º Admitida a intervenção de terceiros no processo de controle concentrado de constitucionalidade, fica-lhes facultado produzir sustentação oral, aplicando-se, quando for o caso, a regra do § 2º do artigo 132 deste Regimento.”

Essa previsão é consolidada no âmbito da jurisprudência do STF, como se pode ver no julgamento da ADI n. 2.777/SP, em que se definiu que os *Amici Curiae* podem se manifestar nos processos para além dos memoriais e demais petições, chegando à realização de sustentação oral.

Por derradeiro, a Requerente manifesta que carreará aos autos novas discussões acerca do tema, com o fito de enriquecer o debate, e que precisam ser levados em consideração na deliberação da Corte quanto à procedência ou improcedência desta ação.

Desse modo, tendo em vista o preenchimento dos requisitos legais e dos pressupostos Jurisprudenciais, faz-se imprescindível o conhecimento da petição de habilitação ao processo, bem como concessão de prazo para apresentação dos memoriais na forma da Lei.



2.2 DA LEGITIMIDADE E REPRESENTATIVIDADE DA ANAJURE

A ANAJURE (Associação Nacional de Juristas Evangélicos) é uma entidade civil com fins não econômicos que congrega advogados, juízes, desembargadores, promotores, procuradores, acadêmicos e bacharéis em direito, tendo seu lançamento institucional sido realizado no Auditório Freitas Nobre da Câmara dos Deputados, em Brasília/DF, em novembro de 2012.

A ANAJURE tem como missão institucional primordial a defesa das liberdades civis fundamentais – em especial a liberdade religiosa e de expressão – e a promoção dos deveres e direitos humanos fundamentais – em especial o princípio da dignidade da pessoa humana (art. 3º, Estatuto). Dentre os objetivos institucionais (art. 4º, Estatuto), destacam-se:

“(...) b) constituir-se como uma entidade de auxílio e defesa administrativa e jurisdicional das igrejas e denominações evangélicas, em especial, nos casos de violação dos direitos fundamentais de liberdade religiosa e de expressão; c) constituir-se como um fórum nacional de discussão sobre o ordenamento jurídico brasileiro, sobre os projetos de lei em tramitação, sobre as propostas de políticas públicas governamentais, especialmente no que diz respeito aos deveres e direitos humanos fundamentais; d) constituir-se como uma entidade promotora de programas, projetos, atividades e ações que visem ao amparo dos chamados grupos vulneráveis, seja no Brasil, seja no mundo, como é o caso do programa de apoio aos refugiados por perseguição de qualquer natureza”.

A entidade tem atualmente cerca de 800 associados, com representação estadual funcionando em 24 Unidades da Federação: Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Cumprindo com seus objetivos institucionais – art. 4º, alínea “b”, anteriormente citado – tem parceria institucional e representa perante o Poder Público, em matérias concernentes às liberdades civis fundamentais, em especial, a Liberdade Religiosa, as denominações evangélicas chamadas de “Igrejas Históricas”, quais sejam: Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Metodista, Aliança das Igrejas Congregacionais do Brasil, Igreja Batista Independente, Convenção Batista Nacional, Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Convenção Batista Brasileira e Igreja Adventista.

Outrossim, ainda a título de representatividade, no cenário internacional a ANAJURE é membro pleno da *Religious Liberty Partnership – RLP*, membro fundador da





Federación Inter-americana de Juristas Cristianos – FIAJC, e uma das entidades fomentadoras do *International Panel of Parliamentarians for Freedom of Religion or Belief – IPPFRB*, uma coalizão internacional de parlamentares em prol da liberdade religiosa do mundo – lançada em novembro de 2014 no Nobel Palace Center, em Oslo – Noruega.

Além disso, a ANAJURE tem várias parcerias internacionais com entidades que trabalham com direitos humanos fundamentais, em especial, a liberdade religiosa, tais como: *Alliance Defending Freedom*, *Christian Solidarity Worldwide – CSW*, *Middle East Concern*, *Advocates International*, *Open Doors International*, *Stefanus Alliance*.

No prisma acadêmico, cumprindo também seus objetivos institucionais e visando à construção de debates sobre as liberdades civis fundamentais, em especial, a Liberdade Religiosa e de Expressão, a ANAJURE:

1. Organiza anualmente o ENAJURE (Encontro Nacional de Juristas Evangélicos), sendo o que o primeiro foi realizado em Campina Grande/PB (2013), o segundo em Cuiabá/MT (2014), o terceiro em Anapólis/GO (2016), o quarto em Niterói/RJ (2017), o quinto em Porto Alegre/RS (2018), o sexto em Belém/PA (2019), e o sétimo a se realizar em Curitiba/PR;
2. Promove anualmente, desde 2014, o Congresso Internacional sobre Liberdades Cíveis Fundamentais no Superior Tribunal de Justiça em Brasília, em parceria com a Universidade Presbiteriana Mackenzie, tendo sido realizada a sexta edição no último 08 de maio de 2019. O Congresso recebeu, ao longo de suas edições, renomados juristas nacionais e internacionais, como o Doutor Jorge Miranda, da Universidade de Lisboa, Doutora Nazila Ghanea, da Universidade de Oxford, Doutor Thomas Schirrmacher, do International Institute for Religious Freedom, Doutor Mário Reis Marques, da Universidade de Coimbra e o Doutor Javier Martinez-Torrón, da Universidade Complutense de Madrid.
3. Organiza a Pós-graduação Internacional Lato Sensu em Estado Constitucional e Liberdade Religiosa, em cooperação com a Universidade Presbiteriana Mackenzie; e a Pós-Graduação Internacional Lato Sensu em Direitos Humanos Fundamentais, em cooperação com a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), com módulos presenciais em São Paulo, Coimbra e Oxford.
4. Publicou os livros “O Direito de Liberdade Religiosa no Brasil e no Mundo” e “Em Defesa da Liberdade de Religião ou Crença”, com a contribuição de renomados



juristas especialistas que há muito militam na área de liberdade religiosa a nível nacional e internacional. <http://www.anajure.org.br/livro/#organizadores>.

5. Possui convênios internacionais de cooperação acadêmica com renomados institutos e centros de pesquisa, como o Regent's Park College da Universidade de Oxford (Reino Unido), International Institute for Religious Freedom (Bonn, Brussels, Cape Town), Globethics.net (Suíça), Ratio Legis da Universidade Autónoma de Lisboa.
6. Criação da Revista Brasileira de Direito e Religião (ReBraDiR), com a finalidade de divulgar artigos científicos, disseminar conteúdo de qualidade e instigar o pensamento crítico nacional e internacional¹.

Ainda, a ANAJURE também representa diversas entidades relacionadas ao ensino confessional, sendo elas a **Associação Internacional de Escolas Cristãs – ACSI – Brasil**, a **Associação Brasileira de Instituições de Ensino Evangélicas – ABIEE**, a **Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios – AECEP** e a **Associação Nacional de Escolas Batistas – ANEB**, **Associação Nacional de Escolas Presbiterianas – ANEP**, **Associação Nacional de Entidades Adventistas de Educação**.

Além disso, recentemente, a ANAJURE realizou os seguintes eventos e ações para a promoção e defesa das chamadas Liberdades Cívicas Fundamentais:

1. Escola Judicial do TRT da 1ª Região no RJ promove painel de debates sobre herança dos 500 Anos da Reforma Protestante com participação do presidente da ANAJURE. <https://www.anajure.org.br/escola-judicial-do-trt-da-1a-regiao-no-rj-promove-painel-de-debates-sobre-heranca-dos-500-anos-da-reforma-protestante-com-participacao-do-presidente-da-anajure/>
2. Nota Pública sobre a PEC 181/2015 e a Proposta de Definir a Concepção como Início da Vida. <https://www.anajure.org.br/nota-publica-sobre-a-pec-1812015-e-a-proposta-de-definir-a-concepcao-como-inicio-da-vida/>
3. ANAJURE e FPMRAH emitem Nota Pública sobre atentados do Estado Islâmico no Egito <https://www.anajure.org.br/nota-publica-sobre-atentados-do-estado-islamico-no-egito/>

¹ <https://anajure.org.br/anajure-abre-submissao-de-artigos-cientificos-no-lancamento-da-revista-brasileira-de-direito-e-religiao-rebradir/>



4. Parlamentares do IPPFoRB realizam consulta regional no RJ e se unem a juristas da FIAJC, ADVOCATES e ANAJURE durante solenidade na Câmara Municipal de Niterói. <https://www.anajure.org.br/relatorio-anual-da-anajure/>
5. ANAJURE protocola no STF Nota Pública sobre Ação Direta de Inconstitucionalidade n. 4275, acerca da alteração dos registros públicos para inclusão de nome social e modificação no sexo civil de transexuais. <https://www.anajure.org.br/nota-publica-sobre-acao-direta-de-inconstitucionalidade-n-4275/>
6. ANAJURE, AMTB e CONPLEI lançam em primeira mão Cartilha dos direitos indígenas durante CBM. <https://www.anajure.org.br/anajure-amtb-e-conplei-lancam-cartilha-dos-direitos-indigenas-durante-cbm/>
7. Nota Pública sobre o julgamento da ADI 3239 pelo STF, que trata sobre a demarcação de terras quilombolas. <https://www.anajure.org.br/15704-2/>
8. Com entrada franca, PAD leva palestra sobre “desafios jurídicos da organização religiosa no Brasil” para Manaus. <https://www.anajure.org.br/com-entrada-franca-pad-leva-palestra-sobre-desafios-juridicos-da-organizacao-religiosa-no-brasil-para-manaus/>
9. ANAJURE visita embaixada do Myanmar no Brasil e discute sobre acusações internacionais de genocídio. <https://www.anajure.org.br/anajure-visita-embaixada-do-myanmar-no-brasil-e-discute-sobre-acusacoes-internacionais-de-genocidio/>
10. ANAJURE e Aliança Evangélica Pró-Quilombolas do Brasil formalizam parceria institucional, para promoção de atividades em prol dos direitos dos povos quilombolas brasileiros. <https://www.anajure.org.br/anajure-e-alianca-evangelica-pro-quilombolas-do-brasil-formalizam-parceria-institucional-para-promocao-de-atividades-em-prol-dos-direitos-dos-povos-quilombolas-brasileiros/>
11. Nota Pública sobre a decisão judicial liminar que tratou da Resolução n. 01/99 do Conselho Federal de Psicologia. <https://www.anajure.org.br/nota-publica-sobre-a-decisao-judicial-liminar-que-tratou-da-resolucao-n-0199-do-conselho-federal-de-psicologia/>
12. Presidente da ANAJURE ministra palestra no Segundo Fórum anual de Economia, Diplomacia e Integridade (EDI), na Costa Rica. <https://www.anajure.org.br/presidente-da-fiajc-ministrara-palestras-em-evento-na-costa-rica/>



13. Presidente da ANAJURE fala sobre liberdade religiosa em conferência nacional no Chile, na Universidade SEK, a convite da ADVOCATES Chile, bem como no Congresso Nacional chileno, precisamente na Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos deputados do Chile, onde falou sobre casos de violação do direito de liberdade religiosa. <https://www.anajure.org.br/presidente-da-fiajc-fala-sobre-liberdade-religiosa-no-congresso-nacional-chileno-e-na-universidade-sek-a-convite-da-advocates-chile/>
14. Liberdade religiosa em pauta com participação da ANAJURE no II Encontro de Acadêmicos Cristãos da UEPB. <https://www.anajure.org.br/liberdade-religiosa-em-pauta-com-participacao-da-anajure-no-ii-encontro-de-academicos-cristaos-da-uepb/>
15. ANAJURE coordena ações para aprovação de Resolução sobre Liberdade Religiosa nas Américas durante XLVII Assembleia Geral da OEA. <https://www.anajure.org.br/anajure-coordena-acoes-para-aprovacao-de-resolucao-sobre-liberdade-religiosa-nas-americas-durante-xxvii-assembleia-geral-da-oea/>
16. Secretário Executivo do ANAJURE Refugees participa de programa do *Global Refugee Sponsorship* no Canadá. <https://www.anajure.org.br/anajure-participa-de-programa-do-global-refugee-sponsorship-no-canada/>
17. 6ª edição do “Congresso Internacional sobre Liberdades Cívicas Fundamentais – Liberdade Religiosa, Liberdade de Expressão e Objeção de Consciência” é realizado em maio de 2019, no Auditório do Superior Tribunal de Justiça. <https://www.anajure.org.br/anajure-congresso-internacional-liberdades-civis-fundamentais-frente-parlamentar-mista-liberdade-religiosa-refugiados-ajuda-humanitaria/>
18. Em defesa da vida, ANAJURE peticiona ao STF para entrar como *amicus curiae* na ADPF 442. <https://www.anajure.org.br/em-defesa-da-vida-anajure-peticiona-ao-stf-para-entrar-como-amicus-curiae-na-adpf-442/>
19. ANAJURE sediou consulta Anual da RLP sobre liberdade religiosa durante os dias 03 a 06 de abril de 2017. <https://www.anajure.org.br/celebrando-a-unidade-rlp-encerra-consulta-anual-no-brasil/>





20. ANAJURE participa de consulta anual de 2018 da RLP: <https://www.anajure.org.br/religious-liberty-partnership-inicia-consulta-anual-nos-estados-unidos/>
21. *Religious Liberty Partnership* – RLP é recebida pelo Ministro das Relações Exteriores do Brasil e realiza seminário sobre liberdade religiosa no Senado Federal, com a participação da ANAJURE, membro desde 2013. <https://www.anajure.org.br/com-agenda-no-brasil-ate-quinta-feira-rlp-e-recebida-pelo-ministro-das-relacoes-exterores-do-brasil-e-realiza-seminario-sobre-liberdade-religiosa-no-senado-federal/>
22. Em dia histórico, ANAJURE assina termo de cooperação com a Organização dos Estados Americanos. <https://www.anajure.org.br/anajure-assina-termo-de-cooperacao-com-a-oea/>
23. ANAJURE obtém registro como Organização da Sociedade Civil na Organização dos Estados Americanos: <https://www.anajure.org.br/anajure-obtem-registro-como-organizacao-da-sociedade-civil-na-organizacao-dos-estados-americanos-oea/>
24. ANAJURE participa da 49ª Assembleia Geral da OEA como Organização da Sociedade Civil registrada: <https://www.anajure.org.br/anajure-participa-da-49-assembleia-geral-da-oea-como-organizacao-da-sociedade-civil-registrada/>
25. No Peru, ANAJURE participa de Consulta sobre o Plano Estratégico da CIDH-OEA (2017-2020) e apresenta propostas em defesa da Liberdade Religiosa. <https://www.anajure.org.br/anajure-participa-de-consulta-da-cidh/>
26. Promovido pela ANAJURE junto ao FCL Law, “Coimbra & Oxford Advanced Studies Program – Liberdades Cíveis Fundamentais: Liberdade Religiosa, Liberdade de Expressão e Objeção de Consciência” <https://www.anajure.org.br/nao-se-pode-falar-de-igualdade-e-de-liberdade-se-nao-houver-protecao-e-promocao-da-liberdade-de-religiao/>
27. ANAJURE emite Nota Pública sobre caso de violência em contexto religioso na Nicarágua. <https://www.anajure.org.br/anajure-emite-nota-publica-sobre-caso-de-violencia-em-contexto-religioso-na-nicaragua/>
28. Representando a FIAJC, presidente da ANAJURE viaja para Bolívia onde participa de conferência sobre liberdade religiosa e segue para agenda na OEA.



<https://www.anajure.org.br/representando-a-fiajc-presidente-da-anajure-viaja-parabolivia-onde-participa-de-conferencia-e-segue-para-agenda-na-oea/>

29. ANAJURE participa de consulta sobre fé, corrupção e desenvolvimento promovido pelo Centro de Oxford para Estudos Missiológicos. A consulta aconteceu entre os dias 19 a 21 de setembro de 2016.
<https://www.anajure.org.br/anajure-participa-de-consulta-sobre-fecorrupcao-e-desenvolvimento-promovido-pelo-centro-de-oxford-para-estudosmissiologicos/>
30. Presidente da ANAJURE é convidado para falar sobre Liberdade Religiosa na América Latina em Conferência Internacional a convite do Departamento de Estado dos EUA. Evento aconteceu dia 05 de maio de 2016.
<https://www.anajure.org.br/presidente-da-anajure-econvidado-para-falar-sobre-liberdade-religiosa-na-america-latina-em-conferenciainternacional-a-convite-do-departamento-de-estado-dos-eua/>
31. Pelo segundo ano consecutivo, ANAJURE é convidada a participar da Reunião Ministerial para o Avanço da Liberdade Religiosa, organizada pelo Departamento de Estado dos EUA: <https://www.anajure.org.br/pelo-segundo-ano-consecutivo-anajure-e-convidada-a-participar-da-reuniao-ministerial-para-o-avanco-da-liberdade-religiosa-organizada-pelo-departamento-de-estado-dos-eua/>
32. Durante os dias 20 e 21 de abril de 2016, presidente da ANAJURE, viaja a Santiago onde lança em nome da FIAJC nova associação de juristas durante programação sobre Liberdade Religiosa: eventos ocorreram em universidade e no Congresso Nacional. <https://www.anajure.org.br/fiajc-lanca-nova-associacao-de-juristas-no-chiledurante-programacao-sobre-liberdade-religiosa-eventos-ocorrerao-em-universidade-e-nocongresso-nacional/>
33. Presidente da ANAJURE fala sobre liberdade religiosa no Congresso Nacional mexicano e trabalha pela consolidação das metas da FIAJC no país. Agenda aconteceu entre os dias 15 a 18 de novembro de 2015.
<https://www.anajure.org.br/presidente-da-anajure-fala-sobreliberdade-religiosa-no-congresso-nacional-mexicano-e-trabalha-ela-consolidacao-dasmetas-da-fiajc-no-pais/>
34. Pela segunda vez, ANAJURE participa de Simpósio Anual Internacional da BYU nos Estados Unidos sobre liberdade religiosa durante os dias 04 a 06 de outubro de 2015. <https://www.anajure.org.br/pela-segunda-vez-anajure-participa-de->



[simposio-anualinternacional-da-byu-nos-estados-unidos-sobre-liberdade-religiosa/](#)

35. Dia 30 de setembro de 2015, no Plenário 14 da Câmara dos Deputados, aconteceu a primeira Audiência Pública sobre o Estatuto Jurídico da Liberdade Religiosa no Brasil. O evento foi uma realização da Comissão Especial do Estatuto Jurídico da Liberdade Religiosa junto à ANAJURE. <https://www.anajure.org.br/no-proximo-dia-30-ocorrera-em-brasilia-a-1audiencia-publica-sobre-o-estatuto-juridico-da-liberdade-religiosa-no-brasil/>
36. ANAJURE realiza encontro entre lideranças políticas e religiosas para apoiar PL 1219/2015, que cria o Estatuto Jurídico da Liberdade Religiosa no Brasil. <https://www.anajure.org.br/anajure-realiza-encontro-entre-liderancas-politicas-ereligiosas-para-apoiar-pl-12192015-que-cria-o-estatuto-juridico-da-liberdade-religiosa-nobrasil/>
37. ANAJURE apresenta trabalho sobre como a violência simbólica afeta a liberdade religiosa no Brasil durante conferência na Universidade de Cambridge. <https://www.anajure.org.br/anajure-apresenta-trabalho-sobre-como-a-violenciasimbolica-afeta-a-liberdade-religiosa-no-brasil-durante-conferencia-na-universidade-decambridge/>
38. Em Washington D.C., Presidente da ANAJURE participa de terceiro encontro de Grupo internacional de parlamentares que trabalham pela liberdade religiosa no mundo. <https://www.anajure.org.br/em-washington-d-c-presidente-da-anajure-participa-deterceiro-encontro-de-grupo-internacional-de-parlamentares-que-trabalham-pela-liberdadereligiosa-no-mundo/>
39. Frente Parlamentar da Liberdade Religiosa, Refugiados e Ajuda Humanitária é reativada no Congresso Nacional, tendo a ANAJURE como membro fundador especial: <https://www.anajure.org.br/urgente-frente-parlamentar-da-liberdade-religiosa-refugiados-e-ajuda-humanitaria-e-reativada-no-congresso-nacional-tendo-a-anajure-como-membro-fundador-especial/>
40. ANAJURE dá orientações sobre Liberdade Religiosa no contexto dos povos indígenas brasileiros durante o CONPLEI Jovem. O evento aconteceu em Miranda (MS) de 13 a 16 de novembro de 2014. <http://www.anajure.org.br/anajure-da-orientacoes-sobre-liberdade-religiosa-nocontexto-dos-povos-indigenas-brasileiros-durante-o-conplei-jovem/>



É mister mencionar que cerca de 42 milhões de pessoas da população brasileira são evangélicas, segundo censo demográfico de 2010 realizado pelo IBGE, perfazendo, à época, aproximadamente 23% dos brasileiros. Em 2016, este número, segundo o Data Folha, chegou próximo aos 30%, ultrapassando, assim, a casa dos 50 milhões de brasileiros.

A ANAJURE, Associação Nacional dos Juristas Evangélicos, agrega em suas fileiras juristas de todas as grandes denominações evangélicas presentes no Brasil, tais como: luteranos, batistas, congregacionais, presbiterianos, assembleianos, pentecostais e neopentecostais, sendo porta-voz dessas em muitas situações, como, a título de exemplo, no apoio ao Projeto de Lei 1219/2015 (Estatuto da Liberdade Religiosa) e nas discussões que envolveram a aprovação da Base Nacional Comum Curricular.

Destarte, sendo a ANAJURE uma entidade que defende a proteção das liberdades civis fundamentais, bem como a ampla e irrestrita salvaguarda dos princípios constitucionais do Estado Democrático de Direito, reputa por legítima sua admissão como *Amicus Curiae*.

2.3 DA RELEVÂNCIA TEMÁTICA

No plano objetivo, o art. 138, *caput*, determina que seja considerada “a relevância da matéria, a especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia (...)” como requisitos à admissão do amigo da corte.

Neste caso, a relevância temática baseia-se no fato de que a matéria em comento se relaciona com as liberdades civis fundamentais, em especial, a liberdade religiosa e a laicidade estatal, área de atuação técnica da ANAJURE. Discute-se, no mérito da ação, que a exposição de símbolos religiosos nas repartições públicas contraria os artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal.

Assim, resta evidenciada a necessidade de se discutir, no presente ARE, alguns aspectos referentes à liberdade religiosa e à laicidade, sendo a ANAJURE um importante interlocutor nessa temática.

Notadamente em virtude de representar as instituições acima mencionadas, a ANAJURE atua ativamente na produção de materiais acadêmicos e técnicos, organização de eventos nacionais e internacionais, bem como emite opiniões públicas e pareceres sobre as diversas discussões jurídicas que envolvem as liberdades civis fundamentais.



Com efeito, atinente ao tema em vergaste, veja-se algumas atividades por ela desempenhadas:

1. Nota Pública sobre decisão do TJ/SP que determinou a retirada de inscrições bíblicas e de monumento em Praia Grande/SP: <https://www.anajure.org.br/anajure-emite-nota-publica-sobre-decisao-do-tjsp-que-determinou-a-retirada-de-inscricoes-biblicas-de-monumento-em-praia-grande/>;
2. Nota Pública sobre a participação de Grupos Religiosos no Processo Eleitoral: <https://www.anajure.org.br/anajure-emite-nota-publica-sobre-a-participacao-de-grupos-religiosos-no-processo-eleitoral/>;
3. Edição do livro “Em defesa da liberdade de religião ou crença”: <https://www.anajure.org.br/anajure-publicacoes-lanca-seu-mais-novo-livro-em-defesa-da-liberdade-de-religiao-ou-crenca/>;
4. Elaboração de Carta de Teses e Princípios aos presidencialistas (Eleições 2018): <https://www.anajure.org.br/anajure-emite-carta-de-teses-e-principios-aos-presidenciais-eleicoes-2018/>;
5. Nota Pública sobre a Lei 13.868/19 que altera a LDB e reestrutura a natureza jurídica das escolas confessionais: <https://www.anajure.org.br/anajure-emite-nota-publica-sobre-a-lei-13-868-19-que-altera-a-ldb-e-reestrutura-a-natureza-juridica-das-escolas-confessionais/>;
6. Admissão, na condição de Amicus Curiae, na ADO 26², ADI 4.439³, ADI 5256⁴, ADI 5537⁵, ADPF 460⁶, ADPF 465, ADPF 467, ADPF 522, ADPF 618⁷, RE 611874⁸;
7. Nota Pública sobre o julgamento da ADI 4439, referente ao ensino religioso em escolas públicas de ensino fundamental: <https://www.anajure.org.br/nota-publica-sobre-o-julgamento-da-adi-4439-pelo-stf-que-trata-do-ensino-religioso-em-escolas-publicas-de-ensino-fundamental/>;

² Criminalização da homotransfobia.

³ Relativa ao ensino religioso nas escolas públicas.

⁴ Manutenção de Bíblia nas escolas públicas do MS.

⁵ Discute o programa “Escola Livre”.

⁶ ADPF 460, 465, 467 E 522: gênero nas escolas.

⁷ Resoluções que impedem a recusa de transfusão de sangue.

⁸ Candidato adventista aprovado em fase teórica com prova prática agendada para sábado.



8. Realização de sustentação oral durante o julgamento conjunto da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão n. 26 e do Mandado de Injunção n. 4733, referente a criminalização da homotransfobia: <https://www.anajure.org.br/anajure-sustentacao-oral-julgamento-ado-26-e-mi-4733-supremo-tribunal-federal/>;

No julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade n. 1.157-MC, DJ 17.11.2006, o eminente Ministro Celso de Mello ressaltou que “*o requisito da pertinência temática (...) se traduz na relação de congruência que necessariamente deve existir entre os objetivos estatutários ou as finalidades institucionais da entidade autora e o conteúdo material da norma questionada em sede de controle abstrato*”.

Pelos fatos e razões expostas acima, resta demonstrada a congruência entre os objetivos estatutários e finalidades institucionais da ANAJURE e o discussão referente à presença dos símbolos religiosos em locais públicos, de modo que se preenche, portanto, o requisito da pertinência temática para admissão da ANAJURE como *Amicus Curiae* no presente caso.

3. DO MÉRITO

3.1. DA LAICIDADE ESTATAL

O princípio da laicidade estatal está previsto na Carta Magna brasileira, no art. 19, inciso I, segundo o qual veda-se aos entes federativos estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.

O Estado laico é aquele em que não há uma religião ou entidade religiosa oficial (aconfessionalidade estatal), e onde se garante às organizações religiosas uma não interferência do Estado em sua criação e funcionamento. Em resumo, a laicidade ocorre quando há separação entre Igreja e Estado.

Essa separação, contudo, não significa uma inimizade com a fé nem importa na exclusão da religiosidade da esfera pública. Em alguns países, no entanto, a tendência de confinamento da religiosidade ao âmbito da vida privada tem se confundido com a própria laicidade. No Brasil, por sua vez, a visão constitucional de Estado Laico não se



coaduna com esse formato de privatização da fé. Aloisio Cristovam dos Santos Júnior⁹, ao analisar a construção da laicidade no Brasil, assinala que o nosso ordenamento “*adotou uma neutralidade benevolente, tendente a obsequiar o fenômeno religioso e não a expurgá-lo por completo do espaço público*”.

Na mesma linha, o Informativo n. 875, do STF¹⁰, distinguiu a laicidade do laicismo, dispondo que:

O princípio da laicidade não se confunde com laicismo. Explicou que o referido princípio veda que o Estado assuma como válida apenas uma crença religiosa ou uma determinada concepção de vida em relação à fé. O pluralismo de uma sociedade democrática exige de todos os cidadãos processos complementares de aprendizado a partir da diferença. Isso implica reconhecer que a própria noção de neutralidade do Estado, como expectativa normativa de um princípio da laicidade, é, ela própria, sujeita ao diálogo, ao debate e ao aprendizado.

Assim, em nosso país, consagra-se, na Constituição da República, a liberdade religiosa como direito fundamental, nos termos do art. 5º, VI: “*é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias*”. A laicidade em vigor não pretende suprimir as manifestações religiosas, mas, na verdade, preservá-las. Por isso, protege a liberdade de consciência e de crença, os locais de cultos e as liturgias. O nosso ordenamento ainda permite a colaboração de interesse público entre igrejas e o Estado, bem como assegura a objeção de consciência e a imunidade de templos religiosos. Tais exemplos demonstram que há muitas formas constitucionais de interação entre religião e política das quais não decorrem ingerências, afastando-se, assim, perspectivas que constroem muros de separação entre os dois âmbitos.

Compreende-se, portanto, que, no âmbito da laicidade, não se veda o diálogo entre fé e esfera pública. Por força do disposto no art. 19, inciso I, da CF/88, o que se proíbe é o estabelecimento de culto religioso ou de embaraços ao seu funcionamento por parte do Estado. No caso em tela, temos que **a manutenção de crucifixos nas repartições públicas não configura a promoção de culto religioso nem embaraço à sua realização.**

⁹ SANTOS JUNIOR, Aloisio Cristovam dos. A laicidade estatal no direito constitucional brasileiro. Disponível em: < <https://sylviomiceli.wordpress.com/2008/05/04/a-laicidade-estatal-no-direito-constitucional-brasileiro/>>. Acesso em: 28 ago. 2018

¹⁰ ADI 4439/DF, rel. Min. Roberto Barroso, julgamento em 30 e 31.8.2017. (ADI-4439). Disponível em: <http://www.stf.jus.br/arquivo/informativo/documento/informativo875.htm>.

Ademais, a mera exposição do símbolo religioso não significa um favorecimento do Poder Público aos adeptos de uma confissão. Embora assim alegue, **o Autor falha em estabelecer o nexo entre a presença do símbolo nas repartições e o dano que disso decorreria aos cidadãos que professam outras crenças ou mesmo à imparcialidade da Administração Pública.** Nas alegações da parte autora não há, em nenhum momento, indicação de situações concretas nas quais cidadãos foram beneficiados ou discriminados pelo Poder Público em função do símbolo ostentado. Também não demonstra a existência de decisões ou de atos públicos que tenham privilegiado a religião cujos símbolos têm sido expostos nos prédios governamentais.

Nesse diapasão, o **Conselho Nacional de Justiça decidiu, em 2016, que os símbolos religiosos nas repartições públicas não ferem a laicidade do Estado**, conforme trecho abaixo transcrito:

Diante dos fundamentos acima expostos, verifica-se que a presença de Crucifixo ou símbolos religiosos em um tribunal não exclui ou diminui a garantia dos que praticam outras crenças, também não afeta o Estado laico, porque não induz nenhum indivíduo a adotar qualquer tipo de religião, como também não fere o direito de quem quer seja. Assim, entendendo que os símbolos religiosos podem compor as salas do Poder Judiciário, sem ferir a liberdade religiosa, e que não se pode impor a sua retirada de todos os tribunais, indiscriminadamente¹¹.

Defendemos, portanto, que este Egrégio Tribunal deve manter a *ratio* e o entendimento adotados pelo Conselho Nacional de Justiça.

Acrescente-se, ainda, que a fixação de tais símbolos não gera ofensa ao princípio da impessoalidade da Administração Pública, o qual diz respeito *inter alia* a não promoção de autoridades ou servidores em publicidades, conforme art. 37, § 1º, da Constituição Federal/1988:

§ 1º A publicidade dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos deverá ter caráter educativo, informativo ou de orientação social, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos.

Os símbolos religiosos não se vinculam a uma única pessoa, representando, na verdade, aspecto histórico-cultural da população brasileira, de modo que não podem ser tidos como uma ofensa ao princípio da impessoalidade, visto que não caracterizam promoção pessoal de autoridades ou de servidores públicos.

¹¹ Pedido de Providências n. 0000620-85.2013.2.00.0000, jun./2016, Rel. Conselheiro Emmanoel Campelo.



Pelo exposto, compreende-se que a exposição de símbolos religiosos em locais públicos não importa em afronta à laicidade ou ao princípio da impessoalidade, sendo, na verdade, condizente com os ideários constitucionais de pluralismo, tolerância e de proteção à cultura, o que desenvolveremos no tópico a seguir.

3.2. MANUTENÇÃO DOS SÍMBOLOS RELIGIOSOS COMO FORMA DE PROTEÇÃO À HISTÓRIA E CULTURA NACIONAIS

Para muitos indivíduos, a religião é o aspecto mais importante da vida, compondo sua identidade, direcionando sua compreensão da realidade e orientando todos os seus pontos de vista.

A adoção de uma determinada religião pelos cidadãos, inevitavelmente, provoca reflexos na cultura, algo bastante perceptível no contexto brasileiro. A influência pode ser notada a partir da observação de alguns elementos característicos, como os feriados existentes em nosso país; as reuniões comemorativas que se estabelecem nas datas de cunho religioso; o forte apelo das festas populares com raízes inegavelmente religiosas¹²; a linguagem e as expressões carregadas de sentimento religioso; e, ainda, a própria rotina do brasileiro, que, comumente, escolhe um dia da semana para manifestar sua espiritualidade em comunidade.

Tais expressões culturais possuem nítidas raízes na religiosidade. Garanti-las representa um esforço para a manutenção da boa convivência entre os aderentes de diversos credos e para a preservação da identidade de um povo. Há, portanto, uma relação entre a salvaguarda da liberdade religiosa e a proteção da cultura de uma comunidade.

A respeito dessa relação entre cultura e religião, vale mencionar, também, alguns reflexos produzidos no âmbito normativo. A primeira Carta Magna brasileira, a Constituição Imperial de 1824, é outorgada por Dom Pedro Primeiro, “*por graça de Deus*”, nos termos do preâmbulo, e “*em nome da Santíssima Trindade*”. Constituições posteriores mantiveram menções religiosas, também em sede de preâmbulo, à “*confiança em Deus*” dos representantes do povo brasileiro¹³ e à promulgação “*sob a proteção de*

¹² Podemos citar como exemplos disso as festas juninas, que movimentam diversos municípios em termos econômicos, turísticos e culturais, e as festas dos padroeiros de determinadas localidades.

¹³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm



Deus”¹⁴. Diante de um país profundamente religioso, todos os constituintes foram compelidos a tratar de questões atinentes à espiritualidade no texto normativo. Assim, todas as Cartas, com exceção da Imperial de 1824 (que estabelecia o Catolicismo como religião oficial), previram a laicidade estatal em suas disposições. A religiosidade do brasileiro é dimensão que não se pode ignorar.

Antes de mais considerações, discorra-se sobre o conceito de cultura. Segundo documento produzido pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, esse termo pode ser tido como:

*(...) o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças*¹⁵.

Do conceito acima exposto, depreendemos que a crença religiosa não raramente é o elemento produtor e irradiador das manifestações culturais de uma sociedade.

A existência de uma tradição de tolerância e mesmo aceitação do uso de determinados símbolos religiosos ou de datas e feriados religiosos vinculados a uma orientação religiosa amplamente majoritária, não significa, per si, uma intervenção desproporcional no exercício de liberdade negativa e positiva de religião por parte das demais correntes¹⁶.

Tratando-se de expressão cultural dotada de origens religiosas, não há que se falar em promoção de uma crença em particular. Esse foi, inclusive, **o raciocínio adotado pela Corte Europeia de Direitos Humanos (CEDH) no caso Lautsi vs. Itália**¹⁷. A situação apreciada na ocasião se referia à petição de uma mãe que entendeu que seus filhos seriam prejudicados ao estudarem em uma escola onde, em

¹⁴

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm;
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm;
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

¹⁵ BRASIL. Diversidade religiosa e direitos humanos: reconhecer as diferenças, superar a intolerância, promover a diversidade. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/dilma-vana-rousseff/publicacoes/orgao-essenciais/secretaria-de-direitos-humanos/diversidade-religiosa-e-direitos-humanos-reconhecer-as-diferencas-superar-a-intolerancia-promover-a-diversidade/@@download/file/libro_diversidade.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2018

¹⁶ SARLET, Ingo. Liberdade religiosa e dever de neutralidade estatal na Constituição Federal de 1988. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2015-jul-10/direitos-fundamentais-liberdade-religiosa-dever-neutralidade-estatal-constituicao-federal-1988>. Acesso em: 28 ago. 2018.

¹⁷ ECHR, European Court of Human Rights. Case of Lautsi and other v. Italy. Disponível em: <http://hudoc.echr.coe.int/app/conversion/pdf/?library=ECHR&id=001-104040&filename=001-104040.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2018.



cada sala de aula, havia um crucifixo fixado na parede. A compreensão da requerente era a de que a presença do símbolo poderia representar uma influência religiosa indesejada.

A conclusão da Corte Europeia foi no sentido de que a mera presença dos crucifixos não implica na promoção de uma educação cristã, não representando, portanto, uma doutrinação. Além disso, apurou-se existir, na Itália, um ambiente propício à coexistência das religiões, algo exemplificado pela possibilidade de alunos utilizarem lenços islâmicos ou outros símbolos de conotação religiosa. Ainda na referida decisão, firmou-se o entendimento de que o lugar ocupado por uma religião na história e na tradição de um país deve ser considerado nas análises referentes a possíveis ofensas à liberdade religiosa.

Como visto, **a Corte Europeia destaca (i) a inexistência de ofensas à liberdade religiosa na manutenção de símbolos religiosos no espaço público e (ii) a necessidade de preservação dos aspectos culturais e históricos representados pelos símbolos religiosos.**

Nos Estados Unidos da América, ocorreu situação semelhante. A *American Humanist Association* questionou, judicialmente¹⁸, a manutenção de um monumento conhecido como “Cruz de Bladensburg”, que homenageia os soldados do Condado de Prince George mortos durante a Segunda Guerra Mundial, sob a alegação de ofensa à Establishment Clause, que veda ao Estado a adoção de uma religião oficial. O monumento está presente em uma área pública, em Maryland, mantida pelos cofres públicos. A associação autora aduzia que o Memorial deveria ser transferido para uma propriedade particular e mantido por recursos privados¹⁹.

A Suprema Corte analisou o caso e decidiu pela manutenção do monumento, compreendendo que a cruz, um símbolo nitidamente cristão, é também, neste contexto, um marco histórico e uma significativa homenagem aos veteranos que se sacrificaram pelo país, não representando ofensa à Constituição. Vejamos alguns trechos (destaques nossos):

“A cruz é indubitavelmente um símbolo cristão, mas esse fato não deve nos cegar para tudo o mais que a Cruz de Bladensburg veio a representar. Para alguns, o monumento é um lugar de descanso

¹⁸ *American Legion v. American Humanist Association*, 588 US __ (2019).

¹⁹ <https://www.conjur.com.br/2019-jun-22/suprema-corte-eua-decide-nao-separar-estado-igreja>

simbólico para os ancestrais que nunca voltaram para casa. Para outros, é um lugar onde a comunidade se reúne e homenageia todos os veteranos por seus sacrifícios pela nação. Ainda para outros, é um marco histórico. Para muitas dessas pessoas, destruir ou desfigurar a cruz, que permaneceu imperturbada por quase um século, não seria neutro e não iria promover os ideais de respeito e tolerância incorporados na Constituição”.

“A cruz se tornou um marco proeminente da comunidade e sua remoção ou alteração radical, nesse momento, seriam vistas por muitos como uma manifestação de hostilidade contra a religião, o que não tem lugar em nossas tradições da Cláusula do Estabelecimento”.

“Ao contrário das alegações dos demandados, não há prova de intenção discriminatória na seleção do design do memorial ou na decisão do órgão de Maryland de mantê-lo. A cláusula sobre a religião na Constituição objetiva promover a sociedade na qual as pessoas de todas as crenças vivem juntas em harmonia e a presença da Cruz de Bladensburg na terra onde ela está por muitos anos é totalmente consistente com esse objetivo”.²⁰

Além do simbolismo da Cruz de Bladensburg, a Corte destacou, também, a **inexistência de qualquer intuito discriminatório resultante da manutenção do símbolo**, aspecto que também deve ser considerado no presente debate.

Analisando a matéria, o CNJ, em 2007, decidiu de modo semelhante. No julgamento de quatro Pedidos de Providência (I.344, I.345, I.346 e I.362), a maioria dos membros do Conselho entendeu que o uso de símbolos religiosos em órgãos da Justiça não fere o princípio de laicidade do Estado. Sagrou-se vencedora a tese de que **o uso de tais símbolos constitui um traço cultural da sociedade brasileira e “em nada agridem a liberdade da sociedade, ao contrário, só a afirmam”**²¹.

A presença de símbolos religiosos nas repartições públicas não gera limitação ao exercício da liberdade religiosa de pessoas que sejam adeptas de outras crenças. Assim, a manutenção de um crucifixo em um Tribunal, por exemplo, não resulta em decisões que privilegiem apoiadores do Catolicismo. A título histórico, ressalte-se que a ostentação da cruz em solo brasileiro remete à primeira missa realizada no país, em 26 de abril de 1500²², representando, desde então, um símbolo cultural para o nosso povo, merecendo preservação.

²⁰ Ibid.

²¹ https://www.conjur.com.br/2007-mai-29/uso_simbolo_nao_fere_carater_laico_estado_cnj

²² <https://pt.aleteia.org/2016/04/26/26-de-abril-de-1500-e-celebrada-a-primeira-santa-missa-no-brasil/>; <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc25049917.htm>



Neste ponto, vale realçar a importância dada pelo Constituinte brasileiro à proteção da cultura. Dentre as competências dos entes federativos, temos a atribuição de proteger os bens de valor cultural (art. 23, III, CF/88) e de proporcionar os meios de acesso à cultura (art. 23, V, CF/88). A Carta Magna conferiu uma Seção inteira (Capítulo II, Seção III) ao tema da cultura, asseverando que o “Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização das manifestações culturais” (art. 215).

Depreendemos, então, que os direitos culturais são de especial valor para o texto constitucional, demandando ações do Poder Público para a sua proteção. **Tal tutela deve ser concedida às manifestações culturais de forma indiscriminada, sem que se estabeleça, por exemplo, que apenas as expressões despidas de religiosidade serão protegidas. Se assim o for, temos grave ofensa ao pluralismo** consagrado pelo art. 1º, inciso V, da CF/88. É o que ocorre no caso das demandas que exigem a retirada dos símbolos religiosos. As referidas pretensões têm como fundamento, unicamente, o fato de que tais símbolos possuem origem religiosa, como se, por isso, não merecessem proteção. Ressalte-se, conforme já aduzido nesta petição, a não adoção, em nosso país, do modelo laicista, de forma que o Estado laico brasileiro admite interações entre fé e política, havendo espaço para a presença de símbolos religiosos nas repartições públicas.

Desse modo, é imperioso que esta Suprema Corte declare que a exposição de símbolos religiosos na esfera pública não fere os artigos 3º, IV, artigo 5º, *caput* e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal, como aduz o Ministério Público Federal, pois, na verdade, a manutenção dos símbolos está em consonância com a liberdade religiosa, com a laicidade estatal e resulta na proteção da cultura brasileira e do pluralismo na esfera pública. Por outro lado, exigir a extirpação de símbolos religiosos reflete uma abordagem hostil, e não neutra, em relação à religião, o que é contrário ao próprio significado constitucional de laicidade.

Tais são as considerações para o momento, as quais serão acrescidas de outras discussões relevantes à matéria quando da ocasião de apresentação dos Memoriais.

4. DOS PEDIDOS

Por todo o exposto, a Associação Nacional dos Juristas Evangélicos – ANAJURE requer a Vossa Excelência, no âmbito do ARE n. 1.249.095:



- a. Seja a entidade habilitada na qualidade de *Amicus Curiae*;
- b. Apresentação de Memoriais, no prazo legal e regimental, e outras manifestações, como participação em audiências públicas para discussão do tema com a sociedade e entidades governamentais e civis e demais interessados;
- c. Participação na sessão de julgamento deste ARE, com sustentação oral em plenário.
- d. O não provimento deste Agravo, firmando-se o entendimento de que a presença de símbolos religiosos em locais públicos não representa violação da laicidade, da liberdade religiosa, da isonomia ou da impessoalidade da Administração Pública.

A Peticionária inclui, em anexo, Estatuto, Ata da Eleição e Termo de Posse da Diretoria que, na forma do seu Estatuto, fazem-se representar no presente pleito de *Amicus Curiae*.

Termos em que,

Pede deferimento.

Brasília-DF, 17 de junho de 2020.

Dr. Uziel Santana
PRESIDENTE DA ANAJURE
OAB/SE n. 4484

Dr. Felipe Augusto
OAB/PB n. 21.582

Dr. Acyr de Gerone
OAB/PR n. 24.278

Dra. Raíssa Martins
OAB/RN n. 15.481





ANAJURE – Associação Nacional de Juristas Evangélicos
www.anajure.org.br
“Em Defesa das Liberdades Cíveis Fundamentais”

PROCURAÇÃO

OUTORGANTE: ANAJURE – Associação Nacional de Juristas Evangélicos, associação civil sem fins lucrativos, com objetivo de atuar na defesa das liberdades cíveis fundamentais (art. 3º, Estatuto), inscrita no CNPJ sob o nº 18.376.642/0001-55, com escritório nacional no Setor Bancário Sul, QD 02, LT 15, BL E 601, em Brasília, Distrito Federal, CEP n. 70070-120, neste ato representada por seu Presidente eleito e em pleno exercício, **Dr. Uziel Santana dos Santos**, inscrito na OAB/SE sob o n. 4.484.

OUTORGADO: Dr. Acyr de Gerone, inscrito na OAB/PR sob o n. 24.278, **Dr. Felipe Augusto**, inscrito na OAB/PB sob o n. 21.582, **Dra. Raíssa Paula Martins**, inscrita na OAB/RN sob o n. 15.481.

PODERES: aqueles concernentes à cláusula *ad judicium*, especialmente para o ingresso, na qualidade de *amicus curiae*, nas ações judiciais em curso perante esta Corte, nas quais se discuta matéria referente às liberdades cíveis fundamentais, podendo formular e ingressar com requerimento, recursos e petições com vistas à defesa dos interesses da ANAJURE, bem como praticar tudo o mais que for necessário ao bom fiel desempenho deste mandato, inclusive substabelecer o presente.

Brasília – DF, 17 de junho de 2020

Dr. Uziel Santana
Presidente da ANAJURE





**ANAJURE – Associação Nacional de Juristas
Evangélicos**

ESTATUTO

SEÇÃO PRIMEIRA – DOS ELEMENTOS ESTRUTURAIS FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO I– Disposições Associativas Elementares

Denominação

ARTIGO 1º

A **ANAJURE – Associação Nacional de Juristas Evangélicos** –, entidade civil com fins não econômicos, reger-se-á pelo presente conjunto de princípios e normas de natureza estatutária e em conformidade e pertinência com o que dispõe a legislação constitucional e infraconstitucional brasileira em vigor.

Sede, Escritórios de Representação e Sítio na WWW

ARTIGO 2º

A **ANAJURE** tem domicílio e foro na cidade de Brasília-Distrito Federal em sua sede que se encontra no Setor Bancário Sul, QD 02, LT 15, BL E, Sala 601, Brasília-DF.

§1ºA ANAJURE poderá adotar quantos Escritórios de Representação nacional ou estadual forem necessários para a consecução dos seus objetivos institucionais por proposição da *Diretoria Executiva* e aprovação do *Conselho Diretivo Nacional*.

§2ºA ANAJURE tem como domínio e sítio na *World Wide Web*, devidamente registrado no CGI.br (*Comitê Gestor da Internet no Brasil*) os seguintes endereços: *anajure.org.br* (principal); *anajure.org*, *anajure.net*, *anajure.com.br*, *anajure.com* (secundários).

Missão

ARTIGO 3º

A **ANAJURE** tem como missão institucional primordial a defesa das liberdades civis fundamentais – em especial a liberdade religiosa e de expressão – e a promoção dos deveres e direitos humanos fundamentais – em especial o princípio da dignidade da pessoa humana, tudo isso sob a égide e as bases principiológicas do Cristianismo e do seu conseqüente histórico, o Estado Democrático de Direito.

Objetivos institucionais

[Assinatura manuscrita]

000 022 39 8



ARTIGO 4º

A **ANAJURE** tem como objetivos institucionais principais:

- a) constituir-se como uma entidade de promoção e defesa das liberdades civis fundamentais, dos ideais do Estado Democrático de Direito e dos valores do Cristianismo, em especial, a defesa da dignidade da pessoa humana;
- b) constituir-se como uma entidade de auxílio e defesa administrativa e jurisdicional das igrejas e denominações evangélicas, em especial, nos casos de violação dos direitos fundamentais de liberdade religiosa e de expressão;
- c) constituir-se como um fórum nacional de discussão sobre o ordenamento jurídico brasileiro, sobre os projetos de lei em tramitação, sobre as propostas de políticas públicas governamentais, especialmente no que diz respeito aos deveres e direitos humanos fundamentais;
- d) constituir-se como uma entidade fomentadora e promotora de métodos alternativos de resolução de conflitos;
- e) constituir-se como uma entidade promotora de programas, projetos, atividades e ações que visem ao amparo dos chamados grupos vulneráveis, seja no Brasil, seja no mundo, como é o caso do programa de apoio aos refugiados por perseguição de qualquer natureza;
- f) constituir-se como uma entidade que busca a consecução de parcerias nacionais e internacionais com instituições de mesmo caráter e finalidades, como é o caso, *verbi gratia*, da *Religious Liberty Partnership* (RLP), *Alliance Defending Freedom* (ADF), da *Advocates International*(AI) e da *Federación Inter Americana de Juristas Cristianos*(FIAJC);
- g) constituir-se como uma entidade fomentadora e promotora de intercâmbios, missões, cursos, congressos, encontros, com o fulcro de capacitação dos seus associados, assim como também com o fulcro de promoção e disseminação dos seus valores institucionais, em especial, a defesa das liberdades civis fundamentais;
- h) constituir-se como uma entidade promotora de *networking* e *netweaving* entre os seus associados e cooperadores.

§1º A **ANAJURE**, para a consecução de seus objetivos institucionais, poderá criar, viabilizar e instituir todos os meios instrumentais necessários e oportunos existentes desde que sejam legais, legítimos e bíblicos, inclusive fundar instituições jurídicas derivadas, hierarquicamente a ela submetidas.

§2º Neste sentido, para a promoção e proclamação dos seus princípios fundamentais e objetivos institucionais, a **ANAJURE** realizará, anualmente, o **ENAJURE – Encontro Nacional de Juristas Evangélicos**, nos termos das disposições regimentais pertinentes.

Duração institucional

ARTIGO 5º

V. 241

00002239 8



A **ANAJURE** é constituída por prazo indeterminado e suas atividades institucionais têm termo inicial, para efeitos jurídicos, o registro civil dos seus elementos documentais de fundação e constituição estatutária nos termos da Lei.

CAPÍTULO II – Disposições Principiológicas Fundamentais

Declaração de Princípios

ARTIGO 6º

A **ANAJURE** e seus associados subscrevem e afirmam, peremptoriamente, a seguinte declaração de princípios cristãos fundamentais: *"Reconhecemos que o Senhor Jesus Cristo é a revelação de Deus, testemunhada em nossos corações pelo Espírito Santo de Deus. Reconhecemos que a Bíblia é a Palavra de Deus, divinamente inspirada, inerrante, infalível, verdadeira, sendo ela nossa única regra de fé e conduta. Por assim ser, como juristas evangélicos nos comprometemos a viver em santidade, buscando a irrepreensibilidade diante dos homens e das autoridades – eclesiásticas e seculares – que o Senhor estabeleceu sobre nós, estando, necessariamente, vinculados a uma igreja local e, por conseguinte, submisso a autoridade pastoral. Da mesma forma, como juristas evangélicos nos comprometemos a batalhar diligentemente pela fé que uma vez por todas foi dada aos santos, a fé cristã. Comprometemo-nos também a defender as liberdades civis fundamentais, em especial, a liberdade religiosa e de expressão e a amparar os vulneráveis e perseguidos da sociedade. Por fim, comprometemo-nos a desempenhar nosso serviço, como juristas evangélicos, de modo a glorificar ao Senhor Jesus, a edificar e auxiliar a Igreja e a proclamar os valores ínsitos à fé cristã no Brasil e no mundo."*

SEÇÃO SEGUNDA – DOS ELEMENTOS ORGANIZACIONAIS FUNDAMENTAIS

CAPÍTULO III – Disposições organizacionais fundamentais

Dos Associados

ARTIGO 7º

A **ANAJURE** é constituída pela seguinte categorização e classificação de membros:

I – **Membros Fundadores**: são todos aqueles juristas que instituíram e, por assim ser, subscreveram a *Ata de Fundação e Constituição da Associação Nacional de Juristas Evangélicos*.

II – **Membros Honorários**: são todos aqueles juristas que, por merecimento e reconhecimento dos relevantes serviços jurídicos prestados à sociedade, à igreja evangélica e à defesa das liberdades civis fundamentais, forem assim indicados, desde que também subscrevam a *Declaração de Princípios* do art. 6º e obedeçam aos requisitos de admissibilidade estatutária constantes do art. 8º.

III – **Membros Efetivos**: são todos aqueles juristas que, subscrevendo a *Declaração de Princípios* do art. 6º e obedecendo aos requisitos de admissibilidade estatutária constantes do art. 8º, forem assim admitidos.

J. L. Furlan

00002239 8

IV – **Membros Aliados**: são todos aqueles juristas que, subscrevendo a *Declaração de Princípios* do art. 6º e obedecendo aos requisitos de admissibilidade estatutária constantes do art. 8º, não sendo membro honorário ou efetivo, forem assim indicados.

V – **Membros Provisórios**: são todos aqueles que, na condição de *estudantes de Direito*, subscrevendo a *Declaração de Princípios* do art. 6º e obedecendo aos requisitos de admissibilidade estatutária constantes do art. 9º, forem assim admitidos.

Dos requisitos de admissibilidade associativa

ARTIGO 8º

São requisitos de admissibilidade associativa na qualidade de **membro honorário, efetivo, aliado ou provisório**:

I – Subscrição do *Termo Associativo e Declaração de Princípios* do art. 6º.

II – Indicação de um dos Associados que não seja membro aliado ou provisório.

III – Que apresente carta pastoral de recomendação.

IV – Que tenha seu processo de admissão recomendado pela Diretoria Executiva e aprovado, por maioria simples, pelo Conselho Diretivo Nacional.

Dos Deveres e Direitos dos Associados

ARTIGO 9º

São deveres gerais dos membros:

I – Cumprir os princípios, objetivos e preceitos estatutários, regimentais e resolutivos da entidade.

II – Zelar pelo patrimônio moral e material da entidade.

III – Participar das Assembleias ordinárias e extraordinárias da entidade, assim como de qualquer convocação do *Conselho Diretivo Nacional*, da *Diretoria Executiva* e demais órgãos administrativos da entidade, além do ENAJURE (*Encontro Nacional de Juristas Evangélicos*).

IV – Adimplir com as contribuições associativas permanentes ou provisórias.

ARTIGO 10º

São direitos gerais dos membros:

I – Participar ativamente das atividades promovidas pela entidade em conformidade com as decisões da *Assembleia Geral*, *Conselho Diretivo Nacional*, *Diretoria Executiva* ou de Comissão organizacional específica.

II – Participar das Assembleias Gerais, com voz, votando e sendo votado, nos termos específicos e qualitativos do quadro de membros que estão consignados nas disposições estatutárias e regimentais, em especial, observando-se o que diz o §1º do presente artigo.

III – Ser eleito e, por assim ser, exercer cargos de direção, coordenação e execução da ANAJURE, nos termos específicos e qualitativos do quadro de membros que estão consignados nas disposições estatutárias e regimentais, em especial, observando-se o que diz o §1º do presente artigo.

16/2/18

00002239 8



§1º Os membros fundadores poderão concorrer a cargo de direção, coordenação e execução *ab initio*, já os membros honorários e efetivos somente poderão concorrer aos cargos de direção, coordenação e execução após 5 (cinco) anos de filiação e contribuição associativa ininterruptas, sem prejuízo de ocuparem cargos de livre nomeação do Conselho Diretivo Nacional ou participarem do Conselho Consultivo Referencial. Aos membros aliados e provisórios é vedada a ocupação de cargos de direção e coordenação e o exercício do voto, sendo-lhes facultado o direito a voz nas assembleias e reuniões.

§2º No caso do parágrafo anterior, por proposição da Diretoria Executiva e deliberação justificada e unânime do Conselho Diretivo Nacional, é facultada a inobservância do lapso temporal a fim de que membros honorários e efetivos possam aceder aos cargos de direção e coordenação.

§3º Fica impedido de votar e ser votado na Assembleia Geral o membro que:

- I – Não esteja quite com as contribuições associativas permanentes e provisórias.
- II – Seja declarado impedido, pelo Conselho Diretivo Nacional, em razão de estar diretamente envolvido no assunto objeto da apreciação da respectiva assembleia.

§4º A qualquer tempo poderá o membro requerer sua demissão do quadro de membros, formalizando pedido escrito dirigido ao Conselho Diretivo Nacional. Será, porém, o associado excluído do rol membros nas seguintes hipóteses:

- I – De falecimento;
- II – Pelo descumprimento dos deveres estabelecidos neste Estatuto, no Regimento Geral, no Código de Ética e Disciplina e demais Resoluções, sendo certo que, nessas hipóteses, será concedido direito a ampla defesa e ao contraditório, perante o Conselho Diretivo Nacional e a Assembleia Geral.

CAPÍTULO IV – Do Sistema Organizacional Administrativo-Diretivo

Órgãos do Sistema Administrativo-Diretivo

ARTIGO 11

São Órgãos do Sistema Administrativo-Diretivo da ANAJURE:

- I – Assembleia Geral.
- II – Conselho Diretivo Nacional.
- III – Diretoria Executiva.
- IV – Conselho de Representação Estadual.
- V – Conselho Consultivo Referencial.
- VI – Conselho Fiscal *ad hoc*.

U. 245

00002239 8





Geral, podendo haver reeleição, a serem preenchidos entre os membros fundadores, honorários ou efetivos:

I – Presidente.

II – Vice-Presidente.

III – Diretor Administrativo.

IV – Diretor Financeiro.

V – Diretor Jurídico

VI – Diretor de Assuntos Parlamentares

VII – Diretor de Assuntos Acadêmicos.

VIII – Diretor de Relações Institucionais

IX – Diretor para Refugiados e Ajuda Humanitária

X – Diretor de Assuntos Denominacionais.

XI – Diretores honorários.

XII – Representante do Conselho Consultivo Referencial.

§1º Ao Conselho Diretivo Nacional compete privativamente:

I – Deliberar sobre o *Planejamento Sistemático de Atuação (PSA)* da ANAJURE, apresentado quinquenalmente pela Presidência como primeiro ato da gestão, assim como implementá-lo e fazê-lo cumprir.

II – Deliberar sobre os processos administrativos de admissão e disciplina de membros.

III – Deliberar sobre programas, projetos, atividades, ações e comunicações oficiais da ANAJURE.

IV – Deliberar sobre acordos e convênios, de qualquer natureza, com entidades nacionais ou internacionais, que importem em alienação e disposição patrimonial.

V – Apreciar os relatórios de atividades apresentados semestralmente pela Presidência.

§2º O CDN se reunirá, de modo ordinário, duas vezes por ano, presencial ou virtualmente, por convocação da Presidência, em primeira chamada, com pelo menos metade de seus membros, e, em segunda chamada, meia-hora depois da primeira, com os membros presentes. A convocação deverá ser feita através de instrumento circular impresso ou eletrônico, com pauta determinada, com antecedência mínima de trinta dias, sob pena de nulidade.

§3º O CDN se reunirá, em caráter extraordinário, presencial ou virtualmente, sempre que houver convocação da Presidência ou por, pelo menos, 1/5 (um quinto) dos seus membros, para tratar de temas de relevante interesse e urgência. A convocação deverá ser feita através de instrumento circular impresso ou eletrônico, com pauta determinada, com antecedência mínima de quatro horas, sob pena de nulidade.

§4º Ao Presidente do CDN compete:

I – Representar a ANAJURE administrativa e judicialmente no Brasil e no Exterior.

V. L. F.

00002239 8



Da Assembleia Geral – AG

ARTIGO 12

A **Assembleia Geral** é o órgão deliberativo de expressão máxima da entidade, sendo constituída pela totalidade de membros que compõem o Conselho Diretivo Nacional e o Conselho de Representação Estadual que estejam no gozo dos seus direitos estatutários, regimentais e resolutivos. Membros efetivos que não estejam na condição de coordenador do CRE, assim como membros aliados e provisórios participam da assembleia com direito a voz.

§1º A **Assembleia Geral** se reunirá, em caráter ordinário, uma vez por ano, por convocação do *Conselho Diretivo Nacional*, em primeira chamada, com pelo menos 1/3 (um terço) de seus membros, e, em segunda chamada, uma hora depois da primeira, com os membros presentes. A convocação deverá ser feita através de instrumento circular impresso ou eletrônico, com pauta determinada, com antecedência mínima de trinta dias, sob pena de nulidade.

§2º A **Assembleia Geral** se reunirá, em caráter extraordinário, presencial ou virtualmente, sempre que houver convocação do *Conselho Diretivo Nacional* ou ao menos 1/5 (um quinto) dos seus membros com direito a voto para tratar de temas de relevante interesse e urgência. A convocação deverá ser feita através de instrumento circular impresso ou eletrônico, com pauta determinada, com antecedência mínima 48 (quarenta e oito) horas, sob pena de nulidade. Não se convocará extraordinariamente a *Assembleia Geral* para fins de alteração estatutária, sob pena de nulidade.

§3º Compete privativamente à **Assembleia Geral**:

- I – Deliberar sobre alterações estatutárias e regimentais, por proposição do *Conselho Diretivo Nacional*.
- II – Eleger e destituir membros do *Conselho Diretivo Nacional*.
- III – Aprovar a Contabilidade da entidade, observado o parecer do Conselho Fiscal *ad hoc*.
- IV – Deliberar sobre a dissolução da entidade.
- V – Deliberar sobre outros temas propostos e encaminhados pelo *Conselho Diretivo Nacional*.

§4º O quorum de aprovação das Assembleias Gerais, seja esta de caráter ordinário ou extraordinário, será sempre de maioria simples dos presentes, excetuado o das que forem convocadas para deliberar sobre alterações estatutárias que deverá ser aprovada por maioria de 2/3 (dois terços) dos presentes.

Do Conselho Diretivo Nacional – CDN

ARTIGO 13

O **Conselho Diretivo Nacional** da ANAJURE é o órgão administrativo-diretivo máximo da entidade, constituído pelos seguintes cargos, eleitos a cada quinquênio, pela Assembleia

J. L. Furlan

000 022 39 8





II – Dirigir e fazer cumprir as deliberações do *Conselho Diretivo Nacional* e da *Assembleia Geral*.

III – Convocar e Presidir as assembleias e reuniões da *Assembleia Geral*, do *Conselho Diretivo Nacional*, da *Diretoria Executiva* e do *Conselho de Representação Estadual*.

IV – Aprovar, *ad referendum* do CDN, sempre via resolução, matérias que são da competência do *Conselho Diretivo Nacional*.

V – Deliberar e executar todo e qualquer tema que não seja da competência privativa do *Conselho Diretivo Nacional*, através da edição de portaria específica.

§5º Ao **Vice-Presidente** do CDN compete substituir o Presidente nos casos de impedimento, licença ou vacância do cargo, na forma estatuída neste Estatuto e no Regimento Geral.

§6º Ao **Diretor Administrativo** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as tarefas de natureza administrativo-diretiva da entidade.

§7º Ao **Diretor Financeiro** compete executar e escriturar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as tarefas de natureza contábil e financeira da entidade.

§8º Ao **Diretor Jurídico** compete prestar, na forma do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, consultoria jurídica a respeito dos assuntos institucionais, sempre que demandado.

§9º Ao **Diretor de Assuntos Parlamentares** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações referentes às Frentes Parlamentares criadas.

§10º Ao **Diretor de Assuntos Acadêmicos** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações referentes à atuação da ANAJURE no âmbito acadêmico, assim como também, no processo de integração e formação dos *membros provisórios* da entidade.

§11º Ao **Diretor de Relações Institucionais** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações referentes à atuação da ANAJURE frente às demais instituições.

§12º **Diretor para Refugiados e Ajuda Humanitária** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações referentes aos Refugiados por perseguição de qualquer natureza, bem como a promoção de ajuda Humanitária no contexto nacional e internacional.

V₂ 24/11

00002239 8





010

§13º Ao **Diretor de Assuntos Denominacionais** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações referentes à atuação da ANAJURE perante as denominações cristãs do Brasil.

§14º Aos **Diretores Honorários** compete executar, na forma do presente Estatuto, do Regimento Geral e demais resoluções da Presidência e do CDN, as ações especiais e honorárias da ANAJURE no contexto nacional e internacional.

Da Diretoria Executiva – DE

ARTIGO 14

A **Diretoria Executiva da ANAJURE** é o órgão administrativo-diretivo, constituído pelos cargos de *Presidente, Vice-Presidente, Diretor Administrativo, Diretor Financeiro, Diretor Jurídico, Diretor de Assuntos Parlamentares, Diretor de Assuntos Acadêmicos, Diretor de Relações Institucionais, Diretor para Refugiados e Ajuda Humanitária, e Diretor de Assuntos Denominacionais*, com a finalidade específica de executar as deliberações da *Assembleia Geral, do Conselho Diretivo Nacional*, e da Presidência.

§1º Compete aos diretores executivos executar as resoluções do Conselho Diretivo Nacional e portarias da Presidência.

§2º Os diretores executivos apresentarão, semestralmente, relatório de suas atividades à Presidência.

Do Conselho de Representação Estadual - CRE

ARTIGO 15

O **Conselho de Representação Estadual** é o órgão administrativo de natureza representativo-consultiva, constituído pelos coordenadores das seções estaduais da ANAJURE, nomeados, anualmente pelo CDN, entre os membros fundadores, honorários, efetivos ou aliados, e que tem a finalidade específica de executar, regional e localmente, as disposições estatutárias, regimentais e resolutivas determinadas pela *Assembleia Geral, pelo Conselho Diretivo Nacional* e pela *Diretoria Executiva*.

§1º O **CRE** se reunirá sempre por convocação do *Conselho Diretivo Nacional*, presencial ou virtualmente, preferencialmente, uma vez por ano, como reunião preparatória da Assembleia Geral Ordinária.

§2º O membro aliado indicado para ser coordenador de seção estadual passa a ter, temporariamente, todos os direitos inerentes à membridade efetiva, sendo que, uma vez que seja destituído do cargo, volta a exercer os direitos pertinentes à sua classe.

Do Conselho Consultivo Referencial – CCR

ARTIGO 16

00002239 8



O **Conselho Consultivo Referencial** é o órgão administrativo, de natureza consultiva, constituído por conselheiros na qualidade de *membros honorários* ou *líderes eclesiásticos* de reputação ilibada e de nobres serviços prestados à Igreja evangélica e à sociedade, que tem como finalidade precípua opinar e aconselhar a entidade nos assuntos a ele submetidos.

§1º Os conselheiros do CCR serão indicados pela *Diretoria Executiva* e admitidos por deliberação do CDN.

§2º Os pareceres do CCR não são vinculativos e podem ser dados conjunta ou isoladamente, dependendo do pedido de consulta formulado pela *Diretoria Executiva* ou *Conselho Diretivo Nacional*.

§3º Os conselheiros do CCR escolherão, livremente, dentre eles, um Presidente que será eleito dentre os líderes eclesiásticos, sendo este o representante do CCR no *Conselho Diretivo Nacional*.

§4º O CCR reunir-se-á sempre que convocado pelo *Conselho Diretivo Nacional*.

§5º Não há limite temporal de exercício e mandato para conselheiro do CCR, que será investido em caráter vitalício. Seja como for, o caráter vitalício do conselheiro não impede sua retirada por ato volitivo manifesto, nem sua demissão *ad nutum* por proposição do *Conselho Diretivo Nacional* e votação da *Assembleia Geral*.

Do Conselho Fiscal *ad hoc*

ARTIGO 17

O **Conselho Fiscal *ad hoc*** é o órgão de fiscalização contábil, financeira e patrimonial da entidade, constituído, anualmente, com termo inicial e final de funcionamento, a fim de apresentar parecer a ser votado pela *Assembleia Geral*.

Parágrafo único. Os membros do Conselho Fiscal *ad hoc* serão 3 (três), sendo que 2 (dois) serão escolhidos dentre profissionais de contabilidade externos à entidade.

CAPÍTULO V – Dos Elementos Patrimoniais

ARTIGO 18

Os recursos da ANAJURE serão constituídos de ofertas, doações, legados e outras formas de contribuição, oriundos de associados, convênios e terceiros, pessoa física ou jurídica.

ARTIGO 19

O patrimônio da ANAJURE compreende bens imóveis, móveis, veículos, semoventes, objetos sem valor contábil, dinheiro em espécie, aplicações financeiras e outros.

[Assinatura]

0000223 8





§1º Na forma da Lei e do Regimento Geral serão realizados os devidos registros e escrituração patrimonial.

§2º Nenhum membro da ANAJURE responderá pessoal, solidária ou subsidiariamente, pelas obrigações assumidas por seus administradores, porém responderão estes administradores com seus bens se os atos forem praticados sem amparo em decisões da Assembleia Geral e pelo presente Estatuto.

ARTIGO 20

Na hipótese de dissolução da ANAJURE os seus bens, solvidos os compromissos, serão doados a entidades nacionais ou internacionais de mesmo fim e natureza, conforme deliberação da Assembleia Geral.

SEÇÃO TERCEIRA – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS FINAIS E TRANSITÓRIAS

ARTIGO 21

No prazo de seis meses, por proposição do *Conselho Diretivo Nacional*, serão aprovados o *Código de Ética e Disciplina* e o *Regimento Geral*.

Do Período de Consolidação Institucional

ARTIGO 22

Denomina-se *Período de Consolidação Institucional* o lapso temporal de 10 (dez) anos, contados a partir da fundação da ANAJURE, durante o qual as funções do art. 12º, §3º, serão exercidas *pro tempore* pelo *Conselho Diretivo Nacional* com a finalidade precípua de consolidar e expandir de modo uno, coeso e concatenado, a Associação e seus objetivos principais.

§1º O prazo do art. 13 entrará em vigor findo o prazo do *Período de Consolidação Institucional*.

§2º No *Período de Consolidação Institucional*, o *Conselho Diretivo Nacional* é soberano para permutar os seus próprios membros por motivo relevante, de força maior ou de natureza disciplinar, nos termos do *Código de Ética e Disciplina*.

§3º Findo o prazo do *Período de Consolidação Institucional*, o *Conselho Diretivo Nacional* avaliará e decidirá sobre a necessidade de se prorrogar ou não o prazo inicial em até 05 (cinco) anos.

ARTIGO 23

Os casos omissos deste Estatuto que não sejam pertinentes à competência privativa da *Assembleia Geral* serão resolvidos por meio de Resolução do *Conselho Diretivo Nacional* mediante proposição da *Diretoria Executiva* ou do *Presidente do CDN*.

000022398





ARTIGO 24

O presente Estatuto entra em vigor na data de sua aprovação.

Vicel Santos dos Santos



CARTÓRIO LEÔNIA GAMA
6º OFÍCIO DE ARACAJU/SE
Rua Itabaiana, nº 177 - Centro
Aracaju-SE CEP: 49.010-170
Fone: (79)3211-8744 - Fax: (79) 3213-7644

RECONHEÇO POR SEMELHANÇA A TIPOGRAFIA DE
SANTANA DOS SANTOS
OP: 3-IZAIAS VIEIRA-Escrevente.
Aracaju/SE, 26/08/2016.
Emcl: R\$3,23 FERD: R\$0,65 Selo: R\$0,09



CARTÓRIO LEÔNIA GAMA
6º OFÍCIO
Leônia Gama de Oliveira
Tabela e Oficial Titular
Sueli Gama Bispo
Substituta Geral
Izaías Vieira da Silva
Escriturante
177 - Fone: (79) 3211-8744 / 3213-7644
Aracaju - Sergipe

Felipe Augusto Lopes Carvalho
Felipe Augusto Lopes Carvalho
ADVOGADO
OAB / PB 21582



REGINA FRANÇA
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
REGISTRO DE PESSOAS JURÍDICAS
TABELA DE NOTAS
Rua Venâncio Neiva, 122 - Centro - Campina Grande - PB
CEP: 57.070-000 FONE: (33) 3321-3005

REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA
Documento protocolado no Livro A-0001, registrado no Livro A-0109 sob No. 163731 e arquivado neste Serviço. Certifico e dou fe'.
Campina Grande-PB, 14/09/2016 15:46:06
Maria Adelma Canejo da Silva - Substituta
EMOL:R\$ ***212,26 FARPEN:R\$ ***11,49 FEPJ:R\$ ***42,45
SELO DIGITAL: ADV59712-RPGX
Confira a autenticidade em <https://selodigital.trfb.jus.br>

Maria Adelma Canejo da Silva
Substituta



REGINA FRANÇA ISIDRO
SERVIÇO NOTARIAL E REGISTRAL
REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOA JURÍDICA
AVERBAÇÃO
O presente documento foi devidamente averbado à margem do registro nº 331.459 do Livro A-561 Campina Grande, 14 / 09 / 2016
Dou fe. Subscribo e assino.

OFICIAL DO REGISTRO
Maria Adelma Canejo da Silva
Substituta





ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DE 2015 DA ASSEMBLEIA GERAL DA ANAJURE – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS

Ata da Reunião Ordinária da Assembleia Geral da ANAJURE – Associação Nacional de Juristas Evangélicos, realizada nos termos do artigo 12, §1º e §3º do Estatuto da entidade, verificado o quorum estabelecido no §1º do referido artigo, o Presidente do Conselho Diretivo Nacional da ANAJURE, Dr. Uziel Santana, nomeia para Secretariar os trabalhos, Vanda Késsia Gomes Galvão e declara instalada a Assembleia Geral e aberta a Reunião Ordinária, às quatorze horas e trinta minutos do dia treze de dezembro de dois mil e quinze, esclarecendo que a presente Reunião Ordinária da Assembleia Geral tem como finalidade a apresentação de Relatório Geral de Atividades de 2012 a 2015; apresentação do Relatório Financeiro de 2012 a 2015; Eleição e Posse dos membros do Conselho Diretivo Nacional. A seguir, o Presidente apresenta o Relatório Geral de Atividades de 2012 a 2015, destacando as ações desenvolvidas pelos Grupos de Trabalhos da ANAJURE, a atuação internacional da instituição e o impacto que tem gerado na sociedade brasileira. Logo em seguida, nomeia o Vice-Presidente Enio Pereira de Araújo para apresentação do Relatório Financeiro de 2012 a 2015, o qual procede à apresentação da contabilidade, que é aprovada por unanimidade pela Assembleia Geral. Ato contínuo, o Presidente procede à eleição e posse dos membros do Conselho Diretivo Nacional, conforme o termo de posse em anexo. Após o ato solene, o Presidente interrompe a sessão por algum tempo, a fim de que seja lavrada a presente ata. Reaberta a sessão, o Presidente determina que seja feita a leitura da ata, que depois de lida, é aprovada por unanimidade. Nada mais havendo a tratar, eu, Vanda Galvão, Secretária, lavro a presente e a assino com o presidente. Brasília, DF, 13 de dezembro de 2015.

Vanda Késsia Gomes Galvão
Vanda Késsia Gomes Galvão

Secretária

Uziel Santana dos Santos

Dr. Uziel Santana dos Santos

President

3º OFICIN



CARTÃO DE EDUARDO ADEU - 1º OFICIN DE NOTAS
Reconheço por Semelhança e Firma de Uziel
SANTANA DOS SANTOS



Assinatura do Presidente
Assinatura do Secretário



REGINA FRANCA
RECEBIMOS CIVIL DE REGINA FRANCA
Documento protocolado no Livro A-0001, registrado no Livro A-0001
sub No. 163733 e arquivado neste Serviço. Certificação e data de
Campina Grande-PB, 14/09/2016 15:57:54
Ass. Karoline de Lima Santos - Escrevente
EMPRESA 000000, 79 SUPERVISOR 0003, 01 FEB-2016 00:00, 01
MÉDIO DIGITAL: 16057714-1607
Confira a autenticidade em <https://validadigital.trf3jus.br>
Ass. Karoline de Lima Santos
Escrevente Autorizada



Ata de Eleição e Posse



NOME DA ENTIDADE: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS, REGISTRADO SOB Nº 137.459, LIVRO A-56, DATADO DE 14/05/2013.

RELAÇÃO DOS MEMBROS DA DIRETORIA ELEITA, CUJO MANDATO TERÁ DURAÇÃO DE 05 ANOS, CUJA ELEIÇÃO FOI REALIZADA EM: 14/12/2015.

Presidente, Uziel Santana dos Santos, Brasileiro, Casado, Professor Universitário – RG: 1030138 SSP/SE – CPF: 532.270.345-49 – End: Av. Lions Club, 99, Apt. 1203, Residencial Costa do Atlântico, Atalaia – Aracaju – SE.

Vice-Presidente, Jonas Moreno de Andrade Almeida, Brasileiro Casado, Funcionário Público, – RG: 2919647 SSP/PE – CPF: 770.592.804-30 – End: Estrada de aldeia km 4,5, Chácara Monte das Oliveiras – Recife – PE.

Diretor Administrativo, Roberto Tambelini, Brasileiro, Casado, Advogado, – RG: 000.000 SSP/PB – CPF: 000.000.000-00 – End: Rua da Consolação 930, São Paulo, SP 01302-907.

Diretor Financeiro, Enio Pereira de Araujo, Brasileiro, Solteiro, Advogado – RG: 1825518 SSP/PB – CPF: 997101614-15 – End: Rua Conde D'Eu, 31, Monte Santo – Campina Grande – PB.

Diretor Jurídico, Augusto César Rocha Ventura, Brasileiro, Casado, Advogado – RG: 1599674 SSP/GO – CPF: 426.923.931-04 – End: rua SB 33, Qd. 30, Lt. 07, Condomínio Portal do Sol II, Goiânia – GO.

Diretora de Assuntos Parlamentares, Edna Vasconcelos Zilli, Brasileira, Casada, Advogada – RG: SSP/PR – CPF: 662.844.909-25 – End: Rua Bento Viana, 1200. Batel Cep: 80240-110 - Curitiba-PR.

Diretor de Assuntos Acadêmicos, Valmir Nascimento Milomem Santos, Brasileiro, Casado, Advogado – RG: 1093752-8 SSP/MT – CPF: 811.154.311-53 – End v. Hist. Rubens de Mendonça, 4750 - Centro Político e Administrativo, Cuiabá - MT, 78050-908.

Diretor de Relações Institucionais, Jean Marques Regina, Brasileiro, Casado, Advogado – RG: SSP/RS – CPF: – End: Avenida Caí, 634 - Alto Cristal, CEP 90810120 Porto Alegre-RS

Diretor de Assuntos Denominacionais, Thiago Rafael Vieira, Brasileiro, Casado, Advogado – RG: SSP/RS – CPF: – End: Avenida Caí, 634 - Alto Cristal, CEP 90810120 Porto Alegre-RS.

Campina Grande, 29 de AGOSTO de 2016.

Presidente
Uziel Santana dos Santos

CARTÓRIO EDUARDO ABREU - 3º OFÍCIO DE NOT
Reconheço por Semelhança a firma de: UZIEL
SANTANA DOS SANTOS



Aracaju (SE) 29 de agosto de 2016
Em test. de Uziel Santana dos Santos
Página 3 de 7
Excertante Autorizada

Válido somente com o selo de Autenticidade





LISTA DE PRESENÇA DAS PESSOAS QUE COMPARECERAM À ASSEMBLÉIA DE ELEIÇÃO E POSSE DO CONSELHO DIRETIVO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS (ANAJURE), REALIZADA NO DIA 13/12/2015.

NOME	ASSINATURA
Dr. Uziel Santana dos Santos	
Dr. Jonas Moreno de Andrade Almeida	
Dr. Enio Pereira de Araújo	
Dr. Augusto César Rocha Ventura	
Dra. Edna Vasconcelos Zilli	
Dr. Valmir Nascimento Milomem Santos	
Dr. Jean Marques Regina	
Dr. Thiago Rafael Vieira	
Dr. Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy	
Dr. Cândido Alexandrino Barreto Neto	
Dr. Edmilson Ewerton Ramos de Almeida	





**LISTA DE PRESENÇA DAS PESSOAS QUE COMPARECERAM À
ASSEMBLÉIA DE ELEIÇÃO E POSSE DA DIRETORIA EXECUTIVA DA
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS (ANAJURE),
REALIZADA NO DIA 13/12/2015.**

NOMES

- 1 – Uziel Santana dos Santos
- 2 – Jonas Moreno de Andrade Almeida
- 4 – Enio Pereira de Araújo
- 5 – Augusto César Rocha Ventura
- 6 – Edna Vasconcelos Zilli
- 7 – Valmir Nascimento Milomem Santos
- 8 – Jean Marques Regina
- 9 – Thiago Rafael Vieira
- 10 – Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy
- 11 – Cândido Alexandrino Barreto Neto
- 12 – Edmilson Ewerton Ramos Almeida

Declaro que confere com o original.

Campina Grande, 29 de agosto de 2016.

Uziel Santana dos Santos
Presidente







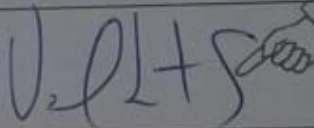
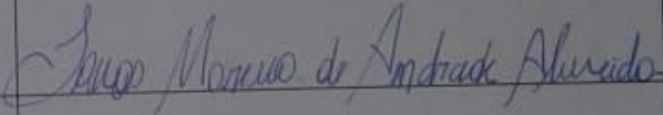
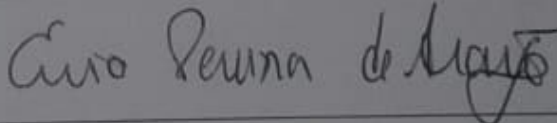
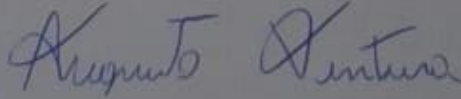
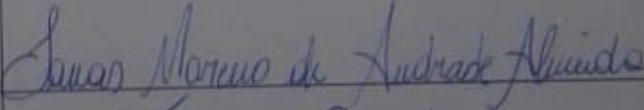
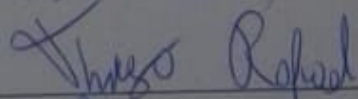
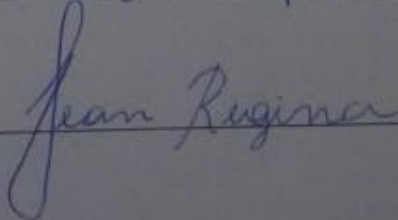
TERMO DE POSSE
CONSELHO DIRETIVO NACIONAL

Pelo presente termo tomam posse solenemente os membros do Conselho Diretivo Nacional da ANAJURE – Associação Nacional de Juristas Evangélicos, sediada na cidade de Brasília- Distrito Federal no Setor Bancário Sul, Quadra 02, Lote 15, Bloco E, Sala 601, inscrita no CNPJ sob nº 18.376.642/0001-55.

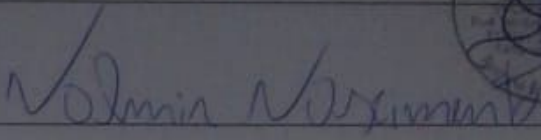
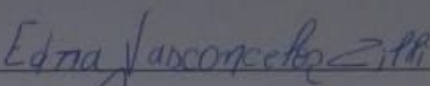
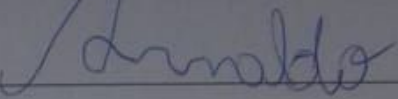
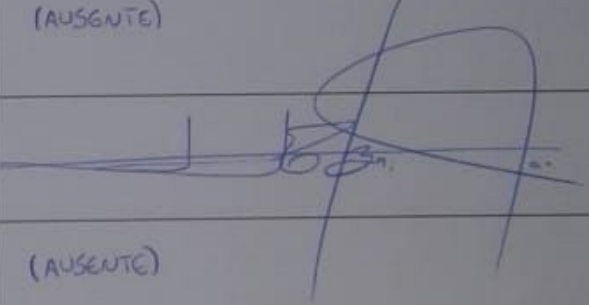
Os membros abaixo discriminados e firmados, ao assumir suas funções, o fazem sob o compromisso de respeitar fielmente o Estatuto da Entidade.

Por ser expressão da verdade, assinam a seguir:

CONSELHO DIRETIVO NACIONAL

CARGO	ASSINATURA
Dr. Uziel Santana dos Santos Presidente	
Dr. Jonas Moreno de Andrade Almeida Vice-Presidente	
Dr. Roberto Tambelini Diretor Administrativo	(AUSENTE)
Dr. Enio Pereira de Araújo Diretor Financeiro	
Dr. Augusto César Rocha Ventura Diretor Jurídico	
Dr. Jonas Moreno de Andrade Almeida Diretor para Assuntos de Refugiados e Ajuda Humanitária	
Dr. Thiago Rafael Vieira Diretor de Organizações Religiosas	
Dr. Jean Marques Regina Diretor de Relações Institucionais	

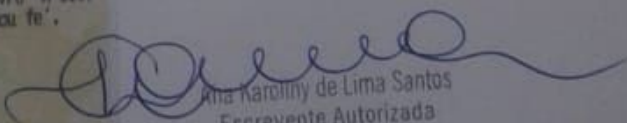


Dr. Valmir Nascimento Milomem Santos Diretor de Assuntos Acadêmicos	 
Dra. Edna Vasconcelos Zilli Diretora de Assuntos Parlamentares	
Dr. Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy Diretor Honorário	
Dr. José do Carmo Veiga Diretor Honorário	(AUSENTE)
Dr. José Eduardo Sabo Paes Diretor Honorário	(AUSENTE)
Dr. Fábio Dutra Diretor Honorário	(AUSENTE)
Dr. José Julio dos Reis Diretor Honorário	(AUSENTE)
Dr. Luigi Braga Diretor Honorário	(AUSENTE)
Dr. Valter Vandilson Custódio de Brito Diretor Honorário	
Dr. Zenóbio Fonseca Diretor Honorário	(AUSENTE)
Drª. Valdira Câmara Torres Pinheiro Costa Diretor Honorário	(AUSENTE)
Rev. Augustus Nicodemus Lopes Presidente do Conselho Consultivo	(AUSENTE)

Os membros do Conselho Diretivo Nacional possuem mandato de 5 (cinco) anos, a partir da data de assinatura do presente termo, nos termos do Estatuto da ANAJURE, artigo 13.

Brasília, 13 de dezembro de 2015.

 **REGINA FRANÇA**
- REGISTRO CIVIL DE PESSOA JURÍDICA -
Documento protocolado no Livro A-0001, registrado no Livro A-0109
sob No. 163734 e arquivado neste Serviço. Certifico e dou fe.
Campina Grande-PB, 14/09/2016 16:02:00
Ana Karoliny de Lima Santos - Escrevente
EML:R# 222840,79 FAPEN:R# 2223,13 FEPJ:R# 2210,49
SELO DIGITAL: ADV99715-AV2M
Confira a autenticidade em <https://selodigital.tjpb.jus.br>


Ana Karoliny de Lima Santos
Escrevente Autorizada



Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Petição	44431/2020
Processo	ARE 1249095
Tipo de pedido	Amicus curiae
Relação de Peças	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: RAISSA PAULA MARTINS 2 - Procuração e substabelecimentos Assinado por: RAISSA PAULA MARTINS 3 - Documentos de Identificação Assinado por: RAISSA PAULA MARTINS 4 - Documentos de Identificação Assinado por: RAISSA PAULA MARTINS 5 - Documentos de Identificação Assinado por: RAISSA PAULA MARTINS
Data/Hora do Envio	17/06/2020, às 09:36:43
Enviado por	RAISSA PAULA MARTINS (CPF: 016.847.064-08)



EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO RELATOR RICARDO LEWANDOWSKI DO EGRÉGIO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.

Recurso Extraordinário com Agravo nº. 1.249.095

O CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS EM DIREITO E RELIGIÃO (CEDIRE), no desenvolvimento de projeto de extensão e assessoria jurídica vinculado ao **ESCRITÓRIO DE ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR (ESAJUP) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)**, coordenado pelo Professor Rodrigo Vitorino Souza Alves e neste ato representado por seus procuradores que a esta subscrevem, conforme instrumentos de procuração anexos, com endereço profissional à Avenida João Naves de Ávila, 2121, Bloco 5V, Campus Santa Mônica, Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, e endereço eletrônico probono@direitoereligiao.org e esajup@fadir.ufu.br, com fundamento nos artigos 138 e 937, IV do Código de Processo Civil (Lei nº 12.105/15) e artigo 124, parágrafo único, do Regimento Interno do STF, vem, mui respeitosamente, peticionar a sua admissão como

AMICUS CURIAE

nos autos do ARE 1.249.095, recurso extraordinário com agravo, a matéria teve repercussão geral reconhecida (Tema 1086) por votação unânime do Plenário Virtual. O recurso tem origem



em Ação Civil Pública ajuizada pelo Ministério Público Federal (MPF) para que sejam retirados todos os símbolos religiosos, como crucifixos e imagens, de locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios da União no Estado de São Paulo. Em razão da estreita relação entre os objetivos institucionais do Requerente e a matéria em exame nos autos, como se passa a demonstrar pelos fundamentos de fato e de direito a seguir expostos, requer-se, desde já, a apresentação de memoriais, a participação em eventuais audiências públicas, a produção de sustentação oral, nos termos da legislação e jurisprudência abaixo indicados.

1. SÍNTESE DA LIDE

Trata-se de questão constitucional referente à retirada de todos os símbolos religiosos, como crucifixos e imagens, de locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios da União no Estado de São Paulo. A ação foi julgada improcedente pelo juízo de primeiro grau e pelo Tribunal Regional Federal da 3ª Região (TRF-3), que considerou que a presença dos símbolos religiosos é uma reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

Contra esse entendimento, o Ministério Público Federal interpôs recurso extraordinário com alegação de ofensa a dispositivos constitucionais sobre o tema (artigos 3º, inciso IV; 5º, caput e inciso VI; 19, inciso I; e 37). O recurso não foi admitido pela Vice-Presidência do TRF-3, razão pela qual foi interposto o ARE 1.249.095 nesta Egrégia Corte.

O relator, Exmo. Ministro Ricardo Lewandowski, entendeu que há repercussão geral do tema constitucional contido no recurso. Para o Exmo. Ministro, a causa extrapola os interesses das partes envolvidas, pois a questão central alcança todos os órgãos e entidades da administração pública da União, dos estados e dos municípios.

Na avaliação do relator, a conclusão da discussão definirá a exata extensão dos dispositivos constitucionais supostamente violados. Do mesmo modo, segundo ele, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envolvidos no debate.

A repercussão geral da questão foi reconhecida por unanimidade desta Egrégia Corte.

2. DA TEMPESTIVIDADE



O ora Requerente apresenta o pedido de admissão de interessado como *amicus curiae* antes da inclusão em pauta de julgamento da matéria discutida nos autos. Desse modo, o presente pedido encontra-se tempestivo.

3. DA ADMISSIBILIDADE COMO *AMICUS CURIAE*

O Requerente vem, respeitosamente, perante essa Suprema Corte, requerer a sua admissão na qualidade de *amicus curiae*, modo de intervenção admissível em nosso ordenamento jurídico pátrio como elemento de socialização, pluralização e democratização do exercício da jurisdição constitucional, contribuindo para a formação da convicção da Corte em temas que a afetarão a sociedade.

Com o advento da Lei nº 9.868/1999, previu-se de maneira inequívoca a possibilidade de manifestação de outros órgãos ou entidades nos julgamentos de ações diretas de inconstitucionalidade no Egrégio Supremo Tribunal Federal, bem como nas ações de arguição de descumprimento de preceito fundamental. Essa permissão ainda foi estendida aos incidentes de declaração de inconstitucionalidade por meio do acréscimo do §3º ao artigo 487 do então vigente Código de Processo Civil (Lei nº 5.869/1973).

A admissibilidade do presente pedido, porém, respalda-se no artigo 138 do Código de Processo Civil (Lei 13.105/2015), em que se encontra previsão expressa sobre a possibilidade de participação de entidades da sociedade civil no caso de controle de constitucionalidade difuso.

Art. 138. O juiz ou o relator, considerando a relevância da matéria, a especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia, poderá, por decisão irrecorrível, de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com representatividade adequada, no prazo de 15 (quinze) dias de sua intimação.

Dessa forma, conforme inteligência do citado artigo, verificada a presença dos requisitos de admissibilidade, quais sejam, a relevância da matéria e a representatividade dos



postulantes, o relator, poderá admitir, por despacho irrecorrível, a manifestação de outros órgãos ou entidades que não sejam partes no processo.

Por derradeiro, em observância à legislação vigente e à evolução jurisprudencial, o Regimento Interno desta Suprema Corte prevê a produção de sustentação oral por parte do terceiro interveniente para auxílio no *decisum*, na forma do §1º, do artigo 131. A possibilidade de sustentação oral em Recursos Extraordinários também é regulada pelo Código de Processo Civil (Lei 13.105/2015), em seu artigo 937, IV.

Dispõe o artigo 131 do Regimento Interno do STF:

Art. 131. Nos julgamentos, o Presidente do Plenário ou da Turma, feito o relatório, dará a palavra, sucessivamente, ao autor, recorrente, peticionário ou impetrante, e ao réu, recorrido ou impetrado, para sustentação oral.

§3º Admitida a intervenção de terceiros no processo de controle concentrado de constitucionalidade, fica-lhes facultado produzir sustentação oral, aplicando-se, quando for o caso, a regra do § 2º do art. 132 deste Regimento.

O presente requerimento preenche todos os pressupostos exigidos por lei e jurisprudência para sua manifestação na qualidade de *amicus curiae*, como se verá adiante, fazendo-se imprescindível o conhecimento desta petição e de sua admissão no processo, bem como prazo para a apresentação dos memoriais escritos na forma da Lei.

3.1. DA REPRESENTATIVIDADE DA ORGANIZAÇÃO

O Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião - CEDIRE é um Grupo de Pesquisa sediado na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia. Fundado em 2012, o CEDIRE busca contribuir para a investigação acerca das relações entre Direito e Religião, sendo pioneiro na promoção dessa abordagem interdisciplinar como disciplina jurídica e área de pesquisa no Brasil. Seus pesquisadores são vinculados a diferentes instituições e têm obtido reconhecimento nacional e internacional pela qualidade da produção acadêmica e atuação profissional, com variadas publicações, incluindo-se artigos em periódicos, capítulos de livro, livros, entre outras publicações de natureza acadêmico-científica.

Fundamentalmente, o CEDIRE promove investigação acerca dos diferentes problemas relacionados à liberdade, igualdade e não discriminação em matéria de religião ou crença, e das



relações entre o Estado e as religiões. De modo específico, procura-se contribuir para melhor compreensão sobre a liberdade de religião ou crença e sua proteção no direito internacional e em sistemas jurídicos nacionais, as restrições à manifestação de religião ou crença, as relações entre majorias e minorias religiosas, os modos de relação institucional entre Estado e Religião, o respeito pela pluralidade religiosa, o lugar da religião no espaço público, o debate sobre a secularização.

O CEDIRE tem contribuído para o avanço das investigações em seu campo de estudos por meio da realização de variadas ações e projetos, entre os quais se incluem o desenvolvimento de pesquisas, a publicação de trabalhos científicos, assim como a produção e/ou disponibilização de conteúdos úteis para pesquisadores e outros profissionais (ex. relatórios, resumos de casos, notas sobre publicações, links para websites relevantes). O Centro é pioneiro e tem sido protagonista no âmbito nacional para a consolidação do "Direito e Religião" não apenas como campo de pesquisa jurídica e interdisciplinar, mas também como disciplina acadêmica.

O CEDIRE tem desenvolvido ações com o apoio e colaboração de diferentes instituições nacionais e estrangeiras, a exemplo de CAPES, FAPEMIG, Fundação de Apoio Universitário, Escola da Advocacia Geral da União, Consórcio Latino-Americano de Liberdade Religiosa, *International Consortium for Law and Religion Studies*, *International Center for Law and Religion Studies*, *Oxford Journal of Law and Religion*, *United Nations Academic Impact Program*, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos em Genebra, Ministério Público do Trabalho, entre outros. Além disso, o Centro tem participado de eventos, cursos e projetos organizados por numerosas instituições nacionais (ex. Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Minas Gerais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Comissões de Liberdade Religiosa de Seccionais da Ordem dos Advogados do Brasil, Congresso Nacional, Secretaria de Direitos Humanos / Ministério de Direitos Humanos) e internacionais ou estrangeiras (ex. Universidades de Pequim, Oslo, Cardiff, Oxford, Oxford Brookes, Bielefeld, PUC Urugui e Paraguai, BYU, Virginia, *Fundazione Marcianum* - Veneza, Senado do Urugui, Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas em Genebra, Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos, *International Consortium for Law and Religion Studies*, *International Development of Law Organization*, *G20 Interfaith Forum*, *The Human Dignity Initiative*). O CEDIRE tem ainda interagido com outras instituições acadêmicas ou governamentais, a exemplo de núcleos,



centros, redes e institutos de pesquisa (ex. *Law and Religion Scholars Network*), de secretarias municipais e estaduais (ex. educação, igualdade racial, direitos humanos) e de comissões de respeito à liberdade ou diversidade religiosa.

Pelo Centro é realizada a série de Encontros de Pesquisa sobre Direito e Religião, em que anualmente se reúnem pesquisadores provenientes de diferentes instituições e regiões do Brasil e do mundo. Centenas de estudantes, professores, pesquisadores e outros profissionais têm participado dessa série de eventos, os quais apresentam os resultados de suas pesquisas ou relatos de experiência em grupos de trabalho, mesas-redondas, debates, painéis e palestras. Além disso, os encontros têm proporcionado um ambiente de interações e colaborações que ultrapassam o campo da pesquisa, tendo em vista que são discutidas, elaboradas ou propostas novas iniciativas e parcerias, inclusive no âmbito de políticas públicas e do setor não governamental.

O CEDIRE ainda organiza o *Moot Court* em Direito e Religião, mantém o Observatório Jurídico da Liberdade de Religião ou Crença, a Rede Brasileira de Pesquisadores em Direito Religião e desenvolve variadas ações e projetos em seu Programa de Capacitação em Direito e Religião.

Seu Líder-Pesquisador, Rodrigo Vitorino Souza Alves, é Professor Adjunto da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia, Pesquisador do Ratio Legis - Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Jurídicas da Universidade Autónoma de Lisboa (Portugal), Pesquisador Visitante do *International Center for Law and Religion Studies* (Estados Unidos) e foi *Academic Visitor* na Faculdade de Direito da Universidade de Oxford (Reino Unido). Doutor em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, foi “Aprovado com Distinção” na defesa da Tese “Estado Secular e Liberdade Religiosa: Fundamentos, Estrutura e Dogmática”. Pesquisador nas áreas de Direito Internacional dos Direitos Humanos e Direito Constitucional, com especial ênfase na liberdade de religião ou crença e nos modos de relação entre Estado e Religião. Lidera o Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião - CEDIRE e o Laboratório de Direitos Humanos - LabDH. O Prof. Rodrigo Vitorino coordenou ainda o Projeto “Diversidade religiosa e direitos humanos: em busca do respeito à diferença”, que recebeu apoio do ProExt-MEC, aprovado em 4ª lugar na categoria “Direitos Humanos” em concorrência nacional. Tem livros, artigos e capítulos de livros publicados, incluindo-se a recente publicação do livro “*Latin American Perspectives on Law and Religion*” (Springer, 2020) e do artigo “*Investigations on the Use of Limitations to*



Freedom of Religion or Belief in Brazil” (Brill, Religion & Human Rights, 2020). Proferiu conferências, ministrou cursos e apresentou trabalhos em diferentes eventos e instituições, no Brasil (ex. USP, UFMG, PUC-Rio, Congresso Nacional, SDH/MDH) e no exterior (ex. Alto Comissariado da ONU em Genebra, Conselho Permanente da OEA em Washington-DC, Universidades de Pequim, Oslo, Cardiff, Oxford, Oxford Brookes, Bielefeld, PUC Uruguai e Paraguai, BYU, Virginia, Fondazione Marcianum - Veneza, Senado do Uruguai). Atuou como palestrante convidado na Sexta Sessão do Fórum sobre Minorias da Organização das Nações Unidas, ocorrida em Genebra, Suíça, sendo ainda debatedor de suas Recomendações (A/HRC/FMI/2013/3), aprovadas pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU, e também na Sessão Especial do Comitê de Assuntos Jurídicos e Políticos do Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos em Fevereiro de 2020 (Resolução CP/CAJP3525/20), sobre a promoção e proteção da liberdade de religião ou crença nas Américas. É um dos signatários originais e participou da comissão de elaboração da Declaração de Punta del Este sobre a Dignidade Humana, publicada em 10 de dezembro de 2018 em comemoração ao aniversário de 70 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. É pesquisador do projeto "*Scrutinizing Limitations: The Proper Use of Permissible Limitations in the Context of Freedom of Religion or Belief*", do Centro Norueguês de Direitos Humanos da Universidade de Oslo. É membro do Conselho Editorial da Série "*Law and Religion in a Global Context*" (Springer). Atuou como membro do comitê de especialistas que revisou o relatório sobre a liberdade religiosa da *International Development of Law Organization - IDLO*. Integrou a equipe de pesquisadores em projeto da Universidade de Oxford (*Oxford Pro Bono Publico*), que submeteu proposta ao Parlamento Inglês com considerações sobre a elaboração de uma constituição escrita. É o Relator Nacional para o *Constitute Project*. É membro de *International Consortium for Law and Religion Studies - ICLARS* (Universidade de Milão), de *Law and Religion Scholars Network - LARSN* (Universidade de Cardiff) e do Consórcio Latino-Americano de Liberdade Religiosa - CLLR. Por fim, Rodrigo Vitorino é habilitado pela Ordem dos Advogados do Brasil.

A coordenadora do Projeto *Pro Bono Publico*, Andréa Letícia Carvalho Guimarães, advogada, mestre em Direito, Estado e Sociedade pela Faculdade de Direito da Universidade de Brasília, trabalha com o tema da liberdade religiosa e laicidade do Estado, desenvolvendo pesquisas no CEDIRE e Universidade de Brasília, bem como presta consultorias aos organismos internacionais, como Organização dos Estados Ibero-americanos (OEI), Programa



das Nações Unidas (PNUD) e UNESCO. Participou como pesquisadora na construção do Relatório de Intolerância e Violência Religiosa no Brasil (RIVIR), primeiro documento construído pelo Estado brasileiro, que tinha como propósito sedimentar os dados de jornais, ouvidorias e processos judiciais, envolvendo intolerância e violência religiosa, com o propósito de construção de políticas públicas sobre o tema. Além disso, prestou consultoria ao então Ministério dos Direitos Humanos em parceria com a UNESCO, projeto em que foram visitados vinte e dois estados brasileiros, com o propósito de construir um diagnóstico sobre as ações e políticas desenvolvidas sobre a promoção dos Direitos Humanos e a Diversidade Religiosa. Essas experiências possibilitaram o desenvolvimento de expertise sobre o tema da laicidade estatal e a efetivação do direito à liberdade de crença no Brasil, o que pode contribuir com a presente ação.

Ademais, recentemente, o CEDIRE foi admitido como *amicus curiae* no ARE 1.099.099 / SP, de relatoria do Exmo. Ministro Edson Fachin, que trata da questão constitucional referente à objeção de consciência, por motivos religiosos, como justificativa para gerar dever do administrador de disponibilizar obrigação alternativa para servidores públicos, em estágio probatório, cumprirem seus deveres funcionais. No caso, foi reconhecida a potencialidade do CEDIRE para enriquecer o debate em questão, o que reforça sua *expertise* para também contribuir como *amicus curiae* no presente caso. Em despacho do dia 17 de junho de 2019, proferiu o Exmo. Ministro Relator a seguinte decisão:

Nesse quadrante, o juízo de admissão do amicus curiae não pode se revelar restritivo, mas deve, por outro lado, seguir os critérios de acolhimento previsto pela Lei 13.105, de 16 de março de 2015, em seu art. 138, quais sejam, a relevância da matéria e a representatividade dos postulantes.

A relevância da matéria se verifica a partir de sua amplitude, bem assim a respectiva transcendência, e de sua nítida relação com as normas constitucionais. A representatividade do amigo da Corte está ligada menos ao seu âmbito espacial de atuação e mais à notória contribuição que pode ele trazer para o deslinde da questão.

Sendo esse o parâmetro de admissão, é preciso concluir ser possível a admissão do Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião, ora



peticionante, sobretudo porque o debate levado a efeito detém pertinência com as atribuições daquela instituição, do que deflui a potencial possibilidade de enriquecer o debate.

Diante do exposto, com base no disposto no artigo 138 do Código de Processo Civil, defiro o pedido de admissão formulado pelo Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião como amicus curiae no presente recurso extraordinário.

3.2. DA RELEVÂNCIA DA MATÉRIA

A matéria em discussão é de grande relevância para a efetividade do sistema constitucional brasileiro, especialmente em relação à proteção do direito fundamental à liberdade de religião e convicções assim como à garantia da separação institucional entre o Estado e as comunidades religiosas. No Recurso Extraordinário discute-se a retirada de todos os símbolos religiosos, como crucifixos e imagens, de locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios da União no Estado de São Paulo.

A matéria a ser discutida tem relação com os objetivos e finalidades institucionais do CEDIRE, quais sejam: a) investigar e promover a liberdade, igualdade e não discriminação em matéria de religião ou crença; b) contribuir para a melhor compreensão sobre a liberdade de religião ou crença, a garantia dessa liberdade em sistemas jurídicos nacionais e internacionais, as restrições à manifestação de religião ou crença, os modos de relação institucional entre Estado e Religião, o lugar da religião no espaço público e o debate sobre a secularização; c) fomentar uma cultura de paz e de respeito pela pluralidade religiosa e pelos direitos humanos.

A matéria a ser julgada no presente recurso extraordinário, não apenas guarda vinculação temática com os objetivos institucionais do CEDIRE e com as atividades de ensino, pesquisa e extensão desempenhadas por seus integrantes, mas também implicará em desdobramentos para todos os cidadãos brasileiros.

A questão da regulamentação do uso de símbolos religiosos em espaços públicos é assunto amplamente discutido e controverso mundialmente. Ao se observar leis e políticas públicas implementadas em países como França, Bélgica, Turquia e Itália, por exemplo, é possível perceber alcances diversos e amplos. É de elevada importância social compreender os



impactos dessa regulamentação, incluindo-se os diversos atores que compartilham o espaço público.

De um lado, a secularidade estatal exige a diferenciação institucional entre o Estado e as comunidades religiosas. De outro, o Brasil é essencialmente um país religioso e sua população pode expressar suas convicções e crenças por meio do exercício da liberdade religiosa. Segundo o censo 2010, promovido pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 92% da população professa alguma religião ou crença. Assim, não se pode ignorar a relevância da matéria para a população, o que reforça a importância da contribuição de um grupo de pesquisa especializado, como o CEDIRE, para a análise do caso. Enfim, as divergências concernentes à relação entre laicidade/secularismo e liberdade religiosa são diversas e há formas de equacionamento igualmente diversas. Apesar disso, revela-se necessário decidir o modo pelo qual um país caracterizado pela continentalidade e pluralidade lidará com essa questão.

Diante do exposto, resta demonstrada a relevância da matéria, a representatividade, o interesse e a potencial contribuição que o CEDIRE é capaz de oferecer ao deslinde da questão, tanto por meio de sua missão institucional quanto pelo trabalho de destaque que tem desempenhado, nacional e internacionalmente, em vinculação com a matéria deste julgamento.

4. PEDIDOS

Por todo o exposto, ante o preenchimento dos requisitos legais dispostos no artigo 138 e parágrafos do CPC, e em observância à jurisprudência desta Suprema Corte e de seu Regimento Interno, requer-se:

- a) o recebimento e deferimento do presente pedido para admitir o CEDIRE na qualidade de *amicus curiae* nos autos deste Recurso Extraordinário com Agravo nº. 1.249.095 neste Egrégio Supremo Tribunal Federal;
- b) seja oportunizada, no prazo legal e regimental, a apresentação de razões em Memoriais;
- c) seja assegurado ao CEDIRE a possibilidade de sustentação oral de seus argumentos em Plenário por ocasião da sessão de julgamento deste Recurso Extraordinário;
- d) seja oportunizada a sua participação em outras manifestações que porventura se realizem, a exemplo de audiências públicas;



e) seja o CEDIRE intimado, por meio de seus advogados subscritos, de todos os atos do processo, nos endereços eletrônicos *probono@direitoereligiao.org* e *esajup@fadir.ufu.br*.

Nestes termos, pede deferimento.

Uberlândia, 12 de agosto de 2020.

Andréa Letícia Carvalho Guimarães

OAB/MG: 141.394

Coordenadora do Projeto CEDIRE *Pro Bono Publico*

Breno Valadares de Abreu

ESAJUP/UFU

Rodrigo Vitorino Souza Alves

Líder-Pesquisador do CEDIRE





Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Petição	64254/2020
Processo	ARE 1249095
Tipo de pedido	Amicus curiae
Relação de Peças	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: BRENO VALADARES DE ABREU
Data/Hora do Envio	14/08/2020, às 17:25:22
Enviado por	BRENO VALADARES DE ABREU (CPF: 016.860.016-14)



**EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO RELATOR RICARDO
LEWANDOWSKI DO COLENDOSUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**

ARE nº 1.249.095

**CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO
BRASIL - CNBB**, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ sob o n. 33.685.686/0001-50, com endereço na SES 801, conjunto B, Asa Sul, Brasília-DF, Cep: 70.200-014, nos termos do art. 3º, Decreto n. 7.107/10, Instituição Eclesiástica denominada de Conferência Episcopal, erigida na Lei Canônica, neste ato representada por Dom Walmor Oliveira de Azevedo, brasileiro, sacerdote, portador do RG nº. 414.442, inscrito no CPF sob o nº. 181.639.806-30, respeitosamente, por meio de seus advogados constituídos, com fulcro no art. 138 do CPC, requerer que seja admitida sua participação na condição de

AMICUS CURIAE

no Agravo em Recurso Extraordinário n. 1.249.095 proposto pelo Ministério Público Federal em face de União, por meio do qual se pretende a retirada de símbolos religiosos expostos nas repartições públicas, alegando haver violação dos artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal, pelos fatos e fundamentos jurídicos a seguir delineados.



I. SÍNTESE DOS FATOS

2. O Ministério Público Federal propôs Ação Civil Pública em face da União buscando a retirada de todos os símbolos religiosos de locais públicos em órgãos da União no Estado de São Paulo.

3. O juízo da 3ª Vara Federal Cível de São Paulo julgou improcedente o pedido, alegando que o fato de o estado ser laico não significa haver oposição a qualquer religião. Entendeu que a liberdade de liturgia, consciência e culto são garantias constitucionais, sendo a religião forma de expressão cultural do povo brasileiro.

4. Dessa decisão, foi interposta apelação. A Procuradoria Regional da República da 3ª Região, emitiu parecer no sentido de não prover o recurso. A 4ª Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região, por sua vez, negou provimento ao apelo, de forma unânime, tendo entendido que:

A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

5. Foram opostos Embargos de Declaração pelo Ministério Público Federal, os quais foram rejeitados. Em sequência, foi interposto Recurso Extraordinário, com fundamento na alínea “a” do inciso III do art. 102 da Constituição Federal, no qual o Ministério Público Federal alega afronta aos artigos 3º, IV, 5º, caput e VI, 10, I e 37 da Constituição Federal. Referidos dispositivos tratam da liberdade de consciência e crença religiosa e o tratamento isonômico e impessoal por parte do Poder Público, o que inclui as questões religiosas.

6. O Recurso Extraordinário não foi admitido na origem, sob os fundamentos de que o acórdão encontra-se em consonância com o entendimento consolidado no Supremo Tribunal Federal, incidindo na espécie o óbice da Súmula 286/STF; e de que não é cabível recurso extraordinário para impugnar acórdão que tenha decidido com base em fatos e provas dos autos, a teor da Súmula 279/STF. Dessa



decisão, foi interposto Agravo em Recurso Extraordinário, o qual resta pendente de julgamento.

7. A d. Procuradoria Geral da República apresentou Parecer pelo conhecimento do Agravo e **não provimento do Recurso Extraordinário**.

8. Eis o breve resumo dos fatos.

II. DA LEGITIMIDADE DA CNBB PARA FIGURAR COMO *AMICUS CURIAE* NO ARE nº 1.249.095

9. Não resta dúvida de que a CNBB tem legitimidade para figurar como *amicus curiae* desta e. Suprema Corte na presente ação, senão vejamos. A CNBB é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, que congrega os Bispos da Igreja Católica no País, na qual, conjuntamente e nos limites do direito, exercem funções pastorais em favor de seus fiéis e procuram dinamizar a própria missão evangelizadora, para melhor promover a vida eclesial.

10. Em seu estatuto social, constam como finalidades institucionais:

Art. 1º. A CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, neste Estatuto denominada também pela sigla **CNBB**, ou simplesmente por Conferência, é uma associação civil, de direito privado, constituída em 1952, que tem por finalidades e objetos precípuos:

- a) exercer o magistério doutrinal e a atividade legislativa para a Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, segundo as normas do direito eclesiástico;
- b) representar o Episcopado brasileiro junto a outras instâncias, inclusive às autoridades públicas;
- c) coordenar e subsidiar a ação pastoral orgânica do Episcopado brasileiro, em todo o território nacional, alcançando as atividades de natureza religiosa, educacional e cultural, de beneficência, de filantropia e de assistência social; e
- d) editar, publicar, divulgar, vender e distribuir documentos e subsídios da CNBB e da Igreja, úteis ao cumprimento de sua missão evangelizadora, sob a forma de livros, brochuras, folhetos, jornais, revistas, Cd-rom e outros meios gráficos ou digitais incorporados pela tecnologia, nos termos das alíneas anteriores.

Parágrafo único: A CNBB inspira esta sua ação pastoral na Bíblia Sagrada, nos documentos do Magistério Universal da Igreja e na linha de ação traçada pelo Episcopado.



Art. 2º. A CNBB relaciona-se com os diversos segmentos da realidade cultural, econômica, social e política do Brasil, buscando uma colaboração construtiva, para a promoção integral do povo e o bem maior do País e, quando solicitada, ajudando nisto aos Bispos das dioceses e circunscrições eclesásticas a estas equivalentes.

O art. 3º do Estatuto Social prevê que:

Art. 3º. A CNBB trata com as autoridades públicas as questões que interessam ao bem comum e à missão da Igreja.

11. O Código de Processo Civil trouxe a figura do *amicus curiae* como uma modalidade de intervenção de terceiros, nos seguintes termos:

*Art. 138. O juiz ou o relator, considerando a **relevância da matéria**, a **especificidade do tema objeto da demanda** ou a **repercussão social da controvérsia**, poderá, por decisão irrecorrível, de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com **representatividade adequada**, no prazo de 15 (quinze) dias de sua intimação.*

§ 1º A intervenção de que trata o caput não implica alteração de competência nem autoriza a interposição de recursos, ressalvadas a oposição de embargos de declaração e a hipótese do § 3º.

*§ 2º Caberá ao juiz ou ao relator, na decisão que solicitar ou admitir a intervenção, definir os poderes do *amicus curiae*.*

*§ 3º O *amicus curiae* pode recorrer da decisão que julgar o incidente de resolução de demandas repetitivas.*

12. Da análise dos dispositivos legais que permitem a participação de órgãos ou entidades especializadas, depreende-se que os requisitos necessários para tanto são: 1) representatividade adequada; 2) relevância da matéria; e 3) especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia.

13. No que tange ao preenchimento dos requisitos supramencionados, a **relevância da matéria** é inconteste, eis que nesta ação do Ministério Público Federal questiona a violação de dispositivos constitucionais da liberdade de crença e da impessoalidade, na medida em que alega que expor em locais públicos símbolos religiosos afrontaria o princípio da não discriminação em relação àqueles cidadãos que professam outras crenças e aos que não professam crença alguma e procuram o serviço público.

14. O próprio Supremo Tribunal Federal entendeu por reconhecer a repercussão geral na presente ação por votação unânime do Plenário



Virtual, o que enfatiza a relevância da matéria. Conforme bem delineado pelo relator, ministro Ricardo Lewandowski, *“a causa extrapola os interesses das partes envolvidas, pois a questão central alcança todos os órgãos e entidades da administração pública da União, dos estados e dos municípios. (...) A conclusão da discussão definirá a exata extensão dos dispositivos constitucionais supostamente violados”*.

15. Tal matéria, já foi, inclusive, objeto de manifestação por parte do Conselho Nacional de Justiça, tendo prevalecido o entendimento de que o uso de símbolos religiosos em órgãos da Justiça não fere o princípio de laicidade do Estado. Assim, não há dúvida que a matéria objeto da presente ação é relevante, já que a decisão da presente ação terá força vinculante e atingirá todos os Estados da Federação.

16. A **repercussão social da controvérsia** consiste no fato de que a matéria ora tratada diz respeito às liberdades civis fundamentais, em especial, a liberdade religiosa e a laicidade estatal, áreas estas afetas às finalidades sociais da CNBB. Conforme narrado, o mérito da ação consiste em saber se a exposição de símbolos religiosos nas repartições públicas contraria ou não os artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, da Constituição Federal, já tendo o ministro relator se manifestado sobre a existência repercussão geral, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envolvidos no debate.

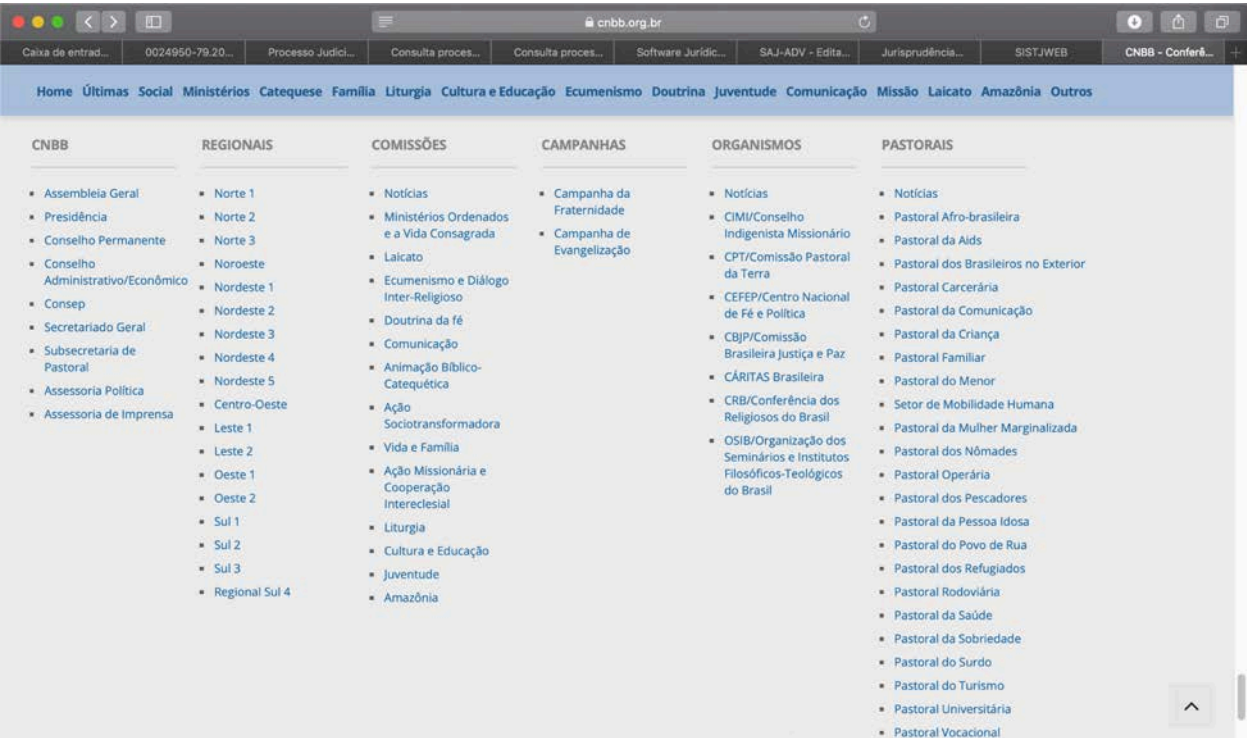
17. Por certo, a discussão em voga irá impactar na vida de milhares de cidadãos brasileiros, já que os direitos constitucionais questionados são aplicáveis a todos indistintamente. O debate sobre a liberdade de crença, liberdade cultural, igualdade, dentre outros, certamente afetará a vida de todos, razão pela qual é importante seja admitida a participação da CNBB na condição de *amicus curiae* na presente ação, com vistas a ampliar e auxiliar os julgadores na tomada de decisão, de forma técnica e jurídica.

18. A **representatividade** da CNBB, por sua vez, é incontestável. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, conforme o estatuto da instituição, tem como finalidades **representar o Episcopado brasileiro juntos a outras instâncias, inclusive às autoridades públicas**, assim como **tratar com as autoridades públicas as questões que interessam ao bem comum e à missão da Igreja**.



19. Além disso, pertencem à CNBB todos os Bispos diocesanos do Brasil e os que são a eles equiparados pelo direito, os Bispos coadjutores, os Bispos auxiliares e os outros Bispos titulares que exercem no mesmo território algum encargo especial, confiado pela Sé Apostólica ou pela Conferência dos Bispos.

20. É possível ver no *site* da CNBB o seu amplo campo de atuação, possuindo representatividade em todo o território nacional, bem como atuando em campanhas, pastorais e comissões. Veja:



CNBB	REGIONAIS	COMISSÕES	CAMPANHAS	ORGANISMOS	PASTORAIS
• Assembleia Geral • Presidência • Conselho Permanente • Conselho Administrativo/Econômico • Consep • Secretariado Geral • Subsecretaria de Pastoral • Assessoria Política • Assessoria de Imprensa	• Norte 1 • Norte 2 • Norte 3 • Noroeste • Nordeste 1 • Nordeste 2 • Nordeste 3 • Nordeste 4 • Nordeste 5 • Centro-Oeste • Leste 1 • Leste 2 • Oeste 1 • Oeste 2 • Sul 1 • Sul 2 • Sul 3 • Regional Sul 4	• Notícias • Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada • Laicato • Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso • Doutrina da fé • Comunicação • Animação Bíblico-Catequética • Ação Sociotransformadora • Vida e Família • Ação Missionária e Cooperação Intereclesial • Liturgia • Cultura e Educação • Juventude • Amazônia	• Campanha da Fraternidade • Campanha de Evangelização	• Notícias • CIMI/Conselho Indigenista Missionário • CPT/Comissão Pastoral da Terra • CEFE/ Centro Nacional de Fé e Política • CBJP/Comissão Brasileira Justiça e Paz • CÁRITAS Brasileira • CRB/Conferência dos Religiosos do Brasil • OSIB/Organização dos Seminários e Institutos Filosóficos-Teológicos do Brasil	• Notícias • Pastoral Afro-brasileira • Pastoral da Aids • Pastoral dos Brasileiros no Exterior • Pastoral Carcerária • Pastoral da Comunicação • Pastoral da Criança • Pastoral Familiar • Pastoral do Menor • Setor de Mobilidade Humana • Pastoral da Mulher Marginalizada • Pastoral dos Nômades • Pastoral Operária • Pastoral dos Pescadores • Pastoral da Pessoa Idosa • Pastoral do Povo de Rua • Pastoral dos Refugiados • Pastoral Rodoviária • Pastoral da Saúde • Pastoral da Sobriedade • Pastoral do Surdo • Pastoral do Turismo • Pastoral Universitária • Pastoral Vocacional

21. Importante ressaltar que a CNBB já foi admitida como *amicus curiae* em várias outras ações perante esse Egrégio Supremo Tribunal Federal, citando-se como exemplo, no Recurso Extraordinário nº 1.017.365, ADPF 132 e ADI 427.

22. Não resta, assim, qualquer dúvida quanto à representatividade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, requerendo seja admitida também no presente Agravo em Recurso Extraordinário a sua participação como *amicus curiae*.



III. DOS DISPOSITIVOS CONSTITUCIONAIS SUPOSTAMENTE VIOLADOS – ARTIGOS 3º, IV; 5º, *caput* e VI; 10, I e 37

23. O Ministério Público Federal sustenta que a Ação Civil Pública por ele ajuizada tem por objetivo promover a liberdade religiosa de todos os cidadãos que ingressam diariamente nas repartições públicas do Estado de São Paulo, por meio de obtenção de decisão judicial que obrigue a União a retirar dos locais de ampla visibilidade e atendimento ao público os símbolos de qualquer religião, tudo sob o amparo da laicidade estatal, da liberdade de crença e religiosa.

24. Alega que a impessoalidade resta ofendida na medida em que a liberdade religiosa garantida pela Constituição Federal é pessoal, sendo que expor em locais públicos símbolos religiosos supostamente ofenderia tal princípio constitucional.

25. Na visão do Ministério Público Federal a exposição de símbolos religiosos em repartições públicas estaria violando o princípio da não discriminação e o da liberdade de crença dos cidadãos que professam outras crenças e que procuram os serviços públicos.

26. Aduz que o acórdão que, confirmando a sentença negou o pedido do MPF, “nega efetividade ao princípio da igualdade e à plena liberdade de crença de parcela da sociedade brasileira em prol do direito à cultura dos católicos, bem como não promove a integração social, já que mantém situação prejudicial à noção de pertencimento e participação na gerência das res pública de cidadãos que não professem as religiões cujos símbolos continuarão exibidos em prédios públicos nos quais necessitem transitar”.

27. Ocorre porém, que, como bem restou decidido nas instâncias ordinárias, e como já decidido outrora por esta mesma Suprema Corte, não houve qualquer violação à Constituição Federal, porquanto o fenômeno religioso deve ser visto como uma manifestação cultural do povo brasileiro, não havendo qualquer afronta à laicidade do Estado, conforme será demonstrado adiante.



IV. DA NECESSIDADE DE MANUTENÇÃO DOS SÍMBOLOS RELIGIOSOS COMO EXPRESSÃO DA CULTURA DO POVO BRASILEIRO

28. Conforme restou corretamente decidido nas instâncias inferiores:

“(...) a laicidade do Estado brasileiro, como visto, não se traduz em oposição ao fenômeno religioso. Ao contrário, ele é garantido no texto constitucional como direito fundamental de liberdade de consciência, de liturgia e de culto. Mais, é resguardado como valor em si, inclusive sob a perspectiva da expressão cultural do povo brasileiro. Daí a possibilidade de convivência do Estado laico com símbolos religiosos - crucifixos, imagens, monumentos, nomes de logradouros ou de cidades etc. - ainda que em locais públicos, pois refletem a história e a identidade nacional ou regional”.

“APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVENCIA DO ESTADO LAICO COM

SÍMBOLOS RELIGIOSOS. RECURSO DESPROVIDO.

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida.”

29. Em seu parecer, o próprio Ministério Público Federal manifestou-se contrário ao provimento do presente Recurso Extraordinário, tendo citado trechos de diversos julgados do Supremo Tribunal Federal, concluindo que a laicidade estatal guarda relação direta com o princípio da liberdade de crença e da igualdade, já que o Estado não pode privilegiar qualquer religião em detrimento de outras, garantindo-se a livre manifestação de crença pelos indivíduos. Assim, a intervenção estatal no sentido de retirar símbolos religiosos de repartições públicas acaba por ofender a expressão da liberdade religiosa e da diversidade cultural do povo brasileiro, que deve ser salvaguardada pela tolerância e respeito ao pluralismo.

30. O Conselho Nacional de Justiça já se posicionou sobre a possibilidade de haver símbolos religiosos no âmbito do Poder Judiciário sem que isso configure ofensa à liberdade religiosa, já que se trata de manifestação cultural do povo brasileiro. Em 2016, o Conselheiro Emmanoel Campelo, do CNJ, reiterou o seu



entendimento no Pedido de Providências nº 0000620-85.2013.2.00.0000. *In verbis*:

O pedido inicial é de que seja determinada a retirada das imagens e crucifixos que estão nas dependências do Tribunal e da Capela do TJPR.

Inicialmente destaco que o presente pedido pode ser solucionado monocraticamente, na medida em que este Conselho já decidiu, em quatro Pedidos de Providência (1.344, 1.345, 1.346 e 1.362), sobre a presença de símbolos religiosos nos Tribunais de Justiça do Ceará, Minas Gerais, Santa Catarina e no Tribunal Regional Federal 4ª região, posicionando-se no sentido de mantê-los, sob a afirmação de que os crucifixos são mais símbolos culturais e tradicionais do que religiosos. Recentemente também decidi, monocraticamente, nos autos do Procedimento de controle Administrativo nº 0001418-80.2012.2.00.0000 e Pedido de Providências nº 0001058-48.2012.2.00.0000, ambos pleiteando que fosse decretada a nulidade e a desconstituição do ato administrativo emanado pelo Conselho Superior da Magistratura do Estado do Rio Grande do Sul, nos autos do Processo Administrativo nº 0139-11/000348-0, que ordenou a retirada de Crucifixos e demais símbolos religiosos das dependências do Poder Judiciário Gaúcho.

[...] O pedido não é inédito, pois o CNJ, desde a primeira composição, debruça-se sobre a matéria, que é recorrente: os símbolos religiosos podem compor as salas do Poder Judiciário, sem ferir a liberdade religiosa?

Vejamos.

I - O ESTADO LAICO

*O CNJ discutiu em 2011, em seminário organizado pelo então Conselheiro Ives Gandra Martins Filho, a questão da laicidade do Estado, aspecto de fundamental importância no presente caso. Das conclusões possíveis naquele encontro, e também das abalizadas posições doutrinárias, extrai-se que **o Estado brasileiro é laico, o que significa dizer que há separação entre Estado e Igreja. Porém, há aqueles que confundem Estado Laico com Estado Laicista, deturpação do primeiro, no qual se procura isolar o fator religioso à esfera puramente pessoal, proibindo ou cerceando as manifestações externas da religiosidade.***

O CNJ, em decisão plenária unânime, já apreciou pedido de retirada dos adornos referentes a Themis, deusa grega da justiça, abordando a laicidade do Estado como fato concreto. O processo foi relatado pelo ilustre Conselheiro Bruno Dantas, cujo excerto reproduzo:

‘Não há que se falar, na espécie, em ofensa à laicização do Estado, pois a estátua da deusa grega Themis, cuja retirada postula o requerente, não ostenta o caráter religioso por ele impingido, mas apenas presta homenagem ao povo grego e aos primórdios da justiça e da democracia. Nota-se que, no precedente, a discussão era sobre eventual ofensa à laicização do Estado por conta da utilização de um símbolo religioso de outro país. Aqui, cuida-se da manutenção de símbolos religiosos referentes à religião cristã, defendida pelos requerentes como sendo a majoritária em nosso país e, bem por isso, representativa da consciência e da cultura de seu povo.’

Com efeito, o símbolo religioso de outros povos, utilizado a título de aformoseamento ou mesmo de tributo à origem do direito, não ofende a laicização da nação brasileira. Da mesma maneira, há inegável prevalência do cristianismo, como fé predominante na nação, o que não pode ser ignorado, mas que também não pode ofender a laicidade do Estado, nem apresentar caráter excludente. Ou, dito de outro modo, o fato de os brasileiros





SARUBBI CYSNEIROS

ADVOGADOS ASSOCIADOS

professarem, em sua maioria, a religião cristã, não pode ser elemento de exclusão ou de diminuída garantia às minorias que praticam outras crenças.

II - SIMBOLOS RELIGIOSOS NO PODER JUDICIÁRIO

Bem se sabe o quanto as divergências religiosas já causaram guerras e destruição ao redor do mundo, em especial por conta da chamada intolerância religiosa, que deve ser combatida como um perigoso elemento desagregador da sociedade.

Nesse diapasão, entendo que os símbolos religiosos são também símbolos culturais, que corporificam as tradições e valores de uma cultura ou civilização, sintetizando-os. Nesse sentido, o Crucifixo é um símbolo simultaneamente religioso e cultural, consubstanciando um dos pilares - o mais transcendente - de nossa civilização ocidental.

Cumprir observar que o preâmbulo da Constituição Brasileira de 1988 é finalizado com a expressão: **“promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição da República Federativa do Brasil”**. Em relação aos direitos e deveres individuais, o art. 5º, VI, aponta como sendo **“inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”**. Portanto, garantidos o direito de liberdade de crença, de consciência e de culto religioso. No art. 5º, os incisos VII e VIII garantem a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva e que ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei. O art. 19, I, aduz ser vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios, estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público; O art. 143, §§ 1º e 2º, permite serviço alternativo aos que, em tempo de paz, após alistados, alegarem imperativo de consciência, entendendo-se como tal o decorrente de crença religiosa e de convicção filosófica ou política, para se eximirem de atividades de caráter essencialmente militar e os eclesiásticos ficarem isentos do serviço militar obrigatório em tempo de paz. Já o § 1º do art. 210 estabelece que o ensino religioso será facultativo e constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

O art. 226, § 2º aponta que o casamento religioso produz efeitos civis. **Verifica-se, dessa forma, a inexistência de vedação na Carta Magna para que símbolos, como o Crucifixo, sejam expostos em entidades públicas. Ao contrário, há garantia desse direito, conforme art. 5º, VI, acima citado.**

Evidencio, assim, que para acolher a pretensão de retirada de símbolos religiosos sob o argumento de ser o Estado laico, seria necessário, também, extinguir feriados nacionais religiosos, abolir símbolos nacionais, modificar nomes de cidades, e até alterar o preâmbulo da Constituição Federal.

Ora, se a própria Constituição Federal traz em seu bojo que foi promulgada “sob a proteção de Deus”, se está impresso nas cédulas do real “Deus seja louvado”, se inúmeros feriados são religiosos, vemos que o teísmo explícito do Estado brasileiro se manifesta também na manutenção dos símbolos cristãos, seguindo a tradição lusitana que forjou nosso país. Das várias formas de relação entre Igreja e Estado no tempo e no espaço - Estado Confessional (que adota uma religião como oficial), Estado Ateu (que rejeita o fator religioso como constitutivo do ser humano) e Estado Laico (que vive a separação entre Igreja e Estado, mas com cooperação entre eles e respeito à liberdade



religiosa), o Brasil adotou nitidamente esta última forma.

Ou seja, não há como ser elemento de exclusão ou de diminuída garantia às minorias que praticam outras crenças. Por outro lado, visto como símbolo cultural que é, o crucifixo não discrimina ou exclui ninguém. Até porque, ser laico não significa ser inimigo da religião, ou agir como se a mesma não existisse.

Portanto, resta claro que a presença do Crucifixo não significa uma mistura de religião e Estado, mas remete a uma questão histórico cultural, sem ferir a liberdade religiosa ou a privilegiar apenas uma crença.

Nesse contexto, a proibição ou retirada dos símbolos religiosos existentes em repartições públicas ou em salas de sessões de Tribunais responde à visão preconceituosa daqueles que pretendem apagar os vestígios de uma civilização cristã invocando a laicidade do Estado, quando, na verdade, professam um laicismo mais próximo do ateísmo do que da posição equilibrada da separação entre Igreja e Estado.

Ademais, favorece determinados grupos, como o de ateus ou dos que ostentam outra religião, em detrimento dos que cultuam os referidos símbolos, como, por exemplo, o Crucifixo, revelando-se ato discriminatório. O ato de retirar um crucifixo de espaço público, que tradicionalmente e historicamente o ostentava, é ato eivado de agressividade, intolerância religiosa e discriminatório, já que atende a uma minoria, que professa outras crenças, ignorando o caráter histórico do símbolo no Judiciário brasileiro.

[...]

Ressalto que este Conselho já decidiu, em quatro Pedidos de Providência (1.344, 1.345, 1.346 e 1.362) sobre a presença de símbolos religiosos nos Tribunais de Justiça do Ceará, Minas Gerais, Santa Catarina e no Tribunal Regional Federal 4º região, posicionando-se no sentido de mantê-los, sob a afirmação de que os crucifixos são mais símbolos culturais e tradicionais do que religiosos.

Transcrevo a declaração de voto do então Conselheiro Oscar Argollo, no Pedido de Providências nº 1344: O interesse público primário deve ser traduzido como defesa dos direitos individuais e não abstrações totalitárias de valores ou objetivos coletivos, que pertencem ao mundo do totalitarismo e de intervenções arbitrárias do poder político.

A decisão de manter um crucifixo numa sala de audiências de Tribunal de Justiça não torna o Estado clerical e, data máxima vênia, nem ofende nenhum interesse público, uma vez que, ao contrário, preserva-o, ao garantir aos cidadãos a concretização de uma liberdade. Como diria Alexandre Herculano, não perturba ou tolhe os direitos e ação de outrem ou dos outros (Cartas, I, p. 213).

III – CONCLUSÃO

Diante dos fundamentos acima expostos, verifica-se que a presença de Crucifixo ou símbolos religiosos em um tribunal não exclui ou diminui a garantia dos que praticam outras crenças, também não afeta o Estado laico, porque não induz nenhum indivíduo a adotar qualquer tipo de religião, como também não fere o direito de quem quer seja.

Assim, entendo que os símbolos religiosos podem compor as salas do Poder Judiciário, sem ferir a liberdade religiosa, e que não se pode impor a sua retirada de todos os tribunais, indiscriminadamente. Por isso, merece reparo a decisão do Conselho Superior da Magistratura do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul que determinou, de forma discriminatória, a retirada dos Crucifixos. (Grifos nossos)



31. Apesar de a decisão do CNJ ter abrangência restrita ao Poder Judiciário, certo é que seus fundamentos podem ser utilizados para que o entendimento ali presente seja estendido para todo o âmbito da Administração Pública, no sentido de que a utilização de símbolos religiosos não ofende a laicidade do estado, porquanto ser laico não significa ser inimigo da religião ou ignorar a sua existência. Dessa forma, a presença de Crucifixo ou outros símbolos religiosos não configura fusão da religião com o Estado, mas apenas faz alusão a uma questão histórico cultural, sem ferir a liberdade religiosa ou privilegiar apenas uma crença.

32. De fato, a presença de símbolos religiosos em repartições públicas não exclui ou diminui a garantia dos que praticam outras crenças, bem como não afeta a laicidade do estado, já que não tem o condão de induzir o indivíduo a adotar qualquer tipo de religião. Ao contrário, proibir a utilização de símbolos religiosos e históricos em repartições públicas é negar e até mesmo tentar apagar toda uma cultura histórica religiosa predominante em uma determinada sociedade, ofendendo a liberdade de crença da maioria da sociedade brasileira.

33. Como bem ressaltado na decisão do Conselho Nacional de Justiça, o estado brasileiro é laico e o Estado laico não se confunde com o Estado laicista, sendo que este último procura isolar o fator religioso à esfera puramente pessoal, proibindo ou cerceando as manifestações externas da religiosidade.

34. Sobre o tema, Hugo José Sarubbi Cysneiros de Oliveira, em sua obra ‘O Marco Jurídico das Organizações Religiosas’, entende que:

Não raro, os que compreendem equivocadamente o significado da laicidade do Estado alegam que a presença de símbolos religiosos em espaços públicos agrediria o princípio da separação entre o ente estatal e a Igreja. Coube ao próprio Estado Juiz esclarecer, já em diversas oportunidades, que mencionados fatos em nada comprometem o caráter laico do Estado brasileiro, sendo, em sentido oposto, uma fiel expressão da convivência harmônica entre os plurais valores que constroem uma sociedade democrática.¹

35. Citando a presente Ação Civil Pública, prossegue o autor:

Após o indeferimento da liminar requerida pelo órgão ministerial, testemunhas

¹ DE OLIVEIRA, Hugo José Sarubbi Cysneiros. et al. Título: O Marco Jurídico das Organizações Religiosas. 1ª Edição. Brasília: CNBB, 2019, p. 33.



passaram a ser ouvidas em juízo, incluindo representantes de outras confissões religiosas, cabendo aqui destacar trechos contidos nos autos. Às fls. 368, um líder de uma comunidade evangélica diz que ‘prega a tolerância e o respeito a todas as crenças, sendo indiferente para a sua fé e para as suas concepções religiosas a existência de símbolos de outras religiões, seja em que locais forem. Destaque também para o que se extrai das fls. 417/420 do processo, quando é lembrando que o Brasil é um país de tradição católica e o princípio atual da laicidade do Estado.’²

36. Importante trazer à baila o ensinamento do i. Desembargador do TJRS, Ingo Wolfgang Sarlet, doutor e pós doutor em Direito, pela Universidade de Munique sobre a laicidade do Estado:

Na Constituição Federal de 1988, tal opção (do Estado laico) encontra sua previsão expressa no já referido art. 19 da CF, que veda aos entes da Federação que estabeleçam, subvencionem ou embarquem o funcionamento de cultos religiosos ou igrejas.

*A referência feita a Deus no Preâmbulo, além de não ter caráter normativo, não compromete o princípio da neutralidade religiosa do Estado, que, por sua vez, **não implica - ainda mais consideradas as peculiaridades da ordem constitucional brasileira - um total distanciamento por parte do Estado da religião, distanciamento que - na acepção de André Ramos Tavares que aqui se partilha - sequer se revela desejável.** Com efeito, como bem pontua Jorge Miranda, há que se distinguir entre laicidade e separação (no sentido de independência) entre Estado e Igreja (e comunidades religiosas em geral) **de laicismo e de uma postura de menosprezo e desconsideração do fenômeno religioso (das religiões e das entidades religiosas) por parte do Estado**, pois uma coisa é o Estado não professar nenhuma religião e não assumir fins religiosos, mantendo uma posição equidistante e neutra, **outra coisa é assumir uma posição hostil em relação à religião e mesmo proibitiva da religiosidade.***

Importa destacar, que o laicismo e toda e qualquer postura oficial (estatal) hostil em relação à religião revela-se incompatível tanto como pluralismo afirmado no Preâmbulo da Constituição Federal, quanto com uma noção inclusive de dignidade da pessoa humana e liberdade de consciência e de manifestação do pensamento, de modo que a necessária neutralidade se assegura por outros meios, tal como bem o demonstra o disposto no art. 19, I, bem como um conjunto de limites e restrições à liberdade religiosa, aspecto que aqui não será desenvolvido. Outras manifestações que podem ser extraídas da CF, no sentido de uma postura aberta e sensível para com as religiões, sem assumir qualquer compromisso com determinada religião e igreja, podem ser ilustradas com os exemplos da previsão, ainda que em caráter facultativo, de ensino religioso em escolas públicas de ensino fundamenta (art. 210, §1º, da CF) e a possibilidade de reconhecimento de efeitos civis ao casamento religioso (art. 226, §§1º e 2º). (grifos editados)

37. É de se concluir que o fato do Estado ser laico não

² DE OLIVEIRA, Hugo José Sarubbi Cysneiros. et al. Título: O Marco Jurídico das Organizações Religiosas. 1ª Edição. Brasília: CNBB, 2019, p.33.



significa que é inimigo das religiões, de qualquer delas. Desta forma, a julgar procedente o pedido descabido do Recorrente, estar-se-ia adotando postura de embate com as religiões, uma vez que, se determinado responsável por uma sala de órgão público, inclusive por sua decoração, é pessoa religiosa e deseja colocar em local visível e público determinado símbolo religioso, exigir do Estado que controle referida situação é, justamente, exigir que o Estado adote postura hostil contra o fenômeno religioso que faz parte da vida da população do país.

38. Em verdade, o que o Recorrente requer é que faça prevalecer a vontade de uma minoria dentro de uma minoria, pois os que não creem em Deus e não professam religião alguma em nosso Estado já são minoria. Dentre estes os que afirmam sentirem-se **ofendidos** pela simples presença de um símbolo religioso em um local público é a minoria dentro daquela minoria. Impensável que o Estado se curve à - *data maxima venia* - birra de quem não consegue conviver numa sociedade plural e ver num órgão público determinado símbolo religioso, que em nada afeta o funcionamento do referido órgão, eventuais decisões e práticas, etc.

39. **Da mesma forma que o Estado não poderia impor que determinado símbolo religioso seja colocado em local público, tampouco pode impor que seja retirado conforme se pleiteia no presente Recurso. É esta a postura de neutralidade que se espera do Estado.**

40. Foi justamente este entendimento que prevaleceu no julgamento da ADI 4439, que pretendia que o ensino religioso de matrícula facultativa nas escolas públicas fosse obrigatoriamente aconfessional por supostamente ofender o princípio da laicidade do Estado. A ação foi julgada improcedente e cabe trazer a estes autos trechos do brilhante voto do i. Ministro Alexandre de Moraes, que se amoldam perfeitamente ao presente caso. Veja-se:

A liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e **compreende não somente as informações consideradas como inofensivas**, indiferentes ou favoráveis, **mas também as que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a Democracia somente existe baseada na consagração do pluralismo de ideias e pensamentos** – políticos, filosóficos, religiosos – e da **tolerância** de opiniões e do espírito aberto ao diálogo.



(...)

O respeito à fé alheia ou a ausência de qualquer crença religiosa é primordial para a garantia de segurança de nossa própria fé, pois a verdadeira liberdade religiosa consagra a pluralidade, como bem lembrado por THOMAS MORE em sua grande obra, ao narrar que “as religiões, na Utopia, variam não unicamente de uma província para outra, mas ainda dentro dos muros de cada cidade, estes adoram o Sol, aqueles divinizam a Lua ou outro qualquer planeta. Alguns veneram como Deus supremo um homem cuja glória e virtudes brilharam outrora de um vivo fulgor”.

(...)

Assim, **a Constituição Federal**, ao consagrar a inviolabilidade de crença religiosa, **está também assegurando plena proteção à liberdade de culto e às suas liturgias** (FRANCESCO FINOCCHIARO, Il fenomeno religioso. I rapporti trà Stato e Chiesa cattolica. I culti non cattolici. Manuale di diritto pubblico. Bolonha: Il Molino, 1994. p. 943-964). Insisto, um Estado não consagra verdadeiramente a liberdade religiosa sem absoluto respeito aos seus dogmas, suas crenças, liturgias e cultos. O direito fundamental à liberdade religiosa não exige do Estado concordância ou parceria com uma ou várias religiões; **exige, tão somente, respeito; impossibilitando-o de mutilar dogmas religiosos de várias crenças, bem como de unificar dogmas contraditórios sob o pretexto de criar uma pseudo neutralidade no “ensino religioso estatal”**.

O Estado deve respeitar todas as confissões religiosas, bem como a ausência delas, e seus seguidores, **mas jamais sua legislação, suas condutas e políticas públicas devem ser pautadas por quaisquer dogmas ou crenças religiosas ou por concessões benéficas e privilegiadas a determinada religião.** (grifos editados)

41. Cumpre ressaltar, de maneira especial, no tocante ao último parágrafo que a presença de qualquer símbolo religioso em órgãos públicos não significa submissão do Estado a determinada religião, tampouco subvenção. Haja vista, por exemplo, os diversos julgados que esta Suprema Corte já realizou em sentido contrário ao que ensina a Igreja Católica e a presença do Crucifixo no Plenário desta mesma Corte. Tivesse qualquer influência a presença do referido símbolo religioso, diversos julgamentos desta corte teriam sido concluídos de forma diversa da que efetivamente foram.

42. Segue o i. Ministro Alexandre de Moraes em seu voto:

Sistematicamente, os constituintes de 1988 não se limitaram simplesmente a proclamar a laicidade do Estado e a liberdade religiosa, consagrando um inter-relacionamento e complementariedade entre ambos. Já no Preâmbulo invocaram a “proteção de Deus” e, ao longo de todo o texto da Carta Magna, demonstraram sua preocupação com o tema, estabelecendo amplo leque de vedações, direitos e garantias para assegurar a ampla liberdade de crença e culto:



- a) determinou-se a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva (art. 5º, inciso VII);
- b) foi expressamente proibida a privação de direitos por motivo de crença religiosa, salvo quando esta for invocada como motivo para eximir-se de obrigação legal a todos imposta (art. 5º, inciso VIII);
- c) vedou-se ao Estado estabelecer ou subvencionar cultos religiosos ou igrejas, bem como embarçar seu funcionamento (art. 19, inciso I);
- d) possibilitou-se aos alistados no serviço militar que alegarem imperativo de consciência, decorrente de crença religiosa, convicção filosófica ou política, a prestação de serviço alternativo diverso das atividades essencialmente militares (art. 143, § 1º);
- e) ficou estabelecida a imunidade tributária aos “templos de qualquer culto” (art. 150, inciso VI, “b”);
- f) foram atribuídos efeitos civis ao casamento religioso (art. 226, § 2º).

Nesse sentido, ao analisar o inciso VII do art. 5º da Constituição, o professor JOSÉ AFONSO DA SILVA indica a existência desses pontos de contato entre Estado e Religião:

“O Estado Brasileiro é um Estado laico. A norma parâmetro dessa laicidade é o art. 19, I, que define a separação entre Estado e Igreja. Mas como veremos ao comentá-lo, adotase uma separação atenuada, ou seja, uma separação que permite pontos de contato, tais como a previsão de ensino religioso (art. 210, §1º), o casamento religioso com efeitos civis (art. 226, §2º) e a assistência religiosa nas entidades oficiais, consubstanciada neste dispositivo. Enfim, fazem-se algumas concessões à confessionalidade abstrata, porque não referida a uma confissão religiosa concreta, se bem que ao largo da história do país o substrato dessa confessionalidade é a cultura haurida na prática do Catolicismo”. (Comentário Contextual à Constituição, Malheiros, 7ª edição, p. 97, grifo nosso).

43. Ora, se esta mesma Suprema Corte reconheceu que ministrar ensino religioso **confessional** em escolas públicas não ofende a laicidade estatal, quando há efetiva colaboração do Estado com as religiões, por exemplo, com a remuneração do professor que ministrará as aulas, muito menos a presença de um símbolo religioso qualquer configuraria afronta à laicidade do Estado ou ofensa à liberdade religiosa, de crença ou de pensamento.

44. Portanto, há de se concluir que a presença de símbolos religiosos em recintos públicos não viola a Constituição, mas, em sentido diametralmente oposto, representam a liberdade de crença e de representação cultural do povo brasileiro, garantida pelo Estado laico que permite a convivência harmônica entre os diversos valores que constroem a sociedade.



IV. DOS PEDIDOS

45. Ante o exposto, a CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB) requer seja admitida a sua participação no ARE nº 1.249.095 na qualidade de *amicus curiae*, levando-se em conta as considerações feitas, para ao final declarar pela ausência de violação ao princípios constitucionais apontados, julgando improcedente o Recurso Extraordinário, mantendo-se as decisões proferidas nas instâncias ordinárias.

46. Por fim, requer-se que, nos termos do artigo 272, §2º, do Código de Processo Civil, as publicações sejam realizadas em nome de SARUBBI CYSNEIROS ADVOGADOS ASSOCIADOS, sociedade de advogados inscrita na OAB/DF sob o n.º 2528/15 R.S., com sede no SCN, Quadra 2, Lote “D”, Ed. Liberty Mall, Torre “B”, 12º andar, salas 1231 a 1234, Brasília/DF, CEP: 70.712-904, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 22.327.446/0001-68, telefones (61) 3022-8800 e (61) 2191-2000, bem como no nome dos advogados HUGO JOSÉ SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVERIA, OAB/DF n.º 16.319 e LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA, OAB/DF 35.229.

Termos em que pede deferimento.

Brasília, 18 de agosto de 2020.

Hugo José Sarubbi Cysneiros de Oliveira
OAB/DF n.º 16.319

Lucas Furtado de Vasconcelos Maia
OAB/DF n.º 35.229

Lorena Vieira Fernandes
OAB/DF n.º 34.015





PROCURAÇÃO

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, sociedade civil sem finalidade econômica, inscrita no CNPJ sob o n.º 33.685.686/0001-50, com sede no Setor de Embaixadas Sul, Quadra 801, Conjunto B, Brasília/DF, neste ato representada por seu Secretário Geral, Joel Portella Amado, brasileiro, solteiro, Bispo, portador do documento de identidade nº 03.078.102-5 DetrRJ/SEJSRJ e inscrito no CPF/MF nº 332.403.027-72, residente e domiciliado em Brasília-DF, por intermédio deste instrumento particular de procuração, Drs. **HUGO JOSÉ SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 16.319; **JOÃO PAULO AMARAL RODRIGUES**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 24.867; **MATEUS GONÇALVES BORBA ASSUNÇÃO**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 36.586; **LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 35.229; **EMMANUEL MAURÍCIO TEIXEIRA DE QUEIROZ**, brasileiro, divorciado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 15.762; **VANESSA MARTINS DE SOUZA**, brasileira, solteira, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 17.446; **VERA MARIA BARBOSA COSTA**, brasileira, casada, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 17.697; **AMANDA DE OLIVEIRA CAETANO**, brasileira, solteira, advogada, inscrita na OAB/DF sob o n.º 56.136; **MICHELE SANTUZZI QUEIROGA PEREIRA DA COSTA**, brasileira, casada, advogada inscrita na OAB/RJ sob o n.º 103.556; **MÁRCIA DURÃES FONSECA**, brasileira, solteira, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 31.754; **JULIANA CAMELO CAMPOS**, brasileira, casada, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 27.164; **ALEXANDRE CÉSAR MACHADO DA SILVA**, brasileiro, casado, advogado inscrito na OAB/DF sob o n.º 27.584; **KAREN VANESSA MENEZES DA SILVA SALES**, brasileira, solteira, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 60.932; **DANIELE DA ROCHA MACHADO RIBEIRO**, brasileira, divorciada, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 41.590; **LORENA VIEIRA FERNANDES**, brasileira, solteira, advogada inscrita na OAB/DF sob o n.º 34.015; sendo todos integrantes do escritório **SARUBBI CYSNEIROS ADVOGADOS ASSOCIADOS**, sociedade de advogados com sede no SCN, Quadra 2, Lote D, Ed. *Liberty Mall*, Torre B, 12 andar, salas 1231 a 1234, Brasília, DF, CEP 70.712-904, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 22.327.446/0001-68, telefone: 61 3022-8800 e 61 2191-2000, endereço eletrônico hugo@scaadv.com.br, aos quais outorga os poderes da cláusula *ad judicium et extra*, para atuarem na defesa de seus interesses, em qualquer jurisdição ou instância, com poderes especiais para negociar, transigir, desistir, firmar compromissos, propor ação, discordar, concordar, receber e dar quitação e substabelecer, com ou sem reservas, especialmente para apresentar pedido de ingresso como *amicus curiae* nos autos do Agravo de Instrumento em Recurso Extraordinário 1.249.095.

Brasília-DF, 28 de agosto de 2020.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

SE/Sul Quadra 801 Conj. B/ CEP 70200-014- Brasília - DF - Brasil
Fone: (61) 2103 8300 / 2103 8200 / 98173 5967 / 98173 5958
e-mail: secretariogeral@cnbb.org.br Site: cnbb.org.br

Digitalizado com CamScanner



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ESTATUTO CIVIL DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL



CAPÍTULO I - Denominação, Fins e Sede

Art.1º. A **CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL**, neste Estatuto denominada também pela sigla **CNBB**, ou simplesmente por Conferência, é uma associação civil, de direito privado, constituída em 1952, que tem por finalidades e objetos precípuos:

- a) exercer o magistério doutrinal e a atividade legislativa para a Igreja Católica Apostólica Romana no Brasil, segundo as normas do direito eclesiástico;
- b) representar o Episcopado brasileiro junto a outras instâncias, inclusive às autoridades públicas;
- c) coordenar e subsidiar a ação pastoral orgânica do Episcopado brasileiro, em todo o território nacional, alcançando as atividades de natureza religiosa, educacional e cultural, de beneficência, de filantropia e de assistência social; e
- d) editar, publicar, divulgar, vender e distribuir documentos e subsídios da CNBB e da Igreja, úteis ao cumprimento de sua missão evangelizadora, sob a forma de livros, brochuras, folhetos, jornais, revistas, Cd-rom e outros meios gráficos ou digitais incorporados pela tecnologia, nos termos das alíneas anteriores.

Parágrafo único: A CNBB inspira esta sua ação pastoral na Bíblia Sagrada, nos documentos do Magistério Universal da Igreja e na linha de ação traçada pelo Episcopado.

Art. 2º. A CNBB relaciona-se com os diversos segmentos da realidade cultural, econômica, social e política do Brasil, buscando uma colaboração construtiva, para a promoção integral do povo e o bem maior do País e, quando solicitada,

[Handwritten signature]





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ajudando nisto aos Bispos das dioceses e circunscrições eclesiais a estas equivalentes.

Art. 3º. A CNBB trata com as autoridades públicas as questões que interessam ao bem comum e à missão da Igreja.

Art. 4º. A CNBB tem seu Estatuto Canônico e Regimento aprovados pela Assembleia Geral, os quais são tidos como parte integrante e complementar deste Estatuto Civil.

Parágrafo único: Aplicam-se também à CNBB os dispositivos do Código de Direito Canônico e demais Normas da Igreja Católica.

Art. 5º. A CNBB tem sede e foro na cidade de Brasília, Distrito Federal.

Art. 6º. A CNBB, para atingir seus objetivos pastorais e sociais, poderá criar e manter filiais, representações regionais, secretarias, comissões ou departamentos, em qualquer parte ou região do País.

CAPITULO II - Constituição, Organização e Governo

Art. 7º. São órgãos constitutivos da CNBB:

- a) a Assembleia Geral;
- b) o Conselho Permanente;
- c) a Presidência;
- d) o Conselho Episcopal Pastoral;
- e) o Secretariado Geral;
- f) os Conselhos Episcopais Regionais;
- g) as Comissões Episcopais estáveis, constituídas pela Assembleia Geral;
- h) o Conselho Econômico;
- i) o Conselho Fiscal.





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Art. 8º. São membros da CNBB, nos termos do art. 9º do Estatuto Canônico, todos os Bispos com domicílio canônico no Brasil e os a ele equiparados no direito eclesiástico.

Parágrafo único: Todos os membros da CNBB têm voz ativa e passiva nos termos e limites do Estatuto canônico e do Regimento.

Art. 9º. A CNBB poderá reconhecer a vinculação de organismos não episcopais, de conformidade com o disposto no art. 12 do Estatuto Canônico, para maior eficácia na realização de seus objetivos.

Da Assembléia Geral



Art. 10. A CNBB tem como órgão supremo a Assembléia Geral, dirigida pela Presidência da CNBB.

Art. 11. Cabem à Assembléia Geral as atribuições indicadas no art. 30 do Estatuto Canônico, entre as quais a de eleger a Presidência da CNBB e os presidentes das Comissões Episcopais Pastorais.

Parágrafo único: A Assembléia Geral pode delegar atribuições ao Conselho Permanente, à Presidência ou a comissões, nos limites do direito eclesiástico e do Estatuto Canônico.

Art. 12. A Assembléia Geral da CNBB reúne-se, ordinariamente, uma vez por ano, e, extraordinariamente, por convocação do Conselho Permanente, ou de no mínimo um terço de seus membros, na forma estabelecida no Regimento.

Art. 13. A composição do Conselho Permanente, da Presidência, do Conselho Episcopal Pastoral, do Conselho Econômico e do Conselho Fiscal faz-se conforme o Estatuto Canônico e seu Regimento.

Parágrafo Único: A sucessão em caso de vacância e a substituição em caso de ausência ou impedimento temporários, far-se-ão de acordo com o Estatuto Canônico e seu Regimento.



CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

Art. 14. Todos os mandatos de cargos estáveis, preenchidos por eleição, têm a duração de quatro anos.



Do Conselho Permanente

Art. 15. O Conselho Permanente é o órgão de orientação e acompanhamento da atuação da CNBB e dos organismos a ela vinculados, bem como órgão eletivo e deliberativo, nos limites estabelecidos no Estatuto Canônico.

Art. 16. Constituem o Conselho Permanente da CNBB a Presidência, os presidentes das Comissões Episcopais Pastorais e os membros dos Conselhos Episcopais Regionais, de conformidade com o disposto no art. 66 do Estatuto Canônico.

Art. 17. Compete ao Conselho Permanente exercer as atribuições indicadas nos arts. 49, 79 e 80 do Estatuto Canônico.

Art. 18. O Conselho Permanente reúne-se, ordinariamente, três vezes ao ano, e, extraordinariamente, na forma estabelecida no art. 50, *caput*, do Estatuto Canônico.

Da Presidência

Art. 19. A Presidência da CNBB, constituída do Presidente, Primeiro Vice-Presidente, Segundo Vice-Presidente e Secretário-Geral, é o órgão dirigente e administrativo da Conferência.

Art. 20. A Presidência reúne-se, ordinariamente, uma vez por mês, e, extraordinariamente, por convocação do Presidente, por iniciativa deste ou solicitação conjunta do Vice-Presidente e do Secretário-Geral.

Art. 21. Compete especificamente ao Presidente:

- a) representar legalmente a CNBB, eclesiástica e civilmente, ativa e

[Handwritten signature]





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

passivamente, e, como tal, praticar os todos os atos civis, administrativos e comerciais decorrentes;

- b) convocar e presidir as reuniões da Assembléia Geral do Conselho Permanente, do Conselho Episcopal Pastoral e da Presidência;
- c) promulgar os atos e documentos da CNBB, editando-os em sua publicação oficial, ou, em casos particulares, por outro meio idôneo;
- d) baixar decretos singulares administrativos;
- e) delegar as atribuições que lhe parecer conveniente;
- f) constituir procuradores com poderes específicos para a prática dos atos previstos na alínea 'a' do presente artigo; e
- g) celebrar convênios com pessoas físicas e pessoas jurídicas de direito público e privado, visando atender aos fins estatutários da CNBB.

Parágrafo único: No exercício de suas atribuições civis, o Presidente da CNBB poderá constituir advogados, mandatários e delegados, para a prática de atos que ele julgar convenientes para o bem da entidade.

Art. 22. O Primeiro Vice-Presidente substitui o Presidente em suas ausências e impedimentos, cabendo ao Segundo Vice-Presidente substituir o Primeiro Vice-Presidente nas mesmas circunstâncias.



Do Conselho Episcopal Pastoral

Art. 23. O Conselho Episcopal Pastoral é o órgão executivo das decisões pastorais da Assembléia Geral e do Conselho Permanente, cabendo-lhe a promoção e a coordenação da Pastoral Orgânica, em âmbito nacional.

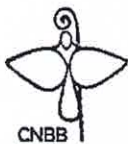
Art. 24. Constituem o Conselho Episcopal Pastoral a Presidência da CNBB e os presidentes das Comissões Episcopais Pastorais.

Do Secretariado Geral

Art. 25. O Secretariado Geral é o órgão permanente executivo da CNBB, cuja

SE/Sul - Q. 801 - Conj. "B" - CEP 70401-900 - Caixa Postal 02067 - CEP 70259-970 - Brasília-DF - Brasil - Fone (61) 2103-8300/2103-8200 - Fax: (61) 2103-8303
E-mail: secgeral@cnbb.org.br - Site: www.cnbb.org.br





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

gestão é atribuída ao Secretário Geral, coadjuvado pelo ecônomo, com a colaboração de subsecretários adjuntos.

Dos Conselhos Episcopais Regionais

Art. 26. Nas regiões delimitadas pela Assembléia Geral a CNBB funciona por meio de Conselhos Episcopais Regionais, formados de todos os membros da CNBB domiciliados na região.

Art. 27. Aos Conselhos Episcopais Pastorais compete o exercício das atribuições indicadas no art. 65 do Estatuto Canônico.

Dos Conselhos Econômico e Fiscal

Conselho Econômico



Art. 28. O Conselho Econômico organiza-se e funciona de acordo com o Regimento da CNBB, tendo como membros o Presidente e o Secretário-Geral da Conferência, e três Presidentes de Comissões Episcopais Pastorais, escolhidos pelo Conselho Permanente.

Parágrafo único: O ecônomo e dois peritos em direito civil e economia participam das reuniões do Conselho Econômico, com voz, sem voto.

Art. 29. O Conselho Econômico tem a finalidade e competência que lhe são atribuídas pelo direito eclesiástico e determinadas no Regimento da CNBB, devendo cooperar, por meio de pareceres e decisões, com os responsáveis pela gestão administrativa e financeira da Conferência.

Parágrafo único: Ao Conselho Econômico compete, em particular, dar o consentimento para os atos de administração extraordinária, quando e como o direito eclesiástico e as normas da CNBB o exigirem para a validade de tais atos.

Conselho Fiscal

Art. 30. O Conselho Permanente elege, dentre os membros da CNBB, um Conselho Fiscal, constituído de três titulares e dois suplentes, que não poderão

[Handwritten signature]





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ser escolhidos dentre os integrantes do Conselho Episcopal Pastoral.

Parágrafo único: O Conselho Fiscal funciona de acordo com o Regimento da CNBB.

Art. 31. Ao Conselho Fiscal compete emitir parecer fundamentado, perante o Conselho Permanente, e para a deliberação deste, tanto a respeito da administração financeira e patrimonial da CNBB, como dos balanços anuais e de encerramento de mandato.

CAPÍTULO III - Patrimônio e Administração dos Bens



Art. 32. O patrimônio da CNBB é constituído de bens imóveis, móveis, semoventes, títulos e valores que possua ou venha a possuir, oriundos de donativos e legados, de renda de seus bens, de campanhas, de contribuições das Igrejas particulares, de ajudas de outras instituições, dos membros, colaboradores e benfeitores, assim como de outros bens, que lhe advenham a qualquer título lícito.

Art. 33. Compete ao Secretário Geral a administração econômico-financeira dos bens da CNBB, em nome da Presidência e com a ajuda do Ecônomo, de acordo com as normas da legislação civil pertinente, do direito eclesiástico universal e particular, bem como do Estatuto Canônico e diretrizes da própria CNBB.

Art. 34. No cumprimento das atribuições indicadas no artigo anterior, cabe ao Secretário-Geral:

- a) realizar transações bancárias, emitir e endossar cheques ou ordens bancárias;
- b) contratar serviços, admitir e demitir funcionários;
- c) propor à aprovação do Conselho Permanente o plano de organização administrativa e patrimonial da CNBB;
- d) delegar as atribuições que lhe parecer conveniente.

Art. 35. As representações regionais, secretarias, comissões ou departamentos, de que trata o art 6º só poderão, sob pena de nulidade, alienar, hipotecar, onerar ou comprometer, de qualquer forma, bens imóveis, prestar fiança, sob qualquer modalidade, ou ainda contrair dívidas, se devidamente autorizados pelo Secretário-Geral, observadas as normas administrativas da CNBB, particularmente, quando for o





CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

caso, as referentes a atos de administração extraordinária.



Art. 36. Os membros da CNBB não adquirem, por nenhum título, qualquer direito sobre o patrimônio da Conferência.

Art. 37. A CNBB não remunera seus membros pelo exercício de suas funções, nem distribui qualquer parcela de seu patrimônio ou de suas rendas, nem concede vantagens ou benefícios, sob qualquer forma ou título, a seus membros, benfeitores ou equivalentes, ressalvada a hipótese prevista no parágrafo abaixo.

Parágrafo único: A CNBB poderá remunerar, consoante as condições e limites impostos pela lei, os membros da Presidência, em razão das competências, funções e atividades que lhe são atribuídas neste Estatuto Social.

Art. 38. A CNBB aplica integralmente no Brasil os seus recursos, na manutenção dos seus objetivos institucionais e nas atividades sociais.

Art. 39. A CNBB aplicará as subvenções e doações que receber somente nas finalidades a que estiverem vinculadas.

Art. 40. A CNBB mantém escrituração de suas receitas e despesas em livros revestidos de formalidades capazes de assegurar sua exatidão.

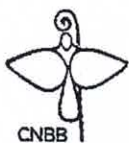
Art. 41. Os membros da CNBB não respondem, nem solidária, nem subsidiariamente, pelas obrigações que forem contraídas em nome da Conferência.

CAPÍTULO IV - Disposições Gerais e Transitórias

Art. 42. A CNBB tem duração indeterminada, só podendo extinguir-se por deliberação da Assembléia Geral, especialmente convocada para tal fim e por maioria de dois terços dos membros presentes.

SE/Sul - Q. 801 - Conj. "B" - CEP 70401-900 - Caixa Postal 02067 - CEP 70259-970 - Brasília-DF - Brasil - Fone (61) 2103-8300/2103-8200 - Fax: (61) 2103-8303
E-mail: secgeral@cnbb.org.br - Site: www.cnbb.org.br



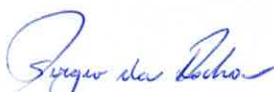


CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

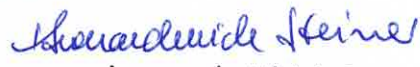
Parágrafo único: Em caso de extinção, o patrimônio líquido da CNBB será transferido para entidade congênere devidamente registrada no Conselho Nacional de Assistência Social, ligada à Igreja Católica no Brasil, ou, não existindo tal entidade ao poder público, conforme o designar a Assembléia Geral.

Art. 43. Compete à Presidência resolver os casos omissos ou duvidosos deste Estatuto Civil, *ad referendum* do Conselho Permanente.

Art. 44. O presente Estatuto só poderá ser reformado por Assembléia Geral, convocada para esse fim, presente a maioria de seus membros, com voto favorável da maioria absoluta dos votantes, entrando em vigor ao ser registrado, cessando então a vigência do Estatuto anterior.

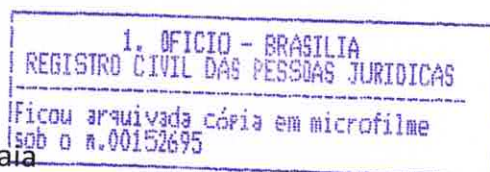

Sérgio da Rocha
Arcebispo de Brasília
Presidente da CNBB

Brasília, DF, 10 de maio de 2019.


Leonardo Ulrich Steiner
Bispo Auxiliar de Brasília
Secretário-Geral da CNBB

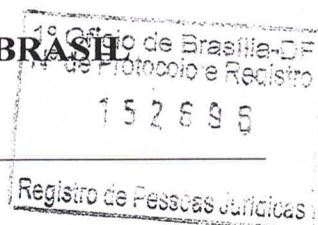



Lucas Furtado de Vasconcelos Maia
OAB/DF n.º 35.229



SE/Sul - Q. 801 - Conj. "B" - CEP 70401-900 - Caixa Postal 02067 - CEP 70259-970 - Brasília-DF - Brasil - Fone (61) 2103-8300/2103-8200 - Fax: (61) 2103-8303
E-mail: secgeral@cnbb.org.br Site: www.cnbb.org.br





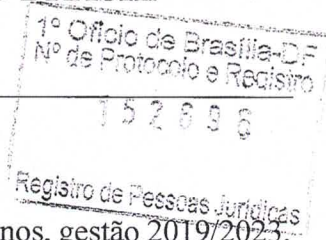
**Ata da 57ª Assembleia Geral Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil –
CNBB, realizada nos dias 1º a 10 de maio de 2019
CNPJ n. 33.685.686/0001-50**

Nos dias 1º a 10 de maio de 2019, em Aparecida, SP, realizou-se, sob a presidência de Sergio da Rocha, a 57ª Assembleia Geral Ordinária da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, associação civil sediada no Setor de Embaixadas Sul, Quadra 801 Conjunto “B”, em Brasília, Distrito Federal, e inscrita no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas do Ministério da Fazenda sob o n. 33.685.686/0001-50, a qual ocorreu em cumprimento ao Estatuto para, entre outros assuntos, consoante instrumento convocatório respectivo, eleger a Presidência da entidade. Nos dias 06 e 07 de maio do citado ano, procedeu-se, respectivamente, à eleição e posse da nova Presidência, para cujos cargos foram eleitos por mais de dois terços dos membros da entidade: Presidente: Walmor Oliveira de Azevedo, brasileiro, solteiro, natural de Côcos - BA, Arcebispo de Belo Horizonte - MG, portador da Cédula de Identidade número MG-414.442, expedida pela Secretaria de Segurança Pública do estado de Minas Gerais, e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número 181.639.806-30; Primeiro Vice-Presidente, Jaime Spengler, brasileiro, solteiro, natural de Gaspar/SC, Arcebispo de Porto Alegre- RS, portador da Cédula de Identidade número 104.770-7, expedida pela Secretaria de Segurança Pública do estado de Santa Catarina e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número 463.329.959-04; Segundo Vice-Presidente, Mário Antônio da Silva, brasileiro, solteiro, natural de Itararé/SP, Arcebispo de Roraima, portador da Cédula de Identidade número 4323988-0, expedida pela Secretaria de Segurança Pública do estado do Paraná e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número 602.499.789-20; e Secretário Geral, Joel Portella Amado, brasileiro, solteiro, natural de Rio de Janeiro - RJ, portador da Cédula de Identidade número 03.078.102-5 DetrRJ, expedida pela Secretaria de Estado de Justiça e Segurança do estado do Rio de Janeiro e inscrito no Cadastro de Pessoas Físicas do Ministério da Fazenda sob o número 332.403.027-72. Assim, em cumprimento ao Estatuto e em face do resultado da eleição, realizou-se a cerimônia de posse da nova Presidência. No próprio local da Assembleia, às 10 horas do dia 10 de maio, o Presidente

SE/Sul - Q. 801 - Conj. “B” - CEP 70200-014 - Brasília-DF - Brasil
Fone: (61) 2103-8300/2103-8200 - e-mail: secpresidente@cnbb.org.br - Site: www.cnbb.org.br

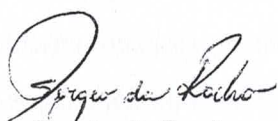


CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

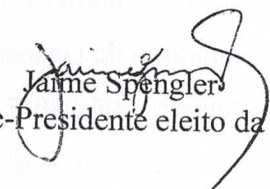


da Assembleia deu posse aos novos eleitos para o período de quatro (4) anos, gestão 2019/2023, contados da data desta posse. O Presidente cessante desejou êxito aos novos integrantes da Presidência na realização de sua missão. E, para constar, eu, Leonardo Ulrich Steiner, Secretário da Assembleia, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, subscrevo, sendo também assinada pelo Presidente da Assembleia e pelos membros da nova Presidência eleita da CNBB, e que será levada a registro no Cartório competente, a fim de que produza seus legais efeitos.

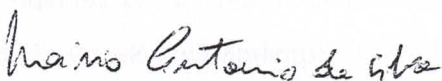
Aparecida, São Paulo, 10 de maio de 2019.

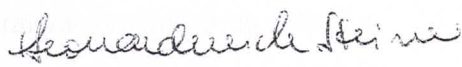

Sergio da Rocha
Presidente da Assembleia


Walmer Oliveira de Azevedo
Presidente eleito da CNBB


Jaime Spengler
1º. Vice-Presidente eleito da CNBB


Joel Portella Amado
Secretário Geral eleito da CNBB


Mário Antônio da Silva
2º. Vice-Presidente eleito da CNBB


Leonardo Ulrich Steiner
Secretário da Assembleia

SE/Sul - Q. 801 - Conj. "B" - CEP 70200-014 - Brasília-DF - Brasil
Fone: (61) 2103-8300/2103-8200 - e-mail: secpresidente@cnbb.org.br - Site: www.cnbb.org.br

REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA DE ESTADO DA CASA-CIVIL
DETRAN - DIRETORIA DE IDENTIFICACAO CIVIL

3020207

Polegar Direito

Assinatura do Titular

CARTEIRA DE IDENTIDADE

VALIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

REGISTRO GERAL 03.078.102-5

DATA DE EXPEDICAO 20/09/2013

NOME JOEL PORTELLA AMADO

FILIAÇÃO ANTONIO AMADO

NATURALIDADE NICIA PORTELLA AMADO

RIO DE JANEIRO

DOC.ORIGEM C.NASC LIV A138

RIO DE JANEIRO

CPE

DATA DE NASCIMENTO 02/10/1954

FLS 270V TERM 73836 C 010

RJ

001 2 VIA

LE Nº 7.116 DE 29/08/83

0207



Poder Judiciário

Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Petição	69813/2020
Processo	ARE 1249095
Tipo de pedido	Amicus curiae
Relação de Peças	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA 2 - Procuração e substabelecimentos Assinado por: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA 3 - Documentos de Identificação Assinado por: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA 4 - Documentos de Identificação Assinado por: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA 5 - Documentos de Identificação Assinado por: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA
Data/Hora do Envio	31/08/2020, às 16:01:27
Enviado por	LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA (CPF: 005.921.311-65)



23/04/2020

PLENÁRIO

**REPERCUSSÃO GERAL NO RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO
1.249.095 SÃO PAULO**

RELATOR : **MIN. RICARDO LEWANDOWSKI**
RECTE.(S) : **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**
PROC.(A/S)(ES) : **PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA**
RECDO.(A/S) : **UNIÃO**
PROC.(A/S)(ES) : **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**

EMENTA: CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ALEGAÇÃO DE AFRONTA À GARANTIA DO ESTADO LAICO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA AJUIZADA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. RECURSO EXTRAORDINÁRIO. EXISTÊNCIA DE QUESTÃO CONSTITUCIONAL E DE REPERCUSSÃO GERAL JURÍDICA E SOCIAL RECONHECIDAS.

I - A causa extrapola os interesses das partes envolvidas, haja vista que a questão central dos autos (permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos federais e laicidade do Estado) alcança todos os órgãos e entidades da Administração Pública da União, Estados e Municípios.

II - Relevância da causa do ponto de vista jurídico, uma vez que seu deslinde permitirá definir a exata extensão dos dispositivos constitucionais tidos por violados. Do mesmo modo, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envoltos no debate.

III – Existência de questão constitucional e de repercussão geral reconhecidas.

Decisão: O Tribunal, por unanimidade, reputou constitucional a questão. Não se manifestou a Ministra Cármen Lúcia. O Tribunal, por unanimidade, reconheceu a existência de repercussão geral da questão constitucional suscitada. Não se manifestou a Ministra Cármen Lúcia.



ARE 1249095 RG / SP

Ministro RICARDO LEWANDOWSKI
Relator



**REPERCUSSÃO GERAL NO RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO
1.249.095 SÃO PAULO**

MANIFESTAÇÃO

Trata-se de recurso extraordinário com agravo interposto contra acórdão proferido pelo Tribunal Regional da 3ª Região – TRF3, cuja ementa segue transcrita:

“APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO.

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida” (pág. 67 do volume eletrônico 7).

Na origem, foi proposta ação civil pública pelo Ministério Público Federal – MPF contra a União com pedido de retirada de todos os símbolos religiosos ostentados nos prédios públicos da ora recorrida no Estado de São Paulo.

Em primeira instância, a ação foi julgada improcedente, sendo a sentença mantida pelo TRF3.

Inconformado, o MPF interpôs RE com alegação de ofensa aos arts. 3º, IV, 5º, *caput* e VI, 19, I, e 37, todos da Constituição Federal.

O recurso não foi admitido pela Vice-Presidência daquela Corte Regional Federal, o que ensejou a interposição do presente ARE (págs. 186 e seguintes do volume eletrônico 7).



ARE 1249095 RG / SP

A Procuradoria-Geral da República, em parecer da lavra do Subprocurador-Geral da República Wagner Natal Batista, opinou pelo conhecimento do agravo e não provimento do recurso extraordinário (doc. eletrônico 12).

É o relatório. Passo à manifestação.

Preliminarmente, verifico estarem presentes os pressupostos de admissibilidade do recurso extraordinário, razão pela qual admito-o e, desde logo, passo ao exame do requisito constitucional da repercussão geral.

Nesse ponto, bem analisados os autos, entendo haver repercussão geral do tema constitucional versado no recurso.

Com efeito, a causa extrapola os interesses das partes envolvidas, haja vista que a questão central dos autos (permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos federais e laicidade do Estado) alcança todos os órgãos e entidades da Administração Pública da União, Estados e Municípios.

Presente, ainda, a relevância da causa do ponto de vista jurídico, uma vez que seu deslinde permitirá definir a exata extensão dos dispositivos constitucionais tidos por violados. Do mesmo modo, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envoltos no debate.

Isso posto, manifesto-me pela existência de repercussão geral.

Ministro Ricardo Lewandowski
Relator



**REPERCUSSÃO GERAL NO RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO
1.249.095 SÃO PAULO**

MANIFESTAÇÃO

**SÍMBOLOS RELIGIOSOS – PRÉDIOS
PÚBLICOS – ESTADO LAICO – AGRAVO
– PROVIMENTO – RECURSO
EXTRAORDINÁRIO – REPERCUSSÃO
GERAL CONFIGURADA.**

1. O assessor David Laerte Vieira prestou as seguintes informações:

Eis a síntese do discutido no recurso extraordinário com agravo nº 1.249.095, relator ministro Ricardo Lewandowski, inserido no sistema eletrônico da repercussão geral em 3 de abril de 2020, sexta-feira, sendo o último dia para manifestação 24 de abril, quinta-feira:

O Ministério Público Federal interpôs extraordinário, com alegada base na alínea “a” do inciso III do artigo 102 da Constituição Federal, em face de acórdão por meio do qual a Quarta Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região assentou, com fundamento na liberdade religiosa e no respeito a aspectos culturais da sociedade, não colidir com a laicidade do Estado brasileiro a presença de símbolos religiosos em prédios públicos da União, no Estado de São Paulo.

Assinala ofensa aos artigos 3º, inciso IV, 5º, cabeça e inciso VI, 19, inciso I, e 37 da Lei Maior, alegando, em preliminar, negativa de prestação jurisdicional. Sustenta a inobservância da liberdade de consciência e crença religiosa e dos princípios da impessoalidade e isonomia, a caracterizar, segundo alega, “ditadura da maioria”. Diz haver transgressão à garantia do



ARE 1249095 RG / SP

Estado laico, sublinhando haver prejuízo àqueles que não professam o catolicismo, à noção de pertencimento e participação na gerência da coisa pública. Afirma não ter sido considerado voto proferido por Vossa Excelência, relator, na ação de descumprimento de preceito fundamental nº 54, examinada, pelo Pleno, em 12 de abril de 2012. Sublinha ultrapassar o tema os limites subjetivos da lide, mostrando-se relevante do ponto de vista social.

O recurso foi inadmitido na origem. Seguiu-se protocolação de agravo. O Relator admitiu o extraordinário e submeteu o processo ao Plenário Virtual, manifestando-se pela repercussão maior da questão constitucional.

2. Tomo como provido o agravo interposto com a finalidade de imprimir trânsito ao recurso extraordinário.

Tem-se matéria a merecer o crivo do Plenário. Cumpre ao Supremo definir se a permanência de símbolos religiosos em prédios públicos ofende a garantia do Estado laico.

3. Pronuncio-me no sentido de encontrar-se configurada a repercussão geral. O extraordinário deve ter a sequência que lhe é própria.

4. À Assessoria, para acompanhar a tramitação do incidente.

Brasília, 6 de abril de 2020.

Ministro MARCO AURÉLIO





Supremo Tribunal Federal

Nº 67600/2020 - ARE 1249095

COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA

De ordem, a Secretaria Judiciária do Supremo Tribunal Federal **INTIMA** a parte abaixo identificada, ou quem as suas vezes fizer, do inteiro teor do(a) despacho/decisão presente nos autos (art. 270 do Código de Processo Civil e art 5º da Lei 11.419/2006).

Qualificação do(a) intimado(a):

Nome: **PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA**

Brasília, 28 de outubro de 2020.

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)

Termo de Ciência

A intimação foi recebida eletronicamente por
PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA,
05489410000161, em **28/10/2020.**

(Certidão gerada automaticamente pelo sistema)

Informação(ões) complementar(es):

Peça(s):

- Inteiro teor do acórdão - peça nº 31

Andamento(s):



- Vista à PGR para fins de intimação - 27/10/2020





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA-GERAL DA REPÚBLICA

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095/SP

RELATOR: MINISTRO RICARDO LEWANDOWSKI
RECORRENTE: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
RECORRIDA: UNIÃO
CIÊNCIA ARESV/PGR 356651/2020

Excelentíssimo Senhor Ministro Ricardo Lewandowski,

O PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA manifesta ciência do acórdão mediante o qual o Supremo Tribunal Federal reconheceu a existência de repercussão geral da matéria constitucional suscitada no presente recurso^[1], desde já requerendo a abertura da vista para a confecção do respectivo parecer.

Brasília, data da assinatura digital.

Augusto Aras
Procurador-Geral da República
Assinado digitalmente

Notas

1. [△] "CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ALEGAÇÃO DE AFRONTA À GARANTIA DO ESTADO LAICO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA AJUIZADA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. RECURSO EXTRAORDINÁRIO. EXISTÊNCIA DE QUESTÃO CONSTITUCIONAL E DE REPERCUSSÃO GERAL JURÍDICA E SOCIAL RECONHECIDAS. I - A causa extrapola os interesses das partes envolvidas, haja vista que a questão central dos autos (permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos federais e laicidade do Estado) alcança todos os órgãos e entidades da Administração Pública da União, Estados e Municípios. II - Relevância da causa do ponto de vista jurídico, uma vez que seu deslinde permitirá definir a exata extensão dos dispositivos constitucionais tidos por violados. Do mesmo modo, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envolvidos no debate. III – Existência de questão constitucional e de repercussão geral reconhecidas."



Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Petição	92060/2020
Processo	ARE 1249095 (0017604-70.2009.4.03.6100)
Tipo de pedido	Petição
Relação de Peças	1 - Petição
Data/Hora do Envio	29/10/2020, às 21:46:43
Enviado por	PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA (Login: 05489410000161)
Protocolo	0017604702009403610020201029214628





Supremo Tribunal Federal

Nº 67290/2020 - ARE 1249095

COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA

De ordem, a Secretaria Judiciária do Supremo Tribunal Federal **INTIMA** a parte abaixo identificada, ou quem as suas vezes fizer, do inteiro teor do(a) despacho/decisão presente nos autos (art. 270 do Código de Processo Civil e art 5º da Lei 11.419/2006).

Qualificação do(a) intimado(a):

Nome: **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**

Brasília, 06 de novembro de 2020.

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)

Termo de Ciência

A intimação foi recebida automaticamente pelo sistema, em **06/11/2020**, nos termos do art. 5º, §3 da Lei 11.419/2006.

(termo gerado automaticamente pelo sistema)

Informação(ões) complementar(es):

Andamento(s):

- Intimação eletrônica disponibilizada (Intimação de Despacho, Decisão ou Acórdão - ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO) - 27/10/2020



RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. RICARDO LEWANDOWSKI
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO

Dê-se vista à Procuradoria-Geral da República.

Brasília, 30 de março de 2021.

Ministro Ricardo Lewandowski
Relator



RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR : MIN. RICARDO LEWANDOWSKI
RECTE.(S) : MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES) : PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S) : UNIÃO
PROC.(A/S)(ES) : ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO

Trata-se de solicitações formuladas pela União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia - UNIJUC, por meio da Petição 24.373/2020 (documento eletrônico 13), pela Associação Nacional de Juristas Evangélicos – ANAJURE, por meio da Petição 44.431/2020 (documento eletrônico 17), pelo Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião - CEDIRE, por meio da Petição 64.254/2020 (documento eletrônico 23) e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, por meio da Petição 69.813/2020, para ingresso no feito como *amici curiae*.

A UNIJUC sustenta, em suma, que a participação como amigo da Corte tem como finalidade de promover

“[...] o auxílio a este egrégio tribunal superior, para que a decisão proferida por estar consubstanciada com informações suficientes sobre a questão, especialmente no que diz respeito aos ‘reflexos no plano prático da decisão’.

Além do mais, por se tratar de uma união de juristas, as contribuições a serem feitas por esta entidade terão caráter jurídico-científico, qualificando ainda mais o debate”. (págs. 2 e 3 do documento eletrônico 13)

Por sua vez, A ANAJURE argumenta, resumidamente, que

“[...] carreará aos autos novas discussões acerca do tema, com o fito de enriquecer o debate, e que precisam ser levados em consideração na deliberação da Corte quanto à procedência ou improcedência desta ação” (pág. 4 do documento eletrônico 17).



O CEDIRE, em suas razões, aduz que o ingresso do grupo de pesquisa como *amicus curiae* é necessário, tendo em vista que

“[...] Fundamentalmente, o CEDIRE promove investigação acerca dos diferentes problemas relacionados à liberdade, igualdade e não discriminação em matéria de religião ou crença, e das relações entre o Estado e as religiões. De modo específico, procura-se contribuir para melhor compreensão sobre a liberdade de religião ou crença e sua proteção no direito internacional e em sistemas jurídicos nacionais, as restrições à manifestação de religião ou crença, as relações entre majorias e minorias religiosas, os modos de relação institucional entre Estado e Religião, o respeito pela pluralidade religiosa, o lugar da religião no espaço público, o debate sobre a secularização”. (págs. 5 e 6 do documento eletrônico 23)

Por fim, a CNBB defende a participação da associação civil como amigo da Corte, uma vez que

“[...] o estatuto da instituição, tem como finalidades representar o Episcopado brasileiro juntos a outras instâncias, inclusive às autoridades públicas, assim como tratar com as autoridades públicas as questões que interessam ao bem comum e à missão da Igreja”. (pág. 5 do documento eletrônico 25).

É o relatório. Decido.

A admissão de *amici curiae* configura circunstância de fundamental importância, porém de caráter excepcional, e que pressupõe, além do atendimento de determinados requisitos, a demonstração da necessidade das contribuições apresentadas. Nesse sentido, cabe ao Relator a análise do binômio relevância - representatividade, juntamente com a avaliação dos benefícios potencialmente auferíveis dessa participação, bem como a delimitação de seus poderes.



Assim, considerando tais premissas e louvando o interesse demonstrado por todas as interessadas, defiro a habilitação, como *amicus curiae*, da Associação Nacional de Juristas Evangélicos – ANAJURE e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Consigno que os argumentos das entidades cujo ingresso como *amicus curiae* não foi deferido estão contemplados nas manifestações daquelas admitidas.

Ressalto que todos os *amici curiae* habilitados nestes autos deverão atentar para as inovações e procedimentos previstos na Emenda Regimental 53/2020 e nas Resoluções 669/2020 e 672/2020. Destaco que o novo art. 131, 5º, do Regimento Interno do Supremo Tribunal Federal determina que os advogados e procuradores que desejarem realizar sustentação oral por videoconferência, nas sessões presenciais de julgamento do Plenário e das Turmas, deverão inscrever-se, utilizando o formulário eletrônico disponibilizado no sítio eletrônico do Supremo Tribunal Federal até 48 horas antes do dia da sessão.

À Secretaria Judiciária para as anotações cabíveis.

Publique-se.

Brasília, 30 de março de 2021.

Ministro **Ricardo Lewandowski**
Relator





Supremo Tribunal Federal

Nº 22055/2021 - ARE 1249095

COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA

De ordem, a Secretaria Judiciária do Supremo Tribunal Federal **INTIMA** a parte abaixo identificada, ou quem as suas vezes fizer, do inteiro teor do(a) despacho/decisão presente nos autos (art. 270 do Código de Processo Civil e art 5º da Lei 11.419/2006).

Qualificação do(a) intimado(a):

Nome: **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**

Brasília, 16 de abril de 2021.

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)

Termo de Ciência

A intimação foi recebida automaticamente pelo sistema, em **16/04/2021**, nos termos do art. 5º, §3 da Lei 11.419/2006.

(termo gerado automaticamente pelo sistema)

Informação(ões) complementar(es):

Andamento(s):

- Intimação eletrônica disponibilizada (Intimação de Despacho, Decisão ou Acórdão - ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO) - 06/04/2021





**EXCELENTÍSSIMO SENHOR RELATOR MINISTRO DO SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL RICARDO LEWANDOWSKI.**

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO Nº 1249095

O INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO - IBDR, associação civil sem fins econômicos, inscrito no CNPJ sob o nº 33.082.948/0001-92, com sede na Av. Caí, 634, CEP 90810-120, Porto Alegre/RS, que tem como objetivo, dentre outros, atuar na defesa, promoção e proteção dos direitos humanos desde a concepção e das liberdades civis fundamentais, em especial ao direito à liberdade religiosa, liberdade de expressão e liberdade de consciência, conforme art. 1º, inc. VIII, de seu Estatuto Social, neste ato representado pelo Dr. Thiago Rafael Vieira, nos termos de seu Estatuto Social, Art. 20, inc. I, vem mui respeitosamente, por intermédio de seus insignes advogados, todos membros efetivos deste instituto, que a esta subscrevem, com base no artigo 138 do Código de Processo Civil, pugnar pela sua admissão como

AMICUS CURIAE na ARE nº 1249095

proposto pelo Ministério Público Federal em face da União, tendo como causa de pedir a retirada de todos os símbolos religiosos em prédios e repartições públicas da União, tais como imagens e crucifixos, de ampla visibilidade, alegando violação ao que dispõe os artigos 3º, inciso IV, art. 5º, inciso VI, art. 19, inciso I e art. 37, todos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.





1 - INTRODUÇÃO

Trata-se de Agravo em Recurso Extraordinário interposto pelo Ministério Público Federal em face da Decisão que não admitiu Recurso Extraordinário contra o Acórdão expedido pela egrégia Quarta Turma do TRF-3 (fl. 584) que negou provimento ao Recurso de Apelação em Ação Civil Pública proposta pela Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado de São Paulo do Ministério Público Federal em desfavor da União, que tem como causa de pedir a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens etc.) fixados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no estado de São Paulo.

Alega o proponente em Ação Civil Pública que a “ostentação” das imagens religiosas em repartições públicas da União viola ao que dispõe os artigos 3º, inciso IV, art. 5º, inciso VI, art. 19, inciso I e art. 37, todos da Constituição Brasileira, sustentando, ainda, que “(...) *quando o Estado ostenta um símbolo religioso declara sua predileção pela religião que o símbolo representa, o que resulta na discriminação das demais religiões (...)*”(fl. 04), tudo subsidiado pelos fatos apurados mediante procedimento administrativo nº 1.00.000.001411/2007-41 a partir da representação protocolizada pelo cidadão Daniel Sottomaio Pereira (fls. 13/14).

Instruído o feito junto à 3ª Vara Federal Cível de São Paulo, sobreveio Sentença que julgou **IMPROCEDENTE** os pedidos formulados pelo MPF que, por sua vez, interpôs Recurso de Apelação, sendo-lhe NEGADO PROVIMENTO, seguido do recurso prequestionador REJEITADO à unanimidade.

Ato contínuo, fora interposto o Recurso Extraordinário que não foi admitido pelo Tribunal de origem vez que nos termos do E. desembargador “(...) *a pretensão recursal, portanto, desafia o entendimento cristalizado na Súmula 279 do C. STF (...)*” (fl. 652).

Recebido o Agravo em Recurso Extraordinário, após submissão à Procuradoria Geral da República que opinou pelo conhecimento e não provimento do presente Agravo, o E. Min. Relator Ricardo Lewandowski manifestou-se pela configuração de Repercussão Geral, devendo ser submetida pelo crivo do plenário da Corte. Em síntese, o relatório.





2 - REQUISITOS LEGAIS PARA ADMISSÃO COMO *AMICUS CURIAE*

O Código de Processo Civil assim estabelece em seu art. 138:

Art. 138. O juiz ou o relator, considerando a relevância da matéria, a especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia, poderá, por decisão irrecorrível, de ofício ou a requerimento das partes ou de quem pretenda manifestar-se, solicitar ou admitir a participação de pessoa natural ou jurídica, órgão ou entidade especializada, com representatividade adequada, no prazo de 15 (quinze) dias de sua intimação.

O objetivo da intervenção de terceiro é de proporcionar a participação efetiva de diversos setores da sociedade, devidamente representados, nos debates travados na Suprema Corte com significativo interesse público, não limitando, por conseguinte, a atuação ao rol constante no art. 103 de nossa Carta Constitucional. Destarte, o artigo art. 131, § 3º, do Regimento Interno do STF, permite a entidades, tais como o IBDR, que ingressem no processo para fins de auxílio no *decisum*, e, até mesmo, sustentem oralmente suas razões, *in verbis*:

Art. 131

§ 3º Admitida a intervenção de terceiros no processo de controle concentrado de constitucionalidade, fica-lhes facultado produzir sustentação oral, aplicando-se, quando for o caso, a regra do § 2º do artigo 132 deste Regimento.

Isto posto, tendo em vista o preenchimento dos requisitos legais e dos pressupostos jurisprudenciais aqui alinhavados, faz-se imprescindível o conhecimento da petição de habilitação ao processo, bem como a concessão de prazo para apresentação dos Memoriais, na forma da Lei. A seguir segue a demonstração da representatividade e pertinência temática do IBDR.

2.2 Da representatividade do IBDR e Pertinência Temática

O IBDR - Instituto Brasileiro de Direito e Religião é uma entidade civil com fins não econômicos que reúne juristas, teólogos, filósofos, sociólogos, economistas, advogados, juízes, desembargadores, promotores, procuradores, professores, pastores,





padres, bem como acadêmicos dessas variadas áreas do conhecimento, tendo como seu Presidente de Honra o aclamado Doutor Ives Gandra da Silva Martins, grande referência nos estudos das ciências jurídicas em nosso país.

O lançamento oficial do IBDR se deu em novembro de 2018, na cidade de São Paulo, no local que é hoje sua sede histórica, o Centro Histórico e Cultural da Universidade Presbiteriana Mackenzie - MACKENZIE. Entre os objetivos do IBDR elencados no art. 1º, § 1º de seu Estatuto Social, destacam-se os incisos I e VIII, conforme abaixo destacados:

I - promover e incentivar, em caráter interdisciplinar, estudos, pesquisas, discussões e produções científicas acerca das relações existentes entre o Direito e o fenômeno religioso;

VIII - atuar na defesa, promoção e proteção dos direitos humanos desde a concepção e das liberdades civis fundamentais, em especial ao direito à liberdade religiosa, liberdade de expressão e liberdade de consciência;

O Instituto possui em seu quadro de membros fundadores, efetivos e aliados, pessoas do mais alto gabarito e de grande influência na sociedade, tal qual ex-ministros de Estado, desembargadores, professores universitários, acadêmicos com formação nas melhores universidades nacionais e internacionais, escritores amplamente conhecidos e reconhecidos por sua qualidade de conteúdo, em matérias jurídica, teológica e filosófica, bem como editores, colunistas de jornais de grande circulação, entre outros.

O IBDR, mesmo com seus poucos anos de existência (+ de 4 anos), já provou ser de grande relevância para a sociedade brasileira, possuindo representatividade nacional, tendo organizado diversos eventos, bem como atuado em importantes ações para a promoção e defesa dos Direitos e Liberdades Fundamentais:

1. **Palestra e Evento de fundação do IBDR na Universidade Presbiteriana Mackenzie (2018):** A palestra foi aberta pelo Rev. Dr. Davi Charles Gomes, Diretor Internacional da Fraternidade Reformada Mundial - *World Reformed Fellowship* e Presidente do Conselho Deliberativo do IBDR. Na continuidade, o Prof. Ives Gandra da Silva Martins (Presidente de Honra do IBDR) palestrou sobre a autonomia do Direito Religioso, com encerramento ministrado pelo Professor da UFRGS, Dr. Marcos Boeira (Fundador e membro do Conselho Científico do IBDR) - <https://www.youtube.com/watch?v=Xys1dHNTjSY&t=9s>
2. **1ª Jornada Virtual de Estudos em Direito e Religião:** Foram 4 eventos, tratando sobre temas basilares no debate acadêmico e nas questões práticas que permeiam a vida humana





em seus diferentes contextos: direito, filosofia, religião e economia, com alguns dos maiores especialistas do Brasil como Dr. Ives Gandra da Silva Martins, além da presença da Ministra da Família, Mulher e Direitos Humanos, Dra. Damares Alves, e do Arcebispo de São Paulo, o Cardeal Dom Odilo Scherer e do ex-ministro da Agricultura (membro fundador do IBDR), Antônio Cabrera – Evento com 8.163 inscrições. <https://doity.com.br/jornada-virtual-ibdr>

3. **2ª Jornada Virtual de Estudos em Direito e Religião:** Pensadores do Direito, Teologia, Filosofia e mandatários nos diferentes níveis da Federação discutiram “Motivações, Congruências e Conflitos entre os Postulados do Cristianismo e as Exigências do Exercício do Poder”. O evento contou com a participação e ministração do Ministro da Justiça e Segurança Pública: Dr. André Mendonça, Dep. Fed. Marcel van Hattem, Dep. Fed. Marcos Feliciano, Dep. Fed. Roberto de Lucena, entre outros parlamentares - <https://doity.com.br/cristaos-e-o-poder>
4. **I Congresso Brasileiro de Direito Religioso:** O congresso foi realizado em homenagem ao Professor Dr. Ives Gandra da Silva Martins, um dos maiores *scholars* brasileiros na seara jurídica. O objetivo foi falar sobre a autonomia constitucional do Direito Religioso como ramo que estuda as normas, princípios e conflitos do exercício da fé na arena pública, a extensão das razões de fé para a conduta social e como o Estado deve se comportar diante de tais situações - <https://doity.com.br/direito-religioso-2020>
5. **Participação no Poverty Cure Summit 2020 – Evento internacional promovido pela Acton Institute:** Tratou-se de um evento produzido pela *Acton Institute* com apoio do Instituto Brasileiro de Direito e Religião. Dentre os participantes brasileiros, contamos com a presença do Ministro de Estado da Justiça e Segurança Pública, Dr. André Mendonça, Dr. Ives Gandra da Silva Martins Filho – Ministro do TST, bem como o Dr. Thiago Vieira (Presidente do IBDR) e o Dr. Jean Regina (segundo vice-presidente de Relações Internacionais do IBDR). O *PovertyCure Summit* é um esforço intelectual sobre as razões do combate à pobreza, buscando unir estratégias sobre o papel da sociedade civil no engajamento ativo desta luta. <https://www.acton.org/event/2020/10/02/poverty-cure-summit> ; <https://www.youtube.com/watch?v=wwYE0kQvjc&t=1s> ; <https://www.youtube.com/watch?v=MA9gluwBo2Q> e <https://www.youtube.com/watch?v=xCkNU7XJWnE>
6. **Participação no I Simpósio on-line da frente parlamentar em defesa da liberdade religiosa** e entidades temáticas promovida pela **Frente Parlamentar em Defesa da Liberdade Religiosa do Estado de São Paulo**.
7. **Participação do Webinar sobre Direitos Humanos e Liberdade Religiosa – Uma Conexão Essencial – Evento realizado pela Interlegis – Senado Federal**, com participação da Senadora Mailza Gomes, Dr. Thiago Rafael Vieira, Presidente do IBDR, Dr. Paulo Henrique Cremoneze, associado efetivo do IBDR, entre outras autoridades. <https://www.youtube.com/watch?v=S9COXTqME6M&t=3s>
8. **Programa Ideias e Debates da TV ALESP – Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.** Mesa redonda sobre Liberdade Religiosa na Pandemia, com a participação da Dep. Estadual Damaris Moura, Dr. Thiago Rafael Vieira, Presidente do IBDR e do Dr. Ricardo Cerqueira Leite, Presidente da *Religious Freedom and Business* no Brasil <https://www.youtube.com/watch?v=JFs3bdroZ40&t=25s>;





9. **Presença em audiências:** O Instituto Brasileiro de Direito e Religião foi convidado a participar de Audiência organizada pela Frente Parlamentar Evangélica com o Tribunal Superior Eleitoral – TSE, sobre a matéria do Abuso do Poder Religioso no dia 05 de agosto. Logo em seguida, no dia 07 de agosto, participou de mais uma Audiência organizada pela FPE, com o Procurador Geral da República Dr. Augusto Aras.
10. **III Fórum Mackenzie de Liberdade Econômica**, cidade de São Paulo: Entre os dias 04 e 06 de novembro de 2019, aconteceu na **Universidade Presbiteriana Mackenzie** o **III Fórum Mackenzie de Liberdade Econômica** e o **Seminário Ecossistema de Liberdades**: uma parceria entre o **Instituto Brasileiro de Direito e Religião**, **Centro Mackenzie de Liberdade Econômica** e o *Acton Institute*.
11. **Consciência Cristã (fevereiro de 2019 e fevereiro de 2020):** Evento com cerca de 100 (cem) mil pessoas na cidade de Campina Grande/PB, onde foram tratados temas de liberdade religiosa, missão do IBDR, com análises profundas e atuais sobre temas ligados à participação dos cristãos nos espaços públicos, uma perspectiva interdisciplinar, com especialistas em sociologia, filosofia, economia, direito, teologia, entre outros.
12. **Lançamento de Revista Científica DIGNITAS: Revista Internacional do IBDR:** uma revista multidisciplinar, incluindo os campos do direito – especificamente do Direito Religioso –, filosofia política, teologia, história, economia e cultura, com foco na relação entre o direito, a religião e a política, no contexto do Estado laico e plural contemporâneo – [youtube.com/watch?v=0zo1KgEjXuI&t=20s](https://www.youtube.com/watch?v=0zo1KgEjXuI&t=20s), site: dignitas.ibdr.org.br
13. **Lançamentos dos seguintes livros:** 1) **E-book Direito Religioso: Orientações Práticas em Tempos de COVID-19** – um presente de Edições Vida Nova e Direito Religioso, em parceria com o Instituto Brasileiro de Direito e Religião, Ministério Fiel e Seminário Martin Bucer, para a igreja brasileira, em razão da proliferação legislativa de toda a ordem no período da pandemia, já no mês de julho de 2020 foi lançada a segunda edição do livro. 2) **Abuso do Poder Religioso no Processo Político-Eleitoral – Perspectivas à luz do Direito, da Filosofia e da Teoria Política** - obra conjunta lançada pelo IBDR e a Editora Lex Magister – Produtos Jurídicos, sob a Coordenação do Dr. Ives Gandra da Silva Martins, Dr. Valmir Nascimento e Dr. Thiago Rafael Vieira, com prefácio do Dr. Manoel Gonçalves Ferreira Filho.
14. **Lançamento do Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do IBDR – Instituto Brasileiro de Direito e Religião:** Trata-se de grupo de membros do IBDR, com o objetivo de fomentar o estudo e a defesa dos valores constitucionais brasileiros em situações legislativas e judiciais pontuais.
15. **Parecer GECL – Temática: Direitos Humanos e Missões Indígenas.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, diante de tramitação da Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 6622 perante o Supremo Tribunal Federal, entre outras matérias, por meio de seu líder, publicizou sua manifestação a respeito do tema através do referido Parecer.
16. **Carta aberta do GECL - Ao Governador do Estado do Pernambuco.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, diante do decreto de restrição e fechamento dos templos de culto manifestou-se perante o Governador do Estado de Pernambuco, solicitando a liberação dos cultos, missas e cerimônias religiosas presenciais, por meio de seu líder, publicou sua manifestação a respeito do tema através da referida Carta Aberta.





17. **Carta aberta do GECL - Ao Governador do Estado de Santa Catarina.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, diante do decreto de restrição e fechamento dos templos de culto manifestou-se perante o Governador do Estado de SC, solicitando a liberação dos cultos, missas e cerimônias religiosas presenciais, por meio de seu líder, publicou sua manifestação a respeito do tema através da referida Carta Aberta.
18. **Parecer GECL – Temática: Ideologia de Gênero no Rio Grande do Sul.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, diante de tramitação do Projeto de Lei nº 26/2019, de autoria da Deputada Luciana Genro, perante a Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, entre outras matérias, por meio de seu líder, publicou sua manifestação a respeito do tema através do referido Parecer.
19. **Carta aberta do GECL - Ao Governador do Estado da Paraíba.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, diante do decreto de restrição e fechamento dos templos de culto manifestou-se perante o Governador do Estado da Paraíba, solicitando a liberação dos cultos, missas e cerimônias religiosas presenciais, por meio de seu líder, publicou sua manifestação a respeito do tema através da referida Carta Aberta.
20. **Moção de Apoio do IBDR – Ao Desembargador Alexandre Guedes Alcoforado Assunção.** O IBDR por meio de seu Presidente e do Presidente de seu Conselho Deliberativo, além de seus conselheiros e membros signatários, veio a público, exprimir APOIO ao Desembargador Alexandre Guedes Alcoforado Assunção em sua decisão que deferiu pedido liminar em Mandado de Segurança contra o Decreto Estadual nº 50.433, de 15/03/2021, do Governo de Pernambuco, que pretendia proibir cultos religiosos presenciais naquele Estado por conta da pandemia de COVID 19.
21. **Carta aberta do GECL – Aos Ministros do Supremo Tribunal Federal.** O IBDR e outras instituições religiosas por meio de líderes e representantes manifestaram perplexidade e preocupação diante das medidas restritivas impostas às atividades religiosas em algumas partes do Brasil, por meio de decretos estaduais.
22. **Carta aberta do GECL - Ao Governador do Estado de São Paulo.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião – IBDR e outras instituições por meio de seus líderes e representantes manifestaram ao Governado do Estado de São Paulo perplexidade e preocupação diante das medidas restritivas impostas às atividades religiosas por meio do **DECRETO Nº 65.596, DE 26 DE MARÇO DE 2021 que estendeu a vigência das medidas emergenciais instituídas pelo DECRETO Nº 65.563 DE 11 DE MARÇO DE 2021**, e pediram sua revisão.
23. **IBDR como Amicus Curiae na ADPF 811 –** O IBDR por meio de seu presidente Dr. Thiago Rafael Vieira, em defesa da liberdade religiosa e liberdade de culto, atuou como *Amicus Curiae* na ADPF 811 que tinha por objeto declarar a inconstitucionalidade do art. 2º, II, "a", do Decreto nº 65.563/2021 do Estado de São Paulo, pois esse artigo viola a liberdade religiosa dos paulistanos, que é um direito fundamental, protegido pela Constituição Federal.





24. **IBDR solicita audiência na Comissão Interamericana de Direitos Humanos** – IBDR solicitou audiência a CIDH da OEA para tratar de questões envolvendo violações à liberdade religiosa e de culto no Brasil, em tempos de pandemia.
25. **Parecer GECL – Acerca da Lei nº 10.871/2021 do Estado do Rio Grande do Norte.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, diante da publicação da Lei nº 10.871, de 23 de abril de 2021 do Estado do Rio Grande do Norte, com objetivo de contribuir para um debate acerca da inconstitucionalidade e ilegalidade dos incisos IV e V, do §2º, do artigo 1º, da referida lei, entre outras matérias, por meio de seu líder, publicou sua manifestação a respeito do tema através do referido Parecer.
26. **3ª Jornada Virtual de Estudos em Direito e Religião:** Pensadores do Direito, Teologia, Filosofia e mandatários nos diferentes níveis da Federação discutiram “Justiça e Religião”. O evento contou com a participação o Dr. André Mendonça (Ministro da AGU), Dr. Ives Gandra Da Silva Martins Filho (Ministro do TST), Dra. Damaris Alves (Ministra de Estado da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos), Desembargador Ricardo Dip (TJ/SP), Dr. Leandro Cordioli (professor de filosofia do Direito), dentre muitos outros. - <https://doity.com.br/justica-e-religiao>
27. **Parecer GECL – Temática Liberdade Religiosa. Sobre ofício do Ministério Público do Estado de Pernambuco.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, diante do conteúdo do ofício n. 01920.000.063/2020-0046, emitido pelo Ministério Público do Estado de Pernambuco e o embaraço ao livre exercício dos cultos religiosos, entre outras matérias, por meio de seu líder, publicizou sua manifestação a respeito do tema através do referido Parecer.
28. **IBDR assina Carta Aberta à OEA contra perseguição a um cristão** – O Instituto Brasileiro de Direito e Religião – IBDR e outras entidades assinaram a carta aberta endereçada a OEA demonstrando repúdio às dúvidas levantadas sobre a capacidade, idoneidade e adesão à lei do Dr. Bernal, pelo fato de ele ter escrito um ensaio intitulado Fundamentos Bíblicos da Separação de Poderes e da Função Catalítica do Juiz.
29. **Parecer GECL – Temática Liberdade Religiosa. Sobre ofício do Ministério Público do Estado de Pernambuco.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, por meio de seu líder, com fundamento na livre manifestação de consciência e religiosa, direitos garantidos pela Constituição Federal e Lei 9.459/97, exarou parecer acerca do direito do jogador Leandro Castán de livremente expressar sua convicção religiosa em redes sociais.
30. **Parecer GECL – Temática Liberdade Religiosa e Dignidade da Pessoa Humana.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, por meio de seu líder, ante a propaganda com a participação de crianças, em apoio ao dia do orgulho LGBTQIA+, veiculada pela rede de *fast food* Burger King, exarar parecer, baseado na legislação brasileira e internacional dos direitos e proteção das crianças.
31. **Carta aberta do GECL, 38 entidades e 50 juristas - Aos Senadores da República Federativa do Brasil.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião – IBDR, instituições e juristas assinaram carta





aberta em apoio a indicação do jurista Dr. André Mendonça para o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal.

32. **Parecer GECL – Temática Liberdade Religiosa.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, por meio de seu líder, exarou parecer acerca da indicação do Advogado Geral da União, Dr. André Luiz de Almeida Mendonça, pelo Presidente Jair Bolsonaro, para ocupar o honroso cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal, com intuito de contribuir para o debate sobre o tema.
33. **Manifestação Pública do GECL do IBDR – Para o veto do fundo eleitoral de R\$ 5,7 bilhões.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião (IBDR), por meio dos seus líderes, manifestaram-se em relação à votação ocorrida no Congresso no último dia 15 de julho, em que foram ampliadas verbas destinadas ao Fundo Especial de Financiamento de Campanha para os partidos, pugnando ao Presidente da República o veto ao aumento aprovado pelo Congresso para o fundo especial de financiamento de campanha para os partidos na LDO 2022.
34. **Parecer GECL – Sobre a Escola Batista Getsêmani.** O Grupo de Estudos Constitucionais e Legislativos (GECL) do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR, diante do compartilhamento pela Escola Batista Getsêmani de um vídeo em suas redes sociais, intitulado “Deus nunca erra”, em que a teoria de gênero é refutada a partir de convicções de crença religiosa, no qual crianças citam o ensino bíblico da criação de homem e mulher, exarou parecer destacando a atuação da escola dentro dos limites da liberdade religiosa, e de acordo com a crença de seus fundadores, vez que se trata de uma instituição escolar confessional.
35. **3º Congresso Brasileiro de Direito Religioso:** Realizado na Universidade Mackenzie, em São Paulo, entre os dias 03 e 04 de novembro de 2022, o evento, que contou com membros da sociedade civil, filósofos, economistas, juristas e líderes religiosos, discutindo a liberdade religiosa e como o direito a ela impacta a economia de um país. Na ocasião, houve a participação de grandes nomes do direito no país, como o Ives Gandra Martins e o ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) André Mendonça.
36. O site do IBDR, no qual consta seus objetivos, missões, membros conselheiros e demais membros é **ibdr.org.br**.

Destarte, sendo o IBDR uma instituição com representação nacional, que tem como objetivo a proteção e a promoção da dignidade da pessoa humana, fonte natural dos direitos humanos e das liberdades civis, dentre as quais se encontram as liberdades de crença e religiosa, de consciência, inclusive a importância do fenômeno religioso para a população brasileira e a própria laicidade colaborativa estatal, todos temas que estão no objeto e causa de pedir do AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO Nº 1249095, reputa-se por legítima sua admissão como *Amicus Curiae*.





Inclusive, o IBDR já foi aceito na qualidade de *Amici Curiae* por este Egrégio Supremo Tribunal Federal na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental de nº 811, de relatoria do Ministro Dr. Gilmar Mendes, demonstrando preencher os requisitos da representatividade nacional e relação com o tema, senão vejamos:

ARGUIÇÃO DE DESCUMPRIMENTO DE PRECEITO FUNDAMENTAL 811 SÃO PAULO

RELATOR : MIN. GILMAR MENDES
REQTE.(S) : PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO - PSD NACIONAL
ADV.(A/S) : ANTÔNIO PEDRO MACHADO
INTDO.(A/S) : GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO
PROC.(A/S)(ES) : PROCURADOR-GERAL DO ESTADO DE SÃO PAULO

DECISÃO: Trata-se de medida cautelar em Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF), proposta pelo diretório nacional do Partido Social Democrático (PSD), contra o art. 2º, II, *a*, do Decreto n. 65.563, de 12.3.2021, do Estado de São Paulo, que vedou a realização de cultos, missas e demais atividades religiosas de caráter coletivo.

Por meio das diversas petições, foram formulados pedidos para ingresso no feito, na condição de *amicus curiae*.

É o relatório. Decido.

O art. 6º, §1º, da Lei 9.882/99, autoriza a admissão de *amicus curiae*, o que deve ocorrer no prazo de solicitação das informações. É possível, porém, cogitar de hipóteses de admissão fora desse prazo, especialmente diante da relevância do caso ou, ainda, em face da notória contribuição que a manifestação possa trazer para o julgamento da causa.

Sendo assim, considerando a relevância da matéria em debate e a representatividade de parte dos requerentes, de acordo com as informações e os documentos apresentados, entendo que devem ser acolhidos os seguintes pedidos de ingresso no feito, na condição de *amicus curiae*:

- a) Petição nº 34671/2021, do Ministério Público do Estado de São Paulo (eDOC 10);
- b) Petição nº 35734/2021, do Instituto Brasileiro de Direito e Religião - IBDR (eDOC 20);
- c) Petição nº 35806/2021, da Associação Nacional de

7

3. DO CONCEITO JURÍDICO DE RELIGIÃO

Ingressando no mérito que trata o ARE epigrafiado, faz-se necessário conceituarmos, sob o ponto de vista jurídico, a religião, especialmente ao tratar sobre o uso de símbolos religiosos, já que o caso chega na Suprema Corte, guardiã da Constituição, importa demonstrar que existe uma relevância jurídica no tema que está em discussão, pelo seguinte motivo:

a busca etimológica faz sentido porque implica exatamente essa ideia de relacionar-se, religar-se com a divindade, assentado sob um corpo de doutrinas morais, espirituais e litúrgicas com ápice no culto, na adoração litúrgica coletiva, ou assentando-se no tripé divindade, moralidade e culto (DMC), que são os elementos utilizados no conceito jurídico substancial-objetivo¹.

A relação do ser humano com a divindade, qualquer que seja, se consolida de

¹ VIEIRA, Thiago Rafael. **A importante distinção das liberdades de crença e religiosa e a efetividade de seus âmbitos de proteção na laicidade colaborativa brasileira**. Dissertação de mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2022. Disponível em: < <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/30585> >



várias formas, e o símbolo é uma delas. Isso acontece porque a religião é o fundamento que impulsiona as decisões essenciais que o ser humano toma em sua jornada. A religião influencia em todas as áreas da vida, inclusive no ato de legislar. O princípio da dignidade da pessoa humana, o contraditório e ampla defesa, as liberdades fundamentais, entre outros, são bons exemplos do impacto e influência da religião. Em um estudo aprofundado sobre o seu conceito jurídico, encontraremos que a religião é um *“fenômeno de vital importância para a nação brasileira, concretizando a seguinte ordem de fatores: caráter transcendental da religião > reconhecimento constitucional > conceito jurídico”*²

Vale notar que a existência de símbolos religiosos não é apenas objeto de culto para algumas religiões, como também enfatiza o seu impacto social, ecoando nos *“mais variados sistemas sociais, [...] sendo fatos de pressão junto ao poder político”*³. Quando o fiel contempla o símbolo, ele se abriga na visão da justiça. Isso significa que os símbolos têm uma conotação religiosa e sociológica. A justiça interessa à religião, e a religião interessa ao direito, nas palavras de Marcel Edvar Simões: *A justiça interessa à religião, pois sendo uma virtude que é atribuída aos homens por dádiva de Deus, é de todo conveniente que os homens a conheçam adequadamente e ajam de modo justo, pois a fé nos orienta.*⁴

O vice-presidente dos Estados Unidos, sr. Henry A. Wallace, em 08 de maio de 1942, em discurso na “Free Word Association” arrematou: *“A ideia da liberdade deriva da Bíblia e de sua extraordinária insistência sobre a dignidade da pessoa. A democracia é a única expressão política verdadeira do cristianismo”*⁵. Sanahuja arremata: *“O fato de que algumas dessas verdades de ordem natural também sejam ensinadas pela Igreja em nada diminui a legitimidade civil e a ‘laicidade’ do compromisso daqueles que com elas se identificam”*⁶.

² Ibidem, p. 47.

³ Ibidem

⁴ SIMÕES, Marcel Edvar. A justiça, a justiça e a “justiça” na teoria do direito e na religião. in GANDRA, Ives Gandra da Silva Martins, et. al. *Justiça e Religião: Uma integração necessária? Contribuição da religião para o Direito e efetivação da Justiça*. São Paulo: Editora Lex Magister, 2021.

⁵ MARITAIN, Jaques. Cristianismo e Democracia. Rio de Janeiro: Agir, 1945, p. 320.

⁶ SANAHUJA, Juan Claudio. Poder Global e Religião Universal. Trad. Lyége Carvalho, Campinas: Ecclesiae, 2012, p. 134.



Por fim, quanto a importância da religião para o Brasil, arrematam Thiago Rafael Vieira e Jean Marques Regina:

A religião, a partir da influência dos seus valores de justiça, paz e solidariedade, contribui diretamente na construção de um país justo, fraterno e solidário para todos, na busca da felicidade e do bem comum. Podemos dizer que a religião e, no caso brasileiro, especialmente o cristianismo — fé da maioria dos brasileiros, é o óleo que lubrifica as engrenagens da democracia. A verdade é que em todos os países que se autodenominam laicos, como vimos na segunda parte desta obra, a Religião está sempre presente, quer seja nas políticas públicas de Estado, quer seja nas leis, pelo menos como influência⁷.

3. A LIBERDADE DE RELIGIÃO E DE CONSCIÊNCIA

A dignidade humana é um valor moral e espiritual inerente à pessoa, devendo ser assegurada por todo estatuto jurídico, podendo sofrer limitações somente em caráter excepcional. O reconhecimento do valor absoluto dos direitos humanos fundamentais, como a dignidade da pessoa humana⁸, foi incorporado pela maioria das nações em seus ordenamentos jurídicos como indispensáveis a uma existência humana digna, conforme dispõe o art., 1º da Declaração Universal dos Direitos humanos: *“Todos os homens nascem livres e iguais em Dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.”* Ensina o ministro Ricardo Lewandowski:

O Antigo Testamento, bem entendido, resumia-se, antes de mais nada, a um conjunto de preceitos éticos ao qual estavam submetidos humildes e poderosos, indistintamente. Esse sentido ético da religião judaica,

⁷ VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. **A laicidade colaborativa brasileira: da aurora da civilização à Constituição brasileira de 1988**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2022, p. 244.

⁸ “A ética das virtudes de São Tomás de Aquino, uma releitura da ética aristotélica e, sobretudo, o ideal de uma comunidade orientada ao bem comum, na qual toda comunidade organizada politicamente deve respeitar a dignidade da pessoa humana, calcada em Deus, tornou-se o amálgama filosófico e teológico por trás da fundação constitucional da maioria dos países de língua românica do Novo Mundo”. VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. **A laicidade colaborativa brasileira: da aurora da civilização à Constituição brasileira de 1988**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2022, p. 113.



fundado na igualdade entre os homens e no respeito à pessoa humana, foi integralmente absorvido pelo cristianismo. Questionado em Jerusalém por um escriba sobre os princípios que norteavam seus ensinamentos, respondeu Jesus, com singeleza, que, dentre os mais importantes, figurava o seguinte: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo⁹”.

Em nosso país o constituinte incorporou a dignidade da pessoa humana à condição de fundamento do Estado Democrático de Direito, declarado no art., 1º, III da Constituição Federal: “*Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: III - a dignidade da pessoa humana*”.

A liberdade de religião e de crença consiste na garantia que cada pessoa tem de escolher seguir a crença que desejar, mudar de religião quando quiser, bem como de não seguir religião alguma. Nesse sentido, ensina Alexandre de Moraes¹⁰:

A conquista constitucional da liberdade religiosa é verdadeira consagração de maturidade de um povo [...]. O constrangimento à pessoa humana de forma a renunciar sua fé representa o desrespeito à diversidade democrática de ideias, filosofias e a própria diversidade espiritual.

Para o Ministro Gilmar Mendes a liberdade religiosa¹¹:

[...] não cuida apenas de ter liberdade em relação ao Estado (*Freiheit vom...*), mas de desfrutar essa liberdade através do Estado (*Freiheit durch...*). A moderna dogmática dos direitos fundamentais discute a possibilidade de o Estado vir a ser obrigado a criar os pressupostos fáticos necessários ao exercício efetivo dos direitos constitucionalmente assegurados e sobre a possibilidade de eventual titular do direito dispor de pretensão a prestações por parte do Estado.

O direito à liberdade de religião ou de crença, hoje, está amplamente assegurado nas declarações, convenções, normas e tratados internacionais de Direitos Humanos. Neste sentido, a Declaração Universal de Direitos Humanos, em seu artigo XVIII, diz:

Artigo 18º: Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de

⁹ Enrique Ricardo Lewandowski, “A formação da doutrina dos direitos fundamentais”, in: MIRANDA, Jorge; MARQUES DA SILVA, Marco Antonio (coords). Tratado Luso-brasileiro da Dignidade Humana. São Paulo: Quartier Latin do Brasil, 2008, p. 389.

¹⁰ Moraes, Alexandre de. **Direito Constitucional**. 12. ed. – São Paulo: Atlas, 2002, p. 73.

¹¹ MENDES, Gilmar Ferreira. **Direitos Fundamentais e controle de constitucionalidade**, 2ª ed., São Paulo: Celso Bastos Editor, 1999, p. 46.



consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.

A Convenção Americana de Direitos Humanos (*Pacto de San Jose da Costa Rica*), norma de natureza supralegal no ordenamento jurídico pátrio, aborda de modo ainda mais amplificado a proteção deste direito humano no seu Artigo 12 e respectivos itens:

Artigo 12. Liberdade de consciência e de religião. 1. Toda pessoa tem direito à liberdade de consciência e de religião. **Esse direito implica a liberdade de conservar sua religião ou suas crenças**, ou de mudar de religião ou de crenças, bem como a liberdade de professar e divulgar sua religião ou suas crenças, individual ou coletivamente, tanto em público como em privado. 2. **Ninguém pode ser objeto de medidas restritivas que possam limitar sua liberdade de conservar sua religião ou suas crenças**, ou de mudar de religião ou de crenças. 3. A liberdade de manifestar a própria religião e as próprias crenças está sujeita unicamente às limitações prescritas pela lei e que sejam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral pública ou os direitos ou liberdades das demais pessoas. 4. Os pais, e quando for o caso os tutores, têm direito a que seus filhos ou pupilos recebam a educação religiosa e moral que esteja acorde com suas próprias convicções. (grifo nosso)

Da mesma forma a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, no art. 10 preceitua: *Ninguém pode ser molestado por suas opiniões, incluindo opiniões religiosas, desde que sua manifestação não perturbe a ordem pública estabelecida pela lei*. O Concílio Vaticano II aprovou a Declaração *Dignitatis Humanae*, promulgada por Paulo VI em 07.12.1965, que trata do direito das pessoas e das comunidades à liberdade social e civil em matéria religiosa, e dispõe:

Este Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites. Declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa se funda realmente na própria dignidade da pessoa humana, como a palavra revelada de Deus e a própria razão a dão a conhecer. Este direito da pessoa humana à liberdade religiosa na ordem jurídica da sociedade deve ser de tal modo reconhecido que se torne um direito civil. (grifo





nosso)

O Estado Democrático de Direito garante liberdades civis fundamentais como o direito a liberdade de consciência e de crença, insculpido no art. 5º, VI que dispõe: “*Art. 5º, VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias*”.

Nessa vertente, as liberdades de consciência e de crença garantem ao cidadão a liberdade de confessar uma fé e manifestar-se de acordo com sua consciência e crença e, a atuação do Estado no sentido de restringir, limitar ou atrapalhar esta manifestação é claramente vedada pela Constituição Brasileira.

Consoante Vieira e Regina¹², a liberdade religiosa é uma das mais importantes liberdades: “*A liberdade religiosa é a pedra de toque dos direitos fundamentais e dela decorre a liberdade de consciência e de expressão*”.

O constituinte de 1988 assume a responsabilidade de reconhecer a religiosidade da nação, invocando a Deus em seu preâmbulo, e não se contentando apenas em tutelar a liberdade de escolha religiosa, mas também assegurando e, até mesmo, facilitando e incentivando o livre exercício das várias religiões existentes no país. Ainda, importante mencionar que a própria ideia de “Estado Constitucional” advém do reconhecimento público de Deus. Vejamos o que ensina Jónatas Machado, amplamente citado pelo Colendo plenário desta Supremo Corte, quando o assunto é religião e liberdade religiosa:

O Estado constitucional não somente pressupõe a existência de Deus e a objetividade dos valores, como é insuscetível de justificação racional e moral se essa pressuposição for falsa. Sem medo das palavras, podemos dizer que o Estado constitucional repousa em pressupostos que só um Deus entendido como Ser racional, verdadeiro, justo, bom e onipresente, nos termos da tradição judaico-cristã, é que tem condições de garantir em última instância. É ele quem pode dar crédito, liquidez e plausibilidade às afirmações de valor do constitucionalismo moderno. Nos últimos anos,

¹² VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. **Direito Religioso: questões práticas e teóricas**. 3º Ed. São Paulo: Edições Vida, Nova, 2020, p. 101.





uma parte da doutrina, pela mão do realismo jurídico teísta, tem chamado a atenção para esse aspecto com intensidade crescente¹³.

Sobre o reconhecimento constitucional da importância do fenômeno religioso na CRFB/88, arremata o Ministro do STF, André Mendonça:

Outro dispositivo constitucional que reconhece a importância do fenômeno religioso para a sociedade política brasileira é o que trata do ensino religioso. Nos termos do art. 210, § 1º, da Constituição, “o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”. Seu conteúdo garante a laicidade estatal, pois resta defeso ao Estado imiscuir-se no conteúdo curricular da disciplina, ao mesmo tempo em que se assegura a não obrigatoriedade da matrícula àqueles que discordem do conteúdo abordado. Sobre o tema, também deve ser consignado que a constitucionalidade do ensino religioso foi reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal (STF), quando do julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 44398¹⁴.

4. DA LAICIDADE COLABORATIVA BRASILEIRA

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 consagra a liberdade religiosa e o caráter laico colaborativo do Estado Brasileiro, conforme preceitua os arts. 5º, VI¹⁵ e 19, I:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, **ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.** (grifo nosso)

O Brasil vive sob a égide do modelo colaborativo de laicidade. A esfera

¹³ MACHADO, Jónatas E. M. Estado Constitucional e Neutralidade Religiosa. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2013, p. 28-29.

¹⁴ MENDONÇA, André Luiz de Almeida. A primeira das liberdades: a liberdade religiosa e sua efetividade na laicidade colaborativa brasileira in LIBERDADES. Rio de Janeiro: Edição J & C, 2022, p. 220.

¹⁵ Art. 5º. [...] VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.



religiosa coopera com a esfera secular. Trata-se de uma premissa básica, inerente aos profissionais do Direito, observar que a Constituição elenca a liberdade religiosa como um direito fundamental em seu artigo 5º, inciso VI.

Para além de uma descrição genérica, a fim de corroborar com base doutrinária, Vieira e Regina ensinam: *“Os direitos fundamentais dos seres humanos, entre eles as liberdades de crença e culto que expressam a liberdade religiosa, são os formadores das instituições democráticas, os quais só podem ter eficácia e vez num Estado Constitucional¹⁶”*.

Tendo em vista essa característica benevolente do Estado para com as religiões expressa no texto constitucional brasileiro, merece destaque o disposto no final do referido artigo em comento (Art. 19, I, da CRFB/88), a saber: *a colaboração de interesse público*. É nesta senda que nossa a Constituição adotou o modelo colaborativo de laicidade brasileira. Assim, conforme Thiago Rafael Vieira e Jean Regina:

Reitera-se, de especial relevância, entretanto, a parte final do art. 19, I, que prescreve: **“ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público”**. Qual é o interesse público do Brasil? O interesse último é o bem comum dos seus jurisdicionados, e, aqui, precisamente no dispositivo constitucional de separação das ordens materiais e espirituais que o Estado reconhece o objetivo final em comum de ambas as instituições, qual seja, o bem comum! **E, neste particular, ambas podem e devem colaborar reciprocamente, razão pela qual nosso modelo de laicidade também se afasta do simpliciter adotado pela Constituição da República Velha, seguindo a inspiração de Jacques Maritain, de um modelo colaborativo entre as ordens espiritual e secular¹⁷**.

Isso significa que quando o poder público tem alguma discrepância com alguma organização religiosa, deve buscar resolvê-la de forma pacífica, sem ultrapassar as competências estabelecidas pela CRFB/88 e, **sem fazer uso de mecanismos que representem o inverso daquilo que é a essência de uma democracia: a liberdade**. A proteção aos locais de culto e suas liturgias, a manifestação histórico-cultural de um povo que, em sua hegemonia, manifesta determinada religião mediante símbolos representativos que comunicam tal identidade, é uma expressão central da dignidade da

¹⁶ VIEIRA, Thiago Rafael. REGINA, Jean Marques. **Direito Religioso: Questões Práticas e Teóricas**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2020. p. 89.

¹⁷ Ibidem, p. 158.





pessoa humana.

Portanto, o Estado laico colaborativo brasileiro e o poder da religião comungam da missão e do dever de auxiliarem-se mutuamente em processos de fomento de todos os direitos fundamentais: desde aqueles que se prestam a tutela das liberdades (inclusive as de consciência e de crença) até aqueles que foram instituídos com o objetivo de promover a igualdade e a fraternidade de todos¹⁸. A laicidade brasileira possui as seguintes características:

1. Separação dos poderes religioso e temporal/político — separação;
2. Liberdade de atuação de cada poder, cada um em sua ordem (esfera de competência) — liberdade;
3. Benevolência estatal com o fenômeno religioso e com as organizações religiosas, em razão de sua importância — benevolência;
4. Colaboração entre os poderes, ou seja, entre a Igreja e o Estado — colaboração;
5. Os segundo, terceiro e quarto requisitos tenham como destinatário toda e qualquer crença, ou seja — igual consideração com todos os credos e confissões.

Com relação a tais características ensinam Thiago Rafael Vieira e Jean Marques Regina:

O Brasil separa a Igreja do Estado, consagrando total liberdade e autonomia para cada ordem, como vemos no art. 44, §1.º do Código Civil brasileiro. Prevê expressamente no texto constitucional a colaboração entre as ordens. Possui diversos dispositivos constitucionais e legais que, de forma benevolente, protegem o fenômeno religioso e as organizações religiosas, e o faz para todos, de forma indiscriminada, com igual consideração. A igual consideração é amplamente prevista na legislação constitucional e infraconstitucional, com a inexistência de qualquer diferenciação no tratamento jurídico de

¹⁸ VIEIRA, Thiago Rafael. Laicidade e Direito Religioso realmente importam? Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/cronicas-de-um-estado-laico/laicidade-direito-religioso-constituicao>





toda e qualquer confissão religiosa. De todos os países estudados, o Brasil é o que melhor preenche tais requisitos em um sistema laico que promove a separação, a liberdade, a benevolência, a colaboração e a igual consideração¹⁹.

Isto é, laicidade não implica em antirreligiosidade, ainda mais no caso brasileiro.

Portanto, a laicidade colaborativa brasileira posiciona o Brasil como detentor de um dos mais avançados sistemas constitucionais no relacionamento entre Igreja (poder religioso) e Estado (a unidade política dos antigos), no qual ambos, respeitosa e paralelamente, visam a um fim comum: a promoção do bem geral do povo. Será a partir desse diálogo construtivo que se antecipará a efetiva concretização dos valores constitucionais em seu mais amplo contexto, assim como dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil²⁰.

5. LAICISMO E ANTIRRELIGIOSIDADE

Acerca da relação entre Estado e religião, é preciso lembrar que há, na sociedade, correntes que advogam por um modelo denominado de laicista, que é uma posição contrária à religião a influência dela na esfera pública. De acordo com Santos Júnior (2007, p. 59-60)

[...] a expressão ‘laicismo’, por seu turno, designaria uma ideologia marcada pelo indiferentismo ou – quando não – por uma aberta hostilidade à religião, visando enclausurá-la dentro do mundo da consciência e reduzi-la a um assunto de foro íntimo.

Ora, tal proposta de sociedade é totalmente inviável, tendo em vista a notável pluralidade presente no tecido social e o fato de que a maioria da população mundial é religiosa. No Brasil, por exemplo, o segmento sem religião (ateus, agnósticos e afins) representa apenas 8% da população (IBGE, 2010). Ademais, não encontra ressonância com o Estado Constitucional brasileiro que optou pela laicidade colaborativa, conforme

¹⁹ VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. **A laicidade colaborativa brasileira: da aurora da civilização à Constituição brasileira de 1988**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2022, p. 276-277.

²⁰ MENDONÇA, André Luiz de Almeida. A primeira das liberdades: a liberdade religiosa e sua efetividade na laicidade colaborativa brasileira in LIBERDADES. Rio de Janeiro: Edição J & C, 2022, p. 224.





amplamente demonstrado acima. Nessa perspectiva, alerta Ives Gandra Martins:

Tem-se confundido Estado laico com Estado ateu. Estado laico é aquele em que as instituições religiosas e políticas estão separadas, mas não é um Estado em que só quem não tem religião tem o direito de se manifestar. Não é um Estado em que qualquer manifestação religiosa deva ser combatida, para não ferir suscetibilidades de quem não acredita em Deus (MARTINS, 2012)

No entanto, para o laicismo em seu viés mais radical, as pessoas que professam alguma religião devem relegar as suas crenças apenas ao foro íntimo, abstendo-se de exprimir qualquer opinião, ação, símbolo ou discurso de acordo com suas fés. Ademais, tais pessoas jamais poderiam ter qualquer tipo de participação ou ingerência nos assuntos do Estado, seja na condição de agente político eletivo ou até mesmo enquanto servidor público.

Em suma, “os laicistas defendem como exigência democrática a completa ausência da religião na vida política” (SANTAMARÍA, 2013, p. 8). Portanto, o laicismo nada mais é senão uma visão de mundo antirreligiosa e ateia, uma vez que, consoante Davi Lago (2018, p. 141), “assume uma postura semelhante ao secularismo, ao ateísmo militante, de combate e perseguição às religiões”.

Portanto, uma perspectiva laicista inibe as religiões de exercerem seu papel na sociedade, retirando desta a possibilidade de receber ajuda humanitária, caridade, entre diversos outros benefícios das pessoas e das instituições que praticam virtudes públicas motivadas pelas suas crenças. Afinal, quando se exerce um poder negativo em relação às religiões presentes na sociedade civil, estas acabam sendo marginalizadas ou até mesmo banidas da esfera pública. Para fins de estudo comparado, analisar-se-á, brevemente, alguns elementos laicistas praticados na França.

Inegável o elemento antirreligioso presente na Revolução Francesa do século XVIII como a gênese da perspectiva laicista, também chamada de laicidade negativa. De acordo com Rafael Durand:

Os resquícios do *zeitgeist* revolucionário em face da religião ainda estão presentes na sociedade francesa e, por conseguinte, impactam o ordenamento jurídico daquele país. **Assim, uma vez que o laicismo**





tende a uma privatização exacerbada da crença religiosa, há uma tendência na França de limitar a liberdade religiosa, como por exemplo obstando a exibição de símbolos e objetos religiosos no espaço público (DURAND, 2022, p. 47).

Comentando sobre o modelo francês de laicidade negativa (laicismo) e algumas leis do país Francisco Santamaría diz:

Não é só o crucifixo que se pede para ser retirado do âmbito público. Os véus islâmicos e o kipá judeu também têm sido objeto de restrições, especialmente na França, que desde 2004 conta com uma lei que impede os alunos de escolas e colégios públicos de usarem “sinais ou peças que manifestem ostensivamente uma filiação religiosa”. Em abril de 2011, entrou, além disso, em vigor a lei francesa que proíbe as mulheres de saírem à rua cobertas com o véu integral (com o niqab ou a burka) (SANTAMARÍA, 2013, p. 15).

O autor supracitado se refere, respectivamente, à Carta da Laicidade Francesa, afixada nas escolas (notadamente ao item 14 da carta) e a Lei de nº 228, de 2004, que passou a ter eficácia a partir de abril de 2011.

O laicismo de combate tem como objetivo restringir a religião ao espaço privado ou até mesmo eliminá-la, com a clara intenção de proporcionar os meios para que desapareça da vida social. Como aconteceu na Revolução Francesa, que pretendeu suplantar a religião cristã por meio de sua substituição por uma religião secular, a França de hoje implanta tal laicização a partir da escola, enaltecendo crenças seculares tais como a razão, o progresso, o bem da humanidade, a livre discussão²¹.

Como ensina o professor Thiago Rafael Vieira:

Muito diferente do conceito de laicidade, o laicismo é uma espécie que tem por definição o combate à religião na esfera pública, valendo-se dos instrumentos do Estado para retirar do espaço público e coibir expressões externas de qualquer religião. Trata-se de um sistema que vai além da separação, configurando-se como um verdadeiro cenário de colisão originado da pretensão estatal de promover “a maior distância

²¹ VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. **A laicidade colaborativa brasileira: da aurora da civilização à Constituição brasileira de 1988**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2022, p. 120.





possível entre Estado e Igreja²².

Por todo o exposto neste tópico, resta clarividente que a laicidade colaborativa adotada pela Constituição de 1988 se posiciona de maneira diametralmente oposta às perspectivas laicistas e antirreligiosas.

6. DA ARE 1249095 E DAS RAZÕES PARA O NÃO CONHECIMENTO

Prima facie faz mister apontar que a matéria discutida, conforme bem delineada pela Procuradoria Geral da República, já fora objeto de apreciação de decisão pelo Poder Judiciário, a exemplo da ADI 4439/DF, em que a ostentação de símbolos religiosos (crucifixos) não ofendem o postulado da laicidade estatal.

O opinamento do *Parquet* acompanha precedentes jurisprudenciais que serviram de esteira pelo juízo de 1º grau, acompanhado corretamente pelo Tribunal Regional Federal da 3ª Região do feito processual em questão.

Contudo, reconhecida a Repercussão Geral por esta Corte, fundamental a participação na condição de *Amicus Curiae* de organizações como o Instituto Brasileiro de Direito e Religião, como já sustentado, que detém direto interesse na matéria.

A controvérsia debatida cinge-se nos requerimentos do promovente, na ofensa à laicidade, bem como na violação da igualdade, isonomia, e impessoalidade por parte da União, ao ostentar os símbolos religiosos.

Ora, a religião, além de convicção individual por meio da fé, é também a manifestação de um povo, cujos objetos refletem os aspectos históricos-culturais de uma nação. Afirmar o que sustenta o promovente é negar o natural desenvolvimento histórico-social do povo brasileiro.

Portanto, sob o ponto de vista histórico e sociológico, não há dúvidas de que a religião é uma necessidade humana fundamental. Em maior ou

²² VIEIRA, Thiago Rafael. **A importante distinção das liberdades de crença e religiosa e a efetividade de seus âmbitos de proteção na laicidade colaborativa brasileira**. Dissertação de mestrado. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2022, p. 127. Disponível em: < <https://dspace.mackenzie.br/handle/10899/30585> >



menor intensidade, o ser humano possui necessidades transcendentais, cuja satisfação tem sido historicamente essencial para o progresso da sociedade política e para a formação moral e intelectual de seus membros²³.

Uma das principais características do Brasil é a pluralidade de seu ethos religioso. Por mais que possua uma forte identidade com o cristianismo, em razão da colonização portuguesa, fruto de uma missão católica, somado ao forte crescimento dos evangélicos nas últimas décadas, a religiosidade brasileira é plural²⁴.

Na mesma toada, não há que a permanência de símbolos religiosos intercepta os atos da administração pública aos seus assistidos, posto que o critério em sentido estrito do processamento e da decisão administrativa, reserva-se ao princípio da reserva legal por parte da Administração Pública.

A respeito, orienta José Afonso Padilha²⁵ quanto ao princípio da reserva legal “(...) consiste em estatuir que a regulamentação de determinadas matérias há de fazer-se necessariamente por lei (...) quando a Constituição reserva conteúdo específico, caso a caso, à lei, encontramos-nos diante do princípio da reserva legal (...)”

Vale dizer, não há qualquer permissividade legal administrativa, seja em condão Absoluto ou Relativo que permita a Administração Pública em decidir ato a ato, valendo-se da predileção religiosa indicada pelo administrado. Ainda mais quanto às decisões dos colegiados do Poder Judiciário, como é o caso nascedouro do processo informativo ministerial que deu aso à presente questão.

7. DA RELEVÂNCIA DA SIMBOLOGIA RELIGIOSA PARA UMA NAÇÃO

O Brasil foi colonizado primeira e principalmente por Portugal, país de fortíssima tradição católica. Dos “patrícios”, herdamos não só o idioma, a culinária, os

²³ MENDONÇA, André Luiz de Almeida. A primeira das liberdades: a liberdade religiosa e sua efetividade na laicidade colaborativa brasileira in LIBERDADES. Rio de Janeiro: Edição J & C, 2022, p. 215.

²⁴ Ibidem, p. 221.

²⁵ SILVA, José Afonso da. Curso de direito constitucional positivo. 22. ed. São Paulo. Malheiros. 2000. p 421





vícios e os costumes, mas também o cristianismo, com sua ética e seus valores. Como consequência da colonização católica, o Brasil conta, por exemplo, com feriados religiosos durante todo o ano, como Corpus Christi, Sexta-feira da Paixão (ou sexta-feira santa), Dia de Finados, Dia de Nossa Senhora Aparecida padroeira do Brasil). Festejamos as principais celebrações cristãs, como a Páscoa (celebração da ressurreição de Cristo) e o Natal (nascimento de Cristo). Também podemos citar esculturas de outras religiões que estão pelo Brasil, como a Odoyá (Salvador), Zumbi dos Palmares (Salvador), Painel-Fechamento Terreiro da Casa Branca (Salvador), e muitas outras expressões, no espaço público, das fés que estão na rotina dos brasileiros.

é vital que a sociedade reconheça a inspiração de sua formação e a expresse publicamente, quer seja por meio de feriados nacionais, estaduais ou municipais religiosos, quer seja por monumentos ou, ainda, símbolos religiosos no espaço, sempre com efetiva participação de outras tradições religiosas neste mesmo espaço público. Essa é a máxima expressão da liberdade religiosa²⁶.

Muitos dos Estados e municípios brasileiros têm nomes relacionados ao catolicismo, incluindo São Paulo, Santa Catarina e Espírito Santo. **De acordo com o IBGE, mais de 2.500 cidades brasileiras homenageiam santos católicos em seus nomes.** À guisa de exemplo, podemos citar Barra de Santo Antônio (AL), São João do Araguaia (PA), São Francisco do Conde (BA), Barra de São Francisco (ES) e São Sebastião do Rio de Janeiro (RJ), entre muitos outros. Em especial, o Rio de Janeiro é conhecido por ser o lar do famoso Cristo Redentor, uma estátua gigantesca de Jesus de Nazaré que simboliza o abraço e a bênção da cidade.

Confirmam os professores Thiago Rafael Vieira e Jean Marques Regina:

Passando pela história do Brasil Colonial de forma muito rápida, percebemos a grande influência que a religião exerceu sobre a formação do país que estava nascendo. Essa verdade é fácil de ser verificada “cientificamente”, basta caminhar pelas cidades históricas do Brasil, tais como Olinda, Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Rio de Janeiro, Tiradentes, Ouro Preto, Porto Seguro, Mariana, Sabará, Penedo, Laguna, São Miguel das Missões, Cidade de Goiás, entre tantas outras, para perceber facilmente a identidade cultural, sociológica e histórica com o catolicismo romano, bem como com o candomblé,

²⁶ VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. **Direito Religioso: questões práticas e teóricas**. 3ª Ed. Rev. e amp. São Paulo: Edições Vida Nova, 2021, p. 93.





especialmente na Bahia. Na verdade, basta uma olhadela na tela de embarques e desembarques do aeroporto de Guarulhos, Rio de Janeiro ou Brasília para percebemos, nos nomes dos mais variados destinos o “São”, “Santo” ou “Santa”. Quando se chega ao principal destino turístico brasileiro, já na aterrissagem, o turista se depara com o Cristo Redentor, de braços abertos, na Cidade Maravilhosa; isso sem esquecermos os feriados religiosos e as maiores festas tradicionais brasileiras. Não há como termos dúvidas: querendo ou não, a história e a cultura do Brasil estão entrelaçadas com o cristianismo, especificamente com o catolicismo romano²⁷.

Arremata Ruy Barbosa:

Nascemos sob as bênçãos da Igreja, iniciamos a colonização com o seu auxílio extraordinário; contamos nos primeiros reveses com o seu incomparável socorro; obtivemos com seu decidido apoio as maiores vitórias, e conseguimos com as suas luzes a civilização de que já nos podemos ufanar²⁸.

Antes da República existia o Brasil; e o Brasil nasceu cristão, cresceu cristão, cristão continua a ser até hoje. Logo, se a República veio a organizar o Brasil, e não esmagá-lo, a fórmula da liberdade constitucional na República necessariamente há de ser uma fórmula cristã. As instituições de 1891 não se destinaram a matar o espírito religioso, mas a depurá-lo, emancipando a religião do jugo oficial²⁹.

Portanto, a busca implacável por inibir a exibição de símbolos e objetos religiosos em ambientes públicos é incompatível com a Constituição brasileira e com os aspectos culturais e históricos da nação. Logo, é totalmente ilógico e irrazoável afirmar que exibir tais símbolos configuram uma imposição de crença religiosa nos locais onde eles existem.

Basta olhar para o pavilhão nacional de nossa nação, nosso maior símbolo, para ver nele estampado a Cruz de Cristo, formada pelas estrelas do Cruzeiro do Sul.

²⁷ VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. **A laicidade colaborativa brasileira: da aurora da civilização à Constituição brasileira de 1988**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2022, p. 214-215.

²⁸ Padre Manoel Barbosa, *A igreja no Brasil* (Rio de Janeiro, 1945), p. 275.

²⁹ Ruy Barbosa, *Discurso no Colégio Anchieta* (Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa, 1981), p. 28.



8. DOS PEDIDOS

Diante do exposto, o IBDR – Instituto Brasileiro de Direito e Religião requer de Vossa Excelência:

- a) Habilitação na qualidade de *Amicus Curiae* nos termos do Art. 138 do CPC;
- b) Apresentação de memoriais, no prazo legal e regimental, e outras manifestações;
- c) Realização de audiências públicas para discussão do tema objeto desta ação com entidades governamentais, civis, especialistas e demais interessados, com participação oral da peticionante;
- d) Participação na sessão de julgamento desta Reclamação Constitucional, com sustentação oral em plenário, seja presencial ou virtual;

No mérito, o IBDR pugna pelo **NÃO PROVIMENTO** ao Agravo em Recurso Extraordinário nº 1249095.

Encaminhamos em anexo Estatuto, Termo de Posse da Diretoria e Declaração de entidades da sociedade civil que, na forma do nosso Estatuto, fazem-se representar – assim nos legitimando – no presente pleito de *Amicus Curiae*.

Termos em que pede deferimento.

Porto Alegre, 13 de fevereiro de 2023.

Dr. Thiago Rafael Vieira
Presidente do IBDR

Rev. Dr. Davi Charles Gomes
Presidente do Conselho - IBDR





OAB/RS 58.257

Dr. Gabriel Ferreira de Almeida
Membro GECL do IBDR
OAB/RN 17.120

Dr. Rafael Durand Couto
Membro GECL do IBDR
OAB/PB 28.756

Dra. Bárbara Barbosa
Membro GECL do IBDR
OAB/PE 56.493

Dr. Jonas Moreno
Membro GECL do IBDR
OAB/PE 14.098

Dr. Augusto Ventura
4º VP do IBDR
OAB/GO 12.539

Dr. Warton Hertz
Direto Técnico do IBDR
OAB/RS 69.913

Dr. José do Carmo Veiga de Oliveira
Conselheiro do IBDR
OAB/SP 402.837

Dr. Jean Marques Regina
2º VP do IBDR
OAB/RS 59.445

Dr. Roberto Tambelini
Conselheiro do IBDR
OAB/SP 355.916

Dr. Jorge Alwan
Ass. Efetivo do IBDR
OAB/SP 181.039







Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Sustentação Oral

Processo	ARE 1249095
Arquivo	20241112 - Sustentação Oral - Dr. Caio Manoel - ARE 1249095.mp4
Enviado por	CAIO MANOEL CLEMENTINO DE ALCANTARA
Parte	UNIÃO
Sustentado por	Caio Manoel Clementino de Alcântara
Data/Hora do Envio	12/11/2024, às 17:13:44



PROCURAÇÃO AD JUDICIA e EXTRA JUDICIA

OUTORGANTE: O INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO - IBDR, associação civil sem fins econômicos, inscrito no CNPJ sob o nº 33.082.948/0001-92, com sede na Av. Caí, 634, CEP 90810-120, Porto Alegre/RS, que tem como objetivo, dentre outros, atuar na defesa, promoção e proteção dos direitos humanos desde a concepção e das liberdades civis fundamentais, em especial ao direito à liberdade religiosa, liberdade de expressão e liberdade de consciência, conforme art. 1º, inc. VIII, de seu Estatuto Social, neste ato representado pelo Dr. Thiago Rafael Vieira, nos termos de seu Estatuto Social, Art. 20, inc. I.

OUTORGADOS: Dr. AUGUSTO VENTURA, brasileiro, casado, advogado, inscrito na OAB/GO 12.539 e na OAB/DF 23.804, Dr. JEAN MARQUES REGINA, brasileiro, casado, advogado, inscrito na OAB/RS sob o nº 59.445 e na OAB/SP sob nº 370.335 e Dr. THIAGO RAFAEL VIEIRA, brasileiro, casado, advogado, inscrito na OAB/RS sob o nº 58.257, OAB/SC sob nº 38.669.A e OAB/PR sob nº 71.141.

PODERES: Por este instrumento particular e na melhor forma de direito o OUTORGANTE nomeia e constitui os OUTORGADOS como seus bastantes procuradores onde, com este instrumento se apresentar, em conjunto ou separadamente, possam praticar todos os atos necessários para o fiel cumprimento da presente outorga conferindo-lhes para tanto os poderes da cláusula *ad judicium e extra judicium*, e mais os contidos no artigo 105 do Código de Processo Civil, podendo acordar, transigir, reconvir, desistir, renunciar ao direito sobre que se funda a ação, receber importância e dar quitação, firmar compromisso em qualquer Juízo ou Instâncias administrativa ou jurisdicional, podendo ainda, propor e contestar as ações que entenderem úteis e necessárias, substabelecer no todo ou em parte com ou sem reserva de poderes para defender os interesses do outorgante, em especial para apresentar pedido de amicus curiae na ARE 1249095.

Porto Alegre/RS, 13 de fevereiro de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO – IBDR
OUTORGANTE



Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Sustentação Oral

Processo	ARE 1249095
Arquivo	STF.mp4
Enviado por	GUILHERME JOSHUA FANTINI BLAKE
Parte	ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
Sustentado por	Guilherme Joshua Fantini Blake
Data/Hora do Envio	13/11/2024, às 00:11:15



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE

EM BRANÇO



ILUSTRÍSSIMO SENHOR DO 9º OFICIAL DE REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS E
CIVIL DE PESSOA JURÍDICA DA CAPITAL – SP.

51067
21/02/19

THIAGO RAFAEL VIEIRA, brasileiro, casado, advogado, portador do RG nº 7076480222 – SSJ/RS e inscrito no CPF nº 952279890-87, com endereço profissional à Avenida Caí, 634, Bairro Cristal, CEP: 90.810-120, Porto Alegre/RS, E-mail: thiago@vradvogados.adv.br, Telefone: (51) 3018-3200, representante legal da Pessoa Jurídica denominada: **INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO**, com sede na Capital do Estado de São Paulo, na Rua da Consolação, 896, Consolação – CEP 01302-907., VEM, respeitosamente, perante vossa senhoria, requerer, nos termos do artigo 121 da Lei 6.015/73, o registro da ata de assembleia geral extraordinária de alteração estatutária da referida associação civil, pessoa jurídica de direito privado, com fins não econômicos, sem cunho político ou partidário, juntando 2 (duas) vias de igual teor e forma da ata de assembleia geral extraordinária.

Declara ainda, que foram cumpridos todos os requisitos estatutários.

Nesses termos, pede deferimento.



São Paulo, 16 de setembro de 2019.

TABELIÃO
DE NOTAS


Thiago Rafael Vieira
Presidente



2º Tabelião de Notas da Capital - SP - Anderson Henrique Teixeira Nogueira
Rua: Rego Freitas, 133 - República - São Paulo - SP - CEP 01220-010
Fone: (11) 3357-8844 - Zcartorio.com.br

Reconheço por semelhança a(s) 1 TIRMA(S) de:

THIAGO RAFAEL VIEIRA

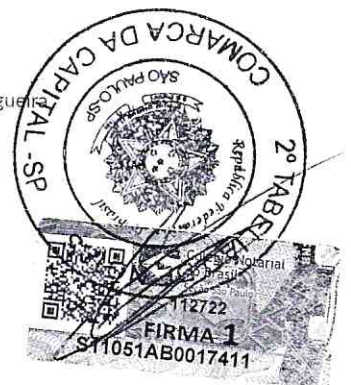
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

São Paulo, 04/11/2019

Em testemunho da Verdade _____ R\$ 6,25

0019146011 ALEX LUIS DOS SANTOS-8935/94

VALIDO SOMENTE COM SELLO DE AUTENTICACAO DE QUALQUER EMENDA OU RASURAS ANULA ESTE DOCUMENTO



2357 19007899

ESTA CÓPIA CONFERE
COM ORIGINAL





90RTDCPJ 53244
INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO - IBDR

EDITAL DE CONVOCAÇÃO PARA ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA



Conforme prerrogativas estatutárias, especialmente os arts. 20, III e 16, IV. "b", e 37 do Estatuto Social em vigor, o Presidente do Instituto Brasileiro de Direito e Religião, Thiago Rafael Vieira, convoca a todos os membros votantes, nos termos do artigo 8º, I, para a Assembleia Geral Extraordinária a ser realizada no dia 13 de setembro de 2019, às 21 horas, em sua sede, conforme artigo 2º de seu Estatuto. Em primeira convocação, e, se não houver quórum, 30 (trinta) minutos após, em segunda convocação, para tratar, em pauta única, da seguinte ordem do dia: Alteração do Estatuto Social em vigor.

Os dispositivos a serem alterados seguem anexos ao presente Edital.

27 de agosto de 2019.

TABELIÃO
DE NOTAS


Thiago Rafael Vieira
Presidente



Rua da Consolação, 896 – São Paulo/SP

www.ibdr.org.br

23577 19007800

3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
EM BRANÇO



9º RTDCPJ, 53244

ATA DE ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO,
REALIZADA EM 13 DE SETEMBRO DE 2019.



Aos treze dias de setembro do ano de dois mil e dezenove, às vinte e uma horas, na Rua da Consolação, 896, Consolação, na Universidade Mackenzie (Prédio 1), cidade de São Paulo, Estado de São Paulo - CEP 01302-907, reuniram-se os associados votantes do Instituto Brasileiro de Direito e Religião, inscrito no CNPJ sob o n. 33.082.948/0001-92, para tratar em pauta única a seguinte **ordem do dia**: a) alteração do Estatuto Social em vigor. Presidindo os trabalhos, o Prof. Thiago Rafael Vieira, presidente do Instituto, verificando o quórum exigido no artigo 16, item IV, § 5º, instalou os trabalhos da assembleia geral extraordinária em primeira convocação, solicitando que o Prof. Alex Catharino de Souza lavrasse a presente ata. Com a palavra, o Sr. Presidente enfatizou a necessidade de alteração em alguns trechos específicos do estatuto social em vigor, especialmente, no tocante à mudança da sede da Instituição para a Avenida Caí, 634, Alto Cristal, Porto Alegre/RS – CEP 90810.120, para melhor desenvolvimento das atividades da associação, e com posterior alteração junto ao Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica da Receita Federal do Brasil, conforme proposta em anexo ao edital de convocação. Na sequência, para o bom andamento dos trabalhos, o Presidente Prof. Thiago Rafael Vieira transmitiu a presidência dos trabalhos para o Presidente do Conselho Deliberativo, de modo que o Prof. Rev. Davi Charles Gomes, pudesse dar continuidade à assembleia. Ato contínuo, o Presidente da assembleia apresentou a **proposta A**: O Art. 2º, passará a vigorar com a seguinte alteração e acréscimo:

"Art. 2º – O IBDR tem sua sede e foro na Avenida Caí, 634, Bairro Alto Cristal, na cidade de Porto Alegre – Estado do Rio Grande do Sul, CEP – 90810-120.

§ Único – O IBDR foi fundado e seu Estatuto Social foi discutido e aprovado no Centro Histórico e Cultural do Mackenzie, tendo seu primeiro foro e sede na Capital do Estado de São Paulo, na Rua da Consolação, 896, Consolação – CEP 01302-907, sendo que este endereço permanecerá como sede histórica do IBDR."

Após período para deliberação, e com apoio do associado Jean Marques Regina, restou aprovado a **proposta A** por unanimidade pelos associados votantes, cumprindo na íntegra a exigência do artigo 37 do Estatuto Social. Ademais, em decorrência da mudança de sede da associação, serão adotados os trâmites para a devida troca de foro e comarca da entidade, junto ao cartório competente. Após, o Presidente apresentou a **proposta B**: O Art. 4º, §1º, passará a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 4º - (...) § 1º. Associados efetivos são os registrados em ficha e livro próprios e admitidos com a observância das prescrições regulamentares, além dos fundadores, que são considerados efetivos, sendo votantes apenas os fundadores e os efetivos eleitos para o Conselho Deliberativo na forma do artigo 17."

Após período para deliberação, bem como de acordo com comentário do Presidente do Conselho Deliberativo, Prof. Rev. Davi Charles Gomes, e apoio do 1º Secretário Geral, Sr. Alex Catharino de Souza, restou aprovado a **proposta B** por unanimidade pelos associados votantes, cumprindo na íntegra a exigência do artigo 37 do Estatuto Social. Por derradeiro, o Presidente apresentou a **proposta C**: O Art. 16, § 1º passará a vigorar com a seguinte redação:

"Art. 16 - (...) § 1º. A Assembleia Geral reunir-se-á, ordinariamente, nos últimos quatro meses do ano, ou em outra data deliberada pela Diretoria, e, extraordinariamente, quando convocada pela Diretoria, o que



23577 19307900

3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE

EM BRANÇO



se fará com a antecedência mínima de oito dias, por carta, correio eletrônico ou edita publicado no "site" do IBDR, sendo facultada, em caso de previsão quando da convocação, a participação virtual do associado ou mandatário, nos casos permitidos pelo presente Estatuto."

Após período para deliberação, bem como de acordo com o comentário do 4º Vice-Presidente Administrativo e Financeiro, Prof. Augusto César Rocha Ventura, e após esclarecimentos do Sr. Alex Catharino, e apoio do Presidente do Conselho Deliberativo, Prof. Rev. Davi Charles Gomes, restou aprovado a proposta C por unanimidade pelos associados votantes, cumprindo na íntegra a exigência do artigo 37 do Estatuto Social. Por derradeiro, o Presidente agradeceu a presença de todos e deu por encerrada a presente reunião, determinando a mim, que servi como secretário, que lavrasse a presente ata e a levasse a registro ao cartório competente para surtir os efeitos jurídicos necessários. A presente segue assinada por mim, 1º Secretário e pelo Sr. Presidente da assembleia.

São Paulo/SP, 13 de setembro de 2019.

TABELIÃO
DE NOTAS

TABELIÃO
DE NOTAS



Thiago Rafael Vieira
Presidente

Davi Charles Gomes
Presidente da assembleia

Alex Catharino de Souza
1º Secretário

TABELIÃO
DE NOTAS

2º Tabelião de Notas da Capital - SP - Anderson Henrique Teixeira Nogueira
Rua: Rego Freitas, 133 - República - São Paulo - SP - CEP 01220-010
Fone: (11) 3357-8844 - 2cartorio.com.br

Reconheço por semelhança a(s) 1 firma(s) de:

THIAGO RAFAEL VIEIRA

ALEX CATHARINO DE SOUZA XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

São Paulo, 06/11/2019 Sem valor econômico

Em testemunho da Verdade R\$ 12,50

0119145711 ALEX LUIS DOS SANTOS-8935/94

VALIDO SOMENTE COM SELLO DE AUTENTICIDADE QUALQUER EMENDA OU RASURA ANULA ESTE DOCUMENTO



TABELIÃO
DE NOTAS

2º Tabelião de Notas da Capital - SP - Anderson Henrique Teixeira Nogueira
Rua: Rego Freitas, 133 - República - São Paulo - SP - CEP 01220-010
Fone: (11) 3357-8844 - 2cartorio.com.br

Reconheço por semelhança a(s) 1 firma(s) de:

DAVI CHARLES GOMES

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

São Paulo, 06/11/2019 Sem valor econômico

Em testemunho da Verdade R\$ 6,25

0119145711 ALEX LUIS DOS SANTOS-8935/94

VALIDO SOMENTE COM SELLO DE AUTENTICIDADE QUALQUER EMENDA OU RASURA ANULA ESTE DOCUMENTO



23547 05R10C61

REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE

EM BRANÇO



PROPOSTA DE ALTERAÇÕES DO ESTATUTO SOCIAL DO INSTITUTO
BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO



A) O Art. 2º, passa a vigorar com o seguinte acréscimo:

“Art. 2º – O IBDR tem sua sede e foro na Avenida Caí, 634, Bairro Alto Cristal, na cidade de Porto Alegre – Estado do Rio Grande do Sul, CEP – 90810-120.

§ Único – O IBDR foi fundado e seu Estatuto Social foi discutido e aprovado no Centro Histórico e Cultural do Mackenzie, tendo seu primeiro foro e sede na Capital do Estado de São Paulo, na Rua da Consolação, 896, Consolação – CEP 01302-907. Este endereço permanecerá como sede histórica do IBDR.

B) O Art. 4º, § 1º, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 4º - (...)

§ 1º. Associados efetivos são os registrados em ficha e livro próprios e admitidos com a observância das prescrições regulamentares, além dos fundadores, que são considerados efetivos, sendo votantes apenas os fundadores e os efetivos eleitos para o Conselho Deliberativo na forma do artigo 17.

C) O Art. 16, § 1º passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 16 - (...)

§ 1º. A Assembleia Geral reunir-se-á, ordinariamente, nos últimos quatro meses do ano, ou em outra data deliberada pela Diretoria, e, extraordinariamente, quando convocada pela Diretoria, o que se fará com a antecedência mínima de oito dias, por carta, correio eletrônico ou edital publicado no “site” do IBDR, sendo facultada, em caso de previsão quando da convocação, a participação virtual do associado ou mandatário, nos casos permitidos pelo presente Estatuto.

TABEIÃO
DE NOTAS


Thiago Rafael Vieira
Presidente

TABEIÃO
DE NOTAS

2º Tabelião de Notas da Capital - SP - Anderson Henrique Teixeira
Rua: Rego Freitas, 133 - República - São Paulo - SP - CEP 05220-010
Fone: (11) 3357-8844 - 2cartorio.com.br

Reconheço por semelhança a(s) 1 (uma) firma(s) de:

THIAGO RAFAEL VIEIRA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

São Paulo, 06/11/2019

Em testemunho da Verdade

Sem valor econômico

R\$ 6,25

0019146011 ALEX LUIS DOS SANTOS-8935/94

VALIDO SOMENTE COM SELLO DE AUTENTICIDADE QUALQUER EMENDA OU RASURA ANULA ESTE DOCUMENTO



2357 19007899

3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE/RS

EM BRANÇO



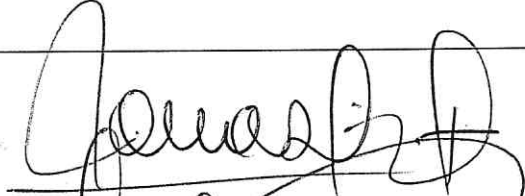
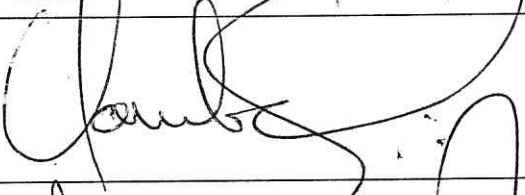
Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:11

Número do documento: 25040710175302000000346971112

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>

Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54

LISTA DE PRESENÇA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DA ASSOCIAÇÃO CIVIL INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO, REALIZADA EM 13 DE SETEMBRO DE 2019.

	NOME COMPLETO	ASSINATURA
1	IVES GANDRA DA SILVA MARTINS	
2	ÂNGELA GANDRA MARTINS	
3	ROGÉRIO GANDRA MARTINS	
4	JONAS MOREIRA MADUREIRA	
5	ROBERTO TAMBELINI	
6	JOSÉ DO CARMO VEIGA DE OLIVEIRA	
7	FRANCISCO DE ASSIS RAZZO	
8	ANTÔNIO CABRERA MANO FILHO	
9	RENATO GARCIA VARGENS	
10	RICARDO WILLY RIETH	



(4)

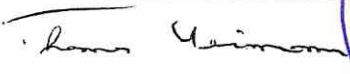
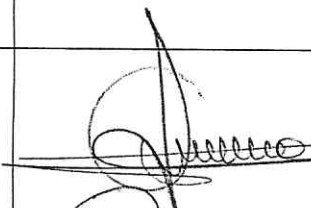
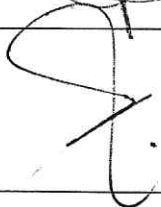
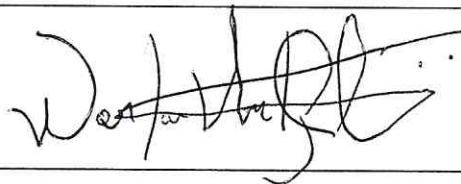


2357 19307899

3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE/RS
EM BRANÇO

**ESTA Cópia CONFERE
COM ORIGINAL**



11	THOMAS HEIMANN	
12	AUGUSTO CÉSAR ROCHA VENTURA	
13	VALMIR NASCIMENTO MILOMEM SANTOS	
14	EUDER FABER GUEDES FERREIRA	
15	CÂNDIDO ALEXANDRINO BARRETO NETO	
16	WARTON HERTZ DE OLIVEIRA	
17	VÍTOR PIMENTEL PEREIRA	
18	MARCELO SAMPAIO SOARES DE AZEVEDO	
19	MARCUS PAULO RYCEMBEL BOEIRA	
20	JEAN MARQUES REGINA	
21	THIAGO RAFAEL VIEIRA	



1)

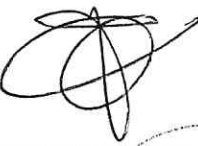
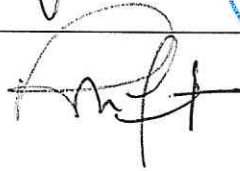
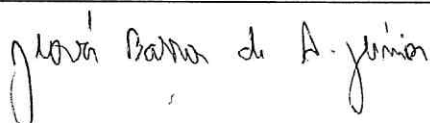


23574 19307808

3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE/RS
EM BRANÇO

ESTA COPIA CONFERE
COM O ORIGINAL



22	NATAMMY LUANA DE AGUIAR BONISSONI	
23	ALEX CATHARINO DE SOUZA	
24	FRANKLIN FERREIRA	 
25	PAULO AUGUSTO SEIFERT	
26	TIAGO JOSÉ DOS SANTOS FILHO	
27	DAVI CHARLES GOMES	
28	DAVID TEIXEIRA DE AZEVEDO	
29	JEOVÁ BARROS DE ALMEIDA	
30		
31		


Thiago Rafael Vieira
Presidente



2357

9º RTDCPJ

53244

9º RTDCPJ

3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE/RS
EM BRANÇO

ESTA COPIA CONFERE
COM ORIGINAL



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:11

Número do documento: 25040710175302000000346971112

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>

Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54



9º Oficial de Registro de Títulos e Documentos e
Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de São Paulo

Oficial: Alfredo Cristiano Carvalho Homem

Rua Boa Vista, 314 - 2º andar - Centro

Tel.: (XX11) 3101-4501 - Email: novertd@9rtd.com.br - Site: www.cdtsp.com.br

**REGISTRO PARA FINS DE
PUBLICIDADE E EFICÁCIA CONTRA TERCEIROS**

Nº 53.244 de 14/11/2019

Certifico e dou fé que o documento em papel, foi apresentado em 06/11/2019, o qual foi protocolado sob nº 83.012, tendo sido registrado sob nº 53.244 e averbado no registro nº 51.067 de 21/02/2019 no Livro de Registro A deste 9º Oficial de Registro Civil de Pessoas Jurídicas da Comarca de São Paulo, na presente data.

Natureza:
NOVO ESTATUTO COM TRANSFERÊNCIA DE COMARCA



São Paulo, 14 de novembro de 2019


Michelle Regina Silva M. Araujo
Escrevente Autorizada

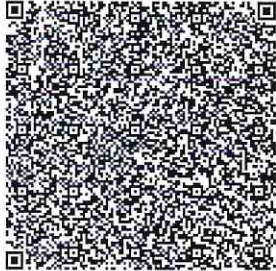
Este certificado é parte **integrante e inseparável** do registro do documento acima descrito.

Emolumentos	Estado	Secretaria da Fazenda	Registro Civil	Tribunal de Justiça
R\$ 103,99	R\$ 29,57	R\$ 20,24	R\$ 5,47	R\$ 7,13
Ministério Público	ISS	Condução	Outras Despesas	Total
R\$ 5,00	R\$ 2,17	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 173,57



Para verificar o conteúdo integral do documento, acesse o site:
servicos.cdtsp.com.br/validarregistro
e informe a chave abaixo ou utilize um leitor de qrcode.

00181447862063539



Para conferir a procedência deste documento efetue a leitura do QR Code impresso ou acesse o endereço eletrônico:

https://selodigital.tjsp.jus.br

Selo Digital

1137614PJAB000057314ED19S



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
EM BRANÇO



INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO

ESTATUTO SOCIAL



Art. 1º – O Instituto Brasileiro de Direito e Religião, pessoa jurídica de direito privado, doravante denominada IBDR, é uma associação civil com fins não econômicos, de duração por tempo indeterminado, e tem por objeto precípua o ensino, a pesquisa e o aperfeiçoamento do direito e o fenômeno religioso, a colaboração no ensino de disciplinas afins, especialmente a teologia, filosofia e ciências econômicas, divulgação de bibliografia, legislação e jurisprudência, publicação de trabalhos e promoção de congressos, conferências e cursos em todos os níveis.

Parágrafo único. Os objetivos do IBDR são:

- I - promover e incentivar, em caráter interdisciplinar, estudos, pesquisas, discussões e produções científicas acerca das relações existentes entre o Direito e o fenômeno religioso;
- II - capacitar alunos e profissionais a partir de uma visão crítico-transcendental acerca da evolução histórica da sociedade e sobre os principais desafios da atualidade envolvendo as temáticas do Direito, da Religião, da Teologia e de seus desdobramentos filosóficos, éticos, econômicos e morais, sempre a partir da perspectiva judaico-cristã;
- III - contribuir para a formação de profissionais capacitados que sejam conscientes acerca da profundidade histórica da formação da tradição jurídica ocidental construída a partir dos pressupostos apresentados pela tradição judaico-cristã.
- IV - manter intercâmbio e convênios com organizações religiosas, instituições de ensino, culturais e/ou sociais, associações civis, tribunais e outros órgãos públicos, em níveis nacional e internacional;
- V - editar, publicar, distribuir, promover e comercializar suas obras doutrinárias e de terceiros, abrangendo revistas, livros, jornais, boletins e informativos, tanto por meio impresso, quanto por meio eletrônico, vinculados ao estudo do Direito e o fenômeno religioso, bem como de suas áreas afins: filosofia, economia e teologia;
- VI - promover e fomentar cursos de extensão e especialização voltados para a interlocução entre o Direito, a Religião e a Teologia em todos os Estados da Federação, Distrito Federal, bem como internacionalmente, mediante convênio com instituição de ensino superior; bem como promover atividades educativas, de capacitação e de formação nas suas áreas de atuação;
- VII - prestar colaboração, mediante convênios ou figuras jurídicas afins, com o Poder Público para a consecução de seus objetivos;
- VIII - atuar na defesa, promoção e proteção dos direitos humanos desde a concepção e das liberdades civis fundamentais, em especial ao direito à liberdade religiosa, liberdade de expressão e liberdade de consciência;
- XIX - elaborar e executar projetos acadêmico-científicos e captar recursos destinados a custear as atividades e ações necessárias ao cumprimento de suas finalidades, inclusive se utilizando dos mecanismos de incentivo fiscal disponíveis.

3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
EM BRANÇO





Art. 2º – O IBDR tem sua sede e foro na Avenida Caí, 634, Bairro Alto Cristal, na cidade de Porto Alegre – Estado do Rio Grande do Sul, CEP – 90810-120.

§ Único – O IBDR foi fundado e seu Estatuto Social foi discutido e aprovado no Centro Histórico e Cultural do Mackenzie, tendo seu primeiro foro e sede na Capital do Estado de São Paulo, na Rua da Consolação, 896, Consolação – CEP 01302-907, sendo que este endereço permanecerá como sede histórica do IBDR.

Art. 3º – As receitas financeiras e o patrimônio do IBDR originam-se das contribuições de seus associados, participações em congressos e cursos promovidos ou ministrados diretamente ou em colaboração com outras entidades, produção, publicação e comercialização de periódicos e livros, elaboração de pareceres jurídicos ou prestação de consultoria, eventuais doações, legados ou subvenções.

Parágrafo Único. Os membros não serão remunerados por suas funções estatutárias no IBDR, entretanto haverá a possibilidade de se instituir remuneração para os dirigentes da entidade que atuem efetivamente na gestão executiva e para aqueles que a ela prestam serviços específicos, de caráter personalíssimo ou por pessoa jurídica a que estejam ligados, respeitados, em ambos os casos, os valores praticados pelo mercado, na região correspondente à sua área de atuação.

DOS ASSOCIADOS

Art. 4º – O IBDR possui cinco (5) categorias de associados:

- I - fundadores, assim qualificados os que subscreveram a ata de fundação do IBDR;
- II - efetivos;
- III - honorários;
- IV - beneméritos; e
- V - aliados.

§ 1º. Associados efetivos são os registrados em ficha e livro próprios e admitidos com a observância das prescrições regulamentares, além dos fundadores, que são considerados efetivos, sendo votantes apenas os fundadores e os efetivos eleitos para o Conselho Deliberativo na forma do artigo 17.

§ 2º. Associados honorários os que prestaram relevantes serviços à ciência e ao IBDR, observados os direitos e obrigações dos associados, exceto votar e ser votado.

§ 3º. Associados beneméritos são os que façam doação de valor pecuniário ou patrimonial apreciável, observados os direitos e obrigações dos associados, exceto votar e ser votado.



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
EM BRANÇO





§ 4º. Associados aliados são todos os que, por identificação temática, requererem sua inscrição, mediante aceite e pagamento de contribuições mensais, observados, no mais, os requisitos, direitos e obrigações dos associados, exceto votar e ser votado.

Art. 5º – O candidato a associado efetivo deverá ser graduado em curso superior ou estar cursando a faculdade de Direito, Teologia, Filosofia, Economia ou afins com o Direito e o fenômeno religioso, e revestir-se de indiscutível idoneidade moral e profissional. Será indicado por dois associados efetivos e seu requerimento será submetido à aprovação do Conselho Deliberativo.

Art. 6º – A outorga do título de associado honorário ou benemérito dependerá de proposta da Diretoria homologada pelo Conselho Deliberativo.

Art. 7º – O quadro de associados efetivos é de número ilimitado e somente o associado quite com suas obrigações e contribuições poderá gozar dos direitos que lhes são assegurados e participar das votações da Assembleia Geral.

DIREITOS E DEVERES DOS ASSOCIADOS

Art. 8º – São direitos dos associados:

I – votar nas decisões da Assembleia Geral, após o decurso de 1 (um) ano de seu ingresso no quadro associativo, com exceção dos §§ 2º, 3º e 4º do artigo 4º.

II – ser votado para os cargos eletivos do Conselho Deliberativo, após o decurso de 3 (três) anos de seu ingresso no quadro associativo, com exceção dos §§ 2º, 3º e 4º do artigo 4º.

III – ser votado para os cargos eletivos da Diretoria, após o decurso de 5 (cinco) anos de seu ingresso no quadro associativo, com exceção dos §§ 2º, 3º e 4º do artigo 4º.

IV – observadas as normas regimentais, participar de suas reuniões e dos respectivos debates, facultada a iniciativa de apresentação de temas e teses que envolvam o direito e o fenômeno religioso.

V – ter custo de inscrição reduzido nos cursos oferecidos pelo IBDR.

VI – requerer esclarecimentos, por escrito, à Diretoria ou ao Conselho Deliberativo.

VII – retirar-se livremente da associação, a qualquer momento, a seu único e exclusivo critério, mesmo sem justificativa.

Art. 9º – São deveres dos associados:

I – cumprir e fazer cumprir este Estatuto;

II – pagar pontualmente suas contribuições;



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
EM BRANÇO





III – aceitar e exercer, salvo motivo justo, os cargos e demais atribuições para as quais for eleito ou nomeado;

IV – acatar as deliberações emanadas dos órgãos diretivos;

V – prestigiar o IBDR e suas iniciativas de caráter científico e cultural.

Parágrafo Único. Aos associados honorários e beneméritos não se aplicam os incisos II e III acima.

Art. 10 – No caso de infringência de deveres e obrigações, o associado ficará sujeito às seguintes medidas de caráter disciplinar:

I – advertência.

II – suspensão, até o limite de 60 (sessenta) dias.

III – eliminação.

IV – exclusão.

Art. 11 – As medidas de advertência e suspensão serão adotadas pela Diretoria, após prévia audiência do associado. Caberá recurso ao Conselho Deliberativo, no prazo de 15 (quinze) dias da ciência da decisão.

Art. 12 – A medida de eliminação do quadro associativo será tomada pela Diretoria nas hipóteses em que o associado deixe de pagar duas contribuições anuais. Fica ressalvada a iniciativa do associado de, desde logo, quitar as contribuições em atraso, juntamente com os acréscimos regulamentares, a juízo da Diretoria.

Art. 13 – A medida de exclusão do quadro social será objeto de deliberação conjunta da Diretoria e do Conselho Deliberativo, no caso de infringência que a justifique, após ser ouvido o interessado. É assegurado, no prazo de 15 (quinze) dias da ciência da deliberação, direito a recurso à Assembleia Geral, que decidirá por maioria simples dos presentes.

DOS ÓRGÃOS DIRETIVOS

Art. 14 – São órgãos diretivos do IBDR:

I – a Assembleia Geral;

II – o Conselho Deliberativo.

III – a Diretoria;

IV – O Conselho Fiscal.



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE/RS
EM BRANCO





§ 1º. A Assembleia de fundação do IBDR elegerá, entre seus membros fundadores, aquele mais notável, para ser seu primeiro Presidente de Honra.

§ 2º. O mandato do Presidente de Honra será exercido com tempo ilimitado e vitalício, exceto se em caso de atentado deste contra a existência da própria entidade ou por motivo de desabono moral de sua conduta, o que deverá obrigatoriamente ser apreciado, após denúncia formal e expressa, pela Assembleia Geral, a quem cabe decidir, por maioria absoluta de seus membros.

Art. 15 – São órgãos consultivos do IBDR:

I – o Comitê Científico;

II – o Conselho de Referência.

Art. 16 – Compete à Assembleia Geral, composta por todos os associados com direito a voto:

I – eleger e destituir os membros do Conselho Deliberativo, da Diretoria, e do Conselho Fiscal;

II – apreciar recurso contra deliberação de exclusão de associado, na forma do artigo 13;

III – aprovar as contas e manifestar-se sobre todos os assuntos que lhe sejam submetidos pela Diretoria;

IV – deliberar, observado o quórum legal mínimo:

a) sobre alteração ou reforma do Estatuto, inclusive no tocante à forma de administração, observado o art. 37 deste Estatuto; e

b) sobre a dissolução da Associação, nos termos do art. 35 deste Estatuto.

§ 1º. A Assembleia Geral reunir-se-á, ordinariamente, nos últimos quatro meses do ano, ou em outra data deliberada pela Diretoria, e, extraordinariamente, quando convocada pela Diretoria, o que se fará com a antecedência mínima de oito dias, por carta, correio eletrônico ou edital publicado no “site” do IBDR, sendo facultada, em caso de previsão quando da convocação, a participação virtual do associado ou mandatário, nos casos permitidos pelo presente Estatuto

§ 2º. No caso de dissolução do IBDR, seu acervo literário passará para a entidade congênere que a Assembleia Geral designar.

§ 3º. Fica assegurado a 1/5 (um quinto) dos associados com direito a voto o direito de solicitar à Diretoria a convocação de Assembleia Geral, no prazo de 15 (quinze) dias do recebimento da solicitação.



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE/RS
EM BRANÇO





§ 4º. Na Assembleia Geral é permitido o voto por procuração, limitado a 5 (cinco) representações por procurador, à exceção de alteração ou reforma estatutária que exige a personalidade dos associados.

§ 5º. Para todas as matérias da sua competência, a Assembleia Geral instalar-se-á e deliberará, em primeira convocação, com o mínimo de dois terços (2/3) dos Associados votantes. Não se registrando esse quórum a Assembleia Geral realizar-se-á em segunda convocação meia hora depois, com a presença de qualquer número de Associados votantes, deliberando sempre por maioria simples dos presentes, ressalvadas as hipóteses em que a lei preveja quórum qualificado.

§ 6º. Para destituição da Diretoria, alteração ou reforma do Estatuto, a Assembleia Geral deverá ser especialmente convocada para tal fim.

§ 7º. A Assembleia será aberta pelo Presidente da Diretoria, procedendo-se, em seguida, à eleição do Presidente e do Secretário da reunião, escolhidos entre os Associados presentes.

§ 8º. O Presidente da Diretoria nunca poderá ser, de forma concomitante, Presidente do Conselho Deliberativo.

Art. 17 – O Conselho Deliberativo compõe-se, além dos membros fundadores vitalícios, de 3 (três) membros eleitos (exceto na fundação), com mandato de quatro anos, pela Assembleia Geral, obedecida a condição prevista no artigo 8º, inciso II.

I - O Presidente do Conselho Deliberativo possuirá as seguintes atribuições:

- a) convocar as reuniões do Conselho Deliberativo, na forma do artigo 18, § 1º;
- b) conduzir as reuniões do Conselho Deliberativo e sua pauta;
- c) exercer o voto de qualidade, quando necessário;
- d) firmar acordos e/ou convênios com outras instituições em conjunto com o Presidente do IBDR e com a Vice-presidência relacionada com o objeto do acordo/convênio.

II - O Secretário Geral do Conselho Deliberativo possuirá as seguintes atribuições:

- a) auxiliar o Presidente do Conselho Deliberativo sempre quando necessário e convocado para tal;
- b) elaborar as atas das reuniões do Conselho Deliberativo, podendo, para tal, convocar membro do Conselho presente à reunião para auxiliá-lo;
- c) substituir o Presidente do Conselho Deliberativo em suas ausências ou impedimentos.

Art. 18 – Compete ao Conselho Deliberativo:

I – autorizar a compra, venda ou oneração de bens imóveis do IBDR;



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
EM BRANÇO



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:11

Número do documento: 25040710175302000000346971112

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>

Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54



II – aprovar a entrada de Associados Efetivos, na forma do artigo 5 do Estatuto;

III – exercer as demais atribuições previstas no Estatuto e assessorar a Diretoria, quando solicitado;

IV – designar, dentre os membros fundadores e efetivos do IBDR, os integrantes do Comitê Científico e do Conselho de Referência, bem como destituí-los;

V – elaborar e aprovar seu Regimento Interno.

§ 1º - O Conselho Deliberativo será convocado, por seu presidente, por carta ou por meio eletrônico, com antecedência mínima de 8 (oito) dias, dispensada a convocação se presentes todos os membros.

§ 2º - As reuniões do Conselho Deliberativo serão realizadas na sede social ou em outro lugar previamente anunciado, com a presença de pelo menos metade dos seus membros, em sessão única, e as decisões serão tomadas por maioria dos presentes, ressalvadas as hipóteses legais de quórum mínimo.

Art. 19 – A Diretoria compõe-se de 7 (sete) membros eleitos por Assembleia Geral especialmente convocada para tal fim nos termos do artigo 16, e terá mandato de quatro anos, admitida a reeleição, para os seguintes cargos:

I – Presidente;

II – 1º Vice-presidente Institucional;

III – 2º Vice-presidente de Relações Internacionais;

IV – 3º Vice-presidente Acadêmico;

V – 4º Vice-presidente Administrativo e Financeiro;

VI – 1º Secretário Geral;

VII – 2º Secretário Geral.

§ 1º. Os membros da Diretoria serão eleitos pela Assembleia Geral dentre os associados fundadores e efetivos, observado o requisito previsto no artigo 8º, inciso III.

§ 2º. Os ex-presidentes do IBDR comporão o Conselho Deliberativo como membros vitalícios.

§ 3º. A Diretoria poderá contratar, inclusive dentre os seus quadros, ou fora deles, profissional para exercer o cargo de Diretor Executivo, que terá a função precípua de executar as demandas ordenadas pela Diretoria Executiva e pelo Conselho Deliberativo do IBDR, bem como operacionalizar os objetivos da Instituição.

Art. 20 – Compete ao Presidente:



J. REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
EM BRANÇO





I – administrar o IBDR, representá-lo judicialmente e extrajudicialmente, com os mais amplos e gerais poderes.

II - Abrir contas bancárias, firmar cheques e demais documentos de natureza financeira, em conjunto com o 4º Vice-presidente Administrativo/Financeiro;

III – convocar e presidir a Assembleia Geral, a Mesa de Debates, e as reuniões da Diretoria.

IV – emitir voto comum e o de desempate, quando couber.

V – designar atribuições ao Diretor Executivo.

Parágrafo Único. O Presidente poderá outorgar procuração dos poderes referidos nos incisos I e II acima.

Art. 21. Compete ao 1º Vice-presidente Institucional:

I - Substituir o Presidente em sua ausência ou impedimento;

II – Manter relações com demais instituições congêneres no Brasil, ou fora dele, representando o IBDR sempre que necessário;

III – Atuar conjuntamente com a 2ª Vice-presidência no sentido de buscar parceiros e mantenedores ao IBDR;

IV – Fomentar a realização de convênios com organizações religiosas, instituições de ensino, culturais e/ou sociais, associações civis, tribunais e outros órgãos públicos, em níveis nacional e internacional.

Art. 22. Compete ao 2º Vice-presidente de Relações Internacionais:

I - Substituir o Presidente em sua ausência ou impedimento, caso a 1ª Vice-presidência esteja ausente ou impedida de fazê-lo;

II – Manter relações com demais instituições congêneres fora do Brasil, representando o IBDR sempre que necessário;

III – Atuar conjuntamente com a 1ª Vice-presidência no sentido de buscar parceiros e mantenedores ao IBDR.

Art. 23. Compete ao 3º Vice-presidente Acadêmico:

I - Substituir o Presidente em sua ausência ou impedimento, caso a 1ª e 2ª Vice-presidências estejam ausentes ou impedidas de fazê-lo;

II – Capitanear os estudos, pesquisas, discussões e produções científicas acerca das relações existentes entre o Direito, a Filosofia, a Teologia e a Economia com a Religião;



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE

EM BRANÇO





III - Organizar os intercâmbios e convênios com organizações religiosas, instituições de ensino, culturais e/ou sociais, associações civis, tribunais e outros órgãos públicos, em níveis nacional e internacional, porventura firmados;

IV - Promover e fomentar cursos de extensão e especialização voltados para a interlocução entre o Direito, a Religião e a Teologia em todos os Estados da Federação, Distrito Federal, bem como internacionalmente, mediante convênio com instituição de ensino superior; bem como promover atividades educativas, de capacitação e de formação nas suas áreas de atuação;

V - Coordenar os trabalhos do Comitê Científico e exercer o voto de qualidade, quando necessário, nas decisões do Comitê.

Art. 24. Compete ao 4º Vice-presidente Administrativo e Financeiro:

I - Gerir o patrimônio financeiro do IBDR;

II - Abrir contas bancárias, firmar cheques e demais documentos de natureza financeira, em conjunto com o Presidente;

III - Executar as tarefas de natureza administrativa, contábil e fiscal da entidade.

§ 1º. O 4º Vice-presidente Administrativo e Financeiro poderá outorgar procuração dos poderes referidos no inciso II acima.

§ 2º. Para as tarefas discriminadas no inciso III, o 4º Vice-presidente Administrativo/Financeiro deverá ser assistido e auxiliado pelo Diretor Executivo do IBDR e pelos devidos profissionais da área, como contadores, advogados, etc.

Art. 25. Compete ao 1º Secretário:

I - Lavrar as atas de reuniões da Diretoria e da Assembleia Geral e demais atos inerentes ao cargo;

II - Auxiliar o Presidente em suas atividades.

Art. 26. Compete ao 2º Secretário:

I - Substituir o 1º Secretário em suas ausências e impedimentos, bem como auxiliá-lo sempre que convocado.

Art. 27 - Serão sempre necessárias duas assinaturas dos membros da Diretoria, em exercício, para obrigar o IBDR, sendo indispensável a assinatura do Presidente.

DO CONSELHO FISCAL

Art. 28. O Conselho Fiscal, que será composto por 3 (três) membros, com mandato de 4 (quatro) anos, podendo ser reconduzidos nas eleições seguintes e tem por objetivo,



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
EM BRANÇO





indelegável, fiscalizar e dar parecer sobre todos os atos da Diretoria do IBDR, com as seguintes atribuições;

- I – Examinar os livros de escrituração do IBDR;
- II – Opinar e dar pareceres sobre balanços e relatórios financeiro e contábil, submetendo-os a Assembleia Geral;
- III – Requisitar ao Diretor Executivo, a qualquer tempo, a documentação comprobatória das operações econômico-financeiras realizadas pelo Instituto;
- IV – Acompanhar o trabalho de eventuais auditores externos independentes.

Parágrafo Único. O Conselho Fiscal reunir-se-á ordinariamente, uma vez por ano, e extraordinariamente, sempre que convocado pelo Diretor Presidente.

CONSELHO DE REFERÊNCIA

Art. 29. O Conselho de Referência é órgão consultivo do IBDR, composto por número ilimitado de pessoas físicas, de reputação incontestável e relevantes serviços prestados à comunidade acadêmica nas áreas de Direito e afins com o fenômeno religioso, com a finalidade de opinar e aconselhar a instituição nos assuntos a ele submetidos.

§ 1º. Os conselheiros do CR serão designados pelo Conselho Deliberativo, podendo ser indicados pela Diretoria, com designação e aprovação posterior do Conselho Deliberativo.

§ 2º. Os pareceres do CR não são vinculantes e podem ser emitidos conjunta ou separadamente, a depender da formulação proveniente da Diretoria ou do Conselho Deliberativo.

§ 3º. Os conselheiros escolherão, livremente, entre os pares, um Presidente, que os representará perante o Conselho Deliberativo.

§ 4º. As reuniões acontecerão sempre que solicitadas pela Diretoria, de modo físico ou virtual.

§ 5º. Não há mandato estabelecido para os membros do CR, revestindo, *a priori*, de caráter vitalício. De toda feita, tal condição não impede sua saída voluntária, nem sua demissão *ad nutum* do Conselho Deliberativo e *ad referendum* da Assembleia Geral.

COMITÊ CIENTÍFICO

Art. 30. O Comitê Científico é órgão consultivo do IBDR, composto pelo número de 7 (sete) pessoas físicas, de reputação incontestável, titulação mínima de mestrado na área de atuação do IBDR e que integrem o Conselho Deliberativo – CD do IBDR.



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE

EM BRANÇO



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:11

Número do documento: 25040710175302000000346971112

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>

Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54



§ 1º. O Comitê Científico - CC terá como função precípua organizar, estruturar, elaborar e executar projetos acadêmico-científicos do IBDR, bem como os demais projetos de ensino da Instituição, sempre com o objetivo de viabilizar suas finalidades.

§ 2º. A coordenação dos trabalhos do CC será realizada pelo 3º Vice-presidente do IBDR.

§ 3º. O CC terá liberdade acadêmica de atuação, encontrando limites apenas nas finalidades e objetivos estatutários do IBDR, no plano financeiro e no planejamento anual da Diretoria.

§ 4º. As reuniões do Comitê Científico poderão ser presenciais ou por teleconferência e, preferencialmente, em horários e dias extra jornada acadêmica, como finais de semana e feriados, para não prejudicar as atividades de magistério e pesquisa de seus membros junto às instituições, universidades e escolas que porventura estejam vinculados.

§ 5º. As reuniões do CC serão agendadas em prévio acordo com seus integrantes ou convocadas pelo 3º Vice-presidente acadêmico do IBDR, respeitando sempre os horários e compromissos profissionais, de magistério e pesquisa de seus integrantes.

Art. 31 O Comitê Científico terá mandato de 4 (quatro) anos e terá seus integrantes designados pelo Conselho Deliberativo, na mesma Assembleia de eleição da Diretoria e da Presidência do CD, podendo ser reconduzidos nas eleições seguintes.

§ 1º. Os membros do CC poderão ser destituídos pelo CD sempre que não cumprirem suas funções institucionais ou atentarem contra os objetivos e finalidades do IBDR, podendo ser substituídos dentre os membros do IBDR, pelo tempo complementar do mandato.

§ 2º. O 3º Vice-presidente Acadêmico poderá indicar nomes para o CC, ao CD, em caso de substituição no curso do mandato ou, em seu término.

Art. 32. Os integrantes do CC não serão remunerados por suas atividades.

DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 33 – Não há entre os Associados direitos e obrigações recíprocos, nem são eles responsáveis pelas obrigações sociais. Os Associados e os ocupantes de cargos dos órgãos diretivos não respondem, solidária ou subsidiariamente, pelas dívidas do IBDR.

Art. 34 – No prazo de 12 (doze) meses, por proposição da Diretoria, será aprovado o Regimento Interno.

Art. 35 – O IBDR só poderá ser dissolvido mediante AGE convocada exclusivamente para esse fim, com 30 (trinta) dias de antecedência, e com o voto favorável de, no mínimo, 2/3



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
EM BRANÇO



(dois terços) dos associados votantes, com *quórum* de maioria absoluta em primeira convocação, e em segunda convocação, trinta minutos após, com maioria simples.

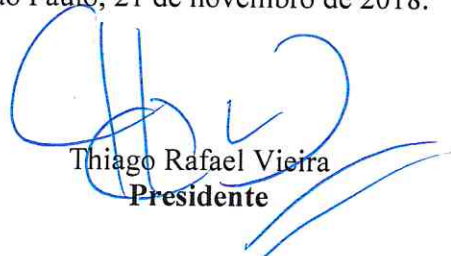
Art. 36 – No caso de dissolução, quando reconhecidamente não estiver cumprindo os seus objetivos, na forma do art. 1º e § único, os bens do IBDR, liquidado o passivo, serão transferidos para entidade congênere, cujo objeto social seja, preferencialmente, o mesmo desta, a ser definida na AGE convocada exclusivamente para esse fim, em conformidade com as objetivos estabelecidos no artigo 1º, § único deste Estatuto, ressalvados os bens recebidos em comodato ou por doação com destinação específica.

Art. 37 – Este Estatuto pode ser reformado ou alterado pela Assembleia Geral, convocada especialmente para este fim com antecedência mínima de 15 (quinze) dias, e, terão que ser aprovadas por, no mínimo, 2/3 (dois terços) dos associados votantes, com *quórum* de maioria absoluta em primeira convocação e, maioria simples, em segunda convocação.

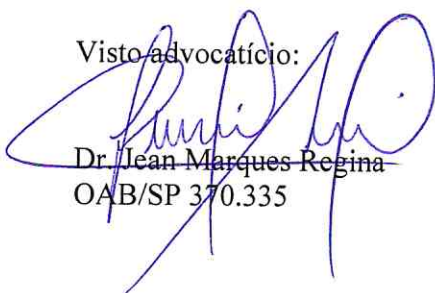
Art. 38 - Denomina-se Período de Consolidação Institucional o lapso temporal de 05 (cinco) anos, contados a partir da fundação do IBDR, durante o qual as funções do art. 16, excetuadas as prerrogativas dos incisos I e IV, serão exercidas *pro tempore* pelo Conselho Deliberativo com a finalidade precípua de consolidar e expandir de modo uno, coeso e concatenado, a Instituição e seus objetivos principais.

Art. 39 – Este Estatuto, entra em vigor ato contínuo à sua aprovação pela Assembleia de Fundação.

São Paulo, 21 de novembro de 2018.


Thiago Rafael Vieira
Presidente

Visto advocatício:


Dr. Jean Marques Regina
OAB/SP 370.335

30

3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS E CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
Rua General Andrade de Neves, 14 / Conj. 702 - CEP 90010-210 - Fone/Fax: (51) 3029.9296 - Porto Alegre / RS
MARCO ANTÔNIO DA SILVA DOMINGUES - Registrador
www.terceiroregistropoa.com.br



REGISTRO CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS
PROTOCOLADO sob nº 91625 em 06/01/2020.
REGISTRADO sob nº 4377, no Livro A-17, Fls 170 F, em 28/01/2020.

LUIZ EMÍLIO NASCIMENTO SKOERUDE - Escrevente Substituto



A consulta estará disponível em até 24h
no site do Tribunal de Justiça do RS
<http://go.tjrs.jus.br/selodigital/consulta>
Chave de autenticidade para consulta
138552 54 2020 00000790 85

Total: R\$ 261,80 + R\$ 14,10 = R\$ 275,90
Exame documentos: R\$ 42,40 (0755.04.1900002.04261 = R\$ 3,30)
Inscrição soc. s/ fins econômicos: R\$ 63,10 (0755.04.1900002.04262 = R\$ 3,30)
Microfilmagem/Digitalização: R\$ 137,60 (0755.04.1900002.04260 = R\$ 3,30)
Busca: R\$ 8,70 (0755.01.1900001.19862 = R\$ 1,40)
Processamento eletrônico: R\$ 5,00 (0755.01.1900001.19861 = R\$ 1,40)
Conf. doc. via Internet: R\$ 5,00 (0755.01.1900001.19863 = R\$ 1,40)





9º RTD CPJ 51067

ASSEMBLEIA GERAL PARA FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO CIVIL INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E
RELIGIÃO, REALIZADA EM 21 DE NOVEMBRO DE DOIS MIL E DEZOITO.

ATA DA ASSEMBLEIA GERAL PARA FUNDAÇÃO

Aos vinte e um dias de novembro do ano de dois mil e dezoito, às dezoito horas, na Rua da Consolação, 896, Consolação, na Universidade Mackenzie (Prédio 1), cidade de São Paulo, Estado de São Paulo – CEP 01302-907, reuniram-se na qualidade de fundadores, as pessoas a seguir relacionadas, que assinam a lista de presença em anexo e também qualificados em relação anexa, em Assembleia, tendo por finalidade fundar uma associação civil de direito privado, sem fins econômicos, sem cunho político ou partidário, com a seguinte ordem do dia: a) Fundação da Associação Civil; b) aprovação do Estatuto Social; c) aprovação de nome e sede; d) admissão e arrolamento dos associados; e, e) eleição e posse do Presidente de Honra, do Conselho Deliberativo, da Diretoria e Conselho Fiscal, bem como a designação dos integrantes do Comitê Científico. Para presidir os trabalhos, foi indicado, por aclamação, o Prof. Thiago Rafael Vieira, que escolheu a mim, Prof. Alex Catharino de Souza para secretariá-lo. Com a palavra, o Sr. Presidente enfatizou a necessidade de se constituir uma associação capaz de aglutinar forças e representar as aspirações dos presentes junto ao Poder Público e à iniciativa privada. A). Após período para deliberação, a assembleia geral aprovou a fundação da Associação Civil com fins não econômicos. B). Tendo sido apresentado o Estatuto Social da nova associação aos presentes, e sendo esta de conhecimento geral, após leitura e discussão artigo por artigo, aprovaram-no por unanimidade. O Estatuto Social aprovado segue anexo, como parte inseparável da presente ata, para todos os fins de direito, ficando, portanto, definitivamente constituída a Associação. C). Foi aprovado, também por unanimidade, a razão social INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO, bem como a sede no endereço onde ocorre esta assembleia de fundação. D). Em seguida, o presidente desta Assembleia passou aos demais assuntos em epígrafe, procedendo com admissão dos associados, nos termos do artigo 4º, alínea 'a' do Estatuto Social aprovado, sendo esses os seguintes nomes: 1 – Ives Gandra da Silva Martins, brasileiro, casado, advogado, professor universitário, inscrito no RG nº 1.733.981 e CPF nº 001.522.428-72, com endereço profissional à Alameda Jaú, 1742, 11º, 13º e 14º andares, CEP: 01420-002, São Paulo/SP, E-mail: igm@gandramartins.adv.br; 2 - Angela Vidal da Silva Martins, brasileira, solteira, maior e capaz, professora universitária, inscrita no RG nº 9.435.387 e CPF nº 590.424.009-00, com endereço profissional à Alameda Jaú, 1742, 11º, 13º e 14º andares, CEP: 01420-002, São Paulo/SP, E-mail: angela.martins@gandramartins.adv.br; 3 - Rogério Lindenmeyer Vidal Gandra da Silva Martins, brasileiro, casado, advogado, inscrito no RG nº 17.503.977 e CPF nº 129.779.438-45, com endereço profissional à Alameda Jaú, 1742, 11º, 13º e 14º andares, CEP: 01420-002, São Paulo/SP, E-mail: rvgs@gandramartins.adv.br; 4 - Jonas Moreira Madureira, brasileiro, casado, professor, inscrito no RG nº 26475100 e CPF nº 161.347.818-60, residente e domiciliado à Rua Monte Alegre 501 apto 82, Bairro Perdizes, CEP 05014-000, São Paulo/SP, E-mail: jonasmadureira@gmail.com; 5 - Roberto Tambelini, brasileiro, casado, advogado, inscrito no RG nº 63.126.168-0 e CPF nº 086.280.251-20, residente e domiciliado à Rua Itambé, 96, Apto. 43, Higienópolis, CEP: 01239-000, São Paulo/SP, E-mail: roberto.tambelini@mackenzie.br; 6 - José do Carmo Veiga de Oliveira, brasileiro, casado, advogado, M2178050 - SSP-MG, CPF 347.594.176-72, residente e domiciliado na Rua Sergipe, 429/111 - Higienópolis - SP - CEP 01243-001, E-mail: jveigadeoliveira61@gmail.com; 7 - Francisco de Assis Razzo, casado, professor, inscrito no RG nº 28477675 e CPF 276.346.238-30, residente e domiciliado à Alameda Baurú, 205, Bairro Jardim Saira, CEP: 18.085-080, Sorocaba/SP, E-mail: franciscorazzo@gmail.com; 8 - Antônio Cabrera Mano Filho, brasileiro, casado, veterinário, inscrito no RG 12.144.333 e CPF 018.987.008-77, residente e domiciliado na Rua San Francisco, 600, CEP: 15.093-030, São José do Rio Preto - SP, E-mail: cabrera@grupocabrera.com.br; 9 - Renato Garcia Vargens, brasileiro, casado, ministro do evangelho, inscrito no RG nº 0789247271 e CPF nº 844.589.767-53, residente e domiciliado



Prenotado 9º RTD CPJ



REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE

EM BRANÇO



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:11

Número do documento: 25040710175302000000346971112

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>

Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54

90RTDCPJ 51067



na rua Dr. Sardinha 54/403, Bairro Santa Rosa, CEP 24.240-660, Niterói/RJ, E-mail: renato.vargens@gmail.com; 10 - Ricardo Willy Rieth, brasileiro, casado, professor universitário, inscrito no RG nº 4007171582 e CPF nº 47125683053, residente e domiciliado à Rua Borges de Medeiros 495, Bairro Morro do Espelho, CEP: 93030-200, São Leopoldo, RS, E-mail: ricardo.rieth@gmail.com, neste ato devidamente representado pelo Sr. Jean Marques Regina, conforme procuração em anexo; 11 - Thomas Heimann, brasileiro, casado, professor universitário, inscrito no RG sob o nº 2038911802 e CPF nº 529.052.840-72, residente e domiciliado à Rua Auxiliadora, 30, Bairro São João Batista, CEP 93022-330, São Leopoldo/RS, E-mail: prof.thomasheimann@gmail.com; 12 - Augusto César Rocha Ventura, brasileiro, casado, advogado, inscrito no RG nº 1599674 SSP/GO e CPF nº 426.923.931-04, residente e domiciliado à Rua SB 33, Qd 30. Lt. 07, CEP: 74.884-643, Goiânia/GO, E-mail: augusto@goncalveseventura.com.br; 13 - Valmir Nascimento Milomem Santos, brasileiro, casado, servidor público, inscrito no RG nº. 10937528 SSP/MT e CPF nº 811.154.311-53, residente e domiciliado à Rua Araras Azuis, casa 10 quadra 33, Condomínio Belvedere, Jardim Imperial, CEP 78.075-871, Cuiabá/MT, E-mail: valmir.milomem@gmail.com; 14 - Euder Faber Guedes Ferreira, brasileiro, casado, ministro religioso, inscrito no RG nº 1504995-SSP/PB e CPF nº 848.242.044-53, residente e domiciliado à Rua Maria Almeida de Sousa, 155, Alto da Serra Cuités, CEP: 58404-790, Campina Grande/PB, e-mail: euder@vinacc.org.br; 15 - Candido Alexandrino Barreto Neto, brasileiro, casado, advogado, inscrito na OAB/CE nº 15.519 e CPF nº 828.666.513-91, Rua Catão Mamede, nº 250, Apto 502, Bairro Aldeota, CEP: 60.140 - 110, Fortaleza/CE, E-mail: doutorcandido@hotmail.com; 16 - Warton Hertz de Oliveira, brasileiro, solteiro, maior e capaz, advogado, inscrito no RG nº 9074905879 e CPF 809.868.200-59, residente e domiciliado na Av. José Aloísio Filho, 889/115, Bairro Humaitá, CEP: 90.250-180, Porto Alegre/RS, E-mail: wartonhertz@hotmail.com; 17 - Vitor Pimentel Pereira, brasileiro, casado, advogado, inscrito no RG nº 11661813-3 DIC-RJ e CPF 095.915.827-81, residente e domiciliado na Av. Melo Matos, 38 - Apt. 302 - Bloco A, CEP 20270-290, Tijuca - Rio de Janeiro/RJ, E-mail: vprrj@hotmail.com; 18 - Marcelo Sampaio Soares de Azevedo, brasileiro, separado judicialmente, advogado, inscrito no RG nº 7272932 SSP/SP e CPF nº 325.640.586-04, Alameda Antares, 45-Condomínio Lago Azul, CEP 18.190-000, Araçoiaba da Serra/SP, E-mail: marcelo.azevedo@fadi.com.br; 19 - Marcus Paulo Rycembel Boeira, brasileiro, casado, professor universitário, inscrito no RG nº 9079267606 e CPF nº 955.023.190-91, residente e domiciliado à Rua Açucen, 550, casa 42, bairro moinhos de vento, CEP: 92.025-840, Canoas/RS, E-mail: boeiramarcus@gmail.com; 20 - Jean Marques Regina, brasileiro, casado, advogado, inscrito no RG nº 3026121941 e CPF nº 867.074.421-04, com endereço profissional à Avenida Caí, 634, Bairro Cristal, CEP: 90.810-120, Porto Alegre/RS, E-mail: jean@vradvogados.adv.br; 21 - Thiago Rafael Vieira, brasileiro, casado, advogado, inscrito no RG nº 7076480222 e CPF nº 952.279.890-87, com endereço profissional à Avenida Caí, 634, Bairro Cristal, CEP: 90.810-120, Porto Alegre/RS, E-mail: thiago@vradvogados.adv.br; 22 - Natammy Luana de Aguiar Bonissoni, brasileira, solteira, maior e capaz, professora universitária, RG nº 5314412 e CPF nº 078.308.129-42, residente e domiciliada à Rua 3130 nº 238/1601, CEP: 88.330-293, Balneário Camboriú/SC, E-mail: natammy@hotmail.com; 23 - Alex Catharino de Souza, brasileiro, solteiro, maior e capaz, escritor, inscrito no RG nº 08621030-9 e CPF nº 024.316.017-81, residente e domiciliado à Rua da América, 81, Bloco 05, apto. 605, CEP: 20.220-590, Rio de Janeiro/RJ, E-mail: alex.catharino@lvmeditora.com.br; 24 - Franklin Ferreira, norte americano e brasileiro, casado, inscrito no RG nº 50.974.702-4 e CPF nº 016397927/83, ministro de confissão religiosa, residente e domiciliado à Rua José Firmino de Moraes, 121/204, Bairro Jd. Estoril, CEP: 12.232-020, São José dos Campos/SP, E-mail: franklin.marilene@gmail.com; 25 - Paulo Augusto Seifert, brasileiro, solteiro, maior de idade, professor universitário, inscrito no RG nº 1015886052 e CPF nº 388217100-68, residente e domiciliado na Rua La Salle, 218, apto 601, bairro Marechal Rondon, CEP: 92.020-230, Canoas/RS, E-mail: presidente@aelbra.org.br, neste ato devidamente representado pelo Sr. Jean Marques Regina, conforme procuração em anexo; 26 - Tiago José dos Santos Filho, brasileiro,



Prenotado 9º RTD CPJ



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE

EM BRANÇO



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:11

Número do documento: 25040710175302000000346971112

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>

Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54

90RTDCPJ 51067

u



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE/RS

EM BRANÇO



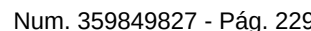
OTAS
rio
p. Oliveira
autorizada
Quim Floriano, 115
(Capitel)
SÃO PAULO

Prenotado 9° RTD CPJ



[Handwritten signature]

Dr. Jean Marques Regina
OAB/RS 59.445
OAB/SP 370.335



3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS
E DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE/RS

EM BRANÇO



90 RTDCPJ 51067



Reconheço por SEMELHANÇA a firma de THIAGO RAFAEL VIEIRA. Dou fé. 0455.071800004.40063
Porto Alegre, 21 de dezembro de 2016
Em Testemunho de Verdade
Sandro Frantz Nunes - Escrevente Autorizado
Emolumentos: R\$ 4,60 + Selo digital: R\$ 1,40 - 15:38:00
1839159-34491 210

3.º TABELIONATO DE NOTAS D817.688
Rua Getúlio Vargas, 1008
Porto Alegre - RS
Ana Paula Cunha de Oliveira
Escrevente Autorizada

2 notário
Rua Joaquim Floriano, 889 - Itaim Bibi
São Paulo - SP - cep 04534-013 - fone: 11 3078-1836
ANDRÉ RIBEIRO JEREMIAS
tabelião

Reconheço, por semelhança, a firma de: (1) ALEX CATHARINO DE SOUZA, em documento sem valor econômico, dou fé.
São Paulo, 24 de janeiro de 2019.
Em Teste da verdade. [Ato: 024949414112632521878-002836]

DANIELA CRISTINA HENRIQUE OLIVEIRA - Escrevente Autorizada (R\$ 2,25)
Selo(s): Selo(s): 1 Ato: AB-022387
O Presente ato somente é válido com selo de Autenticação Notarial.

Daniela Cristina Henrique Oliveira
Escrevente Autorizada
Rua Joaquim Floriano, 889 - Itaim Bibi
(Capital de São Paulo)

3º Oficial de Registro de Títulos e Documentos
e Civil de Pessoa Jurídica da Capital
São Pauli
01 FEV 2018
Título Prenotado sob nº 7 9 3 5 6





ATA DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA PARA ELEIÇÃO (2022-2026)

Sede: Av. Cai, nº 634, bairro Cristal, Porto Alegre/RS. Pamb Junior

Aos três dias de novembro do ano de dois mil e vinte e dois, às dezoito horas, em sua sede histórica, na Rua da Consolação, 896, na Universidade Presbiteriana Mackenzie (Prédio 1), cidade de São Paulo, Estado de São Paulo – CEP 01302-907, reuniram-se, de formas presente e on-line, de acordo com o permissivo do art. 16, § 1º do Estatuto e Edital de Convocação, os associados fundadores e efetivos com direito a voto do Instituto Brasileiro de Direito e Religião, inscrito no CNPJ sob o n. 33.082.948/0001-92, nos termos dos artigos 4º, I e II, §1º c/c artigo 8º, I com a seguinte ordem do dia, nos termos do artigo 19, § 1º, todos os artigos de seu Estatuto Social: a) Eleição da Diretoria, eleição do Presidente e Secretário do Conselho Deliberativo, eleição do Conselho Fiscal e eleição do Comitê Científico. Uma vez verificado o quórum, em segunda convocação, nos termos do art. 16, §§ 1º e 5º, o atual Presidente da Diretoria do IBDR, Thiago Rafael Vieira, abriu a Assembleia Geral Extraordinária, nos termos do art. 16, § 7º, inquirindo aos presentes quem poderia presidir e secretariar a Assembleia, dentre os associados presentes, por aclamação foram escolhidos o próprio presidente Thiago Rafael Vieira e o professor Alex Catharino de Souza. Passou-se, então, à eleição e designação das chapas para Diretoria, presidência e secretaria do Conselho Deliberativo, conselho fiscal e comitê científico. O Sr. Presidente deu início ao processo seletivo, e, visando a compor os cargos eletivos, apresenta à assembleia os candidatos anteriormente inscritos, submetendo-os à votação. Foi eleito, assim, por unanimidade nos termos dos artigos 14, 16, inciso I, 17, 18, 19 e 28 do Estatuto Social, lembrando aos associados presentes que o cargo de Presidente de Honra é exercido de forma vitalícia pelo professor Ives Gandra da Silva Martins, na forma do art. 14, § 2º. Os candidatos são: como **Presidente do Conselho Deliberativo**, O Prof. Rev. Davi Charles Gomes (RG: 378350006/ CPF: 708.852.221-72), **Secretário do Conselho Deliberativo**: Franklin Ferreira (RG: 50.974.702-4/ CPF: 016397927); como integrantes da Diretoria, o **Presidente**: Prof. Thiago Rafael Vieira (RG: 7076480222/ CPF: 952.279.890-87), como **1º Vice-Presidente Institucional**: Dr. Jean Marques Regina (RG: 3026121941/ CPF: 867.074.421-04), **2º Vice-presidente de Relações Internacionais**: Antônio Cabrera Mano Filho (RG: 12.144.333/ CPF: 018.987.008-77); **3º Vice-presidente Acadêmico**: Valmir Nascimento Milomem Santos (RG: 10937528/ CPF: 811.154.311-53); **4º Vice-presidente**: Augusto César Rocha Ventura (RG: 1599674/ CPF: 426.923.931-04); **1º Secretário Geral**: Alex Catharino de Souza (RG: 08621030-9/ CPF: 024.316.017-81); **2º Secretário Geral**: Tiago José dos Santos Filho (RG: 32359076/ CPF: 276.294.988-29); como integrantes do Conselho Fiscal: **1º Membro (Relator)**: Warton Hertz de Oliveira (RG: 9074905879/ CPF: 809.868.200-59); **2º Membro**: Candido Alexandrino Barreto Neto (OAB/CE: 15.519/ CPF: 828.666.513-91); **3º Membro**: Jeová Barros de Almeida Júnior (RG: 5429317/ CPF: 028.273.654-99). A seguir, o presidente da assembleia passou a palavra ao presidente do Conselho Deliberativa, Rev. Dr. Davi Charles Gomes, para a designação, nos termos dos artigos 30 e 31 do Estatuto Social, **os integrantes do Comitê Científico**: Presidente de Honra do Comitê Científico: Maria Garcia; **1º Membro**: Angela Vidal da Silva Martins (590.424.009-00); **2º Membro**: Marcus Paulo Rycembel Boeira (RG: 9.435.387/ CPF: 955.023.190-91); **3º Membro**: Natammy Luana de Aguiar Bonissoni (RG: 5314412/ CPF: 078.308.129-42); **4º Membro**: Valmir Nascimento Milomem Santos; **5º Membro**: Marcel Edvar Simões (RG: 33.367.175-2); **6º Membro**: Davi Pereira Lago (RG: 132.614-24/ CPF: 081.110.856-21); **7º Membro**: Douglas Roberto de Almeida Baptista (RG: 030.631.794-

onde consta o cargo de 4º Vice-Presidente, cera-se:

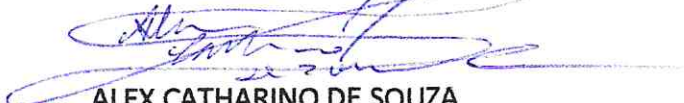
4º Vice-Presidente Administrativo e Financeiro. Pamb Junior





2/ CPF: 404.298.220-49). Após a designação do Comitê Científico, o presidente do Conselho Deliberativo devolveu a palavra ao presidente, que, em ato contínuo, deu posse aos eleitos para que eles produzam seus efeitos jurídicos, legais e estatutários a partir do dia 21 de novembro de 2022 até o dia 20 de novembro de 2026, passando a palavra para quem quisesse se manifestar, e, em seguida, agradeceu a todos pela presença e deu por encerrada a assembleia geral extraordinária, determinando a mim, que servi como secretário, que lavrasse a presente ata e levasse a registro junto aos órgãos públicos competentes para surtir os efeitos jurídicos necessários. Esta ata segue assinada por mim, Secretário da assembleia e pelo Sr. Presidente. São Paulo, 03 de novembro de 2022.


THIAGO RAFAEL VIEIRA
Presidente da Assembleia e Presidente da Diretoria


ALEX CATHARINO DE SOUZA
Secretário da Assembleia e 1º Secretário Geral





ATA DE POSSE DOS MEMBROS ELEITOS NA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO - IBDR, REALIZADA NO DIA 03 DE NOVEMBRO DE 2022.

Sede: Av. Caí, nº 634, CEP: 90.810-120, bairro Cristal, Porto Alegre/RS.

CNPJ: 33.082.948/0001-92

A posse dos eleitos abaixo relacionados realizar-se-á de forma automática no dia 21/11/2022 com mandato em vigor até dia 20/11/2026.

Presidente do Conselho Deliberativo: Davi Charles Gomes, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, professor, inscrito no RG nº 37835000 e CPF nº 708.852.221-72, filho de Wadislau Martins Gomes e Elizabeth Stowell Charles Gomes, residente e domiciliado na Rua Ricardo Vilela, 1436, CEP: 08780970, Monte Líbano, caixa postal 2561, Mogi das Cruzes/SP, E-mail: chanceler@mackenzie.br;

Secretário do Conselho Deliberativo: Franklin Ferreira, norte americano e brasileiro, casado sob regime de comunhão parcial de bens, inscrito no RG nº 50.974.702-4 e CPF nº 016.397.927-83, ministro de confissão religiosa, filho de Francisco Ferreira e Aldemira Macedo, residente e domiciliado à Rua José Firmino de Moraes, 121/204, Bairro Jd. Estoril, CEP: 12.232-020, São José dos Campos/SP, E-mail: franklin.marilene@gmail.com;

Presidente da Diretoria: Thiago Rafael Vieira, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, advogado, inscrito no RG nº 7076480222 e CPF nº 952.279.890-87, filho de Tiago Alcino Vieira e Lude dos Santos Vieira, com endereço profissional à Avenida Caí, 634, Bairro Cristal, CEP: 90.810-120, Porto Alegre/RS, E-mail: thiago@vradvogados.adv.br;

1º Vice-Presidente Institucional da Diretoria: Jean Marques Regina, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, advogado, inscrito no RG nº 3026121941 e CPF nº 867.074.421-04, filho de Vilson Regina e Maria Terezinha Marques Regina, com endereço profissional à Avenida Caí, 634, Bairro Cristal, CEP: 90.810-120, Porto Alegre/RS, E-mail: jean@vradvogados.adv.br;

2º Vice-Presidente de Relações Internacionais da Diretoria: Antônio Cabrera Mano Filho, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, veterinário, inscrito no RG 12.144.333 e CPF 018.987.008-77, filho de Antônio Cabrera Mano e Doracy Carvalho Cabrera Mano, residente e domiciliado na Rua San Francisco, 600, CEP: 15.093-030, São José do Rio Preto – SP, E-mail: cabrera@grupocabrera.com.br;

3º Vice-Presidente Acadêmico da Diretoria: Valmir Nascimento Milomem Santos, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, servidor público, inscrito no RG nº. 10937528 SSP/MT e CPF nº 811.154.311-53, filho de João Pedro dos Santos e Joventina Nascimento dos Santos, residente e domiciliado à Rua Araras Azuis, casa 10 quadra 33, Condomínio Belvedere, Jardim Imperial, CEP 78.075-871, Cuiabá/MT, E-mail: valmir.milomem@gmail.com;

D





4º Vice-Presidente Administrativo e Financeiro da Diretoria: Augusto César Rocha Ventura, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, advogado, inscrito no RG nº 1599674 SSP/GO e CPF nº 426.923.931-04, filho de Geraldo Ventura da Silva e Ozélia Rocha Ventura da Silva, residente e domiciliado à Rua SB 33, Qd 30. Lt. 07, CEP: 74.884-643, Goiânia/GO, E-mail: augusto@goncalveseventura.com.br;

1º Secretário Geral da Diretoria: Alex Catharino de Souza, brasileiro, solteiro, maior e capaz, escritor, inscrito no RG nº 08621030-9 e CPF nº 024.316.017-81, filho de Luiz Antônio de Souza e Eliane Catharino de Souza, residente e domiciliado à Rua da América, 81, Bloco 05, apto. 605, CEP: 20.220-590, Rio de Janeiro/RJ, E-mail: alex.catharino@lvmeditora.com.br;

2º Secretário Geral da Diretoria: Tiago José dos Santos Filho, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, empresário, inscrito no RG nº 32359076 e CPF nº 276.294.988-29, filho de Tiago José dos Santos e Celia Duarte dos Santos, residente e domiciliado na Rua José Firmino de Moraes 121, Ap. 103, bairro Jd. Estoril, CEP: 12232-020, São José dos Campos/SP, E-mail: tjsfilho2@gmail.com,

1º Membro (relator) do Conselho Fiscal: Warton Hertz de Oliveira, brasileiro, solteiro, maior e capaz, advogado, inscrito no RG nº 9074905879 e CPF 809.868.200-59, filho de Warton Pedro Luz de Oliveira e Áurea Odete Hertz de Oliveira, residente e domiciliado na Av. José Aloísio Filho, 889/115, Bairro Humaitá, CEP: 90.250-180, Porto Alegre/RS, E-mail: wartonhertz@hotmail.com;

2º Membro do Conselho Fiscal: Candido Alexandrino Barreto Neto, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, advogado, inscrito na OAB/CE nº 15.519 e CPF nº 828.666.513-91, filho de Luizmar de Sousa Mota e Vandecely Alexandrino Carvalho, residente e domiciliado na Rua Catão Mamede, nº 250, Apto 502. Bairro Aldeota, CEP: 60.140 – 110, Fortaleza/CE, E-mail: doutorcandido@hotmail.com;

3º Membro do Conselho Fiscal: Jeová Barros de Almeida Júnior, brasileiro, solteiro, maior e capaz, funcionário público, inscrito no RG nº 5429317 e CPF: 028.273.654-99, filho de Jeová Barros de Almeida e Inama de Almeida Barros, sem endereço eletrônico, residente e domiciliado na SHIGS 713, Bloco T1, Casa 54, Asa Sul – Brasília, CEP: 70380-730;

Presidente de honra do Comitê Científico: Maria Garcia, brasileira, solteira, maior e capaz, advogada, inscrita no RG nº 1447231 e CPF nº 062.928.368-00, filha de Pedro Garcia e Maria Josepha Flores Garcia, sem endereço eletrônico, residente e domiciliada na Rua Novo Horizonte, nº 46, apto. 136 - Higienópolis – SP, CEP: 01243-020;

1º membro do Comitê Científico: Ângela Vidal da Silva Martins, brasileira, solteira, maior e capaz, professora universitária, inscrita no RG nº 9.435.387-6 e CPF nº 590.424.009-00, filha de Ives Gandra da Silva Martins e Ruth Vida da Silva Martins, com endereço profissional à Alameda Jaú, 1742, 11º, 13º e 14º andares, CEP: 01420-002, São Paulo/SP, E-mail: angela.martins@gandramartins.adv.br;

1





2º membro do Comitê Científico: Marcus Paulo Rycembel Boeira, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, professor universitário, inscrito no RG nº 9079267606 e CPF nº 955.023.190-91, filho de Paulo Sérgio Rodrigues Boeira e Florência Rycembel Boeira, residente e domiciliado à Rua Açucen, 550, casa 42, bairro moinhos de vento, CEP: 92.025-840, Canoas/RS, E-mail: boeiramarcus@gmail.com;

3º membro do Comitê Científico: Natammy Luana de Aguiar Bonissoni, brasileira, solteira, maior e capaz, professora universitária, RG nº 5314412 e CPF nº 078.308.129-42, filha de Álvaro Luiz Bonissoni e Márcia Rosane Aguiar Bonissoni, residente e domiciliada à Rua 3130 nº 238/1601, CEP: 88.330-293, Balneário Camboriú/SC, E-mail: natammy@hotmail.com;

4º membro do Comitê Científico: Valmir Nascimento Milomem Santos, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, servidor público, inscrito no RG nº. 10937528 SSP/MT e CPF nº 811.154.311-53, filho de João Pedro dos Santos e Joventina Nascimento dos Santos, residente e domiciliado à Rua Araras Azuis, casa 10 quadra 33, Condomínio Belvedere, Jardim Imperial, CEP 78.075-871, Cuiabá/MT, E-mail: valmir.milomem@gmail.com;

5º membro do Comitê Científico: Marcel Edvar Simões, brasileiro, solteiro, maior e capaz, servidor público, inscrito sob RG nº 0033367175 e CPF nº 221.078.658-41, filho de Marciano Simões e Alice Baibokas Simões, sem endereço eletrônico, residente e domiciliado na Rua João de Souza Dias, 328, ap. 51, Campo Belo, São Paulo/SP, CEP 04618-001;

6º membro do Comitê Científico: Davi Pereira do Lago, brasileiro, casado sob regime de comunhão parcial de bens, pastor, inscrito sob RG nº 13261424 e CPF nº 081.110.856-21, filho de Elienos Pereira do Lago e Esmeralda Hebe Paly Pereira Lago, sem endereço eletrônico, residente e domiciliado na rua Rio de Janeiro, nº 224, apto. 93, Higienópolis, São Paulo/SP, CEP: 01240-010;

7º membro do Comitê Científico: Douglas Roberto de Almeida Baptista, brasileiro, casado em regime de comunhão parcial de bens, militar, inscrito sob RG nº 0306317942 e CPF nº 404.298.220-49, filho de Ari Baptista e Maria Regina de Almeida Baptista, sem endereço eletrônico, residente e domiciliado na SRES Qd 12 Área Especial A, Lote 03 Apartamento 102 - Residencial Villaggio Donnajú, Setor Cruzeiro Velho, Brasília – DF, CEP 70645700.


Thiago Rafael Vieira
Presidente da Diretoria





		
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		
CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA		
NÚMERO DE INSCRIÇÃO 33.082.948/0001-92 MATRIZ	COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL	DATA DE ABERTURA 21/02/2019
NOME EMPRESARIAL INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIAO		
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIAO		PORTE DEMAIS
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL 72.20-7-00 - Pesquisa e desenvolvimento experimental em ciências sociais e humanas (Dispensada *)		
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS Não informada		
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 399-9 - Associação Privada		
LOGRADOURO AV CAI	NÚMERO 634	COMPLEMENTO *****
CEP 90.810-120	BAIRRO/DISTRITO CRISTAL	MUNICÍPIO PORTO ALEGRE
UF RS		
ENDEREÇO ELETRÔNICO THIAGO@VRADVOGADOS.ADV.BR		TELEFONE (51) 3018-3200
ENTE FEDERATIVO RESPONSÁVEL (EFR) *****		
SITUAÇÃO CADASTRAL ATIVA		DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL 21/02/2019
MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL		
SITUAÇÃO ESPECIAL *****		DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL *****

(*) A dispensa de alvarás e licenças é direito do empreendedor que atende aos requisitos constantes na Resolução CGSIM nº 51, de 11 de junho de 2019, ou da legislação própria encaminhada ao CGSIM pelos entes federativos, não tendo a Receita Federal qualquer responsabilidade quanto às atividades dispensadas.

Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 1.863, de 27 de dezembro de 2018.

Emitido no dia 08/12/2022 às 15:51:47 (data e hora de Brasília).

Página: 1/1

3ª

3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS E CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
Rua General Andrade de Neves, 14 / Conj. 702 - CEP 90010-210 - Fone/Fax: (51) 3029.9296 - Porto Alegre / RS
MARCO ANTÔNIO DA SILVA DOMINGUES - Registrador
www.terceiroregistropoa.com.br

onf. doc. via Internet: R\$ 6,00 (0755.01.2000002.44043 = R\$ 1,80)

Recepção de doc. meio eletrônico (C1 página): R\$ 0,80 (0755.01.2000002.44044 = R\$ 1,80)



30

3º REGISTRO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS E CIVIL DAS PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE
Rua General Andrade de Neves, 14 / Conj. 702 - CEP 90010-210 - Fone/Fax: (51) 3029.9296 - Porto Alegre / RS
MARCO ANTÔNIO DA SILVA DOMINGUES - Registrador
www.terceiroregistroa.com.br



3º REG. CIVIL DE PESSOAS JURÍDICAS DE PORTO ALEGRE / RS
PROTOCOLADO sob nº 108349 em 30/11/2022.
REGISTRADO sob nº 5735, no Livro A-33, Fls 215 V, em 20/12/2022.
Av.2 - Averbado a ordem 4377, folha 170 do Livro A17.

Luiz Emilio Nascimento Skolauide - Escrivente Substituto



A consulta estará disponível em até 24h
no site do Tribunal de Justiça do RS
<http://go.tjrs.jus.br/selodigital/consulta>
Chave de autenticidade para consulta
138552 54 2022 00011624 58

Total: R\$ 160,80 + R\$ 19,20 = R\$ 180,00
Exame documentos: R\$ 50,70 (0755.04.2200001.03944 = R\$ 4,40)
Averbação PJ s/ fins econômicos: R\$ 75,50 (0755.04.2200001.03945 = R\$ 4,40)
Microfilmagem/Digitalização: R\$ 11,40 (0755.02.0800001.24000 = R\$ 2,50)
Busca: R\$ 10,40 (0755.02.0800001.24001 = R\$ 2,50)
Processamento eletrônico: R\$ 8,00 (0755.01.2000002.44042 = R\$ 1,80)
Conf. doc. via Internet: R\$ 6,00 (0755.01.2000002.44043 = R\$ 1,80)
Recepção de doc. meio eletrônico (01 página): R\$ 0,80 (0755.01.2000002.44044 = R\$ 1,80)





Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Número Único do Processo	0017604-70.2009.4.03.6100
Processo	ARE 1249095
Petição Número	12061/2023
Enviado por	THIAGO RAFAEL VIEIRA (CPF: 952.279.890-87)
Data/Hora do Envio	13/02/2023, às 15:08:02
Peças Recebidas	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 2 - Procuração Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 3 - Documentos de identificação Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 4 - Documentos de identificação Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 5 - Documentos de identificação Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA



**EXCELENTÍSSIMO SENHOR RELATOR MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL RICARDO LEWANDOWSKI.**

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO Nº 1.249.095/SP

ADF INTERNATIONAL AUSTRIA GEMEINNÜTZIGE GmbH, empresa de responsabilidade limitada, com sede em Viena/Áustria, Reisnestrasse 40/3º andar, 1030; livro de registro de empresas na Áustria FN 460299k, neste ato devidamente representado por seu diretor Paul Bernard Coleman, de acordo com o item “Poder de Representação” – 1, A, do Registro da Empresa (Firmenbuchauszug) e do item 8 do Estatuto Social (Amended Articles of Association), ambos documentos anexos em suas versões originais e traduções juramentadas, que tem como objetivo, dentre outros, apoio e incentivo aos direitos humanos e direitos civis, principalmente da liberdade religiosa, da liberdade de consciência e da liberdade de opinião das pessoas de fé cristã, conforme art. 2.2 de seu Estatuto Social, neste ato representado por seu Diretor Paul Bernard Coleman, nos termos de seu Estatuto Social, art. 8 c/c com o item “Poder de Representação” – 1, A, do Registro da Empresa (Firmenbuchauszug), ambos documentos anexos, vem mui respeitosamente, por intermédio de seus Advogados, que a esta subscrevem, com base no artigo 138 do Código de Processo Civil, pugnar pela sua admissão como

AMICUS CURIAE na ARE nº 1.249.095/SP

proposto pelo Ministério Público Federal em face da União, tendo como causa de pedir a retirada de todos os símbolos religiosos em prédios e repartições públicas da União, tais como imagens e crucifixos, de ampla visibilidade, alegando violação ao que dispõe os artigos 3º, inciso IV, art. 5º, inciso VI, art. 19, inciso I e art. 37, todos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.



I. INTRODUÇÃO

1. O processo epigrafado se trata de Agravo em Recurso Extraordinário interposto pelo Ministério Público Federal em razão de decisão que inadmitiu Recurso Extraordinário interposto contra o Acórdão prolatado pela egrégia Quarta Turma do TRF-3 (fl. 584) que negou provimento ao Recurso de Apelação em Ação Civil Pública proposta pela Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado de São Paulo do Ministério Público Federal em desfavor da União, que tem como causa de pedir a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens etc.) fixados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.
2. No mérito da Ação Civil Pública, o MPF alega que a “ostentação” das imagens religiosas em repartições públicas da União viola ao que dispõe os artigos 3º, inciso IV, art. 5º, inciso VI, art. 19, inciso I e art. 37, todos da Constituição Brasileira, sustentando, ainda, que “(...) quando o Estado ostenta um símbolo religioso declara sua predileção pela religião que o símbolo representa, o que resulta na discriminação das demais religiões (...)”.
3. Em 1º grau, a ação civil pública proposta pelo MPF foi julgada IMPROCEDENTE. Não satisfeito, o MPF apelou dessa decisão, que foi mantida pelo juízo de 2º grau. Na sequência, tanto os embargos declaratórios com efeitos prequestionadores, quanto o Recurso Extraordinário não foram admitidos. Assim, em todos os graus de jurisdição anteriores a esta Egrégia Instância Especial, os recursos manejados foram desprovidos. Por fim, apenas em sede de Agravo, o tema foi submetido à Suprema Corte, recebida pelo Exmo. Sr. Min. Relator, Dr. Ricardo Lewandowski, que se manifestou pela atribuição de Repercussão Geral ao feito, submetendo-o ao Plenário. Este é o breve resumo. A seguir, pasamos a apresentar a entidade requerente, sua aderência e pertinência temática com o tema, razão pela qual pode ser útil no assessoramento desta Egrégia Corte na qualidade de amicus curiae, no caso de alta relevância que se apresenta.
4. A ADF International (doravante denominada “ADF”) é uma organização de advogados dedicada à proteção dos direitos e liberdades fundamentais, incluindo o direito à liberdade de religião, liberdade de consciência e da liberdade de opinião das pessoas de fé cristã. A ADF Internacional é credenciada junto à Organização dos Estados Americanos¹ e à Comissão Européia e Parlamento²; trabalha com a Agência dos Direitos Fundamentais da União Européia e a Organização para Segurança e Cooperação; e tem *status* consultivo junto ao ECOSOC das Nações Unidas (registrado como “Alliance Defending Freedom”)³.
5. A ADF também trabalha com uma aliança jurídica de mais de 2.200 advogados dedicados à proteção dos direitos humanos fundamentais, através da qual interveio em mais de 500 casos perante tribunais nacionais e internacionais. Isto inclui a comparência perante a Corte Interamericana de Direitos Humanos⁴ e várias

¹ **Anexo 1** Credenciamento da ADF Internacional (Alliance Defending Freedom) para a Organização dos Estados Americanos. Anexada versão original em inglês e versão tradução juramentada.

² **Anexo 2** Credenciamento da ADF Internacional junto à Comissão Européia e ao Parlamento Europeu. Anexada versão original em inglês e versão tradução juramentada.

³ **Anexo 3** Credenciamento da ADF Internacional em status consultivo junto ao ECOSOC das Nações Unidas (disponível também no seguinte link:

[https://esango.un.org/civilsociety/displayConsultativeStatusSearch.do?method=list&show=25&from=list&col=&order=&searchType=\\$searchType&index=275](https://esango.un.org/civilsociety/displayConsultativeStatusSearch.do?method=list&show=25&from=list&col=&order=&searchType=$searchType&index=275)) Versão original em inglês e versão tradução juramentada.

⁴ **Anexo 4** Carta da Corte Interamericana de Direitos Humanos CDH-26-2019/147 de 11 de maio de 2022 enviada à ADF Internacional, acusando o recebimento do amicus curiae brief da ADF Internacional no caso Pavez Pavez v. Chile. Anexada versão original em espanhol e versão tradução juramentada.



altas cortes na região da América Latina⁵, assim como a Corte Europeia de Direitos Humanos⁶ e a Corte Suprema dos Estados Unidos da América⁷.

6. Em nível legislativo, a ADF tem prestado assessoramento e apoio especializado a vários congressos latinoamericanos⁸, bem como ao Parlamento Europeu⁹ e ao Congresso dos Estados Unidos¹⁰.
7. A questão constitucional pendente perante o Supremo Tribunal Federal é se a presença de símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade e serviço público nos edifícios da União e do Estado de São Paulo entra em conflito com o princípio do Estado laico, o direito à liberdade religiosa e o princípio da igualdade.
8. A fim de auxiliar o Supremo Tribunal Federal (STF) a emitir uma decisão que respeite a liberdade religiosa e concilie este direito fundamental com o princípio do Estado laico e o princípio de igualdade e não-discriminação, a ADF ingressa com o presente pedido de *amicus curiae* que traz à atenção do STF os mais atuais precedentes de direito comparado sobre o assunto.
9. O Sistema Interamericano de Direitos Humanos (SIDH) ainda não teve oportunidade de se pronunciar sobre a presença de símbolos de origem religiosa na esfera pública e, em geral, raramente tratou de violações da liberdade religiosa e do princípio do Estado Laico (um princípio de organização política que, além do mais, não é mandatado pela lei internacional de direitos humanos). Por esta razão, este relatório é de direito comparado e apresentará o principal argumento (e corolários) usado por outras Cortes Supremas de toda a América, para resolver a questão constitucional da exibição de símbolos religiosos em espaços públicos.

⁵ Por exemplo, acórdão SUP-REP-252/2022 de 22 de junho de 2022, do Tribunal Eleitoral do Poder Judiciário da Federação do México. Chamamos sua atenção para a menção da ADF Internacional no Acórdão do Tribunal Eleitoral do Poder Judiciário da Federação do México (TEPJF), na página 8, numeral 8 y página 10, numeral 14. A TEPJF é a mais alta instância mexicana em matéria eleitoral. Disponível em <https://www.te.gob.mx/media/SentenciasN/pdf/Superior/SUP-REP-0252-2022.pdf> (última revisão 16 de fevereiro de 2023)

⁶ Por exemplo, acórdão Károly Nagy v. Hungary (Requerimento no. 56665/09) de 14 de setembro de 2017 da Corte Europeia de Direitos Humanos. Chamamos a atenção da Corte para a página 4, onde é mencionada a intervenção escrita da ADF International (Alliance Defending Freedom). Disponível em (última revisão 16 de fevereiro de 2023) <https://hudoc.echr.coe.int/app/conversion/pdf/?library=ECHR&id=003-5827617-7423337&filename=Forthcoming%20Grand%20Chamber%20Judgment%20Karoly%20Nagy%20v.%20Hungary.pdf>

⁷ Por exemplo, transcrição da audiência de 303 Creative LLC, et al. v. Aubrey Elenis et al., perante a Suprema Corte dos Estados Unidos, realizada em 5 de dezembro de 2022. Chamamos a atenção da Suprema Corte para a página 2 onde é mencionado que Kristen Waggoner, CEO da ADF International, conduziu a argumentação oral do peticionário perante a Suprema Corte. Disponível em (última revisão 16 de fevereiro de 2023): https://www.supremecourt.gov/oral_arguments/argument_transcripts/2022/21-476_8n59.pdf.

⁸ Por exemplo, parecer sobre o projeto de Resolução Legislativa N. 0022/20231-PE e N. 00221/2021-PE do Congresso da República do Peru. Chamamos a atenção do Tribunal para a página 42 onde a contribuição da ADF Internacional é transcrita (5.3.2 ADF Internacional). Disponível em (última revisão 16 de fevereiro de 2023): [https://wb2server.congreso.gob.pe/spley-portal-service/archivo/NTM2Mzk=/pdf/PL%20224%20Y%20221%20\(MAY\)](https://wb2server.congreso.gob.pe/spley-portal-service/archivo/NTM2Mzk=/pdf/PL%20224%20Y%20221%20(MAY)) ou <https://www.congreso.gob.pe/comisiones2021/Rree/laborlegislativa/dictamenes/> (Parecer de 15 de julho de 2021, em maioria - Não adoção).

⁹ **Anexo 5** Evento “Liberdade ou Religião em Türkiye: Um enfoque nas minorias cristãs”, recebeu meu deputado europeu Bert-Jan Ruissen e a ADF Internacional no Parlamento Europeu em 12 de outubro de 2022. Consulte também o **Anexo 2** para mais informações sobre o envolvimento da ADF com o Parlamento Europeu. Versão original em inglês e versão tradução juramentada.

¹⁰ Por exemplo, Denise Harle, Conselheira Sênior da ADF e Diretora do Centro pela Vida, testemunhou perante o Comitê do Senado dos Estados Unidos sobre o Judiciário (disponível em: <https://www.congress.gov/congressional-record/volume-168/issue-114/daily-digest/article/D7341?q=%7B%22search%22%3A%5B%22Senate+judiciary+dobbs%22%5D%7D&s=3&r=22>). Erin Morrow Hawley, Conselheira Sênior da ADF, testemunhou perante o Comitê de Supervisão e Responsabilidade da Câmara dos Estados Unidos (disponível em <https://www.congress.gov/event/117th-congress/house-event/114986?s=1&r=16>)

10. Como o STF poderá verificar, as decisões mais recentes na América apontam para um modelo de aceitação e integração das tradições religioso-culturais da população nos espaços públicos, e para uma interpretação do princípio do estado laico que acolhe tais expressões em vez de tomar uma posição hostil em relação a elas. Em suma, estes julgamentos chegam a uma conclusão muito semelhante à alcançada no precedente paradigmático europeu, *Lautsi v. Itália* (*Lautsi*)¹¹.

II. REQUISITOS LEGAIS PARA ADMISSÃO COMO AMICUS CURIAE

11. A ADF solicita respeitosamente ao relator do processo judicial - Agravo em Rex nº 1.249.095/SP, Min. Ricardo Lewandowski, que, tendo em vista a relevância do caso, a especificidade do objeto da demanda e a repercussão social da controvérsia, admite a participação desta pessoa jurídica no processo, e a autoriza a apresentar um *amicus curiae*. O objetivo da ADF é trazer ao STF sua *expertise* em direito internacional de direitos humanos e direito comparado interamericano.

12. A ADF faz este pedido de admissão ao processo judicial com base nos artigos 138 do Código de Processo Civil e 131 do Regimento Interno do STF. Conforme as disposições do artigo 138 do CPC:

Art. 138 O juiz ou relator, considerando a relevância da matéria, a especificidade do objeto da demanda ou as repercussões sociais da disputa, poderá, por decisão irrevogável, quer de ofício, quer a pedido das partes ou daqueles que desejarem se fazer conhecer, solicitar ou admitir a participação de uma pessoa física ou jurídica, organismo ou entidade especializada, com representatividade adequada, no prazo de 15 (quinze) dias a contar de sua incitação.

13. Além disso, o art. 131, § 3º, do Regimento Interno do STF, permite que as pessoas jurídicas admitidas no processo judicial possam apoiar oralmente seus argumentos. Nas palavras do Regimento Interno do STF:

Art. 131

§ 3º Admitida a intervenção de terceiros no processo de controle concentrado de constitucionalidade, fica-lhes facultado produzir sustentação oral, aplicando-se, quando por o caso, a regra do § 2º do artigo 132 deste Regimento.

a. Sobre a representatividade e a relevância temática da ADF International:

14. A ADF é uma organização sem fins lucrativos dedicada à defesa jurídica profissional das liberdades fundamentais e à promoção da dignidade inerente a todas as pessoas. Desde sua fundação em 2010, nossa organização se expandiu pelo mundo, estabelecendo nossa sede em Viena, Áustria, e escritórios regionais em Washington D.C., Nova Iorque, Genebra, Estrasburgo, Bruxelas e Londres¹². O objetivo da organização, como também será dito mais tarde, é "*promover os direitos humanos e os direitos civis, em particular a liberdade de religião, a liberdade de consciência e a liberdade de expressão em nome das pessoas que pertencem à fé cristã*". Desde então, a ADF tem trabalhado em 6 continentes, conquistando vitórias paradigmáticas no campo do direito à liberdade religiosa, tanto em nível nacional quanto internacional.

¹¹ *Lautsi v. Itália* [GC], No. 30814/06, Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (ECtHR), 2011.

¹² ADF International. Our International Offices: Viena, Washington D.C., Nova Iorque, Genebra, Estrasburgo, Bruxelas e Londres. Disponível em: <https://adfinternational.org/our-global-reach/> (última revisão 13 de março 2023)

15. A equipe da ADF inclui profissionais altamente qualificados na defesa do direito à liberdade religiosa. Nossos advogados foram treinados pelas melhores universidades do mundo¹³ e estão qualificados para litigar nos tribunais supremos nacionais de vários Estados e perante os sistemas regionais de direitos humanos. Em particular, a CEO da ADF International, **Kristen K. Waggoner**, **argumentou com sucesso dois dos 14 casos que a Alliance Defending Freedom venceu perante a Suprema Corte dos EUA**, a saber, *Masterpiece Cakeshop v. Colorado Civil Rights Commission*, e *Uzuegbunam v. Presczewski*. Além disso, Waggoner argumentou *303 Creative v. Elenis* perante o mesmo Supremo Tribunal em dezembro de 2022¹⁴. Todos estes casos foram apresentados em defesa do direito à liberdade de religião, liberdade de pensamento e liberdade de expressão.
16. Nosso Diretor Executivo, Paul Coleman, especialista em direitos humanos internacionais e direito europeu, **esteve envolvido em mais de 20 casos perante a Corte Europeia de Direitos Humanos e foi autor de reclamações e apresentações perante a Corte Interamericana de Direitos Humanos, a Corte Penal Internacional, o Tribunal de Justiça da União Europeia, o Comitê de Direitos Humanos da ONU e numerosos tribunais nacionais**. Coleman fez parte da equipe jurídica no caso histórico de *Eweida e Outros contra o Reino Unido*¹⁵, no qual o tribunal proferiu um acórdão histórico sobre liberdade religiosa¹⁶.
17. De acordo com o último censo oficial da população de 2010¹⁷, 84,64% da população brasileira se considera cristã, de qualquer das denominações que compõem o cristianismo. Os censos não oficiais estimam que, em 2020, 81% dos brasileiros se considerarão cristãos de alguma denominação ou católicos¹⁸. **A ADF é nacionalmente representativa na medida em que representa membros do cristianismo de todas as denominações nos fóruns políticos e judiciais nos quais a ADF opera.** Não há outra organização de advogados como a ADF que ligue os cristãos no Brasil com os do resto da região e do mundo, através do trabalho de defesa jurídica profissional do direito à liberdade religiosa. E a representatividade da ADF no Brasil também é comprovada pelos 2.975 contatos que a ADF tem no Brasil. Muitos deles são advogados aliados, outros políticos ativos e inativos, advogados que participaram de nossos treinamentos, professores universitários importantes, membros de missões em organizações internacionais, entre outros. Dentre eles, os próprios causídicos brasileiros que assinam o presente *amicus* são advogados aliados à ADF.

¹³ Exemplos incluem a Universidade de Harvard, Universidade de Cambridge, Kings College London e Universidade McGill, entre outros. Disponível em: <https://adfinternational.org/advocacy-team/> (última revisão 16 de fevereiro de 2023).

¹⁴ Depois de trabalhar como secretária do Juiz Richard B. Sanders da Suprema Corte de Washington, Waggoner ingressou na firma Seattle de Ellis, Li & McKinstry, onde foi sócia por nove anos antes de ingressar na ADF em 2013. Na ELM, ela serviu como conselheira em centenas de assuntos, incluindo casos constitucionais como *Stormans v. Wiesman* (direitos de consciência dos farmacêuticos), ex rel *Gallwey v. Grimm* (ajuda financeira a estudantes universitários religiosos), e *Estado v. Hamlin* (privilégio de clérigos-penitentes). Waggoner é o AV® Avaliado por Peer Review Preeminent™ na Martindale-Hubbell. Ela é uma oradora procurada sobre questões legais e culturais e comenta regularmente sobre questões de liberdade religiosa na televisão, no rádio e na imprensa. Disponível em: <https://adfinternational.org/kristen-waggoner/> (última revisão 16 de fevereiro de 2023).

¹⁵ *Case of Eweida and others v. the United Kingdom* (Aplicações nos 48420/10, 59842/10, 51671/10 e 36516/10) Disponível em: <https://hudoc.echr.coe.int/eng#%7B%22itemid%22%3A%22001-115881%22%7D> (última revisão 21 de fevereiro de 2023)

¹⁶ Coleman também foi o autor de resumos jurídicos em numerosos casos de precedentes perante a Corte Europeia, incluindo três vitórias na Grande Câmara. Em *Gross v. Suíça*, ele argumentou que a Convenção Europeia sobre Direitos Humanos não reconhece o direito ao suicídio assistido ou à eutanásia. No caso *F.G. v. Suécia*, Coleman sustentou que os países europeus têm o dever de proteger os convertidos cristãos que fogem da perseguição em seus países de origem. Em *Nagy v. Hungria*, ele sustentou que as igrejas devem ser livres para administrar seus assuntos internos sem interferência do governo ou de outros órgãos do Estado. Disponível em: <https://adfinternational.org/paul-coleman/> (última revisão 16 de fevereiro de 2023)

¹⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisas. Censo Amostra- religião. Ano 2010. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107> (última revisão 21 de fevereiro de 2023).

¹⁸ G1. “50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz DatafolhaReferencia” disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml> (última revisão 17 de fevereiro de 2023)

18. Para provar a representatividade da ADF, consideramos relevante mencionar os casos mais recentes nos quais a ADF International ofereceu seu apoio jurídico e institucional¹⁹, para proteger o direito à liberdade religiosa:

Casos na região da América Latina

1. O caso do Influenciador Kika Nieto na Colômbia²⁰

19. No caso de Kika Nieto, a influenciadora, em resposta à pergunta de um espectador em um vídeo “*Pergunte-me Qualquer Coisa*” de 2018, compartilhou nas mídias sociais (YouTube) suas opiniões sobre o casamento enquanto expressava sua tolerância a todos os outros pontos de vista.
20. Um telespectador levou Nieto ao Tribunal por causa da posição sobre o casamento que ele havia expressado, alegando que o mesmo comentário era ofensivo e discriminatório. Um Tribunal inferior descobriu que o vídeo continha “discurso de ódio” e, portanto, ordenou a remoção do vídeo do *YouTube*.
21. A ONG colombiana Nueva Democracia representou Nieto perante o Tribunal Constitucional, pedindo-lhe que defendesse as liberdades fundamentais e anulasse a decisão do tribunal inferior. A ADF Internacional apoiou a Nueva Democracia. Em novembro de 2021, o Tribunal Constitucional anulou a decisão do Tribunal de primeira instância e arquivou a ação judicial.

2. O caso do estudante Christian Cortez Perez no México²¹

22. Christian Cortés ganhou o direito de proferir o discurso de graduação na Faculdade de Medicina e Psicologia da Universidade Autônoma da Baja California (“Universidade”), México, que se realizou em 27 de junho de 2022. Em seu discurso, Christian compartilhou suas opiniões sobre a instituição da família e o ser humano, enquanto citava autores cristãos como G.K. Chesterton.
23. Vários professores da universidade que não partilhavam da opinião de Christian iniciaram um processo perante o tribunal universitário solicitando à universidade que retirasse o mérito acadêmico do recém-formado por causa de sua visão de inspiração cristã sobre a instituição da família e do ser humano. A ADF Internacional apoiou o advogado de Christian Cortez em sua defesa. A Universidade resolveu o caso declarando que a petição dos professores era infundada e decidiu que o mérito acadêmico de Christian Cortez não poderia ser retirado.

3. O caso do congressista Gabriel Quadri no México²²

24. O deputado federal mexicano, Gabriel Quadri, foi sancionado pelo Poder Judiciário mexicano por “violência política baseada em gênero”, por suas expressões publicadas na plataforma digital *Twitter*. Os

¹⁹ A ADF International tem estado e está envolvida em muito mais casos do que aqueles apresentados neste documento. Por razões de confidencialidade, a ADF International não pode tornar públicos todos os casos em que está ativa como advogada ou assessora jurídica.

²⁰ ADF Internacional. “Estrela da mídia social desafia a censura”. Disponível em: <https://adfinternational.org/kika-nieto/> (última revisão 22 de fevereiro de 2023).

²¹ ADF Internacional. “Falando pela liberdade acadêmica em Ensenada, México”. Disponível em: <https://adfinternational.org/christian-cortez-perez/> (última revisão 22 de fevereiro de 2023).

²² ADF Internacional. “Defendendo a liberdade de expressão no México”. Disponível em: <https://adfinternational.org/gabriel-quadri-mexico/> (última revisão 22 de fevereiro de 2023).



cargos de Quadri expressaram sua preocupação com o fato de que os homens que se identificam como mulheres (mulheres *trans*) ocuparam vários espaços no Congresso da União reservados exclusivamente às mulheres.

25. A ADF Internacional está levando o caso da Quadri à Comissão Interamericana de Direitos Humanos, buscando que o sistema interamericano proteja o direito da Quadri à liberdade de expressão.

Casos no continente europeu

1. Caso do Dr. Päivi Päivi MP Räsänen , na Finlândia²³

26. Como membro ativo da Igreja Luterana Finlandesa, a deputada Päivi Räsänen dirigiu-se à liderança de sua igreja através da plataforma digital *Twitter* e questionou o patrocínio oficial da igreja ao evento LGBT “Pride 2019”. Räsänen acompanhou os posts com uma imagem de um versículo bíblico.
27. A Dra. Päivi foi investigada pela polícia por causa das expressões que compartilhou em sua mídia social e por causa da imagem do texto bíblico que ela havia postado. A promotora geral acusou a médica e parlamentar de “incitamento ao ódio” por expressar publicamente sua opinião sobre casamento e sexualidade humana em um panfleto de 2004, por comentários feitos durante um debate de rádio em 2019, e pelo *tweet* que ela dirigiu à liderança de sua igreja. A ADF apoiou a defesa da médica e parlamentar finlandesa no Tribunal, até que o tribunal decidiu por unanimidade a favor das liberdades fundamentais de Räsänen.
28. O Ministério Público apresentou um recurso contra a decisão do Tribunal, solicitando novamente que a deputada seja condenado criminalmente. A ADF continuará a apoiar a defesa de Räsänen e o direito de todos de compartilhar livremente suas crenças.

2. O caso do padre Tom na Escócia²⁴

29. Durante a pandemia da COVID-19, a Escócia, como muitos Estados, restringiu a mobilidade de seus cidadãos. Uma das proibições em vigor exigiu o fechamento temporário de igrejas e centros religiosos.
30. Embora a pandemia tivesse sido contida até 2021, o governo escocês manteve uma proibição absoluta de reabrir igrejas. A Escócia manteve esta proibição mesmo depois que autoridades na Inglaterra, País de Gales, Irlanda do Norte e a maioria do resto da Europa conseguiram encontrar soluções que mantiveram o culto público com medidas de segurança que protegem a saúde pública.
31. Juntamente com uma coalizão de 27 líderes religiosos, o Cônego Tom White, apoiado pela ADF , desafiou a proporcionalidade da proibição na mais alta corte civil da Escócia. A decisão, proferida em março de 2021, declarou ilegais as ações do governo.

²³ADF Internacional. “O Ministério Público interpõe recurso contra a grande vitória do deputado finlandês na liberdade de expressão”. Disponível em: <https://adfinternational.org/paivi/> (última revisão 22 de fevereiro de 2023).

²⁴ADF Internacional. “O padre de Glasgow derruba a proibição geral de igrejas”. Disponível em: <https://adfinternational.org/canon-tom/> (última revisão 22 de fevereiro de 2023).



3. O caso da ativista Isabel Vaughan-Spruce e do padre Sean Gough no Reino Unido²⁵

32. A ativista Isabel Vaughan-Spruce e o padre Sean Gough foram processados por rezarem em uma área proibida para orações em Birmingham, Reino Unido. Através de regulamentos conhecidos como Ordem de Proteção de Espaços Públicos (PSPO), as autoridades da cidade efetivamente censuraram partes das ruas e proibiram as pessoas de fé de rezarem em áreas designadas (inclusive em suas mentes e silenciosamente).
33. A ativista Isabel Vaughan-Spruce e o padre Sean Gough foram acusados de violar essas regras ao rezar silenciosamente em frente a uma clínica de aborto. A ADF Internacional apoiou sua defesa legal e, em 16 de fevereiro de 2023, o Tribunal absolveu ambos das acusações.

Casos na Ásia

1. O caso do casal Shagufta e Shafqat no Paquistão²⁶

34. Shagufta Kausar e seu marido Shafqat Emmanuel foram presos e acusados de blasfêmia em 21 de julho de 2013. Um tribunal os condenou à morte por enforcamento em 2014. O casal viveu na pobreza com seus quatro filhos em um complexo missionário da Igreja Gojra em Punjab, Paquistão. Em 18 de junho de 2013, mensagens de texto alegadamente blasfemas foram enviadas a um clérigo e a um advogado a partir de um telefone supostamente registrado em nome de Shagufta. O casal é analfabeto e não teria sido capaz de escrever nenhuma mensagem de texto. Shagufta alegou que seu telefone estava desaparecido há um mês no momento do incidente.
35. O casal cristão paquistanês Shagufta e Shafqat sofreu enquanto aguardava a execução por sete anos. O Tribunal Superior de Lahore anulou sua sentença de morte no início de junho de 2021. Com o apoio da ADF, o casal está agora são e salvo na Europa.

2. Caso do Pastor Balu Saste na Índia²⁷

36. Em 2016, um grupo de nacionalistas extremistas invadiu a igreja do Pastor Balu em Madhya Pradesh, Índia, durante um culto na igreja, espancando e assediando os fiéis. A polícia chegou e prendeu o Pastor Balu, sua esposa e seu filho de seis anos, despiu-os de suas roupas, espancou-os e os manteve sem fiança por três dias, como a Sra. Saste relatou²⁸. Todos os três foram condenados por supostas "conversões forçadas" ao cristianismo.
37. A ADF International apoiou institucionalmente esta família em sua defesa legal e conseguiu que o tribunal absolvesse o Pastor Balu das falsas acusações.

²⁵ADFI Internacional. "Sean Gough, Isabel Vaughan-Spruce recebe o veredicto "Inocente!" por crimes de oração silenciosa". Disponível em: <https://adfinternational.org/father-sean-isabel-not-guilty/> (última revisão 22 de fevereiro de 2023).

²⁶ADFI Internacional. "Casal paquistanês ilibado de acusações de blasfêmia foge da sentença de morte". Disponível em: <https://adfinternational.org/shagufta-and-shafqat-pakistan/> (última revisão 22 de fevereiro de 2023).

²⁷ADFI Internacional. "Pastor Balu Saste, vitória decisiva para vítimas de perseguição religiosa na Índia". Disponível em: <https://adfinternational.org/balu-saste/> (última revisão 22 de fevereiro de 2023).

²⁸Entrevista disponível no link a seguir: <https://adfinternational.org/balu-saste/>, or <https://www.youtube.com/watch?v=cwUmG5jpv1Y> (última revisão 13 de março de 2023).



3. *Caso da jovem mulher que foge da conversão forçada no Paquistão*²⁹.

38. Maira, uma menina de 14 anos de Faisalabad, estava a caminho da escola quando foi raptada e casada à força com um homem muito mais velho que ela. Ela foi espancada, abusada e forçada a renunciar à sua fé cristã.
39. Ela fugiu de seu captor, mas não antes que ele abusasse, chantageasse, casasse e a “convertesse” à força para outra religião. Quando Maira procurou justiça, o Tribunal Superior de Lahore ordenou inicialmente que ela fosse devolvida ao seu sequestrador. Trabalhando com um advogado local, a ADF International está tentando obter a anulação de sua certidão de casamento. Ela se encontra escondida com sua família por vários meses, esperando notícias positivas sobre seu recurso a qualquer momento.

Casos na África

1. *O caso de Nada e Hamouda no Sudão*³⁰

40. Nada (esposa) e Hamouda (marido) eram muçulmanos quando se casaram em 2016. Quando Hamouda se converteu ao cristianismo em 2018, a família de Nada fez ameaças contra ela e fez lobby para que um Tribunal da Sharia dissolvesse seu casamento. Na época, o Sudão considerou a apostasia do Islã um crime digno da pena de morte, o que aumentou ainda mais a pressão sobre o casal para que se separasse. Como consequência direta da conversão de Hamouda, o Tribunal da Sharia anulou o casamento. Nada e os dois filhos do casal foram morar com sua família. Em 2020, a apostasia foi descriminalizada no Sudão. Logo depois, em 2021, Nada se converteu ao cristianismo e voltou para casa para seu marido e filhos.
41. O casal considerou ilegítima a anulação de seu casamento pelo Tribunal da Sharia porque foi iniciada sob coação da família de Nada e porque Nada considerou que sua própria conversão não era possível. O irmão de Nada executou suas ameaças contra ela depois que ela se converteu e retornou a Hamouda, e chamou a atenção do promotor penal sudanês para o casamento deles com base em adultério. Nada e Hamouda enfrentaram uma pena de 100 chicotadas cada um.
42. A ADF está apoiando o jovem casal a ser absolvido das acusações contra eles.

2. *Caso de um músico na Nigéria*³¹

43. Yahaya Sharif-Aminu, um músico sufi nigeriano, apelou à Suprema Corte da Nigéria contra a rígida lei de blasfêmia no Estado de Kano, no norte do país, sob a qual ele foi condenado à morte. Ele foi condenado em 2020 apesar de não ter representação legal, após compartilhar mensagens de áudio em mídias sociais consideradas blasfêmias contra o Profeta Maomé.
44. Yahaya permanece na prisão sem fiança até um novo julgamento, onde ainda enfrenta uma possível sentença de morte. A ADF apóia o recurso de Yahaya à Suprema Corte.

²⁹ ADF International “14-year-old fights for her freedom in Pakistan” Disponível em: <https://adfinternational.org/maira/> (última revisão em 1º de março de 2023)

³⁰ ADF Internacional “Casal sudanês em julgamento após conversão ao cristianismo”. Disponível em: <https://adfinternational.org/sudan/> (revisada em 1º de março de 2023).

³¹ ADF Internacional “Challenging Blasphemy laws at the Supreme Court of Nigeria”. Disponível em: <https://adfinternational.org/nigeria-blasphemy-laws/> (última revisão 1º de março de 2023).



45. Assim sendo, em uma apertada síntese, demonstra-se a relevância da ADF International e seu trabalho em defesa do direito à liberdade religiosa em todo o mundo. Embora a ADF trabalhe para a defesa das liberdades fundamentais no Brasil há vários anos, esta é a primeira aparição pública da ADF International no sistema judiciário brasileiro e perante este Tribunal Superior³².

46. Admitir o pedido da ADF ao processo amicus breve permite que a voz dos cristãos brasileiros seja ouvida no contexto do cristianismo mundial e da perseguição sofrida por este grupo religioso. A ADF traz este ângulo particular, enriquecido por sua ampla experiência em vários sistemas de direitos humanos e em processos judiciais perante várias cortes nacionais ao redor do mundo.

47. **A ADF Internacional também é capaz de trazer contribuições com aderência temática relevantes na medida em que é especializada na defesa jurídica do direito à liberdade religiosa em nível global e, em particular, na região da América Latina.**

48. O Contrato Social da ADF declara explicitamente que o objetivo da pessoa jurídica é o de:

2.2 O objetivo da Sociedade é promover o cristianismo e os princípios e a ética cristã e construir um apoio mundial e promover os direitos humanos e os direitos civis, em particular a **liberdade de religião**, a liberdade de consciência e a liberdade de expressão em nome das pessoas que pertencem à fé cristã;

O objetivo da ADF International é, entre outros:

(i) Apoiar indivíduos e organizações cujos direitos humanos e civis são ameaçados ou oprimidos, fornecendo-lhes advogados gratuitamente ou suportando os custos de procedimentos para a proteção desses direitos;

(ii) Organização de eventos de treinamento para advogados no campo da **proteção da liberdade religiosa**, liberdade de consciência e liberdade de expressão;

(iii) Apoio à pesquisa e educação e publicação de informações no campo dos direitos humanos e civis. (grifo nosso)

49. A ADF também possui uma equipe dedicada exclusivamente à promoção dos direitos fundamentais da liberdade de religião, consciência e expressão na América Latina. Esta equipe é composta por advogados da região, especializados em direito internacional dos direitos humanos, cujo trabalho também envolve um conhecimento altamente qualificado do sistema interamericano de direitos humanos e do direito comparado dos sistemas jurídicos dos países da região, incluindo o Brasil.

50. As contribuições que a ADF deseja oferecer a esta Suprema Corte, integram e refletem 10 anos de experiência de trabalho especializado na defesa do direito à liberdade religiosa, tanto global quanto regionalmente. Em coordenação com vários parceiros brasileiros e advogados aliados, a ADF cumpre sua missão de proteger efetivamente os direitos à liberdade de religião, liberdade de pensamento e liberdade de expressão no Brasil e na região.

³² Por razões de confidencialidade, a ADF International não pode tornar públicos todos os casos em que atua como advogada ou assessora jurídica.



51. A ADF produziu vários relatórios técnicos e contribuições acadêmicas sobre o direito internacional dos direitos humanos, e sobre o direito internacional à liberdade religiosa em particular. Nomeadamente:

Relatórios técnicos:

1. O surgimento de falsos direitos: Como a ONU passou do reconhecimento das liberdades inerentes a criar seus próprios direitos (Disponível em: <https://adfinternational.org/white-paper-the-rise-of-faux-rights/>)
2. Leis anticonversão e resposta internacional (Disponível em: <https://adfinternational.org/anti-conversion-laws/>)
3. Liberdade de consciência: Protegendo nossa bússola moral (Disponível em: <https://adfinternational.org/freedom-of-conscience/>)
4. Combate à perseguição dos cristãos no mundo inteiro: Uma estrutura para o engajamento ocidental (Disponível em: <https://adfinternational.org/combating-the-persecution-of-christians-worldwide-a-framework-for-western-engagement/>)
5. O fracasso da ONU em promover e proteger a liberdade religiosa: (Disponível em: <https://adfinternational.org/the-uns-failure-to-protect-religious-freedom/>)

Produções acadêmicas:

1. Livro “Censurado. Como a lei europeia do “discurso do ódio” está ameaçando a liberdade de expressão” (Disponível em: <https://adfinternational.org/paul-coleman/>)
 2. Livro “A Paisagem Humana Global Rights Landscape. Um pequeno guia para entender as Organizações Internacionais e as Oportunidades de Envolvimento” (Disponível em: <https://adfinternational.org/paul-coleman/>)
 3. Capítulo IX “The Art of Living with Ourselves: What Does the Law Have to do with Conscience?” do livro Religious Beliefs and Conscientious Exemptions in a Liberal State (Disponível em: <https://adfinternational.org/robert-clarke/>).
 4. Avaliação da credibilidade em pedidos de asilo baseados em conversão (Disponível em: <https://ijrf.org/index.php/home/article/view/136>)
52. Em relação à questão particular da análise da compatibilidade da presença de símbolos religiosos em edifícios públicos e do princípio da laicidade do Estado brasileiro, a ADF acaba de intervir, como *amicus curiae*, perante a Suprema Corte de Justiça da Nação do México, Amparo en Revisión 216/2022³³, com uma contribuição de direito comparado na região. Como procuramos fazer nesta ocasião, explicamos ao Supremo Tribunal Mexicano como outros Supremos Tribunais das Américas decidiram sobre o assunto, em consonância com o caso que rege esta questão na Europa (Lautsi v. Itália [GC], No. 30814/06, Tribunal Europeu de Direitos Humanos (ECHR), 2011).

³³ Amparo en revisión 216/2022 perante o Supremo Tribunal de Justiça do México. Matéria a ser ouvida na sessão pública ordinária de 9 de novembro de 2022 e seguintes. Disponível em: <https://www.scjn.gob.mx/sites/default/files/listas/documento/2022-10-20/9%20NOVIEMBRE%202022%20SR%20LISTAS%20PARA%20SESI%C3%93N%20DATOS%20SENSIBLES.pdf> (última revisão 1º de março de 2023).

53. Considerando que a ADF cumpre os requisitos legais estabelecidos pela legislação brasileira e também os requisitos de representatividade e relevância temática, solicitamos, respeitosamente, ao Relator do processo judicial, Exmo. Sr. Ricardo Lewandowski, que aceite nosso pedido de autorização para participar do processo, realizando todos os atos permitidos na legislação brasileira, inclusive sustentação oral em Plenário e apresentação de memoriais.

III. A PROTEÇÃO LEGAL DOS SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM SUAS DIMENSÕES SOCIAIS E CULTURAIS NÃO É E NÃO FOI CONSIDERADA UMA VIOLAÇÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA DAQUELES QUE NÃO SE CONSIDERAM REPRESENTADOS POR ESSES SÍMBOLOS.

54. No julgamento do Tribunal de Estrasburgo no caso Lautsi, os juízes da Grande Câmara constataram que a exibição de um crucifixo nas paredes das salas de aula das escolas públicas italianas não violava o direito à liberdade religiosa (Art. 19 CEDH) e não é proibida pelo direito à não-discriminação (Art. 14 CEDH). Na leitura do caso por Puppink, Diretor Geral do Centro Europeu de Direito e Justiça, ele afirma que "*nos países de tradição cristã, o cristianismo tem uma legitimidade social específica que o distingue de outras crenças filosóficas e religiosas... o símbolo cristão pode legitimamente ter uma presença visível predominante na sociedade*³⁴".
55. É impressionante que os argumentos do Ministério Público Federal ("MPF") evitem a todo custo contrargumentar a argumentação seguida pela Grande Câmara no caso Lautsi. De fato, o Ministério Público Federal não menciona o caso em nenhuma das alegações apresentadas no processo judicial solicitando a remoção dos símbolos religiosos, ignorando completamente o julgamento do Tribunal Europeu de Direitos Humanos que tem regido a questão desde 2011.
56. Na medida em que o cristianismo europeu tem sido um elemento fundamental na criação e consolidação das sociedades latinoamericanas atuais, esta mesma lógica pode ser, e tem sido, aplicada em vários Estados americanos. Como será visto nas análises seguintes, Argentina, Colômbia e Peru reconheceram o valor cultural de várias manifestações de fervor popular que chegaram à esfera pública, e decidiram proteger o inegável valor social, histórico e cultural que os elementos cristãos podem adquirir na sociedade política de nossa região.
57. As alegações do Ministério Público Federal, entretanto, smj, ignoram a importância e o caráter identitário do cristianismo na realidade social brasileira, que ainda hoje se identifica de forma esmagadora como católica e cristã³⁵. O cristianismo continua sendo o marco filosófico e conceitual mais difundido do qual emanam as tradições e práticas dos brasileiros (Natal, festas de São João, Festa de Nossa Senhora Aparecida e festa do Círio de Nazaré), e estas expressões merecem proteção, especialmente quando adquiriram novas dimensões, além das religiosas, que contribuem para a riqueza e identidade da nação. Ensina a doutrina especializada brasileira:

³⁴ Puppink, Grégor, The Case of Lautsi v. Italy, Ius Canonicum, vol. 52, No. 104, 2012, p. 709 (grifo nosso).

³⁵ Ver por exemplo: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisas. Censo Amostra- religião. Ano 2010. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107> (última revisão 21 de fevereiro de 2023), e G1. "50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz DatafolhaReferencia" disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml> (última revisão 17 de fevereiro de 2023).

Passando pela história do Brasil Colonial de forma muito rápida, percebemos a grande influência que a religião exerceu sobre a formação do país que estava nascendo. Essa verdade é fácil de ser verificada “cientificamente”, basta caminhar pelas cidades históricas do Brasil, tais como Olinda, Salvador, Feira de Santana, Vitória da Conquista, Rio de Janeiro, Tiradentes, Ouro Preto, Porto Seguro, Mariana, Sabará, Penedo, Laguna, São Miguel das Missões, Cidade de Goiás, entre tantas outras, para perceber facilmente a identidade cultural, sociológica e histórica com o catolicismo romano, bem como com o candomblé, especialmente na Bahia. Na verdade, basta uma olhadela na tela de embarques e desembarques do aeroporto de Guarulhos, Rio de Janeiro ou Brasília para percebermos, nos nomes dos mais variados destinos o “São”, “Santo” ou “Santa”. Quando se chega ao principal destino turístico brasileiro, já na aterrissagem, o turista se depara com o Cristo Redentor, de braços abertos, na Cidade Maravilhosa; isso sem esquecermos os feriados religiosos e as maiores festas tradicionais brasileiras. Não há como termos dúvidas: querendo ou não, a história e a cultura do Brasil estão entrelaçadas com o cristianismo, especificamente com o catolicismo romano³⁶.

58. A opção de manutenção dos símbolos religiosos no espaço público está pacificado em diversos países sul-americanos, todos laicos, na medida em que ganharam relevância social e cultural, e identificar as tradições históricas da população. Seguem alguns exemplos:

a) DANIEL CAMILO SOLANO NIÑO CONTRA A CORTE CONSTITUCIONAL, ESTENDIDA À PRESIDÊNCIA DA CORTE CONSTITUCIONAL (DC V. CCC)³⁷, SENTENÇA DA REPÚBLICA DA COLÔMBIA

59. Em um caso quase idêntico ao presente, a Suprema Corte de Justiça da República da Colômbia emitiu uma decisão protegendo um Cristo crucificado enforcado na Câmara Plenária da Corte Constitucional Colombiana, por considerar que o símbolo tem inegáveis valores históricos e culturais, além de sua natureza religiosa.
60. O caso se inicia com uma ação tutelar movida por Daniel Camilo Solano Niño contra a Corte Constitucional da Colômbia, estendida à Presidência da mesma Corporação (doravante "DC v. CCC") na qual a Suprema Corte de Justiça da República da Colômbia é solicitada a decidir se a exibição permanente de um Cristo crucificado na Câmara Plenária da Corte Constitucional Colombiana viola as garantias de dignidade humana e igualdade e os princípios da laicidade e pluralidade do Estado, derivados de um suposto tratamento diferenciado de discriminação contra sua pessoa e crenças ateístas.
61. Em sua queixa, o reclamante reivindicou a proteção das prerrogativas de “*dignidade humana, igualdade e direito de petição*”³⁸ e “*os princípios da laicidade e pluralidade do Estado*”³⁹ a fim de ordenar ao Judiciário réu que “*remova o crucifixo que se encontra na Câmara Plenária da referida corporação*”, *sem prejuízo de que os*

³⁶ VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. A laicidade colaborativa brasileira: da aurora da civilização à Constituição brasileira de 1988. São Paulo: Edições Vida Nova, 2021, p. 214-215.

³⁷ Daniel Camilo Solano Niño contra a Corte Constitucional da Colômbia, estendida à Presidência da mesma Corporação, Câmara de Cassação Civil, Suprema Corte de Justiça da República da Colômbia, 1º de junho de 2022, STC6749-2022, Radicación No. 11001-02-03-000-2022-01375-00, Magistrada Ponente Hilda González Neira. Disponível em: <https://cortesuprema.gov.co/corte/wp-content/uploads/2022/06/STC6749-2022.pdf> (última revisão 11 de dezembro de 2022).

³⁸ DC v. CCC. para. 1

³⁹ *Ibid.*



magistrados e outros servidores do Tribunal possam exercer suas crenças muito pessoais em seus espaços privados”⁴⁰ e, consequentemente, “abster-se de fazer manifestações simbólicas de adesão a um credo específico”⁴¹. O autor da referida queixa acrescenta que Cristo na cruz é, em sua opinião, “o mais representativo do dogma católico”⁴², e, portanto, transgride as garantias invocadas, pois suas convicções são ateias.

62. A Suprema Corte de Justiça da República da Colômbia concluiu que a imagem poderia continuar a ser exibida na Câmara Plenária da Corte Constitucional Colombiana, sem infringir as prerrogativas, princípios e direitos alegados pelo autor, já que este símbolo é reconhecido como **tendo um valor histórico tradicional que excede o valor religioso residual ([i]na América Latina não é possível separar a identidade cultural...da figura da "Cruz" e de "Jesus Cristo")**.
63. Para chegar a sua conclusão, a Corte colombiana aborda (i) a tensão dos direitos invocados pelo autor (além de se referir ao fenômeno do sincretismo religioso na América Latina); (ii) a jurisprudência estrangeira sobre o símbolo da Cruz e o princípio da laicidade; e (iii) os pronunciamentos constitucionais nacionais sobre o assunto e a pluralidade do Estado.
64. A Corte colombiana começa por afirmar que a exibição de símbolos religiosos, *per se*, não é problemática em termos de direitos humanos, **desde que um conteúdo secular "significativo" e "predominante" - entre outros, valor cultural ou tradicional ou histórico - possa ser claramente e evidentemente atribuído a tais símbolos**. Quando este é o caso, a Corte colombiana afirma que isto não implica uma prática de preferência das autoridades estatais por uma determinada religião ou credo.
65. Aos olhos da Corte Colombiana, a imagem cruciforme pendurada em uma das paredes da Câmara Plenária da Corte Constitucional Colombiana, representando o Jesus Católico na Cruz, não tem um significado confessional, ou seja, não faz alusão a um credo religioso específico; pelo contrário, **encarna a identidade histórica e cultural trazida pela colonização européia**.
66. O Tribunal afirma que a imagem do Jesus católico crucificado, desafiando com coragem a adversidade, forjou naquelas primeiras gerações evangelizadas uma identidade cultural própria, baseada precisamente na resistência e na luta diante de qualquer adversidade, um lema que, através do tempo e da miscigenação, tornou-se parte da vida cotidiana dos latino-americanos em todas as atividades ou negócios ou em qualquer empreendimento que eles empreenderam. Assim, a cruz de madeira e Jesus Cristo manchando cada segmento dela com seu sangue passou de personificar o poder universal de um poder conquistador a encarnar a esperança nas experiências dos conquistados⁴³. A Corte explica que a "apatia de seus deuses", diante do conquistador estrangeiro, levou os aborígenes a aceitar o cristianismo como um substituto para suas crenças místicas, um processo precedido por uma doutrinação caracterizada por uma mistura de divindades católicas com as convicções espirituais dos nativos, o que foi chamado de "sincretismo religioso".

⁴⁰ *Ibid.* (grifo nosso)

⁴¹ *Ibid.*

⁴² *Ibid.*

⁴³ Para fins de análise sociológica, a Corte colombiana cita: Richardson, M., Pardo, M.G., Bode, B. (1992). The Image of Christ in Spanish America as a Model of Suffering; Paz, O. (1970). O Labirinto da Solidão; Fuentes, C. (2013). O Espelho Enterrado. Pamplona (Navarra); Lafaye, J. (1977). Quetzalcóatl Y Guadalupe: La Formación de la Conciencia Nacional en México.



67. Este sincretismo religioso também se espalhou para os outros territórios do "Novo Mundo". Na Colômbia, Venezuela, Equador, Peru e Chile, os nativos afiliaram as efígies da Cruz e de Jesus Cristo com um modelo de comportamento diante do sofrimento da ocupação estrangeira. Na América espanhola, o Cristo pendurado na Cruz, agonizante e doloroso, não simboliza a tragédia, mas é um sinal de força e caráter. O fato de ver um ser humano torturado e violentado fisicamente, mas mantendo um olhar corajoso, humilde e paciente, como uma aceitação de seu destino, mostrando que a dor não é capaz de quebrar seu espírito, exemplifica apenas uma coisa: "*o homem ideal da cultura*"⁴⁴.
68. Para esta Corte, afirmar que o sinal cruciforme do catolicismo se refere exclusivamente a esse credo específico é ignorar a história e a identidade cultural da maioria do povo latino-americano. Em outras palavras, **a Colômbia reconheceu que os símbolos religiosos do cristianismo fazem parte da tradição cultural colombiana e do pluralismo social.**
69. Além disso, a Câmara não desrespeita o princípio da "pluralidade" ou a natureza "secular" do Estado colombiano, e considera que não há violação da "dignidade humana" do autor, na medida em que a finalidade do crucifixo pendurado na Câmara Plenária da Corte Constitucional da Colômbia, localizada no Palácio da Justiça Alfonso Reyes Echandía, **não é outra senão reconhecer uma tradição cultural na Colômbia, enraizada na consciência de cada um dos habitantes durante séculos; Independentemente das implicações religiosas que o reclamante quis destacar, além do valor social e cultural que evidentemente está subjacente a este elemento.**
70. Na mesma linha, a Corte **criticou como radical** a interpretação da cláusula de separação entre Estado e Igreja, uma vez que, segundo a **Corte, confunde laicidade com ateísmo, e assim procura proscrever manifestações culturais por ter um caráter religioso, o que, por sua vez, é uma forma de se fazer uma distinção, Isto não é diamantino neste assunto, e acabaria dando uma** visão negativa da **identidade cultural da Colômbia** - que é pluralista e respeitadora da dignidade humana - já que o Crucifixo é um objeto com um vínculo inegável com a civilização ocidental, uma civilização à qual a sociedade colombiana pertence.
71. Além disso, a Corte colombiana adverte que os elementos que representam um dogma teológico nem sempre têm força suficiente para influenciar as pessoas que entram em contato com eles e, portanto, não violam o direito à liberdade religiosa; nessa medida, o símbolo religioso, como expressão cultural, não é mais que um *slogan* passivo⁴⁵ ou neutro, que não identifica uma fé em particular.
72. Além do raciocínio da Corte Colombiana neste caso, os argumentos da Corte Constitucional Colombiana, transcritos na sentença analisada, dão maior força à alegação do valor histórico e cultural do Crucifixo que paira na Câmara Plenária da Corte Constitucional.
73. Em resposta a uma petição que o mesmo requerente (DC) havia apresentado ao Tribunal Constitucional colombiano, este último também teve a oportunidade de assinalar que o Cristo do qual o requerente se queixava **tinha inegáveis valores históricos e culturais.** A Corte Constitucional observou que a Cruz

⁴⁴ Richardson, M., Pardo, M.G., Bode, B. (1992). A Imagem de Cristo na América Espanhola como Modelo de Sofrimento. In: Damen, F. e Judd Zanon, E. Cristo Crucificado en los Pueblos de América Latina Antología de la Religión Popular (pp. 99-123). Leuven (Bélgica): Stauros International.

⁴⁵ No caso Lautsi, uma cruz pendurada em uma sala de aula de uma escola pública foi considerada um símbolo passivo, pois não exigia nenhuma ação do espectador, ou seja, não exigia reverência ou oração do espectador (Puppink, Grégor, The Case of Lautsi v. Italy, Ius Canonicum, vol. 52, No. 104, 2012).



acompanha as sessões da Câmara Plena da Corte Constitucional desde 7 de julho de 1999, quando foi realizada a primeira sessão da Câmara no prédio do Palácio da Justiça Alfonso Reyes Echandía. A Corte Constitucional reconhece o valor histórico objetivo deste evento dentro da instituição. Além disso, a Corte Constitucional aponta que a Cruz tem um significado cultural, devido ao fato de ter sido esculpida em madeira por um artesão do setor da Candelária⁴⁶ de reconhecido talento, e que, por esta razão, seus critérios e objetividade não foram afetados ao reafirmar a natureza secular do Estado colombiano e a igual proteção da liberdade de consciência.

b) JORGE MANUEL LINARES BUSTAMANTE V. PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA EM SUA QUALIDADE DE MAIS ALTO REPRESENTANTE DO PODER JUDICIÁRIO (JL V. CSJL)⁴⁷. SENTENÇA DA REPÚBLICA DO PERU

74. Em outro caso consideravelmente semelhante ao presente, o Tribunal Constitucional da República do Peru chegou à mesma conclusão que no caso Lautsi, na Itália, supracitado. Jorge Manuel Linares Bustamante (JL) apresentou um pedido de amparo contra o Presidente da Suprema Corte de Justiça da República do Peru, solicitando: a) a remoção, em todas as câmaras judiciais e magistrados de todo o país, de símbolos da religião católica como a Bíblia ou o crucifixo, e b) a exclusão, em todos os processos ou declarações perante o judiciário, de questões sobre a religião professada pelo réu ou declarante em geral⁴⁸. O autor alega que seus direitos à igualdade, de não ser discriminado com base na religião, opinião ou de outra forma, foram violados.
75. JL argumenta que a exibição de símbolos religiosos em cargos judiciais e tribunais não corresponde a um estado laico onde existe liberdade religiosa. Segundo a recorrente, a exibição ou exibição dos símbolos religiosos "crucifixo" e "Bíblia" foi discriminatória para os cidadãos não-católicos. Para o recorrente, a exibição destes símbolos em propriedade pública implicava que o dogma e a moralidade católica prevaleciam nas instituições públicas.
76. O Tribunal Constitucional peruano conclui que a queixa é infundada na medida em que solicita a remoção dos símbolos religiosos em todas as câmaras judiciais e magistrados de todo o país, uma vez que "eles não afetam os direitos invocados pelo recorrente ou o princípio da laicidade do Estado, na medida em que a presença desses símbolos responde a uma tradição historicamente enraizada na sociedade, o que se explica pelo fato de a Igreja Católica ser um elemento importante na formação histórica, cultural e moral do Peru"⁴⁹.
77. Para resolver o pedido de retirada, a Corte peruana analisou os seguintes conceitos: (i) o direito fundamental à liberdade religiosa; (ii) o princípio de direito da não-discriminação ou igualdade religiosa; (iii) o princípio

⁴⁶ Distrito histórico da cidade de Bogotá. "Falar do bairro de La Candelaria é falar da história de Bogotá. Foi o lugar onde a cidade foi fundada em 1538 e leva seu nome de uma capela católica construída em homenagem à Virgen de la Candelaria. Estas ruas íngremes de pedra, que parecem chegar até o céu, viram a história do país. Muito antes de Gonzalo Jiménez de Quesada fundar esta cidade em um vale de alcázares e erguer doze casinhas no Chorro de Quevedo, ela era um local sagrado para os Muiscas". Para mais informações sobre o bairro da Candelária, veja <https://colombia.travel/es/bogota/recorre-el-barrio-la-candelaria>.

⁴⁷ Acórdão do Tribunal Constitucional da República do Peru, Jorge Manuel Linares Bustamante contra a decisão da Primeira Câmara Civil Especializada do Tribunal Superior de Justiça do Norte de Lima, STC No. 06111-2009-PA/TC, 11 de março de 2011. Disponível em: <https://tc.gob.pe/jurisprudencia/2011/06111-2009-AA.pdf> (última revisão 11 de dezembro de 2022).

⁴⁸ Neste relatório trataremos apenas do pedido a) de ordenar a remoção, em todas as câmaras judiciais e magistrados de todo o país, de símbolos da religião católica, tais como a Bíblia ou o crucifixo.

⁴⁹ JL V. CSJL, para. 43 (grifo nosso).



da laicidade do Estado; (iv) o princípio da colaboração entre o Estado e as denominações religiosas; e finalmente os aplicou aos fatos do caso (presença do crucifixo e da Bíblia nos escritórios e tribunais do judiciário).

78. Com relação ao direito fundamental à liberdade religiosa, o Tribunal peruano lembra que o Pacto Internacional sobre Direitos Civis e Políticos (Artigo 18) e a Convenção Americana sobre Direitos Humanos (Artigo 12) indicam que a liberdade religiosa estará sujeita apenas às limitações prescritas por lei e são necessárias para proteger a segurança pública, a ordem, a saúde ou a moral, ou os direitos e liberdades fundamentais de terceiros.
79. Com relação ao princípio de direito da não discriminação ou igualdade religiosa, a Corte Constitucional da República do Peru determina que igualdade não significa uniformidade. Portanto, a fim de determinar se em um caso específico há uma violação do princípio de direito da não-discriminação ou da igualdade religiosa, deve-se primeiro determinar se há tratamento desigual baseado em justificativas objetivas e razoáveis; ou se é um tratamento desigual arbitrário, caprichoso e injustificado e, portanto, discriminatório.
80. Em relação ao princípio da laicidade, a Corte peruana especifica que seu modelo constitucional é o do não-confessionalismo, pelo qual não há aderência a nenhum credo religioso em particular. No entanto, a Corte especifica que o Estado peruano **reconhece a Igreja Católica como parte integrante de seu processo de formação histórica, cultural e moral. Aos olhos desta Corporação, o fato de haver um reconhecimento expresso da indubitável importância da religião católica no desenvolvimento de suas tradições e valores⁵⁰ como nação não impede o Estado de proclamar o pluralismo religioso, de acordo com o modelo constitucional do não-confessionalismo.**
81. Com relação ao princípio de colaboração entre o Estado e as denominações religiosas, a Corte Constitucional da República do Peru afirma que o termo "colaboração" usado na Constituição da República do Peru indica que o modelo constitucional não corresponde aos sistemas de união, nem aos sistemas de separação absoluta entre o Estado e as denominações. A colaboração entre o Estado e as denominações religiosas é um ponto de encontro equidistante da união e não união entre elas. Inclusive, da mesma forma que no Brasil, como veremos adiante.
82. Além disso, a Corte peruana observa que sua jurisprudência constitucional "*nega ao poder político o poder de afirmar uma verdade teológica, embora possa reconhecer o papel histórico, social ou cultural desempenhado por uma Igreja. Confissão ou Comunidade Religiosa em favor da institucionalização e desenvolvimento da (a) sociedade* política"⁵¹.
83. Finalmente, o Tribunal peruano chega à subsunção dos fatos do caso, aos conceitos explicados anteriormente. O Tribunal considerou que **a contribuição da Igreja Católica para a formação da sociedade política peruana, sua história, cultura e moral, se manifesta em elementos historicamente presentes em diversas esferas públicas, e pode-se afirmar que, além do caráter religioso de sua origem, esses elementos e símbolos têm atualmente um caráter histórico e cultural.**

⁵⁰ Em particular, o Tribunal Constitucional da República do Peru se refere ao conceito de "dignidade humana", especialmente desenvolvido pelo pensamento católico (JL v. CSJL, para. 26).

⁵¹ Acórdão do Tribunal Constitucional da República do Peru, Taj Mahal Discoteque e outro v. Município Provincial de Huancayo, Exp. N. 3283-2003-AA/TC, 15 de junho de 2004, par. 22 (grifo nosso).



84. A título de exemplo, o Tribunal lista vários destes símbolos, originalmente considerados religiosos (católicos), que hoje desempenham um papel histórico em várias esferas públicas: o brasão da Prefeitura Metropolitana de Lima (contendo uma estrela de Belém e três coroas correspondentes a cada um dos três Reis Magos); a cruz no brasão do departamento de Piura; o símbolo do "Cordeiro de Deus" no brasão do departamento de Ayacucho; a cruz também é encontrada em importantes instituições educacionais estatais como a Universidade San Antonio Abad del Curso, San Cristóbal de Huamanga ou a Universidade Nacional de Huancavelica; a Universidade Nacional Mayor de San Marcos mostra o evangelista San Marcos escrevendo seu Evangelho; o Presidente, os Ministros de Estado e os Parlamentares prestam juramento ao assumirem seus respectivos cargos diante de um crucifixo e da Bíblia; entre outros.
85. A luz de tudo isso, a Corte **afirma que a presença de símbolos religiosos no espaço público, como o crucifixo ou a Bíblia, tem um significado histórico e tradicional.** Além disso, especifica que, enquanto em um templo o crucifixo tem um significado religioso, **em um ambiente público (como nos escritórios e tribunais do Judiciário) ele tem um valor cultural, ligado à história de um país, sua cultura ou tradições.** Neste contexto, o fato de o Estado manter estes símbolos não significa que está abandonando seu status de Estado laico para se tornar um Estado confessional que protege a religião católica.
86. O Tribunal continua a afirmar que a mera presença de um crucifixo ou de uma Bíblia em um escritório ou tribunal do judiciário não força ninguém a agir contrariamente às suas convicções. De fato, **não se pode argumentar que da presença de tais símbolos deriva qualquer obrigação para o apelante (de culto ou veneração, por exemplo), cujo cumprimento afetaria sua consciência e poderia dar origem a uma objeção de consciência, que esta Corte já teve ocasião de defender**⁵².
87. Finalmente, o Tribunal Superior peruano conclui que **"nem a liberdade religiosa nem a laicidade do Estado podem ser entendidas como afetadas quando as expressões são respeitadas, que, embora originalmente religiosas, já fazem parte das tradições sociais de um país"**⁵³, classificando novamente os símbolos religiosos originários do cristianismo como expressões das tradições sociais de um país latinoamericano.

c) ASOCIACIÓN CIVIL ASAMBLEA PERMANENTE POR LOS DERECHOS HUMANOS V. DIRECCIÓN GENERAL DE ESCUELAS (APDH V. DGE)⁵⁴, SENTENÇA DA REPÚBLICA ARGENTINA

88. A Suprema Corte de Justiça da Nação da República Argentina (Corte Suprema Argentina), também teve recentemente a oportunidade de se pronunciar sobre a admissão de expressões religiosas em espaços públicos. A Corte Suprema Argentina decidiu no caso da Asociación Civil Asamblea Permanente por los

⁵²Acórdão do Tribunal Constitucional da República do Peru, Lucio Valentín Rosado Adanaque v. Social Health Insurance-ESSALUD, Almanzor Aguinaga Asenjo National Hospital, Exp. 0895-2001-AA/TC de 10 de agosto de 2022; neste caso, este Tribunal ordenou a não inclusão de um trabalhador da denominação Adventista do Sétimo Dia no dia útil do sábado, pois forçá-lo a trabalhar naquele dia afetou suas convicções religiosas, para o qual o sábado é um dia dedicado ao culto. Mais uma vez, o conceito do sinal passivo desenvolvido em Lautsi é aludido.

⁵³JL v. CSJL, para. 48.

⁵⁴Asociación Civil Asamblea Permanente por los Derechos Humanos v. Dirección General de Escuelas CSJ 4956/2015/RH1, 23 de agosto de 2022.

Disponível em: <https://www.diariojudicial.com/public/documentos/000/104/266/000104266.pdf> (última revisão de dezembro de 2022).



Derechos Humanos (APDH) v. Dirección General de Escuelas de la Provincia de Mendoza (DGEM), onde decidiu proteger essas expressões religiosas na medida em que faziam parte das tradições e da história da província de Mendoza.

89. Neste caso, a APDH interpôs uma ação coletiva contra a Diretoria Geral de Escolas da Província de Mendoza, buscando uma declaração de inconstitucionalidade e inaplicabilidade da resolução 2616-DGE-2012 na medida em que prevê atividades de "*grande significado*" e "*com a participação de toda a comunidade educativa*" nos dias 25 de julho e 8 de setembro, em comemoração ao "Patrono São Santiago" e à "Virgen del Carmen de Cuyo", respectivamente. Assim, ele solicitou que o réu fosse ordenado a abster-se de instruir pessoal docente e não docente e estudantes sob sua autoridade administrativa a participar de qualquer forma em tais eventos escolares.
90. A recorrente apresenta argumentos baseados na afirmação de que as duas comemorações contestadas, e as atividades previstas no calendário escolar para celebrar essas datas, constituem atos de culto e doutrinação na fé católica, o que é discriminatório para aqueles que não professam essa religião majoritária e, como resultado, infringe a liberdade religiosa e a consciência dos alunos, estudantes e membros do pessoal educacional que não professam a fé católica ou qualquer outra fé, bem como uma violação de seus direitos à igualdade de tratamento, como consequência, infringe a liberdade religiosa e a liberdade de consciência dos alunos, estudantes e membros do pessoal educacional que não professam a fé católica ou qualquer outra fé, além de afetar seus direitos à igualdade e à não discriminação, e o direito dos pais de escolher a educação de seus filhos.
91. No caso em questão, a Suprema Corte argentina deve determinar se as comemorações e atividades em questão constituem atos de culto à fé católica ou de alguma forma implicam em doutrinação nessa religião. A Corte conclui **que os eventos acima mencionados carecem do suposto conteúdo religioso e, conseqüentemente, sua celebração está dentro dos poderes da província para organizar seu calendário escolar**, e que a forma como são regulamentados não infringe nenhum direito constitucional. Para chegar a esta conclusão, a Suprema Corte argentina examinou a relevância histórica do "Patrono Santiago" e da "Virgen del Carmen de Cuyo" e seu papel na história da província de Mendoza.
92. A Suprema Corte desenvolve que certas figuras históricas que são identificadas com um certo credo muitas vezes têm, além de seu uso e significado religioso, um uso e significado secular, em geral, histórico e cultural. Nesta perspectiva, o uso por membros de uma comunidade de um símbolo em sua origem religiosa com um significado secular não implica, de forma alguma, sua aceitação de seu significado religioso.
93. Desta forma, o Tribunal observa que há uma espécie de **transformação do significado do sinal, um esvaziamento de seu conteúdo estritamente religioso, o que permite garantir o princípio da neutralidade do Estado sem a necessidade de excluí-lo da esfera pública**. O Tribunal explica que, embora as comemorações e atividades previstas na norma contestada se refiram a duas figuras pertencentes a uma determinada religião, elas só o fazem na medida em que estejam ligadas à história e à tradição cultural da Província de Mendoza. **De fato, é a marca histórica dessas duas datas, seu significado e suas raízes na cultura local, que define essas festividades e a razão que determinou, de acordo com o que emerge do regulamento da autoridade educacional provincial, sua inclusão no calendário escolar e a realização de atividades alusivas.**



94. Em relação ao significado e às raízes culturais de ambas as figuras, a Suprema Corte afirma que, em 25 de julho, o dia de São Tiago é celebrado, não por seu papel bíblico de discípulo proeminente de Jesus de Nazaré ou seu trabalho evangelizador na Península Ibérica, mas como padroeiro da cidade e província de Mendoza. Em outras palavras, é um dia em que se evoca a figura de Santiago como o protetor e guardião de Mendoza, **dando à celebração um sentido de festa cívica, típica da cultura, história e identidade do povo de Mendoza.**
95. O Tribunal continua dizendo que, em 8 de setembro, a Virgen del Carmen de Cuyo é lembrada por ter sido nomeada "Padroeira e General do Exército dos Andes" por José de San Martín, que por sua vez lhe deu seu bastão de comando e uma carta de reconhecimento e gratidão por sua proteção durante o ato libertador. Esse ato teve grande significado para a comunidade de Mendoza com um notório espírito patriótico. São estes acontecimentos históricos, nos quais a figura do herói nascido em Yapeyú e a campanha do Exército dos Andes são exaltadas, que são comemorados, sem adorar a figura da Virgem Maria como a mãe de Jesus Cristo ou sem se dirigir aos dogmas marianos defendidos pela Igreja Católica Apostólica Romana.
96. Além do argumento acima, a Corte apontou que o recorrente não conseguiu refutar duas questões fundamentais: por um lado, que a decisão impugnada contempla as crenças daqueles de diferentes credos ao prever datas relevantes para outras religiões como feriados não laborais; e, por outro lado, que as comemorações em questão não são atos de culto ou doutrinação, mas evocações de tradições mendocinas que buscam fortalecer a identidade e a pertença à comunidade provincial. Finalmente, ele ressaltou **que o recorrente também não conseguiu demonstrar como as comemorações em questão violaram o direito à liberdade religiosa, à não discriminação e ao direito dos pais de escolher a educação de seus filhos.**
97. Nas palavras da Corte de primeira instância, citadas pela Suprema Corte argentina, a pretendida erradicação das tradições locais do ambiente escolar público **"constituiria um ato de reducionismo e repressão das manifestações e sentimentos populares do povo de Mendoza, que vão além de sua religiosidade pessoal, pois fazem parte de seu patrimônio histórico e de sua tradição"** (cf. fs. 661 do processo principal). Além disso, ele assinalou que a rejeição da ação não implicava um descaso com a laicidade que deveria prevalecer nas salas de aula das escolas públicas, mas sim o reconhecimento de que uma educação voltada para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes poderia evocar figuras religiosas que tivessem tido influência nos acontecimentos históricos da província, sem incorrer em doutrinação. A este respeito, indicou que as comemorações contestadas se referem a duas figuras representativas da Igreja Católica somente na medida em que estejam ligadas à história da Província de Mendoza.
98. Dado o contexto factual e normativo descrito acima, pode-se afirmar que a Província de Mendoza, ao contemplar as comemorações e atividades em questão, não pretende impor atos de culto ou práticas em uma determinada fé, mas celebrar duas datas que se destacam por sua importância histórica e seu significado secular, enraizadas na tradição e na cultura local, procurando assim fortalecer a existência de uma comunidade provincial e mantendo o princípio da neutralidade religiosa do Estado intocado.
99. Aos olhos desta Corte, as celebrações acima mencionadas são sobre a celebração de eventos históricos e culturais, que fazem parte da identidade e tradição provincial, e tendem a afirmar a pertença à comunidade, que, além de sua ligação incidental com figuras de uma determinada religião, **têm um claro significado e uso secular, e são abordadas a partir de uma perspectiva democrática, neutra e objetiva, despojada de doutrinação e atos de fé. Essas figuras ou símbolos originalmente identificados com o credo católico adquirem um significado diferente, secularizados e removidos de seu significado religioso estrito.** Neste sentido, vale notar que o uso pelos membros de uma comunidade de um símbolo com um



significado secular em sua origem religiosa não implica de forma alguma sua aceitação de seu significado religioso.

100.O acima exposto leva, como mencionado acima, a descartar a possibilidade de o caso envolver uma violação da liberdade religiosa e da liberdade de consciência dos alunos, estudantes e membros do pessoal educacional que não professam a fé católica ou qualquer outra fé, bem como uma violação de seus direitos à igualdade e à não discriminação.

d) AMERICAN LEGION V. AMERICAN HUMANIST ASSOCIATION, 588 US (2019)⁵⁵.
SENTENÇA DA SUPREMA CORTE DOS ESTADOS UNIDOS.

101.Finalmente, vale a pena mencionar a decisão da Suprema Corte dos Estados Unidos, que atualmente rege o assunto neste país norte-americano. Em sua decisão no caso “Legião Americana contra a Associação Humanista Americana (2019)”, a Suprema Corte dos EUA decidiu proteger a exibição de símbolos religiosos em espaços públicos quando eles não envolvem proselitismo religioso.

102.Em 1918, os residentes de Bladensburg, Maryland, formaram um comitê com o objetivo de erguer um memorial aos soldados caídos da Primeira Guerra Mundial do condado. O comitê decidiu que o memorial deveria ser uma grande cruz latina, o que não foi surpreendente, já que a cruz latina havia se tornado o símbolo central da guerra. A cruz latina de 32 pés de altura exibe o emblema da Legião Americana em seu centro e se assenta em um grande pedestal no qual se encontra, entre outras coisas, uma placa de bronze com os nomes dos 49 soldados do condado que caíram na guerra. Desde então, esta cruz (a "Cruz de Bladensburg") tem sido o local de eventos patrióticos em homenagem aos veteranos, como o Dia dos Veteranos, o Dia da Memória e o Dia da Independência.

103.Em 2014, a Associação Humanista Americana, e outras organizações, entrou com uma ação no Tribunal Distrital, alegando que a presença da Cruz de Bladensburg no espaço público, e a manutenção do monumento pela Comissão, viola a Cláusula de Estabelecimento⁵⁶ da Primeira Emenda da Constituição dos EUA. A Legião Americana interveio para defender a Cruz de Bladensburg. O Tribunal Distrital concedeu julgamento sumário à Comissão e à Legião Americana concluindo que a Cruz de Bladensburg satisfaz tanto o teste anunciado em *Lemon v. Kurtzman*, 403 U. S. 602, quanto a análise aplicada pelo Juiz Breyer na manutenção de um monumento dos Dez Mandamentos em *Van Orden v. Perry*, 545 U. S. 602. *Perry*, 545 U. S. 677. O Quarto Circuito invertido. A Legião Americana solicitou à Suprema Corte dos EUA a revisão do caso, e a Suprema Corte concedeu a revisão.

104.Seguindo a posição da Corte Européia de Direitos Humanos, Argentina, Colômbia e Peru, a Suprema Corte dos Estados Unidos optou por proteger a exibição de um símbolo de origem religiosa em um espaço público, alegando que seu propósito não é o proselitismo religioso, e que faz parte das tradições da comunidade que o erigiu.

⁵⁵ Legião Americana v. Associação Humanista Americana, 588 US (2019). Disponível em: https://www.supremecourt.gov/opinions/18pdf/17-1717_4f14.pdf.

⁵⁶ “A Cláusula de Estabelecimento da Primeira Emenda proíbe o governo de decretar qualquer lei “respeitando um estabelecimento de religião”. Esta cláusula não apenas proíbe o governo de estabelecer uma religião oficial, mas também proíbe ações governamentais que favoreçam indevidamente uma religião em detrimento de outra. Ela também proíbe o governo de preferir indevidamente a religião à não religião, ou não religião à religião” - Instituto de Informação Jurídica. Lei Cornell. Disponível em: https://www.law.cornell.edu/wex/establishment_clause (última revisão 14 de dezembro de 2022).

105. Aos olhos desta Suprema Corte, embora o símbolo da cruz seja há muito tempo um símbolo que identifica principalmente o cristianismo, seu uso no monumento de Bladensburg serve a **um propósito diferente do proselitismo religioso**. Após a Primeira Guerra Mundial, a imagem de fileiras de cruzeiras brancas marcando os túmulos de soldados que haviam perdido a vida naquele horrível conflito ficou gravada na mente dos americanos, e a adoção da cruz como memorial de Bladensburg deve ser vista nesse contexto histórico. Durante quase um século, a Cruz de Bladensburg expressou o pesar da comunidade pela perda dos jovens que pereceram, gratidão por seu sacrifício e dedicação aos ideais pelos quais eles lutaram.
106. A Suprema Corte sustenta que a existência de múltiplos propósitos não é exclusiva de monumentos, símbolos ou práticas com uma longa tradição, mas este fenômeno é mais provável que ocorra em tais casos. Mesmo que o propósito original de um monumento estivesse impregnado de religião no seu início, a passagem do tempo pode obscurecer esse sentimento e propósito. medida que a sociedade se torna cada vez mais diversificada religiosamente, **uma comunidade pode preservar tais monumentos, símbolos e práticas por seu significado histórico ou por seu lugar em um patrimônio cultural comum**. (Cf. Schempp, 374 U. S., em 264-265 (Brennan, J., concurando).
107. A teoria da Corte é que, com o tempo, **monumentos, símbolos e práticas religiosas podem se tornar elementos da paisagem e da identidade de uma comunidade. A comunidade pode vir a valorizá-los sem necessariamente abraçar suas raízes religiosas**. Para provar este ponto, a Corte traz à tona o trágico incêndio de *Notre Dame* em Paris. Embora a República Francesa seja notoriamente secular, tendo como sistema de relação Igreja-Estado o laicismo, a catedral permanece um símbolo de importância nacional para os franceses, religiosos e não-religiosos. *Notre Dame* é principalmente um lugar de culto e conserva grande significado religioso, mas seu significado se ampliou. Para muitos ela está inextricavelmente ligada à própria idéia de Paris e da França. Em sua declaração pública sobre o assunto, o Presidente Macron disse que *Notre Dame "é nossa história, nossa literatura, nossa imaginação". O lugar onde sobrevivemos a epidemias, guerras e libertações". Tem sido o epicentro de nossas vidas*".
108. O MPF insiste em suas alegações de que manter imagens de origem religiosa em edifícios públicos permite que o Estado se engaje em uma preferência ilegítima da religião católica em relação a outras religiões. O MPF ignora **o valor meramente simbólico da exibição de tais imagens que lembram as origens históricas e culturais da sociedade brasileira**, ou seja, a exibição destes símbolos não implica uma preferência de uma religião sobre outra, eles são uma expressão cultural espontânea derivada do fato de que o cristianismo é um dos pilares da cultura ocidental⁵⁷, e, portanto, da cultura brasileira, bem como o próprio sistema de laicidade colaborativa, expresso na Constituição brasileira, em seu art. 19, I. A exibição de tais símbolos de forma alguma implica que toda a Administração pública do Estado brasileiro esteja de acordo com os princípios do cristianismo; nem que os cristãos serão tratados melhor pelo Estado do que os não cristãos; e muito menos que as decisões que um juiz emitirá em sua sala de audiências serão influenciadas pelo pensamento cristão. A suposta "preferência" alegada pelo MPF é inexistente e irreal, a exibição destas imagens é uma manifestação religioso-cultural, uma consequência direta da história do Brasil, não uma inclinação do Estado em favor de uma doutrina religiosa.
109. Outro exemplo do valor simbólico da expressão religiosa no espaço público encontra-se no preâmbulo da própria Constituição brasileira, que diz: "*promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL*". Esta frase convive pacificamente com o resto dos princípios do Estado secular e da igualdade e não discriminação, pois tem um valor alegórico que não

⁵⁷ J.R. Ayllón. "Os Pilares da Europa: História e Filosofia do Ocidente". EUNSA.(2013)

prefigura de forma alguma a relação do Estado com as confissões religiosas presentes no país, nem com os cidadãos ateus que não professam nenhuma religião. Ensina a doutrina brasileira especializada no tema:

O Estado constitucional brasileiro se assenta sobre fundamentos teístas, como podemos perceber quando a rma a proteção de Deus no preâmbulo constitucional. Não precisamos entrar aqui na ampla celeuma se o preâmbulo possui ou não força normativa; todavia, é uníssono que “tem valor como vetor para a interpretação e aplicação das normas constitucionais. Ele tem, portanto, e cácia interpretativa e integrativa”. Em outras palavras, dele irradia, assim como de outros dispositivos constitucionais, o fundamento teísta em diversos dispositivos constitucionais. Rémi Brague ensina que “a ética constitui a moldura da ordem profana. Mas, como toda moldura, ela simplesmente limita negativamente, sem impor diretivas positivas”. Esse é o peso de a influência religiosa na ordem política — no Brasil, a influência cristã — ser a moldura ética, a exigência moral que transpassa por todo o Estado constitucional⁵⁸.

110.Em conclusão a esta seção, chamamos a atenção do STF que, diante de fatos semelhantes, vários Tribunais Superiores em nossa região concluíram uniformemente que a exibição de símbolos de origem religiosa em espaços públicos não é capaz de violar o conteúdo normativo de liberdade de religião e consciência, nem de violar o princípio de separação entre Igreja e Estado. A este respeito, há acordo não apenas entre os órgãos judiciais americanos, mas também com a Corte Européia de Direitos Humanos. O Ministério Público Federal propõe uma solução diametralmente oposta à tendência internacional na matéria, e o faz sem ter analisado aspectos importantes da discussão ou precedentes relevantes de direito comparado. O diálogo com os argumentos apresentados nos julgamentos citados, incluindo uma análise abrangente do valor do cristianismo na história e cultura do Brasil, é necessário até para fins de proteção da expressão das origens históricas e culturais da sociedade brasileira em edifícios públicos do Estado.

IV. O PRINCÍPIO DA NEUTRALIDADE DO ESTADO QUE REGE AS RELAÇÕES IGREJA-ESTADO NÃO IMPLICA A REMOÇÃO SISTEMÁTICA DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS DOS ESPAÇOS PÚBLICOS E A HOSTILIDADE AO CRISTIANISMO.

111.Como pode ser deduzido da seção anterior, além do fato de que nenhuma jurisdição de nosso conhecimento concluiu que a exibição de símbolos religiosos em espaços públicos viola a liberdade de religião ou crença, um dos argumentos mais relevantes da jurisprudência americana em relação à proteção dos símbolos religiosos na esfera pública é a proteção proporcionada pelo inegável valor social, histórico e cultural que os elementos cristãos podem adquirir na sociedade de nossa região; Mas este raciocínio é acompanhado de duas noções legais adicionais, sendo uma a correta compreensão do princípio da neutralidade do Estado, que analisaremos a seguir, e a segunda que o direito à liberdade religiosa não protege as "emoções" de uma ordem meramente subjetiva, que analisaremos na seção seguinte.

112.O caso *Lautsi* destaca que a convicção secular não é, como muitos afirmam, "mais neutra" do que uma convicção propriamente religiosa. Nas palavras dos Estados que participaram como terceiros interessados na audiência do caso Lautsi, "*optar pela laicidade é um ponto de vista político respeitável, sem dúvida, mas não é neutro*". *Portanto, um Estado que defende, no campo da educação, o laico em oposição ao religioso, não é neutro*"⁵⁹.

⁵⁸ VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. A laicidade colaborativa brasileira: da aurora da civilização à Constituição brasileira de 1988. São Paulo: Edições Vida Nova, 2021, p. 249.

⁵⁹ Tribunal Europeu dos Direitos Humanos ("TEDH") no processo Lautsi e Outros v. Itália [GC], no. 30814/06, ECHR 2011, GS § 47

113.A verdade é que, nesta esfera, a reivindicação de neutralidade equidistante entre diferentes posições é irrealista e impraticável. Negar ao Estado o direito de comemorar festivais celebrados por seus próprios habitantes (para quem a religião é central para sua identidade) não tem o efeito de fazer justiça a todos igualmente, mas simplesmente deixa felizes aqueles que procuram exercer o poder de veto, forçando o Estado a subjugar-se a sua própria concepção de vida, que é a religiosa. **É por isso que o critério relevante em matéria de direitos humanos não é a salvaguarda da perfeita neutralidade religiosa, que é em última análise ilusória, mas a existência ou não de uma coação real e legalmente relevante daqueles que não compartilham o significado do símbolo em questão**⁶⁰.

114.Isto é particularmente relevante uma vez que, para regular adequadamente o exercício do direito à liberdade religiosa, é necessário que o STF reconheça que o conceito de laicidade não é identificado com o conceito de neutralidade⁶¹. A laicidade não é um ponto de partida vazio, mas na verdade implica a escolha de um quadro filosófico e de uma visão de mundo a partir do qual se possa abordar a realidade (como faz a filosofia cristã). Em outras palavras, a laicidade não é inversamente proporcional ao religioso. Ao contrário, ele é uma alternativa paralela ao religioso. Obter clareza sobre estes conceitos subjacentes assegurará que a decisão do STF atinja a imparcialidade desejada que o Estado deve visar com relação às expressões de origem religiosa, em vez de se envolver em hostilidade ou intolerância em relação a elas.

a) ASOCIACIÓN POR LOS DERECHOS CIVILES Y OTRO V. PRESIDENCIA DEL SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTICIA DE LA PAMPA (ADC V. STJLP)⁶².
SENTENÇA DA REPÚBLICA ARGENTINA

115.Neste caso, o Tribunal Superior de Justiça de La Pampa (Tribunal de La Pampa) deve resolver dois pedidos administrativos solicitando a remoção de todas as imagens religiosas expostas nos espaços públicos do Judiciário da Província de La Pampa. O Tribunal Superior não concedeu as petições e decidiu manter a exibição das imagens à luz do fato de que retirá-las seria neutralizar o fenômeno religioso na vida pública, contrário ao conceito de um estado laico.

116.A Asociación por los Derechos Civiles e outra da Asociación Pensamiento Penal, solicitam a retirada de todas as imagens religiosas expostas nas salas de audiência e espaços públicos dos edifícios do Poder Judiciário da Província de La Pampa, por considerarem que esta exposição é contrária ao princípio de neutralidade religiosa do Estado argentino. Além disso, os peticionários alegam que a exibição destas imagens viola o direito de todos os habitantes de serem tratados igualmente sem qualquer tipo de discriminação religiosa.

117.A primeira coisa que o Tribunal de La Pampa aponta é a existência de certas cruzes que fazem parte do mobiliário dos edifícios mais antigos do Judiciário e outras imagens que foram colocadas como manifestação de profunda piedade popular em espaços não relevantes. Por esta razão, para o Tribunal, é conveniente esclarecer se a exibição de símbolos religiosos nestes espaços públicos é, *por si só*, um ato contrário ao sistema legal.

⁶⁰ Puppink, Grégor, The Case of Lautsi v. Italy, Ius Canonicum, vol. 52, No. 104, 2012.

⁶¹ Puppink, Grégor, The Case of Lautsi v. Italy, Ius Canonicum, vol. 52, No. 104, 2012, p. 709.

⁶² Asociación por los derechos civiles y otro v. Presidencia del Superior Tribunal de Justicia de La Pampa, ex. No. 25.146/13, de 13 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.pensamientopenal.com.ar/fallos/41327-neutralidad-religiosa-retiro-simbolos-rechazo> (última revisão 11 de dezembro de 2022).



118. Para resolver a questão levantada, a Corte de La Pampa realiza: (i) uma análise do conceito de neutralidade do Estado em relação ao fenômeno religioso; (ii) identifica o valor cultural e tradicional das imagens religiosas na esfera pública⁶³; e (iii) a falta de afetação dos direitos fundamentais, devido à natureza passiva dos símbolos estáticos⁶⁴. Para os fins desta seção, vamos nos concentrar na argumentação apresentada a respeito da interpretação da neutralidade do Estado em relação às questões religiosas.
119. Segundo esta Corte, o modelo constitucional argentino com respeito ao princípio de separação Igreja-Estado é um modelo de laicidade positiva, para muitos um Estado confessional atenuado, no qual existe uma independência necessária e prudente entre Estado e Igrejas, mas o fator religioso é reconhecido como um fenômeno com transcendência social, uma dimensão da pessoa humana que não é relegada à esfera exclusivamente interna e que, como tal, não só não deve ser neutralizada, mas deve receber a cooperação adequada a fim de possibilitar as condições necessárias para o melhor desenvolvimento desta dimensão. Estabelece-se uma espécie de princípio de *favor religionis* no qual não há hostilidade do Estado em relação à religião, mas, ao contrário, ela é vista como um elemento positivo para o bem comum.
120. A Corte de La Pampa explica que, na laicidade positiva, o Estado continua a permanecer neutro em relação a todas as religiões e não assume, promove ou impõe nenhuma religião. No entanto, **esta neutralidade não implica a neutralização do fenômeno religioso, a eliminação sistemática e contínua de qualquer referência a ele na esfera pública, ou a impossibilidade de o Estado colaborar, mas um dever de imparcialidade.** Há um princípio de respeito à pluralidade religiosa que impede a adoção de atos ou políticas públicas que tendem à uniformidade religiosa, seja obstruindo o exercício de uma determinada religião ou forçando sua prática, seja interferindo, sem causa válida, em assuntos que afetem a identidade de cada grupo religioso.
121. Para o Tribunal, o termo “neutralidade” equivale a um dever de imparcialidade e respeito pela pluralidade enquadrado no modelo de laicidade positiva no qual o fator religioso “*deve ser levado em conta pelo poder estatal em termos de respeito pela dimensão humana da pessoa, mas, ao mesmo tempo, deve atender à autonomia de ambas as esferas, favorecendo a colaboração entre as igrejas, a fim de construir uma sociedade plural em que diversas identidades, inclusive religiosas, possam coexistir em paz*”⁶⁵.
122. Em resumo, o judiciário provincial explica que, ao tolerar os símbolos religiosos nos espaços públicos, pretende apenas respeitar as manifestações de identidade nacional e cooperar, acrescentando e não

⁶³ “**A presença de cruzes em espaços públicos não pode ser interpretada como uma forma de coerção contra outras confissões ou contra a consciência dos cidadãos. É simplesmente um fato cultural que responde à inegável influência que o cristianismo teve na formação histórica do país e implica a manifestação de uma prática de piedade popular que faz parte da rica herança de tradições de nossa nação**”. - ADC v. STJLP, III.2 (grifo nosso, tradução livre).

⁶⁴ “Este Corpo considera **que a exibição de símbolos estáticos, tais como cruzes, não afeta a liberdade religiosa (seja interna - liberdade de consciência - ou externa - liberdade de culto) na medida em que não coagem as pessoas a professar uma confissão, mudá-la ou não professar nenhuma, não as obrigam a agir de acordo com certas crenças e, menos ainda, a agir contra sua própria consciência**. Não as obrigam a adorar, a participar de um ritual ou mesmo a compartilhar seus valores. A ninguém é pedido que faça um ato de fé, que se cruze ou que os venere. As cruzes são essencialmente símbolos passivos que não têm capacidade de doutrinação” e “Note que **os peticionários não provaram, mesmo à primeira vista, que pela simples exibição de uma cruz em um espaço não relevante, qualquer indivíduo ou grupo minoritário em particular é afetado no exercício de sua liberdade religiosa** ou que qualquer questão relevante de qualquer grupo religioso foi interferida de modo a impedir o exercício de seus direitos”. - ADC v. STJLP, III.2. (grifo nosso, tradução livre)

⁶⁵ Conf. Gelli, María Angélica, “Espacio público y religión en la Constitución Argentina”. Laicismo y Laicidad en una sociedad plural”, L.L. 2005-E-1402.

subtraindo dos lugares de expressão. Em outras palavras, procura gerar áreas de entendimento onde o exercício dos direitos fundamentais das pessoas seja maximizado.

123. Para provar seu argumento, o Tribunal esclarece que a presença de símbolos religiosos em espaços públicos não é um ato de proselitismo estatal em favor de uma determinada religião, ou a adoção de uma confissão pelo judiciário. Pelo contrário, considera que ordenar a remoção dos símbolos religiosos como uma decisão governamental implicaria que o Judiciário adotaria uma postura específica em relação ao fenômeno religioso (ou seja, um "secularismo negativo"), o que constituiria um ato de intolerância que violaria a neutralidade reivindicada pelos peticionários⁶⁶ e que, além disso, não estaria de acordo com seu desenho constitucional no qual, como já foi dito, o Estado laico **é equivalente à neutralidade como imparcialidade, mas não à neutralização do fenômeno religioso na vida pública.**

b) JORGE MANUEL LINARES BUSTAMANTE V. PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA EM SUA QUALIDADE DE MAIS ALTO REPRESENTANTE DO PODER JUDICIÁRIO (JL V. CSJL)⁶⁷, SENTENÇA DA REPÚBLICA DO PERU

124. A decisão do Tribunal Constitucional peruano é mais uma vez relevante nesta seção em relação ao que foi dito em relação ao princípio da neutralidade do Estado que rege as relações Igreja-Estado. A Corte destaca o argumento de que a **incompetência radical do Estado diante da fé não significa que, com a desculpa do Estado laico, ele possa adotar uma atitude agnóstica ou ateísta ou refugiar-se na passividade ou indiferença com relação ao fator religioso, já que, em tal caso, abandonaria sua incompetência diante da fé e da prática religiosa, o que exige que ele se defina como um Estado laico, para se tornar uma espécie de Estado confessional não-religioso.** Assim, a liberdade religiosa pode ser afetada tanto por um Estado confessional acentuado ou regalista quanto por um Estado "secularista" hostil à religião⁶⁸.

125. O Tribunal explica que o fato de haver neutralidade do Estado em matéria religiosa não significa que as autoridades públicas tenham que desenvolver uma espécie de perseguição do fenômeno religioso ou de qualquer manifestação de natureza religiosa. A laicidade estatal é incompatível com um Estado que se considera o defensor ou protetor de uma confissão particular, mas também é um Estado que promove o ateísmo ou o agnosticismo ou o banimento da esfera pública de qualquer expressão de origem religiosa. **A incompetência do Estado diante da fé e da prática religiosa não significa a promoção do ateísmo ou do agnosticismo com a eliminação dos símbolos religiosos da esfera pública ou a imposição de uma ideologia anti-religiosa, ignorando as tradições que respondem à formação histórica, cultural e moral do Peru.** Agir desta última forma seria engajar-se em uma perseguição religiosa aberta.

e) AMERICAN LEGION V. AMERICAN HUMANIST ASSOCIATION, 588 US (2019)⁶⁹, SENTENÇA DA SUPREMA CORTE DOS ESTADOS UNIDOS

⁶⁶ Conf. "Lautsi e Outros v. Itália", Grande Câmara da Corte Européia de Direitos Humanos, 18/03/2011, considerando 2.10 da sentença do Juiz Bonello.

⁶⁷ Acórdão do Tribunal Constitucional da República do Peru, Jorge Manuel Linares Bustamante contra a decisão da Primeira Câmara Civil Especializada do Tribunal Superior de Justiça do Norte de Lima, STC No. 06111-2009-PA/TC, 11 de março de 2011. Disponível em: <https://tc.gob.pe/jurisprudencia/2011/06111-2009-AA.pdf> (última revisão 11 de dezembro de 2022).

⁶⁸ JL V. CSJL, para. 28

⁶⁹ Legião Americana v. Associação Humanista Americana, 588 US (2019). Disponível em: https://www.supremecourt.gov/opinions/18pdf/17-1717_4f14.pdf (última revisão 11 de dezembro de 2023).

- 126.No precedente que atualmente rege a questão da expressão da origem religiosa na esfera pública dos Estados Unidos, a Corte também fez uma referência ao conceito de neutralidade do Estado. A Corte entende que a passagem do tempo é um elemento a ser considerado ao debater a remoção de uma manifestação de origem religiosa na esfera pública. A seus olhos, tal símbolo ou prática, através da passagem do tempo, pode ter gerado sentimentos de familiaridade e significado histórico na comunidade, e sua remoção pode não mais parecer neutra, especialmente para a comunidade local para a qual adquiriu um significado particular. Os juízes americanos consideram que um governo que derruba monumentos com simbolismo religioso e pretende apagar qualquer referência ao divino no domínio público será considerado agressivamente hostil à religião.
- 127.Para a Suprema Corte dos EUA, tais ações lembram os projetos anti-religiosos de regimes militantemente seculares do passado (como a França da Revolução Francesa que explicitamente buscou "descristianizar" a nação), e acredita que, para aqueles que conhecem a história, um mandato estatal para derrubar monumentos de origem religiosa ou eliminar práticas tradicionais da mesma origem seria perturbador e divisivo. Ver Van Orden, 545 U. S., em 704 (opinião de BREYER, J.) ("[D]isputes concerning the removal of Ten Commandment depictions from public buildings across the country ... could create the kind of religious division that the Establishment Clause seeks to avoid").
- 128.Nesse sentido, a Corte citou Marsh v. Chambers, 463 U.S. 783 (1983) onde decidiu a favor da constitucionalidade da prática da Legislatura Nebraska de iniciar cada sessão legislativa com uma oração. A Corte manteve a constitucionalidade desta prática com base, mais do que qualquer outra coisa, no fato de que este órgão legislativo tem se engajado nesta prática há mais de 200 anos. Os juízes americanos reconheceram que a oração é, antes de tudo, um ato religioso, mas concluíram que, considerando sua longa história, **permitir a prática é um reconhecimento benigno do papel da religião na sociedade**, não a imposição de uma religião estatal.
- 129.A exibição de cruzes nas instalações públicas da União é uma consequência natural do impacto do cristianismo na formação do conceito de "justiça" no nível da cultura ocidental e, portanto, da cultura brasileira. Proteger a exibição de um símbolo passivo que de forma alguma prefigure o serviço público que um cidadão procura obter ao entrar em um prédio público, nem afeta a imparcialidade do funcionário público que o serve⁷⁰, nas palavras da Suprema Corte dos EUA, é "*um reconhecimento benigno do papel da religião na sociedade*". Longe de ser um ato neutro, **sua retirada seria vista como uma manifestação de "hostilidade à religião"**⁷¹, que não deveria ter lugar em um estado laico, imparcial em relação ao fenômeno religioso. O STF estaria ultrapassando suas funções judiciais e sociais se considerasse sua tarefa, como a da França em 1789, de descristianizar o Brasil, começando pela remoção dos símbolos religiosos dos edifícios públicos.

V. O DIREITO À LIBERDADE DE RELIGIÃO NÃO PROTEGE AS "EMOÇÕES" DE UMA ORDEM MERAMENTE SUBJETIVA.

- 130.Finalmente, a última noção jurídica que acompanha o argumento apresentado na primeira seção deste relatório refere-se à inadequação da lei que concede proteção a sentimentos de desconforto que só respondem à ordem subjetiva, sem que estes constituam objetivamente uma violação dos direitos humanos.

⁷⁰ A exibição de imagens religiosas em espaços públicos não implica de forma alguma que elas sejam compartilhadas pelo pessoal que trabalha naquele espaço.

⁷¹ Van Orden v. Perry, 545 U. S. 677, 704 (2005) (BREYER, J., concorrendo no julgamento).



131. Este argumento também é encontrado no caso Lautsi⁷². A Grande Câmara do ECtHR, recusou-se a dar simetricamente a mesma proteção aos aspectos positivos e negativos da liberdade religiosa. O Tribunal determinou que o **direito à liberdade religiosa em seu aspecto negativo se limita à proteção da esfera individual, em outras palavras, à garantia da ausência de coerção na esfera interna ou externa do cidadão.** O Tribunal de Estrasburgo decidiu que a observação ou exposição a símbolos religiosos estáticos (ou passivos) não constitui coerção do indivíduo em sua esfera interna ou externa e que, portanto, seus direitos à liberdade religiosa em seu aspecto negativo não podem ser infringidos.

132. Ao contrário do que foi declarado pela CEDH e do que será explicado abaixo com respeito às decisões judiciais em nosso continente, o Ministério Público Federal decidiu declarar que a simples presença de um símbolo de origem religiosa, estática e passiva, constitui uma violação do direito à liberdade religiosa de quem se reconhece como ateu. Isto, além de se afastar do que foi decidido por outros tribunais e tribunais, é totalmente infundado na medida em que o Ministério Público Federal não anexa **as provas correspondentes para provar o efeito que estes símbolos supostamente têm sobre o peticionário.** As únicas provas fornecidas são fotografias que mostram a cruz pendurada nas salas do judiciário brasileiro. Com relação a esta última, é difícil, se não impossível, fornecer qualquer prova que torne objetivo o mero sentimento subjetivo de desconforto ou ofensa alegado pelo cidadão que iniciou o procedimento administrativo tutela coletiva 1.00.000.001411/2007-41, a fim de constituir uma violação dos direitos humanos.

a) JORGE MANUEL LINARES BUSTAMANTE V. PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTICA EM SUA QUALIDADE DE MAIS ALTO REPRESENTANTE DO PODER JUDICIÁRIO (JL V. CSJL)⁷³, SENTENÇA DA REPÚBLICA DO PERU

133. O caso JL V. CSJL, é novamente relevante para o assunto coberto pelo direito à liberdade de religião. Dois dos julgamentos analisados anteriormente neste relatório,⁷⁴ abordam esta questão para assegurar que o direito à liberdade de religião proteja o livre exercício do direito à liberdade de religião em seu aspecto de manifestação pública de expressões religiosas ou expressões de origem religiosa, em vez de proteger os supostos sentimentos de desconforto de certas pessoas diante de tais manifestações, o que não significa uma violação de seu direito de viver de acordo com suas próprias crenças.

134. O Tribunal argumenta que obrigar o Estado a remover um símbolo religioso que já existe e cuja presença é explicada pela tradição do país, implica perguntar se a simples presença do crucifixo ou da Bíblia tem a capacidade de perturbar um não crente a ponto de afetar sua liberdade religiosa. **Se o impacto da mera presença silenciosa de um objeto em um espaço público representasse tal perturbação, a exibição de símbolos religiosos nas ruas, como cruzeiros em cima de templos, museus, templos, catedrais e basílicas, também deveria ser banida, pois sua presença poderia ser emocionalmente perturbadora para os não-crentes.**

135. Se o Estado o fizesse, na realidade estaria "protegendo" meramente "emoções" subjetivas ao invés de direitos fundamentais, como a liberdade religiosa. A Corte insiste que o modelo constitucional peruano não é um dos que concebe o direito à liberdade religiosa como o direito de estar

⁷² Puppink, Grégor, The Case of Lautsi v. Italy, Ius Canonicum, vol. 52, No. 104, 2012, p. 709.

⁷³ Acórdão do Tribunal Constitucional da República do Peru, Jorge Manuel Linares Bustamante contra a decisão da Primeira Câmara Civil Especializada do Tribunal Superior de Justiça do Norte de Lima, STC No. 06111-2009-PA/TC, 11 de março de 2011. Disponível em: <https://tc.gob.pe/jurisprudencia/2011/06111-2009-AA.pdf> (última revisão 11 de dezembro de 2022).

⁷⁴ DC v. CCC realiza esta mesma análise, por meio de uma citação textual da JL V. CSJL, em seu julgamento.



livre da religião e de buscar uma ação institucional do Estado nesse sentido. É evidente que este tipo de sistema não é de liberdade religiosa, **mas de liberdade privilegiada de ateísmo e de intolerância discriminatória à religião.**

136. Além disso, o Judiciário peruano argumenta que a interpretação dos direitos fundamentais não pode ser feita fora do contexto: sua história e tradições. Afirmar o contrário seria eliminar a essência social que acompanha os direitos humanos em seu nascimento e posterior desenvolvimento. Esta Corte, além das convicções religiosas de seus membros, **esforça-se racionalmente para posicionar-se em um ponto em que possa garantir de forma mais sensata o pluralismo ordenado pela Constituição. Ao fazê-lo, porém, não pode ignorar a cultura, a história e a presença inevitável dos símbolos católicos na vida cotidiana.**

137. **Ademais, é importante lembrar que o Brasil possui uma laicidade colaborativa, a exemplo de países como Itália e Portugal, de acordo com os diversos dispositivos constitucionais expressões em sua Constituição, que possui as seguintes características:**

1. Separação dos poderes religioso e temporal/político — SEPARAÇÃO;
2. Liberdade de atuação de cada poder, cada um em sua ordem (esfera de competência) — LIBERDADE;
3. Benevolência estatal com o fenômeno religioso e com as organizações religiosas, em razão de sua importância — BENEVOLENÇA
4. Colaboração entre os poderes, ou seja, entre a Igreja e o Estado — COLABORAÇÃO;
5. Os segundo, terceiro e quarto requisitos tenham como destinatário toda e qualquer crença, ou seja — IGUAL CONSIDERAÇÃO com todos os credos e confissões.

O Brasil separa a Igreja do Estado, consagrando total liberdade e autonomia para cada ordem, como vemos no art. 44, §1.º do Código Civil brasileiro. Prevê expressamente no texto constitucional a colaboração entre as ordens. Possui diversos dispositivos constitucionais e legais que, de forma benevolente, protegem o fenômeno religioso e as organizações religiosas, e o faz para todos, de forma indiscriminada, com igual consideração. A igual consideração é amplamente prevista na legislação constitucional e infraconstitucional, com a inexistência de qualquer diferenciação no tratamento jurídico de toda e qualquer confissão religiosa⁷⁵.

138. **Arremata, com maestria, o Insígne Ministro desta Suprema Corte, Exmo. Sr. André Mendonça:**

Desse modo, o modelo brasileiro de laicidade é classificado como colaborativo, **no qual se reconhece a importância e essencialidade da religião tanto para o indivíduo, em atenção à sua dignidade humana, quanto para a esfera pública,** o que permite a colaboração entre o Estado e a pluralidade de confissões religiosas, desde que orientados pelo e para o bem comum. A partir desse modelo, a liberdade religiosa é garantida e entronizada como uma das principais liberdades na sociedade brasileira.

(...)

Portanto, a laicidade colaborativa brasileira posiciona o Brasil como detentor de um dos mais avançados sistemas constitucionais no relacionamento entre Igreja (poder religioso) e Estado (a unidade política dos antigos), no qual ambos, respeitosa e paralelamente, visam a um fim comum: a promoção do bem geral do povo. Será a partir desse diálogo construtivo que se

⁷⁵ VIEIRA, Thiago Rafael; REGINA, Jean Marques. A laicidade colaborativa brasileira: da aurora da civilização à Constituição brasileira de 1988. São Paulo: Edições Vida Nova, 2021, p. 277.



antecipará a efetiva concretização dos valores constitucionais em seu mais amplo contexto, assim como dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil⁷⁶.

VI. CONCLUSÃO

139. Embora utilizando argumentos diferentes, e de diferentes modelos constitucionais, as decisões judiciais citadas neste relatório chegam a três conclusões semelhantes: **(i) os símbolos de origem religiosa merecem proteção por seu significado histórico e cultural; (ii) a neutralidade do Estado em relação ao fenômeno religioso não implica sua neutralização, nem a eliminação sistemática e contínua de toda referência a ele na esfera pública; e (iii) o direito à liberdade religiosa protege danos objetivos e não meras “sensações” ou “ofensas” regidas pelo plano subjetivo.**

140. Esses Tribunais Superiores não estão isolados em suas posições, pois estão de acordo com os precedentes atualmente em vigor tanto no sistema regional europeu de direitos humanos, o caso Lautsi v. Itália do Tribunal de Estrasburgo, quanto nos Estados Unidos da América, o caso Legião Americana v. Sociedade Humanista Americana do Supremo Tribunal dos Estados Unidos.

141. O pedido do Ministério Público Federal afasta-se seriamente dos argumentos expostos neste relatório sem sequer abordar, ou tentar refutar, os argumentos expostos nos julgamentos dos últimos anos em nossa região. Esperamos que esta informação seja útil ao Supremo Tribunal Federal para que este possa levar em conta as considerações que outros Supremos Tribunais consideraram antes de regulamentar nesta matéria, em particular, destacamos a importância de considerar expressamente: a importância social e cultural dos símbolos religiosos; estabelecer a diferença necessária entre a neutralidade como imparcialidade em relação ao fenômeno religioso e seu desenvolvimento na sociedade (como a exibição de símbolos religiosos em áreas públicas) que não é o mesmo que exercer controle absoluto sobre ele; e a necessidade de provar o dano ou a coerção para alegar a violação do direito negativo da liberdade religiosa.

142. Evitar estes aspectos da discussão jurídica é ignorar o fato de que a comunidade internacional está caminhando em uma direção concreta no sentido de conciliar o direito à liberdade religiosa com o princípio da separação entre Igreja e Estado, igualdade e não-discriminação.

VII - DOS PEDIDOS

Diante do exposto, a ADF requer de Vossa Excelência:

- a) Habilitação na qualidade de Amicus Curiae nos termos do Art. 138 do CPC;
- b) Apresentação de memoriais, no prazo legal e regimental, e outras manifestações;
- c) Realização de audiências públicas para discussão do tema objeto desta ação com entidades governamentais, civis, especialistas e demais interessados, com participação oral da petionante;

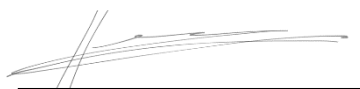
⁷⁶ MENDONÇA, André Luiz de Almeida. A Primeira das Liberdades: a liberdade religiosa e sua efetividade na laicidade colaborativa brasileira. In Liberdades. Prefácio José Bernardo Cabral, Rio de Janeiro: Editora J & C, 2022, p. 226.

d) Participação na sessão de julgamento desta Reclamação Constitucional, com sustentação oral em plenário, seja presencial ou virtual;

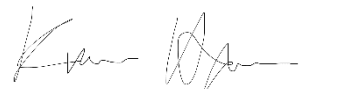
No mérito, a ADF pugna pelo NÃO PROVIMENTO ao Agravo em Recurso Extraordinário nº 1249095.

Termos em que pede deferimento.

Porto Alegre/RS e Wanshigton D.C. USA, 22 de março de 2023.

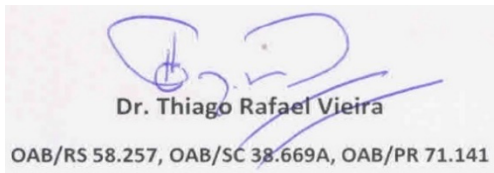


Tomás Henríquez
Diretor de Advocacia, América Latina e Caribe
ADF Internacional

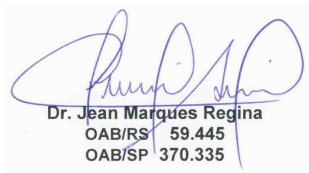


Kristina Hjelkrem
Assessoria Jurídica, América Latina
ADF Internacional

Pp/



Dr. Thiago Rafael Vieira
OAB/RS 58.257, OAB/SC 38.669A, OAB/PR 71.141



Dr. Jean Marques Regina
OAB/RS 59.445
OAB/SP 370.335

NOTIFICAÇÕES: Por e-mail, para os seguintes endereços: thiago@vradvogados.adv.br, thenriquez@adfinternational.org e khjelkrem@adfinternational.org.



ANEXOS - AMICUS CURIAE na ARE nº 1.249.095/SP
ADF INTERNATIONAL AUSTRIA GEMEINNÜTZIGE GmbH

Doc 1	Procuração.
Doc 1.1	Versão do Estatuto Social em português – tradução juramentada.
Doc 1.2	Versão do Estatuto Social original, em alemão.
Doc 1.3	Versão do Registro da ADFI em português – tradução juramentada.
Doc 1.4	Versão do Registro da ADFI original, em alemão.
Anexo 1	Credenciamento da ADF Internacional (Alliance Defending Freedom) para a Organização dos Estados Americanos, versão original em inglês e versão tradução juramentada.
Anexo 2	Credenciamento da ADF International junto à Comissão Europeia e ao Parlamento Europeu. Versão original em inglês e versão tradução juramentada.
Anexo 3	Credenciamento da ADF Internacional em status consultivo junto ao ECOSOC das Nações Unidas ⁷⁷ . Versão original em inglês e versão tradução juramentada.
Anexo 4	Carta da Corte Interamericana de Direitos Humanos CDH-26-2019/147 de 11 de maio de 2022 enviada à ADF Internacional, acusando o recebimento do amicus curiae brief da ADF Internacional no caso Pavez Pavez v. Chile. Versão original em espanhol e versão tradução juramentada.
Anexo 5	Evento “Liberdade ou Religião em Türkiye: Um enfoque nas minorias cristãs”, recebeu meu deputado europeu Bert-Jan Ruissen e a ADF Internacional no Parlamento Europeu em 12 de outubro de 2022. Consulte também o Anexo 2 para mais informações sobre o envolvimento da ADF com o Parlamento Europeu. Versão original em inglês e versão tradução juramentada.

⁷⁷ Disponível também no seguinte link:
[https://esango.un.org/civilsociety/displayConsultativeStatusSearch.do?method=list&show=25&from=list&col=&order=&searchType=\\$searchType&index=275](https://esango.un.org/civilsociety/displayConsultativeStatusSearch.do?method=list&show=25&from=list&col=&order=&searchType=$searchType&index=275).



PROCURAÇÃO AD JUDICIA

OUTORGANTE: ADF INTERNATIONAL AUSTRIA GEMEINNÜTZIGE GmbH, empresa de responsabilidade limitada, com sede em Viena/Áustria, Reisnestrasse 40/3º andar, 1030; livro de registro de empresas na Áustria FN 460299k, neste ato devidamente representado por seu diretor Paul Bernard Coleman, de acordo com o item “Poder de Representação” – 1, A, do Registro da Empresa (Firmenbuchauszug) e do item 8 do Estatuto Social (Amended Articles of Association), ambos documentos anexos em suas versões originais e traduções juramentadas

OUTORGADOS: Dr. JEAN MARQUES REGINA, brasileiro, casado, advogado, inscrito na OAB/RS sob o nº 59.445 e na OAB/SP sob nº 370.335 e Dr. THIAGO RAFAEL VIEIRA, brasileiro, casado, advogado, inscrito na OAB/RS sob o nº 58.257, OAB/SC sob nº 38.669.A e OAB/PR sob nº 71.141, ambos com endereço profissional na Av. Caí, 634, Cristal – Porto Alegre/RS – Vieira & Regina Sociedade de Advogados, inscrita na OAB/RS sob o nº 3.008.

PODERES: : Por este instrumento particular e na melhor forma de direito o OUTORGANTE nomeia e constitui os OUTORGADOS como seus bastantes procuradores, de modo que em seu nome e representação, seja em conjunto, separadamente ou alternativamente, pode atuar no processo judicial recurso extraordinário com agravo 1.249.095/SP.

Para tanto, o OUTORGANTE confere os OUTORGADOS os poderes das cláusulas **ad judicia** contidas no artigo 105 do Código de Processo Civil, para realizar todos os atos essenciais para o desenvolvimento do procedimento até o seu término, com exceção de receber notificações, confessar, reconhecer o mérito da petição, liquidar, retirar, renunciar ao direito em que se baseia a ação, receber, conceder quitações, assinar o compromisso e assinar a declaração de insuficiência econômica.

Em particular, os OUTORGADOS têm o direito de apresentar o pedido de ingresso como *Amicus Curiae* em nome e por conta do OUTORGANTE, seja em papel ou por meio de apresentação eletrônica, de acordo com as disposições do artigo 138 do Código de Processo Civil e outras legislações e jurisprudências pertinentes. Os OUTORGADOS também têm o direito fazerem sustentação oral, uma vez admitida a OUTORGANTE no processo judicial – Agravo em Rex nº 1.249.095/SP.

Esta **PROCURAÇÃO AD JUDICIA** será válida por 3 anos, ou seja, até 23h59 de 7, março de 2026.

Viena – Áustria, 7 de março de 2023.

ADF INTERNATIONAL AUSTRIA GEMEINNÜTZIGE GmbH
Paul Bernard Coleman
OUTORGANTE





**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ROSEMAY HACKLAENDER**

TRADUTORA PÚBLICA E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 1670/2000

Av. Paulista, 1079/804 – CEP 01311-200 – São Paulo/SP /Brasil

Tel.: 55 11 2787-6236 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Eu, Rosemay Hacklaender, devidamente autorizada pela Junta Comercial, Industrial e Serviços de São Paulo, Brasil, e qualificada de acordo com a legislação em vigor, por meio deste certifico que o documento descrito abaixo foi apresentado a mim para tradução de alemão para português.

Tradução Nr. 6034 Livro nº. 18 Folha 8280

Este documento é um documento jurídico

Situação de 28/10/2016

Ato constitutivo

da

ADF International Austria gemeinnützige GmbH

1. Natureza jurídica, razão social e sede da empresa.

1.1 A natureza jurídica da empresa é a de uma empresa de responsabilidade limitada.

1.2 A empresa exercerá suas atividades unicamente na área de utilidade pública.

1.3 A razão social é:

ADF International Austria gemeinnützige GmbH

1.4 A sede da empresa é Viena.

2. Objeto social da empresa

2.1 A empresa tem como objetivo único e direto as finalidades de utilidade pública nos termos do Código Tributário Federal (BAO). A atividade da empresa não visa a obtenção de lucros financeiros.

2.2 O objeto social da empresa é o incentivo mundial do Cristianismo, dos princípios cristãos e da ética bem como apoio e incentivo aos direitos humanos e direitos civis, principalmente da liberdade religiosa, da liberdade de consciência e da liberdade de opinião das pessoas de fé cristã.

3. Objeto social

3.1 (i) Amparo a indivíduos isoladamente e organizações, cujos direitos humanos e civis são colocados em risco ou suprimidos, mediante a disponibilização gratuita de advogados ou a admissão dos custos de processos para defender esses direitos.

(ii) Organização de eventos de aperfeiçoamento e de formação para advogados na área da proteção da liberdade religiosa, da liberdade de consciência e da liberdade de opinião, (iii) Direcionamento de congressos, sessões, palestras e outras atividades de formação, (iv) apoio à pesquisa e ao ensino bem como à publicação de livros ou impressos na área dos direitos humanos e civis.

3.2 Adicionalmente, a empresa está autorizada a realizar todas as negociações e medidas apropriadas a incentivar direta e indiretamente a finalidade da empresa ou que sejam necessárias ou úteis para atingir este objetivo, principalmente a participação como membro de associações e a constituição de filiais, também no estrangeiro.

3.3 Os recursos da empresa podem ser utilizados exclusivamente para os fins de utilidade pública mencionados. A empresa não poderá favorecer pessoas naturais ou jurídicas através de despesas administrativas alheias à finalidade da empresa, nem pode conceder bonificações desproporcionalmente altas.

4. Recursos financeiros

4.1 Como recursos financeiros para atingir o objetivo da empresa entram em questão principalmente

(i) Suplementações da sócia única,

(ii) Donativos e legados para promover as atividades da empresa,

(iii) Doações em dinheiro e subvenções bem como

(iv) rendimentos de capital originados da aplicação desses recursos.

5. Duração da sociedade, exercício

5.1 A sociedade é constituída tempo indeterminado.

5.2 O primeiro exercício começa com o registro da empresa no Livro de registro de empresas e termina no dia 30 de junho próximo. Os demais exercícios começam em 1º de julho e terminam no 30 de junho seguinte.

6. Capital social e depósitos de capital

6.1 O capital social da sociedade é de 35.000,00 EUR. (trinta e cinco mil euros) e será pago em dinheiro em sua totalidade.



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ROSEMAY HACKLAENDER**

TRADUTORA PÚBLICA E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 1670/2000

Av. Paulista, 1079/804 – CEP 01311-200 – São Paulo/SP /Brasil

Tel.: 55 11 2787-6236 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Tradução Nr. 6034 Livro nº. 18 Folha 8281

6.2 A Alliance Defending Freedom, uma Associação registrada em Virgínia, Estados Unidos da América, endereço comercial 15100 N. 90th Street, Scottsdale, AZ 85260, Estados Unidos da América, assume um depósito em capital no valor de 35.000,00 EUR e pagará o depósito de capital em dinheiro no valor de 35.000,00 EUR.

7. Órgãos da empresa

7.1 A empresa dispõe dos seguintes órgãos:

7.1.1 Direção da empresa e

7.1.2 Assembleia geral.

8. Direção da empresa e representação

A empresa possui um, dois ou mais diretores. Se houver apenas um diretor designado, a empresa será representada individualmente por este. Se houver dois ou vários diretores designados, a empresa será representada por dois diretores em conjunto ou por um diretor em conjunto com um procurador pleno. Por meio de resolução dos sócios, também pode ser concedido poder de representação individual a um ou a vários diretores.

9. Assembleia geral

9.1 As resoluções da Assembleia geral serão tomadas na Assembleia geral ou por via escrita por meio de Circular nos termos do § 34 da Lei para empresas de responsabilidade limitada.

9.2 A Assembleia geral será realizada na sede da empresa ou, com aprovação por escrito de todos os sócios, em outro lugar na Áustria, no mínimo uma vez ao ano.

9.3 A Assembleia geral pode ser convocada por escrito por parte de cada um dos diretores. Sobre a exigência da forma escrita, é suficiente se o convite for feito por telefax ou e-mail. A finalidade da realização da assembleia (pauta do dia) deve ser informada da forma mais clara possível no convite. O envio da convocação por escrito da Assembleia geral deve ser feito no mínimo quinze dias úteis antes da data agendada para a Assembleia geral. A não ser que haja um esclarecimento por escrito de teor diferente, a convocação será válida se for enviada ao endereço comercial de cada sócio de acordo com os dados registrados no Livro de Registro de Empresas ou aos números de telefax ou endereços de e-mail informados por último à empresa. Para esclarecimento, os sócios deverão comunicar, à parte, à direção da empresa, os números de telefax e os endereços de e-mail a serem utilizados para esta finalidade.

9.4 Os sócios exercem seu direito a voto na proporção de suas cotas de participação societária. Cada 10,00 euros (dez euros) do capital social assumido dão direito a um voto, sendo que cada sócio tem direito a um voto, no mínimo.

9.5 As resoluções dos sócios serão definidas pela maioria simples dos votos dados, desde que este ato constitutivo ou um acordo separado entre os sócios não defina expressamente algo diferente ou a lei não prescreva uma forma de maioria mais alta. Abstenções de votos não contam como votos dados.

9.6 A Assembleia geral estará apta a tomar resoluções, se todos os sócios estiverem presentes ou corretamente representados. Se esta condição de habilitação não estiver cumprida, o sócio presente ou corretamente representado poderá informar um prazo alternativo mediante carta registrada ou por envio de um mensageiro com comprovação de entrega, prazo esse que deve se situar no mínimo dez e no máximo quinze dias úteis após o prazo originalmente definido, no mesmo local e com a mesma pauta do dia. Neste caso, os sócios não poderão solicitar uma complementação da pauta do dia. No caso de um prazo alternativo, a Assembleia geral estará apta a tomar resoluções sem considerar o quórum de presença.

9.7 Desde que legalmente admissível, as negociações entre a empresa e seus sócios não estão sujeitas à proibição de votos conforme o § 39 item 4 GmbHG (Lei para empresas de responsabilidade limitada).

9.8 Cada sócio com direito a voto pode ser representado na Assembleia geral por um terceiro outorgado para isso. A procuração requer a forma escrita e permanece em poder da empresa.

10. Demonstrativo contábil anual e sugestão de aplicação do resultado

10.1 Decorrido o exercício, a empresa deverá elaborar um demonstrativo contábil anual





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ROSEMAY HACKLAENDER

TRADUTORA PÚBLICA E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 1670/2000

Av. Paulista, 1079/804 – CEP 01311-200 – São Paulo/SP /Brasil

Tel.: 55 11 2787-6236 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Tradução Nr. 6034 Livro nº. 18 Folha 8282

de acordo com as disposições legais vigentes dentro de 60 dias, e enviá-lo imediatamente aos sócios. O demonstrativo contábil anual deve ser apresentado à Assembleia geral dentro de três meses após o término do exercício para fins de deliberação.

10.2 A direção da empresa deverá apresentar aos sócios um relatório por escrito sobre o exercício findo bem como uma previsão sobre o uso do resultado do balanço.

10.3 O mais tardar até o final de setembro de cada exercício, antes do início de um exercício comercial, a direção deverá entregar aos sócios um orçamento para o ano seguinte (orçamento de faturamento, investimento, quadro de pessoal e financeiro), com divisão por trimestre e, então realizar comparativos contínuos entre o planejado/realizado para cada trimestre. O orçamento requer a aprovação da Assembleia geral (resolução dos sócios).

10.4 A Assembleia geral delibera sobre a auditoria e a definição do demonstrativo contábil anual e sobre a aplicação de um eventual excedente (lucro do balanço), que não deverá ser distribuído, mas utilizado para as finalidades de utilidade pública de acordo com o estatuto.

10.5 Outras obrigações de informação da empresa perante os sócios são objeto de um acordo separado entre os sócios.

11. Disposições sobre cotas de participação societária

11.1 As cotas de participação societária podem ser divididas, transferidas e penhoradas exclusivamente com aprovação de todos os sócios, bem como no contexto de disposições regulamentadas em acordo separado entre os sócios.

11.2 Direitos dos sócios de tomar posse são objeto de um acordo separado entre os sócios. Ademais, os sócios se comprometem a fazer de tudo para que o direito de tomar posse possa ser concretizado de acordo com as disposições deste acordo separado.

12. Dissolução, liquidação e exclusão da finalidade de utilidade pública

No caso de dissolução ou liquidação da empresa ou na exclusão da finalidade de utilidade pública da empresa, o patrimônio social restante pode ser transferido exclusivamente a uma pessoa jurídica com finalidade de utilidade pública do direito privado ou público, com atividades na área de apoio e proteção de direitos humanos e civis, a qual, por sua vez, deverá utilizar o valor exclusivamente para finalidades de utilidade pública nos termos dos §§ 34 ss. BAO.

13. Editais

As comunicações da empresa aos sócios serão realizadas por meio de carta registrada aos endereços dos sócios enviados por último à empresa, ou aos números de telefax ou de e-mail comunicados por último à empresa, a não ser que resulte algo diferente por força de lei.

14. Custos de constituição

Todos os custos, emolumentos e outras contribuições ligados à constituição ou ao registro da empresa, correm por conta da empresa até um valor máximo de 7.000,00 EUR (sete mil euros) e devem ser contabilizados com o valor real no primeiro demonstrativo contábil anual.

15. Outros

15.1 A Grama Schwaighofer Vondrak Rechtsanwälte GmbH ("GSV"), Schottengasse 4, 1010 Viena está outorgada a realizar todas as alterações deste ato constitutivo e prestar todos os esclarecimentos, também de forma notarial, que sejam necessários ou úteis para a aprovação do registro da empresa no Livro de Registro de Empresas. A GSV tem a obrigação de informar os sócios imediatamente e por escrito a respeito de quaisquer alterações vinculadas a este assunto. Com a aprovação do registro da empresa no Livro de Registro de Empresas, a presente procuração para a GSV se extingue automaticamente.

15.2 Caso, pelo ato constitutivo na sua respectiva versão vigente não haja outra disposição, são aplicáveis para a empresa as disposições da Lei para empresas de responsabilidade limitada e do Código Empresarial na sua respectiva versão vigente.

15.3 Para quaisquer litígios decorrentes deste contrato, é competente o Tribunal responsável para assuntos comerciais da Sede da empresa.

15.4 Caso disposições individuais deste Ato constitutivo forem total ou parcialmente nulas ou se forem ou se tornarem ineficazes, então isso não afetará a validade e a eficácia de todas as demais disposições. Em tais casos, os sócios deverão transformar a parte do contrato que



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ROSEMAY HACKLAENDER**

TRADUTORA PÚBLICA E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 1670/2000

Av. Paulista, 1079/804 – CEP 01311-200 – São Paulo/SP /Brasil

Tel.: 55 11 2787-6236 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Tradução Nr. 6034 Livro nº. 18 Folha 8283

apresentar uma invalidade legal ou que seja inválida, com base em uma resolução na próxima Assembleia geral ou complementá-la de modo que os efeitos econômicos visados pela disposição com invalidade legal ou inválida possam ser atingidos da melhor maneira bem como que os efeitos legais sejam atingidos da melhor maneira, de modo que a finalidade global do contrato permaneça preservado.

16. Idioma

Somente o texto do presente Ato constitutivo é compromissório. Em caso de controvérsias entre a versão alemã e inglesa deste Ato constitutivo, prevalece a versão alemã do Ato constitutivo.

Assunto: Junta Comercial de Viena

Empresa: ADF International Austria gemeinnützige GmbH

Atesto que o Ato constitutivo para uma empresa de responsabilidade limitada, referente à empresa supra citada, confere com as alterações de um Ato constitutivo para uma empresa de responsabilidade limitada, no seu item 8. (oito) - Direção e Representação -, conforme o suplemento ao Ato constitutivo para a constituição de uma empresa de responsabilidade limitada, a mim disponível, datado de 28/10/2016 (vinte e oito de outubro de 2016), autenticado com o número de identificação de registros 10.723 (dez mil e setecentos e vinte e três), do tabelião público Dr. Klemens Huppmann, conferindo também totalmente com as disposições inalteradas do Ato constitutivo entregue por último para registro no Livro de Registro de empresas, referente à constituição de uma empresa de responsabilidade limitada.

Viena, dois de novembro de dois mil e dezesseis.

[Consta assinatura]

Dr. Christoph Pfaffenberger, parceiro notarial e substituto do tabelião público. Dr. Klemens Huppmann, Viena – Centro da Cidade.

[Consta carimbo: Dr. Klemens Huppmann, tabelião público].

Em testemunho da verdade, eu declaro não haver nada mais no documento original apresentado a mim e que ele foi traduzido integral e fielmente por mim neste instrumento de tradução em 27 de fevereiro de 2023, em São Paulo, SP, Brasil. Esta tradução tem força legal no Brasil e no exterior.



ERRICHTUNGSERKLÄRUNG	ARTICLES OF ASSOCIATION
der	of
ADF International Austria gemeinnützige GmbH	ADF International Austria gemeinnützige GmbH
1. RECHTSFORM, FIRMA UND SITZ DER GESELLSCHAFT	1. LEGAL FORM, NAME AND REGISTERED OFFICE OF THE COMPANY
1.1 Die Rechtsform der Gesellschaft ist die einer Gesellschaft mit beschränkter Haftung.	1.1 The Company is a limited liability company.
1.2 Die Gesellschaft wird ausschließlich gemeinnützig tätig sein.	1.2 The Company will exclusively act in a charitable way.
1.3 Die Firma der Gesellschaft lautet: ADF International Austria gemeinnützige GmbH	1.3 The name of the Company is ADF International Austria gemeinnützige GmbH
1.4 Sitz der Gesellschaft ist Wien.	1.4 The registered office of the Company is situated in Vienna.
2. ZWECK DER GESELLSCHAFT	2. PURPOSE OF THE COMPANY
2.1 Die Gesellschaft verfolgt ausschließlich und unmittelbar gemeinnützige Zwecke im Sinne der Bundesabgabenordnung (BAO). Die Tätigkeit der Gesellschaft ist nicht auf die Erzielung eines finanziellen Gewinnes gerichtet.	2.1 The company pursues exclusively and directly charitable purposes in the sense of the fiscal code (BAO). The activities of the Company are not profit-oriented.
2.2 Gesellschaftszweck ist die weltweite Förderung des Christentums und der christlichen Prinzipien und Ethik und die Unterstützung und Förderung der Menschen- und Bürgerrechte, insbesondere der Religionsfreiheit, der Gewissensfreiheit und der Meinungsfreiheit derjenigen, die christlichen Glaubens sind.	2.2 The purpose of the Company is to advance Christianity and Christian principles and ethics and to gain worldwide support and advance human rights and civil rights, in particular freedom of religion, freedom of conscience and freedom of speech on behalf of people who belong to the Christian faith.
3. GEGENSTAND DES UNTERNEHMENS	3. OBJECT OF THE COMPANY
3.1 (i) Unterstützung von Einzelpersonen und Organisationen, deren Menschen- und Bürgerrechte gefährdet oder unterdrückt werden, durch die kostenlose Zurverfügungstellung von Rechtsanwälten bzw. die Übernahme der Kosten von Verfahren zur Verteidigung dieser Rechte, (ii) Organisation von Weiterbildungs- und Ausbildungsveranstaltungen für Anwälte auf dem Gebiet des Schutzes der Religionsfreiheit, der Gewissensfreiheit und der Meinungsfreiheit, (iii) Ausrichtung von	3.1 (i) Support of individuals and organizations whose human and civil rights are under threat or oppressed, by providing lawyers free of charge or by taking over costs of proceedings protecting those rights, (ii) organization of training events for lawyers in the field of the protection of freedom of religion, freedom of conscience and freedom of speech, (iii) holding conventions, meetings, conferences and other educational activities as well as (iv) supporting research and education



Kongressen, Tagungen, Vorträgen und anderen bildenden Tätigkeiten sowie (iv) Unterstützung von Forschung und Lehre und die Veröffentlichung von Publikationen auf dem Gebiet der Menschen- und Bürgerrechte. 3.2 Die Gesellschaft ist darüber hinaus zu allen Geschäften und Maßnahmen berechtigt, die geeignet sind, mittelbar oder unmittelbar den Zweck der Gesellschaft zu fördern oder die zu dessen Erreichung notwendig oder nützlich erscheinen, insbesondere die Mitgliedschaft bei Vereinen und die Gründung von Tochtergesellschaften, auch im Ausland. 3.3 Die Mittel der Gesellschaft dürfen nur für die genannten gemeinnützigen Zwecke verwendet werden. Die Gesellschaft darf keine natürlichen oder juristischen Personen durch Verwaltungsausgaben, die dem Zweck der Gesellschaft fremd sind, oder durch unverhältnismäßig hohe Vergütungen begünstigen.	and publishing information in the field of human rights and civil rights. 3.2 Furthermore the Company is entitled to undertake all actions and transactions, which are either suitable to directly or indirectly promote the Company's business object or deemed necessary or useful for its achievement, in particular to become member in associations and to establish subsidiaries, also abroad. 3.3 The Company's fund must be used exclusively for the mentioned charitable purposes. The Company shall not support any natural or legal persons by means of administrative expenses opposed to the Company's purposes or by other disproportionately high remunerations.
4. FINANZIELLE MITTEL 4.1 Als finanzielle Mittel zur Erreichung des Gesellschaftszwecks dienen vor allem (i) Zuschüsse der Alleingesellschafterin, (ii) Schenkungen und Vermächtnisse zur Förderung der Tätigkeiten der Gesellschaft, (iii) Spendengelder und Subventionen sowie (iv) Kapitalerträge aus der Veranlagung dieser Mittel.	4. FINANCIAL RESOURCES 4.1 The financial resources for achieving the purpose of the Company are in particular (i) shareholder grants from the sole shareholder, (ii) gifts and legacies for supporting the activities of the Company, (iii) donations and subsidies and (iv) capital income from the investment of those financial resources.
5. DAUER DER GESELLSCHAFT, GESCHÄFTSJAHR 5.1 Die Gesellschaft ist auf unbestimmte Zeit errichtet. 5.2 Das erste Geschäftsjahr beginnt mit der Eintragung der Gesellschaft in das Firmenbuch und endet am darauf folgenden 30. Juni. Die weiteren Geschäftsjahre beginnen mit dem 1. Juli und enden am darauf folgenden 30. Juni.	5. DURATION OF THE COMPANY; BUSINESS YEAR 5.1 The company is established for an indefinite period of time. 5.2 The first business year of the Company starts upon the registration of the Company with the Companies Register and ends on the following 30 June. Further business years start on 1 July and end on the following 30 June.
6. STAMMKAPITAL UND STAMMEINLAGEN 6.1 Das Stammkapital der Gesellschaft beträgt EUR 35.000,- (Euro fünfunddreißigtausend) und wird zur Gänze bar eingezahlt. 6.2 Alliance Defending Freedom, ein in Virginia, Vereinigte Staaten von Amerika,	6. SHARE CAPITAL AND THE CONTRIBUTIONS 6.1 The share capital of the Company amounts to EUR 35,000.- (thirty five thousand euro) and will be fully contributed in cash. 6.2 Alliance Defending Freedom, an association incorporated in Virginia,

registrierter Verein mit dem Sitz in Scottsdale, Vereinigte Staaten von Amerika, und der Geschäftsanschrift in 15100 N. 90th Street, Scottsdale, AZ 85260, Vereinigte Staaten von Amerika, übernimmt eine Stammeinlage in der Höhe von EUR 35.000,00 und leistet auf die übernommene Stammeinlage ein Bareinzahlung in der Höhe von EUR 35.000,00.	United States of America, with its registered office in Scottsdale, United States of America, and its business address at 15100 N. 90th Street, Scottsdale, AZ 85260, United States of America, subscribes for a share in the amount of EUR 35,000.00 and makes a contribution thereto in cash in the amount of EUR 35,000.00.
7. ORGANE DER GESELLSCHAFT 7.1 Die Gesellschaft hat folgende Organe: 7.1.1 Geschäftsführung und 7.1.2 Generalversammlung.	7. BODIES OF THE COMPANY 7.1 The bodies of the Company are: 7.1.1 the management board and 7.1.2 the shareholders' meeting.
8. GESCHÄFTSFÜHRUNG UND VERTRETUNG Die Gesellschaft hat einen, zwei oder mehrere Geschäftsführer. Die Gesellschaft wird, wenn nur ein Geschäftsführer bestellt ist, durch diesen selbständig vertreten. Sind zwei oder mehrere Geschäftsführer bestellt, so wird die Gesellschaft entweder durch zwei Geschäftsführer gemeinsam oder durch einen Geschäftsführer gemeinsam mit einem Prokuristen vertreten. Durch Gesellschafterbeschluss kann einem oder mehreren Geschäftsführern auch Einzelvertretungsbefugnis erteilt werden.	8. MANAGEMENT AND REPRESENTATION OF THE COMPANY The Company has one, two or more managing directors. If only one managing director is appointed, the Company shall be represented solely by him. If two or more managing directors are appointed, the Company shall be either represented jointly by two managing directors or by one managing director together with an authorized representative. By means of a shareholders resolution one or more managing directors with sole signing authority can be appointed.
9. GENERALVERSAMMLUNG 9.1 Beschlüsse der Gesellschafter werden in der Generalversammlung oder schriftlich im Wege des Umlaufs gemäß § 34 des Gesetzes über Gesellschaften mit beschränkter Haftung gefasst. 9.2 Die Generalversammlung findet am Sitz der Gesellschaft oder mit schriftlicher Zustimmung aller Gesellschafter an jedem anderen Ort in Österreich mindestens einmal im Jahr statt. 9.3 Die Generalversammlung kann durch jeden Geschäftsführer schriftlich einberufen werden. Dem Schriftlichkeitserfordernis ist Genüge getan, wenn die Einladung per Telefax oder E-Mail erfolgt. Der Zweck der Versammlung (Tagesordnung) ist bei der Einladung möglichst bestimmt zu bezeichnen. Die Versendung der schriftlichen Einberufung der Generalversammlung hat zumindest	9. SHAREHOLDERS' MEETING 9.1 The shareholders' resolutions shall be adopted in a shareholders' meeting or in written form by circular resolution pursuant to section 34 of the Austrian Companies with Limited Liability Act. 9.2 The shareholders' meeting shall take place at the registered office of the Company or – if approved by all shareholders in written form – in any other place in Austria at least once a year. 9.3 The shareholders' meeting can be convened by any managing director in written form. The written form requirement is fulfilled, if the invitation is sent by facsimile or e-mail. The purpose of the meeting (agenda) shall be determined in the invitation as accurately as possible. The shareholders' meeting shall be convened by sending of a written invitation at least 15 working days prior to the date



	fünfzehn Werktage vor dem Tag der Abhaltung der Generalversammlung zu erfolgen. Die Einberufung erfolgt gültig, wenn sie, abgesehen von einer anders lautenden ausdrücklichen schriftlichen Erklärung, an die Geschäftsanschrift des jeweiligen Gesellschafters laut Firmenbuch oder die der Gesellschaft zuletzt bekanntgegebenen Telefaxnummern oder E-Mail-Adressen erfolgt. Zur Klarstellung werden die Gesellschafter der Geschäftsführung die diesbezüglichen zu verwendenden Telefaxnummern und E-Mail-Adressen gesondert bekannt geben.		of the meeting. The convocation shall be valid, if the invitation is sent to the business addresses of the respective shareholders stated in the Companies Register or the facsimile numbers or e-mail addresses most recent known by the Company, unless otherwise expressly stated in a written declaration. For clarification purposes the shareholders will provide the management board with the respective facsimile numbers and email addresses to be used separately.
9.4	Die Gesellschafter üben ihr Stimmrecht im Verhältnis ihrer Geschäftsanteile aus. Je EUR 10,00 (Euro zehn) der übernommenen Stammeinlage gewähren eine Stimme, wobei jeder Gesellschafter mindestens eine Stimme hat.	9.4	The shareholders shall exercise their voting rights pro rata to their shareholding in the Company. Each EUR 10.00 (ten euro) of an initial contribution subscribed for shall grant one vote, whereby each shareholder shall be entitled to at least one vote.
9.5	Gesellschafterbeschlüsse werden mit einfacher Mehrheit der abgegebenen Stimmen gefasst, soweit diese Errichtungserklärung bzw. eine separate Vereinbarung zwischen den Gesellschaftern nicht ausdrücklich anderes festlegt oder das Gesetz nicht zwingend eine höhere Mehrheit vorschreibt. Stimmenthaltungen gelten nicht als Stimmabgabe.	9.5	Shareholders' resolutions shall be adopted by simple majority of the votes cast, unless expressly determined otherwise by these articles of association or a separate agreement between the shareholders or unless a higher majority is prescribed by law. Abstentions in a vote shall not count as votes cast.
9.6	Die Generalversammlung ist beschlussfähig, wenn alle Gesellschafter anwesend oder ordnungsgemäß vertreten sind. Ist die Beschlussfähigkeit nicht gegeben, kann der anwesende und ordnungsgemäß vertretene Gesellschafter durch eingeschriebenen Brief oder Botensendung mit Zustellnachweis einen Ersatztermin bekanntgeben, der mindestens zehn und höchstens fünfzehn Werktage nach dem ursprünglichen Termin liegt und den gleichen Ort und die gleiche Tagesordnung hat. Die Gesellschafter können in diesem Fall keine Ergänzungen zu der Tagesordnung verlangen. Die Generalversammlung ist bei dem Ersatztermin ohne Rücksicht auf das Anwesenheitsquorum beschlussfähig.	9.6	The shareholders' meeting shall have a quorum only if all shareholders are present or duly represented. In the absence of a quorum, the present and duly represented shareholder is entitled to announce an alternate date by registered mail or mail sent by courier service with proof of delivery. The alternate date shall be minimum ten and maximum fifteen working days following the initial date; the place of meeting and the agenda shall remain the same. In this case the shareholders can not request additions relating to the agenda. The shareholders' meeting shall have a quorum on the alternate date regardless of the attendance quorum.
9.7	Geschäfte zwischen der Gesellschaft und ihren Gesellschaftern unterliegen – soweit gesetzlich zulässig – nicht dem Stimmverbot gemäß § 39 Abs. 4 GmbHG.	9.7	To the extent permitted by law, the transactions between the Company and its shareholders shall not be subject to prohibition on voting pursuant to section 39 para 4 of the Austrian Companies with Limited Liability Act.
9.8	Jeder stimmberechtigte Gesellschafter kann sich in der Generalversammlung	9.8	Each shareholder with voting right may be represented at the shareholders' meeting

	durch einen bevollmächtigten Dritten vertreten lassen. Die Vollmacht bedarf zu ihrer Gültigkeit der Schriftform und verbleibt bei der Gesellschaft.		by a person duly authorised. The power of attorney must be in writing and shall remain with the company.
10.	JAHRESABSCHLUSS UND ERGEBNISVERWENDUNGSVORSCHLAG	10.	FINANCIAL STATEMENTS AND PROPOSAL FOR THE APPROPRIATION OF THE RESULT
10.1	Die Geschäftsführung hat innerhalb von 60 Tagen nach Ende des Geschäftsjahres einen Jahresabschluss nach den jeweils geltenden gesetzlichen Bestimmungen aufzustellen und unverzüglich den Gesellschaftern zuzusenden. Der Jahresabschluss ist innerhalb von drei Monaten nach Ende des Geschäftsjahres der Generalversammlung zur Beschlussfassung vorzulegen.	10.1	The managing directors shall prepare financial statements within 60 (sixty) days following the end of the business year pursuant to the applicable legal provisions and send them to the shareholders without undue delay. The financial statements shall be submitted within three months following the end of the business year to the shareholders' meeting for adopting a resolution thereon.
10.2	Die Geschäftsführung hat an die Gesellschafter einen schriftlichen Bericht über das abgelaufene Geschäftsjahr und einen Voranschlag über die Verwendung des Bilanzergebnisses zu erstatten.	10.2	The managing directors shall submit a written report about the preceding business year and a proposal for the appropriation of the net result to the shareholders.
10.3	Die Geschäftsführung hat den Gesellschaftern spätestens bis Ende September vor Beginn eines jeden Geschäftsjahres ein Budget für das Folgejahr (Umsatz-, Investitions-, Personal- und Finanzbudget) mit vierteljährlicher Gliederung vorzulegen und dann laufend für die einzelnen Quartale Soll/Ist-Vergleiche zu ermitteln. Das Budget bedarf der Genehmigung durch die Generalversammlung (Gesellschafterbeschluss).	10.3	The managing directors shall submit to the shareholders until the end of September before the beginning of each business year the budget for the following year (turnover budget, investment budget, personnel budget and financial budget) in the way of a quarterly structure and continuously make comparisons of the budgeted and the actual figures of each quarter of the year. The budget is subject to the approval of the shareholders' meeting.
10.4	Die Generalversammlung beschließt über die Prüfung und Feststellung des Jahresabschlusses und über die Verwendung eines allfälligen Überschusses (Bilanzgewinnes), der nicht ausgeschüttet, sondern nur für die satzungsmäßigen gemeinnützigen Zwecke verwendet werden darf.	10.4	The shareholders' meeting shall resolve upon the audit and the approval of the financial statements and the use of a possible surplus (annual profit), which shall not be distributed, but only used for the statutory charitable purposes.
10.5	Sonstige Informationspflichten der Gesellschaft gegenüber den Gesellschaftern sind Gegenstand einer separaten Vereinbarung zwischen den Gesellschaftern.	10.5	Other obligations of the Company to provide the information to the shareholders are subject to a separate agreement between the shareholders.
11.	VERFÜGUNG ÜBER DIE GESCHÄFTSANTEILE	11.	DISPOSAL OF SHARES
11.1	Die Geschäftsanteile der Gesellschafter sind nur mit Zustimmung sämtlicher Gesellschafter sowie im Rahmen der Bestimmungen einer separaten	11.1	The shares of the shareholders may only be divided, transferred or pledged with the consent of all shareholders as well as under the provisions of a separate

	Vereinbarung zwischen den Gesellschaftern teilbar, übertragbar und verpfändbar.		agreement between the shareholders.
11.2	Aufgriffsrechte der Gesellschafter sind Gegenstand einer separaten Vereinbarung zwischen den Gesellschaftern. Die Gesellschafter verpflichten sich sonst alles zu tun, damit das Aufgriffsrecht gemäß den Bestimmungen dieser separaten Vereinbarung durchgesetzt werden kann.	11.2	Acquisition rights of the shareholders shall be subject to a separate agreement between the shareholders. The shareholders are obliged to do anything else to make the execution of the acquisition rights according to the terms and conditions of this separate agreement possible.
12.	AUFLÖSUNG, LIQUIDATION UND WEGFALL DES GEMEINNÜTZIGEN ZWECKES Bei Auflösung oder Liquidation der Gesellschaft oder bei Wegfall des gemeinnützigen Zwecks der Gesellschaft ist das verbleibende Gesellschaftsvermögen ausschließlich einer gemeinnützigen juristischen Person des privaten oder öffentlichen Rechts mit Tätigkeiten im Bereich der Unterstützung und dem Schutz von Menschen- und Bürgerrechten zu übertragen, die es ausschließlich für gemeinnützige Zwecke im Sinne der §§ 34 ff BAO zu verwenden hat.	12.	DISSOLUTION, LIQUIDATION AND DISCONTINUATION OF THE NON-PROFIT PURPOSE In case of dissolution or liquidation or in case of discontinuation of the non-profit purpose of the Company, the Company's remained assets shall be transferred exclusively to a similar public or private non-profit legal person with activities in the support and protection of human and civil rights, who must use these assets directly and exclusively for non-profit making purposes according to §§ 34 BAO et seq.
13.	BEKANNTMACHUNGEN Bekanntmachungen der Gesellschaft an die Gesellschafter erfolgen, soweit sich aus dem Gesetz nicht zwingend anderes ergibt, per Einschreiben an die der Gesellschaft zuletzt bekannt gegebenen Adressen der Gesellschafter oder an die der Gesellschaft zuletzt bekanntgegebenen Telefaxnummern oder E-Mail-Adressen.	13.	ANNOUNCEMENTS Company's announcements to the shareholders shall be made, unless entailed otherwise by law, by registered letter sent to the last known addresses of the shareholders, which were disclosed to the Company, or the facsimile numbers or e-mail addresses most recent known by the Company.
14.	GRÜNDUNGSKOSTEN Alle mit der Errichtung und Registrierung der Gesellschaft verbundenen Kosten, Gebühren und Abgaben werden bis zum Höchstbetrag von EUR 7.000,00 (Euro siebentausend) von der Gesellschaft getragen und sind mit der tatsächlichen Höhe in den ersten Jahresabschluss einzustellen.	14.	FOUNDATION COSTS All costs, taxes, fees and duties associated with the establishment and registration of the Company shall be born by the Company up to a maximum of EUR 7,000.00 (seven thousand euro) and shall be included into the first annual financial statements as actually incurred.
15.	SONSTIGES	15.	MISCELLANEOUS
15.1	Grama Schwaighofer Vondrak Rechtsanwälte GmbH („GSV“), Schottengasse 4, 1010 Wien, ist bevollmächtigt, alle Änderungen dieser Errichtungserklärung vorzunehmen und auch sonst alle Erklärungen, auch in	15.1	Grama Schwaighofer Vondrak Rechtsanwälte GmbH („GSV“), Schottengasse 4, 1010 Vienna, is hereby authorized to effect all changes to these articles of association and also to make all statements, also in the form of a notarial

notarieller Form, abzugeben, die zur Bewilligung der Eintragung der Gesellschaft im Firmenbuch notwendig oder zweckmäßig sind. GSV ist verpflichtet, die Gesellschafter über sämtliche Änderungen in diesem Zusammenhang unverzüglich schriftlich zu informieren. Mit Bewilligung der Eintragung der Gesellschaft im Firmenbuch erlischt die vorstehende Bevollmächtigung von GSV automatisch.	deed, which are deemed necessary and useful for the registration of the Company with the Companies Register. GSV shall be obliged to inform the shareholders without undue delay of any amendments in this context in written form. Upon the registration of the Company with the Companies Register having occurred, the aforementioned authorization of GSV shall automatically terminate.
15.2 Soweit durch die Errichtungserklärung in ihrer jeweils gültigen Fassung nichts anderes bestimmt ist, finden die Vorschriften des Gesetzes über Gesellschaften mit beschränkter Haftung und des Unternehmensgesetzbuchs in ihrer jeweils gültigen Fassung Anwendung auf die Gesellschaft.	15.2 Unless otherwise provided by these articles of association, as amended, the provisions of the Austrian Companies with Limited Liability Act and the Austrian Commercial Code, as amended, shall be applicable to the Company.
15.3 Für alle Streitigkeiten aus diesem Vertrag ist ausschließlich das sachlich für Handelssachen zuständige Gericht am Sitz der Gesellschaft zuständig.	15.3 In case of disputes arising from these articles of association the commercial court at the company's registered office shall be the competent court exclusively.
15.4 Sollte eine Bestimmung dieser Errichtungserklärung ganz oder teilweise nichtig oder unwirksam sein oder werden, werden die Gültigkeit und Wirksamkeit aller übrigen verbleibenden Bestimmungen davon nicht berührt. In einem solchen Fall haben die Gesellschafter den rechtsunwirksamen oder ungültigen Vertragsbestandteil durch Beschluss der nächsten Generalversammlung so umzudeuten oder zu ergänzen, dass die mit der rechtsunwirksamen oder ungültigen Bestimmung beabsichtigten wirtschaftlichen sowie rechtlichen Auswirkungen bestmöglich erreicht werden und der Gesamtzweck des Vertrages soweit wie möglich gewahrt bleibt.	15.4 Should any provision of these articles of associations become ineffective or void, the remaining provisions shall remain effective and valid. The shareholders are obliged to rephrase or to complete the void or ineffective provision by adoption of a resolution at the next shareholders' meeting in such a way that the economic and legal effects which were aimed by the ineffective or void provision are achieved in the best possible way and that the overall purpose of the articles of association is preserved as far as possible.
16. SPRACHE Nur der deutsche Text dieser Errichtungserklärung ist verbindlich. Im Falle von Widersprüchen zwischen der deutschen und der englischen Version dieser Errichtungserklärung, geht die deutsche Version dieser Errichtungserklärung vor.	16. LANGUAGE Only the German text of these articles of association shall be binding. In the event of an inconsistency between the German and English version of these articles of association, the German version of these articles of association shall prevail.



Betrifft: Handelsgericht Wien

Firma: ADF International Austria gemeinnützige GmbH

Ich beurkunde, dass die Erklärung zur Errichtung einer Gesellschaft mit beschränkter Haftung der vorgenannten Gesellschaft mit den Änderungen der Erklärung zur Errichtung einer Gesellschaft mit beschränkter Haftung im Punkt 8. (achtens) Geschäftsführung und Vertretung laut dem mir vorliegenden Nachtrag zur Erklärung zur Errichtung einer Gesellschaft mit beschränkter Haftung vom 28.10.2016 (achtundzwanzigsten Oktober zweitausendsechzehn), beurkundet zur Geschäftszahl 10.723 (zehntausendsiebenhundert-dreiundzwanzig) des öffentlichen Notars Dr. Klemens Huppmann, sowie mit den unveränderten Bestimmungen mit dem zuletzt zum Firmenbuch eingereichten vollständigen Wortlaut der Erklärung zur Errichtung einer Gesellschaft mit beschränkter Haftung übereinstimmt. -----

Wien, am zweiten November zweitausendsechzehn. -----




Dr. Christoph PFAFFENBERGER
NOTARPARTNER und SUBSTITUT
DES ÖFFENTLICHEN NOTARS
Dr. KLEMENS HUPPMANN
WIEN - INNERE STADT





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ROSEMAY HACKLAENDER
TRADUTORA PÚBLICA E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 1670/2000
Av. Paulista, 1079/804 – CEP 01311-200 – São Paulo/SP /Brasil
Tel.: 55 11 2787-6236 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Eu, Rosemay Hacklaender, devidamente autorizada pela Junta Comercial, Industrial e Serviços de São Paulo, Brasil, e qualificada de acordo com a legislação em vigor, por meio deste certifico que o documento descrito abaixo foi apresentado a mim para tradução de alemão para português.

Tradução Nr. 6033 Livro nº. 18 Folha 8278

Este documento é um documento jurídico

Fonte de dados: República da Áustria (representada por BMJ) [Consta logotipo FB].

Data-base 13/10/2020 dados atuais do Livro de registro de empresas (com dados históricos). FN 460299 k.

A base desta certidão é o livro principal complementado por dados do arquivo de certidões. Os dados históricos de 13/10/2020 estão riscados. Titulares legais e subsidiárias excluídos estão identificados com o sinal '#' na lateral.

Último registro em 31/03/2020 com o número de registro 5. Tribunal competente é o Tribunal do Comércio de Viena

Razão social

1. ADF International Austria gemeinnützige GmbH

Natureza jurídica:

1. Empresa de responsabilidade limitada

Sede em

1. Município de Viena

Endereço comercial

1. Landesgerichtsstrasse 10/10

4040 Viena

4. Reisnerstrasse 40/3º Andar 1030 Viena

Ramo de atividade.

1. Incentivo mundial ao Cristianismo, aos princípios cristãos e à ética bem como apoio e incentivo aos direitos humanos e civis, principalmente da liberdade religiosa, da liberdade de consciência e da liberdade de opinião das pessoas de fé cristã.

Capital

1. EUR 35000

Data-base e demonstrativo contábil anual

1. 30 de junho

Demonstrativo contábil anual

2. ~~de 30/06/2017 — entregue em 19/02/2010~~

3. ~~de 30/06/2010 — entregue em 29/03/2019~~

5. de 30/06/2017 entregue em 23/03/2020

Poder de representação

1. Se houver vários(as) diretores(as) designados, a empresa será representada por dois diretores em conjunto ou por um(a) diretor(a) em conjunto com um(a) procurador(a).

Com base na resolução dos sócios, poderá ser concedido poder de representação individual para alguns deles, mesmo se houver vários diretores(as) designados(as).

1. Ato Constitutivo da sociedade, de 29/08/2016.

Suplemento de 28/10/2016

Diretor(a)) (pelo direito comercial)

A. Paul Bernard Coleman, nasc. em 17/03/1985.

1. representa individualmente desde 10/11/2016.

B. Jasmina Hensellek, nasc. em 13/08/1973.

1. Representa desde 10/11/2016 em conjunto com outro diretor ou um procurador.

C. Robert Edward Clarke, nasc. em 26.10.1988.

1. Representa desde 10/11/2016 em conjunto com outro diretor ou um procurador.

Sócio(a)	Capital inicial	Desse valor, estão pagos
D Alliance Defending Freedom		
1	35.000 EUR	
1		35.000 EUR
Totais:	35.000 EUR	35.000 EUR





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ROSEMAY HACKLAENDER

TRADUTORA PÚBLICA E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 1670/2000
Av. Paulista, 1079/804 – CEP 01311-200 – São Paulo/SP /Brasil

Tel.: 55 11 2787-6236 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Tradução Nr. 6033 Livro nº. 18 Folha 8279

Pessoas

- 1 A Paul Bernard Coleman, nasc. em 17/03/1985
- 1 Landesgerichtsstrasse 18/10 1010 Viena
- 1 B Jasmina Hensellek, nasc. em 13/ 08/1973
- 1 Landesgerichtsstrasse 18/10 1010 Viena
- 1C Robert Edward Clarke, nasc. em 26/10/1988
- 1 Landesgerichtsstrasse 18/10 1010 Viena
- 1 D Alliance Defending Freedom
- 1 15100 N. 90th Street USA-AZ 85260 Scottsdale

Visão geral de execução

Junta Comercial de Viena

- 1 registrado em 10/11/2016, Ato 71 Fr 16656/16 d
- A solicitação de novo registro de empresa deu entrada em 12/10/2016
- 2 registrado em 21/02/2018, Ato 71 Fr 2200/18 m
- O encaminhamento eletrônico do balanço do exercício deu entrada em 19/02/2018
- 3 registrado em 03/04/2019, Ato 71 Fr 4347/19 d
- O encaminhamento eletrônico do balanço do exercício deu entrada em 29/03/2019
- 4 registrado em 25/02/2020, Ato 71 Fr 2280/20 y
- Pedido de alteração deu entrada em 20/02/2020
- 5 registrado em 31/03/2020, Ato 71 Fr 3645/20 f
- O encaminhamento eletrônico do balanço do exercício deu entrada em 23/03/2020

Informação do Banco Nacional da Áustria

Número de identificação válido em 13/10/2020: 19859775

Criado em: 13/10/2020 Disponibilizado pelo advogado da assessoria da empresa. Não é um documento oficial.

Em testemunho da verdade, eu declaro não haver nada mais no documento original apresentado a mim e que ele foi traduzido integral e fielmente por mim neste instrumento de tradução em 27 de fevereiro de 2023, em São Paulo, SP, Brasil. Esta tradução tem força legal no Brasil e no exterior.



Grundlage dieses Auszuges ist das Hauptbuch ergänzt um Daten aus der Urkundensammlung.

Die mit 13.10.2020 historischen Daten sind ~~durchgestrichen~~. Gelöschte Rechtsträger und Zweigniederlassungen sind seitlich mit dem Zeichen '#' markiert.

Letzte Eintragung am 31.03.2020 mit der Eintragungsnummer 5
zuständiges Gericht Handelsgericht Wien

FIRMA

- 1 ADF International Austria gemeinnützige GmbH

RECHTSFORM

- 1 Gesellschaft mit beschränkter Haftung

SITZ in

- 1 politischer Gemeinde Wien

GESCHÄFTSANSCHRIFT

- 1 ~~Landesgerichtsstraße 18/10~~
~~1010 Wien~~
- 4 Reisnerstrasse 40/3.OG
1030 Wien

GESCHÄFTSZWEIG

- 1 Weltweite Förderung des Christentums und der christlichen Prinzipien und Ethik und die Unterstützung und Förderung der Menschen- und Bürgerrechte, insbesondere der Religionsfreiheit der Gewissensfreiheit und der Meinungsfreiheit derjenigen, die christlichen Glaubens sind

KAPITAL

- 1 EUR 35.000

STICHTAG für JAHRESABSCHLUSS

- 1 30. Juni

JAHRESABSCHLUSS

- 2 ~~zum 30.06.2017 eingereicht am 19.02.2018~~
- 3 ~~zum 30.06.2018 eingereicht am 29.03.2019~~
- 5 zum 30.06.2019 eingereicht am 23.03.2020



VERTRETUNGSBEFUGNIS

- 1
- Die Gesellschaft wird, wenn mehrere Geschäftsführer/innen bestellt sind, durch zwei Geschäftsführer/innen gemeinsam oder durch eine/n von ihnen gemeinsam mit einer/einem Prokuristin/Prokuristen vertreten.
Durch Gesellschafterbeschluss kann, auch wenn mehrere Geschäftsführer/innen bestellt sind, einzelnen von ihnen selbständige Vertretungsbefugnis erteilt werden.

- 1
- Erklärung über die Errichtung der Gesellschaft
vom 29.08.2016
Nachtrag vom 28.10.2016
- 001

GESCHÄFTSFÜHRER/IN (handelsrechtlich)

- 1
- A Paul Bernard Coleman, geb. 17.03.1985
vertritt seit 10.11.2016 selbständig
- 1
- B Jasmina Hensellek, geb. 13.08.1973
vertritt seit 10.11.2016 gemeinsam mit
einem weiteren Geschäftsführer oder einem Prokuristen
- 1
- C Robert Edward Clarke, geb. 26.10.1988
vertritt seit 10.11.2016 gemeinsam mit
einem weiteren Geschäftsführer oder einem Prokuristen

GESELLSCHAFTER/IN		STAMMEINLAGE	HIERAUF GELEISTET
1	D Alliance Defending Freedom		
1		EUR 35.000	
1			EUR 35.000

	Summen:	EUR 35.000	EUR 35.000

--- PERSONEN -----

- 1
- A Paul Bernard Coleman, geb. 17.03.1985
- 1
- Landesgerichtsstraße 18/10
1010 Wien
- 1
- B Jasmina Hensellek, geb. 13.08.1973
- 1
- Landesgerichtsstraße 18/10
1010 Wien
- 1
- C Robert Edward Clarke, geb. 26.10.1988
- 1
- Landesgerichtsstraße 18/10



1010 Wien
1 D Alliance Defending Freedom
1 15100 N. 90th Street
USA-AZ 85260 Scottsdale

----- VOLLZUGSÜBERSICHT -----

Handelsgericht Wien

- 1 eingetragen am 10.11.2016

Geschäftsfall 71 Fr 16656/16 d
- Antrag auf Neueintragung einer Firma

eingelangt am 12.10.2016
- 2 eingetragen am 21.02.2018

Geschäftsfall 71 Fr 2200/18 m
- Elektronische Einreichung Jahresabschluss

eingelangt am 19.02.2018
- 3 eingetragen am 03.04.2019

Geschäftsfall 71 Fr 4347/19 d
- Elektronische Einreichung Jahresabschluss

eingelangt am 29.03.2019
- 4 eingetragen am 25.02.2020

Geschäftsfall 71 Fr 2280/20 y
- Antrag auf Änderung

eingelangt am 20.02.2020
- 5 eingetragen am 31.03.2020

Geschäftsfall 71 Fr 3645/20 f
- Elektronische Einreichung Jahresabschluss

eingelangt am 23.03.2020

----- INFORMATION DER ÖSTERREICHISCHEN NATIONALBANK -----

zum 13.10.2020 gültige Identnummer: 19859775

Erstellt am: 13.10.2020 Bereitgestellt von ADVOKAT Unternehmensberatung. Kein amtliches Dokument.





17th St. & Constitution Avenue N.W.
Washington, D.C. 20006
United States of America

Organization of American States

P. 202.458.3000
www.oas.org

Antigua and Barbuda
Argentina
The Bahamas
Barbados
Belize
Bolivia
Brazil
Canada
Chile
Colombia
Costa Rica
Cuba
Dominica
Dominican Republic
Ecuador
El Salvador
Grenada
Guatemala
Guyana
Haiti
Honduras
Jamaica
Mexico
Nicaragua
Panama
Paraguay
Peru
Saint Kitts and Nevis
Saint Lucia
Saint Vincent and the Grenadines
Suriname
Trinidad and Tobago
United States of America
Uruguay
Venezuela

SER/DIA/225/14
April 28, 2014

Benjamin W. Bull
Executive Director
Alliance Defending Freedom
Scottsdale, Arizona
USA

Dear Mr. Bull,

We are pleased to inform you that, at its meeting held on April 23, 2014, the Permanent Council of the Organization of the American States (OAS) approved the application of the *Alliance Defending Freedom* to be included as a registered civil society organization in the OAS in accordance with the guidelines adopted in Resolution CP/RES. 759.

We appreciate your continued interest in participating in OAS activities, and look forward to your contributions in strengthening the mechanisms of cooperation between civil society organizations and OAS Member States.

If you require any additional information, please contact the Department of International Affairs by email at civilsociety@oas.org.

Sincerely,



Jorge Sanin
Director
Department of International Affairs





SER/DIA/225/14
28 de abril de 2014

Benjamin W. Bull Diretor
Executivo
Aliança em Defesa da Liberdade
Scottsdale, Arizona
EUA

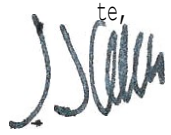
Prezado Sr. Bull,

Temos o prazer de informar que, em sua reunião realizada em 23 de abril de 2014, o Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA) aprovou o pedido da *Aliança Defensora da Liberdade* para ser incluída como uma organização da sociedade civil registrada na OEA, de acordo com as diretrizes adotadas na Resolução CP/RES. 759.

Agradecemos seu interesse contínuo em participar das atividades da OEA, e esperamos ansiosamente suas contribuições para fortalecer os mecanismos de cooperação entre as organizações da sociedade civil e os Estados membros da OEA.

Para qualquer informação adicional, favor entrar em contato com o Departamento de Assuntos Internacionais por e-mail no site civilsociety.oas.org.

Sinceramen

te,

e
w
e
A

Jorge
Sanin
Diretor
Departamentof Assuntos Internacionais





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
EGIDIO ALEX BERTA DOS SANTOS
TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 127/2010
Rua Marquês do Pombal, 783/501 – CEP 90.540-001 – Porto Alegre/RS/Brasil
Tel.: 55 51 3222-2277 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Eu, Egidio Alex Berta dos Santos, devidamente autorizado pela Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul e qualificado de acordo com a legislação em vigor, por meio deste certifico que o documento descrito abaixo foi apresentado a mim para tradução de inglês para português.

Livro nº 29 – Tradução nº: 0132/2023

Este documento é uma Correspondência bilingue, emitida nos Estados Unidos.

[Consta brasão]. Organização dos Estados Americanos.

[Consta endereço e contato da instituição].

[Consta na margem esquerda uma lista dos Estados-Membros da Instituição].

SER/Dia/225/14.

28 de abril de 2014.

Benjamin W.Bull. Diretor Executivo. Aliança em Defesa da Liberdade. Scottsdale, Arizona. EUA.

Prezado Sr. Bull,

Temos o prazer de informar que, em sua reunião realizada em 23 de abril de 2014, o Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos (OEA) aprovou o pedido da Aliança em Defesa da Liberdade para ser incluída como uma organização da sociedade civil registrada na OEA, de acordo com as diretrizes adotadas na Resolução CP/RES. 759.

Agradecemos seu interesse contínuo em participar das atividades da OEA, e esperamos ansiosamente suas contribuições para fortalecer os mecanismos de cooperação entre as organizações da sociedade civil e os Estados membros da OEA.

Para qualquer informação adicional, favor entrar em contato com o Departamento de Assuntos Internacionais por e-mail, para civilsociety@oas.org.

Atenciosamente,

[Consta assinatura]. [Consta carimbo: Organização dos Estados Americanos].

Jorge Sanin. Diretor. Departamento de Assuntos Internacionais.

Em testemunho da verdade, eu declaro não haver nada mais no documento original apresentado a mim e que ele foi traduzido integral e fielmente por mim neste instrumento de tradução em 22 de março de 2023, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Esta tradução tem força legal no Brasil e no exterior.





Transparency Register

Profile of registrant

(Organisation) name:

ADF International Belgium

Identification number in the register:

69403354038-78

Registration date:

20/08/2010 19:09:49

The registrant performed the last (partial or annual) update on:

09/02/2023 15:15:39

Next annual update due latest on:

17/03/2023

Applicant/registrant: organisation or self-employed individual

(Organisation) name:

ADF International Belgium

Acronym:

ADFI

Form of the entity:

ASBL

Website:

<http://www.adfinternational.org>

Category of registration

Category:

Non-governmental organisations, platforms and networks and similar

Head office



Address:

Reisnerstrasse 40/3.OG

P.O. box:

Post code:

1030

City:

Wien

Country:

AUSTRIA

Telephone number:

(+43) 19049555

 Office in charge of EU relations

Address:

Rue Guimard

P.O. box:

1040

Post code:

1040

City:

Bruxelles (Etterbeek)

Country:

BELGIUM

Telephone number:

(+32) 28999870

 Person with legal responsibility

Surname:

Coleman



First Name:

Paul

Position:

Executive Director

Person in charge of EU relations

Surname:

Portaru

First name:

Adina

Position:

Senior Counsel, Europe

Goals/remit

Goals / remit of the organisation:

ADF International is a faith-based legal advocacy organisation that protects fundamental freedoms and promotes the inherent dignity of all people.

Your organisation is active on the following level(s):

Global

Specific activities covered by the Register

Main EU legislative proposals or policies targeted:

EU Guidelines on the promotion and protection of freedom of religion or belief;
EU Accession to the European Convention on Human Rights;
EU Guidelines on Freedom of expression online and offline;
EC Initiative to include Hate Speech & Hate Crime on the list of EU Crimes;
EC Initiative on Cross-border family situations- recognition of parenthood;
TFEU Article 17 Dialogue;
Interaction with the EP Intergroup on Freedom of Religion or Belief and Religious Tolerance;
EP Report on Persecution of minorities on the ground of belief or religion;
EP Annual report on Human Rights and democracy in the world and the European Union's Policy on the matter.

Communication activities (events, campaigns, publications, etc.) related to the EU policies above:

Briefing events, submission of briefing papers
ADF International co-hosted events in the European Parliament:
"Genocide by Isis: Urgent need for International Action" on February 17 2016;
"Freedom of Conscience" on March 2 2016;
Book Launch "Never Again;



Legal responses to a broken promise in the Middle East" on June 29 2016;
Presentation on the ongoing genocide against Christians in Iraq on January 11 2017;
Briefing on "Hate Speech" at the European Parliament on October 19 2017;
Brussels II Briefing at the European Parliament on February 27 2018;
MEP Briefing on "Religious Freedom" on June 20 2018;
MEP Briefing event on India on October 10 2018;
UDHR Event on November 28 2018, 10th anniversary of the EU Charter on June 19 2019.
Various campaigns on the promotion and protection of human rights and inherent dignity (e.g. ("Let us Worship", "End Forced Marriage").

List of meetings with the European Commission ⓘ :

 PDF file

List of contributions to public consultations ⓘ :

N/A

List of contributions to roadmaps ⓘ :

Collapse/expand all contributions

 Delivering for children: an EU strategy on the rights of the child

Participation in EU structures and platforms:

Intergroups and unofficial groupings (European Parliament) ⓘ :

Collapse/expand all memberships

- Freedom of religion and religious tolerance

Commission expert groups and other similar entities (European Commission) ⓘ :

N/A

Participation in other EU supported forums and platforms:

Human Rights, freedom of thought, conscience and religion, freedom of expression, Church relations, parental rights and education, bioethics.

 Number of persons involved in the activities

Number of persons involved from the organisation expressed in % of working time:

100%: 2 50%: 2

Number of persons involved:

4

Full time equivalent (FTE):

3

Complementary information:



all are employees

 Persons accredited for access to European Parliament premises

First name	Surname	Start Date	End Date
Adina Ioana	PORTARU	10/03/2023	08/03/2024
Jean-Paul	VAN DE WALLE	16/09/2022	15/09/2023
Georgia Alida	DU PLESSIS	10/03/2023	08/03/2024
Martina	DIVKOVIC	25/01/2023	24/01/2024
Felix	BÖLLMANN	21/01/2023	31/07/2023

 Fields of interest

- Fields of interest:**
- Justice and fundamental rights

 Membership and affiliation

Membership of any associations/(con)federations/networks or other bodies:

N/A

List of organisations, networks and associations that are the members and/or you are affiliated with:

ADF International Belgium is affiliated with ADF International Austria (<https://adfinternational.org/our-global-reach/>) and Alliance Defending Freedom (www.adflegal.org). ADF International Belgium is conducting EU advocacy activities.

 Interests represented

The applicant/registrant:

Does not represent commercial interests

 Financial data

Closed financial year:

07/2021 - 06/2022

- Sources of funding:**
- Donations



Contributions in the closed financial year (above €10 000 and 10% of the total budget):

Contributor's name	Amount
ALLIANCE DEFENDING FREEDOM	585,000

Total budget:

585,000 €

Complementary information for €0 budget:

N/A

Grants for the closed financial year:

N/A

Total amount of EU grants:

N/A

Grants for the current financial year:

N/A

Total amount of EU grants:

N/A

Complementary information:

The worldwide work of ADF International is funded by thousands of private donors in more than 60 countries – including within the EU. ADF International receives no funding from any governmental nor multilateral entity. The budget listed in March 2022 was the global budget of all ADF International operations worldwide. Thanks to the clarification provided by the Register’s Secretariat, the registration has been updated in February 2023 to indicate the most recent and relevant data pertaining to the budget of the registered entity in accordance with ANNEX II of the Interinstitutional Agreement of 20 May 2021.

 Code of conduct

By its registration the organisation has signed the Transparency Register Code of Conduct.





Registro de Transparência

Perfil do registrador

(Organização) nome:

ADF International Bélgica

Número de identificação no registro:

69403354038-78

Data de registro:

20/08/2010 19:09:49

O registrante realizou a última atualização (parcial ou anual):

09/02/2023 15:15:39

Próxima atualização anual prevista para o dia seguinte:

17/03/2023

Requerente/registrante: organização ou pessoa física autônoma

(Organização) nome:

ADF International Bélgica

Acrônimo:

ADFI

Forma da entidade:

ASBL

Website:

<http://www.adfinternational.org>

Categoria de registro

Categoria:

Organizações não-governamentais, plataformas e redes e similares

Sede central



Endereço:

Reisnerstrasse 40/3.OG

Caixa postal:

Código postal:

1030

Cidade:

Viena

País:

ÁUSTRIA

Número de telefone:

✉ Escritório encarregado das relações com a UE

Endereço:

Rue Guimard

Caixa postal:

1040

Código postal:

1040

Cidade:

Bruxelles (Etterbeek)

País:

BÉLGICA

Número de telefone:

(+32) 28999870

👤 Pessoa com responsabilidade legal

Sobrenome:

Coleman



Primeiro nome:

Paul

Posição:

Diretor Executivo

 Responsável pelas relações com a UE

Sobrenome:

Portaru

Primeiro nome:

Adina

Posição:

Advogado Sênior, Europa

 Objetivos/remitir

Objetivos / atribuições da organização:

A ADF International é uma organização de defesa jurídica baseada na fé que protege as liberdades fundamentais e promove a dignidade inerente de todas as pessoas.

Sua organização está ativa no(s) seguinte(s) nível(is)

Global

 Atividades específicas cobertas pelo Registro

Principais propostas legislativas ou políticas da UE visadas:

Diretrizes da UE sobre a promoção e proteção da liberdade de religião ou crença;
Adesão da UE à Convenção Européia sobre Direitos Humanos;
Diretrizes da UE sobre liberdade de expressão on-line e off-line;
Iniciativa da CE para incluir o discurso do ódio e o crime de ódio na lista de crimes da UE; Iniciativa da CE sobre situações familiares transfronteiriças - reconhecimento da paternidade; Diálogo do Artigo 17 do TFEU;
Interação com o Intergrupo do PE sobre Liberdade de Religião ou Crença e Tolerância Religiosa; Relatório do PE sobre Perseguição de minorias por motivo de crença ou religião;
Relatório Anual do PE sobre Direitos Humanos e Democracia no mundo e a Política da União Européia sobre o assunto.

Atividades de comunicação (eventos, campanhas, publicações, etc.) relacionadas com as políticas da UE acima:

Eventos de briefing, apresentação de documentos de briefing
ADF International co-anfitriou eventos no Parlamento Europeu:
"Genocídio por Ísis: necessidade urgente de ação internacional" em 17 de fevereiro de 2016; "Liberdade de Consciência" em 2 de março de 2016;
Lançamento do livro "Nunca mais;

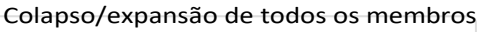


Respostas legais a uma promessa quebrada no Oriente Médio" em 29 de junho de 2016;
Apresentação sobre o genocídio em curso contra os cristãos no Iraque em 11 de janeiro de 2017; Briefing sobre "Discurso de ódio" no Parlamento Europeu em 19 de outubro de 2017;
Brussels II Briefing no Parlamento Europeu em 27 de fevereiro de 2018;
MEP Briefing sobre "Liberdade Religiosa" em 20 de junho de 2018;
Evento de informação do MPE sobre a Índia em 10 de outubro de 2018;
Evento da UDHR em 28 de novembro de 2018, 10º aniversário da Carta da UE em 19 de junho de 2019.
Várias campanhas sobre a promoção e proteção dos direitos humanos e da dignidade inerente (por exemplo ("Let us Worship", "End Forced Marriage").

 **Lista de reuniões com a Comissão Européia** :
 Arquivo PDF

 **Lista de contribuições para consultas públicas** :
N/A

 **Lista de contribuições aos roteiros** :
 Colapso/expansão de todas as contribuições
Entregar para as crianças: uma estratégia da UE sobre os direitos da criança

Participação nas estruturas e plataformas da UE:
 **Intergrupos e agrupamentos não-oficiais (Parlamento Europeu)** :
 Colapso/expansão de todos os membros
•
Liberdade de religião e tolerância religiosa

 **Grupos de peritos da Comissão e outras entidades similares (Comissão Européia)** :
N/A

Participação em outros fóruns e plataformas apoiados pela UE:
Direitos Humanos, liberdade de pensamento, consciência e religião, liberdade de expressão, relações com a Igreja, direitos parentais e educação, bioética.

 Número de pessoas envolvidas nas atividades

Número de pessoas envolvidas da organização expresso em % do tempo de trabalho:
100%: 2 50%: 2

Número de pessoas envolvidas:
4

Equivalente em tempo integral (FTE):
3

Informações complementares:



todos são funcionários

Primeiro nome	Apelido	Data de início	Data final
Adina Ioana	PORTARU	10/03/2023	08/03/2024
Jean-Paul	VAN DE WALLE	16/09/2022	15/09/2023
Geórgia Álida	DU PLESSIS	10/03/2023	08/03/2024
Martina	DIVKOVIC	25/01/2023	24/01/2024
Félix	BÖLLMANN	21/01/2023	31/07/2023

Campos de interesse:

- ♦ Justiça e direitos fundamentais

Participação em qualquer associação/(con)federação/redes ou outros órgãos:

N/A

Lista de organizações, redes e associações que são os membros e/ou com as quais você está afiliado:

A ADF International Belgium é filiada à ADF International Austria (<https://adfinternational.org/our-global-reach/>) e à Alliance Defending Freedom (www.adflegal.org). A ADF International Belgium está conduzindo atividades de defesa da UE.

O requerente/registrante:

Não representa interesses comerciais

Exercício financeiro
fechado:

Fontes de
financiamento:

- ♦



Contribuições no exercício financeiro encerrado (acima de 10.000 euros e 10% do orçamento total):

Nome do contribuinte	Montante
ALIANÇA EM DEFESA DA LIBERDADE	585,000

Orçamento total:

585,000 €

Informações complementares por 0 euros de orçamento:

N/A

Subsídios para o ano fiscal encerrado:

N/A

Valor total das subvenções da UE:

N/A

Subsídios para o exercício financeiro atual:

N/A

Valor total das subvenções da UE:

N/A

Informações complementares:

O trabalho mundial da ADF International é financiado por milhares de doadores privados em mais de 60 países - inclusive dentro da UE. A ADF International não recebe financiamento de nenhuma entidade governamental ou multilateral. O orçamento listado em Março de 2022 foi o orçamento global de todas as operações da ADF International em todo o mundo. Graças ao esclarecimento fornecido pela Secretaria do Registro, o registro foi atualizado em fevereiro de 2023 para indicar os dados mais recentes e relevantes relativos ao orçamento da entidade registrada de acordo com o ANEXO II do Acordo Interinstitucional de 20 de maio de 2021.

 Código de conduta

Com seu registro, a organização assinou o Código de Conduta de Registro de Transparência.





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
EGIDIO ALEX BERTA DOS SANTOS
TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 127/2010
Rua Marquês do Pombal, 783/501 – CEP 90.540-001 – Porto Alegre/RS/Brasil
Tel.: 55 51 3222-2277 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Eu, Egidio Alex Berta dos Santos, devidamente autorizado pela Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul e qualificado de acordo com a legislação em vigor, por meio deste certifico que o documento descrito abaixo foi apresentado a mim para tradução de inglês para português.

Livro nº 29 – Tradução nº: 0133/2023

Este documento é um Relatório de Registro de Transparência, bilíngue.

[Consta imagem de bandeira da Comunidade Europeia]. Registro de Transparência.

Perfil do registrador.

Nome da Organização: ADF International Belgium (Bélgica).

Número de identificação no registro: 69403354038-78.

Data de registro: 20/08/2010 19:09:49.

O registrante realizou a última atualização (parcial ou anual) em: 09/02/2023 15:15:39.

Próxima atualização anual prevista para o dia: 17/03/2023.

Requerente/registrante: organização ou pessoa física autônoma.

(Organização) nome: ADF International Belgium (Bélgica).

Acrônimo: ADFI.

Forma da entidade: ASBL.

Website: <http://www.adfinternational.org>.

Categoria de registro.

Categoria: Organizações não-governamentais, plataformas e redes e similares.

Sede central.

Endereço: Reisnerstrasse 40/3. OG.

Caixa postal: [Em branco].

Código postal: 1030.

Cidade: Viena.

País: Áustria.

Número de telefone: (+43) 19049555.

Escritório encarregado das relações com a UE.

Endereço: Rue Guimard.

Caixa postal: 1040.

Código postal: 1040.

Cidade: Bruxelles (Etterbeek).

País: Bélgica.

Número de telefone: (+32) 28999870.

Pessoa com responsabilidade legal.

Sobrenome: Coleman.

Primeiro nome: Paul.

Cargo: Diretor Executivo.

Responsável pelas relações com a UE.

Sobrenome: Portaru.

Primeiro nome: Adina.

Posição: Advogada Sênior, Europa.

Objetivos/atribuições.

Objetivos / atribuições da organização: A ADF International é uma organização de defesa jurídica baseada na fé que protege as liberdades fundamentais e promove a dignidade inerente de todas as pessoas.

Sua organização está ativa no(s) seguinte(s) nível(is): Global.

Atividades específicas cobertas pelo Registro.

Principais propostas legislativas ou políticas da UE visadas: Diretrizes da UE sobre a promoção e proteção da liberdade de religião ou crença; Adesão da UE à Convenção Europeia sobre Direitos Humanos; Diretrizes da UE sobre liberdade de expressão on-line e off-line; Iniciativa da CE para incluir o discurso do ódio e o crime de ódio na lista de crimes da UE; Iniciativa da CE sobre situações familiares transfronteiriças - reconhecimento da paternidade; Diálogo do Artigo 17 do TFEU; Interação com o Intergrupo do PE sobre Liberdade de Religião ou Crença e Tolerância Religiosa; Relatório do PE sobre Perseguição



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
EGIDIO ALEX BERTA DOS SANTOS
TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 127/2010
Rua Marquês do Pombal, 783/501 – CEP 90.540-001 – Porto Alegre/RS/Brasil
Tel.: 55 51 3222-2277 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

de minorias por motivo de crença ou religião; Relatório Anual do PE sobre Direitos Humanos e Democracia no mundo e a Política da União Europeia sobre o assunto.
Atividades de comunicação (eventos, campanhas, publicações, etc.) relacionadas com as políticas da UE acima:
Eventos de briefing, apresentação de documentos de briefing; ADF International co-anfitriou eventos no Parlamento Europeu: "Genocídio pelo Isis: necessidade urgente de ação internacional" em 17 de fevereiro de 2016; "Liberdade de Consciência" em 2 de março de 2016; Lançamento do livro "Nunca mais; Respostas legais a uma promessa quebrada no Oriente Médio" em 29 de junho de 2016; Apresentação sobre o genocídio em curso contra os cristãos no Iraque em 11 de janeiro de 2017; Briefing sobre "Discurso de ódio" no Parlamento Europeu em 19 de outubro de 2017; Briefing de Brussels II ("Bruxelas II") no Parlamento Europeu em 27 de fevereiro de 2018; Briefing de MPE sobre "Liberdade Religiosa" em 20 de junho de 2018; Evento de Briefing de MPE sobre a Índia em 10 de outubro de 2018; Evento da DUDH em 28 de novembro de 2018, 10º aniversário da Carta da UE em 19 de junho de 2019. Várias campanhas sobre a promoção e proteção dos direitos humanos e da dignidade inerente (por exemplo "Let us Worship", ou "Deixe-nos Louvar", e "End Forced Marriage", ou "Acabe com o Casamento Forçado").
Lista de reuniões com a Comissão Europeia. Arquivo PDF.
Lista de contribuições com consultas públicas: N/D.
Lista de contribuições com roteiros: Recolher/expandir todas as contribuições.
Entregar para as crianças: uma estratégia da UE sobre os direitos da criança.
Participação nas estruturas e plataformas da UE:
Intergrupos e agrupamentos não-oficiais (Parlamento Europeu):
Recolher/expandir todas as afiliações.
Liberdade de religião e tolerância religiosa.
Grupos de peritos da Comissão e outras entidades similares (Comissão Europeia): N/D.
Participação em outros fóruns e plataformas apoiados pela UE: Direitos Humanos, liberdade de pensamento, consciência e religião, liberdade de expressão, relações com a Igreja, direitos parentais e educação, bioética.
Número de pessoas envolvidas nas atividades.
Número de pessoas da organização envolvidas, expresso em % do tempo de trabalho: 100%: 2 50%: 2.
Número de pessoas envolvidas: 4. Equivalente em tempo integral (FTE): 3. Informações complementares: todos são funcionários.
Pessoas credenciadas para acesso às instalações do Parlamento Europeu.

Primeiro nome	Sobrenome	Data de início	Data final
Adina Ioana	Portaru	10/03/2023	08/03/2024
Jean-Paul	Van de Walle	16/09/2022	15/09/2023
Georgia Alida	Du Plessis	10/03/2023	08/03/2024
Martina	Divkovic	25/01/2023	24/01/2024
Felix	Böllmann	21/01/2023	31/07/2023

Campos de interesse.
Campos de interesse: Justiça e direitos fundamentais.
Afiliação e filiação. Participação em qualquer associação/(con)federação/redes ou outros órgãos: N/D.
Lista de organizações, redes e associações que são os membros e/ou com as quais você está afiliado: A ADF International Belgium é filiada à ADF International Austria (<https://adfinternational.org/our-global-reach/>) e à Alliance Defending Freedom (www.adflegal.org). A ADF International Belgium está conduzindo atividades de defesa da UE.
Interesses representados.
O requerente/registrante: Não representa interesses comerciais.
Dados financeiros.
Exercício financeiro fechado: 07/2021 – 06/2022.
Fontes de financiamento: Doações





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
EGIDIO ALEX BERTA DOS SANTOS
TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 127/2010
Rua Marquês do Pombal, 783/501 – CEP 90.540-001 – Porto Alegre/RS/Brasil
Tel.: 55 51 3222-2277 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Contribuições no exercício financeiro encerrado (acima de 10.000 euros e 10% do orçamento total):

Nome do contribuinte	Montante
Alliance Defending Freedom (Aliança em Defesa da Liberdade)	585.000

Orçamento total: 585.000 €.
Informações complementares por 0 euros de orçamento: N/D.
Subsídios para o ano fiscal encerrado: N/D.
Valor total das subvenções da UE: N/D.
Subsídios para o exercício financeiro atual: N/D.
Valor total das subvenções da UE: N/D.
Informações complementares: O trabalho mundial da ADF International é financiado por milhares de doadores privados em mais de 60 países - inclusive dentro da UE. A ADF International não recebe financiamento de nenhuma entidade governamental ou multilateral. O orçamento listado em março de 2022 foi o orçamento global de todas as operações da ADF International em todo o mundo. Graças ao esclarecimento fornecido pela Secretaria do Registro, o registro foi atualizado em fevereiro de 2023 para indicar os dados mais recentes e relevantes relativo ao orçamento da entidade registrada de acordo com o ANEXO II do Acordo Interinstitucional de 20 de maio de 2021.
Código de conduta.
Com seu registro, a organização assinou o Código de Conduta do Registro de Transparência.
Em testemunho da verdade, eu declaro não haver nada mais no documento original apresentado a mim e que ele foi traduzido integral e fielmente por mim neste instrumento de tradução em 22 de março de 2023, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Esta tradução tem força legal no Brasil e no exterior.





NGO Branch
United Nations Department of Economic and Social Affairs

Logged in as: **un@alliancedefendingfreedom.org** Last login on Tue 07 Mar 2023, 09:23:59 EST **Logout**

Civil Society Participation > Organizational Homepage > Consultative Status > Application

www.un.org/ecosoc/ngo

NGO Branch

About us
Contact us

ECOSOC Status

Introduction
Applying for Status
Committee on NGOs
NGO Response System

NGO Participation

UN Grounds Pass
Functional Commissions
High Level Segment
Calendar of Events
Conference Registration
Quadrennial Reports
CSO Net

Quadrennial Reports

Quadrennial report
due? Read more on our 

Alliance Defending Freedom

Profile Consultative Status Documents Correspondence

Application

Consultative Status: Special since 2010

ECOSOC Decision: Granted

NGO Committee Decision: Recommended

Submission	Version	Appl. Year	Update	Print	Delete
Application	Final	2009			
Application	Original	2009			
Letter of intent		2007			

» CSO Home

» Organizations

» Consultative status
» Sustainable Development
» Social Development
» Advancement of Women
» Financing for Development
» Forests
» Public Administration
» Dept. of Public Information
» Office of the Special Adviser
on Africa [OSAA]

» My Account

Contact NGO Branch

Questions on applications,
reports, or other inquiries 

[Click here »](#)

Online Application

Applying for ECOSOC
Consultative Status?



[Click here »](#)

UN Grounds Pass



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:11

Número do documento: 25040710175302000000346971112

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>

Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
EGIDIO ALEX BERTA DOS SANTOS
TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 127/2010
Rua Marquês do Pombal, 783/501 – CEP 90.540-001 – Porto Alegre/RS/Brasil
Tel.: 55 51 3222-2277 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Eu, Egidio Alex Berta dos Santos, devidamente autorizado pela Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul e qualificado de acordo com a legislação em vigor, por meio deste certifico que o documento descrito abaixo foi apresentado a mim para tradução de inglês para português.

Livro nº 29 – Tradução nº: 0134/2023

Este documento consiste em uma Imagem de Captura de Tela de uma Página da Internet.

Conectado como: un@alliancedefendingfreedom.org. Último login em 07 de março de 2023, 09:23:59. EST. Sair.

[Consta brasão]. Filial ONG. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas.

Civil Society Participation > Organizational Homepage > Consultative Status > Application ("Participação da Sociedade Civil > Página Inicial Organizacional > Status Consultivo > Inscrição").

Alliance Defending Freedom ("Aliança em Defesa da Liberdade").

Perfil. Status Consultivo. Documentos. Correspondência.

Inscrição.

Status Consultivo: Especial desde 2010. Decisão ECOSOC: Concedido. Decisão do Comitê de ONG: Recomendado.

Submissão	Versão	Ano de Inscrição
Inscrição	Final	2009
Inscrição	Original	2009
Carta de Intenções		2007

[Constam colunas Update ("Atualizar") com todos os campos em branco, e Print ("Imprimir") e Delete ("Deletar") com campos em branco e alguns com símbolo de uma impressora].

Em testemunho da verdade, eu declaro não haver nada mais no documento original apresentado a mim e que ele foi traduzido integral e fielmente por mim neste instrumento de tradução em 22 de março de 2023, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Esta tradução tem força legal no Brasil e no exterior.





Corte IDH
Protegiendo Derechos

SECRETARÍA DE LA CORTE

San José, 11 de mayo de 2021

REF. : CDH-26-2019/147

Pavez Pavez Vs. Chile

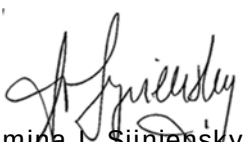
Estimado señor:

Por medio de la presente me permito hacer referencia a su escrito presentado el pasado 26 de febrero de 2021 en calidad de *amicus curiae*, en relación con el presente caso.

Con relación a la solicitud de participación en la audiencia pública, se le informa que únicamente las partes en el proceso del caso y la Comisión son las que pueden participar en la referida audiencia. Sin embargo, me permito informarle que la audiencia será transmitida por las redes sociales de la Corte IDH en streaming en vivo, por medio de Facebook, Youtube y Twitter, por lo que otras personas que no vayan a intervenir en la realización de la presentación oral podrán ver la audiencia y seguirla en vivo por estos canales.

Asimismo, permítame expresarles mi agradecimiento por su interés en el trabajo de la Corte.

Atentamente,


Romina I. Sijniensky
Secretaria Adjunta

Señor
Tomas Henriquez, Director
ADF International
E-mail: thenriquez@adfinternational.org;



(506) 2527-1600



www.corteidh.or.cr
corteidh@corteidh.or.cr



Avenida 10, Calles 45 y 47 Los Yoses,
San Pedro, San José, Costa Rica.



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:11

Número do documento: 25040710175302000000346971112

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>

Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54

Num. 359849827 - Pág. 312



REGISTRO DO TRIBUNAL

San José, 11 de maio de 2021 REF.
CDH- 26 - 2019 / 147
Pavez Pavez Vs. Chile

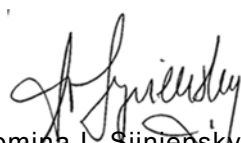
Prezado Senhor :

Por meio deste documento, me refiro ao seu *amicus curiae* apresentado em 26 de fevereiro de 2021 em relação ao presente caso.

Com relação ao seu pedido de participação na audiência pública, favor ser informado de que somente as partes do processo no caso e a Comissão podem participar da audiência acima mencionada. Entretanto, gostaria de informar que a audiência será transmitida ao vivo nas redes sociais da CIDH via Facebook, YouTube e Twitter, para que outras pessoas que não participarão da apresentação oral possam assistir à audiência e acompanhá-la ao vivo nestes canais.

Deixe-me também agradecer seu interesse pelo trabalho do Tribunal.

Atenciosamente,


Romina I. Sijniensky
Secretário Adjunto

Sr.
Tomas Henríquez, Diretor ADF
Internacional
E- mail: thenriquez@adfinternational.org ;



(506) 2527-1600



www.corteidh.or.cr
corteidh@corteidh.or.cr



Avenida 10, Calles 45 y 47 Los Yoses,
San Pedro, San José, Costa Rica.





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

SONIA ACHÁ KAHL

TRADUTORA PÚBLICA E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 311/2010

Rua Marquês do Pombal, 783/501 – CEP 90.540-001 – Porto Alegre/RS/Brasil

Tel.: 55 51 3222-2277 – Cel.: 55 51 99123-2277 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Eu, Sonia Achá Kahl, devidamente autorizada pela Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul, Brasil, e qualificada de acordo com a legislação em vigor, por meio deste certifico que o documento descrito abaixo foi apresentado a mim para tradução de espanhol para português.

Livro nº 10 – Tradução nº 0011/2023:

Documento: Registro do Tribunal

Impresso em papel onde consta o logo da Corte IDH – Corte Interamericana de Derechos Humanos, redigido em espanhol e em português, del qual paso a transcrever o texto em português.

San José, 11 de maio de 2021 REF. CDH- 26 - 2019 / 147. PavezPavezVs.Chile.

Prezado Senhor,

Pelo presente documento, me refiro ao seu *amicus curiae* apresentado em 26 de fevereiro de 2021 em relação ao presente caso.

Com relação ao seu pedido de participação na audiência pública, favor ser informado de que somente as partes do processo no caso e a Comissão podem participar da audiência acima mencionada. Entretanto, gostaria de informar que a audiência será transmitida ao vivo nas redes sociais da CIDH via Facebook, YouTube e Twitter, para que outras pessoas que não participarão da apresentação oral possam assistir à audiência e acompanhá-la ao vivo nestes canais.

Deixe-me também agradecer seu interesse pelo trabalho do Tribunal.

Atenciosamente,

Consta assinatura ilegível de Romina I. Sijniensky. Secretária Adjunta.

Ao senhor Tomas Henríquez, Diretor ADF. Internacional. E-mail: thenriquez@adfinternational.org;

Constam dados de contato da instituição.

Em testemunho da verdade, eu declaro não haver nada mais no documento original apresentado a mim e que ele foi traduzido integral e fielmente por mim neste instrumento de tradução em 22 de março de 2023, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Esta tradução tem força legal no Brasil e no exterior.



Freedom of Religion in Türkiye

A focus on Christian minorities

**Wednesday
12 October 2022
14:00 -15:30**

**EU Parliament
Brussels
Room 1G2**

Hosted by MEP Bert-Jan Ruissen (ECR Group) and ADF International

Speakers:

Georgia du Plessis, PhD, ADF International
Rev. Konstantinos Kenanidis, PhD, Belgium
Hayk Martirosyan, PhD, Germany
Mark Smith, UK

*Registration until 5 October 2022:
rmihalache@adfinternational.org*

*Upon registration, please indicate whether you
will attend the event online or in person.*



**EUROPEAN
CONSERVATIVES
AND REFORMISTS**



ADF INTERNATIONAL





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
EGIDIO ALEX BERTA DOS SANTOS
TRADUTOR PÚBLICO E INTÉRPRETE COMERCIAL – Matrícula 127/2010
Rua Marquês do Pombal, 783/501 – CEP 90.540-001 – Porto Alegre/RS/Brasil
Tel.: 55 51 3222-2277 – Cel.: 55 51 99212-7939 – E-mail: juramentados@traduzca.com.br

Eu, Egidio Alex Berta dos Santos, devidamente autorizado pela Junta Comercial, Industrial e Serviços do Rio Grande do Sul e qualificado de acordo com a legislação em vigor, por meio deste certifico que o documento descrito abaixo foi apresentado a mim para tradução de inglês para português.

Livro nº 29 – Tradução nº: 0131/2023

Este documento consiste em uma Imagem de Divulgação de um Evento.

Liberdade de Religião em Türkiye.

Um foco nas minorias cristãs.

Quarta-feira. 12 de outubro de 2022. 14:00 – 15:30.

Parlamento da UE. Bruxelas. Sala 1G2.

Realizado por MEP Bert-Jan Ruissen (ECR Group) e ADF International.

Palestrantes: Georgia du Plessis, PhD, ADF International. Rev. Konstantinos Kenanidis, PhD, Bélgica. Hayk Martirosyan, PhD, Alemanha. Mark Smith, Reino Unido.

Inscrições até 5 de outubro de 2022: rmihalache@adfinternational.org.

No ato da inscrição, indique se você participará do evento online ou presencial.

[Consta logotipo: ECR Group]. European Conservatives and Reformists (“Conservadores e Reformistas Europeus”).

[Consta logotipo: ADF International].

Em testemunho da verdade, eu declaro não haver nada mais no documento original apresentado a mim e que ele foi traduzido integral e fielmente por mim neste instrumento de tradução em 22 de março de 2023, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Esta tradução tem força legal no Brasil e no exterior.





Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Número Único do Processo	0017604-70.2009.4.03.6100
Processo	ARE 1249095
Petição Número	27892/2023
Enviado por	THIAGO RAFAEL VIEIRA (CPF: 952.279.890-87)
Data/Hora do Envio	23/03/2023, às 11:43:13



Peças Recebidas	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 2 - Procuração Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 3 - Documentos de identificação Assinado por: ROSEMAY HACKLAENDER 4 - Documentos de identificação Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 5 - Documentos de identificação Assinado por: ROSEMAY HACKLAENDER 6 - Documentos de identificação Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 7 - Documentos comprobatórios Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 8 - Documentos comprobatórios Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA EGIDIO ALEX BERTA DOS SANTOS 9 - Documentos comprobatórios Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 10 - Documentos comprobatórios Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA EGIDIO ALEX BERTA DOS SANTOS 11 - Documentos comprobatórios Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 12 - Documentos comprobatórios Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA EGIDIO ALEX BERTA DOS SANTOS 13 - Documentos comprobatórios Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 14 - Documentos comprobatórios Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA SONIA CONSUELO ACHA KAHL 15 - Documentos comprobatórios Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA 16 - Documentos comprobatórios Assinado por: THIAGO RAFAEL VIEIRA
------------------------	---



	EGIDIO ALEX BERTA DOS SANTOS
--	------------------------------



Excelentíssimo Senhor Relator, Ministro CRISTIANO ZANIN, do Supremo Tribunal Federal

ARE 1249095 – Tema 1086 RG

Recorrente: Ministério Público Federal - MPF

Recorrida: UNIÃO

A ASSOCIAÇÃO DO MOVIMENTO BRASIL LAICO, entidade associativa de caráter nacional, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ sob nº 44.522.593/0001-2, com sede na Rua Abelardo, 45, Graças, Recife-PE, CEP 52.050-310, por sua advogada, vem, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, requerer o seu ingresso no recurso extraordinário em epígrafe, na condição de Amicus Curiae, com fundamento no art. 7º, § 2º da Lei 9868/1999, pelas razões de fato e de direito a seguir aduzidas.

I - INTRODUÇÃO

No recurso extraordinário, o MPF argumenta que o acórdão recorrido ofende os arts. 3º, IV, 5º, *caput* e VI, 19, I, e 37, da Constituição Federal, que asseguram a liberdade de consciência e crença religiosa e a laicidade do Estado. O acórdão recorrido ofende a Constituição, na medida em que admite a presença de símbolos religiosos, notadamente crucifixos, imagens, monumentos, em logradouros e prédios públicos.

II. O INTERESSE E A REPRESENTATIVIDADE DA ASSOCIAÇÃO POSTULANTE

2.1. O interesse



Trata-se, na origem, de ação civil pública proposta pelo Ministério Público Federal visando à retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) presentes em locais públicos proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público, dos prédios da União no Estado de São Paulo.

A ação foi julgada improcedente em primeiro grau e a apelação desprovida, sob o pretexto de que a presença de símbolos religiosos, até mesmo em repartições públicas, traduziria “reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira”.

Como será visto, a questão é atual, relevante e envolve posições distintas sobre os limites da liberdade religiosa, de um lado, e a cláusula de (não) estabelecimento do art. 19, I, da Constituição da República, ou princípio da laicidade do Estado, de outro.

Há pertinência temática entre a questão de direito objeto do recurso extraordinário epigrafado e os objetivos institucionais da **Associação Movimento Brasil Laico**, como detalhado abaixo.

2.2. A representatividade da Associação

A Associação Movimento Brasil Laico é, segundo seus Estatutos, uma associação de direito privado, constituída sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem cunho político-partidário, com a finalidade de desenvolver atividades no campo da ordem social, cultural e política que busquem promover o fortalecimento da laicidade do Estado brasileiro, tal como postulado no artigo 19 da Constituição. Dentre seus objetivos estão denunciar, no âmbito jurídico, aos órgãos legais competentes, as violações da laicidade cometidas por indivíduos, grupos ou instituições, públicas ou privadas (art. 2º, *d* de seus Estatutos). Para cumprir seus objetivos, a Associação poderá, dentre outras ações, realizar/promover ações de denúncia judiciais ou extrajudiciais, contra indivíduos, grupos ou instituições que atentarem contra a laicidade do Estado (art. 2º, parágrafo único), tendo caráter nacional.

Ainda que porventura esta Associação não seja admitida como *amica curiae*, requer-se que as razões a seguir sejam recebidas como **Memoriais** de julgamento.

III. MÉRITO

3.1. A liberdade religiosa tem limites



Segue a descrição do **Tema 1086** da Repercussão Geral no sítio eletrônico desse Supremo Tribunal:

[Permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos e laicidade do Estado.](#)

Antes de adentrar na laicidade do Estado, insta salientar, em primeiro lugar, que a proibição de símbolos religiosos em órgãos públicos **não limita nem restringe** a liberdade religiosa: o âmbito de proteção desta é que carece do alcance alegado pela Recorrida e seus *amici curiae*.

Ao contrário do senso comum que impera, *a liberdade religiosa não é uma “super” liberdade, um “direito acima dos direitos”*. Como direito, e **jamais** privilégio, a liberdade religiosa conhece limites (SEFERJAN, 2012¹, 27-29; SARLET, 2015²).

O *âmbito de proteção* da liberdade religiosa *circunscreve-se à proteção da liberdade de expressão*, na faculdade de alguém crer ou **não** em algo, escolher no que crer ou deixar de crer, de cultivar, de participar de reuniões e de rituais. Para as instituições religiosas, há o direito de manter templos abertos ao público e de auto-organização.

Órgãos e prédios públicos **não são** templos religiosos, tampouco locais dedicados ao culto religioso. Não têm “liberdade de expressão religiosa”. São locais de **prestação de serviços públicos**, sobretudo para cidadãos que a eles se dirigem.

O Estado não tem “liberdade de expressão religiosa”.

Logo, prédios públicos **não são** locais afetos à “reafirmação da liberdade religiosa”, que tem na cláusula de não estabelecimento seu principal limite.

Os deveres do inciso I do art. 19 da Constituição amalgamam-se no dever de **neutralidade** estatal tanto em relação às crenças religiosas, quanto ao agnosticismo ou ateísmo.

É proibido ao Estado manifestar religião ou crença.

É proibido ao Estado preferir a religião à irreligião.

É proibido ao Estado favorecer uma ou mais religiões e suas expressões.

É proibido ao Estado consorciar-se com uma ou mais religiões.

¹ SEFERJAN, Tatiana Robles. *Liberdade Religiosa e Laicidade do Estado na Constituição de 1988*. Dissertação (Mestrado em Direito). Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2134/tde-02042013-112226/publico/Dissertacao_TatianaRoblesSeferjan.pdf. Acesso em 19/11/2023.

² SARLET, Ingo Wolfgang. Notas Acerca da Liberdade Religiosa na Constituição Federal de 1988. Revista DIREITO UFMS, Campo Grande, MS - Edição Especial - p. 87 - 102 - j a n . / j u n . 2 015.



É proibido ao Estado atuar em conformidade, parceria ou sujeição a uma ou mais religiões.

O art. 19, I, não impõe limites à “liberdade de expressão religiosa”, nem do Estado nem de quem lhe faça as vezes, uma vez que **o Estado não tem liberdade religiosa** (direito individual); tem Poder. E o Poder do Estado, nos termos da cláusula de (não) estabelecimento, **só pode ser exercido** livre de preferência, dependência, aliança ou qualquer influência religiosa que seja.

Em síntese: o inciso I do art. 19 não se restringe o direito individual liberdade religiosa; **conforma o Poder do Estado, determinando** seu exercício livre de religiosidade.

3.2. O princípio da laicidade ou cláusula de estabelecimento - art. 19, I

Esta Associação adota a posição de BARBIER³, para o qual não se pode confundir liberdade religiosa com laicidade, entendida esta última como uma limitação à liberdade de expressão religiosa dos indivíduos, precisamente em suas relações com as coletividades públicas (Estado, coletividades territoriais, administrações e serviços públicos). Logo, **a laicidade do Estado exclui do âmbito de proteção da liberdade religiosa o exercício desta no campo político-administrativo.**

LATOURNIÈRE⁴ assim sintetiza a laicidade: **neutralidade** do direito em relação às seitas e **dever** de as seitas **respeitarem o direito** do Estado.

O Supremo Tribunal Federal reconhece o caráter laico do Estado brasileiro (**ADI 3510, ADPF 54**). Segundo o Ministro **Marco Aurélio**, Relator da **ADPF 54**:

³ BARBIER, Maurice. Pour une définition de La laïcité française. Disponível em : <http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/0205-Barbier-FR-5.pdf>. Acesso em 12/02/2014.

⁴ LATOURNIÈRE, Dominique. Sectes et laïcité. *Revue du droit public et de la science politique en France et à l'étranger*. Tome cent vingt. Paris: Librairie Générale de Droit e de Jurisprudence, Septembre-Octobre 2004, pages 1327-1338.

P. 1328 :

« Nous rendrons compte de cette difficile conciliation entre deux temps : le droit laïque doit respecter, à l'égard des sectes, le principe de neutralité (I) ; les sectes doivent respecter le droit de la République laïque (II). »

Pp. 1330-1332 :

« (...) le droit laïque est un principe protecteur de la liberté de conscience, et cet aspect protecteur peut se mesurer à trois principes :

Le droit ne reconnaît aucune définition légale de la religion ou de la secte ;

L'État doit avoir une attitude de totale neutralité ;

L'État se doit de dispenser également les avantages qu'il accorde. »

“(…) A crença religiosa e espiritual – ou a ausência dela, o ateísmo – serve precipuamente para ditar a conduta e a **vida privada do indivíduo** que a possui ou não a possui. **Paixões religiosas de toda ordem hão de ser colocadas à parte na condução do Estado.**” (g.n.)

O voto do **Ministro Celso de Mello**, proferido na **ADI 3510**, contém a síntese do significado da laicidade do Estado brasileiro:

“**O fato irrecusável** é que, **nesta** República laica, **fundada** em bases democráticas, **o Direito não se submete** à religião, e as autoridades incumbidas de aplicá-lo **devem despojar-se de pré-compreensões** em matéria confessional, **em ordem a não fazer repercutir**, sobre o processo de poder, **quando** no exercício de suas funções (**qualquer** que seja o domínio de sua incidência), as suas próprias convicções religiosas.” (grifos originais)

O que a recorrida, bem como vários *amici curiae* já admitidos pretendem, é o reconhecimento, pelo Estado, de uma pretensa supremacia da religião e da religiosidade sobre os **limites** impostos pelo inciso I do art. 19, que, repita-se, dirige-se ao Estado e quem lhe faça as vezes, bem como a partidos políticos e candidaturas.

O que a recorrida e seus *amici curiae* buscam é a antítese da cláusula de (não) estabelecimento, ou princípio laico.

A cláusula de estabelecimento tem por objetivo impedir a implantação de uma teocracia⁵, cuja consequência verificada pela História é a aniquilação dos direitos fundamentais. Os exemplos são atuais: Afeganistão⁶, Irã⁷, Mauritânia⁸, Arábia Saudita⁹, Vaticano¹⁰, Iêmen¹¹, doze Estados da Nigéria¹². A escalada da religião na política, a proteção **insuficiente**, quase **inexistente**, ao princípio laico na legislação nacional, vem conduzindo o país à beira de uma teocracia que,

⁵ Disponível em: <https://worldpopulationreview.com/country-rankings/theocracy-countries>. Acesso em 16/06/2024.

⁶ Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/location/asia-and-the-pacific/south-asia/afghanistan/report-afghanistan/>. Acesso em 16/06/2024.

⁷ Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2024/country-chapters/iran>. Acesso em 16/06/2024.

⁸ Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2021/country-chapters/mauritania>. Acesso em 16/06/2024.

⁹ Disponível em: <https://www.amnesty.org.uk/saudi-arabia-human-rights-raif-badawi-king-salman>. Acesso em 16/06/2024.

¹⁰ Disponível em: <https://www.concordatwatch.eu/how-the-vatican-evades-human-rights-obligations-through-canon-law-diplomatic-immunity-and-other-dodges--t47307>. Acesso em 16/06/2024.

¹¹ Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/location/middle-east-and-north-africa/middle-east/yemen/report-yemen/>. Acesso em 16/06/2024.

¹² Disponível em: <https://www.hrw.org/report/2004/09/21/political-sharia/human-rights-and-islamic-law-northern-nigeria>. Acesso em 16/06/2024.

implantada, romperá com a Constituição vigente e outorgará uma carta autoritária e avessa ao Estado de Direito.

A aprovação em 12 de junho p.p., pelo Congresso Nacional, da tramitação do PL 1904/24 em regime de urgência¹³, perfaz mais uma **prova** dos efeitos da escalada da intrusão religiosa na política.

A menos que esse Supremo Tribunal Federal **reafirme** Estado de Direito, a laicidade e **rejeite** a falácia da “reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira” **sobre** a vontade **expressa** da Constituição.

3.4. A religião como violação de direitos

É **preciso enxergar a religião tal qual é, ao invés de idealizá-la** como benéfica às pessoas. Essa mistificação mentirosa decorre da pretensão de sacerdotes e crentes de que *sua* fé professa a “verdade” absoluta, a “vontade de Deus”, infalível, inquestionável, universal.

As religiões, seus sacerdotes e crentes **violam direitos**. As provas desta afirmação encontram-se na História e são verificáveis, conforme alguns exemplos a seguir mencionados.

Encíclicas papais condenam as mulheres à sujeição, à maternidade compulsória, ao confinamento doméstico (DIAS, 1999)¹⁴. Sacerdotes, em pleno século presente, referem-se à luta pelos direitos das mulheres como “maçã envenenada”¹⁵, “satânico”¹⁶, e negam qualquer responsabilidade da religião pela violência contra as mulheres¹⁷. Por pressão da Igreja Católica, **o Brasil foi um dos últimos países do mundo a permitir o divórcio, em 26.12.1977**¹⁸. À época, dos 133 Estados integrantes da ONU – Organização das Nações Unidas, apenas outros 5 não permitiam a dissolução do casamento.

O Massacre de São Bartolomeu (24 a 30 de Agosto de 1572) matou pelo menos 10 mil protestantes na França. Quatrocentos e cinquenta anos depois, 1.200 casos de intolerância

¹³ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-06/manifestantes-vao-as-ruas-contraprojeto-que-equipara-aborto-homicidio-0#>. Acesso em 16/06/2024.

¹⁴ DIAS, 1999, idem.

¹⁵ Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/blog/a-maca-envenenada-da-ideologia-feminista>. Acesso em 19/11/2023.

¹⁶ Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/padre-paulo-ricardo-o-feminismo-satanico-e-o-evangelho-que-demoniza-seres-humanos>. Acesso em 19/11/2023.

¹⁷ Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/series/the-church/a-igreja-e-machista/>. Acesso em 19/11/2023.

¹⁸ BELTRÃO, Tatiana. *Divórcio demorou a chegar no Brasil*. Agência Senado, 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/divorcio-demorou-a-chegar-no-brasil/divorcio-demorou-a-chegar-no-brasil>. Acesso em 10/12/2023.

religiosa foram registrados no Brasil, em 2022¹⁹, de cristãos contra umbandistas e candomblecistas. Países com regimes teocráticos ou leis religiosas assassinam civis por causa de suas vestimentas²⁰ e condenam mulheres vítimas de violência sexual a penas cruéis por terem denunciado a agressão sofrida²¹. No Brasil e no mundo²², hospitais negam-se a realizar cirurgias²³ por motivos religiosos²⁴, comunidades terapêuticas religiosas prendem e torturam²⁵ pacientes, desrespeitando cruelmente o direito à vida e à saúde daqueles.

Enquanto igrejas e sacerdotes exigem, aos brados e sob ameaças de terríveis castigos, uma “liberdade religiosa” que **em muito extrapola** seu âmbito constitucional de proteção, **negam, condenam, reprimem a liberdade individual** de crentes e não crentes; de tudo fazem para impor como “lei universal” sua cosmovisão repressora, misógina, homofóbica²⁶ e avessa às ciências a povos inteiros, frequentemente com violência.

É esse tipo de “direito” que queremos ver imposto em nosso país? São os símbolos representativos desse tipo de “pensamento” que queremos manter nos espaços públicos? Ao ostentar um crucifixo na sala de sessões, um tribunal diz: *aqui somos todos cristãos. Este tribunal é cristão. O Brasil é cristão.*

Essa mensagem o inciso I do art. 19 interdita, porque **a República Federativa do Brasil não tem religião.**

Privilégios, comunitarismos, e tudo o que represente cizânia, separatismo, são impossíveis com o Estado de Direito.

Como visto, a História permite a verificação objetiva de causas e consequências de decisões coletivas. A “verdade” religiosa, porém, não pode ser verificada. Assim,

A fé é uma aflição terrível. É como amar alguém que está no escuro e não aparece quando se chama. (BERGMAN, 1957).²⁷

¹⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64393722>. Acesso em 10/12/2023.

²⁰ Disponível em: <https://www.rfi.fr/br/podcasts/a-semana-na-imprensa/20230915-ir%C3%A3-repress%C3%A3o-moral-continua-um-ano-ap%C3%B3s-morte-de-mahsa-amini-jovem-por-causa-de-v%C3%A9u-mal-colocado>. Acesso em 10/12/2023.

²¹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60998506>. Acesso em 10/12/2023.

²² Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151016_hospital_catolico_trompas_mdb. Acesso em 10/12/2023.

²³ Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/opinioao/artigos/2022/07/696476-esterilizacao.html>. Acesso em 10/12/2023.

²⁴ Disponível em: <https://catarinas.info/hospital-de-santa-catarina-nega-realizacao-de-laqueaduras-por-razoes-religiosas/>. Acesso em 10/12/2023.

²⁵ Disponível em: <https://www.intercept.com.br/series/maquina-de-loucos/>. Acesso em 9/03/2024.

²⁶ Disponível em: <https://www.gospelprime.com.br/cristo-cristaos-e-o-homossexualismo/>. Acesso em 18/12/2023.

²⁷ O SÉTIMO Selo. Direção de Ingmar Bergman. Oslo (Suécia): AB Svensk Filmindustri, 1957.

SIMONE ANDRÉA Barcelos Coutinho
Advogada

IV – PEDIDO

Em face do exposto, requer a Associação do Movimento Brasil Laico sua admissão como *amicus curiae* no **ARE 1248095**, pugnando pela reforma integral do acórdão recorrido, propondo a seguinte tese para o **Tema 1086 RG** da Repercussão Geral:

A permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos fere a laicidade estatal.

Subsidiariamente, requer-se, caso não deferido seu ingresso formal, o recebimento desta peça como Memoriais de Julgamento.

Termos em que,

Pede deferimento.

Brasília, na data do protocolo eletrônico.

SIMONE ANDRÉA Barcelos Coutinho
OAB/SP 117.181



PROCURAÇÃO "AD JUDICIA ET EXTRA"

OUTORGANTE: ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO BRASIL LAICO, entidade associativa de caráter nacional, pessoa jurídica de direito privado, inscrita no CNPJ sob nº 44.522.593/0001-21, com sede na Rua Abelardo, 45, Graças, Recife-PE, CEP 52.050-310, neste ato representada por seu Presidente, LEANDRO PATRÍCIO DA SILVA, brasileiro, casado, historiador e pedagogo, RG nº 6.865.114 SDS-PE, CPF nº 048.518.674-84, domiciliado à rua Barão de Jaboatão, 119, Centro, Cabo de Santo Agostinho – PE, CEP 54.505-520.

OUTORGADA: SIMONE ANDRÉA BARCELOS COUTINHO, brasileira, casada, inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil – Seção de São Paulo sob nº 117.181, endereço eletrônico simoneabcoutinho@gmail.com, com escritório na SQS 210 Bloco J – 602, Asa Sul, CEP 70273-100, Brasília, DF.

PODERES: Pelo presente instrumento particular de Procuração, a OUTORGANTE nomeia e constitui sua bastante Procuradora a OUTORGADA, a quem confere os poderes da cláusula *ad judicium et extra*, para a prática de todos os atos no Foro em geral, em qualquer Juízo, Instância ou Tribunal, ou ainda, perante qualquer órgão da administração pública federal, estadual, municipal, perante os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, podendo propor e contestar ações, apresentar defesas e recursos administrativos, acompanhando umas e outras até decisão final, com poderes especiais para confessar, desistir, transigir, firmar compromisso e termos, conciliar, receber e dar quitação em juízo ou na esfera administrativa, bem como substabelecer com ou sem reserva de iguais poderes, dando tudo por bom, firme e valioso.

Poderes específicos: promover a habilitação da outorgante, na condição de *amicus curiae*, nos autos do **ARE 1249095**, representativo do **Tema 1086** da Repercussão Geral, em trâmite no Supremo Tribunal Federal, podendo representar a outorgante em todos os atos processuais relacionados.

Recife,

ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO BRASIL LAICO



ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO BRASIL LAICO**ESTATUTO SOCIAL****ARTIGO 1º – DENOMINAÇÃO, SEDE, FINALIDADE, DURAÇÃO E PRINCÍPIOS**

A ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO BRASIL LAICO neste estatuto designada simplesmente como Associação, com sede na Rua Abelardo, 45, Graças, Recife/PE, CEP: 52050-310, Caixa Postal: 590 e foro nesta capital, de Pernambuco, é uma associação de direito privado, constituída por tempo indeterminado, sem fins econômicos, de caráter organizacional, filantrópico, assistencial, promocional, recreativo e educacional, sem cunho político-partidário, com a finalidade de desenvolver atividades no campo da ordem social, cultural e política que busquem promover o fortalecimento da laicidade do Estado brasileiro, tal como postulado no artigo 19 da Constituição Federal.

Parágrafo Único – A Associação adota como princípios:

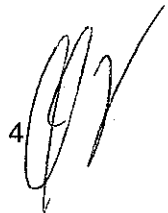
- a) A separação entre o Estado brasileiro e instituições religiosas, seja em esfera Federal, Estadual ou Municipal, no exercício da administração direta ou indireta;
- b) O respeito a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948;
- c) O repúdio a qualquer tipo de preconceito e discriminação de qualquer natureza, inclusive institucional;
- d) A legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência;
- e) O respeito e defesa da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em todos os seus artigos, unidade e soberania do Brasil;
- f) O respeito e defesa da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9.394/96, e da Lei 11.645/08 em todos os seus artigos.

ARTIGO 2º – DOS OBJETIVOS SOCIAIS DA ASSOCIAÇÃO

No desenvolvimento de suas atividades a Associação observará os seguintes objetivos:

- a) Identificar e divulgar, através de diversos meios de comunicação e mídia, as violações e tentativas de violação da laicidade do Estado brasileiro por indivíduos, grupos e instituições, públicas ou privadas, confessionais ou não, incluindo políticos/políticas e partidos políticos;
- b) Mobilizar a sociedade civil, através de diversos meios de comunicação e mídia, para o conhecimento e defesa ativa, tanto coletiva quanto individual, do Estado laico, nas mídias sociais e fora delas;
- c) Criar e manter de forma coesa e coerente uma engajada rede social nacional de defesa ativa do Estado laico, que atue nas mídias sociais e fora delas, a exemplo de atos públicos;

Dr. Edvânia da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PE 43.056-D

4 

- d) Denunciar, no âmbito jurídico, aos órgãos legais competentes, as violações da laicidade cometidas por indivíduos, grupos ou instituições, públicas ou privadas;
- e) Congregar indivíduos defensores do Estado laico, defendendo seus interesses e direitos, em todo o território nacional, bem como nos países ou Estados independentes onde o Estado Brasileiro possui representação diplomática;
- f) Congregar organizações da sociedade civil tais como movimentos sociais e ongs - LGBTQIA+, feministas, ateus, afro-religiosos, indígenas, entre outras - universidades, escolas, igrejas, templos afro-religiosos, entre outros, para ações em rede na defesa da laicidade;
- g) Combater a propaganda político-partidária em templos, igrejas e/ou centros religiosos durante períodos eleitorais ou em situações que configurem campanha antecipada, promovendo a fiscalização e denúncia de líderes religiosos e políticos / políticas que, se servindo desses meios ilícitos, visem promover uma escalada de suas religiões sobre o Estado;
- h) Promover, no âmbito cultural, a desconstrução da crença, partilhada por muitos, segundo a qual integrantes de grupos ou segmentos religiosos hegemônicos são moralmente melhores do que os integrantes de outros grupos religiosos, ateus e agnósticos;
- i) Combater todo e qualquer tipo de preconceito contra indivíduos, grupos e instituições LGBTQIA+, feministas, ateus, afro-religiosos, indígenas, entre outros, que esteja ancorado em crenças religiosas;
- j) Combater todo e qualquer tipo de privilégio a um segmento religioso em detrimento de outros pelo poder público nas suas variadas esferas, estejam eles disfarçados de apoio à cultura, à educação, saúde ou de quaisquer outros meios;
- l) Defender políticas públicas de fortalecimento da laicidade do Estado brasileiro, participando de discussões sociais que visem a formação de agenda, formulação, tomada de decisões, implementação e avaliação das mesmas.

Parágrafo 1º- Para cumprir com seus objetivos sociais acima estabelecidos a Associação poderá:

- a) Produzir, publicar, editar, distribuir e divulgar livros, revistas, vídeos, filmes, fotos, fitas, discos magnéticos ou ópticos, materiais diversos, exposições, programas de radiodifusão, criar sítios eletrônicos e explorá-los plenamente;
- b) Realizar prospecção, gravação, edição e divulgação de imagens, músicas e reportagens relacionadas com suas diversas atividades;
- c) Documentar, por vários meios, suas diversas atividades, assim como os fatos e situações que tiverem relação com suas finalidades;
- d) Distribuir e vender produtos e materiais da própria entidade ou de terceiros;
- e) Gerenciar, contratar e demitir pessoal;
- f) Firmar contratos e convênios e/ou associar-se com outras pessoas, naturais ou jurídicas, públicas ou privadas, nacionais ou internacionais;
- g) Licenciatar e sub-licenciar as marcas e símbolos de que for titular e/ou licenciado;
- h) Arrecadar recursos financeiros de doadores/doadoras, sejam pessoa natural ou jurídica, sócios/sócias ou não sócios/não sócias;

Dr. Edvânia da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PE 43.056-D

i) Realizar / promover diferentes ações de denúncia judiciais e extrajudiciais contra indivíduos, grupos ou instituições que atentarem contra a laicidade do Estado;

Parágrafo 2º – Os recursos serão sempre aplicados para a consecução dos objetivos sociais, sendo expressamente vedada qualquer atividade de natureza político-partidária.

Parágrafo 3º – Para cumprir suas finalidades sociais, a Associação se organizará em tantas unidades quantas se fizerem necessárias, em todo o território nacional ou em qualquer Estado soberano onde haja representação do Estado brasileiro, as quais funcionarão mediante delegação expressa da matriz e se regerão pelas disposições contidas neste estatuto e, ainda, por um regimento interno aprovado pela Assembléia Geral.

ARTIGO 3º – DOS COMPROMISSOS DA ASSOCIAÇÃO

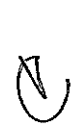
A Associação se dedicará às suas atividades através de seus/suas administradores/administradoras e associados/associadas e adotará práticas de gestão administrativa, suficientes a coibir a obtenção, de forma individual ou coletiva, de benefícios ou vantagens, lícitas ou ilícitas, de qualquer forma, em decorrência da participação nos processos decisórios e suas rendas serão integralmente aplicadas na consecução e no desenvolvimento de seus objetivos sociais.

ARTIGO 4º – DA ASSEMBLÉIA GERAL

A Assembléia Geral Deliberativa é o órgão máximo e soberano da Associação e será constituída pelos/pelas seus/suas associados/associadas em pleno gozo de seus direitos. Reunir-se-á anualmente na segunda quinzena de janeiro para tomar conhecimento das ações da Diretoria Executiva e, extraordinariamente, quando devidamente convocada. Constituirá em primeira convocação com a maioria absoluta de associados/associadas e, em segunda convocação, meia hora após a primeira, com no mínimo um quinto dos/das associados/as, deliberando pela maioria simples dos votos dos/das presentes, salvo nos casos previstos neste estatuto, tendo as seguintes prerrogativas:

- I. Fiscalizar os/as membros da Associação, na consecução de seus objetivos;
- II. Eleger e destituir os/as administradores/administradoras;
- III. Deliberar sobre a previsão orçamentária e a prestação de contas;
- IV. Estabelecer o valor das mensalidades de associados/associadas;
- V. Deliberar quanto à compra e venda de imóveis da Associação;
- VI. Aprovar o regimento interno, que disciplinará os vários setores de atividades da Associação;
- VII. Alterar, no todo ou em parte, o presente estatuto social;
- VIII. Deliberar quanto à dissolução da Associação;
- IX. Decidir, em última instância, sobre todo e qualquer assunto de interesse social, bem como sobre os casos omissos no presente estatuto.

Drª Ediana da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PE 43.056-D



Parágrafo Primeiro – As assembleias gerais poderão ser ordinárias ou extraordinárias e serão convocadas pelo/pela Presidente/Presidenta ou por 1/5 dos/das associados/associadas, mediante edital fixado na sede social da Associação ou aviso na página principal do sítio oficial da entidade com antecedência mínima de 10 (dez) dias de sua realização, onde constará: local físico e/ou virtual, dia, mês, ano e hora da primeira e segunda chamada, ordem do dia, e o nome de quem a convocou;

Parágrafo Segundo – Quando a assembleia geral for convocada pelos/pelas associados/associadas, deverá o/a Presidente/Presidenta convocá-la no prazo de 3 (três) dias, contados da data da entrega do requerimento, que deverá ser encaminhado ao/a Presidente/Presidenta através de notificação extrajudicial. Se o/a Presidente/Presidenta não convocar a assembléia, aqueles/aquelas que deliberam por sua realização, farão a convocação;

Parágrafo Terceiro – Serão tomadas por escrutínio secreto as deliberações que envolvam eleições da diretoria e conselho fiscal e o julgamento dos atos da diretoria quanto à aplicação de penalidades.

ARTIGO 5º – DE ASSOCIADOS/ASSOCIADAS

Os/as associados/associadas serão divididos/as nas seguintes categorias:

- I. Associados/Associadas Fundadores/Fundadoras: as pessoas que ajudaram na fundação da Associação;
- II. Associados/Associadas Beneméritos/Beneméritas: as pessoas que contribuem com donativos e doações;
- III. Associados/Associadas Contribuintes: as pessoas físicas que contribuem, mensalmente, com a quantia fixada pela Assembléia Geral;
- IV. Associados/Associadas Beneficiados/Beneficiadas: as pessoas que recebem gratuitamente os benefícios alcançados pela entidade, junto a associados/associadas contribuintes, órgãos públicos e privados;
- V. Associados / Associadas Institucionais: pessoas jurídicas de direito privado que contribuem de diversas formas, inclusive financeira, com o fortalecimento da Associação.

ARTIGO 6º – DA ADMISSÃO DE ASSOCIADO/ASSOCIADA

Poderão filiar-se somente pessoas maiores de 18 (dezoito) anos ou maiores de 16 (dezesseis) e menores de 18 (dezoito) legalmente autorizadas, independente de classe social, nacionalidade, sexo, gênero, raça, cor, crença religiosa ou não crença religiosa e, para seu ingresso, o/a interessado/interessada deverá manifestar sua intenção através de qualquer meio documentado, dirigida à Diretoria Executiva que a submeterá à análise e, uma vez aprovada, terá seu nome imediatamente lançado no livro de associados/associadas, com indicação de seu número de matrícula e categoria à qual pertence, devendo o/a interessado / interessada:

Drª Edivânia da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PE 431056-D



- I. No caso de menor de dezoito anos, apresentar autorização de mãe e pai ou de seu responsável legal;
- II. Concordar com o presente estatuto e com os princípios e objetivos nele definidos;
- III. Caso seja "associado / associada contribuinte", assumir o compromisso de honrar pontualmente com as contribuições associativas.

ARTIGO 7º – SÃO DEVERES DE ASSOCIADOS/ASSOCIADAS

- I. Cumprir e fazer cumprir o presente estatuto;
- II. Respeitar e cumprir as decisões da Assembléia Geral;
- III. Zelar pelo bom nome da Associação;
- IV. Defender o patrimônio e os interesses da Associação;
- V. Cumprir e fazer cumprir o regimento interno;
- VI. Denunciar qualquer irregularidade verificada dentro da Associação, para que a Assembléia Geral tome providências.

Parágrafo Primeiro – É dever do/da associado/associada contribuinte honrar pontualmente com as contribuições associativas.

Parágrafo Segundo – O/A associado/associada da categoria "contribuinte" que deixar de adimplir pontualmente com sua parcela pecuniária passa a pertencer à categoria de associados/associadas "beneficiados/beneficiadas", enquanto não regularizada a inadimplência.

Parágrafo Terceiro – A transferência de categorias mencionada no parágrafo anterior ocorre no dia posterior ao vencimento especificado no boleto de cobrança bem como retorna a categoria de "contribuinte" um dia após ser confirmado o pagamento devido.

ARTIGO 8º – SÃO DIREITOS DE ASSOCIADOS/ASSOCIADAS

São direitos de associados/associadas beneméritos/beneméritas e contribuintes:

- I. Votar e, após um ano de associado/associada, ser votado/a para qualquer cargo da Diretoria Executiva ou do Conselho Fiscal, na forma prevista neste estatuto;
- II. Usufruir os benefícios oferecidos pela Associação, na forma prevista neste estatuto;
- III. Recorrer à Assembléia Geral contra qualquer ato da Diretoria ou do Conselho Fiscal.

São direitos de associados/associadas fundadores/as:

- I. Votar e ser votado/a para qualquer cargo da Diretoria Executiva ou do Conselho Fiscal, na forma prevista neste estatuto;
- II. Usufruir os benefícios oferecidos pela Associação, na forma prevista neste estatuto;
- III. Recorrer à Assembléia Geral contra qualquer ato da Diretoria ou do Conselho Fiscal.

São direitos de associados/associadas beneficiados/as e institucionais:

- I. Usufruir os benefícios oferecidos pela Associação, na forma prevista neste estatuto;

Dr. Edvânia da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PE 13.056-D



II. Recorrer à Assembléia Geral contra qualquer ato da Diretoria ou do Conselho Fiscal;

Parágrafo único - Associados/associadas beneméritos/as, contribuintes e fundadores/as têm direito a descontos nas atividades promovidas pela Associação, nos bens e serviços que ela vender, assim como acesso a recursos exclusivos ligados ao seu domínio eletrônico oficial.

ARTIGO 9º – DA DEMISSÃO DE ASSOCIADO/ASSOCIADA

É direito do/da associado/associada demitir-se do quadro social, quando julgar necessário, protocolando seu pedido junto à Secretaria da Associação, desde que não esteja em débito com suas obrigações associativas.

ARTIGO 10º – DA EXCLUSÃO DE ASSOCIADO/ASSOCIADA

A perda da qualidade de associado/associada será determinada pela Diretoria Executiva, sendo admissível somente havendo justa causa, assim reconhecida em procedimento disciplinar em que fique assegurado o direito da ampla defesa, quando ficar comprovada a ocorrência de:

- I. Violação do estatuto social;
- II. Difamação da Associação, de membros ou de associados/associadas;
- III. Atividades contrárias às decisões das assembleias gerais;
- IV. Conduta duvidosa, mediante a prática de atos ilícitos previstos no ordenamento jurídico brasileiro e tipificados como atos lesivos à ordem social, moral ou financeira.

Parágrafo Primeiro – Definida a justa causa, considerando como justa causa a suspeição de conduta, não sendo necessário nenhum tipo de pronunciamento judicial, o/a associado/associada será devidamente notificado/a dos fatos a ele/ela imputados, através de notificação extrajudicial, para que apresente sua defesa prévia no prazo de 20 (vinte) dias a contar do recebimento da comunicação;

Parágrafo Segundo – Após o decurso do prazo descrito no parágrafo anterior, independentemente da apresentação de defesa, a representação será decidida em reunião extraordinária da Diretoria Executiva, por maioria simples de votos dos diretores / diretoras presentes;

Parágrafo Terceiro – Aplicada a pena de exclusão, caberá recurso por parte do/da associado/associada excluído/a, à Assembléia Geral, o qual deverá, no prazo de 30 (trinta) dias contados da decisão de sua exclusão, através de notificação extrajudicial, manifestar a intenção de ver a decisão da Diretoria Executiva ser objeto de deliberação, em última instância, por parte da Assembléia Geral;

Drª Edvânia da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PE 43.056-D

Parágrafo Quarto – Uma vez excluído/a, qualquer que seja o motivo, não terá o/a associado/associada o direito de pleitear indenização ou compensação de qualquer natureza, seja a que título for.

ARTIGO 11º – DA APLICAÇÃO DAS PENAS

As penas serão aplicadas pela Diretoria Executiva e poderão constituir-se em:

- I. Advertência por escrito;
- II. Suspensão de 30 (trinta) dias até 01 (um) ano;
- III. Eliminação do quadro social.

ARTIGO 12º – DOS ÓRGÃOS ADMINISTRATIVOS DA INSTITUIÇÃO

São órgãos da Associação:

- I. Diretoria Executiva;
- II. Conselho Fiscal.

ARTIGO 13º – DA DIRETORIA EXECUTIVA

A Diretoria Executiva da Associação será constituída por 03 (três) membros, os/as quais ocuparão os cargos de Presidente/Presidenta, Secretário/Secretária e Tesoureiro/Tesoureira. A Diretoria reunir-se-á, ordinariamente, uma vez por ano e, extraordinariamente, quando convocada pelo/a Presidente/Presidenta ou pela maioria de membros.

Parágrafo único - Os/As Diretores/Diretoras possuirão respectivos suplentes, totalizando 03 (três) suplentes.

ARTIGO 14º – COMPETE À DIRETORIA EXECUTIVA

- I. Dirigir a Associação de acordo com o presente estatuto e administrar o patrimônio social;
- II. Cumprir e fazer cumprir o presente estatuto e as decisões da Assembléia Geral;
- III. Promover e incentivar a criação de comissões com a função de desenvolver atividades diversas de interesse da Associação;
- IV. Representar e defender os interesses de associados/associadas;
- V. Elaborar o orçamento anual;
- VI. Apresentar a Assembléia Geral, na reunião anual, o relatório de sua gestão e prestar contas referentes ao exercício anterior;
- VII. Admitir pedido de inscrição de associados/associadas;
- VIII. Acatar pedido de demissão voluntária de associados/associadas;
- IX. Acionar órgãos federais, estaduais e municipais na defesa de associado/associadas;

Drª Edivânia da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PE 43.056-D

Parágrafo único – As decisões da Diretoria deverão ser tomadas por maioria de votos, devendo estar presentes na reunião a maioria absoluta de membros, cabendo a(ao) Presidente/Presidenta, em caso de empate, o voto de qualidade.

ARTIGO 15º – COMPETE A(AO) PRESIDENTE/PRESIDENTA

- I. Representar a Associação ativa e passivamente, perante os órgãos públicos, judiciais e extrajudiciais, inclusive em juízo ou fora dele, podendo delegar poderes e constituir procuradores e advogados para o fim que julgar necessário, desde que os fins sejam os previstos neste estatuto;
- II. Convocar e presidir as reuniões da Diretoria Executiva;
- III. Convocar e presidir as Assembléias Ordinárias e Extraordinárias;
- IV. Juntamente com o/a Tesoureiro/Tesoureira, abrir e manter contas bancárias, assinar cheques e documentos bancários e contábeis;
- V. Organizar relatório contendo o balanço do exercício financeiro e os principais eventos do ano anterior, apresentando-o à Assembléia Geral Ordinária;
- VI. Contratar funcionários/funcionárias ou auxiliares especializados/as, fixando seus vencimentos, podendo licenciá-los/las, suspendê-los/las ou demiti-los/las;
- VII. Criar departamentos patrimoniais, culturais, sociais, de saúde e outros que julgar necessários ao cumprimento das finalidades sociais, nomeando e destituindo os respectivos responsáveis.

ARTIGO 16º – COMPETE A(AO) SECRETÁRIO/SECRETÁRIA

- I. Redigir e manter em dia a transcrição das atas das Assembléias Gerais e das reuniões da Diretoria Executiva;
- II. Redigir a correspondência da Associação;
- III. Manter e ter sob sua guarda o arquivo da Associação;
- IV. Dirigir e supervisionar todo o trabalho da Secretaria;
- V. Representar a associação quando a pedido do/da Presidente/Presidenta.

ARTIGO 17º – COMPETE A(AO) TESOUREIRO/TESOUREIRA

- I. Manter em estabelecimentos bancários, juntamente com o/a Presidente/Presidenta, os valores da Associação, podendo aplicá-los, ouvida a Diretoria Executiva;
- II. Assinar, em conjunto com o/a Presidente/Presidenta, os cheques e demais documentos bancários e contábeis;
- III. Efetuar os pagamentos autorizados e recebimentos devidos à Associação;
- IV. Supervisionar o trabalho da tesouraria e da contabilidade;
- V. Apresentar ao Conselho Fiscal os balancetes semestrais e o balanço anual;
- VI. Elaborar, anualmente, a relação dos bens da Associação, apresentando-a, quando solicitado, à Assembléia Geral.

ARTIGO 18º – DO CONSELHO FISCAL

Edvânia da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PE 43.056-D

leor *Sp =*

O Conselho Fiscal, que será composto por três membros, tem por objetivo, indelegável, fiscalizar e dar parecer sobre todos os atos da Diretoria Executiva da Associação, com as seguintes atribuições:

- I. Examinar os livros de escrituração da Associação;
- II. Opinar e dar pareceres sobre balanços e relatórios financeiro e contábil, submetendo-os a Assembléia Geral Ordinária ou Extraordinária;
- III. Requisitar ao/a Tesoureiro/Tesoureira, a qualquer tempo, a documentação comprobatória das operações econômico-financeiras realizadas pela Associação;
- IV. Acompanhar o trabalho de eventuais auditores/auditoras externos/as independentes;
- V. Convocar Extraordinariamente a Assembleia Geral.

Parágrafo primeiro – O Conselho Fiscal reunir-se-á ordinariamente, uma vez por ano, na segunda quinzena de janeiro, em sua maioria absoluta, e extraordinariamente, sempre que convocado pelo /pela Presidente/Presidenta da Associação, ou pela maioria simples de seus membros.

Parágrafo Segundo - Os Conselheiros Fiscais possuirão seus respectivos suplentes, totalizando 03 (três) suplentes.

ARTIGO 19º – DO MANDATO

As eleições para a Diretoria Executiva e Conselho Fiscal realizar-se-ão, conjuntamente, de 04 (quatro) em 04 (quatro) anos, por chapa completa de candidatos/candidatas apresentada à Assembleia Geral, podendo seus membros serem reeleitos/reeleitas.

Parágrafo primeiro - Os membros da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal podem solicitar afastamento temporário em caso de licença maternidade e licença paternidade, incluindo processos de adoção e questões relacionadas à saúde/doença, devendo durante o período ser substituídos pelos seus respectivos suplentes.

Parágrafo segundo - Caberá à Direção Executiva analisar, deferir ou indeferir os pedidos de afastamento temporário, observando a legislação vigente.

ARTIGO 20º – DA PERDA DO MANDATO

A perda da qualidade de membro da Diretoria Executiva ou do Conselho Fiscal será determinada pela Assembléia Geral, sendo admissível somente havendo justa causa, assim reconhecida em procedimento disciplinar, quando ficar comprovado:

- I. Malversação ou dilapidação do patrimônio social;
- II. Grave violação deste Estatuto;
- III. Abandono do cargo, assim considerada a ausência não justificada em 02 (duas) reuniões ordinárias consecutivas, sem expressa comunicação dos motivos da ausência, à secretaria da Associação;

Drª Edivânia da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PE 13.956-D



- IV. Aceitação de cargo ou função incompatível com o exercício do cargo que exerce na Associação;
- V. Conduta duvidosa.

Parágrafo Primeiro – Definida a justa causa, o/a diretor/diretora ou conselheiro/conselheira será comunicado/comunicada, através de notificação extrajudicial com aviso de recebimento, dos fatos a ele/ela imputados, para que apresente sua defesa prévia à Diretoria Executiva, no prazo de 20 (vinte) dias, contados do recebimento da comunicação.

Parágrafo Segundo – Após o decurso do prazo descrito no parágrafo anterior, independentemente da apresentação de defesa, a representação será submetida à Assembléia Geral Extraordinária, devidamente convocada para esse fim, composta de associados/associadas contribuintes em dia com suas obrigações sociais, não podendo ela deliberar sem voto concorde de 2/3 (dois terços) dos/das presentes, sendo em primeira chamada, com a maioria absoluta dos/das associados/associadas e em segunda chamada, uma hora após a primeira, com qualquer número de associados/associadas, onde será garantido o amplo direito de defesa.

ARTIGO 21º – DA RENÚNCIA

Em caso de renúncia de qualquer membro da Diretoria Executiva ou do Conselho Fiscal, o cargo será preenchido pelos/pelas suplentes.

Parágrafo Primeiro – O pedido de renúncia se dará por escrito, devendo ser protocolado na secretaria da Associação, a qual, no prazo máximo de 60 (sessenta) dias, contado da data do protocolo, o submeterá à deliberação da Assembléia Geral;

Parágrafo Segundo – Ocorrendo renúncia coletiva da Diretoria e Conselho Fiscal, o/a Presidente/Presidenta renunciante, qualquer membro da Diretoria Executiva ou, em último caso, qualquer dos/das associados/associadas, poderá convocar a Assembléia Geral Extraordinária, que elegerá uma comissão provisória composta por 05 (cinco) membros, que administrará a entidade e fará realizar novas eleições, no prazo máximo de 60 (sessenta) dias, contados da data de realização da referida assembléia. Os/As diretores/diretoras e conselheiros/conselheiras eleitos/as, nestas condições, complementarão o mandato dos/das renunciantes.

ARTIGO 22º - DA REMUNERAÇÃO

Membros da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal não receberão nenhum tipo de remuneração, de qualquer espécie ou natureza, por estas atividades exercidas na Associação.

ARTIGO 23º – DA RESPONSABILIDADE DE MEMBROS

Dr. Silvana da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PJ 43.866-D

[Assinatura]

Os/As associados/as, mesmo que investidos/as na condição de membros da diretoria executiva e conselho fiscal, não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelos encargos e obrigações sociais da Associação.

ARTIGO 24 – DO PATRIMÔNIO SOCIAL

O patrimônio da Associação será constituído e mantido por:

- I. Contribuições mensais de associados/associadas contribuintes;
- II. Doações, legados, bens, direitos e valores adquiridos, e suas possíveis rendas e, ainda, pela arrecadação dos valores obtidos através da realização de vendas, festas e outros eventos, desde de que revertidos totalmente em benefício da associação;
- III. Aluguéis de imóveis e juros de títulos ou depósitos;

ARTIGO 25º – DA VENDA

Os bens móveis e imóveis poderão ser alienados, mediante prévia autorização da Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para este fim, devendo o valor apurado ser integralmente aplicado no desenvolvimento das atividades sociais ou no aumento do patrimônio social da Associação.

ARTIGO 26º – DA REFORMA ESTATUTÁRIA

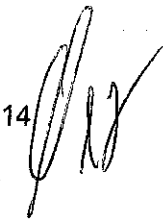
O presente estatuto social poderá ser reformado no tocante à administração, no todo ou em parte, a qualquer tempo, por deliberação da Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para este fim, composta de associados/associadas contribuintes em dia com suas obrigações sociais, não podendo ela deliberar sem voto concorde de 2/3 (dois terços) dos/das presentes, sendo em primeira chamada, com a maioria absoluta de associados/associadas e em segunda chamada, uma hora após a primeira, com qualquer número de associados/associadas.

ARTIGO 27º – DA DISSOLUÇÃO

A Associação poderá ser dissolvida, a qualquer tempo, uma vez constatada a impossibilidade de sua sobrevivência, face à impossibilidade da manutenção de seus objetivos sociais, ou desvirtuamento de suas finalidades estatutárias ou, ainda, por carência de recursos financeiros e humanos, mediante deliberação de Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para este fim, composta de associados/associadas contribuintes em dia com suas obrigações sociais, não podendo ela deliberar sem voto concorde de 2/3 (dois terços) dos/das presentes, sendo em primeira chamada, com a totalidade dos/das associados/associadas e em segunda chamada, uma hora após a primeira, com a presença de, no mínimo, 1/3 (um terço) dos/das associados/associadas.

Parágrafo único – Em caso de dissolução social da Associação, liquidado o passivo, os bens remanescentes, serão destinados para outra entidade assistencial congênere, com

Drª Edmunda da Silva Oliveira
Advogada
OAB/PE 43.056-D

14 

personalidade jurídica comprovada, sede e atividade preponderante nesta capital e devidamente registrada nos órgãos públicos competentes.

ARTIGO 28º – DO EXERCÍCIO SOCIAL

O exercício social terminará em 31 de dezembro de cada ano, quando serão elaboradas as demonstrações financeiras da entidade, de conformidade com as disposições legais.

ARTIGO 29º – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

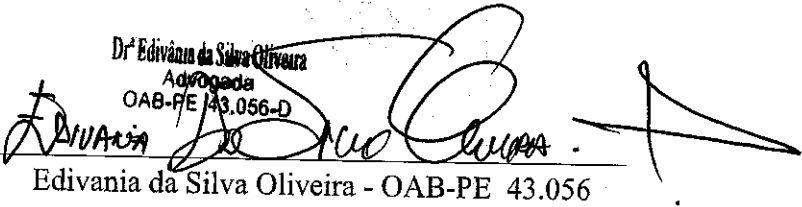
A Associação não distribui lucros, bonificações ou vantagens a qualquer título, para dirigentes, associados/associadas ou mantenedores/mantenedoras, sob nenhuma forma ou pretexto, devendo suas rendas ser aplicadas, exclusivamente, no território nacional.

ARTIGO 30º – DAS OMISSÕES

Os casos omissos no presente Estatuto serão resolvidos pela Diretoria Executiva, “ad referendum” da Assembléia Geral.

Recife, 05 de junho de 2021.

Visto:


Drª Edivania da Silva Oliveira
Advogada
OAB-PE 43.056-D
Edivania da Silva Oliveira - OAB-PE 43.056

CONFERIDO
BRUNO

Leandro Patricio da Silva

CARTÓRIO DE NOTAS DO 5º OFÍCIO DO RECIFE
Rua Siqueira Campos, 100 - Santo Antônio - Recife - PE - Fone: (81) 3035-6900
Tabelião interino - Carlos Alberto Ribeiro Roma

Reconhecido por semelhança a firma de
106260781 - LEANDRO PATRICIO DA SILVA
Em Test. da verdade, Recife 08/10/2021
1 Bruno da Cunha Barros Maciel - Substituto
1 Anderson Christian Soares de Lima - Escrevente Autorizado
1 Clécio Patricio da Silva - Escrevente Autorizado
1 Uirajara Gomes de Lima Junior - Esc. Autorizado
Empl. R\$3.834 - FERC(10%) R\$3.47 - TSNR(20%) R\$6.66
FERM(1%) R\$0.04 - FUNSEG(2%) R\$0.09 - ISS(5%) R\$0.22 - TOTAL R\$5.51 - SELCO DIGITAL Nº 0074005 VBY08202102.03500
Consulte Autenticidade em: www.tpe.jus.br/selcodigital

5º OFÍCIO DE NOTAS RECIFE-PE

1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos e de Registro de Pessoas Jurídicas do Recife
Oficial: Mabel de Holanda Caldas
1º Substituto: José Alberto Marques Lisboa Filho
2º Substituto: Manuella Caldas de Sotral 3º Substituto: Sandra Carolina da Silva
☒ Apresentado hoje, protocolado e registrado sob nº: 956426
☒ O que certifica-se aqui
SELO: 0073460.MVC08202101.00914
RECIFE, 15 DE OUTUBRO DE 2021
Av. Dantas Barreto, 160 - Térreo - Recife - CEP 50013-360
Fone (81) 3224.4026 - 3224.5689 - Email: atendimento@1rtdrecife.com.br

EMOLUMENTOS R\$	25964
TSNR	48.76
FERC	34.32
FERM	2.48
FUNSEG	6.88
ISS	12.19



ASSOCIAÇÃO MOVIMENTO BRASIL LAICO
TERMO DE POSSE DA DIRETORIA E CONSELHO FISCAL

Os membros abaixo discriminados e firmados, eleitos na Assembleia Geral de Constituição/fundação da Associação Movimento Brasil Laico, realizada na presente data, tomam posse da Diretoria Executiva e Conselho Fiscal da Associação, situada à Rua Abelardo, 45, Graças, Recife-PE, 52.050-310, Caixa postal 590, para o mandato que compreenderá o período de 05 de junho de 2021 e término em 05 de junho de 2025.

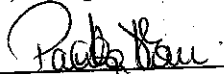
DIRETORIA EXECUTIVA

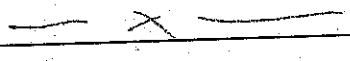


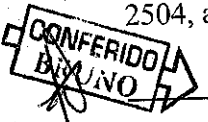
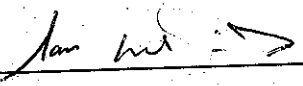

Presidente: Leandro Patricio da Silva, brasileiro, divorciado, professor, portador do RG: 6.865.114 SDS-PE, inscrito no CPF: 048.518.674-84, residente à Rua Barão de Jaboatão, 119, Centro, Cabo de Santo Agostinho / PE, CEP: 54.505-520.

Suplente: Rodrigo de Jesus Oliveira Fonseca, brasileiro, solteiro, professor, portador do RG: 20.912.905-5 DETRAN/RJ, inscrito no CPF: 106.508.707-19, residente à Rua Marechal Francisco de Moura, 63, apto. 111, Botafogo, Rio de Janeiro/RJ, CEP: 22.260-140.


Secretária: Paula Lau da Costa, brasileira, casada, educadora, portadora do RG 3074387444 SJTC/II RS, inscrita no CPF 821.309.650-91, residente à Av. Imperatriz Leopoldina, 1900, 913, Pinheiro, São Leopoldo/ RS, CEP: 93.042-082.


Suplente: Ana Flávia Taguatinga Batista, solteira, brasileira, radialista, portadora do RG: 2338292456 SSP-BA, inscrita no CPF: 32703410832, residente à Rua General Canabarro, 2504, apto. 204, Uruguaiana /RS, CEP: 97.502-774.

 
Tesoureiro: Ian Jorge Lima Gomes, brasileiro, casado, professor, portador do RG 6.306.368 SDS-PE, inscrito no CPF: 046.631.174-57, residente à Rua Antônio Cardoso da Fonte, 525, Imbiribeira, Recife/PE, CEP: 51.170-620.

Paula Vanessa Kwiatkowsky Lobo



Suplente: Paula Vanessa Kwiatkowsky Lobo, brasileira, professora, portadora do RG: 68.289.793 SSP/PR, inscrita no CPF: 017.525.599-75, residente à Rua Tijuca, 68, Santa Cândida, Curitiba/ PR, CEP: 82.630-540.

CONSELHO FISCAL



Rodrigo de Jesus Oliveira Fonseca

Conselheiro: Rodrigo de Jesus Oliveira Fonseca: brasileiro, solteiro, professor, portador do RG: 20.912.905-5 DETRAN/RJ, inscrito no CPF: 106.508.707-19, residente à Rua Marechal Francisco de Moura, 63, apto.111, Botafogo, Rio de Janeiro/RJ, CEP: 22.260-140.

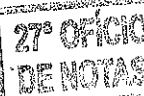
João Cagnoni de Melo



Suplente: João Cagnoni de Melo, brasileiro, casado, empresário, portador do RG: 39681705 SSP/SP, inscrito no CPF: 382.017.308-01, residente à Av. Engenheiro Heitor Antônio Eiras Garcia, 1837, apto 502, Jardim Esmeralda, São Paulo/ SP, CEP: 05.588-001.

Conselheira: Ana Flávia Taguatinga Batista, solteira, brasileira, radialista, portadora do RG: 2338292456 SSP-BA, inscrita no CPF: 32703410832, residente à Rua General Canabarro, 2504, apto. 204, Uruguaiana /RS, CEP: 97.502-774.

Mônica Paranhos Coelho



Suplente: Mônica Paranhos Coelho, brasileira, casada, professora, portadora do RG 09.735.636-4 DETRAN/RJ, inscrita no CPF: 045.308.317-01, residente à Rua Almirante Mário França, 60, Condomínio Terral - Il. Jacarepaguá, Rio de Janeiro/ RJ, CEP 22750-450.

Paula Vanessa Kwiatkowsky Lobo

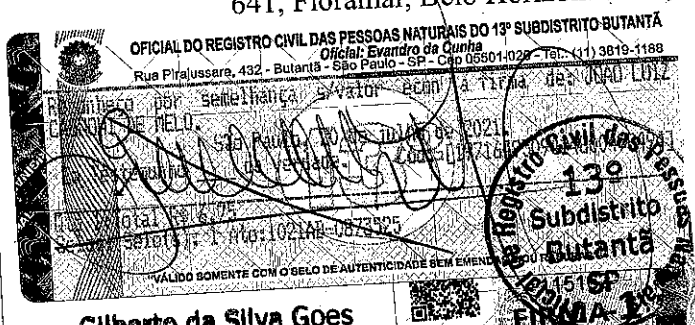


Conselheira: Paula Vanessa Kwiatkowsky Lobo, brasileira, professora, portadora do RG: 68.289.793 SSP/PR, inscrita no CPF: 017.525.599-75, residente à Rua Tijuca, 68 Santa Cândida, Curitiba/ PR, CEP: 82.630-540

Wandergleydson Aparecida Silveira



Suplente: Wandergleydson Aparecida Silveira, brasileiro, solteiro, administrador, portador do RG: 10.590.062 SSP/MG, inscrito no CPF: 012081266-52, residente à Av. Saramenha, 641, Floramar, Belo Horizonte/MG, CEP: 31.840-220.



Recife, 05 de junho de 2021.

[Signature]

[Signature]

[Signature]

956429

CARTÓRIO DO BACACHERI | Elisângela Dias Florencio de Oliveira
Tabelião e Oficial de Registro

Reconheço a(s) firma(s) por SEMELHANÇA de:
PAULA VANESSA KWIATKOWSKY LOBO [duas vezes]

Em testemunho da verdade.
Curitiba, 12 de Julho de 2021
LT - VANESSA DE ALMEIDA FURMAN - ESCRIVENTE

SELO DIGITAL: 0183114SVAA0000002780621U
Válida em horus.funarpen.com.br

SERVIÇO DE NOTAS DA CAPITAL
CURITIBA - PR

CARTÓRIO DO 5º OFÍCIO DE NOTAS DO RJ
Rua Real Grandeza, 193 - Lj 1 e 11 - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CNPJ: 30.715.064/0001-30

Reconheço por SEMELHANÇA a firma de **RODRIGO DE JESUS OLIVEIRA FONSECA**
Rio de Janeiro, 04 de Agosto de 2021. Emol: 6,06 Leis: 2,17
Em testemunho da verdade. ISS: 0,30 Total: 8,53
ABIANO DA CROZ CAROSO Substituto-40161/097/RJ

SELO DIGITAL: 0183114SVAA0000002780621U
Válida em www3.trf3.jus.br

Combido - Auxiliar
VITOR DE FREITAS CASEMIRO
CTPS: 54270169-RJ

27º OFÍCIO DE NOTAS DA CAPITAL
Cartório 27º Ofício de Notas da Capital
Av. Geremário Dantas, nº 1389, Loja B - Freguesia, Jacarepaguá - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22.760-400
Tel.: (21) 3527-3881 / 3627-3682 - cartorio27notasrj@hotmail.com

Reconheço as firmas por Semelhança de:
MONICA PARANHOS COELHO *****

Emol: R\$ 6,06 Leis: R\$ 2,17 Fundpen: R\$ 0,30 Funpen: R\$ 0,30
Funarpen: R\$ 0,24 Pmcv: R\$ 0,12 Iss: R\$ 0,31 Total: R\$ 8,54

Rio de Janeiro/RJ, 09/08/2021
FERNANDA REBELLO DA SILVA Em testemunho da verdade. Combido
Escrivente Autorizada
Escrivente: 53884-RJ

SELO DIGITAL: 0183114SVAA0000002780621U
Válida em www3.trf3.jus.br

PODER JUDICIÁRIO - TJMG - CORRECORDADORIA GERAL DE JUSTIÇA

2º Ofício de Notas de Belo Horizonte

Reconheço, por autenticidade, a(s) assinatura(s) de:
WANDERLEYDSON APARECIDO SILVEIRA em testemunho da verdade. Belo Horizonte, 17/08/2021

Selo de Consulta: EY62918
Cód. Seg.: 2782.6079.2884.6198

Ato(s) praticado(s) por **ANA LUIZA MOREIRA SOUZA DIAS**
Escrivente Autorizada

Emol.: R\$ 5,62 - TEJ: R\$ 1,61 - Valor Final: R\$ 7,23 - ISS: R\$ 0,27

Consulte a validade deste Selo no site: <https://s3.amazonaws.com/...>

CARTÓRIO JAGUARÃO
Ana Luiza Moreira Souza Dias
Esc. Autorizada
VITAS: 801-MG

1º Ofício do Registro de Títulos e Documentos e do Registro de Pessoas Jurídicas do Recife

Oficial: Mabel da Hollander Caldas

1º Substituto: José Alberto Marques Lisboa Filho
2º Substituto: Manuelia Caldas de Sousa

3º Substituto: Sérgio Candido da Silva

Apresentado hoje, protocolado e registrado sob nº: **956429**
O que se firma e sob nº: **AVEK. N. 956426**

SELO: 0073460.DPZ08202101.00917

RECIFE, 15 DE OUTUBRO DE 2021

Av. Dantas Barreto, 180 - Térreo - Recife - CEP 50010-380
Fone (81) 3224.4026 - 3224.5689 - Email: atendimento@1trd.recife.com.br

EMOLUMENTOS	R\$	24749
TBNR	R\$	5500
PERC	R\$	2750
PERM	R\$	275
FUNERG	R\$	550
ISS	R\$	1375

		REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL MINISTÉRIO DA INFRAESTRUTURA DEPARTAMENTO NACIONAL DE TRÂNSITO CARTEIRA NACIONAL DE HABILITAÇÃO		
 VÁLIDA EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL 1822256453	NOME LEANDRO PATRICIO DA SILVA			
		DOC. IDENTIDADE/ÓRG EMISSOR/UF 6865114 SDS PE		
		CPF 048.518.674-84	DATA NASCIMENTO 05/03/1985	
		FILIAÇÃO SEVERINO PATRICIO DA SILVA MARIA PATRICIO DA SILVA		
		PERMISSÃO []	ACC []	CAT. HAB. B
Nº REGISTRO 06145310751	VALIDADE 03/04/2024		1ª HABILITAÇÃO 12/08/2014	
1822256453	OBSERVAÇÕES			
				
	LOCAL RECIFE, PE		DATA EMISSÃO 04/04/2019	
ASSINADO DIGITALMENTE DEPARTAMENTO ESTADUAL DE TRÂNSITO				63876247592 PE091620635
PERNAMBUCO		DENATRAN		

QR-CODE



Documento assinado com certificado digital em conformidade com a Medida Provisória nº 2200-2/2001. Sua validade poderá ser confirmada por meio do programa Assinador Serpro.

As orientações para instalar o Assinador Serpro e realizar a validação do documento digital estão disponíveis em:
< <http://www.serpro.gov.br/assinador-digital> >, opção Validar Assinatura.

SERPRO / DENATRAN



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***-51 em 23/09/2025 11:56:12
Número do documento: 2504071017530200000346971112
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=2504071017530200000346971112>
Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54



Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Número Único do Processo	0017604-70.2009.4.03.6100
Processo	ARE 1249095
Petição Número	73765/2024
Enviado por	SIMONE ANDREA BARCELOS COUTINHO (CPF: 111.731.408-16)
Data/Hora do Envio	16/06/2024, às 16:37:18
Peças Recebidas	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: SIMONE ANDREA BARCELOS COUTINHO 2 - Procuração Assinado por: ASSOCIACAO MOVIMENTO BRASIL LAICO SIMONE ANDREA BARCELOS COUTINHO 3 - Documentos de identificação Assinado por: SIMONE ANDREA BARCELOS COUTINHO SIMONE ANDREA BARCELOS COUTINHO 4 - Documentos de identificação Assinado por: SIMONE ANDREA BARCELOS COUTINHO 5 - Documentos de identificação Assinado por: SIMONE ANDREA BARCELOS COUTINHO DETRAN PE



Excelentíssimo Senhor Relator, Ministro CRISTIANO ZANIN, do Supremo Tribunal Federal

ARE 1249095 – Tema 1086 RG

Recorrente: Ministério Público Federal - MPF

Recorrida: UNIÃO

A ASSOCIAÇÃO DO MOVIMENTO BRASIL LAICO, já qualificada nestes autos, por sua advogada, vem, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, **reiterar** o seu pedido de ingresso no processo epigrafado, na condição de **Amicus Curiae**, acrescentando as seguintes razões às já aduzidas na **Petição 73765/2024**, protocolada em 16/06/2024.

Trata-se de recurso extraordinário com agravo interposto pelo Ministério Público Federal contra acórdão do TRF3, que ofende os arts. 3º, IV, 5º, *caput* e VI, 19, I, e 37, da Constituição da República, na medida em que admite a presença de símbolos religiosos, notadamente crucifixos, imagens, monumentos, em logradouros e prédios públicos.

A cláusula de (não) estabelecimento, ou princípio **laico** (art. 19, I, da CF) impõe ao Estado o **dever** de **estrita neutralidade axiológica** em face das religiões. Tal dever compreende a **proibição** de favorecer, preferir ou desfavorecer manifestações religiosas, ou nelas intervir, com ou sem aporte de recursos públicos; a **proibição** de identificar-se o Estado ou quem lhes faça as vezes com qualquer religião ou crença; a **proibição** do exercício da atividade estatal com base em princípios confessionais, ainda que hauridos de religião hegemônica na sociedade.¹

¹ STF, Pleno, ADI 4439, voto do Ministro Celso de Mello, j. 27/09/2017.



Do voto do Ministro CELSO DE MELLO na **ADI 4439**, destacamos a seguinte advertência:

Relembro, neste ponto, o que disse logo no início deste voto: a separação constitucional entre Estado e Igreja, além de impedir que o Poder Público tenha preferência ou guarde hostilidade em relação a qualquer denominação religiosa, objetiva resguardar 2 (duas) posições que se revestem de absoluta importância: (1) assegurar, de um lado, aos cidadãos, a liberdade religiosa e a prática de seu exercício, e (2) **obstar**, de outro, **que grupos fundamentalistas se apropriem do aparelho de Estado, para, com apoio em convicções ou em razões de ordem confessional, impor aos demais cidadãos a observância de princípios teológicos e de diretrizes religiosas. (g.n.)**

A ocupação de espaços públicos por símbolos religiosos **quebra** o dever de estrita neutralidade axiológica em face das religiões; **viola** a **proibição** de favorecer, preferir ou desfavorecer manifestações religiosas; **menospreza** da **proibição** de o Estado ou quem lhe faça as vezes identificar-se com qualquer religião ou crença; incute na mente cidadã **fundado receio** de **desprezo**, por parte dos agentes públicos, da **proibição** do exercício da atividade estatal com base em religião.

Ao deparar-se com um símbolo religioso numa repartição pública, **qualquer do povo depara-se com uma manifestação religiosa estatal**. Descabe invocar o sofisma de má-fé segundo o qual a presença de um símbolo religioso perfaz manifestação da liberdade religiosa dos funcionários públicos; na verdade, o âmbito de proteção da liberdade religiosa caracteriza-a como “questão de ordem **estritamente** privada, **vedada**, no ponto, **qualquer** interferência estatal (...)”².

Um símbolo religioso transmite a mensagem de que a repartição pública que o ostenta ou **professa**, ou **prefere** uma determinada religião, e reprova os crentes de outras religiões, bem como os ateus ou agnósticos; produz na(o) cidadã(o) a fundada expectativa (ou receio) de que as decisões daquela dada repartição pública serão obedecerem a religião manifesta no símbolo, e não

² Trecho do voto do Min. CELSO DE MELLO na ADI 4439.



a Constituição ou as leis.

Tratando-se a liberdade religiosa de **questão de ordem estritamente privada**, afirma-se com segurança que a escolha individual dos agentes públicos em matéria religiosa **não** pode refletir-se no exercício de suas funções.

PEDIDO

Em face do exposto, reitera a Associação do Movimento Brasil Laico seu requerimento de admissão como *amicus curiae* no **ARE 1248095**, pugnando pela reforma integral do acórdão recorrido, propondo a seguinte tese para o **Tema 1086 RG** da Repercussão Geral:

A permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos fere a laicidade estatal.

Subsidiariamente, requer-se, caso não deferido seu ingresso formal, o recebimento tanto da Petição 73765/2024 como desta peça como Memoriais de Julgamento.

Termos em que,

Pede deferimento.

Brasília, na data do protocolo eletrônico.

SIMONE ANDRÉA Barcelos Coutinho
OAB/SP 117.181





Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Número Único do Processo	0017604-70.2009.4.03.6100
Processo	ARE 1249095
Petição Número	108701/2024
Enviado por	SIMONE ANDREA BARCELOS COUTINHO (CPF: 111.731.408-16)
Data/Hora do Envio	01/09/2024, às 14:02:54
Peças Recebidas	1 - Manifestação Assinado por: SIMONE ANDREA BARCELOS COUTINHO





EXCELENTÍSSIMO SENHOR RELATOR MINISTRO DO SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL CRISTIANO ZANIN.

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO Nº 1249095

O INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO - IBDR, já fartamente qualificado nos autos suso, considerando a Petição de ID 02444ad5, Nº 39 e seguintes, vem mui respeitosamente, por intermédio de seus insignes advogados já qualificados nos termos da procuração de peça nº 40 e substabelecimento com reservas de iguais poderes em anexo, todos membros efetivos deste instituto, que a esta subscrevem, manifestar e requerer o que se segue:

Trata-se de Agravo em Recurso Extraordinário interposto pelo Ministério Público Federal em face da Decisão que não admitiu Recurso Extraordinário contra o Acórdão expedido pela Eg. Quarta Turma do TRF-3 (fl. 584) que negou provimento ao Recurso de Apelação em Ação Civil Pública proposta pela Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão no Estado de São Paulo do Ministério Público Federal em desfavor da União, que tem como causa de pedir a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no estado de São Paulo.

Conforme **Petição de ID 02444ad5, Nº 39**, o IBDR pugnou pelo ingresso na Condição de *Amicus Curiae*, tendo em vista a natureza e objeto da matéria consoante a finalidade do Insituto, manifestando-se contributivamente sobre o mérito, e, ao final, apresentou requerimentos.

Desta feita, tendo em vista a inclusão em pauta de Julgamento Virtual da presente ARE, mediante inclusão na Lista 471-2024.CZ, agendado para 15 de novembro de 2024 a 26 de novembro de 2024, conforme publicação no DJE de 07 de novembro 2024, o Instituto Brasileiro de Direito e Religião – IBDR reitera à Vossa Excelência os seguintes requerimentos:





INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO

ibdr@ibdr.org.br | www.ibdr.org.br

- a) A **Admissão** e a consequente **Habilitação** do **INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO – IBDR** na qualidade de *Amicus Curiae* nos termos do Art. 138 do CPC, conforme as razões já apresentadas na Petição de ID 02444ad5, Nº 39;
- b) Participação na sessão de julgamento desta Reclamação Constitucional, com **sustentação oral** em plenário, seja presencial ou virtual;

Termos em que pede deferimento.

Local/data da assinatura eletrônica

Dr. Thiago Rafael Vieira
Presidente do IBDR
OAB/RS 58.257

Dr. Gabriel Ferreira de Almeida
Vice-Diretor Técnico do IBDR
OAB/RN 17.120



Termo de Substabelecimento COM Reservas de Iguais Poderes

Referência: AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO Nº 1249095

Dr. Thiago Rafael Vieira, brasileiro, casado, advogado, inscrito na OAB/RS sob o nº 58.257, OAB/SC sob o nº 38.669.A e OAB/PR sob o nº 71.141, **SUBSTABELECE COM RESERVAS DE IGUAIS PODERES**, ao **Dr. Gabriel Ferreira de Almeida**, brasileiro, casado, advogado, inscrito na OAB/RN sob o nº 17.120, com endereço profissional sito a Av. Lima e Silva, 1593, Lagoa Nova, Natal-RN, CEP: 59.075-710, os poderes outorgados pelo **Instituto Brasileiro de Direito e Religião – IBDR**, associação civil sem fins econômicos, inscrito no CNPJ sob o nº 33.082.948/0001-92, com sede na Av. Caí, 634, Porto Alegre/RS, CEP 90.810-120, junto ao **Agravo em Recurso Extraordinário** em curso no Supremo Tribunal Federal, conforme indicado na referência.

Porto Alegre/RS, 08 de novembro de 2024.



Thiago Rafael Vieira
Advogado. OAB/RS 58.257





Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Número Único do Processo	0017604-70.2009.4.03.6100
Processo	ARE 1249095
Petição Número	148089/2024
Enviado por	GABRIEL FERREIRA DE ALMEIDA (CPF: 090.071.784-07)
Data/Hora do Envio	10/11/2024, às 22:38:29
Peças Recebidas	1 - Manifestação Assinado por: GABRIEL FERREIRA DE ALMEIDA 2 - Procuração Assinado por: GABRIEL FERREIRA DE ALMEIDA





Em defesa das liberdades civis fundamentais

**AO EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO RELATOR CRISTIANO ZANIN
DO EGRÉGIO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**

Agravo em Recurso Extraordinário N. 1.249.095 - Tema 1086 RG

A **Associação Nacional de Juristas Evangélicos - ANAJURE**, já qualificada nos autos, vem, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, solicitar a juntada do **substabelecimento com reserva de poderes**, para constituição de seus patronos infra-assinados, anexo a esta petição.

Nestes termos, pede-se deferimento.

Brasília-DF, 12 de novembro de 2024.

Dr. Acyr de Gerone

OAB/PR n.º 24.278

Dr. Matheus Carvalho Dias

OAB/RJ n. 234.327

Dr. Guilherme Joshua Fantini Blake

OAB/MG n. 221.129



SUBSTABELECIMENTO COM RESERVA DE PODERES

Pelo presente instrumento, **Dr. ACYR DE GERONE**, brasileiro, casado, advogado, inscrito na OAB-PR sob nº 24.278, com escritório na Rua Bartolomeu André Rudek, 109, B. Alto, CEP: 82840-170, na cidade de Curitiba/PR, substabelece, com reserva de poderes, nas pessoas do Dr. **MATHEUS CARVALHO DIAS**, brasileiro, casado, advogado, inscrito na OAB-RJ, sob o nº 234.327, residente e domiciliado na Rua Moreira de Vasconcelos, nº 27, Penha, na cidade de Rio de Janeiro/RJ, e Dr. **GUILHERME JOSHUA FANTINI BLAKE**, brasileiro, solteiro, advogado, inscrito na OAB-MG, sob o nº 121.2219, residente e domiciliado na Rua José Baroni, nº 335, Paraíso, na cidade de Belo Horizonte/MG, os poderes que lhe foram outorgados na representação da **ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JURISTAS EVANGÉLICOS - ANAJURE.**, na procuração em anexo, para dar prosseguimento ao **AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO N. 1.249.095**, sendo o recorrido a **UNIÃO**, podendo os substabelecidos agirem em conjunto ou isoladamente com o substabelecete, dando tudo por bom, firme e valioso, sem prejuízo aos poderes outorgados aos demais causídicos presentes e anteriormente estabelecidos nos autos.

Curitiba - PR, 12 de novembro de 2024



Dr. Acyr de Gerone
OAB/PR 24.278



Relatório de Assinaturas

Datas e horários em UTC-0300 (America/Sao_Paulo)
Última atualização em 12 Novembro 2024, 20:33:47

Status: Assinado

Documento: Dr. ACYR - ANAJURE SUBSTABELECIMENTO

Número: b5879ceb-1251-49a5-8f98-f661a0c54946

Data da criação: 12 Novembro 2024, 20:29:49

Hash do documento original (SHA256): c56fa76647edf7fb003e0dee577aaf2ab625d778379e7772c12242b783ae74a6



Assinaturas

1 de 1 Assinaturas

Assinado via ZapSign by Truora ACYR DE GERONE Data e hora da assinatura: 12 Novembro 2024, 20:33:46 Token: 2e2048c9-0b1e-4635-ab3b-89f54598ee2b		Assinatura Acyr de Gerone
Pontos de autenticação: Telefone: + 5541991456691 E-mail: acyrdg@gmail.com Nível de segurança: Validado por código único enviado por e-mail		Localização aproximada: -25.409447, -49.209736 IP: 191.177.163.45 Dispositivo: Mozilla/5.0 (Linux; Android 10; K) AppleWebKit/537.36 (KHTML, like Gecko) Chrome/130.0.0.0 Mobile Safari/537.36

INTEGRIDADE CERTIFICADA - ICP-BRASIL

Assinaturas eletrônicas e físicas têm igual validade legal, conforme MP 2.200-2/2001 e Lei 14.063/2020.
Confirme a integridade do documento aqui.

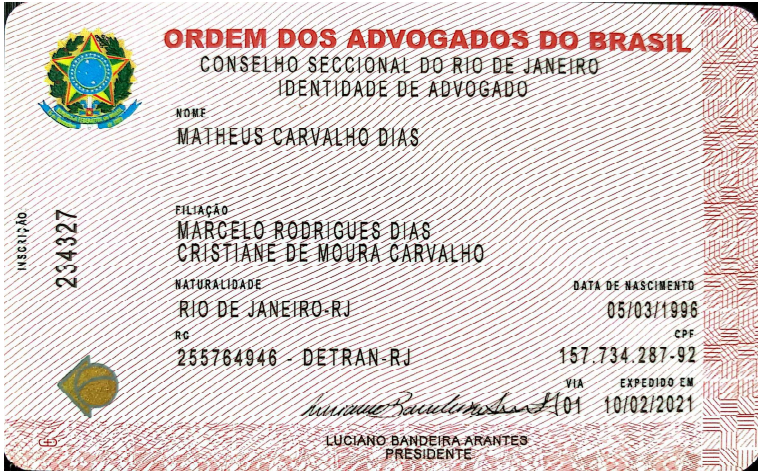


Este Log é exclusivo e parte integrante do documento número b5879ceb-1251-49a5-8f98-f661a0c54946, segundo os Termos de Uso da ZapSign, disponíveis em zapsign.com.br

ZapSign b5879ceb-1251-49a5-8f98-f661a0c54946. Documento assinado eletronicamente, conforme MP 2.200-2/2001 e Lei 14.063/2020.



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:12
Número do documento: 25040710175302000000346971112
<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>
Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54



Scanned with CamScanner



Scanned with CamScanner





Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Número Único do Processo	0017604-70.2009.4.03.6100
Processo	ARE 1249095
Petição Número	149580/2024
Enviado por	MATHEUS CARVALHO DIAS (CPF: 157.734.287-92)
Data/Hora do Envio	13/11/2024, às 00:12:43
Peças Recebidas	1 - Documento comprobatório Assinado por: MATHEUS CARVALHO DIAS GUILHERME JOSHUA FANTINI BLAKE 2 - Documento comprobatório Assinado por: ZAPSIGN PROCESSAMENTO DE DADOS LTDA 3 - Documento comprobatório Assinado por: MATHEUS CARVALHO DIAS



**EXCELENTÍSSIMO SENHOR MINISTRO RELATOR CRISTIANO ZANIN
DO EGRÉGIO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL**

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO n.º 1249095

**O CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS EM DIREITO
E RELIGIÃO** (CEDIRE), no desenvolvimento do projeto de extensão e assessoria jurídica vinculado ao ESCRITÓRIO DE ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR (ESAJUP) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU), coordenado pelo Professor Doutor Rodrigo Vitorino Souza Alves e neste ato representado por seus procuradores que a esta subscreve, com endereço profissional à Avenida João Naves de Ávila, n.º 2121, bloco 5V, Campus Santa Mônica, bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, e endereço eletrônico contato@direitoereligiao.org e esajup@fadir.ufu.br, com fundamento nos artigos 7º, §2º da Lei n.º 9.868/1999 e 138 do Código de Processo Civil (Lei n.º 13.105/15), vem, respeitosamente, perante Vossa Excelência, manifestar o que se segue.

Inicialmente, informa que a decisão de Mov. n.º 37 inadmitiu o pedido de Mov. n.º 23 do Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião, ora peticionante, para sua habilitação como *amicus curiae* no ARE n.º 1249095, proposto pelo Ministério Público Federal em face da União, que tem como objeto a retirada de todos os símbolos religiosos em prédios e repartições públicas da União, tais como imagens e crucifixos, de ampla visibilidade, alegando violação ao que dispõe os artigos 3º, inciso IV, art. 5º, inciso VI, art. 19, inciso I e art. 37, todos da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

ESCRITÓRIO DE ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR - ESAJUP/UFU

Endereço: Campus Santa Mônica - Al. das Pitangueiras Bloco 5V - Santa Mônica, Uberlândia/MG, 38400-902

Contato: contato@direitoereligiao.org / Telefone: (34) 3291-6356



Isso, pois, o E. Ministro entendeu que os argumentos a serem apresentados pelo CEDIRE estariam contemplados nas manifestações das instituições admitidas. Todavia, com o devido acato e completo respeito pelo trabalho dessas, importante ressaltar que o CEDIRE se trata de grupo de pesquisa especializado em Direito e Religião **sem qualquer direcionamento confessional, diferente das demais admitidas**. Assim, busca, com expertise interdisciplinar e interprofissional, enriquecer o debate, junto aos demais amigos da corte, ao abordar uma perspectiva puramente acadêmica-especializada sobre a tensão entre a liberdade religiosa e outros direitos fundamentais, frisa-se, sem afinidade confessional.

Ressalta-se, também, que o CEDIRE, por meio de seu Projeto de Assessoria - *Pro Bono Publico*, tem sido **aceito na qualidade de amicus curiae por este Egrégio Supremo Tribunal Federal** em outras ações que têm por objeto a temática do Direito à Liberdade de Religião ou Crença, tais como o ARE n.º 1.099.099, RE n.º 859.376, RE n.º 979.742, dentre outros, o que sedimenta a contribuição técnica do CEDIRE nas discussões temáticas perante esta Corte Constitucional. Destaca-se trechos da admissão desses, *in verbis*:

- **ARE n.º 1.099.099:** “Nesse quadrante, o juízo de admissão do amicus curiae não pode se revelar restritivo, mas deve, por outro lado, seguir os critérios de acolhimento previsto pela Lei 13.105, de 16 de março de 2015, em seu art. 138, quais sejam, a relevância da matéria e a representatividade dos postulantes. A relevância da matéria se verifica a partir de sua amplitude, bem assim a respectiva transcendência, e de sua nítida relação com as normas constitucionais. A representatividade do amigo da Corte está ligada menos ao seu âmbito espacial de atuação e mais à notória contribuição que pode ele trazer para o deslinde da questão. Sendo esse o parâmetro de admissão, **é preciso concluir ser possível a admissão do**

ESCRITÓRIO DE ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR - ESAJUP/UFU

Endereço: Campus Santa Mônica - Al. das Pitangueiras Bloco 5V - Santa Mônica, Uberlândia/MG, 38400-902

Contato: contato@direitoereligiao.org / Telefone: (34) 3291-6356



Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião, ora peticionante, sobretudo porque o debate levado a efeito detém pertinência com as atribuições daquela instituição, do que deflui a potencial possibilidade de enriquecer o debate. Diante do exposto, com base no disposto no artigo 138 do Código de Processo Civil, **defiro o pedido de admissão formulado pelo Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião como amicus curiae no presente recurso extraordinário**” (grifos nossos).

- **RE n.º 859.376:** “No tocante à representatividade, tenho utilizado os seguintes critérios: (i) a sua amplitude, (ii) a pertinência do objeto da entidade com o tema versado na demanda; e (iii) a necessidade de assegurar voz a representantes de pontos de vista diversos. **Com relação aos postulantes, entendo que estão preenchidos tais requisitos.** Ante o exposto, **defiro os pedidos formulados pela União Nacional das Entidades Islâmicas, pelo Instituto Latino-Americano de Estudos Islâmico, pela Associação Nacional de Juristas Evangélicos, o Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião, pela Associação Nacional de Juristas Islâmicos, pelo Instituto Brasileiro de Direito e Religião e pela Defensoria Pública da União para ingresso na causa como amici curiae**” (grifos nossos).
- **RE n.º 979.742:** “O art. 138 do Código de Processo Civil estabelece que os requisitos do amicus curiae são (i) a relevância da matéria, a especificidade do tema objeto da demanda ou a repercussão social da controvérsia; e (ii) a representatividade adequada da entidade requerente. (...) do tema extrai-se da sua interdisciplinaridade e da necessidade de considerar elementos médicos e regulatórios. E a repercussão social da controvérsia é fruto do número razoável de pessoas que professam crenças que conflitam com procedimentos médicos tradicionais. **As entidades requerentes, por sua vez,**

ESCRITÓRIO DE ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR - ESAJUP/UFU

Endereço: Campus Santa Mônica - Al. das Pitangueiras Bloco 5V - Santa Mônica, Uberlândia/MG, 38400-902

Contato: contato@direitoereligiao.org / Telefone: (34) 3291-6356



possuem representatividade adequada. (...) E o Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião (CEDIRE) é grupo de pesquisa da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia com longa trajetória de dedicação acadêmica ao tema. Diante do exposto, defiro o ingresso da Associação das Testemunhas Cristãs de Jeová; da Associação Nacional de Juristas Evangélicos (ANAJURE); das Defensorias Públicas estaduais requerentes; do Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião (CEDIRE); (...)" (grifos nossos).

Assim sendo, **requer, respeitosamente, a reconsideração da decisão de Mov. n.º 37, para que o CEDIRE seja admitido aos autos deste Recurso Extraordinário com Agravo na qualidade de *amicus curiae***, e possa, no momento oportuno, apresentar os seus memoriais sobre o tema em tela.

DOS PEDIDOS

Por todo o exposto, o Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião (CEDIRE):

- a) a reconsideração da decisão de Mov n.º 37, pelo recebimento e deferimento do presente pedido, para que o CEDIRE (ESAJUP/UFU) seja admitido aos autos desta Reclamação na qualidade de *amicus curiae*;
- b) seja oportunizada, no prazo legal e regimental, a apresentação de razões em sua manifestação;
- c) seja o CEDIRE intimado, por meio dos advogados subscritos, de todos os atos do processo, nos endereços eletrônicos contato@direitoereligiao.org e esajup@fadir.ufu.br.

ESCRITÓRIO DE ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR - ESAJUP/UFU

Endereço: Campus Santa Mônica - Al. das Pitangueiras Bloco 5V - Santa Mônica, Uberlândia/MG, 38400-902

Contato: contato@direitoereligiao.org / Telefone: (34) 3291-6356



Nestes termos, pede deferimento.

Uberlândia, 13 de novembro de 2024.

Sara Ferreira Cury

OAB/MG n.º 230.267

--

PROJETO CEDIRE PRO BONO PÚBLICO

Coordenação e Orientação: Prof. Dr. **Rodrigo Vitorino Souza Alves.**

Apoio: Victória Falqueto Alvim.

ESCRITÓRIO DE ASSESSORIA JURÍDICA POPULAR - ESAJUP/UFU

Endereço: Campus Santa Mônica - Al. das Pitangueiras Bloco 5V - Santa Mônica, Uberlândia/MG, 38400-902

Contato: contato@direitoereligiao.org / Telefone: (34) 3291-6356





Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Número Único do Processo	0017604-70.2009.4.03.6100
Processo	ARE 1249095
Petição Número	149624/2024
Enviado por	BRENO VALADARES DE ABREU (CPF: 016.860.016-14)
Data/Hora do Envio	13/11/2024, às 10:12:25
Peças Recebidas	1 - Pedido de ingresso como amicus curiae Assinado por: SARA FERREIRA CURY





EXCELENTÍSSIMO SENHOR RELATOR MINISTRO DO SUPREMO
TRIBUNAL FEDERAL CRISTIANO ZANIN.

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO Nº 1249095

O INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO E RELIGIÃO - IBDR, já fartamente qualificado nos autos suso, considerando a Petição de ID 02444ad5, Nº 39 e Petição de ID 19018323, Nº 70, vem mui respeitosamente, por intermédio de seus insignes advogados já qualificados nos termos da procuração de peça nº 40 e substabelecimento com reservas de iguais poderes em anexo, todos membros efetivos deste instituto, que a esta subscrevem, manifestar e requerer o que se segue:

Conforme **Petição de ID 02444ad5, Nº 39**, em 13/02/2023, o IBDR pugnou pelo ingresso na Condição de *Amicus Curiae*, tendo em vista a natureza e objeto da matéria consoante a finalidade do Insituto, manifestando-se contributivamente sobre o mérito, e, ao final, apresentou requerimentos.

Com a inclusão em pauta de Julgamento Virtual da presente ARE, mediante inclusão na Lista 471-2024.CZ, agendado para 15 de novembro de 2024 a 26 de novembro de 2024, conforme publicação no DJE de 07 de novembro 2024, o IBDR apresentou manifestação reiterativa de ID 19018323, Nº 70.

Desta feita, sendo matéria de Repercussão Geral, cujo objeto destina-se à finalidade do Instituto, em complementção aos memoriais de Nº 39, requer o deferimento do pedido anteriormente apresentando, fazendo, desde já, a juntada para apreciação por Vossas Excelências da Sustentação Oral virtual no link abaixo, uma vez que no sistema de peticionamento não foi possível enviar o arquivo por não haver disponibilidade de indicação do IBDR como parte.

<https://youtu.be/AGQdnhUTgtY>





Termos em que pede deferimento.

Local/data da assinatura eletrônica

Dr. Thiago Rafael Vieira
Presidente do IBDR
OAB/RS 58.257

Dr. Gabriel Ferreira de Almeida
Vice-Diretor Técnico do IBDR
OAB/RN 17.120





Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Número Único do Processo	0017604-70.2009.4.03.6100
Processo	ARE 1249095
Petição Número	150251/2024
Enviado por	GABRIEL FERREIRA DE ALMEIDA (CPF: 090.071.784-07)
Data/Hora do Envio	13/11/2024, às 22:39:47
Peças Recebidas	1 - Pedido de sustentação oral Assinado por: GABRIEL FERREIRA DE ALMEIDA



PLENÁRIO

CERTIDÃO DE JULGAMENTO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095

PROCED. : SÃO PAULO

RELATOR : MIN. CRISTIANO ZANIN

RECTE.(S) : MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROC.(A/S) (ES) : PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA

RECDO.(A/S) : UNIÃO

PROC.(A/S) (ES) : ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO

AM. CURIAE. : ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE

ADV.(A/S) : ACYR DE GERONE (24278/PR)

ADV.(A/S) : RAISSA PAULA MARTINS (15481/RN)

AM. CURIAE. : CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ADV.(A/S) : HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA (A2281/AM, 79249/BA, 16319/DF, 69980A/GO, 63439/PE, 121807/PR, 260116/RJ, 134243A/RS, 504893/SP)

ADV.(A/S) : LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA (35229/DF)

CERTIFICO que o **PLENÁRIO**, ao apreciar o processo em epígrafe, em sessão virtual realizada neste período, proferiu a seguinte decisão:

Decisão: O Tribunal, por unanimidade, apreciando o tema 1.086 da repercussão geral, negou provimento ao recurso extraordinário e fixou a seguinte tese: "A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade", nos termos do voto do Relator. O Ministro Edson Fachin acompanhou o Relator com ressalvas. Falaram: pela recorrida, o Dr. Caio Manoel Clementino de Alcântara, Advogado da União; e, pelo *amicus curiae* Associação Nacional de Juristas Evangélicos - ANAJURE, o Dr. Guilherme Joshua Fantini Blake. Plenário, Sessão Virtual de 15.11.2024 a 26.11.2024.

Composição: Ministros Luís Roberto Barroso (Presidente), Gilmar Mendes, Cármen Lúcia, Dias Toffoli, Luiz Fux, Edson Fachin, Alexandre de Moraes, Nunes Marques, André Mendonça, Cristiano Zanin e Flávio Dino.

Carmen Lilian Oliveira de Souza
Assessora-Chefe do Plenário

Documento assinado digitalmente conforme MP nº 2.200-2/2001 de 24/08/2001. O documento pode ser acessado pelo endereço <http://www.stf.jus.br/portal/autenticacao/autenticarDocumento.asp> sob o código 227F-28B9-8A47-B090 e senha 7887-E61C-4F75-4ECA



Este documento foi gerado pelo usuário 041.***.***-51 em 23/09/2025 11:56:12

Número do documento: 25040710175302000000346971112

<https://pje1g.trf3.jus.br:443/pje/Processo/ConsultaDocumento/listView.seam?x=25040710175302000000346971112>

Assinado eletronicamente por: SERGIO LUIZ FURLAN - 07/04/2025 10:17:54

27/11/2024

PLENÁRIO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. CRISTIANO ZANIN
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AM. CURIAE.	: ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADV.(A/S)	: ACYR DE GERONE
ADV.(A/S)	: RAISSA PAULA MARTINS
AM. CURIAE.	: CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADV.(A/S)	: HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADV.(A/S)	: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

Ementa: RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO. MÉRITO DE REPERCUSSÃO GERAL. TEMA 1.086. DIREITO CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE CRUCIFIXO EM PRÉDIO PÚBLICO DA UNIÃO. USO DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS. AUSÊNCIA DE VIOLAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA NÃO DISCRIMINAÇÃO (ARTS. 3º, IV; E 5º, *CAPUT*, DA CF/88), DA LAICIDADE (ART. 19, I, DA CF/88) E DA IMPESSOALIDADE (ART. 37, *CAPUT*, DA CF/88). LAICIDADE COLABORATIVA. INEXISTÊNCIA DE IMPOSIÇÃO DE RELIGIÃO ESPECÍFICA. PLURALISMO E LIBERDADE RELIGIOSA ASSEGURADOS. RECONHECIMENTO DO ASPECTO HISTÓRICO-CULTURAL PRESENTE NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA. NEGATIVA DE PRESTAÇÃO JURISDICIONAL (ART. 5º, XXXV, DA CF/88). INEXISTÊNCIA. FALTA DE FUNDAMENTAÇÃO. REPERCUSSÃO GERAL (TEMA 339). RECURSO EXTRAORDINÁRIO CONHECIDO E DESPROVIDO, COM FIXAÇÃO DE TESE.

I — A lealdade aos valores e princípios democráticos defendidos pela Constituição da República reclamam a identificação e o compromisso com os ideais de igualdade, liberdade e justiça ali presentes, independentemente de diferenças culturais ou religiosas, de



ARE 1249095 / SP

modo que a exposição de símbolos religiosos católicos em órgãos públicos não é incompatível com tais valores, garantida a autodeterminação dos cidadãos.

II — A ação do administrador público ou a convicção do julgador não são guiadas por simbologias religiosas, mas, sim, pela aplicação da lei e pela fundamentação jurídica adequada ao caso concreto.

III — A formação educacional, moral e cultural da sociedade brasileira teve influência histórica do Cristianismo católico, com traços marcantes no cotidiano social.

IV — Quanto à alegada afronta ao art. 5º, XXXV, da Constituição Federal, não há negativa de prestação jurisdicional se a parte valeu-se dos meios recursais cabíveis e teve a jurisdição devidamente prestada por decisões fundamentadas, ainda que contrárias aos seus interesses.

V — No julgamento do AI 791.292-QO-RG/PE (Tema 339), relatado pelo Ministro Gilmar Mendes, reconheceu-se a repercussão geral e reafirmou-se a orientação no sentido de que a exigência do art. 93, IX, da Constituição não impõe seja a decisão exaustivamente fundamentada. O que se busca é que o julgador indique, de forma clara, as razões de seu convencimento.

VI — Recurso extraordinário CONHECIDO e DESPROVIDO.

VII — Proposta de Tese de Repercussão Geral: “A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade”.

ACÓRDÃO

Acordam os Ministros do Supremo Tribunal Federal, em sessão virtual do Plenário, na conformidade da ata de julgamentos, por unanimidade, apreciando o tema 1.086 da repercussão geral, negar provimento ao recurso extraordinário e fixar a seguinte tese: “A presença



ARE 1249095 / SP

de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade”, nos termos do voto do Relator. O Ministro Edson Fachin acompanhou o Relator com ressalvas.

Brasília, 27 de novembro de 2024.

CRISTIANO ZANIN - Relator



27/11/2024

PLENÁRIO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. CRISTIANO ZANIN
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AM. CURIAE.	: ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADV.(A/S)	: ACYR DE GERONE
ADV.(A/S)	: RAISSA PAULA MARTINS
AM. CURIAE.	: CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADV.(A/S)	: HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADV.(A/S)	: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

RELATÓRIO

O Senhor Ministro **CRISTIANO ZANIN** (Relator): Trata-se de recurso extraordinário com agravo interposto pelo Ministério Público Federal contra acórdão proferido pela 4ª Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região que negou provimento à Apelação Cível 0017604-70.2009.4.03.6100/SP. A ementa que sintetiza o teor desse julgamento é a seguinte:

APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO.

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos



ARE 1249095 / SP

culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida (documento eletrônico 7, p. 67).

Após oposição de embargos de declaração e sua rejeição (doc. 7, pp. 71 e 99, respectivamente), houve a interposição de recurso extraordinário.

O Ministério Público Federal, fundamentado no art. 102, III, *a*, da Constituição Federal, sustenta a violação dos arts. 5º, XXXV; 93, IX; e, ainda, 3º, IV; 5º, *caput* e VI; 19, I; e 37 da Constituição (doc. 7, pp. 110-128).

Afirma, em síntese, que o Brasil é um país laico, onde o Poder Público é desvinculado de qualquer igreja ou religião, não obstante a maioria de sua população professe o credo cristão, a partir da garantia de liberdade de consciência e crença religiosa (doc. 7, p. 118).

Segundo ressalta, tal liberdade religiosa se dá no plano individual, sendo incorreto entendê-la como uma expressão também da administração, apta a legitimar a permanência de símbolos religiosos em prédios públicos, como fez crer o acórdão recorrido. Interpretação contrária esbarraria em ofensa ao princípio da impessoalidade da Administração Pública.

Rejeita a ideia de que as referências religiosas aos nomes de ruas, cidades e feriados legitimem a escolha de símbolos religiosos em espaços públicos, pois, no primeiro caso, houve o exercício da autonomia legislativa decorrente de sua representatividade popular, o que não se dá no segundo (doc. 7, p. 119).

Afirma que a opção do administrador público por determinado símbolo religioso cristão, além de ofender o postulado da impessoalidade, agride, ainda, o princípio da não discriminação inserto nos arts. 3º, IV, e 5º, *caput*, da Constituição, na medida em que diferencia, pela crença, aqueles que praticam religiões não cristãs (doc. 7, pp. 120-121).



ARE 1249095 / SP

Declara que a utilização de símbolos da religião católica em prédios públicos demonstra intolerância com as demais religiões, a justificar a sua retirada para a adequada harmonização com o pluralismo da sociedade brasileira (doc. 7, p. 122).

Registra que os símbolos religiosos católicos apostos em órgãos públicos não são integrantes do patrimônio cultural brasileiro, na medida em que, como afirmado, tratam desigualmente cidadãos brasileiros em igual situação de busca por serviços do Estado (doc. 7, p. 123). Nesse sentido, assevera:

[...] Em que pese a destacada influência da Igreja Católica nos tratos políticos e sociais da história do Brasil, os símbolos das demais religiões professadas no Brasil também possuem fortes traços culturais. Tem-se, por exemplo, os símbolos das religiões umbandistas, com notório vínculo à etnia africana, as religiões protestantes, com forte relação com os imigrantes europeus, e o budismo, professado pelos imigrantes orientais.

[...] os símbolos de outras religiões tais quais as discriminadas acima também possuem referida conotação, já que as etnias e povos com os quais possuem relação também tiveram participação no processo de formação de nossa sociedade (documento eletrônico 7, p. 124).

Em contrarrazões, a União alega que o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em 2007, indeferiu pedidos idênticos ao formulado nesta ação – Pedidos de Providência n. 1.344; 1.345; 1.346 e 1.362. Segundo afirma, o CNJ concluiu que “[...] os objetos seriam símbolos da cultura brasileira e que não interferiam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário” (doc. 7, p. 138).

Ao citar julgados proferidos por Cortes internacionais, refere decisão da Corte Europeia de Direitos Humanos, que acolheu a permanência de



ARE 1249095 / SP

crucifixos em escolas públicas que, não obstante sejam um símbolo religioso, “[...] representam os princípios e valores que formaram os alicerces da democracia e da civilização ocidental, e que sua presença nas classes é justificável a este respeito” (doc. 7, p. 151).

Destaca que:

[...] a aceitação do pedido veiculado nesta demanda produziria o efeito oposto, qual seja, a de termos um comando aniquilando a liberdade de religião, criando-se não um Estado laico, mas sim um Estado em oposição à religião, em clara afronta à nossa Carta Magna e aos tratados e convenções internacionais sobre a liberdade de crença e religião (doc. 7, p. 154).

Afirma não ter a Constituição estabelecido, ao consagrar a laicidade do Estado, uma oposição às religiões, nem determinado a proibição das manifestações culturais, ainda que vinculadas a símbolos religiosos. Agir com tal pretensão seria instalar

[...] o totalitarismo do ateísmo com a proibição da fixação de símbolos religiosos (de qualquer religião) nas repartições públicas federais, com a impossibilidade da expressão de crença religiosa dos servidores que nelas trabalham (doc. 7, pp. 155-156).

Defende não haver desrespeito aos princípios da Administração Pública insertos no art. 37 da Constituição, porque:

[...] ao não proibir o uso de objetos ligados à cultura brasileira ou que não têm sua ostentação vedada por lei na verdade age com impessoalidade, moralidade e imparcialidade dela exigidas - pois o Poder Público, aqui, não estará perseguindo ninguém por acreditar numa religião, ou por ostentar um objeto da cultura religiosa ou tradicional a que



ARE 1249095 / SP

pertença. Pelo contrário: a Administração estará tão-somente respeitando o direito à liberdade de fé garantido a todos os indivíduos em nosso país (doc. 7, p. 157).

O presente recurso foi distribuído, originariamente, ao Ministro Ricardo Lewandowski. Em 29/4/2020, o Plenário Virtual reconheceu a repercussão geral da questão constitucional trazida na espécie (Tema 1.086). A ementa dessa decisão é a seguinte:

CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ALEGAÇÃO DE AFRONTA À GARANTIA DO ESTADO LAICO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA AJUIZADA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. RECURSO EXTRAORDINÁRIO. EXISTÊNCIA DE QUESTÃO CONSTITUCIONAL E DE REPERCUSSÃO GERAL JURÍDICA E SOCIAL RECONHECIDAS.

I - A causa extrapola os interesses das partes envolvidas, haja vista que a questão central dos autos (permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos federais e laicidade do Estado) alcança todos os órgãos e entidades da Administração Pública da União, Estados e Municípios.

II - Relevância da causa do ponto de vista jurídico, uma vez que seu deslinde permitirá definir a exata extensão dos dispositivos constitucionais tidos por violados. Do mesmo modo, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envolvidos no debate.

III – Existência de questão constitucional e de repercussão geral reconhecidas (documento eletrônico 31).

Em razão da repercussão geral reconhecida neste recurso extraordinário, vinte e cinco processos foram sobrestados dos quais, doze encontram-se no Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, e treze no Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.



ARE 1249095 / SP

O Subprocurador-Geral da República Francisco Wagner Natal Batista opinou pelo não provimento do recurso em manifestação assim ementada:

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ESTADO LAICO. EXPRESSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA E CULTURAL. IGUALDADE DE TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. PARECER PELO CONHECIMENTO DO AGRAVO PARA NÃO PROVER O RECURSO EXTRAORDINÁRIO (doc. 12).

A União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia – UNIJUC, a Associação Nacional de Juristas Evangélicos – ANAJURE, o Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião – CEDIRE, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB (docs. 13, 17, 23 e 25, respectivamente) apresentaram manifestação nos autos requerendo sua habilitação na condição de *amicus curiae*, tendo sido admitidos (doc. 37).

Com a aposentadoria do Ministro Ricardo Lewandowski, em 10/4/2023, e a minha posse, em 3/8/2023, estes autos foram a mim distribuídos.

É o relatório.



27/11/2024

PLENÁRIO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

VOTO

O Senhor Ministro **CRISTIANO ZANIN** (Relator): Trata-se de recurso extraordinário com agravo interposto a partir do ajuizamento de ação civil pública pelo Ministério Público Federal (MPF), a fim de buscar a condenação da União na obrigação de retirar “[...] todos os símbolos religiosos ostentados em locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo” (doc. 1, p. 12).

A ação proposta pelo MPF tem como causa de pedir a afirmada violação da liberdade de crença religiosa e do postulado da laicidade estatal (arts. 5º, VI, e 19, I, da Constituição Federal), envolvendo, ainda, questões de ordem processual e de proibição da discriminação, notadamente no seu viés religioso, bem como do princípio da impessoalidade na Administração Pública (arts. 3º, IV, e 5º, *caput*; e 37, *caput*, da Constituição).

Concretamente, a controvérsia nasceu em razão da existência de um crucifixo no Plenário do Tribunal Regional Eleitoral do Estado de São Paulo e de representação oferecida por um cidadão à Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão do Ministério Público Federal contra o Presidente daquele Tribunal, ante a possibilidade de tal conduta violar a liberdade de crença e a laicidade estatal, presentes na Constituição Federal (doc. 1, pp. 20-22).

Está em discussão, portanto, a presença da simbologia teísta nos diversos espaços públicos, a eventual ofensa à liberdade religiosa – na sua perspectiva de liberdade de crença e de culto – e a postura constitucional da neutralidade do Estado diante de manifestações potencialmente



ARE 1249095 / SP

confessionais, decorrentes da ação do administrador público eventualmente discriminatória.

A sociedade brasileira não escapou a este fenômeno. A vinda dos portugueses ao Brasil — revestida de notórios fatores econômicos — trazia, além disso, manifesta pretensão religiosa, já que Portugal também propunha a difusão da fé católica em sua missão colonizadora, o que explica a constante presença de padres na expansão ultramarina portuguesa.

Para Eder Bomfim Rodrigues,

“[...] O trabalho dos jesuítas no período colonial marcou a formação do Brasil e a própria identidade nacional, ao ter afirmado o catolicismo como **uma força política e social interna que moldava a construção do país e que estabelecia as bases de funcionamento da sociedade colonial**. A Companhia de Jesus serviu como um elemento de formação do saber em diversas áreas como na educação, no direito, na filosofia e na teologia cristã”¹ (grifei).

Gilberto Freyre, em obra seminal, registra como a religião, capitaneada pela Igreja Católica, colaborou na formação da sociedade brasileira:

“Os jesuítas foram outros que pela influência do seu sistema uniforme de educação e de moral sobre um organismo ainda tão mole, plástico, quase sem ossos, como o da nossa sociedade colonial nos séculos XVI e XVII, contribuíram para articular como educadores o que eles próprios dispersavam como catequistas e missionários. Estavam os padres da S. J.² em

1 *Ibid.*, p. 35.

2 S. J.: *Societas Jesu* (Companhia de Jesus). Enciclopédia Católica Popular, 2024. Disponível em: https://arquivo.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=372. Acesso em: 22 abr. 2024.



ARE 1249095 / SP

toda parte; moviam-se de um extremo ao outro do vasto território colonial; estabeleciam permanente contato entre os focos esporádicos de colonização, através da "língua-geral", entre os vários grupos de aborígenes. Sua mobilidade, como a dos paulistas, se por um lado chegou a ser perigosamente dispersiva, por outro lado foi salutar e construtora, tendendo para aquele 'unionismo' em que o professor João Ribeiro surpreendeu uma das grandes forças sociais da nossa história"³.

O intenso envolvimento da Igreja Católica nos negócios da colônia reverberava, também, na legislação da época. Até 1824, as Ordenações, com dispositivos de expressivo caráter religioso, conduziam a vida de relação. A prática da heresia, da feitiçaria, da blasfêmia e qualquer outro comportamento atentatório à fé católica eram crimes capitais. Logo, liberdade religiosa era uma ideia que nem mesmo a Independência permitiu, a exemplo das visitas do Santo Ofício para a punição dos hereges⁴.

À medida que o constitucionalismo brasileiro começa sua formação, ainda que por outorga imperial, a questão da liberdade religiosa passa a ganhar posição de destaque, pois a Constituição Política do Império do Brasil de 1824, mesmo tendo firmado o catolicismo como religião do Império, estabeleceu alguma liberdade de culto ao proibir a perseguição religiosa (arts. 5 e 179, V, da Constituição Imperial, respectivamente).

Uma liberdade religiosa menos limitada e uma laicidade incipiente somente vieram a ser oficialmente asseguradas com a Proclamação da República e a promulgação do Decreto n. 119-A, de 7/1/1890. A partir dele, permitiu-se às confissões religiosas "[...] a faculdade de exercerem o

3 FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 481. ed. rev. São Paulo: Global, 2003. p. 90.

4 MARIANO, Ricardo. *Análise sociológica do crescimento Pentecostal no Brasil*. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.



ARE 1249095 / SP

seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariadas nos atos particulares ou públicos” (art. 2º do Decreto n. 119-A/1890).

Referido decreto viria a consagrar, ainda, a separação entre Estado e religião, proibindo a expedição de ato normativo que estabelecesse ou vedasse qualquer religião ou criasse distinção entre cidadãos por motivo de suas crenças ou opiniões religiosas. Tal disposição foi incorporada à Constituição de 1891, que vedou o estabelecimento, a subvenção ou o embaraço ao exercício de cultos religiosos (art. 11 da Constituição de 1891).

Digo que a liberdade religiosa era menos limitada e que a laicidade não operava ostensivamente porque ainda remanescia certo controle estatal sobre as ações das ordens religiosas. Refiro, por exemplo, o Agravo de Petição 490, julgado pelo Supremo Tribunal Federal, ao reconhecer a recepção da Lei do Império de 9/12/1830, que condicionava à licença do governo os contratos onerosos e alienações sobre bens móveis, imóveis e semoventes de propriedade daquelas organizações⁵.

O mesmo se diga quanto a alguns tipos de manifestação religiosa, já que o Código Penal de então, ainda, criminalizava as práticas de espiritismo, magia e cartomancia (art. 157 do Decreto n. 847, de 11/10/1890).

É a partir da Constituição de 1934 – e em todas as Constituições seguintes (exceção feita à Constituição “polaca” de 1937) – que o Estado brasileiro amplia o espectro da garantia de liberdade de crença e culto e passa a adotar uma laicidade colaborativa de interesse público com os diversos cultos religiosos, ainda que, como mencionei, subsistisse certa tutela penal repressora a algumas manifestações religiosas.

No plano internacional, o Constitucionalismo moderno e

5 RODRIGUES. *op. cit.*, p. 82.



ARE 1249095 / SP

contemporâneo fez a liberdade religiosa e a neutralidade estatal ecoarem tanto em países de tradição da *common law*, como naqueles de formação jurídica romano-germânica.

Nos Estados Unidos, não obstante o texto original de sua Constituição (1787) não as ter previsto – pois apenas afastava requisitos religiosos como condição para nomeação para cargo público –, a Primeira Emenda (1791) criou a cláusula de estabelecimento (*Establishment Clause*) e a cláusula do livre exercício da religião (*Free Exercise Clause*):

“O Congresso não fará nenhuma lei referente ao estabelecimento de uma religião ou proibindo o seu livre exercício; ou restringindo a liberdade de expressão ou de imprensa; ou o direito das pessoas de se reunirem pacificamente e de solicitar ao Governo a reparação de queixas”⁶ (tradução nossa – grifei).

Muito mais recente, a Lei Fundamental da Alemanha, de 1949 – neste ponto semelhante às prescrições laicas brasileiras –, protege a liberdade de crença, de consciência e de confissão religiosa; assegura o livre exercício de qualquer religião e garante a objeção de consciência por motivos religiosos (art. 4, (1, 2 e 3)). Além dessas garantias, permite o ensino religioso como parte integrante do currículo escolar (art. 7, (3)) e, quanto à laicidade do Estado alemão, mantém, como sua parte integrante, diversos dispositivos da Constituição de Weimar, de 1919, corroborando a leitura do Ministro Luís Roberto Barroso, em obra acadêmica, quando diz ser “[...] um dos documentos constitucionais mais influentes da história, apesar de sua curta vigência” (1919-1933) e “[...] um marco do constitucionalismo social”⁷.

6 Texto original: “Congress shall make no law respecting an establishment of religion, or prohibiting the free exercise thereof; or abridging the freedom of speech, or of the press; or the right of the people peaceably to assemble, and to petition the Government for a redress of grievances”. Disponível em: www.senate.gov/about/origins-foundations/senate-and-constitution/constitution.htm. Acesso em: 24 abr. 2024.

7 BARROSO, Luís Roberto. *Curso de direito constitucional contemporâneo: os conceitos*



ARE 1249095 / SP

Nesse sentido, a Constituição alemã, mais categórica que outras, preconiza expressamente não existir uma igreja do Estado (art. 137, (1)) e, apesar da taxatividade do preceito, sua laicidade é colaborativa, pois, além de assegurar a livre administração das sociedades religiosas sem qualquer intervenção do Estado alemão (art. 137, (2) e (3)), permite que exerçam suas práticas sempre que instituições públicas, como o exército, hospitais e estabelecimentos penais, necessitarem de culto religioso e assistência espiritual (art. 141). Da mesma maneira, reconhece o domingo e os feriados como dias de recolhimento espiritual (art. 139).

Concluo essa parte introdutória com o caso da França, que demonstra com clareza a secularização do seu Estado.

Muito embora não haja previsão expressa de um corpo de direitos e garantias individuais, o texto constitucional francês declara a sua adesão à Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, que assegurou a liberdade religiosa em seu artigo 10: “Ninguém pode ser assediado por causa de suas opiniões, mesmo religiosas, desde que sua manifestação não perturbe a ordem pública estabelecida pela lei”⁸.

A neutralidade do Estado francês veio a ser consagrada no artigo 1º da Constituição de 1958, que estabelece ser: “[...] uma República indivisível, laica, democrática e social. Assegura a igualdade de todos os cidadãos perante a lei sem distinção de origem, raça ou religião. Respeita todas as crenças”⁹ (tradução livre).

Com efeito, a sua formação, a partir da Revolução de 1789,

fundamentais e a construção do novo modelo. 9. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2020. p. 57.

8 Disponível em: https://www.conseil-constitutionnel.fr/sites/default/files/as/root/bank_mm/portugais/constitution_portugais.pdf. Acesso em: 30 abr. 2024.

9 Disponível em: https://www.conseil-constitutionnel.fr/sites/default/files/as/root/bank_mm/portugais/constitution_portugais.pdf. Acesso em: 30 abr. 2024.



ARE 1249095 / SP

empreendeu uma neutralidade muito mais rígida do que aquela colaborativa empreendida nas Constituições brasileiras e de outros países, adotando uma posição radicalmente anticlerical, visando remover o Cristianismo e qualquer manifestação religiosa da vida pública e do governo. A bandeira da laicidade era, de fato, a bandeira do secularismo. Na França, houve uma

“[...] separação absoluta entre Estado e Igreja, entre as esferas pública e privada e, logo, uma rígida divisão entre Estado e sociedade com uma clara delimitação ente o espaço público e o espaço privado.

[...]

A neutralidade estatal passou a se constituir num princípio estruturante do Estado liberal e marcante para as relações entre Estado e religião”.¹⁰

A laicidade francesa ganhou reforço especial com a edição da lei de separação, de 1905, destinada a eliminar qualquer traço de religião do espaço público, de molde a assegurar concretamente uma racionalidade neutra e imparcial.

Já neste século, essa neutralidade se manifestou por meio da Carta de laicidade dos serviços públicos, que, a par de invocar os princípios de igualdade e liberdade de consciência, reafirma a laicidade estatal para exigir dos agentes públicos a estrita neutralidade no trato das pessoas. Nesse sentido, considera falta grave a manifestação de crenças religiosas enquanto no exercício de suas funções.¹¹

A questão religiosa tem sido objeto de constante embate entre os povos, gerando inúmeros conflitos nas diversas partes do mundo, não obstante seja mais visível, contemporaneamente, entre as religiões

10 RODRIGUES, Eder Bonfim, *Op. cit.*, p. 149-150.

11 Texto original disponível em: <https://legirel.cnrs.fr/IMG/pdf/130906.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.



ARE 1249095 / SP

abraâmicas (judaísmo, cristianismo e islamismo).

O Brasil testemunha o embate jurisdicional dessas forças periodicamente, às vezes proveniente de considerações de ordem científica (pesquisas com células-tronco¹² e anencefalia fetal¹³), outras vezes, de conflitos naturalmente sociais (ensino religioso¹⁴, uniões homoafetivas¹⁵, proselitismo em rádios comunitárias¹⁶ e realização de etapa de concurso público em horário diverso¹⁷). Algumas vezes, ainda, o conflito surge a partir de certas manifestações tangíveis (utilização da bíblia em escolas e bibliotecas públicas^{18 19 20 21}, construção de monumentos religiosos pelo erário²² e uso de hábito religioso em documentos oficiais²³).

12 BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). ADI 3.510/DF, Rel. Min. Ayres Britto, DJe 28/5/2010.

13 BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). ADPF 54/DF, Rel. Min. Marco Aurélio, DJe 30/4/2013.

14 BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). ADI 4.439/DF, Relator do acórdão Min. Alexandre de Moraes, DJe 21/6/2018.

15 BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). ADI 4.277/DF, Rel. Min. Ayres Britto, DJe 14/10/2011.

16 BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). ADI 2.566/DF, Redator do acórdão Min. Edson Fachin, DJe 23/10/2018.

17 BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). RE 611.874/DF, Redator do acórdão Min. Edson Fachin, DJe 12/4/2021.

18 BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). ADI 5.256/MS, Rel. Min. Rosa Weber, DJe 5/11/2021.

19 BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). ADI 5.257/RO, Rel. Min. Dias Toffoli, DJe 3/12/2018.

20 BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). ADI 5.258/AM, Rel. Min. Cármen Lúcia, DJe 27/4/2021.

21 BRASIL. Supremo Tribunal Federal. RE 1.014.615/RJ, Rel. Min. Celso de Mello, DJe 21/3/2017.

22 BRASIL. Supremo Tribunal Federal. ARE 1.468.779/SP, Rel. Min. André Mendonça, DJe 14/2/2024.

23 STF, RE 859.376/PR, Rel. Min. Luís Roberto Barroso, Pleno, DJe 19/4/2024.



ARE 1249095 / SP

Ocorre que muitas das expressões que, originariamente, se compunham de natureza intrinsecamente religiosa, acabam por transcender o espaço divino para fundirem-se ou, até mesmo, transformarem-se em exteriorização da história cultural de um povo.

Em 2019, a título de exemplo, a Suprema Corte dos Estados Unidos, por sete votos a dois, no julgamento de *American Legion v. American Humanist Association*, concluiu que uma cruz colocada em área pública e mantida pelos cofres públicos, não obstante fosse um símbolo cristão, ia muito além, para revestir-se de simbolismo dos ancestrais que pereceram na guerra, um espaço de homenagem aos veteranos e um marco histórico da comunidade²⁴. A Corte Suprema americana alcançou o mesmo resultado em *Linch v. Donnelly*²⁵ e *Van Orden v. Perry*²⁶.

No âmbito interno, o Conselho Nacional de Justiça, no julgamento dos Pedidos de Providência n. 1.344, 1.345, 1.246 e 1.362, reconheceu que cultura e tradição também se manifestam por símbolos religiosos (doc. 1, p. 243).

Mais recentemente, o Ministro André Mendonça, ao apreciar o ARE 1.468.779/SP, no qual se discutia a construção de um monumento religioso no município de São Sebastião, afirmou:

“[...]

15. Em que pese a sua inarredável expressão religiosa, a **estátua também traduz a identidade histórico-cultural do Município**, cuja fundação e nomenclatura foram inspiradas no ícone de São Sebastião.

16. Não se pode descurar, ainda, que no Município de São Sebastião/SP, onde se localizam mais de 30 praias do litoral

24 588 U.S. ____ (2019).

25 465 U.S. 688 (1984).

26 545 U.S. 677 (2005).



ARE 1249095 / SP

paulista, o turismo compõe relevante porção da economia local, comportando expressiva fonte de negócios e de empregos nos mais diversos segmentos, como os hotéis, os restaurantes, os locais de práticas esportivas, e, inclusive, a visitação de prédios históricos e religiosos, e o comércio de itens relacionados a esses setores [...]. **É desenganada, na presente hipótese, que a construção do monumento do Santo Padroeiro de São Sebastião/SP congrega todo o patrimônio histórico, turístico e cultural do Município”** (grifei).

Feita essa brevíssima e pontual incursão, passo agora a um recorte normativo e jurisprudencial, a fim de possibilitar a devida subsunção.

A Constituição da República, ao tratar dos direitos individuais, contemplou a liberdade religiosa a partir de múltiplas dimensões, a saber:

Art. 5º.

[...]

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII – é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII – ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

A laicidade do Estado brasileiro vem estampada no art. 19, I, da Constituição, nos termos seguintes:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-



ARE 1249095 / SP

los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Outras manifestações desse preceito podem ser colhidas sistematicamente ao longo de toda a Constituição, como a prestação de serviço militar alternativo (art. 143, § 1º), a oferta de ensino religioso em escolas públicas de matrícula facultativa (art. 210, § 1º) e o reconhecimento de efeitos civis ao casamento religioso (art. 226, § 2º), de maneira que conformam um arcabouço protetivo à liberdade religiosa em suas variadas expressões, o qual se convencionou denominar de laicidade colaborativa.

No que diz respeito à laicidade do Estado, o Supremo Tribunal Federal possui vasta jurisprudência que reforça o princípio. Em 2003, ao julgar a ADI 2.076/AC, da relatoria do Ministro Carlos Velloso (Pleno, DJ 8/8/2003), esta Suprema Corte concluiu que, apesar da invocação de Deus no preâmbulo da Constituição Federal e da presença de um sentimento deísta e religioso, o Estado é laico, garantindo que a “[...] Constituição é de todos, não distinguindo entre deístas, agnósticos ou ateístas”.

Essa chancela foi reafirmada, em 2010, no julgamento da ADI 3.510/DF, da relatoria do Ministro Ayres Britto (Pleno, DJe 28/5/2010), que, ao reconhecer a constitucionalidade das pesquisas com células-tronco, assentou:

[...] A decisão por uma descendência ou filiação exprime um tipo de autonomia de vontade individual que a própria Constituição rotula como “direito ao planejamento familiar”, fundamentado este nos princípios igualmente constitucionais da “dignidade da pessoa humana” e da “paternidade responsável”. A conjugação constitucional da laicidade do Estado e do primado da autonomia da vontade privada, nas palavras do Ministro Joaquim Barbosa.



ARE 1249095 / SP

O postulado também foi colocado à prova, quando o Supremo Tribunal Federal apreciou a constitucionalidade das uniões homoafetivas (ADI 4.277/DF, Rel. Min. Ayres Britto, Pleno, DJe 14/10/2011); da inexistência de crime, quando da interrupção da gravidez de feto anencéfalo (ADPF 54/DF, Rel. Min. Marco Aurélio, Pleno, DJe 30/4/2013); do ensino religioso confessional como disciplina facultativa dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental (ADI 4.439/DF, Redator do acórdão Min. Alexandre de Moraes, Pleno, DJe 21/6/2018); da veiculação de discurso proselitista em serviço de radiodifusão comunitária (ADI 2.566/DF, Redator do acórdão Min. Edson Fachin, Pleno, DJe 23/10/2018); e da lei de proteção animal, que, a fim de resguardar a liberdade religiosa, permite o sacrifício ritual de animais em cultos de religiões de matriz africana (RE 494.601/ES, Redator do acórdão Min. Edson Fachin, Pleno, DJe 19/11/2019); e, mais recentemente, o reconhecimento do direito de Testemunhas de Jeová não se submeterem à transfusão de sangue (RE 979.742/AM, Rel. Min. Luís Roberto Barroso e RE 1212272/AL, Rel. Min. Gilmar Mendes, ambos com a ata de julgamento divulgada no DJe de 26/9/2024).

Se a laicidade estatal é tema recorrente na jurisprudência do Supremo Tribunal Federal, não se pode fazer a mesma afirmação quando ela é questionada em face das exteriorizações materiais da liberdade religiosa nos espaços públicos, ou seja, quanto à utilização de símbolos religiosos, como crucifixos e bíblias, em escolas e bibliotecas públicas, tribunais e outros órgãos públicos.

No plano do Direito comparado, os tribunais constitucionais têm sido desafiados por este debate, pelo menos, desde 1948, quando a Suprema Corte dos Estados Unidos, ao julgar *McCollum v. Board of Education*, concluiu que o Estado não poderia autorizar um programa em que professores religiosos contratados por terceiros forneciam instrução religiosa semanal em escolas públicas, pois isso



ARE 1249095 / SP

violaria a Cláusula do Estabelecimento²⁷.

Em contrapartida, e muito mais recente (2019), como referi anteriormente, a Suprema Corte Norte-americana, em *American Legion v. American Humanist Association*, considerou que a denominada Cruz da Paz, fixada em área pública de Maryland, não violava a laicidade estatal, dado o seu caráter histórico e honorífico²⁸.

Além desses dois importantes precedentes norte-americanos, é possível citar ainda o caso *Linch v. Donnelly*, quando se permitiu a instalação de um presépio em área pública no Estado de Rhode Island, diante da tradição nacional de um evento reconhecido no Mundo Ocidental por vinte séculos²⁹.

Na Europa, o Tribunal Constitucional da Alemanha decidiu que a presença do crucifixo dentro da sala de aula das escolas públicas afronta a inviolabilidade da liberdade de crença, de consciência e de confissão religiosa e ideológica contidas na Lei Fundamental alemã³⁰.

Para a Corte Europeia de Direitos Humanos, por sua vez, não há prova de que a exibição de um crucifixo em sala de aula influencie os alunos cujas crenças estão em formação, não sendo suficiente uma percepção subjetiva de violação da liberdade religiosa ou da laicidade³¹.

No Brasil, os precedentes que trataram de controvérsias semelhantes foram apreciados a partir de uma perspectiva distinta do caso em análise, já que envolviam atos impositivos do poder público.

Explico.

27	333 U.S. 203 (1948)
28	588 U.S. ____ (2019).
29	465 U.S. 668 (1984).
30	2 BvR 1087/91.
31	Lautsi v. Italy, aplicação n. 30814/06.



ARE 1249095 / SP

Em 2015, a Procuradoria-Geral da República ajuizou três ações diretas de inconstitucionalidade contra atos praticados pelas Assembleias Legislativas dos Estados de Mato Grosso do Sul (ADI 5.256/MS, Rel. Min. Rosa Weber), de Rondônia (ADI 5.257/RO, Rel. Min. Dias Toffoli) e do Amazonas (ADI 5.258/AM, Rel. Min. Cármen Lúcia).

Essas ações visavam impugnar leis estaduais que tornavam obrigatória a manutenção de exemplares da Bíblia nas unidades escolares da rede estadual de ensino e nos acervos das bibliotecas públicas do respectivo Estado, à custa dos cofres públicos (ADI 5.256/MS e ADI 5.258/AM), ou a oficializava como livro-base de fonte doutrinária (ADI 5.257/RO).

Nesse mesmo ano, foi distribuído o ARE 1.014.615/RJ, da relatoria do Ministro Celso de Mello, no qual se discutiu a inconstitucionalidade de lei estadual aprovada pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro que tinha o mesmo objeto (manutenção de exemplares da Bíblia em bibliotecas estaduais).

Naqueles julgados, observou-se que a presença de símbolos religiosos em espaços públicos se deu por determinação legal, ou seja, a vontade do Estado se manifestou de forma impositiva e generalizada a partir de lei em sentido formal. Daí o questionamento quanto à violação do preceito da neutralidade estatal e a consequente declaração de inconstitucionalidade das normas impugnadas.

O presente caso, no entanto, traz vetores que apontam, na minha compreensão, para o necessário *distinguishing*.

Inicialmente, relembro que este recurso extraordinário foi interposto, também, pela suposta ofensa aos arts. 5º, XXXV, e 93, IX, da Constituição da República.



ARE 1249095 / SP

Nesse sentido, registro que, quanto à alegada afronta ao art. 5º, XXXV, da Constituição Federal, não há falar em negativa de prestação jurisdicional se a parte valeu-se dos meios recursais cabíveis e teve a jurisdição devidamente prestada por decisões fundamentadas, ainda que contrárias aos seus interesses. Com esse entendimento, cito os seguintes julgados do Supremo Tribunal Federal cujas ementas seguem transcritas:

DIREITO DO TRABALHO. ALEGAÇÃO DE NEGATIVA DE PRESTAÇÃO JURISDICIONAL. INEXISTÊNCIA. DECISÃO DEVIDAMENTE FUNDAMENTADA. ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO INFRACONSTITUCIONAL PERTINENTE E DO CONJUNTO FÁTICO-PROBATÓRIO DOS AUTOS. SÚMULA 279/STF. 1. O Supremo Tribunal Federal (STF), ao analisar o RE 956.302-RG, Rel. Min. Edson Fachin, concluiu pela ausência de repercussão geral da controvérsia relativa à alegação de ofensa ao princípio da inafastabilidade da jurisdição, nas hipóteses em que se verificarem óbices intransponíveis à entrega da prestação jurisdicional de mérito. 2. Não foram ofendidas as garantias da inafastabilidade do controle jurisdicional, do devido processo legal, do contraditório e da ampla defesa, uma vez que a parte recorrente teve acesso a todos os meios de impugnação previstos na legislação processual, havendo o acórdão recorrido examinado todos os argumentos e fundamentado suas conclusões de forma satisfatória. 3. O STF tem entendimento no sentido de que as decisões judiciais não precisam ser necessariamente analíticas, bastando que contenham fundamentos suficientes para justificar suas conclusões (AI 791.292-QO-RG, Rel. Min. Gilmar Mendes). Na hipótese, a decisão está devidamente fundamentada, embora em sentido contrário aos interesses da parte agravante. 4. A parte recorrente se limita a postular a análise da legislação infraconstitucional pertinente e uma nova apreciação dos fatos e do material probatório constante dos autos, o que não é possível nesta fase processual. Nessas condições, a hipótese atrai a incidência da Súmula 279/STF. 5.



ARE 1249095 / SP

Inaplicável o art. 85, § 11, do CPC/2015, uma vez que não houve prévia fixação de honorários advocatícios de sucumbência. 6. Agravo interno a que se nega provimento, com aplicação da multa prevista no art. 1.021, § 4º, do CPC/2015 (ARE 1.284.398 ED-terceiros-AgR/DF, Rel. Min. Luís Roberto Barroso, Primeira Turma, DJe 9/12/2020 – grifei).

AGRAVO REGIMENTAL NO RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO. REPERCUSSÃO GERAL. FUNDAMENTAÇÃO DEFICIENTE. VIOLAÇÃO DOS PRINCÍPIOS CONSTITUCIONAIS DO CONTRADITÓRIO, DA AMPLA DEFESA, DO DEVIDO PROCESSO LEGAL E DA PRESTAÇÃO JURISDICIONAL. AUSÊNCIA DE REPERCUSSÃO GERAL (TEMA 660). ACÓRDÃO RECORRIDO DEVIDAMENTE FUNDAMENTADO. AUSÊNCIA DE OFENSA AO ART. 93, IX, DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL (TEMA 339 DA REPERCUSSÃO GERAL). NEGATIVA DE PRESTAÇÃO JURISDICIONAL. INOCORRÊNCIA. AGRAVO A QUE SE NEGA PROVIMENTO. I – A mera alegação, nas razões do recurso extraordinário, de existência de repercussão geral das questões constitucionais discutidas, desprovida de fundamentação adequada que demonstre seu efetivo preenchimento, não satisfaz a exigência prevista no art. 1.035, § 2º, do Código de Processo Civil/2015. II - A demonstração fundamentada da existência de repercussão geral das questões constitucionais discutidas também é indispensável nas hipóteses de repercussão geral presumida ou já reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal em outro recurso. III - O Supremo Tribunal Federal, ao julgar o ARE 748.371-RG/MT (Tema 660), de relatoria do Ministro Gilmar Mendes, rejeitou a repercussão geral da controvérsia referente à suposta ofensa aos princípios constitucionais do contraditório, da ampla defesa e do devido processo legal, quando o julgamento da causa depender de prévia análise de normas infraconstitucionais, por configurar situação de ofensa indireta à Constituição Federal. IV - Conforme assentado no julgamento



ARE 1249095 / SP

do AI 791.292-QO-RG/PE (Tema 339 da Repercussão Geral), de relatoria do Ministro Gilmar Mendes, o art. 93, IX, da Lei Maior exige que o acórdão ou decisão sejam fundamentados, ainda que sucintamente, sem determinar, contudo, o exame pormenorizado de cada uma das alegações ou provas, nem que sejam corretos os fundamentos da decisão. V - Não há falar em negativa de prestação jurisdicional se a parte valeu-se dos recursos cabíveis e teve a jurisdição devidamente prestada por decisões fundamentadas, ainda que contrárias aos seus interesses. VII - Agravo regimental a que se nega provimento (ARE 1.365.185 AgR/RS, Rel. Min. Ricardo Lewandowski, Segunda Turma, DJe 7/4/2022 – grifei).

No mesmo sentido, aponto os seguintes julgados: RE 1.458.144/SP, da minha relatoria, DJe 15/2/2024; RE 1.415.090 AgR/RS, Rel. Min. Rosa Weber (Presidente), DJe 25/7/2023; AI 791.292 RG-QO/PE, Rel. Min. Gilmar Mendes, DJe 13/8/2010; ARE 1.380.346 AgR-quarto/RJ, Rel. Min. Ricardo Lewandowski, DJe 16/9/2022; e RE 1.094.344 AgR, Rel. Min. Edson Fachin, DJe 15/6/2021.

Outrossim, no julgamento do AI 791.292 QO-RG/PE (Tema 339 da Repercussão Geral), da relatoria do Ministro Gilmar Mendes, foi reafirmada a jurisprudência no sentido de que a exigência do art. 93, IX, da Constituição da República não impõe que a decisão seja exaustivamente fundamentada. O que se busca é que o julgador indique de forma clara as razões de seu convencimento, tal como ocorreu. Por oportuno, transcrevo a ementa do referido precedente:

“Questão de ordem. Agravo de Instrumento. Conversão em recurso extraordinário (CPC, art. 544, §§ 3º e 4º). 2. Alegação de ofensa aos incisos XXXV e LX do art. 5º e ao inciso IX do art. 93 da Constituição Federal. Inocorrência. 3. O art. 93, IX, da Constituição Federal exige que o acórdão ou decisão sejam fundamentados, ainda que sucintamente, sem determinar, contudo, o exame pormenorizado de cada uma das alegações



ARE 1249095 / SP

ou provas, nem que sejam corretos os fundamentos da decisão. 4. Questão de ordem acolhida para reconhecer a repercussão geral, reafirmar a jurisprudência do Tribunal, negar provimento ao recurso e autorizar a adoção dos procedimentos relacionados à repercussão geral” (DJe 13/8/2010 – grifei).

Quanto ao mérito, ou seja, a fim de se verificar a alegada violação do princípio da não discriminação (art. 3º, IV, e 5º, *caput*); da laicidade (art. 19, I) e da impessoalidade (art. 37, *caput*), entendo que a solução adequada, não só para o caso concreto, mas para a fixação de tese geral, pode ser extraída, fundamentalmente, do marcante aspecto histórico-cultural presente.

No início de meu voto, demonstrei como o Cristianismo — até então liderado pela Igreja Católica — esteve presente na formação da sociedade brasileira, registrando a presença jesuítica desde o episódio do descobrimento e, a partir daí, atuando na formação educacional e moral do povo que surgia:

“[...] o Brasil nasceu dentro das bases do cristianismo católico do Reino de Portugal, fazendo parte de uma grande estrutura política e religiosa que deixou marcas profundas na forma de constituição do Estado e das relações sociais”³².

Não fossem apenas os crucifixos, não há como desconsiderar as dezenas de dias consagrados — diversos deles com decretação de feriado —, a nomenclatura de ruas, praças, avenidas e outros logradouros públicos, escolas públicas, estados brasileiros, que revelam a força de uma tradição que, antes de segregar, compõe a rica história brasileira.

Posto isso, entendo que a presença de símbolos religiosos nos espaços públicos, ao contrário do que sustenta o recorrente, não deslegitima a ação do administrador ou a convicção imparcial do

32 RODRIGUES, Eder Bonfim, *op. cit.*, p. 380.



ARE 1249095 / SP

julgador — mesmo porque a fundamentação jurídica não se assenta em elementos divinos, ou seja, não impõe “[...] concepções filosóficas aos cidadãos”³³; não constrange o crente a renunciar à sua fé; não retira a sua faculdade de autodeterminação e percepção mítico-simbólica; nem fere a sua liberdade de ter, não ter ou deixar de ter uma religião.

Diante de todo o exposto, não verifico a ofensa aos dispositivos constitucionais apontados pelo recorrente, razão pela qual nego provimento ao recurso extraordinário.

Proponho, ainda, a fixação da seguinte tese de repercussão geral:

A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade.

É como voto.

33 MENDES, Gilmar Ferreira. *Curso de Direito Constitucional*. 17. ed. São Paulo: SaraivaJur, 2022. p. 325.



27/11/2024

PLENÁRIO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. CRISTIANO ZANIN
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AM. CURIAE.	: ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADV.(A/S)	: ACYR DE GERONE
ADV.(A/S)	: RAISSA PAULA MARTINS
AM. CURIAE.	: CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADV.(A/S)	: HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADV.(A/S)	: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

VOTO:

O SENHOR MINISTRO FLÁVIO DINO:

Embora o Brasil seja um Estado laico, a Constituição reconhece e valoriza a dimensão religiosa do ser humano, considerando-a essencial para o bem comum. Essa valorização - constante desde o Preâmbulo, que invoca “a proteção de Deus” - está evidenciada em diversas normas constitucionais que incentivam a liberdade religiosa e o respeito às manifestações de fé. Por isso, o Estado brasileiro não deve ser indiferente ou contrário à religião, mas sim respeitar e promover um ambiente onde a expressão religiosa possa coexistir de forma harmoniosa com o pluralismo. Conforme lição do Procurador-Geral da República, Paulo Gustavo Gonet Branco e do Subprocurador-Geral da República, Paulo Vasconcelos Jacobina, *“a liberdade religiosa insere-se no núcleo essencial da dignidade da pessoa humana e que a sua expressão pública é manifestação inerente ao reconhecimento da religião como um valor de ordem constitucional, não podendo ficar, por isso, confinada ao plano das realidades*



ARE 1249095 / SP

meramente privadas”¹.

A valorização da dimensão religiosa do ser humano pela Constituição reflete uma influência histórica do cristianismo e, em particular, da Igreja Católica. Esse legado está presente em diversos aspectos, como os nomes de Estados e Municípios — São Paulo, São Luís, Salvador, Santa Catarina, Espírito Santo — que mantêm essas designações em razão de seu valor histórico e cultural, sendo que, com nomes de Santas e Santos, são 586 Municípios, aproximadamente. Tais denominações são parte da construção de nossa identidade nacional.

Do mesmo modo, desde o alvorecer do Brasil como Nação, estavam presentes as religiões dos povos originários, assim como dos povos africanos - mesmo que oprimidos, perseguidos, silenciados.

A preservação de espaços, templos e monumentos religiosos, protegidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), demonstra a valorização da religião na formação histórica e cultural da identidade brasileira. Da mesma forma, a manutenção de símbolos e celebrações de diversas tradições religiosas, como o Círio de Nazaré e a Festa de Iemanjá, reforça a riqueza de nossa diversidade cultural e espiritual. Esses eventos são amplamente celebrados pelo povo brasileiro e representam não apenas a liberdade de culto, mas também a pluralidade cultural da sociedade.

O descanso semanal remunerado, prática consolidada na legislação trabalhista e na rotina dos brasileiros, é mais uma herança da tradição judaico-cristã que foi incorporada à nossa cultura e que beneficia a organização da vida social, sem impor ou discriminar qualquer religião.

Neste contexto, símbolos religiosos do cristianismo, como os

1 BRANCO, Paulo Gustavo Gonet; JACOBINA, Paulo Vasconcelos. *Liberdade de Gueto? Religião e espaço público*. In RDU, Porto Alegre, Volume 13, n. 71, 2016, 9-21, set-out 2016.



ARE 1249095 / SP

crucifixos, transcendem o aspecto puramente religioso e assumem um valor cultural e de identidade coletiva, reconhecível por toda a sociedade, independentemente da fé de cada indivíduo. O crucifixo, assim, possui um duplo significado: representa a **fé** para os crentes e a **cultura** para os que compartilham da comunidade². Proibir a exposição de crucifixos em repartições públicas seria instituir um Estado que não apenas ignora, mas se opõe a suas próprias raízes culturais e à liberdade de crença, transformando o princípio de laicidade em um instrumento de repressão religiosa, em desacordo com os valores constitucionais brasileiros.

Há distintas relações entre religião e Estado. Conforme ensina Jorge Miranda, é possível (i) a completa identificação entre religião e Estado, característica dos Estados confessionais e teocráticos, (ii) a não identificação entre religião e Estado, que é manifestada no modelo de Estado laico e (iii) a oposição entre religião e Estado, típica dos Estados laicistas e de confessionalidade negativa.³

A interpretação do art. 19, I da Constituição Brasileira leva-nos à conclusão de que o Constituinte optou pelo modelo de Estado laico, no qual, como já ressaltado, a religiosidade não constitui um fenômeno indiferente à constituição social. Em que pese não haja identificação entre religião e Estado - característica adstrita aos Estados confessionais e teocráticos -, a religião é concebida como elemento cultural, e, portanto, relevante.

Corroborando este entendimento a constatação de que a própria Constituição assegura a liberdade religiosa como direito fundamental (art. 5º, VI e VII) e estabelece condições ao exercício deste direito ao assegurar a prestação de assistência religiosa (art. 5º, VII); a possibilidade de dispensa do serviço militar obrigatório, com prestação de serviço

2 VUOTO, Salvatore; PIGNATELLI, Nicola. *Liberdade religiosa e símbolos religiosos*. In: *Justiça Constitucional e Tutela jurisdicional dos direitos fundamentais*, p. fl. 397.

3 MIRANDA, Jorge. *Manual de direito constitucional*. Tomo IV, Coimbra: Coimbra, 2000, p. 405-406.



ARE 1249095 / SP

alternativo em virtude de crença religiosa (art. 143, § 1º); a imunidade tributária de templos de qualquer culto, inclusive suas organizações assistenciais e beneficentes (art. 150, VI, b); e o ensino religioso de matrícula facultativa (art. 210, § 1º).

Assim, em sua dimensão objetiva, a liberdade religiosa requer do Estado (neste particular, do Estado-juiz) a adoção de medidas que promovam o exercício do direito subjetivo, o que, no caso presente, importa a admissão de símbolos religiosos em prédios públicos. Isso porque, como destacado pelo Min. Gilmar Mendes no julgamento da STA 389 AgR, *“o dever de neutralidade por parte do estado não se confunde com indiferença estatal, sendo necessário que o Estado, em determinadas situações, adote comportamentos positivos, a fim de evitar barreiras ou sobrecargas que venham a inviabilizar ou dificultar algumas opções em matéria de fé”* (STA 389 AgR, Rel. Min. Gilmar Mendes, Tribunal Pleno, Dje 14/05/2010).

Nesses termos, acompanho o voto do Eminentíssimo Ministro relator.

É como voto.



27/11/2024

PLENÁRIO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. CRISTIANO ZANIN
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AM. CURIAE.	: ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADV.(A/S)	: ACYR DE GERONE
ADV.(A/S)	: RAISSA PAULA MARTINS
AM. CURIAE.	: CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADV.(A/S)	: HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADV.(A/S)	: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

VOTO VOGAL

O SENHOR MINISTRO EDSON FACHIN: Acolho o relatório lançado pelo e. Relator Ministro Cristiano Zanin. O saúdo pelo exame pormenorizado do caso concreto, que traz à tona tema sensível. Para fins de delimitar cirurgicamente a controvérsia ora sob exame, passo a rememorar alguns pontos.

Trata-se de recurso extraordinário com agravo interposto pelo Ministério Público Federal contra acórdão proferido pela 4ª Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região em Apelação Cível de Ação Civil Pública que pede a retirada de todos os símbolos religiosos em locais de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo.

Teve a Repercussão Geral reconhecida pela corte em 29/04/2020, ainda sob a Relatoria do e. Ministro Lewandowski:

“CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ALEGAÇÃO DE AFRONTA À GARANTIA DO ESTADO LAICO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA AJUIZADA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO



ARE 1249095 / SP

FEDERAL. RECURSO EXTRAORDINÁRIO. EXISTÊNCIA DE QUESTÃO CONSTITUCIONAL E DE REPERCUSSÃO GERAL JURÍDICA E SOCIAL RECONHECIDAS.

I - A causa extrapola os interesses das partes envolvidas, haja vista que a questão central dos autos (permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos federais e laicidade do Estado) alcança todos os órgãos e entidades da Administração Pública da União, Estados e Municípios.

II - Relevância da causa do ponto de vista jurídico, uma vez que seu deslinde permitirá definir a exata extensão dos dispositivos constitucionais tidos por violados. Do mesmo modo, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envolvidos no debate.

III – Existência de questão constitucional e de repercussão geral reconhecidas”

Temos então sob exame o tema de Repercussão Geral 1.086, que trata da laicidade estatal, da manifestação cultural religiosa e da liberdade de crença ou consciência. Temática que se assemelha a que temos sob exame foi objeto de julgamento recente em controle concentrado na ADI 4439, sobre ensino confessional em escolas da rede pública:

“ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS. CONTEÚDO CONFESSIONAL E MATRÍCULA FACULTATIVA. RESPEITO AO BINÔMIO LAICIDADE DO ESTADO/LIBERDADE RELIGIOSA. IGUALDADE DE ACESSO E TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. CONFORMIDADE COM ART. 210, §1º, DO TEXTO CONSTITUCIONAL. CONSTITUCIONALIDADE DO ARTIGO 33, CAPUT E §§ 1º E 2º, DA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DO ESTATUTO JURÍDICO DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL PROMULGADO PELO DECRETO 7.107/2010. AÇÃO DIRETA JULGADA IMPROCEDENTE.

1. A relação entre o Estado e as religiões, histórica, jurídica



ARE 1249095 / SP

e culturalmente, é um dos mais importantes temas estruturais do Estado. A interpretação da Carta Magna brasileira, que, mantendo a nossa tradição republicana de ampla liberdade religiosa, consagrou a inviolabilidade de crença e cultos religiosos, deve ser realizada em sua dupla acepção: (a) proteger o indivíduo e as diversas confissões religiosas de quaisquer intervenções ou mandamentos estatais; (b) assegurar a laicidade do Estado, prevendo total liberdade de atuação estatal em relação aos dogmas e princípios religiosos.

2. A interdependência e complementariedade das noções de Estado Laico e Liberdade de Crença e de Culto são premissas básicas para a interpretação do ensino religioso de matrícula facultativa previsto na Constituição Federal, pois a matéria alcança a própria liberdade de expressão de pensamento sob a luz da tolerância e diversidade de opiniões.

3. A liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente as informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também as que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a Democracia somente existe baseada na consagração do pluralismo de ideias e pensamentos políticos, filosóficos, religiosos e da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo.

4. A singularidade da previsão constitucional de ensino religioso, de matrícula facultativa, observado o binômio Laicidade do Estado (CF, art. 19, I)/Consagração da Liberdade religiosa (CF, art. 5º, VI), implica regulamentação integral do cumprimento do preceito constitucional previsto no artigo 210, §1º, autorizando à rede pública o oferecimento, em igualdade de condições (CF, art. 5º, caput), de ensino confessional das diversas crenças.

5. A Constituição Federal garante aos alunos, que expressa e voluntariamente se matriculem, o pleno exercício de seu direito subjetivo ao ensino religioso como disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, ministrada de acordo com os princípios de sua confissão



ARE 1249095 / SP

religiosa e baseada nos dogmas da fé, inconfundível com outros ramos do conhecimento científico, como história, filosofia ou ciência das religiões.

6. O binômio Laicidade do Estado/Consagração da Liberdade religiosa está presente na medida em que o texto constitucional (a) expressamente garante a voluntariedade da matrícula para o ensino religioso, consagrando, inclusive o dever do Estado de absoluto respeito aos agnósticos e ateus; (b) implicitamente impede que o Poder Público crie de modo artificial seu próprio ensino religioso, com um determinado conteúdo estatal para a disciplina; bem como proíbe o favorecimento ou hierarquização de interpretações bíblicas e religiosas de um ou mais grupos em detrimento dos demais.

7. Ação direta julgada improcedente, declarando-se a constitucionalidade dos artigos 33, caput e §§ 1º e 2º, da Lei 9.394/1996, e do art. 11, § 1º, do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e a Santa Sé, relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, e afirmando-se a constitucionalidade do ensino religioso confessional como disciplina facultativa dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.(ADI 4439, Relator(a): ROBERTO BARROSO, Relator(a) p/ Acórdão: ALEXANDRE DE MORAES, Tribunal Pleno, julgado em 27-09-2017)”

Tal como tive a oportunidade de sublinhar no julgamento da ADI 4439, Rel. Min. Roberto Barroso, Red. p/ Acórdão: Min. Alexandre de Mores, julgado em 27.09.2017, a solução, em casos tais, deve ser a que melhor se adeque à fundamentação democrática do estado constitucional, ou seja, não apenas a que dê primazia à pessoa humana, fundada no princípio pro homine, mas a que tenha em conta o valor igual de cada pessoa em dignidade.

Essa é a premissa que permite invocar a dimensão epistêmica do procedimento deliberativo a que alude John Rawls em seu conceito de razão pública: “nosso exercício do poder político é inteiramente adequado apenas quando é exercido de acordo com uma constituição,



ARE 1249095 / SP

cujos elementos essenciais podem ser endossados por todos os cidadãos de forma livre e igual à luz dos princípios e ideias aceitáveis à sua razão comum” (RAWL, John. *Political liberalism*. New York: Columbia, 1993, p. 137, trad. Livre).

Se o apelo à razão comum pode ser utilizado precisamente como fundamento da separação entre Estado e Igreja, e, por consequência, de um “dever de civilidade” que retira a motivação religiosa, por definição privada, do espaço público, como parece advogar o filósofo americano, é preciso advertir que a definição desses limites deve levar em conta o exato conteúdo do direito à liberdade religiosa, como expresso na própria Carta Política.

É inerente, como afirma Jane Reis Pereira, à conjugação do princípio da laicidade com a proteção da liberdade de crença a obrigatoriedade, pelo Estado, da acomodação razoável, já que o princípio da laicidade determinar exatamente o tratamento igualitário e respeitoso que deve ser dispensado pelo Estado às minorias religiosas. (PEREIRA, Jane Reis. ‘A Aplicação De Regras Religiosas De Acordo Com a Lei Do Estado: Um Panorama Do Caso Brasileiro’. *Revista da AGU*, v. 41, p. 9-42, 2014, Disponível em , acesso em 27.10.2020).

Neste influxo, portanto, há de se ter em conta que o direito garantido no art. 5º, VI, da CRFB (“é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”) é integrado pelo disposto no art. 12 do Pacto de São José da Costa Rica, segundo o qual o direito à liberdade de consciência e de religião “implica a liberdade de conservar sua religião ou crenças, ou de mudar de religião ou de crenças, bem como a liberdade de professar e divulgar sua religião ou suas crenças, individual ou coletivamente, tanto em público como em privado”.

Outra não é a linha de compreensão contida no art. 18, do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, que garante que o direito à liberdade de religião “implicará a liberdade de ter ou adotar uma religião ou uma crença de sua escolha e a liberdade de professar sua religião ou



ARE 1249095 / SP

crença, individual ou coletivamente, tanto pública como privadamente, por meio do culto, da celebração de ritos, de práticas e do ensino” (grifei).

Há, portanto, inerente ao direito à liberdade de religião, uma dimensão pública, como assentou a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, no caso a Última Tentação de Cristo: a proteção à liberdade de consciência “é a base do pluralismo necessário para a coexistência harmônica de uma sociedade democrática, a qual, como qualquer sociedade, é formada por pessoas com diferentes convicções e credos”. O pluralismo democrático não prescinde, pois, como proferi no julgamento da ADI 4439 e ora repiso, de convicções religiosas particulares.

A dimensão religiosa não coincide apenas com a espacialidade privada. Adotar essa premissa, contudo, não significa dizer que a ambiência pública possa ser fundada por razões religiosas. Tanto é assim que a Constituição estabelece, ela mesma, no art. 5º, VIII, o limite preciso:

“ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei”.

A melhor interpretação desse dispositivo não pode olvidar do disposto no Pacto de São José da Costa Rica e no Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos. A separação entre Igreja e Estado não pode, portanto, implicar o isolamento daqueles que guardam uma religião à sua esfera privada. O princípio da laicidade não se confunde com laicismo.

O princípio da laicidade, em verdade, veda que o “Estado assuma como válida apenas uma (des)crença religiosa (ou uma determinada concepção de vida em relação ao horizonte da fé)” (CRUZ, Álvaro Ricardo de Souza; DUARTE, Bernardo Augusto Ferreira; TEIXEIRA, Alessandra Sampaio. A laicidade para além de liberais e comunitaristas. Belo Horizonte: Arraes Editores, 2017).

Nesse sentido, os que não observam qualquer preceito religioso também devem esforçar-se por apreender as contribuições feitas ao debate público por aqueles de determinada confissão ou prática, naquilo



ARE 1249095 / SP

que Jürgen Habermas chamou de ética da cidadania democrática (HABERMAS, Jürgen. Religion in the Public Sphere. European Journal of Philosophy, v. 14, i. 1, Abril de 2006, p. 18, tradução livre):

“O trabalho exigido de uma reconstrução filosófica mostra que a ética da cidadania democrática assume que os cidadãos secularizados exibem uma mentalidade que não é menos exigente da correspondente mentalidade de sua contraparte religiosa. É por isso que as cargas cognitivas que ambos os lados devem suportar para desenvolver atitudes epistêmicas apropriadas não são de nenhuma forma assimetricamente distribuídas”.

Nada obstante, o esforço argumentativo aqui realizado visa não apenas afastar práticas inconstitucionais de exclusão que, não raro, são autorizadas sob a justificativa da laicidade, mas também permitir a afirmação de direitos das minorias religiosas:

“(...) talvez uma religiosidade assumida nos conduza a práticas mais inclusivas. (...). Saber que práticas são essas e se as mesmas poderão fazer frente à tradição católica, sopesando santos, caboclos e orixás, permitindo uma convivência baseada no respeito e igual consideração a todos dentro de uma realidade multicultural é resposta que fica legada ao aprendizado social, à história escrita de modo intersubjetivamente responsável, não de um fôlego só, mas de capítulo em capítulo, de parágrafo em parágrafo, de frase em frase”. (PINHEIRO, Douglas Antônio Rocha. Direito, Estado e Religião: a constituinte de 1987/1988 e a (re)construção da identidade religiosa do sujeito constitucional brasileiro. Dissertação de mestrado: Universidade de Brasília, 2008, p. 122).

O princípio da laicidade, repito na advertência de Thiago Magalhães, não se confunde com laicismo. A separação entre Igreja e



ARE 1249095 / SP

Estado não pode, portanto, implicar o isolamento daqueles que guardam uma religião à sua esfera privada:

“Convém sublinhar que a laicidade não rejeita as crenças, nem as suas manifestações. A imparcialidade não exige a expulsão da fé do espaço público e sua limitação ao domínio privado. Ao revés, instituições inclusivas demandam uma esfera pública receptiva a pessoas de todos os credos e orientações, que devem ser livres para ser quem são e querem ser”. (PIRES, Thiago Magalhães. *Entre a cruz e a espada: liberdade religiosa e laicidade do Estado no Brasil*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2018. p. 249).

O Estado deve proteger a diversidade, em sua mais ampla dimensão, dentre as quais incluo a liberdade religiosa e o direito de culto. O limite ao exercício de tal direito está no próprio texto constitucional, nos termos do já referido inciso VI do art. 5º. Ninguém deve, nessa medida, ser privado de seus direitos em razão de crença religiosa, salvo se a invocar para se eximir de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.

Nesse sentido, conforme explicitado pelo e. Relator temos em apreço *“a presença da simbologia teísta nos diversos espaços públicos, a eventual ofensa à liberdade religiosa – na sua perspectiva de liberdade de crença e de culto – e a postura constitucional da neutralidade do Estado diante de manifestações potencialmente confessionais, decorrentes da ação do administrador público eventualmente discriminatória.”*. Ministro Zanin traz em seu voto o exame do texto Constitucional e da Jurisprudência do Supremo quanto à laicidade Estatal e a liberdade religiosa. Sua Excelência também faz referência às conclusões do Conselho Nacional de Justiça quando quanto ao aspecto cultural dos símbolos religiosos nos Pedidos de Providência n. 1.344, 1.345, 1.246 e 1.362, e a influência da simbologia católica ante as características de nossa colonização.

Cumprimento também a oportuna manifestação na declaração de Voto já aportada neste Plenário Virtual pelo Ministro Flávio Dino, que



ARE 1249095 / SP

celebra a diversidade cultural Brasileira:

“Do mesmo modo, desde o alvorecer do Brasil como Nação, estavam presentes as religiões dos povos originários, assim como dos povos africanos - mesmo que oprimidos, perseguidos, silenciados.

A preservação de espaços, templos e monumentos religiosos, protegidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), demonstra a valorização da religião na formação histórica e cultural da identidade brasileira. Da mesma forma, a manutenção de símbolos e celebrações de diversas tradições religiosas, como o Círio de Nazaré e a Festa de Iemanjá, reforça a riqueza de nossa diversidade cultural e espiritual. Esses eventos são amplamente celebrados pelo povo brasileiro e representam não apenas a liberdade de culto, mas também a pluralidade cultural da sociedade.

O descanso semanal remunerado, prática consolidada na legislação trabalhista e na rotina dos brasileiros, é mais uma herança da tradição judaico-cristã que foi incorporada à nossa cultura e que beneficia a organização da vida social, sem impor ou discriminar qualquer religião.

Neste contexto, símbolos religiosos do cristianismo, como os crucifixos, transcendem o aspecto puramente religioso e assumem um valor cultural e de identidade coletiva, reconhecível por toda a sociedade, independentemente da fé de cada indivíduo. O crucifixo, assim, possui um duplo significado: representa a fé para os crentes e a cultura para os que compartilham da comunidade. Proibir a exposição de crucifixos em repartições públicas seria instituir um Estado que não apenas ignora, mas se opõe a suas próprias raízes culturais e à liberdade de crença, transformando o princípio de laicidade em um instrumento de repressão religiosa, em desacordo com os valores constitucionais brasileiros.”

Por me alinhar a percepção que no caso dos autos a presença do



ARE 1249095 / SP

crucifixo em espaços públicos se coloca como uma manifestação cultural, não verifico violação a liberdade de crença e consciência e a laicidade estatal. Ressaltadas as celebrações e o reconhecimento de culturas diversas e formas diferentes do modo de ser e de estar, acompanho o e. Relator no desprovimento do Recurso e fixação de tese.

É como voto.



27/11/2024

PLENÁRIO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. CRISTIANO ZANIN
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AM. CURIAE.	: ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADV.(A/S)	: ACYR DE GERONE
ADV.(A/S)	: RAISSA PAULA MARTINS
AM. CURIAE.	: CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADV.(A/S)	: HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADV.(A/S)	: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

VOTO-VOGAL

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO. TEMA Nº 1.086 DA SISTEMÁTICA DE REPERCUSSÃO GERAL. ESTADO LAICO. SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA E DE CRENÇA. PRINCÍPIOS DA IMPESSOALIDADE E DA NÃO DISCRIMINAÇÃO. VALOR HISTÓRICO E CULTURAL RELEVANTE. COMPATIBILIDADE COM O MODELO DE LAICIDADE COLABORATIVA ADOTADO PELA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA. DESPROVIMENTO. FIXAÇÃO DE TESE.

1. O modelo de Estado laico consagrado na Constituição de 1988 não implica hostilidade às religiões, mas sim



ARE 1249095 / SP

cooperação, respeito e proteção às manifestações culturais e religiosas da sociedade brasileira.

2. Símbolos religiosos cristãos, como cruzes e crucifixos, ademais do valor religioso, refletem a tradição histórico-cultural do povo brasileiro, de modo que sua ostentação em locais públicos não configura violação à laicidade estatal.

3. A aposição de objetos tidos como sagrados em prédios públicos não viola o princípio da impessoalidade, não prejudica a liberdade de crença ou descrença e não implica discriminação a grupos minoritários. Devem ser compreendidos como expressão do patrimônio histórico e cultural do país, reforçada pelo reconhecimento de valores comuns, como justiça, paz e fraternidade ou solidariedade.

4. Recurso extraordinário conhecido e desprovido, com fixação de tese.

O SENHOR MINISTRO ANDRÉ MENDONÇA:

1. Senhor Presidente, eminentes Pares, trata-se, na origem, de ação civil pública proposta pelo Ministério Público Federal que visa, *in concreto*, compelir a União a retirar todos os símbolos religiosos, especialmente crucifixos e imagens cristãs, presentes em locais de atendimento ao público no Estado de São Paulo, ao fundamento de que a presença desses signos seria ofensiva ao caráter laico do Estado brasileiro (art. 19, I, da CF/88).

2. O pedido foi julgado improcedente na primeira instância, decisão



ARE 1249095 / SP

esta mantida pelo Tribunal Regional Federal da 3ª Região, sendo oportuno transcrever a ementa do acórdão ora recorrido:

APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO.

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida. (e-doc. 7, p. 67)

3. Rejeitados os embargos de declaração, o MPF paulista interpôs recurso extraordinário — inadmitido na origem e seguido de agravo —, no qual, em síntese, deduz os seguintes argumentos para a reforma da decisão:

- A permanência de símbolos religiosos nos prédios públicos viola a laicidade do Estado brasileiro, assegurada no art. 19, inc. I, da CF/88, porquanto “não existe vinculação entre o Poder Público e uma determinada igreja ou religião”;
- A liberdade religiosa das autoridades – responsáveis por manter em local público de destaque o símbolo da religião que praticam – não poderia ser invocada, sob pena de ofender o princípio da impessoalidade (art. 37 da CF/88);
- O fato de haver nomes de ruas, cidades e feriados de cunho religioso não seria argumento convincente para consentir com a exposição de adereços religiosos em locais públicos; a distinção estaria na existência de leis que respaldam aquelas situações, diversamente da aposição de símbolos religiosos em locais públicos;



ARE 1249095 / SP

- Ao se optar por símbolos religiosos católicos, o Estado estaria atentando “contra a liberdade de crença dos cidadãos que procuram o serviço público e não são católicos”, o que seria atitude de intolerância em relação às demais religiões (e às pessoas que não professam qualquer religião), causadora de “lesão, ainda que apenas moral”;
- Não se pode admitir o fundamento da preservação do patrimônio histórico e cultural, pois a manutenção de símbolos católicos em locais públicos expressa tratamento desigual injustificado, o que “contraria a própria finalidade dos direitos sociais”; ademais, a despeito da influência católica na história do Brasil, haveria necessidade de contemplar os “traços de miscigenação e de consequente multiculturalidade do processo de formação da nossa sociedade”; e
- A expressão religiosa contida no preâmbulo da Constituição Federal, que faz menção a Deus, teria sido um “deslize” do constituinte originário, “muito menor do que as gritantes imagens de crucifixo pelos tribunais afora discriminando conscientemente populações inteiras; chocando, sem qualquer autorização legal, os olhos e corações de milhões de pessoas”.

4. Distribuído o recurso nesta Suprema Corte à relatoria do e. Min. Ricardo Lewandowski, manifestou-se a Procuradoria-Geral da República pelo seu **não provimento**, em parecer assim ementado:

AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ESTADO LAICO. EXPRESSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA E CULTURAL. IGUALDADE DE TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. PARECER PELO CONHECIMENTO DO AGRAVO PARA NÃO PROVER O RECURSO EXTRAORDINÁRIO. (e-doc. 12)

5. O e. Relator originário do feito manifestou-se pela existência de repercussão geral na questão sob exame — **saber se é compatível com a liberdade religiosa e o caráter laico do Estado brasileiro a presença de**



ARE 1249095 / SP

símbolos religiosos em locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público —, no que foi seguido pelos demais Ministros da Corte. Ao tema foi atribuído o número 1.086 da sistemática de Repercussão Geral.

6. Iniciado o julgamento no Plenário Virtual (15 a 26 de novembro de 2024), o e. Relator, Min. Cristiano Zanin, submete ao Colegiado substancial voto por meio do qual propõe o **desprovimento** do recurso extraordinário do MPF e a fixação da seguinte tese de repercussão geral:

“A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade”.

7. O e. Min. Flávio Dino apresenta voto-vogal no qual destaca, entre outros aspectos, que, na interpretação do art. 19, inc. I, da Constituição Federal, **“a religião é concebida como elemento cultural, e, portanto, relevante”**. Sua Excelência, assim, acompanha o voto do e. Ministro Relator.

8. Adotando, no mais, o esboço Relatório constante do sistema de votação eletrônico desta Suprema Corte, **passo ao voto**.

9. Registro, de início, minhas saudações ao Dr. Caio Manoel Clementino de Alcântara, Advogado da União, e ao Dr. Guilherme Joshua Fantini Blake, representando a *amicus curiae* ANAJURE, por suas excelentes sustentações orais.

10. Senhor Presidente, adianto que **estou aderindo integralmente ao judicioso voto trazido pelo e. Relator, Min. Cristiano Zanin**, desde logo cumprimentando-o pela riqueza histórica e percuciência argumentativa



ARE 1249095 / SP

dos fundamentos ora trazidos ao Plenário desta Corte. A relevância da controvérsia constitucional objeto deste recurso é notória, na medida em que perpassa, de um lado, o direito fundamental à liberdade religiosa — nas suas múltiplas dimensões — e, de outro, os contornos jurídico-constitucionais do modelo de laicidade estatal consagrado na Carta de 1988.

11. O fenômeno religioso é inerente à condição humana e presente em toda a história civilizacional. Como expressão ínsita à natureza humana, está presente em todos os lugares e épocas, *inclusive* nos tempos atuais. O impulso religioso está na gênese das realizações dos seres racionais, inspirando a arte, a literatura, a música, a educação, enfim, a cultura em geral. No âmbito do conhecimento científico, as renomadas universidades de Oxford, Paris, Salamanca, Bolonha, Coimbra, apenas para citar algumas, foram fundadas no baixo medievo sob o signo do cristianismo, a partir da tradição monástica e da renascença carolíngia¹.

12. Em concepção ampla do termo, não é exagerado sustentar que todo ser humano carrega em si, de modo inerente e indissociável, a centelha de uma conexão transcendental, além da vida humana terrena e corpórea, não sendo outra a origem etimológica mais aceita da palavra *religião* (“religare”, voltar a ligar, conectar-se novamente²). Essa assertiva

1 MENDONÇA, André Luiz de Almeida. **A primeira das liberdades**: a liberdade religiosa e sua efetividade na laicidade colaborativa brasileira. In: LIBERDADES / [editores Erika Siebler Branco, Tiago Salles]; Rio de Janeiro: Editora J&C, 2022, p. 212.

2 Sobre a origem do termo: “Os etimologistas discutem bastante a respeito sobre a real origem etimológica da palavra ‘religião’. No entanto, muitos acreditam que tenha surgido a partir da junção do prefixo *re*, que funciona como um intensificador da palavra que o sucede, neste caso *ligare*, que significa ‘unir’ ou ‘atar’. Assim, *religare* teria o sentido de ‘ligar novamente’, ‘voltar a ligar’ ou ‘religar’. Neste caso, o termo era utilizado como um ato de ‘voltar a unir’ o humano com o que era considerado divino. Ainda existe outra teoria que diz ser o verbo latino *relegere* a origem da palavra *religião*. *Relegere* significa ‘reler’ ou



ARE 1249095 / SP

vale igualmente para aqueles que optam por não professar qualquer religião. Aliás, assim como a crença em alguma divindade é um ato de fé, a descrença — seja o ateísmo ou o agnosticismo e eventuais derivações — requer uma postura similar, no sentido de *acreditar* na inexistência de qualquer divindade ou, ainda, *acreditar* na impossibilidade de se obter tal conhecimento.

13. Como já tive oportunidade de assertar em trabalho acadêmico³, essa ampla concepção de religiosidade cuida-se, a rigor, da própria tomada de consciência da condição humana, notadamente a partir da perturbadora ciência da sua própria finitude, abrindo-se um leque de escolhas pessoais quanto à relação com o transcendente, o que inclui a opção de *em nada crer*. Em outras palavras, “qualquer pessoa que, tomando consciência da sua condição humana, se utiliza da razão para elaborar o seu próprio conjunto de crenças, sejam elas positivas, negativas ou indiferentes, já o faz sob o signo de uma religiosidade inata, ainda que eventualmente inconsciente”⁴.

‘revisitar’ e foi associado ao ato da constante releitura e interpretação dos textos bíblicos e sagrados para que os religiosos possam seguir os desejos das divindades que veneram da forma mais fiel possível”. (Dicionário Etimológico: etimologia e origem das palavras <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/religiao/>> acesso em 16.11.2024).

3 MENDONÇA, André Luiz de Almeida. **Comentários ao artigo 12 da Convenção Interamericana de Direitos Humanos**. In: Convenção americana sobre direitos humanos comentada / Alexandre de Moraes...[et al]; organizadores Luís Felipe Salomão, Rodrigo Mudrovitsch. 1. ed., Rio de Janeiro: Forense, 2024.

4 Viktor Frankl, conhecido neuropsiquiatra, sobrevivente do holocausto judeu, afirmou: “A análise existencial descobriu, dentro da espiritualidade inconsciente do homem, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com transcendente que, pelo visto, é imanente ao homem, embora muitas vezes permaneça latente”. (FRANKL, Viktor. **A presença ignorada de Deus**. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1997, p. 48). No mesmo sentido, Blaise Pascal, em sua conhecida obra *Pensamentos*, associa a essência religiosa do ser humano ao próprio ato de pensar: “(…). Pois é impossível que a parte



ARE 1249095 / SP

14. Na atualidade, mesmo sob a perspectiva das ciências sociais, a religiosidade humana tem sido objeto de debates e estudos, superando equivocadas previsões, fruto de algum preconceito e muita soberba intelectual, de que o avanço científico fosse torná-la tema desimportante ou secundário. Nesse sentido:

“A discussão sobre a diversidade religiosa e os múltiplos significados da religião é ampla, e, depois de ter sido relegada por muito tempo como tema de pouco interesse para a ciência, a crise da modernidade no Ocidente trouxe de volta um interesse saudável em rever a religiosidade humana como parte integrante do que define mesmo o ser humano”. (SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 165)

15. É indiscutível, ademais, que a história do nosso país, bem assim a formação da sociedade brasileira, são indissociáveis da herança e da cultura religiosa cristã, mais precisamente do catolicismo, conforme bem anotado pelo e. Relator em seu voto. Isso pode ser constatado, por exemplo, a partir (i) dos nomes dados a estados, municípios, ruas etc.; (ii) das datas sacras reconhecidas no calendário civil (feriados oficiais); e, (iii) de monumentos religiosos impregnados de significado histórico, cultural e até paisagístico, cujo exemplo-símbolo é o Cristo Redentor no Rio de Janeiro.

16. De outra parte, não se pode olvidar, ante as implicações políticas

que raciocina em nós não seja espiritual; e se alguém pretendesse que nós somos puramente corpóreos, isso nos excluiria ainda mais do conhecimento das coisas, pois não há nada mais inadmissível do que afirmar que a matéria conhece a si mesma; (...). O homem é, para si mesmo, o mais prodigioso objeto da natureza; pois não pode conceber o que seja o corpo, e ainda menos o que seja espírito; e menos de tudo, como um corpo pode unir-se a um espírito. Esse é o cúmulo das suas dificuldades e, sem embargo, nisso consiste o seu próprio ser: (...).” (PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. São Paulo: Martin Claret, 2004, p. 68-69).



ARE 1249095 / SP

e jurídicas decorrentes, especialmente quanto à representatividade democrática (art. 1º, parágrafo único, da CF/88), que cerca de 90% da população brasileira vincula-se a alguma religião (ou crença em um ser superior)⁵, com predominância notória do cristianismo. Destacam-se, entre os brasileiros que professam a fé cristã, os católicos, ainda majoritários, e os evangélicos, que constituem, nas últimas décadas, o segmento religioso que mais cresce no país⁶.

17. Cumpre anotar que as igrejas evangélicas (mas não só elas) têm se notabilizado pela presença nos locais mais afastados e desassistidos do país, inclusive nas periferias das grandes cidades, levando não somente a assistência espiritual por meio do Evangelho — cujo significado remete a *boas novas* —, mas também realizando obras sociais, não raras vezes suprimindo a omissão e negligência do poder público junto aos mais necessitados⁷.

18. A par dessas considerações empírico-sociológicas, importa

5 Embora a fração de pessoas que se dizem *não religiosas* tenha crescido no mundo, pesquisas recentes comprovam que a esmagadora maioria do povo brasileiro crê em Deus ou em um poder maior: (<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/05/brasil-e-pais-que-mais-cre-em-deus-no-mundo-diz-estudo-89percent.ghtml>). Acesso em 16.11.2024)

6 Sobre esse fenômeno, confira-se reportagem publicada em 6.6.2023 no Jornal da USP, segundo a qual o Brasil, “*em poucas décadas*”, está passando por uma transição religiosa que “*a Europa demorou cerca de 500 anos para realizar*”. (<https://jornal.usp.br/radio-usp/igrejas-evangelicas-apresentaram-crescimento-vertiginoso-no-brasil-nas-ultimas-decadas/>). Acesso em 16.11.2024)

7 A exemplo de tantos outros religiosos, incluindo católicos, espíritas, praticantes de religiões de matriz africana etc., e pessoas não religiosas, mas comprometidas com a atenção e o socorro ao próximo, cumprem, *todos eles*, a orientação bíblica contida em Tiago 1:7 (“*A religião pura e imaculada para com Deus e Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo*”).



ARE 1249095 / SP

relembrar que a Carta Fundamental de 1988, no seu art. 5º, inc. VI, (i) estabelece a inviolabilidade da liberdade de consciência e de crença; (ii) assegura o livre exercício dos cultos religiosos; e, (iii) garante, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias. Além disso, a mesma Constituição (iv) assegura a prestação de assistência religiosa em entidades civis e militares de internação coletiva (art. 5º, inc. VII); (v) proíbe a privação de direitos por motivo de crença religiosa, salvo pontual exceção (art. 5º, inc. VIII); (vi) impõe dever às Forças Armadas para atribuir serviço alternativo àqueles cuja crença religiosa repudiam o exercício de atividades essencialmente militares (art. 143, § 1º); (vii) veda a instituição de impostos sobre templos de qualquer culto (art. 150, inc. VI, al. “b”); (viii) prevê, no sistema educacional público, o ensino religioso facultativo (art. 210, § 1º); (ix) reconhece, nos termos da lei, o efeito civil do casamento religioso (art. 226, § 2º); e, (x) reconhece às comunidades indígenas suas crenças e tradições (art. 231, *caput*).

19. Ainda com relação à Constituição, é sempre oportuno consignar que a liberdade religiosa, enquanto direito humano fundamental, encontra guarida na **dignidade da pessoa humana**, fundamento da República (art. 1º, inc. III) e vetor de interpretação e aplicação de todo o ordenamento jurídico. Demais disso, a *promulgação* formal da Carta de 1988 ocorreu “sob a proteção de Deus”, conforme consta do seu Preâmbulo. A expressão, longe de indicar *deslize* do constituinte originário, e longe de ferir a laicidade estatal ou suscetibilidades individuais — mesmo porque a expressão deve ser compreendida em sentido amplíssimo (e inclusivo) —, expressa, sem receios, o reconhecimento de que, dentre os “**valores supremos**” da **Nação brasileira**, encontra-se enraizado na alma de seu povo o sentimento reverente de conexão com o sagrado e o divino.

20. Para que se tenha ideia da importância dos ideais e valores cristãos para a construção do Estado Democrático de Direito, importa considerar a relação direta entre os valores da **fraternidade** e



ARE 1249095 / SP

solidariedade nos textos constitucionais de países como o Brasil, Itália, França, dentre outros. Nesse sentido, conforme já consignei em minha tese doutoral (MENDONÇA, 2018, 126):

“De modo más específico, en el contexto del Estado de Derecho, la fraternidad representa el vínculo universal afectivo que debe sostener las relaciones entre los ciudadanos y entre esos y el propio ente estatal. Cox apunta que el concepto de fraternidad es inseparable de su raíz neotestamentaria, más precisamente del *agapé* o amor cristiano, siendo que la primera vez que se plantea la fraternidad en términos políticos es en la Revolución de 1789. Conforme resalta Agra Romero, la fraternidad demanda la práctica de afectos y sentimientos comunitarios que encuentra sus raíces en el cristianismo y que se asemeja al *agapé* de aquel que debe traducirse en el trato amoroso o en el amor práctico. En ese sentido, es más que *philéo*. Fuera el *philéo*, se trataría del amor fraternal solamente con relación a los amigos, a los iguales, a los que mantienen algún vínculo de sangre o personas con lazos comunes, cuando no a los que se debe algún favor. Al contrario, el amor *agapé* está relacionado a la idea de altruismo; de un sentimiento y una praxis desprovista de interés. Por tanto, la idea del amor fraternal a partir de la expresión griega *philéo* implicaría legitimar la ausencia de fraternidad con relación a los diferentes y a las minorías, perdiéndose la universalidad indispensable en la fraternidad cívica del Estado democrático de Derecho”.

21. E mais, sobre o tema, afirmo que (MENDONÇA, 2018, 127):

“El concepto de *agapé* es distinto. En la tradición cristiana, el *agapé* representa el amor puro y sin mácula. Simboliza tanto la esencia de Dios, que es amor, como Su amor por el ser humano y también debe representar el amor de este para con Dios. Conforme aleccionan Coenen, Brown y Chown, es ese amor que parte de Dios el ‘que crea nuevas realidades entre la humanidad, y que es, por sí mismo, la base y la



ARE 1249095 / SP

motivación para el amor entre las personas', lo que incluye el amor con relación a los enemigos, perseguidores y diferentes. Conforme resalta el Apóstol Pablo, el amor es el más elevado de los dones del Espíritu, sin lo cual (i) es imposible que exista vida en sociedad y mantener una comunidad unida y en desarrollo permanente; (ii) deja de haber el vínculo unificador de las prácticas democráticas, especialmente 'frente a los conflictos y las injusticias sociales punzantes de una sociedad mundial muy fragmentada'; y (iii) es imposible la implantación de una sociedad justa. Por eso mismo, su concepto se queda muy cerca de la idea de justicia, o sea, la acción de amar es el camino para la justicia. Por tanto, la fraternidad es más que el respeto incondicional por el prójimo, es la expresión secularizada del amor *agapé* y, así como ese es esencial para la construcción del Reino de Dios, aquella es esencial para la construcción de una sociedad justa".

22. Assim, "conforme apunta Tillich, el 'ágape' es la concreción o la acción correspondiente al imperativo categórico de Kant. Por tanto, aunque el 'ágape' tenga sobre sí una carga de sentimiento, es al mismo tiempo totalmente racional —'con toda tu mente'—; el amor 'ágape' es el amor libre de los deseos e inclinaciones humanas, razón por la cual se trata de un acto puro, libre, concreto y sin ambigüedad en dirección al bien amado. Se puede decir, así, que el amor 'ágape' es la acción suprema"⁸. **Em definitivo, é esta concepção que lança as sementes para a solidariedade concebida constitucionalmente no âmbito do Estado de Direito.**

23. Nessa mesma perspectiva, é imperioso consignar que a liberdade de crença e de religião prevista na Constituição **não se esgota** na sua natureza interna, íntima de cada indivíduo, em conexão com a sua liberdade de pensamento e de consciência. O direito fundamental em

8 MENDONCA, André Luiz de A. **Sistema de principios para la recuperación de activos procedentes de la corrupción**. 2018, p. 87 de 721. Tese de Doutorado. Universidad de Salamanca.



ARE 1249095 / SP

questão alcança, com idêntica força normativa, as **múltiplas formas de exteriorização daquilo que se crê**, projetando-se, por exemplo, em manifestações públicas, *inclusive em espaços públicos*, e na busca de outros fiéis (proselitismo). Foi o que reafirmou esta Suprema Corte, *v.g.*, no julgamento da ADI nº 2.566/DF, de cuja ementa extraio o seguinte excerto:

“(…) 3. A liberdade religiosa não é exercível apenas em privado, **mas também no espaço público**, e inclui o direito de tentar convencer os outros, por meio do ensinamento, a mudar de religião. O discurso proselitista é, pois, inerente à liberdade de expressão religiosa. Precedentes.

4. A liberdade política pressupõe a livre manifestação do pensamento e a formulação de discurso persuasivo e o uso do argumentos críticos. Consenso e debate público informado pressupõem a livre troca de ideias e não apenas a divulgação de informações.

5. O artigo 220 da Constituição Federal expressamente consagra a liberdade de expressão sob qualquer forma, processo ou veículo, hipótese que inclui o serviço de radiodifusão comunitária.

6. Viola a Constituição Federal a proibição de veiculação de discurso proselitista em serviço de radiodifusão comunitária.

7. Ação direta julgada procedente.”⁹

24. Como se vê, a relação entre Estado e religião adotada na Carta de 1988, conquanto fincada na ideia basilar de que *o Estado é laico* — porquanto é a ele vedado estabelecer, subvencionar ou manter relações de dependência ou aliança com quaisquer cultos (art. 19, inc. I, da CF/88) —, não autoriza, ainda que sob o pretexto da neutralidade, utilizar instituições de Estado para uma descabida *militância antirreligiosa*, como se houvesse algum dever, típico dos regimes totalitários, de perseguir e extirpar da esfera pública toda e qualquer manifestação ou expressão

9 BRASIL. Supremo Tribunal Federal (Plenário). **Ação Direta de Inconstitucionalidade 2566/DF**. Relator Min. Alexandre de Moraes, Redator do Acórdão Min. Edson Fachin, j. 16/05/2018, p. 23/10/2018.



ARE 1249095 / SP

religiosa. O modelo de laicidade trazido pelo constituinte de 1988 é bem distinto dessa visão autoritária e antidemocrática, conforme a doutrina especializada de Thiago Rafael Vieira:

“O constituinte brasileiro elucidou que não existe relação de dependência nem aliança entre a ordem política e a ordem religiosa; contudo, permitiu a colaboração de ambas, em uma laicidade com as características da separação, da liberdade, da benevolência, da colaboração e da igual consideração. Dito de outra forma, a Constituição de 1988 não é indiferente com o fenômeno religioso e muito menos hostil, pelo contrário, é atenta, separada da ordem religiosa, mas cooperativa com ela, não confessional; todavia, solidária e tolerante.” (VIEIRA, Thiago Rafael. **Liberdade religiosa: fundamentos teóricos para proteção e exercício da crença**. São Paulo: Almedina, 2023, p.247).

25. Daí porque o caso presente, a exemplo de tantos outros já examinados pelo Supremo Tribunal Federal, consoante os vários precedentes apontados no voto do e. Relator, a meu ver, perpassa a relevante distinção entre duas concepções distintas e inconfundíveis: a de *Estado laico* em oposição ao *Estado laicista*. Sobre o tema, Jorge Miranda esclarece, *in verbis*:

“(...) laicidade e separação não equivalem, contudo, a laicismo ou a irrelevância, menosprezo ou desconhecimento da religião (...).

Uma coisa é o Estado, enquanto tal, não assumir fins religiosos, não professar nenhuma religião, nem submeter qualquer Igreja a um regime administrativo; **outra coisa seria o Estado ignorar vivências religiosas que se encontram na sociedade ou a função social que, para além delas, as confissões exercem nos campos do ensino, da solidariedade social ou da inclusão comunitária.**

É isto que explica:



ARE 1249095 / SP

- Por um lado, a não confessionalidade de actos oficiais e do protocolo do Estado ou a proscrição do juramento religioso;
- E, por outro lado, **a subsistência de feriados religiosos, o reconhecimento de eficácia jurídico-civil do casamento religioso (de todas as religiões), e até o financiamento público de certas actividades das confissões.**” (MIRANDA, Jorge; MEDEIROS, Rui. *Constituição Portuguesa Anotada*. Coimbra: Coimbra Ed. t. IV. 2005, p. 448; destaques acrescentados)

26. Nessa mesma direção, o e. Min. Alexandre de Moraes, no julgamento do emblemático caso do Acordo entre o Governo brasileiro e a Santa Sé (ADI nº 4.439/DF), asseverou o seguinte:

“Sistematicamente, os constituintes de 1988 não se limitaram simplesmente a proclamar a laicidade do Estado e a liberdade religiosa, consagrando um inter-relacionamento e complementariedade entre ambos. Já no Preâmbulo invocaram a ‘*proteção de Deus*’ e, ao longo de todo o texto da Carta Magna, demonstraram sua preocupação com o tema, estabelecendo amplo leque de vedações, direitos e garantias para assegurar a ampla *liberdade de crença e culto*: (...)” (ADI nº 4.439/DF, Redator p/ o acórdão Min. Alexandre de Moraes, DJe 21.6.2018)

27. Em sede doutrinária, ainda na relação entre Estado e religião, é conhecida a lição do e. Min. Gilmar Mendes, que aduz:

“(…) a laicidade do Estado não significa, por certo, inimizade com a fé. Não impede a colaboração com confissões religiosas, em benefício do interesse público (CF, art. 19, I). A sistemática constitucional acolhe, expressamente, medidas de ação conjunta dos Poderes Públicos com denominações religiosas”. (MENDES, Gilmar Ferreira; BRANCO, Paulo Gustavo Gonet Branco. *Curso de Direito Constitucional*. 12 Ed. Rev. e Atual. São Paulo: Saraiva. 2017, p. 319)



ARE 1249095 / SP

28. Conforme bem registrado pelo e. Min. Flávio Dino, no voto-vogal apresentado neste feito, também recorrendo à doutrina de Jorge Miranda, o art. 19, inc. I, da Constituição Federal, conquanto estabeleça, de fato, os contornos que permitem qualificar o Estado brasileiro como *laico*, não autoriza de forma alguma extrair *oposição* entre religião e Estado, “típica dos Estados laicistas e de confessionalidade negativa”. E acertadamente conclui Sua Excelência: “Em que pese não haja identificação entre religião e Estado – características adstrita aos Estados confessionais e teocráticos –, **a religião é concebida como elemento cultural, e, portanto, relevante**”.

29. Especificamente no tocante à aposição de cruzes ou crucifixos — símbolos católicos que expressam o sacrifício vicário de Jesus Cristo — em espaços públicos, especialmente nos prédios do Poder Judiciário, não há como desconsiderar, para além da deferência ao sentimento religioso da maioria da população, a formação histórica do povo e da Nação, a torná-lo genuíno elemento tangível da cultura nacional. Também por isso, e ao exato revés da tese defendida pelo MPF, sua presença guarda plena compatibilidade com a Carta Fundamental da República, posicionamento, aliás, há muito assumido pelo Conselho Nacional de Justiça¹⁰.

30. Não prospera, de igual modo, a alegação de ofensa ao princípio da impessoalidade (art. 37, *caput*, da CF/88). A aposição desses símbolos em locais de destaque, ainda que eventualmente possa haver coincidência com a crença pessoal da autoridade pública responsável pelo espaço, evidentemente não decorre de preferências pessoais, mas, como dito, da simbologia reverente que se convencionou dar à formação histórico-cultural do país.

31. Por outro lado, a presença de crucifixos em repartições públicas

10 Conforme notícia publicada no site do CNJ. Disponível em <<https://www.cnj.jus.br/cnj-encerra-julgamento-sobre-solos-religiosos-no-poder-judicio/>>. Acesso em 16.11.2024.



ARE 1249095 / SP

não atenta, nem mesmo potencialmente, contra a liberdade de crença dos cidadãos não professantes do catolicismo, tais como os evangélicos ou os ateus, os quais **jamaís serão cerceados** no seu direito fundamental de crer (ou não) em dogmas diversos. Ademais do seu valor histórico-cultural — e que assim devem ser compreendidos pelos que não creem na divindade representada —, a simbologia ali expressa não é divisiva. Ao contrário, a cruz de Cristo, justamente por retratar o ápice do sacrifício divino em favor de *toda* a humanidade, é o elemento mais acolhedor (e, pois, *inclusivo*) da estética religiosa universal. E a presença desses símbolos tampouco induz a interpretação de que os atos praticados naquele recinto, *regidos objetivamente por normas de natureza distinta*, sejam parciais ou revestidos de viés religioso.

32. Bem em frente a este Supremo Tribunal Federal encontra-se uma belíssima estátua forjada em bloco monolítico alusiva à justiça, que na verdade é uma deusa romana (*Iustitia*) — e, portanto, pagã. Nem por isso uma pessoa cristã, cuja doutrina não permite cultuar outros deuses, deva considerar a escultura como um sinal de ofensa à sua crença ou de adesão da Suprema Corte ao paganismo. Trata-se, para todos quanto não creem nessa divindade, de um evidente símbolo da justiça humana, além de uma admirável obra de arte.

33. Nessa mesma toada, cito elucidativo trecho extraído de artigo do professor Paulo Gustavo Gonet Branco, atual Procurador-Geral da República, em coautoria com Paulo Vasconcelos Jacobina, o qual ilustra com precisão a *quaestio* posta sob exame nestes autos:

“Sendo a representatividade de confissões religiosas no Brasil muito mais concentrada do que nos Estados Unidos, por exemplo, e estando a religião católica entre nós, como também em Portugal, profundamente enraizada na identidade cultural brasileira, **não cabe importar açodadamente de latitudes setentrionais certas suscetibilidades à exposição de emblemas religiosos cristãos**, ou mesmo estritamente católicos, em



ARE 1249095 / SP

público ou em lugares oficiais. As instituições no Brasil não se formaram com olhos vendados para a influência religiosa; seria, por isso, render-se a um laicismo injustificado, histórica e socialmente, o veto a crucifixos e a outros sinais de cunho religioso em lugares públicos ou oficiais – máxime quando esses símbolos apontam para valores de justiça, de misericórdia e de paz, que coincidem com os intuitos do projeto do constituinte de 1988. Não há como ver aí endosso a uma religião, como se as confissões religiosas no Brasil estivessem em permanente e aguerrida concorrência – tipicamente capitalista – entre si; antes, há que se reconhecer a confluência de objetivos que a Constituição impõe aos Poderes Públicos com os valores de uma fé religiosa de significativa representatividade social e inspiradora do nosso patrimônio cultural comum. Está-se vendo que a liberdade religiosa possui aspecto institucional e expressa um valor que incumbe aos Poderes Públicos proteger, viabilizar e facilitar a sua vivência.” (BRANCO, Paulo Gustavo Gonet Branco; JACOBINA, Paulo Vasconcelos. Liberdade de gueto? Religião e Espaço Público. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/articloe/view/2753/pdf>. Acesso em 16.11.2024)

34. Em resumo, a exemplo dos eminentes Ministros que me antecederam, não vislumbro no acórdão recorrido qualquer incompatibilidade com a Constituição Federal. A aposição de símbolos religiosos cristãos em repartições públicas, os quais, para além do sentimento religioso majoritário do povo brasileiro, refletem a formação histórico-cultural da nossa sociedade, não viola a liberdade religiosa e tampouco atenta contra a laicidade do Estado brasileiro.

35. Por fim, com relação à proposta de tese trazida pelo e. Relator, estou inteiramente de acordo com o enunciado proposto:

“A presença de símbolos religiosos em prédios públicos,



ARE 1249095 / SP

pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade”.

É como voto.

Ministro ANDRÉ MENDONÇA



27/11/2024

PLENÁRIO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. CRISTIANO ZANIN
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AM. CURIAE.	: ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADV.(A/S)	: ACYR DE GERONE
ADV.(A/S)	: RAISSA PAULA MARTINS
AM. CURIAE.	: CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADV.(A/S)	: HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADV.(A/S)	: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

VOTO - V O G A L

O SENHOR MINISTRO GILMAR MENDES: **Acolho o relatório lançado pelo eminente Relator, Ministro Cristiano Zanin.**

O Relator, por entender não caracterizadas quaisquer ofensas ao texto constitucional, **em especial aos princípios da não discriminação, da laicidade e da impessoalidade**, encaminha voto no sentido da **negativa de provimento** ao recurso extraordinário interposto pelo Ministério Público Federal.

Entende o Relator, em essência, que:

“(…) a presença de símbolos religiosos nos espaços públicos, ao contrário do que sustenta o recorrente, não deslegitima a ação do administrador ou a convicção imparcial do julgador — mesmo porque a fundamentação jurídica não se assenta em elementos divinos, ou seja, não impõe ‘[...] concepções filosóficas aos cidadãos’; não constrange o crente a renunciar à sua fé; não retira a sua faculdade de autodeterminação e percepção mítico-simbólica; nem fere a sua liberdade de ter, não ter ou deixar de ter uma religião.”



ARE 1249095 / SP

Propõe, ao final, a fixação da seguinte tese de repercussão geral:

“A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade”.

Em razão da importância do tema, tecerei breves considerações acerca **do Direito fundamental à liberdade religiosa, do Direito fundamental à liberdade de consciência, da Liberdade religiosa na jurisprudência nacional e estrangeira e sobre o Estado brasileiro e sua herança cultural cristã.**

Antecipo, desde já, que **acompanho integralmente** o voto proferido pelo eminente Relator, Min. Cristiano Zanin.

De início, convém destacar que a liberdade de crença e de culto, usualmente caracterizada apenas pela forma genérica “liberdade religiosa”, é um dos mais antigos anseios do ser humano, considerado seu caráter sensível e associado a perseguições, explorações políticas, atrocidades cometidas em nome da religião.

Trata-se, pela importância, de uma das primeiras liberdades garantidas pelas declarações de direitos a alcançar a condição de direito humano e fundamental, consagrada não apenas na esfera do direito internacional, mas também nos catálogos constitucionais de direitos. (SARLET, Ingo Wolfgang. **Curso de Direito Constitucional**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2012, p. 337).

Especialmente o advento da imprensa e a Reforma Protestante foram marcantes para facilitar o acesso aos escritos religiosos e criticar o cristianismo imperial, caracterizado por ser centralizado, autoritário e hierarquizado (MACHADO, Jónatas E.M. “A jurisprudência constitucional portuguesa diante das ameaças à liberdade religiosa”. In: **Boletim da Faculdade de Direito**. Coimbra: Universidade de Coimbra,



ARE 1249095 / SP

vol. LXXXII, 2006, p. 65).

No processo de afirmação da liberdade religiosa como direito fundamental, mencione-se que foi o *Bill of rights* da Virgínia, de 1776, que o elevou por primeira vez a essa posição. Nos termos do art. 16, consignou-se que: *“A religião ou o culto devido ao Criador, e a forma de dele se desobrigar, podem ser dirigidos unicamente pela razão e pela convicção, e jamais pela força e pela violência, de onde se segue que todo homem deve gozar de inteira liberdade na forma do culto ditado por sua consciência; e é o dever recíproco de todos os cidadãos praticar, uns com os outros, a tolerância, o amor e a caridade cristã”*.

No direito internacional, no período pós Segunda Guerra Mundial, e seguindo tradição iniciada com o Tratado de Paz de Vestfália, de 1648, a liberdade religiosa acabou prevista em diversos instrumentos firmados entre os países. Trata-se de consagração que representa importante conquista no âmbito dos direitos humanos (MACHADO, Jónatas E.M. “A jurisprudência constitucional portuguesa diante das ameaças à liberdade religiosa”. In: **Boletim da Faculdade de Direito**. Coimbra: Universidade de Coimbra, vol. LXXXII, 2006, p. 67).

Nesse aspecto, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, preceitua, em seu art. 18, que *“toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião”*, sendo que *“este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos”*.

Em sentido semelhante e de forma mais ampla, transcrevo o art. 12 da Convenção Americana de Direitos Humanos, de 1969, que já explicita, inclusive, o direito de pais e tutores a que seus filhos ou pupilos recebam educação religiosa, de acordo com suas próprias convicções. Dispõe, assim, que:

“1. Toda pessoa tem direito à liberdade de consciência e de religião. Esse direito implica a liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças, bem como a liberdade de professar e divulgar sua religião ou



ARE 1249095 / SP

suas crenças, individual ou coletivamente, tanto em público como em privado.

2. Ninguém pode ser objeto de medidas restritivas que possam limitar sua liberdade de conservar sua religião ou suas crenças, ou de mudar de religião ou de crenças.

3. A liberdade de manifestar a própria religião e as próprias crenças está sujeita unicamente às limitações prescritas pela lei e que sejam necessárias para proteger a segurança, a ordem, a saúde ou a moral públicas ou os direitos ou liberdades das demais pessoas.

4. Os pais, e quando for o caso os tutores, têm direito a que seus filhos ou pupilos recebam a educação religiosa e moral que esteja acorde com suas próprias convicções". (art. 12)

A Carta Africana de Direitos Humanos e dos Povos, de 1981, é, por sua vez, mais sucinta, e prescreve apenas que *"a liberdade de consciência, a profissão e a prática livre da religião são garantidas. Sob reserva da ordem pública, ninguém pode ser objeto de medidas de constrangimento que visem restringir a manifestação dessas liberdades"* (art. 8º).

Em âmbito nacional, menciono, de forma exemplificativa, o art. 4º da Lei Fundamental de Bonn, de especial significância por marcar o período pós Segunda Guerra Mundial. Pelo texto garante-se a liberdade de crença e de consciência, bem como a liberdade de confissão religiosa e ideológica, assegurado, igualmente, o livre exercício da religião.

Trata-se, portanto, de direito de liberdade essencial à ordem democrática, que, ao garantir a liberdade espiritual como pressuposto fundamental do livre desenvolvimento da personalidade, dá a base para a livre formação de valores.

Observa-se, de igual modo, que a liberdade religiosa, por sua natureza de direito fundamental, abrange, a um só tempo, direitos subjetivos e elementos fundamentais da ordem constitucional objetiva.

Enquanto direitos subjetivos, os direitos fundamentais outorgam aos titulares a possibilidade de impor os seus interesses em face do Estado ou de particulares. Incluem-se aqui, por exemplo, a liberdade de confessar ou não uma fé e o direito contra qualquer forma de agressão a sua crença.



ARE 1249095 / SP

O âmbito de proteção da liberdade religiosa abrange, portanto, a liberdade de formar, de possuir e de manifestar uma crença ou uma ideologia. Também estão protegidas as respectivas negações, isto é, a liberdade de não acreditar nem professar nenhuma ideologia.

Na sua dimensão como elemento fundamental da ordem constitucional objetiva, os direitos fundamentais formam a base do ordenamento jurídico de um Estado de Direito Democrático. No tocante à liberdade religiosa, a manutenção deste quadro de democracia é garantida pela neutralidade religiosa e ideológica do Estado (SARLET, Ingo Wolfgang. **Curso de Direito Constitucional**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2012, p. 464).

Fala-se, igualmente, de liberdade coletiva de religião, relacionada a uma associação religiosa, como tal. Trata-se de uma forma de proteger todas as atividades que também estão abrangidas pela liberdade individual de religião e de ideologia (PIEROTH, Bodo; SCHLINK, Bernhard. **Direitos fundamentais**. São Paulo: Saraiva, 2011, p. 247).

Entre nós, a liberdade religiosa é garantida por diversos dispositivos da Constituição Federal de 1988, que preceitua ser *“inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”* (art. 5º, VI).

Nesse ponto, ressalte-se que o alcance dos destinatários da liberdade religiosa, como anotam Pieroth-Schlink, não é medido pela força numérica, nem pela importância social de determinada associação religiosa. A liberdade de credo deve ser assegurada de modo igual a todos, desde os membros de pequenas comunidades religiosas aos das grandes igrejas e de seitas exóticas ao círculo cultural (PIEROTH, Bodo; SCHLINK, Bernhard. **Direitos fundamentais**. São Paulo: Saraiva, 2011, p. 244).

A Constituição Federal de 1988 determina ainda que não cabe ao Estado - União, Estados federais, Distrito Federal ou Municípios - *“estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de*



ARE 1249095 / SP

dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público” (art. 19, I, CF). Inclusive, para evitar-se qualquer espécie de embaraço à atuação das comunidades religiosas, o Constituinte houve por bem garantir imunidade de impostos aos templos de qualquer culto (art. 150, VI, b, CF).

Vê-se, pois, que não se revelaria aplicável à realidade brasileira as conclusões a que chegou o Justice Black da Suprema Corte norte-americana, no famoso caso *Everson v. Board of Education*, segundo as quais a cláusula do estabelecimento de religião (*“establishment of religion clause”*) prevista na Primeira Emenda à Constituição norte-americana não determinaria apenas que “nenhum Estado, nem o Governo Federal, podem fundar uma Igreja”, mas também que “nenhum dos dois podem aprovar leis que favoreçam uma religião, que auxiliem todas as religiões”. Segundo Thomas Jefferson, a referida cláusula deveria ser compreendida como a construção de um “muro” entre Igreja e Estado (*“erect a wall of separation between Church and State”*).

O texto constitucional brasileiro prevê, ademais, que o casamento religioso tem efeito civil, nos termos que a lei definir (art. 210, § 1º, CF). Assegura-se, igualmente, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva (art. 5º, VIII, CF), isto é, um direito prestacional, não cabendo ao Estado impor tal assistência, mas sim colocá-la à disposição dos que a desejam. Também, que recursos financeiros possam ser destinados a escolas confessionais, definidas em lei, nos termos do art. 213.

Anoto, ainda, que **a liberdade religiosa tem estreita relação com a liberdade de consciência**. Apesar do caráter complementar que possuem, uma não se confunde com a outra.

A liberdade de consciência está prevista na Constituição Federal de 1988 em seu art. 5º, VI, que dispõe ser *“inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”*.

Nesse sentido, anotam Pieroth e Schlink:

“A consciência é uma atitude moral que ajuda a constituir a



ARE 1249095 / SP

identidade pessoal de uma pessoa e lhe prescreve, de maneira subjetivamente vinculativa, que, numa situação concreta, pratique como “boas” ou “justas” certas ações ou as omita como “más” ou “injustas”. De acordo com este entendimento, não se verifica uma decisão de consciência numa avaliação segundo as categorias “bonito/feio” ou “verdadeiro/falso”. O Tribunal Constitucional Federal definiu corretamente: “como decisão de consciência, deve, por conseguinte, ser considerada toda a decisão séria e moral, isto é, orientada pelas categorias do ‘bem’ e do ‘mal’, que o particular sente intimamente, numa determinada situação, como sendo para si vinculativa e absolutamente compromissiva, de tal maneira que não poderia agir contra ela sem um sério peso de consciência”. (PIEROTH, Bodo; SCHLINK, Bernhard. **Direitos fundamentais**. São Paulo: Saraiva, 2011, p. 250)

A objeção de consciência pode estar ligada a assuntos como opor-se à guerra, com a consequente não prestação de serviço militar (art. 143 da Constituição Federal). Nesse sentido, a previsão do art. 5º, VIII, da Constituição Federal, que dispõe que *“ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei”*.

Vê-se, pois, que se trata de direito fundamental, que não se restringe ao aspecto religioso, mas tem igual relação com visão de mundo e com questões morais do indivíduo.

Pela complexidade e delicadeza do tema, diversos importantes casos sobre liberdade religiosa já foram submetidos a Cortes constitucionais, formando jurisprudência que acaba tendo muito a dizer sobre a sociedade em que proferida.

Ainda que permeada por questões específicas de cada ordenamento jurídico e social, a análise do direito comparado serve de parâmetro a nortear valores que acabam usualmente associados à liberdade de crença.

Começo, desde pronto, mencionando decisão da Corte Europeia de Direitos Humanos (CEDH), cuja medida liminar foi apontada na petição



ARE 1249095 / SP

inicial como exemplo de jurisprudência contrária ao buscado pela Procuradoria-Geral da República: o caso *Lautsi and Others v. Italy*, de 18 de março de 2011.

Parte do direito de liberdade religiosa consiste justamente no direito de manifestação livre do pensamento. Nesse sentido, a Câmara Superior (*Grand Chamber*) da Corte Europeia de Direitos Humanos reformou, por 15 votos a 2, decisão de uma de suas câmaras, que entendera que a presença de crucifixos em escolas públicas na Itália ofenderia o direito à educação e à liberdade de pensamento, consciência e religião (arts. 2º e 9º da Convenção Europeia de Direitos Humanos).

A Corte consignou que a mera presença de crucifixos nas salas de aula de escolas públicas não denota processo de doutrinação das crianças, nem limita o direito de educação dos pais, que permanecem com o direito de educar e ensinar seus filhos de acordo com suas convicções religiosas e filosóficas.

A manutenção e a referência de tradições estão, em princípio, dentro da margem de delibação dos países membros, desde que não desrespeitados os direitos e liberdades previstos na Convenção.

Além disso, o fato de não haver consenso europeu sobre a questão da presença de símbolos religiosos nas escolas estaduais foi considerado na decisão, assim como – e principalmente – o peso local atribuído à religião.

Era verdade que, ao prescrever a presença de crucifixos nas salas de aula de escolas públicas – um sinal que indubitavelmente se refere ao cristianismo –, os regulamentos questionados conferem à religião majoritária do país visibilidade preponderante no ambiente escolar. **No entanto, isso não foi suficiente para denotar um processo de doutrinação por parte do Estado.** Entendeu-se que um crucifixo em uma parede é símbolo essencialmente passivo que não poderia ser considerado apto a influenciar consideravelmente os alunos.

A Corte ressaltou a importância dos pais no aconselhamento de seus filhos e o seu papel como educadores naturais, a guiá-los em um caminho de acordo com suas próprias convicções filosóficas, mantendo, portanto,



ARE 1249095 / SP

o uso dos crucifixos em salas de aula.

Sobre o mesmo tema, destaco tradicional decisão do *Bundesverfassungsgericht* sobre a presença de crucifixos nas salas de aula da Baviera, estado alemão predominantemente católico, o *Kruzifix-Beschluss*, BverfGE 93, 1, de 16.3.1995. Ainda que, nele, a decisão tenha sido contrária, há pontos em comum sobre a importância da liberdade religiosa.

No caso, foi contestado Regulamento Escolar para Escola Fundamental da Baviera, que determinava que “*em toda sala de aula deve ser colocado um crucifixo*”. Os pais de duas crianças ajuizaram ação pedindo sua retirada.

Em defesa administrativa, a Baviera indicou, entre outros argumentos, que

“A cruz serviria tão somente a apoiar os pais junto à educação religiosa de seus filhos, o que não seria problemático do ponto de vista constitucional. Os limites do quadro constitucionalmente permitido de elementos ideológico-religiosos na educação escolar não teriam sido ultrapassados. O princípio da não identificação religiosa no ambiente estudantil requer observância diferente do que ocorreria “no âmbito puramente secular”, porque na área da educação as ideias ideológico-religiosas teriam mais significado do que nunca. O conflito entre a liberdade religiosa negativa (dos alunos reclamantes) e positiva (dos demais alunos) precisaria ser solucionado em observância do mandamento de tolerância e segundo o princípio da concordância. Por isso, os reclamantes não poderiam exigir que sua liberdade negativa de confissão religiosa tivesse uma prevalência absoluta em relação à liberdade positiva de confissão religiosa daqueles estudantes que foram educados em um determinado contexto confessional e que querem praticá-lo na escola. Ao contrário, poderia ser esperado dos reclamantes tolerância e respeito em relação às convicções religiosas dos outros, quando, na escola, se confrontarem com seu exercício religioso”. (SCHWABE, Jürgen. **Cinquenta anos de jurisprudência do Tribunal Constitucional**



ARE 1249095 / SP

Federal alemão. Montevideu: Kontad-Adenauer-Stiftung E.V., 2005, p. 353).

O Tribunal Constitucional Federal alemão acabou por entender que a obrigatoriedade da presença de crucifixos em sala de aula feriria a Lei Fundamental. Manifestou, aí, ser *“assunto dos pais a transmissão aos seus filhos daquelas convicções relativas a questões religiosas ou ideológicas que consideram como sendo corretas e a isso corresponde o direito de manter a criança afastada de convicções religiosas que lhes parecerem equivocadas ou lesivas”* (cf. BVerfGE 41, 29 [44, 47 s.]). Ressaltou, assim, a importância de que os pais decidam acerca do contato ou não de seus filhos com determinado credo, bem como a ideia de que não deve haver coerção estatal para observância de uma religião específica.

Também da Alemanha, aponto, decisão que entendeu que a realização de preces voluntárias e ecumênicas em escolas não viola a liberdade religiosa. A decisão do Primeiro Senado, de 16 de outubro de 1979 (*Schulgebet 1BvR 647/70 e 7/74*), consignou que a Lei Fundamental:

“[...] atribui ao Estado uma responsabilidade [ou tarefa] educacional constitucional em face da educação escolar (BVerfGE 34, 165 [181 s.]). Ao âmbito de conformação regulamentar estatal, transmitida aos Estados-membros no caso do sistema escolar, pertence não apenas a estruturação organizacional da escola [tipos de cursos, divisão dos anos e disciplinas], mas também a definição do conteúdo dos cursos de formação e dos objetivos do ensino. O Estado pode, assim, perseguir seus próprios objetivos educacionais na escola, em princípio independentemente dos pais (BVerfGE 34,165 [182]; 47,46 [71 s.])”. (p. 516)

[...] O objetivo educacional de uma tal escola não pode - fora da aula de religião, a cuja frequência ninguém pode ser obrigado – ser fixado segundo os preceitos confessionais cristãos. A afirmação do cristianismo em disciplinas não religiosas baseia-se, em primeiro lugar, no reconhecimento do marcante fator cultural e educacional [que é o cristianismo], tal



ARE 1249095 / SP

como ele foi constituído na história ocidental, [mas] não na verdade religiosa, sendo, por isso, legítima também em relação aos não-cristãos em face da reminiscência de fatos históricos.

[...] 3. Em não sendo proibidas as referências religiosas nas escolas públicas de ensino obrigatório, em observância aos princípios desenvolvidos pelo Tribunal Constitucional Federal, a realização de uma prece escolar não poderá ser em princípio impugnada constitucionalmente quando também sua realização se der no contexto da conformação escolar deixada a critério dos Estados-membros pelo Art. 7 I GG e se outros preceitos constitucionais, especialmente o direito fundamental dos envolvidos previsto no Art. 4 GG, não restarem violados” (...) (SCHWABE, Jürgen. **Cinquenta anos de jurisprudência do Tribunal Constitucional Federal alemão**. Montevideu: Kontad-Adenauer-Stiftung E.V., 2005, pgs. 517)

A Corte reafirmou o entendimento de que a liberdade religiosa não abrange apenas a liberdade para crer, mas também para professar a fé em público. Nesse contexto, cabe ao Estado promover o equilíbrio entre liberdade confessional positiva e negativa, equilíbrio que teria sido alcançado pela garantia de escolha de participação dos alunos e professores.

Sobre o alcance da liberdade religiosa, anoto ainda a decisão *Aktion Rumpelkammer*, do *Bundesverfassungsgericht* (1 BvR 241/66, de 16 de outubro de 1968). O chamado Movimento Católico da Juventude rural promovera campanha para receber doações de roupas usadas, trapos e papel velho e revendê-los a atacadistas. O dinheiro da venda era destinado à juventude rural em países subdesenvolvidos, e a campanha era divulgada por anúncios realizados no púlpito das igrejas, bem como em notas de imprensa.

O movimento cresceu e acabou por tornar-se concorrente dos vendedores desses materiais doados, que acabaram por ajuizar ação objetivando impedir a divulgação da campanha nas igrejas.

Nesse contexto, o Movimento Católico impetrou reclamação constitucional ao argumento de que essa exigência violaria sua liberdade



ARE 1249095 / SP

religiosa. A Corte julgou procedente a ação e fixou que:

“Uma vez que o ‘exercício da religião’ tem significado central para toda crença e toda confissão, esse conceito precisa ser, em face de seu conteúdo histórico, interpretado extensivamente. (...)

De acordo com sua interpretação extensiva, fazem parte do exercício da religião não somente os procedimentos litúrgicos e a prática e a observância dos usos religiosos, como culto religioso, coleta de contribuições, orações, recebimento dos sacramentos, procissão, hastear as bandeiras das igrejas e tocar sinos, mas também a educação religiosa, festas laicas e atéias, bem como outras manifestações da vida religiosa e filosófica

b) O direito fundamental previsto no Art. 4 I e II GG cabe não somente a igrejas e comunidades religiosas e filosóficas, mas também a associações que tenham por objetivo, não toda a vida religiosa, mas apenas o cuidado parcial da vida religiosa ou ideológica de seus membros. (...)

c) As coletas organizadas pela reclamante por motivos religiosos caritativos e o anúncio no púlpito por ela realizado fazem parte do exercício de religião garantido pelo Art. 4 II GG.

[...] Junto à interpretação do conceito de ‘contrariedade aos bons costumes’ (‘Sittenwidrigkeit’) [da dogmática brasileira representado pelo adjetivo ‘desleal’] do ato de concorrência, o Tribunal Estadual precisaria ter, portanto, avaliado o tipo especial de concorrência entre um empresário e um ‘concorrente’ que age no contexto do exercício religioso a partir do bem jurídico de maior valor, qual seja: o de livre exercício da religião, não podendo julgar os fatos verificados como concorrência desleal”. (SCHWABE, Jürgen. **Cinquenta anos de jurisprudência do Tribunal Constitucional Federal alemão**. Montevideu: Kontad-Adenauer-Stiftung E.V., 2005, pgs. 357-359)

Como Presidente do Supremo Tribunal Federal, decidi suspensão de



ARE 1249095 / SP

tutela antecipada que envolvia matéria de direito religioso.

Tratava-se de grupo de estudantes judeus que se opunham à realização da prova do Enem em data alternativa a fim de não conflitar com o chamado *Shabat*.

Aponte, em minha decisão, que a liberdade religiosa é um direito fundamental e como tal impõe ao Estado um dever de neutralidade em relação às religiões existentes. Todavia, no caso em comento, não vislumbrei o favorecimento de alguma religião específica.

Neutralidade não é o mesmo que indiferença e, ainda que o Estado seja laico, a religião foi e continua sendo importante para a própria formação da sociedade brasileira, de sua cultura. Assim, entendi que:

[...] A designação de dia alternativo para a realização das provas do ENEM por um determinado grupo de alunos que respeitam a milenar tradição do *Shabat* poderia ser, *a priori*, considerado uma medida de ‘acomodação’, apta a afastar sobrecargas indesejáveis sobre aquele grupo religioso, que, em nosso país, revela-se minoritário.

Ocorre que, apesar das diversas dificuldades administrativas e práticas que decorreriam da medida, aptas, inclusive, a inviabilizar ENEM (não em virtude de dificuldades financeiras ou meramente operacionais, mas em razão dos problemas advindos da aplicação de provas distintas a indivíduos que participam de uma mesma seleção), a designação de data alternativa parece, em mero juízo de delibação, não estar em sintonia com o princípio da isonomia, convolvendo-se em privilégio para um determinado grupo religioso.

Até mesmo porque, conforme registrado na decisão agravada, o Ministério da Educação oferta aos candidatos que, em virtude de opções religiosas não podem fazer as provas durante o dia de sábado, a possibilidade de fazer a prova após o pôr-do-sol (deve-se lembrar que o *Shabat* judaico inicia-se no pôr-do-sol da sexta-feira e termina no pôr-do-sol do sábado). Tal medida já vem sendo aplicada, há algum tempo, no tocante



ARE 1249095 / SP

aos adventistas do sétimo dia, grupo religioso que também possui como ‘dia de guarda’ o sábado.

[...] vejo que a medida adotada revela-se, em face dos problemas advindos da designação de dia alternativo, mais consentânea com o dever do Estado de neutralidade diante do fenômeno religiosa (que não se confunde com indiferença, consoante salientado anteriormente) e com a necessidade de se tratar todas as denominações religiosas de forma isonômica”. (STA 389 AgR, Rel. Min. Gilmar Mendes (Presidente), Tribunal Pleno, DJe 13.5.2010)

Já, na ADPF 54, em que se reconheceu a inconstitucionalidade da interpretação de tipificar penalmente a interrupção da gravidez de feto anencéfalo, reafirmou-se, já na ementa, que o *“Brasil é uma república laica, surgindo absolutamente neutro quanto às religiões”* (Rel. Min. Marco Aurélio, julgamento em 12.4.2012).

No caso, Min. Celso de Mello pontuou em seu voto:

“A **laicidade** do Estado, **enquanto** princípio fundamental da ordem constitucional brasileira, **que impõe** a separação entre Igreja e Estado, **não só reconhece**, a todos, **a liberdade de religião** (**consistente no direito de professar** ou de não professar qualquer confissão religiosa), **como assegura** absoluta igualdade dos cidadãos **em matéria** de crença, **garantindo, ainda**, às pessoas, **plena liberdade** de consciência e de culto.

O conteúdo material da liberdade religiosa **compreende**, na abrangência de seu significado, **a liberdade** de crença (**que traduz** uma das projeções da liberdade de consciência), **a liberdade de culto e a liberdade** de organização religiosa, **que representam** valores **intrinsecamente** vinculados e necessários à **própria** configuração da ideia de democracia, **cujas noções se alimenta, continuamente, dentre** outros fatores relevantes, **do respeito ao pluralismo”**. (Voto Min. Celso de Mello. ADPF 54, Rel. Min. Marco Aurélio, julgamento em 12.4.2012)

Vê-se, pois, que, apesar de proferidos em diferentes contextos, os



ARE 1249095 / SP

pronunciamentos têm em comum a importância atribuída à liberdade religiosa e o cuidado que se deve ter quando verificada colisão com outros direitos.

Por fim, conforme bem delineado pelo eminente Relator, **a história do Estado brasileiro está fortemente marcada pela influência cristã**, assim como praticamente toda civilização ocidental e os países democráticos.

Os hebreus, aponta Karl Loewenstein, teriam sido os primeiros a praticar o constitucionalismo, ao restringir o poder por meio da lei moral. Seu regime teocrático era caracterizado por não estar fundado em um poder absoluto e arbitrário, mas limitado pela lei do Senhor, ao qual governador e governados estavam submetidos.

Assim, “por mais de dois mil anos a Bíblia tem sido, além de ter papel de imperativa lei moral, a norma *standard* para valorar governos seculares, e praticamente não existe teoria política posterior que não tenha buscado obter seus argumentos na Bíblia” (LOEWENSTEIN, Karl. **Teoria de la Constitución**. Barcelona: Editorial Ariel, 1976, p. 154).

Em ano em que se completam 500 anos da Reforma Luterana, é válido destacar o legado deste acontecimento, importante não apenas como acontecimento religioso, mas também político, cultural e social, com forte impacto na formação das sociedades ocidentais.

A tradução da Bíblia por Lutero, além de auxiliar a uniformizar a língua alemã, contribuiu para que todos pudessem ter fácil acesso aos textos bíblicos, transformando-se, assim, em um dos mais importantes eventos em termos de inclusão social, educação e cultura dos povos europeus.

André Rufino do Vale destaca que essa verdadeira revolução cristã contribuiu para a formação política das bases do constitucionalismo e indica:

“As repercussões políticas se fazem presentes já na formação do Estado de Direito e de seu monopólio jurídico. As teses luteranas contestatórias da posição social e dos poderes da Igreja acabaram fundamentando a construção política da ideia



ARE 1249095 / SP

de uma autoridade secular central com jurisdição unitária para exercer todos os poderes coercitivos, inclusive sobre a própria Igreja. Quando Lutero passou a defender que a Igreja deveria consistir numa comunidade puramente espiritual e que as autoridades eclesiásticas estariam despidas de qualquer poder de jurisdição em assuntos temporais, seu ataque direcionou-se não apenas aos abusos dos poderes da Igreja, mas à própria existência e justificação desses poderes. A conhecida consequência foi a erosão da concepção de dois poderes paralelos absolutos e universais (o do papa e o do imperador) e o desenvolvimento paulatino do monismo jurídico essencial para a construção do Estado de Direito moderno.

(...)

Nessa perspectiva, as críticas luteranas à autoridade eclesiástica também contribuíram para o conhecido processo histórico de secularização das sociedades ocidentais, com o reconhecimento político e social da separação entre Estado e Igreja, o que acabou se transformando numa das principais bases do princípio da laicidade no Estado constitucional contemporâneo.” (VALE, André Rufino do. “A importância dos 500 anos da Reforma Luterana para o constitucionalismo”. In: **Observatório da Jurisdição Constitucional**. São Paulo: Revista Consultor Jurídico, 5 de agosto de 2017).

Entre nós, a herança religiosa cristã é fato presente e marcante na sociedade. Essa presença, que se reflete inclusive nos feriados nacionais, pode revelar-se em “fontes racionais e emocionais de consenso” de que necessita o Estado Constitucional, no dizer de Peter Häberle (HÄBERLE, Peter. *Constituição e Cultura*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.).

Destaco que, desde 1934, as Constituições brasileiras – salvo o texto de 1937 – invocam Deus em seus seus preâmbulos e isso não fere o princípio de laicidade do Estado. A Carta atual menciona que os representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte, promulgam a Constituição Federal “*sob a proteção de Deus*”.

Sobre a importância do preâmbulo, esta Corte já entendeu que seu



ARE 1249095 / SP

texto não se situa no âmbito do Direito, mas, sim, no domínio da política, expressando posição ideológica do constituinte. Na ADI 2.076, o relator, Min. Sepúlveda Pertence assentou que *“locução ‘sob a proteção de Deus’ não é norma jurídica, até porque não se teria a pretensão de criar obrigações para a divindade invocada. Ela é uma afirmação de fato jactanciosa e pretenciosa, talvez – de que a divindade estivesse preocupada com a Constituição do país”*. (ADI 2.076, Rel. Min. Carlos Velloso, julg. em 15.8.2002)

A função do preâmbulo é, em verdade, formar a identidade pela qual a Constituição, por si própria, estabelece sua legitimidade (ISENSEE, Josef. **Vom Stil der Verfassung: eine typologische Studie zu Sprache, Thematik und Sinn des Verfassungsgesetzes**. Springer-Verlag, 2013, p. 13). No mesmo sentido, o Ministro Alexandre de Moraes anota que o preâmbulo possui dois objetivos: explicar o fundamento de legitimidade da nova ordem constitucional, assim como as grandes finalidades da nova Constituição (MORAES, Alexandre. **Direitos Humanos Fundamentais**. São Paulo: Atlas, 2016, p. 58).

Peter Häberle complementa essa ideia e aponta que o preâmbulo das Constituições integra a análise do que denomina *“constituição como cultura”*. Entende haver considerável proximidade entre o texto constitucional e a literatura ou até mesmo a música, e o conteúdo dos preâmbulos é a forma mais clara de ver tal conexão. Para ele, a função dos preâmbulos *“consiste em literalmente ‘sintonizar’ os cidadãos com a obra apresentada a seguir, em linguagem elevada e própria de feriados comemorativos. São, nessa medida, comparáveis a prólogos, aberturas ou prelúdios”* (HÄBERLE, Peter. *Präambeln im Text und Kontext von Verfassungen*. In: **Festschrift Broermann**, 1982, p. 211).

Josef Isensee ressalta não ser coincidência que muitos juristas responsáveis pela elaboração do texto constitucional atribuam a redação do preâmbulo a escritores e a historiadores. É o que aconteceu na Suíça, em que se pediu auxílio ao escritor Adolf Muschg na década de setenta para elaboração do texto do preâmbulo da Constituição, bem como em Berlim Oriental, com a convocação da escritora Christa Wolf para o projeto da constituição da *“Mesa Redonda”* (*Verfassungsentwurf des*



ARE 1249095 / SP

Runden Tisches), em 1989. Mais recentemente, o preâmbulo do texto constitucional da Croácia, de 1990, foi elaborado por um professor universitário de história, exaltando feitos nacionais (ISENSEE, Josef. **Vom Stil der Verfassung: eine typologische Studie zu Sprache, Thematik und Sinn des Verfassungsgesetzes**. Springer-Verlag, 2013, p. 13).

Especificamente sobre o preâmbulo da Carta brasileira e a menção a Deus, Peter Häberle anota que a:

“A Constituição que se segue, promulgada nesses termos, é colocada pela assembleia constituinte ‘sob a proteção de Deus’. O preâmbulo teve completo êxito: linguisticamente próximo dos cidadãos, resumindo a essência do texto que se lhe segue, ele impressiona. Falta, eventualmente, a dimensão temporal frequentemente típica: o processamento da *história* (e.g., o regime militar: 1964 a 1985). O futuro, no entanto, fica claro nos princípios de realização constitucional a ele impostos.

A referência a *Deus*, feita de maneira tão natural, não ousada no contrato constitucional da *União Europeia* nem em 2004, nem em 2007, chama a atenção para as raízes religiosas da cultura do país (‘Deus é brasileiro’), com toda a pluralidade de religiões e confissões, mesmo de culturas indígenas. Como ilustração, pode-se pensar nas grandes igrejas do país (p. ex., em Olinda) e, no Rio, na imponente estátua do Cristo (‘Corcovado’). (HÄBERLE, Peter. Constituição ‘da cultura’ e constituição ‘como cultura’: um projeto científico para o Brasil. **In: Direito público**. Instituto Brasiliense de Direito Público (IDP), v. 13, n. 72, p. 9-32, nov./dez. 2016.)

Aqui me ocorre uma dúvida interessante: será que precisaremos, em algum momento, chegar ao ponto de discutir a retirada da estátua do Cristo Redentor do Morro do Corcovado por simbolizar a influência cristã em nosso país? Ou a extinção do feriado nacional de nossa padroeira, Nossa Senhora Aparecida? A alteração do nome de Estados e de cidades, porque recebem o nome de santos, como São Paulo e Santa Catarina?



ARE 1249095 / SP

Assim como no nosso preâmbulo, Deus também está presente em nosso dia a dia nas cédulas de real, com a expressão “Deus seja louvado”, menção feita desde a década de 1980.

Também o uso de símbolos religiosos em órgãos do Poder Judiciário brasileiro não fere o princípio de laicidade do Estado. Assim entendeu o Conselho Nacional de Justiça no julgamento de quatro pedidos de providência (1.344, 1.345, 1.346 e 1.362) que questionavam a presença de crucifixos em dependências de salas do Judiciário nacional.

Na decisão, proferida em 29 de maio de 2007, entendeu-se que os objetos seriam símbolos da cultura brasileira e que não interferiam na imparcialidade, nem na universalidade do Poder Judiciário.

Mesmo entendimento foi repetido pelo Poder Judiciário em ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal que visava à retirada da expressão “Deus seja louvado” das cédulas de real.

Feitas essas considerações, entendo, assim como afirmado pelo Ministro Relator, que a presença em repartições públicas de símbolos religiosos, **que reflitam aspectos históricos e culturais da sociedade brasileira**, não ofende os princípios constitucionais da não discriminação, da laicidade do Estado e da impessoalidade.

Por essa razão, acompanho integralmente o voto proferido pelo eminente Relator.

É como voto.



RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. CRISTIANO ZANIN
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AM. CURIAE.	: ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADV.(A/S)	: ACYR DE GERONE
ADV.(A/S)	: RAISSA PAULA MARTINS
AM. CURIAE.	: CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADV.(A/S)	: HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADV.(A/S)	: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

VOTO VOGAL

A SENHORA MINISTRA CÁRMEN LÚCIA:

1. Recurso extraordinário interposto pelo Ministério Público Federal no qual reconhecida a repercussão geral da seguinte questão constitucional: *“permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos e laicidade do Estado”*.

2. Na origem, tem-se ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal contra a União pedindo a condenação dela *“à obrigação de fazer consubstanciada na retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo”* (fl. 12, e-doc. 1).

3. Em primeira instância, o pedido do Ministério Público foi julgado improcedente.

4. Interposta apelação, o Tribunal Regional Federal da Terceira Região desproveu o recurso:



ARE 1249095 / SP

“APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO. (...)” (fls. 67, e-doc. 7).

5. Contra esse acórdão foi interposto o presente recurso extraordinário. O Ministério Público Federal alega que *“a presente Ação Civil Pública tem por escopo a promoção da liberdade religiosa de todos os cidadãos que ingressam diariamente nas repartições públicas do Estado de São Paulo (...)”* (fl. 118, e-doc. 7).

Sustenta que, ao manter a sentença de improcedência do pedido, o acórdão recorrido teria ofendido *“os artigos 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, todos da Constituição Federal (...)”* (fl. 118, e-doc. 7).

Argumenta que, *“embora a maioria populacional professe religiões de origem cristã (católicos ou evangélicos), o Brasil optou por ser um Estado laico, em que não existe vinculação entre o Poder Público e uma determinada igreja ou religião (...)”* (fl. 118, e-doc. 7).

Assevera que, *“ao se optar por símbolos religiosos, discrimina-se aqueles que não possuem religião; ao se optar por um símbolo que remete ao cristianismo, discrimina-se os que praticam religiões não cristãs; ao se optar por um símbolo que reflete uma imagem de figura sagrada, discrimina-se as religiões que vedam o uso de imagens”* (fl. 120, e-doc. 7).

Anota que *“não se pode admitir a ostentação de símbolos religiosos católicos em prédios públicos sob a alegação de pertencerem ao patrimônio cultural brasileiro, uma vez que ocasiona o tratamento desigual de cidadãos na mesma situação de busca por serviços estatais, privilegiando-se aqueles que professam a religião cujos símbolos encontram-se expostos”* (fl. 123, e-doc. 7).

Enfatiza que *“o Tribunal Constitucional Federal Alemão, em duas decisões citadas no curso da ação e na apelação, apontou a inconstitucionalidade da*



ARE 1249095 / SP

presença de crucifixos em sala de aula do ensino público fundamental” (fl. 126, e-doc. 7).

Sobre a *“alegação de que o próprio preâmbulo da Constituição Federal ostenta expressão religiosa”, afirma que “o deslize de uns não pode justificar outros” (fl. 128, e-doc. 7).*

Pede *“que o Supremo Tribunal Federal conheça e dê provimento ao presente recurso extraordinário, reformando-se o acórdão prolatado pelo Tribunal Regional Federal da 3ª Região, caso não seja sua cristalina nulidade, com o reconhecimento da violação aos dispositivos constitucionais elencados” (fl. 128, e-doc. 7).*

6. A Procuradoria-Geral da República opinou pelo conhecimento do agravo para o desprovimento do recurso extraordinário:

“AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ESTADO LAICO. EXPRESSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA E CULTURAL. IGUALDADE DE TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. PARECER PELO CONHECIMENTO DO AGRAVO PARA NÃO PROVER O RECURSO EXTRAORDINÁRIO” (fl. 1, e-doc. 12).

7. Nesta sessão virtual, o Relator, Ministro Cristiano Zanin, votou negando provimento ao recurso extraordinário. Propôs a fixação da seguinte tese de repercussão geral:

“A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade”.

8. Ao tratar da relação entre Estado e Igreja, José Afonso da Silva identifica três sistemas possíveis: a) o da confusão, quando o Estado se



ARE 1249095 / SP

confunde com determinada religião, a exemplo do Estado teocrático; b) o da união do Estado com determinada religião, quando se estabelecem relações jurídicas entre o Estado e determinada Igreja relativamente à sua organização e funcionamento; c) o da separação entre Igreja e Estado (*Curso de direito constitucional positivo*. 17. ed. rev. e atual. São Paulo: Malheiros, 2000. p. 253).

A doutrina defende que os problemas decorrentes das relações entre a Igreja e o Estado apresentam soluções diversas, como, por exemplo: a) o controle do poder civil pela Igreja, tendo-se, então, o Estado teocrático; b) absorção ou eliminação da Igreja pelo Estado, a qual assume vários aspectos, do galicismo de Luiz XIV ao totalitarismo materialista soviético; c) indiferença do Estado em relação à Igreja, própria dos Estados liberais, nos quais este pode ser tolerante ou hostil a determinada Igreja; d) equilíbrio e harmonia entre os dois poderes. .

Sobre o tema, Celso Ribeiro Bastos e Samantha Meyer-Pflug sustentam:

“Existem diversos sistemas de relações entre a Igreja e o Estado, dentre eles destacamos a fusão, que é a confusão integral entre os dois institutos. Neste modelo, o Estado é tido, ele mesmo, como um fenômeno religioso. Há fórmulas mais ou menos radicais que dão lugar a sistemas de união entre Estado e religião. Deste modelo fundamental surgem algumas variantes, como o caso das igrejas reconhecidas pelos Estados, as quais se beneficiam de certos privilégios, como o da remuneração dos seus ministros pelos cofres do Estado. Há também uma outra variação deste sistema que consiste na preferência que é reconhecida a uma religião determinada, tal como se deu na França, durante o período monárquico. Finalmente, encontram-se aquelas hipóteses em que há uma incorporação da igreja pelo Estado, como ocorre com a igreja anglicana na Inglaterra. Ao lado destas modalidades, surge a da separação. Nesta o Estado reconhece a liberdade de cultos, porém recusa-se a intervir no funcionamento das igrejas ou templos, não importando sob que pretexto. Tal regime é conhecido como ‘regime de tolerância’.



ARE 1249095 / SP

É interessante notar que não há uma correlação entre a modalidade de fusão e uma necessária ausência de liberdade religiosa, assim como também não ocorre tal fenômeno com relação à fórmula da separação, equivalendo a uma maior liberdade de culto. A adoção pelo Estado de uma religião não implica necessariamente no fato de que todas as outras sejam vedadas. Quanto à indiferença do Estado, é imperioso ressaltar que ela pode assumir uma modalidade hostil, contrária, portanto, a uma indiferença tolerante” (Do direito fundamental à liberdade de consciência e de crença. In: Revista de Direito Constitucional e Internacional, v. 9, n. 36, p. 106-114, jul./set. 2001).

Para Jorge Miranda, as relações entre o Estado e as confissões religiosas pode se dar com *a)* identificação entre Estado e religião, entre comunidade política e comunidade religiosa (Estado confessional); *b)* não identificação entre Estado e religião (Estado laico); *c)* oposição do Estado à religião.

Para aquele autor, o Estado confessional pode ser teocrata (domínio do poder religioso sobre o poder político) ou cesaropapista (com domínio do poder político sobre o poder religioso). A oposição do Estado à religião, pode ser relativa (Estado laicista) ou absoluta (Estado ateu ou de confessionalidade negativa).

Já o Estado laico, para Jorge Miranda, pode se dar com união entre o Estado e uma confissão religiosa (religião do Estado) ou com separação:

“V – Não identificação significa distinção entre a esfera política e a esfera religiosa, não inclusão entre as atribuições do Estado de atribuições em matéria de religião e de culto, laicidade.

O Estado moderno de matriz europeia, com a centralização do poder real, o Renascimento e a Reforma, tem no seu bojo este princípio, ainda que a sua plena concretização tenha levado séculos a ser alcançada e, em alguns países europeus, ainda nem sequer tenha sido alcançada plenamente.

Numa primeira fase, mais longa, o Estado tem uma religião



ARE 1249095 / SP

oficial (no século XVII dizia-se *Cujus Régio, Ejus Religio*) e, mesmo se diversas, há relações institucionais permanentes entre ele e a correspondente Igreja. Numa segunda fase, não há mais religião de Estado, afirma-se o princípio de liberdade e estabelecem-se regimes de separação.

VI – No regime de união, prevaleceu historicamente a tendência para o regalismo, resquício ou continuador do cesaropapismo. Com formas ora mais moderadas, ora mais acentuadas, traduzia-se na intervenção dos Estados na vida interna das Igrejas, em especial na designação dos bispos e no provimento dos ofícios eclesiásticos. A pretexto de proteção de religião, redundava em maior ou menor dependência das autoridades religiosas.

As monarquias absolutas dos séculos XVII e XVIII, protestantes ou católicas, foram regalistas. E, não muito atenuado, foram-no outrossim as monarquias constitucionais do século XIX, as quais, só tardiamente, iriam admitir o princípio da liberdade de religião.

Clericalismo não houve verdadeiramente na Europa, as nele poderiam talvez integrar-se as reduções jesuíticas constituídas em certas áreas da América, incluindo parte do que é hoje o Rio Grande do Sul. Aliás, um dos motivos invocados pelo Marquês de Pombal contra os jesuítas era considerá-los inimigos da autoridade real.

VII – No regime da separação ou de Estado secular não há religião oficial, todas as confissões são reconhecidas e os governantes abstêm-se de qualquer decisão sobre a sua vida interna, assim como las se afastam do contraditório político.

Foi nos Estados Unidos – país criado por fiéis de diversos cultos, fugidos da Europa para os poderem livremente celebrar – que este regime surgiu. O 1º Aditamento à Constituição, de 1791, expressamente proíbe o estabelecimento de uma religião do Estado. No Brasil, cem anos mais tarde, a Constituição de 1891 vedaria aos Estados e à União estabelecer, subvencionar ou embaraçar o exercício de qualquer culto (art. 10º). Na França e em Portugal, a separação seria decretada em 1905 e em 1911, respectivamente, mas em termos conflituais.

Em países com grande divisão religiosa, impõe-se, naturalmente, um regime de separação absoluta. Já em países com religião



ARE 1249095 / SP

largamente majoritária e com grande fundo histórico, por vezes adota-se um tratamento preferencial, e não raro privilegiado, dessa religião, sem prejuízo da liberdade religiosa. É o caso da Inglaterra hoje ou da Grécia e, foi, de certo modo, o caso de Portugal entre 1935 e 1974.

Mas separação não determina necessariamente desconhecimento da realidade social e cultural religiosa, nem relegar as confissões religiosas para a esfera privada. A existência das confissões e das suas atividades não pode ser ignorada ou secundarizada e nada impede mesmo que se firmem laços de cooperação delas com o Estado em diversos domínios” (Estado, liberdade religiosa e laicidade. In: MARTINS FILHO, Ives Granda da Silva; NOBRE, Milton Augusto de (Coord.). O Estado laico e a liberdade religiosa. São Paulo: LTr, 2011. p. 109-111).

Laicidade e laicismo não se apresentam, portanto, como expressões sinônimas. Enquanto o primeiro “*significa a não assunção de tarefas religiosas pelo Estado e neutralidade, sem impedir o reconhecimento do papel da religião e dos diversos cultos*”, o segundo “*significa desconfiança ou repúdio da religião como expressão comunitária e, porque imbuído de pressupostos filosóficos ou ideológicos (o positivismo, o cientismo, o livre pensamento ou outros), acaba por pôr em causa o próprio princípio da laicidade*” (ibidem. p. 111).

Na mesma linha, anota Daniel Sarmiento:

“A laicidade não significa a adoção pelo Estado de uma perspectiva ateísta ou refratária à religiosidade. Na verdade, o ateísmo, na sua negativa da existência de Deus, é também uma crença religiosa, que não pode ser privilegiada pelo Estado em detrimento de qualquer outra cosmovisão. Pelo contrário, a laicidade impõe que o Estado se mantenha neutro em relação às diferentes concepções religiosas presentes na sociedade, sendo-lhe vedado tomar partido em questões de fé, bem como buscar o favorecimento ou o embaraço de qualquer crença” (O Crucifixo nos Tribunais e a Laicidade do Estado. In: Revista Eletrônica PRPE, mai. 2007).

9. No Brasil, a Constituição de 1824, outorgada expressamente “em



ARE 1249095 / SP

nome da Santíssima Trindade”, encampou o modelo do Estado confessional que já vigia no período colonial, adotando o catolicismo como a religião do Império (art. 5º). Embora a Constituição garantisse a liberdade de religião que não ofendesse a moral pública (art. 179, inc. V), seu art. 5º garantia apenas aos católicos plena liberdade de culto, restringindo os demais credos ao culto doméstico ou particular em casas para isso destinadas.

A Constituição de 1824 *a*) dispôs sobre a impossibilidade de serem nomeados Deputados os que não professassem a religião do Estado (art. 93, inc. III); *b*) conferiu ao Imperador as atribuições de “*nomear Bispos, e prover os Benefícios Ecclesiaticos*” (art. 102, inc. II) e de conceder ou negar o beneplácito a atos eclesiásticos que não se opusessem à Constituição (art. 102, inc. XIV); *c*) determinou juramento, pelo Imperador, de manter a religião Católica Apostólica Romana antes de ser aclamado (art. 103).

10. O Estado confessional no Brasil teve fim com a proclamação da República e o advento do Decreto n. 119-A/1890, que proibiu a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em matéria religiosa, consagrou a plena liberdade de cultos e reconheceu personalidade jurídica a todas as igrejas e confissões religiosas, além de estabelecer outras providências. Preconizou-se, assim, o Estado laico no Brasil, com separação clara entre o Estado e a Igreja.

Rui Barbosa, redator do Decreto n. 119-A, de 7.1.1890, e defensor da adoção do Estado laico desde o Império, anotou:

“(…) que as igrejas essas associações resultantes da identidade de crenças, vivam livres na adoração do seu Deus, na propagação da sua fé, na difusão de suas doutrinas que elas, independentemente de qualquer poder estranho, possam elevar-se à adoração do eterno princípio de todos os seres: que, por seu lado, o Estado, único poder nas sociedades livres, gire independentemente na órbita de sua ação, e não queira comprimir os cultos senão quando eles ofendem a paz das sociedades: eis o nosso ‘desideratum’. Queremos, em suma, de uma



ARE 1249095 / SP

lado a perfeita liberdade para o Estado: do outro a perfeita liberdade para a consciência, ou, na frase de Lamartine, a liberdade para Deus” (GALDINO, Elza. Estado sem Deus. Belo Horizonte: Del Rey, 2006. p. 5).

Esse quadro foi consolidado pela Constituição de 1891, que vedou o estabelecimento, subvenção ou embaraço de cultos religiosos pelos Estados ou pela União (art. 11, § 2º), além de prever diversos direitos individuais vinculados à liberdade religiosa, inclusive determinando o ensino leigo nos estabelecimentos públicos:

“Art. 72. (...)

§ 3º Todos os individuos e confissões religiosas podem exercer publica e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito commum.

§ 4º A Republica só reconhece o casamento civil, cuja celebração será gratuita.

§ 5º Os cemiterios terão character secular e serão administrados pela autoridade municipal, ficando livre a todos os cultos religiosos a pratica dos respectivos ritos em relação aos seus crentes, desde que não offendam a moral publica e as leis.

§ 6º Será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos publicos.

§ 7º Nenhum culto ou igreja gosará de subvenção official, nem terá relações de dependencia ou alliança com o Governo da União, ou o dos Estados. A representação diplomatica do Brasil junto á Santa Sé não implica violação deste principio”.

Várias dessas disposições acabaram sendo substancialmente repetidas em todas as Constituições brasileiras.

A Constituição de 1934, todavia, mitigou de certa forma a laicidade do Estado brasileiro delineada na Constituição anterior. Embora tenham sido mantidos os direitos e as garantias individuais ligados à liberdade religiosa e a vedação, aos entes públicos, de estabelecer, subvencionar ou embaraçar o exercício de cultos religiosos, reconheceu-se, por exemplo, os



ARE 1249095 / SP

efeitos civis do casamento religioso cujo rito não contrariasse a ordem pública (art. 146).

Estabeleceu-se, ainda, o ensino religioso, de frequência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno manifestada pelos pais ou responsáveis:

“Art. 153 - O ensino religioso será de frequência facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno manifestada pelos pais ou responsáveis e constituirá matéria dos horários nas escolas públicas primárias, secundárias, profissionais e normais”.

O ensino religioso também foi previsto na Carta de 1937, na qual se autorizou que a matéria fosse contemplada pelos cursos ordinários das escolas primárias, normais e secundárias, desde que não constituísse objeto de obrigação dos mestres ou professores e não fosse de frequência compulsória para os alunos:

“Art. 133 - O ensino religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores, nem de frequência compulsória por parte dos alunos”.

A Constituição de 1946 dispôs sobre o ensino religioso em moldes semelhantes aos da Constituição de 1934, também estabelecendo poder ser adotado ensino religioso de acordo com a confissão religiosa do aluno:

“Art. 168 - A legislação do ensino adotará os seguintes princípios: (...)

V - o ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável; (...)”.

Na Carta de 1967 e na norma alterada pela Emenda Constitucional n. 1/1969, foi removida a referência ao ensino religioso de acordo com a



ARE 1249095 / SP

confissão do aluno; dispôs-se, apenas, ser a matéria de matrícula facultativa dos horários normais das escolas oficiais de grau primário e médio. Por se tratarem de dispositivos de idêntico teor, limita-se à transcrição da norma originária:

“Art. 168 - (...)

§ 3º - A legislação do ensino adotará os seguintes princípios e normas: (...)

IV - o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais de grau primário e médio”.

11. Na Constituição de 1988, a liberdade religiosa esta definida nos incisos VI e VIII de seu art. 5º:

“Art. 5º (...)

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; (...)

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei; (...)”

Na Constituição da República de 1988, a liberdade religiosa apresenta-se em três itens, como aponta, por exemplo, José Afonso da Silva: a liberdade de crença, a liberdade de culto e a liberdade de organização religiosa.

A liberdade de crença tem especial importância para o deslinde do caso concreto, e abrange, segundo preleciona aquele autor, *“a liberdade de escolha da religião, a liberdade de aderir a qualquer seita religiosa, a liberdade (ou o direito) de mudar de religião, mas também compreende a liberdade de não aderir a religião alguma, assim como a liberdade de descrença, a liberdade de ser ateu e de exprimir o agnosticismo”* (Curso de direito constitucional positivo. 17. ed. rev. e atual. São Paulo: Malheiros, 2000. p. 252).

Para André Ramos Tavares, *“Há uma dimensão positiva da liberdade de*



ARE 1249095 / SP

religião, pois o Estado deve assegurar a permanência de um espaço para o desenvolvimento adequado de todas as confissões religiosas. Cumpre ao Estado empreender esforços e zelar para que haja essa condição estrutural propícia ao desenvolvimento pluralístico das convicções pessoais sobre religião e fé” (Religião e neutralidade do Estado. In: MAZUOLLI, Valerio de Oliveira. SORIANO, Aldir (Coord.). Direito à liberdade religiosa: desafios e perspectivas para o Século XXI . Belo Horizonte: Fórum, 2009, p. 56).

Manteve-se, na ordem constitucional atual, a laicidade do Estado brasileiro, nos termos do inc. I do art. 19:

“Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público; (...)”

A previsão do ensino religioso de matrícula facultativa também foi preservada pela Constituição de 1988, nos mesmos moldes do que já constava na Carta anterior:

“Art. 210. (...)

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”.

12. As normas regulamentadoras do ensino religioso nas escolas públicas (art. 33 da Lei n. 9.394/1996 e § 1º e *caput* do art. 11 do Acordo entre a República Federativa do Brasil e a Santa Sé Relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil) foram questionadas na Ação Direta de Inconstitucionalidade n. 4.439, julgada improcedente por este Supremo Tribunal, que reconheceu *“a constitucionalidade do ensino religioso confessional como disciplina facultativa dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”*. Esta a ementa desse acórdão:



ARE 1249095 / SP

“ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS. CONTEÚDO CONFESSIONAL E MATRÍCULA FACULTATIVA. RESPEITO AO BINÔMIO LAICIDADE DO ESTADO/LIBERDADE RELIGIOSA. IGUALDADE DE ACESSO E TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. CONFORMIDADE COM ART. 210, §1º, DO TEXTO CONSTITUCIONAL. CONSTITUCIONALIDADE DO ARTIGO 33, CAPUT E §§ 1º E 2º, DA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DO ESTATUTO JURÍDICO DA IGREJA CATÓLICA NO BRASIL PROMULGADO PELO DECRETO 7.107/2010. AÇÃO DIRETA JULGADA IMPROCEDENTE.

1. A relação entre o Estado e as religiões, histórica, jurídica e culturalmente, é um dos mais importantes temas estruturais do Estado. A interpretação da Carta Magna brasileira, que, mantendo a nossa tradição republicana de ampla liberdade religiosa, consagrou a inviolabilidade de crença e cultos religiosos, deve ser realizada em sua dupla acepção: (a) proteger o indivíduo e as diversas confissões religiosas de quaisquer intervenções ou mandamentos estatais; (b) assegurar a laicidade do Estado, prevendo total liberdade de atuação estatal em relação aos dogmas e princípios religiosos.

2. A interdependência e complementariedade das noções de Estado Laico e Liberdade de Crença e de Culto são premissas básicas para a interpretação do ensino religioso de matrícula facultativa previsto na Constituição Federal, pois a matéria alcança a própria liberdade de expressão de pensamento sob a luz da tolerância e diversidade de opiniões.

3. A liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente as informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também as que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a Democracia somente existe baseada na consagração do pluralismo de ideias e pensamentos políticos, filosóficos, religiosos e da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo.

4. A singularidade da previsão constitucional de ensino



ARE 1249095 / SP

religioso, de matrícula facultativa, observado o binômio Laicidade do Estado (CF, art. 19, I)/Consagração da Liberdade religiosa (CF, art. 5º, VI), implica regulamentação integral do cumprimento do preceito constitucional previsto no artigo 210, §1º, autorizando à rede pública o oferecimento, em igualdade de condições (CF, art. 5º, caput), de ensino confessional das diversas crenças.

5. A Constituição Federal garante aos alunos, que expressa e voluntariamente se matriculem, o pleno exercício de seu direito subjetivo ao ensino religioso como disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, ministrada de acordo com os princípios de sua confissão religiosa e baseada nos dogmas da fé, inconfundível com outros ramos do conhecimento científico, como história, filosofia ou ciência das religiões.

6. O binômio Laicidade do Estado/Consagração da Liberdade religiosa está presente na medida em que o texto constitucional (a) expressamente garante a voluntariedade da matrícula para o ensino religioso, consagrando, inclusive o dever do Estado de absoluto respeito aos agnósticos e ateus; (b) implicitamente impede que o Poder Público crie de modo artificial seu próprio ensino religioso, com um determinado conteúdo estatal para a disciplina; bem como proíbe o favorecimento ou hierarquização de interpretações bíblicas e religiosas de um ou mais grupos em detrimento dos demais.

7. Ação direta julgada improcedente, declarando-se a constitucionalidade dos artigos 33, caput e §§ 1º e 2º, da Lei 9.394/1996, e do art. 11, § 1º, do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e a Santa Sé, relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, e afirmando-se a constitucionalidade do ensino religioso confessional como disciplina facultativa dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental” (ADI n. 4.439, Relator o Ministro Roberto Barroso, Redator para o acórdão o Ministro Alexandre de Moraes, Pleno, DJe 21.6.2018).

Esse precedente é relevante para a solução da presente controvérsia, pois nele este Supremo Tribunal assentou que a laicidade do Estado brasileiro estabelecida pela Constituição não se confunde com laicismo. A



ARE 1249095 / SP

Constituição não determina que o Estado seja hostil às religiões, à religiosidade ou à fé das pessoas.

O que se determina constitucionalmente é *a)* a neutralidade do Estado em relação às religiões, não podendo privilegiar umas em detrimento de outras; *b)* atuação no sentido de assegurar a todos as liberdades de culto, de crença e de organização religiosa.

Estado laico não significa Estado contrário a religiões, mas a definição de que Estado e (uma) Igreja (ou várias que fossem) são separados, não se adotando alguma religião específica ou própria do Estado. O Estado não tem religião, mas garante às pessoas que elas livremente possam ter. O Estado laico é neutro em relação às religiões e em relação às Igrejas, respeitando e garantindo o respeito a todos os credos e a todas as formas de exercício da fé adotada pelos indivíduos.

O laicismo caracteriza a organização estatal que suporta ou tolera a religião, quase como se fora um desprezo em relação a ela, não prezando a fé e o seu exercício religioso pela pessoa que crê e pretende desempenhar o que lhe parece próprio do seu culto.

Nesse quadro é que, como Estado laico que é o Brasil, respeitam-se todas as religiões, mas não se adota alguma, o que é constitucionalmente vedado.

13. Por isso, a questão posta nos autos de aposição de símbolos religiosos em repartições públicas demanda a análise da religião também pelo seu aspecto histórico-cultural. Não se há como negar ser a religião elemento que integra o patrimônio cultural brasileiro.

Há, na religião, aspecto cultural que se materializa na comemoração de datas, na organização de festas tradicionais, na produção artística, na aposição de nomes a ruas, praças e logradouros públicos e em monumentos com simbologia religiosa.



ARE 1249095 / SP

Isso aplica-se não apenas à religião católica, majoritária entre os brasileiros e herança cultural dos colonizadores portugueses. A identidade do povo brasileiro também é constituída, por exemplo, por indígenas e africanos, povos dotados das mais diversas manifestações religiosas que também influenciaram a formação cultural do Brasil, influenciando até mesmo na prática do catolicismo. Para Emiliano Unzer Macedo, professor do departamento de história da Universidade Federal do Espírito Santo:

“Podemos afirmar que o quadro religioso brasileiro foi formado por um mosaico de crenças supostamente sob a hegemonia católica. A prática religiosa brasileira não foi rígida e facilitou a convivência e trocas culturais recíprocas entre as crenças. As improvisações de fiéis constituíram a peça fundamental para entendermos o cenário religioso brasileiro com suas criatividade e seus improvisos, que muitas vezes acabaram sincretizando elementos religiosos vindos do exterior” (Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético. In: Revista Ágora, n. 7, p. 1-20, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/download/1918/1430/0>. Acesso em: 25 nov 2024).

14. O constituinte de 1987/88 teve preocupação especial em assegurar a proteção ao patrimônio cultural nacional (incs. III e IV do art. 23, inc. VII do art. 24) e o acesso amplo às fontes da cultura nacional (art. 215). Determinou ainda a proteção das *“manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional”* (§ 1º do art. 215).

No § 2º do art. 215 da Constituição, atribui-se à lei a fixação de *“datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais”*. Sobre o tema, o Congresso Nacional editou a Lei n. 9.093/1995, a qual assegurou a existência de feriados de cunho religioso, declarados em lei municipal, de acordo com a tradição local e em número não superior a quatro, incluída nesse número a sexta-feira da paixão:

“Art. 2º São feriados religiosos os dias de guarda, declarados em



ARE 1249095 / SP

lei municipal, de acordo com a tradição local e em número não superior a quatro, neste incluída a Sexta-Feira da Paixão”.

No julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade n. 4.092, este Supremo Tribunal reconheceu a constitucionalidade de lei estadual pela qual instituído no Estado do Rio de Janeiro o feriado de São Jorge, relevante para o catolicismo, para o candomblé e para a umbanda:

“CONSTITUCIONAL. AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE. LEI 5.198/2008 DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO QUE INSTITUI O FERIADO DE SÃO JORGE. ALEGAÇÃO DE INCONSTITUCIONALIDADE FORMAL POR OFENSA À COMPETÊNCIA PRIVATIVA DA UNIÃO PARA LEGISLAR SOBRE DIREITO DO TRABALHO. AUSÊNCIA DE REGRA FEDERAL NÍTIDA. PRESUNÇÃO DE CONSTITUCIONALIDADE DE NORMAS ESTADUAIS EDITADAS COM FUNDAMENTO NA PRESERVAÇÃO DE BENS IMATERIAIS. AÇÃO JULGADA IMPROCEDENTE.

1. A Lei Federal n. 9.093/1995, que previu como feriados civis a data magna do Estado fixada em lei estadual (art. 1º, II); os dias do início e do término do ano do centenário de fundação do Município, fixados em lei municipal (art. 1º, III); e, como feriados religiosos, os dias de guarda, declarados em lei municipal, de acordo com a tradição local e em número não superior a quatro, neste incluída a Sexta-Feira da Paixão (art. 2º), não os restringe apenas a esses casos.

2. É possível que Estados e Municípios, com o objetivo de preservar a memória de bens imateriais, instituem feriados de alta significação étnica.

3. Ação direta julgada improcedente” (ADI n. 4.092, Relator o Ministro Nunes Marques, Redator para o acórdão o Ministro Edson Fachin, Pleno, DJe 20.10.2023)

O aspecto cultural é enfatizado em todos os casos que cuidaram de tema análogo, referentes, por exemplo, à definição de feriados religiosos, que se refiram a determinada figura santificada nos termos de uma crença, sem ser partilhada necessariamente por todos os indivíduos. Mas



ARE 1249095 / SP

ainda assim, definem-se os feriados e vale o regime jurídico para toda a cidadania.

A representação cultural predomina naquela definição constitucional que permitiu, em Estado laico, a adoção da providência considerada válida por este Supremo Tribunal Federal, prestigiando-se, assim, relevantes valores culturais que sedimentam a história do povo brasileiro, nos termos do art. 215 da Constituição da República.

15. É certo que o disposto no art. 215 da Constituição não pode servir de pretexto para prática de proselitismo religioso em órgãos públicas ou com subvenção do Estado, sob pena de contrariedade ao inc. I do art. 19 da Constituição.

Por isso é que este Supremo Tribunal reconheceu a inconstitucionalidade de leis estaduais pelas quais se obrigava a manutenção de exemplar da bíblia em escolas e bibliotecas públicas. Assim, por exemplo:

“Ação direta de inconstitucionalidade. Lei 2.902/2004 do Estado do Mato Grosso do Sul. Manutenção obrigatória de exemplares da Bíblia Sagrada nas unidades escolares da rede estadual de ensino e nos acervos das bibliotecas públicas daquela unidade da federação. Violação dos princípios da isonomia, da liberdade religiosa e da laicidade estatal. Configuração. Precedentes. Procedência do pedido.

1. Nos termos da jurisprudência consolidada desta Suprema Corte, existindo correlação lógico-jurídica entre o fator de discrimen e os interesses constitucionais perseguidos, não há falar em violação do princípio da isonomia. Precedentes.

2. A laicidade estatal, longe de impedir a relação do Estado com as religiões, impõe a observância, pelo Estado, do postulado da imparcialidade (ou neutralidade) frente à pluralidade de crenças e orientações religiosas e não religiosas da população brasileira.

3. Viola os princípios da isonomia, da liberdade religiosa e da laicidade estatal dispositivos legais que tornam obrigatória a manutenção de exemplares da Bíblia Sagrada nas unidades escolares



ARE 1249095 / SP

da rede estadual de ensino e nos acervos das bibliotecas públicas, às custas dos cofres públicos. Precedente: ADI 5.258/AM, Rel. Min. Cármen Lúcia, Tribunal Pleno, Sessão Virtual de 02.4.2021 a 12.4.2021, DJe 27.4.2021, por unanimidade.

4. Ação direta de inconstitucionalidade conhecida. Pedido julgado procedente” (ADI n. 5.256, Relatora a Ministra Rosa Weber, Pleno, DJe 5.11.2021).

“AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE. CONSTITUCIONAL. LEI “PROMULGADA” N. 74/2010, DO AMAZONAS. OBRIGATORIEDADE DE MANUTENÇÃO DE EXEMPLAR DA BÍBLIA EM ESCOLAS E BIBLIOTECAS PÚBLICAS ESTADUAIS. OFENSA AOS PRINCÍPIOS DA ISONOMIA, LIBERDADE RELIGIOSA E LAICIDADE ESTATAL. CAPUT DO ART. 5º E INC. I DO ART. 19 DA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA. AÇÃO DIRETA DE INCONSTITUCIONALIDADE JULGADA PROCEDENTE.

1. É inconstitucional, por ofensa aos princípios da isonomia, da liberdade religiosa e da laicidade do Estado, norma que obrigue a manutenção de exemplar de determinado livro de cunho religioso em unidades escolares e bibliotecas públicas estaduais. Precedentes.

2. Ação direta de inconstitucionalidade julgada procedente para declarar inconstitucionais os arts. 1º, 2º e 4º da Lei “Promulgada” n. 74/2010 do Amazonas” (ADI n. 5.258, de minha relatoria, Pleno, DJe 27.4.2021).

No voto condutor desse julgado, anotei:

“11. Nas normas impugnadas, ao determinar-se a existência de exemplar da Bíblia nas escolas e bibliotecas públicas, institui-se comportamento, em espaço público estatal, de divulgação, estímulo e promoção de conjunto de crenças e dogmas nela presentes. Prejudicam-se outras, configurando-se ofensa ao princípio da laicidade estatal, da liberdade religiosa e da isonomia entre os cidadãos.

As normas amazonenses conferem tratamento desigual entre os cidadãos. Assegura apenas aos adeptos de crenças inspiradas na Bíblia



ARE 1249095 / SP

acesso facilitado em instituições públicas. Não há fundamento constitucional a justificar esta promoção específica de valores culturais. Nem se baseia no preceito constitucional que autoriza o ensino religioso em escolas públicas, nos termos do § 1º do art. 210 da Constituição da República: (...)

Na determinação da obrigatoriedade de manutenção de exemplar somente da bíblia, a lei amazonense desprestigia outros livros sagrados quanto a estudantes que professam outras crenças religiosas e também aos que não têm crença religiosa alguma”.

16. Anote-se que muito se discutiu, na Assembleia Constituinte 87/88 se se manteria uma tradição constitucional brasileira de se fazer referência à “*proteção de Deus*” em seu preâmbulo. O que se adotou, ao final, foi fruto não de mera repetição de textos constitucionais anteriormente vigentes, mas conclusão adotada pelo constituinte originário, mantendo-se o enunciado de “*Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL*”....

17. Assim, a mera aposição de simbologia de cunho religioso tradicional, fundamentado no patrimônio histórico-cultural brasileiro não descumpra a Constituição. É o caso do crucifixo, por exemplo, comum em órgãos públicos no Brasil, inclusive no Plenário deste Supremo Tribunal.

Nem se imagine ser o crucifixo singelo enfeite sem significado maior, nem a negar que esse símbolo remete ao cristianismo e ao catolicismo. Como salienta Daniel Sarmento, em artigo crítico à utilização de



ARE 1249095 / SP

crucifixos em Tribunais, *“qualquer terráqueo, ao ver um crucifixo, tenderá a associá-lo imediatamente ao cristianismo e à sua divindade encarnada”* (O *Crucifixo nos Tribunais e a Laicidade do Estado*. In: Revista Eletrônica PRPE, mai. 2007).

Mas a utilização de símbolos religiosos tradicionais em prédios públicos não representa, apenas por isso, prática de proselitismo religioso indevido. Nem poderia representar favoritismo estatal em favor da religião católica e em detrimento das outras, todas podendo ser cultuadas no Brasil.

O que ele configura e demonstra é a importância cultural de que se reveste para o povo brasileiro, como também ocorre, por exemplo, com os feriados nacionais do Natal, em 25 de dezembro, com as festas de São João, tradicionalmente comemoradas em junho ou com o monumento do Cristo Redentor.

O aspecto cultural do uso do crucifixo foi sublinhado pelo Conselho Nacional de Justiça, então presidido pela Ministra Ellen Gracie, ao julgar improcedente pedido de providências sobre a colocação de crucifixos em tribunais:

“A cultura e tradição - fundamentos de nossa evolução social - inseridas numa sociedade oferecem aos cidadãos em geral a exposição permanente de símbolos representativos, com os quais convivemos pacificamente, v.g.: o crucifixo, o escudo, a estátua, etc.. São interesses, ou melhor, comportamentos individuais inseridos, pela cultura, no direito coletivo, mas somente porque a esse conjunto pertence, e porque tais interesses podem ser tratados coletivamente, mas não para serem entendidos como violadores de outros interesses ou direitos individuais, privados e de cunho religioso, que a tradição da sociedade respeita e não contesta, porque não se sente agredida ou violada.

Entendo, com todas as vênias, que manter um crucifixo numa sala de audiências públicas de Tribunal de Justiça não torna o Estado - ou o Poder Judiciário - clerical, nem viola o preceito constitucional



ARE 1249095 / SP

invocado (CF. art. 19, I), porque a exposição de tal símbolo não ofende o interesse público primário (a sociedade), ao contrario, preserva-o, garantindo interesses individuais culturalmente solidificados e amparados na ordem constitucional, como é o caso deste costume, que representa as tradições de nossa sociedade” (voto do Conselheiro Oscar Argollo, redator para o acórdão do Pedido de Providências n. 1.345).

18. A tese de repercussão geral proposta pelo Relator reconhece a constitucionalidade da presença de símbolos religiosos em prédios públicos, *“desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira”*.

Essa tese não dá espaço para proselitismo religioso em órgãos públicos, não sendo o que se está a decidir este Supremo Tribunal.

O atendimento dos agentes públicos municipais, estaduais e federais a essa tese de repercussão geral deverá ser fiscalizado pelos órgãos de controle e fiscalização, que deverão adotar as providências cabíveis se forem identificadas práticas que extrapolem os limites estabelecidos por este Supremo Tribunal.

19. Pelo exposto, **voto no sentido de negar provimento ao recurso extraordinário.**



RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. CRISTIANO ZANIN
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AM. CURIAE.	: ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADV.(A/S)	: ACYR DE GERONE
ADV.(A/S)	: RAISSA PAULA MARTINS
AM. CURIAE.	: CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADV.(A/S)	: HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADV.(A/S)	: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

VOTO

O SENHOR MINISTRO ALEXANDRE DE MORAES:

Trata-se de Recurso Extraordinário com Agravo no qual se discute o Tema 1086 da repercussão geral: *Permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos e laicidade do Estado*.

Na origem, o Ministério Público Federal ajuizou Ação Civil Pública em 31 de julho de 2009, pedindo a condenação da União “à retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens etc) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público nos prédios públicos da União no Estado de São Paulo” (vol. 1, fl. 12).

A sentença julgou improcedente o pedindo, argumentando que a presença de símbolos religiosos em imóveis públicos não fere a laicidade do Estado, pois constituem expressões histórico-culturais de nossa sociedade (vol. 2, parte 4, fls. 70/83).

Interposta Apelação pelo MPF, o Tribunal Regional Federal da 3ª Região negou-lhe provimento, nos termos da seguinte ementa:

“APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVÊNCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. POSSIBILIDADE. RECURSO DESPROVIDO.



ARE 1249095 / SP

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público Federal objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida” (vol. 3, fl. 67)”

O Ministério Público Federal interpôs Recurso Extraordinário, no qual alega que o acórdão do TRF3 violou os arts. 3º, IV, artigo 5º, caput e VI, artigo 19, I e artigo 37, todos da Constituição Federal. Assevera que a exposição de crucifixos em prédios públicos ofende a laicidade estatal, impondo a presença de um símbolo da religião cristã aos que não a seguem (vol. 3, fls. 110/128).

Distribuídos os autos nesta CORTE ao Ilustre Ministro RICARDO LEWANDOWSKI, S. Exa. propôs o reconhecimento da repercussão geral da questão constitucional proposta no RE. O PLENÁRIO acolheu o encaminhamento por meio de acórdão publicado no DJ de 27/10/2020. Confira-se a ementa:

“EMENTA: CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ALEGAÇÃO DE AFRONTA À GARANTIA DO ESTADO LAICO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA AJUIZADA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. RECURSO EXTRAORDINÁRIO. EXISTÊNCIA DE QUESTÃO CONSTITUCIONAL E DE REPERCUSSÃO GERAL JURÍDICA E SOCIAL RECONHECIDAS.

I - A causa extrapola os interesses das partes envolvidas, haja vista que a questão central dos autos (permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos federais e laicidade do Estado) alcança todos os órgãos e entidades da Administração



ARE 1249095 / SP

Pública da União, Estados e Municípios.

II - Relevância da causa do ponto de vista jurídico, uma vez que seu deslinde permitirá definir a exata extensão dos dispositivos constitucionais tidos por violados. Do mesmo modo, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envolvidos no debate.

III – Existência de questão constitucional e de repercussão geral reconhecidas. “

A Procuradoria-Geral da República opinou pelo desprovimento do RE, na forma da seguinte ementa:

“AGRAVO EM RECURSO EXTRAORDINÁRIO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ESTADO LAICO. EXPRESSÃO DA LIBERDADE RELIGIOSA E CULTURAL. IGUALDADE DE TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. PARECER PELO CONHECIMENTO DO AGRAVO PARA NÃO PROVER O RECURSO EXTRAORDINÁRIO. “

Tendo em vista a aposentadoria do Ilustre Ministro RICARDO LEWANDOWSKI, a Relatoria do processo passou ao Eminentíssimo Ministro CRISTIANO ZANIN.

S. Exa. colocou a questão em julgamento na Sessão Virtual de 15 a 26 de novembro de 2024, propondo o desprovimento do RE nos termos da seguinte ementa:

“Ementa: RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO. MÉRITO DE REPERCUSSÃO GERAL. TEMA 1.086. DIREITO CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE CRUCIFIXO EM PRÉDIO PÚBLICO DA UNIÃO. USO DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS. AUSÊNCIA DE VIOLAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA NÃO DISCRIMINAÇÃO (ARTS. 3º, IV; E 5º, CAPUT, DA CF/88), DA LAICIDADE (ART. 19, I, DA CF/88) E DA



ARE 1249095 / SP

IMPESSOALIDADE (ART. 37, CAPUT, DA CF/88). LAICIDADE COLABORATIVA. INEXISTÊNCIA DE IMPOSIÇÃO DE RELIGIÃO ESPECÍFICA. PLURALISMO E LIBERDADE RELIGIOSA ASSEGURADOS. RECONHECIMENTO DO ASPECTO HISTÓRICO-CULTURAL PRESENTE NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA. NEGATIVA DE PRESTAÇÃO JURISDICIONAL (ART. 5º, XXXV, DA CF/88). INEXISTÊNCIA. FALTA DE FUNDAMENTAÇÃO. REPERCUSSÃO GERAL (TEMA 339). RECURSO EXTRAORDINÁRIO CONHECIDO E DESPROVIDO, COM FIXAÇÃO DE TESE.

I A lealdade aos valores e princípios democráticos defendidos pela Constituição da República reclamam a identificação e o compromisso com os ideais de igualdade, liberdade e justiça ali presentes, independentemente de diferenças culturais ou religiosas, de modo que a exposição de símbolos religiosos católicos em órgãos públicos não é incompatível com tais valores, garantida a autodeterminação dos cidadãos.

II A ação do administrador público ou a convicção do julgador não são guiadas por simbologias religiosas, mas, sim, pela aplicação da lei e pela fundamentação jurídica adequada ao caso concreto.

III A formação educacional, moral e cultural da sociedade brasileira teve influência histórica do Cristianismo católico, com traços marcantes no cotidiano social.

IV Quanto à alegada afronta ao art. 5º, XXXV, da Constituição Federal, não há negativa de prestação jurisdicional se a parte valeu-se dos meios recursais cabíveis e teve a jurisdição devidamente prestada por decisões fundamentadas, ainda que contrárias aos seus interesses.

V No julgamento do AI 791.292-QO-RG/PE (Tema 339), relatado pelo Ministro Gilmar Mendes, reconheceu-se a repercussão geral e reafirmou-se a orientação no sentido de que a exigência do art. 93, IX, da Constituição não impõe seja a decisão exaustivamente fundamentada. O que se busca é que o



ARE 1249095 / SP

julgador indique, de forma clara, as razões de seu convencimento.

VI Recurso extraordinário CONHECIDO e DESPROVIDO.

VII Proposta de Tese de Repercussão Geral: A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade. “.

É o relatório.

A questão da liberdade religiosa na Constituição de 1988, bem como da posição do Estado em face das crenças religiosas, foi objeto de recentes julgados do PLENÁRIO do SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL.

Em 27/9/2017, foi concluído o julgamento da ADI 4.439, na qual se analisou a possibilidade de ensino religioso em escolas públicas. Em meu voto, que acabou figurando como o condutor do acórdão, registrei que a relação entre o Estado e as religiões, histórica, jurídica e culturalmente, é um dos mais importantes temas estruturais do Estado. A interpretação da Carta Magna brasileira, que manteve nossa tradição republicana de ampla liberdade religiosa, ao consagrar a inviolabilidade de crença e cultos religiosos, deve ser realizada em sua dupla acepção: (a) proteger o indivíduo e as diversas confissões religiosas de quaisquer intervenções ou mandamentos estatais; (b) assegurar a laicidade do Estado, prevendo total liberdade de atuação estatal em relação aos dogmas e princípios religiosos.

A tensão existente entre Estado Laico e Confessional não se coloca exatamente porque é vedado ao Estado impor, optar ou ser conivente com uma única e determinada crença religiosa no ensino público em detrimento de todas as demais.

Igualmente, a liberdade religiosa está consagrada na medida em que o texto constitucional:



ARE 1249095 / SP

(a) Expressamente garante a *voluntariedade da matrícula para o ensino religioso*;

(b) Implicitamente impede que o Poder Público crie ficta e artificialmente sua própria “*religião*”, com um determinado conteúdo para essa disciplina, com a somatória de diversos preceitos religiosos e exclusão de outros, gerando uma *verdadeira miscelânea religiosa estatal*, que estaria ignorando os diferentes e, não poucas vezes, contraditórios dogmas e postulados das diversas religiões.

Não se pode, portanto, confundir Estado Confessional com um Estado laico que garanta o ensino religioso ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno, independentemente de sua crença.

A abrangência do preceito constitucional é ampla, pois, sendo a religião o complexo de princípios que dirigem os pensamentos, ações e adoração do homem para com Deus, deuses ou entidades, acaba por compreender a crença, o dogma, a moral, a liturgia e o culto, bem como o direito de duvidar, não acreditar ou professar nenhuma fé, consagrando, inclusive o dever do Estado de absoluto respeito aos agnósticos e ateus.

A coerção à pessoa humana, de forma a constrangê-la a renunciar sua fé ou obrigá-la a professar determinada crença, representa o desrespeito à diversidade democrática de ideias, filosofias e à própria diversidade espiritual, pois a proclamação constitucional da liberdade religiosa é a verdadeira consagração de maturidade do reconhecimento à liberdade de pensamento e livre manifestação de expressão, como salientado por THEMISTOCLES BRANDÃO CAVALCANTI (*Princípios gerais de direito público*. 3. ed. Rio de Janeiro: Borsoi, 1966. p. 253), garantindo-se a ideia fundamental de tolerância religiosa e a vedação a qualquer tipo de imposição estatal, seja impondo uma religião oficial em ferimento ao foro íntimo individual (Estado confessional), seja impondo um determinado conteúdo programático multifacetário diverso e não adotado pelas diversas crenças.



ARE 1249095 / SP

Sistematicamente, os constituintes de 1988 não se limitaram simplesmente a proclamar a laicidade do Estado e a liberdade religiosa, consagrando um inter-relacionamento e complementariedade entre ambos. Já no Preâmbulo invocaram a “*proteção de Deus*” e, ao longo de todo o texto da Carta Magna, demonstraram sua preocupação com o tema, estabelecendo amplo leque de vedações, direitos e garantias para assegurar a ampla *liberdade de crença e culto*:

a) determinou-se a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva (art. 5º, inciso VII);

b) foi expressamente proibida a privação de direitos por motivo de crença religiosa, salvo quando esta for invocada como motivo para eximir-se de obrigação legal a todos imposta (art. 5º, inciso VIII);

c) vedou-se ao Estado estabelecer ou subvencionar cultos religiosos ou igrejas, bem como embaraçar seu funcionamento (art. 19, inciso I);

d) possibilitou-se aos alistados no serviço militar que alegarem imperativo de consciência, decorrente de crença religiosa, convicção filosófica ou política, a prestação de serviço alternativo diverso das atividades essencialmente militares (art. 143, § 1º);

e) ficou estabelecida a imunidade tributária aos “templos de qualquer culto” (art. 150, inciso VI, “b”);

f) foram atribuídos efeitos civis ao casamento religioso (art. 226, § 2º).

Nesse sentido, ao analisar o inciso VII do art. 5º da Constituição, o professor JOSÉ AFONSO DA SILVA indica a existência desses *pontos de contato* entre Estado e Religião:

“O Estado Brasileiro é um Estado laico. A norma-parâmetro dessa laicidade é o art. 19, I, que define a separação entre Estado e Igreja. Mas como veremos ao comentá-lo, adota-



ARE 1249095 / SP

se uma separação atenuada, ou seja, uma separação que permite pontos de contato, tais como a previsão de ensino religioso (art. 210, §1º), o casamento religioso com efeitos civis (art. 226, §2º) e a assistência religiosa nas entidades oficiais, consubstanciada neste dispositivo. Enfim, fazem-se algumas concessões à confessionalidade abstrata, porque não referida a uma confissão religiosa concreta, se bem que ao largo da história do país o substrato dessa confessionalidade é a cultura haurida na prática do Catolicismo”. (*Comentário Contextual à Constituição*, Malheiros, 7ª edição, p. 97, grifo nosso).

É importante ressaltar que a separação entre Estado e as igrejas, proclamada no art. 19, inciso I, da vigente Constituição – tal como em todas as Cartas do período republicano –, não prejudica a colaboração do Poder Público com entidades religiosas, como aquele mesmo dispositivo ressalva.

Citem-se, como exemplo, as parcerias do Poder Público nas áreas da saúde com as Santas Casas de Misericórdia (católicas) e com a Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein, que tanto contribuem para a saúde no Brasil.

Houve, portanto, de maneira sistemática, a intenção constitucional de garantir o inter-relacionamento e a complementariedade entre a laicidade do Estado e a liberdade religiosa.

O acórdão, por mim relatado, ficou assim ementado:

“ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS PÚBLICAS. CONTEÚDO CONFSSIONAL E MATRÍCULA FACULTATIVA. RESPEITO AO BINÔMIO LAICIDADE DO ESTADO/LIBERDADE RELIGIOSA. IGUALDADE DE ACESSO E TRATAMENTO A TODAS AS CONFISSÕES RELIGIOSAS. CONFORMIDADE COM ART. 210, §1º, DO TEXTO CONSTITUCIONAL. CONSTITUCIONALIDADE DO ARTIGO 33, CAPUT E §§ 1º E 2º, DA LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL E DO ESTATUTO JURÍDICO DA



ARE 1249095 / SP

IGREJA CATÓLICA NO BRASIL PROMULGADO PELO DECRETO 7.107/2010. AÇÃO DIRETA JULGADA IMPROCEDENTE.

1. A relação entre o Estado e as religiões, histórica, jurídica e culturalmente, é um dos mais importantes temas estruturais do Estado. A interpretação da Carta Magna brasileira, que, mantendo a nossa tradição republicana de ampla liberdade religiosa, consagrou a inviolabilidade de crença e cultos religiosos, deve ser realizada em sua dupla acepção: (a) proteger o indivíduo e as diversas confissões religiosas de quaisquer intervenções ou mandamentos estatais; (b) assegurar a laicidade do Estado, prevendo total liberdade de atuação estatal em relação aos dogmas e princípios religiosos.

2. A interdependência e complementariedade das noções de Estado Laico e Liberdade de Crença e de Culto são premissas básicas para a interpretação do ensino religioso de matrícula facultativa previsto na Constituição Federal, pois a matéria alcança a própria liberdade de expressão de pensamento sob a luz da tolerância e diversidade de opiniões.

3. A liberdade de expressão constitui um dos fundamentos essenciais de uma sociedade democrática e compreende não somente as informações consideradas como inofensivas, indiferentes ou favoráveis, mas também as que possam causar transtornos, resistência, inquietar pessoas, pois a Democracia somente existe baseada na consagração do pluralismo de ideias e pensamentos políticos, filosóficos, religiosos e da tolerância de opiniões e do espírito aberto ao diálogo.

4. A singularidade da previsão constitucional de ensino religioso, de matrícula facultativa, observado o binômio Laicidade do Estado (CF, art. 19, I)/Consagração da Liberdade religiosa (CF, art. 5º, VI), implica regulamentação integral do cumprimento do preceito constitucional previsto no artigo 210, §1º, autorizando à rede pública o oferecimento, em igualdade de condições (CF, art. 5º, caput), de ensino confessional das diversas crenças.

5. A Constituição Federal garante aos alunos, que expressa



ARE 1249095 / SP

e voluntariamente se matriculem, o pleno exercício de seu direito subjetivo ao ensino religioso como disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, ministrada de acordo com os princípios de sua confissão religiosa e baseada nos dogmas da fé, inconfundível com outros ramos do conhecimento científico, como história, filosofia ou ciência das religiões.

6. O binômio Laicidade do Estado/Consagração da Liberdade religiosa está presente na medida em que o texto constitucional (a) expressamente garante a voluntariedade da matrícula para o ensino religioso, consagrando, inclusive o dever do Estado de absoluto respeito aos agnósticos e ateus; (b) implicitamente impede que o Poder Público crie de modo artificial seu próprio ensino religioso, com um determinado conteúdo estatal para a disciplina; bem como proíbe o favorecimento ou hierarquização de interpretações bíblicas e religiosas de um ou mais grupos em detrimento dos demais.

7. Ação direta julgada improcedente, declarando-se a constitucionalidade dos artigos 33, caput e §§ 1º e 2º, da Lei 9.394/1996, e do art. 11, § 1º, do Acordo entre o Governo da República Federativa do Brasil e a Santa Sé, relativo ao Estatuto Jurídico da Igreja Católica no Brasil, e afirmando-se a constitucionalidade do ensino religioso confessional como disciplina facultativa dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

(ADI 4439, Relator(a): ROBERTO BARROSO, Relator(a) p/ Acórdão: ALEXANDRE DE MORAES, Tribunal Pleno, DJe 21-06-2018)“

Posteriormente, no julgamento do RE 494.601, concluído em 28/3/2019, esta CORTE examinou a questão do sacrifício de animais em cultos e rituais de religiões de matriz africana, sustentei que o respeito à fé alheia ou a ausência de qualquer crença religiosa é primordial para a garantia de segurança de nossa própria fé, pois a verdadeira liberdade religiosa consagra a pluralidade, como bem lembrado por THOMAS MORE em sua grande obra, ao narrar que as religiões, na Utopia, variam



ARE 1249095 / SP

não unicamente de uma província para outra, mas ainda dentro dos muros de cada cidade, estes adoram o Sol, aqueles divinizam a Lua ou outro qualquer planeta. Alguns veneram como Deus supremo um homem cuja glória e virtudes brilharam outrora de um vivo fulgor.

O respeito a esse direito fundamental consagrado como garantia formalmente prevista pelas diversas constituições democráticas, lamentavelmente, ainda, não se transformou em uma realidade universal, mas se mantém no campo da utopia como um mandamento fundamental, conforme também lembrado por THOMAS MORE: os utopianos incluem no número de suas mais antigas instituições a que proíbe prejudicar uma pessoa por sua religião.

Assim, a Constituição Federal, ao consagrar a inviolabilidade de crença religiosa, está também assegurando plena proteção à liberdade de culto e às suas liturgias (FRANCESCO FINOCCHIARO, *Il fenomeno religioso. I rapporti trà Stato e Chiesa cattolica. I culti non cattolici. Manuale di diritto pubblico*. Bolonha: Il Molino, 1994. p. 943-964).

Insisto, um Estado *não consagra verdadeiramente a liberdade religiosa sem absoluto respeito aos seus dogmas, suas crenças, liturgias e cultos*. O direito fundamental à liberdade religiosa não exige do Estado concordância ou parceria com uma ou várias religiões; *exige, tão somente, respeito*; impossibilitando-o de *mutilar dogmas religiosos de várias crenças*.

O Estado deve respeitar todas as confissões religiosas, bem como a ausência delas, e seus seguidores, mas jamais sua legislação, suas condutas e políticas públicas devem ser pautadas por quaisquer dogmas ou crenças religiosas ou por concessões benéficas e privilegiadas a determinada religião.

O Poder Público tem a obrigação constitucional de garantir a plena liberdade religiosa, mas, em face de sua laicidade, não pode ser subserviente, ou mesmo conivente com qualquer dogma ou princípio religioso que possa colocar em risco sua própria laicidade ou a efetividade dos demais direitos fundamentais, entre eles, o princípio isonômico no tratamento de todas as crenças e de seus adeptos, bem como dos agnósticos e ateus.



ARE 1249095 / SP

E é por essa ótica de liberdade e tolerância que devem ser tratados os cultos não apenas das religiões africanas, mas de todas as religiões; pelo *binômio Laicidade do Estado/Consagração da Liberdade Religiosa* e pelo respeito ao *princípio da igualdade entre todas as crenças religiosas*.

Sabemos que, mesmo a liberdade religiosa, assim como todas as demais liberdades, direitos e garantia, não tem caráter absoluto; havendo sempre a necessidade de uma ponderação, de uma análise razoável.

O precedente foi Relatado pelo Ilustre Ministro EDSON FACHIN, tendo o PLENÁRIO aprovado a seguinte tese de julgamento: "É constitucional a lei de proteção animal que, a fim de resguardar a liberdade religiosa, permite o sacrifício ritual de animais em cultos de religiões de matriz africana".

Mais adiante, o PLENO desta CORTE examinou o Tema 1021 da repercussão geral, no qual se discutiu o dever do administrador público de disponibilizar obrigação alternativa para servidor em estágio probatório cumprir deveres funcionais a que está impossibilitado em virtude de sua crença religiosa.

No julgamento do ARE 1099099, concluído em 26/11/2020, assinaei que o tema tratado envolve obrigatoriamente a análise, de um lado, da liberdade religiosa, de crença e de culto e, de outro lado, a questão da laicidade do Estado. Essa relação milenar entre Estado e religiões - relação histórica, jurídica e cultural - é uma das mais importantes nos temas da formação, estruturação e desenvolvimento dos Estados. Nós mesmos aqui já tivemos chance e inúmeras oportunidades de discutir a questão da liberdade de crença, da liberdade de culto em virtude de posições estatais e de outros direitos fundamentais, a questão do ensino religioso, a questão de sacrifício de animais para cultos de raiz africana - ou seja, a questão estrutural de Estado, de um lado, e Igreja e religiões, do outro, mas, ao mesmo tempo, a convivência harmônica entre Estado secular e religiões. Não tenho nenhuma dúvida - e os votos que me antecederam bem demonstraram isso - de que é, sem dúvida, um dos mais importantes temas estruturais do Estado.

A Constituição Republicana de 1891 foi a primeira constituição laica



ARE 1249095 / SP

no Brasil, uma vez que a Constituição de 1824 era uma constituição confessional, que optou pela religião Católica Apostólica Romana como religião oficial do Brasil - e a partir disso se deu uma série de privilégios à religião Católica Apostólica Romana. Na interpretação evolutiva, o Brasil se manteve na tradição de estado laico e de ampla liberdade religiosa.

Ao consagrar a inviolabilidade, como disse, de crença e de cultos religiosos, o importante - em ambos os casos me parece absolutamente essencial - é que essa ampla liberdade religiosa deve ser realizada e efetivada em sua dupla acepção.

De um lado, a proteção ao indivíduo e às diversas confissões religiosas em relação a quaisquer intervenções ou mandamentos estatais. O Estado é separado da igreja, mas o Estado não pode constranger as confissões religiosas.

Há também uma outra acepção. Se a primeira grande finalidade da liberdade religiosa é a proteção ao indivíduo e às confissões religiosas, também há - e é a segunda acepção - a proteção à laicidade do Estado: total liberdade de atuação estatal em relação aos dogmas e princípios religiosos. Ao mesmo tempo em que o Estado não pode constranger os indivíduos que professam determinadas convicções religiosas - ou aqueles que não professam, porque a liberdade religiosa garante ampla liberdade também aos agnósticos e aos ateus -, por outro lado, a liberdade religiosa, dentro da ideia de laicidade do Estado, assegura também ao Estado liberdade de atuação. O Estado não está vinculado; não pode constranger, mas não pode ser constrangido em relação aos dogmas e princípios religiosos.

Em outras palavras, há a necessidade de definição sobre quais são os limites constitucionais, tanto da possibilidade de eventual ingerência estatal na liberdade de crença e culto religiosos - que não estão sendo tratado nestes casos, mas lembro casos historicamente no direito comparado, a questão da poligamia, por exemplo, de determinadas religiões, nos quais se entendeu pela possibilidade de ingerência estatal na liberdade de crenças e cultos religiosos - quanto da possibilidade de ingerência ou não de dogmas religiosos nas condutas do Poder Público.



ARE 1249095 / SP

A necessidade dessa dupla análise se dá porque, sistematicamente, os constituintes de 1988 não se limitaram simplesmente a proclamar a laicidade do Estado, de um lado, e a liberdade religiosa, do outro. Os constituintes de 1988 consagraram a absoluta necessidade de inter-relacionamento e complementariedade entre liberdade religiosa e laicidade estatal. Esse binômio liberdade religiosa/laicidade estatal foi consagrado pelo legislador constituinte de 1988 no preâmbulo da Constituição, quando o constituinte invoca a proteção de Deus, e ao longo de todo o texto da nossa Carta Magna, sempre demonstrando preocupação em estabelecer um amplo leque de vedações, direitos e garantias, para assegurar, mesmo dentro da laicidade estatal, a ampla liberdade de crença e de culto.

Afirmo que - e entendo que não erraria em afirmar - a abrangência do preceito constitucional que assegura a liberdade de crença e a liberdade de culto: é ampla, é ampla! É tão ampla que, como já decidido pelo Tribunal Constitucional federal alemão, fazem parte do exercício dessa liberdade de crença e de culto não somente os procedimentos litúrgicos e a prática de observância dos usos religiosos - como culto religioso, coleta de contribuições, orações, recebimento de sacramentos, procissão -, mas também a educação religiosa, festas laicas, religiosas e ateias, e outras tantas manifestações da vida religiosa - entre elas, guardar um dia, em relação ao trabalho e ao estudo, para se dedicar à religião e a Deus. A ideia é exatamente a amplitude consagrada pela Constituição Federal de liberdade de crença e de culto dentro da ideia de que religião, qualquer que seja, é um complexo de princípios que dirigem pensamentos, ações e adoração do homem para com Deus, deuses ou entidades. Acaba por compreender crença, dogma, moral, liturgia, culto, bem como - e aqui a liberdade religiosa também garante a laicidade do Estado - o direito de duvidar, de não acreditar, de não professar nenhuma fé, consagrando, inclusive, o dever do Estado de absoluto respeito aos agnósticos e ateus.

A coerção à pessoa humana de forma a constrangê-la a renunciar, total ou parcialmente, a sua fé, ou ainda a obrigá-la a professar



ARE 1249095 / SP

determinada crença representa desrespeito à diversidade democrática de ideias, filosofias, e vou mais além, um desrespeito à própria diversidade espiritual. O que a Constituição proclama, ao consagrar a liberdade religiosa, é a verdadeira consagração da maturidade e do reconhecimento à liberdade de pensamento e livre manifestação de expressão em todos, absolutamente todos, os aspectos. Garante a ideia fundamental de tolerância religiosa e a vedação a qualquer tipo de imposição estatal, seja impondo uma religião oficial, em ferimento ao foro íntimo, seja proibindo uma religião, seja restringindo direitos sob o pretexto de assegurar tratamento isonômico a todo e qualquer cidadão independentemente de sua crença.

Parece-me extremamente importante observar o perigo de se permitir, de forma ampla, a ideia de restrição do exercício de direitos dentro de sua religião, sob o pretexto genérico de que qualquer possibilidade, qualquer abertura por parte do Poder Público dessa viabilidade do exercício dos cultos religiosos, seria um ferimento a um tratamento isonômico em relação aos demais cidadãos que professem outra fé ou nenhuma delas.

A plena liberdade religiosa deve garantir o respeito à diversidade de dogmas e de crenças, sem hierarquização de interpretações bíblicas ou religiosas de um ou mais grupos em detrimento dos demais. Lamentavelmente, há milênios o desrespeito à liberdade religiosa vem acarretando inúmeros sofrimentos, basta lembrar as Cruzadas e as guerras santas até os atuais atos de terrorismo. Tudo em nome de uma falsa fé, tudo em nome de Deus: a prática dos mais absurdos crimes, dos mais absurdos genocídios. Em nome de Deus, mas sempre se esqueceu que a ideia principal da plena liberdade religiosa é a tolerância.

A nossa Constituição de 1824, como já disse anteriormente, previa, como religião oficial, a religião Católica Apostólica Romana e estabelecia ampla liberdade de crença, mas não garantia a liberdade de culto. O art. 179 expressamente estabelecia que qualquer outro culto que não o Católico Apostólico Romano, qualquer exteriorização de outra crença, deveria ser feito dentro de casa e a portas fechadas. Respeitava-se, em



ARE 1249095 / SP

tese, a crença religiosa, mas se proibia, em público, o exercício dos dogmas, das crenças, das liturgias e dos cultos religiosos. Não se pode falar que era efetivamente uma Constituição que consagrava a liberdade religiosa.

O Estado deve respeitar todas as confissões religiosas e, como disse, a ausência delas - agnósticos, ateus. A segunda aceção, a partir desse respeito, também deve ser observada. A legislação estatal, as condutas e políticas públicas não devem e não podem ser pautadas direta e exclusivamente por quaisquer dogmas ou crenças religiosas ou por concessões irrazoáveis, benéficas e privilegiadas a determinadas religiões. Essa é a ponderação que se deve fazer. Ao mesmo tempo em que o Poder Público tem a obrigação constitucional de garantir a plena liberdade religiosa, em face da sua laicidade, não pode ser subserviente, ou mesmo, conivente com qualquer dogma ou princípio religioso que possa colocar em risco sua própria laicidade ou a efetividade de outros direitos fundamentais, dentre eles - e foi salientado nos votos que me antecederam -, o princípio isonômico, o tratamento de todas as crenças, todos os adeptos, bem como dos agnósticos e ateus.

É exatamente por essa ótica de liberdade e tolerância, respeito e laicidade, razoabilidade, igualdade e impessoalidade que devem ser tratadas todas as religiões, especificamente os dois casos aqui tratados.

Até a Constituição de 1988, a escusa de consciência como garantia instrumental ao direito à liberdade religiosa era um clássico exemplo de que o exercício de um direito acarretava uma sanção. Até 1988, aqueles que exerciam, por crença religiosa ou convicção política ou filosófica, sua crença religiosa e exerciam a escusa de consciência acabavam perdendo os direitos políticos. Exemplo clássico: serviço militar obrigatório. Em determinadas religiões, os adeptos dessas religiões não podem servir às Forças Armadas. Até 1988, arguiam a escusa de consciência e eram dispensados, só que perdiam os direitos políticos.

A Constituição de 1988 trouxe um plus. A Constituição diz: "por motivo de crença religiosa, ninguém perde ou poderá ser privado de direitos, salvo se a invocar para eximir-se de obrigação legal a todos



ARE 1249095 / SP

imposta". Exatamente a escusa de consciência, só que, além disso, recusar-se a cumprir uma prestação alternativa, nos mesmos termos do art. 15, IV, da Constituição, em relação aos direitos políticos. Não se perde mais direitos políticos pela utilização da escusa de consciência, salvo se também houver a recusa à prestação alternativa.

Nesse precedente, novamente relatado pelo Eminentíssimo Ministro EDSON FACHIN, fixou-se como tese de julgamento que, “nos termos do artigo 5º, VIII, da Constituição Federal é possível à Administração Pública, inclusive durante o estágio probatório, estabelecer critérios alternativos para o regular exercício dos deveres funcionais inerentes aos cargos públicos, em face de servidores que invocam escusa de consciência por motivos de crença religiosa, desde que presentes a razoabilidade da alteração, não se caracterize o desvirtuamento do exercício de suas funções e não acarrete ônus desproporcional à Administração Pública, que deverá decidir de maneira fundamentada”.

Estabelecidas essas premissas, cumpre analisar o presente tema de repercussão geral. Na petição inicial, o Ministério Público Federal defende que a presença de crucifixos em ambientes de prédios pertencentes à União representa predileção do Estado por uma religião e consequente discriminação das demais crenças.

Entretanto, conforme registra o Ilustre Relator em seu voto, a presença de tal símbolo remete à História do Brasil, fortemente marcada pela atuação da Igreja Católica, não significando uma imposição de tal crença aos cidadãos brasileiros.

Creio serem irrefutáveis as seguintes conclusões do Eminentíssimo Ministro CRISTIANO ZANIN:

“No início de meu voto, demonstrei como o Cristianismo — até então liderado pela Igreja Católica — esteve presente na formação da sociedade brasileira, registrando a presença jesuítica desde o episódio do descobrimento e, a partir daí, atuando na formação educacional e moral do povo que surgia (...).

Não fossem apenas os crucifixos, não há como



ARE 1249095 / SP

desconsiderar as dezenas de dias consagrados — diversos deles com decretação de feriado —, a nomenclatura de ruas, praças, avenidas e outros logradouros públicos, escolas públicas, estados brasileiros, que revelam a força de uma tradição que, antes de segregar, compõe a rica história brasileira.

Posto isso, entendo que a presença de símbolos religiosos nos espaços públicos, ao contrário do que sustenta o recorrente, não deslegitima a ação do administrador ou a convicção imparcial do julgador — mesmo porque a fundamentação jurídica não se assenta em elementos divinos, ou seja, não impõe “[...] concepções filosóficas aos cidadãos”; não constrange o crente a renunciar à sua fé; não retira a sua faculdade de autodeterminação e percepção mítico-simbólica; nem fere a sua liberdade de ter, não ter ou deixar de ter uma religião.”

Tal compreensão é a mesma que legitima a instituição de feriados religiosos. Conforme sustentei em sede doutrinária (*Direito Constitucional*. 40ª ed. São Paulo: Atlas, 2024, Capítulo 3, item 10.4), “em relação à cultura, a lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas, inclusive feriados religiosos, de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais (CF, art. 215, § 2º)”.

Cabe, ainda, registrar a alentada manifestação trazida aos autos pela ADF INTERNATIONAL AUSTRIA GEMEINNÜTZIGE (vol. 45), na qual demonstra o real sentido das manifestações de Cortes internacionais sobre a matéria, exatamente na linha proposta pelo Eminent Relator, de que os símbolos em espaços públicos são admitidos, desde que não exorbitem da manifestação da história, da cultura e da tradição do país.

A propósito, cumpre enfatizar o acerto da tese de julgamento, na parte em que associa a exposição de tais símbolos ao “objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira”. Tal critério constitui importante elemento delimitador, em face de iniciativas que eventualmente resvalam para o proselitismo ou o embaraço a outras crenças religiosas.

Por todo o exposto, acompanho o Eminent Relator, tanto na



ARE 1249095 / SP

conclusão pelo desprovimento do Recurso, como na tese de julgamento lançada.



27/11/2024

PLENÁRIO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. CRISTIANO ZANIN
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AM. CURIAE.	: ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADV.(A/S)	: ACYR DE GERONE
ADV.(A/S)	: RAISSA PAULA MARTINS
AM. CURIAE.	: CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADV.(A/S)	: HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADV.(A/S)	: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

VOTO-VOGAL

O SENHOR MINISTRO NUNES MARQUES: Acompanho o eminente Relator a fim de negar provimento ao recurso extraordinário interposto pelo Ministério Público Federal.

Como bem pontuaram o eminente Ministro Relator e os demais Ministros que o acompanharam, tenho que a presença de símbolos religiosos em prédios públicos é harmônica à Constituição Federal. Com efeito, o próprio preâmbulo de nossa Carta Magna de 1988 traz o seguinte:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na



ARE 1249095 / SP

ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, **promulgamos, sob a proteção de Deus**, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

Em verdade, a Constituição de 1824 já fazia explícita menção nesse sentido:

DOM PEDRO PRIMEIRO, POR GRAÇA DE DEOS, e
Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional, e
Defensor Perpetuo do Brazil: [...]

Essa tradição também foi trazida desde as Constituições de 1934, 1946 e 1967 até a mencionada Constituição de 1988.

Aliás, anoto que, durante séculos, a evolução de muitos dos direitos e garantias fundamentais hoje existentes foi desenvolvida e protegida sob o ângulo do Direito Natural, sendo utilizada, aliás, contra eventuais arbitrariedades de monarcas. Nesse contexto, é clara a preocupação dos pais fundadores (*founding fathers*) ao ser redigida a Declaração de Independência dos Estados Unidos da América:

Consideramos estas verdades como auto evidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados por seu Criador com certos Direitos inalienáveis, que, entre estes, estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade. (tradução livre, disponível em: <<https://www.archives.gov/founding-docs/declaration-transcript>>, Acesso em 22.11.2024).¹

Assim, em que pese respeitável entendimento em sentido diverso, a relevância do cristianismo para a evolução dos direitos e garantias fundamentais foi e é profunda. A demonstrar tal raciocínio, como exposto

1 No original: “We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights, that among these are Life, Liberty and the pursuit of Happiness”.



ARE 1249095 / SP

no voto do eminente ministro André Mendonça, diversas e renomadas universidades ao redor do mundo foram fundadas sob o signo do cristianismo (Oxford, Paris, Salamanca, Bolonha, Coimbra, entre outras).

Ainda, a História guarda diversos exemplos de que a laicidade do Estado buscou, sobretudo, evitar perseguições de toda sorte a qualquer religião que não a adotada oficialmente por determinado governo existente no país. Entre os diversos exemplos, menciono a perseguição do Rei Henrique VIII aos católicos, na Inglaterra, durante o Século XVI.

Feitas essas ponderações, desde o descobrimento do Brasil, com a celebração da Primeira Missa em 1500, na Bahia, é notória a influência e importância do cristianismo para o povo brasileiro. Desse modo, é plenamente harmônica à Constituição Federal de 1988 a manutenção de símbolos religiosos em prédios públicos, o que, a meu ver, não ofende a laicidade do Estado brasileiro nem quaisquer outros princípios, como a liberdade religiosa; antes, reflete e guarda a tradição cultural da sociedade brasileira.

Por essa razão, acompanho o eminente Relator no voto proferido, negando provimento ao recurso extraordinário, bem como na proposta de tese apresentada por Sua Excelência:

A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade.

É como voto.



27/11/2024

PLENÁRIO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095 SÃO PAULO

RELATOR	: MIN. CRISTIANO ZANIN
RECTE.(S)	: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROC.(A/S)(ES)	: PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECDO.(A/S)	: UNIÃO
PROC.(A/S)(ES)	: ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AM. CURIAE.	: ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADV.(A/S)	: ACYR DE GERONE
ADV.(A/S)	: RAISSA PAULA MARTINS
AM. CURIAE.	: CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADV.(A/S)	: HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADV.(A/S)	: LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

VOTO VOGAL:

O SENHOR MINISTRO LUÍS ROBERTO BARROSO:

Acompanho o relator, para negar provimento ao recurso, sem prejuízo de eventual reanálise da matéria no futuro, diante de alterações no contexto fático e jurídico.



PLENÁRIO

EXTRATO DE ATA

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1.249.095

PROCED. : SÃO PAULO

RELATOR : MIN. CRISTIANO ZANIN

RECTE.(S) : MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

PROC.(A/S) (ES) : PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA

RECDO.(A/S) : UNIÃO

PROC.(A/S) (ES) : ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO

AM. CURIAE. : ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE

ADV.(A/S) : ACYR DE GERONE (24278/PR)

ADV.(A/S) : RAISSA PAULA MARTINS (15481/RN)

AM. CURIAE. : CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL

ADV.(A/S) : HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA (A2281/AM, 79249/BA, 16319/DF, 69980A/GO, 63439/PE, 121807/PR, 260116/RJ, 134243A/RS, 504893/SP)

ADV.(A/S) : LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA (35229/DF)

Decisão: O Tribunal, por unanimidade, apreciando o tema 1.086 da repercussão geral, negou provimento ao recurso extraordinário e fixou a seguinte tese: "A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade", nos termos do voto do Relator. O Ministro Edson Fachin acompanhou o Relator com ressalvas. Falaram: pela recorrida, o Dr. Caio Manoel Clementino de Alcântara, Advogado da União; e, pelo *amicus curiae* Associação Nacional de Juristas Evangélicos - ANAJURE, o Dr. Guilherme Joshua Fantini Blake. Plenário, Sessão Virtual de 15.11.2024 a 26.11.2024.

Composição: Ministros Luís Roberto Barroso (Presidente), Gilmar Mendes, Cármen Lúcia, Dias Toffoli, Luiz Fux, Edson Fachin, Alexandre de Moraes, Nunes Marques, André Mendonça, Cristiano Zanin e Flávio Dino.

Carmen Lilian Oliveira de Souza
Assessora-Chefe do Plenário





Supremo Tribunal Federal

Nº 17526/2025 - ARE 1249095

COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA

De ordem, a Secretaria Judiciária do Supremo Tribunal Federal **INTIMA** a parte abaixo identificada, ou quem as suas vezes fizer, do inteiro teor do(a) despacho/decisão presente nos autos (art. 270 do Código de Processo Civil e art 5º da Lei 11.419/2006).

Qualificação do(a) intimado(a):

Nome: **PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA**

Brasília, 28 de fevereiro de 2025.

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)

Termo de Ciência

A intimação foi recebida eletronicamente por
PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA,
05489410000161, em **28/02/2025.**

(Certidão gerada automaticamente pelo sistema)

Informação(ões) complementar(es):

Peça(s):

- Inteiro teor do acórdão - peça nº 82

Andamento(s):



- Vista à PGR para fins de intimação - 27/02/2025





Supremo Tribunal Federal

Nº 17010/2025 - ARE 1249095

COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA

De ordem, a Secretaria Judiciária do Supremo Tribunal Federal **INTIMA** a parte abaixo identificada, ou quem as suas vezes fizer, do inteiro teor do(a) despacho/decisão presente nos autos (art. 270 do Código de Processo Civil e art 5º da Lei 11.419/2006).

Qualificação do(a) intimado(a):

Nome: **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**

Brasília, 10 de março de 2025.

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)

Termo de Ciência

A intimação foi recebida eletronicamente por
ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO,
26994558000123, em **10/03/2025.**

(Certidão gerada automaticamente pelo sistema)

Informação(ões) complementar(es):

Andamento(s):

- Intimação eletrônica disponibilizada (Intimação de Despacho, Decisão ou Acórdão - ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO) - 27/02/2025





Supremo Tribunal Federal

Nº 17025/2025 - ARE 1249095

COMUNICAÇÃO ELETRÔNICA

De ordem, a Secretaria Judiciária do Supremo Tribunal Federal **INTIMA** a parte abaixo identificada, ou quem as suas vezes fizer, do inteiro teor do(a) despacho/decisão presente nos autos (art. 270 do Código de Processo Civil e art 5º da Lei 11.419/2006).

Qualificação do(a) intimado(a):

Nome: **ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO**

Brasília, 10 de março de 2025.

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)

Termo de Ciência

A intimação foi recebida eletronicamente por
ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO,
26994558000123, em **10/03/2025.**

(Certidão gerada automaticamente pelo sistema)

Informação(ões) complementar(es):

Andamento(s):

- Intimação eletrônica disponibilizada (Intimação de Despacho, Decisão ou Acórdão - ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO) - 27/02/2025





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA-GERAL DA REPÚBLICA

AJC/PGR Nº 275145/2025

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO Nº 1.249.095/SP

NOTA DE CIÊNCIA

O Procurador-Geral da República manifesta ciência do acórdão proferido nos autos^[1].

Paulo Gonet Branco
Procurador-Geral da República

Notas

1. [^] Esta ciência não configura renúncia tácita ao prazo recursal (art. 1.000, parágrafo único, do CPC).





Poder Judiciário
Supremo Tribunal Federal

Recibo de Petição Eletrônica

Protocolo da Manifestação Processual	0017604702009403610020250228192650
Número Único do Processo	0017604-70.2009.4.03.6100
Processo	ARE 1249095
Petição Número	25567/2025
Órgão Remetente	PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA (Login: 05489410000161)
Data/Hora do Envio	28/02/2025, às 19:22:12
Peças Recebidas	1 - Manifestação da PGR



CERTIDÃO DE TRÂNSITO

RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO 1249095

RECORRENTE(S):	MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADOR(ES):	PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA
RECORRIDO(A/S):	UNIÃO
PROCURADOR(ES):	ADVOGADO-GERAL DA UNIÃO
AMICUS CURIAE:	ASSOCIACAO NACIONAL DE JURISTAS EVANGELICOS - ANAJURE
ADVOGADO(A/S):	ACYR DE GERONE
ADVOGADO(A/S):	RAISSA PAULA MARTINS
AMICUS CURIAE:	CONFERENCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL
ADVOGADO(A/S):	HUGO JOSE SARUBBI CYSNEIROS DE OLIVEIRA
ADVOGADO(A/S):	LUCAS FURTADO DE VASCONCELOS MAIA

Certifico que o(a) acórdão/decisão transitou em julgado em 20/03/2025.

Brasília, 20 de março de 2025.

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)





Supremo Tribunal Federal
Secretaria Judiciária

ARE 1249095

TERMO DE BAIXA DEFINITIVA

Faço a baixa deste processo e a transmissão eletrônica das peças processuais ao (à) TRIBUNAL REGIONAL FEDERAL DA 3ª REGIÃO.

Brasília, 20 de março de 2025

Secretaria Judiciária
(documento eletrônico)





Poder Judiciário
JUSTIÇA FEDERAL DE PRIMEIRO GRAU

AÇÃO CIVIL PÚBLICA CÍVEL (65) Nº 0017604-70.2009.4.03.6100 / 24ª Vara Cível Federal de São Paulo
AUTOR: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL - PR/SP
REU: UNIÃO FEDERAL
ASSISTENTE: ASSOCIACAO BRASILEIRA DE LIBERDADE RELIGIOSA E CIDADANIA
ADVOGADO do(a) ASSISTENTE: THIAGO BALAT BARBOSA - SP253140

CERTIDÃO DE INSPEÇÃO

Vistos em inspeção

SÃO PAULO, 30 de maio de 2025.





PODER JUDICIÁRIO
24ª Vara Cível Federal de São Paulo

Avenida Paulista, 1682, Bela Vista, São Paulo - SP - CEP: 01310-200
<https://www.trf3.jus.br/balcao-virtual>

AÇÃO CIVIL PÚBLICA CÍVEL (65) Nº 0017604-70.2009.4.03.6100
AUTOR: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL - PR/SP
REU: UNIÃO FEDERAL

DESPACHO

Ciência às partes do retorno dos autos da Superior Instância.

Nada sendo requerido, tornem os autos ao arquivo.

Int.

São Paulo, data gerada pelo sistema

ROSANA FERRI
Juíza Federal





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO

Rua Frei Caneca, nº 1360, Consolação- São Paulo/SP, CEP 01307-002, Fone 11-3260-5060
prsp-assessoria@prdc@mpf.mp.br

EXCELENTÍSSIMO(A)(E) SENHOR(A)(E) DOUTOR(A)(E) JUIZ(A)(E) FEDERAL
DA 24ª VARA CÍVEL DA 1ª SUBSEÇÃO JUDICIÁRIA DE SÃO PAULO

Autos nº 0017604-70.2009.4.03.6100

Autor: MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL

RÉU: UNIÃO FEDERAL

O **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**, apresentado pela Procuradora da República signatária, em atenção ao último despacho (ID 413910927), manifesta ciência do retorno dos autos da Superior Instância.

Rememorando a petição inicial, a presente ação civil pública foi ajuizada em 31 de julho de 2009, em face da **UNIÃO** visando "*a promoção da liberdade religiosa de todos os cidadãos que ingressam diariamente nas repartições públicas federais no Estado de São Paulo, por meio da obtenção de decisão judicial que obrigue a UNIÃO a retirar dos locais de ampla visibilidade, e de atendimento ao público, os símbolos de qualquer religião, tudo sob o amparo do princípio da laicidade estatal, da liberdade de crença e da isonomia*" (ID 256305323 , p. 5).

A ação se originou no procedimento administrativo nº 1.00.000.001411/2007-41, em que o representante relatou a exibição de um símbolo religioso afixado em local proeminente e de ampla visibilidade dentro do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo. A presença de símbolos religiosos em repartições públicas, nesse sentido, evidenciaria que o Estado privilegia certos credos e crenças, em detrimento de outras.

Diante do desrespeito ao princípio da laicidade do Estado, da liberdade de





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO

Rua Frei Caneca, nº 1360, Consolação- São Paulo/SP, CEP 01307-002, Fone 11-3260-5060
prsp-assessoria@prdc@mpf.mp.br

crença, da isonomia, da impessoalidade da Administração Pública e do princípio processual da imparcialidade do poder público, requereu-se o deferimento da tutela antecipada, *inaudita altera parte*, para determinar que a União promovesse, no prazo máximo de 120 dias, a retirada de todos os símbolos religiosos dos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento ao público que são ostentados em prédios públicos no Estado de São Paulo. Em caso de não cumprimento da medida liminar, requereu a fixação de multa diária no valor de R\$ 1,00 (1 real).

A título definitivo, requereu a citação da ré, para que fosse intimada da inicial e da concessão da tutela antecipada, e para, querendo, oferecer resposta, sob pena de revelia; que fosse fixada multa para o caso de descumprimento da sentença, no valor de R\$ 1,00 (1 real); que fosse deferida a produção de provas por quaisquer meios juridicamente admitidos (ID 256305323, págs. 4-12).

Intimada, a **UNIÃO** se manifestou no feito, alegando o descabimento da antecipação da tutela contra a Fazenda Pública, com fulcro no art. 1º da Lei nº 8.494/79. Argumento, ainda, o esvaziamento do objeto da ação, a ausência dos requisitos necessários para a concessão da medida liminar e a possibilidade de permanência dos crucifixos ou outros símbolos religiosos. Ao final, pleiteou o indeferimento da medida liminar e a improcedência da ação (ID 256305323, págs. 99-136).

A medida liminar restou indeferida (ID 256305323, págs. 138-148).

A Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania (ABLIRC), pugnou pelo seu ingresso na qualidade de assistente litisconsorcial (ID 256305323, págs. 158-159), do qual foi deferido (ID 256305324, pág. 19).

Em sua Contestação, a **UNIÃO** defendeu ser legítima a ostentação de símbolos religiosos em repartições públicas. Pontou que, em 2007, o Conselho Nacional de Justiça já havia se manifestado em demanda similar, tendo proferido o entendimento de que esses

MPF
Ministério Público Federal



MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO

Rua Frei Caneca, nº 1360, Consolação- São Paulo/SP, CEP 01307-002, Fone 11-3260-5060
prsp-assessoria@prdc@mpf.mp.br

objetos são símbolos da cultura brasileira e refletem a cultura popular do povo. De modo que, os símbolos suscitados não interfeririam na imparcialidade e universalidade do Poder Judiciário, bem como não fariam prova da religião do Estado, tendo, com isso, rechaçado o pedido semelhante. Citou, ainda, que o art. 19, inciso I, da Constituição Federal não veda a exposição de símbolos religiosos em órgãos públicos ou que a sua exposição torna o Estado clerical. Assim, requereu a improcedência do pedido (ID 256305323, págs. 204-235).

O **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL** apresentou memoriais finais (ID 256305327, págs. 93-97), assim como a **UNIÃO FEDERAL** (ID 256305328, págs. 7-36) e a Associação Brasileira de Liberdade Religiosa e Cidadania (ABLIRC) (ID 256305328, págs. 38-64).

Na sentença, publicada em 19 de novembro de 2012, o pedido formulado pelo *Parquet* Federal foi julgado improcedente (ID 256305328, págs. 70-83).

Irresignado, o MPF interpôs recurso de Apelação, requerendo a reforma integral da sentença (ID 256305328, págs. 86-102). A **UNIÃO**, por sua vez, apresentou Contrarrazões ao recurso de Apelação, pugnando pela manutenção da sentença em sua totalidade (ID 256305329, págs. 3-33).

Após a remessa dos autos ao Tribunal Regional Federal da 3ª Região (ID 256305329, pág. 34), foi aberta vista ao Ministério Público Federal para elaboração de parecer (256305329, pág. 36). Nele, a Procuradoria Regional da República defendeu a ausência de violações na fixação de crucifixos nas sedes das repartições públicas federais e opinou pelo desprovisionamento do recurso de apelação, com a manutenção da sentença ora recorrida (ID 256305329, págs. 38-48).

Por unanimidade, a 4ª Turma do Tribunal Regional Federal da 3ª Região negou provimento ao recurso de apelação (ID 256305329, págs. 58-68), conforme a ementa do acórdão a seguir:

MPF
Ministério Público Federal





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO

Rua Frei Caneca, nº 1360, Consolação- São Paulo/SP, CEP 01307-002, Fone 11-3260-5060
prsp-assessoria@prdc@mpf.mp.br

"APELAÇÃO CÍVEL. AÇÃO CIVIL PÚBLICA. CONVIVENCIA DO ESTADO LAICO COM SÍMBOLOS RELIGIOSOS. DESPROVIDO. RECURSO

1. Ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público objetivando a retirada de todos os símbolos religiosos (crucifixos, imagens, etc.) ostentados nos locais proeminentes, de ampla visibilidade e de atendimento público nos prédios públicos da União Federal, no Estado de São Paulo.

2. A presença de símbolos religiosos em prédios públicos não colide com a laicidade do Estado brasileiro. Trata-se de reafirmação da liberdade religiosa e do respeito a aspectos culturais da sociedade brasileira.

3. Apelação desprovida."

(ID 256305329, págs. 67)

O *Parquet* Federal opôs Embargos de Declaração, alegando que o uso de símbolos de imagens religiosas não apenas atenta contra o princípio da laicidade estatal, mas também contra os princípios que regem a Administração Pública, sendo que o acórdão proferido não teria justificado a não ofensa ao princípio da legalidade (ID 256305329, págs. 71-85). Os embargos opostos restaram rejeitados (ID 256305329, págs. 99-107).

Na sequência, o **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL** interpôs Recurso Extraordinário, com fulcro na alínea "a", inciso III, do art. 102 da Constituição Federal, devido as ofensas aos art. 3º, inciso IV, art. 5º, caput e inciso VI, art. 19, inciso I, e art. 37, todos da Constituição Federal (ID 256305329, págs. 110-128). A UNIÃO apresentou Contrarrazões em Recurso Extraordinário, defendendo a manutenção da sentença *a quo* (ID 256305329, págs. 130-168). O recurso interposto pelo MPF não foi admitido, sendo apontado que o acórdão proferido estaria em consonância com a Súmula nº 286 do STF (ID 256305329, págs. 172-184).

O **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL**, então, interpôs Agravo em Recurso Extraordinário, defendendo, em síntese, a inexistência de entendimento consolidado sobre o tema no Supremo Tribunal Federal e a inaplicabilidade da Súmula nº 279 do STF no caso em

MPF
Ministério Público Federal





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO

Rua Frei Caneca, nº 1360, Consolação- São Paulo/SP, CEP 01307-002, Fone 11-3260-5060
prsp-assessoriaprdc@mpf.mp.br

tela (ID 256305329, 186-192).

Houve a remessa dos autos ao Supremo Tribunal Federal (ID 256305329, pág. 195).

A Procuradoria-Geral da República manifestou-se pelo conhecimento do agravo para não prover o recurso extraordinário (ID 256305339, págs. 1-23 e ID 359849827, págs. 5-27).

As seguintes entidades solicitaram o ingresso no recurso extraordinário na qualidade de *Amicus curiae*:

Entidade	Solicitação
União dos Juristas Católicos da Arquidiocese de Goiânia – UNIJUC	ID 256305340, ID 256305341, ID 256305342 e ID 359849827, págs. 28-43. Informação do deferimento (ID 359849827, pág. 378)
Associação Nacional de Juristas Evangélicos – ANAJURE	ID 256305344, ID 256305345, ID 256305346, ID 256305347, ID 256305348 e ID 359849827, págs.45-87 e 355-358. Deferida em decisão monocrática (ID 256305524 e ID 359849827, págs. 144-146).
Centro Brasileiro de Estudos em Direito e Religião - CEDIRE	ID 256305350 e ID 359849827, págs. 89-99 e 360-364. Informação do deferimento (ID 359849827, pág. 378)





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO

Rua Frei Caneca, nº 1360, Consolação- São Paulo/SP, CEP 01307-002, Fone 11-3260-5060
prsp-assessoriaprdc@mpf.mp.br

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB	ID 256305512, ID 256305513, ID 256305514, ID 256305514, ID 256305516 e ID 359849827, págs. 101-130. Deferida em decisão monocrática (ID 256305524 e ID 359849827, pág. 144-146).
ADF Internacional Austria Gemeinnützige DmbH	ID 359849827, pág. 242-311.
Corte IDH	ID 359849827, pág. 312-316.
Associação do Movimento Brasil Laico	ID 359849827, págs. 320-345 e 347-349.
Instituto Brasileiro de Direito e Religião – IBDR	ID 359849827, págs. 148/240, 351-353 e 366-367.

Em acórdão proferido pelo Tribunal Superior, por unanimidade, foi reconhecida a repercussão geral da questão constitucional recorrida (ID 256305518 e ID 359849827, pág. 132-137). A ementa do acórdão é a seguinte:

"CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS EM PRÉDIOS PÚBLICOS. ALEGAÇÃO DE AFRONTA À GARANTIA DO ESTADO LAICO. AÇÃO CIVIL PÚBLICA AJUIZADA PELO MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. RECURSO EXTRAORDINÁRIO. EXISTÊNCIA DE QUESTÃO CONSTITUCIONAL E DE REPERCUSSÃO GERAL JURÍDICA E SOCIAL RECONHECIDAS.

I - A causa extrapola os interesses das partes envolvidas, haja vista que a questão central dos autos (permanência de símbolos religiosos em órgãos públicos federais e laicidade do Estado) alcança todos os órgãos e entidades da Administração Pública da União, Estados e Municípios.

II - Relevância da causa do ponto de vista jurídico, uma vez que seu deslinde permitirá definir a exata extensão dos dispositivos constitucionais tidos por violados. Do mesmo modo, há evidente repercussão geral do tema sob a ótica social, considerados os aspectos religiosos e socioculturais envolvidos no debate.





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO

Rua Frei Caneca, nº 1360, Consolação- São Paulo/SP, CEP 01307-002, Fone 11-3260-5060
prsp-assessoria@prdc@mpf.mp.br

III – Existência de questão constitucional e de repercussão geral reconhecidas."

(ID 359849827, pág. 132)

A Procuradoria-Geral da República manifestou ciência do referido acórdão (ID 256305520 e ID 359849827, pág. 140).

No julgamento do Agravo em Recurso Extraordinário, referente ao Tema 1.086 da repercussão geral, o Supremo Tribunal Federal, por unanimidade, negou provimento ao recurso do Ministério Público Federal. Os ministros, incluindo o Relator Cristiano Zanin, fundamentaram a decisão na influência histórico-cultural do cristianismo na formação do Brasil, presente em nomes de cidades e estados, feriados religiosos e monumentos, como, por exemplo, o Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. O Tribunal Superior pontuou que o uso de símbolos religiosos em órgãos do Poder Judiciário não fere o princípio da laicidade do Estado, pois configura tão somente uma manifestação cultural (ID 359849827, págs. 369-495). Nesse sentido é a ementa:

"RECURSO EXTRAORDINÁRIO COM AGRAVO. MÉRITO DE REPERCUSSÃO GERAL. TEMA 1.086. DIREITO CONSTITUCIONAL. PRESENÇA DE CRUCIFIXO EM PRÉDIO PÚBLICO DA UNIÃO. USO DE SÍMBOLOS RELIGIOSOS. AUSÊNCIA DE VIOLAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA NÃO DISCRIMINAÇÃO (ARTS. 3º, IV; E 5º, CAPUT, DA CF/88), DA LAICIDADE (ART. 19, I, DA CF/88) E DA IMPESSOALIDADE (ART. 37, CAPUT, DA CF/88). LAICIDADE COLABORATIVA. INEXISTÊNCIA DE IMPOSIÇÃO DE RELIGIÃO ESPECÍFICA. PLURALISMO E LIBERDADE RELIGIOSA ASSEGURADOS. RECONHECIMENTO DO ASPECTO HISTÓRICO CULTURAL PRESENTE NA CONSTRUÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA. NEGATIVA DE PRESTAÇÃO JURISDICIONAL (ART. 5º, XXXV, DA CF/88). INEXISTÊNCIA. FALTA DE FUNDAMENTAÇÃO. REPERCUSSÃO GERAL (TEMA 339). RECURSO EXTRAORDINÁRIO CONHECIDO E DESPROVIDO, COM FIXAÇÃO DE TESE.

I — A lealdade aos valores e princípios democráticos defendidos pela Constituição da República reclamam a identificação e o compromisso com





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO

Rua Frei Caneca, nº 1360, Consolação- São Paulo/SP, CEP 01307-002, Fone 11-3260-5060
prsp-assessoria@prdc@mpf.mp.br

os ideais de igualdade, liberdade e justiça ali presentes, independentemente de diferenças culturais ou religiosas, de modo que a exposição de símbolos religiosos católicos em órgãos públicos não é incompatível com tais valores, garantida a autodeterminação dos cidadãos. modo que a exposição de símbolos religiosos católicos em órgãos públicos não é incompatível com tais valores, garantida a autodeterminação dos cidadãos.

II — A ação do administrador público ou a convicção do julgador não são guiadas por simbologias religiosas, mas, sim, pela aplicação da lei e pela fundamentação jurídica adequada ao caso concreto.

III — A formação educacional, moral e cultural da sociedade brasileira teve influência histórica do Cristianismo católico, com traços marcantes no cotidiano social.

IV— Quanto à alegada afronta ao art. 5º, XXXV, da Constituição Federal, não há negativa de prestação jurisdicional se a parte valeu-se dos meios recursais cabíveis e teve a jurisdição devidamente prestada por decisões fundamentadas, ainda que contrárias aos seus interesses.

V — No julgamento do AI 791.292-QO-RG/PE (Tema 339), relatado pelo Ministro Gilmar Mendes, reconheceu-se a repercussão geral e reafirmou-se a orientação no sentido de que a exigência do art. 93, IX, da Constituição não impõe seja a decisão exaustivamente fundamentada. O que se busca é que o julgador indique, de forma clara, as razões de seu convencimento.

VI — Recurso extraordinário CONHECIDO e DESPROVIDO.

VII — Proposta de Tese de Repercussão Geral: **“A presença de símbolos religiosos em prédios públicos, pertencentes a qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, desde que tenha o objetivo de manifestar a tradição cultural da sociedade brasileira, não viola os princípios da não discriminação, da laicidade estatal e da impessoalidade”.**

(ID 359849827, pág. 370-371).

A Procuradoria-Geral da República manifestou ciência do acórdão proferido no julgamento do agravo do recurso extraordinário (ID 359849827, pág. 500).

O acórdão transitou em julgado em 20 de março de 2025 (ID 359849827, pág. 502), com o termo de baixa definitiva expedido na mesma data (ID 35984982, pág. 503).





MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL
PROCURADORIA DA REPÚBLICA NO ESTADO DE SÃO PAULO
PROCURADORIA REGIONAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO

Rua Frei Caneca, nº 1360, Consolação- São Paulo/SP, CEP 01307-002, Fone 11-3260-5060
prsp-assessoria@prdc@mpf.mp.br

Portanto, manifesto ciência do Despacho de ID 413910927, em que foi informado o retorno dos autos da Superior Instância e da sua remessa ao arquivo, com a baixa do processo.

São Paulo/SP, 21 de agosto de 2025.

(assinado digitalmente)
ANA LETICIA ABSY
Procuradora da República
Procurador Regional dos Direitos do Cidadão





PODER JUDICIÁRIO
24ª Vara Cível Federal de São Paulo

Avenida Paulista, 1682, Bela Vista, São Paulo - SP - CEP: 01310-200
<https://www.trf3.jus.br/balcao-virtual>

AÇÃO CIVIL PÚBLICA CÍVEL (65) Nº 0017604-70.2009.4.03.6100
AUTOR: MINISTERIO PUBLICO FEDERAL - PR/SP
REU: UNIÃO FEDERAL

TERMO DE REMESSA

Certifico que não há bens apreendidos ou valores depositados pendentes de destinação nos presentes autos, nos termos do artigo 266, § único do provimento 01/2020 da Corregedoria Regional da Justiça Federal da Terceira Região e que remeto estes autos ao arquivo.

São Paulo, 12 de setembro de 2025.

